SUSANA MARIA S. R. L. DE OLIVEIRA JORGE

Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental):

Bases para o Conhecimento do III° e Princípios do II° Milénios a. C. no Norte de Portugal

Volume I: Texto

Dissertação de doutoramento
apresentada à Faculdade de Letras
da Universidade do Porto

PORTO 1986

SUSANA MARIA SOARES RODRIGUES LOPES DE OLIVEIRA JORGE

(Assistente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; ex-bolseira do Instituto Nacional de Investigação Científica)

POVOADOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA REGIÃO DE CHAVES – VILA POUCA DE AGUIAR (TRÁS-OS-MONTES OCIDENTAL): BASES PARA O CONHECIMENTO DO IIIº. E PRINCÍPIOS DO IIº. MILÉNIOS a.C. NO NORTE DE PORTUGAL

Volume I: Texto

Dissertação de Doutoramento em Pré-história e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PORTO

1986

ÍNDICE

Pág.

Agradecimentos 7

A - INTRODUÇÃO 9

1. Opções Metodológicas 11

2. Breve História das Pesquisas 17

Notas 25

B - UMA REGIÃO E OS SEUS POVOADOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE - IIIº MILÉNIO, INÍCIOS DO IIº MILÉNIO a.C. 29

1. O Quadro Físico: A Depressão Tectónica de Régua-Verin (Troço Telões-Chaves) no Contexto do Norte de Portugal 31

Notas 39

2. Opções de Base 41

2.1 - A escolha de uma região: estações e materiais conhecidos anteriores ao presente estudo 41

2.2 - Objectivos de um projecto de Arqueologia Pré-histórica centrado na região e época em estudo 45

2.3 - Metodologia de campo e da análise de materiais 48

Legendas das Figuras 63

Notas 65

3. As Estações Arqueológicas e a Documentação que Forneceram 71

3.1 - A estação da Vinha da Soutilha 71

3.1.1 - Localização e caracterização da estação 71

3.1.2 - Metodologia geral da escavação. Sectores escavados 73

Notas 75

3.1.3 - Estratigrafia, estruturas e materiais 77

3.1.3.1 - Sector A 77

3.1.3.2 - Sector B 169

3.1.3.3 - Sector C 204

3.1.3.4 - A fauna. Características gerais 241

3.1.3.5 - Hipóteses de correlação dos diversos níveis de ocupação 242

3.1.3.6 - Linhas de força sobre a evolução das estruturas habitacionais e dos materiais do povoado da Vinha da Soutilha 254

3.1.4 - Um artefacto sem contexto estratigráfico 256

3.1.5 - Os artefactos da Vinha da Soutilha no contexto peninsular: paralelos gerais 256

Pág.

3.1.6 - Datas de radiocarbono: observações gerais 292

Legendas das Figuras 297

Notas 299

3.2 - A estação de S. Lourenço 313

3.2.1 - Localização e caracterização da estação 313
3.2.2 - Metodologia geral da escavação. Sectores escavados 315

Notas 317

3.2.3 - Estratigrafia, estruturas e materiais 318

3.2.3.1 - Sector I 318
3.2.3.2 - Sector II 342
3.2.3.3 - Hipóteses de correlação dos níveis de ocupação dos dois sectores .. 369

3.2.4 - Artefactos sem contexto estratigráfico 371
3.2.5 - Os artefactos de S. Lourenço no contexto peninsular: paralelos gerais 374

Legendas das Figuras 399

Notas 401

3.3 - A estação da Pastoria 409

3.3.1 - Localização e caracterização da estação 409
3.3.2 - Metodologia geral da escavação. Sectores escavados 411

Notas 413

3.3.3 - Estratigrafia, estruturas e materiais 415

3.3.3.1 - Locais 1, 2, 4 (a norte do estradão) 415
3.3.3.2 - Local 3 (a sul do estradão) 444
3.3.3.3 - A fauna. Características gerais 519
3.3.3.4 - Análise comparada dos materiais dos Locais 1, 2 e 4 (a norte do estradão) e do Local 3 (a sul do estradão) 521
3.3.3.5 - Linhas de força sobre a evolução do espaço habitado e estruturas materiais do povoado da Pastoria 523

3.3.4 - Os artefactos da Pastoria no contexto peninsular: paralelos gerais .. 524
3.3.5 - Hipóteses de parâmetros cronológicos da ocupação do povoado da Pastoria 558

Legendas das Figuras 561

Notas 563

3.4 - A estação de Castelo de Aguiar 573

3.4.1 - Localização e caracterização da estação 573
3.4.2 - Metodologia geral da escavação. Sectores escavados 574

Notas 577

Pág.

3.4.3 - Estratigrafia, estruturas e materiais 578

3.4.3.1 - O nível pré-histórico mais antigo 578
3.4.3.2 - O segundo nível de ocupação 579
3.4.3.3 - Os vestígios habitacionais do segundo nível de ocupação 608

3.4.4 - Os artefactos dos dois primeiros níveis de ocupação de Castelo de Aguiar no contexto peninsular: paralelos gerais 608
3.4.5 - Datas de radiocarbono: observações gerais 622

Legendas das Figuras 625

Notas 627

3.5 - Estudo comparado das estações 635

3.5.1 - Localização, dimensão, território potencialmente explorável 635
3.5.2 - Estruturas e materiais: análise espacial 652
3.5.3 - Hipótese de cronologia relativa 663
3.5.4 - Análise comparada dos artefactos 671

3.5.4.1 - Os recipientes cerâmicos 671
3.5.4.2 - Os artefactos líticos 760
3.5.4.3 - Outros artefactos 767
3.5.4.4 - Os cereais de Castelo de Aguiar 768

3.5.5 - A variabilidade estilística dos artefactos: dados e problemas 769
3.5.6 - Os povoados no âmbito pré-histórico peninsular 783

Legendas das Figuras 793

Notas 797

C - INSERÇÃO DA REALIDADE OBSERVADA NO ÂMBITO DO NOROESTE PENINSULAR, SO DA MESETA NORTE E BEIRA ALTA 801

1. Estações com Cerâmica Decorada (Incisa, Puncionada ou Impressa não Campaniforme) 803

1.1 - Norte de Portugal 803

1.1.1 - Breve inventário 803
1.1.2 - Tipos de estações e respectivos materiais 821

1.2 - Galiza, SO da Meseta Norte e Beira Alta 834

2. O IIIº e os Inícios do IIº Milénio a.C.: Intersecção de Diversas "Entidades" Arqueológicas 845

2.1 - O Norte de Portugal 846

2.1.1 - O fenómeno megalítico: algumas linhas de força 846
2.1.2 - O fenómeno campaniforme 850
2.1.3 - Artefactos de filiação atlântica 863

Pág.

2.1.4 - Adornos de ampla expansão peninsular - anéis e espirais em prata, ouro ou cobre 864
2.1.5 - Machados planos em cobre 867
2.1.6 - O grupo dos vasos tronco-cónicos e sub-cilíndricos 869
2.1.7 - Algumas reflexões sobre as manifestações arqueológicas dos inícios do IIº milénio a.C. 876

2.2 - Galiza e Beira Alta 879

2.2.1 - Galiza 879
2.2.2 - Beira Alta 884

Legendas das Figuras 889

Notas 893

D - A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO NO NORTE DE PORTUGAL DURANTE O IIIº MILÉNIO a.C., INÍCIOS DO IIº MILÉNIO a.C. - HIPÓTESES DE MODELOS EXPLICATIVOS 911

1. O Substracto Local do IVº Milénio a.C. 913
2. A Diversidade Cultural do IIIº Milénio a.C. 915
3. O Fenómeno Campaniforme e o seu Significado nos Contextos Habitacional e Sepulcral do Norte de Portugal 935
4. A Complexa Realidade Cultural da 1ª Metade do IIº Milénio a.C. 940
5. As Manifestações Artísticas da Pré-História Recente do Norte de Portugal - Breves Reflexões 945
6. Algumas Interrogações 960

Notas 963

E - APÊNDICES 973

Apêndice 1 975

Apêndice 2 1011

Apêndice 3 1027

Apêndice 4 1061

F - BIBLIOGRAFIA 1069

AGRADECIMENTOS

Uma obra longa como aquela que apresentamos é devedora, necessariamente, da colaboração de inúmeras entidades e pessoas. Sendo impossível mencioná-las exaustivamente, como se compreenderá, faremos aqui somente referência às mais relevantes.

Foi como equiparada a bolseira que, durante três anos, a signatária pôde ausentar-se do serviço docente na Faculdade de Letras do Porto para se consagrar inteiramente à investigação. É assim justa uma palavra de agradecimento aos colegas que, ao longo desse tempo, asseguraram aquele serviço.

Os ensinamentos e o estímulo constantes que nos foram transmitidos pelos nossos orientadores de tese, Doutor Jean Roche, Maître de Recherches Honoraire do C.N.R.S. (Paris) e Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto, revelaram-se capitais para a concretização, em tempo útil, do nosso objectivo. O acompanhamento da evolução do nosso trabalho pelo Prof. Doutor Vítor Oliveira Jorge, da mesma Faculdade, merece também o nosso especial agradecimento.

Sem os subsídios e o apoio logístico das câmaras municipais de Chaves e de Vila Pouca de Aguiar, bem como do Governo Civil de Vila Real, esta obra não teria sido possível, uma vez que ela se baseia, primariamente, em escavações arqueológicas. É também a essas entidades, bem como ao Instituto Nacional de Investigação Científica (I.N.I.C.) - de que fomos bolseira, em tempo parcial, durante alguns anos - que ficamos a dever a sua reprodução, bem como a futura publicação, que tencionamos realizar. Merece particular destaque o auxílio prestado em vários aspectos pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Engº Branco Teixeira, pelo ex-vereador do seu pelouro da Cultura, Sr. Baptista Martins, e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar, Dr. António Gil. Mas uma referência muito especial é devida ao actual vereador da Cultura da Câmara de Chaves, Sr. Firmino Aires, pela dedicação sem limites com que colaborou nas nossas escavações e em diversos aspectos práticos relacionados com as mesmas.

Também ao Instituto Português do Património Cultural desejamos expressar o nosso reconhecimento pelo apoio financeiro concedido às investigações de campo.

Contou o nosso trabalho com a colaboração técnica de numerosas pessoas, a começar pelos nossos alunos da Faculdade de Letras, que ao longo de vários anos, em sucessivas campanhas de trabalhos de campo, puderam nelas obter um tirocínio útil à sua formação, mas também indispensável à concretização das pesquisas. Gostaríamos de salientar a participação, nas mesmas, do Dr. João Milheiro, bem como dos arqueólogos Drs. António da Silva Pereira, Celsa Magalhães Gonzalez, Maria de Jesus Sanches e Raquel Vilaça, as duas últimas nossas colegas, respectivamente, nas Faculdades de Letras do Porto e de Coimbra. Os trabalhos de desenho de materiais cerâmicos contaram com a colaboração de diversas pessoas, entre as quais é justo destacar as Dras. Maria de Jesus Sanches e Paula Mota Santos. O Dr. Domingos de Jesus da Cruz participou na preparação de aspectos gráficos da presente obra. A elaboração da bibliografia foi parcialmente levada a cabo por Joel Alves Cleto e Suzana Faro da Costa, do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

A diversos investigadores ficamos a dever uma preciosa colaboração científica. O Dr. António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, realizou diversas análises, nomeadamente para identificação de matérias-primas de artefactos. O Doutor João Peixoto Cabral e a Engª Maria de Fátima Araújo, do L.N.E.T.I. (Sacavém), procederam à análise química de objectos metálicos e cerâmicos. As Engªs Maria de Fátima Melo e Clara Gonçalves, também do L.N.E.T.I. (Lisboa), efectuaram a caracterização mineralógica e micro-estrutural de cerâmicas. A Drª Teresa Cunha Lopes, da Universidade do Minho, proporcionou-nos a classificação das espécies zoológicas encontradas, através do estudo do material osteológico. O Engº Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional (Oeiras), efectuou a análise e determinação dos vestígios botânicos carbonizados. O Prof. Doutor Jean-Louis Vernet, da Universidade de Ciências e Técnicas do Languedoque (Montpellier, França) realizou o estudo antracológico dos fragmentos de carvão de madeira exumados. Finalmente, as datações pelo radiocarbono foram feitas nos laboratórios das Universidades de Granada (Espanha) e de Lyon (França). Vários destes contributos aparecem como apêndices da presente obra.

A todos os que não pudemos mencionar expressamos também o nosso reconhecimento.

A – INTRODUÇÃO

1. OPÇÕES METODOLÓGICAS

A nossa investigação abordou, de forma imediata, o estudo de alguns povoados pré-históricos insertos numa região bem delimitada, como ponto de partida para a *caracterização do povoamento* nessa área, durante um determinado período da Pré-História Recente. Esse foi o objectivo de fundo que presidiu ao nosso estudo.

Dentro desta perspectiva, o nosso trabalho desenvolveu-se em duas vertentes: - tentativa de formulação de um esboço de cronologia e de padrão de evolução cultural regional; - definição, em grandes linhas, da diversidade de aspectos que a Pré-História Recente do Norte de Portugal revela, tendo presente, como referência, os parâmetros cronológicos e culturais definidos na região previamente estudada. Em função destes mesmos pressupostos, o nosso estudo apenas visou caracterizar as diferentes manifestações culturais observadas durante o III.º e os inícios do II.º milénio a.C., fase durante a qual decorreram as ocupações analisadas nos povoados referidos.

Assim, a abordagem, tanto quanto possível exaustiva, de cada povoado, e do conjunto dos povoados na paisagem circundante, inseriu-se num projecto de progressivo esclarecimento do significado (ou significados) que poderão ter os diversos testemunhos materiais encontrados em locais habitados, a partir da análise atenta de cada *contexto arqueológico*, fazendo realçar o que existe de específico e único, mas também de comum em relação a outros seus contemporâneos, na mesma área.

Quanto à inserção deste contexto regional no Norte de Portugal (e em outras regiões peninsulares), ela não pretendeu contribuir, nem de forma indirecta, para a construção duma Pré-História Recente numa área tão vasta. São óbvios os perigos que podem advir de generalizações abusivas a partir da análise parcelar duma região restrita, como é aquela onde iniciámos a nossa investigação. Mas cremos que a partir deste trabalho estarão lançadas algumas *pistas* para o desenvolvimento de uma nova problemática, assente na avaliação simultânea de muitos dos testemunhos arqueológicos contemporâneos que tivemos oportunidade de identificar.

O esquema geral desta obra adoptou uma fórmula particular de exposição dos assuntos, que interessará explicitar.

Em primeiro lugar, a intervenção arqueológica realizada em cada povoado e a subsequente análise dos dados dela retirados foi descrita em termos *monográficos*, respeitando, genericamente, as seguintes alíneas: localização e caracterização da estação; sectores intervencionados; estruturas e estratigrafia observadas; materiais; hipóteses de cronologia absoluta e/ou relativa; inserção cronológico-cultural da estação a nível peninsular.

A escolha de tratamento das estações em termos monográficos resultou não só da vontade de explorar separadamente a *especificidade das diversas estações*, mas também

de oferecer para o futuro a possibilidade de desenvolver de forma mais sistemática o trabalho agora iniciado em cada uma delas. Quanto à inserção cronológica e cultural dos povoados, deverá fazer-se duas chamadas de atenção. A primeira é a de que, dada a ausência de contextos similares seguramente identificados (do ponto de vista da sua cronologia e filiação cultural) no Norte de Portugal, anteriores ao nosso próprio trabalho, entendemos que seria mais eficaz começar por procurar analogias em áreas onde fosse conhecida a evolução de fenómenos contemporâneos, para só numa segunda fase tentar articular a região que foi objecto da nossa análise (já devidamente interpretada e caracterizada) com outras regiões do Norte de Portugal onde se tivessem registado fenómenos idênticos. A região estudada serviu, assim, como base (necessariamente provisória) para esboçar um primeiro quadro cronológico e cultural do Norte de Portugal. A segunda chamada de atenção diz respeito ao processo comparativo adaptado. Decorrente da fórmula monográfica, cada estação foi comparada, a nível peninsular, de forma *independente*. Contudo, dado que entre as várias estações existem muitos pontos em comum e para evitar demasiadas repetições analógicas (sobretudo ao nível dos materiais), escolhemos desenvolver exaustivamente o primeiro povoado descrito e valorizar nos seguintes apenas aspectos únicos e específicos, remetendo os coincidentes para comparações já realizadas anteriormente. Esta opção implicou colocar no primeiro lugar da ordem descritiva o povoado da Vinha da Soutilha, o qual forneceu uma gama muito diversificada de informação, tendo tido, além do mais, uma evolução constante, quiçá mais longa do que os restantes.

Ainda sobre a inserção cronológica e cultural independente de cada povoado, gostaríamos de acentuar que o carácter até certo ponto exaustivo de algumas comparações estilísticas (nomeadamente ao nível da cerâmica) teve por finalidade contemplar a variedade e riqueza informativa fornecida pelos materiais de cada estação (que não são facilmente redutíveis a categorias gerais), e por outro lado esgotar, nos capítulos descritivos, toda a carga "erudita" que tais comparações comportam. Libertámos, assim, outros capítulos posteriores de síntese para uma mais flexível manipulação dos dados anteriormente adquiridos. No entanto, este processo pressupõe, obviamente, uma construção progressiva do conhecimento em espiral (da primeira para a última estação), de forma cada vez mais ampla, integrando, no final das descrições monográficas uma complexa teia de dados, cuja total apreensão só poderá resultar intelegível após a paulatina absorção dos dados parcelares antes apresentados. Assim, a análise de cada estação, ao produzir novos elementos informativos que se somam aos já anteriormente descritos, ajuda a construir, por um movimento de "vagas" sucessivas, o quadro de conjunto, sobre o qual vai assentar toda a formulação subsequente: o nosso esboço duma evolução cultural regional.

Em segundo lugar, o estudo comparado das estações, ao pretender caracterizar o *contexto cultural* de que elas faziam parte, estruturou-se no sentido de tentar extrair dos testemunhos arqueológicos alguma informação sobre as *determinantes funcionais e simbólicas* que os produziram. Ensaiámos, assim, alguns processos metodológicos - ainda que elementares - relativos à valorização da relação estação/território de exploração, à detecção de áreas funcionais no interior dos povoados, e à variabilidade da morfologia e/ou estilística dos materiais domésticos, no sentido de apreender a especificidade das condicionantes ambientais e a variedade de algumas "respostas" (tecnológicas e sociais) que as comunidades dos povoados observados foram elaborando ao longo de cerca de um mi-

lênio. Neste ponto, depararam-se-nos não só dificuldades inerentes à complexidade que uma abordagem de tipo antropológico implica, como insuficiências estruturais decorrentes da incipiente investigação arqueológica, que, no nosso meio científico, não fornece meios, nem está preparada para integrar verdadeiros projectos interdisciplinares onde intervenham, organicamente, especialistas de outras ciências.

Ao longo das três fases esquemáticas de investigação, subjacentes ao núcleo desta obra, ou seja, ao estudo do povoamento pré-histórico na região escolhida (a "arqueológica", a "pré-histórica" e a "antropológica"), observar-se-á, assim, inevitavelmente, a marca do carácter *artesanal* dum trabalho individual, cujos objectivos últimos só poderão ser atingidos no âmbito duma certamente árdua e longa pesquisa em equipa.

Finalmente, os últimos capítulos deste estudo tentaram inserir a realidade cultural observada na área Telões-Chaves no âmbito mais geral dos fenómenos conhecidos no Norte de Portugal e regiões peninsulares contíguas. Mas para realizar esse desiderato foi necessário, num primeiro momento, apreciar as diversas manifestações arqueológicas, do Norte de Portugal, neste período, na sua qualidade de "entidades" materiais, globalmente contemporâneas, aglutinadas sob o signo da semelhança formal. A opção pelo tratamento de tais manifestações como "entidades" exclusivamente arqueológicas, antes de as integrar em pretensos sistemas culturais, resulta da consciência muito viva (aliás, na linha das novas correntes arqueológicas, como a "Arqueologia Contextual" de Hodder) de que não existe, "a priori", qualquer relação directa entre conjuntos de estruturas e artefactos similares (mesmo existentes numa área mais ou menos restrita) e uma organização social unitária, do ponto de vista cultural (social, étnico, linguístico, etc.). Por ex., um conjunto homogéneo de artefactos cerâmicos ou metálicos, veiculando uma carga simbólica destinada a facilitar relações socio-económicas entre comunidades vizinhas mas integradas em diversos estádios de desenvolvimento ou com uma diferente tradição de exploração do território, poderá circular um determinado espaço geográfico intersectando "territórios" culturais muito diversificados.

A destrinça entre o que são "territórios de semelhança estilística" e "territórios culturais" deverá estar, assim, no centro da problemática arqueológica actual, ultrapassando os velhos princípios subjacentes ao primitivo conceito "childeano" de cultura.

A valorização, ao nível do Norte de Portugal, duma relativa compartimentação das categorias arqueológicas identificadas (por exemplo, megalitismo, fenómeno campaniforme, etc.) pretendeu fazer salientar a actual dificuldade em se aceder à formulação de "culturas" ou "horizontes culturais", sem um estudo exaustivo prévio de arqueologia espacial, que, para cada região percorra todas as etapas da pesquisa arqueológica, a exemplo do que estamos tentando implementar na nossa área de intervenção. De qualquer forma, a análise que fizemos das manifestações arqueológicas da Pré-História Recente no Norte de Portugal e regiões contíguas nunca teve a pretensão de se constituir como inventário de "documentos", mas tão só resumir, em grandes traços, dados já publicados ou amplamente referenciados, no sentido de sistematizar, num amplo quadro de conjunto, elementos que anteriormente se encontravam dispersos ou deficientemente identificados.

Em último lugar, gostaríamos de abordar o âmbito geográfico e cronológico / /cultural que preside aos conceitos, respectivamente, de "Norte de Portugal" e de "Pré--História Recente".

O Norte de Portugal, designado neste trabalho, não se reporta a uma unidade geográfica definida (aliás, controversa e movente, se atendermos às diferentes posições assumidas pelos mais importantes geógrafos que abordaram este tema nas últimas décadas), mas recorta-se sobre uma *compartimentação puramente administrativa: as províncias do Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto Douro*. Tem esta divisão administrativa a vantagem de integrar o rio Douro, o qual, como se sabe, não separa, mas une as respectivas margens. Tendo o Douro e a sua bacia desempenhado, ao que tudo indica, um papel tão vital no processo cultural pré-histórico do Norte do país, como veículo de transmissão de ideias e influências, qualquer que fosse o território de análise escolhido, ele teria sempre que figurar no interior desse mesmo território. Contudo, a sul do Douro, a divisória actual arbitrária que distingue o Douro Litoral/Alto Douro da Beira Litoral/Beira Alta só poderá ser revista e, eventualmente, alargada, em função dum aprofundamento das áreas culturais que constituem ambas as regiões. Significa isto que o Norte de Portugal do nosso estudo constitui, do ponto de vista geográfico, uma parte da unidade mais ampla, com o mesmo nome, definida por O. Ribeiro (1967). Culturalmente, apresenta também, como pretendemos demonstrar, uma apreciável homogeneidade, embora os seus limites meridionais sejam exclusivamente convencionais.

Quanto ao conceito geral de Pré-História Recente, ele envolve, num sentido amplo, todas as manifestações culturais desde o Neolítico ao Bronze Final, na acepção cronológica corrente das escolas francesa e inglesa, ou seja, na região mediterrânica genericamente considerada, desde o VIIº/VIº milénios a.C. aos inícios do Iº milénio a.C.. Adentro desta fase cabem, como é bem sabido, vários períodos (Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze), cujos conteúdos cronológicos e culturais variam consoante as áreas onde foram definidos. Neste trabalho, abarcámos, como já referimos, fenómenos que vão desde os inícios do IIIº aos inícios do IIº milénio a.C.. Em termos das cronologias globais europeias (Europa Ocidental), esta fase abrange o que se costuma designar por Neolítico Final/Bronze inicial, mas estes conceitos deverão ser ajustados à realidade cultural do Mediterrâneo Ocidental, e, particularmente, à da Península Ibérica. Aqui, entre o Neolítico Final e o Bronze inicial e ao longo de todo o IIIº milénio a.C., costuma-se intercalar, em algumas áreas, um período com características próprias - o Calcolítico - cuja definição interessará relembrar.

A maior parte dos autores que se têm dedicado à arqueologia ibérica designam "calcolíticas" populações que integram, nos seus contextos, objectos metálicos de cobre, de preferência fabricados "in loco". É óbvio que este critério, que privilegia a presença ou ausência do metal, deve ser tomado como muito amplo. Na verdade, quando algumas populações manuseiam simplesmente artefactos metálicos, cuja origem é estranha à comunidade, poderemos estar perante uma situação de pura assimilação de um elemento "sociotécnico", proveniente de áreas social e tecnologicamente mais evolucionadas. A sua presença no local pode dever-se às mais variadas formas de *interacção social* entre comunidades que, embora não participem do mesmo sistema cultural, contactam entre si, e a

função (utilitária ou simbólica) desses objectos no novo contexto em que se integram poderá e deverá sofrer, certamente, grandes mudanças de *sentido*. Nesta conjuntura será lícito utilizar o termo "calcolítica" para designar uma comunidade de estrutura económica e social eventualmente igualitária (de tipo "neolítico") só porque aquela acedeu, por qualquer mecanismo social que ignoramos, à posse de artefactos de cobre? Esta questão depende, na verdade, duma mais rigorosa reflexão sobre o sentido em que devemos empregar tal palavra. Por outro lado, quando estamos em presença de populações que desenvolveram uma pequena metalurgia local, que serve os interesses da comunidade através dum restrito intercâmbio inter-regional, essa situação poderá dar azo a que questionemos em que âmbito e em que escala de grandeza se inserem as múltiplas comunidades abrangidas pelo termo "calcolítico". E aqui talvez devamos colocar em causa o critério meramente arqueológico inicialmente referido. É óbvio que não podemos aglutinar no mesmo âmbito cultural comunidades que conhecem o cobre e o trabalham tão só a frio (por martelagem), comunidades que praticam a metalurgia do cobre (mas para fabricar pequenos objectos de adorno ou de prestígio), e comunidades que produzem *objectos funcionais* de cobre, os quais revelam já um certo impacto no sistema produtivo.

Em toda a Europa, aliás, a 1ª metalurgia do cobre é dirigida fundamentalmente para a produção de objectos de adorno e de prestígio, e só a partir da Idade do Bronze se verifica a generalização de uma metalurgia feita em série que vai interferir no sistema produtivo e social global. Assim, o que deverá definir uma nova etapa do desenvolvimento cultural, parece-nos, não poderá limitar-se à constatação do aparecimento de invenções tecnológicas, ainda que estas sejam muito importantes. Ou essas invenções se integram e acompanham mudanças estruturais (ao nível dos padrões de exploração do território, da estrutura social, das formas de cooperação e interacção com outras comunidades, etc.), ou então, essas inovações não chegam a actuar de forma imediata, nem visível, sobre as populações que as produziram, nem "espelham" nenhuma transformação de fundo, e, nessa medida, não podem ser tomadas como índice de uma nova etapa cultural. A dificuldade, no entanto, desta asserção, reside nos limites da própria interpretação arqueológica. Em grande número dos casos não é possível testar em que medida a inovação tecnológica resulta de um processo global de transformação ou age sobre a sociedade, eventualmente através de ténues indícios que não se chegam a materializar nos vestígios arqueológicos. Ou seja, em sociedades de transição, é muito difícil estabelecer os parâmetros do seu padrão cultural e, nessa perspectiva, avaliar o significado e o alcance transformador da presença de artefactos metálicos.

Por esta razão, adoptámos neste trabalho a designação "calcolítica", na acepção ampla desta expressão, ou seja, para designar populações que integram objectos de cobre (e/ou revelam alguns indícios de prática duma metalurgia local), sem com isso pretender caracterizar "a priori" tais sociedades em termos da sua estrutura social global. Aliás, essa caracterização prefigura-se como um objectivo de maior complexidade no nosso projecto de investigação, só realizável a longo prazo, e não podendo ser deduzida através da simples presença de alguns "items" socio-técnicos. No capítulo final, procuraremos reflectir sobre a especificidade cultural das comunidades do IIIº milénio a.C. desta região, comparando-as com outras similares existentes em outras áreas da Península

Ibérica.

A terminar gostaríamos de acentuar que este estudo, enquanto processo intelectual, pretendeu formular um esboço de modelo explicativo do desenvolvimento cultural duma determinada realidade observada. Modelo explicativo que futuramente deverá ser testado pela confrontação com outros dados e outras hipóteses resultantes de novas etapas da nossa própria investigação ou da de outros que a este domínio se queiram dedicar. Condicionados pelas próprias características deste trabalho (baseado exclusivamente na manipulação de dados arqueológicos, cuja interpretação apresenta normalmente vida efémera) e tendo abordado pela primeira vez uma problemática numa região onde nada se encontrava sistematizado, aceitamos, à partida, os limites e o carácter precário e transitório de todas as hipóteses nele expressas.

Mas o conhecimento, processo em contínua mutação, é feito de múltiplos contributos parcelares e provisórios que ajudam à sua formação. Nessa exacta medida, confiamos em que, nas centenas de páginas que se seguem, ocorram algumas sugestões, suficientemente válidas para motivar a formulação de outras hipóteses ou a elaboração de novos modelos, eventualmente contrários ao que expusémos neste estudo, mas conducentes ao permanente aprofundamento do desenvolvimento cultural no território e na fase pré-histórica que foi objecto do nosso estudo.

Nota

As figuras insertas neste 1º volume apresentam uma numeração relativa a cada parte, capítulo ou sub-capítulo a que se reportam. As respectivas legendas, tal como vem indicado no Índice geral, poderão encontrar-se no fim de cada uma daquelas unidades da obra.

2. BREVE HISTÓRIA DAS PESQUISAS

. Até aos anos 70, a investigação da Pré-história Recente no Norte de Portugal viu-se confinada a um trabalho de *recolha fortuita* de dados de campo (1), a um largo conjunto de *notas* preliminares publicadas sobre esses mesmos dados, a algumas *tentativas de integração cronológica e cultural* dos testemunhos desta região no âmbito das grandes correntes da Pré-História peninsular. Não se tendo procurado desenvolver, até àquela data, um projecto de pesquisa orientado para a caracterização da evolução cultural duma ou mais regiões, nem se tendo aprofundado tematicamente nenhum domínio ou área cultural, evoluiu-se, ao longo de várias décadas, para uma situação confrangedora: ausência duma amostragem arqueológica suficientemente ampla e informativa de molde a possibilitar a formulação dum quadro cronológico, mesmo genérico, dos fenómenos culturais observados; excessiva compartimentação (diríamos, mesmo, espartilhamento) das "entidades" arqueológicas detectadas, denunciando uma total impossibilidade do reconhecimento de correspondências culturais entre testemunhos globalmente contemporâneos de cariz diverso ou de eventuais assimetrias de evolução entre realidades culturalmente distintas. Nesta ordem de ideias, a complexidade dos fenómenos culturais foi reduzida à comoda formulação de *categorias temáticas, puramente arbitrárias*, categorias essas definidas em função de critérios empíricos, que variaram ao longo do tempo, consoante a evolução dos conceitos e das tendências da investigação em outras áreas peninsulares ecoou mais ou menos profundamente entre os arqueólogos da nossa região. Assim, o "fenómeno megalítico", a "cerâmica de tipo Penha" a "cerâmica campaniforme", o "Grupo de Montelavar" e o "Bronze Atlântico" tornaram-se expressa ou implicitamente as principais "categorias arqueológicas" com que se pretendeu caracterizar a multiplicidade e a riqueza cultural do Norte de Portugal durante a Pré-História Recente. Os achados soltos, que não se incluíam nestas categorias, assim permaneceram, como que insertos numa outra "categoria", a dos testemunhos cronologica e culturalmente indefinidos e estilisticamente "incaracterísticos". A variabilidade e o polimorfismo existentes adentro de cada categoria referida não foram suficientemente valorizados, pelo que estas entidades passaram a funcionar como sistemas rígidos, apenas ampliados à medida que inseriam novos elementos do respectivo âmbito. Embora este procedimento teórico e metodológico não seja específico, ainda hoje, da pesquisa pré-histórica do Norte de Portugal, ele assumiu aqui, nesta região periférica e marginalizada, um peso determinante na paralização da investigação deste domínio.

Contudo, o trabalho que agora apresentamos visa abordar uma realidade cultural que não se confina a nenhuma das categorias anteriormente mencionadas. De facto, se a cerâmica decorada designada de "tipo Penha" representa uma parte significativa da cerâmica encontrada nos nossos contextos habitacionais, a cerâmica campaniforme também não está ausente e ocorrem muitos outros estilos cerâmicos e tipos de artefactos domésticos que não têm expressão em qualquer das categorias "consagradas". Isto prova bem o carácter redutor e insuficiente de tais categorias arqueológicas, na medida em que elas não só não abarcam a totalidade dos testemunhos conhecidos, como não correspondem, na maioria dos casos, a nenhuma realidade cultural consistente.

Apesar de tudo, o nosso trabalho integra em abundância um tipo de dado ar-

queológico - a *cerâmica decorada* - que desde há muito originou viva polémica entre os investigadores e está no centro da construção da própria categoria da cerâmica de "tipo Penha". Embora a história das pesquisas tenha privilegiado a definição da cronologia e filiação cultural das cerâmicas "tipo Penha", estas não são mais do que um grupo cerâmico, bem localizado no espaço e no tempo que, em certos casos convive, ou noutros coexiste, com diversos grupos e estilos, que, em conjunto, foram concebidos numa determinada fase da Pré-História do Norte de Portugal.

É sobre a história da *investigação destes diversos grupos cerâmicos* (entre os quais sobressai, naturalmente, o "*grupo Penha*"), que nos iremos agora debruçar.

. Quando em 1924, Mendes Correia (2) se referia à cerâmica "penteada" das grutas transmontanas de Stº Adrião como sendo "eneolítica", ainda não tinha identificado a da estação da Penha como cerâmica pré-histórica, confundindo-a com a cerâmica castreja (3). Só em 1928 J. de Pina (4) haveria de designar esta cerâmica de "eneolítica", sem especificar mais o seu posicionamento cronológico e cultural. Em 1928-30 Cuevillas (5), e em 1931 Cuevillas e Bouza-Brey (6), emitem, pela primeira vez, uma opinião que vai fazer escola - a de que a cerâmica da Penha (e de Lobeira, na Galiza) representaria uma *manifestação local campaniforme*. Essa posição é seguida em1931 e 1933, respectivamente, por Ricardo Ribeiro (7) e Santos Júnior (8). Entretanto, aumentou o número de estações conhecidas que haviam revelado esta cerâmica, quer na região atlântica quer em Trás-os-Montes Ocidental. Curiosamente, Santos Júnior, também em 1933 (9), ao referir-se às cerâmicas "penteadas" de Cachão da Rapa e das grutas de Vimioso, atribui-lhes uma cronologia adentro do "eneolítico avançado" e compara-as com a cerâmica "penteada" de Gândaras de Budiño (Galiza), considerada então por Cuevillas e Bouza-Brey, como campaniforme.

Repare-se que Santos Júnior dá a mesma cronologia à cerâmica incisa metopada de tipo Penha/Mairos e à cerâmica "penteada" de tipo Cachão da Rapa/Vimioso, sem, no entanto, associá-las como elementos provenientes da mesma esfera cultural, não valorizando sequer a ocorrência simultânea dos dois tipos de cerâmica nas estações de Chaves e na própria estação da Penha.

De qualquer forma, o que interessa reter desta primeira fase de investigação (anos 20-30), é que algumas cerâmicas decoradas (particularmente as incisas metopadas de tipo Penha), são consideradas *"eneolíticas"* e/ou *campaniformes*. Ao mesmo tempo, em Espanha, investigadores como Morán (1924) (10), Castillo (1928) (11), Martinez Santa Olalla (1930) (12) e Cabré (1929/1930) (13), começavam a delimitar, na Meseta Norte, o que mais tarde viria a ser definido como o "horizonte" ou "cultura de Cogotas I", destacando, entre os materiais mais significativos, a cerâmica e os seus atributos decorativos. Encaravam este fenómeno como uma *manifestação campaniforme* desta região. É provável que, dadas certas semelhanças estilísticas existentes entre algumas organizações decorativas de cerâmicas de Cogotas I e de Penha/Mairos, esta hipótese de cronologia e âmbito cultural atribuída à cerâmica da Meseta tenha influenciado os autores portugueses e galegos na sua apreciação das cerâmicas do Noroeste (14).

Durante os anos 40, observa-se um alargamento de posições quanto à cronolo-

gia e filiação cultural das cerâmicas decoradas da nossa área. Se em 1940, M. Vaultier (15) ainda integra as cerâmicas de S. Lourenço, Mairos e Penha no âmbito *campaniforme*, em 1942, San Valero Aparisi (16) vê em algumas decorações existentes na Vinha da Soutilha (Mairos) reminiscências do estilo "cardial" do *Neolítico antigo*.

Em 1945, Paes de Vilas-Boas (17) associa (que nós saibamos, pela primeira vez) estações do âmbito Penha/Mairos (S. Lourenço, Mairos, Outeiro Seco, Penha, Gândaria e Faria) e do âmbito Rapa/Vimioso (Cachão da Rapa), atribuíndo-lhes, em conjunto, uma cronologia *eneolítica pré-campaniforme*. Em 1947, Stuart Piggott (18) coloca as estações do tipo Penha/Mairos num *Neolítico evolucionado*, sugerindo uma relação (estilística?) com a cerâmica incisa das grutas do Sul da Península Ibérica.

Em 1948, Cuevillas (19) e R. Cortez (20), voltam a propor uma *cronologia campaniforme*, mas agora explicitam melhor a heterogeneidade decorativa destas cerâmicas: ela resultaria da articulação de elementos procedentes da *"cultura das grutas"* com elementos propriamente *campaniformes*. Cuevillas relaciona directamente as cerâmicas de tipo Penha/Mairos com o "campaniforme de tipo Cogotas", sendo aquelas produto duma expansão para ocidente (através do rio Douro) de tal fenómeno. R. Cortez, perante tal constatação, interroga-se sobre se a "cultura das grutas" não se teria expandido para o Norte de Portugal, numa fase anterior ao campaniforme. Este autor também refere, em conjunto, as estações de tipo Mairos e Rapa/Vimioso.

Parece-nos que esta tendência de vários autores para valorizar elementos estilisticamente mais arcaicos do que o campaniforme (quer fazendo recuar a cronologia das cerâmicas, quer observando a sobrevivência, numa época mais tardia, da tradição decorativa da "cultura das grutas"), se deve à necessidade de justificar a *heterogeneidade de técnicas e temas decorativos*, bem patente na amostragem de cerâmicas provenientes de um número cada vez mais significativo de estações. Esta posição já havia, aliás, sido tomada, cerca de 20 anos antes, pelos investigadores que, na Meseta, tinham tentado explicar a variedade e originalidade decorativa da cerâmica de tipo Cogotas (técnicas de Boquique, puncionamento simples, incisão), precisamente por uma miscigenação de elementos indígenas de origem neolítica e elementos campaniformes.

O que é interessante fazer notar é que as posições de Cuevillas e Cortez, em 1948, já estão desactualizadas em cerca de 10 anos relativamente às dos seus colegas espanhóis que se debruçaram sobre a cronologia e filiação da cerâmica de tipo Cogotas. Na verdade, desde Pérez de Barradas (1936) (21), Bosch-Gimpera (1932 e 1944) (22), Almagro (1939) (23) e Santa Olalla (1946) (24), que Cogotas I passara a ser considerada da plena I.do Ferro (séc. VIII a.C.). Esta mudança de atitude devia-se, sobretudo, à sobrevalorização da *cerâmica excisa*, no âmbito de Cogotas I, como uma técnica indicadora de *uma origem extra-peninsular* (da Europa Central) para esta produção cerâmica. Não nos deteremos sobre a polémica que estas novas opiniões desenvolveram, ao longo dos anos 40-50, no que respeita à definição e delimitação da "cultura" de Cogotas I.

Basta-nos constatar que serão dois investigadores ingleses que, nos inícios dos anos 50, tentam afinar a cronologia e o âmbito cultural das cerâmicas de "tipo Penha", pela mudança operada na investigação sobre Cogotas I.

E. Macwhite (1951) (25) insere esta cerâmica no que ela designa "Bronze Atlântico" (Bronze III), afirmando que existiam relações entre a cerâmica Penha e a cerâmica excisa da Meseta, embora admitisse sobrevivências estilísticas campaniformes. Savory (1951) (26) opta por uma posição um pouco ambígua: derivando de Ciempozuelos, a cerâmica de "tipo Penha" evoluiria desde *o Bronze inicial até ao "Bronze Atlântico"*. No entanto, Savory ressalvava a *independência das cerâmicas de "tipo Penha"* relativamente às *de Cogotas I*, apesar do hipotético fundo comum campaniforme.

É óbvio que, apesar da cronologia proposta por estes investigadores ser ligeiramente mais antiga, ela decorre dos mesmos pressupostos que estão na base da nova atitude dos autores espanhóis face à cerâmica de Cogotas I. É de notar, no entanto, que Macwhite e Savory restringem a sua análise à cerâmica de "tipo Penha", aparentemente desconhecendo a ocorrência, em algumas das estações desse grupo, de cerâmicas "penteadas" tradicionalmente consideradas "eneolíticas".

Em 1947, Castillo (27) parece, no entanto, indiferente à nova corrente de ideias, não só sobre Cogotas I, como, por extensão, sobre Penha/Mairos. Integra estas últimas cerâmicas no que ele chama o *grupo campaniforme da "Meseta Superior e entre Douro e Minho"*. E, na esteira de autores anteriores, não faz distinção entre estações do tipo Penha/Mairos e Rapa/Vimioso. Em 1963, J. Arnal (28) visita Portugal. Observa vários materiais existentes em diversos museus e, parecendo desconhecer toda a problemática dos últimos 30 anos sobre esta questão, chama a atenção para a semelhança estilística entre as cerâmicas de tipo Penha (não só as incisas e caneladas, como as "penteadas" que também ocorrem nesta estação) com as de algumas *estações calcolíticas da Estremadura portuguesa* e mesmo do *Sul da França* (sobretudo, do âmbito cultural de "Ferrières"). Este olhar "desprevenido" (dum investigador que estava por fora de uma polémica que decorria, há várias décadas, na arqueologia peninsular) era tanto mais desconcertante quanto, em 1958, Maluquer (29) estabelecia, pela primeira vez, um "Horizonte cultural de Cogotas I", definido por um conjunto de povoados e materiais (particularmente cerâmicos), situados na Meseta Norte em plena *I.do Ferro*, propondo para eles uma cronologia extremamente recente - *séc*s. *VII-V a.C.*. Nesta teorização, a técnica de excisão era definida como um elemento alógeno, de origem centro-europeia, que se associava a elementos locais, entre os quais sobressaía a técnica de Boquique (30). Esta visão sobre o "horizonte de Cogotas I" ir-se-ia manter durante cerca de uma década, sem grandes alterações.

Por seu turno, após um curto período de ausência de reflexão (expressa) sobre a temática em questão no Noroeste peninsular, a discussão volta a despontar, durante os anos 70-80. Podemos talvez afirmar que essa discussão se caracteriza por incluir *posições muito diversificadas*, e que, no conjunto, ela se exprime de *forma pouco consistente*, tanto mais que não é apoiada por nenhum suporte científico seguro: escavações metódicas, datações absolutas ou análise exaustiva dos materiais.

Em primeiro lugar, surgem três tipos de formulações: a que integra as estações de Penha/Mairos e Rapa no *Neolítico médio-final/Calcolítico inicial*, filiando as suas cerâmicas na estilística da "cultura das grutas", é defendida por Guilaine e Veiga Ferreira, em 1970 (31); a que apoia a inclusão de algumas destas cerâmicas no complexo *campaniforme* (Vermoim) (embora sugira que as da Penha possam ser ligeiramente mais tar

dias, já da I.do Bronze), é sugerida por Rigaud de Sousa, em 1976 (32); a que propõe a inserção deste grupo cerâmico no *Bronze Final* é sustentada por numerosos autores: quer seja um *Bronze Final do Noroeste, sincrónico de Cogotas I*, onde se manifesta um fundo comum campaniforme de filiação "continental", como nos indicam M. Cardozo (1971) (33), Ferreira de Almeida (1975) (34), Fernández-Posse (1980) (35); quer seja um *Bronze Final atlântico*, ligeiramente mais tardio, cuja filiação é litoral, articulando-se com múltiplas manifestações da fachada atlântica, de que são defensores P. Kalb (1980) (36) e Coffyn (1982) (37). Savory (1970) (38) e Ruiz-Gálvez Priego (1984) (39) tomam uma posição de compromisso, na medida em que fazem evoluir tal cerâmica desde o Bronze inicial até ao Bronze Final.

Em segundo lugar, estas diversas formulações sobre a cronologia e filiação cultural das cerâmicas de tipo Penha, revelam-se superficiais e empíricas: à excepção do trabalho de M. Cardozo, que pretendeu articular a análise tipológica comparada das cerâmicas, com uma data de C 14 (para uma amostra de madeira carbonizada proveniente de uma lança da estação da Penha), os restantes estudos baseiam-se ou na tese de Cardozo, e/ou na sumária comparação tipológica da cerâmica com outras produções cerâmicas peninsulares, ou tão só com decorações de joalharia pretensamente coeva, ou em pressupostos aprioríticos muito dificilmente demonstráveis (40).

Infelizmente, o raciocínio de M. Cardozo partia de um princípio errado: o da hipotética associação arqueológica entre uma ponta de lança datada e a cerâmica decorada (41). A data de C 14 - séc. X a.C. - vinha, por coincidência, dar força à corrente que valorizava uma cronologia tardia para tal grupo cerâmico. Curiosamente, essa corrente, nos últimos anos, ignorava (aparentemente) a evolução da própria investigação sobre o "Horizonte de Cogotas I" na Meseta, que, lembramos, tinha estado na base, durante muitos anos, das hipóteses de cronologia e filiação cultural da produção cerâmica do Noroeste.

Na verdade, desde Almagro Gorbea (1973, 1976, 1977, 1978) (42), Martin Valls e Delibes de Castro (1972, 1973 e 1978) (43), Molina e Arteaga (1976) (44), que se verificava uma progressiva aceitação de uma cronologia mais antiga para o início da formação do Horizonte de Cogotas I: este passou a situar-se em torno de 1300-1200 a.C., podendo atingir o seu final nos sécs. IX-VIII a.C..

Por outro lado, além de este horizonte se tornar muito mais bem caracterizado através da inventariação de um grande número de estações e materiais, o estudo de Arteaga e Molina tornou-se decisivo para afirmar definitivamente a *origem local campaniforme* de tal horizonte, libertando-o da dependência relativa a um hipotético foco da Europa central que lhe teria dado origem.

É neste contexto que surge o trabalho de Fernández-Posse (1980) que, através dum exaustivo estudo das estações e dos materiais, não só valoriza a *origem local campaniforme* de Cogotas I, como detecta *um fundo indígena neolítico e calcolítico* que teria dado origem, ao longo da I.do Bronze, à própria técnica de Boquique, e a múltiplas temáticas e organizações decorativas da cerâmica de Cogotas I.

Esta chamada de atenção para o *fundo indígena neolítico e calcolítico da Me-*

seta entronca, aliás, em trabalhos realizados por Delibes de Castro/ Martin Valls (45) e S. López Plaza (46), ao longo dos anos 70, que estão na base da nossa investigação a partir de 1980.

Mas antes de referirmos o âmbito e os objectivos do nosso próprio trabalho, que, de certa forma, estabelecem um corte com a última fase das investigações neste domínio, importa dizer que a *última vaga de apreciações sobre a cerâmica de tipo Penha se distanciou profundamente do principal objecto do seu estudo*. A comparação de certos temas decorativos com os existentes na ourivesaria do Bronze Final (47), ou o estudo da distribuição espacial que visava encontrar "coincidências" entre estações com cerâmica "tipo Penha" e objectos metálicos em bronze (48), tinha como finalidade provar, de forma apriorística, a existência de um horizonte cultural local que, simultaneamente, fosse responsável pela produção e comércio dos artefactos metálicos da fase final do "Bronze Atlântico" e estivesse na origem das comunidades da I.do Ferro do Noroeste peninsular. Ou seja, era necessário indentificar uma realidade cultural que estabelecesse a transição para a chamada "cultura castreja". Assim, quando P. Kalb ou Coffyn afirmam que os grupos cerâmicos Penha/Baiões/Alpiarça (ou Lapa do Fumo) correspondem às produções cerâmicas de três regiões da fachada atlântica peninsular, durante o Bronze Final Atlântico (Bronze Final Atlântico II, segundo Coffyn), eles aceitam sem problemas a diferença morfológica e decorativa desses três grupos cerâmicos, como prova dum localismo que atinge necessariamente esses artefactos. Só que, no caso da cerâmica de tipo Penha (independentemente da sua tipologia ser extraordinariamente alheia à habitualmente observada no Bronze Final peninsular (49)), não havia qualquer prova de associação estratigráfica com materiais do Bronze Final. Isto é, a não seguir-se um critério de comparação tipológica, ainda que falível (que permitisse aproximar estilisticamente diversas produções cerâmicas de áreas contíguas, ou mesmo, afastadas, mas globalmente contemporâneas), teria sido prudente e necessário encontrar qualquer *relação arqueológica consistente* que apoiasse tal teoria. Não sendo impossível que tal tipo de cerâmica - apesar de tantos paralelos com produções cerâmicas calcolíticas - fosse do Bronze Final, tornava-se vital, no entanto, provar inequivocamente a sua hipotética cronologia recente.

. A nossa própria investigação, a partir de 1980, em povoados com cerâmicas decoradas do âmbito que temos vindo a referir pretendeu, numa região bem delimitada, não só caracterizar cronológica e estilisticamente a respectiva produção cerâmica, como inseri-la num *sistema cultural mais vasto*, que fornecesse elementos sobre o tipo de povoamento, exploração do território, estruturas sociais e simbólicas que lhe deram origem.

Significa isto que o nosso trabalho nunca se situou ao nível da exclusiva caracterização cronológica e cultural dum "grupo cerâmico", mas, ao procurar dar corpo a um projecto de Pré-História regional, necessariamente se viu obrigado a abordar a "cultura material" das respectivas comunidades pré-históricas, na qual surge, com grande peso a *cerâmica doméstica*. É neste sentido que o nosso próprio estudo contribui para a história das investigações sobre os diversos "grupos cerâmicos" existentes no Norte de Portugal, na medida em que fornece elementos para o seu posicionamento cronológico e filiação cultural.

Por outro lado, o nosso trabalho produziu *as primeiras escavações metódicas em povoados da Pré-História Recente no Norte de Portugal*. Pela primeira vez, entre 1980 e 1984, se analisaram cortes estratigráficos e associações de materiais com estruturas domésticas "in situ" (50). Pela primeira vez se procedeu ao estudo exaustivo de *conjuntos de materiais e não a materiais esparsos, fora do seu contexto original*. Este trabalho pioneiro forneceu elementos básicos para o posicionamento cronológico e cultural de diversos testemunhos arqueológicos, entre os quais sobressaiem milhares de fragmentos de vasos cerâmicos.

Ao enfrentarmos o problema da integração cronológica e cultural dos dados, nomeadamente das cerâmicas, tivemos, no entanto, o intuito de não avançarmos com nenhuma ideia preconcebida, quer decorrente de posições previamente expostas por outros autores, quer fruto de alguma teoria que pretendêssemos a todo o custo provar.

O material foi analisado por *conjuntos estratigráfica e espacialmente associados*, e comparado, sempre que possível, com outros *conjuntos*, tentando evitar, assim, analogias isoladas.

Deste modo, pela primeira vez se pode demonstrar hoje que as cerâmicas decoradas do Norte de Portugal de tipo Mairos/Penha e Rapa/Vimioso (para utilizarmos expressões clássicas) são, globalmente, *calcolíticas*, mas que a sua *filiação cultural é múltipla e complexa*. Destaca-se, em primeiro lugar, um importante *substracto neolítico final/calcolítico, que é comum, pelo menos, ao SO da Meseta Norte e a parte do Noroeste*, o qual, segundo López-Plaza (51) ou Fernandez-Posse (52), pode entroncar, parcialmente, na estilística neolítica da cerâmica das "grutas" do Sul da Península. Em segundo lugar, ocorrem *matrizes decorativas específicas do Noroeste*, ligeiramente mais tardias (o clássico grupo da Penha) (53), algumas das quais evocam *técnicas e temáticas calcolíticas da Estremadura portuguesa*, às quais se junta, numa determinada altura, *a cerâmica campaniforme clássica*, cujas decorações são por vezes absorvidas pela cerâmica comum em prováveis *"imitações" de índole local*.

Deve dizer-se, em justiça, que grande número de investigadores que, através dos tempos, abordaram estas cerâmicas (por ex., Piggott, Arnal, Guilaine), tiveram a intuição genérica da global filiação cultural das mesmas. E também se deve salientar que as suas apreciações, apesar de tudo, foram obviamente limitadas pelos parâmetros teóricos e metodológicos de cada momento histórico, pelos paradigmas - diríamos hoje - que, desde os anos 20-30, conduziram os objectivos da Arqueologia. Com maior ou menor acuidade muitos dos autores afloraram, de alguma maneira, questões significativas que a sua época pretendia resolver.

Hoje, o nosso paradigma é o da *apreensão do sistema cultural total* responsável pelos *vestígios da acção humana materializada na paisagem*.

Actualmente, outros investigadores prosseguem este novo ciclo da investigação pré-histórica no Norte de Portugal, atentos às potencialidades informativas que um estudo espacial em áreas bem delimitadas pode proporcionar. Cabe especialmente salientar o projecto de Maria de Jesus Sanches orientado para o povoamento da Pré-História Recente

numa parte da bacia do Douro que abarca o planalto mirandês (54). Mas toda uma nova geração de jovens arqueólogos começa agora a dar os seus primeiros passos na pesquisa da evolução pré-histórica desta vasta região, que sendo ainda praticamente desconhecida, poderá no futuro revelar uma informação extremamente significativa para a própria investigação peninsular.

Notas

(1) Algumas *escavações sumárias* foram esporadicamente realizadas no intuito, sobretudo, de "completar" o trabalho de prospecção, sem qualquer integração num projecto de conjunto, e não tendo fornecido, na maior parte dos casos, dados estratigráficos minimamente seguros. Particularmente no caso dos contextos com cerâmicas decoradas do âmbito *Penha/Mairos* e *Rapa/Vimioso* (que são os que abordámos exclusivamente nesta história das pesquisas) não existem quaisquer trabalhos de escavação anteriores aos nossos, que mereçam ser aqui mencionados.

(2) Correia, A. A. Mendes (1924), *Os Povos Primitivos da Lusitânia...*, p. 201, fig. 21.

(3) *V.* nota 2, p. 286, Est. XX.

(4) Pina, J. de (1928), A Penha eneolítica..., pp. 135-138.

(5) López Cuevillas, F. (1928-30), Novas cerâmicas das antas galegas..., pp. 275 e 278.

(6) López Cuevillas, F. e Bouza Brey, F. (1931), La civilización neo-eneolítica..., pp. 17 e 20.

(7) Ribeiro, R. (1931), Uma estação eneolítica..., p. 84.

(8) Santos Júnior, J. R. dos (1933), A cerâmica campaniforme de Mairos..., p. 372.

(9) Idem (1933), As pinturas pré-históricas de Cachão..., pp. 37-38.

(10) Morán, C. (1924), Excavaciones arqueológicas em el Cerro...

(11) Castillo, A. del (1928), *La Cultura del Vaso Campaniforme*...

(12) Martinez Santa-Olalla, J. (1930), Cerâmica incisa y cerâmica de la cultura...

(13) Cabré, J. (1930), Excavaciones en Las Cogotas...

(14) S. Júnior (*V.* nota 8, p. 370) afirma que teria sido "... tentado a estabelecer confrontos com as estações espanholas do grupo da Meseta superior, especialmente El Berrueco...", mas que pensava que só o deveria fazer após uma investigação mais desenvolvida nas estações portuguesas.

(15) Vaultier, M. (1940), Estação eneolítica de S. Lourenço...

(16) Valero Aparisi, S. (1942), Notas para el estudio de la cerâmica cardial...

(17) Vilas-Boas, J. S. Paes de (1945), Primórdios da História Flaviense...

(18) Piggott, S. (1947), Relação entre Portugal e as ilhas..., p. 142.

(19) López Cuevillas, F. (1948), La cultura megalítica del Noroeste..., pp. 9-10.

(20) Cortez, F. Russel (1948), *Arqueologia da Região Produtora*..., pp. 16-19.

(21) Pérez de Barradas, J. (1936), Fondos de cabaña de la Edad del Hierro...; idem (1935), Nuevos estudios de Prehistória Madrileña...

(22) Bosch-Gimpera, P. (1932), *Etnologia de la Península Ibérica...*; idem (1944), *El Poblamiento Antiguo y la Formación...*

(23) Almagro, M. (1939), La cerâmica excisa de la Primera Edad del Hierro...

(24) Martînez Santa-Olalla, J. (1946), *Esquema Paletnológico...*

(25) Macwhite, E. (1951), *Estudios sobre las Relaciones Atlânticas...*, p. 116.

(26) Savory, H. N. (1951), A Idade do Bronze Atlântico..., p. 332.

(27) Castillo, A. del (1947), La gran cultura hispânica del pleno eneolîtico..., pp. 619 e 624.

(28) Arnal, J. (1963), Impressions de voyage au Portugal...

(29) Maluquer de Motes, J. (1958), *Excavaciones Arqueológicas en el Cerro del Berrueco...*; idem (1958), *El Castro de Los Castillejos de Sanchorreja...*

(30) Maluquer de Motes, J. (1959), La fecha final de la excisa...

(31) Guilaine, J. e Ferreira, O. da Veiga (1970), Le Nêolithique ancien au Portugal...

(32) Sousa, J. J. Rigaud de (1976), Vasos campaniformes no Norte de Portugal..., pp. 167-168.

(33) Cardozo, M. (1971), A estação prê-histórica da Serra da Penha..., p. 255.

(34) Almeida, C. A. Ferreira de (1975), Cerâmica castreja..., pp. 10-12.

(35) Fernândez-Posse y de Arnaiz, M. D. (1980), *El Final de la Edad del Bronce...*, pp. 181-184.

(36) Kalb, Ph. (1980), Zur Atlantischen Bronzezeit..., pp. 33-34; idem (1980), O "Bronze Atlântico" em Portugal...

(37) Coffyn, A. (1982), *Le Bronze Final Atlantique...*, t. I, pp. 213-214.

(38) Savory, H. N. (1970), *Espanha e Portugal...*, pp. 212 e 224.

(39) Ruiz-Gâlvez Priego, M. L. (1984), *La Peninsula Ibérica y sus Relaciones...*, t. II, pp. 438-445.

(40) Existência de objectos metâlicos em bronze *(recolhidos à superfície)*, em estações que forneceram, também *à superfície*, cerâmicas do estilo Penha.

(41) Como se sabe, as pontas de lança foram encontradas soterradas, de forma fortuita, e não hâ qualquer relação estratigrâfica comprovada entre esses objectos e a referida cerâmica.

(42) Almagro Gorbea, M. (1973), *El Bronce Final y el Inicio de la Edad del Hierro...*; idem (1976), Informe sobre las excavaciones en Ecce Homo...; idem (1977), *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante...*; idem (1978), Las dataciones para el Bronce Final y la Edad del Hierro...

(43) Martin Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1972), Nuevos yacimientos de la primera Edad...; idem (1973), Recientes hallazgos cerâmicos...; idem (1978), Hallazgos arqueológicos en la provincia...

(44) Molina, F. e Arteaga, O. (1976), Problemática y diferenciación en grupos de la cerâmica...

(45) Martin Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1975-76-77-81-82), Hallazgos arqueológicos en la provincia...

(46) López Plaza, S. (1978), *Comienzos del Eneolítico*...; idem (1979), Aportación al conocimiento de los poblados eneolíticos...

(47) *V.* nota 34.

(48) *V.* nota 36.

(49) A única excepção é, na verdade, a cerâmica de Cogotas I, e apenas no que diz respeito a algumas das suas organizações decorativas. Contudo, este facto deve-se à sobrevivência do fundo campaniforme que influenciou esta cerâmica, o qual também, em parte, foi assimilado, na sua fase final, pela cerâmica de "tipo Penha".

(50) Jorge, S. O. e Soeiro, T. (1981-82), Escavações arqueológicas...; Jorge, S. O. (1982), Uma data de C 14 para a Pré-História...; idem (1983-84), Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal...; idem (1985), Datas de carbono 14 para a Pré-História Recente...

(51) *V.* nota 46.

(52) *V.* nota 35.

(53) Estas matrizes são contemporâneas, durante o tempo da sua duração, das matrizes de origem neolítica, as quais têm uma larga sobrevivência nesta região.

(54) Sanches, M. J. (1985), O povoado pré-histórico do Cunho - Mogadouro...

B — UMA REGIÃO E OS SEUS POVOADOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE — IIIº. MILÉNIO, INÍCIOS DO IIº. MILÉNIO a.C.

1. O QUADRO FÍSICO: A DEPRESSÃO TECTÓNICA DE RÉGUA-VERIN (TROÇO TELÕES-CHAVES) NO CONTEXTO DO NORTE DE PORTUGAL (Fig. 1)

. A depressão tectónica de Régua-Verin atravessa obliquamente o Norte de Portugal, segundo a orientação NE-SO, dividindo-o praticamente em duas metades iguais. De noroeste para sudoeste, integra as bacias de Chaves, Vidago e Pedras Salgadas, a portela de Vila Pouca de Aguiar, a bacia de Telões e a superfície de Covelo-Vila Real. A leste é delimitada pelos bordos da Serra da Padrela (prolongada a sul na serra da Falperra) e pelo planalto de Sabrosa; a ocidente, pelos bordos das Serras do Barroso, Alvão e Marão.

A sua posição no Norte de Portugal é extraordinariamente singular: ela acompanha ou chega mesmo a unir duas grandes áreas geomorfológicas e climáticas que constituem o Norte de Portugal: por um lado, a diversificada *região ocidental sob influência oceânica* (plataforma de abrasão, área de transição para montanha, região complexa de montanha), por outro, o chamado *planalto transmontano* (1). Insere uma parte do vale do Alto Tâmega, utiliza parcialmente o vale do Corgo e corta quase perpendicularmente o vale do Douro.

Do ponto de vista *geológico* (2) a área compreendida por esta depressão (vale de fractura e bordos da escarpa que o delimitam) é atravessada predominantemente por *terrenos graníticos* (predominantemente alcalinos de duas micas, ou predominantemente calco-alcalinos, biotíticos, em geral porfiróides) e algumas cristas quartzíticas. Contudo, a norte e a sul de Chaves a depressão passa por afloramentos *xisto-quartzíticos* e a norte e a sul de Vila Real, particularmente na área de Peso da Régua, assenta num extenso *complexo xisto-grauváquico*. Nos vales do Tâmega e do Corgo, insere, em zonas bem delimitadas, *depósitos de terraços fluviais*. À excepção destas mesmas zonas, onde se verifica uma *permeabilidade dos terrenos variável*, a grande maioria dos solos apresenta uma *permeabilidade muito reduzida* (3). De notar ainda a grande concentração de *nascentes minerais* ao longo desta depressão: nascentes de água quente, exclusivamente em terrenos xistosos, e de água fria em terrenos graníticos (em grande abundância nas bacias de Pedras Salgadas e Vidago).

Em grande parte da área ocupada por esta depressão, os *solos* (4) que a preenchem são do tipo que predomina, "grosso modo", na metade ocidental do Norte de Portugal: *cambissolos dístricos e húmicos, por vezes associados*. Apenas na região de Peso da Régua, surge outro tipo de solos, comum na região oriental de Trás-os-Montes, os *litossolos êutricos associados a luvissolos*. Nas bacias de Chaves e Telões (vales do Tâmega e do Corgo) ocorrem *fluvissolos dístricos*. Em parte devido ao tipo de solos, mas também devido a outros factores de ordem geológica, climática e hidrográfica, esta depressão tectónica atravessa predominantemente *terrenos ou de utilização agrícola condicionada* (na sua extremidade SO) ou de *utilização florestal* (5). É sobretudo nas bacias de Chaves e de Telões, e ainda no vale do Douro que se verificam quer solos *de boa utilização agrícola (classe A)* , quer *complexos de solos (de classe A e utilização florestal, ou de utilização agrícola condicionada e utilização florestal)*. Convém, no entanto, fazer

notar que os *solos das bacias de Chaves e Telões, são solos de rara qualidade agrícola ao nível de todo o Norte de Portugal*, parecendo rivalizar com os existentes na foz do Lima, junto a Viana do Castelo. Assim, a depressão tectónica Régua-Verin une duas regiões de aptidão agrícola excepcional, apesar destas se integrarem em redes hidrográficas diferentes.

A *geomorfologia* da região intersectada por esta depressão tectónica é variada e complexa, requerendo, previamente, uma breve abordagem da própria geomorfologia do Norte de Portugal.

Como já anteriormente referimos, de ocidente para oriente, podemos dividir o Norte do país, em várias unidades geomorfológicas (6). *A plataforma de abrasão ou planície litoral* está limitada a leste, genericamente, pela curva de nível dos 100 m, sendo particularmente larga entre a foz do Cávado e do Ave. *A área de transição para a montanha* é uma região mais acidentada entre os 100 e 300 m (constituída por colinas e aplanações) entrecortada pelos vales dos rios Minho, Lima, Cávado, Ave, Douro e Sousa. Apresenta contudo, nos interflúvios, alguns relevos que podem subir aos 600-800 m: é o caso, por exemplo, da Serra de Arga (entre o Minho e o Lima), das Serras da Falperra (entre o Cávado e o Ave) e da Penha (entre o Ave e o Vizela), e da Serra da Boneca (entre o Sousa e o Tâmega). Os vales desta área são largos, propiciando uma ocupação humana recente muito extensa. A terceira unidade, onde, afinal, se integra a depressão tectónica de Régua-Verin, é uma *região complexa de montanha*, atravessada transversalmente pelo rio Tâmega e constituída por dois complexos montanhosos muito vigorosos, que ultrapassam os 1 000 m de altitude absoluta. A NO, temos o *complexo do Gerês* (Peneda, Soajo, Serra Amarela), *Cabreira e Barroso*, no qual correm vales muito encaixados. É nas faldas da vertente oriental da Serra do Barroso que se encontra a bacia de Chaves, decorrente da formação da parte mais setentrional (em território português) da área da depressão tectónica Régua-Verin. Estas serras do Alto Minho e Trás-os-Montes Ocidental "integram-se no cordão norte-ocidental que delimita a Meseta, separando o Noroeste litoral e húmido, do interior, continental" (7). A Serra de *Montemuro*, a Sul do Douro, as *Serras do Marão, Alvão e Padrela*, a Norte (estas últimas a oriente do Tâmega), constituem um *"alinhamento" com a orientação NNE-SSO* (o mais oriental desta região montanhosa), com planações a cotas diversas, entre 400-500 e 1100-1300 m. Este alinhamento impõe-se como *barreira morfológica e climática* para o interior transmontano, sendo mesmo vulgarmente designado *"barreira de condensação"*, "obstáculo à penetração para o interior das massas de ar húmido que, procedendo do Atlântico, se deslocam para leste" (8).

Ora, o que é bastante notório é que a depressão Régua-Verin funciona como uma unidade natural que, a norte, acompanha pelo lado ocidental e com a mesma direcção uma 2ª "barreira" constituída pela Serra da Padrela, e a partir da bacia de Telões, e para SO, delimita pelo lado oriental, a região montanhosa (vertente leste das Serras do Alvão e do Marão), estabelecendo assim a transição para o *planalto transmontano*.

Este é constituído por longos "plateaux" cortados por vales fluviais fundos, com a direcção NE-SO, afluentes do Douro. Destacam-se as redes hidrográficas do Tua e do Sabor. Este vasto planalto, com cotas médias de 600-700 m, é interrompido por relevos que

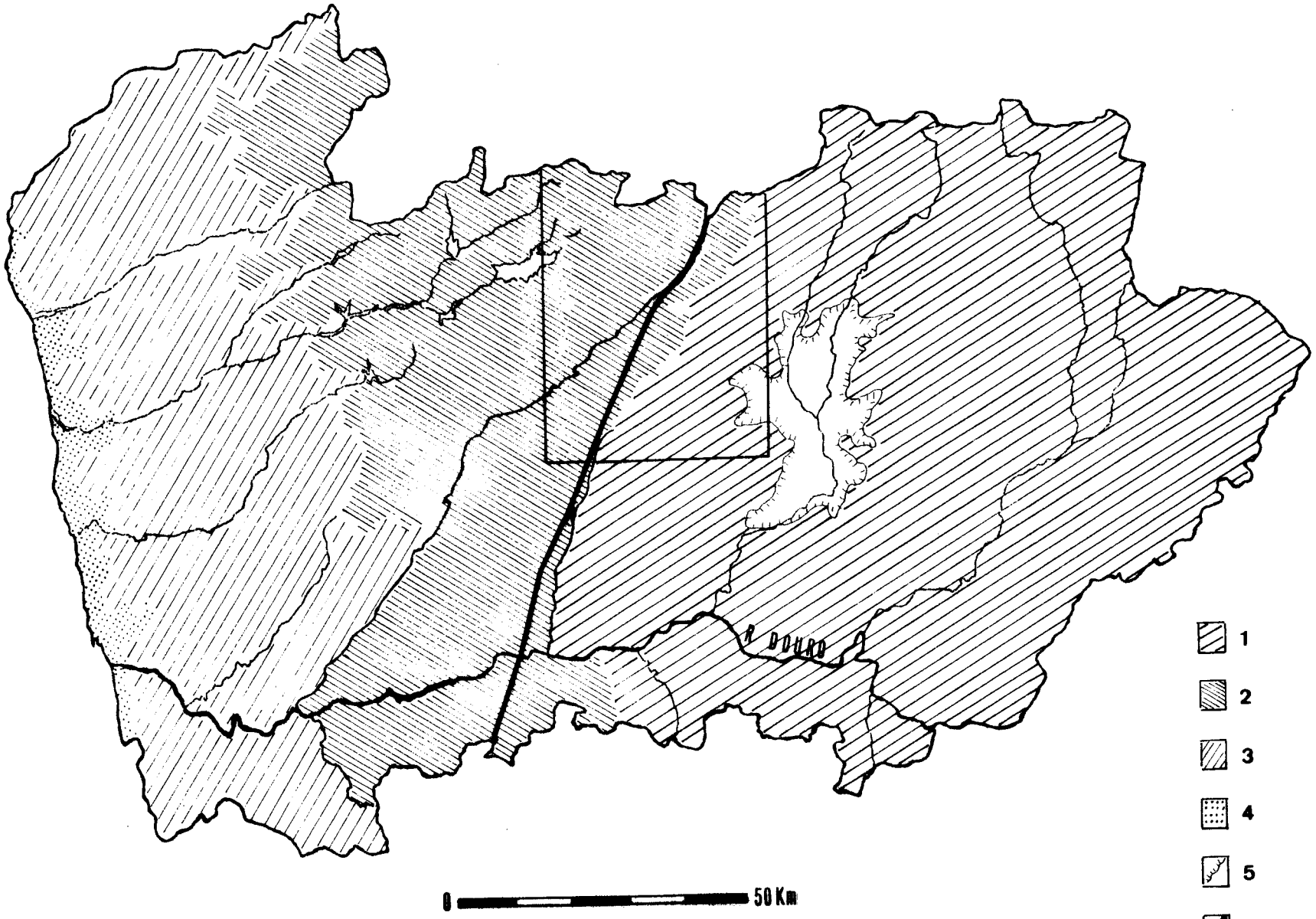


Fig. 1

podem atingir os 900 m-1 000 m (Mogadouro, Bornes, Nogueira, Montezinho, Corva, Stª Comba), pela importante bacia de Mirandela e pelo encaixado vale do Alto Douro.

Segundo Jordan (9) e Hoffman (10), praticamente todo o Norte de Portugal se integra, à escala europeia, numa *zona climática e de vegetação expontânea de tipo mediterrânico*. Apenas uma parcela norte do território litoral do Minho, segundo Hoffman, já estaria sob influência marítima e deveria incluir-se, juntamente com a Galiza, na zona atlântica onde prolifera a floresta mista com variedades de coníferas e de folhagem caduca. Contudo, a linha de demarcação entre a zona de influência marítima e a zona de influência mediterrânica tem sofrido, ao longo do tempo, diversas flutuações. Por exemplo, para Rivas-Martinez (11), essa linha, no Norte de Portugal, iniciar-se-ia no litoral, genericamente junto à foz do Douro e atravessaria transversalmente o país, passando pela serra do Barroso. A ocidente dessa linha, a zona que abarca o Minho e parcialmente o Douro Litoral e Trás-os-Montes Ocidental, pertenceria à área bioclimática designada "eurosiberiana". Para oriente, a restante zona transmontana e o Douro Litoral já se integrariam na área "mesomediterrânica". Mesmo segundo esta hipótese, a depressão tectónica Régua-Verin, e em particular o seu troço entre Telões-Chaves, abrange globalmente uma área que, do ponto de vista do seu clima e vegetação expontânea, deve ser considerada como uma *região de tipo mediterrânico, quer sob influência oceânica, mais marcada na bacia de Chaves, quer sob influência continental, na bacia de Telões*. Na verdade, esta última situa-se já para oriente da serra do Alvão, que serve de "barreira de condensação" às massas de ar húmido vindas do litoral, enquanto que a primeira está encaixada entre as faldas do Barroso (grande complexo montanhoso que ainda está exposto à influência oceânica) e a Serra da Padrela, o último relevo a impedir que essa influência se exerça para leste. É uma zona charneira, que apresenta uma variada e complexa *flora mista, predominantemente mediterrânica*.

Segundo Taborda (12), os bordos da "depressão Corgo-Chaves" inserem quer *florestas de carvalhos de folha caduca*, como o carvalho da Beira (*Quercus toza*) e o carvalho português (*Quercus lusitanica*), a que se associam o castanheiro (*Castanea sativa*) e o pinheiro marítimo (*Pinus pinaster*), quer florestas de carvalhos de folha persistente, como o *sobreiro* (*Quercus suber*). Também a *oliveira*, a árvore cultivada mais importante da região mediterrânica, se encontra bem representada, particularmente no vale do Alto Tâmega e bacia de Chaves. A coexistência de vegetação arbórea de tipo atlântico e de tipo mediterrânico é particularmente notória na bacia de Chaves. Taborda diz-nos que o pinheiro marítimo "... quase falta, por exemplo, na vertente leste da Serra da Padrela, revestindo o flanco oposto até muito acima. No maciço xistoso de Stª Bárbara, que limita a sul a depressão do alto Tâmega, o contraste ainda é mais flagrante: o pinheiro cobre a encosta ocidental, cedendo o lugar, na vertente contrária, ao carvalho". (13) Também no cimo dos planaltos que bordejam esta depressão tectónica nos deparamos com uma *vegetação arbustiva mista*: carvalheiras, tojos, giesta das vassouras e várias urzes correspondem à degradação da floresta primitiva atlântica; carrasqueiras, carqueja, tomilho, diferentes espécies de urzes, etc., fazem parte da "ambiência mediterrânica".

Unidade geomorfológica de grande impacto na transição de duas grandes re-

giões naturais, a depressão tectónica Régua-Verin ocupa uma posição estratégica na articulação de várias bacias hidrográficas e na possibilidade que oferece de penetração (nos dois sentidos) de elementos geográficos e culturais bastante díspares.

Nas imediações da área ocupada por esta depressão surgem dois tipos principais de *recursos mineiros* (14): o estanho e o volfrâmio, por um lado (particularmente a ocidente da bacia de Telões), e o ouro e a prata, por outro (nas minas de Jales, a leste da bacia de Telões). Mais a sul, perto do Peso da Régua, a oriente do Corgo, existem minas de cobre.

. Diversos autores abordaram já o carácter tectónico da depressão Régua-Verin: entre os mais significativos convém salientar H. Lautensach (15), P. Birot (16), e M. Feio (17). C. Teixeira (18) defendeu, por outro lado, que a génese desta depressão se deveria principalmente à erosão diferencial, ainda que acentuasse "... o papel importante que deve ter desempenhado o factor tectónico na orientação e facilitação do trabalho erosivo" (19). Não nos demoraremos sobre esta problemática, embora na descrição da geomorfologia das bacias que constituem a depressão, sigamos de perto os trabalhos desenvolvidos de Birot e M. Feio. O primeiro autor (20) distinguiu, de NE para SO, as seguintes bacias com drenagem independente: bacia de Chaves (350 m), bacia de Bobadela (550 m), bacia de Vidago (325-375 m), bacia de Pedras Salgadas (550-600 m), bacia de Vila Pouca de Aguiar (720 m). Contudo, daremos preferência, nesta breve síntese, à nomenclatura e critério descritivo de M. Feio (21).

Para este geógrafo, a depressão tectónica é constituída pelas seguintes sub-unidades morfológicas; I - Depressão de Chaves (bacia de Bobadela e relevo Elhos-Facho 3º; superfície de Sanjurjo; bacia de Chaves), II - Monte de Stª Bárbara; III - Bacia de Vidago; IV - Bacia das Pedras Salgadas; V - Portela de Vila Pouca e bacia de Telões; VI - Superfície inclinada Covelo-Vila Real. Focaremos apenas a *Depressão de Chaves* e *a Portela de Vila Pouca e bacia de Telões*, na media em que nelas estão situadas as estações arqueológicas que estudaremos em seguida.

M. Feio descreve-nos a descida do Barroso para o vale do Tâmega, junto a Chaves, com grande poder evocativo, como se se tratasse duma "imponente escadaria tectónica" (22) cujos patamares horizontais seriam constituídos pela *bacia de Bobadela, o relevo Elhos-Facho 3º, a superfície de Sanjurjo e a Veiga de Chaves.*

"O primeiro patamar, a que Birot deu o nome de bacia de Bobadela, fica a 550-625 m de altitude. Entre ele e o planalto do Barroso há um degrau de 300-400 m, que se alinha com o bordo ocidental da bacia de Verin: a bacia de Bobadela já fica, pois, dentro da depressão geral. A parte norte deste degrau é formada por uma grande descida monoclinal. A superfície balançada restitui-se por muitos elementos planos e lombas, tornados rugosos pelo rejuvenescimento. Na parte sul deste degrau (Leiranço), em vez da descida monoclinal, há um abrupto bem marcado. Tratar-se-á de regime tectónico diferente?

O fundo da bacia de Bobadela é formado pelo vale da Ribeira de Terva, um vale de fractura (pelo qual se alinham, mais ao norte, troços de duas ribeiras diferentes),

colocado na goteira monoclinal. Entre esta bacia e a superfície de Sanjurje, limitado por dois abruptos vigorosos, existe um relevo estreito e alongado (Elhos-Facho 3º), coroado por elemento planos (Serra de Paranhos 700-720 m, Serra da Ferra 660 m, Alto dos Macheirões-Prainos-Alto da Pedreira 680-700 m, etc.) e que interpretamos como um horst. Ao longo deste relevo, chegado ao bordo que diz para a bacia de Bobadela, há um filão de quartzo importante (...), com espessura variável (2 a 10 m). Este filão forma pequena crista, de altura aproximadamente igual à espessura (...)" (23).

Continuando a citar M. Feio, a superfície de Sanjurjo é descrita desta forma: "Desce-se do relevo intermediário Elhos-Facho 3º para a superfície de Sanjurjo por um degrau em linha quebrada, no qual se distinguem pelo menos cinco troços rectilíneos.

A superfície de Sanjurjo (430-530 m) fica 200 a 300 m abaixo dos pontos culminantes daquele relevo. É uma superfície de degradação lenta, formada por um conjunto de vales largos e escancarados. Existem nela depósitos detríticos (...)" (24). Segundo o autor, estes depósitos foram formados no local e não podem ser considerados como tendo resultado do antigo curso do Tâmega. A hipótese alternativa é de que ou seriam depósitos de pequenas ribeiras ou "restos de antiga cascalheira geral de tipo raña". Ainda segundo M. Feio, os vales da superfície de Sanjurjo devem ser considerados como "vales de rejuvenescimento lento" (25).

A erosão diferencial fez esbater o degrau entre a superfície de Sanjurjo e a Veiga de Chaves. Esta está ocupada por *depósitos*: quer *depósitos de terraço* do rio Tâmega (terraço de 10-12 m), quer *depósitos detríticos* que se podem erguer a cerca de 450 m.

Embora C. Teixeira (26) interprete todos os depósitos da bacia como terraços, M. Feio diz-nos o seguinte: "Nós interpretamos os depósitos, exceptuando algumas formações baixas claramente relacionadas com o Tâmega actual, como fazendo parte do enchimento da depressão que resultou do abatimento do fundo da rocha do gräben" (27).

Finalmente, o *bordo oriental da bacia de Chaves* é abrupto e rectilíneo, subindo a 900 m com as características de uma *clássica escarpa de falha*. Apenas a norte o bordo insere "um degrau intermédio, a 600-700 m de altitude, limitado, por sua vez, antes de alcançar o nível superior, por outra escarpa, com a orientação OSO-ENE, na qual se alcandoram as ruínas do Castelo de Monforte". (...) "Temos assim, deste lado, um compartimento intermédio que se complica, perto da fronteira, por um bloco monoclinal, o monte de Mairos, que se eleva a 1083 m" (28).

O Monte de Stª Bárbara (774 m), integrado na depressão geral, fecha a sul a bacia de Chaves. Pode-se considerar "um relevo essencialmente tectónico, um horst transversal separando as duas bacias " (29).

Segundo M. Feio, tal como Birot, a portela de Vila Pouca de Aguiar não deriva de uma falha única. Sugere a existência neste local de um gräben (30). "A bacia [de Telões] a princípio muito estreita, alarga-se para o sul. É limitada tanto a leste como a oeste por escarpas graníticas bem marcadas, com cerca de 250 m de altura. Do lado sul fecham-na relevos pouco importantes, a cerca de 800 m de altitude (813 m, cota mais ele

vada de toda a linha de depressões), onde se reconhecem restos de superfícies. O rio Corgo, de traçado rectilíneo que prolonga o Avelames, corre encostado à escarpa oriental e é provável que tenha rebaixado um pouco, deste lado, o fundo da bacia" (31).

Entre outras questões colocadas por M. Feio ressalta a conclusão de que "o abatimento do fundo de gräben entre duas massas de comportamento análogo" (32) terá originado as várias bacias e de que entre todas, a de Vila Real terá sido a primeira a constituir-se.

Também será de salientar a sugestão de que o Rio Tâmega tenha surgido antes do abatimento tectónico e de que "tenha mantido o curso por antecedência" (33).

Notas

(1) Birot, P. (1949), Les surfaces d'érosion du Portugal Central et Septentrional... ; idem e Sebaris, L. Sole (1954), *Recherches Morphologiques dans le Nord-Ouest de la Péninsule...*; Comissão de Coordenação da Região Norte (1980), *Proposta de Linhas de Estratégia...*, vol. I, fig. 2.

(2) *Carta Geológica de Portugal* (escala 1/500 000) (Serviços Geológicos de Portugal).

(3) *Carta Hidrogeológica de Portugal* (escala 1/1 000 000) (Serviços Geológicos de Portugal).

(4) *Carta dos Solos* (escala 1/1 000 000) (Comissão Nacional do Ambiente).

(5) *Carta de Capacidade de Uso do Solo* (escala de 1/1 000 000) (Comissão Nacional do Ambiente).

(6) *V.* nota 1; *Carta de Portugal* (escala 1/500 000) (Instituto Geográfico e Cadastral).

(7) Jorge, V.O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal...*, vol. I, p. 308.

(8) Comissão de Coordenação da Região do Norte (1980), *Proposta de Linhas de Estratégia...*, vol. I, p. 8.

(9) Jordan, T. G. (1973), *The European Culture Area...*

(10) Hoffman, G. W. (Ed.) (1977), *A Geography of Europe...*

(11) Rivas-Martínez, S. (1982), Etages bioclimatiques, secteurs chorologiques..., pp. 275-288.

(12) Taborda, V. (1932), *Alto Trás-os-Montes...*, pp. 94-96.

(13) *V.* nota 12, p. 95.

(14) *Carta Mineira de Portugal* (escala 1/500 000) (Serviços Geológicos de Portugal); Thadeu, D. (1965), *Carte Minière du Portugal. Notice explicative...*

(15) Lautensach, H. (1937), *Portugal auf Gund...*

(16) Birot, P. (1945), Sur la morphologie de Traz-os-Montes...

(17) Feio, M. (1951), Notas geomorfológicas. A depressão...

(18) Teixeira, C. (1948), A depressão de Chaves...

(19) *V.* nota 18, p. 52.

(20) *V.* nota 16.

(21) *V.* nota 17.

(22) *V.* nota 17, p. 193.

(23) *V.* nota 17, p. 194.

(24) *V.* nota 17, p. 196.

(25) *V.* nota 17, p. 198.

(26) *V.* nota 18.

(27) *V.* nota 17, p. 199.

(28) *V.* nota 17, p. 205.

(29) *V.* nota 17, p. 205.

(30) *V.* nota 17, p. 210.

(31) *V.* nota 30.

(32) *V.* nota 17, p. 213.

(33) *V.* nota 17, p. 214.

2. OPÇÕES DE BASE

2.1 A ESCOLHA DE UMA REGIÃO: ESTAÇÕES E MATERIAIS CONHECIDOS ANTERIORES AO PRESENTE ESTUDO (Fig. 2)

No início da nossa investigação interessávamo-nos exclusivamente pelo estudo do povoamento pré-histórico (IIIº/inícios do IIº milénio a.C.) na bacia de Chaves. Era uma área geográfica bem delimitada com excelentes condições para a implantação humana durante a Pré-História recente: um vale largo e fértil bordejado por falésias - algumas abruptas - no alto das quais se destacavam morros ou plataformas em esporão que ofereciam potenciais condições de vigilância e/ou defesa sobre o Tâmega.

A região não era desconhecida do ponto de vista do seu povoamento pré-histórico. Encontravam-se então referenciados sete povoados que haviam fornecido à superfície diversos materiais líticos, metálicos e cerâmicos, encontrando-se, entre os últimos, centenas de fragmentos decorados segundo técnicas e temáticas muito semelhantes, integráveis no que era designado o estilo "Penha". Os povoados da Vinha da Soutilha (1), de Outeiro Seco (2) e de S. Lourenço (3) haviam sido os primeiros a serem descobertos nos anos 30-40. Mais recentemente foram identificadas as estações do Circo, Nª Senhora da Bandeira, Crastas de Moreiras e Pastoria (4). À excepção do povoado de Outeiro Seco, situado num pequeno morro (Nozelos - 389 m), próximo da planície aluvial, todos os outros eram povoados de altura (5). Na margem direita, o povoado da Pastoria, localizado no bordo pouco rígido da escarpa, situava-se à altitude absoluta de cerca de 560 m. Ocupava uma parte da encosta e um pequeno esporão.

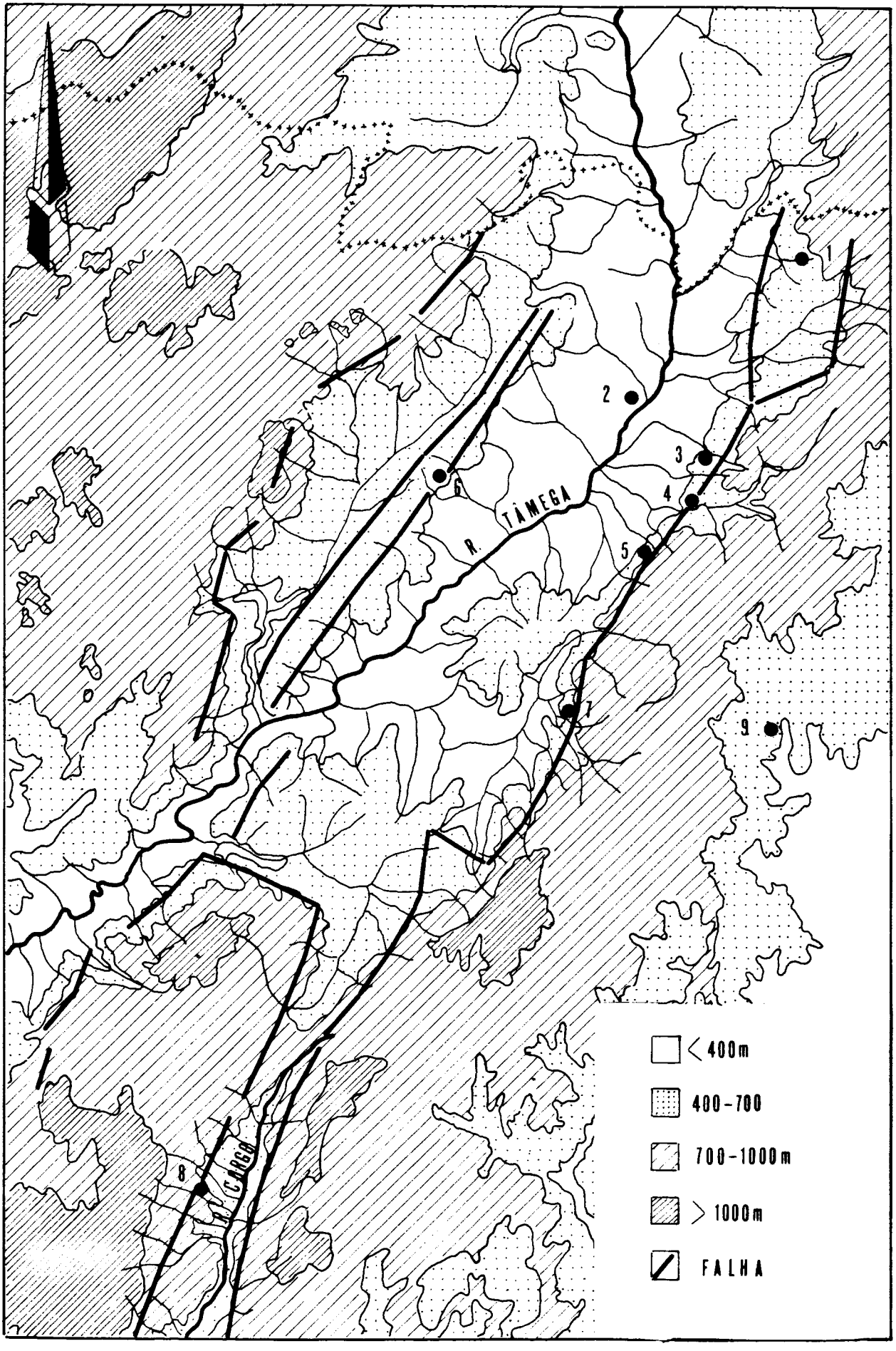
Na margem esquerda, a estação da Vinha da Soutilha, situada num degrau intermédio, ocupava uma extensa área em sucessivas plataformas, à altitude média de cerca de 640 m. Circo, S. Lourenço, Nª Sª da Bandeira e Crastas de Moreiras, povoados situados em encostas e esporões no bordo da escarpa abrupta, em frente ou a sul da cidade de Chaves, apresentavam as seguintes altitudes médias absolutas: 454 m, 600 m, 590 m e 738 m. Além da cerâmica já referida, denominador comum de todas as estações, encontravam-se depositados no Museu Municipal de Chaves ou no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) os seguintes materiais: machados, enxós polidos e percutores provenientes de Outeiro Seco; pontas de seta e lâminas retocadas em sílex, quartzo ou xisto, machados e enxós polidos e diversos artefactos metálicos em cobre arsenical (punhais de lingueta ou de rebite, ponta de tipo Palmela e machado plano) provenientes de S. Lourenço; ponta de seta de corneana, machados polidos e pequeno punhal fragmentado em cobre arsenical provenientes da Pastoria (6). Na região de Chaves (proveniência desconhecida) tinham sido recolhidos também machados planos em cobre arsenical (7). A análise prévia destes materiais era bastante sugestiva: entre as cerâmicas decoradas (bastante homogéneas) encontravam-se técnicas, temáticas e organizações decorativas observadas quer em estações da "fachada" atlântica, quer do planalto transmontano. O mesmo se poderia dizer quanto à tipologia das pontas de seta. Por outro lado, a presença de artefactos metálicos "campaniformes" em uma das estações com cerâmica decorada - S. Lourenço - incitava à investigação do seu posiciona

mento estratigráfico. Face às múltiplas interrogações que as cerâmicas chamadas de "tipo Penha" suscitavam no panorama da Pré-História do Norte de Portugal, era necessário identificar a nível local a sua cronologia, descobrir a sua eventual associação com outros materiais da mesma área, caracterizar o contexto habitacional onde ela havia sido produzida ou utilizada.

Pela posição charneira entre a região atlântica e o interior transmontano, a depressão de Chaves parecia-nos ser o local ideal para encetar o estudo sistemático deste fenómeno, e, simultaneamente, para iniciar um projecto de caracterização do povoamento da Pré-história Recente em parte duma bacia hidrográfica que, à partida, oferecia potencialidades económicas excepcionais, no âmbito da região norte.

Contudo, logo após iniciarmos as escavações em um dos povoados da bacia de Chaves - Vinha da Soutilha - foi-nos comunicada (8) a identificação recente de uma outra estação na bacia de Telões, sobranceira ao vale do Corgo, o povoado de Castelo de Aguiar. Um estradão havia cortado um morro em forma de esporão (810 m), e revelado nos taludes do novo caminho alguns materiais arqueológicos do mesmo âmbito genérico dos conhecidos nas estações da bacia de Chaves (9). A extensão da nossa investigação a este povoado deve-se a várias razões. Apesar de Castelo de Aguiar se situar numa outra bacia hidrográfica, pertence a uma unidade geomorfológica - a depressão tectónica Régua-Verin - que engloba todas as estações referidas até ao momento. Ou seja, estávamos em presença de um acidente tectónico que, como já atrás referimos, proporciona a ligação natural entre duas bacias hidrográficas de excepcional capacidade produtiva. Seria importante investigar qual o papel que teria desempenhado esta depressão durante a Pré-História Recente, no sentido de ter eventualmente facilitado a interacção entre comunidades contemporâneas ou de ter veiculado influências entre diferentes áreas culturais. Mas os materiais, em particular as cerâmicas deste povoado, não só eram muito heterogéneos (sugerindo sucessivas ocupações ao longo da Pré-História Recente, Proto-História e Época Romana) como os recipientes que apresentavam maiores afinidades com os da bacia de Chaves não integravam a organização incisa metopada de "tipo Penha". Só a escavação poderia confirmar esta primeira análise. Se tal ausência se verificasse poderíamos aventar a hipótese da existência de duas áreas estilísticas cerâmicas, respectivamente nas bacias de Chaves e de Telões, durante a Pré-História Recente? Tal ausência dever-se-ia a desfasamentos cronológicos entre as estações das duas bacias ou seria pura e simplesmente um caso excepcional na bacia de Telões?

A região da nossa análise ampliou-se, assim, para o *troço Telões-Chaves da depressão tectónica Régua-Verin*, incluindo, além do fundo da depressão, os bordos das escarpas de falha que a ladeiam e onde se localizam sete dos oito povoados detectados nesta área. Doravante, a nossa região de estudo passou não só a ser maior, como mais diversificada do ponto de vista da geomorfologia, hidrografia, clima e vegetação expontânea e também de todo o tipo de recursos naturais que poderão ter sido utilizados pelas populações pré-históricas que nela habitaram.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
R. TÂMEGA
R. CÁVADO
< 400m
400-700
700-1000m
> 1000m
FALHA
0
10Km

2.2 OBJECTIVOS DE UM PROJECTO DE ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA CENTRADO NA REGIÃO E ÉPOCA EM ESTUDO

. O presente trabalho insere-se num projecto mais amplo de *caracterização cronológica e cultural do contexto habitacional com cerâmicas decoradas da depressão Telões-Chaves*.

Ele integra-se na realização duma *primeira etapa* desse mesmo projecto: *definir as principais fases de ocupação dos povoados*; *posicionar, a nível local, a evolução estilística das cerâmicas decoradas, nomeadamente as de* "tipo Penha"; *integrar cronologica e culturalmente, a nível peninsular, o contexto habitacional* que as produziu, através do estudo comparativo das principais associações de materiais e tipos de estruturas que nele ocorrem.

Esta primeira etapa encontra-se ainda longe de estar concluída. Em primeiro lugar, a nossa análise incidiu exclusivamente em quatro dos oito povoados conhecidos na região. Será necessário prosseguir um longo trabalho de *prospecção* em ordem ao levantamento total dos testemunhos desta fase, não só respeitantes a povoados mas também a sepulcros coevos, até à data desconhecidos (10). Em segundo lugar, deverão ser realizadas *escavações ou simples sondagens de controlo* nos restantes povoados já detectados, no sentido de se alargarem as sequências crono-estratigráficas e de se obterem amostras passíveis de datação absoluta para um conjunto cada vez mais amplo de estações.

Por outro lado, a integração cronológica e cultural, a nível peninsular, deste contexto habitacional, será tanto mais rigorosa quanto pudermos manusear uma gama maior e mais diversificada de dados arqueológicos, não só provenientes de diferentes povoados, como de áreas mais amplas desses mesmos povoados. De certa forma, esse trabalho comparativo exigirá que, paralelamente ao esforço de formulação dum quadro cronológico, se inicie desde já uma *outra etapa deste projecto, que é a da reconstituição do funcionamento social destes povoados no quadro das possibilidades oferecidas pelo meio natural e das condicionantes culturais que regeram a sua actuação nesse mesmo meio.*

. Esta segunda etapa passa, num primeiro momento, pela *reconstituição dos territórios de exploração e áreas de influência de cada estação* ("site catchment analysis") (11).

Embora apoiada em princípios já enunciados anteriormente (12), a arqueologia que visa a *definição de áreas de influência preferencial de um povoado* foi teorizada e posta em prática a partir dos estudos de Vita-Finzi e Higgs (13), Jarman e seus colaboradores (14).

Trabalhos posteriores de autores como Flannery (15) e/ou Rossman (16) vieram exemplificar este tipo de estudos em diversas regiões do continente americano. Contudo, a partir quer desses trabalhos quer de outros mais recentes, como o aplicado a certos regiões da Península Ibérica por Davidson e Bailey (17), chegou-se a uma distinção mais fina entre "análise de território de exploração" e "análise de áreas de influência". A

primeira visa *o nível local* e valoriza a caracterização de recursos alimentares potenciais explorados directamente pelos habitantes dum povoado. A segunda pode envolver *áreas à escala regional*, e muitas vezes ultrapassa a detecção simples de recursos alimentares, privilegiando a existência de outro tipo de produtos que resultam de interacções sociais e económicas a distância.

O primeiro tipo de abordagem baseia-se no princípio muito simples (e polémico) de que a proximidade dos recursos básicos que comandam a subsistência de comunidades de caçadores, recolectores ou de agricultores determina a localização dos respectivos povoados. A *distância* pode variar entre estações e recursos consoante as sociedades são de agricultores ou de caçadores. Mas a detecção desses recursos num território previamente seleccionado deverá revelar sempre a exclusividade ou pluralidade de actividades de subsistência ali praticadas e, no último caso, a proporção de cada uma dessas actividades.

A análise dos territórios de exploração segue normalmente três procedimentos. O primeiro diz respeito à *delimitação do território de exploração para obtenção de recursos alimentares básicos*. Seguindo analogias etnográficas com base em populações de agricultores actuais, chegou-se à conclusão de que, normalmente, estes não exploram um território que fique além de cerca de 2,5 Km de marcha a pé do povoado, ou que implique gastar mais de 1 hora de caminho (18). Para saber determinar em cada área de análise, a máxima dimensão do território de exploração, será necessário ter em conta a topografia, a vegetação e outros acidentes naturais que possam, em conjunto, interferir no tempo gasto para percorrer um determinado espaço. Existem diversos métodos (19) que ajudam a achar a dimensão destes territórios. O segundo procedimento diz respeito à *descrição dos recursos existentes nesse território*: tipo de solos e de vegetação, padrão actual de utilização dos solos. O terceiro pretende, com base na avaliação dos recursos existentes num território e no contexto arqueológico do povoado que lhe corresponde, inferir as *principais actividades de subsistência exercidas pelos habitantes desse povoado*.

Muitos autores (20) têm tecido críticas aos pressupostos e aos métodos que estão na base deste tipo de análise. Enunciemos algumas: - a dificuldade em inferir dos padrões de exploração actual dum território os padrões de exploração pré-histórica: mudanças climáticas, erosão ou deflorestação dos solos e transformações humanas podem ter alterado substancialmente a paisagem pré-histórica; - o simplismo da asserção de que a economia de subsistência determina a localização dos povoados: outros factores podem influenciar, como a necessidade de defesa, de proximidade relativamente a certas matérias-primas, ou a outras comunidades ligadas por alianças de parentesco ou outras, a duração da ocupação ou a dimensão do povoado, etc., etc.; - a dificuldade em testar no "registo" arqueológico as hipóteses de uma tal relação: os testemunhos que dizem directamente respeito a actividades básicas de subsistência (vestígios de fauna e flora) conservam-se normalmente mal devido quer à constituição dos solos, quer à erosão, quer ao processo de deposição dos sedimentos arqueológicos, quer a factores de ordem social; - o carácter redutor da análise isolada de reconstituição dum território de exploração, ignorando-se muitas vezes a inserção desse território a nível regional, ou, se quisermos, descurando a análise simultânea das áreas de influência desse mesmo território: ha

verá situações em que condições sociais, económicas ou simbólicas poderão determinar, por exemplo, que as melhores terras de cultivo não se encontrem no interior do território de exploração de um povoado, sem que por esse facto este as deixe de procurar e utilizar sistematicamente. Sintetizando, o padrão de exploração potencial dum território (mesmo que se consiga atingir uma aproximação fiel do existente na época pré-histórica) não fornece, por si só, um indicador seguro sobre a estratégia económica utilizada pelos habitantes dum povoado: ao contrário, face a um padrão potencial de utilização do território, poderão ter-se dado múltiplas estratégias económicas, por vezes contraditórias, cuja apreensão só é possível atingir através duma abordagem complexa que vise o *estudo exaustivo de áreas bem delimitadas, em todas as facetas que um estudo de arqueologia espacial implica.*

Dentro deste quadro de problemas cabe salientar o trabalho recente de Gilman e Thornes (21), na apreciação dos territórios de 35 povoados do SE peninsular, do Neolítico à Idade do Bronze. A principal contribuição é a utilização de métodos de análise geomorfológica na tentativa de reconstituição aproximada das paisagens pré-históricas, em ordem à detecção dum progressivo desenvolvimento da agricultura intensiva na área. Assim, os autores procuraram observar o processo de *erosão dos solos e o volume de água disponível potencial em cada território*, que, em conjunto, poderiam ter possibilitado os principais tipos de agricultura: uma *agricultura irrigada, outra sujeita a cheias periódicas, uma agricultura de sequeiro ou de socalcos.*

A análise estatística das diferentes percentagens de categorias de terra arável existentes nos territórios das diversas estações, levou os autores à conclusão de que, ao longo de três milénios, se verificou no SE um progressivo aumento de investimento na terra, correlativo de grandes transformações sociais que conduziram sociedades originalmente igualitárias a sociedades estratificadas.

O que nos parece que neste trabalho ainda falta (aliás, reconhecido pelos próprios investigadores e, de resto, inevitável), é um estudo do contexto arqueológico dos próprios povoados que ajude a inserir as hipóteses de exploração potencial da terra. Qual a dimensão de cada estação, quais as suas características internas, qual a duração de cada ocupação, qual a função ou funções desempenhadas ao longo do tempo, a nível local e regional? Enfim, quais as estruturas sociais que determinaram, em última análise, a opção por determinadas estratégias económicas? Essas estratégias económicas reflectiram-se sempre no quadro das possibilidades oferecidas pelo meio? Há o perigo dum certo círculo vicioso nesta abordagem. E, em última análise, haverá também o perigo de que ela prove sempre o que pretende provar, ou seja, dada a impossibilidade de se testar rigorosamente o padrão de utilização da terra em épocas pré-históricas, que este modelo explicativo feche a investigação a outras hipóteses interpretativas. Contudo, pensamos que só a reconstituição do quadro dos recursos ambientais e a verificação do que foi verdadeiramente seleccionado pelos habitantes de cada povoado (o âmago do problema) poderá fazer progredir esta nova e fascinante maneira de fazer Pré-História.

. Esta segunda etapa do nosso projecto apenas será aflorada neste trabalho.

Tentaremos delimitar os territórios de exploração de cada estação e descrever, em grandes traços, os principais recursos actuais que essas áreas contêm. Mas essa abordagem, estamos certos, só levantará uma nebulosa de questões a que não poderemos, de momento, responder. Aliás, uma investigação que vise uma tal reconstituição só poderá realizar-se através dum trabalho interdisciplinar no qual participem geógrafos, geólogos, sedimentólogos, especialistas de palinologia, antracologia e fauna, integrados num projecto especificamente dirigido para a recuperação do funcionamento das sociedades no passado. Essa recuperação só pode passar, no estádio em que se encontra a investigação neste domínio, por um *intensivo programa de escavações arqueológicas*, que desde o princípio esteja virado, não só para a detecção de sequências crono-estratigráficas, mas também para a procura de elementos que resultem da exploração directa do território ou, a nível regional, da inter-dependência entre povoados ou grupos de povoados no âmbito das suas áreas de influência.

Adentro da necessidade de compreender a especificidade de cada povoado no contexto mais global da área cultural a que pertence, tornar-se-á também fundamental tentar apreender todas as formas de *interacção* resultantes do sistema social total que comanda a troca de produtos, a *cooperação inter-comunal (esporádica ou generalizada)*, as *alianças* de carácter predominantemente económico, social ou religioso.

Neste sentido procuraremos tentar estabelecer *a relação possível entre a cultura material* de cada um e do conjunto dos povoados estudados e *as estruturas sociais e simbólicas que os regem*. A análise da *variabilidade estilística da cerâmica*, será privilegiada no nosso trabalho, no âmbito das questões que se prendem com a relação entre "contexto arqueológico" e "contexto cultural", variação da cultural material e organização social, semelhança ou diferença estilística e interacção social, tal como a "Arqueologia Contextual" as formula (22).

Dada a fase embrionária da nossa investigação nesta região, todos os objectivos enunciados se inscrevem fundamentalmente no quadro de grandes metas a atingir a médio e a longo prazo. Gostaríamos, no entanto, que o presente trabalho contribuisse para desbravar caminho em alguns dos múltiplos aspectos que um projecto desta grandeza implica.

2.3 METODOLOGIA DE CAMPO E DA ANÁLISE DE MATERIAIS

. O nosso trabalho de campo visou a realização de *escavações* em *povoados* de ar livre contendo, na maior parte dos casos, *estruturas muito perecíveis*. Por outro lado, dado os objectivos a atingir numa primeira etapa do nosso projecto - detecção de sequências crono-estratigráficas - vimo-nos obrigados a *resumir a nossa acção, em cada povoado, a áreas restritas*. Apenas no povoado da Pastoria, se alargou, em área, um dos sectores de escavação e, na Vinha da Soutilha, se concluíu a decapagem de uma estrutura habitacional. Apesar deste condicionalismo inerente à estratégia da nossa investigação, as escavações, mesmo quando confinadas a áreas limitadas, foram *simultaneamente "estrati-*

gráficas" e "horizontais", ou seja, pretenderam registar ao mesmo tempo a sobreposição das camadas e, no interior de cada uma, a posição relativa dos vários elementos contemporâneos que as integravam.

Salvo em Castelo de Aguiar, as outras estações forneceram sequências de ocupação com pouca espessura de sedimentos, revelando *estratigrafias simples*.

Foi em função desta realidade constituída por "habitats" com estruturas perecíveis, sequências de ocupação pouco "espessas", necessidade de intervenções em áreas restritas, que se adoptaram os procedimentos de escavação e registo que passamos a descrever de forma sucinta.

- Todas as áreas de escavação se integraram num *sistema de quadriculagem ortogonal de malha fina* (2 x 2 m), tendo os quadrados sido numerados segundo o *sistema clássico de letras e números em abcissas e ordenadas*. A necessidade de alargar futuramente a escavação no povoado da Vinha da Soutilha a uma *grande superfície* determinou que montássemos ali desde já um sistema geral de numeração exclusivamente com números árabes precedidos quer do sinal + quer do sinal -, que permitirá no futuro o definitivo e rápido registo espacial de qualquer testemunho em qualquer ponto da estação. Os sectores de escavação previamente registados segundo o sistema de letras e números serão posteriormente reconvertidos ao novo sistema.

- As áreas de escavação foram normalmente *orientadas segundo a direcção N-S*, salvo em casos em que a topografia da estação exigiu uma outra orientação, como, por exemplo, aconteceu num sector da estação de S. Lourenço, em que a área das sondagens se materializou perpendicularmente às curvas de nível de um esporão.

- Todos os sectores de escavação foram ligados a um *ponto de referência altimétrica local* e, posteriormente, *à rede global da estação*.

- Em áreas mais amplas foram sistematicamente deixadas *"banquetas"* de 40 cm de largura para leitura e registo da estratigrafia, segundo orientações diversas, consoante as exigências da própria escavação.

- Optou-se pelo processo de *decapagem das camadas reais*, ou seja, seguindo a inclinação dos diferentes tipos de sedimentos e estruturas na sua relação espacial original. Este processo, que implica uma *correcta interpretação arqueológica, no local, do processo de formação de cada unidade estratigráfica*, resultou relativamente fácil no tipo de estações que abordámos, onde existe uma pequena sequência de camadas e onde estas se diferenciam claramente uma das outras. No entanto, a par desta decapagem das camadas reais, e para poder salvaguardar qualquer erro de interpretação no local, adoptou-se um *processo de registo paralelo*, que, utilizando uma expressão de H. Galinié (23), podemos chamar *"registo sistemático"*. Assim, a cada sedimento que se diferenciasse do ponto de vista de cor e textura ou a cada estrutura (positiva ou negativa), demos-lhe um número, uma letra ou uma sigla e descrevemo-los, não só em função das suas características in-

ternas, mas, desde logo, em função da categoria arqueológica em que se poderiam incluir: *elementos resultantes de ocupação ou destruição e abandono, de construção, transporte ou duma acção natural*. Na verdade, pensamos que, embora passível de ser corrigida por análises laboratoriais posteriores, a *interpretação arqueológica da formação das camadas deve ser feita no próprio momento da sua detecção*. Compete ao responsável pela escavação de um sector decidir em que camada real tal sedimento ou estrutura se deve integrar (24). Se posteriormente, pelo estudo global de todos os dados, nomeadamente a análise dos sedimentos e a posição estratigráfica dos materiais, houver necessidade de uma correcção importante, *o registo sistemático de todas as unidades estratigráficas, mesmo as mais simples, permite uma rápida reconversão dos dados, pois aquele é independente do "registo interpretativo"*.

- Consideramos *três grupos de unidades estratigráficas*. Das mais simples para as mais complexas seleccionámos as seguintes: *estrato e estrutura, camada e nível de ocupação*. Um piso de argila ou de saibro, um nível lenticular de cinza, um nível de areia ou cascalho, podem ser, respectivamente, *estratos* (sedimentos) resultantes duma ocupação, duma destruição ou duma deposição natural. Mas também podem ser estratos resultantes de uma acção intencional de ocupação. Os *estratos são unidades estratigráficas normalmente pouco espessas e pouco extensas*, embora possa haver excepções a esta regra. Inserem-se no interior de uma unidade estratigráfica mais abrangente que é a camada. Também as *estruturas* são unidades que ocorrem no interior das camadas, podendo ser genericamente classificadas de positivas (por exemplo, lareiras estruturadas, estruturas aéreas de armazenamento) e negativas (fossas, buracos de poste, etc.). É óbvio que no interior das estruturas podem surgir sedimentos (ou estratos) que constituem o seu enchimento.

Uma *camada* é uma unidade estratigráfica mais complexa, normalmente com maior potência de sedimentos e mais extensa. Salvo se nos encontramos perante uma *camada natural*, formada no local ou depositada, mas estéril, a grande maioria das *camadas observadas são predominantemente devidas à acção humana*. Existem camadas arqueológicas que integram sedimentos no interior dos quais os elementos arqueológicos se encontram totalmente fora da sua posição original, de forma que não é possível reconstituir o processo da deposição, e, muito menos, da actividade ou actividades humanas que lhes deram origem. Estas camadas podem resultar do *abandono e destruição do "habitat"*, ou serem fruto de *revolvimentos naturais* de origem diversa. *Outras camadas inserem estratos, estruturas e materiais que se encontram na sua posição original ou, no caso de alguma perturbação estratigráfica, possibilitam ainda a reconstituição do processo de sobreposição dos sedimentos e a detecção das actividades humanas ali realizadas*. São *camadas de ocupação* onde é possível encontrar materializadas diversas situações, produto da acção humana. Algumas e raras vezes deparámo-nos no interior das camadas, com verdadeiros *solos de ocupação: superfícies preservadas, onde todos os testemunhos* (encontrados na sua posição original) *coexistiram durante um lapso de tempo curto, os quais foram imediatamente selados por estratos de saibro, argila, cinza, etc., ou estruturas, como muros ou muralhas*. Mas, o que se verifica, na grande maioria das vezes, é que tais solos nunca chegam a ser "fossilizados", ou seja, que não ocorrem condições posteriores de deposição dos sedimentos que selem essas superfícies. Como nos diz radicalmente Galinié (25), "... durante a ocupação do "ha

bitat", nunca houve *um* solo, mas uma lenta acumulação de detritos que, uns após outros, formaram superfícies nas quais os habitantes se deslocaram". Assim, uma *camada de ocupação integra, em regra, uma amálgama de antigos "solos de ocupação" não "fossilizados"* (eventualmente expressos em estratos e estruturas), *onde é muito difícil provar a estrita contemporaneidade de todos ou de alguns dos testemunhos que a integram e, muito menos, descortinar actividades concretas de curta duração*. Importa também salientar que, para além da textura e da cor, dos estratos e das estruturas que a caracterizam, *uma determinada camada de ocupação* deve ser confirmada também pelos materiais arqueológicos que dela fazem parte. Ou seja, deve haver uma inequívoca "homogeneidade cultural" dos materiais e artefactos que a constituem, a qual deve estar em sintonia com a realidade estratigráfica observada.

Finalmente, o *nível de ocupação* traduz-se normalmente em uma ou mais camadas de ocupação, podendo ainda incluir outras de abandono ou destruição. A sua interpreção resulta da avaliação em conjunto das diversas realidades "estratigráficas" e "espaciais" e do tipo de materiais nelas incluídos. Um nível de ocupação pode corresponder a uma camada de ocupação e a outra de abandono, formando as duas *uma unidade coerente no tempo e no espaço*. Mas pode também corresponder apenas a uma camada de ocupação que não sofreu abandono ou destruição, mas à qual se sobrepôs, de imediato, outra camada correspondente a um outro nível de ocupação, ou se preferirmos, uma outra *fase cultural*. Assim, um "nível de ocupação" só muito dificilmente é detectado durante o processo de escavação: ele é uma *construção* a partir da correlação de muitos dados, a maior parte dos quais resultam dum longo trabalho de gabinete, que procura observar as *continuidades e descontinuidades ou rupturas culturais* inerentes à ocupação dum sítio ao longo dum certo período de tempo.

- Os materiais encontrados nas nossas escavações foram globalmente registados *no interior das unidades estratigráficas-estrato, estrutura e camada*. Para os materiais mais significativos (encontrados "in situ") o seu posicionamento foi tridimensional (26). Assim, por exemplo, um vaso proveniente do povoado de S. Lourenço poderia ter a seguinte referência:

1 - S.LRN 84

2 - S. II

3 - A1

4 - c.4

5 - LAR. 1

6 - x - 30 cm
y - 40 cm
z - 150 cm

A tradução é a seguinte: S.Lourenço (1984), Sector II, Quadrado A1, Camada 4, Lareira 1, Coordenadas x, y, z. Neste caso, não é possível ainda, com os dados dispo

níveis, saber se a camada 4 corresponderá a um nível de ocupação independente e autónomo neste sector. O que é importante assinalar é que o referido vaso está registado pela inclusão numa camada específica, pela associação a uma estrutura (lareira) e pelo seu posicionamento tridimensional no interior duma quadrícula geral que abrange o Sector II de escavação. Nos materiais não encontrados "in situ" omitiu-se, em geral, o posicionamento tridimensional.

Cabe ainda acrescentar que dentro duma camada de ocupação ou abandono/destruição, na ausência de estratos, estruturas ou solos de ocupação, e quando aquela apresenta uma grande espessura, optámos por a sub-dividir artificialmente em "estratos" de 5 ou 10 cm, nos quais foram registados os materiais neles encontrados.

Assim, o registo dos materiais não foi feito em função duma análise interpretativa apriorística (que teria condicionado a própria técnica de escavação), mas tornou-se independente dessa mesma análise, vinculando-se a *unidades estratigráficas autónomas* que são construídas com base na diferenciação sedimentológica ou na existência de estruturas.

- A grande questão colocada pela análise estratigráfica e espacial duma escavação é a da *interpretação da coexistência ou não dos diversos tipos de testemunhos arqueológicos*, por um lado, e *o da escala em que essa hipotética coexistência se processa*. Mesmo quando estamos perante uma camada que revela uma ocupação de curta duração (com todos os seus testemunhos deixados na posição original), se nela não existe um verdadeiro "solo de ocupação", não temos qualquer prova de que os materiais e estruturas aí contidos tenham sido totalmente contemporâneos. Podem ter sido apenas *parcialmente contemporâneos, não se sabendo sequer quais os protagonistas dessa relação de "convivência"*. Assim, só podemos dizer (se conseguirmos determinar os parâmetros cronológicos dessa ocupação) que tais elementos arqueológicos foram "globalmente contemporâneos" durante a fase x, numa escala de grandeza (e de incerteza) que é certamente maior do que a que desejaríamos.

Um próximo trabalho de investigação espacial em qualquer das estações onde agora se começou a escavar, terá de reflectir seriamente sobre o *aprofundamento das técnicas de registo, no sentido de futuramente se retirar o máximo de informação*, em função dum questionário exaustivo que pretenda ultrapassar esse aspecto limitativo imposto pela própria realidade arqueológica.

. A metodologia utilizada no *estudo dos materiais* encontrados nas escavações dos quatro povoados pretendeu, em qualquer dos casos, *privilegiar a classificação técnica e morfológica sobre a funcional*. Não porque não reconheçamos que a interpretação funcional dos artefactos arqueológicos seja um objectivo primordial a atingir. Em algumas situações da nossa análise foi mesmo possível colocar a hipótese da sua funcionalidade global. Mas, na ausência de estudos exaustivos sobre vestígios de utilização de muitas das peças, e perante o conhecimento de experiências etnográficas, em que os mesmos tipos de objectos podem desempenhar diversas funções, ou à mesma função correspondem artefactos tipologicamente diferentes, preferimos, numa primeira fase, classificar os arte-

factos na sua "materialidade" mais imediata.

A classificação dos materiais líticos, metálicos e ósseos, foi breve e concisa e a da cerâmica, embora mais desenvolvida, também não procurou ser exaustiva, na medida em que *este trabalho não tem por finalidade primordial a construção duma tipologia dos artefactos estudados, mas utilizar os dados sugeridos pela análise técnica, morfológica (e funcional) dos mesmos para enformar o quadro cronológico e cultural que pretendemos esboçar.*

- A caracterização dos *objectos líticos de pedra lascada* integrou princípios e sugestões fornecidos por diferentes listas tipológicas construídas para artefactos pré-históricos de diversas regiões do globo, tentando articular a metodologia da tipologia estatística proposta por F. Bordes (27), da tipologia analítica de G. Laplace (28) e da morfologia descritiva de A. Leroi-Gourhan (29). A análise técnica determinou, em primeiro lugar, a observação das *técnicas de talhe, de debitagem e de retoque*. A grande maioria das peças líticas encontradas nas nossas estações resulta da *debitagem de lascas e lâminas* ou da utilização (retoque) de simples *placas* de xisto já previamente partidas naturalmente. Independentemente do reconhecimento da forma destas lascas e lâminas, utilizaram-se, frequentemente, medidas (como o comprimento e a largura) e índices (de alongamento e espessura) para caracterizar morfologicamente os objectos.

Mas a nossa principal preocupação incidiu sobre as *técnicas de retoque* das peças, através da observação da sua direcção, localização, técnica e incidência (30).

A caracterização tipológica de cada artefacto resultou, portanto, da análise conjugada da forma, talhe/debitagem e retoque (em particular da sua localização e extensão).

Os principais *artefactos de pedra lascada* detectados nas nossas escavações podem-se agrupar em duas categorias: os insertos em *tipos bem sistematizados* por diversas listas tipológicas, de amplo espectro espacial e cronológico (raspadeiras, raspadores, "rabots", furadores, "coches", denticulados, "foices" e pontas de seta) e *lascas e lâminas retocadas indiferenciadamente*, cuja tipologia incaracterística e universal, as coloca na classe de *objectos* (de forma e retoque simples) *que podem ter desempenhado múltiplas funções de uso quotidiano* (31).

Relativamente ao grupo das *raspadeiras*, *raspadores*, *furadores* e *"coches"* adoptámos alguns dos princípios definidos pelo G.E.P.M. (32) para caracterizar objectos epipaleolíticos e mesolíticos, cuja morfologia apresenta, no entanto, uma larga sobrevivência em épocas posteriores. Assim, *as raspadeiras* são consideradas objectos sobre lascas ou lâminas, cuja extremidade apresenta uma frente retocada convexa, em círculo, utilizando um quarto, metade ou até mais dessa extremidade (33). Adentro das raspadeiras assinalámos as *carenadas*, muito abundantes nos nossos contextos, particularmente as *carenadas frontais curtas*, sub-tipo da tipologia analítica de Laplace (34). É de acentuar o *retoque lamelar das raspadeiras carenadas*, mesmo quando a matéria-prima (neste caso, o quartzo) dificulta este tipo de retoque. Além das *raspadeiras carenadas*, surgem *raspa-*

deiras duplas, raspadeiras circulares e ovalares, arredondadas, etc., todas sobre lasca.

Segundo A. Rigaud (35), as raspadeiras madalenenses poderiam ter servido para trabalhar matérias resistentes como o osso e a madeira. Embora possam ter desempenhado durante o Neolítico e o Calcolítico outras funções, não é de desprezar a hipótese de que tenham continuado a realizar predominantemente aquelas. Por outro lado, o aspecto robusto e retocado da extremidade não funcional destes artefactos indica que esta poderá ter servido para encabamento (36). Enfim, como nos diz Piel-Desruisseaux , "... a raspadeira é o utensílio doméstico de todas as épocas" (37), sendo, nos nossos povoados, aquele que apresenta maior homogeneidade morfológica e técnica.

Os *raspadores* são objectos "sobre lasca, através de retoque contínuo total ou quase total em um ou em vários bordos, de forma a dar um gume semi-cortante, sem "encoche" ou denticulação voluntária marcada..." (38). Por outro lado, Piel-Desruisseaux (39) dá-nos uma definição simples, que, embora não abrangente, é fiel à faceta mais explícita deste artefacto: ele é uma lasca em que um dos bordos laterais se encontra transformado em gume cortante.

Por vezes, neste caso, é difícil separar um raspador lateral de uma lasca retocada lateralmente. Existem raspadores simples ou duplos (paralelos ou convergentes). As variedades são múltiplas consoante a localização, extensão e tipo de retoque (40). Segundo Bordes (41), o raspador deve estar preferencialmente relacionado com a actividade de raspagem.

Os *furadores* são, segundo Sonneville-Bordes e Perrot (42), lascas ou lâminas com "ponta direita ou encurvada, nitidamente destacada através de retoques bilaterais, por vezes alternos com uma parte saliente simples ou dupla". Assim como no Epipaleolítico (43), também nos nossos contextos encontramos furadores cuja ponta não se destaca do corpo da peça através dum estreitamento significativo.

As matérias primas que podem ser perfuradas com tais artefactos são inúmeras: madeira, osso, variscite, talco, ou mesmo rochas semi-duras, de que são feitos machados polidos e percurtores. Podem ser utilizados directamente com a mão ou com a ajuda de um cabo de madeira ou osso (44).

Os *"encoches"* são lascas retocadas lateralmente que revelam "uma série de retoques formando uma linha côncava e apresentam um ou dois ângulos mais ou menos marcados em relação ao bordo da peça" (45).

Este tipo de objectos pode, segundo diversos autores, como nos lembra Piel-Desruisseaux, ter desempenhado o papel de "raspadeira côncava", ter servido para "endireitar objectos em madeira, osso ou marfim" ou ainda para "arredondar objectos de madeira" (46).

Os *"rabots"*, embora apenas considerados pelo G.E.P.M. (47) como núcleos de bordo preparado para a debitagem, são classificados por muitos outros autores (48) como *raspadeiras grosseiras ou robustas*, muitas vezes aproveitando núcleos prismáticos.

Ocorrem nos nossos contextos, na verdade, grandes núcleos ou cristais de quartzo afeiçoados na extremidade que correspondem a este tipo de artefactos. Podem os "rabots" ter tido uma função correlativa da das raspadeiras, mas para anular as rugosidades do osso ou da madeira (49).

Os *denticulados* são normalmente considerados instrumentos sobre lasca, lâmina ou lamela que "apresentam vários "coches" entre os quais dois ou mais são adjacentes", como nos diz T. Tixier (50). São utensílios que podem servir para raspar ou cortar. A divergência de diferentes autores quanto à caracterização deste artefacto, resulta, para Brézillon (51), da imprecisão do termo "coche". Existem também diferentes tipos de artefactos que podem ser denticulados, como as próprias raspadeiras (52) ou as "foices" sobre lâminas (de que ainda não falámos), nos quais a denticulação pode reforçar a potencialidade da função dos respectivos objectos.

Existem nos nossos povoados *lâminas de sílex de secção normalmente trapezoidal, finamente retocadas (lateral ou bilateralmente)*, cuja morfologia e tipo de retoque as faz aproximar do que alguns autores designam *"foices simples"* (53). Algumas, quando retocadas nos dois bordos laterais, poderiam ser encabadas obliquamente num cabo de osso ou madeira rectilíneo, como o tipo Egolzwil 3 (54); outras, quando finamente retocadas apenas em um dos bordos laterais (sendo o outro apenas sumariamente desbastado e afeiçoado) poderiam ter sido encabadas paralelamente ao eixo do cabo, o qual teria a sua extremidade distal encurvada, como o tipo Egolzwil 5 (55). Em alguns casos o *lustro existente no bordo funcional destes instrumentos* leva-nos a aceitar que muitas destas lâminas funcionaram mesmo como instrumentos cortantes na colheita de cereais.

Ainda adentro dos artefactos cuja tipologia é bem conhecida contam-se as *pontas de seta* (podendo algumas ter funcionado como pontas de dardo). Nos nossos contextos, detectámos dois grandes grupos morfológicos (56): *o das pontas de forma triangular de base recta, côncava ou convexa (e triangular) e o das pontas de base pedunculada e aletas*. Os bordos destas pontas podem ser rectilíneos, convexos, côncavavos ou sinuosos, assim como a direcção das aletas e o tipo de pedúnculo (comprimento, espessura e largura) pode substancialmente variar em cada exemplar. Também os índices de alongamento e espessura destes objectos podem ser muito diversos, o que, juntamente com tipos de retoque e as outras características já apontadas, determina a possibilidade de criação de grande número de tipos, sub-tipos e variantes (57). Foram consideradas os seguintes índices de alongamento: alongado ($\frac{Alt}{Larg}$ = > 2), mediano ($\frac{Alt}{Larg}$ = 1 - 2), curto ($\frac{Alt}{Larg}$ = < 1). Os índices de espessura ou carenagem foram assim definidos; índice abatido (igual ou superior a 8); índice alteado (4 a 8); índice espesso (inferior a 4).

Finalmente, há que mencionar as *lascas e as lâminas retocadas lateralmente*, cuja função ou funções são mais difíceis de determinar. O bordo lateral pode não ter qualquer preparação, sendo apenas visíveis vestígios de utilização. Mas também pode integrar *pequenos retoques, muito simples, contínuos ou descontínuos, directos ou alternados*. Em alguns casos, o bordo oposto ao funcional é espesso e está nitidamente afeiçoado para facilitar quer a utilização directa com a mão, quer o encabamento do objecto num cabo de osso ou madeira. É evidente que um tal tipo de artefacto, pela sua simples

concepção, pode ter servido para cortar, raspar, afiar, etc., entre uma grande diversidade de funções "domésticas" possíveis (58).

Adentro das lascas e lâminas retocadas interessa referir a presença em uma das estações de *utensílios sobre lasca, em corneana* (com parte do córtex ainda presente), *de forma ovóide ou rectangular*, que deverão ter sido encabados, e que poderão ter servido para cortar e raspar matérias mais duras, como caules de plantas (59).

- A nossa classificação sumária de *goivas, enxós e machados polidos* utilizou algumas sugestões do método de análise de G. Souville, mas acrescentou, por vezes, outros elementos descritivos (60). Assim, estes objectos, preferencialmente relacionados com o abate arbóreo e a agricultura, foram classificados em função da forma geral (trapezoidal, rectangular, etc.), simetria do gume, tipo de perfil (estreito ou espesso), forma do gume (rectilíneo, curvilíneo) e secção mediana do objecto (oval, rectangular, bi-convexa, etc.). Observaram-se ainda os índices de alongamento e de espessura mediana da secção destes objectos (61).

— *Os elementos móveis e fixos de moinhos manuais* foram caracterizados pela sua forma, dimensão e secção. Também se atendeu à extensão da área polida, resultante da fricção sobre a parte fixa do moinho (62).

— *As contas de colar*, realizadas em várias matérias-primas (variscite, talco, cerâmica, etc.) foram analisadas tendo em conta a tipologia geral de Camps (63) para objectos de adorno do Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze inicial, e tipologias parcelares regionais, como a de V. Leisner e colaboradores (64) para contas calcolíticas da Estremadura portuguesa e de V. e G. Leisner (65) para o Sudoeste peninsular. Privilegiou-se a descrição da forma global da peça e sua secção média, o índice de alongamento, juntamente com o tipo de perfuração.

— A caracterização petrográfica dos objectos líticos teve a colaboração de A. A. Huet Bacelar, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

— *Os objectos metálicos* (em cobre arsenical) podem ser agrupados em duas categorias funcionais: *utensílios* e *armas*. Entre os primeiros seleccionámos os *machados*, os *punções* (furadores?), as *"facas" curvas (foices?)* e os *cinzéis*; entre os segundos, os *punhais* e as *pontas de lança*. Para os machados seguimos a tipologia morfológica exaustiva de Monteagudo (66), que sistematiza centenas de machados metálicos da Península Ibérica. Os punhais e as pontas de lança foram caracterizados em função de múltiplas tipologias regionais do Calcolítico Peninsular (67) e também da Idade do Bronze francesa (68).

Os punções, cinzéis e "facas" curvas (foices?), de tipologia muito simples, foram classificados tendo em atenção as listas de objectos metálicos calcolíticos do Sul da Península, com as quais existem estreitas afinidades morfológicas, cronológicas e culturais (69). Dada a grande tipificação destes objectos metálicos e a sua raridade nos nossos contextos, eles foram apenas globalmente classificados em termos de grandes catego-

rias morfológicas. De resto, a sua descrição mais pormenorizada seguiria os mesmos princípios já enunciados para peças líticas. Sempre que foi possível, obtivemos a análise da composição metalográfica das peças (70). Todos estes objectos poderão desempenhar, regra geral, funções equivalentes às dos objectos em pedra com a mesma morfologia.

— Os raros *objectos ósseos* encontrados nas nossas estações (punções, prováveis cabos de instrumentos líticos ou metálicos) foram também genericamente classificados tendo presente a lista tipológica da indústria de osso epipaleolítica e neolítica do Magrebe e do Sara, de Camps-Fabrer (71) e, mais próximo da nossa região, a indústria de osso calcolítica (ainda não sistematizada) de contextos meridionais peninsulares (72).

— Entre os *objectos cerâmicos*, cabe salientar a presença de *placas de forma rectangular*, com quatro perfurações, duas em cada extremidade, que foram analisadas morfologicamente (forma, dimensões, secção, tipo de perfurações), tendo presentes listas de objectos semelhantes encontrados em contextos similares do Sul da Península (73). Estes objectos são normalmente designados "pesos de tear".

— A caracterização técnica e morfológica dos *recipientes cerâmicos* utilizou princípios e métodos expressos por diversas autores, entre os quais cabe salientar H. Balfet e colaboradoras (74), Séronie-Vivien (75) e J.-C. Echallier (76) e ainda sugestões de J. Vaquer (77), I. Hodder (78) e M. Millett (79).

A análise das *pastas* privilegiou, em primeiro lugar, a caracterização genérica dos elementos não plásticos (e.n.p.), também chamados desengordurantes, insertos na argila de base. Utilizámos aqui indiferenciadamente o termo "desengordurante" e "elemento não plástico", na linha de Jean-Claude Echallier (80), o que não implica que o "desengordurante" tenha sido intencionalmente adicionado à terra utilizada. Na verdade, o quartzo ou a mica (os e.n.p. mais comuns observados), por exemplo, são *"desengordurantes" naturais*, presentes nos barreiros argilosos utilizados pelos oleiros das cerâmicas que estudámos (81). Só um estudo microscópico exaustivo pode, na maioria dos casos, fornecer indicações sobre o carácter natural ou artificial desses elementos não plásticos, que funcionam como desengordurantes na preparação da pasta. Apreciámos em segundo lugar, o *calibre* desses e.n.p. e dividimo-los em três categorias: 1 - < 0,5 mm; 2 - 0,5/1 mm; 3 - - > 1 mm. A proporção do desengordurante, a sua repartição e o aspecto da parte argilosa interna forneceu-nos o *tipo de textura*, decomponível em três categorais: friável, compacta ou homgénea. Constatámos o predomínio nas nossas cerâmicas da *textura compacta* (e.n.p. de calibre médio (0,5-1 mm), proporção do desengordurante média (15-30%), repartição do mesmo regular).

Analisámos ainda a *cor das superfícies externa e interna* e do *núcleo central em zonas de fractura*, servindo-nos do código de cores de Cailleux (82), tentando articular tal dado com a natureza e composição da argila de base e, naturalmente, com o *tipo de cozedura* que descreveremos adiante. Uma vez constatado que o *tipo de moldagem era sempre manual*, detivemo-nos na análise do *tratamento das superfícies*. Distinguimos dois grandes tipos de tratamento: *o alisamento* e o *polimento*. O primeiro, predominante, é entendido

como acção de regularização da superfície ainda húmida; o segundo como uma acção de fricção sobre a superfície já seca, deixando-a brilhante. Em alguns casos pareceu-nos que a superfície poderá ter sido objecto dum *engobe*: acção de cobertura da superfície, antes da cozedura, dum revestimento argiloso. O engobe pode ser de cor semelhante ou diferente da que constitui a cerâmica. No primeiro caso, o engobe é muito dificilmente reconhecível em termos macroscópicos. Ora, precisamente, nos nossos contextos, os exemplares que podem ter engobe não apresentam, em regra, uma diferenciação de cor das suas superfícies. Contudo, um exemplar analisado por processos mais sofisticados (83), que revelou uma cor distinta à superfície, poderá ter tido, segundo especialistas, o tratamento referido.

Não queremos, no entanto, arriscar a afirmação da presença do engobe nas cerâmicas observadas sem um estudo mineralógico cuidadoso, que não tivemos oportunidade de mandar realizar (84).

Foram ainda observadas *superfícies rugosas ou deficientemente alisadas*, além duma percentagem relativamente alta de superfícies naturalmente *corroídas*.

Quanto às *técnicas decorativas* utilizadas, devemos salientar que todas elas se produziram *antes da cozedura*, quando a pasta estava ainda húmida ou quando esta já se encontrava seca. Dividimo-las em *decorações que perfuram a pasta e decorações em relevo* (85).

Adentro das primeiras cabe a *incisão, a impressão e o puncionamento*. Adentro das segundas, a *decoração plástica* (cordões e mamilos). Esta sub-divisão não segue estritamente as classificações mais habitualmente utilizadas, carecendo, por isso, duma explicitação pormenorizada.

Adentro da *incisão* cabe a acção de riscar, de forma contínua, a argila ainda crua, com *um estilete de extremidade variável*. O traço é linear, podendo ser profundo ou superficial, largo ou estreito. Neste caso, os *sulcos canelados* ou mesmo as *caneluras* (médias ou largas) são consideradas por nós como formas de incisão, ao contrário de Séronie-Vivien (86) que as considera já impressões. Também na definição da incisão é importante ter em conta que, *no caso de repetição do mesmo motivo traçado por incisão, este nunca deve ser rigorosamente idêntico ao anterior*. Isto deve-se ao facto de o *motivo ser riscado apenas com a ajuda de um estilete ou punção individual e nunca com uma matriz múltipla*. Assim, contrariamente ao que defende Balfet e suas colaboradoras, pensamos que uma decoração "penteada" não deve ser considerada como "uma série de incisões paralelas" (87), pois o facto de essas "incisões" resultarem de acção simultânea de vários "dentes" de uma matriz, deslizando sobre a pasta, determina um efeito repetitivo que, segundo o nosso critério, não é inerente à incisão. Digamos que nesta definição de incisão, privilegiamos não apenas *o traçado linear sobre a pasta, mas a simplicidade deste traço, criada pelo tipo de instrumento que o produz*.

Entre a *impressão* e o *puncionamento*, existe apenas uma diferença: o tipo de instrumento com que as duas técnicas são realizadas. A primeira utiliza uma matriz múltipla, o segundo um estilete simples, cuja extremidade pode ser aguçada, romba, em S,

quadrangular, triangular, etc..

De resto, as duas técnicas têm em comum imprimir por simples pressão perpendicular ou oblíqua, *motivos idênticos normalmente descontínuos*. A grande maioria dos autores integra o puncionamento na categoria da impressão (88). Existem, no entanto, variantes: o *puncionamento arrastado* ou a *impressão arrastada* traçam os seus motivos através dum movimento de "vai-vem", ou o que Balfet chama "um mouvement de bascule" (89). O *puncionamento e a impressão (simples ou arrastada)* repetem assim, de forma descontínua, *motivos rigorosamente idênticos*. Adentro do puncionamento arrastado existe uma sub-variante que nós designámos *"puncionamento de tipo Boquique"*, por comodidade de expressão. Ele aproxima-se de tal técnica identificada, em diversos contextos, na Meseta (90) embora apresente aqui particularidades marcantes: o estilete apresenta predominantemente, nas cerâmicas do Norte de Portugal, uma extremidade rectangular ou em meia-lua, ao contrário da extremidade muita aguçada da "técnica de Boquique" clássica. Na verdade, pensamos que a designação de tal técnica, dada a diversidade que pressupõe na Península Ibérica, deverá ser revista, mas não cabe no âmbito deste trabalho tal reanálise. Convém lembrar que a *impressão "penteada"* - acção de fazer arrastar, de forma contínua, sobre a pasta, uma matriz denteada - se aproxima da *impressão com roleta* (em que a matriz denteada também rola sobre a superfície a decorar) (91). A diferença está no facto de que, nesta última, a matriz tem um movimento duplo (de rotação e "translação") enquanto que na impressão "penteada", a matriz risca apenas segundo um movimento único, em torno da superfície do vaso. Aquilo que, de facto, mais distingue a *impressão "penteada"* das restantes formas de impressão é o carácter contínuo da primeira. Mas pensamos que, subjacentemente à impressão "penteada", preside o princípio básico de qualquer impressão: *a multiplicação de motivos idênticos graças à utilização de uma matriz múltipla*.

Adentro da *decoração em relevo* podemos adoptar a classificação de Sêronie - Vivien (92): em *relevo contínuo* temos *cordões simples*, aplicados ou repuxados; em *relevo descontínuo* temos os *mamilos*, que também podem ser adicionados à parede do vaso ou resultando duma deformação desta por repuxamento. A secção dos cordões e dos mamilos é devidamente caracterizada.

O processo de *cozedura* duma cerâmica é definido sinteticamente por Balfet e suas colaboradoras (93): "operação que consiste em submeter um objecto feito em pasta argilosa a uma temperatura tal que lhe provoque uma transformação irreversível de desidratação".

As mesmas autoras dizem-nos que a *cozedura* sofre diversas transformações segundo o grau de *temperatura* atingido, a *atmosfera de cozedura* e a *natureza da argila*. A temperatura atingida varia consoante a natureza da pasta (mais ou menos refractária) e o tipo de "fogo" (aberto ou fechado). Mas o grau de temperatura só pode ser determinado por especialistas, normalmente em presença de materiais existentes no interior das argilas que sofrem transformações a partir de determinados limiares de temperatura. As análises realizadas em dezoito fragmentos cerâmicos provenientes das quatro estações não foram concludentes (94). A *atmosfera de cozedura* pode ser *oxidante* ou *redutora*. A "atmosfera oxidante contém o oxigénio livre e favorece, de facto, a oxidação da pasta, e, nomeadamente, das matérias orgânicas e compostos ferrosos" (95). A "atmosfera redutora não contém

oxigênio livre; a combustão das matérias orgânicas produz-se lentamente e os compostos ferrosos não são oxidados" (96).

Como se vê, é primordial na distinção dos dois tipos de atmosferas a *presença de compostos ferrosos*. É também através deles que podemos aceder ao principal critério empírico de identificação da atmosfera de cozedura: *a cor das cerâmicas*. Em cerâmicas onde abundem compostos ferrosos a cor será tanto mais avermelhada quanto existir uma atmosfera oxidante e tanto mais acinzentada quanto a atmosfera for redutora.

Contudo, como todos os especialistas deste domínio sabem, *o critério da cor é insuficiente para caracterizar o tipo de atmosfera de cozedura*: as diferentes partes duma cerâmica podem ser expostas de forma diferente à influência de oxigênio; por outro lado, a presença da cor acinzentada pode dever-se a elementos carbonosos no interior da argila, não completamente consumidos; em argilas onde não abunda ou onde não existe a componente ferrosa também não é possível verificar a relação entre a oxidação e a cor dos elementos argilosos. Apenas quando estamos perante um *núcleo acinzentado* em argilas superficialmente avermelhadas ou de cor beije, podemos interpretar esse dado como um sinal de oxidação incompleta, a qual, propagando-se do exterior para o interior das paredes dos vasos, poderá não ter atingido a sua parte interna.

Assim, dados os condicionalismos apontados, preferimos não caracterizar a atmosfera de cozedura a partir apenas da cor das superfícies, deixando esta problemática em aberto para futuros estudos exaustivos sobre a estrutura interna das pastas destas cerâmicas.

A *caracterização morfológica* dos recipientes cerâmicos tentou atender à *dupla distinção entre formas abertas/formas fechadas* e *formas simples/formas compósitas*. A primeira distinção separa os recipientes cujo diâmetro máximo corresponde ao da abertura (recipiente aberto) dos que apresentam um diâmetro máximo que coincide com o da parte média do corpo do vaso (recipiente fechado). A segunda distinção diz respeito a formas redutíveis, por um lado, a um volume geométrico (formas simples) e a formas que, por outro, devido à sua maior complexidade, têm de ser referidas, quer relativamente a um dos volumes que as constituem, que à direcção do seu perfil, etc. (formas compósitas) (97).

Na nossa amostragem cerâmica apenas as formas simples integram recipientes abertos e fechados. As formas compósitas são todas fechadas (98).

A caracterização das formas recorreu a *quatro medidas*: Alt = altura máxima, Esp = espessura das paredes, Dam ext bc = diâmetro externo da boca, Dam ext pc = diâmetro externo da pança; *dois índices*: P - índice de profundidade $(\frac{\text{Alt} \times 100}{\text{Dam ext bc}})$, *A* - índice de abertura da boca $(\frac{\text{Dam ext bc} \times 100}{\text{Dam ext pc}})$; *quatro volumes*: da esfera $(\frac{4}{3}\pi r^3)$, da calote ou segmento esférico $[\frac{1}{3}\pi h^2(3r - h)]$, do tronco de cone $[\frac{1}{3}\pi\, h\, (R^2 + r^2 + Rr)]$ e do cilindro $(\pi r^2 g)$.

A manipulação do volume requer uma explicação prévia. Como a grande maioria das formas analisadas são simples (redutíveis, portanto, a uma figura geométrica), utilizámos o volume projectado das formas geométricas que mais se aproximavam das dos nos-

sos recipientes para, indirectamente, acedermos à sua genérica *capacidade ou litragem*. Nos casos em que os recipientes eram compostos pela justaposição de várias figuras geométricas (um segmento de esfera e um tronco de cone, um segmento de esfera e um cilindro, uma esfera e um cilindro/ou um tronco de cone), somámos o volume dessas várias formas parciais, achando, assim, a litragem pretendida. É óbvio que o resultado obtido apenas corresponde a uma *aproximação genérica* do volume real dos recipientes, valendo como uma *referência*, necessariamente grosseira, mas, apesar de tudo, útil para o estabelecimento de *grandes parâmetros de litragem*.

Adentro das *formas simples*, achámos *vários tipos* - esféricos, semi-esféricos, calotes de esfera, tronco-cónicos, bicónicos (achatados) e elipsoidais. Alguns destes tipos apresentavam um ligeiro estrangulamento do colo. Por esse facto, não os consideramos adentro da categoria de formas compósitas (99), mas apenas os sub-dividimos em variantes (A, B, C), consoante esse estrangulamento fosse mais ou menos acentuado. Assim, as *formas simples* foram caracterizadas em função dos seguintes critérios: - *forma geométrica* (os esféricos e os semi-esféricos foram ainda distinguidos em função do índice de abertura da boca, havendo *dois tipos de esféricos, de abertura diferenciada*); - *dimensões (Alt, Esp, Dam ext bc, Dam ext pc)*; - *índices* (P e A); *capacidades*; *variantes* (quer em função do estrangulamento do colo - A, B, C - quer em função de outros atributos). Quanto às *formas compósitas* achámos as seguintes - formas de corpo ovóide com estrangulamento do colo, formas de carena média ou alta de perfil acompanulado, e formas de pé alto. Umas têm perfil contínuo, outras perfil descontínuo. Também estas formas foram caracterizadas em função *do perfil* (ou através de uma das figuras geométricas que constitui a forma), em função das *dimensões*, *índices* e *capacidades*, e em função de eventuais *variantes* (definidas pela diversidade de atributos morfológicos que estas podem apresentar).

São raros os *elementos de preensão* (asas ou pegas), quer nas formas simples quer nas compósitas. Os *bordos* também são todos de morfologia muito simples, normalmente de lábio de extremidade arredondada ou, quanto muito, ligeiramente aplanada, não fornecendo variações significativas em qualquer das formas observadas.

Um dos pontos mais importantes da constituição da nossa tipologia cerâmica diz respeito à elaboração das *organizações decorativas*. Essa elaboração teve presente a seguinte metodologia: selecção dos *motivos básicos* (forma e técnica decorativa); associação dos motivos formando *temas decorativos*; observação do *carácter repetitivo ou alternado* desses mesmos temas decorativos; *sequência dos temas* na parede dos recipientes.

A análise da decoração em centenas de formas cerâmicas forneceu-nos uma indicação interessante: *em regra, a sequência decorativa influenciava certos motivos e temas* e, em alguns casos, *o próprio carácter repetitivo ou alternado dos temas*. A partir desta constatação construímos inicialmente a nossa tipologia decorativa com base na *sequência ou organização temática* que elegemos como critério fundamental para a diferenciação dos *tipos decorativos*. Chegámos, assim, a *três categorias de sequências temáticas:* - *uma sequência linear horizontal*, em que os motivos se sucedem sem interrupção, num movimento rotativo, em torno das paredes dos vasos; - *uma sequência metopada*, em que os motivos e temas dispostos em sequência linear horizontal são interrompidos alternadamente por linhas incisas verticais (métopas); - *uma sequência aditiva*, em que faixas hori-

zontais se sucedem verticalmente, podendo alternar com faixas sem decoração.

No entanto, ao relacionarmos estas três categorias de *sequências* com os *motivos e as técnicas decorativas* com que eram expressas, vimo-nos obrigados a alargar o critério classificativo atendendo também à frequência com que *certos temas afins se distribuíam por diferentes organizações decorativas*. Ou seja, constatámos que, apesar de tudo, *a temática decorativa* era o elemento distintivo que importava valorizar e relativamente ao qual todos os outros caracteres se deviam hierarquizar.

Finalmente, adoptámos o seguinte critério: *os principais tipos decorativos observam, em primeiro lugar, a temática/técnica decorativa* e sub-dividem-se em *sub-tipos e variantes, consoante a organização decorativa e variações temáticas* (100). Assim, as principais sequências decorativas estão salvaguardadas ao nível de sub-tipos, tornando-se muito evidente que a sequência linear horizontal predomina globalmente nas decorações observadas, qualquer que seja a temática e técnica decorativa. Em segundo lugar aparece a sequência metopada, fortemente ligada a uma "constelação" temática (e técnica) (101). A sequência aditiva também predomina associada a uma temática e técnica decorativa bem específica.

Outros tipos decorativos, de menor expressividade, apresentam temáticas excepcionais que não se encaixam nos de maior divulgação.

A formulação de *grandes categorias tipológicas* passou pela análise da covariação de forma/pasta-superfície, forma/cor, forma/técnica-organização decorativa, forma/capacidade. Nos casos mais evidentes, foi possível aventar através de certas analogias etnográficas, a hipótese de que certos tipos de recipientes tenham servido para funções globais. Construímos, assim, *quatro grandes categorias*, articulando prioritariamente *forma* e *capacidade* e, em segundo lugar, *pasta/superfície e decoração*. Para três dessas categorias é possível, através do estudo de vestígios de utilização e de analogias com outros contextos do mesmo âmbito cultural, colocar a hipótese de funções relacionadas, respectivamente, com actividades culinárias, de preparação e consumo de alimentos e ainda de armazenamento (102).

. Temos uma consciência muito viva de que, por razões inerentes às próprias opções de fundo do nosso trabalho, não pudemos ainda ultrapassar uma fase embrionária de sistematização empírica e genérica dos materiais arqueológicos. Contudo, a *cerâmica* dos povoados que iremos descrever é duma grande riqueza decorativa, morfológica e técnica, sendo necessário conceber, no futuro, num projecto de grande alcance que vise articular num banco de dados (que justifica já a utilização dum computador) múltiplas variáveis relativas à morfologia geral, perfil, cozedura, e.n.p., cor, superfície, técnica decorativa, localização e organização da decoração, função, etc..

Esse trabalho de sistematização, aliás extensivo a todos os materiais provenientes deste tipo de estações que agora começamos a abordar, será fundamental para a perfeita caracterização da "cultura material" deste contexto cultural, que tem uma tão expressiva representatividade arqueológica ao nível do seu "equipamento" doméstico.

LEGENDAS DAS FIGURAS

B - 1./2. — QUADRO FÍSICO

Fig. 1 - Mapa do Norte na escala de 1/1 000 000. Esboço morfológico: 1 - Planalto transmontano; 2 - Região complexa de montanha; 3 - Área de transição para montanha; 4 - Plataforma de abrasão (planície litoral); 5 - Bacia de abatimento; 6 - Depressão tectónica Régua-Verin. A área abrangida pelo rectângulo corresponde à cartografia na fig. 2.

Fig. 2 - Mapa geomorfológico da bacia tectónica Régua-Verin no troço Telões-Chaves (escala 1/250 000) (adaptado do *Mapa Geomorfológico de Portugal*, escala 1 500 000, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, (1980). Povoados pré-históricos mencionados no texto: 1 - Vinha da Soutilha; 2 - Outeiro Seco; 3 - Circo; 4 - S. Lourenço; 5 - Nª Sª da Bandeira; 6 - Pastoria; 7 - Crastas de Moreiras; 8 - Castelo de Aguiar; 9 - Argeriz.

Notas

(1) Santos Júnior, J. R. dos (1933), A cerâmica campaniforme de Mairos...

(2) *V.* nota 1.

(3) Vaultier, M. (1940), Estação eneolítica de S. Lourenço...; Vilas-Boas, J.S. Paes de (1945), Primórdios de História Flaviense...

(4) Descobertas realizadas pelos Senhores João Baptista Martins e Firmino Aires, a quem: agradecemos todas as informações sobre a localização das estações.

(5) Adentro desta categoria cabem *povoados de encosta* e *povoados em esporão*.

(6) Os materiais de superfície mais significativos destas estações serão descritos em capítulos autónomos.

(7) Monteagudo, L. (1977), *Die Beile auf der Iberischen...*

(8) Agradecemos a comunicação a A. Joaquim Cardoso Morais.

(9) A cerâmica recolhida à superfície era heterogénea, mostrando que a estação havia sido ocupada ao longo de várias épocas. A cerâmica decorada pré-histórica apresentava também algumas particularidades estilísticas que a distinguiam da encontrada nas estações de Chaves.

(10) A prospecção deverá não só incidir sobre a área abrangida pela depressão tectónica, mas ampliar-se para as regiões montanhosas imediatamente contíguas a esta, até onde cheguem os territórios de exploração e, sobretudo, as áreas de influência dos vários povoados.

(11) Inicialmente (Vita-Vinzi, C. e Higgs, E.S., 1970, Prehistoric economy in the Mount Carmel...) os conceitos de "área de influência" e "território de exploração" foram utilizados alternativamente sem que a sua diferença fosse suficientemente explicitada.

(12) Chisholm, M.D.I. (1962), *Rural Settelement and Land Use...*; Henshall, J.D. (1967), *Models of Agricultural Activity...*

(13) Vita-Vinzi, C. e Higgs, E.S. (1970), Prehistoric economic in the Mount Carmel...; Higgs, E.S. e Vita-Finzi, c (1972), Prehistoric economies...

(14) Jarman, M.R. (1972), A territorial model for archaelogy...; Jarman, M.R. e Higgs, E. S. (1972), Site catchment analysis in archeology...

(15) Flannery, K.V. (1976), The village and its catchment area...; Flannery, K.V. (1976), Empirical determination of site catchments...

(16) Rossman, D.L. (1976), A site catchment analysis...

(17) Gilman, A. e Thornes, J.B. (1985), *Land-use and Prehistory in South-East Spain...*

(18) Vita-Finzi, C. (1978), *Archaeological Sites in their Setting...*, p. 26.

(19) Davidson, I. e Bailey, G.N. (1984), Los yacimientos, sus territorios de explotación...

(20) Hodder, I. e Orton, C. (1976), *Spatial Analysis...*; Wobst, H.M. (1978), The archaeo-ethnology of hunter-gatherers...

(21) *V.* nota 17.

(22) Hodder, I. (1982), *Symbols in Action...*

(23) Galinié, H. (1980), De la stratigraphie à la chronologie..., p. 70.

(24) Importa dizer que um tal procedimento se confronta, na prática, com a total inexistência na nossa Arqueologia de meios humanos e financeiros que possibilitem, em geral, a responsabilização de um técnico competente ou de um arqueólogo por cada sector de escavação.

(25) *V.* nota 23.

(26) Dadas as características e os objectivos das nossas escavações, fomos obrigados a optar por um registo tridimensional seleccionado da cerâmica. Contudo, as *grandes concentrações foram sempre globalmente posicionadas* e, nos cadernos de campo, realizaram-se múltiplos "croquis" que observavam a distribuição relativa das mesmas, na relação espacial com eventuais estruturas ou no interior de estratos e camadas.

(27) Bordes, F. (1950), Principes d'une méthode d'étude des techniques...; idem (1961), *Typologie du Paléolitique Ancien et Moyen...*

(28) Laplace, G. (1966), *Recherches sur l'Origine et l'Évolution des Complexes Leptolithiques...*; idem (1974), La typologie analythique et structurale...

(29) Leroi-Gourhan, A. (1964), Notes de morphologie descriptive...; Leroi-Gourhan, A. *et alii* (1966), *La Préhistoire...*

(30) Camps, G. (1979), *Manuel de Recherche Préhistorique...*

(31) As listas tipológicas disponíveis são maioritariamente referentes a materiais paleolíticos ou epipaleolítico - mesolíticos. Este condicionamento de ordem cronológica e cultural determina uma certa *dificuldade em integrar materiais de épocas posteriores*, que revelam, muitas vezes, novidades morfológicas e técnicas de pormenor ou não se inserem, de todo, nos quadros tipológicos já conhecidos. Sobretudo, as deduções sobre a funcionalidade dos objectos são extremamente hipotéticas e precárias, pois existe uma grande ausência de informação sobre o enquadramento cultural regional que define as actividades domésticas de estações pós-mesolíticas. Contudo, algumas tipologias neolíticas relativas a materiais do Norte de África, Europa e Próximo-Oriente são mencionadas por Camps (*V.* nota 30, pp. 111-126).

(32) Groupe d'Etudes de l'Epipaléolithique-Mésolithique (1975), Épipaléolithique-Mésolithique. L'outillage du fonds commum...

(33) *V.* nota 32, p. 319.

(34) *V.* nota 28.

(35) Rigaud, A. (1977), Analyse typologique et technologique des grattoirs...

(36) Piel-Desruisseaux, Jean-Luc (1984), *L'Outil de Pierre Préhistorique...*, p. 60.

(37) *V.* nota 36, p. 61.

(38) *V.* nota 32, p. 327.

(39) *V.* nota 36, p. 46.

(40) Brézillon, M.N. (1971), *La Dénomination des Objets de Pierre Taillée...*, pp. 347--357.

(41) Bordes, F. (1979), *Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen...*

(42) Sonneville-Bordes, D. e Perrot, J. (1956), Lexique typologique du Paléolithique supérieur...

(43) *V.* nota 32, p. 331.

(44) *V.* nota 36, pp. 86-87.

(45) *V.* nota 32, p. 327.

(46) *V.* nota 36, p. 52.

(47) *V.* nota 32, p. 321.

(48) *V.* nota 40, p. 345.

(49) *V.* nota 36, p. 60.

(50) Tixier, J. (1963), *Typologie de l'Epipaléolithique du Maghreb ...*, p. 121.

(51) *V.* nota 40, p. 207.

(52) *V.* nota 32, p. 320.

(53) *V.* nota 32, p. 132.

(54) Courtin, J. e Evroux, K. (1974), Aperçu sur l'agriculture préhistorique..., pp. 321-334.

(55) *V.* nota 54.

(56) *V.* nota 36, p. 74.

(57) *V.* nota 40, pp. 309-313; Jorge, S.O. (1978), Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos...

(58) *V.* nota 36, pp. 54-57.

(59) Serrão, E. da C. e Vicente, E.P. (1980), *Lâminas de Sílex...*

(60) *V.* nota 30, p. 126.

(61) *V.* Índices de alongamento e espessura relativos a pontas de seta.

(62) *V.* nota 30, pp. 126.e 131.

(63) *V.* nota 30, p. 289.

(64) Leisner, V., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da Veiga (1961), *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo...*, p. 40.

(65) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*; idem (1959), ibidem; Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*

(66) Monteagudo, L. (1977), *Die Beile auf der Iberischen...*

(67) Blance, B. (1971), *Die Anfänge der Metallurgie...*; Delibes de Castro, G. (1977), *El Vaso Campaniforme en la Meseta Norte...*

(68) Briard, J. e Mohen, J.-P, (1983), *Typologie des Objets de l'Age du Bronze en France...*

(69) *V.* notas 64 e 65; Paço, A. (1939, 1942), A povoa eneolítica...; Sangmeister, E., Schubart, H. e Trindade, L. (1970), Escavação na fortificação eneolítica...; Harrison, R.J. (1974), A reconsideration of the Iberian...; Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la edad del cobre de "El Malagón"...; Arribas, A. e Molina, F. (1980), Nuevas aportaciones al inicio de la metalurgia...; Spindler, K. (1981), *Cova da Moura...*

(70) Agradecemos a colaboração prestada por João M. Peixoto Cabral e M. Fátima D. Araújo, do Departamento de Química do Instituto de Energia do LNETI.

(71) Camps-Fabrer, H. (1968), Industrie osseuse épipaléolithique...

(72) *V.* notas 64, 65 e 69.

(73) Spindler, K. (1981), *Cova da Moura...*

(74) Balfet, H., Fauvet-Berthelot, M.-F. e Monzon, S. (1983), *Pour la Normalisation de la Description...*

(75) Séronie-Vivien, M.-R. (1982), *Introduction à l'Étude des Poteries...*

(76) Echallier, J.-C. (1984), *Éléments de Technologie Céramique et d'Analyse des Terres Cuites...*

(77) Vaquer, J. (1975), *La Céramique Chasséenne...*

(78) Hodder, I. (1982), Sequences of structural change...

(79) Millett, M. (1979), An approach to the functional...

(80) *V.* nota 76, p. 12.

(81) *V.* apêndice 1.

(82) Cailleux, A. (s/d), *Notice sur le Code des Couleurs des Sols...*

(83) *V.* apêndice 1 (amostra 7).

(84) A análise mineralógica de cerâmicas só é significativa quando realizada sobre uma amostragem alargada de fragmentos (várias centenas), o que envolve um projecto de investigação inteiramente orientado para o estudo destes artefactos pré-históricos.

(85) *V.* nota 75, pp. 40-41.

(86) *V.* nota 75, p. 43.

(87) *V.* nota 74, p. 91.

(88) *V.* notas 30, 74 e 75.

(89) *V.* nota 74, p. 103.

(90) Fernández-Posse, M.D. (1982), Consideraciones sobre la técnica de Boquique...

(91) *V.* nota 74, p. 101.

(92) *V.* nota 75, pp. 46-50.

(93) *V.* nota 74, p. 69.

(94) *V.* apêndice 1.

(95) *V.* nota 74, p. 70.

(96) *V.* nota 74, p. 71.

(97) *V.* nota 74, pp. 9 e 26.

(98) Existem dois tipos de formas compósitas, desconhecendo-se a totalidade dos recipientes a que dizem respeito, devido a só possuirmos fragmentos dos mesmos.

(99) Para Balfet (nota 74), um vaso com um perfil sinuoso integra-se na categoria de forma compósita. Contudo, entendemos que um ligeiro estrangulamento do colo não determina um perfil sinuoso, mas apenas um acentuar da parte do colo que precede o bordo.

(100) A classificação em *tipos*, *sub-tipos* e *variantes*, dada a grande diversidade de decorações analisadas, foi árdua e está longe de ser definitiva. Confrontámo-nos muitas vezes com a seguinte situação: duas organizações decorativas muito semelhantes, em termos de técnicas, motivos e sequência, deveriam ser incluídas em sub-tipos ou tipos diversos devido a uma ligeira diferenciação temática? Na verdade, por vezes, as temáticas são muito parecidas e a valorização (subjectiva) de um pormenor pode aproximá-las ou separá-las. A tipologia decorativa que agora apresentamos -- temos a total consciência disso - é um primeiro esboço de trabalho. Incompleto, polémico (em alguns pontos), sujeito a todo o tipo de correcções e alterações futuras.

(101) Entendemos por *"constelação" temática*, um agrupamento de sub-tipos decorativos que, podendo inserir diferentes técnicas e organizações decorativas, apresentam *temas comuns*.

(102) Guilaine, J. (dir.de) (1980), *Le Groupe de Véraza*...

3. AS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS E A DOCUMENTAÇÃO QUE FORNECERAM

3.1 A ESTAÇÃO DA VINHA DA SOUTILHA

3.1.1 *LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO*

A estação da Vinha da Soutilha pertence à freguesia de Mairos, concelho de Chaves, distrito de Vila Real.

As coordenadas geográficas relativas a um ponto central da área da estação em que incidiram as escavações são as seguintes (seg."Carta Militar de Portugal" na escala 1/25 000 - folha 35):

1^{o} 46' 25" Long. E. Lisb.
41^{o} 49' 10" Lat. N.

Este povoado localiza-se na parte setentrional do *rebordo oriental da depressão de Chaves;* está inserto num *patamar intermédio* (600-650 m) da escarpa de falha que domina o vale do Tâmega no troço em que este se liga à depressão de Verin (1).

A área ocupada pela estação, segundo a "Carta Geológica de Portugal" na escala de 1/500 000, encontra-se implantada numa unidade geológica constituída por *granitos*, na transicção entre os predominantemente *alcalinos* e os *calco-alcalinos*, *biotíticos*, *em geral*, *porfiróides*. Infelizmente ainda não dispomos de uma carta geológica na escala de 1/50 000 que nos elucide sobre a exacta variedade de granitos que abrange o local arqueológico. As cartas geológicas na escala de 1/50 000 respeitantes às áreas contíguas que se desenvolvem para ocidente (folha 6B - Chaves; folha 2D - Vilar de Perdizes) indicam a existência duma ampla mancha de granitos calco-alcalinos porfiróides (biotíticos, com biotite predominante) desde Lama de Arcos até Santo Estevão-Águas Frias, que se deve estender até às proximidades ou mesmo até ao local da própria estação da Vinha da Soutilha (2). Este afloramento é atravessado por alguns filões de quartzo orientados na direcção NE-SO, que passam a leste de Lama de Arcos e por Curral de Vacas. Em toda esta vasta área ocorrem filões de quartzo, em geral finos e lenticulares (3). A Norte de Lama de Arcos, numa zona actual de fronteira, surge um afloramento xisto-quartzítico, com a orientação das bancadas E-O ou ONO-ESE (Mancha de Codeçais) (4).

Do ponto de vista hidrogeológico, segundo a "Carta Hidrogeológica de Portugal" na escala de 1/1 000 000, (5), a área da estação encontra-se integrada numa unidade de rochas intrusivas, hercínicas (predominantemente graníticas) que acusa uma *permeabilidade reduzida*. Esta característica do solo e a sua *natureza (areias grosseiras com cascalho e intercalações argilosas)* dificultam a acumulação das águas em profundidade (6). Tal como em toda a bacia de Chaves, o nível freático (como o profundo) é irregular, variando com as precipitações. Enquanto no Inverno os cursos de água comunicam entre si e com o Tâmega, no Verão as águas separam-se, permanecendo apenas a Ribeira de Feces

como curso permanente.

Pedologicamente (segundo a "Carta dos Solos de Portugal") a zona arqueológica insere-se na unidade B - Cambissolos, variedade Bh6 - Cambissolos húmicos (rochas eruptivas) associados a Cambissolos dístricos (rochas eruptivas) (7). A "Carta de Capacidade de Uso de Solos" indica-nos a existência de um *complexo* constituído por solos susceptíveis de utilização agrícola (classe A) e solos com uma utilização apenas florestal (classe F) (8).

Os materiais arqueológicos encontrados à superfície do solo (revolvido por trabalhos de plantação de vinhas que ocupam grande parte da área prospectada) encontram-se espalhados por uma vasta área de contorno irregular, com cerca de 22 ha, a qual abrange diversas plataformas orientadas genericamente a oeste, escalonadas entre as altitudes absolutas de 580 a 640 metros (9). As plataformas, entrecortadas por pequenos cursos de água, distribuem-se fundamentalmente por *duas áreas* separadas por uma linha de água que tem a sua nascente à cota aproximada de 720 m (perto da povoação de Mairos), passa pelo meio da estação e vai desaguar na Ribeira de Feces que pertence à bacia hidrográfica do Tâmega.

Apesar da ampla distribuição dos materiais à superfície poder sugerir um povoado de grande extensão, cuja estratégia de implantação estaria directamente relacionada com a topografia do terreno, proximidade de fontes de água (temporárias ou permanentes) (10) e solos potencialmente agricultáveis (em lameiros próximos), será importante salientar o carácter transformado de toda a paisagem actual. Esta encontra-se não só alterada pela construção do amplo sistema de socalcagem das encostas para plantação da vinha, como acusa o efeito natural da erosão provocada pela escorrência contínua de águas em solos pouco permeáveis, posteriormente revolvidos pela acção humana. Só a existência de grandes *afloramentos graníticos* que normalmente assumem o aspecto de blocos de forma arredondada, pontuando toda a paisagem circundante, terá permitido que em certos "nichos" abrigados se tivessem depositado e conservado sedimentos que integravam vestígios da ocupação pré-histórica. Assim, a distribuição espacial dos materiais à superfície pode não se relacionar exclusivamente com a existência de níveis pré-históricos soterrados, mas dever-se também a factores de origem natural e antrópica. Só uma intensa prospecção em área, conjugada com a realização de sondagens de controlo em várias plataformas, poderá contribuir para uma segura delimitação da área arqueológica, a qual será futuramente explorada de forma sistemática.

Como já referimos, a estação distribui-se por várias plataformas separadas por um importante curso de água, sub-afluente da Ribeira do Regueiral. Para SO dessa linha de água é possível isolar uma primeira área com cerca de 7,6 ha, implantada numa encosta de ligeira inclinação, orientada a oeste onde existe grande abundância de materiais à superfície. O local, situado entre as altitudes absolutas de 610 m e 580 m, domina bem a região circundante, na medida em que ocupa um ponto alto rodeado por linhas de águas temporárias que correm de oriente para ocidente. Existem vários afloramentos graníticos disseminados por toda a área mencionada. A zona encontra-se actualmente ocupada quase na totalidade por *vinhas*, e na orla norte, sobranceira à principal das linhas de água mencionadas, por vegetação expontânea (11). Para NE da área referi-

da, *do lado oposto ao do pequeno ribeiro que atravessa a estação* (a cerca de 250 m, em linha recta, da plataforma descrita) situa-se, entre as cotas de 600 e 635 m, uma outra também de pendor pouco acentuado, com uma área de cerca de 14 ha. Esta área integra dois esporões, um virado para SO (fronteiro à primeira zona mencionada) e outro para NO. Entre os dois observa-se uma leve depressão ao longo da encosta. Na área adjacente ao esporão rochoso orientado para NO foram realizadas várias intervenções arqueológicas, as quais serão descritas adiante. Esta segunda área da estação encontra-se bem delimitada pela topografia e pela existência duma rede hidrográfica constituída por pequenas linhas de água que a circundam a norte e a sul.

Apesar de termos distinguido duas zonas, que terão correspondido a áreas nucleares de concentração habitacional da estação, desconhecemos se terão sido ocupadas sincronicamente ou em períodos parcialmente diferentes, o que impede ter uma visão global da sua dimensão e do número de habitantes existente em cada fase da sua evolução.

A porção da plataforma estudada é delimitada a leste por grandes bolas de granito e a norte e a sul por muretes recentes que dividem campos actuais de vinha. Apresenta uma área de cerca de 3.900 m^2.

3.1.2 *METODOLOGIA GERAL DA ESCAVAÇÃO. SECTORES ESCAVADOS*

As escavações processaram-se ao longo de quatro campanhas, entre 1981 e 1984.

Em 1981 procedeu-se à realização de sondagens de controlo em vários pontos da plataforma, que tiveram por finalidade identificar os locais com provável interesse arqueológico, no sentido de futuras escavações em área. Das sete sondagens praticadas nesse primeiro ano apenas três se revelaram promissoras (12). A partir de 1982 as áreas intervencionadas no ano anterior foram integradas num amplo quadriculado materializado no terreno (de 4 x 4 m, passível de ser subdividido em unidades de 2 x 2 m), orientado segundo o eixo Norte-Sul (13). Não só foram ampliadas essas áreas, como se abriram novos sectores. No final da campanha de 1984 a escavação abrangia três sectores: o sector A, implantado entre grandes afloramentos graníticos, com cerca de 168 m^2; o sector B, nas proximidades dum grande afloramento, a cerca de 36 metros em linha recta para sudeste do sector A, com cerca de 26 m^2; o sector C, a 8 metros em linha recta para sussudoeste do sector B, com cerca de 30 m^2. Os sectores A e B situam-se aproximadamente à mesma cota, na extremidade superior da plataforma; o sector C integra-se no meio da encosta que delimita a SE o esporão, cerca de 3 metros mais abaixo em relação aos sectores anteriormente referidos.

Entre estes sectores foram traçados no terreno dois grandes rectângulos perpendiculares entre si (respectivamente com 42 e 26 m de comprimento por 1 m de largura), dentro dos quais foram abertos rectângulos alternados de 2 x 1 m.

Em todas as áreas intervencionadas foram utilizados pontos de referência altimétrica local (posteriormente articulados em função dum nível 0 convencional global da estação). Nestes sectores foi seguido o método da decapagem em área das camadas reais, tendo sido referenciados os materiais (individualmente ou integrados em "conjun

tos") e as estruturas segundo o seu posicionamento tridimensional, quer em função das camadas, quer, no interior destas, em estratos ou conjuntos associados a estruturas.

As camadas, estratos e conjuntos foram, por sua vez, registados pelas profundidades dos seus limites superior e inferior. Foram, assim, obtidas diversas plantas sucessivas das várias associações "reais" dos testemunhos arqueológicos no interior de cada camada estratigráfica. Sempre que se achou oportuno, para uma mais rigorosa interpretação da sequência estratigráfica, adoptou-se o método da decapagem por camadas "artificiais" articulado com o das camadas "reais".

Notas

(1) Feio, Mariano (1951), Notas geomorfológicas. A depressão de Régua a Verin..., p. 205.

(2) *Carta Geológica de Portugal* (escala 1/50 000). *Notícia explicativa da folha 6B--Chaves (1974)* por Carlos Teixeira, C.T. de Assunção e A.V.P. Coelho; idem. *Notícia explicativa da folha 3D-Vilar de Perdizes* (1970), por Carlos Teixeira e C. Torre de Assunção.

(3) V. nota 2: *Notícia explicativa da folha 6B-Chaves...* p. 25.

(4) V. nota 2: *Notícia explicativa da folha 2D-Vilar de Perdizes...* p. 9.

(5) *Carta Hidrogeológica de Portugal (Serviços Geológicos)* (escala 1/1 000 000), 1970.

(6) Zbyszewski, G. (1938), Observations sur un cas d'hydrologie souterraine dans le Nord du Portugal: le bassin de Chaves... p. 289.

(7) *Carta dos Solos* (escala de 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1978) (Unidades pedológicas segundo o esquema da FAO para a Carta dos Solos da Europa).

(8) *Carta de Capacidade de Uso de Solos* (escala de 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1982) (Classificação segundo o "Esboço Geral de Ordenamento Agrário" do SROA). A área da estação confina a Norte com solos de uso exclusivamente florestal.

(9) Agradecemos ao Senhor Firmino Aires os dados resultantes dum aturado trabalho individual de prospecção, os quais, conjuntamente com os do nosso próprio estudo, ajudaram a delimitar genericamente a área de interesse arqueológico do povoado da Vinha da Soutilha.

(10) Desconhecemos as características da rede hidrográfica durante a fase de ocupação da estação, que estaria intimamente relacionada com o clima e o regime de precipitações ao longo do ano.

(11) Essa vegetação expontânea é fundamentalmente constituída por castanheiros, carvalhos e diversas plantas arbustivas, a qual representa uma associação vegetal expontânea habitual não só nas encostas que ladeiam a bacia de Chaves, como (conjuntamente com o pinheiro marítimo e o sobreiro) em largas áreas de altitude média ao longo da depressão Corgo-Chaves. (Taborda, Vergílio (1932), *Alto Trás-os-Montes...* pp. 93-96). *V. Carta Agrícola e Florestal* (escala de 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1980).

(12) Jorge, Susana Oliveira e Soeiro, Teresa (1981/82), Escavações arqueológicas na Vinha da Soutilha...

(13) Durante a materialização do quadriculado geral da estação (realizada pelos Serviços Topográficos da Câmara Municipal de Chaves), concebeu-se para cada sector uma nomenclatura individual das unidades de escavação (quadrados de 2 m de lado) baseada em letras e números. Posteriormente o quadriculado de cada sector foi integrado no quadriculado geral, ao qual foi associado um sistema de referência puramente numérico (números antecidos de sinal negativo ou positivo para as coordenadas x e y). Contudo, os materiais foram individualmente ou colectivamente registados em função da nomenclatura própria de cada área intervencionada. Para identificação da proveniência de cada objecto inventariado, torna-se necessário repor a nomenclatura original e a respectiva equivalência na quadriculagem final.

3.1.3 *ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E MATERIAIS*

3.1.3.1 Sector A

Este sector de escavação insere-se numa *área* situada entre grandes afloramentos graníticos, os quais circunscrevem naturalmente uma zona de configuração sub-elíptica localizada a cerca de 40 m para este da extremidade do esporão virada a NO. Este local, adentro da plataforma que foi objecto do nosso estudo, tem uma posição topográfica dominante relativamente aos vales circundantes e à bacia do Tâmega, que se desenvolve a oeste, na base da encosta de escarpa onde se localiza a estação.

A área total abrangida pela escavação foi de 168 m^2, integrada num quadriculado de 2 x 2 m, orientado segundo o eixo Norte-Sul. Após uma primeira sondagem prospectiva numa área de 6 m^2, realizada em 1981, alargou-se em 1982 e 1983 a zona intervencionada, através duma decapagem em área das camadas reais, as quais se diferenciavam facilmente pela cor e, por vezes, através da textura dos sedimentos.

Utilizou-se, como aliás nos outros sectores, um nível de altitude 0 local (os vários níveis encontram-se ligados à "rede" altimétrica da estação), no intuito de permitir trabalhar com valores baixos sempre negativos.

Nível mais antigo (camada 4)

O conjunto de rochedos graníticos delimita uma área sub-elíptica *aberta a oeste*, a qual apresenta um desnível de cerca de 2,5 m entre o seu topo leste e a extremidade oeste. Esse desnível mantém-se, embora menos acentuado, nas camadas arqueológicas detectadas.

A *primeira ocupação* deste local localizou-se junto à "entrada" da área natural delimitada pelos penedos, ou seja, entre os rochedos situados a sussudoeste e a zona de passagem que dá acesso à plataforma virada ao esporão. Essa ocupação materializa-se numa *camada* (camada 4) constituída por sedimentos arenosos de cor castanha ou castanho-acinzentada, com manchas escuras esparsas, a qual assenta directamente na terra arenosa estéril da base. Em certas zonas verifica-se que esta camada preenche um rebaixamento do solo primitivo, provavelmente escavado para melhor implantação do "habitat". Esta camada distribui-se uniformemente por uma área de contorno sub-rectangular, com cerca de 24 m^2, delimitada por cinco buracos de poste e uma "fossa" pouco profunda, abertos na camada arqueológica e na terra estéril da base. Numa das extremidades, junto a um buraco de poste, foi detectado um montículo de terra argilosa muito fina, alaranjada. No interior da área definida por esta camada de ocupação, numa zona periférica, a meio do lado norte desta habitação, foi descoberta uma lareira estruturada e, sensivelmente na sua parte média, um pequeno buraco de poste. Passemos a descrever cada uma destas estruturas: buraco 8 (B.8) - forma sub-circular, pequena profundidade, fundo aplanado vertical; buraco 9 (B.9) - forma sub-elíptica, profundo, fundo arredondado vertical; buraco 10 (B.10) - forma sub-circular, profundo, fundo arredondado, le

vemente oblíquo; buraco 5 (B.5) - forma elíptica, profundo, fundo arredondado, vertical; buraco 6 (B.6) - forma elíptica, profundo, fundo arredondado, vertical; buraco 3 (B.3) - forma sub-elíptica, encerrando três pequenos buracos laterais oblíquos de fundo arredondado; "fossa" - forma sub-circular, pequena profundidade, fundo aplanado. Todas estas estruturas possuíam um enchimento constituído por terra acastanhada, de textura e cor semelhante às da camada de habitação (c.4). Sobre a "fossa", ao nível do seu topo, existiam grandes pedras tombadas para o interior, além de fragmentos de um vaso de grandes dimensões. Colocam-se duas hipóteses quanto à sua função: ou se trata duma fossa que teria servido quer como reservatório de alimentos quer para conter um recipiente cerâmico de provisões, ou se trata dum eventual buraco de poste de grandes dimensões, em que as pedras teriam sido utilizadas para escorar o poste; neste último caso, a cerâmica fragmentada poderia servir como material de aproveitamento para o mesmo fim. Se aceitássemos esta segunda hipótese, aliás compatível com as observações estratigráficas realizadas, poderíamos admitir que esta cabana pré-histórica, de forma sub-rectangular, seria sustentada na sua parte média por uma linha mais ou menos rectilínea de postes (B.3/B.5, B.6 e "fossa" - três de grandes dimensões nas extremidades e um mais pequeno a meio), enquanto o seu lado oeste seria protegido por uma outra fiada rectilínea (B.10, B.9 e B.8), constituída por grandes postes que teriam provavelmente a finalidade de, algum modo, compensar o desnível natural do solo que se inclina de leste para oeste. Por outro lado, enquanto o canto SE se encontrava adossado a um afloramento, o canto NNO apresentava-se aparentemente desprovido de qualquer suporte. Uma provável entrada localizar-se-ia no lado sul, entre um grande rochedo situado em posição proeminente relativamente ao "habitat" e outro mais pequeno, apenas com cerca de 50 cm de altura. No interior desta pequena unidade habitacional, muito próximo do meio do seu lado norte (junto aos buracos de poste 3 e 5) encontrava-se uma lareira estruturada com pequenas pedras, com alguns seixos fracturados por acção do fogo, bastante danificada. Ela foi construída sobre sedimentos da camada arqueológica com cerca de 5 cm de espessura, tendo sido apenas feita uma pequena depressão sub-circular na camada já existente, em torno da qual foram depositadas pedras. Sobre esta estrutura de combustão achava-se um vaso cerâmico fragmentado. A 25 cm para SE desta lareira detectou-se, ao mesmo nível do seu topo, uma mancha acinzentada escura com 1 cm de espessura, constituída por terra com carvões, provavelmente resultante duma limpeza daquela. Finalmente, há que referir a existência de um montículo de argila, de forma irregular, situado no canto NO da cabana, encostado ao buraco de poste 10. Esse montículo, com a espessura média de 10 cm, assentava sobre sedimentos com cerca de 20 cm de espessura na sua maior profundidade. Sobre essa argila e no seu interior foram descobertos alguns dos artefactos líticos deste nível de habitação. Qual a sua função? Estaria relacionada com o revestimento das paredes da habitação, uma vez que se encontrava espacialmente articulada com um buraco de poste? Tratar-se-ia dum depósito de argila para ser utilizado ao longo do tempo em diversas actividades?

a) Material lítico

O material lítico deste nível de habitação é relativamente escasso. É cons-

tituído por: - sete *pontas de seta* alongadas de base recta (sem aletas), em xisto. Quatro delas, pelas suas dimensões, poderiam mesmo ser designadas como *pontas de dardo*. Todas apresentam retoque plano, marginal e são pouco espessas; - quatro *raspadeiras* sobre lasca, curtas, uma simples e três carenadas (frontais), em quartzo. De salientar que uma das raspadeiras carenadas pode inserir-se no tipo "raspadeira em leque" ("grattoir en éventail"); - uma *lasca retocada* lateralmente, pouco espessa, em xisto, com retoques planos, simples, unifaciais, contínuos, mas localizados numa porção restrita do bordo; - dois *machados polidos* de anfibolito, um alongado, de contorno provavelmente sub-rectangular, gume convexo e secção sub-quadrangular (com os ângulos marcados), outro curto, de contorno sub-trapezoidal, gume convexo, secção sub-rectangular (com os ângulos arredondados); - quatro *lascas residuais* em quartzo.

Este conjunto de artefactos concentra-se na *metade oeste da habitação*, muito perto ou sobre o montículo de argila mencionado. Neste último caso, é de referir a presença na argila de duas pontas de dardo (?) em xisto, uma raspadeira carenada em quartzo e um machado polido.

b) Material cerâmico

O material cerâmico deste nível é abundante. Foram registados 355 fragmentos cerâmicos de recipientes (156 decorados e 199 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados três tipos, em função, como já referimos, da dimensão do desengordurante, constituído neste caso por grãos de quartzo e, em menor percentagem, palhetas de mica: 1.1 - desengordurante de pequeno calibre (< 0,5 mm); 1.2 - desengordurante de calibre médio (0,5-1 mm); 1.3 - desengordurante de grande calibre (> 1 mm). Todos os exemplares considerados se devem incluir adentro da categoria de *pasta compacta*.

1.1 - 30 ex. - 8,5%

1.2 - 210 ex. - 59,1%

1.3 - 115 ex. - 43,6%

Predomina, assim, o desengordurante de grão médio, embora os recipientes de pasta com desengordurante de grande tamanho também sejam abundantes.

- *tipos de superfícies*

Foram considerados sete tipos: 1/1 - superfícies externa e interna corroídas; 1/2 - superfície externa corroída e interna rugosa; 1/3 - superfície externa corroída e interna alisada; 2/2 - superfícies externa e interna rugosas; 3/1 - superfí-

cie externa alisada e interna corroída; 3/3 - superfícies externa e interna alisadas; 4/3 - superfície externa polida e interna alisada.

1/1 - 26 ex. - 7,3%
1/2 - 1 ex. - 0,2%
1/3 - 4 ex. - 1,1%
2/2 - 34 ex. - 9,5%
3/1 - 1 ex. - 0,2%
3/3 - 270 ex. - 76%
4/3 - 19 ex. - 5,3%

Predominam, de forma destacada, as superfícies alisadas.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Apesar dos recipientes, na sua grande maioria, não apresentarem uma cor homogénea (são frequentes as manchas escuras decorrentes do tipo de cozedura), foi possível isolar três tipos genéricos: 1 - cor acastanhada (incluíndo tons escuros e claros); 2 - cor avermelhada ou vermelho-acastanhada (tons entre o vermelho e o alaranjado); 3 - cor acinzentada (tons escuros e claros).

1 - 145 ex. - 40,8%
2 - 159 ex. - 44,7%
3 - 49 ex. - 13,8%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 156 exemplares decorados foram identificadas cinco técnicas decorativas diferentes que ocorrem predominantemente em cada exemplar:

Incisão - 60 ex. - 38,4%
Punção ("tipo Boquique") - 45 ex. - 28,8%
Punção - 41 ex. - 26,2%
Impressão - 6 ex. - 3,8%
Impressão "penteada" - 4 ex. - 2,5%

Relembremos que a técnica de "tipo Boquique" se diferencia da punção simples pelo facto de representar um puncionamento arrastado oblíquo (o que investigadores espanhóis chamam "punto y raya"). Também a impressão "penteada" se distingue da simples pelo facto de utilizar uma matriz denteada, de forma arrastada, contínua. Em muitos recipientes as técnicas por punção ou impressão surgem associadas à incisão. Nestes casos valorizou-se a técnica mais abundante ou significativa do ponto de vista temático.

. Caracterização morfológica

Foram também detectadas *noventa e sete formas* (vinte lisas e setenta e sete dedoradas, as quais se distribuem por *sete* tipos morfológicos.

Foram igualmente classificados os diversos *diâmetros externos da boca* de se tenta e cinco vasos em nove categorias:

1 - 0- 5 cm	-	1 ex.	- 1,3%
2 - 6-10 cm	-	1 ex.	- 1,3%
3 - 11-15 cm	-	20 ex.	- 26,6%
4 - 16-20 cm	-	37 ex.	- 49,3%
5 - 21-25 cm	-	7 ex.	- 9,3%
6 - 26-30 cm	-	4 ex.	- 5,3%
7 - 31-35 cm	-	3 ex.	- 4%
8 - 36-40 cm	-	1 ex.	- 1,3%
9 - 41-45 cm	-	1 ex.	- 1,3%

São *sete*, como se mencionou, os tipos morfológicos analisados (Fig. 1, 2 e 3).

Tipo 1 (10 ex., 10,3%) - Esférico de boca muito fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext. bc 3 (11-15 cm); Dam ext bc varia entre 3 e 6; P varia entre 50-80; A varia entre 70 e 80 (sub-tipo A, sem colo; sub-tipo B, com leve acentuação do colo; sub-tipo C, com marcada acentuação do colo).

Tipo 2 (29 ext., 29,8%) - Esférico de boca fechada, fundo arredondado, predomina Dam ext bc 4 (16-20 cm); Dam ext bc varia entre 2 e 9; P varia entre 63 e 91; A varia entre 80 e 92 (sub-tipo A, sem colo, sub-tipo B, com leve acentuação do colo; sub-tipo C, com acentuação do colo).

Tipo 3 (24 ex., 24,7%) - Esférico de boca levemente fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc entre 16-20 cm (4); Dam ext bc varia entre 1 e 6; P varia entre 45 e 82; A varia entre 92 e 99 (sub-tipo A, sem colo; sub-tipo B, com leve acentuação do colo).

Tipo 4 (24 ex., 24,7%) - Taça em calote de esfera (bordo direito, sem colo); predomina, em quantidades absolutas iguais, Dam ext bc 4 e 3; Dam ext bc varia entre 3 e 6; P varia entre 25 e 66 (variante baixa - 25-45; variante alta - 45-66).

Tipo 5 (7 ex., 7,2%) - Recipiente ovóide, boca muito fechada, fundo arredondado (?); predomina Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 2 e 8; P varia entre 180 e 250 (?) (é difícil estabelecer a Alt. destes grandes vasos); A varia entre 50 e 70 (sub-tipo A de pequenas dimensões com Dam ext bc 2; A varia entre 66 e 70, com ou sem colo; sub-tipos B e C - de grandes dimensões, Dam ext. bc 4, 5, 7 e 8, o primeiro com A entre 55 e 66 e colo levemente acentuado, o segundo com A entre 50 e 55 e colo muito a-

centuado).

Tipo 6 (1 ex., 1%) - Recipiente aberto, tronco-cónico, de lados quase rectos, fundo plano-convexo (?); Dam ext. bc 4.

Tipo 7 (2 ex., 2%) - Recipiente levemente fechado, de bordo reentrante, com ângulo vincado, lembrando o esboço duma carena alta, pouco acentuada; Dam ext bc 3 e 4; P varia entre 51 e 63; A varia entre 94 e 96.

- Predominam, em todas as formas, os vasos com Dam ext bc entre 16 e 20 cm.

- O tipo morfológico 2 integra uma grande gama de variantes, *de dimensões diferentes*, o que pode eventualmente significar *diversidade de funções*; estas poderiam dividir-se entre duas grandes categorias (*aprovisionamento* e *uso comum*, estando neste último caso os recipientes que vão ao fogo).

- O tipo 4, ao contrário do 2, é muito homogéneo: os parâmetros definidos pelas dimensões, enquadrados na limitada variância morfológica deste tipo, indicam uma provável pequena diversidade funcional. Poderia colocar-se a hipótese de serem utilizados para preparar ou servir a comida.

- O tipo 5 B e C, pelas dimensões, morfologia, índices de profundidade e abertura da boca, poderá relacionar-se com a função de aprovisionamento.

- As outras formas, de dimensões predominantemente médias, também podem estar associadas com uma gama diversificada de funções, sobretudo relacionadas com o uso comum.

- Ocorrem, integrados nos tipos 2 e 3, recipientes de muito pequenas dimensões (Dam ext bc 1 e 2), cuja função específica nos escapa, mas que podem ter servido também para comer ou beber.

Poderíamos reagrupar as formas atrás definidas em função da *capacidade* dos recipientes, dividindo-os em *4 categorias: vasos de muita pouca capacidade* (0,05 a 0,5 ℓ); *vasos de capacidade média* (0,5 a 1 ℓ/1,5 ℓ); *vasos grandes* (1,5 a 5 ℓ); *vasos muito grandes* (10 ℓ - 15 ℓ). Adentro dos vasos de pouca capacidade, teríamos formas esféricas fechadas, de fundo redondo (2 e 3), semi-esféricas ou em calote, também de fundo redondo (4) e uma forma ovóide de fundo arredondado (5 A). Os vasos *de capacidade média* (0,5-1/1,5 ℓ), *bastante abundantes*, incluíriam os tipos, 1, 2 e 3 (esféricos fechados) e 4 (calote de esfera). Nos vasos grandes (1,5 a 5 ℓ) inserir-se-iam basicamente as formas 1, 2, 3, 4, 6 e 7, ou seja, formas esféricas fechadas, e uma forma tronco-cónica. Finalmente, os grandes vasos (10-15 ℓ (?)), integrariam as formas 2 C e 5 B e C.

Em setenta e sete vasos decorados podemos distinguir percentagens das seguin

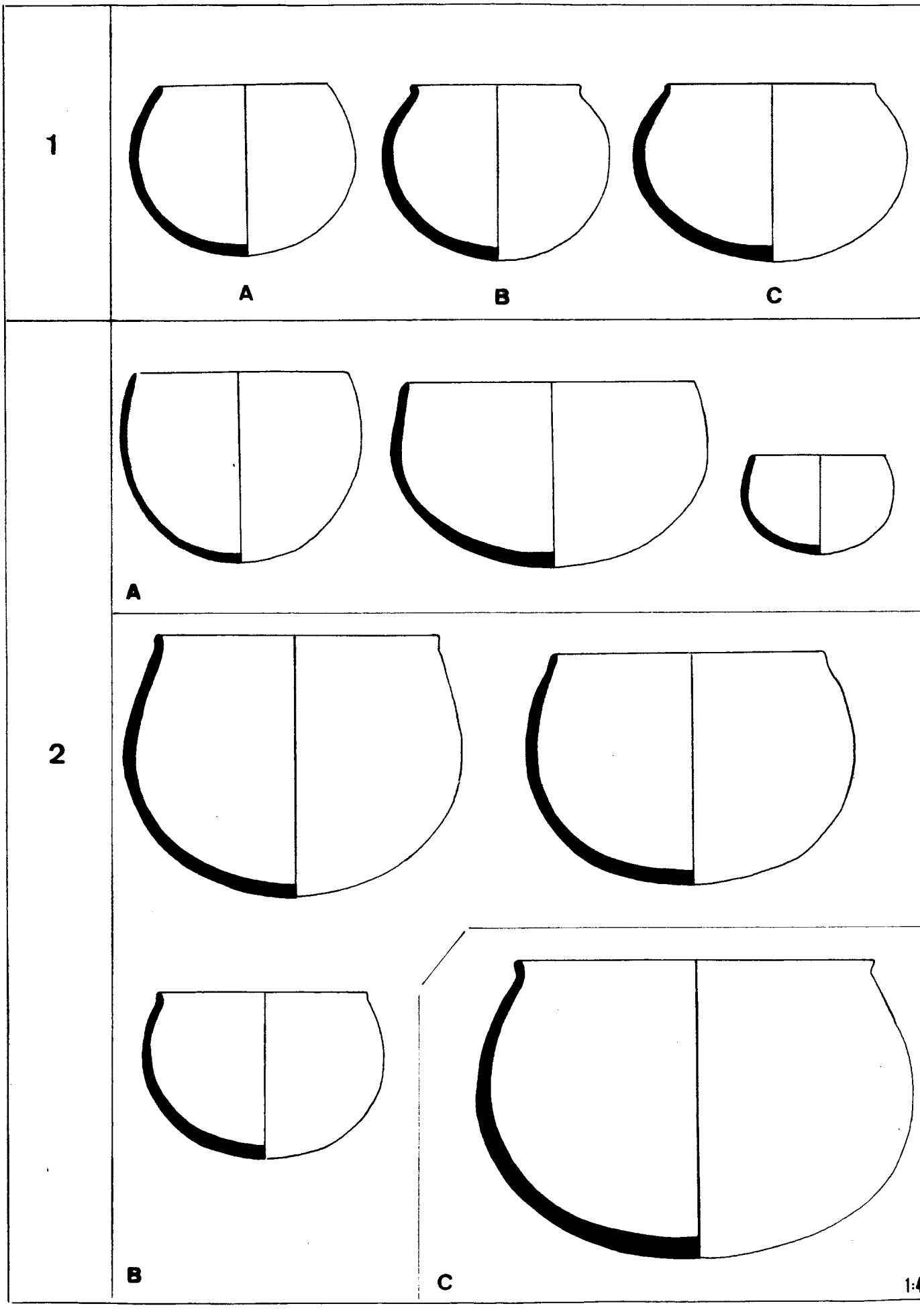
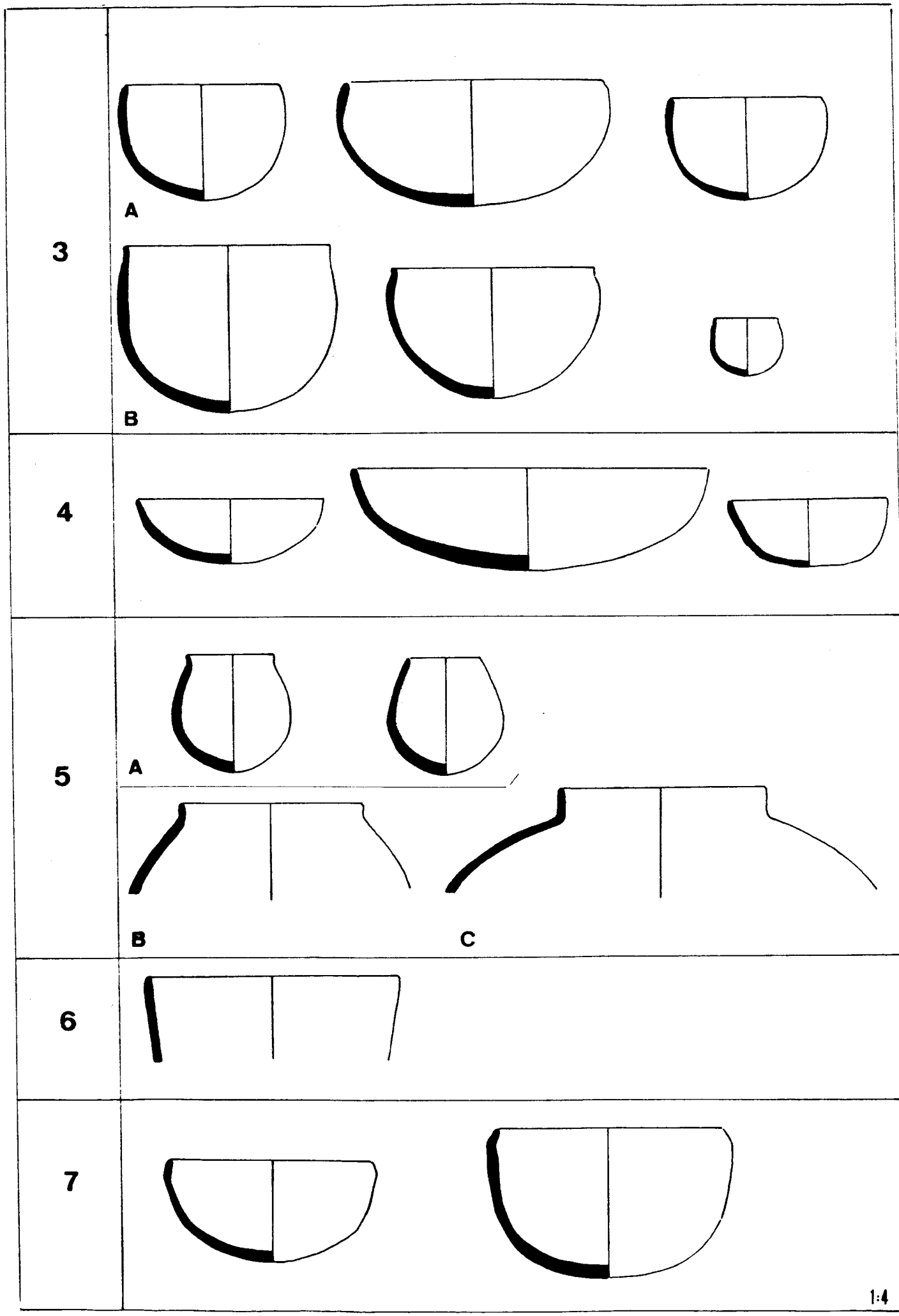


Fig. 1


3
A
B
4
5
A
B
C
6
7
1:4

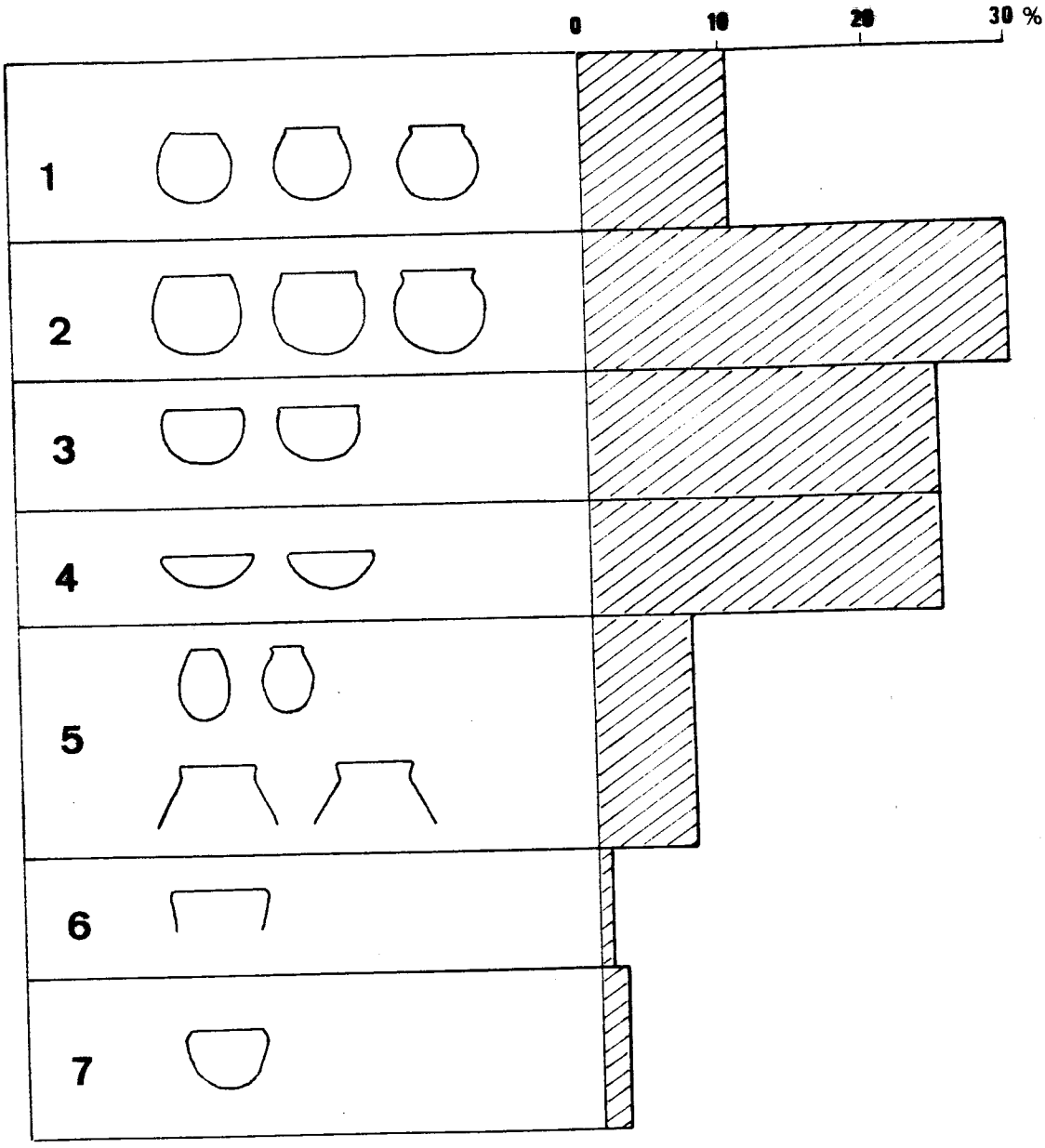


Fig. 3

tes técnicas decorativas:

Incisão - 26 ex. - 33,7%

Punção - 25 ex. - 32,4%

Punção ("tipo Boquique") - 21 ex. - 27,2%

Impressão - 3 ex. - 3,8%

Impressão "penteada" - 2 ex. - 2,5%

Estes valores estão em sintonia com os já descritos para a amostragem global, embora haja uma inversão de importância entre as técnicas por punção e "de tipo Boquique" nos dois conjuntos analisados.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 97 exemplares)

	LISA	INCISÃO	PUNÇÃO	"BOQUIQUE"	IMPRESSÃO	"PENTEADA"
1 A		3			1	
B			3	1	1	
C		1				
2 A	1	3	5	4	1	
B		3	6	3		
C		3				
3 A	1	6	5	5		
B	1	2	1	2		1
4	14	3	2	5		
5 A	1		1			
B	1	1				1
C		1	1			
6				1		
7	1		1			

É de destacar o seguinte: - as formas 2 A e 3 B apresentam a maior variedade de técnicas decorativas; contudo, todas as formas mais significativas têm uma variedade decorativa importante. - A forma 4 integra o maior número de vasos lisos, embora também admita a incisão, o puncionamento simples e o arrastado. - As técnicas de incisão, punção e "Boquique" concentram-se nas formas fechadas esféricas e na forma aberta, variante alta, 4. De salientar também que as formas 3 A e 4 (alta) (morfologicamente semelhantes), integram no mesmo número de exemplares a técnica de "Boquique". - A técnica de incisão predomina na forma 3 A, a de punção na forma 2 B, e a de "Boquique" na forma 3 A. - Formas pouco abundantes - 5,6 e 7 - inserem várias técnicas decorativas, ou seja, não há um modo específico de articulação entre cada uma destas formas e uma técnica decorativa, o que decorre da variedade morfológica/estilística acima referida.

- *tipos de pasta* (em 97 exemplares)

1.1 - 10 ex. - 10,3%

1.2 - 72 ex. - 74,2%

1.3 - 15 ex. - 15,4%

Predomina o desengordurante de calibre médio; relativamente ao cômputo geral, o desengordurante de calibre grosseiro diminui e o de grão fino aumenta levemente.

- *tipos de superfícies* (em 97 exemplares)

1/1 - 4 ex. - 4,1%

1/3 - 6 ex. - 6,1%

2/2 - 1 ex. - 1%

3/1 - 1 ex. - 1%

3/3 - 69 ex. - 71,1%

4/3 - 17 ex. - 17,5%

Predominam as superfícies alisadas. Relativamente ao cômputo geral, dá-se um aumento das superfícies externamente polidas e internamente alisadas.

- *tipos de cores* (em 97 recipientes)

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado (ou alaranjado)	Núcleo acastanhado (ou beije)
1 38 ex.-39,1%	28,9% 1.1	23,6% 1.2	47,3% 1.3
2 39 ex.-40,2%	20,5% 2.1	38,4% 2.2	41% 2.3
3 13 ex.-13,4%	100% 3.1	-	-
4 4 ex.- 4,1%	-	-	100% 4.3

Os tipos de cores seleccionados são os seguintes:

1 - superfícies externa e interna acastanhadas

2 - superfícies externa e interna castanho-avermelhadas

3 - superfícies acinzentadas

4 - superfície externa acinzentada e interna acastanhada

São de salientar os seguintes aspectos gerais:

- os recipientes cerâmicos não têm cores homogéneas, pois muitos deles apresentam amplas manchas acinzentadas, decorrentes duma cozedura irregularmente oxigenada, a qual, aliás, predomina na amostragem estudada.

- Predominam as superfícies *castanhas e castanho-avermelhadas*.

- Os tipos descritos não pretendem reduzir a grande *variabilidade* de cores (nas superfícies e fracturas), mas apenas fornecer um modelo geral inteligível que delimite as tendências principais da amostragem cerâmica.

. Articulação entre forma e cor (em 97 exemplares)

	1			2			3	4
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	4.3
1 A	2					2		
B		2		1			2	
C					1			
2 A	2		6		2		2	2
B		2	1	2	2		2	
C					2	1		
3 A	2	2	5	2	2	3	3	
B	2				2	2		
4	3			2	4	8	4	2
5 A			2					
B			3					
C		2						
6		1						
7			1		1			

- A forma 3 A apresenta *a maior variabilidade de tipos de cores*, sendo seguida pelas formas 4, 2 A e 2 B. - A forma 3 A integra maior número de exemplares com a cor de tipo 1; a forma 4 insere maior número de exemplares com a de tipo 2; os tipos 3 e 4 distribuem-se quase equitativamente pelas formas 1, 2, 3 e 4. - A forma 4 predomina, em termos absolutos, nos sub-tipos 1.1, 2.2, 2.3, 3.1.

. Articulação entre forma e pasta (em 97 exemplares)

		1.1	1.2	1.3
1	A	1	19	3
	B	3	21	1
	C		1	
2	A	2	24	2
	B	2	42	2
	C		5	
3	A	2	41	4
	B	2	19	
	C			
4	A	2	44	3
	B	2	2	2
5	A		3	
	B	1	9	3
	C		5	3
6	A		1	
	B		3	
7			1	1

A análise deste quadro fornece-nos as seguintes indicações:

- As formas esféricas 1, 2 e 3 e a forma aberta 4 incluem pastas com desengordurante fino, médio e grosseiro. As formas 5, 6 e 7 não inserem pastas com desengordurante fino. - Em quase todas as formas (à excepção da 5 C e da 7) predominam pastas de tipo 1.2. - A forma 5 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares com pastas de tipo 1.3 (desengordurante grosseiro) do que as outras formas; a forma 3 possui maior quantidade de exemplares com pastas de tipo 1.2 (desengordurante médio); a forma 2 insere maior número de recipientes com a pasta 1.1. - A forma 4 (de menor variação morfológica, pois só admite as variantes *alta* e *baixa*) apresenta uma grande homogeneidade de tipos de pasta: predomina nos exemplares com desengordurante de calibre médio e grosseiro.

. Articulação entre forma e superfície (em 97 exemplares)

	1	1	2	2	3	4
	1	3	2	1	3	3
1 A	1				2	1
B					2	3
C					1	
2 A		1			10	3
B			1		6	5
C					3	
3 A	1	1		1	13	2
B					7	
4	2	2			18	2
5 A					1	1
B					3	
C		1			1	
6						
7		1			1	

- As formas 3 A e 4 têm um maior número de exemplares com diferentes tipos de superfícies; aliás, esta variabilidade é extensiva às formas com poucos exemplares. - Contudo, em quase todas as formas (à excepção de 5 C e da 7) predomina o tipo 3/3 - alisamento nas duas superfícies do vaso. - A forma 1 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares de tipo 4/3 (polida/alisada); a forma 3, maior número de exemplares de tipo 3/3 (alisada/alisada); os outros tipos estão distribuídos por um reduzido número de recipientes. - É de referir novamente que a forma 4 se apresenta bastante homogénea quanto ao tratamento das superfícies: predomina, em termos absolutos, no conjunto de exemplares com os tipos 1/1, 1/3 e 3/3.

. Organizações decorativas

Em oitenta e um fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *8 organizações decorativas* (fig. 4, 5 e 6) que passamos a descrever, por ordem decrescente de importância no contexto deste nível de habitação (a numeração segue a convencionada para o conjunto de recipientes de toda a estação):

- II (37 ex., 45,6%) - sequência horizontal; motivo nuclear - o triângulo; sob o bordo surge uma (ou mais) linha(s) paralela(s) a este (em menor percengem, estas linhas podem estar ausentes); imediatamente sob esta(s) linha(s) aparece uma sequência de triângulos preenchidos internamente (por puncionamento ou incisões); estes triângulos podem ser delimitados por uma ou mais linhas incisas; existe uma gama variada de composições que articula

as técnicas de punção e incisão utilizadas de formas diferentes;

- I (15 ex., 18,5%) - sequência horizontal e vertical: sob o bordo figura uma (ou mais) linha(s) incisa(s) paralela(s) a este: sob estas desenvolve-se uma sequência alternada de linhas quebradas (horizontais ou verticais) ou reticulado e linhas verticais incisas, paralelas entre si, que funcionam como motivo separador. Num exemplar (vaso encontrado sobre uma lareira) a sequência torna-se mais complexa: linhas verticias separam uma banda com linhas quebradas horizontais de outra com losangos dispostos numa fiada vertical enquadrados por linhas oblíquas. Em outro exemplar, também único, linhas incisas verticais separam duas filas de triângulos preenchidos internamente com puncionamentos. Finalmente, um terceiro recipiente apresenta faixas decoradas com linhas paralelas ao bordo (realizadas com técnica de punção), alternadas com espaços vazios. Esta organização utiliza basicamente a incisão como primeira e quase exclusiva técnica decorativa;

- IV (14 ex., 17,2%) - sequência horizontal; fiadas de uma, duas, ou mais linhas (obtidas por incisão, puncionamentos simples ou arrastados), paralelas ao bordo. Em um exemplar destaca-se o motivo foliáceo obtido por puncionamento;

- X (16 ex., 7,4%) - sequência horizontal; uma ou mais linhas incisas paralelas ao bordo seguidas de linhas quebradas horizontais (também incisas ou "penteadas");

- III (4 ex., 4,9%) - sequência vertical, linha ou linhas paralelas ao bordo seguidas de linhas verticais alternando com espaços sem decoração. A técnica utilizada é a impressão (em um exemplar, conjugada com a incisão);

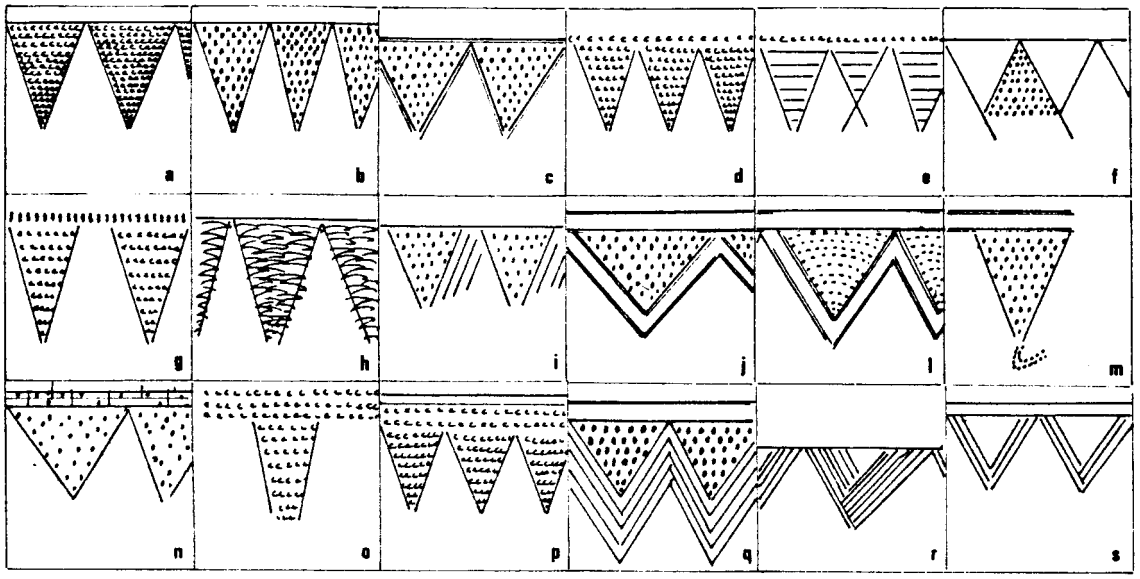
- V (3 ex., 3,7%) - sequência horizontal; linhas curvilíneas junto ao bordo. A técnica utilizada é a punção (tipo "Boquique");

- VI (1 ex., 1,2%) - sequência horizontal; linhas "penteadas" paralelas ao bordo alternam com espaços vazios;

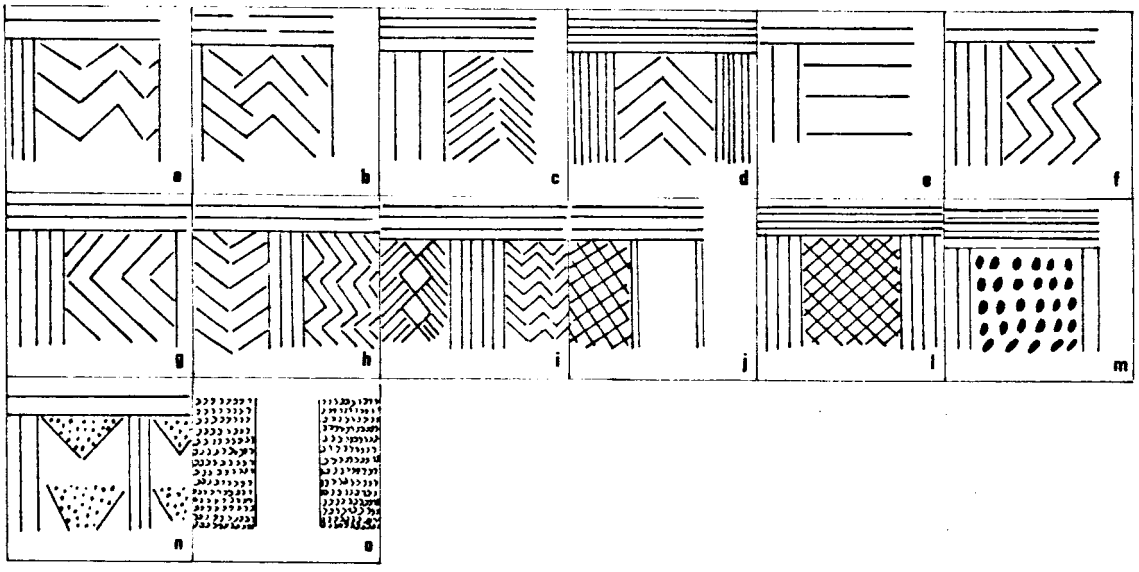
- XXII (1 ex., 1,2%) - sequência horizontal; caneluras paralelas ao bordo.

Todas as organizações decorativas referidas se desenvolvem do bordo para a parte média do vaso. A organização I expande-se quase até à base e pode considerar-se como a que invade mais totalmente a superfície exterior do recipiente cerâmico. A organização II apresenta uma maior variedade de situações: a decoração pode situar-se quer junto ao bordo, apenas na sua parte média (um exemplar, a única excepção no conjunto de todos os vasos analisados) ou do bordo até à parte média. As organizações X e III desenvolvem-se até à base e a IV, V, VI e XXII apenas decoram uma pequena faixa junto ao bordo, ou o início da pança.

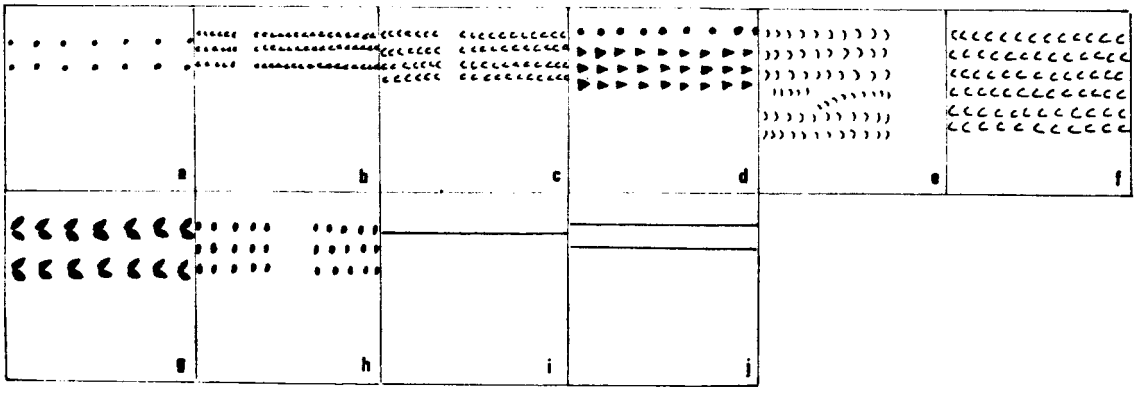
II



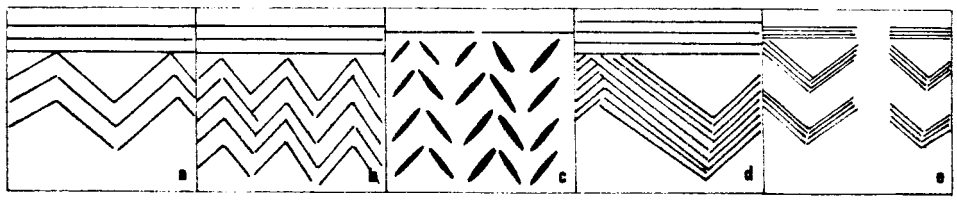
I



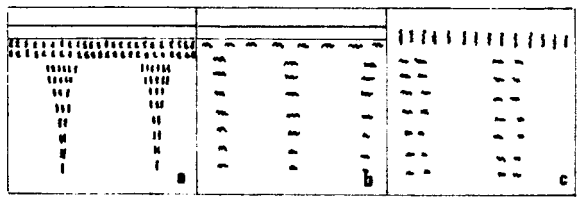
IV



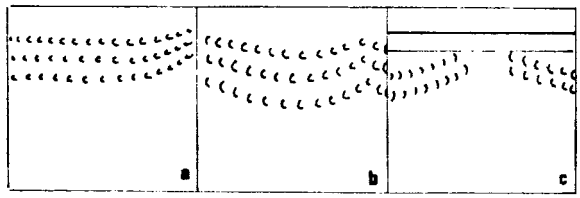
X



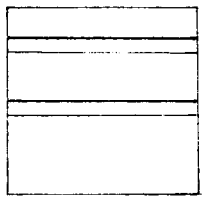
III



V



XXII



VI

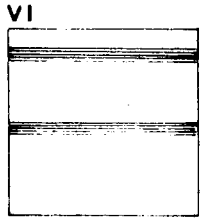


Fig. 5

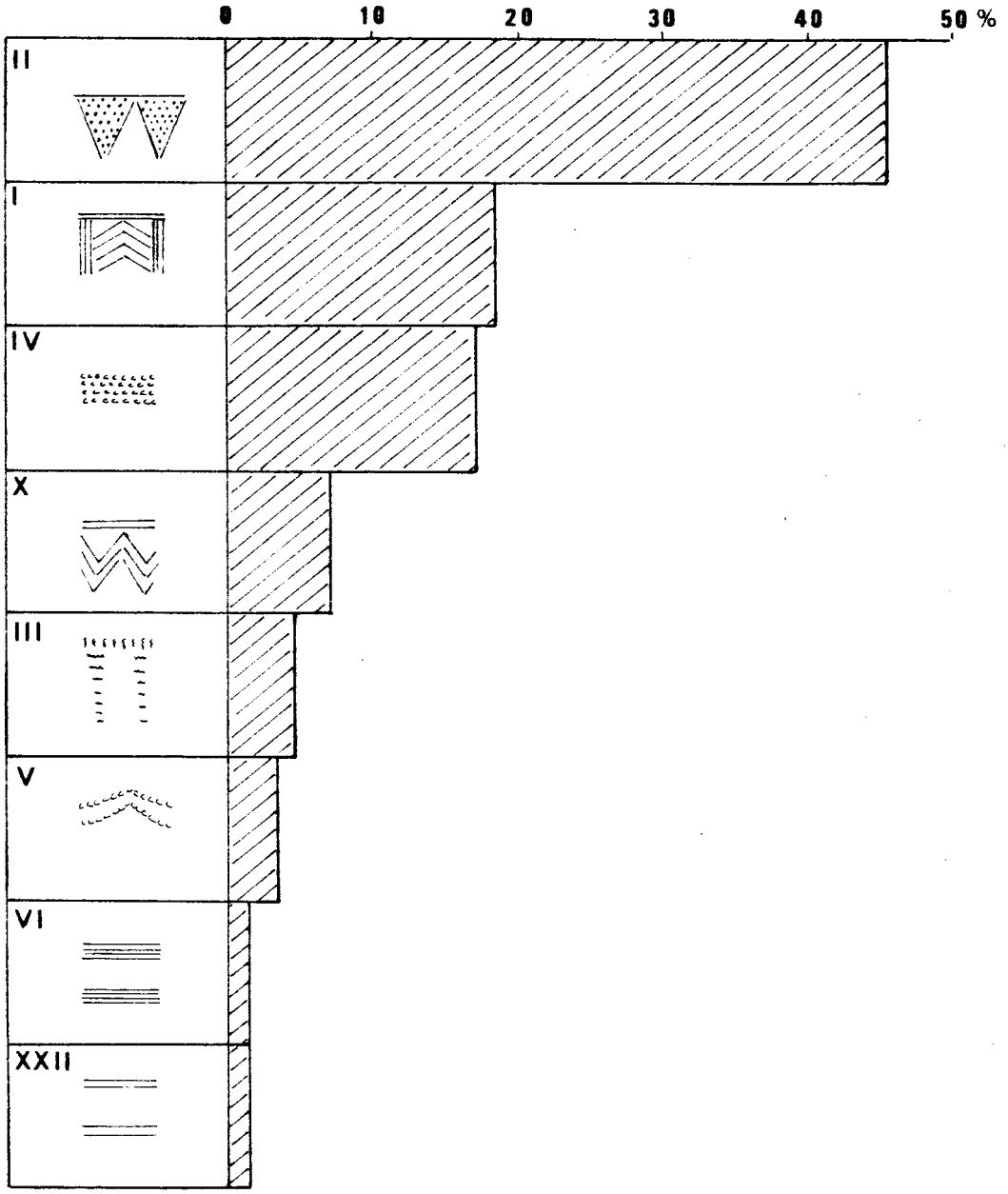


Fig. 6

. Articulação entre forma e organização decorativa (em 71 exemplares) (Fig. 7)

- A forma 3 A apresenta a maior variedade de organizações decorativas; seguem-se-lhe as formas 2 A, 2 B, 3 B e 4 A. - As formas 3 A e 2 A incluem o maior número de organizações de tipo II; - As organizações II e IV distribuem-se por cinco formas diferentes; - As organizações VI e XXII apenas se distribuem por uma forma, cada uma; - As organizações decorativas mais abundantes (II, I, IV, X e III) encontram-se dispersas predominantemente pelas formas fechadas esféricas (1, 2 e 3) e pela forma aberta 4.

- Relacionando as dimensões dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que, qualquer que seja a capacidade daqueles, a decoração predomina nas formas esféricas fechadas, enquanto é muito menos abundante na forma aberta 4. Ou seja, não foi detectada qualquer articulação significativa entre volume e decoração.

. Categorias tipológicas

Com base na análise conjunta da forma, dimensão, índices de profundidade e da abertura da boca, cor e tratamento das superfícies, organizaram-se as seguintes *categorias tipológicas* de oitenta e cinco dos recipientes cerâmicos existentes neste nível de ocupação:

I - (58 ex., 68,2%)

Trata-se de vasos de boca larga e significativa profundidade, de medianas ou grandes dimensões, integrando formas esféricas ou tronco-cónicas com ou sem colo marcado (formas 1, 2, 3, 6 e 7). A capacidade destes recipientes escalona-se aproximadamente entre 0,5 ℓ e 10 ℓ, o que deixa antever uma grande variedade de funções relacionadas com actividades provavelmente culinárias. Este tipo de vasos é predominantemente decorado, segundo a técnica de incisão, integrando as organizações decorativas I, II, IV, X, III, V e XXII. A organização I - metopada - articula-se significativamente com esta categoria funcional.

II - (17 ex., 20%)

É constituída por vasos de boca muito larga, e pequena profundidade, de médias dimensões, inserindo a forma em calote de esfera (f. 4). A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ e 1 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente liso, mas pode integrar as organizações decorativas I, II, IV, X e V.

III - (6 ex., 7%)

Esta categoria é constituída por vasos, quer de boca larga, quer de boca estreita, de profundidade variável, de pequenas ou muito pequenas dimensões, inserindo as formas esféricas (2 e 3), a calote de esfera (4) e a forma ovóide (5). A capacidade varia entre 0,05 ℓ e 0,5 ℓ. Este tipo de recipientes pode ser decorado, segundo as organizações I, II ou X (nos exemplares examinados). A forma ovóide (5), pelo índice de abertura da boca e de profundidade, poderia destinar-se preferencialmente para a bebida, hipótese que não exclui outras utilizações possíveis.

IV - (4 ex., 4,7%)

Refere-se esta categoria a vasos de boca estreita e grande profundidade, de muito grandes dimensões, integrando exclusivamente a forma ovóide (5). A capacidade destes recipientes escalona-se aproximadamente entre 10-15 litros (?). Nos exemplares estudados, observaram as organizações decorativas II e VI e a ausência de decoração em um deles.

A análise dos tipos de pastas e superfícies nestas categorias tipológicas não permitiu determinar associações estatisticamente significativas. Apenas é de assinalar uma pequena tendência para a ocorrência predominante de pastas de tipo 1.3 na categoria tipológica IV e de superfícies rugosas (2/2) na categoria IV e na categoria II. As superfícies polidas externamente (4/3) distribuem-se pelas quatro categorias tipológicas seleccionadas.

. Neste nível de ocupação foram ainda encontrados fragmentos de cerâmica de revestimento - terra argilosa cozida, muito friável - sem vestígios de negativos de ramos.

c) Foram também registados ainda alguns ossos de animais, cuja identificação será apresentada no final do estudo da estação.

d) Distribuição espacial dos materiais

Os materiais distribuem-se predominantemente *em torno da lareira* desta habitação, no seu *lado norte*, e entre esta e o montículo de argila do canto oeste. Sobre este concentram-se alguns artefactos líticos - um machado, duas pontas de seta e uma raspadeira. A zona leste e a zona sul da habitação, esta perto da provável "entrada", quase não apresenta material arqueológico, pelo que podem talvez ser consideradas *zonas de circulação ou repouso* (canto leste).

Os trezentos e cinquenta e cinco fragmentos dos recipientes cerâmicos encontram-se uniformemente dispersos pela "*zona de trabalho*" junto à lareira e na área da ar

	II	I	IV	X	III	V	VI	XXII
1 A	1	1	1					
B	2		1		2			
C				1				
2 A	7	3	4	1	2			
B	5	2	1	1				
C	1	2						
3 A	8	2	2	1		1		1
B	1	1	1	1				
4	3	3	3			1		
5 A								
B		1					1	
C	1							
6						1		
7			1					

Fig. 7

gila, sem que haja uma nítida repartição espacial dos mesmos em função da forma e / ou decoração. Foram observados os tipos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Apesar de tudo é de notar que a forma 5 (grandes vasos ovóides) tende a concentrar-se, a oeste, na periferia da provável área de trabalho.

Nível mais recente (camadas 3 e 2)

A *segunda ocupação* do local preencheu uma área ampla, de contorno sub-circular, entre os afloramentos graníticos situados a sul, norte e leste, estendendo-se para sul, numa estreita faixa delimitada por penedos a este e oeste. Esta ocupação, com cerca de 120 m^2 (a zona escavada abrange o nível arqueológico em quase a sua totalidade, restando apenas decapar uma pequena parcela de terreno na extremidade sul) não atinge o topo leste da área natural definida por grandes penedos, ficando recuada relativamente a estes cerca de 3,5 m.

Revela-se complexa pela diversidade de estruturas, sedimentos e organização espacial dos diversos tipos de materiais que, muitas vezes, indicam uma ocupação de longa duração, a qual implicou sobreposições, acrescentamentos ou inutilizações. Pode subdividir-se em dois momentos genéricos: o da intensa actividade correspondente à deposição da camada 3, e o do abandono correspondente à camada 2. Contudo, adentro da primeira fase, é possível detectar, em certas áreas, uma sequência mais complexa.

a) Estratigrafia, estruturas e áreas funcionais

. Camada 3

Esta camada é constituída quer por terras arenosas acastanhadas (em certas zonas com manchas acinzentadas), quer por terras castanho-acinzentadas escuras onde se encontram integrados abundantes elementos carbonizados, produto da acção intensa do fogo. Podemos subdividi-la, em termos espaciais, em quatro áreas funcionais: M - área do Murete (destinado a conter as terras e a fechar o lado oeste); L - área das Lareiras e outras Estruturas de combustão; EMP - Área dos empedrados; E - Área de Estruturas de combustão (da extremidade sul).

O lado noroeste foi destruído pela construção dum muro e aterro destinados à preparação recente do terreno para o cultivo da vinha (V).

M - *Área do Murete*

A oeste e sudoeste, sobre a camada 4 ou sobre a terra estéril da base, foi construído um murete destinado a conter as terras do interior da habitação o qual pode ter igualmente servido como infra-estrutura da parede oeste da mesma. Na verdade, embora a camada 3, de cor castanho-acinzentada, também ocorresse no exterior do murete (do lado do esporão) numa estreita parcela de terreno (a qual se pode ter formado durante a

construção do murete, indicando que este é provavelmente posterior ao início desta ocupação), ela era mais espessa para o seu interior, apresentando uma textura mais compacta, própria dum nível densamente habitado.

O murete, orientado no sentido SE-NO, tinha o comprimento máximo de 9,70 m e a largura média de 1,80 m, interrompendo-se a sudoeste, por uma abertura com 1,10 m de largo, que pode ser interpretada como a *entrada* provável da habitação. Na extremidade de SE, o murete encontra-se reduzido a algumas lajes colocadas na horizontal, que assentavam directamente na terra arenosa estéril de base. No outro segmento, com 7,30 m de comprimento, o qual se espessava para NO, compensando nitidamente o declive natural do terreno, pudemos observar o tipo de construção desta estrutura: era constituída por lajes de dimensões médias, colocadas horizontalmente, sumariamente alinhadas nas duas faces, delimitando um espaço interior preenchido com terra arenosa acastanhada (com bastante material arqueológico, provavelmente oriundo da camada subjacente) e pedras de pequeno tamanho. Encontrava-se particularmente danificado, no seu interior, numa zona do seu segmento principal, perto de grandes lajes horizontais tombadas ou intencionalmente depositadas no lado interior da habitação. Na verdade, a forma da deposição destas pedras, muito juntas, formando uma espécie de "lajeado", não permite concluir seguramente se elas resultaram do derrube do murete ou se tinham uma função específica ao nível do solo que ocupavam.

Esta estrutura delimitava, assim, duas áreas,, uma interior, a da habitação propriamente dita, e outra exterior, correspondente à periferia da cabana, mas na qual poderiam existir resíduos de uma primeira ocupação do local. Nesta última, que estabelecia a transicção para o espaço não habitado, há assinalar dois aspectos: - em primeiro lugar, constatou-se a inutilização voluntária do buraco de poste 9, pertencente à cabana anterior, através da observação da deposição de saibro sobre o seu topo. Os outros buracos de poste (8 e 19) também mostravam indícios de terem sido tapados com terra e pequenas pedras. O momento de inutilização destes buracos deve ter sido contemporâneo da construção do murete e do recuo da cabana para leste; - em segundo lugar observou-se a existência duma depressão (D), de contorno sub-elíptico (1,60 m x 0,90 m), com cerca de 15/20 cm de profundidade, localizada junto à base dum penedo, no lado NO. Ela abria-se na camada estéril da base e continha um enchimento constituído por terra castanha escura e material arqueológico abundante (cerâmica, objectos líticos, fragmentos de ossos). Também em frente da suposta entrada, havia duas depressões (d) de forma irregular, de 8/10 cm de profundidade, abertas na camada estéril, com um enchimento constituído por terra castanha e alguns fragmentos de cerâmica. Se no primeiro caso podemos aventar a hipótese de estarmos em presença duma "fossa detrítica" do "habitat", para o segundo não encontrámos ainda qualquer explicação lógica plausível, a não ser a da provável articulação com a zona da entrada.

L - *Área das Lareiras e outras Estruturas de Combustão*

Trata-se duma área com cerca de 16 m^2, que ocupava uma posição central nesta habitação, em frente à provável entrada, integrando cinco estruturas de combustão, tendo quatro delas sido construídas provavelmente na mesma época (Lareira 1, 2 e 3 e

Estrutura de combustão 1). A estrutura de combustão 2 (E. 2) sobrepunha-se à Lareira 2 e terá correspondido ao final da utilização desta importante zona funcional. Os sedimentos que rodeavam estas estruturas apresentavam grande quantidade de fragmentos de carvão e outros elementos carbonizados, reflectindo, decerto, sucessivas limpezas a que aquelas foram sujeitas ao longo do tempo. Destaque-se uma grande mancha cinzenta escura (sedimentos com a espessura de 0,5 cm) que se prolongava da Lareira 1 para a Lareira 2.

Passemos a descrever as estruturas:

- *Lareira 1* - Estruturada com pequenas pedras (sendo algumas fragmentos de mós ou seixos fracturados por acção do fogo), de forma elíptica, foi construída a partir da abertura duma pequena depressão sub-circular na camada 3 já existente (cujos sedimentos tinham cerca de 5 cm de espessura); um corte estratigráfico passando pelo seu meio revelou-nos dois níveis de terra carbonizada: o mais fundo, de coloração castanho-acinzentada; o superior, de coloração acinzentada escura, com fragmentos de carvão ainda preservados.

- *Lareira 2* - Estruturada com pequenas pedras ("rebolos" e seixos fragmentados), de forma sub-circular, irregular no seu contorno, e muito danificada em metade do seu perímetro, foi simplesmente instalada sobre a camada 3 já existente (cujos sedimentos tinham cerca de 4 cm de espessura). Era constituída por terra carbonizada cinzenta escura, com alguns fragmentos de carvão preservados.

- *Lareira 3* - Estrutura com algumas pedras de pequenas e médias dimensões, de forma irregular, muito danificada, foi construída pela abertura, na terra estéril de base, duma depressão com 25 cm de profundidade. Na base e periferia era preenchida com sedimentos acinzentados carbonizados, enquanto a parte central superior continha terra negra carbonizada com bastantes fragmentos de carvão preservados.

- *Estrutura de combustão 1* - Forma sub-oval, constituída por sedimentos cinzentos carbonizados, com cerca de 8-10 cm de espessura, depositados numa pequena depressão escavada na camada 3 já existente (com 5-10 cm de espessura). Numa das suas extremidades, no topo, encontrava-se uma pedra aplanada.

- *Estrutura de combustão 2* - Forma sub-oval, constituída por sedimentos acinzentados carbonizados, com cerca de 8 cm de espessura, depositados numa pequena depressão escavada na camada 3 já existente (com 22 cm de espessura). Na sua parte média, encontrava-se uma pedra que preenchia toda a depressão, quase até ao fundo.

- *Buraco de poste 12* - Forma sub-oval, profundo, fundo arredondado, dissimétrico, oblíquo, aberto nas camadas 3 e 4.

Ainda nesta área é de notar o facto de se ter observado a inutilização da "fossa" (Buraco de poste?) da camada 4, pela deposição no seu topo de pequenas pedras e uma grande laje, que a fecharam.

EMP - *Área dos empedrados*

Esta área situava-se junto ao lado leste da habitação, contígua à zona das lareiras anteriormente descrita. Abrangia uma superfície de cerca de 20 m² (não atingida pelo aterro actual) e era constituída por sedimentos de cor acastanhada (sem sinais de fogo) nos quais se inseriam as estruturas que passamos a descrever:

- quatro conjuntos de "*empedrados*", constituídos por pequenas pedras, envolvidas por terra castanha escura e abundante material arqueológico, de forma sub-circular ou elíptica (EMP 1, 2, 3 e 4). Estes "empedrados", com cerca de 5 cm de espessura, assentavam sobre o topo da camada arqueológica, que, neste local, tinha cerca de 8 a 10 cm de altura. As pedras não apresentavam sinais de fogo, nem existiam, associados, seixos fracturados como na área das lareiras. Delimitavam, em conjunto, um espaço semi-circular. Entre estes empedrados, na terra arqueológica envolvente, o material era muito menos abundante. Fechando o espaço definido pelos "empedrados", e descrevendo com estes uma *elipse*, achavam-se dois *buracos de poste* abertos na camada arqueológica e na terra estéril de base: - *buraco 1* - forma sub-circular; incluía quatro pequenos buracos ou depressões laterais; profundo, de fundo redondo, simétrico, vertical; *buraco 2* - forma sub-circular, pro fundo, fundo arredondado, dissimétrico, oblíquo. Estes dois buracos eram preenchidos com terra do mesmo tipo da camada arqueológica. Em torno do buraco 1 encontravam-se dispersas bastantes pedras de dimensões médias que deveriam ter ajudado a escourar o poste enterrado naquele buraco. Esta área, como referiremos adiante, caracterizava-se pela existência de recipientes cerâmicos predominantemente decorados com a técnica de impressão "penteada" e de fragmentos cerâmicos submetidos a altas temperaturas, a par de outros tipos de materiais comuns a toda a camada de ocupação. Que actividade(s) abrigava este espaço? Não é possível sugerir uma função específica para esta "divisão", integrada numa estrutura habitacional que foi ampliada sucessivamente, adicionando estruturas às já existentes, inutilizando, ou aumentando outras, total ou parcialmente. Mas é de acentuar que, em todo o espaço habitado, esta área funcional se demarcava, não só pela singularidade das estruturas - "empedrados" - como, sobretudo, pelo tipo de material cerâmico associado.

E - *Área de Estruturas de combustão da extremidade sul*

Esta área, de cerca de 24 m², encontrava-se "encaixada" entre rochedos a leste e a oeste, apresentando uma forma irregular, alongada, no sentido norte-sul. Não foi integralmente escavada a oeste, embora o espaço que reste por decapar seja restrito e esteja delimitado por um afloramento rochoso. Integrava, basicamente, três estru

turas de combustão, uma mancha de terra carbonizada associada a pedras, dois buracos de postes, abundante cerâmica de revestimento e um depósito de *corneana*, com algumas peças trabalhadas. Os sedimentos que constituíam esta área tinham uma coloração castanho-acinzentada e inseriam abundantes pequenos elementos carbonizados. Na extremidade norte, na zona contígua às áreas EMP e L, a camada arqueológica assentava sobre uma espessa camada argilosa acinzentada, estéril. Insertos na camada arqueológica foram identificados "estratos" argilosos com o mesmo tipo de coloração e textura da camada argilosa da base. Este "depósito" argiloso preenchia uma zona de configuração aproximadamente sub-circular, entre (e sob) a Lareira 3 (Área L) e a mancha de terra carbonizada atrás referida. Precisamente, sobre este nível argiloso, inserido na camada arqueológica - castanho-acinzentada - e sob um "estrato" argiloso, foi descoberto um *depósito* de núcleos e lascas de *corneana*, residuais ou sumariamente afeiçoadas. Estas peças estavam amontoadas numa *concavidade* com 15 cm de profundidade, aberta na camada arqueológica, circundada por grandes pedras associadas a uma área de produção de fogo (*Mancha*). Esta área carbonizada tinha uma forma irregular (com 2 m² de superfície) e cerca de 5 cm de espessura e era rodeada por grandes pedras e um buraco de poste. No seu interior foram descobertos abundantes fragmentos de cerâmica de revestimento e muito material arqueológico.

- *Estrutura de combustão 3* - Forma irregular, constituída por sedimentos acinzentados, carbonizados, com cerca de 5 cm de espessura, depositados numa pequena depressão escavada na camada 3 já existente (com 10 cm de espessura). Sobre a estrutura, numa das extremidades, estavam depositadas duas pedras, uma pequena e outra de dimensões médias.

- *Estrutura de combustão 4* - Forma sub-circular (com um alongamento para sul decorrente de uma provável limpeza), constituída por sedimentos acinzentados, carbonizados, com 8/9 cm de espessura, depositados numa pequena depressão escavada na camada arqueológica (com 18 cm de espessura). Sobre esta estrutura repousavam algumas pedras aplanadas.

- *Estrutura de combustão 5* - Forma irregular, constituída também por sedimentos cinzentos, carbonizados, com 20 cm de espessura, depositados numa concavidade aberta na camada arqueológica já existente (com 25 cm de altura). Uma grande pedra aplanada sobrepunha-se à quase totalidade da superfície desta estrutura.

  De salientar ainda a existência duma pequena mancha de terra carbonizada no topo sul desta zona.

- *Burado de poste 4* - Forma sub-circular, profundo, fundo arredondado, simétrico, vertical, aberto na camada arqueológica e na estéril da base.

- *Buraco 7* - Forma sub-circular, profundo, fundo arredondado, simétrico, vertical, aberto na camada estéril da base.

De notar que tanto as estruturas descritas, como os "empedrados" foram iden

tificados no topo da camada 3, o que indica que a sua construção se deu no *momento final* desta ocupação, a qual se caracterizou por um alargamento da área habitada, preenchendo algumas zonas recônditas entre rochedos, e adaptando-se à área natural definida por aqueles. Aliás, poderíamos tentar sintetizar o tipo de espaço desta habitação, dizendo que ele se ampliou em função do espaço já previamente existente, havendo a preocupação de utilizar os afloramentos rochosos como "paredes" naturais da nova estrutura habitacional, do que decorreu esta apresentar um contorno irregular, ao contrário do da ocupação anterior, mais circunscrito e bem definido por um conjunto de buracos de poste alinhados em várias direcções.

. Camada 2

Sobre a camada 3, em quase toda a área anteriormente descrita, existiam sedimentos amarelados ou alaranjados contendo abundante material arqueológico, mas onde não foram detectadas estruturas de qualquer espécie.

Na área das Lareiras (L) esta camada estava separada da subjacente por um nível de pequenas pedras correspondente ao topo da ocupação anterior, parcialmente destruída ou danificada após o seu abandono. Alguns fragmentos cerâmicos desta camada colavam com outros da camada 3, provando, juntamente com outros dados provenientes da análise cerâmica das duas camadas, que elas podem ser apreciadas como duas fases da mesma ocupação.

b) Material lítico

. Camada 3

O material lítico deste nível de ocupação é mais abundante e diversificado do que o do subjacente. É constituído por: - vinte e seis *pontas de seta*, vinte em xisto e duas em sílex; destas vinte e seis só *vinte* puderam ser analisadas em função do índice de alongamento e só *dezassete* quanto ao tipo de base.

<table>
<tr><td rowspan="3">Alongadas (5)</td><td colspan="2" rowspan="2">Muito alongadas (2)</td><td>Base triangular (sem aletas) (1)</td></tr>
<tr><td>Base côncava (sem aletas) (1)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Medianamente alongadas (3)</td><td>Base côncava (sem aletas) (2)</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Medianas (7)</td><td rowspan="2">Base côncava</td><td>com aletas (2)</td></tr>
<tr><td>sem aletas (2)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Base recta (sem aletas) (2)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Base bicôncava (1)</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Curtas (8)</td><td colspan="2">Base côncava (sem aletas) (4)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Base recta (sem aletas) (2)</td></tr>
</table>

As duas pontas de seta em sílex são curtas, de base côncava, sem aletas. Todas as pontas apresentam *retoque plano*; dezoito têm retoque marginal e quatro profundo; neste último caso encontra-se uma curta, de base recta, em xisto, uma alongada, de base côncava, em xisto e duas curtas, de base côncava, em sílex e xisto, respectivamente.

Duas destas pontas, as mais alongadas, podem ser consideradas eventualmente como pontas de dardo.

- Treze *raspadeiras* sobre lasca, em quartzo, onze carenadas, uma espessa e uma dupla (simples e carenada). Cinco destes artefactos sofreram reavivamentos abruptos. Uma delas pode inserir-se no tipo "raspadeira em leque" ("grattoir en éventail");

- Nove *lascas retocadas* lateralmente, em xisto, finas (com menos de 1 cm de espessura), com retoque plano, simples ou escamoso, directo ou bifacial, contínuo, estendendo-se a uma porção significativa do bordo; - duas *lascas retocadas lateralmente com "coche"*, em xisto, finas, com retoque plano, simples ou escamoso, directo ou bifacial contínuo; - um *núcleo* globuloso, em sílex;

- Cinco *machados polidos*, um de corneana e quatro de anfibolito; só três estão em condições de serem descritos: dois de pequenas dimensões, fragmentados, de contorno sub-trapezoidal (?), gume convexo e secção sub-rectangular, outro mediano, também fragmentado, de contorno sub-trapezoidal (?), gume convexo e secção sub-rectangular;

- Um *furador* em xisto, fino, com retoques laterais uni e bifaciais;

- Nove *lascas residuais* em quartzo e sílex;

- *Depósito de núcleos e lascas em corneana*: dez núcleos e cinquenta lascas residuais ou com vestígios de talhe incipiente, muito imperfeito;

- Uma pequena *conta* discoidal de variscite;

- Seis "*rebolos*" de granito, de forma sub-elíptica (largura máxima entre 10 e 15 cm), de secção plano-convexa;

- Dois fragmentos da parte fixa de *mó* manual: um, de secção plano-côncava (30 x 20 cm), bastante polido na depressão utilizada; outro de secção também plano-côncava (10 x 8 cm), com menos vestígios de polimento na superfície utilizada.

. Camada 2

O material lítico da camada 2 é constituído por:

- sete *pontas de seta*, em xisto; destas só cinco podem ser apreciadas quanto ao índice de alongamento e tipo de base.

Alongada (1)	Base côncava (sem aletas) (1)
Mediana (3)	Base recta (esboço de aletas?) (1)
	Base côncava (esboço de aletas) (1)
	Base triangular (sem aletas) (1)
Curta (1)	Base recta (esboço de aletas?) (1)

Em todas o retoque é plano; quatro apresentam retoque marginal: uma alongada, de base côncava (fragmentada); outra mediana, de base recta (com esboço de aletas); outras duas muito fragmentadas. Outros três exemplares possuem retoques profundos: uma curta, de base recta (com esboço de aletas); outra mediana, de base côncava (com esboço de aletas); uma terceira, mediana, de base triangular.

- Nove *raspadeiras* sobre lasca, em quartzo, seis carenadas e três simples; adentro do primeiro tipo podemos subdividi-las em *curtas espessas* (4) (uma delas tem desenvolvimento lateral da extremidade cortante), *alongada espessa*, (1), *larga espessa*, de grandes dimensões (1);

- Um *raspador transversal*, sobre lasca, fino, com retoques abruptos (dorso abatido), em sílex.

- Treze *lascas retocadas* lateralmente, em xisto, finas, com retoque plano, simples ou escamoso, directo ou bifacial, estendendo-se a uma porção significativa do bordo.

- Um *machado polido* fragmentado, de pequenas dimensões, contorno provavelmente trapezoidal, gume convexo e secção sub-quadrangular, em anfibolito.

- Cinco "*rebolos*" de granito: dois de forma sub-elíptica e três de forma sub-circular (largura máxima entre 8 e 14 cm), de secção plano-convexa.

c) Material cerâmico

Camada 3

O material cerâmico proveniente da camada 3 é extraordinariamente abundante. Foram registados 1617 fragmentos cerâmicos (770 decorados e 847 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados os mesmos três tipos já mencionados para o material cerâ

mico da camada 4. Todos os exemplares também se devem incluir adentro da categoria de *pasta compacta*.

1.1 - 92 ex. - 5,6%
1.2 - 1193 ex. - 73,7%
1.3 - 332 ex. - 20,5%

Predomina, assim, o desengordurante de grão médio.

- *tipos de superfícies*

Foram considerados 11 tipos: 1/1: 1/2; 1/3; 2/1; 2/2; 3/1; 3/2; 3/3; 4/3; 4/4.

1/1 - 422 ex. - 26%
1/2 - 1 ex. - 0%
1/3 - 46 ex. - 2,8%
2/1 - 8 ex. - 0,4%
2/2 - 101 ex. - 6,2%
2/3 - 9 ex. - 0,5%
3/1 - 8 ex. - 0,4%
3/2 - 16 ex. - 0,9%
3/3 - 950 ex. - 58,7%
4/3 - 55 ex. - 3,4%
4/4 - 1 ex. - 0%

Predominam destacadamente as superfícies alisadas, embora haja uma percentagem considerável de superfícies corróidas.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os três tipos de cores seleccionados para a camada 4.

1 - 890 ex. - 55%
2 - 646 ex. - 39,9%
3 - 81 ex. - 5%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 770 exemplares decorados foram identificadas cinco técnicas decorativas predominantes.

Incisão - 477 ex. - 61,9%

Impressão "penteada" - 125 ex. - 16,2%

Punção ("tipo Boquique") - 118 ex. - 15,3%

Punção - 44 ex. - 5,7%

Impressão - 7 ex. - 0,9%

É de acentuar a predominância destacada da técnica de incisão, seguida da técnica de impressão "penteada"; as outras técnicas aparecem em menores percentagens e a impressão é quase inexistente.

. Caracterização morfológica (Fig. 8, 9. 10 e 11)

Foram seleccionadas *duzentas e oitenta e uma formas* (trinta e seis lisas e duzentas e quarenta e cinco decoradas), as quais se distribuem por *sete* tipos morfológicos.

Foram também classificados os diversos diâmetros externos da abertura de cento e sessenta e sete vasos em oito categorias.

2 -	6-10 cm -	16 ex. -	9,5%
3 -	11-15 cm -	43 ex. -	25,7%
4 -	16-20 cm -	67 ex. -	40,1%
5 -	21-25 cm -	22 ex. -	13,1%
6 -	26-30 cm -	14 ex. -	8,3%
7 -	31-35 cm -	2 ex. -	1,1%
8 -	36-40 cm -	2 ex. -	1,1%
9 -	41-45 cm -	1 ex. -	0,5%

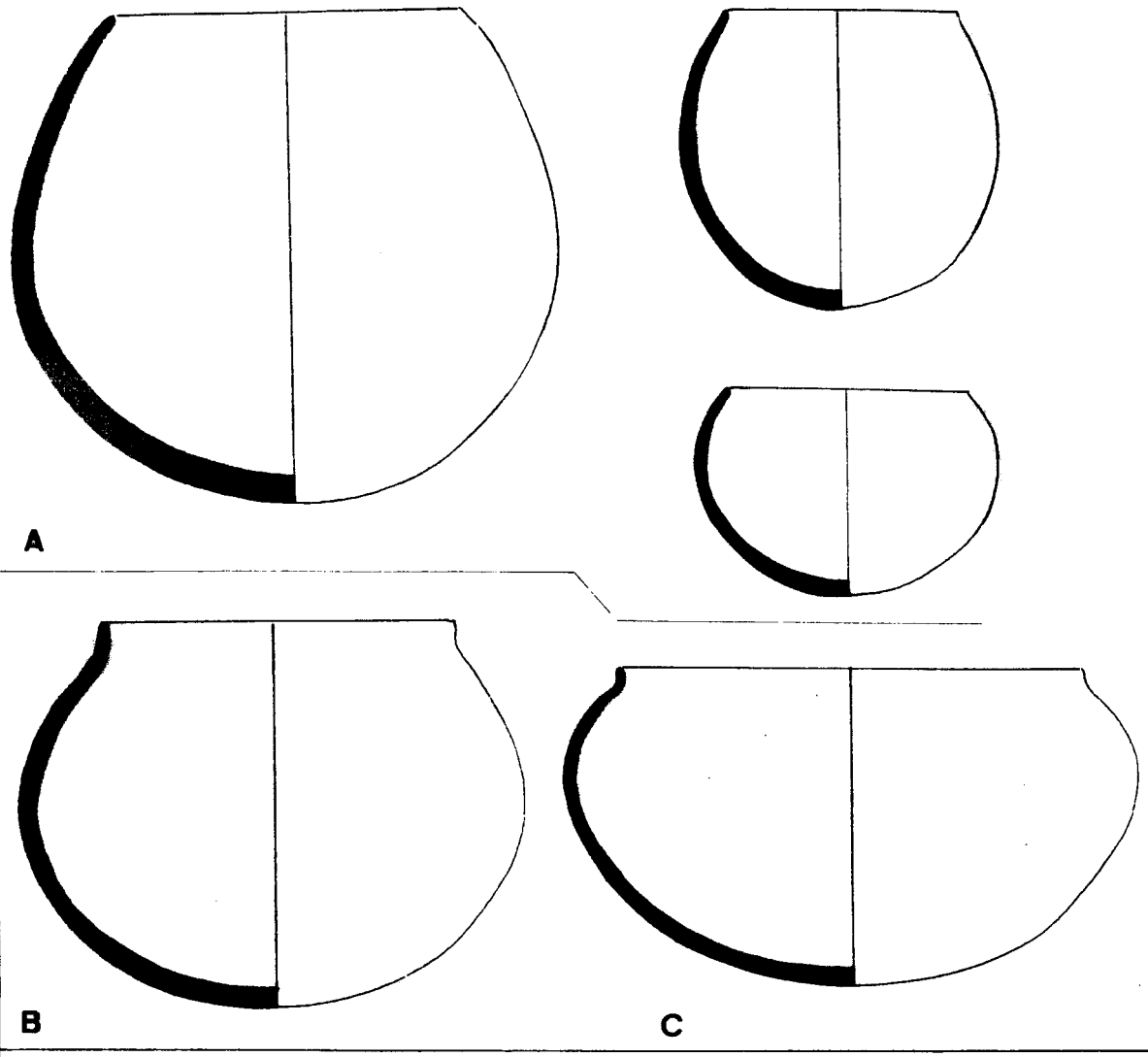
Passemos a descrever os tipos morfológicos:

Tipo 1 (49 ex., 17,4%) - Esférico de boca muito fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 4 (16-20 cm); Dam ext bc varia entre 2 e 8. P varia entre 72 e 129; A varia entre 70 e 82 (sub-tipo A sem colo; sub-tipo B, com leve acentuação do colo; sub-tipo C, com acentuação do colo).

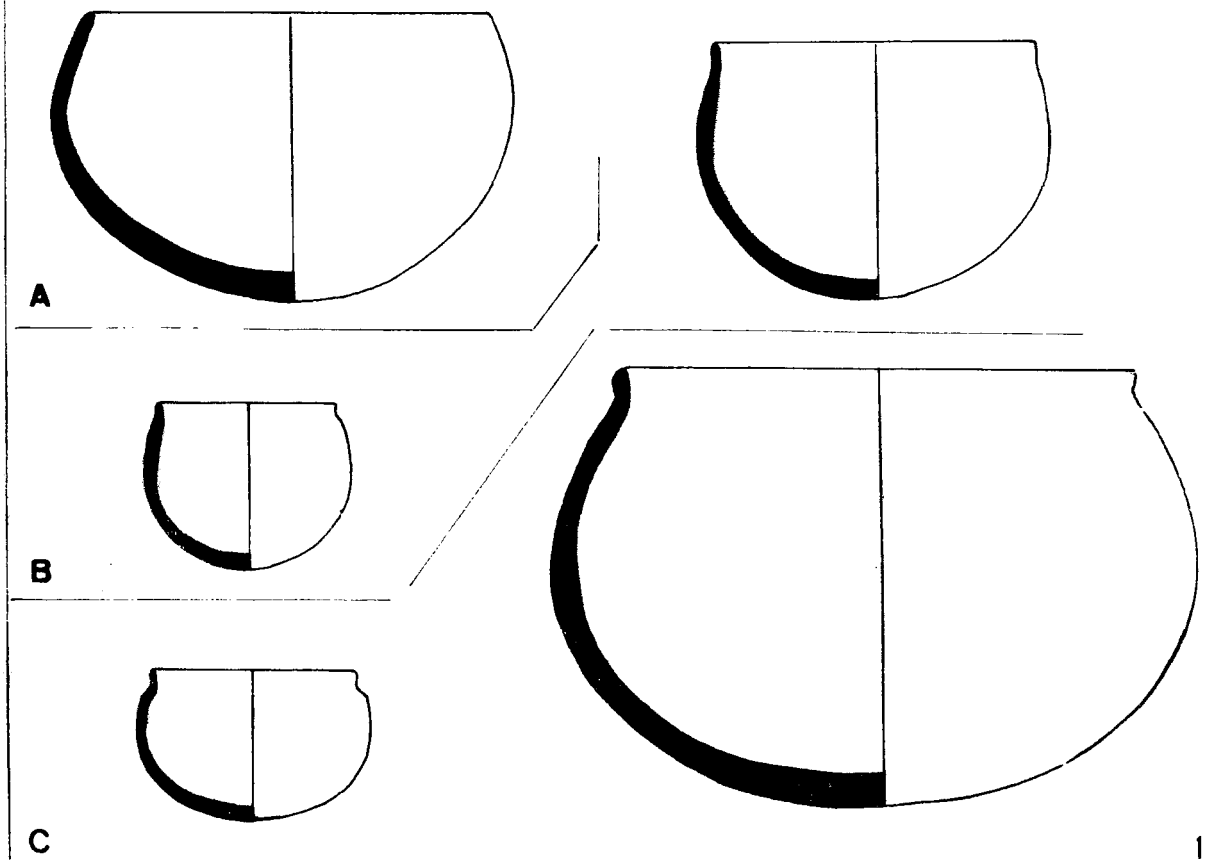
Tipo 2 (79 ex., 28,1%) - Esférico de boca fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 2 e 6. P varia entre 70 e 86. A varia entre 83 e 90 (sub-tipo A sem colo; sub-tipo B, com leve acentuação do colo; sub-tipo C, com acentuação do colo).

Tipo 3 (68 ex., 24,1%) - Esférico de boca levemente fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 2 e 5. P varia entre 46 e 106; A varia entre 91 e 98 (sub-tipo A, sem colo; sub-tipo B, com leve acentuação do colo; sub-tipo C, com acentuação do colo).

1



2



1:4

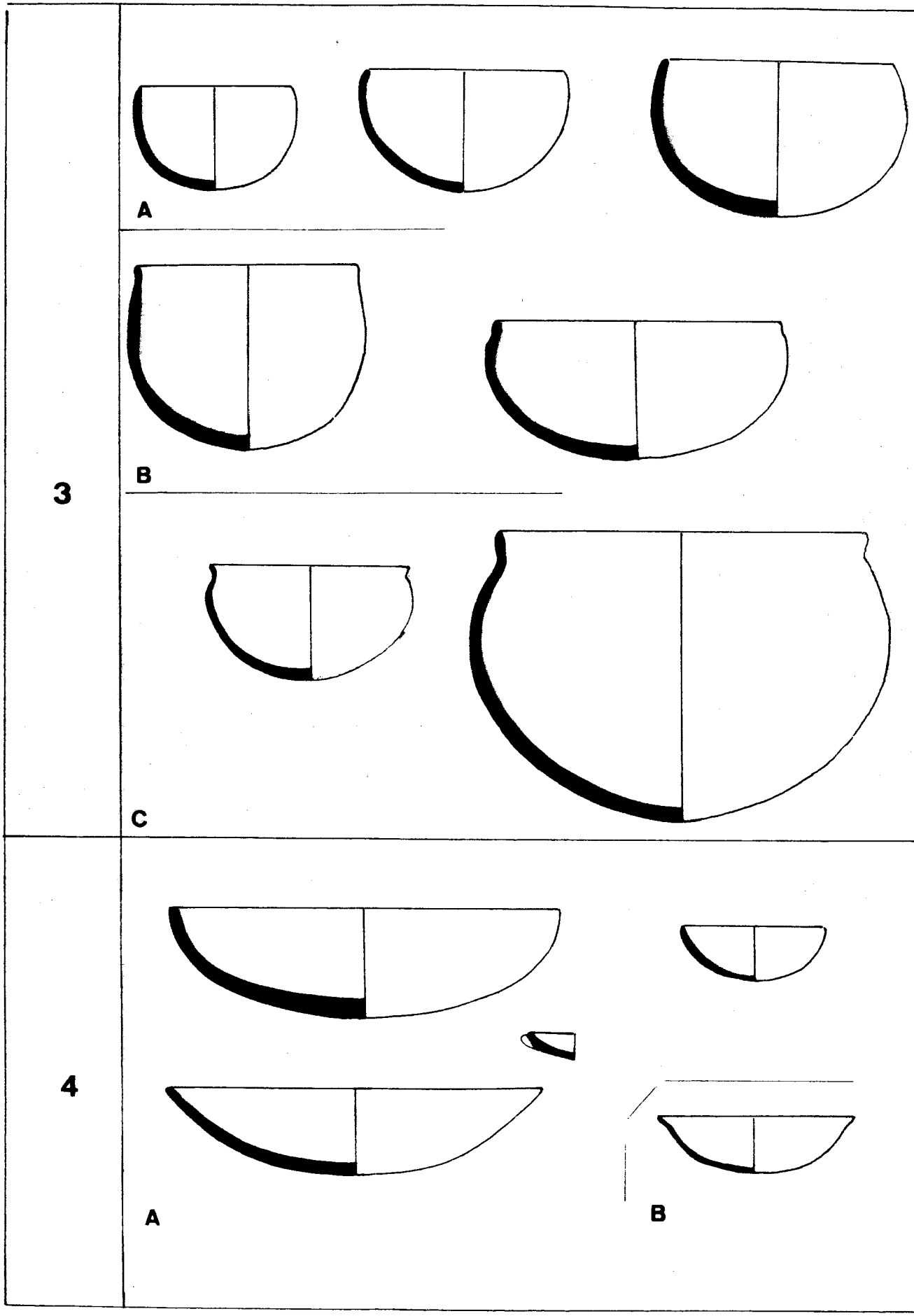
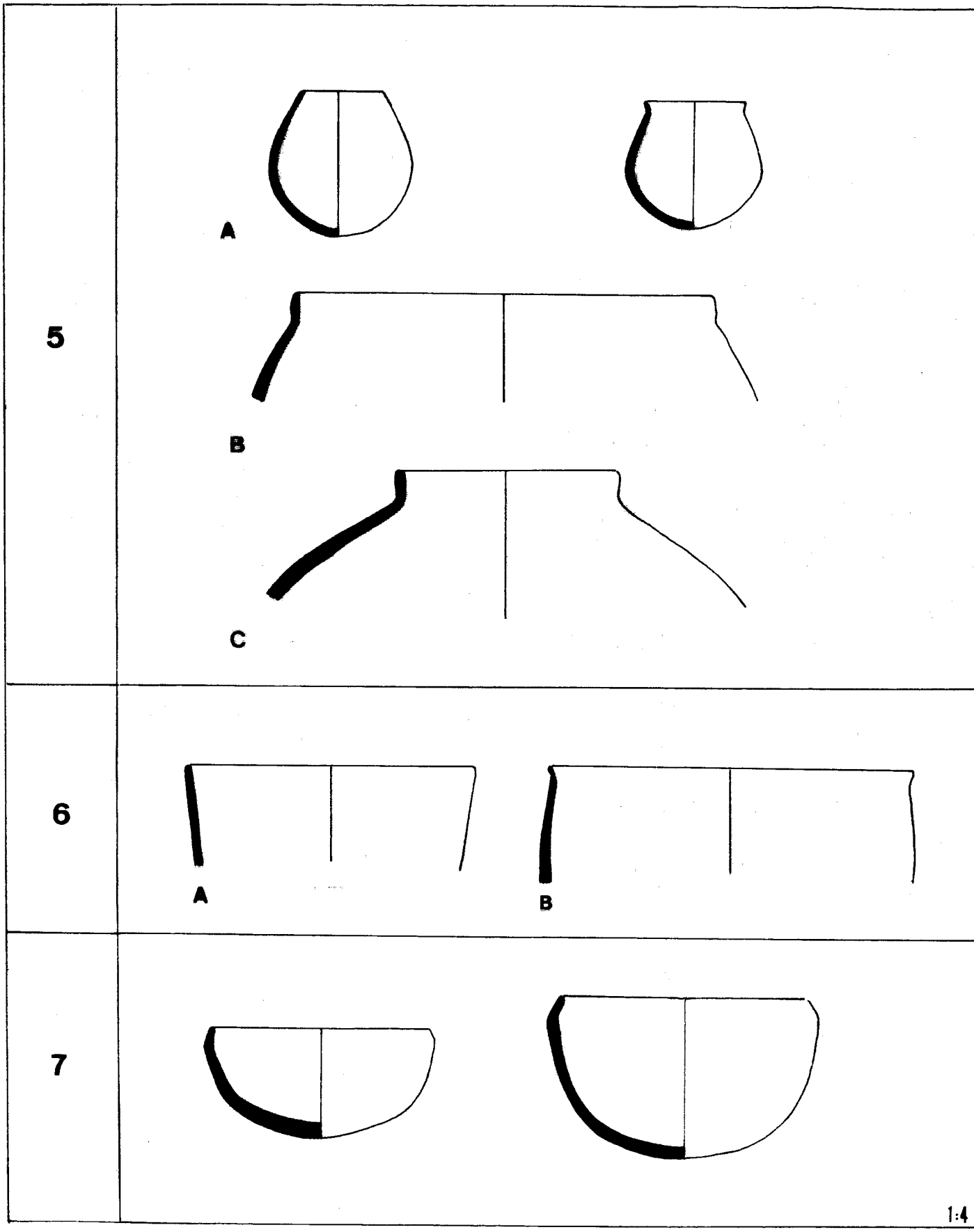


Fig. 9


5
A
B
C
6
A
B
7
1:4

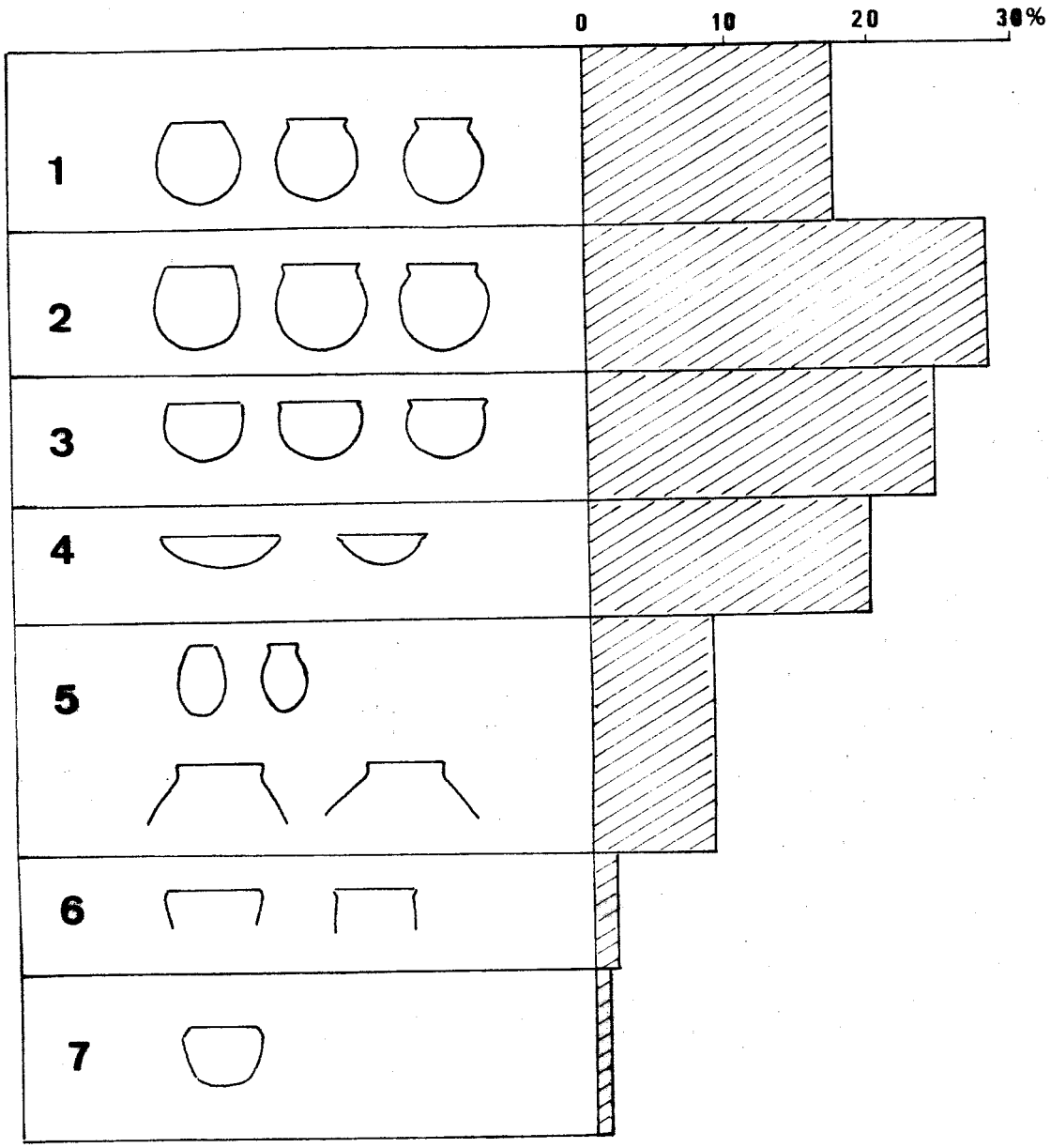


Fig. 11

Tipo 4 (55 ex., 19,5%) - Taça em calote de esfera; predomina Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 2 e 7. P varia entre 18 e 45 (sub-tipo A, lados rectos ou levemente introvertidos, variantes - alta e baixa; sub-tipo B, lados levemente extrovertidos).

Tipo 5 (24 ex., 8,5%) - Recipiente ovóide, de boca muito fechada, fundo arredondado (?); predomina Dam ext bc 5; Dam ext bc varia entre 4 e 9. P varia entre 145 e 250 (?); A varia entre 50 e 80 (sub-tipo A - pequenas dimensões (Dam ext bc 2), A varia entre 50 e 64, com ou sem colo; sub-tipos B e C - grandes dimensões, Dam ext bc, 3 e 4, o primeiro com A entre 58 e 80 e colo levemente acentuado, o segundo com A entre 50 e 60 e colo muito acentuado).

Tipo 6 (4 ex., 1,4%) - Recipiente aberto, tronco-cónico, de lados quase rectos, fundo arredondado (?), com ou sem colo; Dam ext bc 4; segue-se Dam ext bc 8 e 2.

Tipo 7 (2 ex., 0,7%) - Recipiente levemente fechado, de bordo reentrante, com ângulo vincado, lembrando o esboço duma carena alta, pouco acentuada; Dam ext bc 3 e 4. P varia entre 50 e 70; A varia entre 95 e 100.

Foram ainda registados três fragmentos de prováveis pequenas taças baixas (tipo 4?), lisas, uma delas com um pequeno *mamilo* sob o bordo e as outras duas com o *esboço de protuberância mamilar* curta também sobre o bordo. Finalmente é de referir a presença dum tipo de taça baixa (tipo 4) de fundo convexo e contorno da boca sub-elíptico. Pela sua especificidade tipológica e provavelmente funcional, não se integrou este tipo de recipientes no quadro morfológico atrás descrito. Adiante merecerá uma descrição mais pormenorizada.

- Predominam em todas as formas de recipientes o Dam ext bc entre *16 e 20 cm.*

- Todos os tipos morfológicos, particularmente os tipos 1, 2, 3 e 4, integram uma *gama variada de dimensões* diferentes, o que pode ser correlativo de uma *acentuada diversidade de funções.*

- O tipo 5 B e 5 C inclui recipientes de grandes diâmetros (entre 4 e 9), devendo relacionar-se directamente com a função de aprovisionamento; grandes vasos, provavelmente também de provisões, ocorrem nos tipos morfológicos 1 e 2. Mas outros tipos que podem articular-se com funções de uso comum também incluem vasos de grandes dimensões (tipos 3, 4 e 6).

- Ocorrem, integrados nos tipos 3, 4, 2 e 1, recipientes com diâmetros de tipo 2 (6-10 cm); estão ausentes os pequenos vasos com o diâmetro inferior a 6 cm.

- Reagrupando as formas atrás descritas em função da *capacidade dos recipientes*, dividimo-los em quatro categorias (*0,1 a 0,5 ℓ; 0,5 a 1,5 ℓ; 1,5 a 3ℓ; 6,5 a 9 ℓ e 15 a 25 ℓ*), chegando às seguintes conclusões: os vasos de pouca capacidade integram as formas esféricas fechadas 2 e 3, a forma aberta 4,

a forma ovóide 5 A e a forma 7; *os vasos da capacidade média (0,5-1,5 ℓ) incluem quase todas as formas* (à excepção da 5 A e da 6), *e são as mais abundantes*; os grandes vasos sub-dividem-se em duas categorias: os de 1,5 ℓ a 3 ℓ incluem as formas esféricas fechadas 1, 2 e 3, e os de 6,5 a 9 ℓ, além destas, integram também a forma 6. Os vasos muito grandes (15-25 ℓ) são assimilados pela forma 5.

Nos duzentos e quarenta e cinco vasos decorados podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas.

Incisão - 133 ex. - 54,2%

Impressão "penteada" - 55 ex. - 22,4%

Punção (tipo Boquique) - 35 ex. - 14,2%

Punção - 21 ex. - 8,5%

Impressão - 1 ex. - 0,4%

Estes valores estão em sintonia com os obtidos na amostragem global.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 281 exemplares)

		LISA	INCISÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"	BOQUIQUE	PUNÇÃO	IMPRESSÃO
1	A	2	6	4	5	6	
	B	1	19	1	2	1	1
	C		1				
2	A		12	8	4	4	
	B		28	8	8	2	
	C		3	2			
3	A	6	18	14	5	4	
	B		14	4	2	1	
	C						
4	A	19	19	7	1	3	
	B	1	2	1	2		
5	A		3				
	B	1	6	2	4		
	C	4		2	2		
6	A			1			
	B		2	1			
7		2					

De destacar as seguintes linhas de força: - A forma 1 B apresenta a maior variedade de técnicas decorativas, seguida das formas 1 A, 2 A, 3 A, 4 A; contudo, todas as formas mais significativas integram uma importante variedade estilística. - A forma 4 insere o maior número de vasos lisos, embora também admita várias técnicas decorativas. O tipo 7 inclui duas formas também lisas. - As técnicas de incisão, impressão "penteada", Boquique e punção concentram-se nas formas fechadas esféricas 1, 2 e 3 e na forma aberta 4. - A técnica de incisão predomina na forma 2 B, a "penteada" na forma 3 A, a de Boquique na 2 B e a de punção na forma 1 A. - As formas 1 B e 4 A admitem no mesmo número de exemplares a técnica de incisão. - Formas pouco abundantes - 5 e 6 - inserem várias técnicas decorativas, ou seja, tal como se verificou na camada 4, revelam uma variedade morfológica/estilística muito acentuada.

- *tipos de pasta* (em 281 exemplares)

1.1 - 17 ex. - 6%
1.2 - 240 ex. - 85,4%
1.3 - 24 ex. - 8,5%

Predomina o desengordurante de calibre médio; relativamente ao cômputo geral, o desengordurante de pequeno calibre aumenta levemente, como também o de calibre médio; diminui o de calibre grosseiro.

- *tipos de superfícies* (em 281 exemplares)

1/1 - 47 ex. - 16,7%
1/2 - 1 ex. - 0,3%
1/3 - 4 ex. - 1,4%
2/2 - 1 ex. - 0,3%
3/2 - 2 ex. - 0,7%
3/3 - 211 ex. - 75%
4/3 - 15 ex. - 5,3%

Predominam as superfícies alisadas. Relativamente ao cômputo geral há um leve aumento das superfícies externamente polidas e internamente alisadas e, sobretudo, um aumento das superfícies alisadas; diminuem as superfícies corroídas. Não foram encontrados alguns tipos de superfícies, aliás pouco significativos na amostragem global.

- *tipos de cores* (em 281 exemplares)

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado (ou alaranjado)	Núcleo acastanhado (ou beije)
1 161-57,2%	9,9% 1.1	9,9% 1.2	78,2% 1.3
2 41-14,5%	19,5% 2.1	41,4% 2.2	41,4% 2.3
3 32-11,3%	21,8% 3.1	- 3.2	78,1% 3.3
4 47-16,7%	- 4.1	10,6% 4.2	91,4% 4.3

Os tipos de cores são os seguintes:

1 - superfícies externa e interna acastanhadas

2 - superfícies externa e interna avermelhadas

3 - superfícies externa e interna acinzentadas

4 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

- Predominam as superfícies castanhas e castanho-avermelhadas.

. Articulação de forma e cor (em 281 exemplares)

		1			2			3		4		
		1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	3.3	4.1	4.2	4.3
1	A			11								12
	B	1	8	9	5			1			1	
	C											
2	A	3	3	23			3		3		3	
	B			8	3	3			9			6
	C			6								3
3	A		2	15		8	8	3	6			6
	B	2		6			6	3				3
	C											
4	A	8	3	22					7			7
	B			8								
5	A											1
	B	2		10		2					1	1
	C			2		4						1
6	A			4								
	B											
7				2								

- As formas 2 A e 3 A apresentam a maior variabilidade de tipos de cores, sendo seguidas pela forma 1 B. - A forma 4 A integra maior número de exemplares com o tipo 1. - A forma 3 A insere o maior número de exemplares com a de tipo 2. - A forma 1 B detém o maior número com o tipo 3 e a forma 2 B detém a maior quantidade com o tipo 4.

. Articulação entre forma e pasta (em 281 exemplares)

		1.1	1.2	1.3
1	A	1	19	3
	B	3	21	1
	C		1	
2	A	2	24	2
	B	2	42	2
	C		5	
3	A	2	41	4
	B	2	19	
	C			
4	A	2	44	3
	B	2	2	2
5	A		3	
	B	1	9	3
	C		5	3
6	A		1	
	B		3	
7			1	1

- As formas esféricas fechadas 1, 2 e 3, a ovóide 5 B, e a aberta 4 apresentam, em diferentes quantidades, pastas com desengordurante fino (1.1), médio (1.2) e grosseiro (1.3). As formas 5 A, 5 C, 6 e 7 não incluem pastas com desengordurante fino. - Em todas as formas predominam pastas de tipo 1.2. - A forma 2 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares com pastas de tipo 1.2, seguida das formas 3 e 4; a forma 5 insere maior número de exemplares com pastas de tipo 1.3; a pasta de tipo 1.1 distribui-se igualmente por quase todas as formas.

. Articulação entre forma e superfície (em 281 exemplares)

		1	1	1	2	3	3	4
		1	2	3	2	2	3	3
1	A	2				1	19	1
	B	4		1			18	2
	C						1	
2	A	3		1	1		22	1
	B	9					33	4
	C	1					4	
3	A	10	1	1			34	1
	B	1					20	
	C							
4	A	7		1		1	36	4
	B	4					1	1
5	A						3	
	B	2					10	1
	C	2					6	
6	A	1						
	B	1					2	
7							2	

- As formas 2 A, 3 A e 4 A apresentam um maior número de exemplares com diferentes tratamentos das superfícies. - Contudo, em todas as formas predomina o alisamento (3/3), apesar de haver um número apreciável de superfícies corroídas (1/1). - As formas 2 e 4 incluem, proporcionalmente, maior número de exemplares de tipo 4/3 (polida/alisada); a forma 2, maior número de exemplares de tipo 3/3 (alisada/alisada); a forma 2, maior número de exemplares de tipo 1/1 (corroída/corroída).

. Organizações decorativas

Em *cento e sessenta e dois* fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *quatorze organizações decorativas* (Fig. 12, 13, 14 e 15) que passamos a descrever, por ordem decrescente de importância no contexto deste nível de habitação (a numeração segue a convencionada para o conjunto de recipientes de toda a estação):

- I (43 ex., 26,5%) - sequência horizontal e vertical: sob o bordo representa-se uma ou mais linhas incisas paralelas a este; sob estas desenvolve-se uma sequência alternada de linhas quebradas (horizontais ou verticais)

e/ou reticulado e linhas verticais incisas, paralelas entre si, que funcionam como motivo separador. Esta sequência genérica pode ainda ser particionada horizontalmente, através de linhas incisas paralelas ao bordo (Fig. 12). Em um exemplar (Fig, 12, In), a sequência é mais complexa: linhas quebradas horizontais alternam com linhas incisas curvilíneas e linhas oblíquas. Em outro exemplar (Fig. 12, Im), associam-se as linhas quebradas horizontais ao motivo do triângulo preenchido com puncionamentos. Um terceiro (Fig. 12, Iq) associa o reticulado e a linha quebrada horizontal de forma a sugerir dois triângulos com os vértices opostos. Dois outros exemplares (Fig. 12, Ir,s) utilizam excepcionalmente a técnica da impressão "penteada": linhas curvilíneas horizontais alternam com linhas curvilíneas ou rectilíneas verticais. Esta organização utiliza basicamente a incisão como técnica decorativa predominante.

- II (36 ex., 22,2%) - sequência horizontal; motivo nuclear - o triângulo; sob o bordo representa-se uma ou mais linhas, incisas ou obtidas por punção ou impressão, paralelas a este (em menor percentagem, estas linhas podem estar ausentes); imediatamente sob esta(s) linha(s) aparece uma sequência de triângulos incisos preenchidos internamente (por puncionamentos ou incisões); estes triângulos podem ser delimitados por uma ou mais linhas incisas rectilíneas ou, excepcionalmente, curvilíneas; existe uma gama variada de composições que articulam as técnicas de punção, impressão e incisão, utilizadas de formas diferentes.

- XIV (15 ex., 9,2%) - sequência horizontal; linha (s) paralela(s) ao bordo seguida(s) de linhas curvilíneas horizontais. A técnica predominante é a impressão "penteada", embora num exemplar surja a técnica de Boquique. A conjugação das linhas "penteadas" produz diversas composições, da muito simples para a mais complexa.

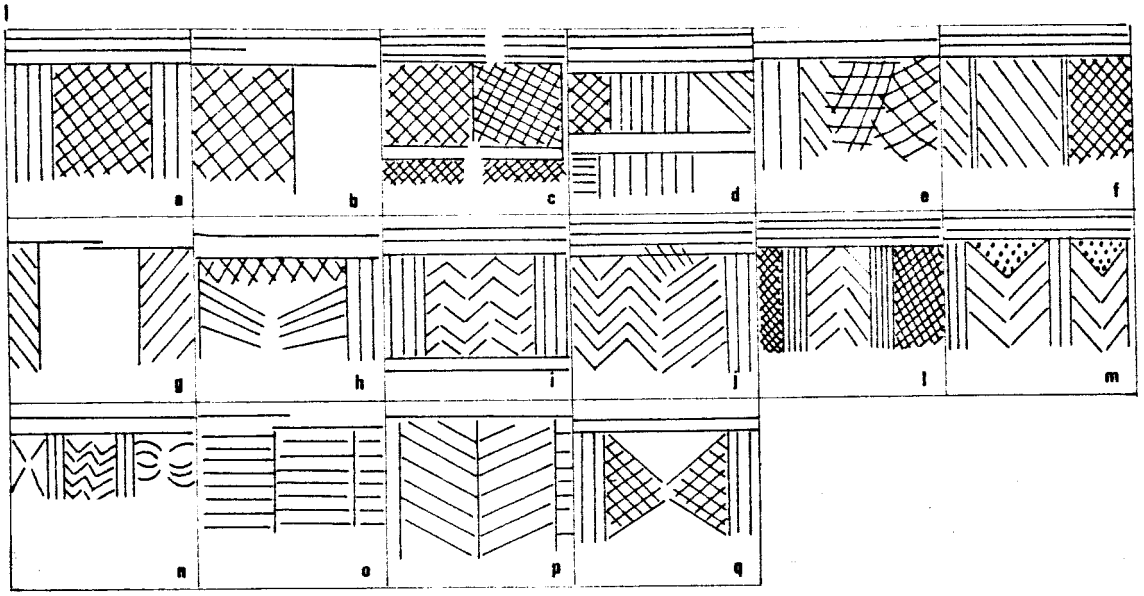
- IV (13 ex., 8%) - sequência horizontal; fiadas de várias linhas (obtidas por incisão e puncionamentos, simples ou arrastados), paralelas ao bordo e sob este.

- XIII (14 ex., 8,6%) - sequência horizontal; linhas paralelas ao bordo (incisas ou "penteadas") seguidas de linhas quebradas verticais, incisas. Em um exemplar linhas incisas, horizontais e verticais, particionam a sequência atrás descrita.

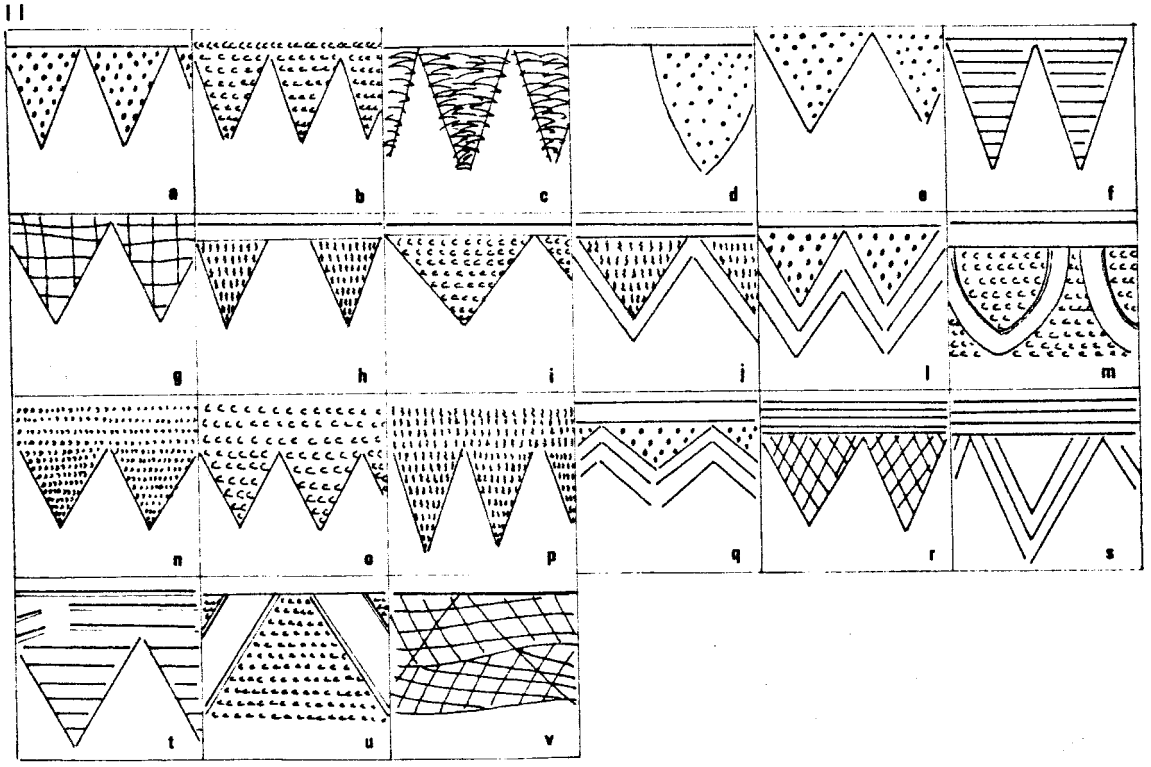
- X (13 ex., 8%) - sequência horizontal; linhas paralelas ao bordo (incisas ou "penteadas") seguidas de linhas quebradas horizontais (incisas ou "penteadas"). Em alguns exemplares (Fig. 13, Xi,j,l), estas linhas quebradas delimitam losangos não decorados.

- IX (10 ex., 6,1%) - sequência horizontal; linhas horizontais, paralelas ao bordo (incisas ou obtidas por puncionamento arrastado) seguidas por linhas curvilíneas ("grinaldas") realizadas com a técnica de puncionamento arras

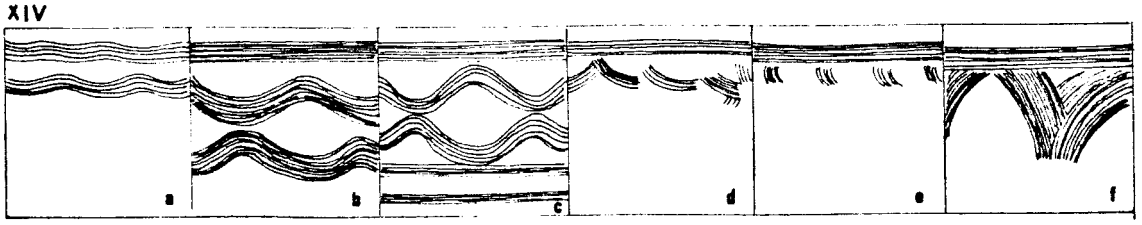
I

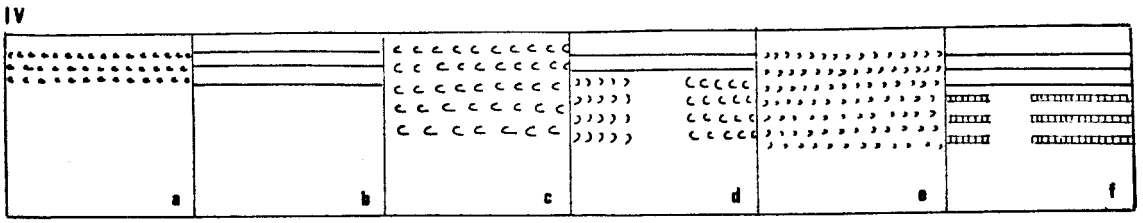


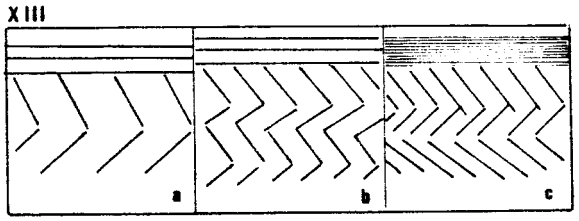
II

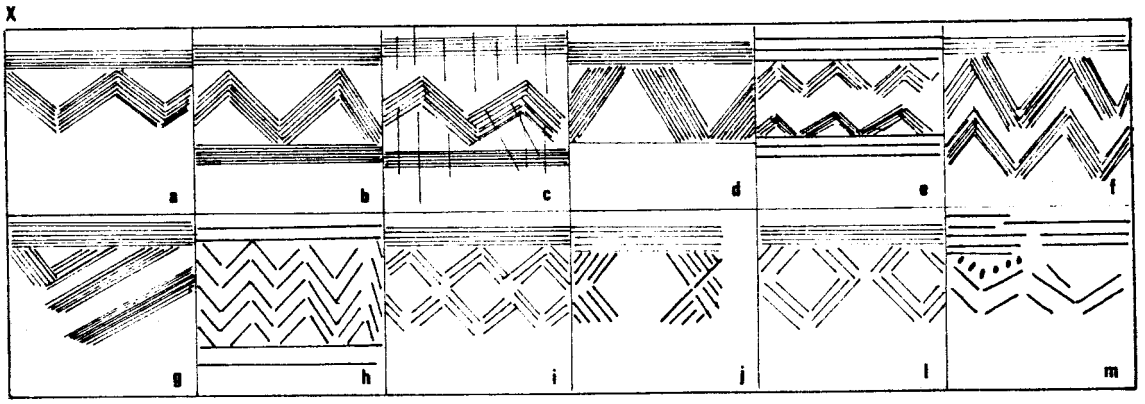


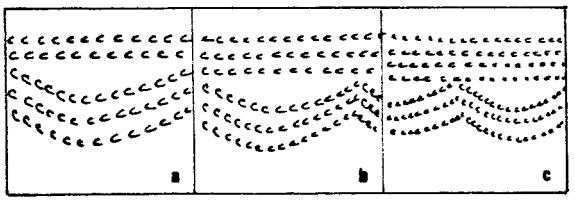
XIV

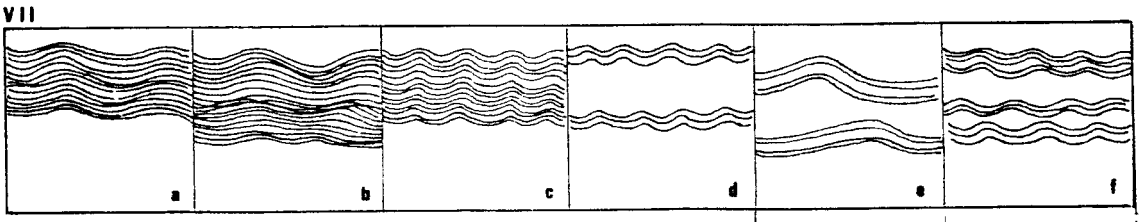


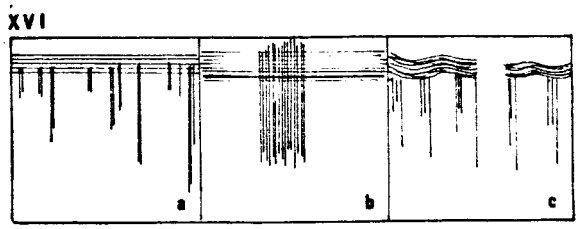

IV
a
b
c
d
e
f


XIII
a
b
c


X
a
b
c
d
e
f
g
h
i
j
l
m


IX
a
b
c


VII
a
b
c
d
e
f


XVI
a
b
c

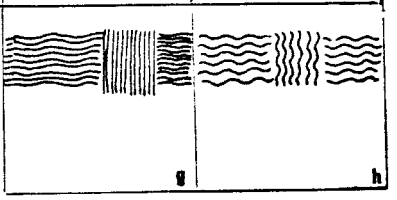

g
h

Fig. 13

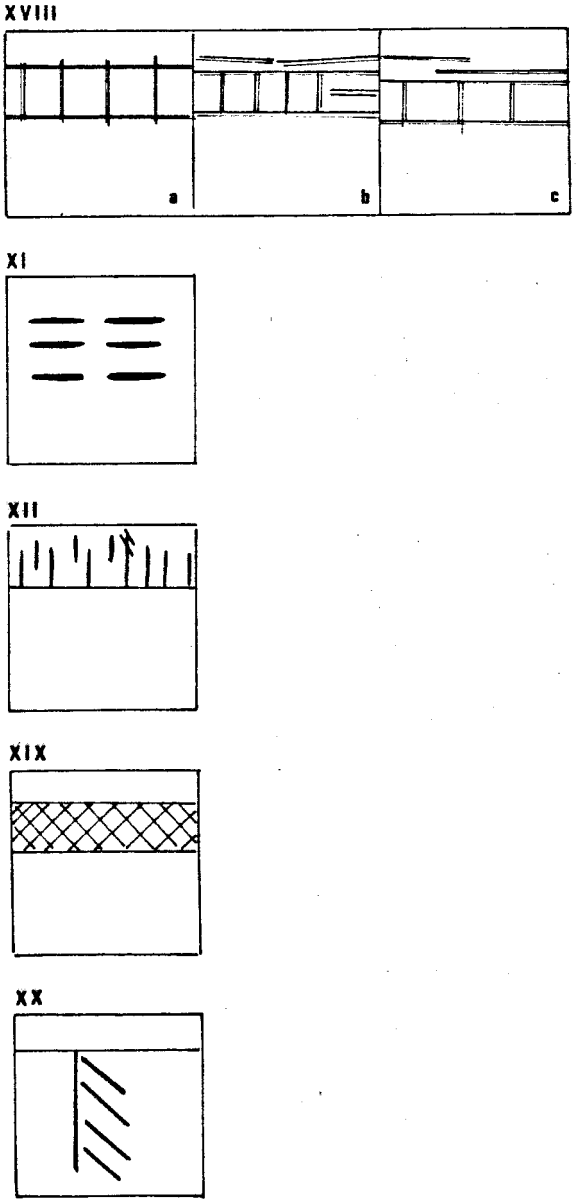
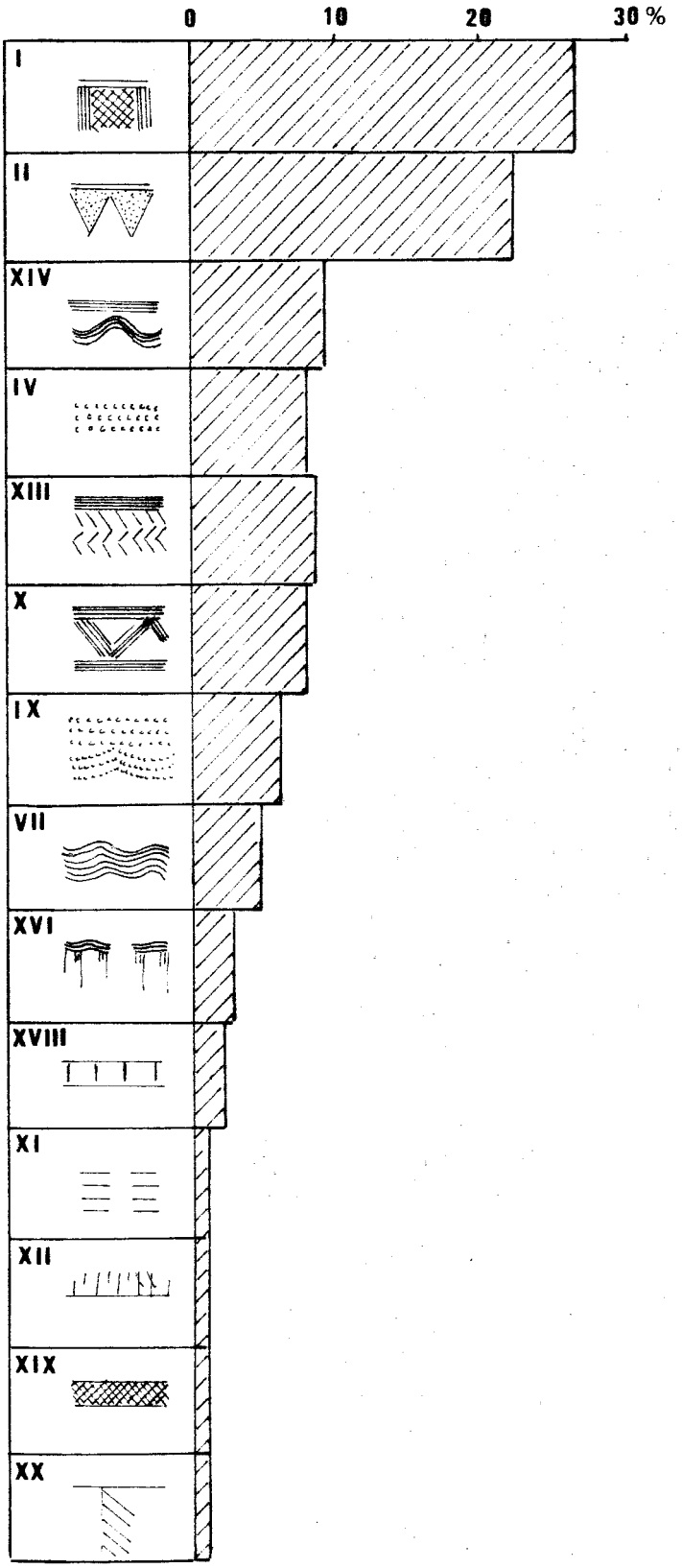


Fig. 14


0
10
20
30 %
I
II
XIV
IV
XIII
X
IX
VII
XVI
XVIII
XI
XII
XIX
XX

tado (Boquique).

- VII (7 ex., 4,3%) - sequência horizontal; linhas curvilíneas ("penteadas") paralelas ao bordo.

- XVI (4 ex., 2,4%) - sequência vertical; linhas paralelas ao bordo, retilíneas ou curvilíneas (incisas ou "penteadas") seguidas de outras verticais (incisas ou "penteadas"), curtas.

- XVIII (3 ex., 1,8%) - sequência horizontal; linhas incisas paralelas ao bordo delimitando uma faixa seccionada por linhas incisas, verticais, no interior.

- XI (1 ex., 0,6%) - sequência vertical; linhas incisas, curtas, paralelas ao bordo, delimitam espaços sem decoração.

- XII (1 ex., 0,6%) - sequência horizontal; linhas verticais incisas, de tamanhos alternados, são delimitadas por uma linha incisa, horizontal, paralela ao bordo.

- XIX (1 ex., 0,6%) - sequência horizontal; faixa delimitada por duas linhas incisas preenchida por reticulado inciso.

- XX (1 ex., 0,6%) - sequência vertical; linha incisa paralela ao bordo seguida de linhas incisas oblíquas delimitadas em um dos lados por uma linha incisa vertical e um espaço sem decoração.

São de acentuar os seguintes aspectos:

- A *incisão* predomina ou domina nas organizações I, XVIII, XI, XII, XIX e XX;

- A *impressão "penteada"* encontra-se isolada ou associada à incisão nas organizações XIV, XIII, X, VII e XVII;

- *O puncionamento* (simples ou arrastado), isolado ou associado à incisão, ocorre nas organizações II, IV e IX;

- Todas as organizações decorativas referidas desenvolvem-se do bordo para a parte média ou base do vaso.

As organizações I, X e XIII expandem-se do bordo quase até à base; as organizações XVIII, XIX e XII apenas se encontram sob o bordo; as IV, IX, XIV, XVI e VII desenvolvem-se do bordo até ao início da pança ou da parte média do vaso; as II, XX e XI concentram-se do bordo até à parte média do recipiente.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 129 exemplares) (Fig. 16)

- As formas 2 A e 4 A apresentam a maior variedade de organizações decorati

vas; seguem-se-lhes as formas 1 A e 3 A. - As formas 1 B e 2 B incluem o maior número de organizações decorativas de tipo I e as formas 1 A e 2 B as de tipo II. - As organizações X, II e I, distribuem-se por cinco tipos morfológicos diferentes; ao contrário, as organizações XI, XII, XIX e XX apenas se distribuem, cada uma, por uma única forma. - As organizações decorativas mais abundantes (I, II, XIV, IV, XIII, X) distribuem-se, predominantemente, pelas formas fechadas esféricas (1, 2 e 3), pela forma ovói de 5 e pela forma aberta 4.

- Além das formas de vasos relacionados com actividades culinárias ou de aprovisionamento, foram analisados também 9 fragmentos de pasta porosa e superfícies muito corridas, pertencentes a, pelo menos, três recipientes. Estes, de paredes muito grossas, integram-se genericamente na forma 4, mas apresentam duas particularidades: têm fundo aplanado e o contorno da boca é sub-elíptico. Um deles é decorado com técnica "penteada", segundo a organização X. São vasos de pequenas dimensões (12/15 cm por 8/10 cm), que terão sofrido altas temperaturas.

- Relacionando as dimensões dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que, qualquer que seja a capacidade daqueles, a decoração predomina nas formas esféricas fechadas, enquanto é muito menos abundante nas formas 4 e 7. Novamente, não foi detectada qualquer articulação significativa entre a capacidade e a ausência ou presença da decoração.

. Categorias tipológicas

Partindo da associação de diversas variáveis, como forma, tamanho, índices de profundidade e abertura da boca, foram criadas as seguintes *categorias tipológicas* com base em cento e setenta e três recipientes cerâmicos existentes neste nível de ocupação:

I - (108 ex., 62,4%)

Refere-se a vasos de boca larga, e considerável profundidade de médias ou grandes dimensões, integrando formas esféricas ou tronco-cónicas (Formas 1, 2, 3, 6, 7). A capacidade destes recipientes escalona-se aproximadamente entre 0,5 ℓ e 9 ℓ, o que pressupõe uma variada gama de utilizações culinárias. Este tipo de vasos é predominantemente decorado segundo a técnica de incisão, integrando todas as organizações decorativas formuladas para este nível. A organização I - metopada - articula-se significativamente com esta categoria funcional.

	I	II	XIV	IV	XIII	X	IX	VII	XVI	XVIII	XI	XII	XIX	XX
1 A	5	5		1		1	1			1	1			
B	7	3		1		1	1			1				
C						1								
2 A	2	3	3	1	1	3	1	1			1			
B	7	5	2	2	4		3							
C						1			1					
3 A	5	2	5	5	1	1		2						
B		3				2				1				1
C														
4 A	2	1	2	1	1	3		2	2				1	
B	1		1											
5 A						1								
B	2	1		2		3		1						
C		1												
6 A			2											
B														
7														

Fig. 16

II - (24 ex., 13,8%)

É constituída por vasos de boca muito larga e pequena profundidade, de médias dimensões, inserindo exclusivamente a forma em calote de esfera (F. 4). A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ-1,5 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente liso, mas pode integrar as organizações decorativas I, XIV, II, XIII, X, VII e XIX.

III - (19 ex., 10,9%)

Refere-se a vasos, quer de boca larga, quer estreita, de profundidade variável, de pequenas dimensões, integrando as formas esféricas (F. 2 e F. 3) a forma aberta (F. 4), a forma ovóide (F. 5) e a forma 7. A capacidade varia entre 0,1 ℓ e 0,5 ℓ. Este tipo de recipientes pode ser decorado segundo as organizações I, II, XIII, IV, X ou VII. Ocorrem também vasos lisos. A forma ovóide (F. 5), pelas mesmas razões já apontadas para a da camada 4, poderia destinar-se preferencialmente para a bebida.

IV - (19 ex., 10,9%)

Consta esta categoria de vasos de boca estreita e grande profundidade, de grandes ou muito grandes dimensões, integrando quer a forma esférica 1, quer a forma ovóide 5. A capacidade destes recipientes escalona-se entre os 6,5 ℓ (F. 1) e os 15/25 ℓ (F. 5). Nos exemplares estudados observam-se as organizações decorativas II, XIV, XIII, IV, X e I. Ocorrem também alguns vasos lisos.

V - (3 ex., 1,7%)

Recipientes de boca larga e pequena profundidade (4 a 5 cm de altura); abertura de forma oval e fundo plano. São vasos de pequenas dimensões, de paredes muito grossas (1 a 1,5 cm), de capacidade certamente inferior a 0,3 ℓ. Moldados em barro de aspecto poroso, possuem superfícies muito corroídas. Um dos exemplares estudado encontrava-se decorado segundo a técnica da impressão "penteada" (organização decorativa X).

A análise dos tipos de pastas e superfícies nestas categorias tipológicas não permitiu determinar associações estatisticamente significativas. Apenas se assinalou, como na amostragem do nível de ocupação anterior, uma leve tendência para a predominância de pastas de tipo 1.3 em vasos ovóides (C.T. IV) e de superfícies rugosas (2/2) em vasos ovóides (C.T. IV) e globulares (C.T. II). As superfícies polidas externamente (4/3) distribuem-se pelas quatro categorias tipológicas indicadas. A categoria V apresenta, em regra, superfícies muito corroídas.

. Camada 2

Na camada 2 foram registados 705 fragmentos cerâmicos (299 decorados e 406 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados os mesmos três tipos já mencionados nas anteriores camadas. Todos os exemplares também se devem incluir adentro da categoria de *pasta compacta*.

1.1 - 35 ex. - 4,9%
1.2 - 542 ex. - 76,8%
1.3 - 128 ex. - 18,1%

Predomina o desengordurante de grão médio.

- *tipos de superfícies*

Foram considerados os mesmos onze tipos de superfícies já seleccionados na camada 3.

1/1 - 134 ex. - 19%
1/2 - 18 ex. - 2,5%
1/3 - 22 ex. - 3,1%
2/1 - 15 ex. - 2,1%
2/2 - 91 ex. - 12,9%
2/3 - 4 ex. - 0,5%
3/1 - 2 ex. - 0,2%
3/2 - 24 ex. - 3,4%
3/3 - 383 ex. - 54,3%
4/3 - 8 ex. - 1,1%
4/4 - 4 ex. - 0,5%

Predominam as superfícies alisadas, embora se verifique uma alta percentagem de superfícies corroídas.

- *tipos de cores* (superfície externa)

Ocorrem os três tipos de cores seleccionados para as camadas anteriores.

1 - 366 ex. - 52,1%
2 - 267 ex. - 37,8%
3 - 70 ex. - 9,9%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em duzentos e noventa e nove exemplares decorados foram identificadas cinco técnicas decorativas diferentes:

Incisão - 153 ex. - 51,1%

Impressão "penteada" - 74 ex. - 24,7%

Punção (tipo Boquique) - 45 ex. - 15%

Punção - 25 ex. - 8,3%

Impressão - 2 ex. - 0,6%

Predomina a incisão, seguida da impressão "penteada".

As duas técnicas que utilizam o puncionamento apresentam importantes percentagens; a impressão é quase inexistente.

. Caracterização morfológica

- Foram seleccionadas *cento e oito formas* (onze lisas e noventa e sete decoradas), as quais se distribuem por *sete* tipos morfológicos. (Figs. 8, 9 e 10).

Em cinquenta e dois recipientes foram determinadas seis categorias consoante os diversos diâmetros externos da abertura:

2 - 6-10 cm - 1 ex. - 1,9%

3 - 11-15 cm - 21 ex. - 40,3%

4 - 16-20 cm - 19 ex. - 36,5%

5 - 21-25 cm - 6 ex. - 11,5%

6 - 26-30 cm - 3 ex. - 5,7%

7 - 31-35 cm - 2 ex. - 3,8%

Existem os seguintes tipos morfológicos:

Tipo 1 (18 ex., 16,6%) - Esférico de boca muito fechada, fundo arredondado, predominam Dam ext bc 3 e 4; Dam ext bc varia entre 3 e 5; P varia entre 75 e 130; A varia entre 70 e 82 (sub-tipo A, sem colo; sub-tipo B - com leve acentuação do colo).

Tipo 2 (26 ex., 24%) - Esférico de boca fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 4, Dam ext bc varia entre 3 e 5; P varia entre 70 e 88; A varia entre 83 e 90 (sub-tipo A, sem colo; sub-tipo B - com leve acentuação do colo; sub-tipo C - com acentuação do colo).

Tipo 3 (35 ex., 32,4%) - Esférico de boca levemente fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 3 e 6. P varia entre 48 e 100; A varia entre 91-98 (sub-tipo A, sem colo; sub-tipo B - com leve acentuação do colo).

Tipo 4 (12 ex., 11,1%) - Taça em calote de esfera; predomina Dam ext bc 3; Dam ext bc varia entre 2 e 7; P varia entre 20 e 40 (sub-tipo A, lados rectos ou levemente introvertidos, variantes alta e baixa; sub-tipo B, lados levemente extrovertidos).

Tipo 5 (11 ex., 10,1%) - Recipiente ovóide, de boca muito fechada, fundo arredondado (?); predomina Dam ex bc 3; Dam ext bc varia entre 2 e 4; P varia entre 145-250 (?); A varia entre 50 e 80 (sub-tipo A - pequenas dimensões, Dam ext bc 2, A varia entre 50-65, com ou sem colo; sub-tipo B e C - grandes dimensões, Dam ext bc 3 e 4, o primeiro com A entre 58-80 e colo levemente acentuado, o segundo com A entre 50 e 60 e colo muito acentuado.

Tipo 6 (6 ex., 5,5%) - Recipiente aberto, tronco-cónico, de lados quase rectos, fundo plano-convexo (?), com ou sem colo; predomina Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 5 e 6.

- Predominam em todas as formas os diâmetros médios (4 ou 3).
- Estão quase ausentes os pequenos vasos (Dam ext bc 1 e 2), como os grandes vasos (Dam ext bc 7, 8 e 9).
- Em termos absolutos, poderíamos dizer que os vasos de maior capacidade se reduzem aos do tipo 5 B e C, recipientes ovóides de colo marcado.
- Contudo, esta amostragem cerâmica corresponde apenas à fase final (antes do seu abandono pelos utentes) do nível de habitação expresso na camada 3. Não reflecte, portanto, o padrão global da morfologia cerâmica desta ocupação, o qual foi descrito anteriormente.
- Neste sentido, reagrupando as formas desta camada em função da *capacidade* dos recipientes, constatamos que predominam os de capacidade média (0,5 a 1,5 ℓ) distribuídos por todas as formas, estando quase ausentes os de pequena capacidade (0,1 a 0,5 ℓ) e os de grande capacidade (6,5 a 9 ℓ e 15 a 25 ℓ).

Nos *noventa e sete* vasos decorados podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas:

Incisão - 44 ex. - 45,3%

Impressão "penteada" - 23 ex. - 23,7%

Punção (tipo Boquique) - 22 ex. - 22,6%

Punção - 8 ex. - 8,2%

Estes valores correspondem aos dados percentuais relativos à amostragem global (apenas a técnica por impressão está ausente).

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 108 exemplares)

	LISA	INCISA	IMPRESSÃO "PENTEADA"	BOQUIQUE	PUNÇÃO
1 A		2	6	3	1
B		5		1	
2 A	1	7	2	1	2
B		8	1	1	1
C		1		1	
3 A	2	11	2	4	2
B		2	6	6	
4 A	5	2	3		1
B		1			
5 A			1		
B		2	1	3	
C	1	2		1	
6 A	1		1		1
B	1	1		1	

- As formas 2 A e 3 A apresentam a maior variedade de técnicas decorativas, seguidas das formas 1 A, 2 B e 4 A; contudo, todas as formas mais significativas incluem uma importante variedade decorativa. - A forma 4 integra o maior número de vasos lisos, embora também admita várias técnicas decorativas. - As técnicas de incisão, impressão "penteada" e Boquique concentram-se nas formas fechadas esféricas 1, 2 e 3. - A técnica de incisão predomina na forma 3 A, a "penteada" nas formas 1 A e 3 B, a de Boquique na forma 3 B. - Formas pouco abundantes - 5 e 6 - inserem várias técnicas decorativas, ou seja, tal como se verificou nas camadas 4 e 3, existe uma variedade morfológico/estilística muito acentuada.

- *tipos de pasta* (em 108 exemplares)

1.1 - 10 ex. - 9,2%

1.2 - 83 ex. - 86,1%

1.3 - 5 ex. - 4,6%

Predomina o desengordurante de calibre médio; relativamente ao cômputo geral, aumenta levemente o desengordurante de pequeno calibre e o de calibre médio; diminui o de calibre grosseiro.

- *tipos de superfícies* (em 108 exemplares)

1/1 - 8 ex. - 7,4%
1/2 - 15 ex. - 13,8%
1/3 - 7 ex. - 6,4%
2/2 - 4 ex. - 0,9%
3/3 - 69 ex. - 63,8%
4/3 - 4 ex. - 3,7%
4/4 - 4 ex. - 3,7%

Predominam as superfícies alisadas. Relativamente ao cômputo geral, aumentam as superfícies alisadas e polidas e diminuem as corroídas.

- *tipos de cores* (em 108 exemplares)

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado (ou alaranjado)	Núcleo acastanhado (ou beije)
1 63-58,3%	14,2% 1.1	4,7% 1.2	80,9% 1.3
2 17-15,7%	- 2.1	52,9% 2.2	47% 2.3
3 16-14,8%	37,5% 3.1	— 	62,5% 3.3
4 12-11,1%	- 4.1	8,3% 4.2	91,6% 4.3

Os tipos de cores são os mesmos dos descritos para a camada 3. Predominam as superfícies castanhas e castanho-avermelhadas.

. Articulação da forma e da cor (em 108 exemplares)

	1			2			3		4	
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	3.3	4.2	4.3
1 A			5							7
B	1	1	2				1		1	
2 A	2	2	6			1				1
B			4					7		
C			2							
3 A			10		5	2	1	2		1
B	2		5			5	2			
4 A	3		6				1	1		
B			1							
5 A										1
B	1		3		1					1
C			2		2					
6 A			2		1					
B			3							

- A forma 3 A apresenta a maior variabilidade de tipos de cores, sendo seguida das formas 1 B e 2 A.

- As formas 2 A e 3 A integram maior número de exemplares com o tipo 1; a forma 3 A insere o maior número de exemplares com a de tipo 2; a forma 1 A detêm a maior quantidade com o tipo 3; a forma 2 B com o tipo 4.

. Articulação entre forma e pasta (em 108 exemplares)

	1.1	1.2	1.3
1 A		11	1
B	2	4	
2 A	1	12	
B		10	1
C		2	
3 A	4	16	1
B		14	
4 A	3	8	
B			1
5 A		1	
B		6	
C		3	1
6 A		3	
B		3	

- As formas esféricas 1, 2 e 3 e a forma 4 apresentam, em diferentes quantidades, pastas com desengordurante fino (1.1), médio (1.2) e grosseiro (1.3). As formas 5 e 6 não incluem pastas com desengordurante fino. - Em todas as formas predominam pastas de tipo 1.2. - A forma 3 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares com pastas de tipo 1.2, seguida das formas 2 e 1.

. Articulação entre forma e superfície (em 108 exemplares)

		1	1	1	2	3	4	4
		1	2	3	2	3	3	4
1	A	2	4			6		
	B					6		
2	A		2	1	1	8		1
	B	1	1			9		
	C					2		
3	A	1		4		15	1	
	B		1	1		9	3	
4	A	3	3			3		2
	B					1		
5	A		1					
	B	1				5		1
	C			1		2		
6	A		2			1		
	B		1			2		

- A forma 2 A apresenta um maior número de exemplares com diferentes tratamentos das superfícies. - Contudo, em quase todas as formas (à excepção da 6 A) predomina o alisamento (3/3). - A forma 3 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares de tipo 3/3; a forma 1, maior número de exemplares de tipo 1/1.

. Organizações decorativas

Em *cento e um* fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas treze organizações decorativas, dez das quais (I, II, XIV, IV, X, XIII, IX, XVI, VII, XX) idênticas às já descritas para os vasos da camada 3 (Fig. 17).

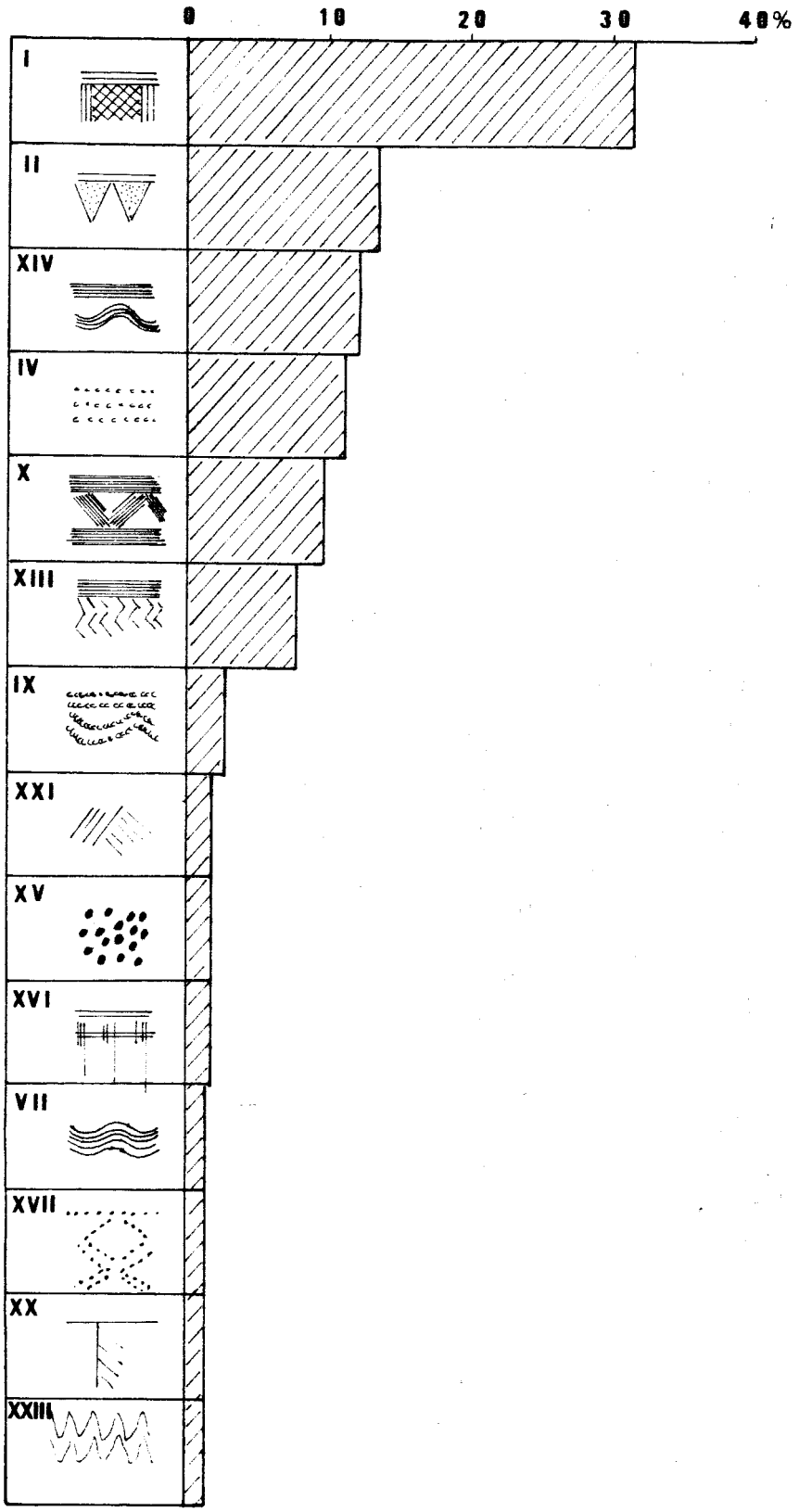


Fig. 17

I - 31 ex. - 30,6%
II - 14 ex. - 13,8%
XIV - 13 ex. - 12,8%
IV - 12 ex. - 11,8%
X - 10 ex. - 9,9%
XIII - 8 ex. - 7,9%
IX - 3 ex. - 2,9%
XVI - 2 ex. - 1,9%
XXI - 2 ex. - 1,9%
XV - 2 ex. - 1,9%
VII - 1 ex. - 0,9%
XVII - 1 ex. - 0,9%
XX - 1 ex. - 0,9%
XXIII - 1 ex. - 0,9%

As novas organizações decorativas são as seguintes:

- *XV* - sequência horizontal; puncionamentos simples preenchem de forma não estruturada uma faixa larga, do bordo quase até à base.

- *XVII* - sequência horizontal; uma linha paralela ao bordo é seguida de linhas quebradas que delimitam losangos não decorados (poderia considerar-se uma derivação da organização X i ou l). A técnica utilizada é o puncionamento simples.

- *XXI* - sequência horizontal (?); reticulado ou linhas oblíquas incisas.

- *XXIII* - sequência horizontal; duas linhas quebradas, incisas, junto ao bordo.

São de acentuar os seguintes aspectos:

- Estas organizações expandem-se do bordo quase até à base (XV e XVII) ou até à parte média do vaso (XXI e XXIII).

- São organizações decorativas excepcionais, no contexto desta camada, e nível de habitação do sector A.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 108 exemplares)

		I	II	XIV	IV	X	XIII	IX	XVI	XXI	VII	XVII	XX	XXIII	XV
1	A	1		1	4		1				1			1	
	B	5	1		1	1									
2	A	3	1				3	1				1			
	B	2	2				1								
	C	6	1						1						2
3	A	2	4	1		3				2			1		
	B	3	1	4		1					2				
4	A	1	1			1					1				
	B														
5	A						2								
	B					1	1	1							
	C				1										
6	A			1	1										
	B				1										

- A forma 1 A apresenta a maior variedade de organizações decorativas; seguem-se-lhes as formas 2 A, 3 A, 3 B e 4 A. - As formas 2 c e 1 B incluem o maior número de organizações decorativas de tipo I e a forma 3 A a de tipo II. - As organizações I e II distribuem-se por 8 e 7 tipos morfológicos diferentes, respectivamente; ao contrário, as organizações XVI, XVII, XX, XXIII e XV apenas se distribuem, cada uma, por uma única forma. - As organizações mais abundantes (I, II, XIV, IV, X, XII) estão inseridas em formas esféricas fechadas (1, 2 e 3).

- Relacionando as dimensões dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que, qualquer que seja a capacidade daqueles, a decoração predomina nas formas esféricas fechadas, enquanto é menos abundante na forma 4. Como na camada 3, não foi detectada qualquer articulação significativa entre a capacidade e a ausência ou presença de decoração.

. Categorias tipológicas

- Foram encontradas *quatro categorias tipológicas* com base em apenas *quarenta e oito exemplares*, onde foi possível articular as variáveis forma, tamanho, abertura da boca e profundidade.

I - (38 ex., 79,1%)

A capacidade dos vasos varia entre 0,5 ℓ e 3 ℓ, em média. Predomina a orga-

nização decorativa I.

II - (6 ex., 12,5%)

A capacidade escalona-se entre 0,5 ℓ e 1,5 ℓ. Predominam os vasos lisos, ocorrendo as organizações decorativas I, X, VII.

III - (2 ex., 4,1%)

Capacidade - 0,1-0,3 ℓ. Nos dois exemplares analisados, observaram-se as organizações X e XIII.

IV - (2 ex., 4,1%)

Capacidade - 6,5 ℓ-15 ℓ. Nos dois exemplares analisados, observaram-se as organizações IV e I.

Como na camada anterior, registaram-se algumas constantes, que, no entanto, não podem ser consideradas estatisticamente significativas: predominância de pastas de tipo 1.3 em vasos ovóides (C.F. IV), e de superfícies rugosas em vasos globulares II). As superfícies polidas externamente (4/3) distribuem-se por três das quatro categorias tipológicas.

c) Material diverso (Camadas 3 e 2)

Foram ainda registados alguns ossos de animais e resíduos de prováveis artefactos, em cobre arsenical, cuja análise pormenorizada será adicionada no final do estudo da estação.

d) Distribuição espacial dos materiais

. Camada 3

A distribuição espacial dos materiais arqueológicos da camada 3 deve ver-se no contexto das *áreas funcionais* atrás descritas:

Área extra-murete (incluíndo depressão detrítica - D) - foram detectadas 7 pontas de seta, 1 lasca retocada, 2 lascas residuais, 8 fragmentos de ossos de animais, e 209 fragmentos de recipientes cerâmicos (lisos ou decorados segundo as técnicas de incisão, puncionamento, impressão e, mais raramente, impressão "penteada"). Observaram-se os tipos morfológicos 1, 2, 3, 4 e 7, predominando 2 e 3.

Área intra-murete, integra duas zonas funcionais: - *área das lareiras e outras estruturas de combustão* - foram encontradas 9 pontas de seta, 3 raspadeiras, 6 lascas retocadas, 1 núcleo, 8 lascas residuais, 3 resíduos de fragmentos de metal, (dois de

les associados a duas estruturas de combustão), 2 "rebolos", 2 fragmentos de mós, 1 fragmento de osso no interior dum vaso, perto da Lareira 1, 1 machado polido, 688 fragmentos de recipientes cerâmicos (lisos ou decorados segundo as técnicas de incisão, puncionamento, impressão e, mais raramente, impressão "penteada") e 1 fragmento de 1 vaso cerâmico de boca oval, na zona de transicção para a área contígua dos "empedrados". É uma área de trabalho importante, onde se podem ter realizado quer actividades de consumo (particularmente culinárias) quer actividades artesanais (lascagem da pedra, feitura de cerâmica, etc.). Observaram-se os tipos morfológicos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. A forma 5 distribuia-se apenas em torno da Lareira 3; as outras formas ocorriam ou em torno da Lareira 2, concentradas em duas zonas separadas por pedras do murete que "forravam" o solo da habitação.

Área dos "empedrados" - foram registados 7 raspadeiras, 1 ponta de seta, 8 lascas residuais, 1 machado polido, 1 lasca retocada, resíduos de fragmentos de metal, 9 fragmentos de vasos cerâmicos de boca oval, fragmentos de cerâmica de revestimento (sem vestígios de negativos de ramos) e 400 fragmentos de recipientes cerâmicos. Estes têm a particularidade de corresponder a vasos predominantemente decorados segundo a associação da *incisão e da impressão "penteada"* (organizações XIV, XIII, X e VII). Também ocorrem as organizações XVI e XVIII. São recipientes esféricos fechados, (1, 2 e 3), de dimensões médias, e abertos (4) ou ovóides (5 B/5 C) de maiores dimensões. Trata-se duma área funcional, provavelmente relacionada com o *trabalho da pedra* e *madeira* (número abundante de raspadeiras), embora também se possa colocar a hipótese de ter servido, conjuntamente, para armazenar vasos de provisões. Os "empedrados" poderiam escorar pequenos postes, definindo, com os buracos de poste abertos na terra estéril, uma "divisão" interior, separada da área das Lareiras, mas contígua a esta.

Área das estruturas de combustão da extremidade Sul - foram identificadas 7 pontas de seta, 1 lasca retocada, 3 fragmentos de ossos, 1 conta verde de variscite, 1 depósito de núcleos e lascas semi-trabalhadas ou residuais (depósito aparentemente abandonado) e 220 fragmentos de recipientes cerâmicos lisos ou decorados predominantemente com as técnicas de incisão, puncionamento, impressão e, mais raramente, impressão "penteada". Em redor do depósito de núcleos e lascas de sílex, havia um depósito argiloso e abundante cerâmica de revestimento associada a pedras e a uma mancha de terra carbonizada. Todos estes dados nos levam a pensar que nos encontramos perante uma outra zona de trabalho, particularmente relacionada com a lascagem da pedra e actividades provavelmente culinárias, em articulação com as estruturas de combustão. Dada a presença de cerâmica grosseira de revestimento, associada a abundante número de pedras, na extremidade NO desta área, não seria ilógico pensar na existência provável duma "entrada", construída com postes, a qual separaria este espaço dos outros anteriormente descritos. Foram observados os tipos morfológicos 1, 2, 3, 4 e 5, distribuídos uniformemente em torno das estruturas de combustão.

- Se quisermos construir uma imagem sintética da distribuição espacial aproximada das *categorias tipológicas* cerâmicas, atrás enunciadas, chegaremos às seguintes conclusões: - *os vasos da categoria tipológica I* encontram-se dispersos por toda a área habitacional, se bem que haja uma importante concentração em torno das estruturas de combustão;

- *os vasos da categoria tipológica II* também se distribuem por toda a área habitacional, mas ocorrem preferencialmente na zona dos "empedrados" e das Lareiras (área intra-murete);

- *os vasos pequenos* (C.T. III) ocorrem predominantemente em torno das áreas de combustão, particularmente junto das Lareiras 1 e 2;

- *os vasos ovóides* (C.T. IV), tal como os globulares (C.T. II), estão presentes em toda a área habitacional, mas predominam na zona dos "empedrados" e das Lareiras (área intra-murete);

- os recipientes integráveis na categoria V concentram-se exclusivamente na zona dos "empedrados".

Assim, verifica-se que os vasos das categorias tipológicas I e II encontram-se preferencialmente associados a estruturas de combustão; os vasos das categorias tipológicas II e IV também ocorrem associados predominantemente quer na zona dos "empedrados" quer na zona de lareiras (área intra-murete). Os recipientes da categoria V articulam-se com uma área bem precisa desta habitação.

. Camada 2

A distribuição espacial dos materiais arqueológicos da camada 2 adapta-se, em termos gerais, às áreas funcionais atrás mencionadas, embora os contornos das mesmas não sejam tão nítidos e se verifiquem migrações significativas de fragmentos dos mesmos artefactos entre locais distanciados de 6 e 7 metros.

Contudo, podemos distinguir três zonas:

- a *área a oeste* (engloba a anterior área das Lareiras e parte do murete e sua periferia exterior): foram encontradas 5 pontas de seta, 7 raspadeiras, 10 lascas retocadas, 1 raspador, 1 machado polido, 4 "rebolos", 2 fragmentos de ossos de animais, cerâmica de construção e 400 fragmentos de recipientes cerâmicos lisos e decorados segundo os padrões detectados na camada 3;

- a *área a leste* (engloba a anterior área dos empedrados): apenas se detectou uma raspadeira e uma ponta de seta, além de 100 fragmentos de recipientes cerâmicos lisos e decorados segundo a combinatória predominante incisão/impressão "penteada";

- a *área a sul* (engloba a anterior área de estruturas de combustão da extremidade Sul): descobriram-se 2 lascas retocadas, 1 raspadeira, 1 ponta de seta, 1 "rebolo", cerâmica de construção e 200 fragmentos de recipientes cerâmicos lisos e decorados segundo os padrões detectados na mesma zona na

camada 3.

Nas três zonas observou-se genericamente a mesma distribuição espacial dos tipos morfológicos detectados na camada 3.

Análise comparada dos dois níveis de habitação

A primeira e mais fácil constatação é de que o espaço habitado se ampliou consideravelmente. De uma cabana com a área de 24 m^2, encostada ao flanco sul dum círculo de penedos que domina uma plataforma rochosa, passou-se a uma estrutura habitacional de 120 m^2 que se alargou para leste, noroeste e sul, abarcando quase a totalidade da área natural oferecida pelos afloramentos graníticos.

A cabana mais antiga apresentava um contorno sub-rectangular, estando a sua provável abertura orientada a sul. Era sustentada basicamente por duas fiadas de postes, uma no lado oeste, que deveria suster inclinação da cabana assente sobre um solo natural originalmente desnivelado, e outra a meio da habitação, orientada SE-NO, constituída por postes de maior envergadura nas extremidades e um mais pequeno a meio da cabana. Aparentemente, no lado leste não foram identificados buracos de poste, o que não significa que não tivessem existido, de pequenas dimensões, (simplesmente escorados com pedras, que teriam sido posteriormente desmanteladas). A cerâmica de revestimento encontrada no interior da habitação era constituída por terra argilosa bem argamassada, cozida, mas onde não se conseguiu detectar os negativos dos ramos que aquela deveria cobrir. Ficamos assim sem poder caracterizar o tipo de ossatura e cobertura desta cabana, por deficiência da própria informação arqueológica, e também por falta de conhecimentos comparativos para estações desta época no Norte de Portugal. Não foram também descobertos quaisquer indícios de construção duma "porta" na entrada sul. O espaço poderia ser aberto ou fechado por qualquer dispositivo que não deixou vestígio arqueológico.

A estrutura habitacional posterior teve necessidade de se ampliar destruíndo o anterior espaço. Num primeiro momento ainda conservou o limite oeste da primeira cabana, mas em breve inutilizou os buracos de poste desse lado (B.10/9/8) e fez recuar o solo de habitação para leste, para o que foi construído um murete com a provável dupla finalidade de conter as terras do interior e servir como infraestrutura duma parede (de adobe?) com a orientação SE-NO, aliás, perfeitamente paralela à fiada interior de postes da primeira cabana. Contudo, estes também foram destruídos durante a segunda ocupação. O contorno desta ampla estrutura habitacional é irregular pois as suas paredes adaptaram-se aos recantos dos afloramentos rochosos. Podemos talvez dizer que se trata dum espaço de contorno sub-circular com uma extremidade alongada para Sul. De salientar, no entanto, que esta cabana não utilizou toda a área disponível no interior do recinto natural definido pelos penedos. Uma zona, exterior à cabana, a leste, com cerca de 6 m^2, permaneceu livre, a qual pode ter servido como área de circulação e saída do recinto, para norte. Contudo, a "entrada" principal desta cabana situava-se também a sul, no mesmo local da abertura da cabana anterior. Temos, neste caso, provas mais significativas: o murete atrás mencionado interrompia-se através duma abertu-

ra com 1,60 m de largura. Em frente desta entrada a camada arqueológica terminava e na terra arenosa estéril abriam-se duas pequenas depressões irregulares, geminadas e simétricas, com um enchimento constituído por terra castanha e alguns fragmentos cerâmicos. Poderiam ser interpretadas como "fossas" de edificação da "porta", das quais se teria extraído terra para fabricar o revestimento argiloso que cobriria as paredes da construção (?). Estruturas deste tipo, ocorrem frequentemente junto a habitações neolíticas em França (C. Constantini *et alii*, 1982). A ossatura desta habitação é de difícil caracterização. O local sofreu acrescentamentos ao longo do tempo, podendo pressupor-se que a extremidade sul terá sido edificada numa fase posterior à do espaço nuclear sub-circular. Apenas foram detectados três buracos de poste delimitando esta estrutura habitacional (B.11/13/7), aliás estreitos e pouco profundos, um deles muito baixo, apenas escorado com pequenas pedras. Os outros buracos de poste estavam no interior da habitação: um deles, medianamente profundo, situava-se perto da entrada, junto da Lareira 1, no centro da área funcional das estruturas de combustão. Outros dois definiam, juntamente com quatro empedrados, uma zona elíptica no interior da cabana, e um outro (B. 4) localizava-se a meio da área sul. Significa isto que nos escapa o sistema construtivo total desta habitação, que poderia ser sustentada, em parte, através de um processo de ligação aos penedos por meio de fibras de origem vegetal ou animal. O lado oeste seria protegido por meio duma "parede" (de barro amassado sobre postes de madeira?) a qual assentaria sobre o topo do murete de pedras. Apesar da provável existência de adobe como elemento construtivo, ele rareava no interior da habitação e quando detectado não apresentava quaisquer indícios de negativos de ramos.

Uma notável diferença entre as duas cabanas diz respeito à *organização do seu espaço interior*. A cabana mais antiga estava dividida basicamente em duas áreas. Uma área de *trabalho* localizava-se em torno duma *lareira* plana estruturada e entre esta e o montículo de argila. Essa área concentrava fragmentos de vasos e artefactos líticos. Na periferia da cabana registaram-se alguns ossos de animais. Poderia pressupor-se que a lareira estaria directamente relacionada com actividades de consumo e, secundariamente, artesanais. O depósito de argila indicaria o trabalho da mesma para a produção de vasos cerâmicos e, eventualmente para o fabrico de adobe. Uma segunda área, abrangendo a zona da entrada e todo o canto leste, praticamente desprovida de material arquológico, poderia corresponder a um local de *circulação* e/ou *repouso*.

Em contraste com esta organização simples, a estrutura habitacional posterior apresentava uma acentuada complexificação da divisão do espaço interior, denunciando a prática de diferentes actividades realizadas ao longo dum certo período de tempo. Poderíamos analisar este espaço segundo vários critérios: um deles seria o da distinção entre *área(s) com estruturas de combustão* e *área com "empedrados"*, o qual se sobrepõe ao critério que visa reconstituir as *funções* destas estruturas e das *áreas* que as encerram. Neste sentido poderíamos distinguir entre áreas onde se poderiam ter praticado *actividades de consumo ou fabrico relacionadas com o uso do fogo* e uma área onde *essas actividades não foram praticadas*, mas onde, por outro lado, se concentravam fragmentos cerâmicos que sofreram altas temperaturas. Contudo, actividades culinárias ou de lascagem da pedra podem ter sido efectuadas nas áreas de fogo, como actividades relacionadas com o trabalho da madeira ou de aprovisionamento de bens essenciais se podem ter realizado

na zona dos "empedrados". Essas áreas eram separadas espacialmente através de postes interiores que poderiam eventualmente sustentar paliçadas (revestidas ou não de adobe). Uma das áreas de fogo estava nitidamente relacionada com a lascagem de artefactos em corneana (*depósito abandonado* da extremidade sul). Infelizmente, uma profunda violação recente destruiu uma boa parte desta habitação no seu lado norte, o que nos impossibilita de saber se este local abrigava outra área funcional ou uma área de circulação e/ou repouso. O material encontrado no aterro era raro, mas não há provas de que ele provies se apenas do revolvimento da camada arqueológica. Assim, ficamos sem saber se esta estrutura habitacional incluía simultaneamente zona de dormida e zonas de trabalho ou se era apenas um local oficinal especializado. De notar que no interior da habitação não foram encontradas sementes de qualquer tipo e apenas se recolheram alguns fragmentos de ossos de animais. No exterior do murete registaram-se também alguns pequenos fragmentos de ossos de animais. Assim, não parece que actividades relacionadas com o esquartejamento e consumo de animais ou trituração de cereais fossem sistematicamente ali praticadas. Apenas uma referência quanto às estruturas de combustão: estas podem subdividir-se em *não estruturadas* e em *estruturadas*. Dentro das primeiras, estão as estruturas 1, 2, 3, 4 e 5. São estruturas de combustão de forma sub-circular ou ovalar, de espessura por vezes "lenticular" (a estrutura 5 é a mais espessa), plano-côncavas, ou inseritas em pequenas depressões abertas na camada arqueológica. Podem ter apenas uma ou mais pedras achatadas à superfície. A estrutura 4 apresentava a particularidade de incluir uma "cauda" ou um canal de drenagem ou limpeza das cinzas. Dento das segundas distinguem-se três variantes: uma *lareira plana* (Lareira 2), que, embora muito destruída, deveria ser limitada em todo o perímetro com pedras; uma *lareira aberta numa depressão* (Lareira 3), de forma irregular, contendo cinzas na base e periferia e carvões ao centro e à superfície, parcialmente coberta com pedras achatadas; uma *lareira construída* inserta numa pequena depressão aberta na camada arqueológica, de fundo arredondado, bem delimitada com pedras, contendo terra carbonizada na base e carvões à superfície. Todas estas estruturas de combustão podem ter tido um uso culinário ou artesanal. Tal diversidade de lareiras (é possível que algumas tenham coexistido durante certos períodos de tempo) demonstrará quer a simultaneidade de funções ali desenvolvidas, quer uma possível tendência para a especialização artesanal sob o mesmo tecto, a qual se opõe ostensivamente à conjunção de diferentes tarefas num mesmo espaço de trabalho servido por uma só lareira, como acontecia na primeira ocupação.

Em relação com a análise de espaço interior deverá ver-se o *estudo comparado* dos *materiais* nas duas ocupações. Independentemente do seu *aumento, proporcional ao alargamento do espaço habitado*, verificam-se as seguintes diferenças:

- *material lítico* - a segunda ocupação (camada 3 e camada 2) integra artefactos novos, relativamente à anterior: vários núcleos, um furador, onze "rebolos" de granito, dois fragmentos de mós. Se empreendermos uma breve análise comparada tendente a ver a evolução percentual nas 3 camadas de cada tipo de artefactos mais significativos, verificamos o seguinte: *as lascas retocadas* e as *residuais* aumentam paulatinamente da c.4 para a c.2 (respectivamente: 4%, 44%, 52%, 15,3%; 34,6%, 50%); as *pontas de seta*, as *raspadeiras* e os *machados polidos* têm a

maior expressão quantitativa na c.3 (respectivamente: 17,5%, 65%, 17,5%, 15,3%, 50%, 34,6%, 25%, 62,5% e 12,5%);

- a evolução quantitativa de todos os artefactos, por camada, dá-nos as seguintes indicações:

Camada 4 - Pontas de seta - 38,8%
Raspadeiras - 22,2%
Lascas retocadas - 5,5%
Machados - 11,1%
Lascas residuais - 22,2%

Camada 3 - Pontas de seta - 35,1%
Raspadeiras - 17,5%
Lascas retocadas - 14,8%
Machados - 6,7%
Lascas residuais - 12,1%
Núcleo - 1,3%
Furador - 1,3%
"Rebolos" 8,1%
Mós - 2,7%

Camada 2 - Pontas de seta - 19,4%
Raspadeiras - 12,1%
Raspador - 1,3%
Lascas retocadas - 17,5%
Machado polido - 1,3%
"Rebolos" 13,8%

O *decréscimo* das pontas de seta, raspadeiras e machados polidos é correlativo do *aumento* das lascas retocadas e do aparecimento na c.3 de "rebolos" e mós (fragmentos).

Um outro dado, extremamente significativo, diz respeito ao *tamanho global das pontas de seta*. Na camada 4, das 7 pontas exumadas, 4 tinham um índice de alongamento bastante grande (> 2) e poderiam ter funcionado como *pontas de dardo*, as outras 3 tinham um alongamento mediano (1,5-2). Ora, na camada 3 e na camada 2, a quase totalidade destes artefactos tem alongamento mediano ou, sobretudo, curto (< 1,5), ocorrendo uma variante muito curta, em sílex, de retoque invasor, bifacial e base côncava ou uma outra, curta com retoque marginal, base côncava e esboço de aletas, que evoca o tipo "mitriforme" do Calcolítico meridional.

De assinalar também a presença da corneana nos *artefactos* e no *depósito* de núcleos e lascas residuais ou semi-trabalhadas da camada 3.

Finalmente, a camada 3 forneceu uma *conta verde* discoidal, de *variscite*, que é o único exemplar de matéria deste sector.

Assim, podemos concluir que, da ocupação mais antiga para a mais recente, foram introduzidos novos artefactos que sugerem a exploração, pelo menos, mais sistemática, de novas matérias-primas e o desenvolvimento de actividades relacionadas com o tratamento de cereais. Não sabemos se a diminuição das dimensões das pontas de seta traduz qualquer alteração no tipo de caça abatida, isto sem esquecer que tais setas podiam ser utilizadas como arma de "guerra". O abundante número de raspadeiras em quartzo, em ambas as ocupações, pode significar uma continuidade do trabalho da madeira (e do osso?) a que elas estariam talvez ligadas.

- *material cerâmico* - reflectindo o alargamento do espaço habitado, o número de fragmentos cerâmicos quase quadriplicou da primeira para a segunda ocupação (camada 3 e camada 2 em conjunto). No total foram estudados 2.677 exemplares.

Evolução das pastas

Deu-se um *aumento progressivo* de pastas com *desengordurante de médio calibre*, o qual é correlativo da diminuição de pastas com desengordurante fino e grosseiro.

Evolução dos principais tipos de superfícies

Verificou-se um pequeno decréscimo das superfícies alisadas e das externamente polidas e um *aumento* das superfícies corroídas e rugosas.

Este aumento das superfícies corroídas ou rugosas reflecte a existência, na camada 3, de recipientes com pastas porosas, devido a terem sofrido alterações por acção do fogo.

Evolução das cores

Constatou-se um aumento das superfícies acastanhadas e um decréscimo das superfícies avermelhadas e acinzentadas.

Evolução de técnicas decorativas

Observou-se o aumento das técnicas de incisão e impressão "penteada", correlativo do decréscimo das técnicas de Boquique e punção simples.

Evolução dos tipos morfológicos

Aumenta o número de exemplares com formas esféricas (1 e 3), ovóides (5) e tronco-cónicas (6). Decresce o número de exemplares com as formas 2, 4 e 7. *A capacidade dos vasos tende a aumentar*, em termos globais, sobretudo nas formas 5 B e 5 C, aumen-

to que é *correlativo do decréscimo dos recipientes de pequena capacidade.*

A *heterogeneidade* das *dimensões* dos recipientes aumenta da primeira para a segunda ocupação.

Evolução da articulação forma/técnica decorativa

Nas três camadas, a maior variabilidade decorativa expressa-se em formas esféricas fechadas. Também nas três camadas, o maior número de exemplares lisos concentra-se na forma 4 (calote de esfera).

Os recipientes lisos decrescem por camada:

- Camada 4 - 20,6%
- Camada 3 - 12,8%
- Camada 2 - 10,1%

Todas as técnicas decorativas predominam, nas três camadas, em formas esféricas fechadas. Contudo, apesar desta constância, outro dado comum é o da grande *variabilidade morfológico/decorativa.*

Evolução da articulação forma/pasta

Nas três camadas predominam pastas com desengordurante médio. As formas 5, 6 e 7 não apresentam, em regra, pasta com desengordurante fino.

Evolução da articulação forma/superfície

Nas três camadas predominam as superfícies alisadas. A maior variabilidade de tratamento das superfícies concentra-se nas formas esféricas fechadas 2 e 3 e, na camada 3, também na forma aberta 4.

Evolução das organizações decorativas

São comuns às três camadas as seguintes organizações: I, II, IV e X. São exclusivas da camada 4 as organizações III, V, VI e XXII; da camada 3, as organizações IX, VII, XVI, XI, XII, XVIII, XIX; da camada 2, as organizações XV, XVII, XXI e XXIII. As organizações XIII, XIV e XX são comuns às camadas 3 e 2.

Podemos constatar, assim, que a *variedade decorativa aumenta de forma significativa da primeira para a segunda ocupação* (camada 4 - 8 organizações decorativas; camadas 3 e 2 - 14 organizações em cada uma).

As organizações I e X são as únicas que aumentam percentualmente da primeira ocupação para a segunda; a II acusa um significativo decréscimo, o qual é correlativo do aumento da organização I.

Em termos absolutos, as organizações I, II, IV e X (nas 3 camadas) e a XVI e XIII (nas camadas 3 e 2) são as mais significativas do ponto de vista quantitativo, pois incluem-se entre os valores de 7% e 45%, sobre o total. Abaixo de 7% existe uma série de organizações quantitativamente quase inexpressivas.

Evolução da articulação forma/organização decorativa

Nas três camadas, as formas esféricas fechadas (1, 2 e 3) e a forma 4 apresentam a maior variabilidade de sequências decorativas.

As formas esféricas fechadas (1, 2 e 3) integram predominantemente as organizações I, II, e IV. Existe assim, uma articulação específica, entre três organizações decorativas e três tipos morfológicos (aliás, muito próximos). Ao contrário, a organização X insere-se quer em formas esféricas fechadas (1, 2 e 3), quer em abertas (4) ou ovóides (5 B). Os grandes vasos de provisões incluem este tipo de decoração. As restantes organizações estão distribuídas por diversas formas, embora predominem nas esféricas fechadas.

As diversas formas integram, nas três camadas, uma gama de sequências decorativas muito variada. Esta característica é notória em formas com poucos exemplares (5, 6 e 7) que, apesar de tudo, são decoradas segundo padrões que nunca se repetem.

Evolução das cores (superfícies externa e interna)

O aumento do número de exemplares com o tipo de cor 1 (acastanhada nas duas faces) é correlativo do decréscimo do número de exemplares com o tipo de cor 2 (avermelhada nas duas faces); - a cor 5 (superfície externa acinzentada e interna acastanhada) é exclusiva da camada 4; a cor 4 (superfície externa avermelhada e interna acastanhada) é exclusiva das camadas 3 e 2.

Evolução da articulação forma/cor

Nas três camadas, a maior variabilidade de cores ocorre nas formas esféricas fechadas 3 e 2.

Os cinco tipos de cores acima descritos distribuem-se predominantemente, nas três camadas, por formas esféricas fechadas e taças em calote.

Evolução da articulação da forma/decoração (ou ausência da mesma) e dimensões

Vasos lisos

Nas três camadas predominam os recipientes de *capacidade média*, distribuídos por formas em calote (4) ou esféricas fechadas (1, 2 e 3). Os vasos de grande capacidade podem integrar quer uma forma aberta (4 A) quer uma forma ovóide (5 B ou 5 C). Mas enquanto a forma 4 A admite também dimensões pequenas e médias, as formas 5 B e 5 C apenas integram dimensões médias ou grandes (de grande capacidade ou litragem). Ou seja, este tipo morfológico (5 B e 5 C) corresponde a um tipo de vasos de grandes dimensões, provavelmente relacionado, nas três camadas, com a função de armazenamento de alimentos. Verifica-se também um aumento de exemplares lisos com grande capacidade, da primeira para a segunda ocupação, particularmente os que se integram nos tipos 5 B e 5 C.

Vasos decorados (organizações I, II, IV e X)

Organização I

Nas três camadas predominam os recipientes de *capacidade média*, distribuídos por formas esféricas (fechadas e abertas) contudo, há um número apreciável de vasos com pequenas dimensões a partir da segunda ocupação. Estão ausentes os vasos de grande dimensão. Da primeira para a segunda ocupação *os vasos tendem a aumentar de tamanho*. Os vasos com este tipo de organização *não correspondem nas 3 camadas, a vasos de grandes dimensões.*

Organização II

Nas três camadas, predominam os *vasos de capacidade média*, distribuídos por formas esféricas fechadas, abertas e algumas ovóides. Contudo, também ocorrem recipientes de *grande litragem* distribuídos por formas esféricas fechadas, abertas ou ovóides.

Curiosamente, não se nota um aumento de dimensões da primeira para a segunda ocupação. Ao contrário, os *vasos de maior capacidade concentram-se na camada 4*, embora aumente o número de recipientes ovóides na camada 3. Assim, poderíamos dizer que a organização II se associa a *uma gama variada de recipientes com formas, dimensões e prováveis funções diferentes.*

Organização IV

Predominam, nas três camadas, os vasos de médias dimensões, em formas esféricas fechadas, abertas e ovóides. Estão ausentes os recipientes de grandes dimensões. O aumento de exemplares com esta organização (da camada 4 para a 3) é quase imperceptível. Assim, também a organização IV se justapõe a uma gama variada de diferentes tipos

morfológicos e funcionais.

Organização X

Predominam, também, nas três camadas, os vasos de dimensões médias em formas esféricas fechadas, abertas ou ovóides. Verifica-se uma tendência para o aumento da capacidade dos vasos da camada 4 para a 3. Esta organização articula-se preferencialmente com formas esféricas fechadas ou abertas, estando praticamente excluídos os vasos ovóides.

Em resumo: nas duas ocupações predominam vasos com dimensões médias (capacidade de 0,5 a 1,5 ℓ); há uma tendência generalizada para o aumento das dimensões dos recipientes com as organizações I, IV e X; *os vasos decorados com as organizações I e X parecem excluir, em regra, as formas ovóides* de grande capacidade; da camada 4 para a 3 aumenta o número de exemplares com as organizações II e IV.

Restantes organizações decorativas

As organizações XIII (C.3/2), XIV (C.3/2) e VII inserem-se numa gama variada de formas de medianas dimensões, desde as esféricas fechadas às abertas e ovóides. As organizações IX, XVI, XI, XII, XVIII, XIX, XX, XV e XXIII não ocorrem nas formas ovóides.

Evolução das categorias tipológicas:

Camada 4 (em 85 ex.) - C.T. I - 68,2%
C.T. II - 20%
C.T. III - 7%
C.T. IV - 4,7%

Camada 3 (em 173 ex.) - C.T. I - 62,4%
C.T. II - 13,8%
C.T. III - 10,9%
C.T. IV - 10,9%
C.T. V - 1,7%

Camada 2 (em 48 ex.) - C.T. I - 79,1%
C.T. II - 12,5%
C.T. III - 4,1%
C.T. IV - 4,1%

Em conclusão

1º - *Quais as características que permanecem nos vasos das duas ocupações?*

- São comuns as pastas 1.1, 1.2 e 1.3; as superfícies 1/1, 2/2, 4/3 e 3/3; as cores 1, 2 e 3; as técnicas decorativas de incisão, Boquique, punção, "penteada" e impressão.

- Predomina a pasta 1.2, a superfície 3/3, a técnica de incisão.

- São comuns *todos os tipos morfológicos gerais* (de 1 a 7), predominando, nas 3 camadas, as formas 2 e 3.

- São comuns as categorias tipológicas I, II, III e IV.

- Os vasos lisos predominam na forma 4.

- As várias técnicas e organizações decorativas distribuem-se por quase todas as formas.

- A maior variabilidade decorativa concentra-se nas formas esféricas fechadas (1, 2 e 3).

- As formas 5, 6 e 7 não incluem pastas com desengordurante fino.

- As diversas categorias de superfícies distribuem-se por quase todas as formas, concentrando-se, no entanto, nas formas esféricas fechadas (2 e 3).

- As organizações decorativas I, II, IV e X ocorrem nas 3 camadas, com as mais altas percentagens absolutas.

- As diversas organizações decorativas distribuem-se por quase todas as formas, concentrando-se, no entanto, nas esféricas fechadas (1, 2 e 3). Existe uma específica correspondência entre as formas 1, 2 e 3 e as organizações I, II e IV. A organização X ocorre em diferentes tipos morfológicos.

- As cores 1, 2 e 3 são comuns às 3 camadas, distribuindo-se por quase todas as formas e predominando nas esféricas fechadas (2 e 3).

- São comuns às duas ocupações, vasos com dimensões muito variadas, mas predominam exemplares com capacidades médias (0,5 ℓ-1,5 ℓ).

- Nas 3 camadas, surge uma forma específica (5 B e 5 C) relacionada provavelmente com o aprovisionamento de alimentos.

- Os recipientes decorados com as organizações mais significativas (I, II, IV e X) apresentam normalmente dimensões médias.

- Os decorados com as organizações II e IV englobam todas as formas gerais, enquanto os decorados com as organizações I e X parecem excluir as formas ovóides.

- Existe, assim, uma apreciável gama de sequências decorativas que apenas se aplica a tipos esféricos fechados, nunca a ovóides. O que sugere uma escolha intencional de repartição de temas e organizações decorativas em função dos tipos morfológicos e, com certeza, das funções que elas representam.

- Ou seja, observa-se nas 3 camadas uma apreciável *uniformidade do fabrico de recipientes cerâmicos*: as variações ou constantes apreciadas no interior de cada camada (em termos técnicos e morfológicos) são sensivelmente idênticas nas três.

2º - *O que varia substancialmente nos vasos das duas ocupações?*

- Em primeiro lugar, aumenta o número de exemplares cerâmicos, o que é correlativo do alargamento do espaço habitado.

- Aumenta o número de exemplares com desengordurante médio, o que é correlativo do decréscimo de exemplares com desengordurante fino e grosseiro.

- Aumentam as superfícies corroídas e rugosas, havendo um pequeno decréscimo das superfícies alisadas e polidas/alisadas.

- Verifica-se, assim, uma tendência evolutiva para o aparecimento de pastas mais homogéneas com desengordurante de calibre médio e superfícies menos bem tratadas.

- Aumenta o número de exemplares com superfícies externas acastanhadas, o que é correlativo do decréscimo das superfícies avermelhadas e acinzentadas.

- Aumenta o número de exemplares decorados com incisão e impressão "penteada", o que é correlativo do decréscimo de Boquique e punção.

- Aumenta o número de formas esféricas fechadas e ovóides (1, 3 e 5), diminuindo o número de formas 2, 7 e 4.

- Aumenta o número de exemplares com grandes dimensões e diminuem os de pequenas dimensões. Aumenta significativamente o número de recipientes com a forma 5 (B e C) e, na camada 3, aparece uma categoria de vasos de grande tamanho (6,5-10 ℓ), inexistente na camada 4.

- A percentagem dos vasos lisos decresce (20,6%, 12,8% e 10,1%).

- Aumenta a variedade de organizações decorativas (de 8 para 14).

- O aumento da organização I é correlativo do decréscimo da organização II.

- O aumento do número de exemplares com a cor 1 (acastanhada) é correlativo do decréscimo da cor 2 (avermelhada).

- Da camada 4 para 3, regista-se um pequeno aumento dos vasos pequenos, (C.T. III) e dos *vasos ovóides* (C.T. IV); o grupo dos vasos *globulares* - C.T. I), o mais abundante nas três camadas, apresenta um pequeno decréscimo na camada 3, correlativo do aumento, na mesma camada, do grupo dos *vasos ovóides* (C.T. IV); contudo, estas variações não são estatisticamente significativas, pelo que, no seu conjunto, podemos dizer que as quatro grandes categorias tipológicas se mantêm, em iguais proporções, ao longo da ocupação da área habitacional abrangida pelo sector A.

. Assim, podemos concluir que *não há mutações significativas no tipo de fabrico, nos modelos morfológicos, decorativos e provavelmente funcionais dos vasos* cerâmicos, nas 3 camadas.

. As *principais variações* observadas circunscrevem-se ao nível da *estilística decorativa* (aparecimento na segunda ocupação de novos temas e sequências) e *da gama de utilizações* dada aos recipientes (aumento geral das dimensões e do número de exemplares de formas ovóides).

. Estas variações, indicadoras duma provável realidade politética e mais diversificada *simbólica decorativa*, articulam-se com a ampliação do espaço habitado e com o aparecimento de áreas funcionais relacionadas. possivelmente com o trabalho da pedra, da madeira, além das predominantes actividades culinárias.

- O metal (pequenos fragmentos residuais de artefactos em cobre arsenical), apenas ocorre no segundo nível de ocupação (camada 3), na fase do alargamento da área habitada e do desenvolvimento de áreas funcionais.

- Nos dois níveis de ocupação as *espécies animais* identificadas não nos forneceram quaisquer dados sobre a existência de fauna doméstica. A descriminação das espécies identificadas neste sector será adiante realizada em conjunto com as dos restantes sectores da estação.

3.1.3.2 Sector B

O sector B situa-se na extremidade sudeste da plataforma descrita, nas proximidades dum grande rochedo granítico, a cerca de 36 metros em linha recta, para SE do sector A. Este local encontra-se também numa posição dominante no interior da plataforma, no seu limite superior.

Nível de ocupação (camadas 3 e 2)

Em toda a área escavada foi detectado um só nível de habitação, constituído por *duas camadas*: a intensa ocupação do local corresponde *à camada 3* e o momento final da mesma à *camada 2*. Este nível de ocupação, apesar de ter sido observado em toda a área escavada, apresentava uma significativa concentração de materiais e estruturas numa *superfície restrita* (com cerca de 12 m^2) de *contorno sub-circular*, a qual estava rodeada por buracos de poste e uma fossa. Da análise destes elementos podemos concluir estar perante os vestígios dos restos duma cabana, cuja estratigrafia e estruturas passamos a descrever: *a camada 3* era constituída por sedimentos arenosos de cor castanho-acinzentada, com abundantes manchas escuras na área sub-circular já mencionada. Esta, com cerca de 19 m^2, era circundada por 4 buracos de poste e uma fossa, abertos na terra estéril da base. Na periferia desta área (constituída por sedimentos carbonosos), no seu lado SO, foi descoberta uma *lareira estruturada*, integrada numa depressão de forma elíptica aberta na própria camada 3. No interior da área mais densamente ocupada foram ainda detectados um buraco de poste e duas pequenas depressões, com um enchimento constituído por sedimentos carbonizados, as quais podem ser hipoteticamente interpretadas também como vestígios de buracos de poste.

As estruturas encontradas são as seguintes: - buraco 1 (B.1) - forma sub-circular, pequena profundidade, fundo arredondado, vertical; estava fechado por um conjunto de pequenas pedras; - buraco 2 (B. 2) - forma sub-circular, profundo, fundo arredondado, oblíquo; - buraco 3 (B. 3) de forma provavelmente sub-elíptica, pequena profundidade, fundo aplanado, vertical; - buraco 4 (B. 4) - forma sub-circular, profundo, fundo arredondado, oblíquo; - buraco 5 (B. 5) - constituído por uma leve depressão de forma elíptica, aberta na camada estéril de base, preenchida por terra argilosa, escorada com grandes pedras que definem um espaço rectangular; fossa - forma sub-circular (ou sub-elíptica), de profundidade média (75 cm), fundo arredondado. Todas estas estruturas possuíam um enchimento constituído por terra acastanhada-acinzentada, de textura e cor semelhante à da camada 3.

O enchimento da fossa era constituído por estratos de saibro alternando com terra acinzentada e, no respectivo topo por níveis de carvão. Sobre a mesma fossa encontrava-se, à superfície, grandes pedras.

O tamanho da fossa e o seu tipo de enchimento sugerem-nos uma função diferente da proposta para a fossa da c.4 do sector A: apesar de não possuirmos provas directas, pensamos que esta fossa pode ter servido originariamente como reservatório de alimentos; o seu conteúdo, descoberto durante a escavação, apenas corresponderia a uma fase em que aquela deixara de ser utilizada como local de armazenamento e ficara repleta de detritos resultantes do seu abandono e colmatagem natural através do tempo.

Verificamos assim que esta estrutura habitacional poderia ter sido sustentada exteriormente por quatro postes (B. 1, B. 3, B. 4 e B. 5) e interiormente por um enfiamento mais ou menos rectilíneo de outros três (B. 2, M 1 e M 2). Enquanto seis postes terão sido enterrados em buracos feitos na terra estéril de base, um outro (B. 5), prova-

velmente de grandes dimensões, terá sido escorado com grandes pedras e argila.

De notar que esta cabana, apesar de próxima, não encostaria ao grande bloco granítico que se ergue a cerca de dois metros, para leste. É também de referir que, apesar da camada de ocupação se estender por uma ampla área que ultrapassa os limites exteriores dos buracos de poste, e invade toda zona escavada, ela concentra a maior densidade de materiais e de elementos orgânicos carbonizados numa superfície restrita, no centro da provável cabana, na periferia da qual se encontra uma Lareira.

A compreensão da funcionalidade deste espaço requere um futuro alargamento da área escavada, no sentido de verificar *o limite* do próprio nível habitacional.

Sobre a camada 3, em toda a área escavada, sobrepunha-se a *camada 2*, constituída por sedimentos arenosos de cor amarelada, contendo abundante material arqueológico, mas na qual não foram detectadas quaisquer estruturas. A maior concentração de materiais verificava-se numa área nuclear que, sobrepondo-se à já observada na camada 3, era mais extensa do que aquela, devendo corresponder à dispersão dos materiais da última fase deste nível de ocupação.

. Camada 3

a) Material lítico

Foram identificadas onze *pontas de seta*, seis em xisto, três em corneana e duas em sílex; destas onze, só sete puderam ser analisadas em função do índice do alongamento e base.

Alongada (1)	Base bicôncava (com aletas) (1)
Mediana (1)	Base côncava (sem aletas) (1)
Curta (5)	Base côncava (sem aletas) (2) Base recta (sem aletas) (2) Base pedunculada (com aletas) (1)

Todas as pontas de seta apresentam retoque plano; seis têm retoque marginal e cinco retoque profundo; neste último caso encontram-se quatro curtas (base côncava, base recta e fase pedunculada, em sílex e corneana) e uma mediana de base côncava, em corneana.

- Uma *raspadeira* carenada frontal sobre lasca, em quartzo ("raspadeira em leque")

- Oito *lascas retocadas*; cinco em *xisto*: quatro finas (uma de grandes dimensões) e uma espessa (bilateral), com retoques planos marginais, simples ou escamosos, bifaciais ou directos, contínuos; duas em *sílex*, alteadas com retoques laterais planos, marginais, simples e sub-paralelos, directos e al

ternados, contínuos; um em *quartzo*, alteada, com retoque lateral, plano, marginal simples, directo e contínuo.

- Três *machados polidos* de anfibolito; dois, respectivamente, de contorno sub-trapezoidal e sub-triangular, gume convexo e secção sub-elíptica, de índice de alongamento médio e alongado; outro muito fragmentado, de gume convexo e secção sub-rectangular.

- Uma *enxó*, mediana de anfibolito, de contorno sub-trapezoidal, gume sinuoso e secção sub-rectangular.

- Três "*rebolos*" de granito oblongos, de forma sub-elíptica, de secção plano-convexa (comprimento máximo entre 16 e 20 cm); *um "rebolo"* de granito de forma sub-circular e secção sub-rectangular (convexa de 8 cm de diâmetro).

b) Material cerâmico

Foram registados 348 fragmentos cerâmicos (131 decorados e 217 lisos).

. Caracterização técnica:

- *tipos de pasta*

Foram considerados dois tipos (1.2 e 1.3). Todos os exemplares se devem incluir adento da categoria de pasta compacta.

1.2 - 345 ex. - 99%
1.3 - 3 ex. - 1%

- *tipos de superfícies*

Foram considerados os tipos 1/1, 3/1, 3/3 e 4/3 (superfícies corroídas; externa alisada/interna corroída; externa e interna alisadas; externa polida e interna alisada).

1/1 - 49 ex. - 14%
3/1 - 2 ex. - 0,5%
3/3 - 226 ex. - 64,9%
4/3 - 71 ex. - 20,4%

Predominam as superfícies alisadas, havendo também uma percentagem significativa de superfícies externas polidas e de superfícies corroídas.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada), 2 (cor avermelhada) 3 (cor acinzentada).

1 - 17 ex. - 4,8%
2 - 278 ex. - 79,8%
3 - 52 ex. - 6,3%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 131 exemplares decorados foram identificadas seis técnicas decorativas predominantes em cada exemplar:

Incisão - 82 ex. - 23,5%
Punção (tipo Boquique) - 24 ex. - 6,8%
Punção - 15 ex. - 4,3%
Impressão "penteada" - 6 ex. - 1,7%
Impressão arrastada - 2 ex. - 0,5%
Impressão - 2 ex. - 0,5%

Destaque-se a predominância da técnica de incisão, quer, no total, quer relativamente ao conjunto de todas as outras técnicas consideradas; a impressão é quase inexistente.

. Caracterização morfológica (Fig. 18, 19, 20)

Foram seleccionadas *quarenta e seis formas* (trinta e sete decoradas e nove lisas), as quais se distribuem por *oito* tipos morfológicos.

Os diversos diâmetros externos da boca de trinta e oito vasos apenas integram três categorias:

2 - 6-10 cm - 8 ex. - 17,3%
3 - 11-15 cm - 7 ex. - 15,2%
4 - 16-20 cm - 23 ex. - 50%

Tipo 1 (2 ex., 4.3%) - Esférico de boca muito fechada, fundo arredondado (*V.* sector A); Dam ext. bc entre 2 - 3; P varia entre 102 - 106; A varia entre 70-75 (sub-tipo A - sem colo; sub-tipo B - acentuação do colo).

Tipo 2 (11 ex., 23,9%) - Esférico de boca fechada, fundo arredondado (*V.* sector A); predomina o Dam ext. bc 4; Dam ext. bc varia entre 2 - 4. P varia entre 75-113;

A varia entre 80-89 (sub-tipo A - sem colo; sub-tipo B - com leve acentuação do colo).

Tipo 3 (20 ex., 43,4%) - Esférico de boca levemente fechada, fundo arredondado (*V.* sector A); predomina Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 2 - 4; P varia entre 57-97; A varia entre 90-100 (sub-tipo A - sem colo; sub-tipo B - com leve acentuação do colo).

Tipo 4 (5 ex., 10,8%) - Taça em calote de esfera (*V.* sector A); predomina o Dam ext bc 3; Dam ext bc varia entre 2 - 4; P varia entre 20-43 (sub-variantes - alta e baixa).

Tipo 5 (4 ex., 8,6%) - Recipiente ovóide de boca fechada ou muito fechada, fundo arredondado (?) (*V.* sector A); predomina o Dam ext bc 4; Dam ext bc varia entre 3 - 4; P varia entre 111-171; A varia entre 60-80 (sub-tipo A (sem colo); sub-tipo B (colo acentuado).

Tipo 6 (tipo 8 - quadro geral de formas) (1 ex., 2,1%) - Esférico (?) de boca levemente fechada, com *cordão* pré-oral pouco acentuado; Dam ext bc 4; não é possível caracterizar índices P e A.

Tipo 7 (tipo 9 - quadro geral de formas) (1 ex., 2,1%) - Taça em calote (?) baixa, com *pega curta* sobre o bordo; não é possível caracterizar Dam ext bc, nem índices P e A.

Tipo 8 (tipo 10 - quadro geral de formas) (1 ex., 2,1%) - Vaso carenado; não é possível reconstituir a forma.

- Predominam em quase todas as formas de recipiente os Dam ext bc 3 e 4.
- Os tipos 2, 3 e 4 integram uma *gama variada de dimensões* (Dam ext bc varia entre 2 - 4).
- Os tipos 5 e 1 incluem recipientes de grandes diâmetros, devendo relacionar-se (particularmente o tipo 5) com a função de aprovisionamento.
- Os tipos 2, 3 e 4 integram recipientes com diâmetros de tipo 2 (6-10 cm); estão ausentes os pequenos vasos com o diâmetro inferior a 6 cm.
- Reagrupando as formas descritas em função da capacidade dos recipientes, podemos dividi-los em *três categorias* (0,1 ℓ a 0,5 ℓ; 0,5 a 1 ℓ/1,5 ℓ; 1,5 ℓ a 5 ℓ): os vasos de pequena capacidade integram as formas 2, 3, 4 e 6; os vasos de capacidade média incluem as formas 2, 3, 4 e 6 e são os mais abundantes; os grandes vasos incluem as formas 1, 2 e 5.

Nos trinta e sete vasos decorados podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas:

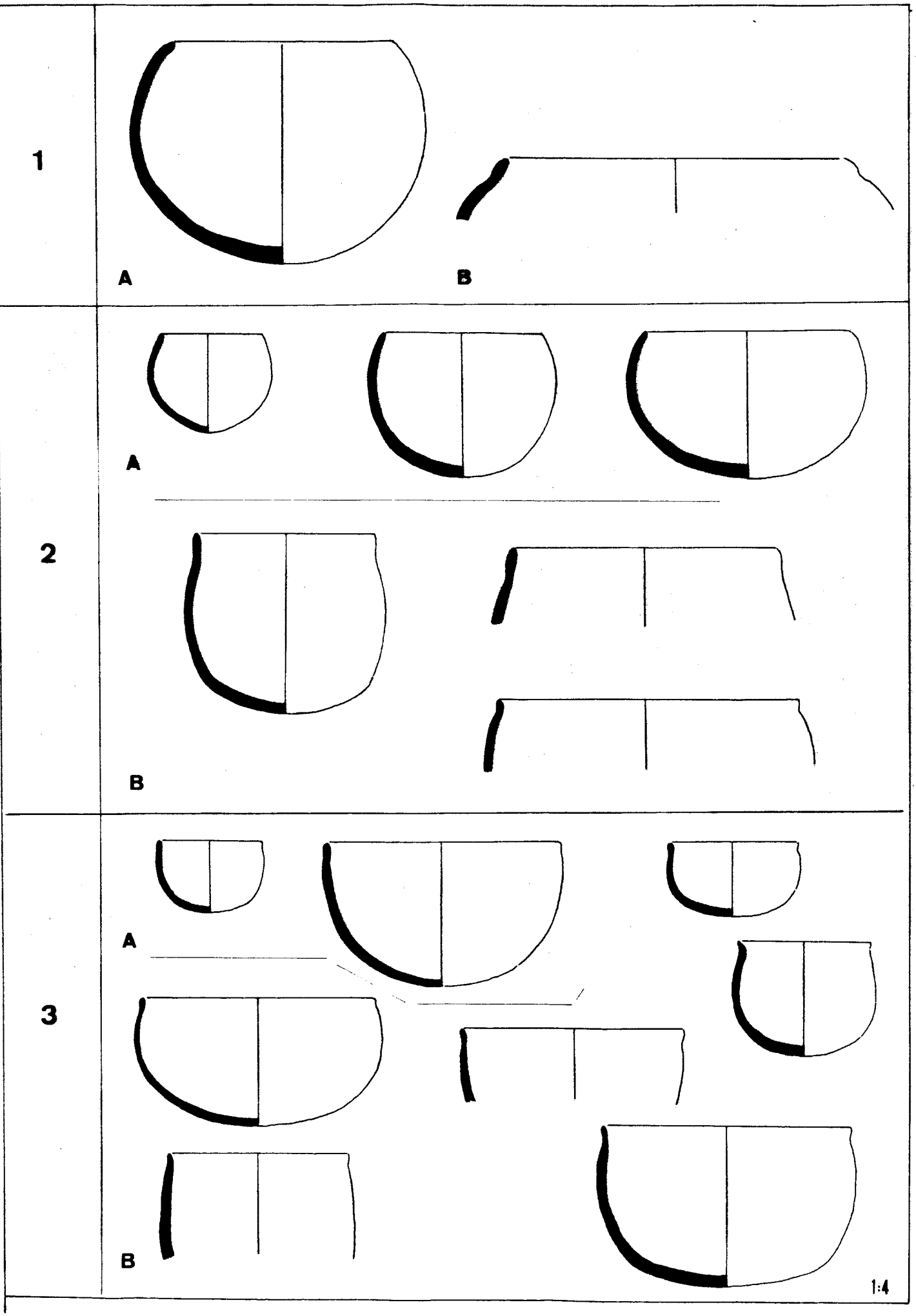
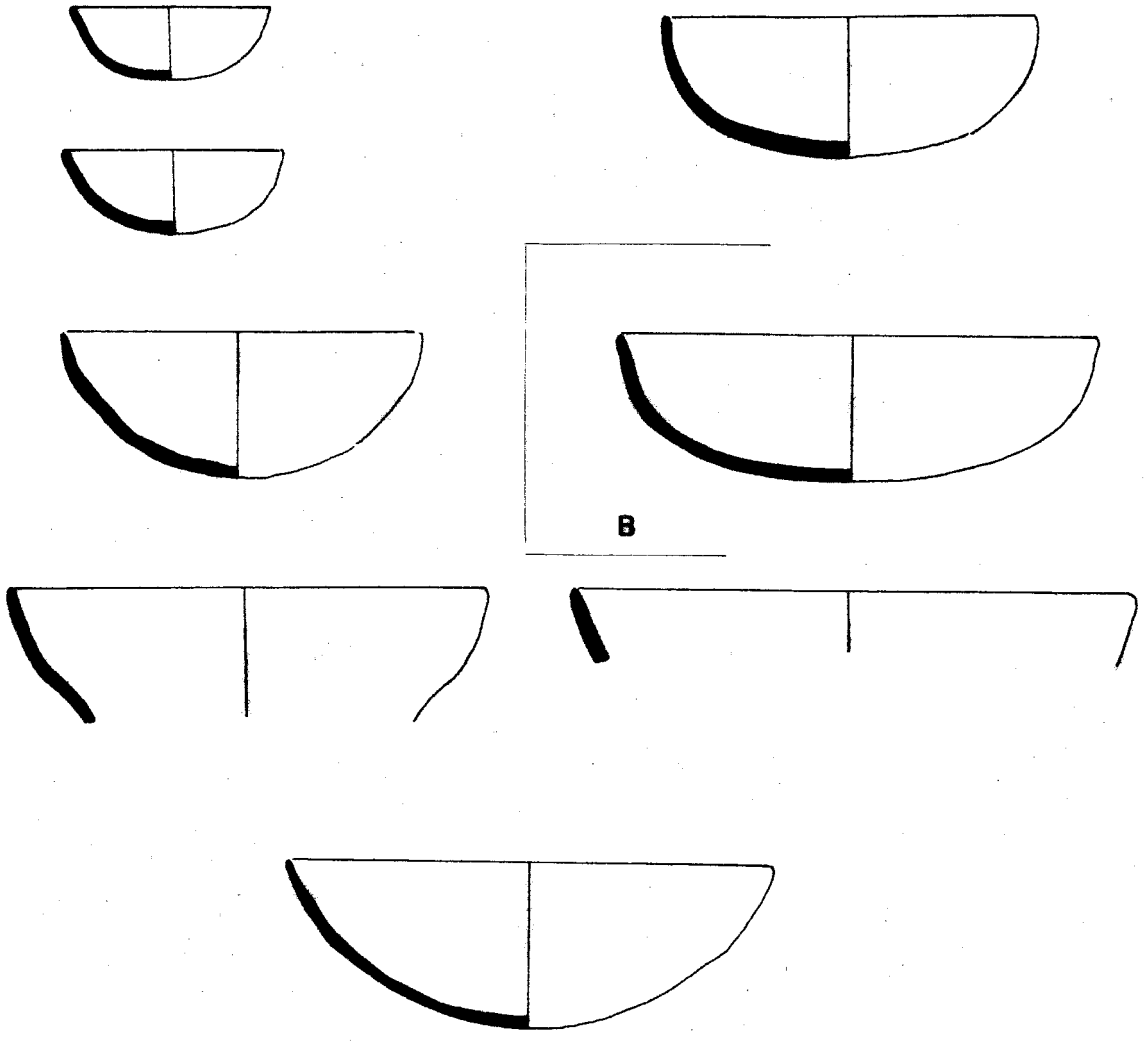
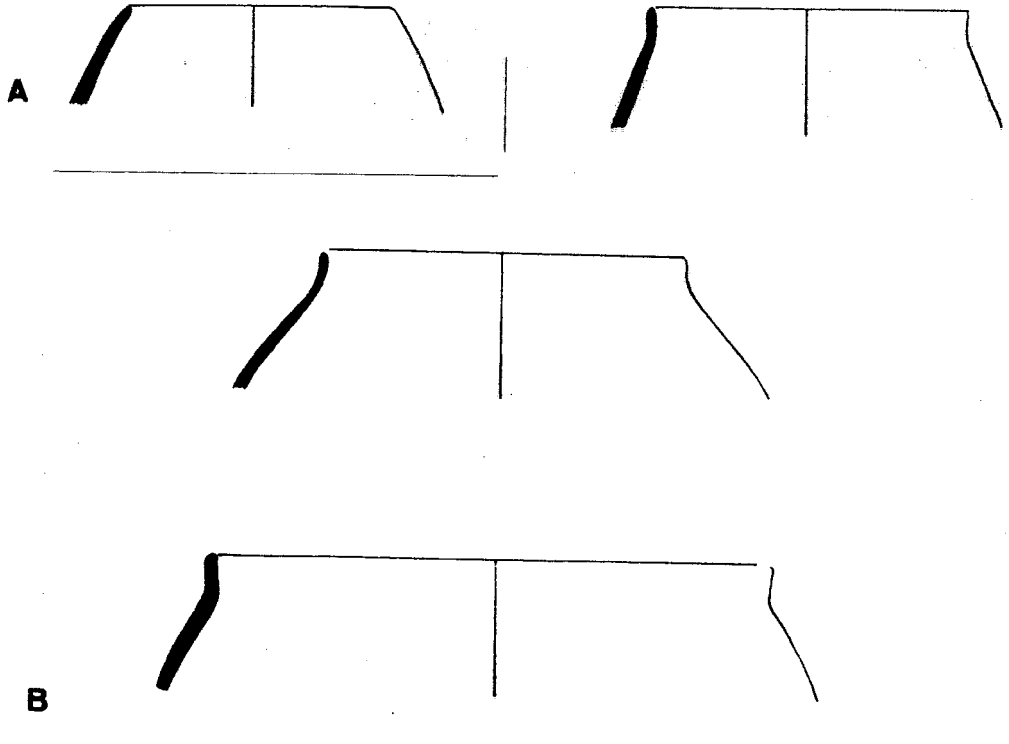


Fig. 18

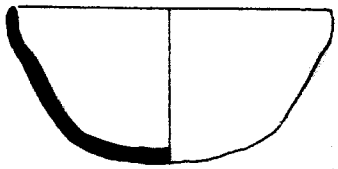
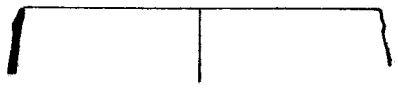
4



5



1:4

6	
7	
8	
9	
10	
11	

1:4

- Incisão - 21 ex.
- Punção ("tipo Boquique") - 10 ex.
- Impressão "penteada" - 3 ex.
- Punção - 2 ex.
- Impressão arrastada - 1 ex.

Estes valores estão em sintonia com os obtidos na amostragem global.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 46 exemplares)

	Lisa	Incisão	Punção Arrastada	Impressão Arrastada	Impressão "Penteada"	Punção
1 A			1			
B				1		
2 A	1	2	1		1	
B		6				
3 A		3	2		1	1
B	1	8	2		1	1
4	3	1	1			
5 A	1		2			
B	1					
6	1	1				
7	1					
8	1					

São de salientar as seguintes linhas de força:

- A forma 3 A apresenta a maior variedade de técnicas decorativas, seguida da forma 2 A; - todas as formas mais significativas integram uma importante variedade de decorações; - a forma 4 insere o maior número de vasos lisos, embora também admita várias técnicas decorativas; - a técnica de incisão predomina na forma 3 B; - a técnica de punção arrastado na forma 5 A.

- *tipos de pasta* (em 46 exemplares)

1.2 - 45 ex.

1.3 - 1 ex.

- *tipos de superfícies* (em 46 exemplares)

1/1 - 7 ex.

3/3 - 25 ex.

4/3 - 14 ex.

- *tipos de cores* (em 46 exemplares)

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 6 ex.	3 1.1	3 1.2	
2 18 ex.	10 2.1	8 2.2	
3 12 ex.	10 3.1		2 3.3
4 9 ex.	6 4.1	3 4.2	

Os tipos de cores são os seguintes:

1 - superfícies externa e interna acastanhadas

2 - superfícies externa e interna avermelhadas

3 - superfícies externa avermelhada e interna acastanhada

4 - superfícies externa acinzentada e interna avermelhada

- Predominam as superfícies avermelhadas, seguidas das acinzentadas e acastanhadas.

. Articulação de forma e cor (em 46 exemplares)

	1		2		3		4	
	1.1	1.2	2.1	2.2	3.1	3.3	4.1	4.2
1 A					1			
B					1			
2 A				3	2			
B	1		4		1			
3 A	2			1	1	1	2	
B			4	1	5	1	2	
4		3		1				1
5 A			2	1				
B				1				
6							1	1
7							1	
8								1

- As formas 3 A e 3 B apresentam a maior variabilidade de tipos de cores. - a forma 4 integra o maior número de exemplares com a cor de tipo 1; - a forma 2 insere o maior número de exemplares com a de tipo 2; - a forma 3 detém o maior número com a de tipo 3.

. Articulação entre forma e pasta (em 46 exemplares)

	1.2	1.3
1 A	1	
B	1	
2 A	5	
B	5	1
3 A	7	
B	13	
4	5	
5 A	3	
B	1	
6	2	
7	1	
8	1	

A forma 3 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares com pasta de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 46 exemplares)

	1	3	4
	1	3	3
1 A		1	
B			1
2 A		4	2
B	1	1	3
3 A	1	5	2
B	3	5	4
4		5	
5 A	1	2	
B			1
6	1	1	
7			
8		1	1

- As formas 2 B, 3 A e 3 B apresentam um maior número de exemplares com diferentes tratamentos das superfícies.

- A forma 3 inclui, proporcionalmente,maior número de exemplares de tipo 1/1; as formas 3 e 4 de tipo 3/3; a forma 3 de tipo 4/3.

. Organizações decorativas

Em *quarenta e oito* fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *cinco organizações decorativas*; estas serão descritas por ordem decrescente de importância, no contexto desta camada (a numeração segue a convencionada para a totalidade de recipientes de toda a estação) (Fig. 21).

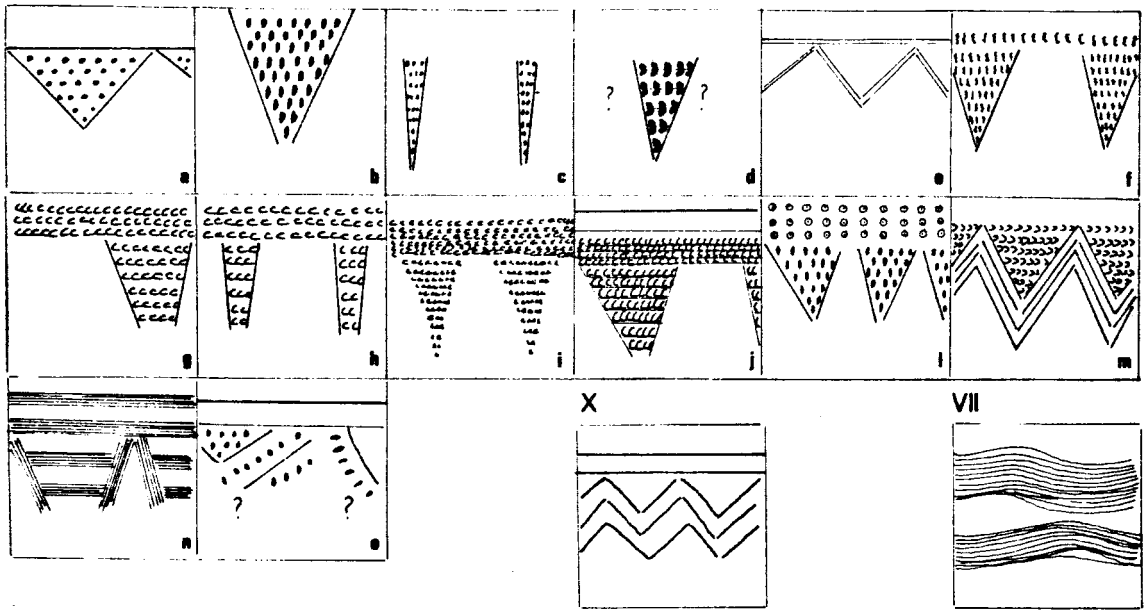
- *II* (25 ex., 52%) - sequência horizontal; motivo nuclear - o triângulo (*V.* sector A). Esta organização utiliza predominantemente as técnicas de puncionamento e impressão, embora também admita a incisão e a impressão "penteada".

- *I* (16 ex., 33,3%) - sequência horizontal e vertical (*V.* sector A). Esta organização utiliza predominantemente a incisão.

- *IV* (5 ex., 10,4%) - sequência horizontal (*V.* sector A). Esta organização utiliza exclusivamente a técnica de puncionamento.

- *X* (1 ex., 2%) - sequência horizontal (*V.* sector A). O exemplar estudado apresentava a técnica de incisão.

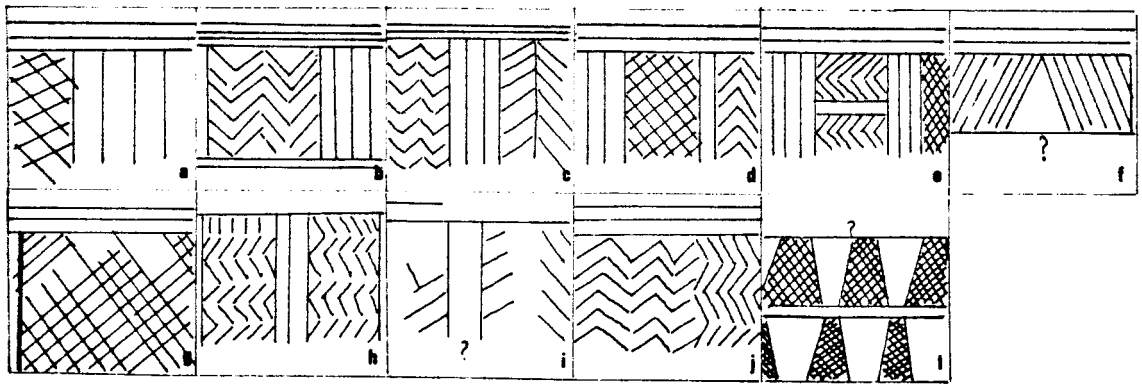
II



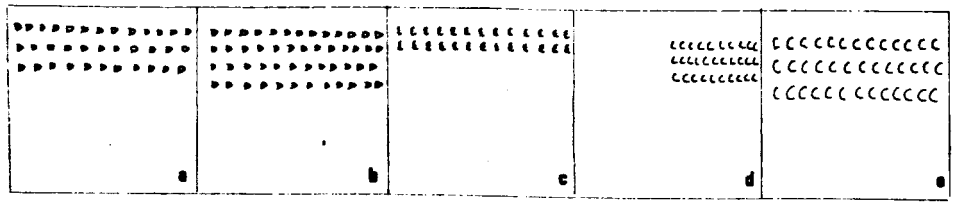
X

VII

I



IV



- *VII* (1 ex., 2%) - sequência horizontal (*V.* sector A). O exemplar estudado apresentava a técnica da impressão "penteada".

- A incisão predomina, assim, nas organizações I e X; as outras três organizações dão preferência às técnicas de puncionamento ou impressão.

- As organizações II, X e VII desenvolvem-se do bordo até à parte média dos vasos; a I desenvolve-se até à base e a IV apenas até ao início da pança.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 34 exemplares)

		I	II	IV	X	VII
1	A			1		
	B		1			
2	A	1	1	1		1
	B	7			1	
3	A	1	3	1		
	B	6	2	2		
4				2		
5	A		3			
	B					

- As formas 3 A, 3 B e 2 A apresentam a maior variedade de organizações decorativas; - as formas 2 B e 3 B incluem o maior número de organizações decorativas do tipo I; - as formas 3 A, 3 B e 5 A as de tipo II e a forma 3 B a de tipo IV; - as organizações II e IV distribuem-se por 4 formas diferentes, enquanto a I está confinada a duas.

- Verifica-se que independentemente das dimensões dos vasos, a decoração predomina em todas as formas, à excepção da 4 e da 7. Também aqui não foi detectada qualquer significativa articulação entre capacidade e ausência ou presença de decoração.

c) Foram registados alguns ossos de animais.

. Camada 2

a) O material lítico

Foram registadas nove *pontas de seta*, cinco em xisto, duas em corneana e uma em sílex; destas nove, só seis puderam ser analisadas em função do índice de alongamento e da base.

Mediana (2)	Base côncava (sem aletas) (1)
	Base recta (sem aletas) (1)
Curta (4)	Base recta (sem aletas) (2)
	Base côncava (sem aletas) (1)
	Base pedunculada (com aletas) (1)

Todas as pontas de seta apresentam retoque plano; sete têm retoque marginal e duas retoque profundo; neste caso encontra-se uma curta de base côncava (sem aletas), de corneana, e outra, cujo índice de alongamento e base não é possível descrever, de sílex;

- Duas *raspadeiras* carenadas frontais, curtas, sobre lasca, em quartzo; uma apresenta extremidade arredondada, a outra rectilínea; as extremidades são preparadas com retoques lamelares, sub-paralelos, reavivados através de outros retoques abruptos, directos, localizados;

- Um *"rabot"* sobre cristal de quartzo espesso e alongado;

- Um *pequeno raspador*, em quartzo, com retoques planos, profundos e sub-paralelos, em uma das faces; *um grande raspador*, em xisto, com retoques planos, marginais;

- Seis *lascas finas (uma de grandes dimensões) retocadas lateralmente*, em xisto, com retoques planos marginais, bifaciais ou directos, contínuos;

- Um *fragmento de uma pequena lâmina*, alteada, em sílex, *retocada* nos dois bordos com retoques oblíquos ou sub-verticais, sub-paralelos, marginais e directos;

- Uma *lasca residual* em sílex;

- Um *denticulado* lateral em sílex, com retoques planos, simples e directos;

- Um *núcleo* em quartzo;

- Uma *conta bicónica* achatada, de variscite;

- Dois *machados polidos* (respectivamente de filádio quartzozo e metagrauvaque) de pequenas dimensões, com índice de alongamento mediano; contorno sub-trapezoidal, gume convexo (um deles assimétrico), de secção sub-elíptica e sub-rectangular, respectivamente. Um deles apresenta polimento integral nas duas faces, o outro apenas o regista junto ao gume;

- Uma *enxó* de anfibolito de pequenas dimensões, mediana, de contorno sub-rectangular, gume convexo, secção sub-rectangular, polimento integral nas duas faces;

- Um *polidor de cerâmica* em seixo, polido na sua periferia, de contorno sub-elíptico e secção rectangular;

- Três *"rebolos"* de granito; um sub-circular de secção plano-convexa (11,5 x x 10,5 cm), outro oblongo (forma sub-elíptica) de secção plano-convexa (comprimento - 12 cm); um terceiro fragmentado, de pequenas dimensões, de contorno sub-elíptico e secção plano-convexa.

b) O material cerâmico

Na camada 2 foram identificados 820 fragmentos cerâmicos (327 decorados e 493 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados os tipos 1.2 e 1.3. Mantêm-se para todos os exemplares a categoria de pasta compacta.

1.2 - 758 ex. - 92,4%

1.3 - 62 ex. - 7,5%

- *tipos de superfícies*

Foram seleccionados os tipos 1/1, 3/3 e 4/3 (superfícies corroídas, superfícies alisadas e superfície externa polida e interna alisada).

1/1 - 144 ex. - 17,5%

3/3 - 523 ex. - 63,7%

4/3 - 153 ex. - 18,6%

Também aqui predominam as superfícies alisadas, embora seja significativa a percentagem de polidas externamente e das corroídas.

- *tipos de cores* (superfície externa)

Foram identificados os mesmos tipos da camada 3

1 - 450 ex. - 54,8%

2 - 270 ex. - 32,9%

3 - 100 ex. - 12,1%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 327 exemplares decorados foram registadas seis técnicas decorativas predominantes em cada exemplar:

- Incisão - 173 ex. - 21%
- Impressão "penteada" - 90 ex. - 10,9%
- Punção ("tipo Boquique") - 47 ex. - 5,7%
- Punção - 12 ex. - 1,4%
- Impressão arrastada - 4 ex. - 0,4%
- Impressão - 1 ex. - 0,1%

Saliente-se a predominância da técnica de incisão, quer no total, quer relativamente ao conjunto de todas as outras técnicas consideradas.

. Caracterização morfológica (Fig. 18, 19 e 20)

Foram seleccionadas *noventa e três formas* (oitenta e quatro decoradas e nove lisas), as quais se distribuem por *oito* tipos morfológicos. Os diversos diâmetros externos da boca de oitenta e um vasos inserem cinco categorias:

2 - 6-10 cm - 9 ex. - 11,1%
3 - 11-15 cm - 24 ex. - 29,6%
4 - 16-20 cm - 37 ex. - 45,6%
5 - 21-25 cm - 6 ex. - 7,4%
6 - 26-30 cm - 5 ex. - 6,1%

Tipo 1 (6 ex., 6,4%) - *V.* c.3; Dam ext bc varia entre 3 - 4, predominando a 4.

Tipo 2 (16 ex., 17,2%) - *V.* c.3; Dam ext bc varia entre 2-4, predominando o 4.

Tipo 3 (43 ex., 46,2%) - *V.* c.3; Dam ext bc varia entre 2-5, predominando o 4.

Tipo 4 (16 ex., 17,2%) - *V.* c.3; Dam ext bc varia entre 2-6, predominando 4 e 5.

Tipo 5 (8 ex., 8,6%) - *V.* c.3; Dam ext bc varia entre 4-6, predominando o 4.

Tipo 6 (2 ex., 2,1%) - *V* sector A; Dam ext bc 4.

Tipo 7 (1 ex., 1%) - *V* sector A; Dam ext bc 4.

Tipo 8 (1 ex., 1%) (tipo 11 - quadro geral de formas) - recipiente com cordão decorado com puncionamentos; desconhece-se a forma.

- Predominam os diâmetros médios.

- Os tipos morfológicos 2, 3 e 4 integram uma *gama variada de dimensões* diferentes (Dam ext bc varia entre 2-6).

- Os tipos 5 e 1 incluem recipientes de grandes dimensões globais, devendo relacionar-se (particularmente o 5) com a função de aprovisionamento.

- Os tipos 2, 3 e 4 inserem recipientes com diâmetros de tipo 2 (6-10 cm); estão ausentes os pequenos vasos de diâmetro inferior a 6 cm.

- A capacidade geral dos recipientes corresponde à já analisada para os da camada 3; contudo, ocorre mais uma categoria de vasos: os de capacidade entre 8 ℓ e 13 ℓ, que integram as formas 1 e 5.

Nos oitenta e quatro vasos decorados podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas:

- Incisão - 21 ex. - 25%
- Punção ("tipo Boquique) - 10 ex. - 11,9%
- Impressão "penteada" - 3 ex. - 3,5%
- Punção - 2 ex. - 2,3%
- Impressão arrastada - 1 ex. - 1,1%

Estes valores estão em sintonia com os obtidos na amostragem global.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 93 exemplares)

	Lisa	Incisão	Punção Arrastada	Impressão Arrastada	Penteada	Punção
1 A	1	3			1	
B		1				
2 A		2	3		5	
B		3	1			2
3 A	1	10	2		12	2
B		11	4			1
4 A	5	5			5	
B					1	
5 A					1	
B		1	2	1	2	1
6 A		1				
B		1				
7	1					
8	1					

Destaque-se o seguinte:

- As formas 5 B e 3 A apresentam a maior variedade de técnicas decorativas; - a forma 4 insere o maior número de vasos lisos, embora também admita várias técnicas decorativas; - a técnica de incisão predomina nas formas 3 A e 3 B; - a técnica de punção arrastada nas formas 3 B e 2 A e a impressão "penteada" na forma 3 A.

- *tipos de pasta* (em 93 exemplares)

1.2 - 89 ex. - 95,6%
1.3 - 4 ex. - 4,3%

- *tipos de superfícies* (em 93 exemplares)

1/1 - 20 ex. - 21,5%
3/3 - 59 ex. - 63,4%
4/3 - 14 ex. - 15%

- *tipos de cores* (em 93 exemplares)

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 26-27,9%	1.1 75,9%	1.2 7,6%	1.3 1,5%
2 39-41,9%	2.1 5,1%	2.2 64,1%	2.3 12,9%
3 16-17,2%	3.1 25%	3.2 75%	
4 4- 4,3%	4.1 50%		4.3 50%
5 4- 4,3%	5.1 100%		
6 4- 4,3%	6.1 100%		6.3

Os tipos de cores são os seguintes:

1 - superfícies externa e interna acastanhadas

2 - superfícies externa e interna avermelhadas

3 - superfícies externa avermelhada e interna acastanhada

4 - superfícies externa acinzentada e interna acastanhada

5 - superfícies externa acinzentada e interna acinzentada

6 - superfícies externa acastanhada e interna acastanhada

- Predominam as superfícies avermelhadas, seguidas das acastanhadas e acinzentadas.

. Articulação de forma e cor (em 93 exemplares)

	1			2			3		4		5	6
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	3.2	4.1	4.3	5.1	6.1
1 A				2		1						
B					1							
2 A	4		1		2		1				1	3
B					2						2	
3 A	7		1		10	3		6				
B	3				6	1		2	4			
4 A	2	2			6	4				1		
B	1				1							
5 A									1			
B					4		2		1			
6 A					1							
B					1							
7					1							
8					1							

- A forma 2 A apresenta a maior variabilidade de tipos de cores; - a forma 3 integra o maior número de exemplares com as cores de tipo 1, 2, 3 e 4; - a forma 2 detém o maior número com as de tipo 5 e 6; - na forma 1 predomina a cor de tipo 2; - na forma 2 predomina a cor de tipo 1; - nas formas 3, 4, 5, 6, 7 e 8 predomina a cor de tipo 2.

. Articulação entre forma e pasta (em 93 exemplares)

	1.2	1.3
1 A	5	
B	1	
2 A	12	
B	3	
3 A	27	
B	16	
4 A	15	
B		1
5 A	1	
B	5	2
6 A	1	
B	1	
7	1	
8	1	

A forma 3 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares com pastas de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 93 exemplares)

		1	3	4
		1	3	3
1	A		5	
	B			1
2	A	2	9	3
	B	2	1	1
3	A	2	20	5
	B	3	11	2
4	A	5	9	1
	B		1	
5	A		1	
	B	3	4	
6	A	1		
	B			1
7		1		
8		1		

- As formas 2, 3 e 4 apresentam a maior variedade de exemplares com diferentes tratamentos de superfícies.

- A forma 4 A inclui proporcionalmente maior número de exemplares de tipo 1/1; a forma 3 A de tipo 3/3 e de tipo 4/3.

. Organizações decorativas

Em *ointenta e seis* exemplares de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *10 organizações decorativas*; estas serão descritas por ordem decrescente de importância, no contexto desta camada (a numeração segue a convencionada para a totalidade de recipientes de toda a estação) (Fig. 22, 23).

- I (22 ex., 20,9%) - (*V.* sector A). Predomina a incisão, embora também ocorra a impressão "penteada" e o puncionamento arrastado. Destaque-se o padrão (I h) que associa linhas incisas verticais a uma coluna preenchida com impressões verticais em forma de folha.

- II (18 ex., 25,5%) - (*V.* sector A). Predomina o puncionamento e a impressão, embora também admita a incisão.

- VII (15 ex., 17,4%) - (*V.* sector A). Domina a impressão "penteada".

- X (10 ex., 11,6%) - (*V.* sector A). São utilizadas as técnicas de incisão e impressão "penteada".

- XIV (7 ex., 8,1%) - (*V.* sector A). Domina a impressão "penteada".

- XIII (5 ex., 5,8%) - (*V.* sector A). Domina a técnica da incisão.

- XIX (4 ex., 4,6%) - (*V.* sector A). Domina a técnica de incisão.

- XVI (2 ex., 2,3%) - (*V.* sector A). Utiliza-se a técnica da incisão e da impressão "penteada".

- IV (2 ex., 32,3%) - (*V.* sector A). Utiliza-se a técnica da incisão.

- V (1 ex., 1,1%) - (*V.* sector A). Utiliza-se a impressão "arrastada".

- A *incisão* predomina, assim, nas organizações I, XIII, XIX e IV; a *impressão "penteada"* domina as organizações VII e XIV; o puncionamento predomina na organização II.

- Quase todas as organizações se desenvolvem do bordo até à parte média ou base dos vasos. São excepção as organizações IV, VII a, XIV a e b, que se circunscrevem a uma área junto ao bordo.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 74 exemplares)

	I	II	VII	X	XIV	XIII	XIX	IV	XVI
1 A	2		1			1	1		
B	1								
2 A	1	4	1	1	1	1		1	
B	2	1							
3 A	6	4	9	3	3				1
B	4	3		1		1		2	
4 A	2		4	1		1	2		1
B				1					
5 A									
B		3	1		2				
6 A							1		
B	1								

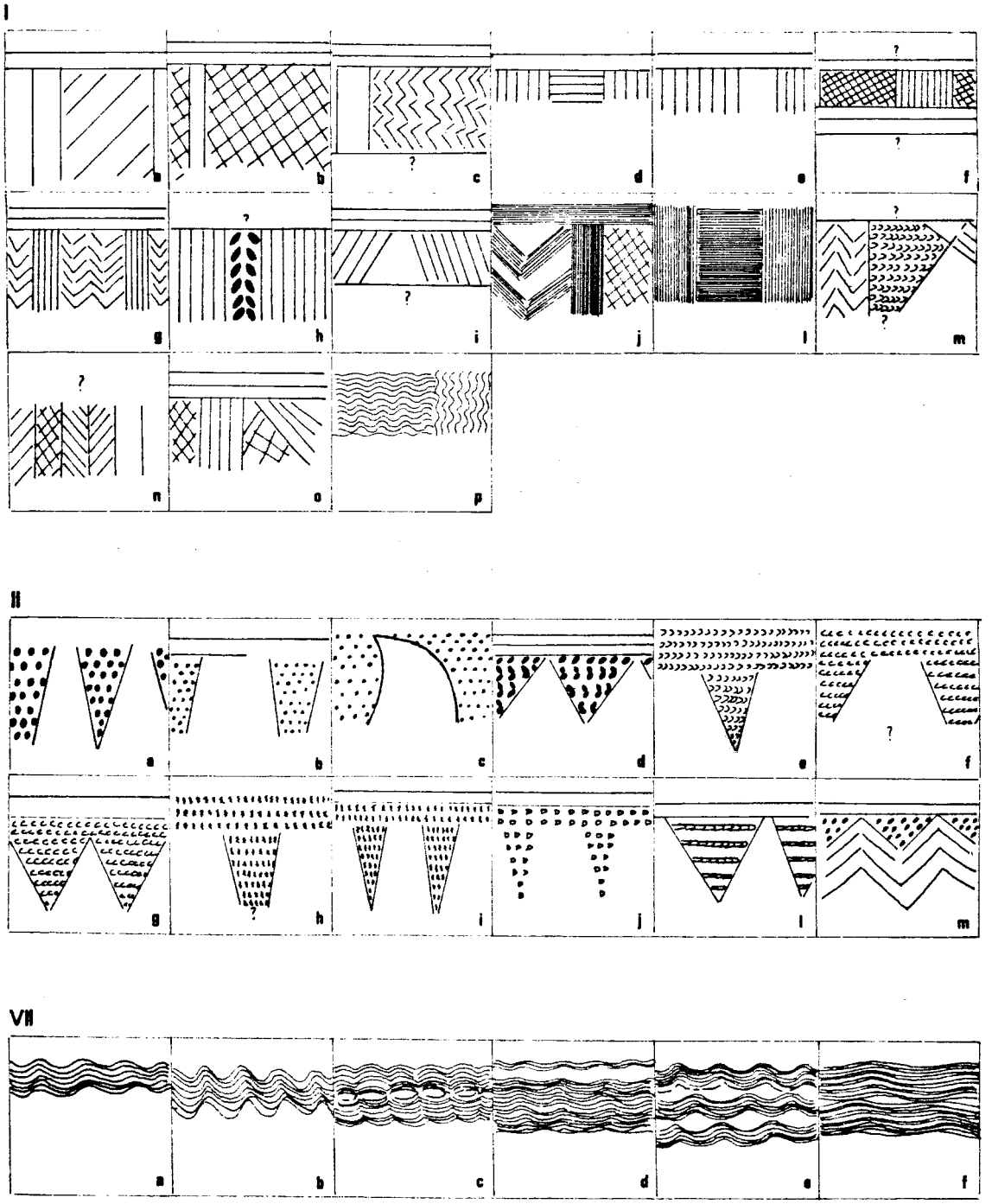
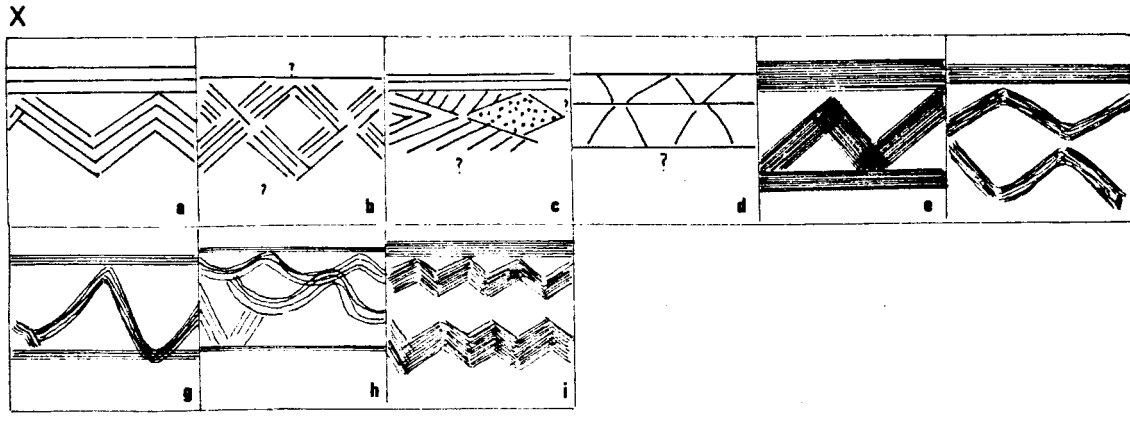
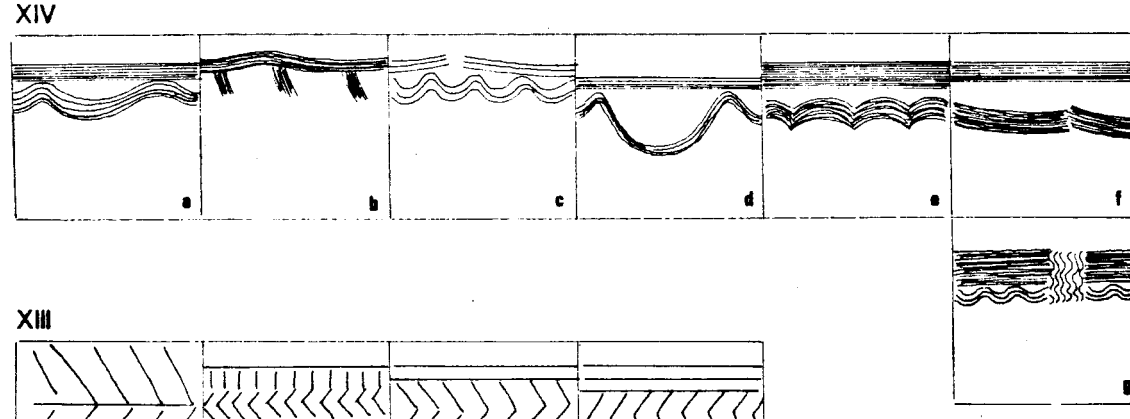
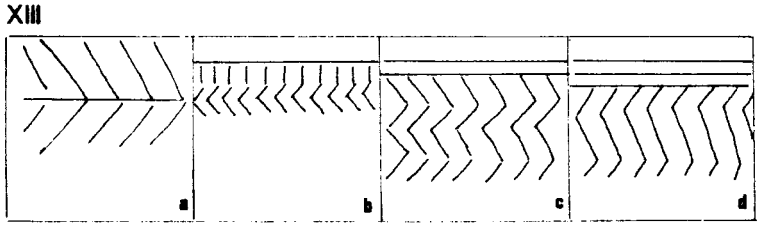
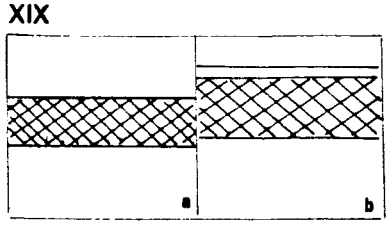


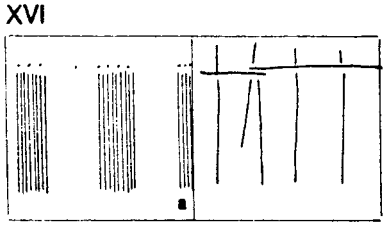
Fig. 22

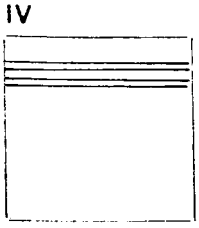












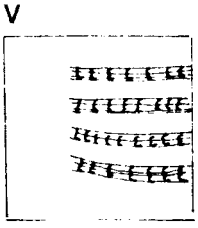


Fig. 23

- As formas 2 A, 3 A e 4 A apresentam a maior variedade de organizações decorativas; - a forma 3 inclui o maior número de organizações decorativas do tipo I; - as formas 2 A e 3 A as de tipo II, a forma 3 A as de tipo IV, X e XIV.

- Independentemente das dimensões dos vasos, a decoração predomina em todas as formas, à excepção da forma 4. Não se registou qualquer articulação significativa entre capacidade e ausência ou presença de decoração.

. Categorias tipológicas

Com base na análise global da forma, tamanho e índice de profundidade e abertura da boca de cento e dois vasos organizaram-se as seguintes *categorias tipológicas*, relativas às camadas 3 e 2, em conjunto:

I - (56 ex., 64,7%) (*V.* caracterização no sector A)

A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ e 5 ℓ. Este tipo é predominantemente decorado segundo a técnica de incisão e a organização I. Integra também outras organizações decorativas.

II - (16 ex., 15,6%) (*V.* sector A)

A capacidade varia entre 0,5 ℓ - 1,5 ℓ. Estes recipientes são predominantemente lisos, mas podem integrar várias organizações decorativas.

III - (16 ex., 15,6%) (*V.* sector A)

Incluem as formas 1, 2, 3 e 4. A sua capacidade escalona-se entre 0,1 ℓ - 0,5 ℓ. Integra várias organizações decorativas e também vasos lisos.

IV - (4 ex., 3,9%) (*V.* sector A)

Integra as formas 1 e 5. A capacidade varia aproximadamente entre 8 ℓ e 13 ℓ (?). Nos exemplares estudados, observaram-se várias organizações, à excepção da I.

- O estudo da correlação de pastas e superfícies no interior destas categorias tipológicas não permitiu determinar associações estatisticamente significativas.

- Na camada 3 foram ainda identificados fragmentos de cerâmica de revestimento sem vestígios de negativos de ramos.

c) Material diverso (camadas 3 e 2)

Foram observados alguns fragmentos de ossos de animais e resíduos de prováveis artefactos de cobre arsenical, cuja análise será apresentada no final do estudo da estação.

d) Distribuição espacial dos materiais

Os materiais predominam numa área restrita, de contorno irregular, centrada relativamente aos buracos de poste e à fossa. Esta área, com cerca de 12 m^2 na camada 3, amplia-se na camada 2 para aproximadamente 20 m^3. Neste espaço registou-se cerca de 80% do total dos fragmentos cerâmicos encontrados neste sector, observando-se as formas de 1 a 7 regularmente dispersas por toda a superfície. Também aqui foram identificadas 16 das 20 pontas de seta do sector, 4 raspadeiras, 16 lascas retocadas (incluíndo 1 raspador e um denticulado), 1 pequena lâmina retocada, 1 "rabot", 4 lascas residuais, 1 núcleo, 1 enxó e 2 machados polidos e ainda 1 conta de variscite.

De salientar a posição periférica da Lareira, na camada 3, relativamente ao espaço que inclui maior concentração de materiais.

e) Estudo comparado dos materiais nas duas camadas

- A camada 2 integra *artefactos líticos novos*, relativamente à camada 3: 1 "rabot", 2 raspadores, 1 lâmina retocada, 1 denticulado, 1 polidor, 1 conta de variscite, além de 1 lasca residual e 1 núcleo; - a análise das quantidades dos artefactos em cada camada não permite retirar ilacções importantes ou significativas; apenas é de registar a ausência de pontas de seta alongadas na camada 2.

- O sílex ou a corneana estão presentes nas duas camadas; na camada 2, além do anfibolito é utilizado o filádio quartzoso e o metagrauvaque como matérias-primas de artefactos de pedra polida.

- Assim, para além do aumento da variabilidade tipológica dos objectos, não há mudança significativa a registar na análise da evolução dos materiais líticos, da camada 3 para a 2, à excepção do aparecimento na camada 2 duma conta de variscite.

- Verifica-se um aumento significativo do número de exemplares cerâmicos da camada 3 para a 2. No total foram estudados 1.160 exemplares.

- As pastas e as superfícies mantiveram proporcionalmente as suas características gerais nas duas camadas.

- Constatou-se, no entanto, um *aumento importante das superfícies acastanhadas e um decréscimo das superfícies avermelhadas.*

- Verificou-se que, independentemente da incisão predominar sempre nas duas camadas, *aumenta significativamente a impressão "penteada"*, o que é correlativo do decréscimo do puncionamento.

- A camada 3 não inclui os tipos morfológicos 6, 7 e 11; por outro lado a camada 2 não insere os tipos 8, 9 e 10.

- A *capacidade dos vasos tende a aumentar nas formas 1, 3, 4 e 5*; esse aumento é correlativo do desenvolvimento da heterogeneidade das dimensões dos mesmos. Na camada 2 ocorrem vasos com capacidade entre *8 e 13 ℓ*.

- Nas duas camadas é comum o facto de a maior variabilidade decorativa coincidir com as formas esféricas fechadas.

- Observa-se que nas duas camadas os vasos lisos predominam na forma 4.

- Estes decrescem significativamente: C. 3 - 21,7%; C. 2 - 9,6%. Assim, e inversamente, constatamos que a decoração invade cada vez um maior número de tipos morfológicos.

- Na camada 3 as formas 2 e 3 integram predominantemente as organizações I e II; a forma 5, a organização II e a forma 4, a organização IV; na camada 2, as formas 1, 2, 3 e 4 incluem, numa proporcionalidade variada, as organizações I, II, VII, X, XIV, XIII, XIX, IV, XVI; a forma 5, as organizações II, VII e XIV e a forma 6, a I e a XIX; assim, podemos concluir que a forma 5 nunca admite a organização I.

- Verifica-se uma tendência generalizada para o aumento da capacidade dos recipientes com as organizações I, VII e XIX, além dos lisos.

- As organizações decorativas I, II, VII e X existem nos recipientes das duas camadas; são exclusivas da camada 2 as organizações XIV, XIII, XIX, XXI, V. Assim, regista-se um importante aumento de organizações decorativas:

  C.3 - 5 organizações

  C.2 - 10 "

- As organizações X e VII aumentam percentualmente; a II apresenta um notório decréscimo, que é correlativo do aparecimento de novas organizações; a I ocupa o 1º lugar na camada 2.

- Enquanto na camada 3, apenas as formas 2 e 3 incluem uma marcada variabilidade decorativa, esta, na camada 2, atinge as formas 1, 2, 3, 4 e 5.

Em conclusão

Nas duas camadas verifica-se uma grande homogeneidade quanto às pastas e superfícies dos vasos; também são comuns os principais tipos morfológicos. O que varia substancialmente, adentro duma amostragem mais ampla, é a dimensão dos recipientes - aparecem na camada 2 vasos de capacidade provável de 13 ℓ - associada a uma mais vasta gama de modelos decorativos, nos quais predominam as técnicas de incisão e impressão "penteada" e as sequências metopadas.

- Nas duas camadas as raras espécies animais identificadas não forneceram dados sobre a existência de fauna doméstica.

A descriminação das espécies deste sector será adiante realizada em conjunto com a dos restantes sectores da estação.

3.1.3.3 - Sector C

O sector C situa-se no lado sudoeste da plataforma, a 8 metros para oeste, em linha recta, do sector B. Localiza-se a meio da encosta que é delimitado a SE pelo esporão. Abrange uma área de declive acentuado, nas proximidades de afloramentos graníticos baixos, com cerca de 30 m^2. Foi aqui, em 1984, a mesma metodologia de escavação utilizada para os restantes sectores. Usou-se o mesmo ponto altimétrico local do sector B.

Entre os dois sectores abriu-se uma vala de sondagem de 1 x 2 m, cuja estratigrafia e materiais foram articulados com os do sector B.

Níveis de ocupação mais antigo (camadas 7 e 6)

Este nível, constituído por uma camada mais profunda com abundantes materiais (c.7) e outra que se sobrepõe e em que estes rareiam (c.6), foi detectado na vala intermédia entre o Sector C e o Sector B (y = -30/-31; x = + 14/+ 16) e, no Sector C, numa área restrita (y = - 32 / - 26; x = + 22 / + 30). As camadas encaixavam exclusivamente numa depressão aberta na camada estéril de base, a qual, na sua parte mais larga, tinha cerca de 4,5 m de largura e 30 cm de altura. Esta depressão estreitava para oeste, sendo aí delimitada em um dos lados por pedras miúdas e no outro por um rochedo. As camadas nela contidas, de textura argilosa e/ou granulosa, acusavam um elevado grau de humidade (particularmente a 7), podendo os seus componentes reflectir uma importante acção de transporte e rolamento. Os materiais cerâmicos apresentavam-se especialmente corroídos, parecendo também acusar os efeitos dum possível transporte.

A camada 7, de textura argilosa e cor acinzentada, integrava o maior número de materiais arqueológicos; a camada 6, de textura argilosa e granulosa, de cor amarelada, incluia uma percentagem ínfima de materiais. Não foi registada qualquer estrutura em ambas as camadas.

Dadas as características sedimentológicas e arqueológicas destas camadas pensamos que elas poderão sugerir que *a ocupação mais antiga* (de facto, a mais antiga da estação) utilizou uma depressão pouco funda, aberta no solo da base (natural ou artificial?), através da qual se verificou a escorrência de águas e/ou detritos pela encosta oeste do esporão. A camada 7 corresponderá a uma fase em que essa depressão se encontrava aberta permitindo o escoamento de águas que arrastariam detritos domésticos (incluíndo artefactos) enquanto que a camada 6 já se terá deposto num momento de colmatagem parcial ou total da mesma "vala", em que esta só proporcionaria um escoamento esporádico ou nulo. Os materiais arqueológicos apenas ocorrem na área compreendida pela depressão cavada pelas camadas 6 e 7 na terra arenosa da base.

Futuramente há que alargar a área de escavação, de forma a ligar o sector C ao B, com vista à determinação de um possível *nível de habitação* "in situ" *correspondente às camadas 6 e 7 referidas*. Se ele existir poderá localizar-se em torno do quadrado, em cuja escavação foi detectada uma camada cinzenta argilosa com a textura da camada 7. Sobre ela assenta apenas uma camada amarelada com as características da camada 2 do sector B. A correlação segura de todas estas camadas só poderá realizar-se quando a escavação se ampliar no sentido de unir os dois sectores e tentar compreender, em estratigrafia vertical ou horizontal, as principais fases de ocupação deste lado da plataforma.

a) Material lítico

Foram registadas duas *pontas de seta* em xisto; uma mediana, de base côncava, sem aletas, a outra provavelmente alongada, de base fragmentada; as duas apresentam retoque plano, uma profundo e a outra marginal.

- Sete *raspadeiras frontais curtas*, sobre lasca, finas, em quartzo; - seis *lascas retocadas*, em xisto, finas, quatro laterais e duas bilaterais; todas bilaterais; todas apresentam retoques planos marginais, simples, bifaciais, contínuos; - um provável *furador* sobre lasca, em quartzo; - um fragmento de *'rebolo'* alongado (forma sub-elíptica?) em granito, de secção plano-convexa.

b) Material cerâmico

Foram registados 154 fragmentos cerâmicos (48 decorados e 106 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados os tipos 1.2 e 1.3 já analisados nos sectores A e B. Os exemplares integram-se todos na categoria de pasta compacta.

1.2 - 69 ex. - 44,8%

1.3 - 85 ex. - 55,1%

- *tipos de superfícies*

Foram observados os tipos 1/1, 1/3, 3/1, 3/3, 4/4 (superfícies corroídas; externa corroída e interna alisada, externa alisada e interna corroída, alisadas e polidas).

1/1 - 113 - 73,3%
1/3 - 4 - 2,5%
3/1 - 2 - 1,2%
3/3 - 35 - 22,7%
4/4 - 1 - 0,6%

Predominam largamente as superfícies corroídas, seguidas das alisadas.

- *tipos de cores*

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada) 2 (cor avermelhada) e 3 (cor acinzentada).

1 - 23 ex. - 14,9%
2 - 73 ex. - 47,4%
3 - 58 ex. - 37,6%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 48 exemplares decorados foram identificadas quatro técnicas decorativas predominantes em cada exemplar:

Punção (associada ou não à incisão) - 33 ex. - 68,7%
Incisão - 10 ex. - 20,8%
Punção ("tipo Boquique") - 4 ex. - 8,3%
Impressão arrastada - 1 ex. - 2%

Saliente-se a predominância da técnica por *punção*, quer no total, quer relativamente ao conjunto de todas as outras técnicas consideradas.

. Caracterização morfológica (Fig. 24, 25)

Foram seleccionadas *vinte e sete formas* (vinte e uma decoradas e seis lisas), as quais se distribuem por *seis* tipos morfológicos. Os diversos diâmetros externos da boca de dezassete vasos integram quatro categorias:

2 - 6-10 cm - 1 ex. - 5,8%
3 - 11-15 cm - 7 ex. - 41,1%
4 - 16-20 cm - 8 ex. - 47%
6 - 26-30 cm - 1 ex. - 5,8%

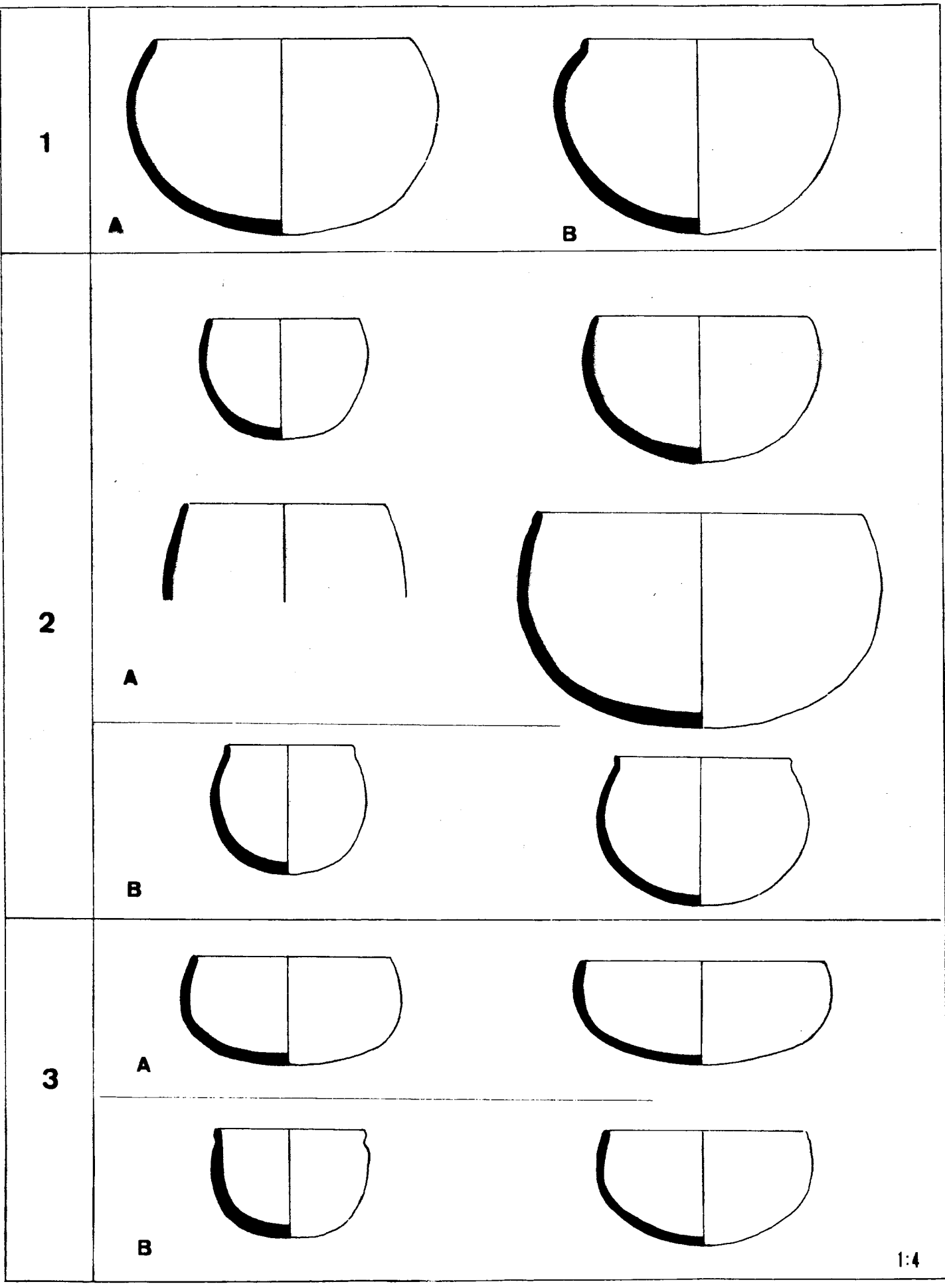
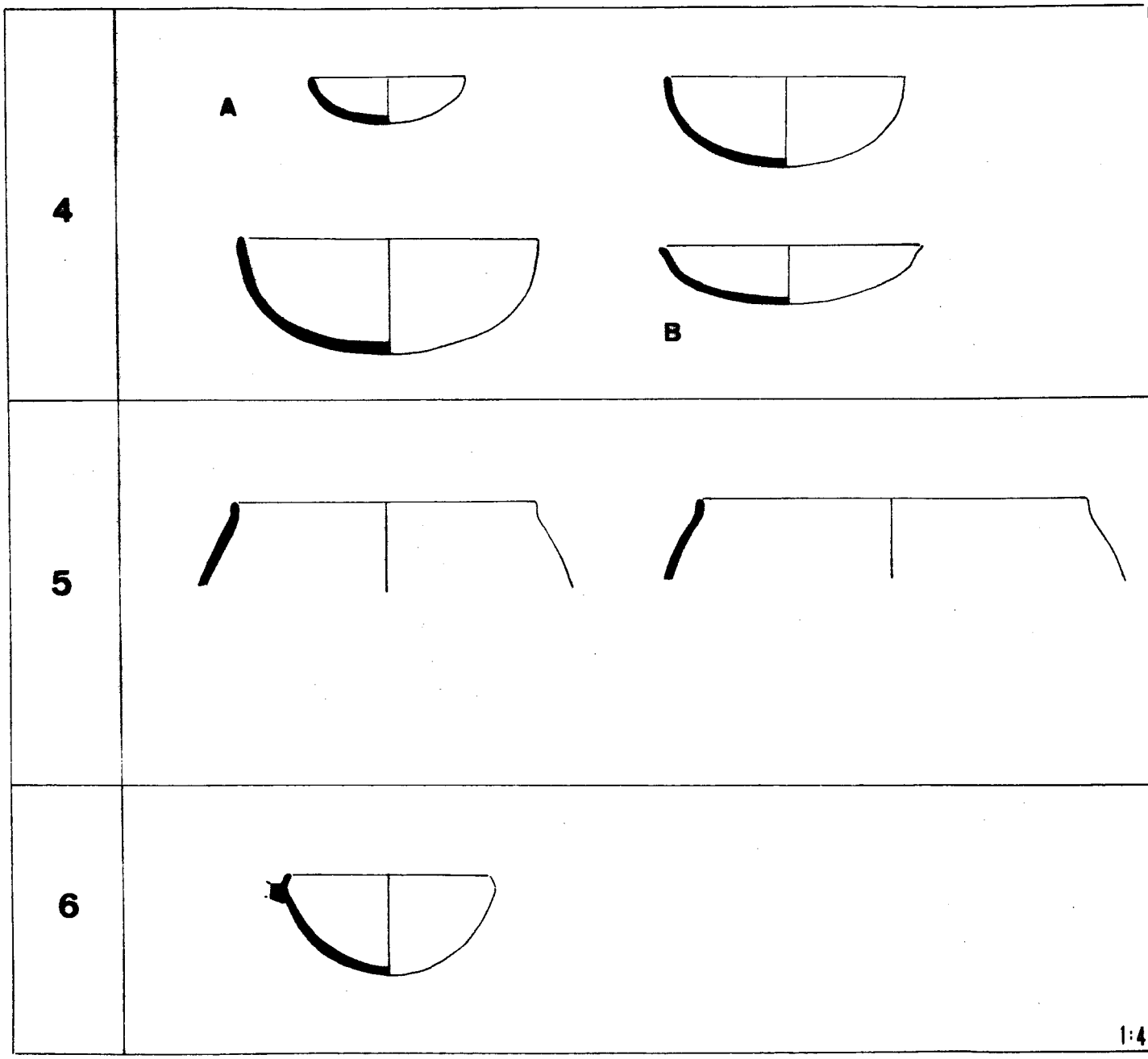


Fig. 24


4
A
B
5
6
1:4

Tipo 1 (4 ex., 14,8%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc 4; P varia entre 82 - 89; A varia entre 79-80.

Tipo 2 (9 ex., 33,3%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc varia entre 3 - 6, predominando o 4; P varia entre 71 - 108; A varia entre 82 - 90.

Tipo 3 (6 ex., 22,2%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc 3; P varia entre 42 - 75; A varia entre 90-100.

Tipo 4 (5 ex., 18,5%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc varia entre 2 - 4, predominando o 3; P varia entre 23 - 38.

Tipo 5 (2 ex., 7,4%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc 4 , 5; P - 122 e 96 (?); A - 80-86.

Tipo 6 (1 ex., 3,7%) - (*V* forma 7 - sector A) - com esboço de pega abaixo do bordo.

- Predominam os recipientes com Dam ext bc 3 e 4.
- O tipo 4 e o tipo 2 integram dimensões mais diferenciadas do que os outros tipos morfológicos (entre 2 e 4 - Forma 4 e 3 e 6 - Forma 2).
- Os tipos 2 e 5 incluem os recipientes de maiores diâmetros.
- O tipo 4 integra o diâmetro mais pequeno - 2; estão ausentes os pequenos vasos de diâmetro inferior a 6 cm.
- Reagrupando as formas descritas em função da capacidade dos recipientes, obtemos as seguintes categorias: (0,08 ℓ; 0,1 - 0,5 ℓ; 0,5 ℓ - 1 ℓ/1,5 ℓ; 2 ℓ - 3,5 ℓ; 4,5 ℓ - 7 ℓ).

Os vasos muito pequenos (0,08 ℓ) apenas ocorrem na forma 4; os de pequena capacidade (0,1 ℓ - 0,5 ℓ) incluem as formas 3, 4 e 6; os de capacidade mēdia (0,5 ℓ - 1 ℓ/ /1,5 ℓ inserem-se nas formas 2, 3 e 4; os *grandes vasos* admitem duas variantes: os de 2 a 3,5 ℓ (formas 1 e 2 A) e os de 4,5 ℓ a 7 ℓ (?) (forma 5).

Nos vinte e um vasos decorados podemos distinguir as seguinres tēcnicas decorativas e respectivas percentagens:

Punção (associada ou não à incisão) - 18 ex. - 85,7%

Incisão - 3 ex. - 14,2%

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 21 exemplares)

	LISA	INCISÃO	PUNÇÃO
1 A		1	
B			3
2 A	1	2	4
B			2
3 A			3
B			3
4	3		2
5 B	1		1
6	1		

Apenas a forma 2 A inclui as duas técnicas decorativas; - a forma 4 integra o maior número de vasos lisos, embora também inclua 2 exemplares decorados; - a incisão predomina na forma 2 A e o puncionamento nas formas 2 e 3.

- *tipos de pasta* (em 27 exemplares)

1.2 - 20 ex. - 74%

1.3 - 7 ex. - 25,9%

- *tipos de superfícies* (em 27 exemplares)

1/1 - 12 ex. - 44,4%

1/3 - 3 ex. - 11,1%

3/3 - 11 ex. - 40,7%

4/4 - 1 ex. - 3,7%

Neste conjunto, é evidente que, apesar do elevado número de exemplares coroídos, predominam as superfícies alisadas.

- *tipos de cores* (em 27 exemplares)

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 2 ex.	-	-	**2** 1.3
2 5 ex.	-	4 2.2	1 2.3
3 6 ex.	1 3.1	5 3.2	- 3.3
4 2 ex.	-	2 4.2	-
5 8 ex.	4 5.1	-	**4** 5.3
6 2 ex.	2 6.1	-	-
7 2 ex.	2 7.1	-	-

Os tipos de cores são numerosos:

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfície externa avermelhada/interna acastanhada

4 - superfície externa acinzentada/interna acastanhada

5 - superfícies acinzentadas

6 - superfície externa acastanhada/interna acinzentada

7 - superfície externa avermelhada/interna acinzentada

Predominam as superfícies avermelhadas, seguidas das acinzentadas.

. Articulação de forma e cor (em 27 exemplares)

	1	2		3			4	5		6	7
	1.3	2.2	2.3	3.1	3.2	3.3	4.2	5.1	5.3	6.1	7.1
1 A								1			
B									2	1	
2 A		4			2					1	
B								2			
3 A					2				1		
B	2						1				
4			1	1	1		1	1			
5 B											2
6									1		

- A forma 4 apresenta a maior variabilidade de tipos de cores; - a forma 3 inclui o maior número de exemplares com a cor de tipo 1; - a forma 2 integra o maior número de exemplares com a cor de tipo 2; - a forma 3 insere o maior número de exemplares com a cor de tipo 3; - as formas 4 e 3 com a de tipo 4; as formas 2 e 1 com a cor de tipo 5; - as formas 2 e 1 com a de tipo 6 e a forma 5 com a cor de tipo 7.

- Na forma 1 predomina a cor 5; na forma 2 a cor 2; nas formas 3 e 4 a cor 3; na forma 5 a cor 7 e na forma 6 a cor 6.

. Articulação entre forma e pasta (em 27 exemplares)

	1.2	1.3
1 A	1	
B	3	
2 A	4	3
B		2
3 A	3	
B	3	
4	4	1
5 B	1	1
6	1	

A forma 3 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares com pastas de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 27 exemplares)

	1	1	3	4
	1	3	3	3
1 A		1		
B			3	
2 A	4	1	2	
B	2			
3 A	3			
B	1		1	1
4	2	1	2	
5 B			2	
6			1	

As formas 2 A, 3 B e 4 apresentam um maior número de exemplares com diferentes tratamentos de superfícies; - a forma 2 inclui, proporcionalmente, maior número de exemplares de tipo 1/1 e a forma 1 de 3/3.

. Organizações decorativas

Em vinte exemplares de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas apenas *2 organizações decorativas*, ambas de sequência horizontal. A numeração segue a convencionada para a totalidade de recipientes de toda a estação (Fig. 26).

- II (18 ex., 90%) (*V* sector A). Esta organização utiliza predominantemente a punção e a impressão, embora também admita a incisão isolada ou associada às técnicas anteriores.

- IV (2 ex., 10%) (*V* sector A). Esta organização utiliza a técnica de puncionamento.

A organização II desenvolve-se até à parte média dos vasos, embora em alguns exemplares atinja a base; a organização IV abrange a zona abaixo do bordo ou o início da parte média.

. Articulação de forma e organização decorativa (em 27 exemplares)

	II	IV
1 A	1	
B	2	
2 A	6	1
B	2	
3 A	2	1
B	2	
4	1	
5 B	1	

- As formas 2 A e 3 A incluem duas organizações decorativas; - a forma 2 A insere o maior número de organizações do tipo II.

- Embora a amostragem seja pouco significativa, podemos vislumbrar a tendência para não se verificar qualquer articulação significativa entre capacidade dos recipientes e ausência ou presença de decoração.

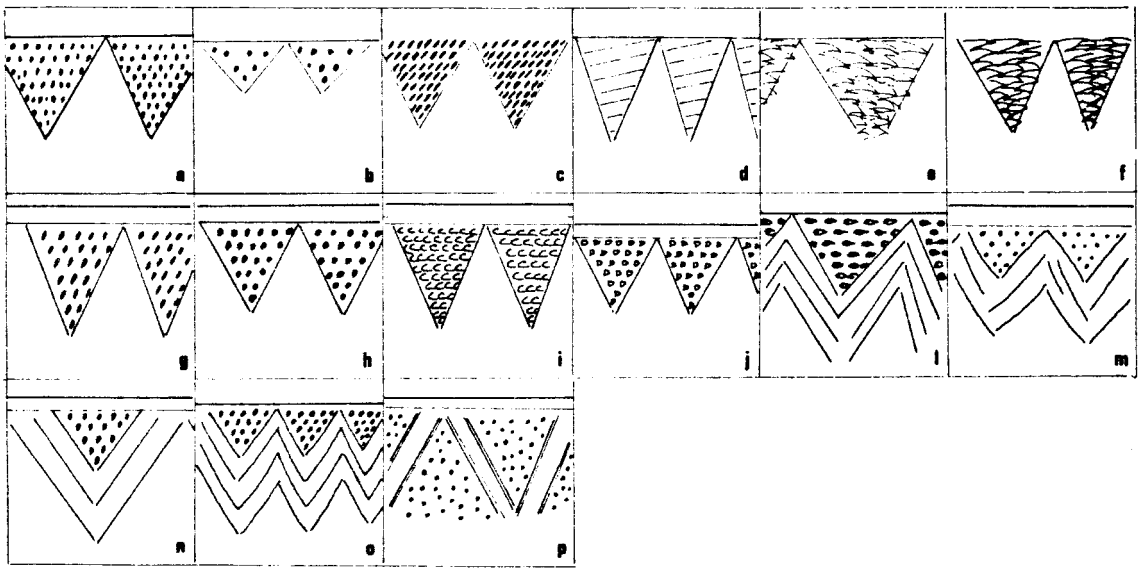
Nível de ocupação intermédio (camadas 5 e 4)

Este nível é constituído por uma camada mais profunda (c.5) em correspondência com estruturas, na qual se inclui abundante material arqueológico e uma camada que se sobrepõe (c.4), onde este é quase ausente e onde apenas aflora o topo das estruturas da camada anterior.

A camada 5, de textura arenosa, apresenta uma cor castanha-acinzentada, cuja tonalidade se torna mais escura numa zona de configuração alongada que passa pelos quadrados. Aí a camada 5 apresenta uma depressão ou "canal" (à semelhança da camada 7) que, na sua parte mais larga, tem cerca de 2,40 m de largura e 30 cm de altura. Esta depressão estreita para oeste. Em relação com esta camada encontram-se duas estruturas: *um murete e uma estrutura de contorno sub-elíptico* (provável Lareira?).

O murete tem cerca de 4 metros de comprimento e 1 metro de largura. Apresenta uma face exterior levemente oblíqua, virada a oeste, com a altura máxima de 75 cm. É constituído na base por grandes lajes dispostas na horizontal que sustentam pedras médias ou miúdas imbricadas umas nas outras, de forma pouco cuidada. A face externa define em área uma linha, sub-rectilínea, que encurva na extremidade sul. A "face interna" do murete não apresenta contorno bem definido, terminando em pedras "soltas", de pequena espessura, não ultrapassando os 10-15 cm. Este murete encosta a sua extremidade norte ao afloramento de granito, já mencionado a propósito do nível de ocupação anterior.

II



IV

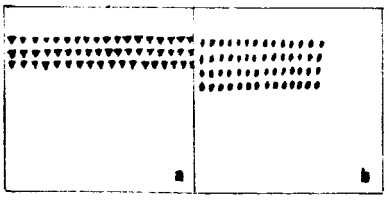


Fig. 26

Do lado exterior deste murete, a 75 cm para oeste, encontra-se uma estrutura de pedras de contorno sub-elíptico, cuja função não é fácil de identificar. Esta estrutura é delimitada por duas pedras fincadas de maiores dimensões colocadas em frente uma da outra no eixo maior da elipse. Outras pedras mais pequenas, fincadas em posição oblíqua, ajudam a delimitar um espaço que contém no seu interior, e à altura da base daquelas, pedras imbrincadas na horizontal, formando um lajeado regular, pouco espesso. A camada 5 não apresenta descontinuidade no interior desta estrutura: não foram encontrados quaisquer carvões ou outros elementos orgânicos. A terra apresentava-se com a mesma textura da terra circundante. Em algumas pedras do fundo desta estrutura eram visíveis esparsas manchas negras que podiam eventualmente resultar da acção do calor. Mas a maior parte delas não continha tais indícios.

Os materiais desta camada concentravam-se, significativamente, na depressão cavada na camada 6 e também nas proximidades da estrutura atrás descrita. Podemos, assim, distinguir *duas áreas* (com abundantes vestígios arqueológicos) separadas e condicionadas pela presença do murete: - a *depressão*, que pode corresponder também (tal como o nível anterior) a um "*canal*" através do qual escorregaram detritos vindos do cimo da encosta, num determinado momento da ocupação desta; e a *área exterior ao murete, contígua ao afloramento granítico*, que integra uma estrutura sub-elíptica (Lareira?) e que apresenta, pela associação espacial dos seus materiais, vestígios que podem corresponder a *um nível de habitação*. De qualquer maneira, as duas áreas foram contemporâneas, sendo de salientar que a posição do murete pode estar relacionada com a intenção de orientar a direcção do "canal" (que nitidamente a contorna), o qual passa ao lado da área centrada em volta da estrutura sub-elíptica. Resta-nos referir que a área interior do murete, a norte, contígua ao afloramento, ainda que não seja estéril, integra uma quantidade ínfima de materiais e apenas deverá considerar-se como a periferia de uma zona ocupada, constituída por sedimentos que se acumularam devido à função contentora do murete.

O futuro alargamento da escavação para *leste* terá que procurar interpretar seguramente a função desta depressão em forma de "canal" e a sua eventual relação com um provável *nível de habitação existente entre os sectores B e C*.

A camada 4, de textura arenosa e cor amarelada, cobre toda a área escavada e deve corresponder a um momento de abandono do local por parte dos ocupantes da camada 5.

a) Material lítico

Foram identificadas quinze *pontas de seta*, onze em xisto, duas em corneana, uma em sílex e uma em quartzo; destas catorze, apenas treze puderam ser analisadas em função do índice de alongamento e da base.

Alongada (4)	Base recta (sem aletas) (1)
	Base convexa (com aletas) (1)
	Base côncava (com aletas) (1)
	Base côncava (sem aletas) (1)
Mediana (5)	Base recta (sem aletas) (2)
	Base côncava (sem aletas) (3)
Curta (4)	Base recta (sem aletas) (2)
	Base côncava (sem aletas) (2)

Todas as pontas de seta apresentam retoque plano; treze têm retoque marginal (em xisto e quartzo) e três têm retoque profundo (corneana e sílex); neste caso encontram-se duas curtas (de base recta e base côncava) e uma mediana (de base côncava);

- Dezasseis *raspadeiras* frontais, curtas, sobre lasca, em quartzo (uma delas é uma raspadeira dupla); uma *grande raspadeira*, carenada, frontal, sobre lasca, em quartzo;

- Vinte e duas *lascas retocadas*; uma em quartzo, média espessa, com retoques laterais, marginais, simples, directos ou bifaciais e contínuos; vinte e duas em xisto: cinco de grandes dimensões, finas, com retoques marginais, simples ou escamosos, bifaciais, contínuos; dezassete de dimensões médias, finas, com retoques marginais, simples ou escamosos, directos ou bifaciais, contínuos. Destas vinte e duas lascas retocadas dezoite apresentam retoques laterais; duas retoques bilaterais; uma retoque lateral e transversal e duas retoques bilaterais e transversais.

- Um *disco* de ardósia, de contorno sub-circular, de secção sub-rectangular com perfuração central bitronco-cónica; em uma das faces apresenta ténues sulcos raiados;

- Dez *fragmentos* e cinco *mós inteiras* oblongas, em granito, de secção plano-côncava;

- Quatro "*rebolos*" alongados (forma sub-elíptica) de secção plano-convexa em granito (comprimento máximo entre 12 e 21,5 cm);

- Um *percutor* de secção quadrangular, com duas depressões centrais, nas duas faces opostas, em granito (com cerca de 7 cm de lado).

b) Material cerâmico

Neste nível de ocupação foram identificados 394 fragmentos cerâmicos (219 de

corados e 175 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados os tipos 1.2 e 1.3 já analisados no nível anterior. Mantém-se para todos os exemplares a categoria de pasta compacta.

1.2 - 208 ex. - 52,7%

1.3 - 186 ex. - 47,2%

- *tipos de superfícies*

Foram seleccionados os tipos 1/1, 1/3, 3/1, 3/3 e 4/3 (superfícies corroídas, superfície externa corroída e interna alisada, superfície externa alisada e interna corroída, superfícies alisadas, superfície externa polida e interna alisada).

1/1 - 173 ex. - 43,9%

1/3 - 2 ex. - 0,5%

3/1 - 1 ex. - 2,5%

3/3 - 212 ex. - 53,8%

4/3 - 6 ex. - 1,5%

É de salientar a grande quantidade de superfícies corroídas, ainda que predominem as alisadas.

- *tipos de cores* (superfície externa)

Foram registados dois dos tipos do nível anterior.

1 - 144 ex. - 28,9%

2 - 280 ex. - 71%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 219 exemplares decorados foram observadas cinco técnicas decorativas:

- Incisão - 121 ex. - 55,2%
- Punção (associada ou não à incisão) - 54 ex. - 24,6%
- Punção arrastada (associada ou não à incisão) - 26 ex. - 11,8%
- Impressão "penteada" - 6 ex. - 2,7%
- Impressão - 2 ex. - 0,9%

A incisão predomina, assim, quer em absoluto, quer relativamente ao conjunto somado de todas as outras técnicas consideradas.

. Caracterização morfológica (Fig. 18, 19 e 20)

Foram seleccionadas *cento e vinte e três formas* (noventa e sete decoradas e vinte e seis lisas), as quais se distribuem por seis tipos morfológicos. Os diversos diâmetros externos da base de *noventa e oito exemplares* inserem oito categorias:

1 - 0- 5 cm - 2 ex. - 2%
2 - 6-10 cm - 8 ex. - 8,1%
3 - 11-15 cm - 27 ex. - 27,5%
4 - 16-20 cm - 42 ex. - 42,8%
5 - 21-25 cm - 11 ex. - 11,2%
6 - 26-30 cm - 7 ex. - 7,1%
8 - 36-40 cm - 1 ex. - 1%

Tipo 1 (6 ex., 4,8%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc varia entre 2 e 6, predominando o 4; A e P (V sector B).

Tipo 2 (24 ex., 19,5%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc varia entre 2 e 8, predominando o 4; A e P (V sector B).

Tipo 3 (52 ex., 42,2%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc varia entre 2 e 6, predomina o 4; A e P (V sector B).

Tipo 4 (30 ex., 24,3%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc varia entre 1 e 6, predominando o 4; A e P (V sector B).

Tipo 5 (10 ex., 8,1%) - (*V.* sector A) - Dam ext bc varia entre 4 e 6, predominando o 4; A e P (V sector B).

Tipo 6 (1 ex., 0,8%) - *V.* forma 9 do sector B).

- Predominam os diâmetros médios.
- Os tipos 1, 2, 3 e 4 integram uma gama variada de *dimensões diferentes* (Dam ext bc varia entre 1 e 8).
- Os tipos 5 e 1 incluem recipientes de grandes dimensões globais, devendo relacionar-se (particularmente o 5) com a função de aprovisionamento.
- Os tipos 1, 2 e 3 incluem recipientes com Dam 2 (6-10 cm) e o tipo 4 com Dam 1 (inferior a 6 cm).
- A capacidade geral dos recipientes corresponde, em regra, à analisada para a camada 2 do sector B, havendo a acrescentar um grupo de recipientes

muito pequenos na forma 4 - (0,05 - 0,09 ℓ) e outro de grandes proporções na forma 2 - talvez com uma capacidade de 15 e 20 ℓ. Ambos os grupos foram encontrados na depressão anteriormente descrita.

- Assim, verifica-se uma *grande amplitude de dimensões* destes recipientes - - a maior registada em toda a plataforma - o que pode resultar da associação artificial na depressão "detrítica" de todos os tipos morfológicos do provável nível de habitação, existente entre os sectores C e B. O transporte dos materiais poderá ter misturado fragmentos de vasos pertencentes a fases diferentes da mesma ocupação ou a ocupações sucessivas. Na verdade, há que ter em conta que a camada 5 no interior desta depressão representa tão só uma fase de colmatagem do mesmo e não um nível de habitação.

- Nos noventa e sete vasos decorados podemos distinguir as seguintes técnicas decorativas e respectivas percentagens:

  - Incisão - 62 ex. - 63,9%
  - Punção - 20 ex. - 20,6%
  - Punção ("tipo Boquique") - 13 ex. - 13,4%
  - Impressão "penteada" - 2 ex. - 2%

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 123 exemplares)

	LISA	INCISÃO	PUNÇÃO	PUNÇÃO ARRASTADA	IMPRESSÃO "PENTEADA"
1 A	1		1	2	
B			1	1	
2 A	1	8	2	1	
B	1	6	2	3	
3 A	2	26	5	2	2
B	1	11	1	2	
4	12	8	8	2	
5 A	1	2			
B	4				
C	3				
6	1				

- A forma 3 A apresenta a maior variedade decorativa; - a forma 4 integra o maior número de vasos lisos, embora também inclua uma alta percentagem de vasos decorados; - a incisão predomina na forma 3 A e o puncionamento na forma 4.

- *tipos de pasta* (em 122 exemplares)

1.2 - 85 ex. - 69,6%

1.3 - 37 ex. - 30,3%

- *tipos de superfícies* (em 122 exemplares)

1/1 - 48 ex. - 39,3%

1/3 - 2 ex. - 1,6%

3/3 - 69 ex. - 56,5%

4/3 - 4 ex. - 3,2%

É de acentuar que, apesar do elevado número de exemplares corroídos, predominam as superfícies alisadas.

- *tipos de cores* (em 123 exemplares)

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 21-17%	-	4,7% 1.2	16,2% 1.3
2 74-60,1%	24,3% 2.1	40,6% 2.2	4,8% 2.3
3 28-22,7%	-	12,1% 3.2	10,5% 3.3

Os tipos de cores são os seguintes:

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfície exterior avermelhada e interna acastanhada

Predominam as superfícies avermelhadas.

. Articulação de forma e cor (em 123 formas)

	1		2			3	
	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.2	3.3
1 A						4	
B				2			
2 A				8		3	1
B	1	4		7			
3 A		10		20	4	1	2
B			4		1		10
4		6	12	12			
5 A			2	1			
B						4	
C						3	
6					1		

- A forma 3 apresenta a maior variedade de cores; - a forma 3 inclui o maior número de exemplares com as cores de tipo 1, de tipo 3 e de tipo 2; - na forma 1 predomina a cor 3, nas formas 2, 3, 4, 5 e 6 predomina a cor 2.

. Articulação entre forma e pasta (em 123 exemplares)

	1.2	1.3
1 A	3	1
B	2	
2 A	9	3
B	7	5
3 A	27	10
B	14	1
4	19	11
5 A	1	2
B	2	2
C	1	2
6		1

A forma 3 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares em pastas de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 123 exemplares)

	1	1	3	4
	1	3	3	3
1 A		1	2	1
B	1			1
2 A	6	1	5	
B	4		6	1
3 A	17		23	1
B	3		10	1
4	12		18	
5 A	3			
B	1		3	
C	2		1	
6			1	

- As formas 1 A, 2 A, 2 B, 3 A e 3 B apresentam um maior número de exemplares com diferentes tratamentos de superfícies.

- A forma 3 inclui proporcionalmente maior número de exemplares de tipo 1/1 e 3/3.

. Organizações decorativas (Figs. 27, 28)

Em cento e um exemplares de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *10 organizações decorativas*. A sua descrição seguirá por ordem de crescente, segundo a numeração convencionada para a totalidade de recipientes de toda a estação:

- II (53 ex., 52,4%) (*V.* sector A). Predomina a punção, embora também ocorra a incisão e a impressão "penteada".

- I (24 ex., 23,7%) (*V.* sector A). Domina a incisão.

- IV (11 ex., 10,8%) (*V.* sector A). Esta organização utiliza a incisão e o puncionamento.

- IX (3 ex., 2,9%) (*V.* sector A). Domina o puncionamento.

- X (2 ex., 1,9%) (*V.* sector A). É utilizada a incisão e a incisão associada ao puncionamento.

- XII (2 ex., 1,9%) (*V.* sector A). É utilizada a incisão.

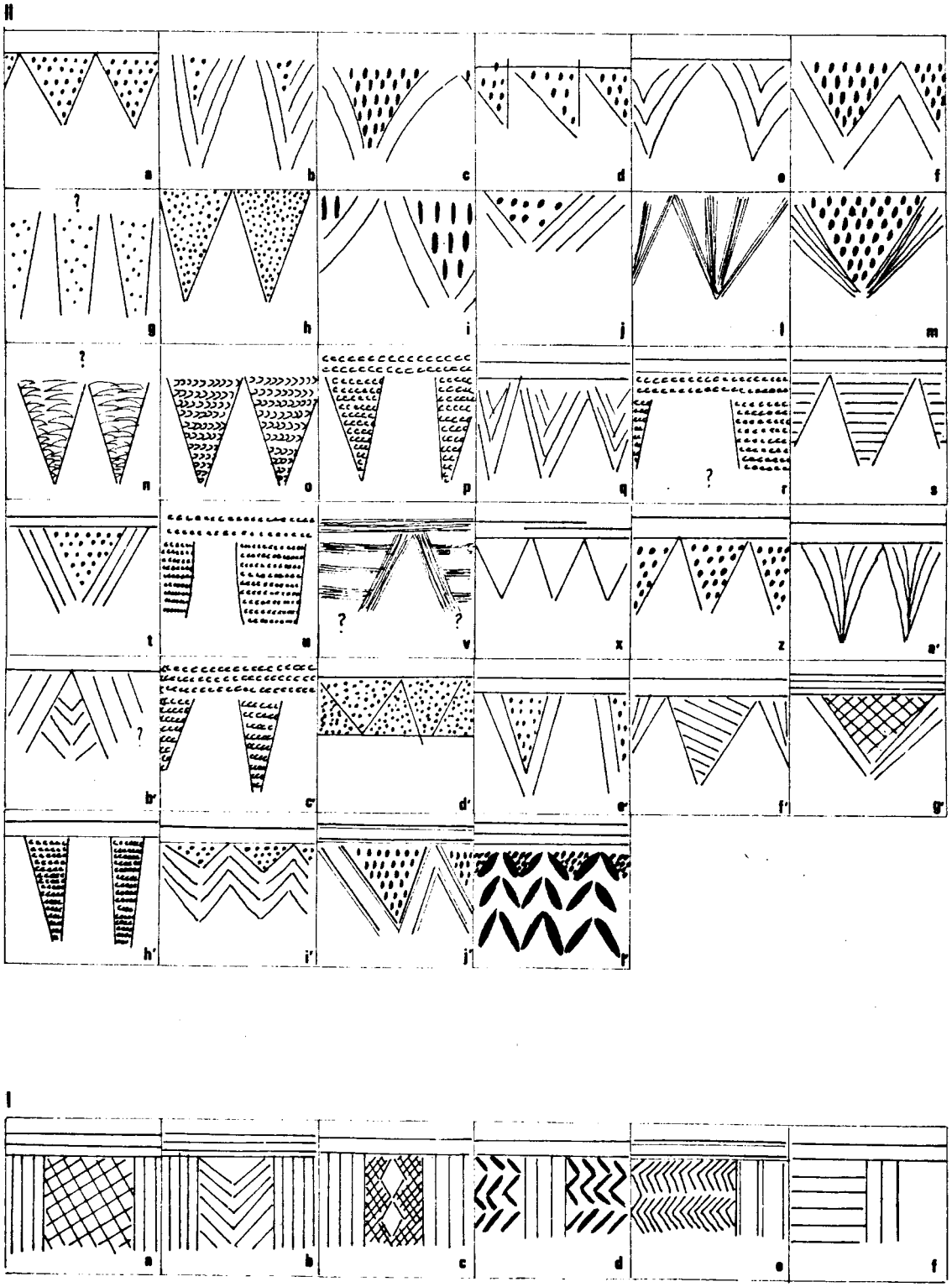


Fig. 27

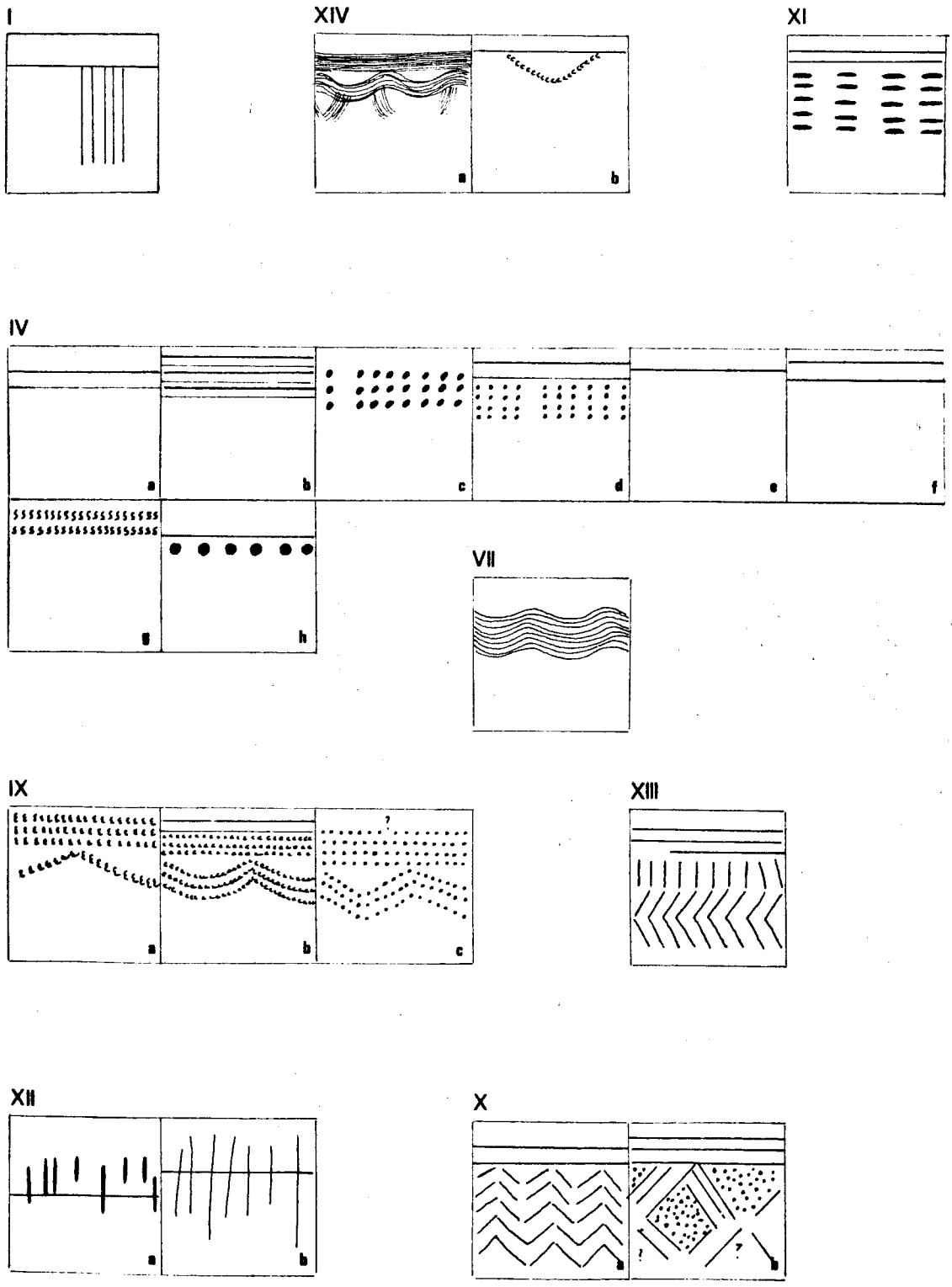


Fig. 28

- XIII (2 ex., 1.9%) (*V* sector A). É utilizada a incisão.

- XVI (2 ex., 1.9%) (*V* sector A). É utilizada a impressão "penteada" e a incisão associada ao puncionamento.

- XI (1 ex., 0,9%) (*V* sector A). É utilizado o puncionamento associado à incisão.

- VII (1 ex., 0,9%) (*V* sector A). É utilizada a impressão "penteada".

As organizações I, X e XIII desenvolvem-se do bordo até à base; a II desenvolve-se até à parte média ou até à base; a XI, VII, IX e XII desenvolve-se até à parte média; a XIV e a IV desenvolvem-se junto ao bordo ou até à parte média dos vasos.

A organização II é extremamente rica em variantes que utilizam complexas associações de técnicas e padrões decorativos, sujeitando-se embora ao motivo nuclear, o triângulo, desenhado em sequência horizontal.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 52 exemplares)

		II	I	IV	X	XI	IX	XII	XIII	VII	XIV
1	A	1									
	B	1					1				
2	A	5	1	2	1				1		
	B	5	2		1						
3	A	13	1	7		1		1		1	1
	B	5	2								
4		9		2				1			

- A forma 3 A apresenta a maior variedade de organizações decorativas; - a forma 3 A inclui o maior número de organizações do tipo II, como de tipo IV.

- A organização II distribui-se por 4 tipos morfológicos diferentes, seguida da IV que se distribui por 3 tipos.

- Relacionando as dimensões dos vasos e a presença ou ausência de decoração, verificamos que, qualquer que seja a capacidade daqueles, *a decoração predomina nas formas esféricas fechadas, enquanto é menos abundante nas formas 4 e 5*. Não foi detectada qualquer articulação significativa entre a capacidade e a ausência ou presença de decoração.

Nível superior (camadas 3 e 2)

Este nível encontra-se mal definido devido à destruição ocasionada pelo trabalho da vinha. Apenas está relativamente bem conservado numa área restrita entre y = = - 32 / - 28 e x = - 20 / - 30, não oferecendo, contudo, superfícies contínuas facilmente interpretáveis.

É constituído por uma camada 3, de textura arenosa (solta), castanha escura, e por uma camada 2, com a mesma textura, de cor amarelada. Integra poucos materiais arqueológicos. Não parece corresponder a nenhum nível de habitação mais recente mas apenas a uma fase moderna de deposição de sedimentos que terão sido arrastados de cima, devido à erosão e também aos trabalhos agrícolas actuais.

a) Material lítico

Foram registadas quatro *pontas de seta*, uma de sílex e três de xisto:

Alongada (3)	Base côncava (sem aletas) (1) Base convexa (sem aletas) (1) Base recta (sem aletas) (1)
Mediana (1)	Base recta (sem aletas) (1)

As quatro pontas de seta apresentam retoque plano; três têm retoque marginal e uma retoque profundo; neste caso encontra-se uma ponta de seta alongada, de base côncava, de sílex.

- Seis *raspadeiras* carenadas frontais, curtas, sobre lasca, em quartzo; duas *raspadeiras* simples sobre lasca, em quartzo;
- Cinco *lascas finas* retocadas lateralmente, em xisto, com retoques planos, marginais, directos ou bifaciais, contínuos;
- Dois fragmentos de *machados polidos* de anfibolito; em um deles é possível caracterizar o contorno - provavelmente trapezoidal - o gume - convexo, simétrico - e a secção - sub-rectangular;
- Um fragmento de "*rebolo*" alongado, forma sub-elíptica de secção plano-convexa, em granito.

b) Material cerâmico

Foram identificados 65 fragmentos cerâmicos (29 decorados e 36 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados os tipos 1.2 e 1.3, adentro da categoria de pasta compacta.

1.2 - 58 ex. - 89,2%
1.3 - 7 ex. - 10,7%

- *tipos de cores* (superfície externa)

Foram identificados os mesmos tipos do nível anterior:

1 - 20 ex. - 30,7%
2 - 45 ex. - 69,2%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 29 exemplares foram registadas seis técnicas decorativas:

- Incisão - 16 ex. - 55,1%
- Impressão "penteada" - 6 ex. - 20,6%
- Punção ("tipo Boquique") - 6 ex. - 20,6%
- Punção - 1 ex. - 3,4%

. Caracterização morfológica

Foram identificadas *sete formas* (seis decoradas e uma lisa), as quais se distribuem por *três* tipos morfológicos.

Os diversos diâmetros externos da boca dos seis vasos abrangem três categorias:

2 - 6-10 cm - 2 ex.
3 - 11-15 cm - 1 ex.
4 - 16-20 cm - 3 ex.

Tipo 1 (2 ex.) - *V.* nível anterior. Dam ext bc - 3 e 4.

Tipo 2 (2 ex.) - *V.* nível anterior. Dam ext bc - 2.

Tipo 4 (3 ex.) - *V.* nível anterior. Dam ext bc - 4.

- Nas seis formas decoradas foram registadas as seguintes técnicas decorativas:

  - Incisão - 3 ex.
  - Impressão "penteada" - 2 ex.
  - Punção - 1 ex.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 6 exemplares)

Formas 1 A - Incisão - 1 ex.
- "Penteada" - 1 ex.

2 A - Punção - 1 ex.

2 B - Incisão - 1 ex.

4 - Incisão - 1 ex.
- Impressão "penteada" - 1 ex.

- *tipos de pasta* (em 7 exemplares)

1.2 - 7 ex.

- *tipos de superfícies* (em 7 exemplares)

1/1 - 3 ex.
3/3 - 3 ex.
4/3 - 1 ex.

- *tipos de cores* (em 7 exemplares)

	Núcleo acinzentado	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 3 ex.	3 [1.1]	- [1.2]	- [1.3]
2 4 ex.	1 [2.1]	2 [2.2]	1 [2.3]

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

. Articulação entre forma e cor (em 7 exemplares)

	1	2		
	1.1	2.1	2.2	2.3
1 A		1		1
2 A	1			
B	1			
4	1		2	

. Articulação entre forma e pasta (em 7 exemplares)

	1.2
1 A	2
2 A	1
B	1
4	3

. Articulação entre forma e superfície (em 7 exemplares)

	1	3	4
	1	3	3
1 A	1	1	
2 A		1	
B	1		
4	1	1	1

. Organizações decorativas (em 6 exemplares) (Fig. 29)

- II (2 ex.) (*V.* sector A). É utilizada a incisão.

- VII (2 ex.) (*V.* sector A). É utilizada a impressão "penteada".

- I (1 ex.) (*V.* sector A). É utilizada a incisão.

- IV (1 ex.) (*V.* sector A). É utilizada a punção.

- A organização I desenvolve-se até à base do vaso; - a II até à parte média e a VII e a IV até ao início da parte média dos vasos.

. Articulação entre forma e organização decorativa (em 6 exemplares)

	II	VII	I	IV
1 A	1	1		
2 A			1	
B				1
4	1	1		

. Categorias tipológicas

Com base na análise global da forma, tamanho e índices de profundidade e abertura da boca dos vasos dos níveis mais antigo e intermédio, organizaram-se as seguintes *categorias tipológicas*.

Nível mais antigo (camadas 7 e 6)

I - (10 ex., - 58,8% (*V.* sector A)

A capacidade varia entre 0,5 ℓ - 3,5 ℓ. Estes recipientes integram as formas 1, 2, 3 e 6; são predominantemente decorados segundo as técnicas de puncionamento/incisão e apresentam a organização II. Ocorre também a organização IV.

II - (3 ex., 17,6%) (*V.* sector A)

A capacidade varia entre 0,6 ℓ e 1 ℓ e inclui exclusivamente a forma 4. Predominam os vasos lisos, embora também existam os decorados segundo a organização II.

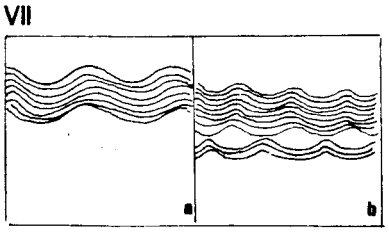
III - (2 ex., 11,7%) (*V.* sector A)

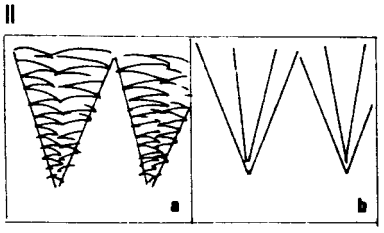
A capacidade oscila entre 0,08 ℓ e 0,1 ℓ e integra apenas a forma 4. Inclui vasos lisos ou decorados segundo a organização III.

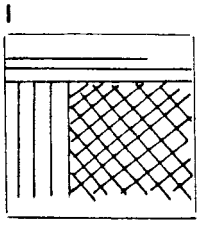
IV - (2 ex., 11,7%) (*V.* sector A)

A capacidade escalona-se aproximadamente entre 4,5 ℓ e 7 ℓ (?). Nos exemplos estudados, pertencentes à forma 5, um inseria a organização II, e o outro era liso.

- O estudo da correlação de pastas e superfícies no interior destas categorias tipológicas não permitiu determinar associações significativas.







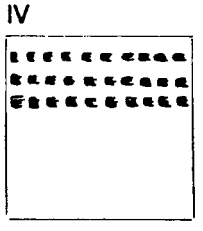


Fig. 29

Nível intermédio (camadas 5 e 4)

Acharam-se *as mesmas categorias tipológicas*, com as respectivas capacidades e associações decorativas dos recipientes descritos no sector B (camadas 3 e 2). Apenas são de registar algumas características discordantes: - a categoria III (vasos muito pequenos) integra maior número de exemplares, e estes incluem capacidades menores do que as observadas no sector B; - as categorias IV, I e II inserem alguns recipientes de maiores dimensões, de que resulta uma maior amplitude da capacidade dos mesmos.

c) Material diverso (nível intermédio)

- Foram registados raros fragmentos de ossos de animais cuja identificação será realizada conjuntamente com a dos restantes exemplares da estação.

Estudo comparado dos materiais nos diversos níveis de ocupação

- *Material lítico*

O nível intermédio (como o superior) integra *novas matérias-primas*, relativamente ao representado pelas camadas 7 e 6: o sílex, a corneana, e o anfibolito.

Os principais artefactos são comuns nos vários níveis: pontas de seta, raspadeiras frontais curtas, lascas retocadas; apenas um furador é exclusivo do nível mais antigo e um provável peso de tear ocorre isolado no nível intermédio; neste nível abundam mós oblongas, rebolos e um percutor em granito, contrastando com a quase ausência destes artefactos no nível mais antigo.

As pontas de seta curtas ocorrem apenas no nível intermédio; apresentam bases rectas, convexas ou côncavas. Estão ausentes as pedunculadas.

Assim, a análise comparada dos materiais líticos não nos permite distinguir diferenças significativas entre os diversos níveis de ocupação. Contudo, saliente-se o facto de que a amostragem global do nível inferior é muito diminuta, o que limita a validade de quaisquer observações comparativas.

- *Material cerâmico*

Verifica-se um aumento, para mais do dobro, do número de exemplares cerâmicos no nível intermédio, relativamente ao inferior.

Os vasos do nível inferior apresentam predominantemente pastas do tipo 1.3 (desengordurante de grande calibre) enquanto os do nível intermédio incluem pastas do tipo

1.2 (desengordurante de calibre médio). As superfícies dos recipientes do nível mais antigo são altamente corroídas, o que ocorre em menor percentagem no nível intermédio. Em qualquer dos níveis, contudo, sobressaem as superfícies alisadas.

Em ambos os níveis verifica-se a predominância de recipientes de cor avermelhada.

Constata-se uma grande alteração ao nível das técnicas decorativas: no nível inferior predomina largamente o puncionamento, seguido da incisão e no nível intermédio passa-se o inverso, passando a incisão para o primeiro lugar.

São comuns os tipos morfológicos 1, 2, 3, 4 e 5; o tipo 6, em ambos os níveis, é exclusivo de cada um.

A capacidade dos vasos tende a aumentar nas formas 1, 2, 3, 4 e 5; esse aumento é correlativo duma maior amplitude das dimensões adentro de cada forma. No nível intermédio ocorrem recipientes com capacidade provável entre 15 e 20 ℓ.

Nos dois níveis é comum o facto de a maior variabilidade decorativa coincidir com as formas esféricas fechadas.

Em ambos os níveis os vasos lisos predominam na forma 4.

Estes acusam apenas uma leve diminuição percentual do nível inferior para o intermédio: 22,2%-21,9%.

No nível inferior as formas 1, 2 e 3 integram predominantemente a organização II; no intermédio, as mesmas formas incluem predominantemente as organizações II, I e IV, embora também admitam uma série de outras.

A organização II passa de quase exclusiva no nível inferior (apenas competindo com a IV), para uma posição, no nível intermédio, ainda que predominante, menos significativa, uma vez que tem de partilhar, com a I e a IV, um conjunto de outras organizações quantitativamente menos importantes.

Assim, ainda que persistam os tipos morfológicos principais, aumenta significativamente a capacidade geral dos vasos e, dentro de cada tipo, verifica-se o aumento duma significativa variância formal (poder-se-ia criar variantes com base na conjugação de novos atributos).

No domínio das organizações decorativas existe uma diferença fundamental: o nível inferior desconhece a organização metopada (I), que é a mais importante a nível de toda a estação, se considerarmos a amostragem global. Domina neste nível a organização II, associada, em dois exemplares, à organização IV. Também neste nível está ausente a técnica da impressão "penteada". Esta só ocorre no nível intermédio, quando se multiplicam os padrões e as técnicas decorativas, num barroquismo surpreendente que dá o tom, aliás, às ocupações mais importantes da Vinha da Soutilha.

3.1.3.4 A fauna. Características gerais

Os dados que iremos apresentar, de forma genérica, articulam os principais elementos fornecidos pela análise da fauna da estação (*), com a observação da estratigrafia e da detecção dos principais níveis de ocupação do povoado.

Em 55 peças ósseas recolhidas em toda a estação foram identificadas 31, abrangendo os seguintes *grupos: Sus* (?), *Ovis capra*, Lagomorfo, *Rodentia*, Ave. O pequeno número de peças identificadas impossibilitou a verificação do número mínimo de indivíduos (N.M.I.) para a maior parte dos grupos analisados.

FAUNA	Nº de PEÇAS	Nº INDIVÍDUOS
Sus	1	1
Ovis capra	8	?
Lagomorfo	6	?
Rodentia	2	1?
Ave	14	?

	SECTOR A	SECTOR B
Nível Intermédio	*Ovis capra* (1 ex.) *Ovis* (4 ex.)	Ave (12 ex.) Lagomorfo (4 ex.) *Ovis* (2 ex.) *Sus* (1 ex.) *Rodentia* (2 ex.)
Nível Superior	Ave (1 ex.) *Capra* (?) (1 ex.)	Ave (1 ex.) Lagomorfo (2 ex.)

No conjunto, as 55 peças ósseas distribuem-se da seguinte forma pelos sectores intervencionados:

Sector A - 13 peças

Sector B - 32 peças

Sector C - 10 peças

Desta breve síntese podemos retirar as seguintes ilacções: - as áreas escavadas relevaram uma *pequena quantidade de vestígios ósseos de animais*, na maior parte, pequenas *esquírolas*, em muito mau estado de conservação(*); - se observarmos a distribuição espacial dos fragmentos ósseos, verificamos que ela é *dispersa, na periferia das áreas habitadas, parecendo corresponder a um padrão aleatório de deposição*; - os animais detectados correspondem a um *conjunto natural*, constituído por aves, pequenos roedores e jovens mamíferos (entre os quais se deve incluir um provável javali), que poderia habi-

(*) O estudo da fauna da estação foi realizado por Teresa Cunha Lopes, da Unidade de Ciências Sociais da Universidade do Minho (*v.* apêndice).

tar nas proximidades do povoado; - a ausência de espécies domesticadas pelo homem, no interior da plataforma analisada, será objecto dum comentário mais desenvolvido no estudo global referente à fauna existente nas estações da Vinha da Soutilha e da Pastoria, o qual será integrado como *apêndice* no final do capítulo relativo à apreciação de todos os dados fornecidos pelas diversas estações.

3.1.3.5 Hipóteses de correlação dos diversos níveis de ocupação (Figs. 30, 31, 32, 33).

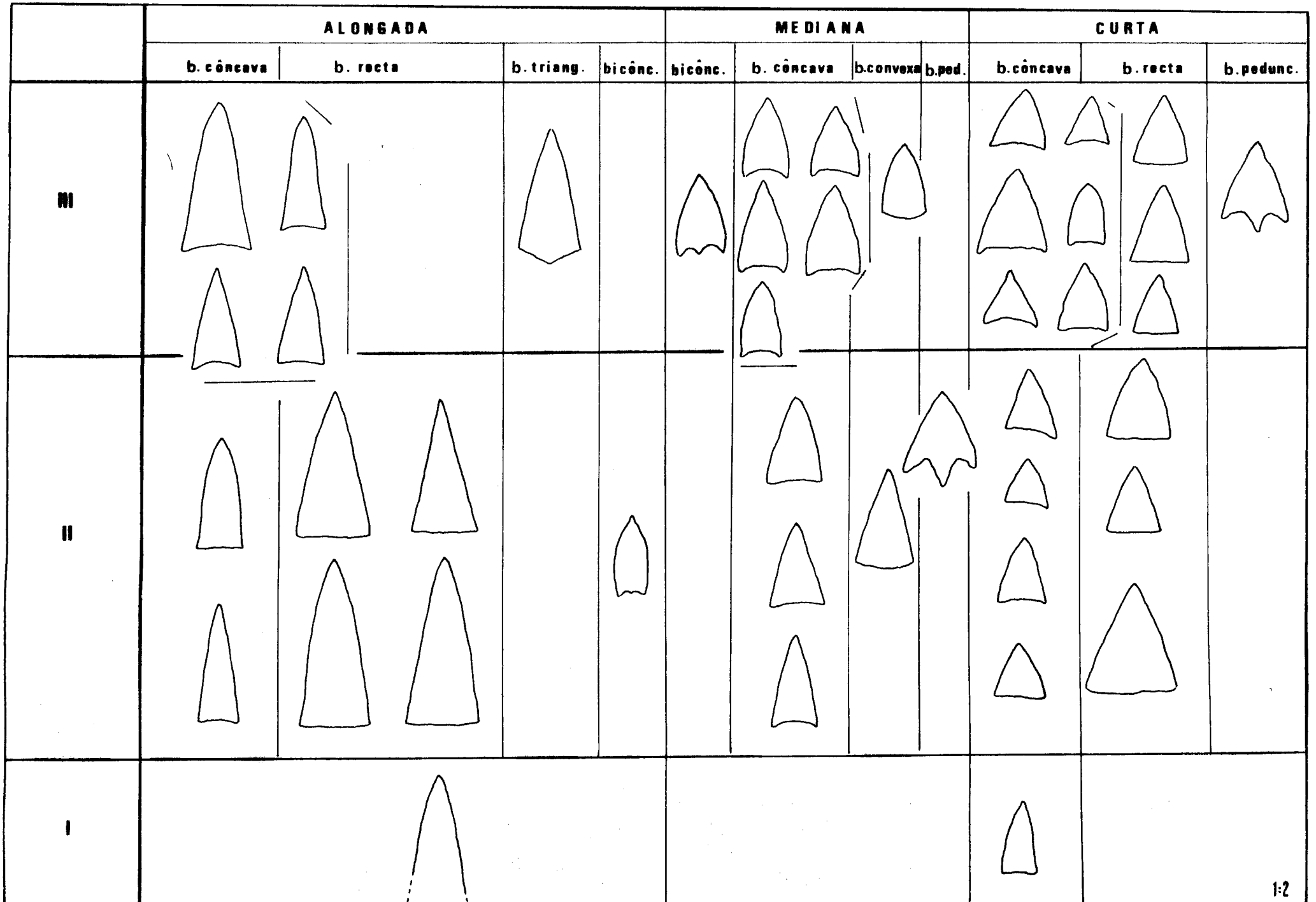
Com o fim de se ter uma melhor compreensão da extensão da ocupação da plataforma abriram-se, como dissemos, várias valas de sondagem (de 2 x 1 m), integradas na quadriculagem geral e segundo dois eixos perpendiculares, um deles na direcção - sul-norte, unindo o sector B às proximidades do sector A, e o outro na direcção este-oeste, unindo o sector A ao limite fragoso do esporão. Em todas as valas de sondagem apenas se detectou um nível arqueológico pouco espesso (de 5 a 20 cm), de textura arenosa e cor amarelada que assentava directamente sobre o solo de base, integrando uma quantidade ínfima de materiais. Assim, apenas futuras escavações poderão esclarecer quanto à existência de outras áreas de ocupação adentro da plataforma, uma das quais deverá localizar-se entre os sectores B e C, podendo alargar-se para norte.

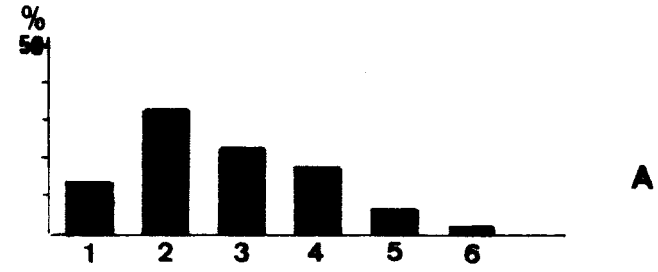
As hipóteses que vão seguir-se estão, assim, sujeitas aos dados observados em áreas restritas e poderão ser modificadas no decorrer de novas intervenções.

— *O nível mais antigo* (I) desta plataforma foi detectado no sector C, nas camadas 6 e 7. Trata-se dum nível com uma textura argilosa bastante característica que incluía materiais cerâmicos fortemente degradados. Trata-se, no caso observado, duma área levemente escavada no solo de base por onde escorregaram materiais de diversos tipos, contemporâneos duma provável zona habitacional localizada entre os sectores B e C.

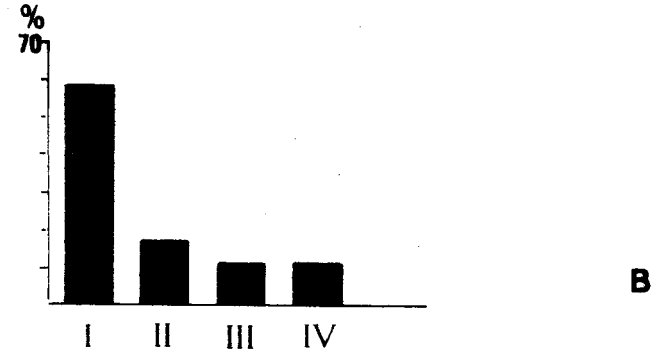
Saliente-se o facto de termos encontrado, no sector A, uma camada argilosa estéril sob os níveis habitacionais, cuja textura e cor se assemelhava à das camadas 6 e 7 do sector C. Se aceitássemos a hipótese da possível existência dum nível de habitação entre os sectores B e C (sugerida pela estratigrafia da vala intermédia), então teríamos de admitir que, de acordo com os nossos conhecimentos, a primeira ocupação da plataforma se situou na encosta oeste do esporão, sensivelmente nas proximidades da curva de nível de 1 m (em função do nível 0 convencional), ou seja, *numa zona intermédia ou central* relativamente ao espaço delimitado pelas fragas do esporão a oeste, e os penedos que rodeiam o sector A e o sector B a leste.

Os recipientes cerâmicos deste primeiro nível integram desde logo os seis principais tipos morfológicos que vão permanecer até ao final da ocupação desta plataforma. Contudo, a variedade formal adentro de cada tipo é restrita, como restrita é, comparativamente, a gama de capacidades dos vasos, que oscila entre 0,08 ℓ e 7 ℓ aproximadamente.


ALONGADA
MEDIANA
CURTA
b. côncava
b. recta
b. triang.
bicônc.
bicônc.
b. côncava
b.convexa
b.ped.
b.côncava
b. recta
b.pedunc.
III
II
I
1:2



A



B



C

Fig. 31

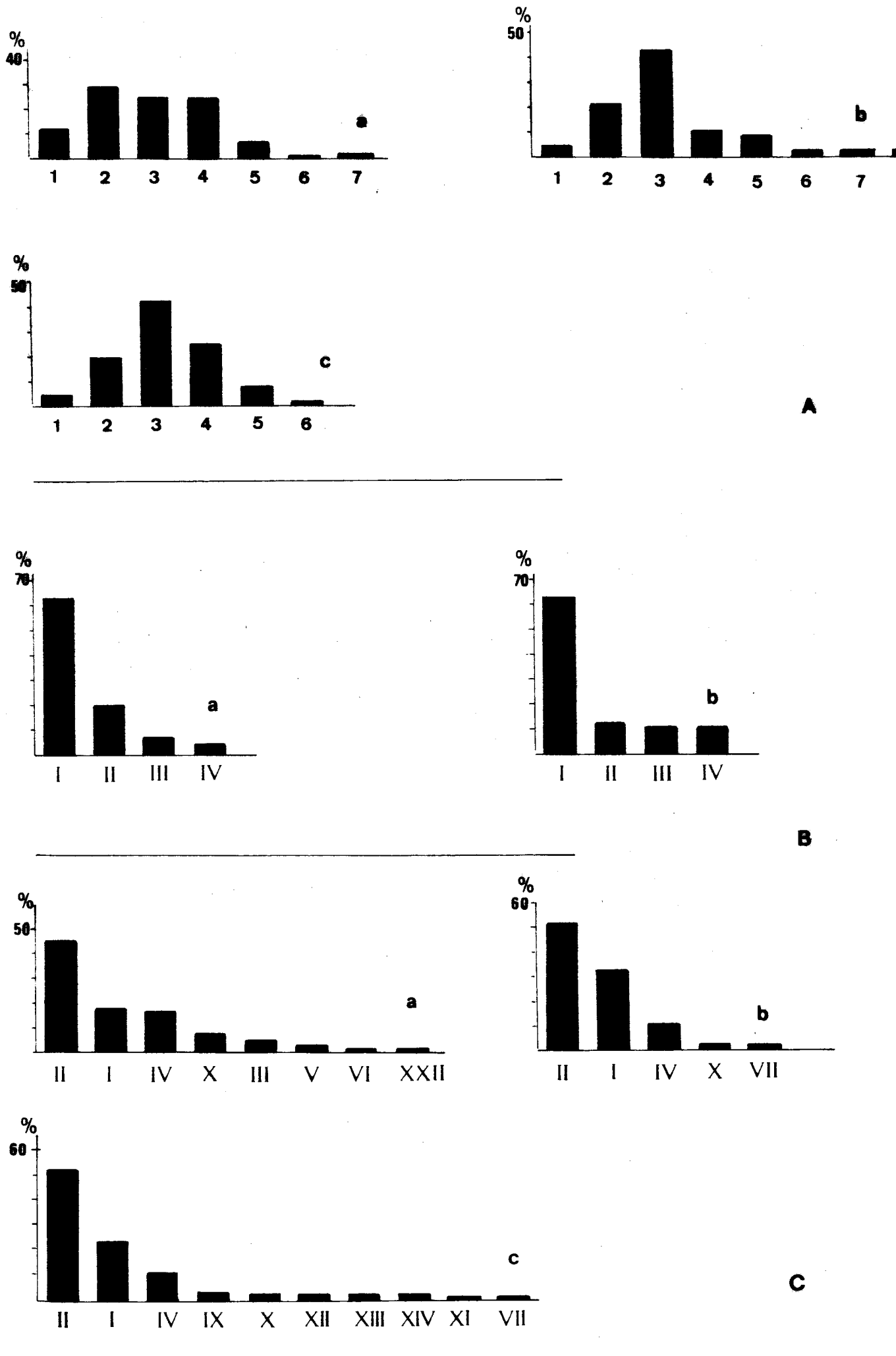
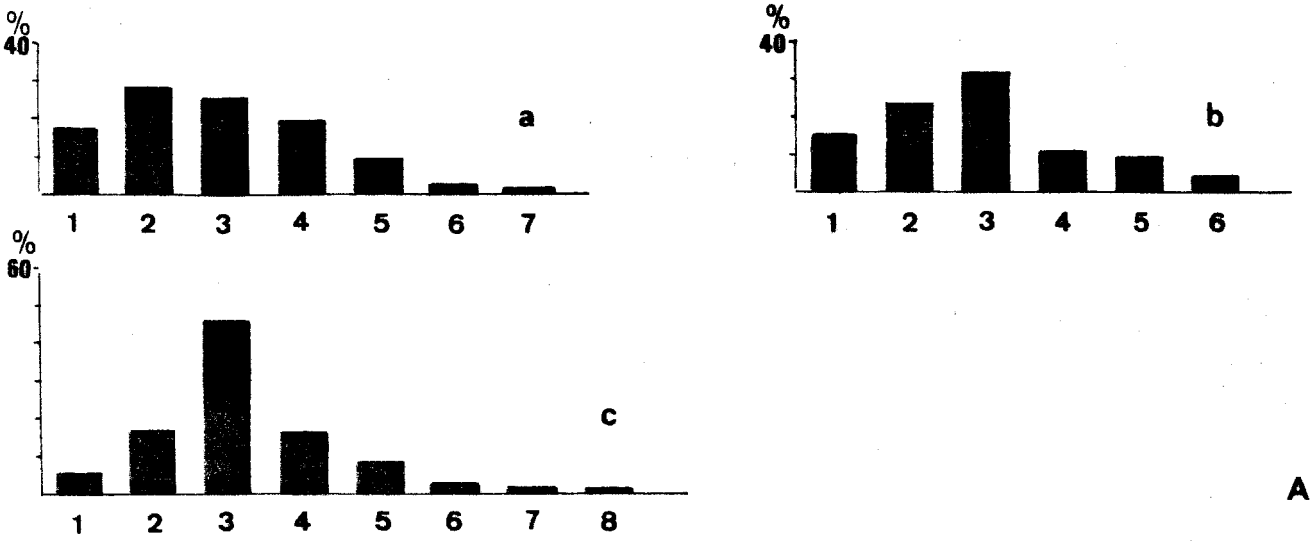
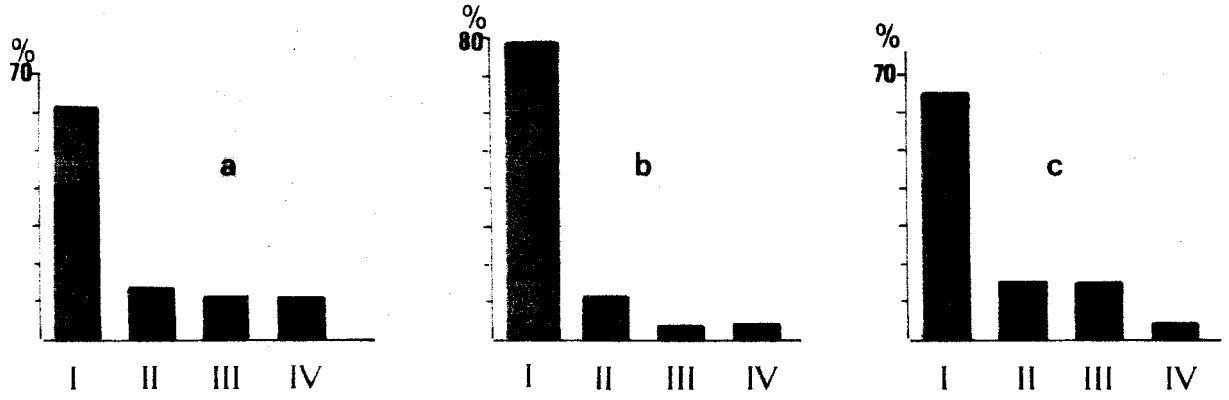

%
40
a
1 2 3 4 5 6 7
%
50
b
1 2 3 4 5 6 7
%
50
c
1 2 3 4 5 6
A
%
70
a
I II III IV
%
70
b
I II III IV
B
%
50
a
II I IV X III V VI XXII
%
60
b
II I IV X VII
%
60
c
II I IV IX X XII XIII XIV XI VII
C

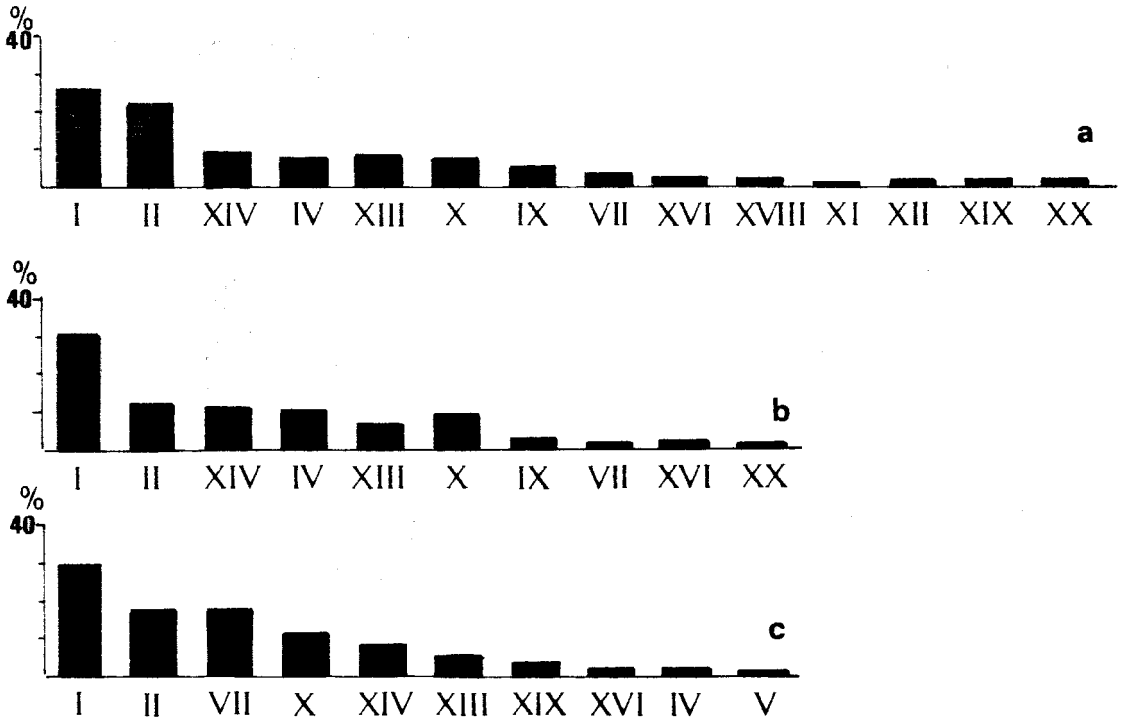
Fig. 32


%
40
a
1 2 3 4 5 6 7
%
40
b
1 2 3 4 5 6
%
60
c
1 2 3 4 5 6 7 8

A


%
70
a
I II III IV
%
80
b
I II III IV
%
70
c
I II III IV

B


%
40
a
I II XIV IV XIII X IX VII XVI XVIII XI XII XIX XX
%
40
b
I II XIV IV XIII X IX VII XVI XX
%
40
c
I II VII X XIV XIII XIX XVI IV V

C

Fig. 33

No entanto, ocorrem também, desde este primeiro momento, as quatro categorias tipológicas observadas ao longo da ocupação da plataforma, pela mesma ordem decrescente de importância: vasos globulares ou em calote (I e II), vasos pequenos (III), vasos ovóides (IV). Apenas estão presentes duas organizações decorativas, *a II e a IV*, ambas de estrutura muito simples, visando o preenchimento dum espaço abaixo do bordo, até à parte média do vaso, em sequência linear horizontal. Apenas no caso da organização II é, por vezes, sublinhado o bordo, através da existência no colo duma linha incisa horizontal paralela àquele, qu o separa duma sucessão de triângulos na parte média do recipiente.

Os objectos líticos também incluem neste primeiro nível alguns dos tipos morfológicos que irão continuar a ocupar o lugar mais significativo ao longo das diversas fases da estação: pontas de seta, raspadeiras carenadas curtas, lascas retocadas, laterais e bilaterais. Apenas são utilizados o xisto, o quartzo e o granito como matérias-primas, estando ausente o sílex, a corneana ou o anfibolito.

— *O nível intermédio* (II) da plataforma foi detectado no sector A (camada 4), sector B (camada 3) e sector C (camadas 4 e 5). Os sedimentos que o compõem variam de tonalidade, consoante os sectores e áreas de actividade, mas apresentam basicamente uma textura arenosa de cor castanho-acinzentada.

No sector A, este nível corresponde à primeira ocupação do local (camada 4) - uma cabana de contorno sub-rectangular com cerca de 24 m^2 de superfície, no interior da qual existe uma Lareira que é o centro deste espaço habitado.

No sector B, a primeira ocupação deste local também se articula com um momento intermédio de utilização da plataforma. Ela materializa-se numa área habitada (camada 3), na qual foram detectados vestígios duma possível cabana cuja zona central, mais intensamente utilizada, tinha cerca de 19 m^2 de superfície. Na periferia desta zona central foi igualmente detectada uma única *Lareira* e uma *Fossa*.

Finalmente, no sector C, as camadas 4 e 5 correspondem, "grosso modo" a esta fase intermédia. Integram uma depressão por onde deslizaram materiais provenientes dum hipotético nível de ocupação situado entre os sectores B e C e uma *área habitada* constituída em torno duma estrutura pétrea. As duas áreas encontram-se separadas por um murete que teve a dupla função de conter as terras vindas de cima e orientar a direcção do "canal" mencionado.

Assim, a partir duma fase intermédia os locais de habitação parece terem sido fixados no limite superior leste da plataforma, encostados aos afloramentos graníticos que a circundam.

Os recipientes cerâmicos destes diferentes sectores incluem *novos* tipos morfológicos, aliás de pequena expressão em termos quantitativos. As formas mais significativas continuam a ser a 2, a 3 e a 4, adentro do quadro-padrão constituído pelos tipos 1, 2, 3, 4 e 5. Contudo, amplia-se a variância formal adentro de cada grupo.

A gama de capacidades também se amplia: no sector A, até 15 ℓ; no sector B, até 5 ℓ; no sector C até 20 ℓ.

As diferenças notadas a nível espacial devem articular-se provavelmente com aspectos de ordem funcional cuja especificidade nos escapa.

Nesta segunda fase estão presentes, na mesma ordem de importância, as categorias tipológicas já observadas no nível mais antigo (I, II, III e IV). Aliás, a proporcionalidade relativa das mesmas é espacialmente homogénea.

A nível decorativo são introduzidas novidades importantes: embora a organização II permaneça a mais significativa, não só do ponto de vista quantitativo, como pelo enriquecimento da sua variabilidade estilística, surge, em segundo lugar, uma organização nova - a I, que cria uma mais complexa concepção de preenchimento do espaço dos vasos cerâmicos. Esta organização invade quase a totalidade da superfície dos vasos. Por outro lado, é caracterizada pelo aparecimento de atributos separadores verticais ou horizontais (linhas incisas) que isolam e destacam determinados motivos geométricos: reticulados, linhas quebradas, triângulos, losangos. Trata-se duma organização que cria um *padrão dicotómico entre zonas horizontais e zonas verticais*, podendo esta estrutura complexificar-se através duma hierarquização dos motivos separadores. Similar à I surge a organização III: baseia-se também na oposição entre zonas horizontais e zonas verticais, através da alternância de áreas decoradas e não decoradas. Contudo, neste caso, o padrão dicotómico é atenuado pela ausência de linhas incisas, como elementos separadores.

Em terceiro lugar de importância, ocorre a organização IV, seguida duma série de outras que, embora novas, pelas técnicas e temáticas utilizadas, mantêm uma estrutura linear em sequência horizontal, algumas vezes diversificada pelo contraste entre a zona do colo (linhas paralelas ao bordo) e a zona intermédia (motivos vários) (IX, X, XIV, XI, XIII).

Os objectos líticos deste momento de ocupação incluem, em dois sectores, novas matérias-primas: o sílex, a corneana, o anfibolito, o xisto anfibólico e o filádio.

Ocorrem também lascas retocadas, bilateral e transversalmente, lascas residuais, além de machados polidos, uma enxó e um pequeno peso (de tear?) em ardósia, objectos que não foram encontrados no nível mais antigo. As pontas de seta, incluem tipos muito alongados (sector A), médios e curtos, apresentando predominância de bases rectas e côncavas; ocorre ainda a base convexa, bicôncava e pedunculada.

São extremamente abundantes as *mós oblongas* e os *elementos móveis* em granito os quais também foram utilizados como material de construção em muros e lareiras.

Neste nível intermédio foram identificados animais de pequeno e médio porte que devem pertencer ao nicho ecológico local: lagomorfos (coelho ou lebre), "Sus scrofa" (porco ou javali), "Ovis capra", pequeno roedor jovem.

— *O nível superior* (III) foi registado no sector A (camadas 3 e 2), e no sector B (camada 2). Não é mencionado o sector C (camadas 2 e 3) devido às suas características estratigráficas oferecerem reservas.

No sector A, este nível superior corresponde à segunda ocupação do local que inclui uma fase de intensa actividade (camada 3 - terra castanha-acinzentada ou terra amarelada, de textura arenosa) e outra de menor actividade e progressivo abandono (camada 2 - terra amarelada clara, de textura arenosa). Esta segunda ocupação integra um amplo espaço habitacional, com cerca 120 m^2, compartimentado em diversas áreas funcionais: áreas de combustão e área de "empedrados", integrando um murete com 9,70 m de comprimento e 1,80 m de largura e diversas estruturas.

No sector B, a camada 2 corresponde à última fase de utilização deste espaço e seu progressivo abandono. É constituída por sedimentos de cor amarelada clara, de textura arenosa. A área ocupada concentra-se sobre a área já habitada anteriormente.

Verifica-se, assim, uma perduração dos espaços habitados desde a fase intermédia, no limite superior da plataforma, junto a grandes afloramentos graníticos. Os recipientes cerâmicos destes dois sectores incluem, além dos sete tipos já conhecidos, um tipo novo. As formas mais representativas integram maior percentagem de exemplares. Mantém-se a variância formal adentro de cada grupo. O leque de capacidade também se mantém sensivelmente o mesmo: no sector A - até 25 ℓ; no sector B - até 13 ℓ. As categorias tipológicas mantêm-se quase que imutáveis.

Relativamente às decorações, a organização I passa para o primeiro lugar, e a II para o segundo, invertendo-se, assim, a importância relativa de cada uma na última fase de ocupação desta plataforma. Por outro lado, acentua-se o padrão dicotómico da organização I: hierarquizam-se motivos separadores, controem-se oposições de áreas decoradas não coincidentes, associam-se diversas técnicas decorativas no mesmo vaso, como a incisão e a impressão "penteada", ou a incisão e o puncionamento, articulando-se o princípio contrastante da organização I com a presença do triângulo - motivo habitual na organização II.

Entre a série longa de outras organizações decorativas que seguem a estrutura sequencial horizontal, conta-se a VII e XIV, que têm a particularidade de usar exclusivamente a impressão "penteada" em bandas curvilíneas, paralelas ao bordo, que ocupam uma faixa restrita da parte média dos recipientes.

Por outro lado, é muito frequente a demarcação entre a zona do colo (linhas paralelas ao bordo) e a restante decoração (II, IV, X, XIII, XIV, XVI), demarcação que ajuda a delimitar, entre o bordo e a base, os motivos dispostos em sequência hozizontal.

Verifica-se, assim, uma complexidade decorativa que poderia ser descrita a diversos níveis, mas que apresenta, como traço comum, o gosto pela invasão da quase totalidade das superfícies, o acentuar do princípio dicotómico entre superfícies horizontais e verticais, a oposição entre a zona do colo (demarcada por linhas horizontais) e a zona restante do vaso (decorada em sequência horizontal), a par da rara existência de organizações muito simples, lineares, em sequência horizontal, que fogem ao padrão contrastante atrás descrito (XI, XII, XVIII, XIX).

É nesta última fase que se acentua a presença mais acentuada de novas matérias-primas, raras ou ausentes na região: a corneana, o sílex, a variscite, o cobre arsenical. Ocorrem ainda o anfibolito, o filádio quartzoso, e o metagrauvaque como matérias-primas de objectos de pedra polida. A variscite aparece numa pequena conta verde discoidal no sector A e numa conta bicónica achatada do sector B. É também no sector A que ocorrem pequenos resíduos de cobre arsenical, particularmente na área dos "empedrados". Ainda no sector A foi registado um depósito de lascas e núcleos em corneana, aparentemente abandonado devido à má qualidade da matéria-prima.

A corneana e o sílex ocorrem em múltiplos artefactos, como pontas de seta, lâminas ou lascas, retocadas ou residuais, raspadores, etc.

Existem, assim, indícios, não só da exploração destas novas matérias-primas, como da sua utilização e *transformação* no próprio local de trabalho.

O quadro dos tipos morfológicos amplia-se: surge um "rabot" sobre cristal de quartzo, dois raspadores, um furador, onze "rebolos", fragmentos de mós manuais, um polidor de cerâmica, além dos artefactos já conhecidos (pontas de seta, lascas e lâminas lateral e bilateralmente retocadas, raspadeiras carenadas curtas, machados e enxó polidos). As pontas de seta curtas são mais abundantes do que as médias e as alongadas. Predominam as bases côncavas e rectas. Ocorrem três exemplares, respectivamente com a base pedunculada, triangular e bicôncava. Surgem contas de colar em variscite, como já havíamos referido.

Persiste uma *fauna local* constituída por animais de pequeno e médio porte: aves, lagomorfos, mamíferos.

3.1.3.6 Linhas de força sobre a evolução das estruturas habitacionais e dos materiais do povoado da Vinha da Soutilha

Na medida em que nos é possível interpretar a correlação das camadas estratigráficas dos diferentes sectores, através do estudo comparativo da composição, textura e cor dos sedimentos, como dos materiais e estruturas que as integram, pensamos poder construir as seguintes hipóteses de trabalho:

- a evolução cultural não sofreu rupturas importantes; o processo evolutivo deu-se gradativamente, produzindo um complexo arqueológico muito homogéneo;
- contudo, é possível estabelecer cortes adentro desse "continuum", pela valorização de descontinuidades verificadas em certas características, consideradas essenciais, na realidade material.

1. Consideramos que da *primeira para a segunda fase* (primeiro e segundo nível) se dá uma *descontinuidade* identificável fundamentalmente ao nível dos materiais:

- a capacidade dos recipientes cerâmicos não ultrapassa os 7 ℓ na primeira fase, aumentando para 15 ℓ e 25 ℓ, na segunda e terceira fases respectivamente; a organização decorativa I é introduzida só a partir da fase intermédia, correspondendo ao aparecimento duma nova concepção estilística que pode reflectir numa certa transformação social; embora as categorias tipológicas se mantenham bastante homogéneas ao longo das diversas ocupações, a única diferença perceptível dá-se do primeiro para o segundo nível, através dum leve aumento proporcional da categoria I, correlativo do decréscimo das categorias II, III e IV; o tipo morfológico 3, em segundo lugar na primeira fase, coloca-se em primeiro lugar nas fases intermédia e final;

- surgem novas matérias-primas, como o sílex, a corneana, o anfibolito, o xisto anfibólico e o filádio na feitura de artefactos líticos; as pontas de seta apresentam uma grande variedade de tipos morfológicos, de diversos tamanhos, diferentes bases e contornos;

- a partir do nível intermédio aparece grande profusão de mós (elementos moventes e dormentes) podendo admitir-se o desenvolvimento marcado da actividade agrícola;

- existem alguns indícios sobre a *ampliação das zonas habitadas no interior da plataforma*: o nível mais antigo apenas foi registado numa área ínfima da mesma, estando ausente da sua parte superior delimitada por afloramentos graníticos. Esta apenas é habitada a partir da fase intermédia, pela construção de pequenas cabanas adossadas a, ou nas proximidades de, grandes penedos. Por outro lado, a ocupação estende-se, a partir do segundo nível, também para oeste, recorrendo à construção *dum murete*, com a provável intenção de fazer um socalco e desviar uma depressão para escorrência de águas e detritos.

2. Uma outra descontinuidade regista-se *da segunda para a terceira fase* (segundo e terceiro nível) e materializa-se através de diferentes aspectos:

- o espaço habitado parece ampliar-se e complexificar-se: no sector A, a última fase encontra-se reflectida numa ampla unidade habitacional com múltiplas áreas de trabalho (que podem ter funcionado, parcialmente, ao mesmo tempo); o espaço ocupado é variado, podendo integrar núcleos habitacionais dispersos pela plataforma, com diferentes características tipológicas e funcionais. Esta noção de espaço contrasta com os padrões da fase intermédia, onde cada cabana integrava uma só área de trabalho em torno ou ao lado duma lareira;

- são mais sistematicamente utilizadas matérias-primas *raras ou inexistentes*, como a corneana e o sílex, ou introduzidos novos produtos como a variscite e o cobre arsenical. As matérias-primas utilizadas na feitura de objectos de pedra polida diversificam-se, sempre adentro das rochas metamórficas (corneana, anfibolito, filádio quartzozo, metagrauvaque). O trabalho da corneana pode ter ocorrido no local durante a última ocupação do sector A. As pontas de seta, cada vez mais curtas, diversificam-se nos seus tipos de base, na ausência ou presença de aletas, na configuração geral, que produz formas habitualmente designadas por "mitriformes", formas de base côncava com peque-

nas aletas direitas, de base côncava assimétrica, de base pedunculada, etc.;

- estas transformações de ordem provavelmente económica e social são acompanhadas, em termos de gramática decorativa aplicada à cerâmica, pelo *predomínio da organização I* - ou seja, por um padrão que valoriza o jogo das dicomotias entre zonas horizontais e zonas verticais, e que utiliza a incisão, fina ou funda (canelura), como primeira técnica decorativa; este predomínio está associado ao aparecimento duma gama variada e complexa de outras organizações marcadamente contrastantes;

- os poucos animais registados na estação, nos níveis intermédio e superior, não revelam a existência no local de fauna doméstica. Os animais inserem-se no nicho ecológico da zona e são constituídos, fundamentalmente por pequenas aves, roedores, coelhos ou lebres, caprídeos e um provável javali, cujo padrão de presença parece aleatório.

Seria aliciante tentar articular a diversidade dos padrões decorativos da cerâmica com uma eventual crescente complexidade social e *expansão regional*. Mas cremos que ainda é cedo para discutirmos essa possibilidade, dada a ausência de informação sobre outros aspectos da inserção destas populações no território circundante e eventual interacção com outras comunidades.

3.1.4 *UM ARTEFACTO SEM CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO*

Encontra-se depositado, no Museu do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia (Porto), um objecto metálico em cobre arsenical, recolhido à superfície da Vinha da Soutilha por Santos Júnior, o qual foi sumariamente publicado (Santos Júnior, 1933). Trata-se duma pequena lâmina de contorno curvilíneo (secção sub-triangular), de gume muito desgastado, na qual se verificam pequenas reentrâncias que podem resultado do desgaste provocado pelo uso.

Podemos interpretá-la como a lâmina duma "faca" curva fragmentada no cabo, o qual não é possível caracterizar.

3.1.5 *OS ARTEFACTOS DA VINHA DA SOUTILHA NO CONTEXTO PENINSULAR: PARALELOS GERAIS (1)*

A associação dos diversos materiais desta estação encontra paralelos em múltiplos contextos do Neolítico final e do Calcolítico peninsular.

O valor do método comparativo, para materiais da Vinha da Soutilha e de outras estações ou contextos peninsulares, só pode ter a utilidade de traçar, em linhas gerais, *semelhanças de ordem puramente formal*. Semelhanças, diríamos, entre "entidades arqueológicas" (categorias de objectos), que apresentam uma específica distribuição espacial e "contextual", ao nível peninsular, na medida em que se podem relacionar com áreas geográficas e/ou contextos sepulcrais, habitacionais ou outros. A dimensão cronológica deverá também ser mencionada, sempre que dispusermos de dados seguros.

Contudo, como já referimos num capítulo introdutório a *interpretação do processo cultural que deu origem às semelhanças formais observadas* só pode resultar dum trabalho longo e complexo que ainda não se inclui nos objectivos deste estudo.

— Entre os objectos de pedra lascada mais facilmente individualizáveis contam-se as *pontas de seta*. Elas foram por nós sistematizadas por níveis de ocupação, em função do índice de alongamento, articulado com o tipo de base. Diferentes tipologias seriam viáveis, pela conjugação de outros atributos associados segundo critérios alternativos. G. e V. Leisner (3), que ordenaram tais artefactos para os contextos sepulcrais do Sudeste e Sudoeste, optaram pela valorização do tipo de base articulado com a configuração dos bordos laterais da peça. Porque se trata da única grande sistematização peninsular para tal tipo de objectos, escolhemos reorganizar o nosso próprio quadro tipológico em função do dos Leisner, de forma a melhor inserir as pontas de seta da Vinha da Soutilha num contexto formal mais amplo (Fig. 34). Estamos, no entanto, conscientes de que seria importante relacionar tais objectos com tabelas tipológicas resultantes de estudos exaustivos em *povoados* bem estratigrafados, e não apenas em túmulos, o que facilitaria futuras interpretações sobre a distribuição geográfica de tais peças adentro do mesmo contexto arquológico. Sempre que achámos oportuno utilizámos dados comparativos provenientes dos poucos povoados peninsulares desta época onse se realizaram escavações sistemáticas, de que se conhecem sequências estratigráficas claras e/ou conjuntos de materiais homogéneos.

Assim, subdividimos a nossa amostragem em quatro grupos: - o 1º grupo *refere-se ao das pontas de seta de base triangular ou convexa*. Embora já parcialmente enunciado em 1943 (4), este grupo está mais bem caracterizado em obras posteriores (5), sobretudo num estudo relativo às grutas artificiais de Palmela (6). Referem-nos V. Leisner, Zbyszewski e V. Ferreira que este grupo tipológico é o que apresenta maior expansão peninsular no interior das "culturas eneolíticas". À excepção do Alentejo e Algarve, este grupo ocorre em múltiplos contextos que hoje chamaríamos calcolíticos. É particularmente abundante em sepulturas megalíticas, embora também se verifique em "tholoi" ou grutas artificiais (por exemplo na Estremadura, na câmara ocidental da Praia das Maçãs ou no monumento megalítico de Casainhos, na Beira Alta, na Orca do Tanque, no Norte de Portugal, nas Mamoas de Vila Chã ou Antela dos Córregos). No Norte de Portugal e Galiza são particularmente abundantes, apresentando dimensões, em regra, maiores do que as do resto da Península (7). O que caracteriza este grupo é, além da forma, o retoque que é, normalmente, sobre lâmina, marginal. É por vezes ainda visível, em uma das faces, a aresta ou arestas da lâmina, conservando-se em perfil a curvatura da mesma.

Na Vinha da Soutilha foram observados quatro exemplares: um do nível de ocupação II e três do nível III. Todos são em xisto e apresentam retoque marginal, sobre lâmina. Destes quatro exemplares, apenas um tem uma base triangular e aproxima-se pela forma global, talhe e dimensão, dos exemplares conhecidos provenientes de *monumentos megalíticos do N. de Portugal* (8) (Figs. 30 e 34).

- 2º grupo - *pontas de seta de base recta ou côncava, de lados rectos ou côncavos*

Este grupo foi enunciado em 1943 por G. e V. Leisner (9). Em 1961 V. Leis -

ner, G. Zbyzewski e V. Ferreira relacionavam particularmente este grupo com os monumentos megalíticos e sepulturas de cúpula do Sudeste (10). As formas mais simples teriam grande expansão, estando nos grandes dólmenes, do Alentejo associadas a pontas de seta do 1º grupo. Contudo, sabemos que este grupo também está amplamente representado, não só em outras regiões peninsulares, como também é abundante em *contextos habitacionais*. Em Vila Nova de S. Pedro, onde existe grande variedade de pontas de seta de base côncava, salientam-se as que apresentam os lados côncavos e as bases bem cavadas (11). No castro da Rotura (Setúbal) estas pontas ocorrem em maior abundância nos estratos calcolíticos inferiores e médios (pré-campaniformes) (12). Na Beira Alta ocorrem em dólmenes, como na Orca do Tanque (Vila Nova de Paiva) (13), ou no dólmen da Sobreda (Oliveira-do Hospital) (19). No Norte de Portugal são apenas conhecidas duas pontas de seta deste grupo provenientes dum monumento megalítico (Mamoa de Guilhabreu, Vila do Conde) (15). Outros exemplares foram identificados na superfície, em povoados não escavados do litoral, além dos agora apresentados neste trabalho. Para o interior da Península, na Meseta, este conjunto é mais raro. S. López Plaza refere-se apenas a um exemplar do nível III de La Peña del Aguila (Salamanca), cuja tipologia é excepcional na zona (16).

Este grupo integra pontas de seta de menores dimensões globais do que o primeiro grupo, e utiliza o *talhe profundo*, na maioria dos casos.

Na Vinha da Soutilha foram identificados vinte e dois exemplares: onze do nível de ocupação II, dez do nível de ocupação III e um do nível I.

Dois exemplares são em corneana e um em sílex. Os restantes são em xisto. Esta matéria-prima deve ter condicionado o tipo de talhe, que é maioritariamente marginal. De salientar, no nível II, um conjunto de pontas de seta de grandes dimensões, em xisto, de base recta, que podem eventualmente ter funcionado como pontas de dardo. Três exemplares de base côncava e lados côncavos, com esboço de aletas (formalmente "evolucionadas") (Fig. 30) aproximam-se, "grosso modo", de exemplares habituais em povoados calcolíticos da Estremadura portuguesa. Contudo, não é possível retirar ilacções pormenorizadas de tipo cronológico ou cultural a partir da semelhança puramente formal destas peças, a não ser, evidentemente, em termos dum âmbito temporal muito genérico (Fig. 34).

- 3º grupo - *pontas de seta de base recta ou côncava, de lados convexos*

Já referido em 1943 (17) este grupo é relacionado com a "cultura de Los Millares" (nas suas manifestações sepulcrais e habitacionais) (18). A sua expansão peninsular estaria intimamente conectada, nas regiões de Almeria e no estuário do Tejo, com a ocorrência em contextos habitacionais, inseridos estratigraficamente no Calcolítico (no Castro da Rotura, em todos os níveis, pré e campaniformes (19), sendo, contudo, mais abundante nos níveis superiores). Formas morfologicamente "evolucionadas", como os tipos "mitriformes" ou os de base côncava muito acentuada com aletas encurvadas são, de facto, habituais em povoados da Estremadura, como Vila Nova de S. Pedro, Zambujal, Pico Agudo ou Pedrão (21). Estas últimas, no Sudeste, formariam um grupo de talhe menos aperfeiçoado, por vezes associado ao vaso campaniforme (22). Formas "mitriformes" e de aletas encurva

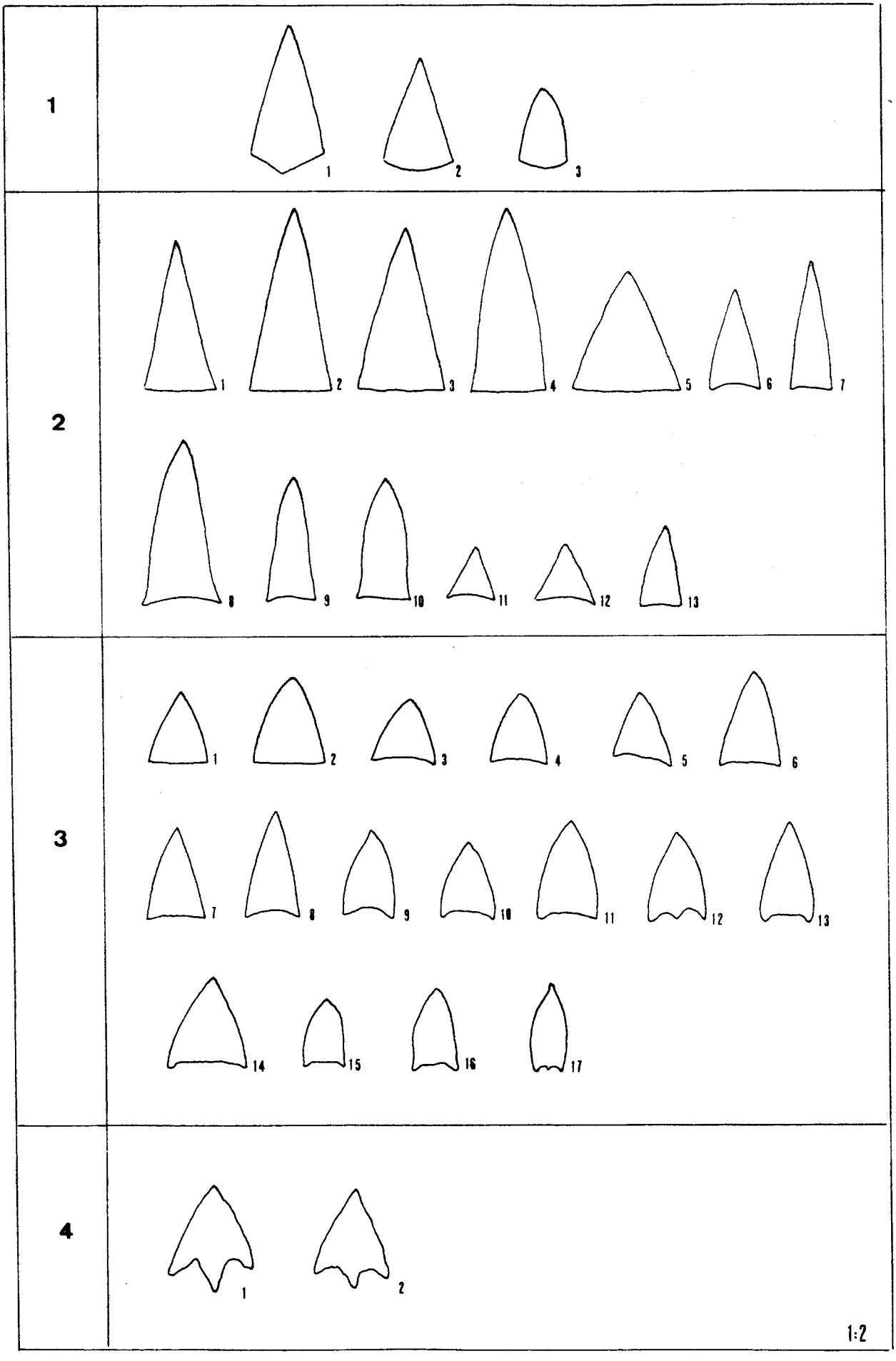

1
1
2
3
2
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
3
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
4
1
2
1:2

Fig. 34

das ocorrem também em dólmens do Alentejo, Estremadura e Beiras (por exemplo, em Orca do Tanque, Vila Nova de Paiva). No Norte de Portugal e Galiza não são conhecidas pontas de seta deste grupo em monumentos megalíticos. Os primeiros exemplares identificados provêm dos povoados do âmbito cultural caracterizado neste trabalho (23).

Estas pontas de seta são de pequenas dimensões e, em regra, apresentam retoque profundo.

Na Vinha da Soutilha foram observados dezassete exemplares: três do nível II e catorze do nível III. Dois exemplares são, respectivamente, em sílex e corneana, outro é em quartzo e os restantes em xisto. Tal como no grupo anterior, esta matéria-prima condicionou o talhe, que é principalmente marginal. Saliente-se a existência de tipos "mitriformes", bicôncavos e côncavos com aletas desenvolvidas encurvadas (Figs. 30 e 34).

- 4º grupo - *pontas de seta de base pedunculada* (com pedúnculo *bem marcado*, estreito, e *aletas* oblíquas, desenvolvidas)

Em 1943 G. e V. Leisner referiam-se à existência de pontas de seta pedunculadas no *Sudeste* (24) onde ocorriam em contextos calcolíticos sepulcrais e habitacionais. Na verdade, são comuns, por exemplo, em sepulcros da necrópole de Los Millares (25) ou em grupos sepulcrais e povoados da região de Valência, como em Covacha de Ribera (Cullera) ou em Ereta del Pedregal (26). Mas também é de assinalar a sua existência em contextos calcolíticos da *Meseta*, considerados tardios, como no nível II de Penã de Aguila, em Teso del Moral, em Fontanillas de Castro, Salamanca (27), ou na região *basca*, onde estão amplamente representadas no nível III A do grupo de Los Husos (pré-campaniforme), embora perdurem em níveis subsequentes (28).

Na Catalunha, este tipo genérico de pontas de seta também é considerado do Calcolítico final, podendo acompanhar o campaniforme (29).

Duma forma geral, este grupo, salvo no Sudeste, onde terá uma origem mais antiga, é considerado tardio, adentro de contextos calcolíticos finais e do Bronze inicial. Contudo, é possível reconhecer variantes e sub-variantes (particularmente associadas à forma e tamanho do pedúnculo e aletas), que devem interpretar-se não só como modelos regionais mas como variações cronológicas. As pontas curtas de pedúnculo desenvolvido largo, com esboço de aletas, ou aletas desenvolvidas, por exemplo, estão associadas em várias regiões à cerâmica campaniforme (por exemplo, nível superior do dólmen de San Martin (Laguardia) (30)). As de pedúnculo estreito, mais curto, como as da Vinha da Soutilha, poderão articular-se com contextos de mais ampla vigência cronológica.

No Norte de Portugal as pontas pedunculadas conhecidas provêm das mamoas de Vila Chã (Esposende) e da Mamoa de Guilhalheu (Vila do Conde), sendo no entanto, de grandes dimensões, alongadas, com pedúnculo curto e esboço de aletas (31). Este tipo de pontas pedunculadas associa-se normalmente às de base triangular (32), não cabendo no grupo aqui mencionado.

Na Vinha da Soutilha apenas foram encontrados dois exemplares curtos: um do nível III e outro do nível II. Um é em sílex e outro em corneana. A ponta de sílex apresentava retoque profundo e a de corneana retoque marginal (Figs. 30 e 34).

Assim, uma breve articulação da tipologia agora enunciada, com a percentagem parcial dos respectivos grupos nos diversos níveis de ocupação, conduz-nos às seguintes conclusões: - o 2º grupo (pontas de seta de base recta ou côncava e lados rectos) diminui de importância na última ocupação, cedendo lugar ao 3º grupo (pontas de seta de base recta ou côncava de lados convexos), o qual se encontra associado neste nível ao 1º grupo (pontas de seta de base triangular ou convexa). O 4º grupo está representado apenas por dois exemplares cada um, respectivamente no nível intermédio e no nível mais recente. Do nível intermédio para o mais recente é também notória a diminuição da dimensão global das pontas de seta, em sintonia com o desenvolvimento do 2º grupo.

— Quanto às *lascas e lâminas retocadas* da Vinha da Soutilha, dividimo-las em dois grupos: *o primeiro* está representado por *lascas sobre xisto retocadas*, quer apenas em um dos bordos (1 a), quer nos dois bordos laterais ou também nas extremidades distal e proximal (1 b). O retoque é sempre plano, simples ou escamoso, marginal, directo ou bifacial. Trata-se dum grupo que integra artefactos muito toscos, realizados em lascas planas de xisto local, *muito finas*, apenas retocadas me toda a periferia. Adentro do grupo 1a admitem-se grandes lascas retocadas lateralmente de bordo rectilíneo ou convexo ou lascas médias também retocadas lateralmente, de bordo rectilíneo. O grupo 1b está representado por grandes lascas de forma triangular, retocadas nos três bordos ou por lascas médias de extremidade arredondada, retocadas em toda a periferia. Foram observados vinte e três exemplares, uniformemente distribuídos pelos níveis II e III.

Apesar das características locais destes artefactos, eles são assimiláveis, "grosso modo", ao grupo de lâminas planas retocadas marginalmente (com retoques oblíquos, directos ou bifaciais), normalmente em sílex, que ocorrem em múltiplos contextos calcolíticos peninsulares (por exemplo, tipo III a definido por S. López Plaza para os povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte (33)).

O *segundo* grupo está apenas assinalado por um exemplar em *sílex* do nível III: uma pequena lâmina plana prismática, retocada nos dois bordos (extremidade distal fragmentada) com retoques oblíquos sub-paralelos, marginais ou invasores.

Trata-se dum artefacto facilmente incluível na classificação de G. e V. Leisner (34) (lâminas designadas por "serras"), integrável no tipo I de S. López Plaza (35). Os Leisner consideravam este tipo muito habitual nas "culturas eneolíticas do Sudeste", mas ele ocorre também persistentemente em conjuntos calcolíticos do Sudoeste, e também na Estremadura (por exemplo em Cova de Moura (36)). Infelizmente, não se encontram sistematizadas as indústrias de pedra lascada provenientes destes contextos, pelo que não é possível articulá-las tipologicamente com as diversas fases do Calcolítico estremanho. No Norte de Portugal, os poucos exemplares de lascas e lâminas retocadas conhecidos provêm quer dos povoados analisados neste trabalho, quer de estações do mesmo âmbi-

to cultural ainda não escavadas. Serão mencionados em capítulo autónomo.

Acrescente-se que na Vinha da Soutilha estão ausentes as clássicas lâminas ovóides de retoque plano profundo e bifacial, tão específicas do Calcolítico estremenho, também existentes na Meseta.

— Ainda em *pedra lascada* ocorrem com grande abundância *raspadeiras carenadas frontais curtas, em quartzo*, formando, no seu conjunto, uma das categorias de artefactos líticos mais homogénea e característica da estação da Vinha da Soutilha. No nível mais antigo foram observados 7 exemplares, no nível intermédio vinte e um e no nível mais recente trinta exemplares.

Mais uma vez observamos a falta de sistematizações a nível peninsular de objectos em pedra lascada (à excepção de micrólitos ou pontas de seta) que nos ajudem a posicionar cronológica e culturalmente estes materiais. Sabemos que raspadeiras deste tipo ocorrem, por exemplo, em Vila Nova de S. Pedro ou no Zambujal (normalmente em sílex), mas não foram ainda publicados os inventários desses artefactos, nem o seu posicionamento estratigráfico no interior das estações.

— Acompanhando estes materiais mais abundantes, surgem em menor quantidade, outros artefactos, como *denticulados* e *raspadores* em xisto ou quartzo, um *"rabot"* sobre cristal de quartzo, um *furador* de quartzo, além de *lascas residuais* e *núcleos* em quartzo, xisto ou corneana, que traduzem uma técnica de talhe local, bastante tosca, aproveitando matérias-primas existentes nas proximidades do povoado, por vezes de muito má qualidade. É, de salientar, contudo, a raridade de sub-produtos de talhe nos locais de habitação (à excepção do depósito de lascas e núcleos de corneana da c.3 do sector A). Aliás, no seu conjunto, os artefactos líticos de pedra lascada não são muito abundantes, por comparação com a grande quantidade de recipientes cerâmicos nos diferentes sectores intervencionados. Estes objectos, com certeza fabricados no local (quer no interior do povoado, quer junto às formações rochosas donde extraíam a matéria-prima), poderiam ser talhados em *áreas funcionais especializadas* cuja localização desconhecemos. Nas áreas habitacionais, apenas esporadicamente se talhariam objectos. A existência do depósito do sector A, provavelmente abandonado devido à má qualidade da matéria-prima, não prova, por si só, a sistemática utilização dos locais de habitação, para o fabrico de tais artefactos.

— Na ocupação mais recente da Vinha da Soutilha (nível A) apareceram duas *contas de colar* identificadas como sendo de *variscite*: uma discoidal, achatada, com perfuração cilíndrica, outra bitronco-cónica achatada, com perfuração bicónica.

As contas de variscite (em regra, erroneamente designadas de "calaíte") têm sido fundamentalmente identificadas em *contextos calcolíticos peninsulares* situados em áreas próximas do litoral ou de algum modo em contacto com ele (Catalunha, Almeria, Alentejo, Estremadura portuguesa, Centro e Norte de Portugal, Meseta Norte e Região basca (37)). Embora, por um lado, haja provas de que a variscite tenha começado a ser explorada já a partir do *Neolítico final* (sepulcros de fossa na Catalunha, ou monumentos megalíticos do centro de Portugal) e, por outro, comece a aparecer também em *regiões mais interiores* da Península, à medida que a própria investigação arqueológica avança para áreas

anteriormente pouco conhecidas, permanece a ideia de que estes objectos de adorno se multiplicam a partir e durante o Calcolítico, podendo em certos contextos associar-se também à cerâmica campaniforme.

Na Catalunha, as contas tubulares de variscite estão associadas a "sepulcros de fossa", enquanto as discoidais da mesma matéria são consideradas mais tardias, em relação com dólmens e grutas sepulcrais calcolíticas (38). No Sudeste articulam-se com o horizonte de Los Millares I, predominando as esféricas achatadas ou as discoidais (39). No Sudoeste (Alentejo e Estremadura) as contas de variscite estão particularmente relacionadas com contextos semelhantes ou articuláveis com V.N.S. Pedro I (*V.*, por exemplo, estrato II b - pré-campaniforme - da Rotura (40)). Múltiplas formas ocorrem: discoidais, esféricas, esféricas achatadas, cilíndricas de lados rectos ou convexos. Esta diversidade está particularmente bem representada em grutas sepulcrais da Estremadura (41). Aparecem também em "tholoi" como na Praia das Maçãs, constituíndo um conjunto autónomo e bem demarcado do existente na contígua câmara ocidental, onde apenas ocorrem contas discoidais em xisto associadas a materiais de afinidade megalítica alentejana (42). Embora também tenham sido identificadas em monumentos megalíticos do Alentejo (Anta 1, Tapadão, Crato) (43), não sabemos situar rigorosamente o momento do seu aparecimento nesta região.

Podendo ter subsistido no Calcolítico final, associadas à cerâmica campaniforme, não possuimos ainda provas estratigráficas seguras deste facto. Também não é possível ainda estabelecer para esta área uma segura evolução tipológica destes adornos, devido à ausência da publicação de inventários estratigrafados.

No Centro de Portugal, nas Beiras, as contas de variscite ocorrem em contextos megalíticos. No litoral, por exemplo, na Anta do Cabeço dos Moinhos (Buarcos) (44) e no interior, no célebre dólmen de Carapito I (Aguiar da Beira). Neste, as contas (cilíndricas e esféricas) estavam associadas a um espólio constituído por micrólitos geométricos, lâminas sem retoque, cerâmica lisa e decorada e objectos de pedra polida, inserto num nível sepulcral datado de 2900 ± 40 a.C. (45). Trata-se dum contexto muito antigo que apontaria para a utilização desta matéria-prima, em contas de colar, desde o Neolítico final.

Na Meseta Norte, as contas de variscite aparecem em povoados calcolíticos e monumentos megalíticos da região de Salamanca e Zamora (46). Nos povoados predominam as formas discoidais ou cilíndricas achatadas, havendo provas de que seriam fabricadas "in situ", utilizando-se a matéria-prima trazida duma jazida pré-histórica da província de Zamora, Palazuelo de las Cuevas. A descoberta desta jazida (47) é de especial importância, pois veio confirmar a *origem local* da variscite na Península Ibérica e desmitificar a proveniência hipoteticamente oriental de tal matéria-prima (48).

No Norte de Portugal, conhecíamos quatro estações (além das apresentadas neste trabalho), que forneceram adornos de *variscite*: - a "Mamoa 1 do Sr. Pinho" (Escariz, Arouca), a Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde), a Mamoa 2 de Outeiro de Gregos, e a Mamoa 2 de Outeiro de Ante (Baião) (49).

A primeira revelou um pendente sub-rectangular com perfuração distal tronco

-cónica. Na Mamoa de Guilhabreu (59) foi identificada uma conta sub-cilíndrica (em forma "de pequeno tonel") com perfuração cilíndrica. Na Mamoa 2 de Outeiro de Ante (Baião) (51), ocorreu uma conta sub-cilíndrica de lados rectilíneos, com perfuração bicónica. Apesar de não haver qualquer associação estratigráfica (as contas provêm de níveis tumulares revolvidos), há que assinalar a presença em Guilhabreu e Outeiro de Ante de cerâmica campaniforme: - de estilo internacional em Guilhabreu e pontilhado geométrico em Outeiro de Ante.

Podemos, assim, concluir que as contas de variscite devem ter uma origem no Neolítico final, intensificando-se o seu aparecimento em túmulos e povoados ao longo do Calcolítico. Apesar de se suspeitar da sua associação com o campaniforme, faltam-nos provas estratigráficas inequívocas (52).

No monumento megalítico de *Pedra Branca* de Montum-Melides, onde foram detectados dois níveis sucessivos de tumulações, um de feição megalítica e outro com cerâmica campaniforme, verifica-se que pontas de colar de cor verde ocorrem em ambos os níveis. No nível inferior predominam as discoidais e no superior existem alguns exemplares de forma bicónica, esférica ou discoidal. No entanto, na ausência de análises mineralógicas, os autores do referido estudo hesitam, em páginas diferentes do artigo, em classificá-las como variscite ou como anfibolite, entrando assim numa aparente contradição (53). Ao contrário, no dólmen de San Martin de Laguardia (54), contas de cor verde (variscite?) aparecem apenas no nível inferior, sem campaniforme, juntamente com pontas de seta e ídolos em osso decorados.

— Na Vinha da Soutilha foram exumados quinze *machados polidos* de anfibolito, corneana, filádio, metagrauvaque e xisto anfibólico (cinco no nível II e nove no nível III) e duas enxós de anfibolito (respectivamente nos níveis II e III). Estes artefactos, de contorno predominantemente sub-trapezoidal ou sub-rectangular, apresentavam secções sub-rectangulares ou sub-quadrangulares e sub-elípticas achatadas. Normalmente integravam vestígios de polimento total. Devido à grande fragmentação destes objectos, só numa pequena quantidade dos mesmos foi possível determinar a forma e secção, o que nos conduziu à simples enunciação das variantes mais significativas. Podemos sub-dividir os machados em função da dimensão global, contorno e secção: - pequeno machado de contorno sub-trapezoidal, assimétrico, de secção *sub-rectangular alongada*; - machado médio de contorno sub-trapezoidal simétrico, de *secção sub-rectangular*; - machado médio, de contorno sub-trapezoidal, simétrico, *secção sub-quadrangular* espessa; - machado médio de contorno sub-trapezoidal, simétrico, de *secção sub-elíptica achatada*.

As *enxós*, de pequenas dimensões, de contorno sub-trapezoidal e sub-rectangular, apresentavam secções *sub-rectangulares*.

Como é sabido, o machado de secção rectangular ou quadrangular, ocorre preferencialmente em contextos calcolíticos do Sudeste e Sudoeste peninsular (55), diferenciando-se do machado cilíndrico neolítico ou de tradição neolítica, particularmente abundante nos megálitos alentejanos (56). Nos povoados da Estremadura, os machados, como duma forma geral, os artefactos de pedra polida, não são muito abundantes. No entanto, os

de secção rectangular ocorrem em contextos inequivocamente calcolíticos (V. Nova S. Pedro I, Zambujal, Rotura), sendo mais abundantes e de tipologia mais diversificada em "grutas" sepulcrais também da Estremadura: por exemplo nas "grutas" de Palmela (57) ou na Cova da Moura (58).

Nos povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte também predominam "os machados de secção quadrangular, rectangular ou oval aplanada" (59). Mas, apesar desta constante, no povoado de La Mariselva (pertencente ao mesmo contexto cultural) verifica-se grande abundância de machados de secção cilíndrica juntamente com os de secção quadrangular ou oval aplanada, o que leva López Plaza a escrever: "La coexistencia de tipos es índice del escaso valor cronológico que ofrece esta diferenciación tipológica, pero nos indica al menos el fuerte matiz local e indígena de los habitantes de La Mariselva" (60).

Na Galiza, machados, enxós e goivas, de secção sub-rectangular, são abundantes em contextos sepulcrais megalíticos. Em cinco túmulos, de tradição megalítica, estes artefactos foram encontrados juntamente com "maças" de perfuração bitroncocónica central, e, no conjunto, incluíveis no que Vázquez Varela designou "Horizonte de Rechaba (61)). Este "horizonte" corresponderia a tumulações tardias em monumentos de tradição megalítica, durante o *Calcolítico*, em fase "sincrónica con la expansión del vaso campaniforme por esta zona o ligeiramente anterior a la misma" (62). Independentemente do valor discutível de tal "horizonte", parece-me de reter a ocorrência de tais artefactos em túmulos de carácter aparentemente tardio.

No Norte de Portugal, os machados de secção cilíndrica estão praticamente ausentes, mesmo dos contextos megalíticos. Também nestes predominam os machados de contorno sub-rectangular ou sub-trapezoidal onde a secção dominante é a sub-rectangular. As enxós e goivas estão diminutamente representadas. Esta característica marcante dos machados desta região pode resultar quer duma forte tradição local, quer do carácter tardio (relativamente a outras regiões peninsulares) do fenómeno megalítico do Norte de Portugal, tanto quanto nos é permitido inferir do conjunto de datas de C 14 publicadas até ao momento (63).

— Acompanham os artefactos de pedra polida, elementos fixos e móveis de *moinhos manuais* em granito. Os elementos fixos, muito fragmentados, apresentam sempre a base convexa e a parte superior plana ou levemente côncava. Os elementos móveis - "rebolos" - podem ter uma forma elíptica alongada ou uma forma sub-circular. No nível mais antigo apenas foi observado um "rebolo" de forma elíptica alongada; no nível intermédio, registaram-se sete elípticos alongados; no nível mais recente onze elípticos alongados e quatro sub-circulares. De registar ainda a presença, no nível intermédio, dum provável *percutor* em granito, de contorno e secção sub-quadrangular, com duas depressões circulares pouco profundas no centro das faces opostas. No Norte de Portugal conhecemos um exemplar semelhante, proveniente da Mamoa 1 de Cabritos (Amarante), contudo, de forma sub-circular e secção sub-elíptica (64).

— Os *recipientes cerâmicos* da Vinha da Soutilha apresentam duas características essenciais: - integram *formas muito simples*: esféricos, semi-esféricos ou calotes

de fundo convexo, e globulares ou ovóides, também de fundo convexo ou plano-convexo. Verifica-se, portanto, a ausência de fundos planos, tendo-se apenas observado um fragmento da parte média dum vaso provavelmente carenado. Contudo, no seu conjunto, podemos concluir que as formas carenadas não fazem parte do reportório das formas comuns desta estação; - em segundo lugar, os vasos da Soutilha são *predominantemente decorados*: no total de 775 formas analisadas, 15% eram lisas e 84,9% decoradas. Esta proporção relativa é bastante constante nos três níveis de ocupação, embora se verifique um paulatino aumento dos vasos decorados do nível mais antigo para o mais recente: *nível I* - vasos lisos - 22,2%/decorados - 77,7%; *nível II* - lisos - 20,6%/decorados - 79,3%; - *nível III* - lisos - 11,6%/decorados - 88,3%. Esta proporção entre recipientes decorados e lisos é absolutamente específica dos povoados do Norte de Portugal em cujo contexto cronológico e cultural se insere a Vinha da Soutilha. Esta característica individualizadora será alvo duma apreciação mais desenvolvida num capítulo exclusivamente dedicado à variabilidade formal da cultural material dos povoados em análise. Por outro lado, os recipientes desta estação apresentam pastas predominantemente compactas e superfícies alisadas. As superfícies polidas externamente ou nas duas faces ocupam um lugar secundário.

A comparação que se segue com outras *tipologias morfológicas* de recipientes cerâmicos de contextos calcolíticos peninsulares, só pode ter a pretensão de delinear, em grandes traços, as diferenças mais vincadas e também os elementos comuns que estão subjacentes aos padrões formais dos complexos cerâmicos das várias regiões.

Mais uma vez não pretendemos, a partir de aproximações estritamente formais, estabelecer, num primeiro momento, qualquer tipo de articulações culturais e, muito menos, cronológicas, sabendo nós quanto as formas cerâmicas são por vezes conservadoras, podendo ter permanecido inalteradas, com pequenas variações morfológicas, numa dada área cultural, ao longo de muitas centenas de anos.

As tabelas morfológicas que nos guiarão são esparsas e relativas, na maioria dos casos, a estações pontuais, ou contextos arqueológicos parcelares. Os critérios subjacentes a algumas delas não foram suficientemente explicitados, ou não se adequam entre si. Apesar de todos estes entraves, é possível tentar articular as diferentes tipologias com o nosso próprio quadro de formas, salvaguardando, para cada grupo morfológico, aspectos específicos inerentes a recipientes de cada região ou estação arqueológica.

As principais tabelas tipológicas consideradas foram, para o Sul da Península, as relativas aos contextos sepulcrais do Sudeste (65) e de Reguengos de Monsaraz no Alentejo (66), ao contexto habitacional de La Pijotilha (Badajoz) (67) e aos contextos habitacionais do Baixo Alentejo e Algarve (68). Para a Estremadura Portuguesa, utilizámos o breve esquema tipológico das cerâmicas do Castro do Zambujal (69). Na Meseta detivemo-nos na tipologia dos recipientes cerâmicos dos povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte (70). No decorrer do estudo comparativo, utilizámos também tipologias pontuais relativas a outras áreas peninsulares.

O nosso próprio quadro morfológico baseia-se no facto de que a grande maioria dos vasos da Soutilha se enquadra em formas esféricas, semi-esféricas ou calotes de esfera. Assim, os tipos foram criados em função do *índice de abertura da boca*, juntamen

te com a *forma geométrica* mais aproximada do corpo dos vasos. As formas 1, 2 e 3 são *formas esféricas*, cuja abertura é progressivamente mais larga, o que está em conexão com a diminuição do índice de profundidade. A forma 4 é uma *calote de esfera*. A forma 6 (corpo sub-cilíndrico e paredes quase rectas) enquadra-se genericamente numa *forma esférica achatada de abertura muito larga*. A forma 5 integra recipientes de *corpo óvoide*, de pequena ou grande dimensão. Estas seis formas são comuns aos três níveis de habitação e constituem as formas-base do conjunto de recipientes cerâmicos da estação. Todas elas podem ou não apresentar uma leve ou acentuada demarcação do colo e, consoante o caso, dividem-se nos sub-tipos A, B ou C. As restantes formas, embora incluíveis na quase totalidade nos tipos anteriores, demarcam-se por características específicas: a forma 7 é uma calote de esfera com esboço de carena alta e bordo reentrante; a forma 8 pode associar-se a um vaso esférico, mas apresenta um cordão liso sob o bordo; a forma 9 é uma pequena calote de esfera baixa com uma pega curta saindo do bordo; a forma 11 integra um recipiente cuja forma desconhecemos mas apresenta um cordão decorado, provavelmente sobre a pança; a forma 10 poderá articular-se com um recipiente carenado, o único exemplar deste género encontrado na Vinha da Soutilha.

É de registar que as tipologias de Carlos T. Silva/J. Soares (76/77) (71), Sangmeister e Schubart (1981) (72) e V. Hurtado (1985) (73) também se baseiam fundamentalmente nos mesmos critérios por nós utilizados: índices de abertura da boca dos vasos (ou inclinação angular da parede relativamente ao bordo dos vasos).

Quer nas tipologias citadas, quer na de C.T. da Silva, relativa ao povoado da Rotura (74), ou na nossa, *os recipientes de colo marcado não foram apartados dos restantes* (na tradição das tipologias dos Leisner (1943, 1951)), mas integrados como sub-tipos nos tipos definidos segundo os critérios acima mencionados.

- Os tipos esféricos 1, 2 e 3 da Vinha da Soutilha são comuns a *diversos contextos calcolíticos peninsulares*. Eles são mencionados por G. e V. Leisner (75) como estando representados em contextos sepulcrais de Los Millares I, em "tholoi" de Mojácar-Liniales (Almeria), dólmens de corredor de Guadix (76) e em diversos sepulcros do Algarve (77). Também nos sepulcros de Reguengos de Monsaraz (78) eles são integrados nos seguintes tipos formulados por aqueles autores: "2 - esféricos e esférico-achatados de tamanho médio e grande", "3 - grandes vasos globulares de rebordo espesso", "5 - esféricos de colo estrangulado e bordo saliente - 1 A: perfil suave, corpo bastante alto e colo pouco estrangulado" (79). No âmbito "eneolítico", os Leisner consideravam os vasos do grupo 5 como lembrando "... vasos que aparecem no segundo período da cultura de Almeria, onde marcam a época da primeira fase da cultura do vaso campaniforme (80).

Embora não tenhamos informação detalhada sobre a nomenclatura ou proporção estatística dos tipos morfológicos dos vasos de La Pijotilla (81), verificámos, através da leitura duma tabela de formas cedida pelo autor, que os tipos esféricos 1, 2 e 3 da Soutilha ocorrem nesta estação sob a designação de tipos I, III e IV. Adentro do tipo I, cabem as variantes da Soutilha 1 A, B e 2 B; no tipo III, as variantes 2 A e 2 B; no tipo IV, as variantes 2 A, 3 A e 3 B. Vasos de pequeno tamanho estão inseridos no grupo IV.

Nos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve (82), as formas esféricas estão agrupadas nos tipos 7, 8 e 9 (sendo este último relativo a formas globulares, ou seja, de boca fechada e bordo muito inclinado para o interior). Enquanto o "esférico" e o "pequeno esférico" sofrem um decréscimo do calcolítico inicial para o pleno, o "globular" aumenta levemente, se atendermos à sua proporção no povoado do Cortadouro. Duma forma geral, podemos assimilar a forma 9, dos contextos habitacionais do Baixo Alentejo e Algarve, à forma 1 da Vinha da Soutilha, e as formas 8 e 9 de tais povoados às formas 2 e 3 da estação em estudo. Não se verificam nestes povoados esféricos ou globulares de colo estrangulado.

Na Rotura (Setúbal) (83) são abundantes as formas esféricas, as quais se integram nos seguintes grupos: grupo 4 - esféricos altos; grupo 5 - esféricos pequenos; grupo 6 - potes; grupo 7 - esféricos de colo estrangulado.

Embora esta tipologia denote uma profunda influência dos Leisner, na medida em que se utilizam parcialmente as mesmas nomenclaturas e os mesmos critérios empíricos gerais, procurou-se explicitar alguns parâmetros definitórios de cada grupo, como o índice de profundidade e a capacidade dos recipientes. Os "esféricos altos" (grupo 4) podem também inserir leves estrangulações do colo. Os "potes" (grupo 6) subdividem-se em vasos de bordo espessado e pouco reentrante (colo estrangulado), e em recipientes de bordos não espessados e muito reentrantes. Os tipos 6 e 7 aumentam a sua proporção dos níveis inferiores para os superiores.

A forma 1 da Soutilha poderá articular-se com os tipos 6.2 e 7 da Rotura. As formas 2 e 3 da Soutilha encontram paralelos nos grupos 4, 5 e 6.1 daquele povoado.

No Zambujal existe uma extensa e variada gama de formas esféricas (84), reunidas nos tipos 4, 5 e 6 (inclinação angular entre a parede do vaso e o bordo - 75º e 100º), 7 (inclinação angular - 105 e 130º), 8 (inclinação angular - 130-165º). Trata-se de formas que vão desde as semi-esféricas (4 e 5), as de bordo levemente retraído tipo, as de bordo muito retraído tipo e as consideradas esféricas ou de bordo muitíssimo reentrante tipo. Cada forma apresenta variantes consoante a inclinação das paredes dos vasos e o tipo de bordo (o qual pode ser simples ou reforçado para o exterior, para o interior ou em ambos os lados, o que logo pressupõe uma leve acentuação do colo).

Não foram ainda publicados os dados estatísticos relativos à percentagem destes grupos no interior daquela estação estremenha, por níveis estratigrafados. Assim, podemos apenas relacionar as formas da Soutilha com do Zambujal, duma forma genérica e global. A forma 3 da Soutilha associa-se às formas 4, 5 e parcialmente à 6 do Zambujal. A forma 2 inclui vasos do grupo 6 e 7 daquela estação. A forma 1 inclui recipientes que se encontram dispersos pelos grupos 7 e 8 do castro estremenho. De notar que os vasos de colo estrangulado do Zambujal (que ocorrem em todas as formas enunciadas) se distanciam dos da Vinha da Soutilha, pelo facto de apresentarem bordos espessados ou reforçados interior ou exteriormente, de que resulta directamente a própria acentuação do colo. Ora, na Soutilha, os bordos são, em 90% dos casos, simples, de extremidade arredondada, pelo que o estrangulamento do colo decorre simplesmente do estreitamento intencional da parede exterior do vaso logo abaixo do bordo.

A forma 6 da Vinha da Soutilha (forma esférica achatada, de paredes rectas e fundo plano-convexo), aparece normalmente diluída entre as formas esféricas das tipologias citadas, não parecendo ocorrer em número significativo que merecesse destaque ou menção especial por parte dos vários investigadores. Na Pijotilha, pode encontrar-se paralelo no grupo III D (85), e em Reguengos, adentro do grupo 2 (esféricos-achatados de tamanho médio e grande) (86). Na Meseta tem paralelos no grupo 2 definido por López Plaza para Peña del Aguila e Teso del Moral (87).

É de referir ainda que vasos provavelmente esféricos, nomeadamente de colo estrangulado, ocorrem no estrato I de Cerro de la Virgem (Crce) (88), sendo tal estrato paralelizável com o momento cronológico e cultural de Vila Nova I/Los Millares I.

Finalmente, referiremos a existência de formas esféricas em povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte, particularmente as provenientes de Peña del Águila e Teso del Moral.

Estas formas esféricas encontram-se reunidas nos grupos 1 (esférico de médio e grande tamanho), 3 (semi-esférico, forma mais abundante, de tamanho médio ou pequeno) e 6 (esférico de colo marcado, recto ou esvasado de tamanho variável). Em Peña del Aguila, o grupo 1 articula-se particularmente com o nível III, mais antigo, e, segundo a autora, denota influências culturais de tradição neolítica, quer pela forma, quer pela decoração (cordões e mamilos). Os grupos 3 e 6 são mais expressivos nos níveis II e I do mesmo povoado, correspondendo provavelmente a um Calcolítico pleno e tardio.

Por outro lado, podemos associar a forma 2 A da Soutilha ao grupo 1 dos povoados da Meseta; a forma 3 A encontra paralelos no grupo 3 e as formas 2 B e 3 B associam-se a algumas formas do grupo 6 daquelas estações. Estão ausentes formas parecidas com os esféricos de pequena abertura (tipo 1 da Soutilha).

A forma 6 da Soutilha encontra, no entanto, um paralelo evidente no grupo 2 de Peña del Aguila o qual é muito abundante no nível III desta estação. Este grupo define os vasos de "paredes altas e rectas ligeiramente abertas". Tal como o grupo dos esféricos, é considerado por López Plaza como sendo prova duma tradição neolítica no seio dos contextos calcolíticos daquela região.

Na Vinha da Soutilha predominam nos três níveis de habitação as *formas esféricas* (1, 2, 3 e 6), sendo detectável uma leve tendência para aumentar o número de vasos com estrangulamento do colo (variantes B e C). No nível mais antigo, encontra-se em primeiro lugar a forma 2, seguida da 3; nos níveis médio e recente, a forma 3 (esférico ou semi-esférico de grande abertura) passa a ocupar o lugar mais significativo. Também na Meseta, os semi-esféricos predominam em Peña del Aguila, enquanto que em Teso del Moral são mais significativos os de *colo marcado, recto ou esvasado*. Contudo, se atendermos a que não há uma rigorosa e simétrica correspondência entre as formas da Soutilha e dos povoados da Meseta, verificamos que as formas esféricas típicas do povoado de Chaves aparecem numa percentagem menos significativa naquela região.

No sul, apenas possuímos dados estatísticos provenientes da Rotura (89) e de

alguns povoados do Baixo Alentejo (Cabeço da Mina, Vale Pincel II, Monte Novo e Cortadouro (90)).

Entre o povoado da Estremadura e os do Alentejo e Algarve existe uma significativa diferença: na Rotura predominam em todos os níveis os semi-esféricos, seguidos dos esféricos. Como veremos, os "semi-esféricos" definidos por Tavares da Silva (grupo 3) incluem tanto taças em calote altas como semi-esféricos baixos propriamente ditos. Daí que não os tenhamos mencionado quando nos referimos aos esféricos das várias estações. Dada esta ambiguidade, preferimos, no entanto, integrá-los adento da categoria de *taças altas*, forma que, portanto, predominaria na Rotura, Em segundo plano, estariam os *esféricos* seguidos dos pratos, taças baixas, "potes" e esféricos de colo estrangulado.

Nos povoados de Cabeço da Mina, Vale Pincel, Monte Novo e Cortadouro, também predominam as taças em calote, mas desta vez, elas partilham a sua posição, não com os esféricos, como acontecia no povoado estremenho, mas com as taças carenadas, as taças largas de bordo espessado internamente e os pratos de bordo almendrado, que, no seu conjunto, dominam o quadro tipológico destas estações.

Parecem, assim, perfilar-se duas hipóteses de modelos tipológicos: um, relativo a um povoado da Estremadura, onde predominam as *taças altas semi-esféricos e os esféricos*; outro, melhor comprovado a nível não só dos povoados do Alentejo e Algarve, como de vários contextos arqueológicos do Sudoeste, onde predominam largamente as taças baixas e os pratos.

- O tipo 4 da Vinha da Soutilha (calote de esfera) (nas suas variantes alta e baixa, com ou sem acentuação do colo, imediatamente sob o bordo) tem abundantes paralelos nos diversos contextos calcolíticos peninsulares, particularmente em contextos cronologicamente evolucionados (*V.* por exemplo, estrato II de Cerro de La Virgen, Orce (91) ou nos estratos V e VI de Montefrio (92)). O tipo 7 (calote de esfera com esboço de carena alta e bordo reentrante) também é significativo em algumas estações, pelo que será tratado aqui conjuntamente com o tipo 4.

Taças em calote ou achatadas de bordo reentrante são muito abundantes no Sudeste em contextos sepulcrais de Los Millares I, Mojácar-Liniales, Guadix (Almeria) e em toda a província do Algarve (93). Também nos monumentos megalíticos de Reguengos (94) as taças são reunidas no tipo 4 (taças semi-esféricas e em forma de calote), as quais ocorrem em grande abundância em Olival da Pega e que, segundo aqueles autores, estão em íntima relação cronológica e cultural com o horizonte de Los Millares e com o fenómeno campaniforme. A pequena taça é, para os arqueólogos alemães, particularmente vinculável a Los Millares I. A taça de carena alta pode ser assimilada à forma bicónica patente em "tholoi" de Mojácar e Los Millares I (Almeria), ou no monumento de cúpula de Monte Velho (Algarve) (95).

Em La Pijotilla (96), diversos tipos de taças (altas, baixas, achatadas) estão distribuídas pelos grupos V, VI e VIII, aproximando-se, no seu conjunto, quer da variante A quer da variante B da Vinha da Soutilha.

Nos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve (97), as taças em calote integram-se no tipo 5 e as taças com carena alta pouco vincada no tipo 4 da tipologia construída por aqueles autores. Também as diversas variantes da Soutilha são globalmente identificadas no conjunto de taças daqueles povoados. Interessa acentuar que a taça com carena alta pouco acentuada (4) só ocorre no Calcolítico inicial, enquanto a taça em calote (5) predomina em todas as estações estudadas, apresentando uma maior percentagem em Vale Pincel II. Apesar de tudo diminui proporcionalmente do Calcolítico inicial para o pleno, dando progressivamente lugar ao desenvolvimento de taças baixas de bordo espessado internamente e aos pratos de bordo almendrado.

Na Rotura (98), taças altas ocorrem integradas no grupo 3 (semi-esféricos) e taças baixas no grupo 2. Trata-se de vasos sem estrangulamento do colo o que corresponde à variante 4 A da Soutilha. Por outro lado, adentro das taças baixas existem duas variedades, uma de bordo espessado e aplanado (inexistente na Soutilha) e outra de bordo sem espessamento (que se aproxima da maioria dos recipientes em calote da estação de Chaves). Na Rotura, as taças altas ou baixas existem em níveis quer pré-campaniformes, quer campaniformes, observando-se um progressivo aumento da ocupação mais antiga para a mais recente. As taças altas e os semi-esféricos, no conjunto, constituem o grupo tipológico mais representativo, em todos os níveis, do castro estremenho. De referir que no estudo de C.T.Silva apenas tinha sido observado um fragmento dum "vaso bicónico" (grupo 9), existente no nível 2 (ocupação mais recente), o qual se aproxima genericamente do tipo 7 da Soutilha (carena alta pouco acentuada).

No castro do Zambujal, Sangmeister e Schubart, em 1981 (99) sistematizaram as taças em três grandes grupos: grupo 1 - taça baixa - inclinação angular - 23º-54º; grupos 2 e 3 - taça funda - inclinação angular - 57º-72º. Cada forma insere variantes segundo a inclinação das paredes dos vasos e o tipo de bordo (este pode ser virado para o interior, formando-se um esboço de carena alta, e, neste caso, aproxima-se do da forma 7 da Soutilha). A forma 4 A da Soutilha articula-se com formas 1a*1*, 1b*1*, 2a*1*, 3a*1* e 3b*1* do Zambujal. Não existem paralelos para a forma 4 B. A forma 7 da estação de Chaves aproxima-se das formas 1b*4*, 2a*4* e 2b*4* do Zambujal.

Ainda na Estremadura, convém acrescentar que a taça é uma forma extremamente difundida em contextos sepulcrais calcolíticos. Basta referir a sua extraordinária abundância nas grutas artificiais de Casal do Pardo (Palmela) e de S. Pedro do Estoril (100). Vasos similares aos da forma 7 também fazem parte do contexto neolítico final de Parede I (Cascais) (101).

Na Meseta, nos povoados de Peña del Aguila e Teso del Moral (102), as taças estão assimiladas ao grupo 4 ("casquete esférico"), o qual integra taças baixas, achatadas, as quais são pouco abundantes nos contextos calcolíticos da região. Tal como os pratos, as taças baixas são muito raras. É possível, no entanto, que algumas taças altas tenham sido assimiladas ao grupo 3, dos semi-esféricos, já referidos anteriormente. Os semi-esféricos e "casquetes" esféricos com o bordo reentrante caracterizam o grupo 5 e aproximam-se significativamente da forma 7 da Vinha da Soutilha. Ocorrem no nível III de Peña del Aguila.

As taças em calote (formas 4 e 7) aparecem em segundo lugar, nos três níveis de habitação da Vinha da Soutilha, logo a seguir às formas esféricas já descritas anteriormente. Na Meseta, as taças baixas são pouco abundantes. As taças altas e os semi-esféricos, indiferenciadamente associados no grupo 3 da tipologia de López Plaza, juntamente com os vasos de colo marcado, recto ou exvasado, dominam as formas cerâmicas dos povoados calcolíticos daquela região. Apesar da ausência de correspondência directa entre as formas da Soutilha e as de Peña del Aguila e Teso del Moral (já referida quando caracterizámos as formas esféricas), podemos concluir pela menor importância relativa das taças no contexto formal das cerâmicas do Norte de Portugal, e SO da Meseta Norte, em comparação com o que é observável nos povoados do Baixo Alentejo, Algarve e Sevilha. Aqui predominam, como já foi referido, as taças baixas e os pratos. Tal quadro parece ser extensivo ao Sudeste, como nos afirmam os recentes escavadores do povoado de Los Millares (Almeria) (103). O panorama na Estremadura não é ainda suficientemente esclarecedor. Mas aparentemente, através dos dados observados obtidos na Rotura, e também em outros povoados contemporâneos da mesma região, o quadro tipológico parece aproximar-se mais do do Norte de Portugal e Meseta, na medida em que predominam ali as taças altas e os semi-esféricos. Como em outros aspectos, estas articulações apenas devem ser observadas na dupla perspectiva de *hipóteses prévias* (dependentes de futuras sistematizações para conjuntos estratigrafados) e com *carácter puramente formal* (sem pretender insinuar relações ou contactos directos entre as diversas regiões ou, muito menos, tirar ilacções de ordem cronológica).

- O tipo 5 da Vinha da Soutilha diz respeito a *vasos de corpo ovóide* (com ou sem colo marcado), normalmente de *grandes dimensões*. Neste último caso, poderão estar articulados com a função de aprovisionamento. Naturalmente, este tipo de vasos ocorre sobretudo em povoados, não constando dos reportórios cerâmicos sepulcrais. Em La Pijotilla (104) vasos de colo bem marcado e corpo provavelmente ovóide (início da parte média do vaso rectilíneo) poderão integrar-se nos grupos I e II. Nos povoados do Baixo Alentejo e Algarve (105) recipientes semelhantes aparecem reunidos no grupo 10, com a designação de "pote". Os potes, tal como as formas globulares, acusam um leve aumento do Calcolítico inicial para o pleno naquela região. Na Rotura (106) também ocorrem "potes" (grupo 6) (quer de bordo espessado e pouco reentrante, quer de bordo não espessado e muito reentrante). Tal como no Alentejo e Algarve, estes vasos são mais abundantes nos níveis superiores.

No Zambujal (107) vasos com "o bordo muito retraído" (forma 7) e estrangulamento do colo, forma 7a2, poderão eventualmente associar-se aos recipientes ovóides da Vinha da Soutilha.

Na Meseta estes recipientes estão incluídos no grupo 6 (colo marcado, recto ou esvasado) da tipologia de López Plaza (108). Também nesta região são considerados grandes vasos de provisões. São assimiláveis à forma 5 B da Vinha da Soutilha.

Na estação da Vinha da Soutilha, os vasos ovóides ocupam o terceiro lugar depois dos esféricos e das taças. A sua proporção relativa no conjunto das outras formas mantém-se sensivelmente igual ao longo das três fases gerais de ocupação.

Contudo, no interior deste tipo, os recipientes aumentam de dimensões e de capacidade de armazenamento.

- Os exemplares com *cordões* (formas 8 e 11) sobre a pança, são excepcionais no conjunto da amostragem da estação. Um exemplar apresenta um cordão liso, o outro inclui um cordão decorado com pequenas impressões. Na Meseta estes dois tipos de decoração ocorrem, ainda que numa pequena percentagem, nos contextos calcolíticos citados (109).

Na Vinha da Soutilha, além de não termos outros paralelos, um dos fragmentos (com cordão decorado) provém duma camada superficial de revolvimento.

- Quanto aos dois fragmentos de calotes baixas com pega curta saindo do bordo (forma 9), eles são referentes a vasos de muito pequenas dimensões, cuja pega, pelo seu tamanho, não deveria ter uma utilização funcional. Assim, afastam-se um pouco do grupo de "colheres" existentes, por exemplo, em contextos megalíticos do Sul da Península (110). Apenas se conhece um exemplar deste tipo na Meseta ocidental, proveniente dos arredores de La Peña del Aguila (111). Embora inserido num contexto mais tardio, este tipo da Vinha da Soutilha parece formalmente aproximar-se de outros identificados em contextos neolíticos peninsulares (112).

Finalmente, consideramos prudente não estabelecer paralelos para o único fragmento dum vaso provavelmente *carenado* que apareceu na Soutilha. As suas pequenas dimensões, aliás, não permitem concluir seguramente qual a orientação da parede do vaso, o que ainda limita mais qualquer apreciação.

No seu conjunto, as formas-base da Vinha da Soutilha aproximam-se acentuadamente das que constituem conjuntos cerâmicos, considerados do mesmo âmbito cronológico do interior da Meseta: referimo-nos, por exemplo, aos recipientes cerâmicos do povoado de La Loma de Chiclana (Madrid) (113) ou da Cueva de La Vaquera, Torreiglesias (Segóvia), níveis X a XVIII, considerados do "Bronze I hispânico" (114). Também nestes dois casos, abundam os semi-esféricos e as calotes de esfera, os tronco-cónicos, os esféricos ou globulares de bordo esvasado, além de vasos de paredes rectas que se integram na tradição neolítica local. Contudo, tal como nos povoados da Meseta Ocidental e do Norte de Portugal, estão praticamente ausentes as taças baixas (calotes ou carenadas) e os pratos, tão habituais em contextos habitacionais calcolíticos do Sul da Península.

- Resta-nos referir a presença de três *recipientes de forma oval, paredes direitas espessas* (entre 1 e 1,5 cm de espessura), de *fundo plano*, e *capacidade inferior a 0,3 ℓ* (diâmetro máximo entre 12 e 14 cm). São recipientes de pasta muito friável, com desengordurante grosseiro, de aspecto poroso. Pela forma e características da pasta e superfície, tais recipientes pareciam ser cadinhos de fundição. Submetidos a análise química não destrutiva, não demonstraram conter vestígios de metal na sua superfície (115). Contudo, e apesar de tal informação ser da máxima importância, não podemos deixar de registar a semelhança tipológica com cadinhos. Um deles, aliás, apresentava uma ténue decoração com impressão "penteada", realizada segundo um estilo um pouco tosco.

Não será de excluir a possibilidade de tais recipientes, caso tenham sido concebidos para conter o metal fundido, não terem chegado a ser utilizados com esse fim, embora falte esclarecer o processo de cozedura, que terá levado alguns dos fragmentos a apre

sentarem uma superfície "vitrificada" (116).

Cadinhos de forma oval, paredes espessas e direitas, com cerca de 15 cm de diâmetro máximo, "modelados em barro sumamente tosco, provavelmente refractário, de aspecto arenoso" foram encontrados na província de Zamora, provenientes dos povoados calcolíticos de *Las Pozas* e *La Alameda* (117). Tais povoados forneceram material de superfície constituído fundamentalmente por machados polidos, lâminas retocadas, pontas de seta de pedúnculo e aletas ou de base côncava e cerâmicas maioritariamente lisas, mas também algumas decoradas com incisões em "falsa folha de acácia", triângulos incisos preenchidos com puncionamentos, impressões "penteadas" e "pastilhas" ou mamilos (118).

Embora seja rara a publicação de inventários estratigrafados provenientes de contextos pré-históricos peninsulares, onde se mencionem pormenorizadamente as principais características de tal tipo de recipientes, sabemos que eles existem indiferenciadamente em níveis pré-campaniformes e campaniformes de povoados calcolíticos peninsulares: Los Millares (119), Vila Nova de S. Pedro (120), Rotura (121), Pedra do Ouro, Pedrão, Penedo, Pragança, Cova da Moura (122), Zambujal (123). Estes cadinhos podem ter forma redonda, oval ou rectangular e, segundo Spindler os estremenhos têm normalmente cerca de 10 cm de comprimento e as paredes variam entre 2 a 3 cm de altura (124).

M. Valls e G. Delibes de Castro (125) pretendem distinguir os cadinhos pré-campaniformes e campaniformes dos da Idade do Bronze (argárico ou valenciano). Os primeiros, de forma oval e paredes grossas, não possuíriam bicos para escorrer o metal, que existiriam nos segundos. Os cadinhos de Las Pozas e La Alameda enquadrar-se-iam bem no primeiro tipo. Embora os autores estejam advertidos, como eles próprios declaram, para a dificuldade inerente às correlações cronológicas a partir apenas de dados formais, parece-nos importante acentuar que não existe neste momento, à nossa disposição, suficiente número de elementos concludentes sobre a variação tipológica deste tipo de recipientes ao longo da Pré-História recente. Não nos custa, no entanto, admitir a *homogeneidade geral dos cadinhos* durante o Calcolítico pré e campaniforme. Não só os poucos dados estratigráficos disponíveis não contradizem tal afirmação, como ela está de acordo com a *continuidade observada nas práticas metalúrgicas de populações calcolíticas pré-campaniformes e campaniformes do Sul da Península* (126). Tal continuidade está, aliás bem expressa na descoberta de cadinhos em forma de calote, decorados segundo a técnica e a organização do campaniforme tipo Ciempozuelos, provenientes do povoado campaniforme de El Ventorro (Madrid) (127).

Alguns recipientes de forma semelhante à dos cadinhos, apresentando sinais de terem sido submetidos a altas temperaturas (ainda que não contenham vestígios inequívocos de metal nas suas superfícies) ocorrem por vezes em povoados calcolíticos. Surge-nos o exemplo recente da existência dum recipiente de contorno sub-elíptico, fundo plano e paredes grossas, proveniente do povoado de El Malagón (Granada) (128).

- Durante grande parte do tempo de ocupação da Vinha da Soutilha (níveis I e II) os vasos foram predominantemente decorados segundo um padrão estilístico bem determinado: *triângulos incisos preenchidos com puncionamentos verticais ou oblíquos, dispostos em sequência horizontal, sob o bordo* (organização II). Por vezes os triângulos são preenchidos exclusivamente com motivos incisos (rectilíneos ou curvilíneos). Uma varian

te deste padrão decorativo inclui a existência de "*chevrons*" *incisos sucessivos, em sequência horizontal, sendo preenchidos com puncionamentos os triângulos situados imediatamente sob o bordo*. Existe uma gama apreciável de variações no que respeita às técnicas utilizadas, embora a organização decorativa seja sempre uniforme, seguindo um padrão linear que repete, em sequência horizontal, o mesmo motivo-base.

No povoado da Vinha da Soutilha esta decoração justapõe-se apenas às *formas comuns a todos os níveis de ocupação*, ou seja, às formas que constituem o núcleo quantitativamente mais significativo dos recipientes (para uso culinário e armazenamento) (formas 1, 2, 3, 4 e 5). Predomina nas formas esféricas (2 e 3).

Este padrão estilístico (não só pela simplicidade de organização, mas também pelas diversas utilizações das técnicas de incisão e puncionamento) ocorre em múltiplos contextos tumulares e habitacionais da Pré-História recente peninsular. Desde as cerâmicas do Neolítico final das grutas andaluzas, até às do Bronze Médio-Final dos povoados e sepulturas do horizonte de Cagotas I na Meseta Norte, este padrão apresenta uma surpreendente sobrevivência cultural. Comparar esta decoração, a nível peninsular, implica um amplo *conhecimento empírico* dos diversos conjuntos cerâmicos em presença. A comparação deve estar atenta, não só a pormenores técnicos intrínsecos à decoração, como à *relação* estabelecida entre esta, a forma e a superfície do vaso cerâmico, no seu conjunto, valorizando nessa analogia a decoração como uma "linguagem" que veicula uma determinada imagem simbólica. Cremos que os vasos da Soutilha decorados segundo o padrão referido apresentam grandes semelhanças com outros integráveis em contextos do *Neolítico final - Calcolítico* presentes em diversas áreas culturais da Península. Em certas regiões tal padrão perdurou para além dos inícios do IIº milénio, em contextos que revelam certo "conservadorismo" ao nível da gramática decorativa aplicada à cerâmica. É o caso do horizonte de Cogotas I, cujo reportório cerâmico do Bronze Médio-Final acusa, segundo Fernandez-Posse, uma acentuada continuidade formal relativamente ao substracto calcolítico e do Bronze inicial que lhe deu origem (129).

A decoração de triângulos incisos preenchidos com puncionamentos, ou, mais raramente, incisões, aparece frequentemente em *cerâmicas de grutas andaluzas*. São significativos os exemplares do estrato VIII - área G de Carigüela del Piñar (130), do estrato V de Cueva del Agua (Alhama) de Cueva de La Mujer (Alhama) e de Cueva del Gato (Bengejân) (131). Inicialmente consideradas exclusivamente neolíticas (132), estas cerâmicas e o seu contexto foram revistos recentemente por M. S. Navarrete Enciso (133). Apoiada na interpretação cronológica do estrato VIII da área G de Cariguela (Bronze I de Pellicer) e em correlações baseadas nas estratigrafias de outras grutas, Navarrete Enciso propõe uma cronologia um pouco mais tardia para a maioria das grutas andaluzas, nomeadamente as que contêm cerâmicas decoradas que nos interessam: Neolítico Final - Calcolítico inicial. As cerâmicas em questão apresentam uma pequena variabilidade morfológica, à base de esféricos, semi-esféricos, taças em calote, ovóides e globulares com o colo estrangulado. São vasos com superfícies normalmente polidas. Recentemente foi ampliado o conhecimento sobre o povoamento destas populações da chamada "cultura das grutas" no âmbito do Sudeste, através do estudo da 1ª fase de ocupação do povoado de "Los Castillejos" de Las Peñas de Los Gitanos (Montefrio, Granada) (134). Apesar de os autores consi

derarem demasiadamente tardia a cronologia proposta por Navarrete Enciso para estratos de grutas andaluzas com cerâmicas decoradas, afirmam que a primeira ocupação de Monte - frio (com cerâmicas incisas e puncionadas paralelizáveis às das grutas) deverá inserir-se num "contexto relativamente antigo do Neolítico tardio" (135). A ocupação deste povoado poderá reflectir (segundo os autores) o início dos primeiros habitats sedentários de ar livre construídos por populações pertencentes ao mesmo horizonte cultural das grutas andaluzas, *o qual deve ter constituído o substrato cultural da Idade do Cobre naquela região.*

Esta constatação afigura-se-nos importante, na medida em que ela vem provar estratigraficamente uma já velha intuição dos Leisner relativamente à origem de certas cerâmicas calcolíticas decoradas: existe uma importante *tradição neolítica de cerâmicas decoradas que influencia diversos contextos calcolíticos peninsulares, sepulcrais ou habitacionais* (136). Neste âmbito se devem interpretar, no Sudeste, os vasos da "tholos" 1 de Loma de las Eras 2 (Almeria) (137) e o da sepultura XXI de Los Millares (138). O segundo, particularmente importante, associa a variante "chevrons" e triângulos com puncionamentos ao motivo "oculado", cabendo dentro da categoria de "cerâmica simbólica" definida pelos Leisner (1951-65). Assinale-se a semelhança deste motivo ("chevrons" e triângulos com puncionamentos) com o que ocorre na Soutilha em numerosos exemplares.

Sem pretendermos ser exaustivos, podemos continuar a citar outros exemplares próximos: o vaso do dólmen de corredor de El Guadalperal (Cáceres) (139), vários recipientes cerâmicos do povoado calcolítico de La Pijotilla (Badajoz) (140), os célebres vasos da Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) (141) e o da "tholos" do Monte do Outeiro (142). Estes últimos, também integráveis segundo os Leisner (1951), dentro do grupo das cerâmicas "simbólicas" (143), são agrupados em duas classes de decorações: - "combinações meramente ornamentais" (quatro vasos de Olival da Pega com triângulos e puncionamentos); - "motivos de significação simbólica" (um vaso de Olival da Pega e outro do Monte do Outeiro, os quais integram também motivos "oculados") (144). É evidente, nesta classificação, a ambiguidade de que se reveste a designação "simbólica, no que diz respeito à cerâmica decorada apenas com triângulos e puncionamentos. Ainda relativamente ao vaso do Monte do Outeiro, assume importante significado a identificação de duas fases tumulares sucessivas, uma pré-campaniforme e outra campaniforme, pertencendo aquele vaso à primeira fase (145). Também no Alentejo são de referir fragmentos de vasos decorados com triângulos e puncionamentos em estratos calcolíticos do povoado do Cerro de S. Brás (Serpa) (146). Outras estações em fase de estudo, no presente momento, nas províncias do Alentejo e Algarve, mas ainda não publicadas, têm fornecido, segundo informação oral dos seus escavadores, recipientes deste tipo.

Ainda antes de nos referirmos a paralelos da Estremadura portuguesa, será de assinalar a notável semelhança entre as diferentes decorações internas do motivo triangular de vasos da Soutilha (Fig. 12, II, c, f; Fig. 27, II, n; Fig. 29, II a; Fig. 26, II, e, f) e as existentes em recipientes do dólmen de corredor de Alcogulo 2 (Cabeço dos Milhares, Portalegre) (147). Trata-se dum motivo de inegável origem neolítica - incisões curvilíneas em forma de "chama" (148). V. Leisner e H. Schubart (149) chamam a atenção para a existência de motivo semelhante num vaso de Orca dos Juncais (Beira Alta) existen

te nos depósitos do Museu Nacional. No entanto, é de assinalar a específica utilização deste motivo (na vertical) em associação com o triângulo inciso, que apenas conhecemos nos vasos de estações do Norte de Portugal.

Na Estremadura, o motivo triangular com puncionamentos encontra-se associado a estratos calcolíticos cuja cronologia nem sempre foi possível determinar com absoluto rigor. Se na Rotura (150) tais vasos estão integrados no estrato II b pré-campaniforme, em Olelas (151), inserem-se na camada A (com campaniforme) do "monumento" nº 1. São também conhecidos vasos com decoração semelhante provenientes dos povoados do Penedo (Torres Vedras) (152) e da Pedra do Ouro (153), ou das grutas do Covão d'Almeida (Eira Pedrinha) (Condeixa), (154), da Galinha e Furninha (155). Será de referir particularmente o achado do vaso de Eira Pedrinha. Trata-se dum pequeno recipiente esférico de bordo esvasado e colo estrangulado, decorado sobre a pança com triângulos e puncionamentos e ainda dois mamilos. Foi encontrado, segundo os autores, na base duma camada que continha tumulações humanas, e na qual também foi detectado um fragmento de cerâmica campaniforme (estilo internacional) (156).

O facto de se tratar de uma camada de tumulações, que podem ter sido feitas ao longo do tempo, não facilita a interpretação cronológica de materiais nela insertos. É, no entanto, de salientar a posição do vaso dentro da camada, na sua parte inferior, o que poderia corresponder ao início das tumulações naquele local. De qualquer forma, o conjunto dos materiais exumados nesta camada, integra-se em geral, no Calcolítico meridional. A maior parte dos exemplos dados até ao momento foram sistematizados por V. Leisner e H. Schubart (1966) (157) num quadro tipológico que pretendia resumir os padrões decorativos da "cerâmica pré-campaniforme" recorrente no Sudoeste (Alentejo e Estremadura). Como é óbvio a comparação de todos os recipientes referidos nesse quadro baseia-se, parcialmente, em *descrições feitas pelos investigadores* que os publicaram e não na análise directa dos testemunhos, o que limita de maneira importante o grau de validade de tais analogias. De certa forma elas são aqui mencionadas mais como uma referência a ter em conta para um futuro trabalho de exaustiva inventariação de todos estes materiais visando uma caracterização das comunidades calcolíticas peninsulares.

Na Galiza tais cerâmicas aparecem em duas estações que forneceram cerâmica campaniforme, mas cuja interpretação estratigráfica é ambígua: Fontenla e Regueiriño (Península de Morrazo, Pontevedra) (158). Em Regueiriño, povoado de encosta, a cerca de 40 m sobre o nível do mar, apenas foi detectado um nível de ocupação, no qual ocorreram entre os materiais cerâmicos mais significativos, vasos campaniformes, recipientes decorados segundo a técnica de Boquique, e vários tipos de puncionamentos simples, entre os quais sobressaem vasos com "chevrons" associados a triângulos preenchidos com puncionamentos, extraordinariamente semelhantes aos da Vinha da Soutilha. Deve, no entanto, notar-se que este povoado foi escavado ao longo do tempo por diversas equipas que utilizaram critérios de registo e interpretação bastante díspares, não sendo de todo fácil assegurarmo-nos da realidade estratigráfica desta estação.

Fontenla, povoado situado numa plataforma em esporão, a cerca de 400 metros sobre o mar, foi escavado inicialmente por A. Costa, o qual detectou dois níveis: o superior, com cerâmica campaniforme e alguns fragmentos decorados com triângulos associa-

dos a puncionamentos; o inferior, que forneceu bolotas carbonizadas, foi datado de 2450 ± 50 a.C. e continha também alguns fragmentos cerâmicos com o mesmo tipo de decoração. Posteriormente Peña Santos realizou novas escavações na estação e detectou dois sub-níveis: em ambos encontrou pequenos fragmentos decorados segundo o padrão mencionado, mas não cerâmica campaniforme. Fica, portanto, por esclarecer a estratigrafia interpretada por A. Costa e, duma forma geral, o posicionamento desta cerâmica no contexto pré-histórico galego.

Na Meseta esta decoração está amplanamente associada a contextos habitacionais calcolíticos (pré-campaniformes e/ou não campaniformes). São já inúmeras as estações que forneceram materiais semelhantes: Las Pozas (Casaseca de las Chanas) (159) Aldeagordillo (Avila) (160), Peña del Bardal (Avila) (161), Mata Leonardo (Barruecopardo, Salamanca) (162), Peña del Aguila de Muñogalindo (Avila), Teso del Moral de Cuelgamures (Zamora) e Fontanillas de Castro (Zamora) (163). Em Teso del Moral esta decoração justapõe-se a vasos dos estratos inferiores.

Dissemos que este padrão estilístico se materializa em triângulos incisos preenchidos com puncionamentos verticais ou oblíquos. Normalmente os puncionamentos oblíquos são individuais, mas *existem alguns casos em que aqueles se unem através dum clássico processo de arrastamento do estilete que se aproxima do "punto en raya" ou da chamada técnica de Boquique* (164). No interior do triângulo desenvolvem-se linhas horizontais definidas por puncionamentos oblíquos arrastados. Esta variante ocorre em todos os níveis de ocupação (Fig.26, II, i; Fig.27, II, o, p, r, u; Fig.22, II e, f, g; Fig. 4 II, a, d, g, o, p; Fig.12 II b, i, m, n, o, u). Não vamos neste momento discutir a origem e desenvolvimento da técnica de Boquique. Adiante desenvolvemos essa problemática. Convém, no entanto, chamar a atenção para algumas linhas de força sobre a cronologia e o âmbito cultural deste tipo de decoração. Recentemente, M.D.Fernández-Posse (165) sintetizou os contextos culturais em que tal técnica decorativa ocorre, demonstrando que tendo uma remota origem neolítica nas grutas andaluzas, ela foi assimilada no interior da Península no âmbito de comunidades calcolíticas e, mais tarde, revalorizada, no contexto de Cogotas I (Bronze Médio-Final da Meseta). É precisamente a sua expressão neolítica e calcolítica que nos interessa aqui realçar. Navarrete Enciso (166) dá-nos conta da presença desta técnica no âmbito do Neolítico final-Calcolítico inicial das grutas andaluzas: Cariguela del Piñar, Cueva de los Botijos (Benalmádena, Málaga), Cueva del Gato (Benaoján, Málaga) e Cueva del Algarrobo (Alozaina, Málaga) (167). Neste âmbito a técnica encontra-se associada ao motivo de "*grinaldas*" que também ocorre na Vinha da Soutilha (apenas a partir do nível intermédio). É interessante, por um lado, verificar que em algumas destas grutas também foi assinalada a presença do motivo triangular, com puncionamentos individuais. Contudo, desde já convém acentuar que a técnica existente nos vasos da Vinha da Soutilha apresenta particularidades: o estilete não apresenta uma extremidade tão ponteaguda, nem o puncionamento arrastado é tão profundo quanto verificado nos exemplares anteriormente citados. Existem mesmo casos em que o puncionamento é muito ténue.

Fernández-Posse (168) chama a atenção para a presença destes "boquiques neolíticos finais" na própria estação epónima (169), nos níveis inferiores de La Vaquera de Torreiglesias (Segóvia) (170), na Cueva de Arenaza I em Biscaia (171) e na estação de Gin

zo de Limia (Orense) (172). Propõe uma cronologia dos começos do IIIº milénio a.C. para o desenvolvimento desta técnica em estações do interior da Península (173).

Será interessante notar que esta investigadora já se apercebera da semelhança desta técnica da Soutilha com as congéneres calcolíticas (174).

Socorro López Plaza, por sua vez, já havia identificado esta técnica no povoado do calcolítico de Peña del Bardal (Avila), conectando-a com exemplares dos níveis inferiores da La Vaquera, Torreiglesias (Segóvia) (175).

Apesar de tudo, não conhecemos paralelos próximos para a associação do motivo triangular com a "técnica de Boquique" em contextos neolíticos ou calcolíticos peninsulares. Trata-se de mais um regionalismo estilístico específico do Norte de Portugal e particularmente abundante nesta estação.

Se tentarmos articular este padrão estilístico com as formas reconstituíveis e tipos de estações onde ocorrem tais recipientes, constatamos o seguinte: - estão excluídas em qualquer contexto conhecido as taças baixas ou os pratos; - nas *sepulturas* existem diversos tipos morfológicos que inserem esta organização decorativa: - em Loma de Las Eras (Almeria), são *bicónicos altos de fundo convexo*; na sepultura XXI de Los Millares é um recipiente *sub-cilíndrico* de fundo plano; na "tholos" do Monte do Outeiro é um vaso de *paredes côncavas e fundo aplanado* (lembra um "copo" achatado, integrando-se preferencialmente no grupo 8 de G. e V. Leisner, (176); em Olival da Pega, são *esféricos altos, ou achatados com marcação do colo e bordo esvasado*; em Guadalperal trata-se dum provável *esférico de bordo exvasado*, em Eira-Pedrinha, num contexto provavelmente sepulcral, trata-se dum *esférico de colo muito marcado* - nos *povoados* onde é possível determinar a forla geral de alguns dos vasos (Penedo, Olelas, Regueiriño, Soutilha, Teso del Moral) predominam os *esféricos* (com ou sem colo marcado) e os *semi-esféricos*. Contudo, dada a fragmentação destes materiais e a falta de publicação de inventários exaustivos, esta constatação é obviamente provisória.

Parece, no entanto, ser possível desde já afirmar o carácter trans-regional deste padrão decorativo, durante todo o IIIº milénio a.C. (e eventualmente inícios do IIº), inserto nos mais variados contextos regionais, justaposto a vasos de uso comum e funerário, de certo veiculando sentidos múltiplos e exprimindo níveis de interacção social de muito diversa complexidade. É, na verdade, *o único padrão decorativo comum a recipientes integrados em regiões culturais tão afastadas como o Sudeste, a Estremadura portuguesa, a Meseta e o Noroeste peninsular.*

- O segundo padrão decorativo da Vinha da Soutilha mais utilizado (o mais abundante durante a última fase de ocupação) é o *dos motivos incisos geométricos* separados *por meio de traços incisos verticais (métopas)* (organização I). Corresponde, como já foi acentuado, a um modelo estilístico totalmente diferente do anterior, na medida em que o *espaço decorado é sincopado* através das métopas, que valorizam a alternância e oposição entre zonas verticais e zonas horizontais. Esta alternância pode complexificar-se através da hierarquização dos próprios motivos separadores, gerando-se uma mais ampla "fragmentação" do desenho.

Os motivos separados pelas métopas são constituídos por linhas oblíquas, reticulados, linhas quebradas verticais ou horizontais, losangos, triângulos, punciona-mentos ou linhas curvilíneas. Além dos motivos separadores verticais, ainda ocorrem, normalmente em todos os exemplares, linhas incisas horizontais paralelas ao bordo, que o separam da sequência decorativa existente na parte média do recipiente. Em alguns casos (raros), linhas incisas horizontais delimitam o espaço decorado na base do vaso.

Apesar da gama variada de desenhos integrados nesta organização, o padrão dicotómico subjacente determina uma certa homogeneidade "visual" do conjunto.

No povoado da Vinha da Soutilha esta decoração associa-se às *formas esféricas, semi-esféricas ou em calote* (1, 2, 3, 4 e 6), estando ausente da forma ovóide 5. Ou seja, encontra-se mais restringida a recipientes de uso doméstico ou quotidiano, particularmente às formas esféricas 2 e 3 (vasos de tamanho médio para ir ao lume e/ou conter alimentos ou água).

Este padrão estilístico apresenta um *forte carácter regional*, embora articule técnicas e motivos presentes em contextos calcolíticos meridionais, particularmente desenvolvidos na Estremadura portuguesa.

Do ponto de vista da *técnica decorativa*, os recipientes decorados segundo este modelo, articulam-se "grosso modo", com os dos povoados calcolíticos estremenhos integrados na categoria geral de "*cerâmica canelada*" (177).

Na verdade, V. Leisner dividira a chamada cerâmica "canelada" em cinco grupos: 1 - *finas caneluras* sob o bordo dos vasos (linhas horizontais); 2 - como variante do grupo anterior, as caneluras expandem-se até à parte média do vaso (linhas horizontais, seguidas de linhas quebradas horizontais ou de reticulado); 3 - caneluras horizontais paralelas ao bordo seguidas de "espinha de peixe" horizontal ou com mudança de direcção; este tipo pode também ocorrer no interior dos vasos; 4 - caneluras horizontais associadas a impressões em forma de folíolos ou de cruzes; 5 - finas caneluras associadas a motivos geométricos brunidos ("copos").

Independentemente dos motivos referidos, interessa salientar que sob a designação de "cerâmica canelada" estavam reunidos vasos com sulcos incisos de diversa profundidade e largura, de muito diferente qualidade quanto às pastas e superfícies.

Spindler e Trindade procuraram sistematizar melhor a cerâmica decorada (não campaniforme) do Penedo (178) ao agrupá-la em "cerâmica decorada com sulcos" e "cerâmica decorada com incisões". Dentro do primeiro grupo ainda consideraram em três variantes (sulcos profundos, médios e pouco profundos). Estava ausente deste esquema a chamada "cerâmica de importação" que incluía vasos finos incisos ou brunidos. C.T.Silva seguiu em 1971 o mesmo objectivo ao apartar a cerâmica decorada da Rotura (não campaniforme) em diversos tipos principais: a punção fino, a punção rombo, "folha de acácia" e "crucífera" (estampilhada) e canelada (179).

Sangmeister e Schubart também, recentemente, caracterizaram a cerâmica decorada do Castro do Zambujal em três tipos principais: - cerâmica com motivos brunidos ("ce

râmica de importação"); - cerâmica de paredes espessas decorada com sulcos profundos e incisões; - cerâmica campaniforme. A cerâmica com "sulcos profundos e incisões" associa-se, nesta estação, a recipientes com superfícies predominantemente alisadas de cor castanho-avermelhada, de forma esférica (180).

Trata-se, em todos estes casos, da utilização da técnica de incisão com estilete de extremidade fina ou romba em pasta ainda fresca, definindo sulcos de largura e profundidade variável. Do ponto de vista organizativo esta cerâmica "canelada" apresenta um traço comum: o bordo é destacado ou separado da pança através de *sulcos horizontais paralelos àquele*. Aliás, esta última característica é também habitual em muitos recipientes com decoração brunida ou incisão fina ("copos").

Contudo, se do ponto de vista da associação da técnica decorativa, pasta e superfície os recipientes decorados segundo a organização I da Vinha da Soutilha se aproximam genericamente duma categoria de recipientes tão expandida, fundamentalmente em povoados calcolíticos da Estremadura, do ponto de vista da específica articulação dos motivos *num padrão contrastante metopado*, já os mesmos se afastam da maioria dos vasos daquele contexto regional.

O padrão metopado que associa sulcos horizontais paralelos ao bordo e sulcos verticais separadores de diversos motivos geométricos (reticulados, linhas oblíquas, linhas quebradas verticais ou horizontais, losangos) encontra apenas paralelos próximos em dois tipos de recipientes também existentes em contextos calcolíticos peninsulares: o primeiro desses tipos de recipientes é constituído pelos *pequenos vasos de osso ou gesso decorados* existentes no povoado de Vila Nova de S. Pedro, na "tholos" de Pai Mogo, na "tholos" de S. Martinho de Sintra (na Estremadura) e no sepulcro "Moreno 3" da necrópole megalítica de Fonelas (Granada) (181). Em todos estes casos, *métopas* separam quer reticulados, linhas oblíquas ou triângulos (Vila Nova ou Pai Mogo), quer linhas quebradas horizontais (Vila Nova de S. Pedro) ou faixas sem decoração definidas por sulcos verticais alternando com reticulados (Fonelas). Neste último caso, o espaço decorado é delimitado junto ao bordo e junto à base por sulcos horizontais. De forma menos nítida o *padrão metopado* também se encontra insinuado em alguns dos chamados "*copos*" provenientes de contextos calcolíticos estremenhos: assim, em exemplares do Zambujal (182), Alapraia e Palmela (183), linhas oblíquas são separadas por uma única linha incisa vertical (motivo separador menos contrastante). No caso dos recipientes do Zambujal, este modelo está associado a sulcos horizontais paralelos ao bordo, os quais se repetem, num vaso, em torno da base.

Entre a cerâmica comum do Penedo encontra-se desenhado um exemplar decorado com sulcos paralelos ao bordo e uma faixa sem decoração, alternada com bandas delimitadas por linhas incisas verticais, preenchidas com linhas incisas horizontais (184). Este exemplo adverte-nos para a possibilidade de existirem mais recipientes decorados segundo este modelo em outras estações pertencentes ao mesmo contexto cultural. A falta de publicação de inventários provenientes de povoados calcolíticos da Estremadura dificulta-nos mais uma vez a possibilidade dum estudo comparativo minimamente consistente.

É óbvio que a posição cronológica destes recipientes terá um interesse mui-

to limitado para a inserção cronológica dos recipientes da Vinha da Soutilha. Mesmo que se provasse que a eventual existência de qualquer elo simbólico de ligação entre as comunidades calcolíticas de ambas as regiões se reflectia na gramática decorativa dos vasos cerâmicos, o seu específico desenvolvimento no tempo poderia não ser sincrónico.

Apesar de tudo, convém lembrar que se os chamados "copos" parecem ocorrer no Calcolítico inicial da Estremadura, em estratos pré-campaniformes, por exemplo no estrato II b da Rotura, ou na ocupação mais antiga de Vila Nova de S. Pedro (185), os vasos de osso e gesso citados têm um posicionamento cronológico mais ambíguo adentro do Calcolítico peninsular.

Os de Vila Nova de S. Pedro foram associados, embora sob reserva, à fase de Vila Nova I em 1960 (186). Contudo, A. Paço, em 1964 (187), já os inseria, juntamente com o campaniforme, na fase Vila Nova II. Na "tholos" de Pai Mogo (Lourinhã), e apesar das condições estratigráficas existentes no interior do sepulcro colocar m grandes problemas de interpretação cronológica, *vasos em osso decorados* foram genericamente integrados na 2ª fase de utilização da "tholos" (nível III), considerada também pré-campaniforme (188). Na "tholos" da Praia das Maçãs, vasos em osso decorados foram registados entre o espólio considerado homogéneo, proveniente de estratos intactos, pré-campaniformes (189). Contudo, e apesar de todos estes indícios, não existem provas irrefutáveis de que os conjuntos funerários e/ou habitacionais do Calcolítico imediatamente pré-campaniforme de tipo Los Millares/Vila Nova S. Pedro, não tenham persistido, em determinados contextos, em fases seguintes, como nos sugere B. Blance (190). Esperemos que a publicação dos materiais do Zambujal venha colmatar parcialmente todas estas questões sequenciais.

Duma forma mais ampla poderíamos dizer que o padrão metopado simplificado também ocorre em determinados vasos com decoração "simbólica" da província de Almeria: assim, acontece nos vasos com "decoração oculada" dos monumentos de falsa cúpula de Los Millares 15 e Los Millares 4, ou em recipientes de Los Millares 8 e Vélez Blanco (191). É claro que os motivos separadores nestes recipientes são *menos marcados* do que nos da Soutilha ou nos anteriormente mencionados: trata-se, apenas, de uma linha incisa vertical que autonomiza bandas complexas, compostas de linhas quebradas horizontais ou verticais, bandas de pontos, etc. Saliente-se, no entanto, o exemplar de Vélez Blanco, pelas semelhanças que apresenta com o vaso decorado da Vinha da Soutilha (192). No caso do recipiente da estação de Chaves, abaixo duma linha incisa que sublinha o bordo, desenvolve-se uma sequência de linhas quebradas incisas horizontais e linhas incisas curvilíneas separadas por três ou cinco linhas incisas rectilíneas verticais (métopas). As linhas curvilíneas podem interpretar-se como o esboço duma forma "antropomórfica" em uma das bandas e como correspondendo à estilização das sobrancelhas e tatuagem facial duma "face oculada" na outra banda. O vaso de Vélez Blanco é mais simples, pois a sequência é mais repetitiva: uma banda de linhas incisas quebradas horizontais alterna com outra onde estão inscritos diversos triângulos invertidos de vértice unido que parecem também estilizar a figura humana. Estas bandas apenas são separadas por uma linha incisa vertical.

Em ambos os casos a figura humana estilizada alterna com linhas incisas quebradas horizontais. Aliás, este último motivo (quer disposto na horizontal quer na ver-

tical) é habitual na cerâmica "simbólica", nos ídolos cilíndricos decorados de calcário, e nos ídolos-falange, por exemplo de Almizaraque (193). É precisamente nestes últimos que as sobrancelhas e a tatuagem facial se encontram mais acentuadas, através da sua marcada repetição ornamental.

Assim, podemos chegar às seguintes hipóteses - *o esboço da face oculada* (materializada na estilização das sobrancelhas e tatuagem facial) *e da figura humana*, encontra-se associado no mesmo vaso ao *padrão metopado*; - *este padrão metopado*, constituído por linhas incisas verticais que separam e destacam as várias bandas decoradas, *é particularmente representativo dos vasos da Vinha da Soutilha* (e também dum número significativo de estações do Norte de Portugal); - existe na Soutilha uma *simbiose formal entre o esboço do motivo "oculado" e o padrão metopado referido* que pode indicar uma genérica contemporaneidade dos dois "estilos".

Tal como outros elementos da cultura material chamada "pré-campaniforme", dos contextos calcolíticos do Sul da Península, a "cerâmica simbólica" tem uma posição cronológica ainda bastante ambígua ou não totalmente esclarecida. Dedicaremos a este tipo cerâmico um comentário desenvolvido quando nos referirmos ao belo exemplar da estação de S. Lourenço (Chaves) aparecido durante recentes escavações realizadas naquele povoado.

Por ora, e voltando ao *modelo estilístico metopado*, devemos salientar uma diferença marcante entre os contextos meridionais e o da Vinha da Soutilha: este modelo surge no Sul da Península em *vasos de uso excepcional*, quer relacionados com a função funerária, quer, nos povoados, com uma utilização afastada das práticas de uso corrente; na Soutilha ele está associado fundamentalmente a recipientes relacionados com *funções de uso comum, no seio de unidades domésticas*.

No Norte de Portugal, como desenvolveremos adiante, o padrão metopado ocorre em estações do mesmo âmbito da Vinha da Soutilha, quer em Trás-os-Montes, na região de Chaves e Valpaços, quer, no Minho, na Serra da Penha, ou em estações litorais. Na Galiza foram identificadas cerâmicas deste tipo, em contexto megalítico, nas mamoas de Lobeiras (Orense) (194), e em povoados de encosta, em Mesa de Montes e Lavapés (Pontevedra) e na Illa de Barxés (Orense) (195). A estação de Lavapés (Hio, Cangas de Morrazo, Pontevedra) (196) é particularmente importante: trata-se dum povoado, a cerca de 15 m sobre o mar, no qual foram detectados dois níveis: o inferior com alguns fragmentos decorados com incisões e puncionamentos arrastados e o superior com abundantes fragmentos de cerâmicas incisas metopadas. Neste último nível de ocupação foram ainda identificadas duas lareiras e "agrupaciones de piedras colocadas de manera intencionada..." (p.76). Uma amostra de bolotas carbonizadas associadas a uma das lareiras referidas forneceu a data de C.14: Gak-11188 : 3920 ± 120 B.P. = 1980 a.C..

Entre os motivos das cerâmicas do nível superior de Lavapés contam-se alguns muito semelhantes aos da Vinha da Soutilha.

Outras organizações decorativas dos recipientes cerâmicos da estação de Cha

ves aproximam-se indirectamente da organização metopada. Referimo-nos às organizações X, XIII e XIX: sob o bordo desenvolvem-se *linhas incisas paralelas a ele, seguidas de linhas quebradas horizontais ou verticais ou de reticulado*. No caso da organização X, as linhas quebradas horizontais podem formar losangos e triângulos de diversos tipos. A aproximação destas decorações relativamente à metopada é possível devido não só à predominância da *mesma técnica decorativa* nos diversos tipos de recipientes, mas também pela *semelhança dos motivos nucleares*. A organização metopada apenas destaca, através das linhas verticais separadoras, os mesmos motivos que aparecem isoladamente e em sequência linear horizontal nas restantes organizações. Tal como a organização I, estas organizações aumentam da ocupação intermédia para a recente.

Ora, se analisarmos pontualmente os motivos nucleares de todas estas organizações (linhas quebradas horizontais ou verticais, linhas oblíquas, reticulados, triângulos e losangos) verificamos que eles fazem parte do reportório das cerâmicas comuns decoradas calcolíticas, particularmente, da Estremadura portuguesa (197). Contudo, nestas cerâmicas, a organização subjacente não é metopada, mas desenvolve-se quer em *sequência horizontal simples* (por exemplo, uma zona de linhas quebradas verticais sobre a pança), quer em *sequência horizontal aditiva* (espaços ou zonas com motivos geométricos são separados horizontalmente por sulcos paralelos ao bordo).

Não procuraremos a exaustividade na enumeração de paralelos para as organizações da Soutilha. Referiremos apenas exemplos demonstrativos duma comparação formal possível.

A organização X tem, por exemplo, paralelos nas grutas de Palmela (198), no dólmen de Casainhos (199), no Castro de Vila Nova de S. Pedro (200), ou na "tholos" do Monge (201). Destaque-se o paralelismo entre um dos vasos desta última estação (202) e vários recipientes da Soutilha (Fig.13 X j). Saliente-se também a semelhança entre algumas decorações de recipientes de osso (203) e de "copos" (204) de Vila Nova de S. Pedro e as que constituem a organização X da Vinha da Soutilha. A XIII encontra-se bastante difundida na Estremadura: ocorre em povoados como Outeiro da Assenta, Rotura, Olelas, Vila Nova de S. Pedro, Zambujal ou Penedo ou em grutas como Furninha, Carvalhal ou do Rio Almonda (205). É evidente que estas comparações têm apenas um valor aproximativo geral, dado que desconhecemos em muitos casos o contexto estratigráfico dos materiais e, por outro lado, são bem conhecidas as sobrevivências cronológicas de determinados motivos. As linhas quebradas verticais são um bom exemplo da persistente perduração cronológica e variada integração regional. Podendo ter origem em decorações incisas neolíticas (ocorrem em contextos considerados do Neolítico final de grutas andaluzas) (206), podem associar-se a recipientes insertos em monumentos megalíticos - por exemplo, Orca dos Padrões (207) - em grutas de cronologia neolítica como Furninha (208) ou, também, em estratos calcolíticos de povoados da Estremadura. Nestes, as linhas quebradas verticais (como, de resto as horizontais) podem ser descontínuas, sendo representadas incisões curtas, de profundidade variável, que se assemelham a "folíolos". C.T.Silva caracterizou três variantes do que se convencionou chamar "folha de acácia" em recipientes do castro da Rotura (209). São bem conhecidos, por exemplo, os vasos com decoração em "folha de acácia" do Castro do Zambuja (210) ou do Penedo (211). Alguns exemplares da Soutilha aproximam-se desta variante:

Fig.4, X c. Aliás, o motivo "foliáceo" aparece inserto tanto na organização II (Fig.2, II d) como na organização I (Fig.22,I h), como ainda na organização IV (Fig.4, IV g), que ainda não referimos. A sua associação com outros motivos presentes em diversas áreas culturais, estabelece mais um elo de conexão formal entre a estilística cerâmica de várias regiões peninsulares durante o período de tempo considerado. Por outro lado, como observámos anteriormente, o motivo das linhas quebradas horizontais ou verticais articula-se preferencialmente com a simbologia da figuração humana em artefactos de conteúdo expressamente simbólico (cerâmica e ídolos). Bastante significativa é a associação com caneluras paralelas ao bordo em pequenos vasos de osso do castro de Vila Nova de S. Pedro (212) ou em "copos" do mesmo povoado (213).

Será interessante assinalar que, tal como o padrão triangular, o padrão linear de linhas quebradas horizontais ou verticais (sob a forma de incisões contínuas ou descontínuas) encontra-se disseminado por vários contextos peninsulares. No povoado calcolítico de La Pijotilla (Badajoz) (214) ele ocorre juntamente com outros motivos incisos ou impressos de marcada semelhança com os existentes em contextos semelhantes da Meseta ou do Norte de Portugal (triângulos incisos com puncionamentos, bandas horizontais "penteadas", "pastilhas", etc.). Na Meseta Ocidental, está documentado em recipientes comuns dos povoados de Las Pozas, Cerro del Ahorcado, El Pedroso e Picón del Rey (215). No Norte de Portugal, tem ampla expansão em estações afins da da Vinha da Soutilha, como desenvolveremos adiante.

Finalmente, a organização XIX (uma zona de *reticulado* sobre a parte média do vaso, em alguns casos delimitada junto ao bordo por incisões ou caneluras horizontais paralelas a este) apresenta também ampla expansão peninsular. No Sudeste ocorre em vasos incluídos em monumentos megalíticos: La Sabina e Los Castelones, em Rio de Gor, Los Llanillos (Fonelas) e Meseta del Mudo (Almeria) (216).

Na Estremadura é um motivo habitual dos vasos de osso, existentes quer em contextos sepulcrais, quer habitacionais: Praia das Maçãs, Pai Mogo, Samarra, Lapa do Bugio, Vila Nova de S. Pedro (217). Também ocorre isoladamente ou em associação com outros motivos em recipientes comuns dum elevado número de estações estremenhas como Pedra do Ouro Vila Nova de S. Pedro, Zambujal, Penedo, Olelas, Leceia, Penha Verde, Outeiro de S. Mamede, Castro da Fórnea, "tholos" do Monge, "tholos" da Praia das Maçãs, entre as mais significativas (218). No Noroeste peninsular está intimamente *ligado ao padrão metopado* que ocorre em estações do Minho e Trás-os-Montes, em Portugal, e de Pontevedra e Orense, na Galiza.

Assinale-se a sua ausência do reportório cerâmico dos povoados calcolíticos da Meseta. Apenas em Cerro del Ahorcado foi registado um fragmento em que esta decoração está associada a uma banda em zig-zag preenchida com linhas incisas verticais (219).

Se quisermos analisar a *relação entre a forma dos vasos, padrão decorativo, e contexto arqueológico em que ocorrem*, verificamos que, em qualquer área cultural do Sul da Península, os modelos estilísticos referidos (organização I, X, XIII e XIX) se justapõem a recipientes quer de *uso comum*, quer de *uso funerário*, quer de *utilização menos corrente no âmbito do uso doméstico*. Se o padrão metopado se articula exclusivamente com

recipientes de utilização excepcional (vasos de osso ou "copos") os *motivos* que lhe estão associados (linhas quebradas horizontais ou verticais e reticulados) podem aparecer sob diversas formas em vasos que devem ter cumprido as mais diversas funções, se atendermos aos vários *contextos* em que foram documentados e, a sua *forma*, *dimensão* e *distribuição espacial no interior de cada unidade habitacional*. Infelizmente não possuímos muitos dados sobre estas últimas características, dada a ausência quase total de publicações sobre conjuntos provenientes de povoados. Em todas estas áreas, os *vasos decorados de uso comum* têm formas predominantemente esféricas ou semi-esféricas e, em muitos casos, incluem bordo esvasado e estrangulamento do colo. Em qualquer contexto peninsular, as organizações agora enunciadas para os recipientes da Vinha da Soutilha não se inserem habitualmente em taças baixas ou pratos, tal como já havíamos salientado a propósito da decoração triangular (II). Esta constatação é obviamente provisória, dependendo a sua validação da exaustiva inventariação dos materiais cerâmicos existentes em contextos sepulcrais e habitacionais das várias áreas referidas.

Poderíamos sintetizar este já longo exercício de comparativismo estilístico dizendo que, na Vinha da Soutilha, convergem em *formas esféricas ou semi-esféricas de provável uso doméstico*, padrões e motivos decorativos que, em outras áreas da Península, particularmente na Estremadura portuguesa, se encontram dispersos por *formas semelhantes, mas de uso quer doméstico, quer funerário*. No primeiro caso ainda se incluem recipientes de uso comum (vasos de ir ao lume, para conter alimentos, etc.) e de utilização menos corrente (recipientes em osso ou os chamados "copos"). Contudo, do ponto de vista das técnicas decorativas utilizadas, é importante acentuar o paralelismo entre os recipientes da Soutilha e os dos povoados da Estremadura, paralelismo que continua a verificar-se ao nível de algumas organizações decorativas e, sobretudo, ao nível da construção de determinados motivos nucleares. O que é surpreendente na Soutilha (como, de resto em outros povoados similares) é o desenvolvimento quantitativo e qualitativo de determinados modelos decorativos que são minoritários em outras áreas culturais peninsulares. Não só esses padrões são executados em cerca de 80% dos recipientes do povoado, como eles revelam, em muitos casos, uma complexificação do modelo subjacente, pela introdução de elementos contrastantes que diluem o motivo de base numa "gramática" mais invasora. O padrão metopado em si mesmo exemplifica de forma cabal esta explícita necessidade de compartimentar o espaço operativo oferecido pela parede do vaso.

- Na Vinha da Soutilha, há um padrão estilístico que ocorre desde o início da ocupação e que permanece, do ponto de vista quantitativo, praticamente inalterável ao longo do tempo: trata-se da organização IV, ou seja, *simples linhas horizontais paralelas ao bordo constituídas predominantemente por puncionamento e impressões*. Existe uma variedade considerável de puncionamentos e impressões: de forma circular, triangular, em S; actuados verticalmente, obliquamente; isolados ou unidos através dum processo de arrastamento que se assemelha ao "punto en raya" ou técnica de Boquique. Este padrão decorativo associa-se às formas 1, 2, 3, 4, 5 e 7, mas predomina largamente nas formas esféricas, particularmente na 3, em qualquer dos níveis de ocupação.

Trata-se dum modelo muito simples, cujas origens, tal como de outros modelos já por nós mencionados, podem remontar ao Neolítico. Nas grutas andaluzas de Carigüela

ou Cueva del Agua encontram-se motivos organizados de forma semelhante (220). No povoado de "Los Castillejos" de Montefrio (221) estão insertos em recipientes provenientes de estratos da 1ª fase, ou seja, do Neolítico final. Nos povoados neolíticos da região de Sines, particularmente em Vale Pincel I e Salema, as cerâmicas decoradas apresentam preferencialmente puncionamentos oblíquos junto ao bordo (222). Em vários monumentos megalíticos alentejanos encontramos cerâmicas com esta decoração: Olival da Pega (223), Anta da Oliveira (224), Anta Grande da Ordem (225), Anta 3 da Casa Branca (226). Também se encontra documentada em vasos de monumentos megalíticos da Beira Alta: Orca da Sobreda, ou Orca dos Castenairos (227). V. Leisner e H. Schubart (1966) sistematizaram ainda este padrão nos castros de Outeiro da Assenta, Olelas, Parede, nas grutas do Rio Almonda, Casa da Moura, etc. (223). Muitas destas decorações são já indubitavelmente calcolíticas, aparecendo normalmente em estratos pré-campaniformes das estações estremenhas. Nos povoados calcolíticos do SO da Meseta esta decoração é bastante abundante, ocorrendo em Peña del Aguila (Ávila), Peso del Moral (Zamora), Alto del Quemado (Ávila) e Peña del Bardal (Ávila) (229). Tal como outras decorações, parece poder afirmar-se que se encontra associada, em muitos exemplares, a formas esféricas ou semi-esféricas, com ou sem colo acentuado.

Saliente-se a presença na Soutilha dum recipiente decorado segundo esta organização, com puncionamentos oblíquos formando motivos em forma de "folíolos" curtos (Fig. 4, IV g). Este motivo já havia ocorrido, integrado nas organizações I, II, X e XIII.

- Existem na Soutilha *duas organizações* intimamente ligadas pelas técnicas e motivos decorativos, que têm a máxima representatividade *na última fase da ocupação do povoado*: trata-se das organizações VII e XIV, as quais usam a impressão "penteada" formando bandas curvilíneas paralelas ao bordo sobre a pança do vaso. Na organização VII a banda é apenas constituída por linhas curvilíneas juntas ou separadas, na XIV, a banda assim formada é também delimitada na parte superior por uma faixa de linhas rectilíneas paralelas ao bordo. Existem alguns exemplares nos quais a banda é delimitada ainda por uma faixa de linhas rectilíneas horizontais em torno da base (Fig.12, XIV, c).

A decoração "penteada" ocorre na Soutilha nas formas 1, 2, 3, 4, 5 e 6, mas predomina largamente na 3 e na 4, ou seja, em semi-esféricos e calotes de esfera.

Embora a decoração "penteada" possa inserir-se em contextos neolíticos, de estações levantivas (230) ou do litoral alentejano (231), exprime-se de forma diversa em conjuntos cerâmicos calcolíticos espalhados por diversas áreas culturais peninsulares. Assim, no povoado de La Pijotilla (Badajõz) (232) ocorrem diversas organizações "penteadas" em níveis pré-campaniformes, algumas das quais se articulam com a VII e a XIV da Vinha da Soutilha. Na Estremadura conhecem-se alguns exemplares provenientes da Rotura (233), de Vila Nova de S. Pedro (234), da gruta da Casa da Moura (235), das grutas do Rio Almonda (236) e do povoado do Penedo (237). Nesta estação, num vaso esférico, de bordo reentrante, a decoração é constituída por linhas de puncionamentos paralelos ao bordo, seguidas de zonas "penteadas", alternando com zonas sem decoração. Foi considerada "pura técnica cardial" (238), embora os autores do artigo a encarassem como exemplo da sobrevivência das técnicas de cerâmicas impressas neolíticas (239).

Na Meseta, a cerâmica "penteada" está bem representada em povoados como El Teso del Moral (Zamora), Cerro del Ahorcado de Madridanos, Las Pozas, El Canchal de Peleas de Abajo (Zamora) e Alto del Quemado (Ávila) (240).

Nos povoados escavados, S. López Plaza não detectou nenhuma associação significativa desta decoração com qualquer nível de ocupação.

Na Galiza pudemos observar directamente, no Museu de Orense, fragmentos de cerâmicas "penteadas" provenientes de prováveis povoados similares aos da Meseta e Norte de Portugal, como As Pipileiras (Orense) e Illa de Pazos (Barxés, A Limia, Orense). Por outro lado, é de registar a presença dum vaso de perfil acampanulado com decoração "penteada" proveniente de uma mamoa de Gândaras de Budiño (Porriño Pontevedra), integrada por Harrison (1977) e F. Criado Boado e J.M. Vázquez Varela (1982) no conjunto de cerâmicas campaniformes da Galiza (241).

Em resumo, a decoração "penteada" calcolítica, embora menos abundante, faz parte de vários repertórios cerâmicos peninsulares, acompanhando outras decorações já mencionadas, como as expressas nas organizações II, X, XIII e XIX da Vinha da Soutilha. Contudo, adentro do Calcolítico, não é possível articulá-la, na maior parte das estações onde ocorre, com qualquer contexto cronologicamente já identificado, salvo, evidentemente, nos povoados estudados neste trabalho e em La Pijotilla. Na Soutilha (como nas outras estações analisadas), a decoração "penteada" justapõe-se a vasos da ocupação mais recente, ou seja, provavelmente dos finais do IIIº milénio a.C.. Como veremos a propósito de outras estações, esta técnica decorativa vai talvez ser utilizada no Norte de Portugal como elemento assimilador dos modelos estilísticos campaniformes, quer pela imitação de motivos e padrões campaniformes, quer pela sua associação a uma forma tipicamente campaniforme.

- A organização IX ("grinaldas" sob o bordo, definidas por puncionamentos arrastados) ocorre na Soutilha, a partir do nível intermédio, em formas esféricas (1 e 2). Como já tivemos ocasião de afirmar a propósito da organização II, esta organização, quer pela técnica, quer pelos motivos e sua disposição sequencial, aproxima-se muitíssimo de outras existentes em contextos cerâmicos do Neolítico final-Calcolítico inicial das grutas andaluzas (242). Contudo, esta técnica e este padrão perduraram em contextos calcolíticos plenos, como no estrato VI (fase IV) do povoado de "Los Castillejos" de Montefrio (Granada), onde foi exumada (juntamente com cerâmica campaniforme) uma taça decorada segundo o que se pode designar uma técnica semelhante à de "punto en raya" de tradição neolítica (243). Esta mesma técnica foi identificada num fragmento cerâmico de Peña del Bardal (Ávila) (244). Recentemente Fernandez-Posse (245) reviu a problemática cronológica da "técnica de Boquique", com vista à delimitação das técnicas decorativas de Cogotas I, propondo a aceitação dum grupo cerâmico calcolítico na Meseta, que se terá desenvolvido durante a primeira metade do IIIº milénio a.C.. Este fundo local constituiria a origem remota do Boquique do Bronze Médio-Final da Meseta, embora ficasse por explicar o vazio que se instalaria durante cerca de, pelo menos, mil anos.

- Outras organizações ocorrem na Soutilha: aparecem em poucos exemplares e são muito simples. Os melhores paralelos ainda surgem na Meseta (246): a XI apresenta

algumas semelhanças em Teso del Moral e Alto del Quemado, a XII poderá associar-se à decoração de exemplares de Teso del Moral. Não vemos, no entanto, vantagem em prosseguir este estudo comparativo com base em organizações que quase não têm expressão quantitativa e, por outro lado, correspondem a modelos de expansão marcadamente local.

- Resumamos as principais linhas de força sobre a comparação possível entre as cerâmicas da Vinha da Soutilha e as de outras regiões peninsulares, durante o IIIº milénio a.C.:

. Verifica-se uma nítida oposição entre os repertórios cerâmicos peninsulares, considerados no seu conjunto, e os do povoado em estudo, no que respeita a percentagem global das cerâmicas decoradas: na Soutilha predominam as decoradas em cerca de 80%, precisamente o inverso do que acontece nos outros contextos calcolíticos conhecidos, em que estas apenas ocupam um lugar entre 15% a 20% da percentagem geral.

. Os tipos morfológicos predominantes da Soutilha - esféricos, semi-esféricos e calotes altas - aproximam-se dos existentes em contextos similares da Meseta e distanciam-se dos meridionais, onde têm mais importância os pratos e as taças baixas.

. As decorações justapõem-se nos vasos da Soutilha preferencialmente às formas esféricas (1, 2, 3), de *uso provavelmente doméstico*. Não conhecemos contextos funerários correspondentes e, portanto, ignoramos se os vasos decorados existentes no povoado se excluíam ou não das sepulturas suas contemporâneas; em outras áreas peninsulares, a decoração associa-se a recipientes quer de uso doméstico (comum ou menos corrente), quer funerário. Mas, em regra, também são as formas semi-esféricas, esféricas, bicónicas ou taças altas que integram a decoração.

. Na Soutilha ocorrem padrões estilísticos que têm não só uma muito provável *origem neolítica*, como têm *paralelos em muitos contextos peninsulares*. As organizações II, X e XIII estão neste caso. No entanto integram, normalmente, um elemento abundantemente representado no Calcolítico: linhas incisas horizontais paralelas ao bordo separam-no do resto da decoração. Outras organizações, embora possam ter uma *origem neolítica* (IX), *incluem-se num menor número de estações conhecidas*. Por sua vez, existem organizações na Vinha da Soutilha que se podem considerar como *criações calcolíticas*, obedecendo a *modelos quer de expressão trans-regional* (I, VII, XIV, XIX), *quer local* (XVI, XVIII, XI, XII, XX).

. O padrão metopado (organização I) deve ser observado como uma criação da região (e em geral, também do Norte de Portugal e Galiza) na medida em que adopta (com algumas modificações importantes), para recipientes de uso doméstico corrente, um modelo excepcional em contextos meridionais, o qual só aparece ali em vasos de uso funerário ou eventualmente doméstico, mas pouco comum.

. Mas este padrão articula *motivos* que, isoladamente, ocorrem nos repertórios das *cerâmicas comuns dos povoados da Estremadura* - a chamada cerâmica "canelada" - - motivos, aliás, também insertos nas organizações X e XIII. A cerâmica "canelada", nesta região litoral, encontra-se preferencialmente associada a *contextos habitacionais*. Os

vasos dos sepulcros de S. Martinho de Sintra e do Monge fogem a esta regra, na medida em que o primeiro integra cerâmica decorada com "folha de acácia" e o segundo, cerâmica "canelada" com motivos em "espinha" e reticulado (247). Mas, em regra, esta cerâmica predomina em *povoados* como Rotura, Zambujal, Vila Nova de S. Pedro, Pedra do Ouro, Penedo, Outeiro da Assenta, Olelas, Chibanes, etc.. Este facto é sintomático duma premeditada diferenciação da cerâmica de "habitats" e sepulturas por parte das mesmas comunidades, característica que pode ter sido desenvolvida em outras *áreas* onde se verifica *uma aparente dualidade* entre os testemunhos arqueológicos de povoados e dos prováveis sepulcros coevos. Em outra altura desenvolveremos esta interessante problemática.

. Desde já é possível afirmar que, na Soutilha, embora confluam estilos de grande semelhança formal com os existentes no Calcolítico da Estremadura portuguesa, se aprecia uma convergência de padrões decorativos observados em diversos contextos peninsulares, que são assimilados e modelados pela própria dinâmica local.

— Por último, devemos mencionar o aparecimento, fora de contexto (248), duma "faca" curva em cobre arsenical (As - 1%) (249).

Sublinharemos o enquadramente cronológico e cultural de tal artefacto atendendo à sua forma e composição metálica.

A "faca" da Vinha da Soutilha encontra-se fragmentada no cabo, pelo que desconhecemos se possuía uma lingueta bem marcada, se esta estava totalmente ausente ou apenas esboçada. Possuímos apenas a lâmina, cujo ângulo de curvatura é acentuado junto à extremidade e apresenta secção triangular. O gume cortante encontra-se do lado convexo ou exterior do objecto.

Este tipo de artefactos, normalmente sem lingueta bem diferenciada, ocorre desde contextos calcolíticos pré-campaniformes do Sudeste e da Estremadura Portuguesa. Citemos, neste caso, os exemplares do nível II a de El Malagón (250) e dum nível pré-campaniforme do Zambujal (251). "Facas" com lingueta diferenciada ou bem marcada, podem ser consideradas mais tardias, se atendermos à sua ocorrência em níveis campaniformes de Montefrio (252) ou Rotura (253). Em Vila Nova de S. Pedro, as conhecidas facas com lingueta, resultantes de antigas escavações de A. Paço (254), não estão articuladas com os níveis habitacionais posteriormente identificados por Savory. Sabemos, no entanto, que as "facas", em geral, aparecem desde o nível II - pré-campaniforme (255). Sem dúvida, trata-se dum instrumento cuja morfologia remonta, no Sul da Península, ao Calcolítico pré-campaniforme, embora tenha persistido e evoluído morfologicamente durante a transicção do IIIº para o IIº milénio a.C..

Segundo as análises realizadas por Junghans/Schröder e Fátima Araújo/Peixoto Cabral, este artefacto, é de *cobre arsenical*, facto que nos poderia conduzir a abordar a problemática da utilização regionalmente diferenciada do cobre puro e do cobre arsenical nos primeiros instrumentos de cobre encontrados na Península.

Embora a utilização do cobre puro ou a premeditada adicção do arsénio em quantidade controlada se verifique quer no Sudeste, quer no Sudoeste e Estremadura portu-

guesa, desde o Calcolítico pré-campaniforme (256), Harrison acentuou recentemente a diferença marcada entre os contextos de Los Millares I e Vila Nova I, o primeiro, utilizando predominantemente o cobre puro, o segundo, o cobre arsenical. Este último estender-se-á ao Sudeste, apenas a partir dos finais do IIIº milénio, com o aparecimento da cerâmica campaniforme (257).

Contudo, a eventual articulação com outras regiões peninsulares, em termos de intercâmbio de objectos em metal, só poderá ser sugerida e devidamente valorizada quando possuirmos abundantes elementos estratigrafados que testemunhem essa correlação.

3.1.6 *DATAS DE RADIOCARBONO: OBSERVAÇÕES GERAIS*

No sector A foram recolhidas diversas amostras de madeira carbonizada de estruturas de combustão existentes nos dois níveis habitacionais para datação absoluta pelo C 14. Contudo, apenas as da *base do nível de ocupação mais recente (camada 3)* foram consideradas - por um dos Laboratórios de C 14 encarregados da sua análise -, em boas condições de serem utilizadas. Com o intuito de alargar a segurança possível na interpretação global das datações obtidas, confiámos três amostras ao Laboratório de C 14 da Faculdade de Ciências da Universidade de Granada e uma outra ao "Centre de Datations et d'Analyses Isotopiques" da Universidade Claude-Bernard de Lyon.

Os resultados estão expressos no quadro seguinte:

AMOSTRA (numeração interna)	LABORATÓRIO E Nº DA AMOSTRA	PROVENIÊNCIA	DATAÇÃO B.P.	CONVERSÃO a.C.
1	UGRA 133	S.A - L.1 c.3	4650 ± 150	2700
2	UGRA 176	S.A - L.3 c.3	6730 ± 200	4780
3	UGRA 178	S.A - M c.3	4370 ± 140	2420
4	Ly 3377	S.A - E.3 c.3	4690 ± 140	2740

As amostras datadas têm a seguinte proveniência: a *amostra 1 (UGRA 133)* provém do Sector A, da camada 3, da *Lareira 1* (inserta numa área com várias estruturas de combustão, designada área L). Esta lareira tinha o seu topo 50 cm abaixo do solo actual e estava 1,45 cm abaixo do ponto 0 de referência altimétrica local. Era constituída por uma depressão aberta na própria camada 3, a qual apresentava cerca de 5 cm de

espessura sob a lareira referida. Esta incorporava *dois níveis* de terra carbonizada, devendo o mais fundo corresponder essencialmente ao momento de construção e primeira utilização desta estrutura. Foi do *nível superior* (que pode equivaler à reutilização da lareira depois de retirados para o exterior os resíduos carbonizados da primeira fase), que foram recolhidos abundantes carvões enviados para análise. Pela observação estratigráfica verificamos que *esta lareira terá sido construída num momento inicial da formação da camada*, embora tenha sido utilizada até ao seu final.

A *amostra 2 (UGRA 176)* provém do Sector A, da camada 3, da *Lareira 3* (integrada na mesma área L). O seu topo estava 60 cm e 114 cm abaixo, respectivamente, do solo actual e do ponto 0 de referência altimétrica local. Esta estrutura de combustão abria-se na terra estéril de base, apresentando no fundo da depressão sedimentos acinzentados carbonizados, enquanto o topo da parte central inseria abundantes carvões (e sedimentos negros carbonizados) que foram utilizados para datação pelo C 14. A camada estéril onde se integrava esta lareira apresentava manchas acinzentadas esparsas que poderiam eventualmente corresponder a vestígios de matéria orgânica carbonizada provenientes da camada arqueológica 4 (nível de ocupação mais antigo), existente a cerca de 1 metro de distância para oeste, ao mesmo nível da camada estéril. Este facto será de realçar na posterior valorização da datação da amostra, na medida em que poderá eventualmente explicar a sua antiguidade.

A *amostra 3 (UGRA 178)* provém do Sector A, da camada 3, duma área com sedimentos carbonizados (M) com cerca de 5 cm de espessura, cujo topo dum ponto central se encontrava 50 cm e 28 cm abaixo, respectivamente do solo actual e do ponto 0 de referência altimétrica local. Esta zona ocupava exclusivamente a parte superior da camada 3, numa área de estruturas de combustão designada por área E.

A *amostra 4 (Ly 3377)* provém igualmente do Sector A, da camada 3, da *Estrutura de combustão 3*, incluída também na área de combustão E. Trata-se duma pequena fogueira construída sobre uma depressão aberta na camada 3, quando esta já apresentava 10 cm de espessura. O seu topo encontrava-se 70 cm e 25 cm abaixo, respectivamente, do solo actual e do ponto 0 altimétrico local.

Assim, todas as amostras provêm da *camada 3*. A amostra 2 (Lareira 3) integra carvões duma estrutura escavada na camada estéril subjacente; a amostra 3 (M) inclui carvões duma superfície carbonizada localizada no *topo* da camada 3; as amostras 1 (Lareira 1) e 2 (Estrutura 3) integram carvões de estruturas construídas *durante* a formação da camada 3.

As datas de C 14 agora publicadas, no seu conjunto (258) revelam uma apreciável coerência interna relativamente aos dados estratigráficos observados.

Assim, das quatro datas apresentadas, *duas são estatisticamente idênticas* (259) (UGRA 133 - 4650 $\pm$ 150; Ly - 3377 - 4690 $\pm$ 140), tendo sido analisadas amostras integradas na parte média da camada 3 em estruturas de combustão, que foram utilizadas contemporaneamente até ao final da formação da mesma. Acresce que são datas analisadas em *laboratórios diferentes*, o que confere um alto grau de confiança na sua valorização relativa e absoluta. Uma outra data (UGRA 178 - 4370 $\pm$ 140) provém duma amostra situada es

tratigraficamente (utilizando o método de estratigrafia horizontal) no topo da camada 3, ou seja, integrada numa área de combustão (M) que terá sido construída numa fase posterior à da Lareira 1 e da Estrutura 3. Estatisticamente, usando um grau de confiança inferior a 68%, esta data pode-se considerar provavelmente *posterior* às acima referidas, embora a diferença (devido ao alto desvio padrão de todas elas) seja quase irrelevante, não sendo de desprezar a hipótese de ela se dever também ao acaso (260). Significa isto que, a diferença entre as duas primeiras datas e a segunda, é estatisticamente mais pequena do que a simples comparação entre os valores médios deixa pressupor. Apesar de tudo, essa diferença pode ser justificada pela posição relativa das amostras no seu contexto estratigráfico.

Finalmente, a quarta data (UGRA 176 - 6730 ± 200) é estatisticamente muito *anterior* a todas as outras. A amostra datada provém duma lareira que foi aberta numa camada subjacente. Apesar de se ter revelado *arqueologicamente estéril*, essa camada continha pequenos elementos carbonosos no seu interior, não sendo fácil interpretar a sua origem, apesar da proximidade física com um nível de ocupação mais antigo (camada 4). Assim, a nítida *anomalia* revelada por esta datação, pode, eventualmente, dever-se à *contaminação* da amostra por carvões mais antigos, quer insertos naturalmente na camada estéril de base, quer casualmente nela integrados devido à proximidade espacial com um nível habitacional anterior (261). Atendendo *às três datações* que consideramos coerentes (do ponto de vista da sua estratigrafia e idade relativa) concluimos que a camada 3 do sector A, ou seja, *o início da ocupação mais recente neste sector* (que é também o da plataforma estudada) pode ter-se desenvolvido "grosso modo" entre *2800 e 2300 a.C.*, período de tempo que deve corresponder às sistemática utilização e ampliação do espaço habitacional entre afloramentos rochosos do sector A. Dada a inovação que estes valores cronológicos vêm introduzir num período cultural e numa região ainda praticamente desconhecidos, é aconselhável não retirar ilacções excessivamente peremptórias acerca do seu significado cultural, antes de poderem ser confirmados com outras séries de datações para a mesma estação e área de investigação.

Contudo, convém lembrar algumas das linhas de força sobre a periodização peninsular para *o início do desenvolvimento* de populações que fabricam ou simplesmente conhecem artefactos de cobre, habitualmente designadas "calcolíticas" (262).

Nas áreas clássicas da investigação neste domínio - Estremadura portuguesa - Alentejo, Estremadura Espanhola, Algarve e Huelva - Baixo Guadalquivir e Alta Andaluzia - Sudeste - verifica-se que, embora a maioria das datas absolutas conhecidas não aponte para uma antiguidade destas primeiras comunidades "calcolíticas" superior a 2500-2400 a.C., existe uma generalizada convicção de o seu início possa remontar a 2700-2800 a.C.; ou até, em certas regiões, aos inícios do IIIº milénio a.C. (em datas convencionais).

Assim, apesar de, para o estuário do Tejo, as datas mais antigas em povoados ou túmulos calcolíticos serem relativamente recentes adentro da 2ª metade do IIIº milénio a.C. (1ª metade do IIIº milénio A.C. - datas TL) (Zambujal - GrN - 6671-2320 ± 65 a.C. (263); Penedo do Lexim - Ox TL *169 ei* 3055 ± 290 A.C. e *169 eii* 2880 ± 280 A.C.; Serra das Baútas - Ox TL *169 dii* - 2650 ± 260 A.C. (264); Praia das Maçãs (Câmara Ocidental) - H - 2049/1467 - 2310 ± 60 a.C. (265)), o esquema cronológico tripartido de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Sil

va para a Estremadura (266) faz arrancar a 1ª fase calcolítica, correspondendo aos "copos" (em Vila Nova de S. Pedro, Rotura, Penedo do Lexim e Pedrão) entre *2700 e 2500 a.C.*. O mesmo acontece para o Baixo Alentejo e Algarve, onde, apesar das únicas datas publicadas do povoado de Santa Justa apontarem para um período inicial de ocupação daquele castro entre 2500-2200 a.C. (UGRA - 70 - 2360 ± 170 a.C. (267)), os mesmos autores constroem uma sequência regional em três fases, na qual a primeira - Horizonte de Vale Pincel II - se teria desenvolvido netre 2700 e 2500 a.C. (268). Para o Alto Alentejo possuímos apenas duas datas: a do Castelo de Giraldo - Ox TL *169 a* - 3105 ± 300 A.C. e da Anta 1 da Comenda da Igreja - Ox TL *169 f* - 3235 ± 310 A.C. (269).

No Baixo Guadalquivir e Alta Andaluzia, apesar das datas absolutas conhecidas serem todas bastante recentes - entre os finais do IIIº milénio e os inícios do IIº -, com base na interpretação da importante sequência estratigráfica do povoado de Los Castillejos de Montefrio (270), alguns autores pensam poder fazer recuar os inícios do Calcolítico (num sentido amplo que inclui populações que podem conhecer a metalurgia, mas se encontram ainda numa fase tecnológica e social basicamente neolítica) para o período entre 3000-2500 a.C. (271). No Sudeste as datas mais antigas são as do povoado de El Malagón (UGRA 12 - 2565 ± 215 a.C. (272)), "tholos" e povoado de Los Millares (KN 72 - 2430 ± 120 a.C.; H - 204/247 - 2345 ± 85 a.C. (273)) e "tholos" de El Barranquete (CSIC - 82 - - 2350 ± 130 a.C./CSIC - 81 - 2330 ± 130 a.C. (274)), embora também aqui se encare a hipótese duma maior antiguidade do processo de "calcolitização" que ascenderia a 2700 a.C. (275).

Na Meseta Norte ocidental, para povoados calcolíticos, de influência meridional, S. López-Plaza propõe um limite cronológico de maior desenvolvimento entre 2300--2200 a.C.. Contudo admite a hipótese, à semelhança do que acontece em outras áreas, do seu início se ter verificado por volta de 2800-2700 a.C. (276). Recentemente foram divulgadas de forma sucinta duas datas de C 14 para níveis pré-campaniformes do povoado de Las Pozas (2475 e 2125 a.C.) que confirmam, em parte, as sugestões de López Plaza.

Apesar de se localizar numa área afastada relativamente aos centros de maior expansão cultural, será de reter uma data absoluta para o período de transição entre o Neolítico final e o Calcolítico pleno do Grupo de Los Husos (região basca): nível III b - I - 5.949 - 2780 ± 110 a.C. (278).

Na Galiza, conhecemos apenas uma data de C 14 para um povoado da península de Morrazo (Pontevedra) em Fontenla (? - 2460 ± 50 a.C.) (279) que forneceu materiais cerâmicos campaniformes e cuja estratigrafia permanece ambígua (280).

Na área contígua ao Norte de Portugal, as datas de C 14 mais próximas das da Soutilha provêm de monumentos megalíticos da Beira Alta: Orca dos Castenairos (GrN 4295 - 2660 ± 50 a.C.), Carapito 1 (GrN 4850-2900 a.C.; GrN ? - 2640 a.C.), Orca das Seixas (GrN 5734-2950 a.C.) (281).

Assim, duas conclusões principais são sugeridas pelos dados enunciados: - em várias regiões peninsulares, é deduzida a existência duma *fase inicial da formação dos contextos calcolíticos* (embora este não se encontre provada pela datação absoluta), através de observações estratigráficas e correlações tipológicas indirectas. A configuração des-

tes elementos conduz diversos investigadores a considerar a *primeira metade do IIIº milénio a.C.* como o momento de maturação e articulação de diversos factores que determina a passagem de sociedades puramente neolíticas ao estádio progressivo de conhecimento e utilização do cobre, quer como matéria-prima apenas intercambiada, quer transformada no local. É a velha dinâmica da procura de novas matérias-primas que conduz à descoberta do cobre e à sua posterior utilização como elemento *circulante* em diversos contextos regionais. É evidente que, sobretudo numa primeira fase do seu conhecimento, as populações que manipulam o metal podem divergir quanto às estruturas fundamentais do seu comportamento económico, social e simbólico. Aglutiná-las sob a designação de "calcolíticas" apenas devido à existência de alguns artefactos em cobre insertos nos seus conjuntos materiais, é obviamente uma imprecisão conceptual. Como já sugerimos atrás, haveria que definir, tal como já se fez para o Neolítico, o que caracteriza este novo estádio do desenvolvimento cultural, em termos não só da sua utensilagem-padrão, como de outros níveis mais complexos do comportamento, face à exploração dum território, à cooperação social e económica com outras comunidades, às manifestações simbólicas e "religiosas", etc.. Durante esta fase da Pré-História peninsular, que abrange, fundamentalmente a 1ª metade do IIIº milénio a.C., desenvolvem-se paralelamente, em várias regiões, comunidades com diferentes tradições culturais que exprimem, pelas suas estruturas habitacionais e sepulcrais, uma apreciável variedade na sua articulação com o meio e na dinâmica individual. Na Beira Alta, numa fase contemporânea do nível datado da Soutilha, construíam-se grandes dólmens de corredor, sendo previsível que a Norte do Douro o fenómeno megalítico também se tenha desenvolvido ao longo de todo o IIIº milénio e mesmo inícios do IIº a.C. (282). Adiante discutiremos a problemática em torno duma aparente dualidade cultural existente nesta região, expressa arqueologicamente pelos monumentos megalíticos, por um lado, e os povoados com cerâmicas decoradas, por outro.

De momento, gostaríamos de tão só concluir dizendo que, se as datações agora enunciadas se vierem a confirmar futuramente, teremos de encarar a hipótese duma longa ocupação da estação da Vinha da Soutilha, desde, provavelmente, um momento indeterminado dos inícios do IIIº milénio a.C. (correspondente ao nível mais antigo detectado no Sector C) até finais do IIIº milénio (2200-2100 a.C.) (?), baliza de tempo hipotética que se poderia articular com *o final da ocupação dos sectores A e B* (camada 2 em ambos os sectores), o qual desconheceu a utilização da cerâmica campaniforme, mas que já integrava vestígios de cobre arsenical.

LEGENDAS DAS FIGURAS

B - 3.1 — VINHA DA SOUTILHA

Fig. 1 - Formas cerâmicas do Sector A (c.4).

Fig. 2 - Formas cerâmicas do Sector A (c.4)

Fig. 3 - Percentagens dos tipos morfológicos cerâmicos do Sector A (c.4).

Fig. 4 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.4).

Fig. 5 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.4).

Fig. 6 - Percentagens das organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.4).

Fig. 7 - Articulação das principais organizações decorativas com tipos morfológicos da cerâmica do Sector A (c.4).

Fig. 8 - Formas cerâmicas do Sector A (c.3).

Fig. 9 - Formas cerâmicas do Sector A (c.3).

Fig. 10 - Formas cerâmicas do Sector A (c.3).

Fig. 11 - Percentagens dos tipos morfológicos cerâmicos do Sector A (c.3).

Fig. 12 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.3).

Fig. 13 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.3).

Fig. 14 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.3).

Fig. 15 - Percentagens das organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.3).

Fig. 16 - Articulação das principais organizações decorativas e tipos morfológicos da cerâmica do Sector A (c.3).

Fig. 17 - Percentagens das organizações decorativas da cerâmica do Sector A (c.2).

Fig. 18 - Formas cerâmicas do Sector B (c.3 e 2).

Fig. 19 - Formas cerâmicas do Sector B (c.3 e 2).

Fig. 20 - Formas cerâmicas do Sector B (c.3 e 2).

Fig. 21 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector B (c.3).

Fig. 22 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector B (c.2).

Fig. 23 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector B (c.2).

Fig. 24 - Formas cerâmicas do Sector C (c.7 e 6).

Fig. 25 - Formas cerâmicas do Sector C (c.7 e 6).

Fig. 26 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector C (c.7 e 6).

Fig. 27 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector C (c. 5 e 4).

Fig. 28 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector C (c.5 e 4).

Fig. 29 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector C (c.3-1).

Fig. 30 - Principais tipos morfológicos de pontas de seta nos três níveis de ocupação da estação.

Fig. 31 - Nível I: percentagens de tipos morfológicos (A), categorias tipológicas (B) e organizações decorativas (C) da cerâmica.

Fig. 32 - Nível II. *Percentagens de tipos morfológicos (A)*: a - Sector A - c.4; b - Sector B - c.3; c - Sector C - c.5/4. *Categorias tipológicas (B)*: a - Sector A - c.4; b - Sector B - c.3/Sector C - c.5/4. *Organizações decorativas (C)*: a - Sector A - c.4; b - Sector B - c.3; c - Sector C - c.5/4.

Fig. 33 - Nível III. *Percentagens de tipos morfológicos (A)*: a - Sector A - c.3; b - Sector A - c.2; c - Sector B - c.2. *Categorias tipológicas (B)*: a - Sector A - c.3; b - Sector A - c.2; C - Sector B - c.2. *Organizações decorativas (C)*: a - Sector A - c.3; b - Sector A - c.2; Sector B - c.2.

Fig. 34 - Tipos morfológicos de pontas de seta (segundo G. e V. Leisner): 1 - Ponta de seta de base triangular ou convexa; 2 - Ponta de seta de base recta ou côncava de lados rectilíneos, sub-rectilíneos ou côncavos; 3 - Ponta de seta de base recta, côncava ou bicôncava, lados convexos; 4 - Ponta de seta de base pedunculada (pedúnculo curto e estreito e aletas oblíquas).

Notas

(1) Procurámos paralelos principalmente em áreas exteriores ao Norte de Portugal. A análise comparada dos materiais desta região será realizada em capítulo autónomo. As breves referências a materiais do Norte de Portugal procuram apenas contribuir para a construção dum quadro onde não haja lacunas de informação que comprometam os objectivos desta alínea.

(2) Hodder, I. (1982), *Symbols in Action...*

(3) Leisner, G. e V. (1943) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel - Der Süden...*; idem (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel - Der Westen...*; Leisner, Vera (1965) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel - Der Westen...*

(4) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, p. 426.

(5) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1959; Leisner, V., 1965.

(6) Leisner, V., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da V., (1961), *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme...*, pp. 34-35.

(7) *V.* nota 6; Jorge, S. O. (1978), Pontas de seta provenientes de tûmulos megalíticos do Noroeste de Portugal...

(8) *V.* nota 7.

(9) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, pp. 444-448.

(10) *V.* nota 6, pp. 35-36.

(11) Paço, A, (1939, 1942, 1943), A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro...

(12) Ferreira, O. da Veiga e Silva, Carlos Tavares da (1970), A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar..., p. 215.

(13) Moita, Irisalva (1966), Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta..., Est XIII.

(14) Vilaça, Raquel (1984), O Vaso tronco-cónico da Sobreda (Oliveira-do-Hospital)..., figs. 6 e 7.

(15) *V.* nota 6: Jorge, S.O., 1978, fig. 16.

(16) López Plaza, Emilia Mª Socorro (1978), *Comienzos del Eneolitico Protourbano en el SO de la Meseta Norte...*, p. 184.

(17) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, pp. 460-464.

(18) *V.* nota 6, p. 36.

(19) Gonçalves, Victor dos Santos (1971), *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme...*, Est XVI.

(20) *V.* nota 12, pp. 215-216.

(21) *V.* nota 11: Paço A., 1939, fig. 15; idem, 1942, fig. 18; idem, 1943, fig. 14; Sangmeister, Edward e Schubart, Hermanfrid (1981), *Zambujal - Die Grabungen 164 Bis 1973...*, tafel 62; Spindler, Konrad (1971), Eine Kupferzeitliche Siedlung vom Pico Agudo/Portugal..., fig. 5; Soares, Joaquina e Silva, Carlos Tavares (1975), A ocupação pré-histórica do Pedrão e o calcolítico da região de Setúbal..., Est. IX.

(22) *V.* nota 3; Leisner, G. e V., 1943, p. 461.

(23) *V.* na Galiza, Patiño, Ramon (1983), Excavación de un yacimiento tipo Penha: Lavapés 1982 segunda campaña..., p. 35.

(24) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, pp. 428-432.

(25) Almagro, Martín e Arribas, Antônio (1963), *El Poblado y la Necrópolis Megalíticos de Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almeria)...*, Lam. XXXVII, L, LVI

(26) Tarradell, M. (1962-63), El País Valenciano del Neolítico a la Iberización..., pp. 95 e 106.

(27) *V.* nota 16, pp. 186-187.

(28) Apellániz, Juan Maria (1974), El Grupo de los Husos durante la Prehistoria com cerámica en el Pais Vasco..., pp. 197-198.

(29) Tarrús, J., Castells, J., Chinchilla, J. e Vilardell, R. (1984), El fenomeno megalítico en el Pirineo Oriental de Cataluña..., p.103.

(30) Barandiarán, José Miguel e Medrano, D. F. (1964), Excavacion del dolmen de San Martin (Laguardia)..., fig. 8, nºs 1 e 2.

(31) *V.* nota 7, Jorge, S.O., 1978, fig. 17 e fig. 18, nº 7.

(32) *V.* nota 6, pp. 34-35.

(33) *V.* nota 16, p. 197.

(34) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o Estudo da Cultura Megalítica em Portugal...*, p. 63.

(35) *V.* nota 16, p. 195. Apesar de mencionado por López Plaza, este grupo tipológico está praticamente ausente dos contextos calcolíticos estudados pela autora.

(36) Spindler, Konrad (1981), *Cova de Moura, Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit...*, tafel 15-16.

(37) Muñoz, Ana Maria (1965), *Cultura Neolítica Catalana...*, pp. 256-257.

(38) *V.* nota 77; Muñoz A. M. (1971). *La "Calaita" em el País Vasco...*
V. nota 29.

(39) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, p. 476.

(40) *V.* nota 19, p. 78.

(41) *V.* nota 36, pp. 122-123.

(42) Leisner, V., Zbyszewski e Ferreira, O. da Veiga (1969), *Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos...*

(43) Gonçalves, A. A. Huet de Bacelar (1979), Elementos de adorno de cor verde provenientes de estações arqueológicas portuguesas. Importância do seu estudo mineralógico..., p. 213, quadro 1.

(44) *V.* nota 43, p. 213, quadro 1.

(45) Leisner, Vera e Ribeiro, Leonel (1968), Die Dolmen von Carapito..., fig. 11, nºs 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 68, 69.

(46) *V.* nota 16; Morán Bardon, C. (1931), *Excavaciones en Dólmens de Salamanca;* idem (1935), *Excavaciones en Dólmens de Salamanca Y Zamora...*

(47) Arribas, A. *et alii* (1971), Estudio minerológico de la variscite de Palazuelo de las Cuevas, Zamora (España), pp. 115-132.

(48) *V.* nota 43; Gonçalves, A. A. Huet de Bacelar (1982), Nova Contribuição para o estudo dos elementos de adorno de cor verde...

(49) Jorge, Vítor Oliveira (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto - os Monumentos e a sua problemática no contexto europeu...*, p. 803; Gonçalves, A. A. Huet (1984), Escavação da Mamoa 2 de Outeiro de Ante - Serra da Aboboreira - Baião...

(50) Paço, A. e Pinto, E. (1961), Vasos campaniformes da Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde)...

(51) Gonçalves, A. A. Huet de Bacelar (1984), Escavação da Mamoa nº 2 de Outeiro de Ante - Serra da Aboboreira - Baião..., p. 38, fig. 15.

(52) Na estação de Penha Verde (Sintra), Zbyzewski e Veiga Ferreira encontraram contas de "calaíte" associadas a cerâmica campaniforme (Zbyzewski, G. e Ferreira, O. da V. (1958), Estação pré-histórica da Penha Verde...; idem (1959), Segunda campanha de escavações...). Contudo, tais contas não foram analisadas, pelo que não podemos saber se se tratava de variscite ou outro qualquer mineral. É com base no pressuposto de que a "calaíte" se encontra estratigraficamente associada ao campaniforme marítimo, na Estremadura portuguesa, que Harrison (1977, *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal...*) constrói a teoria de que existe uma estreita articulação entre a cerâmica campaniforme e tal matéria-prima, sendo as vias de comercialização da "calaíte" com áreas extra-peninsulares (a Bretanha e o Languedoque), coincidentes com as próprias vias de difusão do campaniforme marítimo. Mas, como já observámos, o termo "calaíte" engloba um conjunto de minerais diversos, cuja origem está relacionada com a exploração de pequenos filões locais dispersos por toda a Península. Mesmo que se comprove a associação dos minerais de cor verde (entre os quais a variscite) com o campaniforme marítimo (o que é altamente provável), ela não deve estar conectada com um amplo movimento "comercial" despoletado pelo fenómeno campaniforme. Cremos que a variscite deve ser entendida como uma matéria-prima rara utilizada por comunidades neolíticas e calcolíticas até à fase final em que também foi manipulada a cerâmica campaniforme (complexo marítimo).

(53) Ferreira, O. da Veiga, Zbyzewski, G., Leitão, M., North, C. T. e Sousa, H. Reynolds de (1975), Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides)..., pp. 179-180: p. 126.

(54) *V.* nota 30, fig. 5.

(55) *V.* nota 3.

(56) *V.* nota 34; *V.* nota 6.

(57) *V.* nota 6; p. 28 e pl. B.

(58) *V.* nota 36, tafel 2-7.

(59) *V.* nota 16, p. 206.

(60) *V.* nota 16, p. 207.

(61) Vázquez Varela, J. M. (1979), El horizonte de Rechaba: una nueva fase de la cultura megalitica del Noroeste Peninsular...

(62) *V.* nota 61, p. 24.

(63) Jorge, Vítor Oliveira (1984), Datas de C 14 para o megalitismo do Norte de Portugal: breve nota...

(64) Jorge, Vítor Oliveira e Vilaça, Raquel (1985)...

(65) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943.

(66) *V.* nota 34.

(67) Agradecemos a Victor Hurtado a cedência do quadro tipológico das cerâmicas de La Pijotilla, antes da publicação da obra onde ele se encontra integrado.

(68) Silva, Carlos Tavares e Soares, Joaquina (1976-77), Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve...

(69) Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal-Die Grabungen 1964 bis 1973*...

(79) *V.* nota 16.

(71) *V.* nota 68.

(72) *V.* nota 69.

(73) *V.* nota 67.

(74) Silva, Carlos Tavares da (1971), O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica...

(75) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943.

(76) *V.* nota 75, tafel 161.

(77) *V.* nota 75, tafel 162.

(78) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1951.

(79) *V.* nota 78, p. 91.

(80) *V.* nota 78, p. 91.

(81) *V.* nota 67.

(82) *V.* nota 68.

(83) *V.* nota 74.

(84) *V.* nota 69.

(85) *V.* nota 67.

(86) *V.* nota 78.

(87) *V.* nota 16; Lõpez Plaza, S. (1979), Aportacion al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO de la Meseta N. Española: la ceramica..., figs. 2, 3, 4 e 5.

(88) Schüle, Wilhelm e Pellicer, Manuel (1966) El Cerro de La Virgen, Orce (Granada) I...

(89) *V.* nota 74.

(90) *V.* nota 68.

(91) *V.* nota 88.

(92) Arribas, Antonio e Molina, Fernando (1979), *El poblado de "Los Castillejos" en Las Peñas de Los Gitanos (Montefrio, Granada), Campana de Excavaciones de 1971 - El corte nº 1...*

(93) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, tafel 161 e 93.

(94) *V.* nota 78.

(95) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, tafel 161.

(96) *V.* nota 67.

(97) *V.* nota 68.

(98) *V.* nota 74.

(99) *V.* nota 69.

(100) *V.* nota 6; Leisner, Vera, Paço, Afonso do, Ribeiro, Leonel (1964), *Grutas Artificiais de S. Pedro do Estoril...*

(101) Serrão, Eduardo da Cunha (1983), A estação pré-histórica de Parede. Documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas (Campanha de 1956)...

(102) *V.* nota 16.

(103) Arribas, A. *et alii* (1979), Excavaciones en Los Millares (Santa Fé, Almeria) Campañas de 1978 y 1979...

(104) *V.* nota 67.

(105) *V.* nota 68.

(106) *V.* nota 74.

(107) *V.* nota 69.

(108) *V.* nota 16.

(109) *V.* nota 16.

(110) *V.* nota 3: Leisner, V., 1965, 1.2, tafel 3, fig. 22; tafel 4, fig. 5.

(111) *V.* nota 16, p. 108.

(112) Navarrete Enciso, Maria Soledad (1976), *La Cultura de las Cuevas con Ceramica Decorada en Andalucia Oriental*...

(113) Fernández-Miranda, Manuel (1969-70), El poblado de la Loma de Chiclana (Madrid)...

(114) Zamora Canellada, Alonso (1976), *Excavaciones de la Cueva de la Vaquera, Torreiglesias*...

(115) Análise química não destrutiva realizada por M. Fátima D. Araújo e João M. Peixoto Cabral, do Departamento de Química do Instituto de Energia do LNETI (*V.* apêndice).

(116) Segundo M. Fátima Araújo e J. M. Peixoto Cabral, referem-se aos fragmentos "que possivelmente terão feito parte de um objecto de forma aproximadamente cilíndrica", colocando "a hipótese de se tratar de restos de um algaraviz" (*V.* relatório inserto em apêndice).

(117) Martín Valls, R.e Delibes de Castro, G. (1981), Hallazgos arqueologicos en la provincia de Zamora - VIII...

(118) *V.* nota 117, pp. 180-181.

(119) *V.* nota 103, fig. 10 p-9.

(120) Jalhay, E.e Paço, A.(1945), El Castro de Vila Nova de São Pedro, ..., pp. 60-61.

(121) V. nota 12; Gonçalves, V. S. (1971). *O Castro da Rotura*..., Est. XXVII, 3.

(122) *V.* nota 36.

(123) *V.* nota 69.

(124) *V.* nota 36, p. 106.

(125) *V.* nota 117.

(126) Harrison, Richard (1974), A reconsideration of the Iberian background to Beaker metallurgy..., pp. 80-81.

(127) Harrison, Richard, Salvador Quero e Priego, M. C. (1975), Beaker metallurgy in Spain...

(128) Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la Edad del cobre de "El Malagón" (Cullar-Baza, Granada) Campaña de 1975..., fig. 12, d.

(129) Fernandez-Posse y de Arnaiz, Maria Dolores (1980), *El Final de la Edad del Bronce en la Meseta Norte: la Cultura de Cogotas I*...

(130) Pellicer, M. (1964), El Neolítico y el Bronce de la Cueva de la Carigüela de Piñar (Granada)..., Lam VI e VII.

(131) *V.* nota 112, Lam CCXLV, CCCLXX e CCCLXXI.

(132) Bosch Gimpera, P. (1961), Los problemas del neo-eneolítico peninsular y el simposio de 1959..., idem (1965), La significación del neolítico circunmediterrâeno..., idem (1966), La cultura megalítica portuguesa y culturas españolas...

(133) *V.* nota 112.

(134) *V.* nota 92.

(135) *V.* nota 92, p. 127.

(136) *V.* nota 3: Leisner, G e V., 1951; Leisner, V., 1965.

(137) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, tafel 29.

(138) *V.* nota 25, Lam CXIX.

(139) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1959, tafel 56, nº 120.

(140) *V.* nota 67.

(141) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1951, Est XXX.

(142) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1965, tafel 128; Schubart, Hermanfrid (1965), Zwei Belegungsphasen im kuppelgrab von Monte do Outeiro Bei Aljustrel in Portugal...

(143) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1951.

(144) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1951; Leisner, V., 1965.

(145) *V.* nota 142: Schubart, H., 1965, pp.66-67.

(146) Parreira, Rui (1983), O cerro dos Castelos de São Brãs (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980..., fig. 11, nºs 2-5.

(147) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1959, tafel 3, 2, nºs 7 e 8.

(148) *V.* nota 112, p. 312, fig. 160, nº 29.

(149) Leisner, Vera e Schubart, H. (1966), Die Kupperzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro/Portugal...

(150) *V.* nota 19, Est. XVIII.

(151) Serrão, Eduardo da Cunha e Vicente, Eduardo Prescott (1958), O Castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações..., Est. IV, nº 12.

(152) Spindler, Konrad e Trindade, Leonel (1970), A póvoa eneolítica do Penedo - Torres Vedras, Est. XXVIII, nºs 688-699.

(153) *V.* nota 149, fig. 7, nº 59.

(154) Correia, Antônio Mendes e Teixeira, Carlos (1949), *A Jazida Pré-Histórica de Eira-Pedrinha (Condeixa)...*, fig. 13, Est. VII, 8.

(155) *V.* nota 149, fig. 7, nº 59; p. 52.

(156) *V.* nota 154, fig. 15; Est. VII, 10.

(157) *V.* nota 149.

(158) Peña Santos, A. de La (1984), Sondeo estratigráfico en el yacimiento de "A Fontenla"...; idem (1984, Sondeo estratigráfico en el yacimiento de "O Regueiriño"...,

(159) Martin Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1975), Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (II)..., fig. 4.

(160) Eiroa, J. J. (1973), Noticia de un yacimiento de la Edad del Bronce en Aldeagordillo (Avila)..., fig. 3.

(161) Gutiérrez Palacios, A. (1966), *Miscelánea Arqueológica de Diego Alvaro (Avila)...*

(162) Alfageme, Manuel e Benito del Rey, L. (1978), *Un Yacimiento del Bronce en el Término de Villasbuenas (Salamanca)...*, fig. 14.

(163) *V.* nota 16, figs. 8 a 13; López Plaza, S. e Piñel, C (1978), El poblado eneolítico de Fontanillas de Castro (Zamora): Primera aportación a su estudio..., figs.4 e 5.

(164) Almagro Gorbea, M. (1977), *El Bronce Final Y el Período Orientalizante en Extremadura...*; Fernández-Posse, M. D. (1982), Consideraciones sobre la tecnica de Boquique...

(165) *V.* nota 164: Fernández-Posse, M. D., 1982.

(166) *V.* nota 112.

(167) *V.* nota 112, Lam. CXCIII, XCIII, CCCXL, CCCXL, CCCLXXI, CCCLXXXIV.

(168) *V.* nota 164: Fernández-Posse, M. D., 1982.

(169) *V.* nota 164: Almagro Gorbea, M., 1977, figs. 24, 31, 38 e 40.

(170) *V.* nota 114, fig. XX, Lam. 1 e 2.

(171) Apellániz, J. M. (1975), Excavaciones en la Cueva de Arenaza I (San Pedro de Galdames, Vizcaya)... figs. 17, 21 e 24.

(172) Rodríguez Colmenero, A., (1973), Hallazgos prehistóricos en la provincia de Orense..., fig. 3.

(173) *V.* nota 165, p. 141.

(174) *V.* nota 165, p. 141, nota 32.

(175) *V.* nota 16, p. 164.

(176) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1951.

(177) *V.* nota 3; Leisner, V., 1965, pp. 234-251.

(178) *V.* nota 152, pp. 108- 123.

(179) *V.* nota 74, pp. 184-186.

(180) *V.* nota 69, pp. 283-290.

(181) Paço, A. (1960-61), Castro de Vila Nova de S. Pedro - XIII - Recipientes de osso e de calcário..., figs. 2 e 3; Gallay, Greta *et alii* (1973), *O Monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)...*, fig. 69; Leisner, V. (1965) (nota 3), tafel 31 e 45; Ferrer Palma, Jose (1976), La necropolis megalitica de Fonelas (Granada). El sepulcro "Moreno 3" y su estela funeraria..., fig. 7.

(182) *V.* nota 69, tafel 59 e 92.

(183) *V.* nota 3: Leisner, V. (1965), tafel 72 e 96.

(184) *V.* nota 152, Est. XXVI, nº 630.

(185) *V.* nota 19; Savory, H. N. (1970), A section through the innermost rampart...

(186) *V.* nota 181, p. 174.

(187) Paço, A. (1964), Castro de Vila Nova de S. Pedro XIV - Vida económica XV - O problema campaniforme XVI - Metalurgia e análises espectográficas..., p. 146.

(188) *V.* nota 181: Gallay, Gretel *et alii*, 1973, p. 71.

(189) *V.* nota 42, p. 97.

(190) Blance, Beatrice (1971), *Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsen...*, p. 83.

(191) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, tafel 20, 16, 96, 24 e 96.

(192) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, tafel 96, nº 11.

(193) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, tafel 95 e 92; o esboço da face oculada, representada apenas por linhas curvas - tatuagem facial - e/ou olhos - é característico dos ídolos cilíndricos da Estremadura e de algumas placas de xisto decoradas da Estremadura e Alto Alentejo (tipo IV B e VIII Db6 - Almagro, M. J. (1973), *Los Idolos del Bronce I Hispano...*, fig. 21 e fig. 49 - nºs 156 e 157).

(194) López Cuevillas, F. (1925), As mamoas do concelho de Lobeira. Contribución o estudo do Megalitismo galego..., pp. 25-39.

(195) Peña Santos, Antonio (1985), Las ceramicas incisas metopadas tipo "Penha" en Galicia: el asentamiento de Lavapés (Pontevedra)...

(196) *V.* nota 195; Peña Santos, A. (1984), El yacimiento de Lavapés...

(197) *V.* nota 149; Cardoso, J. L. (1981), O povoado pré-histórico de Leceia...

(198) *V.* nota 6, Est. XXII, nº 58.

(199) *V.* nota 3: Leisner, V., 1965, tafel 23, nº 95.

(200) *V.* nota 149, tafel 7, nº 38; materiais depositados no Museu da Associação Portuguesa dos Arqueólogos Lisboa.

(201) *V.* nota 3: Leisner, V., 1965, tafel 66, 67.

(202) *V.* nota 3: Leisner, V., 1965, tafel 66, nº 18.

(203) *V.* nota 181, fig. 2.

(204) *V.* nota 187, fig. 4.

(205) *V.* nota 149, tafel 7, nºs 30, 31, 55 e 60.

(206) *V.* nota 112, Lam. CVIII ou CXVI.

(207) *V.* nota 149, tafel 7, nº 90.

(208) *V.* nota 149, tafel 7, nº 60.

(209) *V.* nota 74, pp. 185-186.

(210) *V.* nota 188, Est. 11 e 13.

(211) *V.* nota 152, Est. XXII e XXIII.

(212) *V.* nota 181, fig. 2, nº 18, fig. 3, nº 8.

(213) *V.* nota 187, fig. 4.

(214) *V.* nota 67.

(215) *V.* nota 16, pp. 156-157; fig. 10, nºs 2 e 9.

(216) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1943, tafel 35, 37, 47 e 50.

(217) *V.* nota 36, fig. 38, nºs 14, 15, 16, 17, 18, 20, 23, 24, 25, 26.

(218) *V.* nota 149, tafel 7.

(219) *V.* nota 16, fig. 10, nº 1.

(220) *V.* nota 112, Lam. CVI, nº 9, Lam. CCXIII, nºs 1 e 3, Lam. CCXXIII, nº 4.

(221) *V.* nota 92, fig. 3c.

(222) Soares, Joaquina e Silva, Carlos Tavares da (1979), Alguns aspectos do Neolítico Antigo do Alentejo Litoral..., fig. 11, 12, 13, 14 e 15; Silva, Carlos Tavares e Soares, Joaquina (1981) *Pré-história da Área de Sines. Trabalhos Arqueológicos de 1972-77...*, figs. 61-62 e 70.

(223) *V.* nota 34, Est. XXX, nº 2.

(224) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1959, tafel 18.

(225) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1959, tafel 14.

(226) *V.* nota 3: Leisner, G. e V., 1959, tafel 20.

(227) *V.* nota 149, p. 53.

(228) *V.* nota 149, tafel 7, p. 53.

(229) *V.* nota 16, fig. 8, nº 5, fig. 9, nºs 8, 20, fig. 12, nº 9, fig. 13, nº 3.

(230) Fortea Pérez, Javier (1973), *Los Complejos Microlaminares y Geometricos del Epipaleolítico Mediterraneo español...*, pp. 453-455.

(231) *V.* nota 222: Silva, Carlos Tavares e Soares, Joaquina, 1981, fig. 70, nº 10.

(232) *V.* nota 67; Hurtado, Victor e Amores, Fernando de (1982), Relaciones culturales entre el Sudeste Frances y La Pijotilla (Badajoz) en el calcolitico: las pastillas repujadas y el campaniforme cordado..., fig. 1, nºs 3 e 5.

(234) Aberg, Nils (1921), *La Civilisation Enéolithique dans la Péninsule Ibérique...*, fig. 118.

(234) *V.* nota 11: Paço, A., 1939, fig. 17, nº 21.

(235) *V.* nota 233, fig. 91.

(236) Paço, A., Vaultier, M. e Zbyszewski, G. (1947), Gruta da nascente do Rio Almonda..., p. 1.

(237) *V.* nota 152, Est. XXIX, nº 705.

(238) *V.* nota 152, pp. 128-129.

(239) *V.* nota 152, pp. 130-131.

(240) *V.* nota 16, fig. 9, nºs 11, 12, 13, fig. 10, nºs 6, 10, 14, fig. 12, nºs 8 e 10.

(241) Harrison, R. J. (1977), *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal...*, fig. 67
Criado Boado, F. e Vázquez Varela, J. M. (1982), *La Cerámica Campaniforme en Galicia...*, fig. 10.

(242) *V.* nota 112, Lam. CCCXL, CCCXLI, CCCXLII, CCCLXXXIV.

(243) *V.* nota 92, fig. 8 c.

(244) *V.* nota 16, fig, 13, 2.

(245) *V.* nota 164: Fernández-Posse, M. D., 1982.

(246) *V.* nota 16, fig. 9, nº 9, fig. 12, nº 11, fig. 9, nº 10.

(247) *V.* nota 3: Leisner, V., 1965, tafel 32, nºs 54, 55, 56; tafel 66, nºs 18, 19, 22 e 25.

(248) Santos Júnior, J. R. (1933), A cerâmica campaniforme de Mairos... fig. 1, nº 7.

(249) Análise realizada por S. Junghans e M. Schröder, em 1968: Junghans, S. Sangmeister, E. e Schröder, M., (1968) *Kupfer und Bronze in der frühen...*, Band 2, teil 3, com o nº 1923. Essa primeira análise não incluía arsénio. Posteriormente (Junghans, S., Sangmeister, E. e Schröder, M. (1974) *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit...*, Band 2, teil 4, p. 367), esse primeiro resultado foi corrigido, tendo sido detectado pelos investigadores alemães, um teor de arsénio de 0,3%. Agradecemos este esclarecimento ao Doutor J.M. Peixoto Cabral, o qual, juntamente, com M. Fátima Araújo, (do Deptº de Química do Instituto de Energia do LNETI) realizou a nosso pedido, nova análise, tendo determinado igualmente, um teor de arsénio, à superfície do objecto, de cerca de 1% (*v.* apêndice).

(250) Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la edad del cobre de "El Malagón"...; Arribas, A. e Molina, F. (1984), Estado actual de la investigación del Megalitismo..., p. 97 e nota 235.

(251) Sangmeister, E., Schubart, H. e Trindade, L. (1970), Escavação na fortificação eneolítica...; idem (1971), Escavações na fortificação da idade do cobre...

(252) Arribas, A. e Molina, F. (1979), *El Poblado de "Los Castillejos" en Las Peñas de Los Gitanos...*

(253) Gonçalves, V. (1971), *O Castro da Rotura...*

(254) Paço, A. (1939, 1942), A póvoa eneolítica...

(255) Savory, H. N. (1970), A section through the innermost rampart...

(256) Harrison, R. J. (1974), A reconsideration of the Iberian...

(257) Harrison, R. J. e Craddock, P. T. (1981), A study of the Bronze Age Metalwork..., pp. 160-164, 175.

(258) Uma das datas (UGRA 133) já havia sido sumariamente noticiada: Jorge, Susana Oliveira (1982), Uma data de C 14 para a Pré-história do Norte de Portugal: breve comentário...

(259) A diferença entre os seus valores médios é inferior à raiz da soma dos quadrados dos desvios (Cabral, João M. Peixoto e Soares, A. M. (1984), Datação pelo radiocarbono II - Sobre a estimação... pp. 96-97).

(260) *V.* nota 259.

(261) A recolha da amostra foi realizada na suposição da esterilidade arqueológica da camada de base onde era aberta a lareira em questão. Por outro lado, quando foi enviada a amostra para datação, não havia ainda sido amplamente escavada a camada subjacente à da Lareira 3, o que só veio a ocorrer na campanha seguinte. A total caracterização desta camada só pôde, assim, ser concluída algum tempo depois da selecção das amostras para datação. Tal facto impediu que reconsiderássemos a tempo a qualidade estratigráfica dos fragmentos de carvão de madeira enviados para o Laboratório de C 14 de Granada.

(262) Sob esta designação associam-se, normalmente, comunidades do IIIº milénio a.C. que conhecem o metal, mas cujo estádio de desenvolvimento tecnológico, económico e social pode ser muito diverso, consoante as várias regiões peninsulares.

(263) Schubart, H. (1977), Datas de rádio-carvão para o Castro do Zambujal...

(264) Whittle, E. H. e Arnaud, J. (1975), Thermoluminescent dating of neolithic and chalcolithic pottery from sites in Central Portugal... .

(265) Kalb, Ph. (1981), Zur relativen Chronologie portugiesischer Megalithgräber, pp. 73-74.

(266) Soares, Joaquina e Silva, Carlos Tavares da (1975), A ocupação pré-histórica do Padrão e o Calcolítico da região de Setúbal.... Recentemente, Carlos Tavares da Silva revê a sua posição anteriormente exposta em diversos trabalhos de parceria com Joaquina Soares, colocando o início do Calcolítico na Estremadura a partir de 2500 a.C. (Silva, Carlos Tavares da (1983), O megalitismo e os primeiros metalurgistas..., p. 91).

(267) Silva, Carlos T. e Soares, J. (1976-77), Contribuição para o estudo dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve...

(269) *V.* nota 264.

(270) Arribas, A. e Molina, F. (1979), El poblado de "Los Castillejos" en Las Peñas de Los Gitanos (Montefrio, Granada)...

(271) Caro Bellido, A. (1982), Notas sobre el Calcolítico y el Bronce en el borde de las marismas de la margen izquierda del Guadalquivir.... A posição de Caro Bellido não é a mesma de Antonio Ramos Millan (1981) (Interpretaciones sequenciales y culturales de la edad del cobre en la zona meridional de la Peninsula Iberica. La alternativa del materialismo cultural...), o qual apenas vê possibilidade de aceitar o marco de 2500 a.C. para o começo duma fase sincrónica com o "horizonte de importação" (VNSP I/LMI) (p. 216).

(272) Arribas, António e Molina, F. (1984), Estado actual de la investigación del megalitismo en La Península Ibérica..., p. 72.

(273) Almagro, M. (1959), La primera fecha absoluta para la cultura de Los Millares a base de Carbono 14... pp. 250 ss: Schwabedissen, H. e Freundlich, J. (1966), Köln Radiocarbon Measurements I..., p. 2.

(274) Almagro Gorbea, M. J. (1973), El poblado y la necrópolis de El Barranquete, p. 245.

(275) *V.* nota 271: Ramos Millan, A. (1981), Interpretaciones... p. 224.

(276) López Plaza, E. Mª Socorro (1978), Comienzos del eneolítico..., p. 343.

(277) Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico...

(278) Apellániz, Juan Maria (1974), El grupo de Los Husos durante la Prehistória con cerámica en el país vasco..., p. 194.

(279) Esta data absoluta nunca foi devidamente publicada. Apenas conhecemos a sua referência por informação oral de A. Costa e outros investigadores galegos. Esta data estaria em relação com um nível pré-campaniforme detectado nesta estação.

(280) Recentemente A. Peña Santos realizou novas escavações nesta estação, tendo apenas detectado um nível (dividido, segundo este arqueólogo, em dois sub-níveis), no qual encontrou cerâmica decorada com incisões e puncionamentos. Não foi registada cerâmica campaniforme (informação oral de Peña Santos, que agradecemos).

(281) Leisner, V. e Ribeiro, L. (1968), Die dolmen von carapito..., pp. 61-62; Vogel, J. C. y Waterbolk, H. T. (1967), Groningen Radiocarbon Dates, VII..., pp. 132-133; idem (1972), Groningen Radiocarbon Dates, X..., p. 72.

(282) Jorge, Vítor Manuel de (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal*... pp. 859-862; idem (1984), Datas de C 14 para o Megalitismo do Norte de Portugal: breve nota...

3.2 A ESTAÇÃO DE S. LOURENÇO

3.2.1 *LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO*

A estação de S. Lourenço pertence à freguesia de Eiras, concelho de Chaves, distrito de Vila Real.

As coordenadas geográficas relativas a um ponto central da área da estação em que incidiram as escavações, são as seguintes (seg. "Carta Militar de Portugal" na escala 1/25.000 - folha 47 - Chaves).

1^{o} 42' 51" Long. E Lx.

41^{o} 43' 9" Lat. N

O povoado localiza-se na parte média do *rebordo oriental da bacia de Chaves;* integra-se numa área situada à altitude absoluta de 580-610 m, inserta na encosta da *abrupta escarpa de falha* que domina o vale do Tâmega a leste da cidade de Chaves (1).

A área ocupada pela estação, segundo a "Carta Geológica de Portugal", na escala de 1/50 000 (folha 6B - Chaves), encontra-se implantada numa unidade geológica constituída por *granitos alcalinos, de grão médio a grosseiro de duas micas ou moscovítico*, que pertence a uma extensa mancha localizada a oriente do Tâmega, entre Nogueira da Montanha e Eiras. Esta mancha de granitos encontra-se encravada numa ampla extensão de rochas silúricas metamorfizadas (complexo de *xistos e granitos*), que, no caso da estação de S. Lourenço, a circunda a apenas algumas centenas de metros para ocidente (2). O afloramento é atravessado por um filão de quartzo mineralizado que aflora, perto de S. Lourenço, entre Carvela e Tresmundes (3).

Do ponto de vista hidrogeológico, segundo a "Carta Hidrogeológica de Portugal", na escala de 1/1 000 000 (4), a área da estação encontra-se integrada numa unidade de *rochas intrusivas, hercínicas, predominantemente graníticas*, que acusa uma *permeabilidade reduzida*. Importa salientar que a área circundante, constituída por *xistos e grauvaques, por vezes com quartzitos e raros vulcanitos do Paleozóico e Precâmbrico, em parte fortemente metamorfizados, demonstra adicionalmente uma permeabilidade muito reduzida*. A *natureza do solo* (areias grosseiras com cascalho e intercalações argilosas) dificulta a acumulação das águas em profundidade (5). Apesar do nível freático, em toda a bacia de Chaves, variar com as precipitações, sendo cortada a comunicação, no Verão, da maior parte dos cursos de água com o rio Tâmega, é de assinalar a habitual permanência do curso da Ribeira do Sampaio (denominada Ribeira do Caneiro no seu troço final), a qual passa junto à estação de S. Lourenço, atravessando, na maior parte do seu percurso, afloramentos de xistos e grauvaques de difícil permeabilidade.

Pedologicamente, segundo a "Carta dos Solos de Portugal", a zona arqueológica insere-se na unidade B - Cambissolos, variedade Bh_3 - Cambissolos húmicos (rochas eruptivas - xistos) (6).

A "Carta de Capacidade de Uso de Solos" indica-nos a existência de um *complexo* que abrange solos susceptíveis de utilização agrícola condicionada (classe C) e solos

de utilização apenas florestal (classe F) (7).

Os materiais arqueológicos encontrados à superfície do solo (revolvido por trabalhos de plantação de vinhas, que ocupam grande parte da área prospectada, e por socalcos construídos em épocas históricas para o cultivo de cereais) encontram-se espalhados por uma vasta área de contorno sub-elíptico, com cerca de 7 ha, a qual abrange, como ponto mais alto, um esporão, no cimo do qual se encontra um importante afloramento granítico, à altitude aproximada de 623 m, e diversas plataformas circundantes escalonadas entre as altitudes de 580 e 610 m (8).

Estas plataformas rodeiam o referido esporão, mas desenvolvem-se particularmente para norte e noroeste, no sentido das encostas com menor declive. A sul, a extremidade da plataforma, localizada à cota de 600 m, domina o vale encaixado da Ribeira do Sampaio (afluente do Tâmega) que descreve, a cerca de 40 metros abaixo do topo do morro rochoso, um curso sinuoso, com importantes meandros, entre os afloramentos graníticos ali existentes.

A ampla distribuição dos materiais à superfície da estação é descontínua, entrecortada pela ausência ou presença de campos de vinha e pela existência de socalcos e importantes aterros, na vertente ocidental, que alteraram por completo a topografia original do terreno. Assim, em parte devido ao acentuado declive da encosta, e em parte também devido às modificações humanas mencionadas, a encosta oeste apresenta num desnível abrupto de cerca de 20 metros entre o ponto mais alto (esporão) e um campo de vinha, existente na base de uma *plataforma* (adossada a um conjunto de grandes blocos graníticos), que parece delimitar por esse lado a estação. Para sul, a rocha aflora à superfície na vertente abrupta que desce até à ribeira do Sampaio, podendo a intensa erosão ter destruído os vestígios de qualquer ocupação pré-histórica que tivesse eventualmente ali existido.

Na verdade, é no *cimo do morro*, e na *encosta norte e noroeste* que se intensificam os materiais à superfície, nos campos de vinha, que, no local são extensos, abrangendo uma ampla área de 2 ha, que se desenvolve até à margem da povoação de S. Lourenço. Contudo, factores de origem natural e antrópica podem ter influído nesta distribuição superficial, aleatória, pelo que só uma intensa prospecção em área, aliada à realização de sondagens de controlo em várias plataformas, poderá fornecer dados mais concretos sobre a delimitação da área arqueológica a ser no futuro explorada de forma sistemática.

Como referimos, o cimo do morro, em forma de *esporão alongado*, de contorno sub-elíptico, com o maior eixo no sentido NO-SE, é uma das áreas da estação com maior interesse arqueológico. Ocupa uma superfície aplanada de 0,7 ha e é delimitado a SE por um grande afloramento granítico e a sul e a oeste por blocos baixos que afloram em quase todo o perímetro da sua área. Em duas extremidades erguem-se duas pequenas elevações, à cota de 618 m e 623 m, respectivamente. A zona do esporão encontra-se actualmente ocupada quase na totalidade por vinhas, restando inculto a SO o terreno fragoso, estando coberta por vegetação expontânea a extremidada NO (9). No topo da vertente oeste deste esporão realizaram-se sondagens arqueológicas que serão adiante descritas.

A referida vertente desce suavemente até uma encosta com inclinação genérica para ocidente. Nessa encosta, a cerca de 4 m e 8 m, respectivamente, abaixo do topo do esporão, foram igualmente abertas valas de sondagem.

Apesar de podermos distinguir várias zonas em que os materiais se concentravam (esporão, plataforma ocidental, plataformas escalonadas a N e NE, encosta SO), desconhecemos se a sua ocupação terá sido total ou parcialmente sincrónica. Alguns achados metálicos encontrados de forma fortuita, quer no esporão, quer na plataforma ocidental, indicam-nos a possibilidade duma perduração da ocupação do sítio durante um largo período de tempo, o que nos adverte para a dificuldade de determinação da dimensão global da estação em cada fase da sua evolução, apenas com base em dados resultantes da prospecção.

3.2.2 *METODOLOGIA GERAL DA ESCAVAÇÃO. SECTORES ESCAVADOS*

As limitadas sondagens arqueológicas realizaram-se durante uma curta campanha em 1984. Tiveram por finalidade identificar locais susceptíveis de fornecer dados estratigráficos ou/e estruturas preservadas que orientassem futuras escavações em área. Realizaram-se diversas sondagens no topo do esporão mencionado e na vertente oeste.

Nesta vertente (Sector I) foi implantada no terreno uma ampla quadrícula de 2 m de lado, perpendicular às curvas de nível, na qual se inseriram duas áreas de escavação distanciadas entre si cerca de 22 metros em linha recta. A área A situou-se na parte superior da vertente e ocupou uma superfície de 16 m^2. A área B localizou-se a meio da mesma, a cerca de 4 metros de distância da área A, tendo-se restringido a 7 m^2 de superfície.

No topo do esporão, acompanhando o seu limite sul e oeste, ergue-se um muro actual, divisor de propriedade, que, segundo a tradição local, está implantado no *lugar do Muro*, facto que, desde logo, nos advertiu para a provável existência naquele local de uma estrutura antiga soterrada. Assim, numa pequena porção de terreno ainda não invadida por *vinha*, realizámos sondagens restritas dum lado e outro do referido muro, as quais se integraram numa quadrícula materializada no terreno, com 2 m de lado, orientada no sentido NE-SO, perpendicular ao lado SO do esporão (Sector II).

A área abrangida pela escavação (topo do esporão e início da vertente) foi de cerca de 24 m^2. Este sector encontra-se situado a cerca de 4 metros da área A do Sector I.

Nas duas áreas intervencionadas foram utilizados pontos de referência altimétrica local (articulados em função dum nível 0 convencional global da estação e, posteriormente, ligados à rede geral do sítio). Em ambos os sectores foi seguido, como habitualmente, o método da decapagem das *camadas reais* tendo sido referenciados os materiais (individualmente ou em "conjuntos") e as estruturas em função das camadas ou, no interior destas, em conjuntos associados a estruturas. As camadas e "conjuntos" foram registados, por sua vez, pelas profundidades dos limites superior e inferior.

Notas

(1) Feio, Mariano (1951), Notas geomorfológicas. A depressão de Régua a Verin..., p. 204.

(2) *Carta Geológica de Portugal* (escala 1/50 000). *Notícia explicativa da folha 6B - Chaves* (1974) por Carlos Teixeira, C. T. de Assunção e A. V. P. Coelho.

(3) *V.* nota 2, p. 25.

(4) *Carta Hidrogeológica de Portugal (Serviços Geológicos)* (escala 1/1000 000) (1970).

(5) Zbyszewski, G. (1938), Observations sur un cas d'hydrologie dans le Nord du Portugal: le bassin de Chaves..., p. 289.

(6) *Carta dos Solos" (escala de 1/1000.000)* (Secretaria de Estado do Ambiente) (19/8) (Unidades pedológicas segundo o esquema da FAO para a Carta dos Solos da Europa).

(7) *Carta de Capacidade de Uso de Solos (escala 1/1000 000)* (Secretaria de Estado do Ambiente, 1982) (Classificação segundo o "Esboço Geral de Ordenamento Agrário" do SROA).
A área da estação confina a norte e a leste com solos de uso exclusivamente florestal, mas a sul, ao longo da ribeira do Sampaio, verificam-se solos com boa qualidade agrícola (classe A).

(8) Agradecemos ao Senhor Firmino Aires a ajuda que nos prestou no sentido de delimitar genericamente a área de interesse arqueológico do povoado de S. Lourenço.

(9) A vegetação expontânea que abarca a área da estação (particularmente abundante ao longo do curso da Ribeira do Sampaio) é constituída por castanheiros, carvalhos e diversas plantas arbustivas que são também comuns nas encostas que ladeiam a bacia de Chaves (Taborda, Vergílio, 1932, *Alto Trás-os-Montes...*, pp. 93-96).
A *Carta Agrícola e Florestal* (escala 1/1000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente, 1980) indica-nos a existência, na área da estação, de *culturas arvenses e arbustivas*, além de, nas proximidades, de povoamento de *resinosas*.

(10) Sondagens localizadas na periferia da vinha (no topo do esporão) e na encosta norte (por detrás do cemitério da povoação de S. Lourenço) revelaram-se infrutíferas, devido quer à ausência de nível arqueológico (sondagem na encosta norte) quer ao total revolvimento do nível pré-histórico (topo do esporão).

3.2.3 *ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E MATERIAIS*

3.2.3.1 Sector I

Nos dois locais intervencionados (A e B) verificou-se a mesma sequência estratigráfica: - sobre uma terra amarelada saibrosa, estéril (camada 4), existia uma camada arqueológica constituída por terra acinzentada (camada 3) (na base da qual se inseriam pedras de grandes dimensões no sector I A), à qual se sucedia uma camada de cor amarelada (camada 2) com material cerâmico muito fragmentado associado a pedras de pequenas dimensões. Uma espessa camada humosa, revolvida (camada 1), cobria as duas áreas

Apesar da existência de pedras na base da c.3 do sector I A, delimitando um espaço de contorno sub-circular, e da ocorrência, também na mesma zona, dum estrato acinzentado escuro, não foi possível definir com segurança um nível "in situ" de ocupação. Na verdade, as camadas 3 e 2 incluíam grande abundância de cascalho e pedra-miúda, apresentando uma textura pouco compacta. Apesar de tudo, os materiais das duas camadas revelaram-se muito homogéneos (particularmente os fragmentos cerâmicos), podendo estas duas camadas corresponder eventualmente ao arrastamento pela encosta de materiais provenientes dum nível de ocupação existente no topo da vertente ou no esporão oeste.

a) Material lítico (*camadas 1-3*)

É constituído por cinco *pontas de seta*, três em corneana e duas em xisto.

Mediana (4)	Base côncava (fragmentada) (1) Base côncava (sem aletas) (2) Base pedunculada (com aletas) (1)
Curta (1)	Base côncava (sem aletas) (1)

As pontas de seta apresentam retoque plano: uma tem retoque marginal, três têm retoque profundo e outra retoque profundo e marginal (respectivamente, nas duas faces).

- Três *grandes lascas retocadas lateralmente* (duas em xisto, uma em corneana); - uma *lasca residual* em xisto;

- Um *disco de ardósia*, de contorno sub-quadrangular, de cantos arredondados e secção sub-rectangular achatada, com perfuração central bitronco-cónica;

- Uma *goiva* de anfibolito de contorno sub-rectangular e secção sub-quadrangular; seis *machados polidos* (quatro de anfibolito, um de pórfiro, um de gnaisse anfibólico). Em três é possível caracterizar a forma: sub-triangular, sub-trapezoidal e sub-rectangular, respectivamente. Quatro exemplares

têm secção sub-rectangular e um outro sub-quadrangular;

- Três fragmentos de elementos móveis de *moinhos* em granito: contorno sub--circular, secção plano-convexa; contorno sub-elíptico, secção plano-convexa; contorno sub-rectangular, secção rectangular, respectivamente.

b) Material cerâmico

Camadas 1-2

Foram observados 299 fragmentos cerâmicos (173 decorados e 126 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados os tipos 1.2 (desengordurante médio - e.n.p. - 0,5 mm - - 1 mm) e 1.3 (desengordurante grosseiro - e.n.p. > 1 mm). Os exemplares apresentavam pastas compactas.

1.2 - 219 ex. - 73,2%
1.3 - 80 ex. - 26,7%

- *tipos de superfícies*

Foram considerados três tipos: 1/1 (superfícies corroídas), 3/3 (superfícies alisadas) e 4/3 (superfície externa polida e interna alisada).

1/1 - 33 ex. - 11%
3/3 - 251 ex. - 83,9%
4/3 - 15 ex. - 5%

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada) e 2 (cor avermelhada)

1 - 180 ex. - 60,2%
2 - 119 ex. - 39,7%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 173 exemplares decorados foram identificadas *cinco técnicas decorativas* predominantes ou exclusivas de cada exemplar:

Incisão - 132 ex. - 76,3%

Impressão "penteada" - 36 ex. - 20,8%

Punção - 3 ex. - 1,7%

Punção ("tipo Boquique") - 1 ex. - 0,5%

Impressão "penteada" arrastada - 1 ex. - 0,5%

Saliente-se a predominância da incisão, seguida da impressão "penteada".

. Caracterização morfológica (Figs. 1, 2, 3, 10)

Foram registadas *quarenta formas* (trinta e cinco decoradas e cinco lisas) as quais se distribuem por *cinco* tipos morfológicos. Os diversos diâmetros externos da boca em *29* exemplares integram *seis* categorias:

2 - 6-10 cm - 1 ex.

3 - 11-15 cm - 6 ex.

4 - 16-20 cm - 16 ex.

5 - 21-25 cm - 5 ex.

6 - 26-30 cm - 1 ex.

Predominam os diâmetros médios, estando ausentes os vasos de muito pequenas ou grandes dimensões.

Tipo 1 (2 ex., 5%) - Esférico de boca muito fechada e fundo provavelmente arredondado; Dam ext bc 2 e 3. P varia entre 116 e 133. A varia entre 66 e 75. (Variante A - bordo arredondado, sem colo; variante B - leve acentuação do colo).

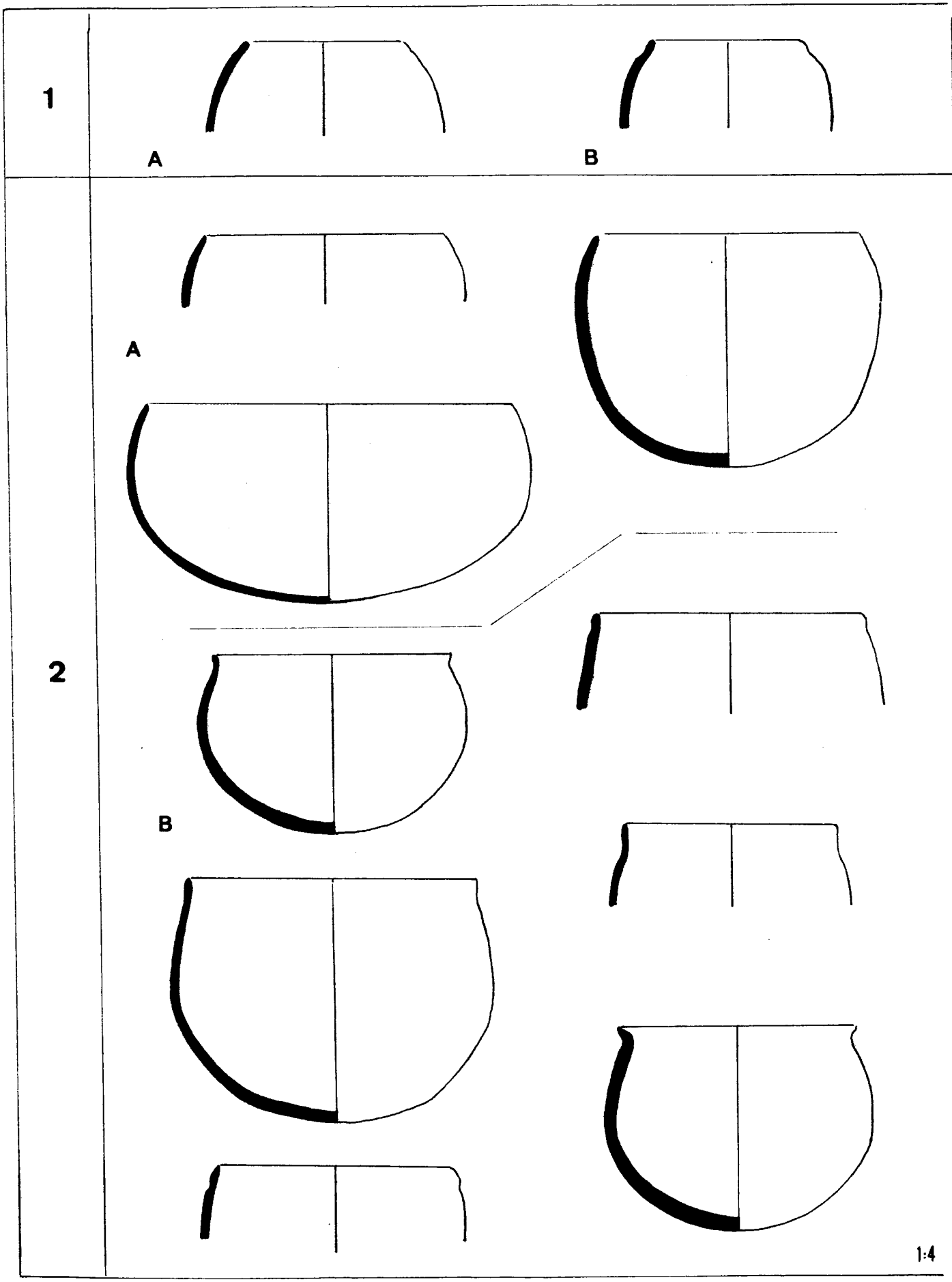
Tipo 2 (6 ex., 15%) - Esférico de boca fechada e fundo arredondado. Dam ext bc varia entre 3 e 4, em igualdade de circunstâncias. P varia entre 76 e 88. A varia entre 85 e 88 (variante A - sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

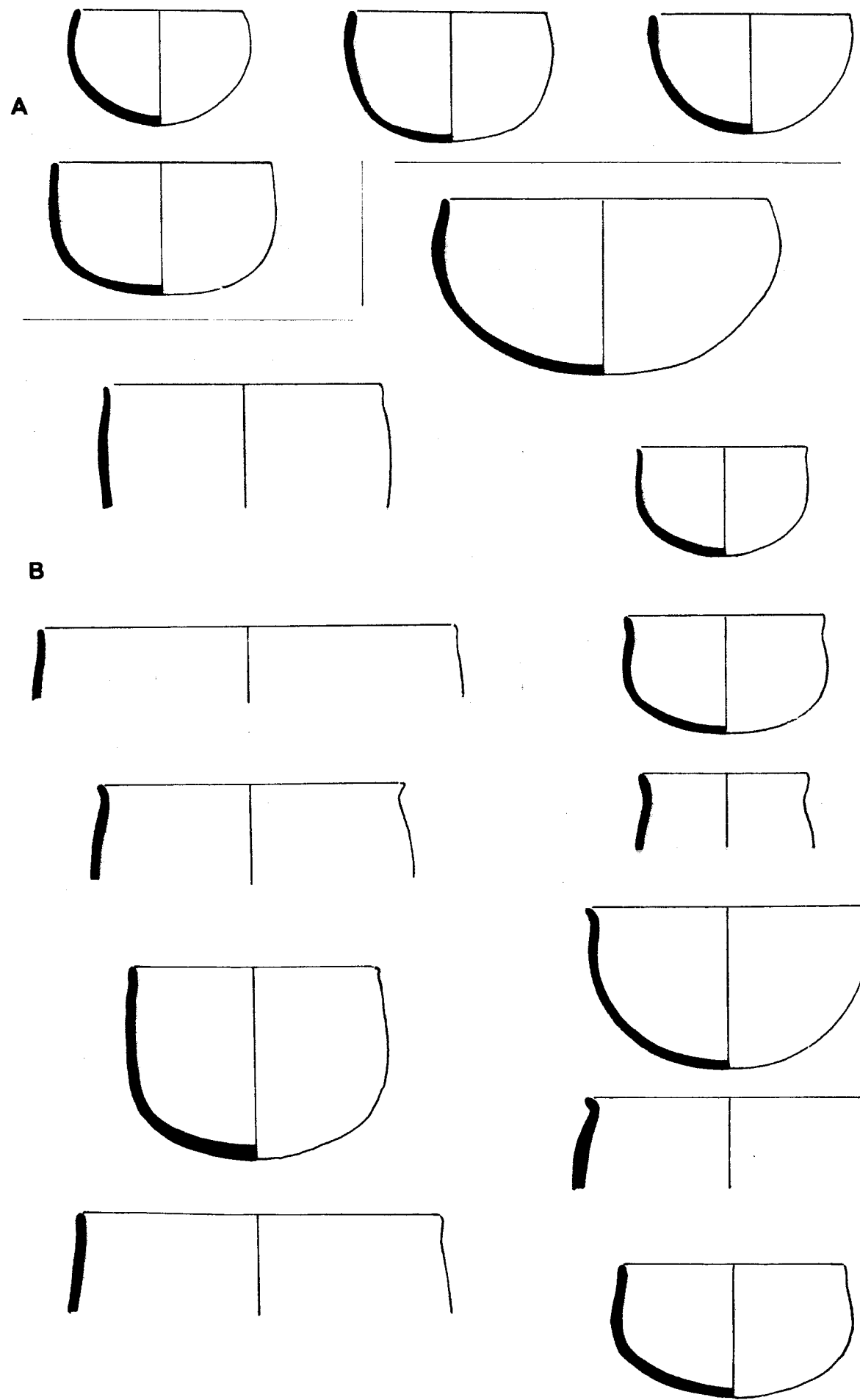
Tipo 3 (25 ex., 62,5%) - Esférico de boca levemente fechada e fundo arredondado. Dam ext bc varia entre 3 e 6, predominando o 4. P varia entre 55 e 87. A varia entre 90 e 98 (variante A - sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

Tipo 4 (2 ex., 5%) - Taça em calote de esfera. Dam ext. bc 4. P varia entre 48 e 56 (variante A - sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

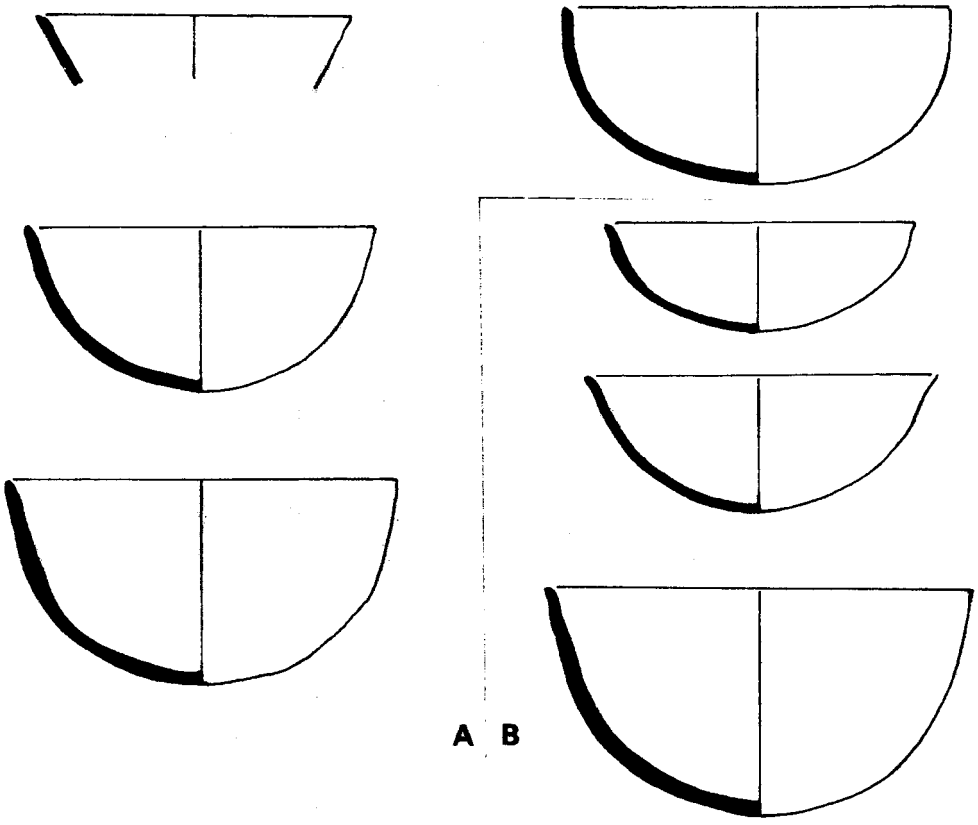
Tipo 5 (5 ex., 12.5%) - Recipiente ovóide, de boca fechada, com colo acentuado e bordo extrovertido, de fundo provavelmente arredondado. (Variante B - com acentuação do colo; variante C - marcada acentuação do colo e bordo recto). Não são conhecidas dimensões do diâmetro externo da boca.

- Predominam em todas as formas os recipientes com diâmetros médios.

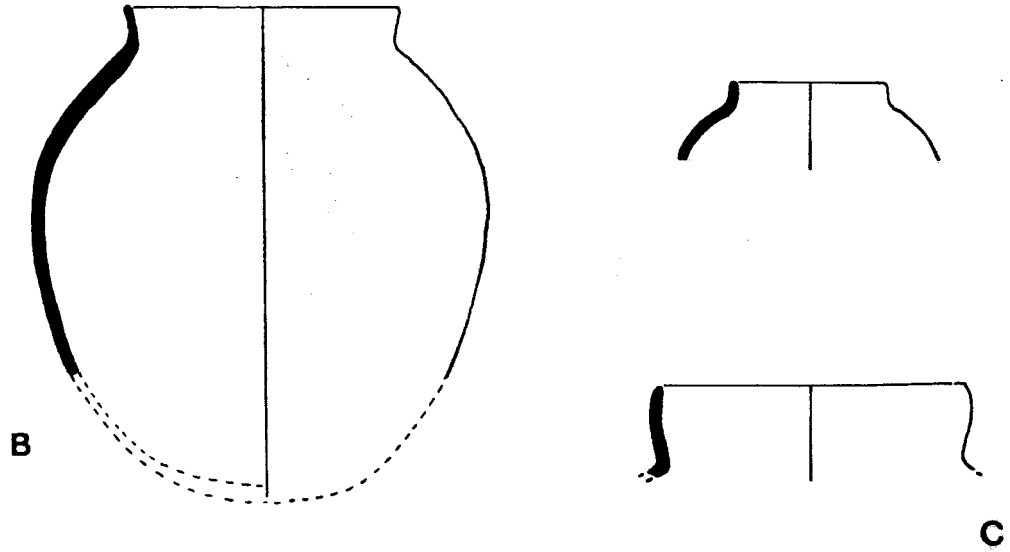

1
A
B
2
A
B
1:4


A
B
3

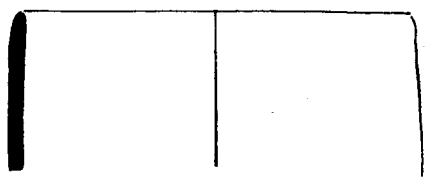
4



5



6



7



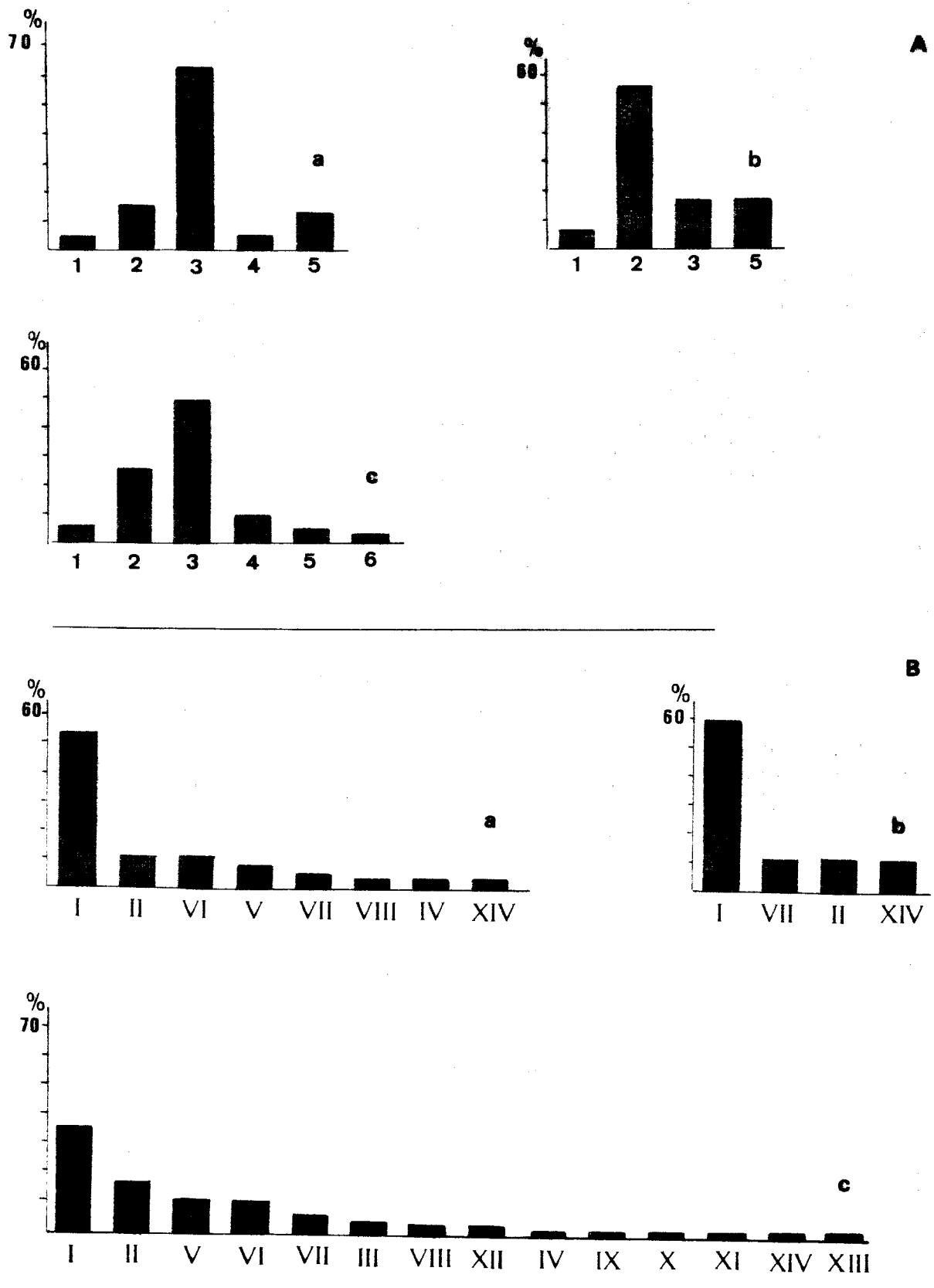

A
%
70
a
1 2 3 4 5
%
60
b
1 2 3 5
%
60
c
1 2 3 4 5 6
B
%
60
a
I II VI V VII VIII IV XIV
%
60
b
I VII II XIV
%
70
c
I II V VI VII III VIII XII IV IX X XI XIV XIII

Fig. 10

- O tipo 3 integra uma gama variada de dimensões, o que pode eventualmente relacionar-se com a existência duma maior diversidade de funções.

- Os maiores vasos inserem as formas 3 e 5.

- A forma 5 deve articular-se especificamente com o aprovisionamento de alimentos.

Nos quarenta vasos analisados podemos distinguir as seguintes percentagens de técnicas decorativas.

Incisão - 26 ex. - 65%

Impressão "penteada" - 8 ex. - 20%

Punção ("tipo Boquique") - 1 ex. - 2,5%

Punção arrastada - 1 ex. - 2,5%

Estes valores estão de acordo com os obtidos na amostragem global.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 35 exemplares)

	LISA	INCISÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"	PUNÇÃO	PUNÇÃO ARRASTADO
1 A		1			
B		1			
2 A	1	1	2		
B		2			
3 A		4	4		
B	1	14	1	1	
4 A		2			
B	1	1	1		1
5 C	1				

- A forma 3 B apresenta a maior variabilidade de técnicas decorativas; os vasos lisos distribuem-se pelas formas 2, 3 e 5; - a incisão predomina na forma 3 B e a impressão "penteada" na forma 3 A.

- *tipos de pasta* (em 40 exemplares)

1.2 - 31 ex. - 77,5%

1.3 - 9 ex. - 22,5%

- *tipos de superfícies* (em 40 exemplares)

1/1 - 6 ex. - 15%

3/3 - 33 ex. - 82,5%

4/3 - 1 ex. - 2,5%

- *tipos de cores* (em 40 exemplares)

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 22 ex.	7 1.1	 1.2	15 1.3
2 12 ex.	4 2.1	4 2.2	4 2.3
3 6 ex.	3 3.1	3 3.2	 3.3

Predominam as superfícies acastanhadas.

. Articulação da forma e cor (em 40 exemplares)

		1		2			3	
		1.1	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	3.2
1	A	1						
	B	1						
2	A	2	1					
	B		2					
3	A		6	1	1			
	B	1	4	3	1	3	3	2
4	B	2						
5	B		1		2			1
	C		1					

- A forma 3 B apresenta a maior variedade de cores. - a forma 3 integra o maior número de exemplares com os diferentes tipos de cores.

. Articulação entre forma e pasta (em 40 exemplares)

	1.2	1.3
1 A	1	
B		1
2 A	4	
B	1	1
3 A	8	
B	15	2
4 B	2	
5 B		4
C		1

- Verifica-se a ausência de recipientes com desengordurante fino; - nas formas 2, 3 e 4 predominam pastas de tipo 1.2; - na forma 5 domina a pasta de tipo 1.3.

. Articulação entre forma e superfície (em 40 exemplares)

	1	3	4
	1	3	3
1 A		1	
B		1	
2 A	1	3	
B	1	1	
3 A	1	7	
B	2	15	
4 B		1	1
5 B		4	
C	1		

- À excepção das formas 1 e 5, as formas 2, 3 e 4 incluem dois tipos de superfícies; - em todas as formas (excepção da 4) predomina o alisamento nas duas superfícies (3/3); - a forma 3 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares de tipo 3/3.

. Organizações decorativas (Figs. 4, 10)

Em cinquenta e quatro fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectados *oito organizações decorativas*, que passamos a descrever por ordem decrescente de importância, no contexto destas duas camadas:

- I (29 ex., 53,7%) - sequência horizontal e vertical: sob o bordo desenvolve-se uma ou mais linhas incisas paralelas a este; abaixo destas constrói-se, em sequência alternada, uma sucessão de linhas verticais incisas, paralelas entre si (motivo separador), linhas quebradas horizontais ou verticais, e diversos tipos de reticulados. Pode ocorrer a existência de linhas incisas horizontais, que particionam horizontalmente um motivo delimitado, por sua vez, por linhas incisas verticais.

  Esta organização utiliza a incisão como única técnica decorativa.

- II (6 ex., 11,1%) - sequência horizontal, na qual o motivo nuclear é o triângulo; sob o bordo representa-se uma linha (ou uma faixa) incisa, paralela a este; abaixo desta ocorre uma sequência de triângulos incisos preenchidos internamente com incisões ou puncionamentos. Esta organização integra a incisão e o puncionamento.

- VI (6 ex., 11,1%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolvem-se faixas constituídas por linhas impressas "penteadas" (curvilíneas ou rectilíneas) horizontais, alternadas com bandas sem decoração. Esta organização só utiliza a impressão "penteada".

- V (4 ex., 7,4%) - sequêncial horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma faixa constituída por linhas impressas "penteadas" (rectilíneas ou/e curvilíneas). Domina a impressão "penteada".

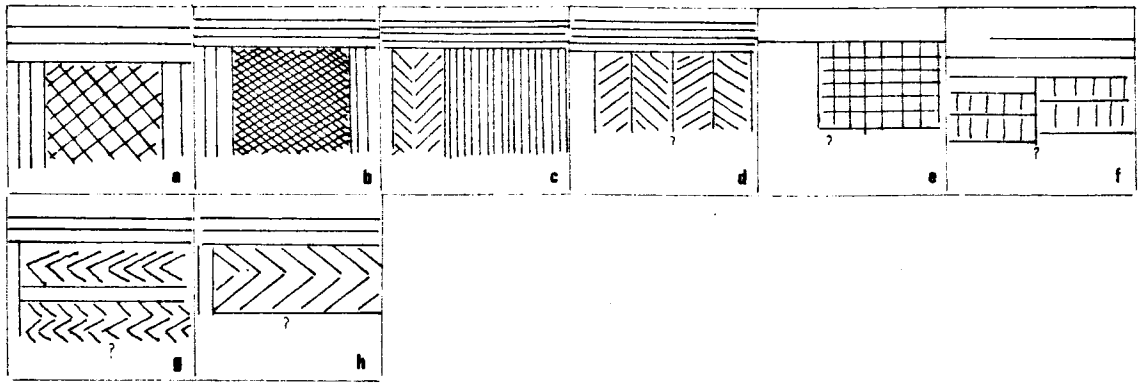
- VII (3 ex., 5,5%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma faixa constituída por linhas incisas horizontais paralelas àquele, sob as quais se sucedem linhas quebradas horizontais ou linhas oblíquas desencontradas. Domina a incisão.

- VIII (2 ex., 3,7%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolvem-se linhas incisas paralelas a este, abaixo das quais se inserem linhas quebradas verticais. Domina a incisão.

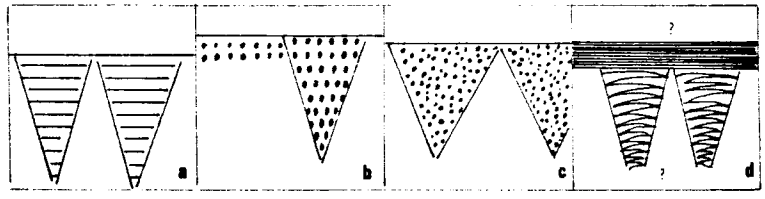
- IV (2 ex., 3,7%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma faixa horizontal constituída ou por linhas impressas "penteadas" ou por linhas oblíquas inscritas em linhas horizontais incisas. Ocorre quer a incisão quer a impressão "penteada".

- XIV (2 ex., 3,7%) - sequência horizontal; linhas paralelas ao bordo seguidas de linhas curvilíneas formando "grinaldas". É utilizada a punção "arrastada".

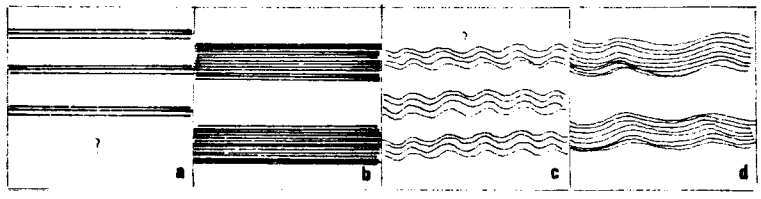
I



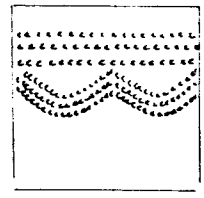
II



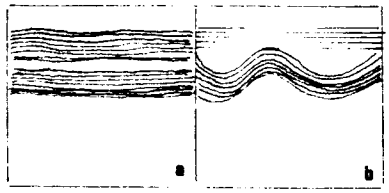
VI



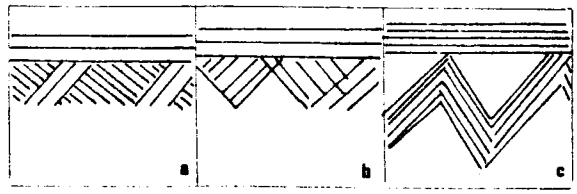
XIV



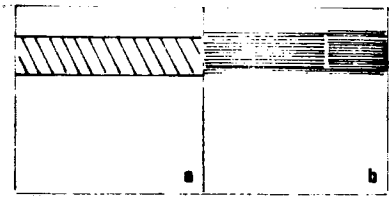
V



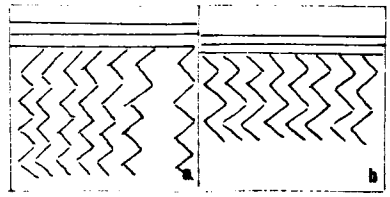
VII



IV



VIII



São de acentuar os seguintes aspectos:

- a incisão encontra-se isolada nas organizações I, VII e VIII; a impressão "penteada" é exclusiva das organizações V e VI; a punção arrastada ocorre num só tipo de organização - XIV; a punção simples apenas aparece, associada à incisão, na organização II;

- à excepção da organização IV, todas as organizações se desenvolvem do bordo para a parte média ou base do vaso;

- as organizações I, VI e VIII alcançam a base; - a organização I invade a maior parte das superfícies dos vasos.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 54 exemplares)

		I	II	VI	V	VII	VIII	IV	XIV
1	A	1							
	B	1							
2	A			1	1	1			
	B	1					1		
3	A	3			1	1		1	
	B	12	1		1			1	
4	B	1					1		
5	B		1	1					1
	C								

- As formas 3 A e 3 B apresentam a maior variedade de organizações decorativas; - a forma 3 inclui o maior número de exemplares com a organização I.

Camada 3

Foram registados 63 fragmentos cerâmicos (51 decorados e 12 lisos)

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Apenas foi observado o tipo 1.2 articulado com a categoria de pasta compacta.

1.2 - 63 ex.

- *tipos de superfícies*

Foram analisados os tipos 3/3 e 4/3

3/3 - 55 ex. - 87,3%
4/3 - 8 ex. - 12,6%

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada) e 2 (cor avermelhada)

1 - 13 ex. - 20,6%
2 - 50 ex. - 79,3%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 51 exemplares foram identificadas três técnicas decorativas:

Incisão - 49 ex. - 96%
Punção - 1 ex. - 1,9%
Punção arrastada - 1 ex. - 1,9%

. Caracterização morfológica (Figs. 1, 2, 10)

Foram seleccionadas *sete formas* (todas decoradas), as quais se distribuem por dois tipos morfológicos.

Os vários diâmetros externos da boca destes 7 vasos integram quatro categorias:

3 - 11-15 cm - 3 ex.
4 - 16-20 cm - 2 ex.
5 - 21-25 cm - 1 ex.
6 - 26-30 cm - 1 ex.

Tipo 2 (3 ex.) - (*V.* camadas 1-2). Dam ext bc varia entre 3 e 4. P varia entre 60 e 78. A varia entre 85 e 89 (variante A - sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

Tipo 3 (4 ex.) - (*V.* camadas 1-2). Dam ext bc varia entre 3 e 6. P varia entre 56 e 87. A varia entre 91 e 98 (variante A - sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

- Predominam nas duas formas os diâmetros entre 3 e 6; - o tipo 3 integra uma gama variada de dimensões, incluíndo grandes vasos.

Nas 7 formas analisadas foram registadas duas técnicas decorativas:

Incisão - 6 ex.

Punção ("tipo Boquique") - 1 ex.

. Articulação entre forma e técnica (em 7 exemplares)

		INCISÃO	PUNÇÃO ARRASTADA
2	A		1
	B	2	
3	A	1	
	B	3	

- *tipos de pasta* (em 7 exemplares)

1.2 - 7 ex.

- *tipos de superfícies* (em 7 exemplares)

3/3 - 5 ex.

4/3 - 2 ex.

- *tipos de cores* (em 7 exemplares)

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 2 ex.	2 1.1	–	–
2 3 ex.	–	3 2.2	–
3 2 ex.	2 3.1	–	–

. Articulação entre forma e cor (em 7 exemplares)

		1	2	3
		1.1	2.2	3.1
2	A			1
	B	1	1	
3	A		1	
	B	1	1	1

- A forma 3 B apresenta a maior variedade de cores.

. Articulação entre forma e pasta (em 7 exemplares)

		1.2
2	A	1
	B	2
3	A	1
	B	3

- Verifica-se a ausência de recipientes com desengordurante fino e grosseiro.

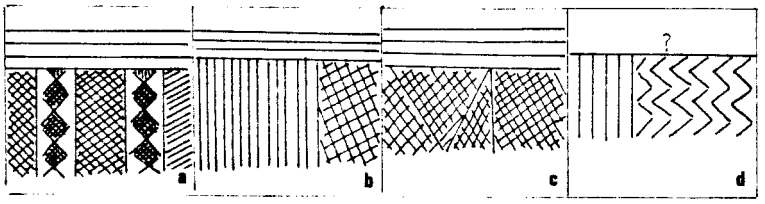
. Articulação entre forma e superfície (em 7 exemplares)

		3	4
		3	3
2	A		1
	B	1	1
3	A		
	B	4	

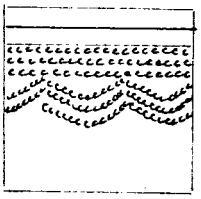
. Organizações decorativas (Figs. 5, 10)

Em dez fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *3 organizações decorativas*, que passamos a descrever por ordem de importância:

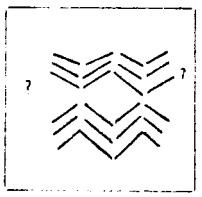
I



XIV



VII



- I (8 ex.) (*V.* camadas 1 e 2). Saliente-se um exemplar que apresenta faixas de reticulados verticais alternando com faixas com losangos verticais preenchidos com reticulado (Fig. 5, I a). Domina a incisão.

- XIV (1 ex.) (*V.* camadas 1 e 2). É utilizada a punção arrastada.

- VII (1 ex.) *V.* camadas 1 e 2). Domina a incisão.

- A incisão é exclusiva das organizações I e VII e a punção arrastada da organização XIV.

- Todas as organizações se desenvolvem do bordo para a parte média ou base do vaso; a organização I invade a quase totalidade da superfície dos recipientes.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 7 exemplares)

		I	XIV
2	A		1
	B	2	
3	A	1	
	B	3	

- A forma 3 inclui o maior número de exemplares com a organização I.

. Categorias tipológicas (Fig. 11)

Reagrupando as formas atrás descritas (camadas 1 a 3) em função da *capacidade* dos recipientes, dividimo-las em três categorias gerais: 0,4 ℓ - 1 ℓ/1,5 ℓ; 2 ℓ - 4,5 ℓ; 4,5 ℓ - 6 ℓ/7 ℓ (?).

Predominam os *vasos de capacidade média* (1 ℓ - 1,5 ℓ a 2 ℓ - 4,5 ℓ), os quais estão distribuídos por quase todas as formas; *os maiores vasos* (6 ℓ - 7 ℓ) integram-se na forma 3 (não foi possível deduzir a capacidade dos vasos ovóides incluídos no tipo 5, que deverão certamente apresentar grandes dimensões); é de notar a ausência de grandes vasos de capacidade superior a 7 ℓ.

Relacionando as dimensões médias dos vasos (capacidade), com presença ou ausência de decoração, verificamos que não se regista significativa articulação entre os dois tipos de variáveis.

Com base na análise conjunta da forma, pasta, superfície, tamanho e índices de profundidade e de abertura da boca, organizaram-se as seguintes categorias tipológicas em *47* dos recipientes cerâmicos existentes no sector I:

I - (40 ex., 85,1%)

Trata-se de vasos de boca relativamente larga e significativa profundidade, de medianas ou grandes dimensões, integrando as formas 1, 2 e 3. A capacidade destes recipientes varia entre 0,4 ℓ e 7 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente decorado, segundo a técnica de incisão, impressão "penteada", e puncionamento, integrando as organizações I, II, VI, V, VII, VIII, IV e XIV. Predomina a organização I.

II - (2 ex., 4,2%)

São vasos de boca muito larga, de pequena profundidade, médias dimensões, inserindo a calote de esfera (f. 4). A capacidade varia entre 1 ℓ e 1,5 ℓ. Inclui a técnica de incisão e as organizações I e VIII.

III - (5 ex., 10,6%)

Refere-se a vasos de prováveis grandes dimensões, boca estreita, grande profundidade e forma ovóide (f. 5). Não é possível determinar a sua capacidade. Nos exemplares estudados observaram-se recipientes decorados segundo as técnicas de incisão, impressão "penteada" e puncionamento arrastado, distribuídos pelas organizações II, VI e XIV.

c) Distribuição espacial dos materiais arqueológicos

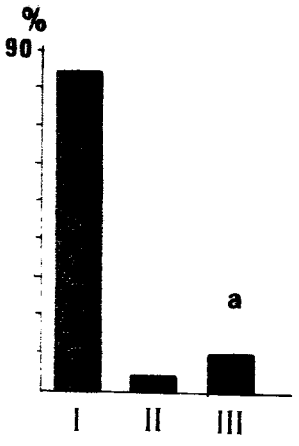
Não foram reconhecidas associações significativas de artefactos líticos ou cerâmicos. Contudo, o alargamento do sector I A pode futuramente fornecer, na camada 3, testemunhos "in situ" localizados nas imediações dos afloramentos situados a oeste.

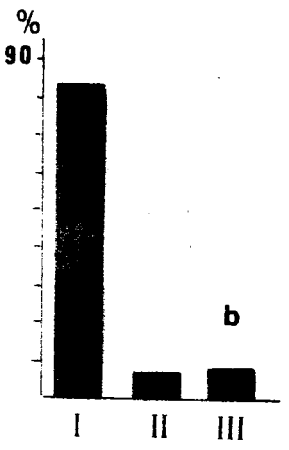
Esse alargamento poderá também contribuir para a interpretação funcional do conjunto de pedras agora descoberto na base da camada 3, o qual parece delimitar um espaço semi-circular, no interior do qual foi encontrado um vaso fragmentado "in situ".

3.2.3.2 Sector II

Ocupação mais antiga

A 1ª fase da ocupação deste sector apenas foi detectada nos quadrados implantados no topo do esporão, A'1, A'2 e A'3, uma vez que nos abertos na vertente não foi possível atingir a rocha de base. Ela materializa-se numa camada acinzentada escura, pouco espessa, com abundantes vestígios de carvão (camada 5), que se depositou sobre a rocha





C

de base, moldando-se às irregularidades do granito em restritas áreas, descontínuas. No quadrado A'3 ocorre uma *lareira* estruturada com algumas pedras definindo um pequeno espaço sub-elíptico, no interior do qual se descobriram abundantes fragmentos de carvão e um recipiente cerâmico de paredes enegrecidas por acção do fogo.

Nesta camada apenas foram encontrados fragmentos de vasos cerâmicos.

a) Material cerâmico

Foram registados 19 fragmentos cerâmicos (9 decorados e 10 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foi considerado apenas o tipo 1.2 - 19 ex.

Todos os exemplares pertenciam à categoria de pasta compacta.

- *tipos de superfícies*

Foi registado o tipo 3/3 (superfícies alisadas) - 19 ex.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

1 (cor castanha) - 18 ex.

2 (cor avermelhada) - 1 ex.

- *tipos de técnicas decorativas*

Em oito exemplares decorados foi apenas identificada a técnica de incisão.

. Caracterização morfológica (Figs. 1, 2, 3, 10)

Foram seleccionadas *seis formas* (todas decoradas), as quais se distribuem por *três* tipos morfológicos. Só foram definidos três diâmetros externos da boca, incluíndo-se dois na categoria 3 - 11-15 cm e um na 4 - 16-20 cm.

Tipo 2 (1 ex.) - (*V.* sector I). Não foi possível determinar Dam ext bc, P e A. (Variante A - sem colo).

Tipo 3 (4 ex.) - (*V.* sector I). Dam ext bc 3. P varia entre 51 e 65. A varia entre 90 e 95. (Variante A - sem colo; variante B - com colo).

Tipo 6 (1 ex.) - Recipiente de forma sub-tronco-cónica ou cilíndrica, de lados quase rectos. Dam ext bc 4. A - 96.

Nestes seis vasos apenas foi observada a técnica de incisão: caneluras de diversa profundidade ou ténues incisões largas.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 6 exemplares)

	INCISÃO
2 A	1
B	
3 A	2
B	2
6	1

- tipos de pastas: 1.2 - 6 ex.
- tipos de superfícies: 3/3 - 6 ex.
- Tipos de cores: cor 1 (acastanhada) - 6 ex.

. Articulação entre forma e cor (em 6 exemplares)

	1
	1.1
2 A	1
3 A	2
B	2
6	1

. Articulação entre forma e pasta (em 6 exemplares)

	1.2
2 A	1
3 A	2
B	2
6	1

. Articulação entre forma e superfície (em 6 exemplares)

	3.3
2 A	1
3 A	2
B	2
6	1

. Organizações decorativas (Figs. 6, 10)

Em cinco fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *2 organizações decorativas:*

- I (3 ex.) (*V.* sector I). Domina a incisão.

- VII (2 ex.) (*V.* sector I). Domina a incisão.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 3 exemplares)

	I	VII
3 A	2	
B		1

Ocupação mais recente

A 2ª fase da ocupação deste sector engloba todos os quadrados escavados, embora, na vertente, apenas tenha sido detectado o topo da mesma, uma vez que não foi possível atingir ali a rocha de base.

Esta segunda ocupação materializa-se, em primeiro lugar, através da construção duma espessa *estrutura pétrea*, constituída por grandes lajes fincadas, na parte superior do esporão (quadrados A'3 e A'2), as quais continham um enchimento de pedras de variadas dimensões, imbricadas umas nas outras (entre as quais foram descobertos fragmentos de mós e artefactos líticos polidos). Esta estrutura pétrea assentava, quer na camada 5, quer, quando esta não existia, sobre a rocha da base (nos quadrados A'3, A'2, A'1 e A1'). As pedras do enchimento estavam insertas numa terra de cor amarelada e textura arenosa (camada 4). A superfície dum enchimento de tipo semelhante (na verdade é-nos impossível afirmar que se trata da continuação da mesma estrutura descrita, pois não foi escavada uma área intermédia, com 2 metros de comprimento) foi detectada também na vertente, nos quadrados C'2 e D'2.

Contemporânea da utilização da referida estrutura pétrea foi registada *a ca*

mada 3, de cor acinzentada, que não só encostava às grandes lajes fincadas da estrutura, nos quadrados A 3, A 2, A 1 e A1', como se sobrepunha à mesma nos quadrados restantes, no sentido da vertente. Nesta camada, foram detectadas manchas bem delimitadas, de contorno sub-circular ou sub-elíptico com vestígios de intensa utilização do fogo, contíguas à estrutura situada a NE. Nestas áreas ocorreram as maiores concentrações de artefactos, particularmente de fragmentos de vasos cerâmicos. No interior de uma dessas áreas (quadrados A 1 - B 1) foi definida uma zona em que se observou uma intensa acumulação de carvões, podendo eventualmente relacionar-se com uma lareira não estruturada.

Toda esta área foi coberta por uma camada de cor amarelada (camada 2), que deve corresponder ao período de abandono do local.

Pelas características específicas da estrutura pétrea mencionada, sua localização na periferia do esporão, acompanhando o contorno do mesmo, poderíamos interpretá-la como uma *estrutura defensiva* de pequena altura e grande largura. Esta hipótese só poderá vir a ser confirmada por uma ampla escavação, que não só ligue o topo do esporão à vertente, como torne visível todo o perímetro da estrutura agora detectada.

a) Material lítico (*camadas 1-4*)

É constituído por duas *pontas de seta*, em xisto: uma é fragmentada na base, de lados rectilíneos; outra é mediana, de base côncava e lados convexos. Ambas têm retoque plano, marginal.

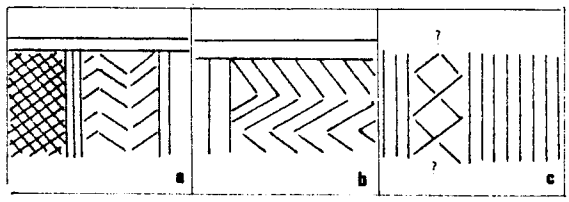
- Uma *lamela* retocada em quartzo hialino;
- Uma *lasca* retocada bilateralmente e outra lateralmente, em xisto;
- Duas *lascas residuais* em sílex;
- Um *objecto polido duplo*: enxó e cinzel, em silimanite, de secção sub-circular;
- Dois *machados polidos* de anfibolito, de contorno sub-trapezoidal e secção rectangular;
- Dois fragmentos de elementos dormentes de *mós manuais* em granito, de secção plano-convexa;
- Um fragmento de elemento móvel de *mó manual* em granito, de contorno elíptico alongado e secção rectangular pouco espessa.

b) Material cerâmico

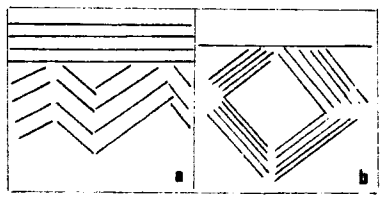
Camada 4

Foram analisados 346 fragmentos cerâmicos (47 decorados e 299 lisos).

I



VII



. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados dois tipos (1.2 e 1.3). Os exemplares incluem-se nas categorias de pasta compacta.

1.2 - 283 ex. - 81,7%

1.3 - 63 ex. - 18,2%

- *tipos de superfícies*

Foram observados os tipos 1/1, 3/3 e 4/3 (superfícies corroídas, alisadas e externa polida e interna alisada).

1/1 - 160 ex. - 46,2%

3/3 - 184 ex. - 53,1%

4/3 - 2 ex. - 0,5%

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada), 2 (cor avermelhada) e 3 (cor acinzentada).

1 - 300 ex. - 86,7%

2 - 40 ex. - 11,5%

3 - 6 ex. - 1,7%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 47 exemplares decorados foram identificadas *quatro técnicas decorativas* predominantes ou exclusivas de cada exemplar:

Incisão - 38 ex.

Punção ("tipo Boquique") - 6 ex.

Punção - 1 ex.

Impressão "penteada" - 2 ex.

. Caracterização morfológica (Figs. 1, 2, 3, 10)

Foram registadas *dezasseis formas* (quinze decoradas e uma lisa), as quais se distribuem por *quatro* tipos morfológicos.

Os diversos *diâmetros externos da boca* de treze vasos integram quatro categorias:

3 - 11-15 cm - 2 ex.

4 - 16-20 cm - 7 ex.

5 - 21-25 cm - 2 ex.

6 - 26-30 cm - 2 ex.

Tipo 1 (1 ex., 6.2) - (*V.* sector I). Apenas ocorre a variante B. Dam ext bc 6 (?).

Tipo 2 (9 ex., 56,2%) - (*V.* sector I). Dam ext bc varia entre 4 e 5, predominando o 4. P varia entre 80 e 90. A varia entre 85 e 89. (Variante A e B).

Tipo 3 (3 ex., 18,7%) - (*V.* sector I). Dam ext bc 3. P 66 e A 90. (Variante A e B).

Tipo 5 (3 ex., 18,7%) - (*V.* sector I). Dam ext bc desconhecido. (Variante B).

- Como se verifica o tipo 2 integra a maior gama de dimensões.
- A inclusão dum exemplar no tipo 1 é hipotética. Na verdade, não possuímos suficiente porção da pança do vaso para nos decidirmos com absoluta certeza sobre a inclinação da mesma.

Nos 15 vasos em estudo observa-se a seguinte distribuição de técnicas decorativas:

Incisão - 8 ex.

Punção ("tipo Boquique") - 4 ex.

Punção - 1 ex.

Impressão "penteada" - 2 ex.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 15 exemplares)

	LISA	INCISÃO	PUNÇÃO ARRASTADO	PUNÇÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"
1 B			1		
2 A		3	1	1	
B		4			
3 A			2		
B		1			
5 B	1				2

- A forma 2 A apresenta a maior variedade decorativa; a incisão predomina na forma 2 B, o puncionamento arrastado na forma 3 A e a impressão "penteada" na forma 5 B.

- *tipos de pasta* (em 16 exemplares)

1.2 - 15 ex.

1.3 - 1 ex.

- *tipos de superfícies* (16 exemplares)

1/1 - 1 ex.

3/3 - 13 ex.

4/3 - 2 ex.

- *tipos de cores* (em 16 exemplares)

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfícies acinzentadas

	Núcleo acinzentado	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 / 10	5	–	–
2 / 4	4	–	–
3 / 2	2	–	–

- Predominam as superfícies acastanhadas.

. Articulação entre forma e cor (em 16 exemplares)

	1		2	3
	1.1	1.3	2.1	3.1
1 B	1			
2 A	2	2	1	
B		2	3	
3 A	1			
B	1			
5 B		1		2

A forma 2 apresenta a maior variedade de cores; - a forma 2 integra o maior número de exemplares com o tipo 1 e tipo 2.

. Articulação entre forma e pasta (em 16 exemplares)

		1.2	1.3
1	B	1	
2	A	5	
	B	4	
3	A	2	
	B	1	
5	B	2	1

- Estão ausentes os recipientes com desengordurante fino; - em todas as formas predominam as pastas de tipo 1.2; - a forma 2 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares com pasta de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 16 exemplares)

		1	3	4
		1	3	3
1	B		1	
2	A		4	1
	B		3	
3	A		2	1
	B		1	
5	B	1	2	

- A forma 2 inclui proporcionalmente o maior número de exemplares com o tipo 3/3.

. Organizações decorativas (Figs. 7, 10)

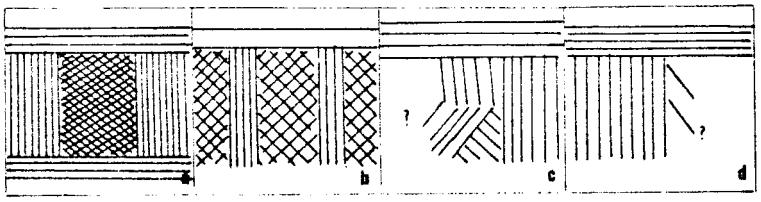
Em quinze fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *4 organizações decorativas*:

- I (9 ex., 60%) (*V.* sector I). Domina a incisão.

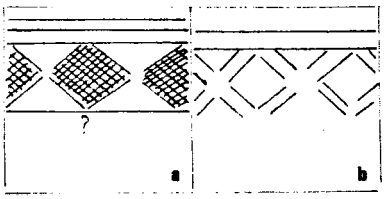
- VII (2 ex., 13,3%) (*V.* sector I). Linhas quebradas horizontais formam, sob o bordo, uma sequência horizontal de losangos (vazios ou preenchidos com reticulado). Domina a incisão.

- II (2 ex., 13,3%) (*V.* sector I). É utilizada a incisão associada ao punciomento simples ou arrastado.

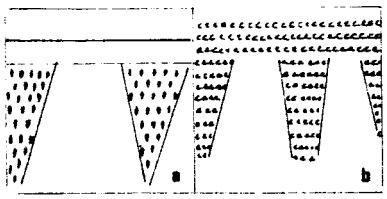
I



VII



II



XIV

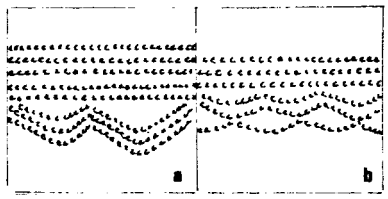


Fig. 7

- XIV (2 ex., 13,3%) (*V.* sector I). É utilizado o puncionamento arrastado.

- A incisão é exclusiva das organizações I e VII.

- Todas as organizações se desenvolvem do bordo para a parte média ou base do vaso.

- A organização I é a mais invasora, pois atinge a base.

. Articulação entre forma e organização decorativa (em 7 exemplares)

	I	II	XIV
1 B?			1
2 A	2		
B	2		
3 A		1	
B	1		

- A forma 2 inclui o maior número de exemplares com a organização I.

Camadas 1-3

Foram registados 420 fragmentos cerâmicos (211 decorados e 209 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram observados os tipos 1.1, 1.2 e 1.3 associados à categoria de pasta compacta.

1.1 - 1 ex. - 0,2%
1.2 - 286 ex. - 68%
1.3 - 133 ex. - 31,6%

- *tipos de superfícies*

Foram analisados os tipos 1/1, 3/1, 3/3, 4/3 (superfícies corroídas, superfície externa alisada e interna corroída, superfícies alisadas, superfície externa polida e interna alisada).

1/1 - 79 ex. - 18,8%
3/1 - 1 ex. - 0,2%
3/3 - 339 ex. - 80,7%
4/3 - 1 ex. - 0,2%

- *tipos de cores* (superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada), 2 (cor avermelhada) e 3 (cor acinzentada).

1 - 201 ex. - 47,8%

2 - 200 ex. - 47,6%

3 - 19 ex. - 4,5%

- *tipos de técnicas decorativas* (em 211 exemplares)

Incisão - 164 ex. - 77,7%

Impressão "penteada" - 23 ex. - 10,9%

Punção ("tipo Boquique") - 13 ex. - 6,1%

Punção - 9 ex. - 4,2%

Impressão "penteada" arrastada - 1 ex. - 0,4%

Impressão arrastada - 1 ex. - 0,4%

. Caracterização morfológica (Figs. 1, 2, 3, 10)

Foram seleccionadas *cinquenta e uma formas* (47 decoradas e 4 lisas) as quais se distribuem por *seis* tipos morfológicos.

Foram definidas cinco categorias de Dam ext bc:

2 - 6-10 cm - 3 ex. - 5,8%

3 - 11-15 cm - 10 ex. - 19,6%

4 - 16-20 cm - 21 ex. - 41,1%

5 - 21-25 cm - 2 ex. - 3,9%

6 - 16-30 cm - 2 ex. - 3,9%

Tipo 1 (4 ex., 7,8%) (*V.* sector I). Dam ext bc varia entre 3 e 4, predominando o 4. P varia entre 116 e 133. A varia entre 66 e 75. Variante A.

Tipo 2 (13 ex., 25,4%) (*V.* sector I). Dam ext bc vaira entre 3 e 6, predominando o 4. P varia entre 57 e 90. A varia entre 86 e 89. Variante A e B.

Tipo 3 (25 ex., 49%) (*V.* sector I). Dam ext bc varia entre 2 e 6, predominando o 4. P varia entre 55 e 87. A varia entre 90 e 100. Variante A e B.

Tipo 4 (5 ex., 9,8%) (*V.* sector I). Dam ext bc varia entre 3 e 4, predominando o 4. P varia entre 37 e 56. Variante A.

Tipo 5 (3 ex., 5.8%) (*V.* sector I). Dam ext bc 4. P - 185 (?); A varia entre 55 e 59. Variante B e C (colo muito acentuado, formando com a pança um ângulo quase recto).

Tipo 6 (1 ex., 1,9%) - Desconhece-se a forma. Este tipo utiliza uma pega de inserção horizontal com 4 perfurações verticais, duas de cada lado, que devem estar relacionadas com a função de suspensão.

- Predominam em todas as formas os recipientes com diâmetros médios.
- O tipo 3 integra uma gama variada de dimensões, o que pode estar eventualmente relacionado com a existência duma diversificada gama de funções.
- Os maiores vasos inserem as formas 3, 2 e 5.
- A forma 5 deve articular-se especificamente com o aprovisionamento de alimentos.
- A forma 2 apresenta uma gama restrita de dimensões, tal como a forma 4, estando as duas respectivamente articuladas com vasos de média ou grande capacidade, e pequena ou média capacidade.

Nos 47 vasos analisados podemos distinguir as seguintes técnicas decorativas:

Incisão - 25 ex. - 53,1%

Impressão "penteada" - 11 ex. - 23,4%

Punção - 5 ex. - 10,6%

Punção ("tipo Boquique") - 4 ex. - 8,5%

Impressão "penteada" arrastada - 1 ex. - 2,1%

Impressão arrastada - 1 ex. - 2,1%

. Articulação entre forma e técnica (em 47 exemplares)

	LISA	INCISÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"	PUNÇÃO	PUNÇÃO ARRASTADA	"PENTEADA" ARRASTADA	IMPRESSÃO ARRASTADA
1 A			4				
2 A		2	2	1	1		
B		5		1	1		
3 A		8	2	2	1		
B	1	7	1	1	1		1
4	1	2	1			1	
5 B	1	1					
C	1						
6			1				

- A forma 3 B apresenta a maior variabilidade de técnicas decorativas; - os vasos lisos distribuem-se pelas formas 3, 4 e 5; - a incisão predomina na forma 3 B; - a impressão "penteada" predomina na forma 1 A.

- *tipos de pasta* (em 51 exemplares)

1.1 - 1 ex. - 1,9%

1.2 - 41 ex. - 80,3%

1.3 - 9 ex. - 17,6%

- *tipos de superfícies* (em 51 exemplares)

1/1 - 9 ex. - 17,6%

3/1 - 1 ex. - 1,9%

3/3 - 40 ex. - 78,4%

4/3 - 1 ex. - 1,9%

- *tipos de cores* (em 51 exemplares)

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

4 - superfície externa acinzentada e interna acastanhada

5 - superfície externa acastanhada e interna acinzentada

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 23 ex.	12 1.1	1 1.2	10 1.3
2 20 ex.	3 2.1	13 2.2	4 2.3
3 4 ex.	2 3.1	2 3.2	-
4 2 ex.	2 4.1	-	-
5 2 ex.	2 5.1	-	-

Predominam as superfícies acastanhadas, seguidas das avermelhadas.

. Articulação entre forma e cor (em 51 exemplares)

	1			2			3		4	5
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	3.2	4.1	5.1
1 A				1	1	2				
2 A	1	1	2	1	1					
B	2		3		1	1				
3 A	5				3	1	2		2	
B	2		4		2			2		2
4	1		1	1	2					
5 B					2					
C					1					
6	1									

- As formas 2 A e 3 A apresentam a maior variedade de cores; - os tipos morfológicos 1 e 4 integram o maior número de exemplares com a cor 2; - os tipos 2 e 3 incluem o maior número de exemplares com a cor 1.

. Articulação entre forma e pasta (em 51 exemplares)

	1.1	1.2	1.3
1 A		3	1
2 A		4	2
B		4	3
3 A		12	1
B	1	10	1
4		5	
5 B		1	1
C		1	
6		1	

- Verifica-se a quase ausência de recipientes com desengordurante fino; - nas formas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 predominam pastas de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 51 exemplares)

	1	3	3	4
	1	1	3	3
1 A	1		3	
2 A	2	1	3	
B	4		3	
3 A	2		11	
B			11	1
4			5	
5 B			2	
C			1	
6			1	

- A forma 2 A apresenta a maior variabilidade de superfícies; - em todas as formas predomina o alisamento nas duas superfícies (3/3) - a forma 3 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares de tipo 3/3.

. Organizações decorativas (Figs. 8, 9, 10)

Em sessenta e oito fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *14 organizações decorativas*, que passamos a descrever por ordem decrescente de importância:

- I (25 ex., 36,7%) (*V.* sector I). Domina a incisão.

- II (12 ex., 17.6%). É utilizada a incisão associada ao puncionamento e o puncionamento arrastado.

- V (7 ex., 10,2%) (*V.* sector I). Domina a impressão "penteada".

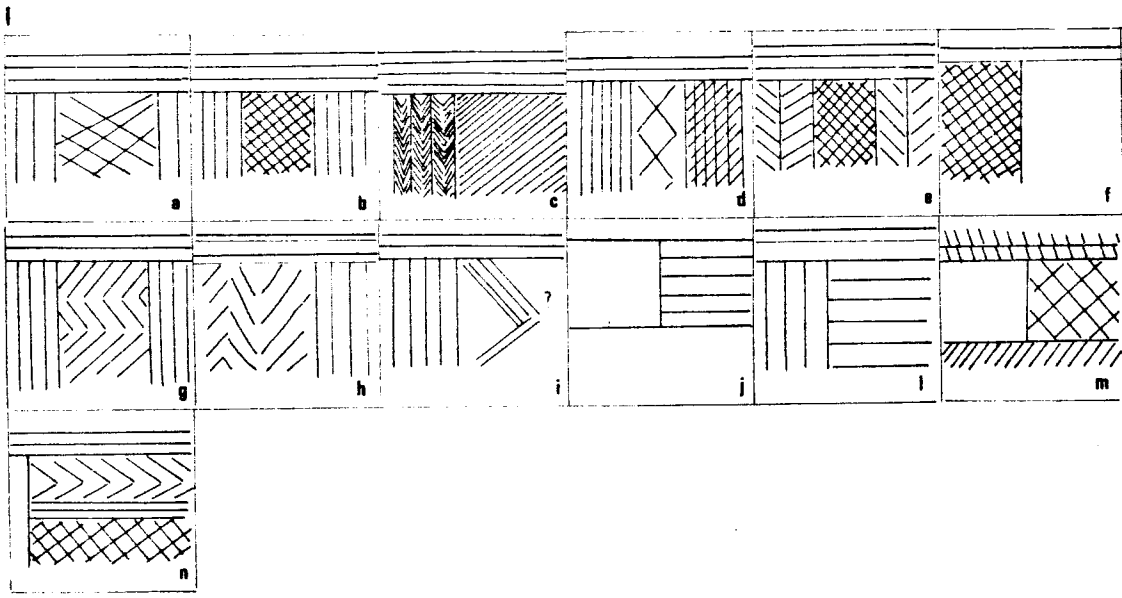
- VI. (7 ex., 10,2%) (*V.* sector I). Domina a impressão "penteada".

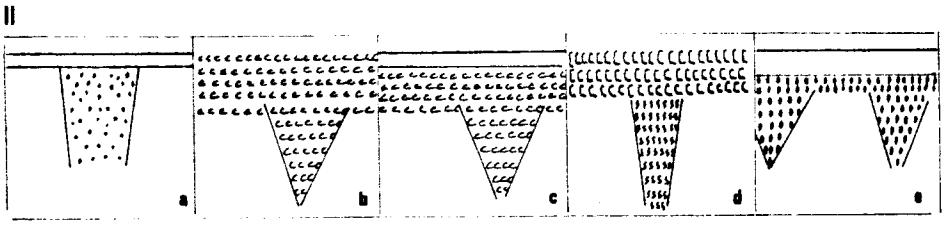
- VII (4 ex., 5,8%) (*V.* sector I). É utilizada a incisão ou a impressão "penteada".

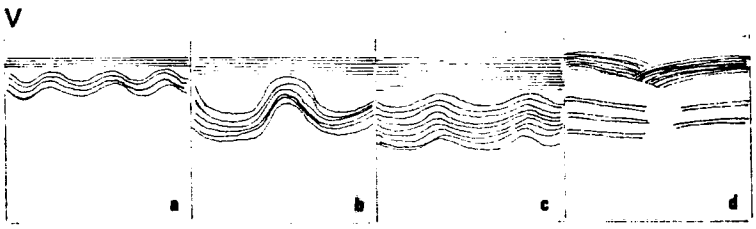
- III (3 ex., 4,4%). Sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma banda larga paralela àquele, constituída por linhas horizontais feitas a punção (simples ou arrastada).

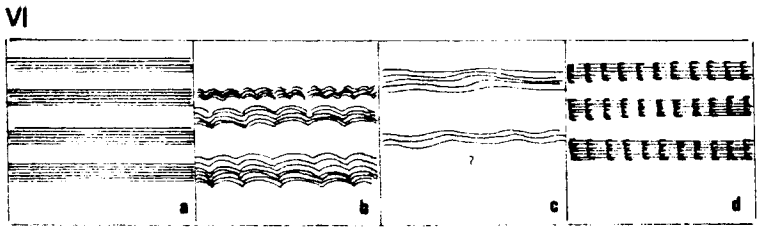
- VIII (2 ex., 2,9%) (*V.* sector I). Domina a incisão.

- XII (2 ex., 2,9%). Abaixo do bordo desenvolve-se uma faixa impressa "penteada" paralela àquele, sucedendo-lhe um reticulado vertical largo, tam-









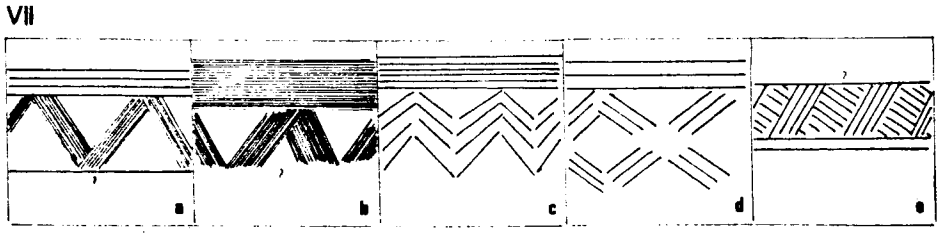
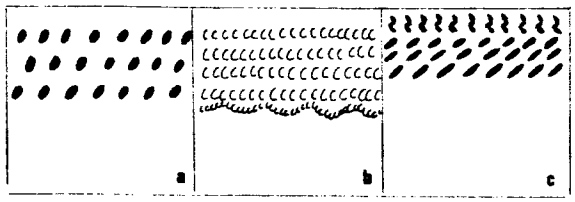
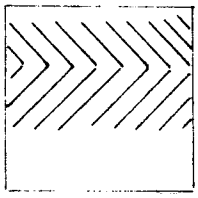


Fig. 8

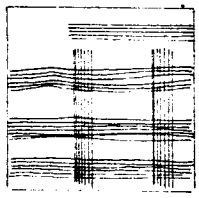
III



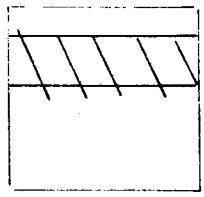
VIII



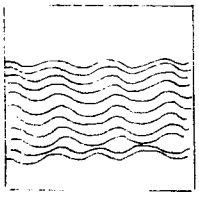
XII



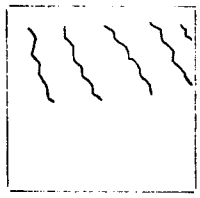
IV



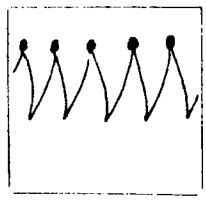
IX



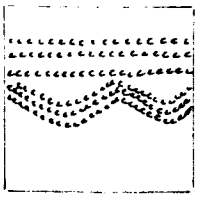
X



XI



XIV



XIII

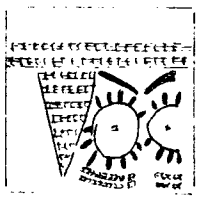


Fig. 9

bém composto por faixas impressas "penteadas".

- IV (1 ex., 1,4%) (*V.* sector I). Domina a incisão.

- IX (1 ex., 1.4%). Sequência horizontal; na parte média do vaso desenvolve-se uma larga banda paralela ao bordo com linhas curvilíneas "penteadas".

- X (1 ex., 1,4%). Sequência horizontal; abaixo do bordo ocorrem linhas sinuosas oblíquas incisas.

- XI (1 ex., 1,4%). Sequência horizontal; abaixo do bordo desenvolvem-se linhas curvilíneas verticais em zig-zag, encimadas por puncionamentos simples.

- XIV (1 ex., 1,4%) (*V.* sector I). Domina o puncionamento arrastado.

- XIII (1 ex., 1,4%). Sob o bordo desenvolvem-se duas linhas paralelas a este, às quais se sucedem, até à base, triângulos incisos (preenchidos com linhas horizontais) que devem ladear (no fragmento de vaso analisado só existia um triângulo) dois círculos raiados também incisos, encimados por incisões ténues curvilíneas, havendo na parte inferior, sob os referidos círculos, também duas linhas ténues curvilíneas descontínuas. Trata-se dum clássico motivo simbólico "oculado" interpretado habitualmente como um par de olhos - com as respectivas sobrancelhas, e tatuagem facial. É importante acentuar a associação, também ela clássica, embora mais rara, do triângulo e da simbologia oculada.

  Do ponto de vista das técnicas decorativas usadas, verifica-se uma complexa associação de várias técnicas e várias maneiras de as utilizar: os triângulos e os círculos foram delineados com incisão fina; as "sobrancelhas" com incisão larga e ténue; a "tatuagem facial", as linhas sob o bordo e o interior do triângulo com uns leves puncionamentos arrastados; o centro dos círculos foi gravado com ténues puncionamentos circulares.

A incisão é exclusiva das organizações I, VIII, IV e X; - a impressão "penteada" ocorre isolada nas organizações V, VI, XII e IX; - o puncionamento arrastado aparece nas organizações II, III, XIV e XIII; - as organizações II e XIII devem associar-se, pela ocorrência exclusiva em ambas, ao motivo triangular; - as organizações V e IV desenvolvem-se apenas sob o bordo e as restantes atingem a parte média ou a base; - as organizações I, VI, XII e XIII alcançam a base; - a organização I invade uma parte maior das superfícies dos vasos.

. Articulação entre forma e organização decorativa (em 68 exemplares)

	I	II	V	VI	VII	III	VIII	IV	IX	X	XI	XIII
1 A			1		1				1			
2 A		1	1		1	1		1				
B	5	2										
3 A	5	1	1	2		1	1			1		
B	5	2		1								1
4	2											
5 B											1	

- As formas 3 A e 2 A apresentam a maior variedade de organizações decorativas; a forma 3 inclui o maior número de exemplares com a organização I.

. Categorias tipológicas (Fig. 11)

Reagrupanto as formas atrás descritas (camadas 1 a 4) em função da *capacidade* dos recipientes, dividimo-los em três categorias gerais: 0,4 ℓ - 1 ℓ/1,5 ℓ; 2 ℓ - 4,5 ℓ; 4,5 ℓ - 6 ℓ/7 ℓ.

Predominam os vasos de capacidade média (1 ℓ - 1,5 ℓ a 2 ℓ - 4,5 ℓ), os quais se distribuem por todas as formas; os *maiores vasos* (6 ℓ - 7 ℓ) integram-se na forma 3; a forma 3 insere a maior diversidade de capacidades (entre 0,4 ℓ e 7 ℓ); saliente-se a ausência de recipientes com capacidade superior a 7 ℓ.

Relacionando as dimensões médias dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que não se regista significativa articulação entre os dois tipos de variáveis.

Com base na análise conjunta da forma, dimensões, índices de profundidade, abertura da boca, organizaram-se as seguintes categorias tipológicas em sessenta e sete vasos.

I - (56 ex., 83,5%) (*V.* sector I)

Além das formas 1, 2 e 3, pode eventualmente integrar a forma 6 (camadas 1-2). Este tipo de vasos é predominantemente decorado, segundo as técnicas de incisão, impressão "penteada" e puncionamento, integrando as organizações I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X e XIII. Predomina a organização I.

II - (5 ex., 7.4%) (*V.* sector I)

Integra um vaso liso e outros decorados segundo as técnicas de incisão e impressão "penteada" associadas às organizações I e VI.

III - (6 ex., 8,9%) (*V.* sector I)

Recipiente cuja capacidade deve oscilar entre 2 ℓ e 4,5 ℓ. Inclui vasos lisos e decorados segundo as técnicas de incisão e impressão "penteada". Foi observada a ocorrência da organização XI.

Além de cerâmica de recipientes foram registados vários fragmentos de cerâmica grosseira de revestimento, alguns dos quais integravam negativos de possíveis ramos ou estacas de madeira.

c) Foram ainda detectados alguns resíduos de prováveis artefactos em *cobre arsenical*.

d) Distribuição espacial dos materiais arqueológicos

Na camada 5 os materiais cerâmicos distribuiam-se uniformemente nas zonas ocupadas. Os fragmentos de maiores dimensões concentravam-se em torno da lareira existente no A'3.

Na segunda ocupação, os materiais cerâmicos concentravam-se particularmente nas áreas com vestígios de combustão (camada 3) enquanto os artefactos líticos ("rebolos", mós ou machados polidos) estavam preferencialmente situados entre as pedras da estrutura defensiva (?) (camadas 3 e 4). Na área de combustão existente nos quadrados A1 e A1', além de fragmentos de recipientes cerâmicos "in situ", foram observados fragmentos de cerâmica de revestimento e de cerâmica de paredes rectilíneas, muito grossas, de pasta friável, cuja função desconhecemos. Os resíduos de cobre arsenical encontraram-se na área de combustão abrangida pelo A3.

3.2.3.3 Hipóteses de correlação dos níveis de ocupação dos dois sectores

A análise dos materiais, camadas estratigráficas e estruturas associadas, leva-nos a colocar a hipótese de termos encontrado, quer no sector I, quer no sector II, *um só momento genérico de ocupação*, subdivisível em fases. A ocorrência, no sector II, duma camada anterior à construção da estrutura pétrea (camada 5), aponta para a existência duma *fase mais antiga*. Contudo, os materiais cerâmicos observados, ainda que raros, não podem ser concludentemente separados dos registados nas camadas superiores. O facto de apenas termos encontrado fragmentos de vasos decorados com a técnica da incisão (organização I e VII) não nos permite avaliar a totalidade das técnicas e organizações decorativas utilizadas durante esta primeira ocupação no local.

A área escavada foi muito *restrita* e as zonas ocupadas pela camada 5 estavam encaixadas em depressões naturais provocadas pelas diaclasses do granito de base. Assim, esta primeira camada do sector II, antecedendo, de facto, a intensa ocupação do local, pode não corresponder a uma fase habitacional com características culturais totalmente independentes das fases seguintes.

Só o futuro alargamento da escavação poderá ajudar a esclarecer esta questão. Quanto ao sector I, pelas características das camadas ali consideradas, não nos parece que inclua um verdadeiro nível habitacional. As camadas superiores devem reflectir a deposição secundária de materiais provenientes de níveis de ocupação existentes nas proximidades e a camada inferior necessita duma mais cuidada análise espacial de forma a ser seguramente interpretada como um nível habitacional ou, tão só, como uma camada que contém materiais alógenos que se depositaram de encontro ao afloramento granítico existente no local.

Mas qualquer que seja a interpretação correcta das camadas referidas, julgamos que, pelas características dos materiais nelas encontrados, apenas se poderão definir *fases* (de deposição secundária ou primária) adentro dum *só momento genérico de ocupação do sítio*.

Os artefactos líticos e cerâmicos das camadas 1 a 5 (sector II) e 1 a 3 (sector I) são supreendentemente homogéneos.

Ocorrem pontas de seta, em corneana ou xisto, de base côncava (no sector II, também um exemplar de base pedunculada) e grandes lascas de xisto retocadas bilateralmente. Os artefactos de pedra polida (machados, goivas e enxó/cinzel), apresentam secções predominantemente rectangulares. São fabricados em anfibolito, pórfiro e gnaisse anfibólico.

Os recipientes cerâmicos dos dois sectores apresentam as mesmas características principais quanto à pasta, tratamento das superfícies, técnicas decorativas e formas. Ainda que haja variações específicas quanto à capacidade dos vasos, ou à presença e ausência, nos diferentes locais, de certas organizações decorativas (no sector II ocorrem as organizações III, XII, IX, X, XI e XIII, inexistentes no sector I que, no entanto, são pouco representativas do ponto de vista percentual), mantém-se o mesmo padrão formal e decorativo, particularmente observável nos tipos que incluem um maior número de exemplares. Apesar da área abrangida pelas *camadas inferiores* dos dois sectores ser muito restrita e ter fornecido uma pequena percentagem de materiais arqueológicos, é de assinalar uma característica comum: a ausência nessas camadas (sector I - c.3; sector II - - c.5) de cerâmica decorada com impressão "penteada". Esta só ocorre nas camadas superiores dos dois sectores: particularmente na camada 3 do sector II, que corresponde à fase de ocupação mais recente desta área, encontrando-se em conexão estratigráfica com a estrutura pétrea aí detectada.

O alargamento da escavação permitirá no futuro confirmar, ou não, esta linha de força sobre a evolução da decoração cerâmica.

Um exemplo de profunda articulação entre os dois sectores (sobretudo ao nível

do sector I e das camadas 1 a 3 do sector II) é o facto de se terem colado dois fragmentos cerâmicos da camada 2 do sector II (A1 e A'1) com outro da camada 2 do sector I A (A4). Trata-se do vaso com o número de inventário 39 integrável na forma 5B, decorado com puncionamentos arrastados segundo a organização XIV.

Se nos lembrarmos que interpretámos a camada 2 do sector I A como correspondente a um momento de abandono da ocupação representada pela camada 3, só poderemos explicar tal facto se articularmos a referida camada 2 com um momento também de abandono do sector II.

Um vaso partido durante a ocupação que utilizou a provável estrutura defensiva naquele local pode ter escorregado pela vertente e integrou-se posteriormente nos sedimentos que cobriram a ocupação do sector I. Embora não seja possível determinar uma estrita contemporaneidade na formação de todas estas camadas nos diferentes sectores, talvez se possa deduzir que todas elas se tenham desenvolvido durante a mesma fase genérica de ocupação da estação, com características semelhantes do ponto de vista da sua cultura material.

Essas características podem ser enunciadas de forma sucinta: - utilização de matérias-primas raras, como o *sílex* ou, mais frequentes, como a *corneana*, a par do xisto, do anfibolito, do pórfiro, do gnaisse anfibólico e do granito; - existência de pontas de seta de base côncava, de elementos de moinhos manuais e de alguns artefactos líticos polidos (machados, goiva, enxó, cinzel) de secção predominantemente rectangular; - construção duma *gramática decorativa* aplicada à cerâmica de recipientes que valoriza as técnicas de incisão e impressão "penteada" associadas ao predomínio da organização I, V e VI. É particularmente relevante a organização I, que preenche quase a totalidade da superfície dos vasos e que cria um *padrão dicotómico* entre zonas horizontais e zonas verticais, podendo esta estrutura complexificar-se através duma hierarquização dos motivos separadores (Fig. 8, In); - a par das organizações referidas surge uma gama apreciável de outras que utilizam um padrão linear em sequência horizontal: é de valorizar o aparecimento inédito, no Norte de Portugal, dum vaso com *decoração simbólica oculada* que tem a particularidade de associar a incisão ao puncionamento arrastado, por um lado, e de articular o motivo triangular - típico da organização II - ao motivo "oculado".

Esta associação, no mesmo recipiente, determina que possamos incluir os vasos que apresentam a organização II, nomeadamente os que utilizam o puncionamento arrastado, numa categoria ornamental afim da cerâmica "simbólica", com claros paralelos em cerâmica também assim considerada em contextos calcolíticos do sul da Península. Posteriormente desenvolveremos esta problemática.

3.2.4 *ARTEFACTOS SEM CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO*

Encontram-se depositados no Museu Municipal de Chaves diversos artefactos líticos e metálicos, oferecidos através dos tempos por particulares (produto de achados fortuitos ou prospecções realizadas na área da estação de S. Lourenço), que merecem a nossa especial referência.

. Objectos Líticos

Referimo-nos, em primeiro lugar, a *vinte e quatro pontas de seta*, de xisto, corneana e sílex.

Alongada (8)	Base côncava (com aletas) (4) Base bicôncava (com aletas) (4)
Mediana (8)	Base recta (com aletas) (1) Base côncava (sem aletas) (1) Base côncava (com aletas) (4) Base pedunculada (com aletas) (1) Base bicôncava (com aletas) (1)
Curta (8)	Base recta (sem aletas) (1) Base côncava (sem aletas) (2) Base côncava (com aletas) (1) Base pedunculada (com aletas) (2) Base bicôncava (com aletas) (2)

Estas vinte e quatro pontas de seta, podem subdividir-se, independentemente do seu índice de alongamento e tipo de base, em *dois grandes grupos*, em função do *tipo de aletas*, *dimensão geral* articulada com o *índice de alongamento* e *índice de espessura:* o *grupo A* diz respeito a *doze* pontas de seta, de xisto, corneana ou sílex:

Mediana (6)	Base recta (com aletas) (1) Base côncava (sem aletas) (1) Base côncava (com aletas) (3) Base bicôncava (com aletas) (1)
Curta (6)	Base recta (sem aletas) (1) Base côncava (sem aletas) (2) Base côncava (com aletas) (1) Base pedunculada (com aletas) (2)

Estes arfectos apresentam índices de alongamento curtos ou medianos, bases rectas, côncavas, bicôncavas ou pedunculadas, com ou sem aletas, sendo estas *curtas* (por vezes, apenas esboçadas), formando ângulos obtusos relativamente ao eixo de simetria da peça, entre cerca de 95º e 130º. São pontas com índice de espessura abatido ou alteado. O comprimento varia entre 2,1 cm e 3,6 cm.

Todas as pontas de seta encontradas nos sectores escavados se articulam com este grupo.

O *grupo B* integra *doze* pontas de seta, em xisto ou corneana:

Alongada (8)	Base côncava (com aletas) (4) Base bicôncava (com aletas) (4)
Mediana (2)	Base côncava (com aletas) (1) Base pedunculada (com aletas) (1)
Curta (2)	Base bicôncava (com aletas) (2)

Estas pontas de seta, predominantemente *alongadas*, cujo comprimento varia entre 3 cm e 5,5 cm, apresentam bases bicôncavas, côncavas ou pedunculadas, *com aletas*. Estas são *desenvolvidas*, *direitas*, formando ângulos obtusos relativamente ao eixo de simetria da peça entre 125º-130º e 155º. São pontas com índice de espessura abatido ou alteado. No geral, têm um aspecto maciço e robusto que constrata com o leve e fino das pontas do grupo A.

Nos sectores escavados não foram registadas pontas do grupo B.

. Objectos Metálicos de Cobre Arsenical

Mencionaremos em segundo lugar, *seis objectos metálicos* (todos encontrados de forma fortuita, nas imediações das áreas escavadas):

- ponta (de lança) de tipo Palmela (cobre arsenical), de forma oval, alongada, de secção sub-elíptica achatada; pedúnculo bem destacado, fracturado, de secção rectangular (encontrada na vinha contígua ao lugar do Muro e oferecida ao Museu de Chaves por Francisco de Moura ; número de inventário do Museu - 107);

- punhal de lingueta (cobre arsenical); ponta do punhal de lados acentuadamente convexos; lingueta larga, assimétrica, pouco destacada, de pontas rombas (ângulos arredondados); nervura central estreita nas duas faces e bordos rebaixados; secção média sub-elíptica muito achatada (lenticular) (encontrado na vinha contígua ao lugar do Muro e oferecido ao Museu de Chaves por Francisco de Moura; número de inventário do Museu - 108);

- punhal de rebites, triangular (cobre arsenical), de faces planas (muito bem conservadas), de secção sub-elíptica, achatada (lenticular); extremidade de encabamento de forma convexa, larga, com dois entalhes laterais e perfuração circular central (encontrado na vinha contígua ao lugar do Muro e oferecido ao Museu de Chaves por Francisco de Moura; número de inventário do Museu - 109);

- machado plano (cobre arsenical), de secção rectangular, fragmentado, de secção rectangular, framentado, de contorno sub-trapezoidal, lados sub-rectilíneos e gume convexo (encontrado na vinha contíngua ao lugar do Muro e oferecido ao Museu de Chaves por Francisco Moura; sem número de inventário;

- punhal de lingueta (provavelmente também de cobre arsenical); ponta do punhal de lados convexos; lingueta larga, assimétrica, destacada por dois entalhes laterais, de ponta romba (ângulos arredondados); nervura central estreita, nas duas faces. Segundo Cortez (1949) "... tinha, aquando do seu encontro... uma pátina verde perfeita que depois arrancaram". (Encontrado na vinha da Sanguinheiro, nas proximidades do lugar do Muro e oferecido ao Museu por Francisco Eduardo da Costa Rebelo, segundo está mencionado em Cortez, 1949, e Kalb, 1979; não se encontra no Museu Municipal de Chaves);

- finalmente, é de referir a existência dum sexto artefacto metálico, oferecido à autora durante as escavações realizadas em 1984 no lugar do Muro, pelo seu achador, Sr. Jaime M. Sarmento. Este objecto foi encontrado na vinha da Talifa a umas dezenas de metros da base do morro em que se situa o lugar do Muro. Trata-se dum punhal de lingueta (cobre arsenical): ponta do punhal de lados convexos; lingueta de largura média, assimétrica, levemente destacada, de ponta romba (ângulos arredondados); nervura central estreita, nas duas faces, ressaltada por dois sulcos fundos; secção sub-elíptica muito achatada (lenticular) (depositado no Museu Municipal de Chaves).

3.2.5 *OS ARTEFACTOS DE S. LOURENÇO NO CONTEXTO PENINSULAR: PARALELOS GERAIS (1)*

1. Os materiais resultantes das escavações de 1984

Tal como no povoado da Vinha da Soutilha, os artefactos de S. Lourenço encontram, individual e globalmente, paralelos em diversos contextos calcolíticos peninsulares. Procuraremos, na comparação que se seguirá, vincar as semelhanças formais mais marcantes, não perdendo de vista, em primeiro lugar, o carácter puramente arqueológico de tais analogias, e em segundo lugar, a sua validade necessariamente provisória decorrente do manuseamento de pequenas amostragens exumadas em escavações limitadas e prospectivas.

— As *pontas de seta* encontradas nas recentes escavações por nós conduzidas, são apenas em número de sete exemplares. Três podem integrar-se no "*grupo das pontas de seta de base recta ou côncava, de lados direitos ou côncavos*" enunciado originalmente por G. e V. Leisner (2). Dois exemplares são do sector I (c.1) e outro (cuja base está fragmentada) do sector II (c.3). Um exemplar é de corneana e os outros dois de xisto. Em duas pontas de seta verifica-se o retoque profundo. Outras três pontas de seta inserem-se no "*grupo de pontas de seta de base recta ou côncava, de lados convexos*", também inicialmente caracterizado por G. e V. Leisner (3).

Dois exemplares provêm do sector I (c.1 e c.2) e outro do sector II (c.2). As matérias-primas utilizadas foram a corneana (um exemplar) e o xisto (dois exemplares). Numa ponta de seta o retoque profundo apenas invade uma das faces. Nas restantes o retoque é marginal.

Uma ponta de seta deve incluir-se no "*grupo de pontas de seta de base pedunculada (pedúnculo marcado, estreito, com aletas oblíquas desenvolvidas)*", integrável no grupo genérico de G. e V. Leisner das "pontas de base pedunculada" (4). Trata-se dum exemplar cuja base também está parcialmente fragmentada, proveniente do sector I (c.3). É em xisto e apresenta retoque marginal.

Como já foi referido a propósito dos exemplares da estação da Vinha da Soutilha, estes grupos tipológicos ocorrem em diversos contextos calcolíticos habitacionais e sepulcrais, sendo de realçar a particular abundância dos dois primeiros em povoados da Estremadura portuguesa, monumentos megalíticos e de falsa cúpula do Sudoeste e Sudeste peninsulares.

No castro da Rotura, é de assinalar a seguinte observação estratigráfica: pontas do 1º grupo ocorrem nos estratos inferiores e médios (pré-campaniformes); do 2º grupo, podem ocorrer em todos os níveis, sendo mais abundantes nos superiores (campaniformes) (5).

As pontas de seta de base pedunculada, muito habituais no Sudeste, fazem parte de diversos contextos peninsulares considerados tardios (imediatamente pré-campaniformes ou campaniformes) (6). Todas estas indicações têm um valor obviamente genérico, tendente a enquadrar em termos de *amplos* parâmetros cronológicos e culturais os exemplares desta estação.

— Em S. Lourenço, os artefactos de pedra lascada, além das pontas de seta, estão reduzidos a *uma pequena lamela retocada* em quartzo hialino (com técnica semelhante à utilizada em micrólitos) (sector II - c.3) e a *cinco lascas retocadas em xisto* (sectores I (c.1-3) e II (c.1-4)). Destas, quatro são retocadas em um dos bordos (talhe simples marginal) e outra, nos dois bordos (retoque simples, marginal). São artefactos muito toscos, realizados em lascas planas, finas, de xisto local. Apenas em dois exemplares é possível reconstituir a forma do gume. São assimiláveis, "grosso modo", ao grupo de lâminas planas retocadas marginalmente (retoques oblíquos, directos ou bifaciais), frequentes em contextos calcolíticos peninsulares (tipo IIIa definido por Lopez Plaza para povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte (7)).

De salientar várias ausências significativas: lâminas planas prismáticas, retocadas em ambos os bordos, e lâminas ovóides de retoque plano profundo, que são particularmente específicas do Calcolítico estremenho, também ocorrendo na Meseta (8). Não foram também detectadas raspadeiras carenadas, frontais curtas, em quartzo, tão abundantes nos outros povoados da área em estudo, no Norte de Portugal, e também conhecidas em povoados calcolíticos estremenhos (por exemplo, em Vila Nova de S. Pedro).

— No povoado de S. Lourenço foram exumados *oito machados polidos* de anfibolito, pórfiro e gnaisse anfibólico (dois do sector II - c.2 e seis do sector I - c.1-2), uma *goiva* de anfibolito (sector I - c.2) e um pequeno *artefacto duplo* (enxó e cinzel) de silimanite (sector II - c.3). Os machados podem sub-dividir-se nos tipos de machado alongado, de contorno sub-trapezoidal, simétrico e secção sub-rectangular e machado alongado, de contorno sub-triangular, assimétrico, de secção sub-rectangular. O artefacto duplo apresenta uma secção sub-circular levemente achatada. A goiva mostra um contorno sub-rectangular, alongado e a secção é sub-quadrangular.

Apesar da tipologia destes artefactos se verificar em amplas regiões da Península e poder coexistir com outros de tradição mais arcaica, existe uma generalizada aceitação da sua vinculação a contextos predominantemente calcolíticos (9). Contudo, no Norte de Portugal e Galiza, os machados de secção rectangular são dominantes mesmo em monumentos megalíticos (16). Tal facto, se se pode relacionar com o carácter aparentemente tardio do fenómeno megalítico no Noroeste peninsular (comparado com o de outras regiões peninsulares) (11), reflecte também um *regionalismo formal* que põe em causa a teoria da evolução linear dos machados de secção cilíndrica neolíticos (abundantes nos me-

gálitos alentejanos) para os de secção rectangular calcolíticos (que ocorreriam, por exemplo, na Estremadura portuguesa, preferencialmente em grutas sepulcrais) (12).

— Acompanham os artefactos de pedra polida *elementos de mós manuais* (parte dormente e parte móvel) em granito: os elementos dormentes (fragmentados) têm secção plano-convexa; os móveis - "rebolos" - têm contorno sub-elíptico alongado e sub - rectangular ou sub-circular, e secção plano-convexa. Ocorrem nas camadas superiores de ambos os sectores. São artefactos de ampla expansão e duração ao longo de toda a Pré-História recente. Cremos, no entanto, que a publicação de inventários deste tipo de materiais poderia conduzir à detecção de *grupos* de objectos consoante a forma, dimensão e matéria - prima, em particular relação com a região e a tradição cultural de cada território.

— Os *recipientes cerâmicos* de S. Lourenço, tal como os da Soutilha, destacam-se por incluir *formas muito simples* (esféricos, semi-esféricos ou calotes e globulares ou ovóides, todos de fundo convexo ou plano-convexo) em vasos *predominantemente decorados*. No total de 120 formas analisadas, 8,3% eram lisas e 91,6% decoradas. Não é ainda possível, com os poucos dados estratigráficos observados e pequenas amostragens registadas, tentar analisar a evolução interna das cerâmicas lisas "versus" decoradas. Por outro lado, os recipientes desta estação têm pastas predominantemente compactas e superfícies alisadas. As superfícies polidas são extremamente raras.

Tentaremos comparar inicialmente a nível peninsular as *formas cerâmicas* de S. Lourenço utilizando as mesmas tabelas morfológicas utilizadas na Vinha da Soutilha para contextos calcolíticos do Sudeste, Sudoeste e Meseta Norte: as de G. e V. Leisner, V. Hurtado, Sangmeister e Schubart, C. Tavares da Silva/J. Soares e S. López Plaza (13).

Os nossos tipos morfológicos foram criados através da conjugação do índice de abertura da boca e da forma geométrica aproximada do corpo do vaso. Cada tipo admite variantes em função da *ausência ou presença da marcação do colo* (A e B). Assim, as formas 1, 2 e 3 são *formas esféricas*, de boca progressivamente mais larga. A forma 4 é uma *calote de esfera* (de lados rectilíneos ou convexos). A forma 6 (corpo sub-cilíndrico e lados quase rectilíneos) corresponde a um *recipiente esférico achatado* de abertura larga. A forma 5 inclui recipientes de *corpo ovóide*, com o colo bem marcado, de pequena ou grande dimensão e fundo plano-convexo.

É de notar, em todos os tipos, a predominância da variante B (colo estrangulado), cuja morfologia era globalmente considerada pelos Leisner como tardia, associada muitas vezes ao vaso campaniforme (14).

Além destas *seis formas*, que constituem o *núcleo* fundamental dos recipientes detectados nas áreas escavadas, ainda admitimos a forma 7, constituída por um único exemplar: um pequeno fragmento de vaso de suspensão, com uma pega alongada de inserção horizontal, com quatro perfurações verticais.

- Em S. Lourenço, em qualquer das camadas e nos dois sectores, predominam globalmente as formas *esféricas* (1, 2 e 3). No sector I (c.1-2) e no sector II (c.3) predomina a forma 3B seguida da 2B (sector II (c.4)) (esférico ou semi-esférico com *estrangu*

lamento no colo). Ocupam em lugar de destaque os vasos que, adentro destes tipos, têm um índice de profundidade pequeno, (esféricos ou semi-esféricos achatados).

Estas formas são assinaláveis nos sepulcros de Reguengos de Monsaraz, particularmente no *grupo 5* de G. e V. Leisner ("esféricos de colo estrangulado e bordo saliente - perfil suave, corpo bastante alto e colo pouco estrangulado") (15). Nos contextos sepulcrais e habitacionais calcolíticos do Sudeste, é de referir a sua ocorrência, quer em túmulos de Los Millares, e Mojácar-Liniales (Almeria) (16), quer em povoados como El Malagón (17), Montefrio (fases II e III), (18) ou Cerro de La Virgen (Orce) (Estrato I) (19). O tipo 3 e a sua variante B também existe em La Pijotilla (grupo IV E). Os esféricos, duma maneira geral, estão insertos nos tipos I, III e IV da tipologia de V. Hurtado para aquele importante povoado da Estremadura espanhola (20).

Nos povoados do Baixo Alentejo e Algarve (21) as formas esféricas (integradas nos tipos 7, 8 e 9 de C. T. Silva e J. Soares) têm a particularidade de não apresentarem colo estrangulado, o que as distancia da maioria dos recipientes de S. Lourenço.

Na Rotura (22), onde os esféricos são abundantes, verifica-se uma importante evolução dos níveis inferiores para os superiores: aumentam os tipos 6 e 7 (nos quais se incluem os vasos de bordo espessado pouco reentrante de *colo estrangulado*, e os *esféricos de colo estrangulado*).

Nos castro do Zambujal (23) os vasos esféricos ocupam os tipos 4, 5 e 6 da tipologia de Sangmeister e Schubart, os quais integram variantes de colo estrangulado. Contudo, estas distanciam-se das de S. Lourenço, pelo facto de naquele povoado o bordo ser reforçado interior ou exteriormente, o que nunca acontece nos recipientes da estação da região de Chaves.

No SO da Meseta Norte os esféricos são abundantes em povoados calcolíticos como Peña del Aguila e Teso del Moral (24). Os grupos 3 (semi-esférico médio ou pequeno) e 6 (esférico de colo marcado, recto ou exvasado) integram os níveis mais recentes de Peña del Aguila (níveis II e I), correspondendo provavelmente a um Calcolítico pleno e tardio (pré-campaniforme e campaniforme).

Assim, podemos concluir que os esféricos (particularmente os *esféricos de grande abertura, com colo estrangulado*), embora ocorrendo em quase todos os contextos calcolíticos referidos, surgem no *Sudeste* (no âmbito de Los Millares I), *no Alto Alentejo e Estremadura espanhola* (em conjuntos sepulcrais e níveis habitacionais calcolíticos, pré-campaniformes ou campaniformes), em algumas estações da *Estremadura* (em níveis habitacionais pré-campaniformes e campaniformes) e na *Meseta* (em níveis habitacionais do Calcolítico pleno considerados pré-campaniformes e campaniformes).

Deste modo, a forma cerâmica mais abundante nas camadas recentes dos sectores I e II da estação de S. Lourenço (esférico ou semi-esférico com colo estrangulado) poderia eventualmente corresponder também aqui a uma fase similar. Mas esta hipótese precisará de ser correlacionada não só com outras características internas da cerâmica de S. Lourenço, como, sobretudo, com a apreciação global do conjunto dos materiais encontrados em associação estratigráfica.

A forma 6 encontra-se escassamente representada em S. Lourenço. Aliás, também em outros contextos calcolíticos peninsulares não ocupa um lugar significativo. É assimilável ao tipo III D de La Pijotilla (25), ao grupo 2 (esféricos-achatados de tamanho médio e grande) de Reguengos (26), ou ao grupo 2 do SO da Meseta Norte (vasos de paredes altas e rectas ou ligeiramente abertas) (27). Nesta última área ocorre um nível mais antigo de Peña del Aguila.

A forma 4 (calote de esfera) (nas suas variantes alta e baixa, com ou sem acentuação do colo) ocorre em S. Lourenço numa pequena percentagem global. Como já referimos, a propósito dos vasos da Vinha da Soutilha, esta forma existe em múltiplos contextos calcolíticos tardios. Assim ela surge em monumentos funerários de Los Millares I, Mojácar-Liniales, Guadix (Almeria) (18), nos monumentos megalíticos evolucionados de Reguengos (29), em La Pijotilla (30), nos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve (31), na Rotura (onde se verifica um progressivo aumento dos níveis inferiores para os superiores) (32), no Zambujal (33), na "tholos" da Praia das Maçãs (34) e no SO da Meseta Norte (35). Aqui onde a calote de esfera é integrada no grupo 4 da tipologia de López Plaza, não apresenta grande expressividade. Aliás, esta relativa pouca frequência de taças (sobretudo baixas) nos conjuntos materiais de algumas estações do Norte de Portugal e da Meseta Ocidental é uma das características dominantes desta ampla região, em contraposição com as amostragens meridionais dominadas pelas taças e pelos pratos.

A forma 5 de S. Lourenço (vasos de corpo ovóide e acentuado estrangulamento do colo) surge também numa pequena percentagem na estação de S. Lourenço. Integra vasos de grandes dimensões, provavelmente relacionados com a função de aprovisionamento. Ocorrendo em povoados espalhados por uma ampla área (grupos I e II de La Pijotilla (36), grupo 10 dos povoados do Baixo Alentejo/Algarve (37), grupo 6 da Rotura (38), tipo 7 do Zambujal (39), grupo 6 da Meseta (40)), é particularmente assinalada nos níveis superiores de algumas destas estações (Rotura, Peña del Aguila) ou em povoados do Calcolítico pleno (Monte Novo, Cortadouro).

Pressupomos que a forma 7 dirá respeito a um vaso esférico com mamilos alongados de suspensão (perfurados).

No Sul, em Cabeço da Mina e Vale Pincel II este tipo (7) é bastante significativo, decrescendo em Monte Novo e Cortadouro (41).

No SO da Meseta Norte, recipientes com mamilos ocorrem em quase todos os povoados de fácies calcolítica, integrando formas semi-esféricas, esféricas ou de paredes altas (42). Tanto em S. Lourenço, como nos outros povoados estudados, esta decoração em relevo é extremamente rara ou encontra-se totalmente ausente.

Ressalta desta análise comparada que, se por um lado lidamos com amostragens provenientes de áreas muito afastadas entre si (existe um verdadeiro vazio da investigação nas regiões intermédias entre o Sul e o Norte da Península, particularmente na Meseta Sul e Centro Interior de Portugal), por outro, elas fornecem informação muito desigual. Em certas estações desconhecemos a sequência evolutiva dos conjuntos cerâmicos, em outras apenas indirectamente podemos relacioná-los com elementos individualizadores

susceptíveis de os situar numa parcela de tempo necessariamente ampla. Na maior parte dos casos não trabalhamos com análises estatísticas, relativas aos conjuntos na sua totalidade, nem possuímos processos de validar as apreciações subjectivas dos arqueólogos no manuseamento empírico dos seus dados. Na melhor das hipóteses atingimos uma "imagem" parcelar que respeita aos conjuntos cerâmicos *duma estação*, ignorando completamente o *padrão* global que preside a uma *área cultural*. De salientar o esforço realizado no estudo de alguns povoados do Baixo Alentejo e Algarve para ultrapassar esta situação, por parte de C. T. Silva e J. Soares.

- O padrão decorativo mais utilizado em S. Lourenço é o que integra *motivos incisos geométricos separados por meio de traços incisos verticais (métopas) (organização I)*. Articulam-se com este padrão, pela técnica decorativa e motivos criados, *as organizações VII e VIII*. A organização I integra motivos separados por métopas constituídas por linhas oblíquas, reticulados, linhas quebradas verticais ou horizontais, losangos e triângulos. Podem em alguns exemplares ocorrer linhas incisas horizontais que delimitam o espaço decorado junto à base do vaso. Em todos os casos linhas incisas horizontais separam o bordo da parte média do recipiente. Em alguns exemplares, linhas incisas horizontais separam zonas entre métopas, criando assim uma estrutura hierárquica num padrão contrastante. As organizações VII e VIII também apresentam motivos semelhantes: linhas incisas horizontais sob o bordo seguidas de linhas quebradas horizontais (que podem formar losangos) ou verticais. Apenas a sequência é horizontal, não existindo métopas.

No povoado de S. Lourenço estas organizações associam-se *às formas esféricas e semi-esféricas ou em calote* (1, 2, 3 e 4), predominando a *organização I na forma 3* (recipientes de tamanho médio talvez para ir ao lume e/ou conter alimentos ou água).

Como já tivemos oportunidade de referir a propósito dos vasos da Vinha da Soutilha, estas organizações, pelas técnicas decorativas e motivos nucleares que predominantemente apresentam, aproximam-se da "cerâmica canelada" dos povoados calcolíticos da Estremadura portuguesa (43). O que é específico na organização I é o *padrão metopado* bastante raro nos contextos calcolíticos meridionais. Na verdade, este padrão surge particularmente, ou em pequenos *vasos de osso ou gesso decorados*, existentes em povoados ou sepulcros do estuário do Tejo ou no Sudeste (44), ou em "*copos*" de contextos habitacionais ou funerários estremenhos (45). É de salientar a supreendente semelhança do modelo estilístico (motivos, técnica e organização) entre os exemplares meridionais citados e os de S. Lourenço (como de outros povoados do Norte de Portugal). São particularmente assinaláveis os vasos em osso de Vila Nova de S. Pedro e Pai Mogo. Desta última estação sepulcral, gostaríamos de relembrar o motivo, também significativo em S. Lourenço, de *losangos preenchidos com reticulados* entre linhas quebradas verticais e o dos *triângulos verticais preenchidos com linhas oblíquas desencontradas* (46) (Fig. 5, Ia).

Para além da especificidade da organização metopada, os motivos nucleares existentes quer na organização I, quer na VII e na VIII, encontram fáceis paralelos no reportório de cerâmicas comuns decoradas calcolíticas da Estremadura portuguesa.

Não procuraremos esgotar as comparações possíveis, mas apenas enunciar as mais evidentes.

Adentro da organização VII, são flagrantes as semelhanças das variantes VII d (Fig. 8), VII a, b (Fig. 7) de S. Lourenço com os motivos de alguns recipientes do nível II a da Rotura (47), do Zambujal (48), Vila Nova de S. Pedro (49) e Outeiro de S. Mamede (50).

As variantes VII c (Fig. 8) e VII a (Fig. 6) são praticamente idênticas à organização dum vaso encontrado no dólmen dos Casainhos (51). E as variantes VII, (Fig. 5) e VII a, b (Fig. 4) lembram motivos nucleares de vasos em osso de Pai Mogo (52). A organização VIII (Figs. 4 e 9) encontra-se muito difundida na Estremadura: Rotura, Olelas, Vila Nova de S. Pedro, Zambujal, etc. (53). Chamamos mais uma vez a atenção para padrões de vasos em osso decorados de Vila Nova de S. Pedro que se articulam estreitamente com os de S. Lourenço (54).

Por outro lado, as variantes da organização I, In (Fig. 8) e Ig (Fig. 4) associam à sincopagem vertical a *sincopagem horizontal* entre *zonas constituídas por reticulados e/ou linhas quebradas verticais*. Este padrão é habitual nos conjuntos de cerâmica "canelada" de povoados como o Zambujal, Vila Nova de S. Pedro ou Olelas (55).

Lembramos que os padrões insertos nas organizações VII e VIII têm uma ampla expressão peninsular adentro do período em causa: podendo ter uma origem bem antiga, que remonta ao Neolítico final andaluz ou estremenho, ocorrem, por exemplo, na Estremadura espanhola, em La Pijotilla (no nível pré-campaniforme, juntamente com bandas horizontais "penteadas" e triângulos incisos com puncionamentos) (56), ou na Meseta, em povoados calcolíticos como Las Pozas, Cerro del Ahorcado, El Pedroso e Pincón del Rey (57). Na Galiza, as três organizações mencionadas associam-se a vasos provenientes de povoados quer do interior (Orense), quer da costa (Pontevedra), e duma necrópole megalítica da região de Orense, integráveis na mesma ambiência cronológica e cultural das estações em estudo no Norte de Portugal, a que dedicaremos posteriormente um mais amplo comentário.

De assinalar que em S. Lourenço não foram detectados motivos foliáceos (incisões curtas com instrumento rombo) que se organizam habitualmente, em povoados da Estremadura, segundo sequências idênticas às VII e VIII de S. Lourenço.

Apesar das analogias enunciadas não pretenderem estabelecer relações temporais precisas e directas entre os conjuntos arqueológicos comparados, será útil referir o breve âmbito cronológico de alguns dos materiais referidos.

Na Estremadura portuguesa, a cerâmica "canelada", no seu conjunto, percorre todo o Calcolítico, desde uma fase pré-campaniforme, até uma outra que integra os vários estilos de cerâmica campaniforme. Em particular, os motivos e sequências integradas nas organizações VII e VIII de S. Lourenço, como, em geral, os motivos nucleares da organização I desta estação, surgem, predominantemente, em estações como Rotura ou Vila Nova de S. Pedro, em níveis imediatamente pré-campaniformes ou já campaniformes (*v.* nível IIa de Rotura (58)). Em cronologia absoluta, poderíamos sugerir um espaço temporal amplo entre 2400/2300 a.C. e 2000 a.C. para o desenvolvimento de tais estilos decorativos em es

tações da Estremadura. Quanto ao *padrão metopado* justaposto em recipientes de osso ou gesso e nos chamados "copos", ambos fazendo parte do reportório cerâmico de contextos calcolíticos habitacionais e funerários da Estremadura e/ou Sudeste, ele está neste caso conotado com níveis pré-campaniformes de estações daquelas áreas. Não é de excluir no entanto a possibilidade, como nos sugere B. Blance, de que elementos da iconografia simbólica pré-campaniforme tenham persistido, em determinados contextos, até fases subsequentes (59). Assim, também o *padrão metopado* poderia ter evoluído no Sul da Península ao longo dum largo período de tempo entre 2500/2400 a.C. e 2000 a.C. .

Mais uma vez é de acentuar um aspecto fundamental, que já havíamos referido a propósito das cerâmicas da Vinha da Soutilha: em S. Lourenço, os recipientes que apresentam as organizações I, VII e VIII são formas esféricas *de uso doméstico corrente*; nos outros contextos peninsulares, essas mesmas organizações estão associadas quer a *vasos de uso doméstico* (comum ou pouco corrente), quer *funerário*. O padrão metopado articula-se com recipientes *excepcionais* ("copos" ou vasos de osso e gesso); duma forma geral, a cerâmica "canelada" surge predominantemente em povoados da Estremadura, em formas (esféricas ou semi-esféricas) que devem ter cumprido diversas funções domésticas, mas que são *minoritárias* no conjunto da amostragem global. Assim, em S. Lourenço verifica-se um excepcional desenvolvimento quantitativo e qualitativo de modelos decorativos presentes, mas menos abundantes, em outras áreas culturais peninsulares.

- O padrão decorativo que ocupa o segundo lugar em S. Lourenço (considerando globalmente os dois sectores) corresponde à *organização II: triângulos incisos preenchidos com puncionamentos verticais ou oblíquos, dispostos em sequência horizontal, sob o bordo*.

Os puncionamentos podem ser "arrastados" (aproximando-se da técnica de "punto en raya" ou de "Boquique") ou individuais. Também surge uma variante que inclui triângulos preenchidos exclusivamente com motivos incisos (rectilíneos ou curvilíneos).

Esta organização está associada em S. Lourenço às formas esféricas 2 e 3 e à forma ovóide 5.

Como já longamente expusemos, este padrão representa uma forte *tradição neolítica* que percorre os múltiplos contextos peninsulares do *III^{o} e do II^{o} milénios a.C.*. A organização II de S. Lourenço apresenta apreciáveis semelhanças com análogas padronizações em recipientes de sepulcros evolucionados do Sudeste (60) e do Alto e Baixo Alentejo (Olival da Pega ou Monte do Outeiro) (61), de povoados como La Pijotilla (fase pré-campaniforme) (62), Cerro de S. Brás (63), Rotura (estrato IIb) (64), Olelas (camada A - - campaniforme, do monumento 1) (65), Penedo (66) ou Pedra do Ouro (67).

Mais para norte, encontramos este modelo numa gruta de Eira-Pedrinha (68), na Galiza, nos povoados de Fontenla e Regueiriño (69) ou, na Meseta, nos povoados de Las Pozas, Aldeagordillo, Peña del Bardal, Teso del Moral, Fontanillas de Castro, etc. (70). Em todas estas estações predomina como motivo nuclear o triângulo inciso preenchido com puncionamentos individuais. Se em alguns contextos ele se deve articular com níveis pré-campaniformes em relação com a chamada "cerâmica simbólica" (Monte do Outeiro, Olival

da Pega, Rotura), em outros, não é possível ainda determinar a sua exacta inserção cronológica relativamente ao complexo campaniforme.

Em S. Lourenço são de acentuar *duas variantes* nesta organização: a primeira (II, d - Fig. 4) inclui, no interior do triângulo, *incisões curvilíneas em forma de chama*, dispostas na vertical. De origem neolítica, este motivo aparece em dólmens do Alto Alentejo e da Beira Alta (71); a segunda (II, b, c, d, Fig. 8) integra linhas horizontais com técnica de puncionamento "arrastado" ("punto en raya"). Fernández-Posse sugere os inícios do IIIº milénio a.C. para o desenvolvimento desta técnica, de origem também neolítica, em estações do interior da Península (72). Cremos, no entanto, pela correlação estratigráfica registada em S. Lourenço com elementos ornamentais considerados mais tardios, que esta técnica decerto atingiu, nesta região, pelo menos, a 2ª metade do IIIº milénio a.C.. A prova mais concludente está na existência da *organização XIII*, que ocorre num recipiente exumado na c.3 do sector II, em conexão estratigráfica com recipientes decorados segundo a organização II.

A organização XIII (Fig. 9) integra a *representação simbólica* da *face oculada*, expressa em dois "*olhos*" (círculos incisos raiados, cada um com uma depressão central), encimados por "*sobrancelhas*" (leves sulcos curvilíneos convergentes), sobre dois pares de linhas puncionadas curvilíneas, paralelas entre si, que devem assinalar o que se convencionou chamar "*tatuagem facial*". O motivo devia possivelmente ser enquadrado lateralmente por dois triângulos incisos preenchidos por linhas horizontais puncionadas (nos fragmentos observados apenas se verifica um desses triângulos), desenvolvendo-se na pança do vaso, imediatamente abaixo do colo, que é separado do bordo por duas linhas puncionadas paralelas. O recipiente que inclui esta organização é *uma forma esférica baixa com leve marcação do colo* (f. 3B).

Como já assinalámos atrás, esta organização (que apenas conhecemos parcialmente) insere *três técnicas decorativas:* a incisão com estilete de extremidade fina, estreita e medianamente profunda (círculos e triângulos); a incisão com estilete de extremidade romba, com sulcos pouco fundos e medianamente largos (raios em torno dos círculos, sulcos convergentes sobre os círculos e pequenas impressões no interior destes); o puncionamento arrastado realizado com punção de extremidade sub-rectangular bifurcada (forma particular de "punto en raya"). Esta última técnica associada, no mesmo vaso, à organização "oculada" e ao triângulo inciso, permite estabelecer uma *correlação* não *só estilística, como evidentemente cronológica*, para o conjunto de recipientes que apresentam, isoladamente, no nível de ocupação referido, as organizações II e XIV ("grinaldas" realizadas também com técnica de "punto en raya"). E isto acontece devido à fácil inserção cronológica e cultural (no seu sentido amplo) da organização "oculada" a nível peninsular.

Como é amplamente conhecido, o padrão simbólico "oculado" aparece representado, durante o *Calcolítico Pleno e Tardio*, em diversos artefactos inseridos em *contextos sepulcrais e habitacionais* da Península Ibérica (particularmente na sua metade meridio-

nal): ele ocorre em recipientes cerâmicos, em placas rectangulares perfuradas de cerâmica (pesos de tear), ídolos cilíndricos ou planos de pedra, ídolos em osso (falanges ou ossos longos) e placas de xisto. Numa acepção mais geral, integra-se também na própria arte rupestre.

Começando pelos *recipientes cerâmicos* decorados com *motivos simbólicos ocu-lados*, podemos afirmar que, tendo uma ampla distribuição geográfica, desde o Sudeste até ao Sudoeste atlântico (incluíndo as províncias de Almeria, Sevilha, Huelva, Badajoz, Alentejo, Algarve e Estremadura), se concentram particularmente no *Sudeste* (Almeria) em conexão estreita com a "*cultura de Los Millares*", havendo também um número significativo de bons exemplares no *Sudoeste* (Alentejo).

No *Sudeste*, a maior parte dos vasos conhecidos integra um *estilo muito exuberante*, onde o *motivo oculado* propriamente dito se associa não só à *representação da tatuagel facial* (linhas curvilíneas paralelas) como de *outros motivos* (triângulo com puncionamentos, cervídeos, zigue-zague vertical ou horizontal, linhas verticais delimitadas por linhas horizontais, etc.). Estão neste caso os vasos dos sepulcros de Los Millares (7, 4, 15) e Almizaraque (73). O motivo oculado tem uma característica comum: é constituído por *dois círculos* concêntricos, sendo preenchido o espaço entre os dois por incisões convergentes, "raiadas". O círculo exterior pode, ou não, ainda integrar incisões curtas "raiadas". Como veremos, este motivo tem afinidades nos ídolos cilíndricos e planos de pedra das províncias de Badajoz, Huelva e Sevilha (74) ou ainda nos ídolos sobre ossos longos do povoado de Almizaraque (75). Ocorre, por exemplo, também no povoado de La Pijotilla (Badajoz) num vaso cerâmico (76). Poderíamos afirmar que este grupo estilístico valoriza primordialmente o *motivo oculado* para o qual convergem, em sequência metopada, diversas zonas preenchidas com motivos geométricos e/ou naturalistas esquemáticos.

Ainda no Sudeste surgem recipientes pintados com o motivo oculado (Los Millares 21), mas no qual é dado maior ênfase *à "tatuagem facial"* representada por linhas curvilíneas quebradas que envolvem apenas dois círculos, cada um com uma depressão central (77).

A par destes motivos expressamente simbólicos (porque se esquematiza uma face antropomórfica na qual se destacam os olhos) surgem outros onde apenas estão representados individualmente círculos "raiados" (em sepulturas ou no povoado de Los Millares) (79), ou tão só a "tatuagem facial", particularmente na sua variante de linhas curvilíneas paralelas, quebradas, como nas sepulturas de Los Millares, Loma de La Rambla de Huéchar 2 (Almeria) ou El Carlero (Sevilha) (79).

No *Sudoeste*, são bem conhecidos os exemplares cerâmicos com motivos oculados dos sepulcros de Olival da Pega, Monte do Outeiro e Anta Grande do Zambujeiro (80). Também nestes vasos existe uma exuberante representação dos olhos e, em dois casos, da "tatuagem facial". Mas, no conjunto, incluem uma organização mais simples, linear (ausência de métopas), na qual o motivo ocular se restringe a *um círculo* do qual saiem curtas incisões "raiadas" (Monte do Outeiro ou Olival da Pega), ou a dois círculos concêntricos (Zambujeiro), no qual os "raios" apenas partem do círculo exterior. As "sobrancelhas" são constituídas por linhas curvilíneas convergentes, associadas ou não a incisões curtas obl-

quas; a "tatuagem facial" é, no caso do Monte do Outeiro, representada por linhas curvilíneas paralelas, quebradas e, em Olival da Pega, também por linhas curvilíneas paralelas quebradas que delimitam uma faixa com puncionamentos verticais. O vaso de Olival da Pega integra incrustação de pasta branca sobre a decoração. Este motivo nuclear encontra-se associado, nos recipientes do Monte do Outeiro e de Olival da Pega, a uma zona decorada (com motivos geométricos) contínua, em torno do vaso. É evidente a relação estilística entre estes três recipientes e os ídolos cilíndricos decorados em pedra do Algarve (tipo Moncarrapacho) (81), as placas de xisto decoradas com motivo oculado de sepulcros de Huelva, Alto Alentejo e Estremadura (82) e algumas falanges em osso decoradas da Estremadura, como da Gruta da Bugalheira ou Olelas (83).

Também algumas placas de barro, decoradas, provenientes de povoados da Estremadura, incluem o círculo raiado ou incisões curvilíneas que podem eventualmente aproximar-se da esquematização da tatuagem facial (84). Em todos estes tipos de artefactos é idêntico e comum o *padrão oculado*, distinguindo-se acentuadamente do existente nos ídolos planos em pedra das províncias de Badajoz e Huelva e das cerâmicas ou ídolos em osso de Almeria.

São ainda conhecidos fragmentos de cerâmica que inserem o motivo "solar" em estações como Pavia (85), Cerro do Castelo (Corte de João Marques) (86), Santa Justa, Monte da Tumba, Cabeço do Cubo e Escoural (87).

A representação do motivo solar ou da "tatuagem facial" ocorre em algumas estações da Estremadura, sendo bastante conhecidos os exemplares provenientes de Vila Nova de S. Pedro e Palmela (88).

Na *Estremadura*, a simples "tatuagem facial" é nitidamente preferida ao motivo oculado exuberante do Alentejo/Algarve, Huelva/Badajoz e Almeria. E exprime-se abundantemente nos *ídolos cilíndricos em pedra* de Alapraia, Palmela, Barro, S. Martinho de Sintra, Liceia, Rotura ou Vila Nova de S. Pedro (entre tantas outras estações). Nestes objectos, pode ou não existir o esboço dos olhos através duma pequena depressão circular que é envolvida, quando existe, por *linhas curvilíneas paralelas* que, além de não serem quebradas, não continuam no lado oposto do artefacto. É, portanto, uma decoração simples, muito esquemática, bem localizada geograficamente.

Dada a inexistência de inventários publicados e devido ao facto de muitos trabalhos de investigação dos últimos anos não terem sido ainda concluídos, particularmente no que respeita às províncias do Alentejo e Algarve, não é possível ter uma idéia de conjunto da distribuição espacial dos diversos tipos de cerâmica decorada com o motivo oculado (ou apenas "facial").

As formas cerâmicas que integram esta simbologia no sul são variadas: desde as bicónicas, esféricas ou em calote de esfera até aos pratos.

Recentemente foram publicados de forma muito sucinta alguns materiais cerâmicos do povoado pré-campaniforme de Las Pozas (Zamora), no Ocidente da Meseta Norte, entre os quais se destaca um vaso esférico, com decoração oculada, provando a indiscutível relação da cultura material destes povoados da Meseta com a dos contextos calcolíti

cos meridionais do âmbito Vila Nova de S. Pedro/Los Millares. O motivo oculado é constituído por um círculo raiado, encimado por uma linha curvilínea seccionada por incisões oblíquas (92).

O exemplar de S. Lourenço aproxima-se, por diversas razões, do *modelo oculado do Sudoeste* (Alentejo/Alentejo) e *Estremadura*. Os olhos, constituídos por um par de círculos raiados, na sua óbvia simplicidade, têm semelhanças com os do vaso do Monte do Outeiro ou de Olival da Pega (em menor grau com o do Zambujeiro). Óbvios paralelos são também os ídolos cilíndricos do Algarve, como os de Moncarrapacho (89), Salir e Lezíria (90) ou, em Huelva, o de Valencina de La Concepción (91), ou ainda algumas placas de xisto de monumentos sepulcrais do Sudoeste e ídolos-falange de estações da Estremadura (Olelas e Gruta de Bugalheira) (93).

Mas em dois pontos importantes o vaso de S. Lourenço se distancia dos exemplos citados: a *tatuagem facial* composta apenas por um par de duas linhas curvas paralelas curtas, lembra a dos cilindros de calcário da Estremadura (Vila Nova de S. Pedro, Praia das Maçãs, Samarra, Rotura, etc.); *as "sobrancelhas"*, muito simples, sem linhas raiadas (como é comum nos vasos cerâmicos e ídolos cilíndricos do Alentejo/Algarve) aproximam-se das existentes em ídolos cilíndricos das províncias de Huelva e Sevilha, como também, duma forma mais genérica, da maioria das placas de xisto com decoração oculada do Sudoeste (94).

A interessante representação do *triângulo* preenchido com linhas puncionadas é comum a recipientes quer de Almeria, quer do Alentejo, embora, na estação de Chaves, a sua disposição lateral relativamente ao motivo central seja original.

Existe assim, no vaso de S. Lourenço, uma indiscutível intersecção de "estilos", com predomínio do padrão difundido no Sudoeste e Estremadura.

Recentemente, Victor Hurtado chamou a atenção, em diversos artigos (95), para a existência de várias *áreas estilísticas* na Península, onde se encontra representado o tema oculado. Segundo este autor, no Sudeste este motivo ocorre principalmente em vasos cerâmicos e ídolos-falange, enquanto a oeste se encontra preferencialmente associado a ídolos cilíndricos. Uma observação a esta primeira linha de força é que, se no caso dos "ídolos" é possível aceitar, "grosso modo", esta fronteira geográfica, quanto à cerâmica não se pode propriamente neste momento sobrevalorizar uma área onde haja maior abundância de recipientes decorados segundo aquele padrão simbólico. Os trabalhos de campo dos últimos anos têm demonstrado a sua existência em múltiplos contextos habitacionais do Sudoeste, e a construção duma cartografia peninsular que valorize a expansão de tipos requere ainda algum tempo até que possamos utilizar todos os dados ainda não revelados pelos diversos investigadores.

Hurtado distingue ainda, adentro do *Ocidente peninsular*, quatro zonas estilísticas que manipulam de forma diferenciada o tema oculado, particularmente na sua associação a ídolos de pedra (cilíndricos ou planos): o *Algarve, o Sudoeste espanhol* (Huelva e Sevilha), *a bacia do Guadiana e a foz do Tejo* (96). Duma forma geral, esta divisão articula e desenvolve a sistematização de M. J. Almagro Gorbea (97): na verdade, a *zona do Tejo*, onde se fabricam ídolos cilíndricos com o esboço da face oculada, na sua variante

de representação quase exclusiva da tatuagem facial, corresponde ao *tipo IV B* daquela autora (ídolos cilíndricos de decoração simples) (98); *o Algarve* e o *Sudoeste espanhol* integram ídolos cilíndricos com uma decoração oculada mais desenvolvida e invasora que se inserem no *tipo IV C* de M. J. Almagro (ídolos cilíndricos com decoração intermédia) (99). Na verdade, a sub-divisão estilística e espacial de V. Hurtado é mais correcta, na medida em que acentua a diferença significativa entre a representação dos olhos de ídolos de tipo Moncarrapacho e os de Sevilha ou Huelva (com algumas excepções que se aproximam dos algarvios). Os do Sudoeste Espanhol articulam-se, para Hurtado, pela sua exuberância decorativa e específica forma de representar os olhos (círculos concêntricos com raios inscritos), com os *ídolos planos* de La Pijotilla, que têm a sua origem na bacia do *Guadiana*, e que pela sua forma se devem apartar dos cilíndricos. Tanto estes ídolos planos, como outros cilíndricos, integráveis na região genérica do Sudoeste espanhol, se incluem no grupo IV D de M. J. Almagro (ídolos cilíndricos com rica decoração) (100). São evidentes, nestas duas sistematizações, os diferentes critérios que presidiram à sua elaboração: para M. J. Almagro Gorbea, os ídolos estão agrupados apenas em *três categorias* de decoração: simples, intermédia e complexa. Para V. Hurtado, associam-se um maior número de variáveis definitórias dos tipos: a forma, a específica representação da face oculada e a sua distribuição espacial. Se quiséssemos articular os dois critérios, chegaríamos a uma conclusão interessante: é no *Sudoeste espanhol* (Sevilha, Huelva) que existe maior *variedade de tipos*, quer do ponto de vista da diferente representação da face oculada (que se aproxima quer do padrão específico desta região, quer do algarvio), quer no maior ou menor "barroquismo" da decoração (tipos IV C e IV D de M. J. Almagro). As regiões do Tejo e da bacia do Guadiana manifestam-se mais homogéneas na representação da face oculada (esquemática e simples nos ídolos cilíndricos da Estremadura, exuberante e complexa nos ídolos planos do Guadiana).

O que é interessante verificar é a coincidência parcial da distribuição de alguns dos tipos cerâmicos conhecidos com a enunciada para os ídolos de pedra, planos e cilíndricos: é no *Sudeste* (Almeria) que existe um apreciável número de recipientes decorados segundo o mesmo padrão exuberante dos ídolos de Sevilha, Huelva e Badajoz (Los Millares, Almizaraque); no *Sudoeste* (Alentejo) o modelo dos vasos decorados exumados em sepulcros evolucionados aproxima-se do dos ídolos algarvios ou do das placas de xisto "oculadas" do Alentejo, Badajoz e Huelva. Claro que o padrão da simples representação da tatuagem facial ocorre indescriminadamente em todas estas várias regiões.

Para além desta fronteira "estilística", muito geral, entre Sudeste e Sudoeste, parece haver uma tendência geral (que necessita de ser amplamente confirmada) para a parcial exclusão mútua entre cerâmica oculada e ídolos cilíndricos oculados na mesma região. Assim, em termos de predominância relativa, a cerâmica oculada ocorre preferencialmente em áreas como Almeria e Alentejo e os ídolos cilíndricos ou planos de pedra nas províncias de Sevilha/Huelva/Badajoz, Alvarve e Estremadura portuguesa. Nesta última região, embora se conheçam alguns exemplares cerâmicos decorados segundo o modelo oculado e/ou tatuagem facial, eles são escassos e, sobretudo, não ocupam um lugar significativo em contextos tumulares, onde coexistem diferentes tipos de ídolos de variada simbologia. Contudo, em todas estas áreas, as amostragens cerâmicas são ainda relativamente restritas, pelo que não podemos afirmar com segurança a validade desta hipótese de trabalho.

Em outra ocasição seria interessante abordar, a nível peninsular, as diversas relações tipológicas, cronológicas e espaciais do tema da face oculada, disperso por uma tão vasta gama de "entidades" arqueológicas, desde a cerâmica e diferentes variedades de artefactos até à arte rupestre.

A *cronologia geral* do motivo oculado é indiscutivelmente calcolítica. Contudo, a sua origem e perduração temporal não se encontra totalmente esclarecida. Os poucos elementos que possuímos indicam-nos uma apreciável *variabilidade regional* que desaconselha qualquer tentativa generalizadora. No Alentejo, o célebre *vaso* do Monte do Outeiro (101) pertencente a um enterramento de inumação contemporâneo da construção do monumento de falsa cúpula, encontrava-se associado a um espólio constituído por vasos esféricos achatados, ou cilíndricos (de paredes reentrantes e fundo aplanado) e lâminas retocadas de sílex. Este enterramento encontrava-se subjacente a outro, também de inumação, composto por um interessante conjunto de cerâmica lisa e dois artefactos de cobre (um punção e uma ponta tardia de tipo Palmela), que H. Schubart identificou como correspondendo ao "horizonte do vaso campaniforme" daquela região (102). Entre as cerâmicas exumadas encontravam-se formas campaniformes lisas, várias calotes de esfera e semi-esféricos achatados, um recipiente cilíndrico semelhante à forma "copo" da Estremadura e um vaso tronco-cónico de fundo plano. Posteriormente, o mesmo autor haveria de integrar este conjunto tumular no "horizonte de Ferradeira", equivalente, no Sudoeste (Huelva, Algarve e Alentejo) a um momento tardio do "fenómeno campaniforme" em outras áreas peninsulares (como o estuário do Tejo, o Sudeste e a bacia do Guadalquivir) (103). Se dum ponto de vista estratigráfico, não há dúvida quanto à *anterioridade do enterramento que inclui o vaso com decoração oculada relativamente ao de tipo "Ferradeira"*, não é fácil daí deduzir a sua cronologia relativa no contexto mais amplo da evolução das culturas calcolíticas peninsulares. E isto deve-se à própria amplitude dos parâmetros cronológicos do "horizonte de Ferradeira". Para Schubart este horizonte manifesta-se numa *fase tardia do desenvolvimento do que ele designou o "horizonte de sepultura de cúpula"*, parcialmente sincrónico do "horizonte de Vila Nova I" da Estremadura. O seu início dar-se-ia no Sudoeste por volta de 1800 a.C. e o final atingiria 1500 a.C.. O que caracterizaria este "horizonte" seria, do ponto de vista sepulcral, o aparecimento de tumulações individuais em cistas (ou reutilizações individuais de monumentos megalíticos ou de falsa cúpula) acompanhadas de artefactos metálicos de "tipo campaniforme" e cerâmicas lisas (de forma acampanulada, em calote, carenadas, bicónicas, etc.). Esse "horizonte" substituiria, em termos globais, o característico horizonte tardio com cerâmica campaniforme de outras áreas, tendo sobrevivido até à plena Idade do Bronze. Não iremos neste momento discutir toda a problemática sugerida pela construção deste conceito. Apenas interessa relembrar algumas questões que não podemos ignorar ao tentar posicionar cronologicamente o primeiro nível de tumulação do Monte do Outeiro: - recentes investigações têm vindo a demonstrar a sistemática presença da cerâmica campaniforme em contextos calcolíticos do Sudoeste (104); - perante tal facto, será premente não só rever o conceito de "horizonte de Ferradeira", em termos do que ele tem significado como alternativa ao fenómeno campaniforme naquela região, como também reflectir no seu global desenvolvimento cronológico, e prováveis sincronismos existentes durante o Calcolítico, no Alentejo e Algarve; - a sucessão estratigráfica detectada no Monte do Outeiro só pode indicar-nos uma *cronologia relativa local*;

mas perante o novo panorama das investigações sobre a presença da cerâmica campaniforme no Sudoeste, ela não nos fornece a chave para a inserção segura da cerâmica oculada numa fase pré-campaniforme (no seu sentido mais amplo); - na verdade, pelo menos, duas hipóteses plausíveis se podem admitir: a tumulação ser anterior à existência de cerâmica campaniforme naquela região (o que poderia conduzir à hipótese de aceitação da simultaneidade de contextos do âmbito campaniforme, com e sem cerâmica campaniforme); a tumulação ser contemporânea da cerâmica campaniforme na região ou em regiões contíguas (o que levaria à suposição duma parcial ou total posterioridade do "Horizonte de Ferradeira" relativamente a contextos com cerâmica campaniforme).

Sabemos que novos elementos prestes a ser publicados (105) farão luz sobre o posicionamento cronológico de cerâmica com decoração oculada (ou genericamente "simbólica") no Sudoeste, pelo que não insistiremos neste ponto.

Mas talvez convenha ter presente alguns *dados estratigráficos* relativos a outros artefactos decorados com esta simbologia: - no povoado de La Pijotilla foi encontrado um ídolo plano oculado num nível pré-campaniforme (106); - no povoado da Rotura, pesos de tear decorados (em placas de barro) com motivos solares, foram exumados em níveis com cerâmica campaniforme (II e I b) (107): - na estação de Olelas, também foi registada uma falange em osso, decorada com a "face oculada", inserta na camada A do "monumento" 1, que integrava cerâmica campaniforme (108).

Por outro lado, quer M. J. Almagro (109) quer V. Hurtado (110) afirmam que os ídolos cilíndricos decorados da Estremadura portuguesa aparecem associados a cerâmica campaniforme. Não conhecemos, no entanto, dados estratigráficos indiscutíveis que ajudem a confirmar esta apreciação.

É, no entanto, facto assente que elementos da cultura material de níveis pré-campaniformes de estações do âmbito de "Vila Nova de S. Pedro", persistem em níveis com cerâmica campaniforme (Rotura, Zambujal) (111), pelo que não seria de estranhar que os artefactos que integram a decoração simbólica e que, na sua origem, se articulam com uma iconografia pré-campaniforme (112), tivessem persistido em certas áreas em fases subsequentes. Só uma investigação virada para o *estudo regional* da evolução interna das comunidades que habitaram e exploraram um determinado território, na qual possa emergir o *padrão* de relacionamento com outras populações e o grau e a específica assimilação de comportamentos originalmente alógenos, conduzirá à construção dum modelo explicativo mais geral que integre a diversidade e a aparente contradição de alguns dos elementos em presença.

Em S. Lourenço, o vaso com decoração oculada ocorreu num nível sem cerâmica campaniforme. Mas este facto, por si só, não nos permite ir muito longe na sua integração cronológica e cultural regional. Não sabemos qual a cronologia absoluta desse nível de habitação. Não o podemos situar relativamente aos artefactos metálicos "campaniformes" que provêm da estação, sem contexto estratigráfico. Poderá ser anterior, ou contemporâneo destes. Também relativamente a outras estações estudadas da mesma área, podemos indirectamente relacionar os materiais de ambas as estações, mas não possuímos dados irrefutáveis para afirmar a anterioridade ou contemporaneidade estrita das várias ocupações.

As hipóteses de correlação temporal das várias jazidas serão expostas num capítulo autónomo dedicado a essa problemática.

É manifesto que o conhecimento actual de todos estes dados tipológicos, recolhidos numa área nova (do ponto de vista da sua investigação), dificulta enormemente a eficácia da sua análise.

- Na ocupação *mais recente* do sector II (c.3), como nas camadas superiores do sector I, desenvolvem-se três organizações ligadas pelas técnicas e motivos decorativos: V/IX e a VI. Trata-se de organizações que usam a *impressão "penteada"*, quer formando bandas simples curvilíneas paralelas ao bordo (V e IX), quer desenvolvendo a alternância de bandas horizontais, rectilíneas ou curvilíneas e zonas sem decoração (VI).

A decoração "penteada" ocorre em S. Lourenço nas formas 1, 2, 3 e 5, mas predomina nas formas esféricas 2 e 3.

Este padrão decorativo tem paralelos em diversos contextos calcolíticos peninsulares, como já foi afirmado a propósito da estação da Vinha da Soutilha. Em La Pijotilla coexistem os dois tipos de organizações mencionados e a decoração plástica de "pastilhas" repuxadas, num contexto pré-campaniforme (113). Esta associação é bem conhecida num único vaso de Vila Nova de S. Pedro (114), o que prova obviamente a contemporaneidade, naquela estação, das duas técnicas e estilos decorativos. A existência, em La Pijotilla, de vasos com este padrão decorativo, associados a um ídolo plano oculado, num nível pré-campaniforme (115), poderá sugerir um amplo paralelismo cultural e cronológico entre a estação da província de Badajoz e a de S. Lourenço. No entanto, é de referir que, a nível regional, possuímos dados estratigráficos que permitem pressupor que a decoração "penteada" em geral e a variante VI em particular, perduraram em níveis com cerâmica campaniforme (Pastoria), pelo que será prudente não construir, entre contextos tão afastados, analogias das quais se queira inferir cronologias precisas. Na Estremadura, a decoração "penteada" ocorre ainda em recipientes da Rotura (116), Penedo (117), grutas do Rio Almonda (118) ou na gruta da Casa da Moura (Cesareda) (119). Nesta estação, é possível identificar, em materiais inéditos existentes no Museu dos Serviços Geológicos, além da impressão "penteada" (nas variedades também assinaladas em S. Lourenço e em outras desconhecidas desta estação), a *técnica de puncionamento arrastado* (Boquique calcolítico), formando linhas paralelas ao bordo do vaso, ou "grinaldas" (organização XIV), e ainda a *técnica de incisão* descrevendo linhas quebradas verticais (organização VIII em S. Lourenço). Em alguns destes recipientes foi observada a existência de incrustação de pasta branca com fins ornamentais.

A organização V encontra-se bem representada ainda em povoados calcolíticos da Meseta, como El Teso del Moral, Cerro del Ahorcado de Madridanos, Las Pozas, El Canchal de Peleas de Abajo e Alto del Quemado (120). Em Teso del Moral ocorre em todos os níveis observados. Será no entanto de salientar a sua inclusão nos materiais de superfície de *Cerro del Ahorcado* (Madridanos) (121), o qual integra um conjunto de recipientes com carenas baixas, um fragmento decorado com zigue-zague duplo preenchido com traços verticais e oblíquos e, entre outros artefactos, um machado plano metálico, que, global

mente, podem ser considerados materiais de cronologia mais tardia (Calcolítico final, Bronze inicial). Como já referimos, na Galiza, conhecemos cerâmica "penteada" nas estações da província de Orense, em As Pipileiras e Illa de Pazos (122) e em uma Mamoa de Gândaras de Budiño (Pontevedra) (123). Como desenvolvemos adiante, esta decoração tem uma ampla distribuição espacial no Norte de Portugal.

- Das restantes organizações decorativas existentes na estação de S. Lourenço (III, IV, X, XI e XII), apenas focaremos a organização III, dado que as demais ocorrem em número pouco significativo e, sobretudo, correspondem a modelos predominantemente locais. Esta organização inclui linhas paralelas ao bordo constituído por punciona - mentos e impressões (ou incisões muito curtas). Uma das variantes (Fig. 9 , III e) integra o motivo foliáceo junto ao bordo do recipiente. O puncionamento arrastado também ocorre nesta organização. O padrão geral surge nas formas esféricas 2 e 3. Tal como a organização II, deve ter tido uma larga duração e expansão peninsular, desde o Neolítico, em contextos meridionais e setentrionais. Leisner e Schubart detectaram este padrão nas estações de Outeiro da Assenta, Olelas, Parede, Casa da Moura, etc. (124), onde se deve inserir em contextos calcolíticos. Na Meseta é observado nos povoados de Teso del Moral, Fontanillas del Castro, Alto del Quemado e Peña del Bardal (125).

— Em S. Lourenço confirmam-se genericamente três das principais conclusões sobre os recipientes cerâmicos da Soutilha: 1º - a percentagem global das cerâmicas decoradas (cerca de 91%), no seio da totalidade da amostragem, representa o padrão inverso observado em outros contextos calcolíticos peninsulares, em que aquelas apenas ocupam 15% a 20% da percentagem geral; 2º - os tipos morfológicos predominantes em S. Lourenço - esféricos e semi-esféricos (com colo estrangulado) - aproximam-se dos existentes em *contextos calcolíticos (tardios)* da Meseta e Estremadura, distanciando-se dos meridionais, onde predominam os pratos e as taças baixas; 3º - as decorações associam-se predominantemente nos vasos de S. Lourenço, às formas esféricas (2 e 3), de uso doméstico. Desconhecemos a cerâmica funerária dos habitantes desta estação; em outras regiões peninsulares a cerâmica funerária pode incluir decoração, tal como a de uso doméstico, e em ambos os casos esta ocorre em formas semi-esféricas e esféricas, bicónicas ou taças altas.

— Em S. Lourenço predomina o *padrão metopado* associado à técnica de incisão. O conjunto das organizações I, VII e VIII é globalmente articulável (em termos formais) com os modelos decorativos da cerâmica calcolítica estremenha. O que resulta dum comportamento verdadeiramente local (extensivo a várias estações do Norte de Portugal) é, em primeiro lugar, a utilização maciça em recipientes de uso doméstico corrente dum padrão que, na Estremadura, é reservado a recipientes de uso funerário, ou excepcional adentro do povoado.

— Pelo seu carácter de excepção, o vaso com decoração oculada, poderá representar, na estação, uma função geral semelhante à que é reservada, nos contextos estremenhos, aos "copos", aos recipientes de osso ou gesso e aos próprios (raros) vasos com simbologia oculada.

— A existência de padrões estilísticos como o II, o III e o XIV, de provável origem neolítica, e com amplos paralelos em muitos contextos peninsulares, demonstra, juntamente com um conjunto apreciável de outras organizações de expressão local, a *convergência singular de múltiplas "influências"* numa exuberante e original gramática decorativa aplicada à cerâmica.

2. Materiais sem contexto

Encontram-se, em resultado de prospecções de superfície, depositados no Museu Municipal de Chaves, alguns artefactos provenientes do povoado. Entre eles, destacamos, em primeiro lugar, *o grupo das pontas de seta em pedra lascada*. Elas são agrupáveis em 3 categorias: - as de base recta ou côncava de lados rectilíneos ou côncavos; - as de base pedunculada e aletas; - as de base côncava ou bicôncava pronunciada e aletas muito desenvolvidas.

As *duas primeiras categorias* articulam-se com as já referidas a propósito das pontas de seta descobertas durante as sondagens de 1984. Apenas será de mencionar, quanto às de base pedunculada, que dois exemplares se integram no grupo de pedúnculo e aletas desenvolvidas (índice de alongamento curto), de tipo evolucionado, e um outro inclui o esboço de pedúnculo e aletas, aproximando-se duma variante "arcaizante" adentro dos contextos peninsulares ocidentais.

É à *terceira categoria*, ausente nos níveis arqueológicos registados nas nossas próprias escavações, que dedicaremos maior atenção. Trata-se de um tipo de ponta de seta alongada, com aletas desenvolvidas espessas, direitas, formando ângulos obtusos relativamente ao eixo de simetria da peça, entre 125º-130º e 155º. Como já referimos atrás, apresenta um aspecto robusto que se opõe ao carácter leve e fino das pontas insertas nas duas categorias primeiro mencionadas.

Adentro da tipologia geral dos Leisner (1943) (126), esta categoria aproxima-se genericamente do grupo das pontas de *seta de base côncava acentuada com aletas encurvadas desenvolvidas*, que, para aqueles autores, aparecia no âmbito da "cultura de Los Millares", em contextos tardios, associadas ao campaniforme. Revelavam uma técnica de retoque menos apurada (127). Estas pontas apresentavam, naquela área, dimensões variadas.

Contudo, as pontas de seta de S. Lourenço apresentam algumas particularidades: em primeiro lugar, *são mais alongadas* e de *maiores dimensões* do que a média das pontas referidas. A sua maior especificidade, provêm, no entanto, do tipo de *aletas*, as quais podem ser direitas ou levemente encurvadas, mas terminam numa *ponta espessa*, de forma arredondada, por vezes com tendência a tornar-se transversal. São fabricadas em corneana e xisto acinzentados.

Cremos que se trata de pontas de seta de feitura local, evolucionada. Na Península, conhecemos poucos paralelos directos para tais artefactos. Distinguimos, no entanto, um grupo de pontas de seta provenientes do grande dólmen de corredor (com "vestíbulo" e "antecâmaras") de *Lácara* (Badajoz), na província da Bajoz, região da Estremadura espanhola (128). Apesar dos materiais terem sido encontrados em níveis revolvidos,

Almagro distingue a presença de pontas de seta com aletas desenvolvidas e base côncava acentuada, concentradas sobretudo nas "antecâmaras e parte do vestíbulo" (p. 40), em contraposição à localização de pontas de base recta ou côncava (sem aletas) na câmara. Entre aquelas pontas de seta distinguem-se dois grupos: o de base côncava e aletas extremamente desenvolvidas, encurvadas (129) que se deve incluir no grupo evolucionado II, 4-8 dos Leisner (130) e o de base côncava e aletas menos desenvolvidas, direitas, por vezes de extremidade espessa, arredondada (131) que se aproxima dos de S. Lourenço.

Almagro considera as últimas tardias, em relação com duas pontas de lança em cobre arsenical de tipo Palmela, que, segundo aquele autor, foram achadas na parte terminal do corredor e deveriam ter sido colocadas originalmente na primeira antecâmara (132). Embora não haja provas estratigráficas que permitam validar esta associação, a articulação indirecta dos dados tipológicos dos vários objectos em presença, leva-nos a aceitar, "grosso modo", esta relação cronológica e cultural.

Na Península, particularmente na Meseta e na bacia do Ebro, é bem conhecida a associação da ponta de seta com pedúnculo e aletas ao fenómeno campaniforme (133). Contudo, em alguns casos, as aletas desenvolvem-se numa *ponta romba ou transversal* (acompanhando o alargamento do pedúnculo), evocando a forma clássica bretã dos túmulos armoricanos (134). Estão neste caso pontas de seta dos sepulcros dolménicos de La Atalayuela (135), Sakulo (136), Sotillo (137) e S. Martin (138), que nesta zona se devem associar ao *campaniforme de tipo Ciempozuelos*.

Embora não possamos obviamente comprovar esta associação no caso de S. Lourenço, será interessante lembrar que desta estação provêm (fora de contexto) alguns artefactos metálicos em cobre arsenical, entre os quais se distinguem vários objectos pertencentes ao complexo campaniforme (ponta de tipo Palmela e punhais de lingueta), sugerindo a ocupação desta estação durante uma fase cronológica que certamente terá, pelo menos, abarcado os inícios do IIº milénio a.C..

Em segundo lugar, comentaremos os *materiais metálicos* provenientes da estação, a maior parte existentes no Museu Municipal de Chaves, dividindo-os por grupos de artefactos: *ponta de tipo Palmela*, *punhais* (de lingueta e com extremidade arredondada com entalhes laterais), *machado plano e provável cinzel*.

A ponta de lança (139) de tipo Palmela, de forma oval e pedúnculo bem destacado (embora fracturado), revelou, pela análise da sua composição química (140), um elevado teor de cobre com arsénio (AS - 2%), integrando-se no grupo de cobre arsenical da Península Ibérica EO_1 (141).

Tipologicamente a ponta de lança de S. Lourenço pertence ao tipo II definido por B. Blance para as pontas de tipo Palmela peninsulares (142). Este tipo (forma oval e pedúnculo bem destacado) apresenta uma grande expansão geográfica, estando presente em todos os contextos campaniformes peninsulares conhecidos e, em Portugal, desde o Algarve às províncias do Minho e Trás-os-Montes. Neste tipo se integram, segundo a autora, a maior parte das outras pontas de tipo Palmela provenientes do Norte de Portugal. Também na Meseta este tipo se encontra bem difundido, correspondendo ao tipo A da tipologia de

Delibes de Castro (143): folha oval, bordos biselados, pedúnculo de secção quadrada; pedúnculo de comprimento variável. Embora não conheçamos a dimensão do pedúnculo da ponta de S. Lourenço, a morfologia da ponta aproxima-a da das variantes A1 e A2, as quais integram um pedúnculo de comprimento igual ou superior ao da folha.

Na Meseta, este tipo de ponta encontra-se inserto em contextos campaniformes das estações de Fuente-Olmedo (Valladolid), El Barrueco (Salamanca), El Castillo de Cardeñosa (Ávila) ou Aldeavieja de Tormes (Salamanca) (144).

Assim, a ponta de S. Lourenço inclui-se num tipo morfológicamente "clássico", de grande expansão trans-regional, adentro do fenómeno campaniforme tardio. Contudo, a inserção cronológica deste tipo não é fácil de determinar, uma vez que ele coexiste com outros tipos (tipos I de Blance (145) e B e C de Delibes (146)) de pedúnculo indiferenciado, longo, nas mesmas estações e, por vezes, nos mesmos conjuntos funerários aparentemente fechados. Apenas a título de exemplo, referimos aqui a coexistência dos tipos A e B de Delibes em Fuente-Olmedo (Valladolid) (147) e dos tipos I e II de Blance na Gruta de Redondas IX (Alcobaça) (148).

Relativamente à ponta de pedúnculo comprido em forma de lingueta - ponta de tipo Pragança - é possível, no entanto, integrá-la numa fase globalmente mais tardia. Este tipo evolucionado ocorre, por exemplo, na fase IV do Horizonte da Ferradeira, na "tholos" do Monte do Outeiro (149).

Quanto à cronologia geral proposta para este tipo de artefacto, Delibes e Fernandez-Miranda sugerem-nos um lapso de tempo entre 1800 e 1650/1550 a.C., no qual a ponta "de tipo Palmela" teria acompanhado preferencialmente, na Península, os diversos contextos campaniformes tardios regionais (150). Baseiam-se estes autores em duas ordens de dados: estratigráficos e de datação absoluta, e de associação. Assim, as datações absolutas pelo C 14 em estações como Orce, Praia das Maçãs, Los Husos e Zambujal, para níveis relacionados com aquele tipo de artefacto, por um lado, e as associações verificadas em contextos funerários de Ciempozuelos ou de Montelavar (no âmbito da Meseta e do Noroeste peninsular), por outro, conduziriam à conclusão, não só duma larga vigência temporal da ponta "de tipo Palmela", a nível peninsular, como da sua ampla produção e dispersão na parte setentrional da Península, centrada em dois focos de significativa importância: o da bacia alta e média do Douro e o do Noroeste (151).

Contudo, a comparação da ponta "de tipo Palmela" de S. Lourenço com outros artefactos formalmente idênticos, existentes tanto no Noroeste como na Meseta Norte, implicará um estudo global orientado no sentido da construção de grandes grupos metalográficos, pelos quais se possa verificar a percentagem relativa dos vários constituíntes (em particular, do arsénio) e através deles, retirar informação sobre técnicas de fabrico e áreas de produção, ou, pelo menos, de eventual circulação de tais objectos.

Numa outra ocasião, dedicada à específica caracterização destes objectos no contexto do Norte de Portugal e do Noroeste Peninsular, seria importante aflorar tal problemática.

Adentro dos punhais distinguiremos o grupo *de punhais de lingueta* do representado pelo *punhal de extremidade arredondada com entalhes laterais e rebite*.

O primeiro grupo é constituído por três exemplares: dois foram directamente analisados por uma equipa do LNETI, mas um terceiro apenas é descrito em função duma antiga publicação de Russel Cortez (152), não constando dos artefactos inventariados no Museu Municipal de Chaves. A análise da composição química dos dois artefactos inventariados (153) revelou um elevado teor de cobre com arsénio (As - 3,2%; 2-3%), no grupo de cobre arsenical da Península Ibérica EO_1 (154).

Os punhais de lingueta apresentam em comum, além da existência da própria lingueta, uma nervura longitudinal estreita nas duas faces. Mas outros elementos ajudam-nos a diferenciá-los: a lingueta de um é larga e pouco diferenciada relativamente à lâmina; a de outro é mais estreita e destacada, formando um ângulo pronunciado com o corpo da lâmina: a do terceiro é também destacada pela existência de entalhes laterais opostos, na parte que a liga à lâmina. Também as dimensões dos punhais variam, respectivamente entre 20, 16 e 14 cm de comprimento. O punhal nº 108, tem a ponta da lâmina arredondada (tal como a da lingueta), enquanto as dos outros dois são mais aguçadas.

Apesar destas diferenciações morfológicas as três peças apresentam um inegável "ar de família", integrando-se em um dos tipos característicos do desenvolvimento tardio do fenómeno campaniforme - os punhais de lingueta.

Se apenas atendessemos às pequenas dimensões dos artefactos e à forma pouco marcada da lingueta (sobretudo no nº 108), seríamos tentados a inseri-los numa variante tipológica arcaica: tipos 1 e 2 de Delibes de Castro para a Meseta (155), ou mesmo o Estádio I de Almagro Gorbea (156), o que faria recuar a sua cronologia para um período indeterminado entre 2000 e 1800 a.C.. Tais tipos de punhais curtos são habituais no Noroeste em tumulações individuais em cista, que se articulam, segundo Priego, com uma fase inicial do "Horizonte de Montelavar" (Tarayo, Carnota, Santa Comba) (157).

Contudo, cremos que devemos valorizar a existência da *nervura axial*, aliada ao alto valor de *arsénio*, como elementos que podem apontar para uma hipotética cronologia mais tardia, adentro da 1ª metade do IIº milénio a.C..

Na verdade, são conhecidos punhais de cobre arsenical, de lingueta pouco destacada com nervura axial nas duas faces, por exemplo, em S. Martinho de Sintra (158) no depósito do Barro (Torres Vedras) (159), em Alvadas de Baixo (Figueira da Foz (160) e em Pedra de Ouro (Alenquer) (161). Os seus valores de arsénio oscilam, respectivamente, entre 2%, 1,5%, 4,8% e 4% (162). Spindler inclui o exemplar do depósito do Barro adentro da morfologia campaniforme do Bronze inicial, embora considere o depósito constituído por objectos de tipologia heterogénea e o date duma época mais recente (Vila Nova de S. Pedro III) (163).

Também os conhecidos punhais do monumento 3 de Alcalar (164) apresentam nervura axial. Não possuem lingueta, mas uma extremidade de encabamento com entalhes laterais. Foram considerados, durante bastante tempo, quer pelos Leisner (165), quer por Blance (166) como sendo calcolíticos, sincrónicos de Los Millares I. Contudo, como Junghans,

Sangmeister e Schröder (167) analisaram e Schubart (168) realçou, estes punhais de cobre arsenical (As entre 0,86% e 2,3%) foram fundidos em molde bivalve, cuja técnica só aparece pela primeira vez em punhais e alabardas de El Argar. Para Schubart estes punhais serão contemporâneos do Horizonte da Ferradeira que, recordamos, se desenvolve, para aquele investigador, entre 1800 e 1500 a.C.. Seríamos então forçados a admitir que durante essa fase teriam surgido tipos formalmente "arcaicos" (punhais de "Ferradeira" de lingueta indiferenciada) e tipos técnica e formalmente mais evolucionados, como os de Alcalar.

Seria importante que os punhais de S. Lourenço fossem analisados de forma a poder-se caracterizar o seu processo de fabrico. Contudo, uma primeira apreciação leva-nos a sugerir a hipótese de estes artefactos poderem corresponder a uma tipo formal basicamente campaniforme, ao qual se associaram importantes inovações técnicas e formais que também ocorrem, por exemplo (e para só referirmos casos do Norte de Portugal), nas alabardas "tipo Carrapatas" (169).

O segundo grupo é constituído por um único exemplar: o punhal de extremidade arredondada "em leque", entalhes laterais e rebite central. A análise da composição química (170) revelou também um elevado teor de cobre e arsénio (As - 1,9%), o qual aponta para o já mencionado grupo de cobre arsenical peninsular E01 (171). Este artefacto, se por um lado encontra um genérico paralelo formal, quanto ao tipo de extremidade de encabamento, nos punhais de Alcalar já anteriormente referidos, pode comparar-se, pelos entalhes laterais e pela existência de rebites, a exemplares mais tardios, integráveis no Bronze I do Sudoeste (172): Baralha (Portimão), Alcaria (Monchique), Montinho (Beja) (173) ou mesmo, Provença (Sines) (174).

Se aceitássemos esta aproximação formal, dificilmente poderíamos recuar a sua cronologia para além de 1600 / 1500 a.C.. Aliás, apesar de este objecto ter sido encontrado no mesmo local do punhal de lingueta nº 108 e da ponta de tipo Palmela, nada nos assegura a sua associação no contexto arqueológico original. E mesmo que esta se tivesse verificado, poderíamos estar em presença dum conjunto de objectos constituído por tipos heterogéneos correspondentes a diferentes cronologias de fabrico.

Os dois últimos artefactos metálicos a que nos iremos referir não constam dos objectos inventariados no Museu Municipal de Chaves: utilizamos a descrição publicada por Russel Cortez para o machado e provável cinzel, (175) e ainda o estudo tipológico e o desenho de Monteagudo relativamente ao machado plano (176).

O *machado plano* (de cobre arsenical As - 2-3%) proveniente de S. Lourenço foi integrado, por diversas ocasiões, em diferentes tipologias construídas por investigadores ingleses e espanhóis.

Em 1967 Harbison (177) classificava-o adentro do "tipo Cabrales" (machado plano com extremidade de encabamento espessa, lados quase rectos, de gume curto, ligeiramente curvilíneo) o qual ocorreria, no Noroeste, predominantemente entre os rios Douro e Minho. Este tipo de machados teria paralelos em exemplares existentes em estações meridionais da Estremadura e do Algarve. No Noroeste, fazia parte do famoso depósito de

Roufeiro (Orense) (178), constituído também por um punhal de lingueta, punhais de rebites e uma ponta de lança, entre outros artefactos entretanto perdidos. A cronologia geral do "tipo Cabrales" deveria apontar, segundo Harbison, para uma fase final do fenómeno campaniforme, adentro do Bronze inicial.

Em 1971 Beatrice Blance (179) criava a categoria de machado "tipo Tejo", no qual inseria o exemplar de S. Lourenço, para designar o machado plano de forma rectangular ou ligeiramente trapezoidal, com extremidade de encabamento espessa e romba, de gume ligeiramente encurvado, e secção rectangular estreita. Na Península, este machado era particularmente abundante em contextos calcolíticos meridionais, sobretudo na Estremadura (em estações como Vila Nova de S. Pedro e Zambujal). No Noroeste, o machado de S. Lourenço representava o único exemplar pertencente a este tipo naquela região.

Poderíamos acrescentar que esta categoria tipológica de Blance corresponderia, "grosso modo", a uma variedade do "tipo Cabrales" criado por Harbison, embora de âmbito cronológico mais antigo e expansão geográfica centrada na parte meridional da Península.

Na exaustiva obra de Monteagudo sobre a tipologia de machados peninsulares, datada de 1977 (180), este autor integrava o exemplar de S. Lourenço no seu grupo 5, variante A (Susa B) (adentro do conjunto de grandes machados planos de lados rectilíneos). Esta variante incluía machados de forma sub-rectangular, de gume ligeiramente convexo, o qual apresentava uma largura igual ou ligeiramente superior à da extremidade de encabamento.

Esta variante apresentaria uma ampla expansão geográfica, particularmente na costa ocidental da Península Ibérica, nas províncias do Algarve, Alentejo, Estremadura portuguesa, Beira Baixa, Beira-Litoral e Trás-os-Montes. Nesta província o exemplar de S. Lourenço ocupava o único lugar relativo a esta variante. A sua cronologia incluía um amplo segmento de tempo, entre 2500 e 1900 a.C.. Embora esta categoria tipológica possa ser recoberta pelos tipos definidos por Harbison e Blance, particularmente pelo machado "tipo Tejo", não há concordância absoluta entre este último e a variante 5A de Monteagudo.

Apenas em termos de cronologia existe uma genérica coincidência de posições entre os dois investigadores.

Em 1979, Priego (181) desenvolve a periodização do Bronze antigo na fachada atlântica peninsular. Na "Etapa Inicial ou de Formação (1800-1700 a.C.)", (182) na qual coexiste um importante substracto campaniforme com influências atlânticas, a autora integrou machados planos de lados rectilíneos, do tipo dos que ocorrem no depósito de Roufeiro (tipo 4B e variante $2A_1$ de Monteagudo (183)) e que Harbison havia assimilado aos de "tipo Cabrales" (184). Durante esta fase surgiriam grandes punhais de lingueta (Quinta da Água Branca), punhais de rebites e alabardas tipo Carrapatas.

A aceitação desta cronologia geral para todos os tipos de artefactos citados, não só permitiria a inclusão do machado plano da estação de S. Lourenço numa época ligeiramente mais tardia do que a sugerida por Blance e Monteagudo, como também possibi

litaria correlacioná-los cronologicamente com a ponta de tipo Palmela e os punhais de lingueta já descritos. Contudo, esta, como outras hipóteses já aventadas, só poderão ser confirmadas ou infirmadas por dados estratigráficos resultantes de amplas escavações que nos elucidem futuramente sobre as diferentes etapas da ocupação deste local.

Russel Cortez menciona ainda a existência de um outro artefacto metálico que ele denomina "goiva de bronze" (185), com as seguintes dimensões: 9 cm x 2,6 cm x 1,1 cm. Pelas dimensões e desenho esboçado, parece-nos tratar-se de um pequeno cinzel, provavelmente em cobre arsenical. Mas não possuímos outros dados que permitam uma mais segura avaliação.

Relativamente aos anteriores objectos metálicos (de cobre arsenical) salientemos algumas linhas de força:

- O conjunto apresenta uma certa homogeneidade cronológica e cultural: à excepção do punhal de rebite, que pode, eventualmente, ser mais tardio, os punhais de lingueta e a ponta de tipo Palmela integram-se no contexto campaniforme dos começos da Idade do Bronze, provavelmente num período global entre 1800 e 1600 a.C.. Se aceitássemos a interpretação de Priego sobre a cronologia global do depósito de Roufeiro, poderíamos, por via indirecta, colocar a hipótese duma eventual contemporaneidade entre o machado plano e os artefactos campaniformes anteriormente mencionados.

- Apesar desta aparente unidade, confluem individualmente, em alguns artefactos, e no seu conjunto, elementos formais e tecnológicos de diferentes origens:

  . o fundo campaniforme está expresso nos punhais de lingueta e na ponta de tipo Palmela; mas os punhais de lingueta integram uma nervura longitudinal que pode não só reflectir um processo de fabrico mais evoluído (comum a muitos contextos peninsulares) como denotar influências estranhas ao próprio âmbito cultural campaniforme; recorde-se que, no Norte de Portugal, as alabardas "tipo Carrapatas" incluem este tipo de nervura axial e que este tipo de arma se relaciona com a ambiência cultural atlântica (186);

  . a influência meridional evidencia-se quer pela presença do machado plano ("tipo Tejo"), quer pela do punhal de rebites, ainda que estes dois artefactos possam eventualmente inserir-se em épocas distintas. No depósito de Roufeiro coexistem três elementos tão individualizáveis como punhais de rebites de tipo argárico, punhal campaniforme e machados planos de lados rectos.

- A confluência de elementos mediterrânicos e atlânticos no Noroeste peninsular, tendo como base o fundo cultural campaniforme, foi já devidamente salientada por P. Harbison (187) e R. Harrison (188). Não é aqui altura de desenvolvermos esta linha de força, mas será importante deixar em aberto a sua discussão no momento de valorizar o posicionamento cronológico e cultural dos testemunhos exumados nas recentes sondagens realizadas na estação.

LEGENDAS DAS FIGURAS

B.- 3.2 — S. LOURENÇO

Fig. 1 - Formas cerâmicas dos Sectores I e II.

Fig. 2 - Formas cerâmicas dos Sectores I e II.

Fig. 3 - Formas cerâmicas dos Sectores I e II.

Fig. 4 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector I (c.2/1).

Fig. 5 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector I (c.3).

Fig. 6 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector II (c.5).

Fig. 7 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector II (c.4).

Fig. 8 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector II (c.3).

Fig. 9 - Organizações decorativas da cerâmica do Sector II (c.3).

Fig. 10 - Percentagens de *tipos morfológicos (A)* (a - S.I - c.2/1; b - S.II - c.4; c - - S.II - c.2/1) e de *organizações decorativas* (a - S.I - c.2/1; S.II - c.3; S.II - c.2/1).

Fig. 11 - Percentagens de *categorias tipológicas (C)*: a - S.I - c. 3/1; b - S.II - c.4/ /1.

Notas

(1) Embora esta alínea vise a comparação com paralelos de áreas exteriores ao Norte de Portugal, não se deixará de aludir a materiais desta região, de forma breve e sucinta, sempre que tal contribua para a melhor compreensão das analogias referidas.

(2) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber der Iberischen...*, pp. 444-448.

(3) *V.* nota 2, pp. 460-464.

(4) *V.* nota 2, pp. 428-432.

(5) Ferreira, O. da Veiga e Silva, Carlos Tavares (1970), A estratigrafia do povoado pré-histórico..., pp. 215-216.

(6) Almagro, Martín e Arribas, A. (1963), *El Poblado y la Necrópolis...*; Tarradell, M. (1962-63), *El País Valenciano del Neolítico...*, pp. 95 - 106; López Plaza, Emília Mª Socorro (1978), *Comienzos del Eneolítico protourbano...*, p. 184; Tarrús, J. *et alii* (1984), El fenomeno megalítico..., p. 103; Barandiarán, J. M. e Medrano, D. F. (1964), Excavacion del dolmen...; Barandiarán, I. e Basabe, J. Mª (1978), El yacimiento eneolítico de La Atalayela en Agoncillo (Logroño)..., fig. 6

(7) *V.* nota 6: López Plaza, E.M.S. (1978), *Comienzos del Eneolítico...*, p. 197.

(8) *V.* nota 6: López Plaza (1978), *Comienzos del Eneolítico...*; Serrão, E. da C. e Vicente, E.P. (1980), *Lâminas de Sílex...*

(9) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*; idem (1959), ibidem; Leisner, V. (1965), ibidem.

(10) Jorge, Vítor Oliveira (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal...*, p. 807.

(11) Jorge, Vítor Oliveira (1984), Datas de C 14 para o megalitismo do Norte de Portugal...

(12) Spindler, K. (1981), *Cova da Moura...*, p. 79.

(13) Leisner, G. e V, (1943), *Die Megalithgräber...*; Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho de Reguengos...*; Silva, Carlos T. e Soares, J. (1976-77), Contribuição para o conhecimento...; Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal - Die Grabungen...*; López Plaza, E.S. (1978), *Comienzos del Eneolítico*. Agradecemos novamente a V. Hurtado as informações prestadas sobre o quadro tipológico das cerâmicas do povoado de *La Pijotilla*, antes da publicação do seu estudo.

(14) Leisner, G. e V. (1943) *Die Megalithgräber...*; Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho de Reguengos...*

(15) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho...*, p. 91.

(16) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...* tafel 161.

(17) Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la edad del cobre... fig. 6, e p. 78.

(18) Arribas, A. e Molina, F. (1979), *El Poblado de "Los Castillejos" en Las Peñas de los Gitanos (Montefrio, Granada)...*, figs. 39, 59, 74.

(19) Schüle, W. e Pellicer, M. (1966), *El Cerro de La Virgen...* fig. 2, nº 1, fig. 3, nº 10.

(20) *V.* nota 13.

(21) *V.* nota 13: Silva, Carlos T. e Soares, J. (1976-77), Contribuição...

(22) Silva, C.T. da (1971), O povoado pré-histórico da Rotura..., p. 187.

(23) *V.* nota 13: Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981).

(24) López Plaza, S. (1978), *Comienzos del Eneolítico*...; idem (1979), Aportacion al conocimiento de los poblados..., figs. 2-5.

(25) *V.* nota 13.

(26) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho*..., p. 87.

(27) López Plaza, S. (1979), Aportacion al conocimiento..., p. 76.

(28) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber*..., tafel 161.

(29) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho*..., p. 89.

(30) *V.* nota 13.

(31) Silva, Carlos T. e Soares, J. (1976-77), Contribuição para o conhecimento..., p. 183.

(32) Silva, C.T. da (1971), O povoado pré-histórico..., pp. 180 e 187.

(33) Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal*... tafel 66-75.

(34) Leisner, V., Zbyszewski e Ferreira, O. da Veiga (1969), *Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos*..., Pl I, J, K, L, M.

(35) *V.* nota 27, p. 76.

(36) *V.* nota 13.

(37) *V.* nota 31, p. 184.

(38) *V.* nota 32, p. 182.

(39) *V.* nota 33, tafel 86-88.

(40) *V.* nota 27, p. 77.

(41) *V.* nota 31, fig. 46.

(42) *V.* nota 27, p. 82.

(43) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber*..., pp. 234-251. Sob a designação de "cerâmica canelada" integram-se as técnicas de *incisão fina* (descrevendo zigue-zagues, triângulos ou reticulados) ou de *sulcos largos e profundos* (sob a forma de triângulos, losangos, reticulados, etc.) Está ausente a decoração com punção rombo (em "folha de acácia" ou "crucífera") ou a brunida (zigue-zagues horizontais ou verticais em "copos ou taças") também designada, em sentido estrito, "canelada" (Cardoso, J. L., 1981, O povoado pré-histórico de Leceia...).

(44) Spindler, K. (1981), *Cova da Moura*... figs, 38 e 39; Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber*..., tafel 31 e 45; Ferrer Palma, J. (1976) La necropolis megalitica de Fonelas..., fig. 7.

(45) *V.* nota 33, tafel 59 e 92.
V. nota 43, tafel 72 e 96.

(46) Gallay, G. *et alii* (1973), O Monumento pré-histórico de Pai Mogo..., fig. 69, nºs 362 e 357.

(47) Gonçalves, V. dos S. (1971), *O Castro da Rotura*..., Est. XXIV.

(48) *V.* nota 33, tafel 58.

(49) Paço, A. (1939), A póvoa eneolítica de Vila Nova..., fig. 17, nº 13.

(50) Bubner, M.A. Horta Pereira (1979), Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa..., Est. III, Outeiro de S. Mamede, 2.

(51) Leisner, V. *et alii* (1969), *Les Monuments Préhistoriques*... Pl.Q, nº 98.

(52) *V.* nota 46, fig. 69.

(53) Leisner, V. e Schubart, H. (1966), Die Kupperzeitliche Befestigung...

(54) Paço, A. (1960-61), Castro de Vila Nova de S. Pedro - XIII - Recipientes... fig. 2 e fig. 3.

(55) *V.* nota 53.

(56) Agradecemos a Victor Hurtado todas as informações prestadas sobre a decoração da cerâmica de La Pijotilla.

(57) *V.* nota 24, pp. 156-157; fig. 10, nºs 2 e 9.

(58) *V.* nota 47.

(59) Blance, B. (1971), *Die Anfänge der Metallurgie*...

(60) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber*..., tafel 29.

(61) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho*... Est. XXX; Schubart, H. (1965), Zwei Belegungsphasen im Kuppelgrab..., fig. 2.

(62) *V.* nota 56; Hurtado, V. (1981), Las figuras humanas del yacimiento de La Pijotilla..., p. 86.

(63) Parreira, R. (1983), O Cerro dos Castelos..., fig. 11, nºs 2-5.

(64) *V.* nota 47, Est. XVIII.

(65) Serrão, E.C. e Vicente, E.P. (1958), O Castro eneolítico de Olelas..., Est. IV, nº 12.

(66) Spindler, K. e Trindade, C. (1970), A póvoa eneolítica..., Est. XXVIII, nºs 688--699.

(67) Leisner, V. e Schubart, H, (1966), Die Kupferzeitliche..., fig. 7, nº 59.

(68) Correia, A.M. e Teixeira, C. (1949), *A Jazida Pré-histórica da Fira-Pedrinha...*, fig. 13, Est. VII, 8.

(69) Agradecemos a Antônio Peña Santos todas as informações amavelmente cedidas.

(70) López Plaza, S. (1978), *Comienzos del Eneolítico...*, fig. 8, nº 1; fig. 9, nºs 5, 6, 7; fig. 10, nº 8; fig. 11, nºs 2, 5, 7; fig. 12, nº 4; fig. 13, nº 6.

(71) Leisner, G. e V. (1959), *Die Megalithgräber...*, tafel 3, 2, nºs 7 e 8; Leisner, V. e Schubart, H. (1966), Die Kupperzeitliche...

(72) Fernández-Posse, M.D. (1982), Consideraciones sobre la tecnica..., p. 141.

(73) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*, tafel 12, 16, 28, 96.

(74) Hurtado, V. (1980), Los Ídolos calcolíticos de "La Pijotilla"...

(75) Almagro Gorbea, M.J. (1973), *Los Idolos del Bronce I Hispano*, p. 169; fig. 28.

(76) *V.* nota 56.

(77) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*, tafel 22.

(78) Almagro, M. e Arribas, A. (1963), *El Poblado y la Necrópolis...*, Lam. CXIX e LII.

(79) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*, tafel 10, 13, 16, 22, 96, 25 e 64.

(80) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho...*, Est. XXX, 14; Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 128; Pina, H.L. (1971), Novos monumentos megalíticos ..., Est. II.

(81) *V.* nota 75, p. 129, fig. 22.

(82) *V.* nota 75, p. 181, fig. 49.

(83) *V.* nota 75, p. 153, fig. 26.

(84) *V.* nota 75, p. 219, fig. 54.

(85) Leisner, G. e V. (1959), *Die Megalithgräber...*, tafel 24-3, 19.

(86) Gonçalves, V.S. (1979), Megalitismo e inícios da Metalurgia..., p. 14.

(87) Textos fotocopiados contendo resumos de comunicações apresentadas ao colóquio sobre *Calcolítico do Centro e Sul de Portugal* (Setúbal, 1985), de autoria de V. Gonçalves, A.M. Arruda (Cerro do Castelo de Santa Justa - Alcoutim), C.T. Silva e J. Soares (Monte da Tumba - Torrão), A.C. Dias (Cabeço do Cubo), R.V. Gomes, M.V. Gomes e M.F. Santos (Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural).

(88) Leisner, V. (1961), Vasos eneolíticos decorados no interior..., fig. 3, nºs 1 e 2; EST. I, nºs 5 e 6; Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 118.

(89) *V.* nota 75, pp. 129-132.

(90) Gonçalves, V.S. (1978), Dois novos ídolos...

(91) *V.* nota 75, pp. 133-134, Lam. XIV.

(92) Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico... p. 38

(93) *V.* nota 75, fig. 49 e fig. 26.

(94) *V.* nota 75, fig. 22, 23, 49.

(95) Hurtado, V. (1978), Los idolos del Calcolítico en el Occidente peninsular...; idem (1980), Los ídolos calcolíticos de "La Pijotilla"...; idem (1981), Las figuras humanas del yacimiento...

(96) Hurtado, V. (1980), Los ídolos calcolíticos..., p. 197.

(97) *V.* nota 75.

(98) *V.* nota 75, p. 122.

(99) *V.* nota 75, p. 128.

(100) *V.* nota 75, p. 134.

(101) Viana, A., Ferreira, O. da Veiga e Andrade, R. Freire de (1961), Um tûmulo de tipo alcalarense...; Schubart, H. (1965), As duas fases de ocupação do tûmulo...

(102) Schubart, H. (1965), As duas fases..., p. 202.

(103) Schubart, H. (1971), O Horizonte de Ferradeira...

(104) Harrison, R. (1977), *The Bell Beaker*..., fig. 21; Bubner, T. (1979), Ocupação campaniforme do Outeiro de S. Bernardo..., EST. III; Silva, C.T. da e Soares, J. (1981), *Pré-história da Área de Sines*, figs. 106 e 107; Arnaud, J.M. (1982), O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado..., fig. 2.

(105) Esperamos a publicação de escavações realizadas nos últimos anos em povoados do Alto Algarve Oriental e no Baixo Alentejo Ocidental, da responsabilidade de equipas dirigidas por membros da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines.

(106) *V.* nota 96.

(107) *V.* nota 47.

(108) *V.* nota 65.

(109) *V.* nota 75, p. 122.

(110) Hurtado, V. (1980), Los ídolos..., p. 173.

(111) *V.* nota 12.

(112) *V.* estratigrafia de Vila Nova de S. Pedro analisada por H. Savory (1970), A section through the innermost rampart...

(113) Hurtado, V. e Amores, F. de (1982), Relaciones culturales entre el sudeste frances y La Pijotilla (Badajoz)..., p. 200.

(114) *V.* nota 49, fig. 17, nº 21.

(115) Hurtado, V. (1981), Las figuras humanas..., p. 86.

(116) Aberg, Nils (1921), *La Civilisation Enéolithique...*, fig. 118.

(117) Spindler, K. e Trindade, L. (1970), A póvoa eneolítica..., Est. XXIX, nº 705.

(118) Paço, A., Vaultier, M. e Zbyszewski, G. (1947), Gruta da nascente do Rio Almonda... p. 1.

(119) *V.* nota 116, fig. 91.

(120) López Plaza, S. (1978), *Comienzos del Eneolítico...*, figs. 9, 10, 12.

(121) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1976), Poblado de la edad del bronce en el Cerro..., pp. 422-426.

(122) Materiais inéditos expostos no Museu Provincial de Orense.

(123) Harrison, R. (1977), *The Bell Beaker...*, fig. 67.

(124) *V.* nota 67.

(125) *V.* nota 120, fig. 9, nºs 8, 10, 20; fig. 11, nº 3; fig. 12, nº 9; fig. 13, nº 3.

(126) *V.* nota 2.

(127) *V.* nota 2, p. 461.

(128) Almagro, M. (1959), Excavaciones en el sepulcro de corredor...

(129) *V.* nota 128, fig. 18.

(130) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber*, pp. 462-464.

(131) *V.* nota 128, fig. 16.

(132) *V.* nota 128, fig. 6.

(133) Delibes de Castro, G. (1977), *El Vaso Campaniforme*, pp. 118-119; Andrés Rupérez, T., (1978), El utillage de piedra tallada en los sepulcros..., p. 36.

(134) Briard, Jacques (1984), *Les Tumulus d'Armorique...*, figs. 57-60.

(135) Barandiarán, I. e Basabe, J. Mª (1978), El yacimiento eneolítico..., fig. 6.

(136) *V.* nota 133: Andrés Rupérez, T. (1978), fig. 10.

(137) Barandiarán, J.M., F.Z. Medrano, Domingo e Apellániz, J.M. (1964), Excavacion del dolmen de El Sotillo..., fig. 3, 4, 5.

(138) Barandiarán, J.M. e F Z. Medrano, Domingo (1964), Excavacion del dolmen de San Martin..., fig. 8.

(139) Spindler, K., (1981), *Cova da Moura*, p. 158.

(140) Análise realizada por J.M. Peixoto Cabral e M. Fátima D. Araújo, do Departamento de Química do Instituto de Energia do LNETI (*V.* apêndice).

(141) Junghans, S., Sangmeister, E. e Schröder, M. (1968), *Kupfer und Bronze...*

(142) Blance, B. (1971), *Die Anfänge...*, p. 179.

(143) Delibes de Castro, G. (1977), *El Vaso Campaniforme...*, p. 110.

(144) *V.* nota 143, p. 110.

(145) *V.* nota 142, p. 178.

(146) *V.* nota 143, pp. 110-111.

(147) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1974), La cultura del vaso campaniforme en las campiñas meridionales del Duero...

(148) Harrison, R. (1974), Ireland and Spain...

(149) Schubart, H. (1971), O horizonte de Ferradeira..., fig. 4, g_2.

(150) Delibes de Castro, G. e Fernandez-Miranda, M. (1981), La tumba de Celada de Roblecedo (Palencia) y los inicios..., p. 160.

(151) *V.* nota 150, pp. 184-185.

(152) Cortez, F. Russel (1949), Novos materiais para o estudo..., fig. 13.

(153) *V.* nota 140.

(154) *V.* nota 142.

(155) *V.* nota 143, pp. 105-107.

(156) Almagro-Gorbea, M. (1976), La espada de Entrambasaguas..., p. 465.

(157) Ruiz-Gálvez Priego, M. (1971), El Bronce Antiguo..., p. 156.

(158) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 31, nºs 29 e 33; Blance, B. (1971), *Die Anfänge der Metallurgie...*, tafel 13, nº 7.

(159) Spindler, K. (1981), *Cova da Moura...*, fig. 41, nº 5.

(160) *V.* nota 141, tafel 53, nº 1867.

(161) Paço, A. do (1966), Castelo da Pedra de Ouro..., fig. 15, nº 1817.

(162) *V.* nota 141 e nota 159.

(163) *V.* nota 159, pp. 101-102.

(164) Veiga, S. Estácio da (1886), Antiguidades monumentais do Algarve...

(165) *V.* nota 130.

(166) *V.* nota 158.

(167) *V.* nota 141, tafel 51, 1390, 1391, 1393.

(168) Schubart, H. (1973), Las alabardas tipo Montejícar..., p. 263.

(169) Bártholo, L. (1958), Alabardas da época do Bronze...; *V.* nota 167.

(170) *V.* nota 140.

(171) *V.* nota 141.

(172) Schubart, H. (1975), *Die Kultur der Bronzezeit...*

(173) *V.* nota 171, tafel 5, nº 59; tafel 9, nº 35; tafel 20, nº 388.

(174) Silva, C.T. e Soares, J. (1981), *Pré-História da Área de Sines...*, fig. 142, nº 3.

(175) Cortez, F.R. (1955), Nuevos materiales para el estudio..., Lam XXXVI, nºs 4 e 5.

(176) Monteagudo, L. (1977), *Die Beile auf der...*, tafel 18, 343.

(177) Harbison, P. (1967), Mediterranean and atlantic elements..., pp. 102 e 118.

(178) Lõpez Cuevillas, F. (1925), Hallazgo de Roufeiro...

(179) *V.* nota 158, p. 172.

(180) *V.* nota 176, p. 59.

(181) Ruiz-Gãlvez Priego, M. (1979), El Bronce Antiguo...

(182) *V.* nota 182, p. 169.

(183) *V.* nota 176, pp. 56 e 39.

(184) *V.* nota 177.

(185) *V.* nota 152, p. 5; *V.* nota 175.

(186) Harrison, R. (1974), Ireland and Spain...

(187) *V.* nota 177.

(188) *V.* nota 186; idem (1974), A closed find from Cañada...

3.3 A ESTAÇÃO DA PASTORIA

3.3.1 *LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO*

A estação da Pastoria pertence à freguesia de Redondelo, concelho de Chaves, distrito de Vila Real.

As coordenadas geográficas relativas a um ponto central da área da estação em que incidiram as escavações, são as seguintes (seg. "Carta Militar de Portugal" na escala 1/25 000 - folhas 47 - Chaves e 46 - Boticas):

0^{o} 34' 28" Long. E Lx.
41^{o} 43' 59" Lat. N

Este povoado localiza-se na parte média *do rebordo ocidental da depressão de Chaves*; integra-se numa área situada à altitude absoluta de 550 m-590 m, inserta na encosta da *escarpa de falha* que domina o vale do Tâmega a SO da cidade de Chaves. Mariano Feio descreve-nos a descida para a depressão de Chaves na área abrangida pela estação: "A descida do planalto do Barroso para a Veiga de Chaves faz-se por uma importante escarpa tectónica, de que a bacia de Bobadela, o relevo Elhos-Facho 3º, a superfície de Sanjurjo e a Veiga de Chaves são os elementos horizontais. As superfícies inclinadas e as escarpas que as separam, estão degradadas e dispostas, por vezes, em linha quebrada, o que lhes tira grande parte do vigor e nitidez" (1).

A estação da Pastoria situa-se na vertente oriental do relevo estreito e alongado Elhos-Facho 3º (nas proximidades do ponto alto da Bandeira (777 m)), o qual é interpretado por aquele geógrafo, como um "horst" (2).

A área ocupada pela estação, segundo a "Carta Geológica de Portugal" na escala 1/50 000 (folha 6B - Chaves), encontra-se implantada numa unidade geológica constituída por *granitos alcalinos, de grão médio a grosseiro de duas micas ou moscovítico*, que ocupa uma extensa mancha a ocidente do Tâmega, que abrange Sanjurge, Seara Velha, Cambedo, Ardãos, Meixide, Pedrário, Codeçoso, Gralhas, etc. (3).

Ao longo do relevo Elhos-Fachos 3º existe um *filão de quartzo de grande extensão e espessura variável entre 2 e 10 m*, que passa por Paranhos (742 m), Serra da Ferra (660 m), Alto dos Macheirões-Prainos-Alto da Pedreira (680-700 m) (4).

Do ponto de vista hidrogeológico, segundo a "Carta Hidrogeológica de Portugal", na escala de 1/1 000 000 (5), a área da estação encontra-se integrada numa unidade de *rochas intrusivas, hercínicas, predominantemente graníticas* de *permeabilidade reduzida*. Tal como nas estações da Vinha da Soutilha e S. Lourenço, a *natureza do solo* (areias grosseiras com cascalho e intercalações argilosas) dificulta a acumulação das águas em profundidade (6). Como também já referimos para toda a bacia de Chaves, o nível freático (como o profundo) é irregular, variando com as precipitações anuais. Assim, no Verão, as águas separam-se, não sendo de assinalar, nas proximidades da estação, a existência de nenhum curso significativo permanente.

Pedologicamente (segundo a "Carta dos Solos de Portugal") a zona arqueológica insere-se na unidade B - Cambissolos, variedade Bh2 - cambissolos húmicos (rochas eruptivas) (7).

A "Carta de Capacidade de Uso de Solos" indica-nos a existência de um *complexo* constituído por solos susceptíveis de utilização agrícola (classe A) e solos com uma utilização apenas florestal (classe F) (8).

Os materiais arqueológicos encontrados à superfície do solo (revolvido por trabalhos de plantação de vinhas) ou os detectados durante as nossas próprias escavações recobrem uma área extensa de contorno genericamente sub-elíptico, com cerca de 6 ha, a qual abrange uma pequena parte da encosta abrupta da vertente oriental, abaixo do marco da Bandeira, e diversas plataformas em forma de esporão escalonadas entre as altitudes absolutas de 570 m e 550 m, orientadas a SE (9). A ocidente das referidas plataformas, à cota aproximada de 560 m, nasce um pequeno curso de água temporário, sub-afluente de ribeiras que vão engrossar um afluente do Tâmega, que nele desagua a sul da Curalha.

Em toda a área mencionada, sobressai, do ponto de vista topográfico, um pequeno esporão, com uma superfície de cerca de 0,4 ha, circundado a SE por vários afloramentos graníticos, que delimitam uma zona aplanada, proeminente, que foi objecto de escavações em extensão.

Contudo, apesar da ampla distribuição dos materiais à superfície poder sugerir um povoado que se extende para SE, até ao vale onde se encontra implantada a povoação da Pastoria, será importante salientar, por um lado, o provável efeito da erosão e da escorrência de águas em solos pouco permeáveis que poderá ter provocado o escorregamento, pela encosta, de materiais provenientes de plataformas existentes em níveis superiores. Por outro lado, a abundante florestação do terreno (10), particularmente a sul e oriente das referidas plataformas, não permite a verificação segura da real extensão do povoado nessa direcção. Aliás, deve referir-se que para ocidente, a apenas 250 metros, em linha recta, da estação pré-histórica, ergue-se um castro proto-histórico, cujo ponto mais alto se encontra à altitude absoluta de 602 m. A delimitação da estação encontra-se, assim, fortemente condicionada pela futura realização de sondagens de controlo em toda esta vasta área.

A zona intervencionada, delimitada a ocidente por um curso de água e atravessada por um estradão, integra, assim, dois sectores distintos: - uma faixa estreita alongada (no sentido SO-NE) que abrange a *base da vertente*, contígua ao estradão (que atravessou uma plataforma aplanada); esta zona constitui provavelmente a área do povoado situada à cota mais alta; uma segunda plataforma em forma de esporão, localizada a cerca de 10 metros abaixo da anteriormente mencionada (bem delimitada a ocidente por uma linha de água e, na sua extremidade sul e sudeste, por afloramentos), terá constituído um importante núcleo habitacional durante as diversas fases de ocupação da estação.

Como é óbvio, mesmo que possuíssemos dados seguros sobre a dimensão global da estação, não nos seria permitido, neste momento, determinar a extensão exacta do po-

voado em cada fase da sua evolução.

3.3.2 *METODOLOGIA GERAL DA ESCAVAÇÃO. SECTORES ESCAVADOS*

As escavações ocuparam três campanhas sucessivas, desde 1982 a 1984. Desenvolveram-se, como já referimos, em duas áreas topograficamente bem diferenciadas e, adicionalmente, separadas por um estradão recente. A área situada genericamente a norte do estradão abrangeu a base da encosta e, parcialmente, uma plataforma superior situada à cota de 585 m, a qual foi cortada pelo estradão mencionado.

Esta área, virada a SE, incluía, à superfície, um grande número de afloramentos graníticos e blocos amontoados de forma acentuadamente "caótica" que poderá indicar movimentos e escorregamentos relativamente recentes. Nesta encosta foram abertas três zonas (Locais 1, 2 e 3), respectivamente com as áreas de 80 m^2, 48 m^2 e 56 m^2. Estes sectores foram integrados num quadriculado de 2 de lado, perpendicular à estrada, o qual articulou também todas as áreas escavadas da estação.

A sul do estradão, no pequeno esporão que se desenvolve para SE, a cerca de 10 metros abaixo do seu nível actual, foi aberta uma ampla área de escavação (Local 3) com a superfície de cerca de 156 m^2, abrangendo, em 72 m^2, a totalidade do comprimento do mesmo (entre a base do talude do estradão e o limite rochoso do esporão). Este sector foi abrangido por um quadriculado de 2 m de lado, comum a todas as zonas intervencionadas.

Em qualquer dos sectores utilizou-se o método de decapagem em área das *camadas reais*, tomando-se um ponto de referência altimétrico local, ligado à "rede" global da estação. Os materiais encontrados foram referenciados em função das camadas (no interior destas em "estratos" ou concentrações, eventualmente associadas a estruturas), as quais se registaram pelas profundidades dos planos superior e inferior. Quando considerado útil, cada camada "real" foi sub-dividida em camadas artificiais de 5 cm, o que permitiu avaliar a progressão estatística da variabilidade dos materiais no interior de cada unidade estratigráfica.

Notas

(1) Feio, Mariano (1951), Notas geomorfológicas. A depressão de Régua a Verin..., p. 193.

(2) *V.* nota 1, p. 194.

(3) *Carta Geológica de Portugal* (escala 1/50 000). *Notícia Explicativa da folha 6B - Chaves* (1974) por Carlos Teixeira, e T. de Assunção e A.V.P. Coelho, p. 20.

(4) *V.* nota 1, p. 194.

(5) *Carta Hidrogeológica de Portugal (Serviços Geológicos)* (escala 1/1 000 000), 1970.

(6) Zbyszewski, G. (1938), Observations sur un cas d'hydrologie dans le Nord du Portugal: le bassin de Chaves..., p. 289.

(7) *Carta dos Solos* (escala 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1978) (Unidades pedológicas segundo o esquema da FAO para a Carta dos Solos da Europa).

(8) *Carta de Capacidade de Uso de Solos* (escala de 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente, 1982) (classificação segundo o "Esboço Geral de Ordenamento Agrário" do SROA). A área da estação confina a norte e leste com solos de uso exclusivamente florestal.

(9) Agradecemos aos senhores João Baptista Martis e Firmino Aires, descobridores da estação, todas as informações que nos permitiram a delimitação genérica do povoado.

(10) A vegetação expontânea (castanheiros, carvalhos, plantas arbustivas) encontra-se praticamente substituída por uma plantação recente de pinheiros e eucaliptos que alterou por completo a paisagem original. *A Carta Agrícola e Florestal* (escala 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1980) indica a maciça *utilização florestal dos solos* (particularmente resinosas), confinando com terrenos incultos nos pontos altos e culturas arvenses em alguns vales.

3.3.3 *ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E MATERIAIS*

3.3.3.1 Locais 1, 2, 4 (a norte do estradão)

É comum aos três locais a seguinte estratigrafia geral:

1 - Camada humosa acinzentada;

2 - Camada arqueológica de cor amarelada, no topo da qual se concentra grande quantidade de pedra miúda;

3 - Terra saibrosa amarelada de base, estéril (presente apenas em algumas zonas).

Contudo, dentro de cada sector existem particularidades que convém salientar.

O Local 1 ocupou uma zona, objecto de uma grande destruição recente, que lhe roubou cerca de 16 m^2. A escavação abrangeu basicamente duas sub-áreas: uma vala de sondagem (17 x 2) m integra uma *parte da extremidade norte* desta zona de ocupação, a qual apresenta grande declive e insere uma camada arqueológica muito pouco espessa, encimada por pedras de pequenas ou médias dimensões; a outra sub-área é mais ampla, e menos inclinada, possuindo uma estratigrafia mais complexa, pois a camada arqueológica sub-divide-se (numa zona restrita, cerca de 23 m^2) em dois estratos (2a e 2b) e está implantada sobre uma camada acinzentada com alguns carvões, praticamente estéril (c.3).

Podemos, assim, interpretar a história deste local, nesta sub-área (quadrados I3 e I2, H3 e H2, J4 e L4), da seguinte forma: sobre a camada estéril de base, terá havido intensa acção do fogo anterior à ocupação humana (camada 3), visível em alguns pontos da zona violada, induzindo-nos a pensar que ela se estendia também pelos quadrados J3/J2/L3/L2. Pode eventualmente ter sido realizada essa "queimada" pelos próprios ocupantes da camada 2 com o intuito de desbastar e horizontalizar uma porção de terreno contíguo a um grande afloramento. Esta camada 3 apresentava uma forma irregular sub-elíptica. Sobre esta (nas zonas onde ela não existia, sobre a terra estéril de base) desenvolveu-se a camada 2. Sobre a zona abrangida pela camada 3, a camada 2 era constituída por dois estratos: o estrato 2b - terra alaranjada - muito fino, articulava-se com a *base dum conjunto de pedras de pequenas e médias dimensões imbricadas* que estavam disseminadas pelos quadrados I3/I2/H3/H2; o estrato 2a - terra amarelada - associava-se com a parte média e o topo das mesmas pedras. Pensamos, dado o carácter imbricado das pedras nesta área, que se trata de vestígios da *base duma estrutura pré-histórica* que estaria adossada, a oeste, a um penedo. Aliás, o material cerâmico e lítico concentrava-se também nesta zona, em condições que podemos considerar "in situ".

Assim, no Local 1, podemos constatar a existência *duma só ocupação*, expressa nos restos duma estrutura que terá sido implantada num local talvez desflorestado pelo fogo (?), e nas terras circundantes, também ocupadas, embora em menor escala, mas acusando um maior índice de revolvimento, fomentado quer pela própria acção humana, quer pelo efeito de arrastamento provocado pelo declive natural do terreno.

O Local 2 inseria nos quadrados P2/1, Q2/1, R2/1, uma "fossa" de forma irregular, aberta na base da camada 2, que perfurava o saibro, a qual foi cortada pelo estradão em cerca de metade da sua área. O seu enchimento (2b) era constituído por terra acastanhada com pequenos fragmentos cerâmicos e carvões esparsos. No fundo, sobre o saibro, no canto oeste junto à linha do talude do estradão, concentrava-se um conjunto de pequenas pedras. Tratar-se-á da base duma estrutura habitacional, ou simplesmente duma fossa detrítica? No seu topo desenvolvia-se a camada arqueológica propriamente dita - terra amarelada - que, nos quadrados Q2 e Q1 incluía, na parte superior, um conjunto de pedras pequenas formando uma linha sinuosa perpendicular ao estradão.

Nos quadrados S3/S2/S1, a camada 2 mostrava grande abundância de pequenas pedras no seu topo (particularmente no S2), sendo muitas delas fragmentos de "rebolos", mós ou seixos. Contudo, seria arriscado tentar definir a forma de qualquer estrutura, mesmo arruinada, nesta dispersão de elementos. Também não existia neste local uma particular concentração de material que justificasse tal hipótese.

Para oeste (quadrados T3/2/1 e V3/2/1) tornava-se menos denso, quer o nível de pequenas pedras, quer o material arqueológico no interior da camada 2.

O Local 4 situou-se numa área delimitada por afloramentos, contígua a outra que também foi sujeita a destruições recentes e que revelou materiais arqueológicos importantes. Foram detectados, ao nível da camada arqueológica, na zona intacta, vestígios de *estruturas* (provavelmente habitacionais) que passamos a descrever: - associado a dois afloramentos rochosos de pequenas dimensões encontrava-se tombado um grande *penedo*, sumariamente afeiçoado em uma das suas faces, que primitivamente deveria encaixar, ao alto, entre os rochedos mencionados; de cada lado deste penedo destacava-se um buraco de poste, bem estruturado com pedras de vários tamanhos, aberto no saibro, e um círculo de pedras de maiores dimensões, que pode ter servido para conter a base dum poste. Fechando o espaço criado pelos afloramentos, penedo e buracos de poste, achava-se uma linha irgular de pedras (em arco) que confinava com um amontoado de pedras e definia, "grosso modo", uma elipse, embora muito alterada.

Se o buraco de poste estruturado possuía um enchimento constituído apenas por terra acastanhada e alguns carvões, tanto o círculo de pedras (provável buraco de poste) como a elipse envolviam sedimentos de cor castanho-amarelada, sem carvões, mas com abundantes fragmentos cerâmicos. Entre as pedras destas estruturas encontravam-se fragmentos de mós e seixos. O pequeno espaço (1,5 x 1,5 m) assim definido contra os afloramentos rochosos apresentava um contorno semi-circular e continha sedimentos idênticos aos existentes no seu exterior: terra amarelada com algum material arqueológico. O grau de destruição da estrutura elíptica (certamente acentuado pela queda do grande penedo) não nos permite conceber facilmente a sua provável função, embora não seja de afastar a hipótese de se tratar dum terceiro buraco de poste, mais amplo, embora pouco fundo.

Para oeste deste conjunto estruturado, a apenas cerca de 15 cm de distância, existia um outro espaço sub-circular, delimitado por pedras, no interior do qual os sedimentos eram de cor acastanhada e se detectou, em uma das extremidades, uma importante concentração de carvão (confinada entre pedras). Esta estrutura, bastante danificada, in

tegrava como prováveis elementos de construção, "rebolos" e seixos, além de abundantes fragmentos cerâmicos.

No exterior destas estruturas, inserta na camada arqueológica amarelada, verificâmos a existência duma mancha cinzenta de terra carbonizada, lenticular, mais escura no centro, de contorno elíptico, que poderá ter correspondido a uma pequena área de combustão.

Assim, o Local 4 forneceu os testemunhos melhor preservados de toda a área escavada a norte do estradão: - um pequeno *espaço* foi criado através do aproveitamento de dois afloramentos baixos e da implantação vertical, entre os mesmos, dum penedo afeiçoado em uma das faces para facilitar o encaixe, de forma a definir uma "parede" virada a leste - o espaço criado, defendido assim dos ventos vindos no enfiamento do vale do Tâmega, era delimitado por um burado de poste (estruturado e profundo) e outros dois prováveis buracos de poste (largos, pouco fundos) também estruturados; - no exterior desta área existiam duas restritas zonas de fogo: uma incluída num espaço sub-circular estruturado e vestígios duma outra, reduzida a uma mancha de terra carbonizada.

Todos estes dados não nos permitem retirar muitas ilacções sobre a funcionalidade destas estruturas de índole habitacional. Na verdade, será necessário futuramente ampliar a área da escavação de forma a delimitar o perímetro desta zona ocupada e tentar encontrar outras estruturas preservadas que se possam articular com as já descobertas. Neste local, numa área abrangida pela nossa quadriculagem (quadrado B6), foi descoberto um objecto metálico em cobre (um punhal), infelizmente achado durante as escavações clandestinas que precederam os nossos trabalhos. Em toda a área escavada, verificou-se a existência dum nível de pedras de grandes dimensões sobre a camada arqueológica, separando esta da terra humosa superficial. Embora este facto ocorra nos outros sectores intervencionados, ele é mais visível no Local 4. Pode corresponder a um momento de destruição deste povoado ocasionado por um fenómeno natural de escorregamentos de encosta, cuja especificidade não sabemos determinar. Também é de salientar o facto de a camada arqueológica, na área delimitada pelos afloramentos, assentar não directamente sobre o saibro, mas sobre uma camada espessa amarelada, estéril, contrastando com a estratigrafia observada imediatamente *no exterior do "recinto"* definido pelos penedos. No quadrado V2 (que une o Local 2 ao Local 4 - aberto no final dos trabalhos), como também no X3, a camada 2 assentava directamente sobre o saibro. Neste quadrado foi localizado um buraco de poste estruturado com quatro pedras alongadas, rectangulares, junto a afloramentos baixos.

a) Material lítico

É constituído por: - onze *pontas de seta*, quatro em sílex e sete em xisto.

Alongada (1)	Base bicôncava (com aletas) (1)	
Mediana (3)	Base côncava (com aletas) (1) Base pedunculada (com aletas) (2)	
Curta (7)	Base côncava	com aletas (3) sem aletas (1)
	Base bicôncava (com aletas) (2) Base pedunculada (com aletas) (1)	

As quatro pontas de seta em sílex são de tipologia variada: uma alongada, de base bicôncava, com aletas; outra mediana, de base pedunculada, com aletas; outras duas, curtas, uma côncava e outra bicôncava, com aletas. Todas as pontas apresentam retoque plano; duas têm retoque totalmente profundo, três têm retoque marginal e profundo e seis têm retoque marginal; - doze *raspadeiras* sobre lasca em quartzo, onze carenadas e uma circular, simples. Uma delas pode inserir-se no tipo "raspadeira em leque" ("grattoir en éventail"); - três *lascas retocadas* finas (respectivamente em quartzo, xisto e sílex) e uma *lâmina retocada*, fina, em sílex, com retoque plano (simples, escamoso ou sub-paralelo, directo ou bifacial); - catorze *lascas residuais* (sete em quartzo, quatro em xisto, duas em sílex e uma em quartzito); - um *furador* sobre cristal de quartzo; catorze *artefactos polidos* de anfibolito, entre os quais onze machados polidos de secção sub-rectangular:

	CONTORNO		GUME	SECÇÃO
	SUB-TRAPEZ.	SUB-RECTANG.	CONVEXO	SUB-RECTANG.
Alongado	1	1	2	2
Mediano	9		9	9

- duas *enxós*, uma mediana, de contorno sub-rectangular, gume convexo e secção sub-rectangular, outra curta, de contorno sub-rectangular, gume sub-rectilíneo e secção sub-elíptica; - um *artefacto duplo*, alongado, de secção sub-rectangular (provável machado/escopro); cinco "*rebolos*" de granito: dois de contorno sub-rectangular e um de contorno sub-elíptico (ambos de secção plano-convexa); dois de contorno sub-circular, e secção também plano-convexa; - cinco *fragmentos de elementos dormentes de mós* manuais em granito, de secção plano-côncava; - um *objecto sub-oval* em rocha xistenta esteatisada, com perfuração central, decorado em uma das faces com sulcos raiados; - um *objecto sub-circular*, de xisto mosqueado, com perfuração central, decorado nas duas faces com sulcos raiados. Poderão ser interpretados como *pesos de tear* (?); - três *contas de colar*, uma de forma cilíndrica, alongada, em *talco*, e duas esféricas, achatadas, de *variscite*.

Este material lítico concentra-se principalmente no Local 1 - quadrados I2/H2/G2/I1/H1/G1 - área que corresponde basicamente à base da provável *estrutura* ali detectada. No Local 2 é de salientar uma importante concentração de machados polidos no quadrado S2 - entre as abundantes pedras que se distribuem na camada arqueológica. O Local 4 apresenta menor variedade e quantidade de artefactos líticos.

b) Material cerâmico

Foram registados 541 fragmentos cerâmicos (286 decorados e 255 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados três tipos, em função da dimensão do desengordurante, constituído por grãos de quartzo, e em menor percentagem, palhetas de mica: 1.1 - (e.n.p. < < 0,5 mm); 1.2 - (e.n.p. 0,5 mm - 1 mm); 1.3 (e.n.p. > 1 mm). Todos os exemplares considerados se devem incluir adentro da categoria de *pasta compacta*.

1.1 - 127 ex. - 23,4%
1.2 - 256 ex. - 47,3%
1.3 - 158 ex- - 29,2%

Predomina, assim, o desengordurante de grão médio, embora os tipos 1.1 e 1.3 também sejam significativos.

- *tipos de superfícies*

Foram considerados seis tipos: 1/1 - superfícies ext. e int. corroídas; 1/3 - superfície ext. corroída e int. alisada; 3/1 - superfície ext. alisada e int. corroída; 3/3 - superfícies ext. e int. alisadas; 4/3 - superfície ext. polida e int. alisada.

1/1 - 163 ex. - 30,1%
1/3 - 38 ex. - 7%
3/1 - 8 ex. - 1,4%
3/2 - 22 ex. - 4%
3/3 - 255 ex. - 47,1%
4/3 - 50 ex. - 9,2%

Predominam as superfícies alisadas, embora haja grande quantidade de superfícies corroídas.

- *tipos de cores* (da superfície externa) (em 541 exemplares)

Apesar dos recipientes, na sua maioria, não apresentarem uma cor homogénea (são frequentes as manchas acinzentadas decorrentes duma cozedura irregular), foi possível isolar três tipos genéricos: 1 - cor acastanhada (tons escuros e claros); 2 - cor avermelhada ou vermelho-acastanhada; 3 - cor acinzentada (tons escuros e claros).

1 - 100 ex. - 18,4%

2 - 400 ex. - 73,9%

3 - 41 ex. - 7,5%

- *tipos de técnicas decorativas* (em 286 exemplares)

Incisão - 272 ex. - 95,1%

Impressão "penteada" - 34 ex. - 11,8%

Punção - 10 ex. - 3,4%

Em alguns recipientes as técnicas por punção ou impressão "penteada" estão associadas à incisão no mesmo vaso. Neste caso valorizou-se a técnica mais significativa do ponto de vista temático.

A técnica de incisão predomina de forma muito destacada .

. Caracterização morfológica

Foram detectadas *noventa e uma formas* (vinte e duas lisas e sessenta e nove decoradas), as quais se distribuem por *sete* tipos morfológicos (figs. 1, 2, 3).

Foram igualmente classificados os diversos *diâmetros externos da boca* de quarenta e seis vasos em cinco categorias:

2 - 6-10 cm - 9 ex. - 19,5%

3 - 11-15 cm - 13 ex. - 31,7%

4 - 16-20 cm - 17 ex. - 41.4%

5 - 21-25 cm - 6 ex. - 14,6%

6 - 26-30 cm - 1 ex. - 2,4%

Tipo 1 (3 ex., 3,2%) - Esférico de boca muito fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 4 (16-20 cm), seguido do 3. P varia entre 100-105; A varia entre 70-76 (variante A sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

Tipo 2 (23 ex., 25,2%) - Esférico de boca fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 3 (11-15 cm), seguido de Dam ext bc 4 (16-20 cm), incluindo ainda Dam ext bc 2; P varia entre 103-120; A varia entre 77-84 (variante A, sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

Tipo 3 (33 ex., 36,2%) - Esférico de boca levemente fechada, fundo arredondado; predomina Dam ext bc 3, seguido de 4, incluindo ainda o 2 e o 5; P varia entre 47-77; A varia entre 85-99 (variante A, sem colo; variante B - com leve acentuação do colo).

Tipo 4 (19 ex., 20,8%) - Taça em calote de esfera; predomina Dam ext bc 4, seguido do 6, do 5 e do 2; P varia entre 37-67.

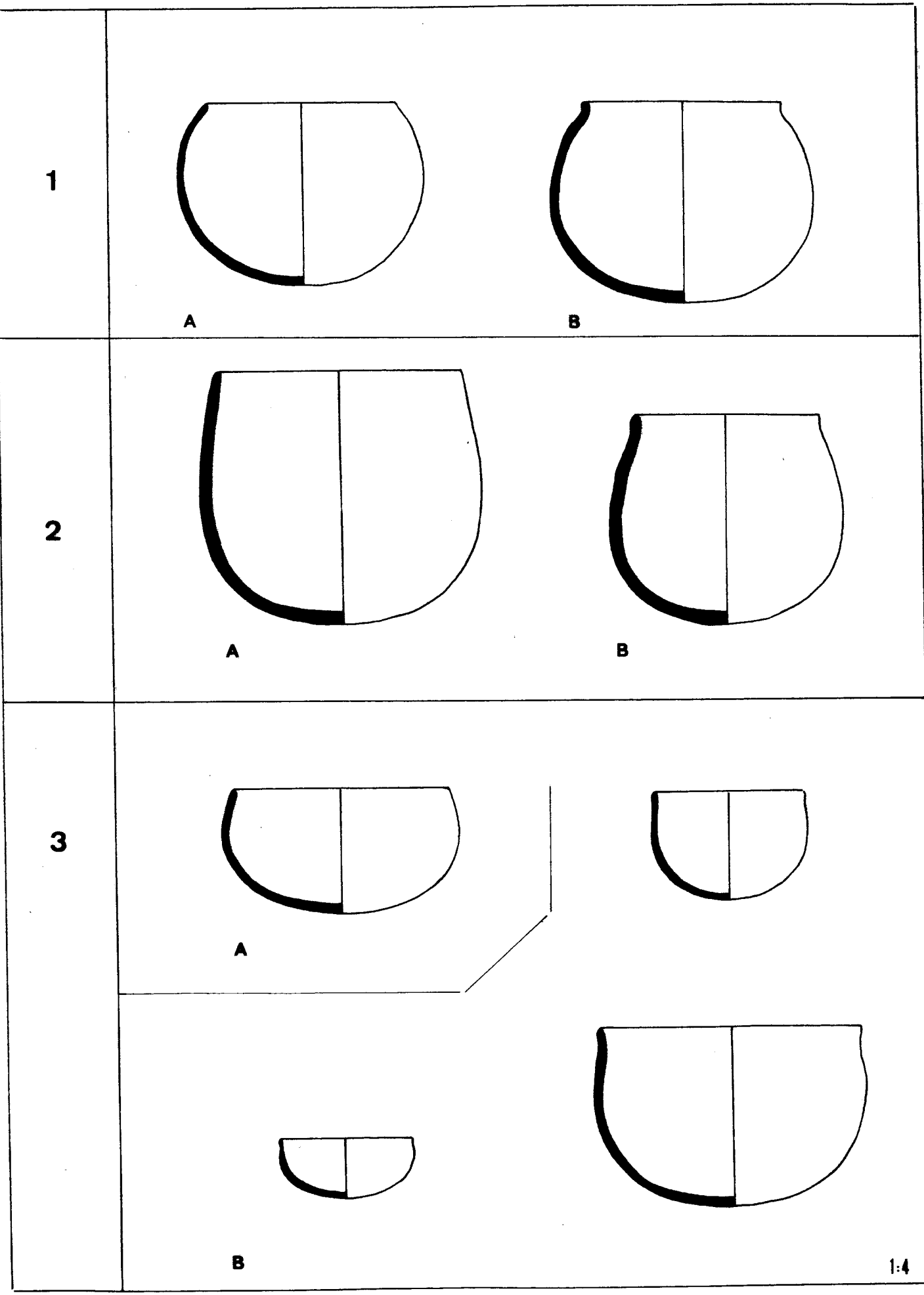
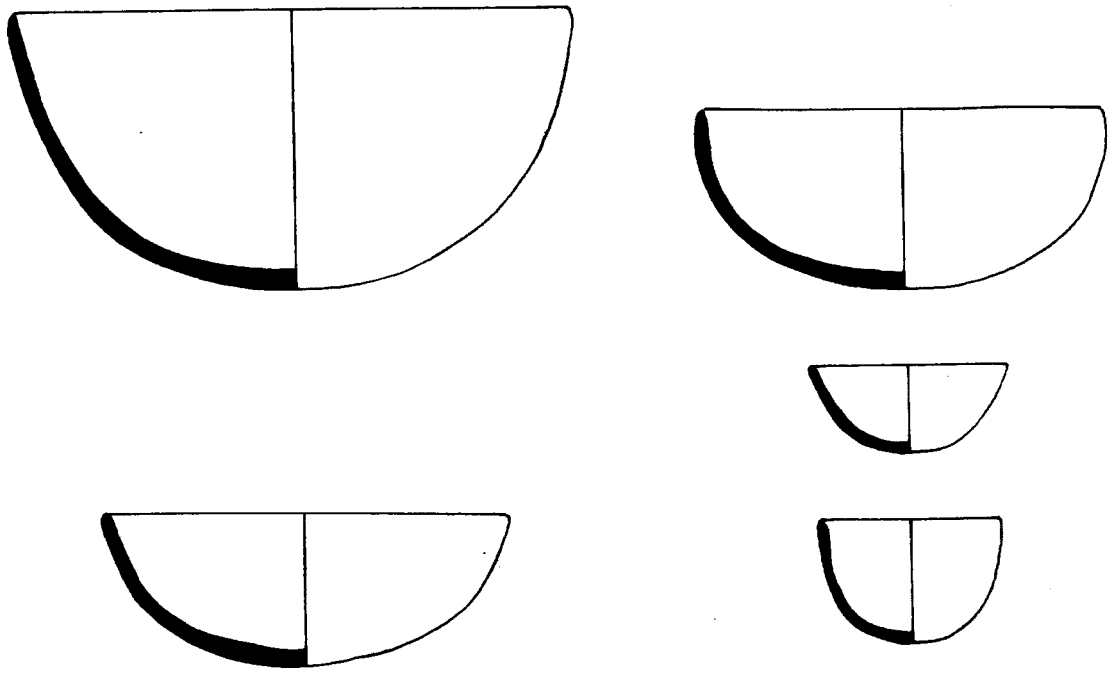


Fig. 1

4



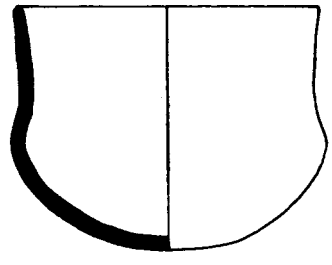
5



6



7



1:4

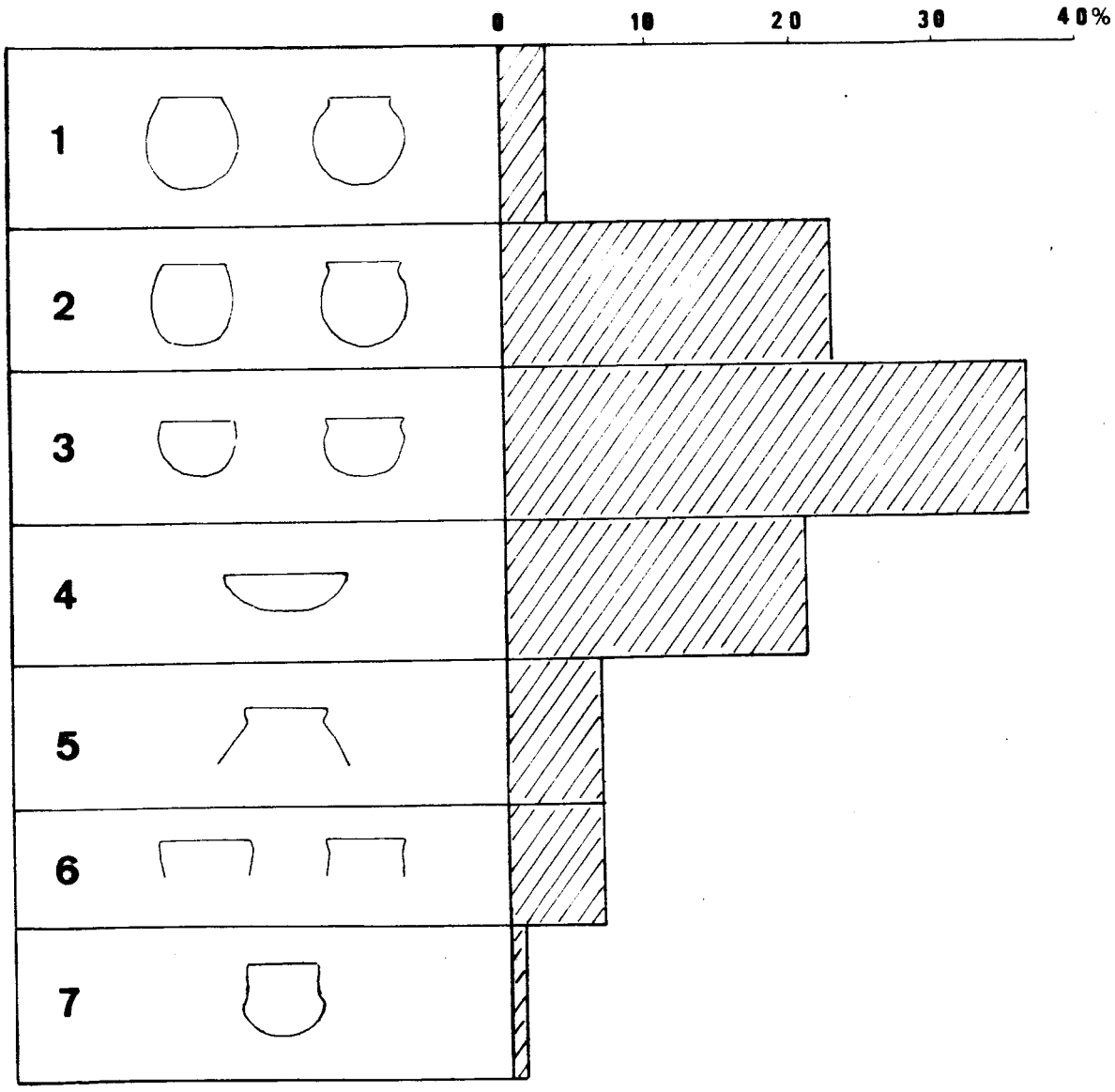


Fig. 3

Tipo 5 (6 ex., 6,5%) - Recipiente ovóide; boca fechada, com colo acentuado e bordo extrovertido de fundo arredondado (?); predomina Dam ext bc 4, seguido do 5, 3 e 2; P varia entre 120-135; A varia entre 60-80.

Tipo 6 (6 ex., 6,5%) - Recipiente aberto, tronco-cónico, de lados quase rectos, fundo arredondado (?), com ou sem colo (A e B); predomina o Dam ext bc 4; P varia entre 52-55.

Tipo 7 (1 ex., 1%) - Recipiente de colo cilíndrico, quase rectilíneo, ligado à pança através dum ligeiro ressalto; base convexa; Dam ext bc - 3; P - 82; A - 93.

- Predominam em todas as formas os recipientes com Dam ext bc entre 16-20 cm ou 11-15 cm, ou seja, diâmetros médios.

- Todos os tipos morfológicos (à excepção do 7), particularmente os tipos 3 e 4, integram uma gama variada de dimensões diferentes, o que poderá ser correlativo de *diversidade de funções*.

- Os vasos de maiores dimensões concentram-se nos tipos 4 (taça em calote de esfera), 2 (esférico em forma de "saco"), 5 (vaso ovóide). Este último, pela forma e dimensão, deverá estar particularmente relacionado com a função de aprovisionamento de alimentos.

- Estão ausentes os pequenos vasos (Dam ext bc 1) e os grandes vasos esféricos ou ovóides com Dam ext bc superior a 30 cm.

- Reagrupando as formas atrás descritas em função da *capacidade* dos recipientes, dividimo-los em *4 categorias* (0,1 a 0,5 ℓ; 0,5 ℓ a 2 ℓ; 2 ℓ a 4,5 ℓ; 9 ℓ a 10 ℓ), chegando à seguintes conclusões: - predominam os vasos de *capacidade média* (1 ℓ a 2 ℓ), os quais estão distribuídos por todas as formas; os *vasos maiores* (2 a 4,5 ℓ) incluem as formas esféricas 1, 2 e 3, a forma aberta 4, e a troncocónica 6; os *vasos de menor capacidade* (0,1 a 0,5 ℓ) integram as formas 3 e 4. De notar a ausência de vasos de capacidade superior a 10 ℓ. Os *grandes vasos de provisões* (9-10 ℓ) concentram-se na forma ovóide 5.

Nos sessenta e nove vasos em estudo podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas:

Incisão - 57 ex. - 82,6%

Impressão "penteada" - 11 ex. - 15,9%

Punção - 1 ex. - 1,4%

Estes valores estão em sintonia com a proporcionalidade obtida na amostragem global.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 91 exemplares)

	LISA	INCISÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"	PUNÇÃO
1 A				1
B		2		
2 A	1	7	4	
B		11		
3 A	5	17	3	
B	2	6		
4	12	4	3	
5	2	4		
6 A		1		
B		5		
7			1	

São de destacar as seguintes linhas de força:

- as formas 2A, 3A e 4 apresentam a maior variedade de técnicas decorativas;
- a forma 4 insere o maior número de vasos lisos, embora também admita decoração; - as diferentes técnicas decorativas concentram-se nas formas esféricas fechadas 2 e 3; - a técnica de incisão predomina na forma 3A, a impressão "penteada" na forma 2A e a punção na forma 1.

- *tipos de pasta* (em 91 exemplares)

1.1 - 1 ex. - 1%
1.2 - 71 ex. - 78%
1.3 - 19 ex. - 20,8%

Predomina o desengordurante de calibre médio. Relativamente ao cômputo geral, o desengordurante de pequeno calibre quase está ausente.

- *tipos de superfícies* (em 91 exemplares)

1/1 - 7 ex. - 7,6%
1/3 - 7 ex. - 7,6%
3/1 - 1 ex. - 1%
3/3 - 75 ex. - 82,4%
4/3 - 1 ex. - 1%

Predominam as superfícies alisadas. Relativamente ao cômputo geral, todos os outros tipos de superfícies têm menor expressão.

- *tipos de cores* (em 91 exemplares)

Os tipos de cores são os seguintes:

1 - superfícies externa e interna acastanhadas

2 - superfícies externa e interna avermelhadas

3 - superfícies externa e interna acinzentadas

4 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

	Núcleo Cinzento	Núcleo avermelhado (ou alaranjado)	Núcleo acastanhado (ou beije)
1 20-21,9%	80% 1.1	20% 1.2	10% 1.3
2 53-58,2%	37% 2.1	59,2% 2.2	3,7% 2.3
3 8- 3,2%	50% 3.1	25% 3.2	25% 3.3
4 10- 4,3%	60% 4.1	40% 4.2	-

- Predominam as *superfícies avermelhadas*, seguidas das *acastanhadas*.

. Articulação da forma e cor (em 91 exemplares)

	1			2		3		4	
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	3.1	3.2	4.1	4.2
1 A B				 3					
2 A B	2 2	1		6 4	2	 2	1	1 2	
3 A B	4 1	2	3	2 2	12 2	 1		 1	2 1
4		1		7	11				
5	2		2		2				
6 A B					1 5				
7	1								

- As formas 2 A, 3A e 3B apresentam a maior variedade de cores; - a forma 3A integra o maior número de exemplares com o tipo 1; - a forma 4 insere o maior número de exemplares com o tipo 2; - a forma 2B inclui o maior núme

ro com o tipo 3 e as formas 2B e 3A com o tipo 4.

. Articulação entre forma e pasta (em 91 exemplares)

	1.1	1.2	1.3
1 A			
B		3	
2 A		8	5
B		9	1
3 A	1	22	2
B		6	2
4		13	6
5		4	2
6 A			1
B		5	
7		1	

- Verifica-se a quase total ausência de recipientes com desengordurante fino; - em todas as formas predominam pastas de tipo 1.2; - a forma 4 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares com pastas de tipo 1.3; - - a forma 3 integra o maior número de exemplares com o tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 91 exemplares)

	1	1	3	3	4
	1	3	1	3	3
1 A					
B				3	
2 A	1	1		11	
B	1	1		8	
3 A	3	2		19	1
B			1	7	
4	1	1		17	
5	1	1		4	
6 A				1	
B				5	
7		1			

- A forma 3A apresenta o maior número de exemplares com diferentes tratamentos das superfícies; - em todas as formas predomina o alisamento nas duas superfícies (3/3); - a forma 3 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares de tipo 3/3.

. Organizações decorativas

Em oitenta e três fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *10 organizações decorativas* (Figs.4, 5,6), que passamos a descrever por ordem decrescente de importância, no contexto deste nível de habitação:

- I (28 ex., 33,7%) - Sequência horizontal e vertical: sob o bordo representa-se uma ou mais linhas incisas paralelas a este; sob estas desenvolve-se uma sequência alternada de linhas quebradas (verticais), linhas oblíquas e/ /ou reticulado e linhas verticais incisas, paralelas entre si, que funcionam como motivo separador. O motivo separador pode também ser um espaço não decorado ou decorado apenas com duas linhas incisas entrecruzadas. Esta sequência pode ainda ser particionada horizontalmente, através de linhas horizontais incisas, paralelas entre si, que também funcionam como motivo separador. Esta organização utiliza a incisão como única técnica decorativa.

- III (18 ex., 21,6%) - Sequência horizontal; linhas incisas, paralelas ao bordo, são seguidas de linhas quebradas verticais incisas. Predomina a incisão.

- II (8 ex., 9,6%) - Sequência horizontal; motivo nuclear - o triângulo; sob o bordo representa-se uma ou mais linhas incisas, paralelas a este; imediatamente sob estas linhas aparece uma sequência de triângulos incisos preenchidos internamente com incisões, punções ou impressões "penteadas".

- IV (8 ex., 9,6%) - Sequência horizontal; sob o bordo desenvolvem-se faixas constituídas por linhas impressas "penteadas" (curvilíneas ou rectilíneas) alternadas com espaços sem decoração. Esta organização só utiliza a técnica de impressão "penteada".

- V (7 ex., 8,4%) - Sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma faixa constituída por linhas incisas ou impressas "penteadas" (rectilíneas ou curvilíneas), paralela àquele. Predomina a impressão "penteada".

- VIII (5 ex., 6%) - Sequência horizontal; sob o bordo, desenvolve-se uma faixa constituída por linhas quebradas horizontais (incisas ou "penteadas"); num caso, duas linhas quebradas delimitam um espaço sem decoração, enquadrado por puncionamentos. Esta organização conjuga pois, as técnicas de incisão e punção.

- VII (3 ex., 3,6%) - Sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma

faixa constituída por um reticulado de linhas incisas oblíquas. Domina a técnica de incisão.

- VI (4 ex., 4,8%) - Sequência horizontal; sob o bordo desenvolvem-se faixas paralelas decoradas alternadamente com variados motivos geométricos, produzidos através das técnicas de incisão e de puncionamento: losangos, triângulos invertidos, reticulados, linhas paralelas ou puncionamentos circulares.

- IX (1 ex., 1,2%) - Sequência horizontal e vertical; sob o bordo representam-se duas linhas incisas, às quais se segue uma faixa constituída por losangos alternados preenchidos com reticulado, a qual é separada, através de duas linhas incisas horizontais, de outra composta por linhas incisas verticais que alternam com espaços sem decoração. Domina a incisão.

- X (1 ex., 1.2%) - Sequência horizontal; sob o bordo representa-se uma linha incisa funda, horizontal, seguida de uma banda constituída por puncionamentos também fundos que definem linhas quebradas horizontais, de ângulos arredondados. A incisão associa-se à punção.

São de acentuar os seguintes aspectos:

- A *incisão* encontra-se isolada nas organizações VII, IX e III; a *impressão "penteada"* é exclusiva das organizações V e IV; - a *incisão ligada à punção* ocorre nas organizações I, X e VIII; - a organização II pode integrar a associação da incisão, da punção e da impressão "penteada".

- Todas as organizações decorativas se desenvolvem do bordo para a parte média ou base do vaso.

- As organizações IX e VI expandem-se do bordo até à base; a organização V ocorre preferencialmente junto ao bordo; as outras organizações desenvolvem-se até à parte média do recipiente.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 52 exemplares) (Fig. 7)

- As formas 2A, 3A e 4 apresentam a maior variedade de organizações decorativas; seguem-se-lhes as formas 2B e 3B.

- As formas 2, 3 e 4 incluem, em igualdade de circunstâncias, o maior número de organizações de tipo I e a forma 2 a de tipo III.

- Todas as formas integram grande variedade de organizações decorativas, mas as organizações mais significativas (do ponto de vista numérico) concentram-se nas formas esféricas fechadas 2 e 3 e na forma aberta 4.

- Relacionando as dimensões médias dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que não se regista significativa articu-

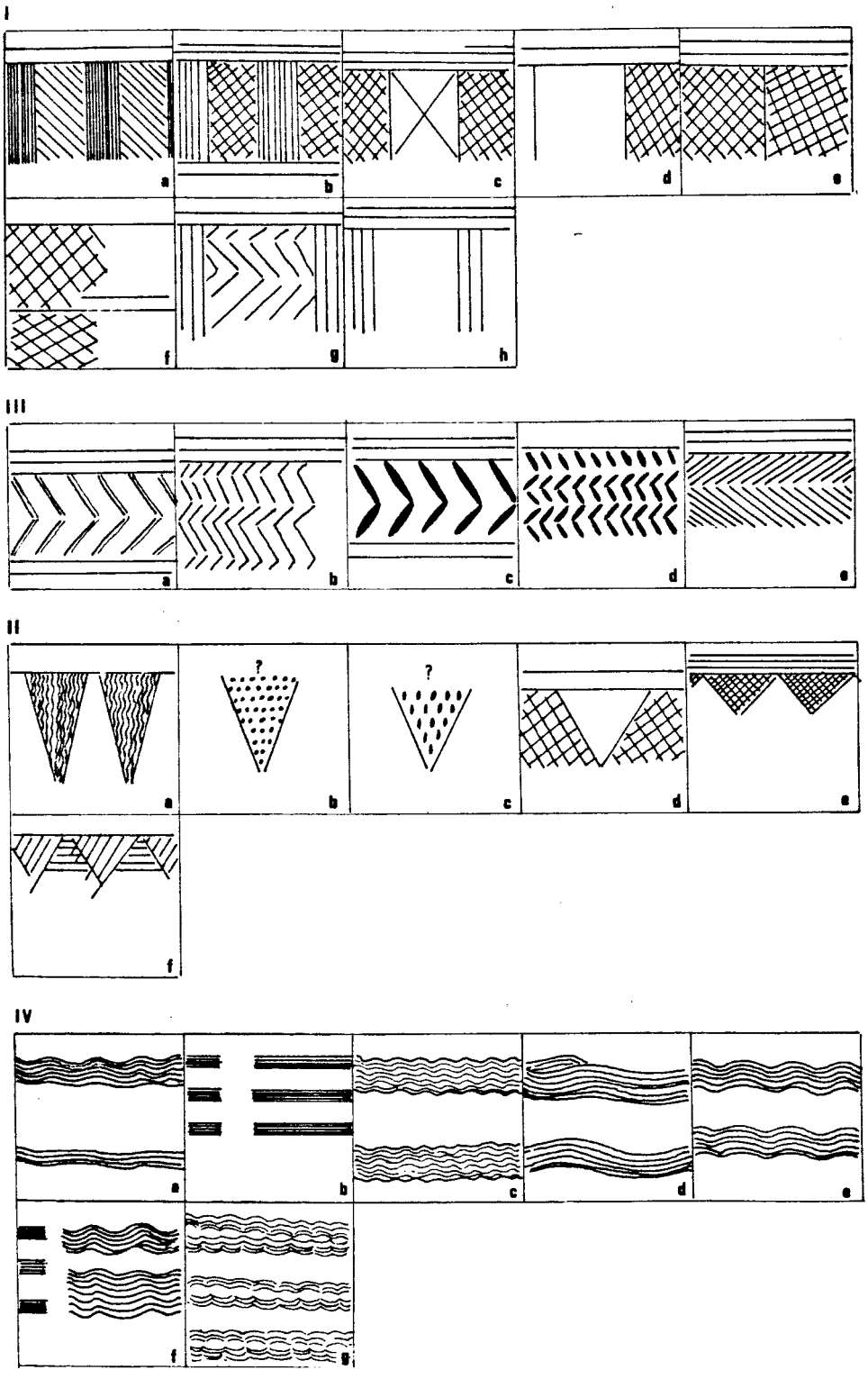


Fig. 4

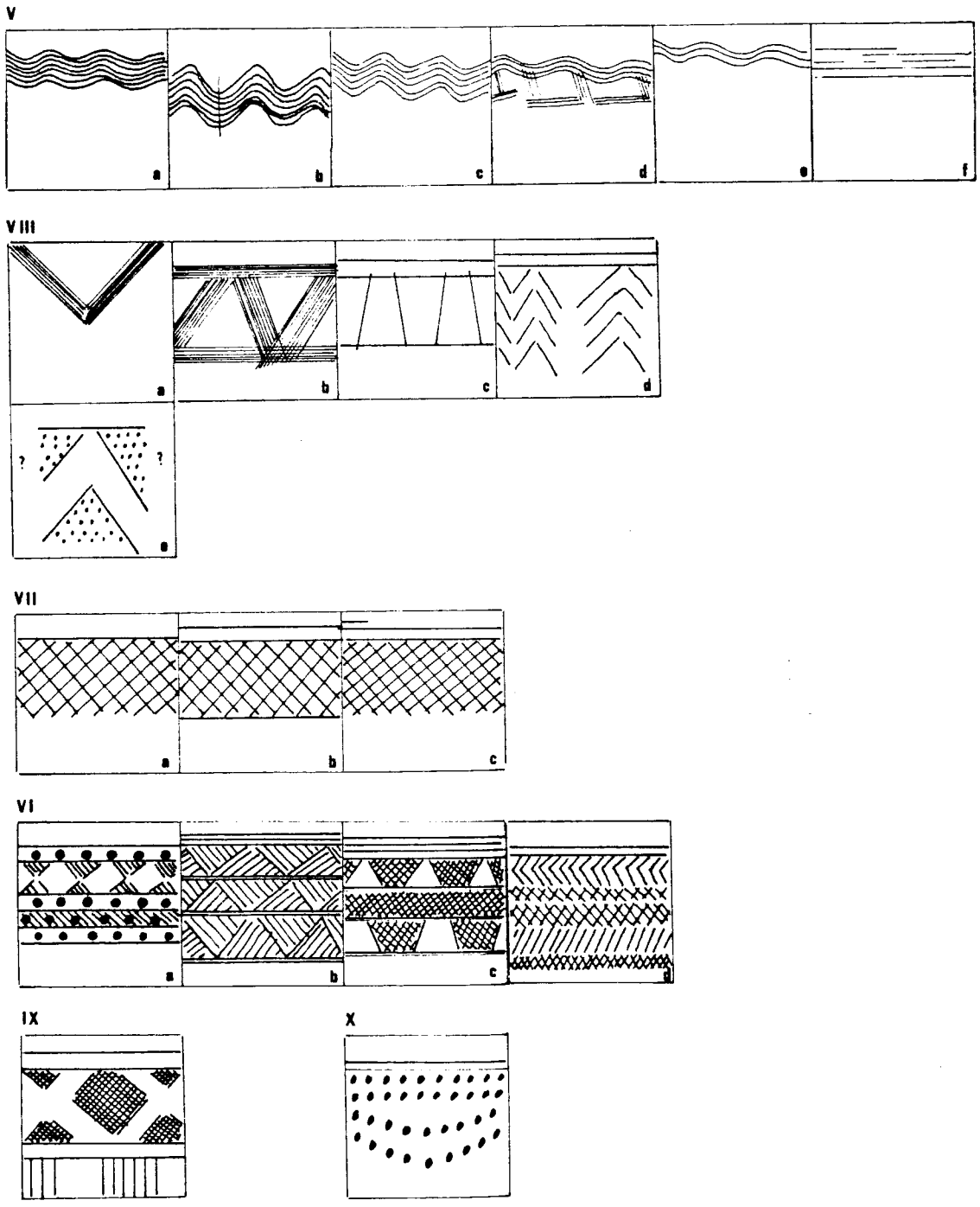


Fig. 5

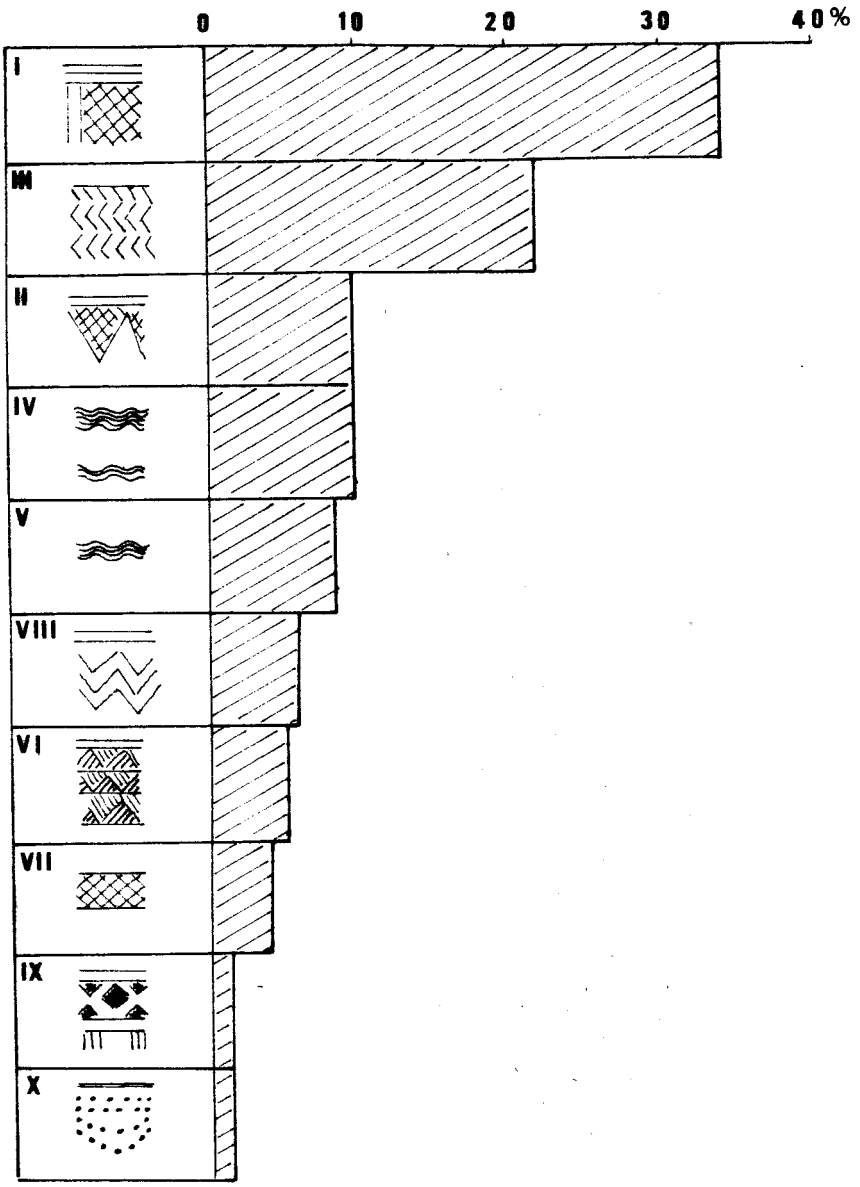


Fig. 6

lação entre os dois tipos de variáveis.

. Categorias tipológicas

Com base na análise conjunta da forma, tamanho e índices de profundidade e de abertura da boca, organizaram-se as seguintes categorias funcionais em 47 dos recipientes cerâmicos existentes nos três sectores a norte do estradão:

I - (23 ex., 48,9%)

Trata-se de vasos de boca larga e significativa profundidade, de medianas ou grandes dimensões, integrando formas esféricas ou tronco-cónicas, com ou sem colo marcado (formas 1, 2, 3 e 6). A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ e 4,5 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente decorado segundo a técnica de incisão ou impressão "penteada", integrando as organizações I, III, II, IV, V, VIII, VII, VI e X. A organização I - metopada - predomina globalmente nesta categoria tipológica.

II - (11 ex., 23,4%)

É constituída por vasos de boca muito larga, de pequena profundidade, médias dimensões, inserindo a calote de esfera (f.4). A capacidade destes recipientes varia entre 0,1 ℓ e 4 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente liso, mas pode integrar as organizações V, I, III, IV e VII.

III - (8 ex., 17%)

É constituída por vasos, quer de boca larga, quer de boca estreita, de profundidade variável, de pequenas dimensões, inserindo as formas esféricas (3 e 4) e a ovóide (f.5). A capacidade varia entre 0,1 e 0,5 ℓ. Este tipo de vasos pode ser decorado segundo as técnicas da incisão e as organizações I, III, VIII e VII. Ocorrem também vasos lisos.

IV - (4 ex., 8,5%)

Insere vasos de muito grandes dimensões, boca estreita e grande profundidade, incluíndo exclusivamente a forma ovóide (f.5). A capacidade destes recipientes escalona-se aproximadamente entre 9-10 ℓ (?). Nos exemplares estudados observaram-se apenas vasos lisos, ou decorados segundo a organização I.

V - (1 ex., 2,1%)

Refere-se a uma forma exclusiva do Local 4 - forma 7, com a capacidade de 1,3 ℓ, decorada com a técnica de impressão "penteada", segundo a organização IV. A sua função pode talvez relacionar-se com a dos vasos campaniformes, em geral, cuja interpretação, como se sabe, é polémica.

A análise dos tipos de pastas e superfícies nestas categorias tipológicas não permitiu determinar associações estatisticamente significativas.

c) Material metálico

Em resultado de escavações clandestinas realizadas em área contígua à do Local 4, foi encontrado um artefacto metálico em cobre arsenical, cuja proveniência estratigráfica é possível deduzir através de informações prestadas por informadores locais. O seu posicionamento original só pode articular-se com a única camada fértil do Local 4. Trata-se de um pequeno punhal triangular, de lados sub-rectilíneos muito desgastados, e secção lenticular. A extremidade de encabamento (fragmentada) apresenta, em um dos lados, vestígios de um ligeiro entalhe lateral.

d) Distribuição espacial dos materiais arqueológicos

Nos sectores 1 e 2, os materiais concentravam-se respectivamente nos quadrados H/1-2, G/1-2/I2 e Q, R, S/2-1. Apresentam, no conjunto, características bastante homogéneas: dos 463 fragmentos cerâmicos examinados, verificamos que 58,7% são decorados e destes 91,9% integram a técnica da incisão; a impressão "penteada" e a punção aparecem em percentagens ínfimas (4,7% e 3,3% respectivamente). Das 74 formas observadas, estão presentes os tipos de 1 a 6, predominando os esféricos fechados (2 e 3) e a calote de esfera (4). Predomina a organização decorativa metopada I, seguida da III e da II; as outras organizações têm pouca expressividade quantitativa. Contudo, é de notar que todas as organizações estão presentes nestes dois sectores de escavação. O material lítico é constituído pelos seguintes artefactos: *Local 1* - 9 raspadeiras, 7 pontas de seta, 4 machados polidos, 3 lascas retocadas, 12 lascas residuais, 2 mós (fragmentadas), 1 conta de colar; *Local 2* - 3 raspadeiras, 3 pontas de seta, 7 machados polidos, 1 lâmina retocada, 2 furadores, 2 "rebolos".

A distribuição destes artefactos, como dos recipientes cerâmicos, ocorre, como se disse, preferencialmente em *associação com vestígios de estruturas* muito arruinadas. Contudo, nestes locais, não se observou uma específica repartição espacial dos objectos líticos ou dos tipos morfológicos, achando-se uniformemente dispersos pelas áreas mencionadas.

No Local 4, os materiais ocorreram em toda a área escavada, particularmente entre as pedras que delimitavam a estrutura construída junto dos afloramentos rochosos.

Apresentam, no conjunto, características que os individualizam relativamente aos outros dois locais escavados.

Dos 78 fragmentos cerâmicos analisados, 56,4% eram decorados e destes, 28,2% incluíam a técnica de incisão, 26,9%, a técnica de impressão "penteada" e 1,2% a técnica da punção. Das 17 formas observadas, estão presentes os tipos morfológicos de 2 a 7, sendo o tipo 7 exclusivo desta zona; predominam, contudo, os tipos 2, 3 e 4. A organização decorativa IV aparece em maioria, seguida da V e da II. Apenas um exemplar integrava a organização I; não foram observadas as organizações IX e X. Podemos, assim, concluir que predominam as organizações em sequência horizontal aditiva que incluem faixas paralelas ao bordo, alternadas ou não com espaços sem decoração, utilizando preferencialmente a impressão "penteada".

O restante material também integrava artefactos específicos: - 1 provável peso de tear, 1 pequeno punhal de cobre triangular, 1 ponta de seta (alongada, bicôncava, com aletas), 1 objecto duplo polido (machado/escopro?), além de 1 denticulado, 3 "rebolos", 3 mós, 2 machados polidos, 2 lascas residuais e 2 contas de colar. Apesar do punhal de cobre e da ponta de seta terem sido descobertas em escavações clandestinas anteriores aos nossos trabalhos, pudemos averiguar do seu provável posicionamento original. Na exígua área escavada neste sector não nos apercebemos duma específica repartição espacial dos artefactos.

Como veremos adiante, os materiais deste local aproximam-se marcadamente dos encontrados a sul do estradão, *no Local 3*, inseridos numa camada arqueológica com cerâmica campaniforme a qual corresponde à segunda ocupação daquela zona.

Por outro lado, as decorações dos vasos cerâmicos, a existência da forma 7 e a presença do artefacto de cobre arsenical, levam-nos a associar, pelo menos do ponto de vista formal, os materiais do Local 4 com os existentes nos locais 1 e 2, que encontram muito maiores semelhanças com os detectados na primeira ocupação do Local 3.

Contudo, em todas estas zonas a norte do estradão apenas foi observada uma camada arqueológica - camada 2 - que assentava quer no saibro, quer numa camada estéril arenosa (Local 4).

Do ponto de vista estratigráfico poderíamos ser tentados a interpretar como contemporâneos os diversos locais escavados a norte do estradão. A diversidade formal dos artefactos ou a presença e ausência de certos elementos apenas deveriam ser interpretadas então como variantes espaciais, com diferente significado funcional.

Uma outra hipótese, contudo, seria a de considerar os locais 1 e 2 contemporâneos da primeira ocupação do esporão (Local 3) e o Local 4 sincrónico da segunda ocupação do mesmo. Esta interpretação pressuporia que a zona natural entre afloramentos do Local 4 (uma verdadeira plataforma entre penedos) não teria sido usada durante o tempo de ocupação dos Locais 1 e 2. Na verdade, a camada arqueológica existente no Local 4 assentava sobre uma espessa camada estéril, inexistente na área contígua, exterior aos rochedos, a qual se poderia ter formado durante a ocupação dos outros locais da encosta, a norte do estradão.

No final do estudo sobre esta estação voltaremos a abordar as várias hipóteses plausíveis sobre a correlação das camadas de todos os sectores intervencionados.

3.3.3.2 Local 3 (a sul do estradão)

Ocupação mais antiga

A ocupação mais antiga do esporão, que o utilizou pela primeira vez de forma *sistemática* como local de habitação e/ou trabalho, foi detectada na quase totalidade da área escavada, com aproximadamente 144 m^2 de superfície. No entanto, existem vestígios de que este local já fora ocupado anteriormente. Na verdade, a escavação até ao saibro de base dos quadrados L12' e L13', demonstrou que naquela zona, sob o piso de saibro que constitui a base da ocupação que iremos descrever, existia uma terra amarelada com algumas manchas esparsas acinzentadas, com cerca de 10 a 15 cm de espessura, que continha raros fragmentos cerâmicos (camada 6). Não tivemos oportunidade de testar a existência desta camada sob toda a extensão do referido piso. Na periferia deste, não foi detectada qualquer descontinuidade estratigráfica entre a camada arqueológica sincrónica do piso e o saibro de base. Pensamos, assim, que se trata duma camada localizada, que aponta para uma ocupação esparsa anterior, que deverá, no entanto, ser futuramente delimitada, pelo alargamento e aprofundamento da escavação na área que circunda os quadrados mencionados.

A ocupação que iremos caracterizar encontra-se delimitada a leste, no quadrado Q10', por um conjunto de buracos de poste abertos na camada arqueológica da periferia (de cor amarelada e textura arenosa), a sudeste, pelo afloramento granítico que define o limite sul do esporão, a sudoeste por um alinhamento de pedras, e a N-NO pelo próprio talude do estradão actual, que deve ter coberto uma encosta originalmente abrupta. Esta ligaria originalmente duas plataformas: a superior, por onde passa actualmente o estradão (que cortou parcialmente as áreas habitadas anteriormente descritas), e a inferior, que inclui o esporão agora em análise.

Este primeiro nível habitacional, de contorno provavelmente sub-circular, implantou-se construíndo um *piso* de saibro calcado, com cerca de 5 a 10 cm de espessura, (camada 5a) de forma possivelmente sub-elíptica, sobre o solo existente, delimitado através de alinhamentos de pedras nos quadrados M14' e H13'. Na periferia leste deste piso, existe uma camada arqueológica de cor amarelada e textura arenosa, com a mesma espessura (5-10 cm) (camada 5b).

Na base desta ocupação (no piso ou na terra amarelada) abrem-se buracos de poste e valas de forma irregular e pequena profundidade. Estas podem ser interpretadas como valas para enterrar paliçadas ou regos escoadores da água da chuva? Num caso, a vala contorna uma estrutura constituída por dois alinhamentos rectilíneos de pedras formando um ângulo.

A principal estrutura em pedra construída sobre o piso de saibro ocorre nos quadrados I/J - 11'/12', tem forma sub-elíptica e é constituída por lajes colocadas verticalmente com cerca de 35 cm de altura. A estratigrafia no interior da estrutura é

sensivelmente igual à verificada no seu exterior. Sobre o piso de saibro (substituído no interior da estrutura por terra amarelada clara que constitui o seu solo de base) desenvolvem-se todas as camadas de ocupação observadas no Local 3. Trata-se, portanto, de uma estrutura reutilizada durante um largo período de tempo.

Infelizmente, a raiz dum pinheiro destruiu parcialmente a estratigrafia do respectivo enchimento. Contudo, pela observação da sua parte intacta, pode-se concluir que ela nunca foi utilizada como estrutura de combustão. Aliás, as suas dimensões, relativamente grandes, conduzem-nos a colocar a hipótese de poder ter servido para armazenar alimentos, embora a análise das suas terras não tenha fornecido qualquer indício neste sentido.

Os buracos de poste apresentavam as seguintes características:

Buraco 1 - forma irregular, profundidade média, fundo arredondado, vertical;

Buraco 2 - forma oval alongada, profundidade média, fundo aplanado (irregular, vertical);

Buraco 3 - forma circular, pouco fundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 4 - forma elíptica, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 5 - forma circular, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 6 - forma circular, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 7 - forma sub-elíptica, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 8 - forma sub-elíptica, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 9 - forma circular, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 10 - forma circular, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 11 - forma sub-elíptica, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 12 - forma sub-oval, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 13 - forma sub-oval, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 14 - forma sub-elíptica, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 15 - forma sub-circular, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 16 - forma sub-oval, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 17 - forma sub-elíptica, pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 18 - forma sub-circular, profundo, fundo arredondado, oblíquo;

Buraco 19 - forma sub-elíptica, profundo, fundo arredondado, oblíquo;

Buraco 20 - forma sub-oval alongada (irregular), profundo, fundo arredondado, muito oblíquo;

Buraco 21 - forma sub-circular, profundo, fundo arredondado, oblíquo;

Buraco 22 - forma sub-circular (irregular), pouco profundo, fundo arredondado, vertical;

Buraco 23 - forma sub-circular, profundo, fundo aplanado, oblíquo;

Buraco 24 - forma sub-circular (irregular), pouco profundo, fundo arredondado, vertical.

Os buracos de poste e as valas apresentavam um enchimento constituído por terra acastanhada escura, também de textura arenosa.

Sobre o piso de saibro desenvolvia-se a camada de ocupação (camada 4), que apresentava uma cor amarelada ou alaranjada, e textura arenosa (estrato 4a). Apenas em dois locais esta camada incluía manchas de cor acinzentada escura, com vestígios de combustão (estrato 4a): em torno da estrutura de pedra, particularmente nos quadrados L10'/11'/12' e J11'/12' e junto ao afloramento rochoso, nos quadrados M14'/15', N14'/15' e O14'.

No canto sudoeste do quadrado M15' verificou-se uma estratigrafia mais complexa, cuja interpretação e correlação com as outras camadas não pode ser definitiva, enquanto se não alargar a área escavada. Nesse local, que abrange apenas uma área de 1 m², sob a camada 5b, existia uma camada cinzenta escura com vestígios de combustão que pode eventualmente relacionar-se com a camada 6, identificada nos quadrados L12'/13'.

a) Material lítico

Foram identificadas seis *pontas de seta*, cinco em xisto e uma em sílex.

Alongada (3)	Base côncava (com aletas) (1) Base côncava (sem aletas) (1) Base sub-convexa (sem aletas) (1)
Mediana (1)	Base pecunculada (sem aletas) (1)
Curta (2)	Base pedunculada (sem aletas) (1) Base côncava (com aletas) (1)

Todas as pontas de seta apresentam retoque plano; cinco têm retoque marginal e uma retoque profundo; neste caso encontra-se uma alongada de base côncava, com aletas, de bordos serrilhados, em sílex.

- Duas *raspadeiras*, uma carenada frontal curta sobre lasca e outra carenada espessa, sobre lasca, ambas em quartzo.

- Uma *lâmina* não retocada, com vestígios de utilização, em sílex.

- Três *machados polidos* de anfibolito, de contorno sub-trapezoidal e secção respectivamente, sub-rectangular espessa, sub-quadrangular e sub-rectangular alongada.

- Três *contas de colar*, uma em xisto e duas em talco: um exemplar é de forma cilíndrica, de lados rectilíneos, e outro de forma cilíndrica achatada; um terceiro apresenta forma discoidal achatada.

b) O material cerâmico

Foram registados 548 fragmentos cerâmicos (164 decorados e 205 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados três tipos (1.1, 1.2 e 1.3). Todos os exemplares se devem incluir adentro da categoria de pasta compacta.

1.1 - 18 ex. - 3,2%
1.2 - 499 ex. - 91%
1.3 - 31 ex. - 5,6%

- *tipos de superfícies*

Foram analisados os tipos 1/1, 2/2, 3/3 e 4/3 (superfícies corroídas, rugosas, alisadas e alisada/polida).

1/1 - 54 ex. - 9,8%
2/2 - 1 ex. - 0,1%
3/3 - 474 ex. - 86,4%
4/3 - 19 ex. - 3,4%

Predominam as superfícies alisadas de forma extremamente significativa.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada), 2 (cor avermelhada) e 3 (cor acinzentada).

1 - 400 ex. - 72,9%
2 - 100 ex. - 18,2%
3 - 48 ex. - 8,7%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 262 exemplares decorados foram identificadas quatro técnicas decorativas, considerando a técnica predominante por exemplar:

Incisão - 241 ex. - 91,9%

Punção - 6 ex. - 2,2%

Impressão "penteada" - 14 ex. - 5,3%

Impressão - 1 ex. - 0,3%

Saliente-se a predominância da técnica de incisão, quer em valor absoluto, quer relativamente ao conjunto de todas as outras técnicas consideradas.

. Caracterização morfológica

Foram seleccionadas *sessenta formas* (cinquenta e quatro decoradas e seis lisas) as quais se distribuem por *sete* tipos morfológicos (Figs. 8, 9, 10). Os diversos *diâmetros externos da boca* de 32 vasos integram cinco categorias:

2 - 6-10 cm - 3 ex.

3 - 11-15 cm - 8 ex.

4 - 16-20 cm - 16 ex.

5 - 21-25 cm - 1 ex.

6 - 26-30 cm - 4 ex.

Caracterização dos tipos morfológicos

Tipo 1 (7 ex., 11.6%) - (*V.* Locais 1, 2 e 4). Predomina Dam ext bc 4. Dam ext bc varia entre 2 e 4. P varia entre 120-166. A varia entre 61 e 76.

Tipo 2 (11 ex., 18,3%) - (*V.* Locais 1, 2 e 4). Dam ext bc varia entre 2 e 4. Predomina 4. P varia entre 50 e 80. A varia entre 80 e 89.

Tipo 3 (25 ex., 41.6%) - (*V.* Locais 1, 2 e 4). Dam ext bc varia entre 2 e 6, predominando o 4. P varia entre 46 e 70. A varia entre 90 e 100.

Tipo 4 (8 ex., 13,3%) - (*V.* Locais 1, 2 e 4). Dam ext bc 3. P varia entre 44 e 66.

Tipo 5 (2 ex., 3.3%) - (*V.* Locais 1, 2 e 4). Dam ext bc 4.

Tipo 6 (5 ex., 8,3%) - (*V.* Locais 1, 2 e 4). Dam ext bc varia entre 3 e 6, predominando o 6. A varia entre 98 e 100.

Tipo 7 (2 ex., 3,3%) - Vaso carenado. Não é possível fornecer outra informação, devido às pequenas dimensões dos fragmentos cerâmicos. Trata-se de recipientes de paredes finas.

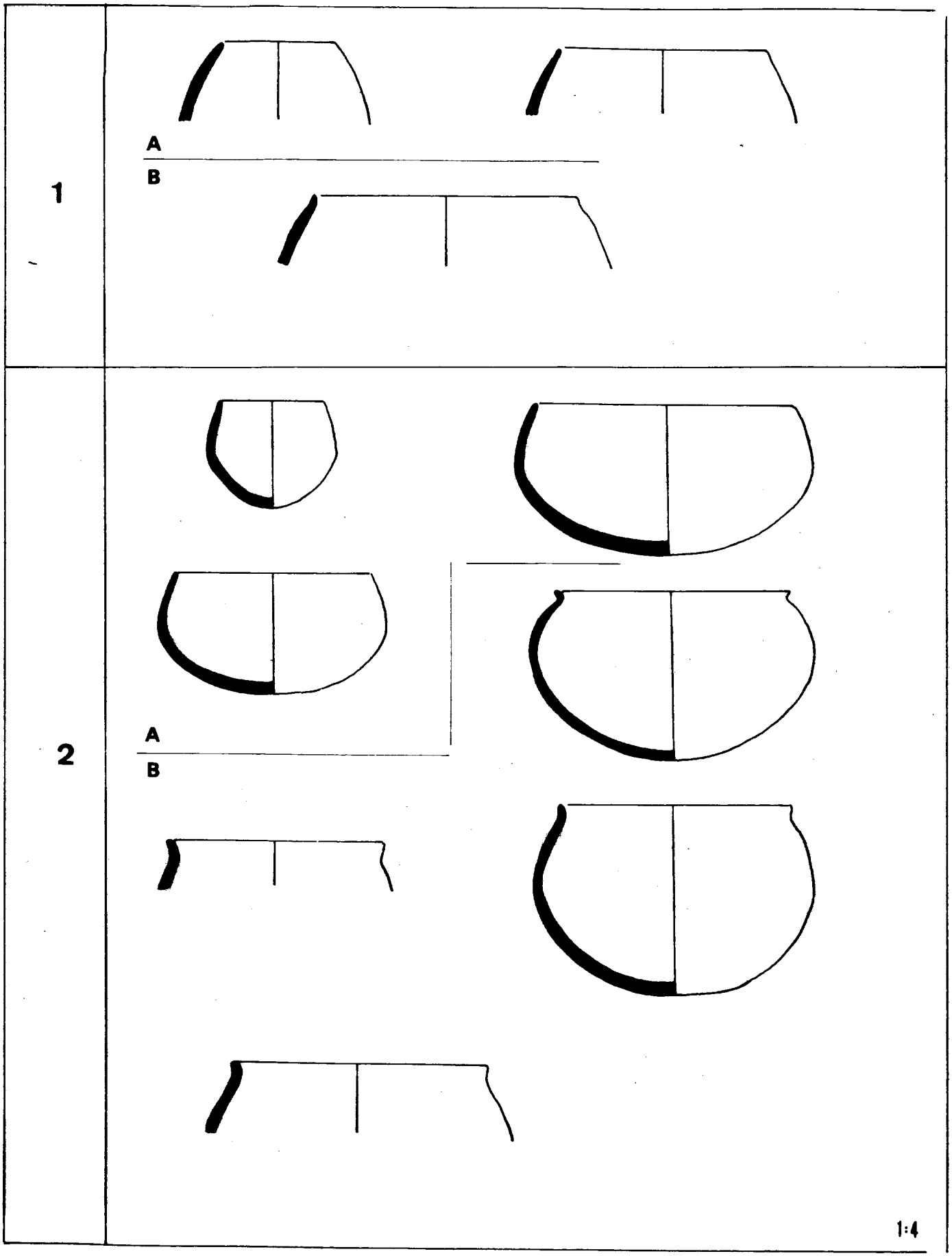


Fig. 8

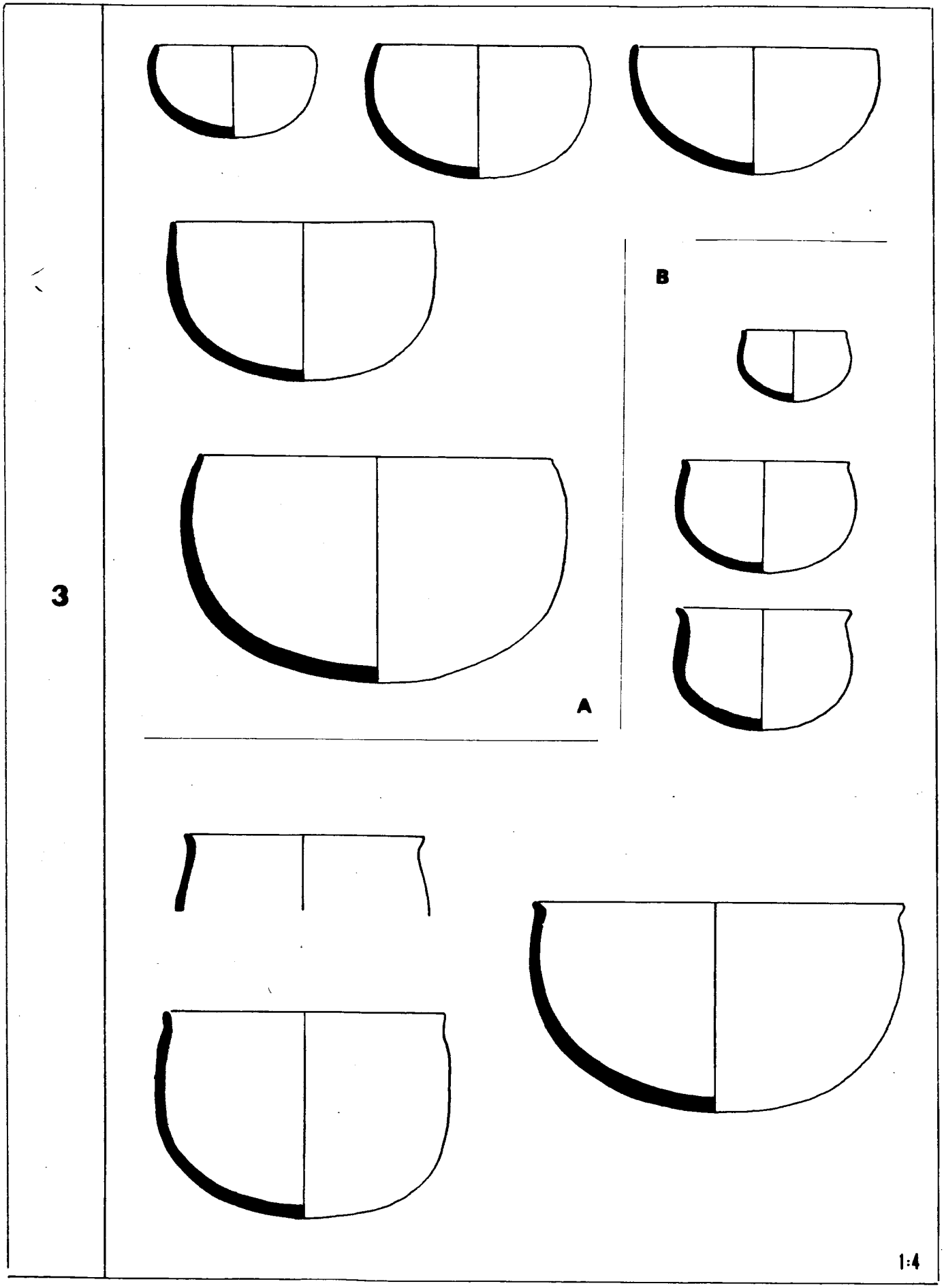
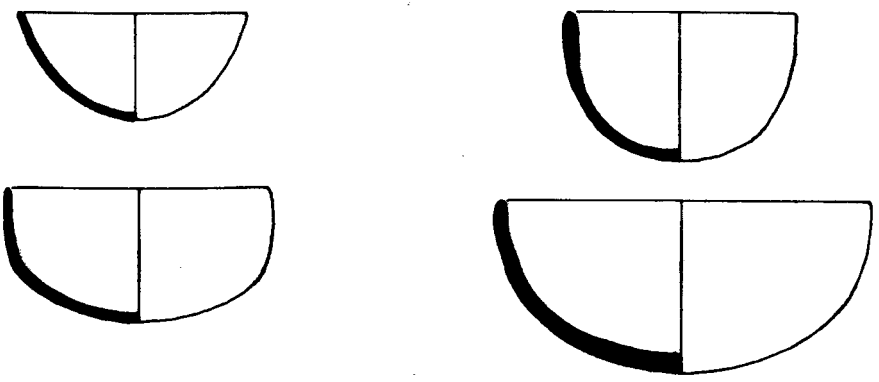
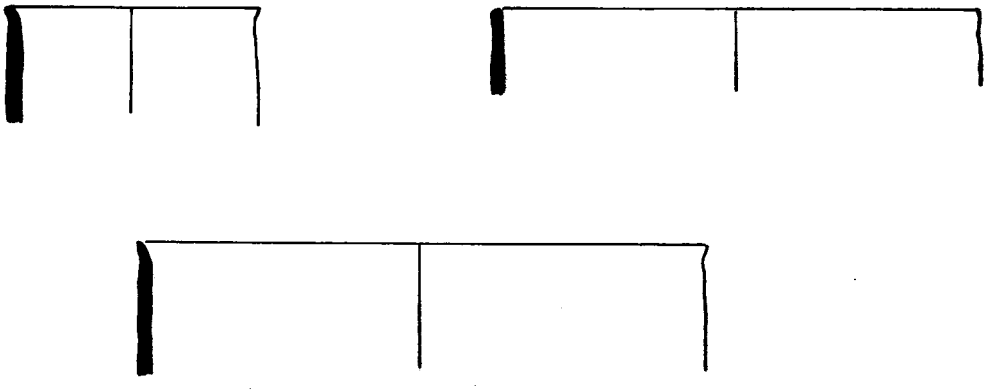


Fig. 9

4	
5	
6	
7	

- Predominam os diâmetros médios.

- Os tipos 2 e 3 (particularmente o 3) integram uma gama muito variada de dimensões diferentes, o que poderá ser correlativo de diversidade de funções.

- Os vasos de maiores dimensões estão dispersos pelas formas 1, 2, 3, 5 e 6.

- Estão ausentes os pequenos vasos (Dam ext bc 1) e os grandes vasos (Dam ext bc superior a 6).

- Reagrupando as formas atrás descritas em função da sua *capacidade*, dividimo-los em quatro categorias (0,09 ℓ/0,1 ℓ-0,5 ℓ; 0,5 -1 ℓ/1,5 ℓ; 2 ℓ - 4,5 ℓ; 6 ℓ). Predominam os *vasos de capacidade média* (1 ℓ-2 ℓ), distribuídos por quase todas as formas. Os vasos de 2 ℓ-4,5 ℓ integram as formas 1, 2, 3 e 6 e os *recipientes maiores* (6 ℓ) são exclusivos da forma 5. Os médios (0,5-1 ℓ/1,5) incluem as formas 1, 2, 3, 4 e 6 e os pequenos (0,09/0,1 ℓ--0,5 ℓ) as formas 2, 3 e 4. De notar a ausência de vasos de capacidade superior a 6 ℓ.

Nos cinquenta e quatro vasos em estudo podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas:

Incisão - 48 ex. - 88,8%

Impressão "penteada" - 4 ex. - 7,4%

Punção - 1 ex. - 1,8%

Impressão - 1 ex. - 1,8%

Estes valores estão em sintonia com a proporcionalidade obtida na amostragem global.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 54 exemplares)

	LISA	INCISÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"	PUNÇÃO	IMPRESSÃO
1 A B		3 2	1		1
2 A B	1	1 6	2	1	
3 A B	2	12 11			
4	1	6	1		
5 B	2				
6 B		5			
7		2			

- As formas 1A, 2B e 4 apresentam a maior variedade de técnicas decorativas; - as formas 3 e 5 inserem o maior número de vasos lisos; - as diferentes técnicas decorativas concentram-se nas formas esféricas 1, 2, 3 e 4; - a incisão predomina na forma 3.

- *tipos de pasta* (em 60 exemplares)

1.1 - 3 ex. - 5%
1.2 - 52 ex. - 86,6%
1.3 - 5 ex. - 8,3%

Predomina o desengordurante de calibre médio, mantendo-se, relativamente ao cômputo geral, a proporcionalidade dos tipos.

- *tipos de superfícies* (em 60 exemplares)

2/2 - 1 ex. - 1,6%
3/3 - 55 ex. - 91,6%
4/3 - 4 ex. - 6,6%

- *tipos de cores* (em 60 exemplares)

1 - superfícies externa e interna acastanhadas
2 - superfícies externa e interna avermelhadas
3 - superfícies externa e interna acinzentadas
4 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada
5 - superfície externa acinzentada e interna acastanhada

	Núcleo Acinzentado	Núcleo Avermelhado	Núcleo Acastanhado
1 34 -	3 [1.1]	3 [1.2]	30 [1.3]
2 18 -	-	10 [2.2]	8 [2.3]
3 2 -	2 [3.2]	-	-
4 2 -	-	-	2 [4.3]
5 2 -	-	-	2 [5.3]

- Predominam as superfícies acastanhadas, seguidas das avermelhadas.

. Articulação da forma e cor (em 60 exemplares)

	1			2		3	4	5
	1.1	1.2	1.3	2.2	2.3	3.1	4.3	5.3
1 A		1		4				
B						2		
2 A			1				2	
B				1	7			
3 A			13		1			
B			11					
4	3		5					
5 B		2						
6 B				5				
7								2

- As formas 1A, 2A, 2B, 3A e 4 apresentam dois tipos de cores diferentes; - - a forma 3A integra o maior número de exemplares com o tipo 1; - a forma 2B inclui o maior número com o tipo 2; as formas 1B, 2A e 7 incluem respectivamente os tipos de cores 3, 4 e 5.

. Articulação entre forma e pasta (em 54 exemplares)

	1.1	1.2	1.3
1 A		5	
B		2	
2 A		3	
B		6	2
3 A	1	12	1
B	1	10	
4	1	7	
5 B		2	
6 B		3	1
7		2	

- Observa-se a quase total ausência de recipientes com desengordurante fino e grosseiro; - em todas as formas predominam as pastas de tipo 1.2; - a forma 3 inclui proporcionalmente o maior número de exemplares com pasta de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 54 exemplares)

		3	4	2
		3	3	2
1	A	4	1	
	B	2		
2	A	3		
	B	6	2	
3	A	14		1
	B	11		
4		7		
5	B	2		
6	B	5		
7		2		

- Observa-se pouca variabilidade ao nível da articulação superfícies/formas; - a forma 3 inclui proporcionalmente maior número de exemplares com o tipo 3/3; - em todas as formas predomina ou domina o alisamento nas duas superfícies (3/3).

. Organizações decorativas

Em sessenta e seis fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *9 organizações decorativas* (Fig. 11), que passamos a descrever por ordem decrescente de importância , no contexto deste nível de habitação:

- I (37 ex., 56%) - (*V.* Locais 1 e 2). Saliente-se a utilização do motivo triângulo ou losango preenchido com reticulado (Fig. 11 , I*g*, *i*, *j*, *l*). Domina a incisão.

- III (10 ex., 15,1%) - (*V.* Locais 1 e 2). Domina a incisão.

- II (6 ex., 9%) - (*V.* Locais 1 e 2). Saliente-se o caso dum exemplar no qual o triângulo é preenchido horizontalmente com o motivo em folha (fig. II e). É utilizada a incisão associada ao puncionamento, a incisão ou a impressão "penteada".

- IV (3 ex., 4.5%) - (*V.* Locais 1 e 2). Domina a impressão "penteada".

- VII (3 ex., 4.5%) - (*V.* Locais 1 e 2). Domina a incisão.

- VI (3 ex., 4.5%) - (*V.* Locais 1 e 2). Domina a incisão.

- VIII (3 ex., 4.5%) - (*V.* Locais 1 e 2). Domina a incisão.

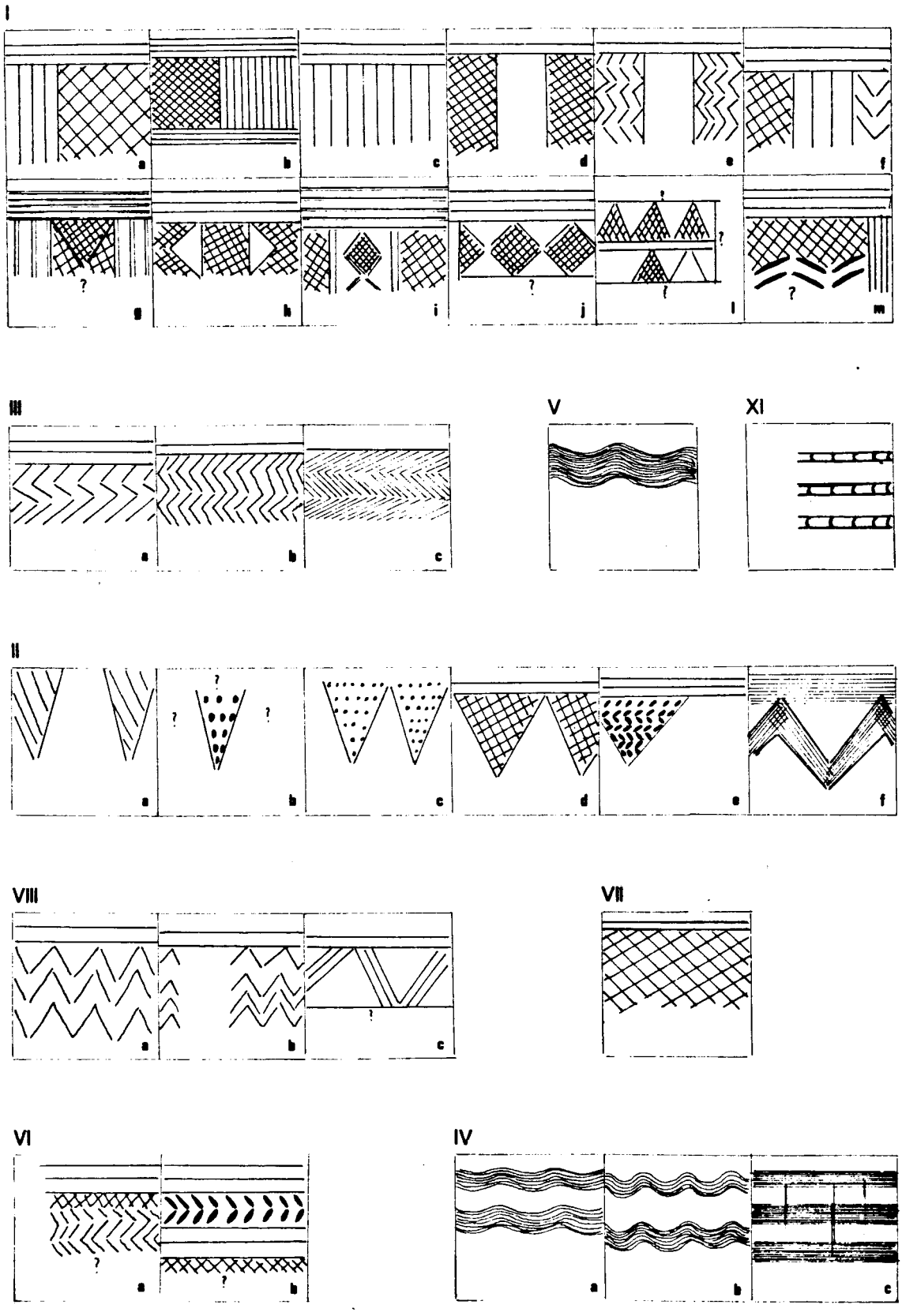

I
a
b
c
d
e
f
?
g
h
i
j
k
l
m
III
a
b
c
V
XI
II
?
?
?
a
b
c
d
e
f
VIII
a
b
?
c
VII
VI
?
a
?
b
IV
a
b
c

Fig. 11

- V (1 ex., 1.5%) - (*V.* Locais 1 e 2). Domina a impressão "penteada".

- IX (1 ex., 1.5%) - Sequência horizontal; na parte média desenvolvem-se linhas paralelas ao bordo, utilizando-se o puncionamento arrastado.

São de acentuar os seguintes aspectos:

- a incisão encontra-se isolada nas organizações I, III, VII, VI e VIII; - a impressão "penteada" é exclusiva das organizações IV e V; - a incisão ligada ao puncionamento ocorre na organização II; - à excepção da organização V (que se desenvolve abaixo do bordo), as outras organizações atingem a parte média ou a base do vaso.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 44 exemplares)

	I	III	II	IV	V	VI	VII	VIII	XI
1 A	1		1	1					
B	2								
2 A				1	1				
B	3	1	1			1			
3 A	6	1					2	1	1
B	7	3						1	
4	2			1			1		
6 B	3		1			1			

- A forma 3A apresenta a maior variedade de organizações decorativas; seguem-se-lhe as formas 2B, 1A, 3B e 6B; - a forma 3 inclui o maior número de organizações de tipo I e de tipo III; - todas as formas integram grande variedade de organizações decorativas, mas as mais significativas do ponto de vista quantitativo concentram-se nas formas esféricas 2 e 3; - relacionando as dimensões médias dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que não se regista significativa articulação entre os dois tipos de variáveis.

. Categorias tipológicas

Com base na análise conjunta da *forma, tamanho e índices de profundidade e abertura da boca*, organizaram-se as seguintes *categorias tipológicas* em trinta e dois exemplares dos recipientes cerâmicos existentes no nível de ocupação mais antigo a sul do estradão.

I - (23 ex., 71,8%)

São vasos de boca larga e significativa profundidade, de medianas ou grandes dimensões, integrando formas esféricas ou tronco-cónicas, com ou sem colo marcado (formas 1, 2, 3 e 6). A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ e 4,5 ℓ, predominando os de litragem entre 0,5 ℓ-1 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente decorado, segundo as técnicas de incisão, puncionamento e impressão "penteada", integrando as organizações I, II, IV, VI, VIII e XI. Predomina a organização I.

II - (4 ex., 12,5%)

Trata-se de vasos de boca muito larga, de pequena profundidade, de médias dimensões, incluindo a forma 4. A capacidade destes recipientes varia entre 0,2 ℓ e 1,1 ℓ, predominando a litragem 0,5 ℓ-1 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente decorado, segundo a técnica de incisão, integrando as organizações I e VII.

III - (4 ex., 12,5%)

É constituída por vasos de boca larga, de profundidade variável, de pequenas dimensões, inserindo as formas 2,3 e 4. A capacidade dos recipientes varia entre 0,09 ℓ e 0,4 ℓ, podendo ser decorados segundo as técnicas de incisão, puncionamento e impressão "penteada". Foram observadas as organizações II, IV, V e VIII.

IV - (1 ex., 3,1%)

Vaso de grande dimensão, forma ovóide, boca estreita e colo acentuado (f.5), de grande profundidade. É provável que a sua capacidade se aproxime dos 6 ℓ. O exemplar estudado é liso.

- Adentro do material cerâmico, destaque-se ainda a existência duma *conta de colar* em forma de cilindro alongado com os lados convexos e dum *tubo cilíndrico alongado*, com perfuração longitudinal cilíndrica, que pode ter sido utilizado como cabo de artefacto.

c) Material ósseo

- Foi detectado um pequeno objecto polido, de secção sub-elíptica, cuja função ignoramos.

- A *fauna*, predominantemente doméstica, abundante neste nível de ocupação, será descrita num capítulo autónomo.

d) Distribuição espacial dos materiais

A distribuição dos materiais ocupa de forma bastante homogênea a *área sobre o piso de saibro*, rareando na sua periferia leste. Adentro desta área nuclear podem-se sublinhar algumas tendências para uma maior concentração global de fragmentos de vasos cerâmicos no estrato 4b, *em torno da estrutura sub-elíptica de pedra*, no estrato 4a, nas *imediações dos alinhamentos de pedra do quadrado J13'*, nos *quadrados L, M-8' e L, M-9'* e ainda no estrato 4b, nos *quadrados M14'-15'*. Em torno da estrutura de pedra são particularmente abundantes vasos integráveis nas formas esféricas 2 e 3, decoradas segundo as organizações I e III.

Os artefactos líticos também se distribuem na área nuclear sobre o piso de saibro, sem que seja possível observar uma significativa repartição espacial dos objectos em função de áreas de trabalho bem delimitadas.

Os fragmentos de ossos de animais estão dispersos por uma vasta área, predominando nos quadrados L12' e 13' e M11' e 12', ou seja, na periferia da área de combustão que circunda a estrutura pétrea.

Ocupação mais recente

A segunda ocupação existente no esporão foi observada na quase totalidade da área escavada, em cerca de 140 m^2. Ela utilizou praticamente a mesma área da ocupação anterior, não chegando no entanto a atingir, nos quadrados O, P, Q-9'/10', a sua periferia.

Dada a espessura das camadas correspondentes a esta ocupação e a diversidade de estruturas existentes a diversas cotas, sub-dividimos este nível habitacional em três sub-níveis: camada 3 (base - nível de pedras); camada 3 (nível intermédio); camada 2 (nível superior).

. Camada 3 (base-nível de pedras)

A base deste nível foi construída através da colocação de abundantes *pedras* de diversas dimensões, distribuídas de forma heterogênea sobre a camada 4. Essas pedras (entre as quais eram abundantes fragmentos de partes fixas ou móveis de moinhos manuais) estão relacionadas quer com *áreas funcionais* bem delimitadas (nas quais se encontraram grandes fragmentos de recipientes cerâmicos partidos "in situ"), quer com uma *zona periférica encostada aos afloramentos rochosos*, horizontalizada através dum espesso enchimento pétreo (em alguns pontos com 40 cm de altura). Esse enchimento era constituído por grandes lajes colocadas sobre a rocha de base, sobre as quais se depuseram pedras mais pequenas, encastoadas umas nas outras em alguns locais, de forma a desenvolver, para sul, uma autêntica couraça pétrea que delimitava a área habitacional, não só revestindo o afloramento da base, como selando a ocupação anterior numa área restrita.

A oeste, este espaço era fechado através dum alinhamento de pedras decalcado sobre o já existente na ocupação anterior. A N-NE a camada 3 terminava junto a um grande moinho manual (parte fixa), definindo uma linha curva sinuosa nos quadrados 0-9'-10'.

Neste nível foram utilizadas *duas estruturas em pedra*: uma, sub-elíptica, construída durante a ocupação anterior e reutilizada neste nível, continha no seu interior um fragmento de elemento fixo de moinho manual, entre várias pedras. No seu exterior, ao mesmo nível, existiam vários elementos móveis e fixos de moinhos manuais, vasos cerâmicos fragmentados e um cinzel em osso, entre os materiais mais significativos. A outra estrutura, embora muito destruída pela raiz dum pinheiro, tinha uma forma sub-circular e era constituída na base por pedras de dimensões médias sobre as quais se depuseram pequenas pedras que preencheram os interstícios. O seu enchimento era constituído por terra acastanhada, tal como a terra existente no seu exterior, embora apresentasse uma textura mais fina. O espaço que delimitava tinha um diâmetro de cerca de 55 cm. Pelas suas dimensões e forma construtiva, esta estrutura pode ter servido para conter algo, tal como a anterior descrita, embora a sua capacidade fosse acentuadamente menor. Uma outra hipótese poderia ser colocada: estas pedras teriam a função de escorar uma estrutura em madeira de forma circular. Assim se justificaria a sua menor solidez, manifesta na maneira pouco cuidada do encaixe das pedras umas nas outras e na pouca altura do todo (cerca de 15-20 cm). Em torno desta estrutura foram encontrados vários fragmentos de vasos campaniformes.

Estas duas estruturas ladeavam uma zona central constituída por *áreas funcionais*, nas quais se concentravam pedras, vasos cerâmicos partidos "in situ", moinhos manuais, seixos rolados e diversos objectos líticos. Em uma dessas áreas, um conjunto de pedras rodeava uma superfície sub-circular, com fragmentos de argila cozida, entre os quais se encontrava um pequeno vaso, decorado, em calote de esfera. Numa outra dessas zonas, reveladoras de intensa actividade humana, foi descoberto um clássico peso de tear em cerâmica, de forma rectangular, com 4 perfurações (uma em cada canto).

A terra que se depositou imediatamente sobre este nível de pedras, em directa articulação com os materiais e estruturas descritos (camada 3), tinha uma espessura que variava entre os 4 e os 8 cm. A textura era arenosa e a cor era castanha acinzentada.

a) Material lítico

É constituído por cinco *pontas de seta*, quatro em corneana e uma em sílex.

Mediana (2)	Base recta (sem aletas) (1) Base pedunculada (com aletas) (1)
Curta (3)	Base côncava (com esboço de aletas) (3)

Todas as pontas de seta apresentam retoque plano, profundo.

- Cinco *raspadeiras*: três carenadas frontais curtas (uma delas dupla), outra circular e uma terceira carenada espessa sobre lasca, em quartzo.

- Uma *lâmina retocada* bilateralmente em sílex.

- Um *machado polido* em rocha metamórfica de contorno sub-trapezoidal, gume convexo e secção sub-rectangular.

- Dez *elementos móveis de moinhos manuais*, em granito, de forma sub-elíptica alongada e secção plano-convexa.

- Seis *elementos fixos de moinhos manuais* de secção plano-côncava. Dois, completos, de contorno sub-elíptico, com abundantes vestígios de polimento, apresentavam grandes dimensões.

- Um *objecto de contorno oval*, em granito, secção sub-rectangular (provável polidor).

b) Material cerâmico

Foram analisados 586 fragmentos cerâmicos (174 decorados e 415 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados dois tipos (1.2 e 1.3). Os exemplares devem-se incluir adentro das categorias de pasta compacta ou homogénea.

1.2 - 501 ex. - 85,4%

1.3 - 85 ex. - 14,5%

- *tipos de superfícies*

Foram observados os tipos 1/1, 1/3, 2/2, 3/1, 3/3, 4/3 (superfícies corroídas, superfície externa corroída e interna alisada, superfícies rugosas, superfície externa alisada e interna corroída, superfícies alisadas, superfície externa polida e interna alisada).

1/1 - 27 ex. - 4,6%

1/3 - 3 ex. - 0,5%

2/2 - 27 ex. - 4,6%

3/1 - 1 ex. - 0,1%

3/3 - 460 ex. - 78,4%

4/3 - 68 ex. - 11,6%

- Predominam significativamente as superfícies alisadas, havendo uma quantidade de superfícies externamente polidas.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada), 2 (cor avermelhada) e 3 (cor acinzentada).

1 - 100 ex. - 17%
2 - 401 ex. - 68,4%
3 - 85 ex. - 14,5%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 171 exemplares decorados foram identificadas seis técnicas decorativas em função da técnica predominante ou exclusiva em cada exemplar.

Incisão - 86 ex. - 50,2%
Impressão "penteada" - 59 ex. - 34,5%
Impressão - "pontilhado campaniforme" (diversas variedades) - 10 ex. - 5,8%
Punção - 8 ex. - 4,6%
Impressão - 7 ex. - 4%
Plástica (cordão liso sob o bordo) - 1 ex. - 0,5%

Observe-se a predominância da técnica de incisão, seguida de perto da impressão "penteada". A técnica de impressão campaniforme ocorre pela primeira vez, ainda que numa pequena percentagem.

. Caracterização morfológica (Figs. 12, 13, 14, 15, 16)

Foram registadas *setenta e nove formas* (cinquenta e nove decoradas e vinte lisas), as quais se distribuem por *oito* tipos morfológicos.

Os diversos diâmetros externos da boca de cinquenta e nove vasos integram se te categorias:

1 - 0- 5 cm - 1 ex. - 1,6%
2 - 6-10 cm - 4 ex. - 6,7%
3 - 11-15 cm - 15 ex. - 25,4%
4 - 16-20 cm - 24 ex. - 40,6%
5 - 21-25 cm - 6 ex. - 10,1%
6 - 26-30 cm - 7 ex. - 11,8%
8 - 36-40 cm - 2 ex. - 3,3%

Saliente-se o facto de estarem presentes vasos muito pequenos e muito grandes, numa apreciável gama de dimensões.

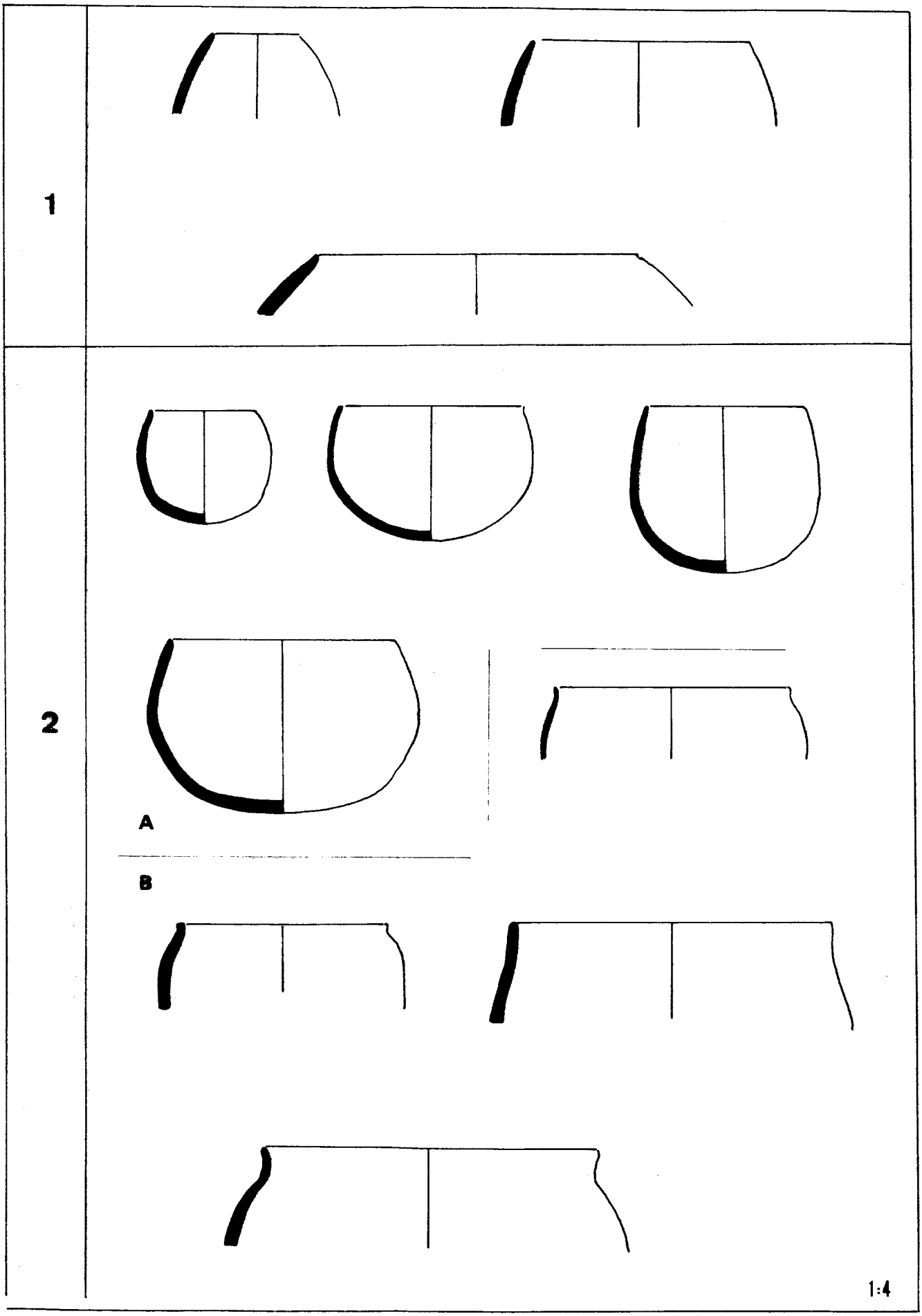


Fig. 12

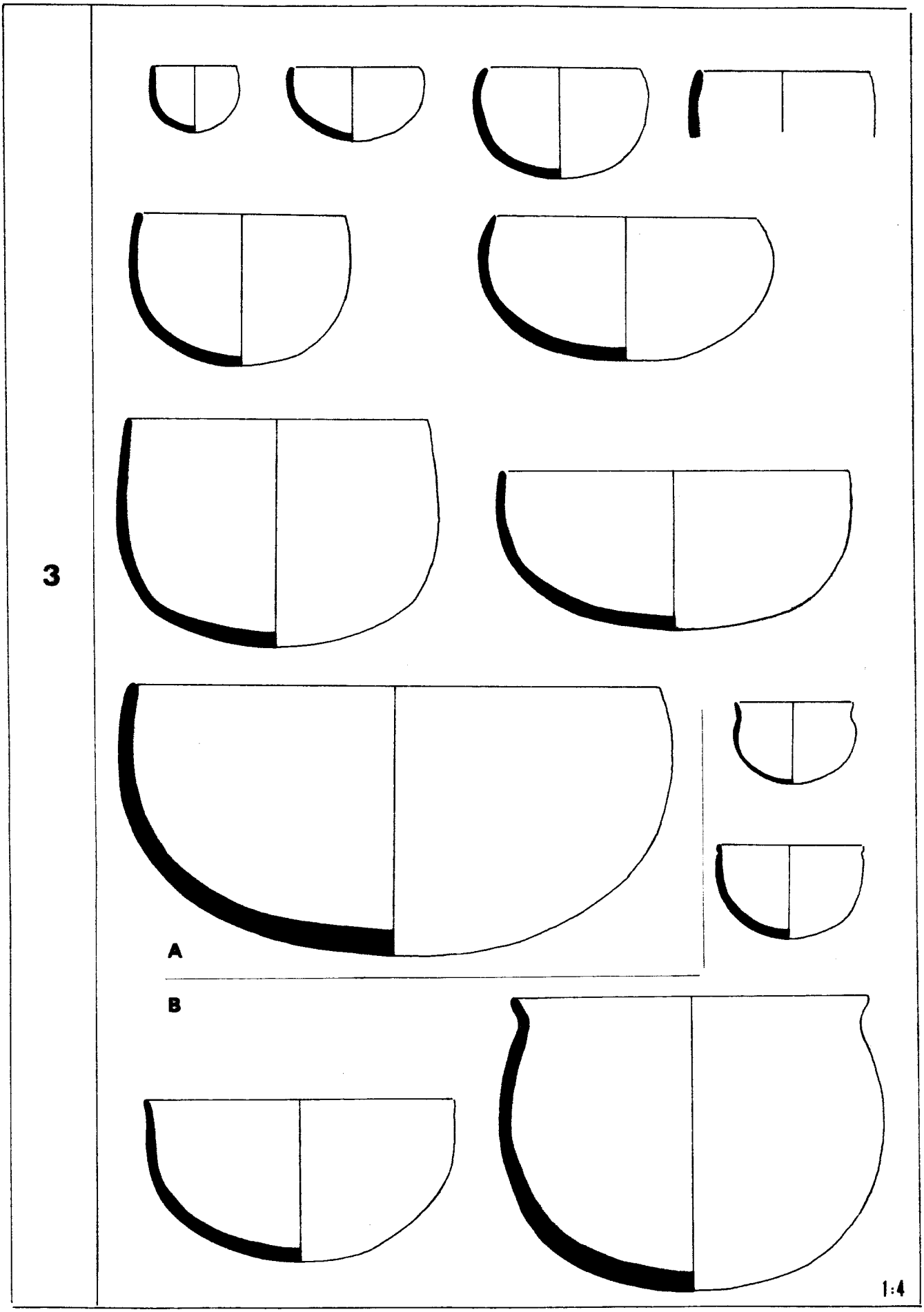


Fig. 13

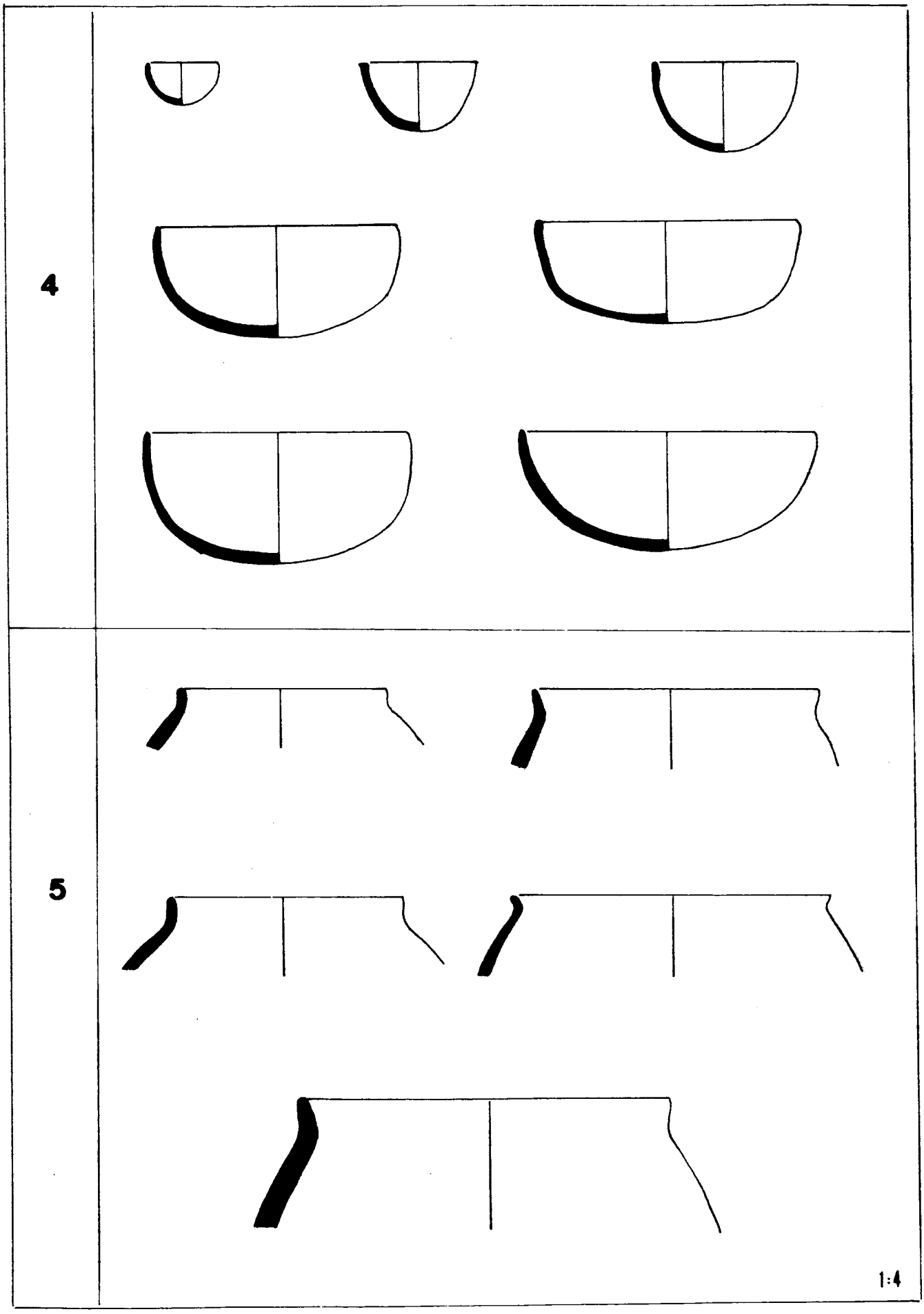


Fig. 14

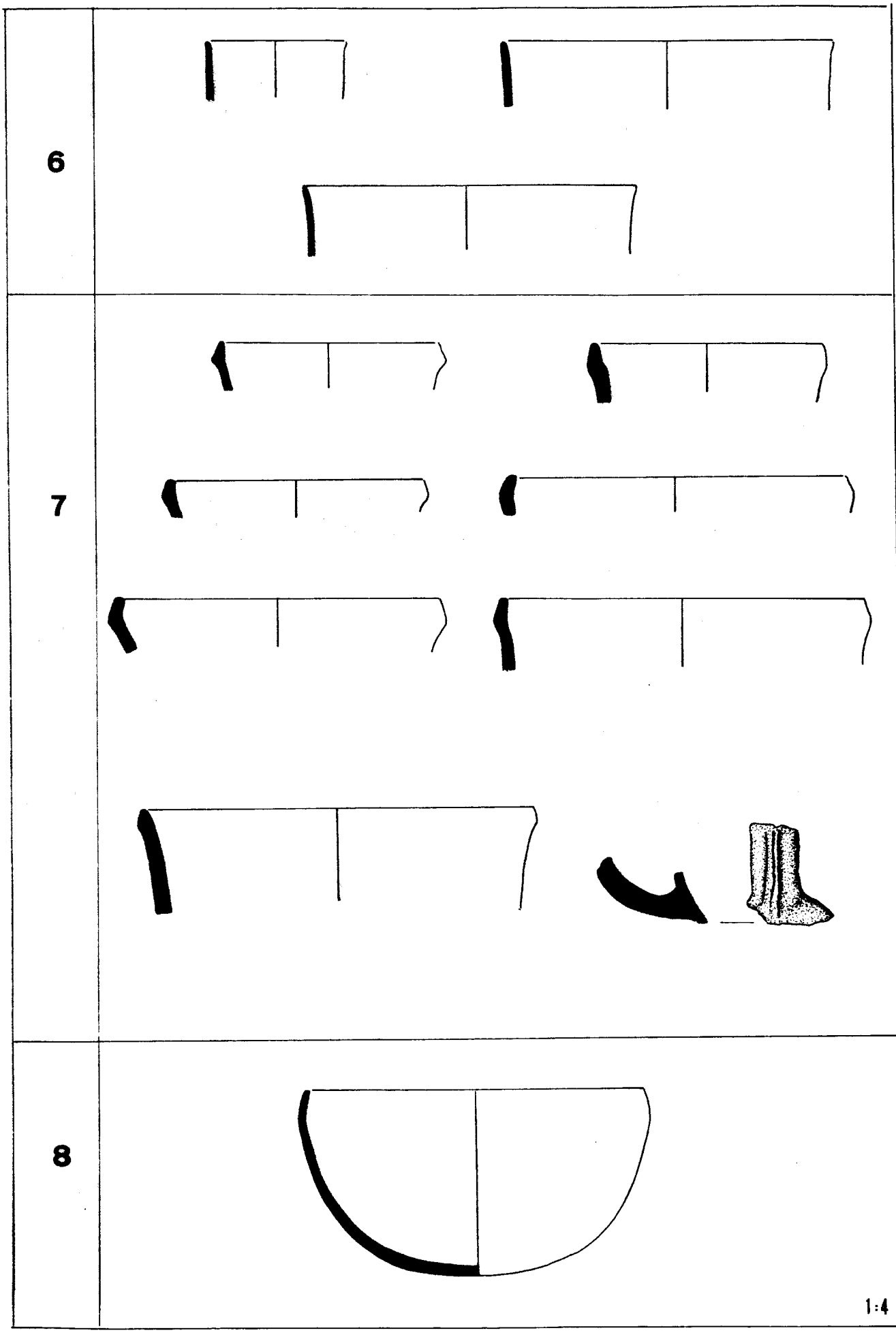


Fig. 15

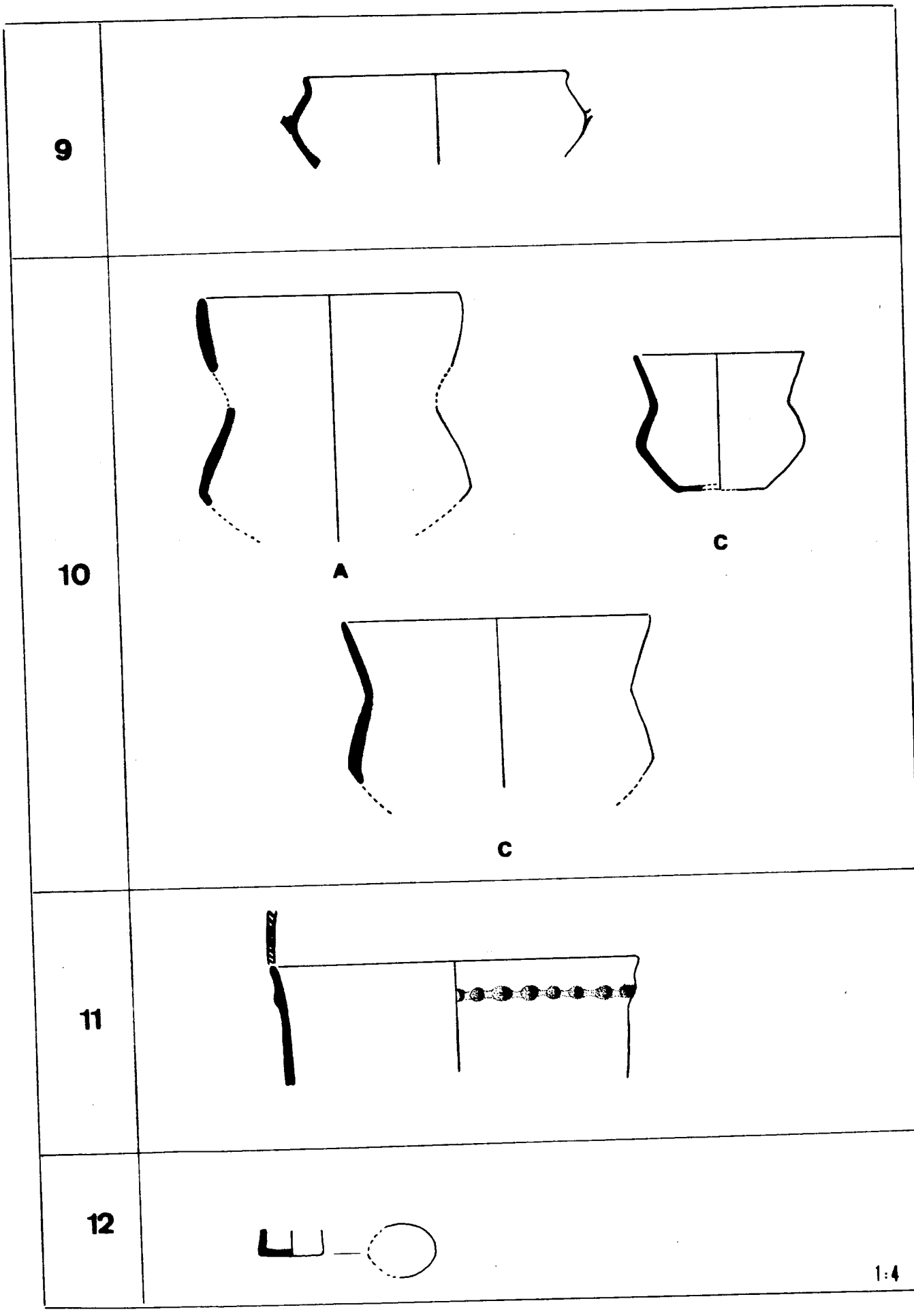


Fig. 16

Caracterização dos tipos morfológicos

Tipo 1 (6 ex., 7,5%) - (*V.* ocupação anterior). Apenas ocorre a variante A. Dam ext bc varia entre 2 e 5 predominando o 3. P varia entre 190-195 (?). A varia entre 50 e 78.

Tipo 2 (1 ex., 17,7%) - (*V.* ocupação anterior). Dam ext bc varia entre 3 e 4, predominando o 4. P varia entre 78 e 105. A varia entre 80 e 88 (variantes A e B).

Tipo 3 (24 ex., 30,3%) - (*V.* ocupação anterior). Dam ext bc varia entre 2 e 4, predominando o 4. P varia entre 45 e 83. A varia entre 90 e 100 (variantes A e B).

Tipo 4 (12 ex., 15,1%) - (*V.* ocupação anterior). Dam ext bc varia entre 1 e 4, predominando o 4. P varia entre 38 e 77.

Tipo 5 (9 ex., 11,3%) - (*V.* ocupação anterior). Dam ext bc varia entre 3 e 5, predominando o 5. P varia entre 142 e 151 (?). A varia entre 71 e 84.

Tipo 6 (10 ex., 12,6%) - (*V.* ocupação anterior). Dam ext bc varia entre 3 e 6, predominando o 6. P varia entre 70 e 84 (?).

Tipo 7 (1 ex., 1,2%) - Vaso tronco-cônico, decorado com *cordão liso* sob o bordo, de extremidade cônica. Provável Dam ext bc 3. P 70.

Tipo 8 (1 ex., 1,2%) - Vaso tronco-cônico, de bordo reentrante. Dam ext bc 6. P 55. A 95.

Ocorrem ainda fragmentos de *vasos campaniformes*, cuja forma só é reconstituível pela colagem de fragmentos dispersos pelos três sucessivos sub-níveis desta ocupação. No entanto, mencionamos de imediato os tipos morfológicos a que pertencem os fragmentos descobertos neste sub-nível em estudo:

Tipo 9 A (10A - quadro geral de formas) (1 ex., 1,2%) - Vaso carenado - carena baixa acentuada - de colo marcado (provavelmente alto), convexo. Dam ext bc 4. P 98. A 96.

Tipo 9 B (10B - quadro geral de formas) (1 ex., 1,2%) - Vaso de forma acampanulada, com esboço de carena média e fundo plano-côncavo. Dam ext bc 3 . P 78 (?). A 100 (?).

- Predominam os diâmetros médios.
- Os tipos 1, 4 e 6 incluem uma gama variada de dimensões diferentes, o que poderá significar uma apreciável diversidade de funções.
- Os vasos de maiores dimensões estão dispersos pelas formas 1, 5 e 6.
- Estão presentes os vasos muito pequenos (Dam ext bc 1) e os grandes vasos (Dam ext bc 8).

- Ocorrem fundos planos. Poderão relacionar-se com os tipos 7 e 9.

- Reagrupando as formas atrás descritas em função da sua *capacidade*, dividimo-los em *cinco categorias* (0,02 ℓ-0,1/0,2 ℓ; 0,5 ℓ-1,5/2 ℓ; 2 ℓ-4 ℓ; 5/6-10 ℓ; 12 ℓ-15 ℓ). Predominam os vasos de *capacidade média* (1 ℓ-2,5 ℓ) nas formas 1, 2, 3, 4, 8 e 9; na forma 5 predominam os *grandes vasos* (6 ℓ-10 ℓ); na forma 6 os vasos de 3 ℓ a 4 ℓ; a forma 7 inclui um recipiente de 1 ℓ (?). De notar que as capacidades das formas 5, 6, 7 e 9 são apenas muito aproximadas, na medida em que os respectivos recipientes ou não são facilmente redutíveis a figuras geométricas simples, ou não conhecemos mais do que a sua parte superior (apenas podemos inferir a base em poucos exemplares). Assim, os valores apontados devem ser vistos como parâmetros nos quais se incluem as capacidades reais, de difícil identificação através dos fragmentos cerâmicos que pudemos observar. Os vasos *muito pequenos* (0,02 ℓ-0,1/0,2 ℓ) apenas integram as formas 3 e 2. Os de capacidade mediana (0,5ℓ-1,5/2 ℓ) incluem as formas 1, 2, 3, 4, 6, 7 e 9 A e B. Os vasos de grande capacidade (2 ℓ-4 ℓ) inserem as formas 1, 2, 3, 5, 6, 8 e 9 C. Os recipientes de *grandes dimensões* (5/6 ℓ-10 ℓ) são exclusivos da forma 5. *Os grandes recipientes* com capacidade entre 12 ℓ e 15 ℓ apenas foram registados (2 exemplares) também na forma 5.

Nos cinquenta e nove vasos em estudo podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas:

Impressão "penteada" - 26 ex. - 44%

Incisão - 22 ex. - 37,2%

Punção - 5 ex. - 8,4%

Impressão - 3 ex. - 5%

Impressão - "pontilhado campaniforme" - 2 ex. - 3,3%

Plástica - 1 ex. - 1,6%

Estes valores não coincidem com a proporção das técnicas decorativas a nível geral.

A impressão "penteada" aparece em primeiro lugar, relegando para segundo lugar a incisão.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 79 exemplares)

	LISA	INCISÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"	PUNÇÃO	IMPRESSÃO	PONTILHADO CAMPANIFORME	PLÁSTICA
1 A	1	1	2		2		
2 A	1	4	3				
B	1	3	2				
3 A	2	6	7	1	1		
B	1	3	1	1			
4	5	3	4				
5 A	1		1				
B	4	1	2				
6 A	2	1		3			
B		4					
7	1						1
8	1						
9 A						1	
B						1	

- A forma 3A apresenta a maior variedade decorativa; - as formas 4 e 5 inserem o maior número de vasos lisos; - as diferentes técnicas decorativas concentram-se nas formas esféricas 1 a 4, e nas formas 5 e 6; - a impressão "penteada" e a incisão predominam na forma 3 A.

- *tipos de pasta* (em 79 exemplares)

1.2 - 55 ex. - 69,6%

1.3 - 24 ex. - 30,3%

Predomina o desengordurante de calibre médio, diminuindo, relativamente ao cômputo geral, a diferença entre os tipos 1.2 e 1.3.

- *tipos de superfícies* (em 79 exemplares)

1/1 - 4 ex. - 5%

2/2 - 2 ex. - 2,5%

3/1 - 1 ex. - 1,2%

3/3 - 57 ex. - 72,1%

4/3 - 14 ex. - 17,7%

- *tipos de cores* (em 79 exemplares)

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfícies acinzentadas

4 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

5 - superfície externa acinzentada e interna acastanhada

6 - superfície externa acastanhada e interna avermelhada

	Núcleo Acinzentado	Núcleo Avermelhado	Núcleo Acastanhado
1 30 ex.-37,9%	12 1.1	6 1.2	12 1.3
2 22 ex.-27,8%	6 2.1	11 2.2	5 2.3
3 2 ex.- 2,5%	2 3.1	-	-
4 20 ex.-25,3%	8 4.1	8 4.2	4 4.3
5 2 ex.- 2,5%	2 5.1	-	-
6 3 ex.- 3,7%	-	1 6.2	2 6.3

- Predominam as superfícies avermelhadas, seguidas de perto das acastanhadas.

. Articulação da forma e cor (em 79 exemplares)

	1			2			3	4			5	6	
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	4.1	4.2	4.3	5.1	6.2	6.3
1 A		6											
2 A			8										
B						5						1	
3 A				5				7	6				
B									2				
4					8					4			
5 A							2						
B	7												
6 A		4			2								
B											2		2
7								1					
8	1												
9 A				1									
B					1								

- A forma 3 apresenta a maior variedade de cores; - a forma 2 integra o maior número de exemplares com o tipo 1; - a forma 4 inclui o maior número de exemplares com o tipo 2; - a forma 5 com o tipo 3; - a forma 3 com o tipo 4 e a forma 6 com os tipos 5 e 6.

. Articulação entre forma e pasta (em 79 exemplares)

	1	1
	2	3
1 A	4	2
2 A	5	3
B	5	1
3 A	14	4
B	5	1
4	9	3
5 A	1	1
B	4	3
6 A	3	3
B	1	3
7	1	
8	1	
9 A	1	
B	1	

- Estão ausentes os recipientes com desengordurante fino.

- Em quase todas as formas predominam as pastas de tipo 1.2; - a forma 3 inclui, proporcionalmente, o maior número de exemplares com pasta de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 79 exemplares)

	1	2	3	3	4
	1	2	1	3	4
1 A	1	1	1	2	2
2 A		1		5	2
B	1			3	2
3 A				17	1
B	1			3	1
4	1			10	1
5 A				2	
B				7	
6 A				3	3
B	1			2	1
7				1	
8				1	
9 A	1				
B					1

- A forma 1A apresenta a maior variabilidade de superfícies; - a forma 3A inclui proporcionalmente o maior número de exemplares com o tipo 3/3 e a forma 6A com o tipo 4/3.

. Organizações decorativas (Figs. 17, 18, 19)

Em *setenta e três* fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *nove organizações decorativas* que passamos a descrever por ordem decrescente de importância, no contexto deste nível de habitação:

- I (23 ex., 31,5%) - (*V.* ocupação anterior). Saliente-se a menor complexidade e contraste desta organização (relativamente à existente na ocupação anterior), através do menor apelo ao reticulado e à hierarquia de motivos separadores (métopas). Por outro lado, embora predomine a técnica de incisão, surge a impressão "penteada" (Fig. 17 , Ir, s). É habitual a criação da alternância de zonas decoradas e não decoradas (Ib, c, d, i, l, m, n, r, s), funcionando estas, em alguns casos, como áreas separadoras dos motivos desenhados.

- II (11 ex., 15%) - (*V.* ocupação anterior). Saliente-se a existência de exemplares com 4 faixas decoradas alternando com outras tantas não decoradas (fig. 18 , IV e), o que reforça o padrão aditivo que é característico desta organização. Predomina a impressão "penteada".

- V (10 ex., 13.6%) - (*V.* ocupação anterior). Domina a impressão "penteada". São comuns os motivos separadores abaixo do bordo (linhas rectilíneas paralelas a este) ou em torno da base (Fig. 17 , V e, f, g, h, i, d). Ocorre também num exemplar uma faixa larga paralela ao bordo constituída por quatro faixas mais estreitas desenhadas com impressão "penteada" arrastada (Fig. 17, V j).

- III (8 ex., 10,9%) - (*V.* ocupação anterior). Domina a incisão.

- II (7 ex., 9,5%) - (*V.* ocupação anterior). Regista-se a presença em dois exemplares duma organização contrastante: linhas incisas separam o bordo duma banda constituída por triângulos e esta é por sua vez separada do resto da decoração por uma faixa horizontal (linha(s) incisa(s) ou banda reticulada) (Fig. 18 , II a e g). É utilizada a incisão associada ao puncionamento ou impressão e a incisão ou a impressão "penteada" isoladamente.

- XIII (3 ex., 4,1%). Trata-se duma organização padronizada - campaniforme - que utiliza a técnica do "pontilhado" segundo diversos motivos geométricos:

  - num exemplar (Fig. 18 , XIII a), linhas paralelas ao bordo alternam com uma estreita zona não decorada sobre o colo, sucedendo-lhe na pança, até à base, uma ampla zona decorada com doze linhas paralelas horizontais ; é usada uma matriz dentada "pectiniforme";

  - em outro exemplar (Fig. 18 , XIII b), sobre a sua parte média (ignora-se a decoração junto ao bordo e na base), existe a seguinte sequência: linhas "pontilhadas" horizontais (impressão pectiniforme), curtas linhas incisas oblíquas, delimitadas por linhas horizontais pontilhadas, faixa não decorada e repetição do padrão anterior;

  - no terceiro exemplar (Fig. 18 , XIII d), a decoração desenvolve-se do bordo para a base: uma faixa constituída por linhas horizontais "pontilhadas" (matriz denteada), delimitadas por duas fiadas de puncionamentos triangulares, alterna com um espaço sem decoração (na inflexão do colo para a pança), o qual é sucedido por uma fiada horizontal de puncionamentos triangulares e linhas horizontais "pontilhadas" (matriz denteada) fechadas na parte inferior por uma série de triângulos também realizados com matriz denteada.

- VIII (3 ex., 4,1%) - (*V.* ocupação anterior). Ocorre a incisão e a impressão "penteada".

- VII (3 ex., 4,1%) - (*V.* ocupação anterior). Domina a incisão.

- XI (2 ex,. 2,7%) - (*V.* ocupação anterior). É utilizada a incisão e o puncionamento.

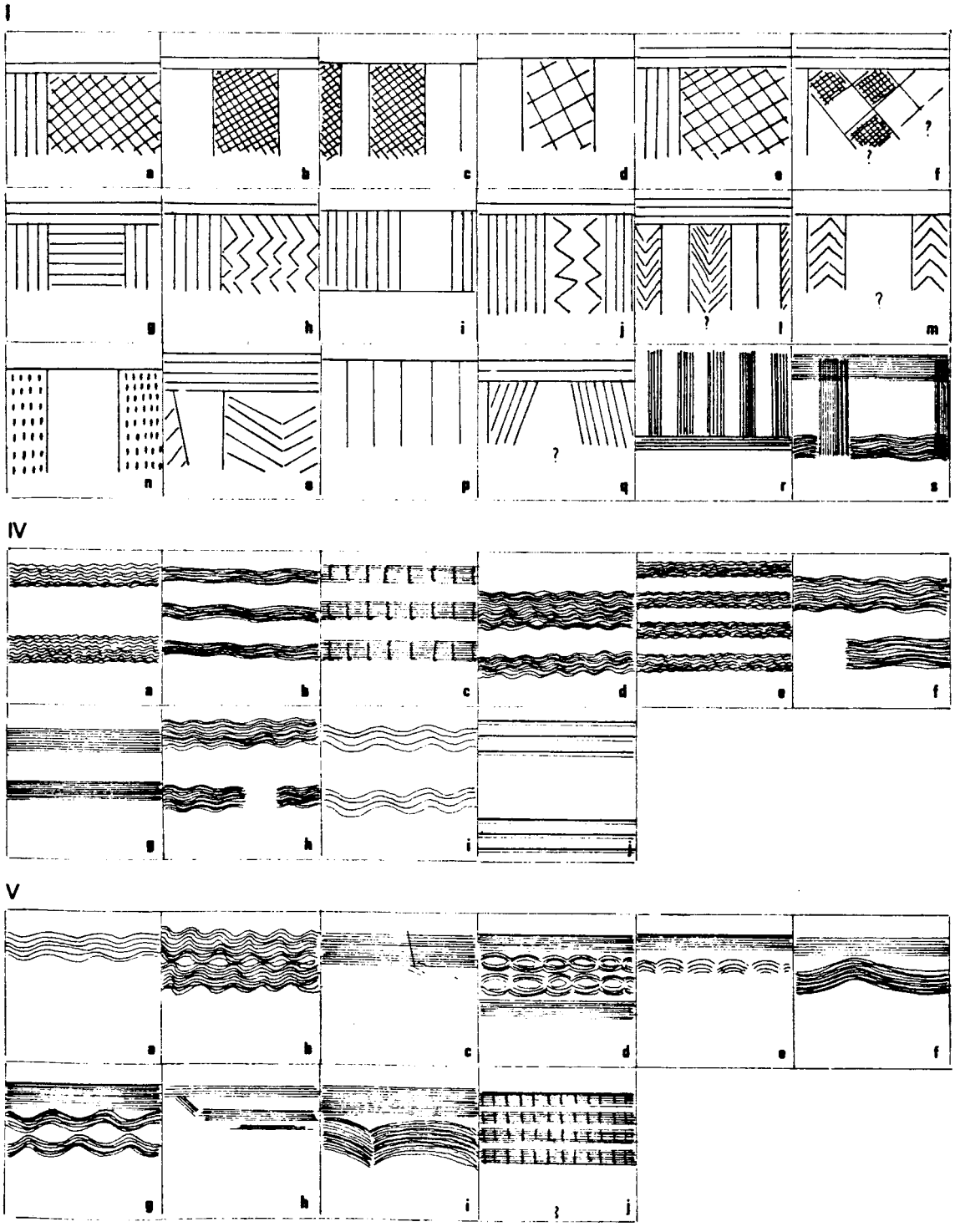


Fig. 17

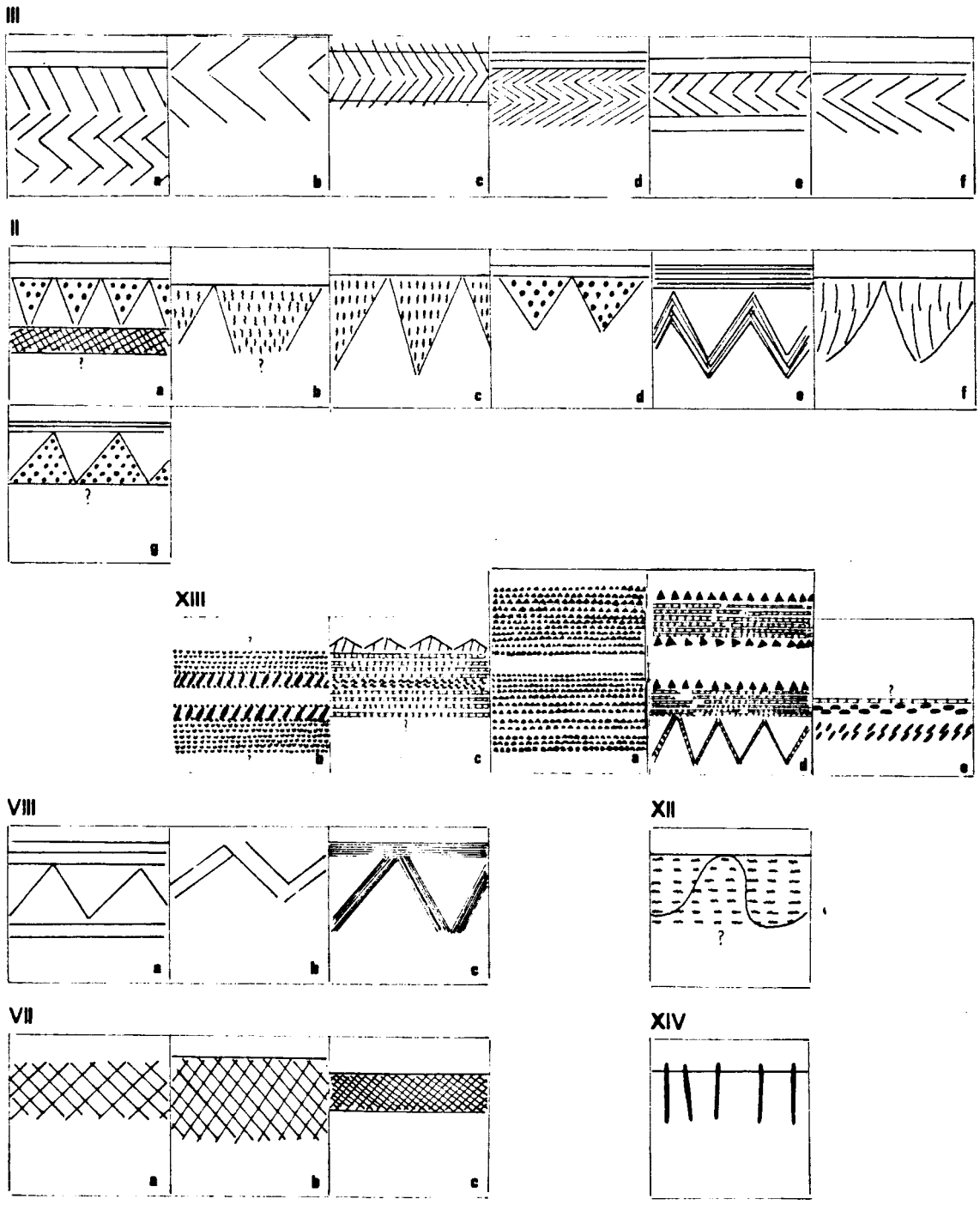
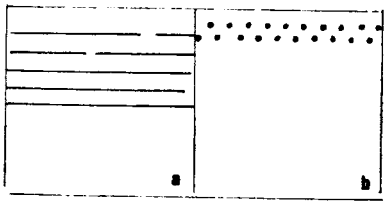


Fig. 18

XI



XV

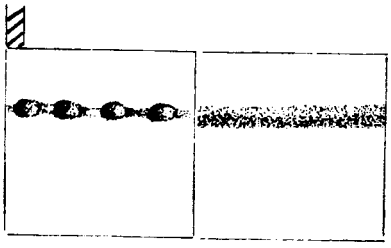


Fig. 19

- XII (1 ex., 1,3%). Trata-se duma organização em sequência horizontal: sob uma linha incisa paralela ao bordo desenvolve-se uma faixa constituída por minúsculas impressões pectiniformes intersectada por uma linha incisa sinuosa. (Fig. 18, XII).

- XV (2 ex., 2,7%). Sequência horizontal: cordão liso, de extremidade cónica, sob o bordo.

São de acentuar os seguintes aspectos:

- A *impressão "penteada"* é praticamente dominante (excepção num exemplar, IV j) nas organizações IV e V.

- A *incisão* domina nas organizações III e VII e predomina na I.

- A *impressão denteada* (pectiniforme ou de extremidades rectangulares), utilizada para definir linhas horizontais, é exclusiva da organização campaniforme - XIII.

- À excepção de algumas variantes da organização V (que apresenta a decoração logo abaixo do bordo) as outras organizações atingem a parte média ou a base do vaso. Neste último caso estão as organizações I e IV.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 28 exemplares)

	I	IV	V	III	II	XIII	VII	XI	XII
1 A	1	3							
2 A	1	1	1	1	1		1		
B	2	1			1				
3 A	3	4	1	2	1		1	1	1
B	3							1	
4	1			3					
5 A	1								
6 A	1								
B	3								
9 A						1			
B						1			

- A forma 3A apresenta a maior variedade de organizações decorativas; segue-se-lhe a forma 2A; - a forma 3 inclui o maior número de exemplares com a organização I e IV; - a forma 4 integra o maior número com a organização III; - as formas esféricas 1, 2 e 3 inserem maior número de organizações decorativas.

- Relacionando as dimensões médias dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que não se regista significativa articulação entre os dois tipos de variáveis.

. Categorias tipológicas

Com base na análise conjunta da *forma, tamanho e índices de profundidade e abertura da boca*, organizaram-se as seguintes *categorias tipológicas* em trinta e um exemplares dos recipientes cerâmicos existentes na base deste nível de habitação.

I - (15 ex., 48,3%)

Vasos de boca larga e significativa profundidade, de medianas ou grandes dimensões, integrando formas esféricas ou tronco-cónicas, com ou sem colo marcado (formas 1, 2, 3, 6 e 8). A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ a 4 ℓ, predominando os de litragem de 1,5 a 2,5 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente decorado, segundo as técnicas de incisão, puncionamento e impressão "penteada", integrando as organizações I, II, IV e V. Predomina a organização I.

II - (5 ex., 16,1%)

Vasos de boca muito larga, de pequena profundidade, de médias dimensões, incluíndo as formas 4 e 8. A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ e 2 ℓ, predominando a litragem entre 1 ℓ e 1,5 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente liso, podendo ser decorado segundo a organização III.

III - (4 ex., 12,9%)

É constituída esta categoria por vasos de boca larga, profundidade média, de pequenas dimensões, inserindo as formas 2, 3 e 4. A capacidade destes recipientes varia entre 0,02 ℓ e 0,2 ℓ, sendo lisos ou decorados com as técnicas de incisão ou impressão "penteada", segundo as organizações I ou V.

IV - (4 ex., 12,9%)

Vasos de grandes dimensões, de forma ovóide, boca estreita e colo acentuado (f.5), de grande profundidade. A sua capacidade deve variar entre 4 ℓ e 15 ℓ. São vasos lisos ou decorados com impressão "penteada", segundo a organização V.

V - (1 ex., 3,2%)

Inclui exclusivamente a forma 7, cujo exemplar observado tinha uma provável capacidade que oscilava entre 0,9 ℓ e 1 ℓ.

VI - (2 ex., 6,4%)

Inclui a forma 9A e B (10A e B - quadro geral). A capacidade destes vasos varia provavelmente entre 1 ℓ e 2 ℓ. Sobre a sua provável função serão discutidas adiante as diversas posições sobre este assunto. São decorados com impressão denteada segundo a organização XIII *d/e* e *a*.

- Neste sub-nível de ocupação - base - foi ainda descoberto um *peso de tear* em cerâmica, de contorno sub-rectangular, com as faces planas e secção rectangular. Apresentava quatro perfurações sub-cilíndricas, uma em cada canto do objecto.

É de referir também a existência de abundantes fragmentos de *cerâmica de revestimento* com os negativos de encaixe dos ramos formando ângulo recto.

c) Material ósseo

Foi descoberto um pequeno *cinzel* de secção sub-elíptica, realizado em fragmento de *Ovis*.

A *fauna* doméstica, extraordinariamente abundante neste nível de ocupação, será analisada em capítulo autónomo.

d) Material metálico

Pequeno *cinzel* em cobre arsenical, muito desgastado nos bordos e no gume; contorno sub-trapezoidal, perfil ligeiramente encurvado; gume levemente recurvado; secção mediana sub-rectangular.

e) Distribuição espacial dos materiais

À excepção da cerâmica campaniforme que se encontra espalhada por uma larga área, particularmente em torno da estrutura leste e junto do afloramente do canto leste,

os restantes materiais cerâmicos concentram-se em *núcleos* bem definidos existentes nos quadrados *L, M, N, 8'-9', 10', 11' e 12'* e em torno da estrutura oeste. Nestes núcleos foram observadas todas as formas analisadas, sendo de salientar, pela pequena fragmentação que revelam, a existência de grandes vasos partidos "in situ", integráveis nas formas 1, 5, 6, 7 e 8.

Estes recipientes encontravam-se associados a abundantes fragmentos de moinhos manuais e a alguns artefactos, como dois pesos de tear (um deles em cerâmica) e várias raspadeiras em quartzo. Contudo, tanto os objectos líticos, como os artefactos em cobre ou osso, distribuíam-se por uma área muito mais vasta do que a dos referidos vasos, em alguns casos em zonas marginais relativamente às de maior densidade cerâmica. Também neste último caso se incluem os abundantes restos de fauna que predominam na periferia das áreas onde se associa maior número de vasos cerâmicos e elementos de moinhos manuais e outros artefactos líticos

. Camada 3 (nível intermédio)

Sobre o nível de base descrito, desenvolveu-se a camada 3 (de cor castanho-acinzentada), a qual atingiu em certos pontos cerca de 20 cm de espessura, correspondendo à *contínua ocupação* do mesmo espaço habitado.

Este nível intermédio apresenta uma nova estrutura constituída por um *piso de terra muito calcada*, de forma alongada, com cerca de 2 metros de largura, e 3 cm de espessura (em média) que atravessa, no sentido NE-SO, os quadrados P10', O11', N11', M11'-12', L11'-12' e que se interrompe nas imediações da estrutura oeste.

Poderá ser considerado um *antigo caminho* construído num momento posterior ao da primeira utilização deste espaço habitado?

Assim, neste nível intermédio continuram a ser utilizadas as duas estruturas em pedra anteriores, mas deixaram de funcionar as áreas de trabalho reveladas pelas concentrações de cerâmica e fragmentos de mós existentes, na parte central do sector.

Como veremos, é neste nível que ocorrem abundantes fragmentos de cerâmica campaniforme, concentrados fundamentalmente entre a estrutura leste e os afloramentos graníticos.

a) Material lítico

- Ocorreram duas *pontas de seta*, uma em sílex e outra em xisto: uma alongada, de base pedunculada larga, com esboço de aletas, e outra curta, também de base pedunculada com aletas. A primeira apresenta retoque profundo, a segunda retoque marginal. Ambas têm retoques planos.

- Seis *raspadeiras* carenadas frontais, curtas, sobre lasca, em quartzo.

- Uma *lâmina retocada* bilateralmente, em sílex; um *fragmento de lâmina* com minúsculos retoques simples bilaterais, em sílex.

- Um *furador* sobre cristal de quartzo.

- Três *elementos móveis de moinhos manuais*, em granito, de contorno sub-elíptico alongado e secção plano-convexa.

- Uma pequena *enxó* de anfibolito, de contorno trapezoidal, gume sub-rectilíneo e secção sub-rectangular.

- Uma *conta de colar*, de talco, de cor negra, de forma cilíndrica com os lados convexos e perfuração central cilíndrica.

b) O material cerâmico

Foram analisados 656 fragmentos cerâmicos (196 decorados e 460 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Consideraram-se os tipos 1.2 e 1.3. Os exemplares devem incluir-se adentro das categorias de pasta compacta e homogénea:

1.2 - 515 ex. - 78,5%
1.3 - 141 ex. - 21,4%

- *tipos de superfícies*

Foram registados os tipos 1/1, 2/2, 3/2, 3/3, 4/3 (superfícies corroídas, rugosas, superfície externa alisada e interna rugosa, superfícies alisadas, superfície externa polida e interna alisada):

1/1 - 53 ex. - 8%
2/2 - 6 ex. - 0,9%
3/2 - 10 ex. - 1,5%
3/3 - 481 ex. - 73,3%
4/3 - 106 ex. - 16,1%

Predominam as superfícies alisadas, embora haja uma percentagem significativa de superfícies externamente polidas.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

Ocorrem os tipos 1 (cor acastanhada), 2 (cor avermelhada) e 3 (cor acinzen-

tada)

1 - 340 ex. - 51,8%

2 - 260 ex. - 39,6%

3 - 56 ex. - 8,5%

- *tipos de técnicas decorativas*

Em 125 exemplares decorados foram identificadas seis técnicas decorativas:

Incisão - 80 ex. - 64%

Impressão "penteada" - 60 ex. - 48%

Impressão - "pontilhado campaniforme" - 32 ex. - 25,6%

Plástica (cordão liso ou decorado sob o bordo) - 18 ex. - 14,4%

Punção - 4 ex. - 3,2%

Impressão - 2 ex. - 1,6%

Observe-se a importância do pontilhado campaniforme e a presença significativa da decoração plástica.

. Caracterização morfológica (Figs. 12, 13, 14, 15, 16)

Foram observadas *cinquenta e três formas* (quarenta e sete decoradas e seis lisas), as quais se distribuem por *dez* tipos morfológicos. Os diversos diâmetros externos da boca de quarenta e sete vasos integram seis categorias:

2 - 6-10 cm - 3 ex. - 6,3%

3 - 11-15 cm - 8 ex. - 17%

4 - 16-20 cm - 21 ex. - 44,6%

5 - 21-15 cm - 7 ex. - 14,8%

6 - 26-30 cm - 6 ex. - 12,7%

8 - 36-40 cm - 2 ex. - 4,2%

Apesar de ausentes os vasos minúsculos, persiste uma *gama variada de dimensões*.

Tipo 1 (4 ex., 7,5%) - (*V.* nível anterior). Ocorrem as variantes A e B. Dam ext bc varia entre 3 e 6, predominando o 4. P varia entre 193 e 195 (?). A varia entre 50 e 78.

Tipo 2 (6 ex., 11,3%) - (*V.* nível anterior). Dam ext bc varia entre 3 e 5, predominando o 4. P varia entre 79 e 104. A varia entre 80 e 88 (variantes A e B).

Tipo 3 (13 ex., 24,5%) - (*V.* nível anterior). Dam ext bc varia entre 2 e 8, predominando o 4. P varia entre 47 e 85. A varia entre 90 e 100 (variantes A e B).

Tipo 4 (7 ex., 13.2%) - (*V.* nível anterior). Dam ext bc varia entre 2 e 6,

predominando o 4. P varia entre 40 e 48.

Tipo 5 (4 ex., 7,5%) - (*V.* nível anterior). Dam ext bc varia entre 3 e 4. P varia entre 142 e 151 (?).

Tipo 6 (2 ex., 3,7%) - (*V.* nível anterior). Dam ext bc varia entre 4 e 6. P varia entre 75 e 84 (?).

Tipo 7 (12 ex., 22,6%) - (*V.* nível anterior). Dam ext bc varia entre 4 e 6, predominando o 6. P varia entre 70 e 75 (?) Um dos exemplares poderia incorporar uma asa lateral (do bordo à base) também decorada com cordão liso longitudinal.

Tipo 8 (tipo 9 - quadro geral) (3 ex., 5,6%). Vaso de colo exvasado com carena média. Dam ext bc 5. P 50. A 84.

* *Tipo 9 A* (10 A - quadro geral) (1 ex., 1.8%) (trata-se do mesmo vaso já mencionado no nível anterior) - Vaso carenado - carena baixa acentuada - de colo marcado convexo. Dam ext bc 4. P 98 (?). A 96.

* *Tipo 9 B* (10 B - quadro geral) (1 ex., 1,8%) (trata-se do mesmo vaso já mencionado no nível anterior) - Vaso acampanulado com esboço de carena baixa e fundo plano-côncavo. Dam ext bc 3. P 78 (?). A 100 (?).

Tipo 9 C (10 C - quadro geral) (1 ex., 1,8%). Vaso acampanulado liso - com carena baixa e colo alto, rectilíneo. Dam ext bc 5. P 68 (?). A 101.

Tipo 10 (11 - quadro geral) (1 ex., 1,8%). Vaso aberto com cordão sob o bordo, decorado com impressões oblíquas; bordo também decorado com incisões oblíquas. Dam ext bc 8.

Tipo 11 (12 - quadro geral) (1 ex., 1,8%). Pequeno vaso de fundo plano oval, de lados levemente reentrantes. Dam ext bc deve ser inferior a 2. Não é possível verificar os índices P e A.

- Predominam, assim, os diâmetros médios.
- Os tipos 3 e 4 integram uma acentuada variedade de dimensões diferentes, entre 2 e 8 e 2 e 6, respectivamente.
- Os vasos de maiores dimensões estão dispersos pelas formas 1, 3, 5, 6, 7 e 10. Significa isto que para além duma forma específica de aprovisionamento (forma 5), outras formas passam a ter capacidade para conter uma grande porção de alimentos.

---

* Estes tipos não se incluem nas percentagens globais deste nível intermédio, uma vez que já foram registados como pertencentes à ocupação anterior.

- Ocorrem fundos planos. Poderão relacionar-se com os tipos 7, 8, 9, 10 e 11.

- Reagrupando as formas atrás descritas em função da sua *capacidade*, dividimo-las em *cinco categorias* (0,08 ℓ (?)-0,5 ℓ; 0,5 ℓ - 2 ℓ; 2 ℓ - 4 ℓ; 6 ℓ--10 ℓ; 12 ℓ). Predominam os vasos de *capacidade média* (1 ℓ-2,5 ℓ) nas formas 1, 2, 3, 4, 8 e 9; na forma 5 predominam os grandes vasos (6 ℓ-10 ℓ); na forma 6 os vasos de 3 ℓ a 4 ℓ; nas formas 7 e 10 recipientes de cerca de 5 litros. Também neste caso há que salientar o carácter aproximado dos valores aqui referidos, especialmente os que respeitam às formas 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11. Os *vasos muito pequenos* (0,08 ℓ-0,5 ℓ) apenas integram as formas 11, 2 e 3. Os de capacidade mediana (0,5 ℓ-2 ℓ) incluem as formas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8 e 9. Os de grande capacidade (2 ℓ-4 ℓ) inserem as formas 1, 2, 3, 5, 6, 7. *Os recipientes de grandes dimensões* (5/6 ℓ-10 ℓ) distribuem-se pelas formas 2, 3, 5, 7 e 10. Recipientes com capacidade aproximada de 12 ℓ só foram observados na forma 5.

Nos *quarenta e nove* vasos em estudo distinguimos as percentagens das seguintes técnicas decorativas:

- Incisão - 15 ex. - 30,6%
- Impressão "penteada" - 14 ex. - 28,5%
- Plástica - 13 ex. - 26,5%
- Impressão - "pontilhado campaniforme" - 5 ex. - 10,2%
- Punção - 2 ex. - 4%

Registe-se a diminuição da importância da incisão, face à subida da impressão "penteada" e da decoração plástica.

. Articulação entre forma e técnica decorativa (em 49 exemplares)

	LISA	INCISÃO	IMPRESSÃO "PENTEADA"	PLÁSTICA	PONTILHADO CAMPANIFORME	PUNÇÃO
1 A			1			
B		1	2			
2 A		3				
B		3				
3 A		1	3		2	1
B		3	3			
4	1	1	4			1
5 A	1	1				
B	2					
6 B		1	1			
7				12		
8	3					
9	1				1	
10				1		
11		1				

- As formas 3A e 4 apresentam a maior variedade decorativa; - a forma 5 inclui o maior número de vasos lisos; - as técnicas decorativas por incisão, impressão ou punção concentram-se nas formas esféricas 1, 2, 3, 4 e 6; - o pontilhado campaniforme apenas ocorre na forma 9 e a decoração plástica abrange as formas 7 e 10.

- *tipos de pasta* (em 55 exemplares)

1.2 - 46 ex. - 83,6%

1.3 - 9 ex. - 16,3%

- *tipos de superfícies* (em 55 exemplares)

1/1 - 3 ex. - 5,4%

2/2 - 1 ex. - 1,8%

3/2 - 1 ex. - 1,8%

3/3 - 43 ex. - 78,1%

4/2 - 1 ex. - 1,8%

4/3 - 7 ex. - 12,7%

- *tipos de cores* (em 64 exemplares)

1 - superfícies acastanhadas

2 - superfícies avermelhadas

3 - superfícies acinzentadas

4 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

5 - superfície externa acinzentada e interna acastanhada

6 - superfície externa acastanhada e interna avermelhada

7 - superfície externa acastanhada e interna acinzentada

	Núcleo acinzentado	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 26 ex. - 40,6%	10 [1.1]	5 [1.2]	11 [1.3]
2 4 ex. - 6,2%	1 [2.1]	3 [2.2]	-
3 3 ex. - 4,6%	1 [3.1]	1 [3.2]	1 [3.3]
4 15 ex. - 23,4%	3 [4.1]	2 [4.2]	10 [4.3]
5 1 ex. - 1,5%	1 [5.1]	-	-
6 1 ex. - 1,5%	-	1 [6.2]	-
7 4 ex. - 6,2%	3 [7.1]	-	1 [7.3]

- Predominam as superfícies acastanhadas, seguidas das avermelhadas.

- Articulando *as formas com diversas cores*, verificam-se as mesmas constantes já observadas no nível anterior. Apenas há a assinalar que as formas 9 C e D e 10 integram a cor 1.3; a cor 7 ocorre em várias formas.

. Articulação entre forma e pasta (em 55 exemplares)

		1	1
		2	3
1	A	1	
	B	2	1
2	A	3	
	B	3	
3	A	6	1
	B	5	1
4		7	
5	A	1	1
	B		2
6	B	2	
7		9	3
8		3	
9		2	
10		1	
11		1	

- Estão ausentes os recipientes com desengordurante fino.

- Em quase todas as formas predominam as pastas de tipo 1.2; - a forma 7 inclui proporcionalmente o maior número de exemplares com pasta de tipo 1.2.

. Articulação entre forma e superfície (em 55 exemplares)

	1	2	3	3	4	4
	1	2	2	3	2	3
1 A				1		
B				2		1
2 A				3		
B				2		
3 A	1			6		1
B				5		1
4				6		1
5 A				2		
B				2		
6 B				2		
7	2			8		2
8			1	1		1
9				1	1	
10		1				
11				1		

- As formas 3A, 7 e 8 apresentam a maior variabilidade de superfícies; - a forma 7 inclui proporcionalmente o maior número de exemplares com os tipos 3/3 e 4/3.

. Organizações decorativas (Figs. 17, 18, 19)

Em *quarenta e dois* fragmentos de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram detectadas *10 organizações decorativas*, que passamos a descrever por ordem decrescente de importância, no contexto deste nível de habitação:

- I (13 ex., 30,9%) (*V.* nível anterior)

- IV (7 ex., 16,6%) (*V.* nível anterior)

- V (7 ex., 16,6%) (*V.* nível anterior)

- III (3 ex., 7,1%) (*V.* nível anterior)

- VIII (3 ex., 7,1%) (*V.* nível anterior)

- XIII (2 ex., 4,7%) - Trata-se da organização campaniforme:

- num exemplar (Fig. 18, XIII d), sob o bordo, desenvolve-se uma faixa constituída por seis linhas horizontais (impressão com matriz denteada) delimitadas por duas linhas feitas com impressões triangulares;
- num outro exemplar (Fig. 18, XIII e), sobre a carena desenvolve-se uma linha horizontal (impressão com matriz denteada) seguida de incisões curtas horizontais desencontradas e incisões curtas oblíquas também desencontradas.

Ocorrem ainda fragmentos dos vasos já descritos no nível anterior - XIII a, c.

- II (2 ex., 4,7%) (*v.* nível anterior)
- VII (2 ex., 4,7%) (*v.* nível anterior)
- XIV (1 ex., 2,3%) - Organização constituída por uma linha paralela ao bordo, intersectada por linhas verticais. É utilizada a incisão.
- XV (2 ex., 4,7%) (*v.* nível anterior)

Ocorre um exemplar (Fig. 19, XV a) com um cordão decorado com impressões oblíquas arrastadas, sob o bordo, o qual também inclui incisões curtas oblíquas.

- Verificamos, assim, a importância da impressão "penteada" no contexto de todas as outras técnicas, dominando nas organizações IV e V.
- Amplia-se ligeiramente a gama das variantes campaniformes.
- Ocorre pela primeira vez, nesta sequência habitacional, um vaso com decoração plástica, constituída por um cordão decorado sob o bordo.
- Mantêm-se os principais aspectos já enunciados para as organizações do nível anterior.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 36 vasos)

	I	IV	V	III	VIII	XIII	II	VII	XIV	XV
1 A			1							
B	1	1			1					
2 A	1			1	1					
B	3							1		
3 A		1	1		1		1	1		
B	3		1	1			3			
4		3	2						1	
5 A				1						
6 B	1									
7										1
9						2				
10										1

- A forma 3A apresenta a maior variedade de organizações decorativas, seguida das formas 3B e 4; - as formas 2B e 3B incluem o maior número de exemplares com o tipo I; - a forma 4 com os tipos IV e V; - a forma 9 insere a organização XIII.

- Relacionando as dimensões médias dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que não se regista significativa articulação entre os dois tipos de variáveis.

. Categorias tipológicas

Com base na análise conjunta da forma, dimensão (índices de profundidade e abertura da boca) organizaram-se as seguintes *categorias tipológicas em vinte e oito exemplares* dos recipientes cerâmicos existentes na fase intermédia deste nível de habitação.

I - (*V.* nível anterior) (6 ex., 21,4%)

Integra as formas 1, 2, 3 e 6. A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ e 10 ℓ, predominando a litragem de 1,5 a 2,5 ℓ. Este tipo de vasos é predominantemente decorado segundo as técnicas de incisão, puncionamento e impressão "penteada", integrando as organizações I, II, IV e V. Predomina a organização I.

II - (*V.* nível anterior) (4 ex., 14,2%)

Integra a forma 4. A capacidade destes vasos varia entre 0,5 ℓ e 2,5 ℓ, pre

dominando a litragem entre 1 ℓ e 1,5 ℓ. Este tipo de vasos é decorado segundo as técnicas de incisão, impressão "penteada" e puncionamento, integrando as organizações I e III.

III - (*V.* nível anterior) (3 ex., 10,7%)

Inclui a forma 5. A sua capacidade deve variar entre 5 ℓ e 12 ℓ (?). São recipientes lisos ou decorados com impressão "penteada", segundo a organização V.

V - (10 ex., 35,7%) (*V.* nível anterior)

Inclui exclusivamente as formas 7 e 10. A capacidade oscila entre 1 ℓ e 5,5 ℓ.

VI - (1 ex., 3,5%)

Integra a forma 9C, com a provável capacidade de 2,5 ℓ.

VII - (1 ex., 3,5%)

Inclui a forma 8; a capacidade deve aproximar-se dos 2 litros, aproximadamente. Não é possível identificar a sua provável função, ainda que pela forma, cozedura e tratamento da superfície não pareça estar relacionada com actividades de uso comum ou aprovisionamento.

As categorias apresentadas foram construídas através da associação de vários critérios: *critérios intrínsecos*, como a forma geral, dimensão, ausência ou presença de vestígios de combustão nas paredes exteriores dos vasos, e *critérios extrínsecos* como os deduzidos de analogias arqueológicas ou etnográficas. Essa associação determina que este esquema tenha um carácter ainda genérico. Nenhuma categoria, por si só, abrange uma só função ou conjunto determinado de funções. Uma função (na sua acepção genérica) pode ser servida por diversas "categorias" aqui enunciadas e uma "categoria" pode integrar um leque variado de funções.

O que este esquema pretende sintetizar é mais um estádio do nosso próprio conhecimento (na sua heterogeneidade e incompletitude) do que a representação próxima (ou fiel) da realidade. Assim, por exemplo, a categoria I inclui *vasos de ir ao lume*. Em nenhuma outra categoria existem vestígios de fogo nas paredes dos vasos. Mas ela também integra vasos globulares que podem ter servido apenas para conter alimentos ou água, o que pode ser partilhado parcialmente pelas categorias III, IV, V, VI e VII. Contudo, estas categorias diferenciam-se pela dimensão, forma e decoração. A categoria V também é extremamente específica na conjugação da forma e decoração plástica. É uma forma aberta decorada com um cordão sob o bordo. Poderia ter servido para conter alimentos ou preparar comida (ou qualquer outra utilização), partilhando, no geral, com as categorias I ou II, essas funções. Mas diferencia-se pela forma, tipo de superfícies, dimensões médias e decoração.

A categoria VI - vasos acampanulados campaniformes - cuja função específica nos escapa - não só se diferencia pela forma, pasta, superfície e decoração, como se in

clui por si só numa "categoria arqueológica" já padronizada e reconhecida cronologica, cultural e espacialmente. A sua função poderia sobrepôr-se a outra ou outras já contidas em outras categorias, mas aqui são ponderados critérios intrínsecos e extrínsecos.

Esta interacção entre os dois tipos de critérios pretende fornecer um quadro morfológico/funcional o mais diversificado possível, incluíndo uma gama de variações que atenda à pluralidade de aspectos sugeridos pela caracterização e interpretação de recipientes cerâmicos insertos em contextos habitacionais.

c) Material metálico

Um punção em cobre arsenical, de extremidades aguçadas, secção sub-quadrangular nas extremidades e sub-elíptica na parte média.

Um artefacto em cobre arsenical, fragmentado na lâmina, constituído pela extremidade de encabamento (de secção sub-rectangular) e pelo início da lâmina (de secção elíptica achatada) que apresenta um contorno curvilíneo. Poderá representar uma *faca curva*.

d) Material ósseo

A fauna, predominantemente *doméstica*, será descrita em capítulo autónomo.

e) Distribuição espacial dos materiais

Este nível apresenta uma distribuição mais uniforme dos recipientes cerâmicos (não campaniformes). Na verdade, os vasos encontram-se num maior estado de fragmentação do que os do nível anterior e apresentam-se dispersos por todo o sector, sem que seja possível reconhecer associações significativas (do ponto de vista de formas, decorações ou dimensões). Ao contrário, os vasos campaniformes, também muito fragmentados, concentram-se no lado SE do sector, em torno da estrutura sub-circular e junto aos afloramentos rochosos. Acompanham-nos, na área, os recipientes de grande capacidade, decorados com cordão liso sob o bordo (forma 7). A forma 10 (vaso com cordão e bordo decorado) tem uma importante concentração no quadrado J12'. Os restantes objectos distribuem-se pela área intervencionada, sem que seja possível reconhecer um padrão específico de localização. A *fauna*, muito fragmentada, ocorre predominantemente na periferia das áreas de trabalho, as quais incluem maior concentração de diversos tipos de artefactos.

. Camada 2 (nível superior)

Em toda a área ocupada por este espaço habitado foi detectada uma camada muito fina, com cerca de 2 a 3 cm de espessura, de cor amarelada, que deve corresponder à fase de abandono deste local. O topo desta camada foi revolvido pelos actuais trabalhos

agrícolas e florestais (cultivo de centeio há cerca de 50 anos e recente plantação de pinheiros).

a) Material lítico

Foi encontrada uma *pequena enxó* de anfibolito, de contorno sub-trapezoidal, e secção sub-rectangular; uma *raspadeira* triangular sobre lasca em quartzo; um pequeno *disco* de ardósia de contorno sub-quadrangular, de faces planas, secção rectangular e perfuração central bitronco-cónica.

b) Material cerâmico

Foram observados 100 exemplares muito fragmentados (30 decorados e 70 lisos)

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

1.2 - 70 ex. - 70%
1.3 - 30 ex. - 30%

- *tipos de superfícies*

1/1 - 10 ex. - 10%
3/3 - 90 ex. - 90%

- *tipos de técnicas decorativas* (em 70 exemplares)

Incisão - 27 ex. - 38,5%
Impressão "penteada" - 1 ex. - 1,4%
Impressão - 1 ex. - 1,4%
Plástica - 1 ex. - 1,4%

. Caracterização morfológica (Figs. 15, 16)

Dado o estado de fragmentação dos recipientes, apenas foi possível reconhecer *a forma 11* e *a forma 7* (quadro geral) (1 exemplar em cada uma). Fragmentos dum recipiente com a forma 11 colam a outros existentes no nível anterior.

. Organizações decorativas

A maior parte dos fragmentos decorados deve pertencer a vasos com a organização I; as formas 11 e 7 estão associadas à organização XV; ocorre um exemplar com a organização IV.

d) Distribuição dos materiais

Estes materiais têm uma distribuição bastante irregular, cuja origem deve ser motivada pelo revolvimento actual das terras superficiais.

Estudo comparado dos materiais nos dois níveis de ocupação (Local 3)

- Artefactos líticos, ósseos e metálicos

Ainda que o *sílex* esteja presente na ocupação mais antiga (ponta de seta alongada de base côncava, e lâmina não retocada com vestígios de utilização) ele persiste na ocupação mais recente, agora associado à *corneana*, desaparecendo o xisto no fabrico de pontas de seta.

São comuns às duas ocupações o quartzo, o sílex, o granito e o anfibolito.

Os principais artefactos são comuns nas duas ocupações: pontas de seta, raspadeiras carenadas frontais curtas, lâminas retocadas, machados e enxós polidos, mós manuais e contas de colar. Do nível mais recente são exclusivas *duas pequenas enxós* em anfibolito, *um cinzel em osso e três artefactos de cobre arsenical* (um punção, um cinzel e uma provável faca curva).

As *pontas de seta acusam uma significativa transformação morfológica e técnica*: diminuem as dimensões globais e também os índices de alongamento; na primeira ocupação registaram-se pontas de base côncava, convexa e de pedúnculo curto, ocorrendo em cinco das seis pontas analisadas, retoque marginal; na segunda ocupação, além de pontas de base côncava e recta, aparece a base triangular (com esboço de aletas) e a base pedunculada (pedúnculo desenvolvido e aletas oblíquas bem marcadas), apresentando todas elas retoque plano, profundo, em ambas as faces (Fig. 20).

O número de elementos fixos e móveis de *moinhos manuais* aumenta significativamente no nível mais recente.

Saliente-se a ausência, nos dois níveis, de lascas residuais e, duma forma geral, a pequena quantidade de artefactos de pedra lascada.

Assim, concluímos que, da primeira para a segunda ocupação, foram introduzidas no local novas matérias-primas e novos tipos de artefactos - particularmente os utensílios em cobre arsenical - que, no conjunto, sugerem não só a exploração mais sistemática, do território local e regional, como poderão reflectir diversas formas de interacção social a

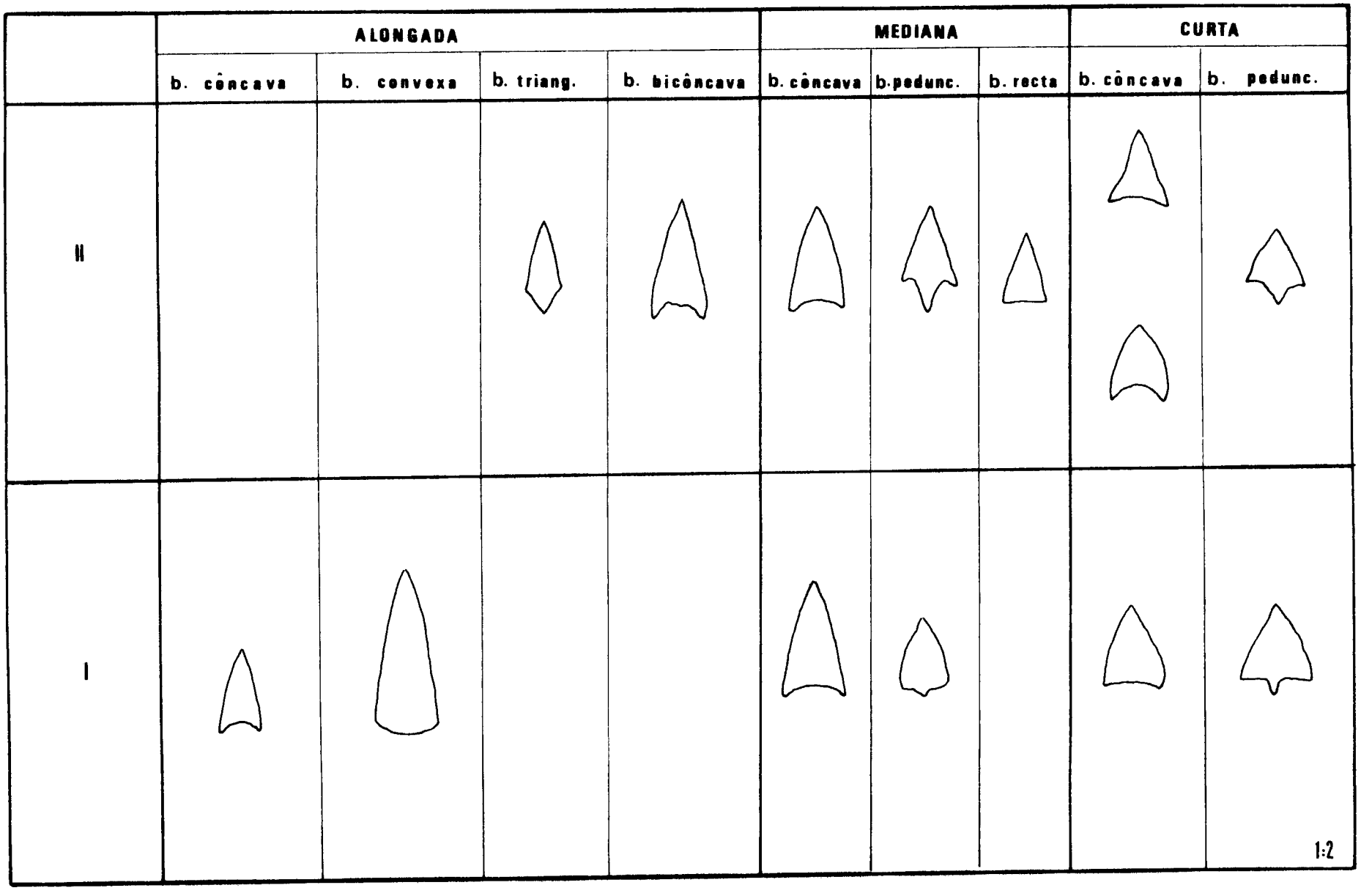

ALONGADA
MEDIANA
CURTA
b. côncava
b. convexa
b. triang.
b. bicôncava
b. côncava
b.pedunc.
b. recta
b. côncava
b. pedunc.
II
I
1:2

Fig. 20

nível peninsular, de ainda difícil caracterização.

O aparecimento de novas matérias-primas e novos tipos de artefactos acompanha um *apreciável aumento* de moinhos manuais - o qual pode, juntamente com a existência de recipientes cerâmicos de grandes dimensões, apontar para uma *grande intensificação de actividades agrícolas e de armazenamento de alimentos*.

- Material cerâmico (Figs. 21, 22)

Dá-se um aumento significativo de vasos cerâmicos da primeira para a segunda ocupação, em sintonia com os vestígios duma mais intensa e organizada estruturação do espaço.

As *pastas* dos vasos cerâmicos sofrem uma *paulatina degradação*: os desengordurantes finos apenas estão presentes na ocupação mais antiga; na segunda ocupação desaparecem, aumentando a percentagem dos desengordurantes grosseiros; nas duas ocupações predominam pastas com desengordurante de calibre médio.

As *superfícies* dos vasos, ao contrário, apresentam um aumento das superfícies *polidas externamente/alisadas internamente* (de 3,4% na primeira ocupação para 11,6% e 16,1% na segunda ocupação).

Contudo, predominam sempre as superfícies alisadas.

Constatou-se uma modificação na proporção dos tipos de *cores* dos vasos: as superfícies avermelhadas aumentaram na segunda ocupação (particularmente na base desta ocupação), havendo um correlativo decréscimo das superfícies acastanhadas.

Registou-se uma *diminuição* importante da principal técnica decorativa das duas ocupações - *a incisão* (91,9%, 50,2%/64%); simultaneamente aumentou de forma muito significativa a impressão "penteada" (5,3%, 34,5%/48%). Este quadro é correlativo do aparecimento, na segunda ocupação, da impressão campaniforme e da decoração plástica (base - 5,8%; 0,5%; nível intermédio - 25,6%; 14,4%).

São comuns às duas ocupações os tipos morfológicos 1 a 6; em cada ocupação existem tipos exclusivos da mesma: na mais antiga é exclusivo o tipo 7; na mais recente, os tipos 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

Adentro dos tipos comuns às duas ocupações verifica-se uma diminuição global das percentagens das formas esféricas (1, 2 e 3); a forma 4 mantém a mesma percentagem; *as formas 5 e 6 aumentam significativamente* (embora haja uma pequena diminuição no nível intermédio da segunda ocupação). Adentro da segunda ocupação, regista-se um aumento importante da forma 7 (quadro geral). Este esquema articula-se com um *aumento global das dimensões e capacidades dos vasos*: de 6 litros na primeira ocupação (capacidade máxima) passa-se para 12-15 ℓ (?) na segunda ocupação. Este aumento é correlativo duma maior *amplitude de dimensões* adentro de cada forma.

Nas duas ocupações a maior variabilidade decorativa concentra-se nas formas

esféricas (fechadas e abertas - 1, 2, 3 e 4).

Não existe nenhuma forma que detenha o exclusivo dos vasos lisos em cada fase. Estes distribuem-se pelas formas 3 e 5, na primeira ocupação, e pelas formas 4 e 5, na segunda. Os vasos lisos acusam também um acentuado aumento (11,1%, 33,8%, 16,3%).

São comuns às duas ocupações as organizações decorativas I, II, III, IV, V, VII e VIII. São exclusivas da ocupação mais antiga as organizações VI e XI. As organizações XIII, XII e XIV só ocorrem na ocupação mais recente.

Constata-se que a *variedade decorativa* (em termos de grandes grupos) se mantêm na mesma proporção nas duas ocupações. Contudo, verifica-se um aumento da variabilidade decorativa adentro de cada grupo (surgem múltiplas combinatórias no interior das organizações I, IV e V) na segunda ocupação.

A organização I é a mais significativa nas duas ocupações. Na primeira ocupação é seguida da III e da II; na segunda ocupação, as organizações IV e V detêm o segundo lugar.

A organização I decresce de forma importante (56%, 34,2%/30,9%), o que é correlativo do aumento das organizações IV e V (17,1%/16,6%, 15,7%/16,6%).

Nas duas ocupações a forma 3 apresenta a maior variabilidade decorativa; na primeira ocupação, esta forma integra o maior número de exemplares com as organizações I e III e na segunda ocupação as organizações mais significativas (I, IV e V) ocorrem distribuídas preferencialmente pelas formas 2, 3 e 4.

Nas duas ocupações, as formas mais habituais (1, 2, 3 e 4) integram a maior variedade de organizações decorativas.

- Evolução da articulação da forma, decoração (presença ou ausência) e dimensões

Vasos lisos

Na primeira ocupação predominam os vasos de capacidade média, distribuídos pelas formas 3 e 5 e na segunda ocupação estes vasos aumentam de capacidade nas formas 4 e 5.

Vasos decorados

Organização I

Tanto na primeira como na segunda ocupação predominam os recipientes de *capacidade média* (1 ℓ - 2,5 ℓ) distribuídos pelas formas 1, 2, 3, 4 e 6. Estão ausentes os vasos de grande litragem, superiores a cerca de 4 litros, em média, nomeadamente grandes

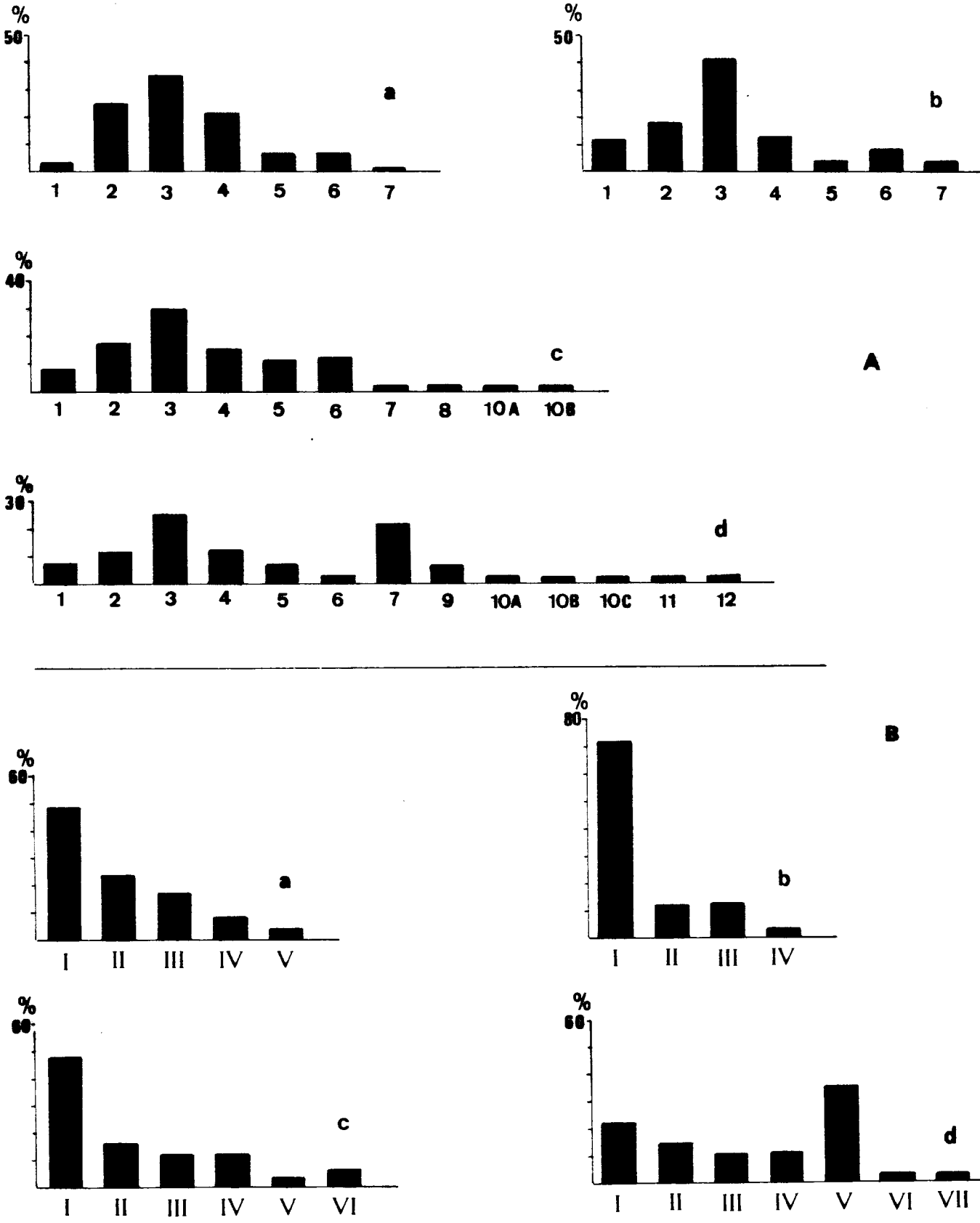
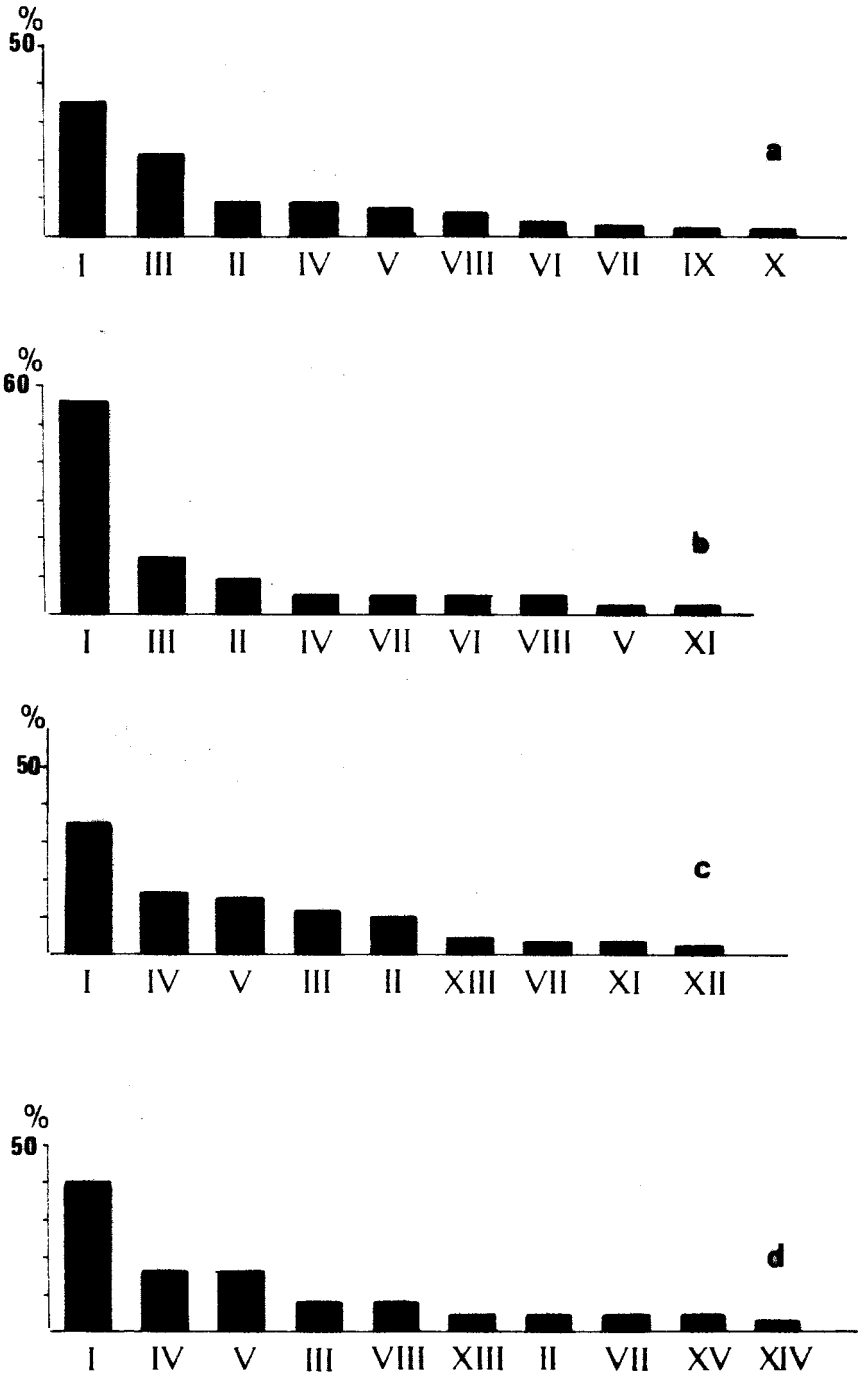

%
50
a
1 2 3 4 5 6 7
%
50
b
1 2 3 4 5 6 7
%
40
c
1 2 3 4 5 6 7 8 10A 10B
A
%
30
d
1 2 3 4 5 6 7 9 10A 10B 10C 11 12
%
60
a
I II III IV V
%
80
b
I II III IV
B
%
60
c
I II III IV V VI
%
60
d
I II III IV V VI VII

Fig. 21


%
50
a
I III II IV V VIII VI VII IX X
%
60
b
I III II IV VII VI VIII V XI
%
50
c
I IV V III II XIII VII XI XII
%
50
d
I IV V III VIII XIII II VII XV XIV

C

Fig. 22

vasos de provisões.

Os parâmetros relativos às dimensões mantêm-se estáveis nas duas ocupações.

Organização IV

Na primeira ocupação, os exemplares observados concentravam-se na forma 1 e tinham uma capacidade oscilando entre 0,7 ℓ e 2,5 ℓ. Na segunda ocupação distribuíam-se pelas formas 2 e 3, predominando as capacidades entre 1,5 ℓ e 2,5 ℓ. Também neste caso estão ausentes os vasos de grande litragem, ou de provisões.

Organização V

Na ocupação antiga esta organização está relacionada com um pequeno vaso incluível na forma 2, com cerca de 0,2 ℓ. Na segunda ocupação, no entanto, esta organização está bem representada e distribuída pelas formas 2, 3, 4 e 5, integrando grandes vasos de 10 a 15 litros (formas 3 e 5), entre os quais se destacam recipientes provavelmente relacionados com o aprovisionamento.

Restantes organizações decorativas

A organização XIII (pontilhado campaniforme) está exclusivamente relacionada com a forma 10 (1 ℓ - 2,5 ℓ (?)), como a XV se articula com as formas 11 e 7, respectivamente (0,9 ℓ - 5,5 ℓ (?)). As organizações III, VI, VIII e XI estão distribuídas por formas esféricas de capacidade média. Nas restantes organizações decorativas não foi possível integrar tipos morfológicos devido à pequena dimensão dos fragmentos cerâmicos.

- Evolução das categorias tipológicas

- Ocupação antiga (32 exemplares)

C.T. I - 23 ex. - 71,8%
C.T. II - 4 ex. - 12,5%
C.T. III - 4 ex. - 12,5%
C.T. IV - 1 ex. - 3,1%

- Ocupação recente - base (31 exemplares)

C.T. I - 15 ex. - 48,3%
C.T. II - 5 ex. - 16,1%
C.T. III - 4 ex. - 12,9%
C.T. IV - 4 ex. - 12,9%
C.T. V - 1 ex. - 3,2%
C.T. VI - 2 ex. - 6,4%

- Nível intermédio e superior (28 exemplares)

C.T. I - 6 ex. - 21,4%
C.T. II - 4 ex. - 14,2%
C.T. III - 3 ex. - 10,7%
C.T. IV - 3 ex. - 10,7%
C.T. V - 10 ex. - 35,7%
C.T. VI - 1 ex. - 3,5%
C.T. VII - 1 ex. - 3,5%

- As categorias I, II, III e IV são comuns às duas ocupações (vasos de uso comum, de pequenas dimensões e de aprovisionamento, articulados com formas esféricas ou semi-esféricas e ovóides). Destas categorias, a I diminui, a III mantém-se e a II e a IV aumentam percentualmente (sendo marcado o desenvolvimento da categoria IV - recipientes de provisões). A categoria V tem uma grande expansão ao longo da segunda ocupação. A categoria VI permanece estável ao longo da segunda fase.

- Conclusão

Poderíamos enunciar quais as principais características que permanecem nos recipientes cerâmicos das duas ocupações: são comuns os *tipos morfológicos* gerais (1 a 6), como as *categorias tipológicas* I, II, III e IV, aliás, em íntima conexão formal; a *variedade decorativa* (grupos gerais) mantém-se estável nas duas ocupações; a maior variabilidade decorativa concentra-se nas formas *esféricas (1, 2, 3 e 4)*, particularmente na *forma 3*.

São comuns as organizações decorativas I, II, III, IV, V, VII e VIII, sendo a I bastante significativa nas duas ocupações; os vasos decorados segundo a organização I não ultrapassam a capacidade média de 4 litros, incluindo apenas as formas 1, 2, 3, 4 e 6.

Por outro lado, registemos o que varia substancialmente nos recipientes das duas ocupações:

- *As pastas tornam-se*, em média, *mais grosseiras*, o que é correlativo dum *apuramento global do tratamento das superfícies*.

- Ocorrem na segunda ocupação *novos tipos morfológicos* (7 a 12) e *novas categorias tipológicas* (V a VII), entre os quais se destaca o tipo 10 - categoria VI - que inclui vasos campaniformes.

- Verifica-se um *aumento global das dimensões dos vasos*, articulado com o *desenvolvimento das formas 5 e 6*. Simultaneamente regista-se um progressivo desenvolvimento da *amplitude de dimensões* adentro de cada forma.

- *A técnica de incisão e a organização I decrescem de forma significativa, enquanto a impressão "penteada" e as organizações com ela relacionadas, IV e V, se desenvolvem*: ou seja, a organização metopada, criadora de um modelo dicotómico entre zonas horizontais e verticais (organização contrastante) é progressivamente substituída por organizações que seguem uma estrutura linear em *sequência horizontal simples* (V) ou *aditiva/sequencial* (IV). Neste último caso, verifica-se uma sequência decorativa em *zonas* que *repetem* alternadamente um ou mais motivos. De notar que a organização IV se aproxima da organização XIII (campaniforme) o que pode ser eventualmente interpretado como uma *imitação local do padrão decorativo campaniforme clássico (internacional)*.

- Na segunda ocupação aparecem pela primeira vez os recipientes de fundo plano com cordões lisos ou decorados, sob o bordo (categoria tipológica V), que preconizam tipos morfológicos habitualmente considerados já da Idade do Bronze (não só do âmbito peninsular como europeu); este aparecimento é sincrónico do aumento da percentagem de vasos de provisões (categoria IV) e da diminuição de vasos de uso comum (categoria I).

- Dá-se, assim, uma *evolução* que integra diversos aspectos: uma modificação na possibilidade de armazenar (ou conter transitoriamente) maior quantidade de produtos relativos à subsistência básica; a inserção, no seio de padrões morfológicos e funcionais de tradição local, de novas formas, cuja expressão cultural é mais vasta (vasos campaniformes, carenados não campaniformes, tronco-cónicos com cordões e fundo plano); o progressivo desenvolvimento duma nova gramática decorativa que substitui organizações de índole regional por outras que assimilam e reproduzam padrões menos contrastantes, mas recorrentes numa vasta área de âmbito atlântico.

- Na ocupação mais antiga, verificou-se a existência de *uma conta de colar, em argila, de forma cilíndrica com os lados convexos* e de *um provável cabo de artefacto*, também em argila, *de forma e perfuração cilíndrica*.

- Na segunda ocupação registou-se a presença de um *peso de tear em cerâmica*, em forma de placa rectangular com quatro perfurações cilíndricas, uma em cada canto.

3.3.3.3 A fauna. Características gerais

Os dados insertos neste capítulo procuram articular os principais resultados fornecidos pela análise da fauna da estação (*), com a observação da estratigrafia e dos principais níveis de ocupação do povoado.

Em 195 peças ósseas, *recolhidas exclusivamente no Local 3*, foram identificadas 89, abrangendo 5-6 (?) grupos: *Ovis*, *Ovis Capra*, lagomorfo, *Sus*, *Canis*, *Felis catus* (?). A grande fragmentação das peças impossibilitou a verificação do número mínimo de indivíduos (N.M.I.) na maior parte dos grupos identificados.

(*) O estudo da fauna da estação foi realizado por Teresa Cunha Lopes, da Unidade de Ciências Socias da Universidade do Minho (*V.* apêndice).

FAUNA	Nº de PEÇAS e %	Nº PROVÁVEL DE INDIVÍDUOS
Ovis capra	4 - 4,4%	1?
Ovis	37 - 41,5%	> 10
Lagomorfo	1 - 1,1%	1
Sus	43 - 48,3%	> 10?
Canis	3 - 3,3%	1?
Felis catus?	1 - 1,1%	1

	Local 3
1ª ocupação (c.4-6)	*Ovis* - 14 - 36,8% *Sus* - 20 - 52,6% *Ovis capra* - 3 - 7,8% lagomorfo - 1 - 2,6%
2ª ocupação (c.1-3)	*Ovis* - 21 - 41,1% *Sus* - 25 - 49% *Ovis capra* - 1 - 1,9% *Canis* - 3 - 5,8% *Felis catus* (?) - 1 - 1,9%

Nestes dois quadros, está expressa a importância dos grupos *Sus* e *Ovis*, quer em termos absolutos, quer no contexto das duas ocupações do Local 3.

Embora, da primeira para a segunda ocupação se verifique um leve aumento do número de peças identificadas como *Ovis*, correlativo do decréscimo do número de peças de *Sus*, esse dado não nos permite inferir da maior ou menor quantidade de indivíduos de cada grupo, o qual, aliás, deverá ser bastante semelhante.

Acrescente-se ainda que as 195 peças ósseas se distribuem, nos dois níveis de ocupação, da seguinte forma:

1ª ocupação - 89 peças

2ª ocupação - 106 peças

Tendo em conta os dados mencionados, no âmbito da análise específica da fauna desta estação, podemos retirar as seguintes conclusões preliminares: - os vestígios ósseos de espécies possivelmente domesticados ocorrem, em grande quantidade, no *interior de uma área habitacional*, nas duas ocupações que ela revelou; - a *distribuição espacial* das peças, sua extrema *fragmentação*, algumas *marcas de corte e dissociação do esqueleto* (aliadas a outros elementos, descritos no estudo específico sobre a fauna da Pastoria), levam-nos a aceitar a hipótese de que, alguns dos animais observados (*Ovis*, *Ovis capra*, *Sus*, lagomorfo), tenham sido *cozinhados e consumidos no local*.

A interpretação da funcionalidade das áreas de actividade humana onde ocorrem as espécies descritas, será objecto duma abordagem mais desenvolvida em capítulo autónomo.

3.3.3.4 Análise comparada dos materiais dos Locais 1, 2 e 4 (a norte do estradão) e do Local 3 (a sul do estradão)

- Material lítico, ósseo e metálico

As matérias-primas utilizadas nos sectores a norte do estradão são globalmente o sílex, o xisto, o quartzo, o granito, o anfibolito, a variscite, o talco e o cobre. Contudo, convém desde já referir que só no Local 4 ocorreu um artefacto de cobre (punhal triangular).

Também existe uma diferença quanto à presença de determinados artefactos nos diversos locais: nos Locais 1 e 2 são abundantes as pontas de seta e as raspadeiras carenadas frontais curtas. Ora, no Local 4 apenas ocorreu uma ponta de seta de sílex (aliás, encontrada em escavações clandestinas, juntamente com o punhal de cobre), de tipologia singular: alongada, base bicôncava e aletas direitas desenvolvidas.

Existem, no entanto, outros artefactos comuns aos vários sectores a norte do estradão: machados polidos de secção rectangular, mós e "rebolos", contas de colar, lascas residuais, prováveis pesos de tear com perfuração central e sulcos raiados.

As pontas de seta dos Locais 1 e 2 são medianas ou curtas e apresentam bases côncavas ou bicôncavas, podendo ter aletas acentuadas adentro duma tipologia geral considerada formalmente "evolucionada". Também ocorreram pontas pedunculadas, de pedúnculo mediano destacado e aletas oblíquas desenvolvidas.

Se quisermos correlacionar estes dados com os observados nas duas ocupações descritas a sul do estradão (Local 3), apenas poderemos valorizar a presença dum artefacto de cobre no Local 4, como indício de aquele sector poder ter sido eventualmente ocupado durante uma fase contemporânea da segunda ocupação do esporão. Contudo, a sua ausência nos Locais 1 e 2, por si só, não nos ajuda a posicionar cronologicamente aqueles sectores, relativamente ao Local 3. Tanto mais que adentro do material lítico encontrado nos mesmos, as *pontas de seta* apresentam uma morfologia em alguns casos semelhante à das observadas na segunda ocupação do esporão, a par de outros artefactos que se poderiam aproximar genericamente dos existentes na ocupação mais antiga daquele local (por exemplo, contas de colar).

Todavia, a abundância de machados polidos, moinhos e "rebolos" nos dois sectores, a norte do estradão, apontam para uma intensa actividade agrícola associada a outras actividades domésticas durante a segunda ocupação do esporão (grande abundância de mós manuais e respectivos elementos móveis). É também muito significativa a *presença exclusiva de restos de provável fauna doméstica* no Local 3, indicando uma intensa actividade de *consumo culinário* naquela área, em qualquer das fases de ocupação.

Todas estas aparentes discrepâncias só poderão ser esclarecidas, tanto pela ponderação conjunta de todos os dados fornecidos pelas escavações realizadas até ao momento, como, sobretudo, pelo alargamento, em campanhas futuras, dos sectores 1, 2 e 4.

- Material cerâmico

A diferença fundamental entre os recipientes cerâmicos dos Locais 1 e 2, por um lado, e os do Local 4, por outro, reside, em primeiro lugar, nas *técnicas* e *organizações decorativas utilizadas* nos vasos de ambos os locais.

Na verdade, enquanto a incisão e a organização I predominam largamente nos vasos dos Locais 1 e 2, no Local 4, a incisão, embora ainda predominante, é seguida de perto pela impressão "penteada" e, sobretudo, verifica-se a ausência da organização I, substituída pela organização IV. Também no Local 4 se registou a existência dum recipiente decorado com impressões circulares e incisões formando losangos e faixas de linhas oblíquas (Fig. 5, VI*a*), cujo padrão decorativo encontra fortes paralelos em contextos de vasos campaniformes.

Por outro lado, no Local 4, ocorre uma forma desconhecida nos Locais 1 e 2 - - a forma 7 (quadro geral - sectores a norte do estradão). Esta forma, *acampanulada*, deve, sem dúvida, assimilar-se ao grupo de *vasos campaniformes* (forma 10 - quadro geral relativo à segunda ocupação do esporão), embora apresente duas particularidades: trata-se dum recipiente de colo alto, quase recto, com esboço de carena muito ténue (perfil sinuoso) e fundo aplanado; apresenta uma decoração impressa "penteada" (organização IV). Assim se confirma, de forma clara, a associação da impressão "penteada" (integrada na organização IV) ao vaso campaniforme, e, por outro lado, a assimilação que este tipo morfológico e funcional sofreu por parte das tradições decorativas locais.

Pelo tipo de decorações, organizações decorativas e devido à existência da forma 7, os vasos cerâmicos do Local 4 aproximam-se, na verdade, dos da segunda ocupação do esporão, que integra cerâmica campaniforme. Como pelas mesmas razões, os Locais 1 e 2, em conjunto, se podem paralelizar com a ocupação mais antiga do esporão. Mas se apreciarmos as restantes características dos recipientes cerâmicos de todos os sectores a norte do estradão, essa nítida separação atenua-se: assim, as pastas dos vasos incluem desengordurantes finos numa percentagem apreciável, como se verificou na ocupação mais antiga do esporão; contudo, as superfícies, como as respectivas cores dos vasos, apresentam-se percentualmente mais próximas das dos recipientes da segunda ocupação a sul do estradão. A proporção relativa dos diversos tipos morfológicos comuns aos diversos locais coloca em primeiro lugar a forma 3, seguida das formas 2, 4, 5 e 6, o que corresponde ao modelo verificado na base da segunda ocupação do esporão.

A norte do estradão a capacidade dos vasos oscila entre 0,1 ℓ e 10 ℓ (?), sendo as formas ovóides (f. 5) as que integram os recipientes de maior litragem. Esta situação pode classificar-se de intermédia entre a verificada na primeira e a que ocorre na segunda ocupação do esporão, sendo talvez de acentuar que, em média, os vasos apresentam capacidades entre 1 ℓ a 2 ℓ, inferiores às da segunda ocupação mencionada.

Finalmente, se considerarmos as percentagens das diversas categorias tipológicas de todos os locais, encontramos um maior paralelismo entre as dos sectores a norte do estradão (tomadas globalmente) e as da base da segunda ocupação.

Novamente se nos afigura que é prematuro correlacionar de forma imediata os sectores 1, 2, 3 e 4. Se existem fortes indícios que aproximam cronologicamente, através da análise comparada dos materiais, a segunda ocupação do esporão (Local 3) com a única ocupação do Local 4, já o mesmo não acontece relativamente aos Locais 1 e 2. A diferença fundamental entre os recipientes cerâmicos reside nos tipos morfológicos, decorações e organizações decorativas. E todos estes aspectos, associados, são suficientemente importantes para poder servir de critério separador, se nos basearmos na evolução tipológica e estratigráfica do Local 3. Contudo, muitas outras causas podem explicar esta diferença tipológica (por exemplo, a existência de áreas funcionais) e só o alargamento futuro de todos os sectores intervencionados poderá fornecer um conjunto de dados suficientemente amplo e diversificado, que permita a construção dum modelo coerente e simultaneamente fino para integrar variações temporais curtas e/ou espaciais.

3.3.3.5 Linhas de força sobre a evolução do espaço habitado e estruturas materiais do povoado da Pastoria

Com base nos dados anteriormente expostos e tendo em vista as limitações impostas por uma análise espacial descontínua, devemos colocar prudentemente as seguintes hipóteses sobre a evolução da organização do espaço nos sectores intervencionados: - parece-nos evidente que existe uma *diferença funcional nítida entre o Local 3* (área do esporão), em qualquer das suas ocupações, *e os Locais 1 e 2*. O primeiro integra vestígios de solos de habitação, estruturas domésticas e abundantes materiais directamente relacionados com actividades de produção, consumo e armazenamento. O segundo mostra apenas uma camada arqueológica pouco espessa, sem vestígios intensos de actividades domésticas, incluíndo apenas certas concentrações de pequenas pedras que poderiam corresponder eventualmente a muretes arruinados. Recorde-se também que os Locais 1 e 2 abrangem, num declive da encosta, uma área menos abrigada do que o Local 3. Naqueles sectores, existe uma grande abundância de artefactos de pedra polida (quase inexistentes no L.3), o que poderia constituir mais um indício da diferente funcionalidade daquela área, provavelmente já na periferia do núcleo da área habitada. Ao contrário, o *Local 4* corresponde a uma zona habitacional. Ele encontra-se implantado numa pequena plataforma natural, entre penedos, e é visível a delimitação artificial desse espaço através do preenchimento, com pequenas pedras, dos interstícios entre rochedos, e, mesmo, da erecção dum grande bloco granítico afeiçoado, para servir de protecção à provável estrutura habitacional ali existente. Além disso, foram detectadas estruturas de combustão e os próprios artefactos associados cabem dentro do padrão de utensílios de uso doméstico. Apenas se afasta do quadro descrito a descoberta dum pequeno punhal em cobre arsenical. Assim, teríamos áreas habitacionais nos Locais 3 e 4 e áreas periféricas, cuja específica funcionalidade desconhecemos, nos Locais 1 e 2. É provável que as *diversas actividades praticadas nestes dois grupos de sectores* tenha condicionado a morfologia e a estilística dos materiais

neles insertos, dificultando a interpretação da evolução cronológica dos mesmos, apenas com base na analogia formal dos artefactos e no critério de ausência/presença de determinados elementos.

Assim, coloca-se a seguinte questão: quando o esporão (L.3) foi ocupado pela primeira vez, os Locais 1 e 2, a norte do estradão, também o foram? Como já observámos atrás, os materiais cerâmicos destas áreas aproximam-se de forma muito estreita. *Se aceitássemos esta hipótese*, teríamos de admitir que todas as restantes diferenças registadas (ausência/presença de vestígios domésticos e artefactos de pedra polida) poderiam ser justificadas pela *diferente funcionalidade das áreas*, adentro do quadro da ocupação dum povoado desta época.

Já analisámos as correlações possíveis entre o L.4, a norte do estradão, e a segunda ocupação do L.3, no esporão. Assim, existem indícios de que a *área habitada se desenvolveu para norte do actual estradão, ocupando também uma área marginal, não aproveitada anteriormente*. Coloca-se, no entanto, uma segunda questão: os Locais 1 e 2 continuaram durante esta fase a ser utilizados como áreas periféricas das áreas habitadas? Se continuaram, a diferença observada, particularmente nos materiais cerâmicos, poderia dever-se exclusivamente à ausência, naquela área periférica, de novos estilos? A ausência de estratigrafia que documente estes dois momentos naqueles dois sectores pode resultar simplesmente da continuidade duma ocupação menos intensa, não habitacional, que não deixou marcas da sua diversa utilização ao longo do tempo. A outra hipótese, já sugerida anteriormente, seria a de um progressivo abandono dessa área periférica durante a segunda ocupação do esporão e do L.4.

Seria da máxima importância explorar futuramente a área que envolve a base do esporão, para Sul e Sudeste, área que abrange actualmente terreno não cultivado e também, parcialmente, uma vinha. Nesta, à superfície, foram encontrados diversos fragmentos cerâmicos (entre os quais se salienta um fragmento de um recipiente campaniforme), pelo que o povoado se pode desenvolver naquela direcção.

3.3.4 *OS ARTEFACTOS DA PASTORIA NO CONTEXTO PENINSULAR: PARALELOS GERAIS* (1)

Os artefactos da Pastoria são facilmente paralelizáveis, individual e globalmente, com conjuntos de materiais integrados em contextos calcolíticos peninsulares. Tendo sempre presente o carácter formal das analogias que procuraremos realizar, começamos por individualizar, adentro dos objectos líticos, as *pontas de seta*.

— Apesar da área escavada ter sido considerável, o que permitiu exumar uma significativa quantidade de fragmentos de recipientes cerâmicos, apenas foram registadas 24 pontas de seta, incluíndo todos os sectores intervencionados (Figs. 20, 23).

Três dos vinte e quatro exemplares inserem-se no "*grupo de pontas de seta de base triangular ou convexa*", enunciado por G. e V. Leisner (2) e posteriormente sintetizado por V. Leisner, Zbyszewski e Veiga Ferreira no grupo das "*formas de base triangular, arredondada ou pedunculada*" (3). As formas de base pedunculada mostravam apenas um es-

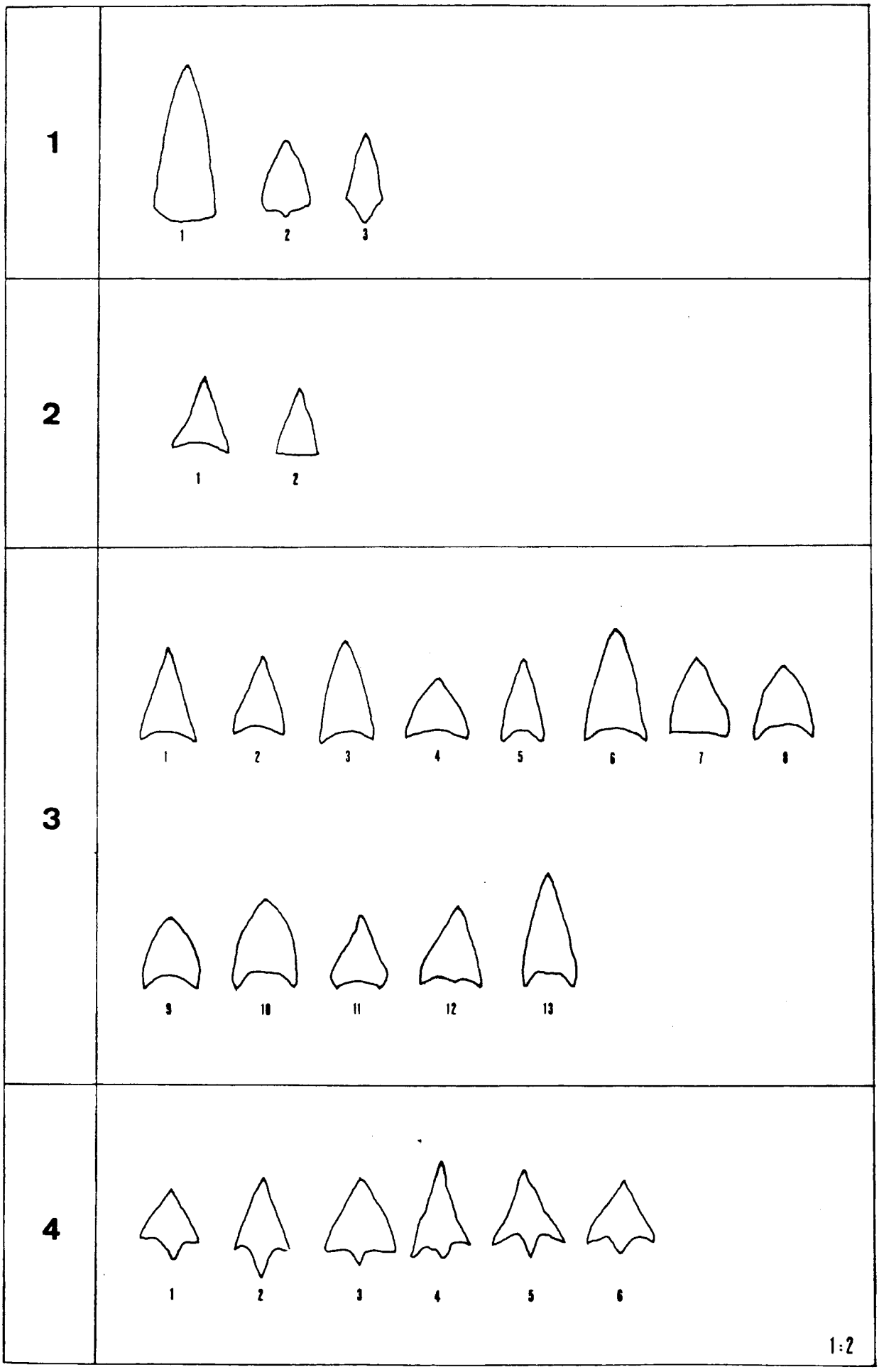


Fig. 23

boço de pedúnculo, diferenciando-se do grupo autónomo das de base pedunculada com pedúnculo bem desenvolvido.

As três pontas de seta da Pastoria, têm respectivamente base convexa, pedunculada (esboço de pedúnculo) e triangular (com esboço de aletas). As duas primeiras provêm do nível mais antigo do L.3 e a terceira do nível mais recente do mesmo sector. As de base convexa e pedunculada são de xisto e apresentam retoque marginal, a de base triangular é de sílex e mostra retoque profundo. Destaque-se a maior dimensão do exemplar de base convexa.

Dois exemplares inserem-se no "*grupo de pontas de seta de base recta ou côncava, de lados direitos ou côncavos*" (4). Ambos provêm do nível mais recente do L.3; os dois têm retoque profundo, tendo sido utilizados respectivamente o sílex e a corneana.

Treze exemplares incluem-se no "*grupo de pontas de seta de base recta, côncava (ou bicôncava), de lados convexos*" (5). Oito exemplares provêm dos sectores a norte do estradão, três do nível mais antigo do L.3 e dois do nível mais recente do mesmo local. Foram utilizadas como matérias-primas o xisto, a corneana e o sílex. As pontas de seta de sílex ou corneana apresentam retoque profundo, as restantes, de xisto, retoque marginal.

Entre os exemplares deste grupo, sobressaiem formas "evolucionadas", de base côncava (ou bicôncava) muito pronunciada (em xisto, corneana ou sílex), uma forma "mitriforme" (em sílex, de aletas encurvadas) e uma outra ponta de seta alongada de base bicôncava com aletas espessas, direitas e desenvolvidas, também em sílex. Os exemplares "evolucionados" provêm, ou dos sectores a norte do estradão, ou da ocupação mais recente do L.3.

Finalmente, seis exemplares integram-se no "*grupo de pontas de seta de base pedunculada (pedúnculo bem marcado, e aletas oblíquas desenvolvidas)*" também definido pelos Leisner (6). Um exemplar provém da ocupação mais antiga do L.3. Os restantes são da ocupação mais recente desse sector ou dos vários sectores a norte do estradão. Quatro peças são em xisto, uma em corneana e outra em sílex. As duas últimas apresentam retoque profundo e as restantes retoque marginal. Saliente-se a presença, na ocupação mais recente do L.3, duma ponta de seta com pedúnculo largo, bem desenvolvido, que, formalmente, aponta para uma forma "evolucionada", adentro não só da tipologia dos Leisner, como da de outros autores mais recentes.

No conjunto, *predominam as pontas de seta de base côncava (ou bicôncava) de lados convexos, e as pontas de seta de base pedunculada*. Como já referimos a propósito das estações da Vinha da Soutilha e S. Lourenço, o primeiro destes dois grupos ocorre em contextos calcolíticos tardios do Sudeste e Sudoeste, sendo de assinalar nesta segunda região a presença de formas evolucionadas (com aletas encurvadas e/ou silhueta "mitriforme") em níveis imediatamente pré-campaniformes e campaniformes da Rotura (7), no Zambujal (8), Vila Nova de S. Pedro (9), Pico Agudo ou Pedrão (10). Adentro deste grupo, destaque-se a presença duma forma particular de base bicôncava pouco acentuada, aletas direitas espessas e desenvolvidas. Esta ponta de seta apareceu num contexto estratigráfico articulá-

vel com o único nível fértil detectado no L.4 (a norte do estradão), juntamente com um pequeno punhal triangular de cobre arsenical. A sua especificidade, que lhe advêm da dimensão global e do tipo de silhueta, com aletas direitas e mais espessas do que as dos outros exemplares da estação, determina uma chamada de atenção. Já a propósito dum grupo de exemplares encontrados fora de contexto em S. Lourenço nos referimos aos paralelos possíveis entre este tipo de artefacto e similares encontrados num grande dólmen de corredor de Lácara (Badajoz) (11). Nesse monumento era admitida uma eventual articulação entre estas pontas de seta e pontas de lança de tipo Palmela em cobre arsenical também encontradas no mesmo sepulcro. Embora de menor dimensão, este mesmo tipo de pontas aparece, por exemplo, em sepulcros da necrópole de Los Millares (sepult. 63) (12).

Quanto às pontas de seta de base pedunculada, elas são características de contextos sepulcrais e habitacionais do Sudeste (13). Em outras áreas peninsulares, como na Meseta (14) ou no vale do Ebro (15), elas articulam-se preferencialmente com o fenómeno campaniforme.

É particularmente assinalável a associação da cerâmica campaniforme com a ponta de seta curta de pedúnculo largo, desenvolvido: por exemplo, na Meseta, no nível superior do dólmen de San Martin (Laguardia) (16), ou no Ebro médio, na fossa de inumação colectiva de La Atalayuela (Logroño) (17). Na Pastoria, ocorre um exemplar, na ocupação com cerâmica campaniforme do L.3, que possui um pedúnculo largo bem desenvolvido.

Os outros dois grupos de pontas de seta (base convexa/triangular / pedúnculo pouco destacado e base recta ou côncava de lados rectos ou côncavos) são considerados pelos Leisner não só de cronologia global mais antiga, como de maior expansão geográfica (18). Estão escassamente representados na estação da Pastoria e provêm do L.3, quer do nível mais antigo, quer do mais recente (o qual integra cerâmica campaniforme).

— Na Pastoria foram registadas *catorze lascas residuais* (em quartzo, xisto, sílex e quartzito), *três lascas retocadas* lateralmente (em sílex e xisto) e *seis lâminas retocadas* lateralmente (em sílex).

Relativamente às *lascas e lâminas retocadas*, dividimo-las em quatro grupos. O primeiro está representado por *lâminas ou lascas retocadas marginalmente com retoques simples ou escamosos, directos ou bifaciais*. Este grupo admite, por um lado, pequenas lâminas de sílex com retoque marginal e, por outro, grandes lascas de xisto, também com retoque marginal escamoso, bifacial. Foram registados três exemplares: dois da ocupação mais recente do L.3 e um outro de um sector a norte do estradão.

Este grupo de artefactos, que aglutina formas muito simples, é bem conhecido de múltiplos contextos calcolíticos peninsulares. Corresponde, "grosso modo", ao tipo IIIa definido por López Plaza para artefactos similares dos povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte (19). O segundo grupo está representado por *lâminas planas prismáticas, em sílex, retocadas bilateralmente, com retoques oblíquos sub-paralelos, marginais, ou invasores*. G e V. Leisner (20) caracterizaram este tipo de artefacto como específico de contextos calcolíticos do Sudeste e da Estremadura portuguesa, embora ele também ocorra em monumentos megalíticos do Alentejo e das Beiras. Este grupo é praticamente desconhecido

nos contextos calcolíticos do SO da Meseta Norte (21). No povoado da Pastoria, um exemplar provém de um sector a norte do estradão e outros dois da ocupação mais recente do L.3. Um dos artefactos é constituído por uma pequena lâmina completa, com a extremidade distal retocada em forma convexa.

Um terceiro grupo é constituído por um único exemplar: *uma pequena lâmina plana de sílex, não retocada*, proveniente do nível de ocupação mais antigo do L.3. G. e V. Leisner atribuem as "facas pequenas e finas" ao "eneolítico" da região de Reguengos (22).

Finalmente, um quarto grupo está representado por *lascas retocadas ou nos bordos laterais descontínuos ou na extremidade distal*, podendo integrar-se, "grosso modo", na categoria de "raspadores". Os dois exemplares identificados provêm de áreas existentes a norte do estradão.

Destaque-se a ausência de grandes lâminas ovóides ou rectangulares de retoque plano, profundo e bifacial, características do Calcolítico da Estremadura portuguesa (23), como também do SO da Meseta Norte (24).

— Além das lascas e lâminas retocadas, ocorrem em abundância *raspadeiras* em quartzo, entre as quais sobressaiem as *carenadas frontais curtas ou carenadas espessas*. Doze exemplares provêm dos sectores a norte do estradão, dois da ocupação mais antiga do L.3 e doze da ocupação mais recente do mesmo sector. É de registar ainda a presença de dois furadores sobre cristal de quartzo, provenientes respectivamente de um sector a norte do estradão e da ocupação mais recente do L.3.

Como já referimos, a propósito dos materiais em pedra lascada da Vinha da Soutilha, estes tipos de artefactos são comuns em contextos habitacionais calcolíticos da Estremadura. Contudo, a falta da publicação da totalidade dos materiais destas estações, impede-nos que utilizemos os poucos dados conhecidos num quadro comparativo global.

— Na Pastoria foram registadas *oito contas de colar*, as quais agrupámos por tipos de formas, seguindo, com algumas modificações, a orientação geral proposta por V. Leisner, Zbyszewski e Veiga Ferreira (25): - contas de forma cilíndrica e lados convexos, com perfuração cilíndrica, de que ocorrem três exemplares (dois dos quais alongados), em talco e argila (3 ex.); - conta de forma cilíndrica e lados rectilíneos com perfuração cilíndrica, em talco (1 ex.); - conta de forma cilíndrica achatada, e lados rectilíneos, com perfuração sub-cilíndrica, em talco (1 ex.); - conta discoidal achatada, com perfuração bitronco-cónica, em ardósia (1 ex.); - contas de forma esférica achatada, com perfuração, respectivamente tronco-cónica e bitronco-cónica, em variscite (2 ex.) (Fig. 24).

Assim, foram utilizadas como matérias-primas a *variscite e o talco, a ardósia e a argila*.

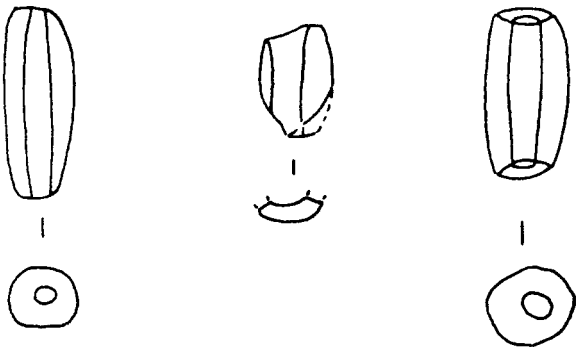
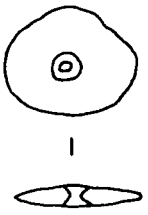
A ocupação mais antiga do L.3 inclui metade dos exemplares registados em todos os sectores intervencionados: quatro contas em *talco, argila e ardósia*. Por outro lado, uma matéria-prima rara na região, como é *a variscite*, ocorre exclusivamente, a norte do estradão, em dois exemplares; em um dos sectores, uma das contas provém de um ní-

vel de ocupação no qual se encontraram uma forma cerâmica campaniforme e um punhal em cobre arsenical (26).

Sobre a ocorrência de contas de colar em *variscite* na Península, já, em síntese, abordámos alguns dos aspectos que essa problemática envolve, quando nos referimos às contas de variscite do povoado da Vinha da Soutilha. Elas são conhecidas em múltiplas áreas periféricas peninsulares, particularmente em contextos sepulcrais, desde o Neolítico final até ao Calcolítico campaniforme (27). No Sudoeste, nomeadamente na Estremadura, como em Cova da Moura (28), ou na "tholos" da Praia das Maçãs (29), aparecem em quantidade e segundo uma apreciável diversidade de formas (esféricas achatadas, cilíndricas, discoidais). Relembremos igualmente a sua presença num nível datado pelo C14 do dólmen do Carapito I (Aguiar da Beira) (2900 ± 40 a.C.) (30). Contas cilíndricas e esféricas acompanhavam nesse monumento um espólio "arcaizante" com micrólitos geométricos. Na Meseta confirmou-se não só a sua ocorrência em contextos habitacionais calcolíticos e sepulcrais de tipo megalítico (31), como se descobriu uma jazida pré-histórica de variscite na província de Zamora, que teria fornecido matéria-prima para a feitura de tais objectos no interior de alguns povoados (32). No Norte de Portugal, embora raras, as contas de variscite (de forma sub-cilíndrica) ocorrem em monumentos megalíticos (33) e começam agora a ser detectadas pela primeira vez em povoados, como os de Vinha da Soutilha e Pastoria. Embora a variscite ocorra, em Portugal, na freguesia de Ervedosa, concelho de Vinhais (34), não se encontra provado que tal jazida tenha sido utilizada em épocas pré-históricas. *O talco* (tal como a moscovite e a clorite) são minerais comuns na Península Ibérica e foram, sem dúvida, utilizados na feitura de objectos de adorno, particularmente contas de colar. Até à data, apenas foram analisados por métodos radiográficos, de difracção de raios X, dois exemplares de talco provenientes de estações da Estremadura portuguesa (35). Torna-se, assim, muito difícil, se não impossível, ter uma ideia de conjunto sobre a utilização desta matéria-prima no contexto dos objectos de adorno calcolíticos.

Relativamente às diferentes formas de contas de colar, elas ocorrem normalmente em contextos sepulcrais nos quais não é possível discernir níveis distintos de enterramentos. Assim, contas esféricas, esféricas achatadas ou cilíndricas ocorrem associadas, por exemplo, na Estremadura, em Alapraia 2 (36), Palmela 3 (37), ou no dólmen do Monte Abraão (38). Contas cilíndricas, de lados convexos, são bem conhecidas em estações sepulcrais como Cova da Moura (39), Samarra (40) ou Agualva (41).

Para além dum genérico reconhecimento de que certos contextos sepulcrais megalíticos meridionais integram preferencialmente contas de forma discoidal, como, por exemplo, o demonstra o nível inferior de enterramento de Pedra Branca (42), ou o espólio da câmara ocidental da Praia das Maçãs (43), e de que contextos habitacionais e sepulcrais do âmbito de "Vila Nova de S. Pedro" incluem significativamente formas esféricas, cilíndricas bicónicas, ou discoidais (44), não é possível articular cronologica e culturalmente de forma mais precisa este tipo de objectos no contexto das comunidades calcolíticas do SO peninsular. Cremos que se verifica, aliás, uma grande variedade de formas a nível regional, como é demonstrável não só pela diversidade tipológica observada na Pastoria, como, em conjunto, no Norte de Portugal e SO da Meseta Norte. Nesta última região, são raras as formas cilíndricas alongadas, de lados convexos (45), que revelam afinidades com

1	
2	
3	
4	
5	

1:1

as da Estremadura portuguesa.

— Na estação da Pastoria foram analisados *quinze machados polidos* de anfibolito (onze provenientes dos sectores a norte do estradão e quatro do esporão) e *quatro enxós* de anfibolito - 2 dos sectores a norte do estradão e 2 do L.3. Estes artefactos, de contorno predominantemente sub-trapezoidal, apresentavam *secções sub-rectangulares, sub-quadrangulares ou sub-elípticas achatadas*. Integravam, quer polimento integral, quer polimento junto ao gume.

Sub-dividimos estes artefactos, em função da dimensão e índice de alongamento, contorno e secção, nos seguintes grupos: - machado mediano, de contorno sub-trapezoidal, de secção sub-rectangular; - machado curto, de contorno sub-trapezoidal, de secção sub-rectangular alongada; - machado mediano, de contorno sub-trapezoidal e secção sub-quadrangular espessa; - machado (fragmentado) de contorno sub-trapezoidal e secção sub-elíptica alongada; - machado alongado, de contorno sub-rectangular e secção sub-quadrangular espessa; - machado mediano, de contorno sub-rectangular, e secção sub-quadrangular; - machado mediano, de contorno sub-trapezoidal e secção sub-rectangular espessa; - machado mediano, de contorno sub-trapezoidal e secção sub-quadrangular.

As *enxós*, de contorno sub-trapezoidal, apresentavam secções entre o sub-rectangular e o sub-elíptico.

Foram ainda identificados nos sectores a norte do estradão dois *artefactos duplos* (machado/escopro e enxó/percutor), de anfibolito, respectivamente, de contorno sub-elíptico e contorno sub-rectangular, ambos de secção sub-rectangular.

À excepção dos machados polidos de secção cilíndrica, o povoado da Pastoria apresenta um leque tipológico, relativo ao contorno e secção dos objectos de pedra polida, bastante apreciável. Integra praticamente todos os tipos caracterizados por V. Leisner, Zbyszewski e Veiga Ferreira para artefactos similares das grutas artificias de Palmela (46).

Como já referimos a propósito deste tipo de artefactos nas estações da Vinha da Soutilha e de S. Lourenço, a sua cronologia geral, em contextos maridionais do Sudeste e Sudoeste, aponta para o período "calcolítico", embora, em outras regiões do Norte da Península, como o Noroeste, tenhamos que apreciar a sua ocorrência não só em termos cronológicos, mas, provavelmente, como resultado dum padrão morfológico regional, que pode remontar aos inícios do megalitismo nesta área (47). Contudo, está provada também a sua sobrevivência em contextos megalíticos, provavelmente tardios (como, por exemplo, no túmulo 229 de As Pontes de Garcia Rodríguez (Corunha) (48)), que Vazquez Varela integra no "Horizonte de Rechaba" (49).

Neste aspecto, como em outros já focados, não nos parece que devamos insistir demasiado nos paralelismos formais entre artefactos de tão simples concepção, antes de podermos avaliar o contexto cronológico e cultural dos nossos testemunhos.

— Acompanham os artefactos de pedra polida, elementos fixos e móveis de *moinhos manuais* em granito. Os elementos fixos, por vezes de grandes dimensões, podem apre

sentar a base convexa e a superfície utilizada plana ou levemente côncava. Os elementos móveis integram contornos sub-rectangulares alongados, sub-elípticos alongados e sub-circulares. As secções são plano-convexas. Estes artefactos, em toda a sua variedade, ocorrem ou nos sectores a norte do estradão ou na ocupação mais recente do Esporão (L.3). Relembramos aquelas considerações gerais que oportunamente fizemos a propósito de artefactos similares das estações da Vinha da Soutilha e S. Lourenço.

— Entre os artefactos interpretados como *pesos de tear*, dois fabricados em rocha xistenta e um em cerâmica, há que individualizar este último, pois a sua morfologia encontra semelhanças significativas com artefactos semelhantes de contextos calcolíticos habitacionais do Sul da Península. Trata-se de um objecto de contorno sub-rectangular, de ângulos arredondados, com as duas faces planas, o qual apresenta uma secção sub-rectangular; em cada canto ocorre uma perfuração sub-cilíndrica. O objecto é feito de argila, de cor avermelhada, a qual integra desengordurantes de calibre médio e fino. As superfícies são alisadas e não incluem qualquer decoração. Este provável peso de tear foi registado no nível mais recente do L.3, o qual integra, como já analisámos, cerâmica campaniforme.

Tal tipo de artefacto, de forma rectangular com quatro perfurações, duas em cada extremidade, encontra, na verdade, grandes semelhanças formais com os designados "pesos de tear" (50) de contextos habitacionais calcolíticos da Estremadura. Nesta região, predominam as *formas quadrangulares* (com quatro ou duas perfurações, duas ou uma em cada extremidade. Mas também são significativas as *formas rectangulares*, com os ângulos arredondados, com quatro perfurações, paralelizáveis com o artefacto da Pastoria. Menos frequentes são as "placas" sub-elípticas ("oblongas") com quatro perfurações, duas em cada extremidade, que ocorrem, por exemlo, em Outeiro da Assenta (51). A. Paço, V. Leisner e H. Schubart (52) sistematizaram os locais onde deste objectos aparecem como maior frequência: salientem-se os povoados de Vila Nova de S. Pedro, Rotura, Chibanes, Zambujal, Outeiro de S. Mamede, Pragança, Olelas, Liceia, Penedo e Fórnea (53).

É rara a existência destes objectos em contextos sepulcrais (54).

Nesta região abundam as "placas" decoradas segundo uma grande variedade de motivos, entre os quais se destaca a representação do "círculo raiado" ou do esboço da "tatuagem facial", pela aproximação que tal revela com as decorações de tipo "simbólico" associadas também a outros documentos da cultura material meridional (cerâmica, ídolos de pedra ou osso, placas de xisto).

No Alentejo as placas de argila rectangulares com quatro perfurações também estão presentes, mas em menor quantidade, como, por exemplo, nos povoados de Pavia e Famão (55).

Nesta área partilham a sua presença com objectos rectangulares alongados, de ângulos arredondados, com duas perfurações, uma em cada extremidade e também com "crescentes" com duas perfurações, também uma em cada extremidade (56).

Tais objectos rareiam em contextos tumulares. São excepções a Anta Grande dos Antões e a Anta Grande da Comenda da Igreja (57). Destaque-se a presença na primei-

ra de uma "placa" de contorno sub-elíptico com quatro perfurações. Em todos estes contextos os artefactos não são predominantemente decorados.

K. Spindler (58) chama a atenção para a bipolaridade oferecida pelas regiões da Estremadura e do Alentejo relativamente a estes objectos. Na primeira, predominam os decorados. Na segunda, estes estão ausentes, com excepção para Castelo de Vidais. Na Estremadura predominam as placas quadrangulares e rectangulares com quatro perfurações. No Alentejo são quantitativamente mais significativos os objectos rectangulares alongados, com apenas duas perfurações, uma em cada canto. Os "crescentes" também dominam no Alentejo, ocorrendo na Estremadura, excepcionalmente, no povoado da Rotura.

A estratigrafia da Rotura (59) fornece a Spindler o argumento de que estes artefactos de forma rectangular com quatro perfurações se devem inserir, na Estremadura, já numa fase calcolítica tardia, acompanhando a presença de elementos campaniformes (60).

Contudo, por um lado, dada a ausência de materiais estratigrafados, e, por outro, dado que a cerâmica campaniforme pode não estar presente em alguns contextos habitacionais seus contemporâneos, parece-nos que ainda é prematuro tentar generalizar tal hipótese cronológica para toda a região do estuário do Tejo. Aliás, um importante dado estratigráfico, muitas vezes ignorado, resultante das observações de Savory em Vila Nova de S. Pedro (61) contradiz tal argumentação: os pesos de tear em cerâmica ocorrem, naquela estação, desde o primeiro nível de ocupação (P.I), em estreita articulação com os "copos", num contexto indiscutivelmente pré-campaniforme.

Outras áreas peninsulares integram também peças similares em cerâmica. No *Sudeste*, foram recentemente revelados, além de crescentes de barro com duas perfurações, uma que cada extremidade, nos povoados de El Malagón (62) ou Los Millares (63), "placas" rectangulares (incompletas) com três perfurações em uma das extremidades em Los Millares (64). Contudo, nesta região, predominam as placas sub-elípticas ou ovaladas com quatro perfurações, sem decoração, cuja morfologia, como já haviam acentuado Leisner e Schubart (65), se diferencia das anteriormente referidas para o Sudoeste peninsular. Além disso, a sua cronologia é, nesta área, marcadamente tardia, desenvolvendo-se particularmente a partir da ocorrência do fenómeno campaniforme e durante o Bronze argárico, como o demonstram as estratigrafias de Cerro de La Virgen (66) e Los Castillejos de Montefrío (67).

No *SO da Meseta Norte*, as "placas" rectangulares com quatro perfurações são muito raras no contexto dos povoados calcolíticos desta região. Ocorrem nos povoados de La Mariselva ou Las Pozas (68). Nesta área predominam as peças rectangulares ou sub-rectangulares alongadas com duas perfurações, uma em cada extremidade, cuja morfologia as aproxima de similares existentes no Alto Alentejo.

- *Os vasos cerâmicos*

No povoado da Pastoria devemos distinguir *dois grandes grupos de formas*

cerâmicas: as formas simples (constituídas por esféricos, semi-esféricos, calotes e ovóides, de fundo convexo ou plano-convexo) que dominam na ocupação mais antiga detectada no L.3 na dos Locais 1 e 2 (a norte do esporão) e predominam (associadas a formas novas) na ocupação mais recente do L.3; *e formas "evolucionadas"* (constituídas por tronco-cónicos com cordões, formas acampanuladas ou carenadas, de fundo plano) que apenas ocorrem, minoritariamente, na ocupação mais recente observada no esporção (L.3) e, a norte do estradão, no L.4.

Globalmente, podemos afirmar que predominam, em qualquer nível de ocupação, *os vasos decorados*. No total de 283 formas analisadas, 19,6% eram lisas e 80,4% eram decoradas. Do nível mais antigo para o mais recente do L.3 verifica-se, no entanto, um ligeiro aumento dos vasos lisos: de 10% para cerca de 20%, sobre a amostragem global dos recipientes de cada ocupação neste sector.

Os vasos desta estação apresentam pastas predominantemente compactas e superfícies alisadas. As superfícies polidas externamente são mais raras e confinam-se, particularmente no segundo nível de ocupação do L.3, a algumas formas tipologicamente "evolucionadas".

Tal como já fizemos na apreciação dos paralelos peninsulares para as *formas cerâmicas* das estações da Vinha da Soutlha e S. Lourenço, utilizaremos como referência as tabelas morfológicas de G. e V. Leisner para os contextos calcolíticos do Sudeste e Sudoeste (69), de V. Hurtado para o povoado calcolítico de La Pijotilha (Badajoz) (70), de C.T. Silva e J. Soares para os povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve (71), de Sangmeister e Schubart para o castro do Zambujal (72), de C.T. Silva para o povoado da Rotura (73), e de López Plaza para os povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte (74). Procurando alargar o quadro comparativo, no sentido de integrar as formas "evolucionadas", utilizámos também os dados relativos à morfologia dos recipientes dos povoados de Cerro de la Virgen (75), Castillejos de Montefrío (76), Fuente Álamo (77) e Cuesta del Negro (78) no *Sudeste*, de Cueva de la Vaquera (79) e Cueva de Arevalillo de Cega (80) na *Meseta Oriental* e da Cueva del Aire de Patones (81), La Loma de Chiclana (82), ou El Ventorro (83), entre muitas outras, da *região central da Meseta, em torno do vale do Manzanares*.

Adentro das formas "evolucionadas", caracterizaremos as formas campaniformes (associadas à respectiva decoração) separadamente, após a análise global dos recipientes cerâmicos da estação.

A formulação dos tipos morfológicos básicos da estação da Pastoria obedece aos mesmos critérios que presidiram à construção das formas essenciais das estações da Vinha da Soutilha e S. Lourenço. Assim, as formas 1, 2, 3 (em qualquer dos sectores e níveis de ocupação), são *formas esféricas*, com a abertura progressivamente mais larga. A forma 4 (também em qualquer dos sectores) é uma *calote de esfera* (de lados rectilíneos ou convexos). A forma 5 integra, em todas as áreas intervencionadas, recipientes de *corpo ovóide*, de colo bem marcado, normalmente de grande dimensão. A forma 6 (corpo sub-cilíndrico e lados quase rectilíneos) integra um *recipiente esférico-achatado*, de grande abertura. Também é comum aos diversos sectores escavados.

A forma 7 do quadro morfológico, respeitante aos vasos de ocupação mais antiga do L.3, deve corresponder a um *recipiente carenado*, de que apenas conhecemos dois exemplares de pequenas dimensões.

A forma 7 do quadro morfológico dos sectores a norte do estradão corresponde a uma *forma acampanulada* que trataremos juntamente com as formas campaniformes. A forma 7 do quadro morfológico da ocupação mais recente do L.3 trata de *recipientes tronco-cónicos, de médias e grandes dimensões, decorados com um cordão simples sob o bordo*. A forma 8 do mesmo quadro refere-se a uma *calote de esfera alta de bordo reentrante*. A forma 9 equivale a um *vaso carenado (carena média pouco acentuada)*, com colo bem marcado, e asa lateral arrancando da carena. A forma 10 integra as formas *campaniformes*. A forma 11 corresponde a um recipiente *tronco-cónico*, de mediana dimensão, que ostenta sob o bordo um *cordão decorado com impressões digitais; o bordo é decorado com incisões oblíquas*. A forma 12 aponta para um *pequeno recipiente tronco-cónico* de que apenas conhecemos o *fundo plano, de contorno elíptico*; as paredes do vaso são rectilíneas, reentrantes, junto à base.

Na Pastoria, em qualquer dos sectores e níveis de ocupação predominam globalmente as *formas esféricas*. Apenas no nível mais recente do L.3 estas formas têm de partilhar a sua posição com o conjunto de outras formas novas, particularmente com a forma 7 (tronco-cónico decorado com cordão liso sob o bordo). Nos níveis a norte do estradão, como nos do esporão (L.3), predomina globalmente a forma 3A. Aliás, verifica-se, entre a ocupação mais antiga e a mais recente do L.3, uma diminuição da importância dos vasos esféricos com estrangulamento no colo (variante B). Estes têm um lugar importante durante o nível antigo do L.3, mas passam para uma posição estatisticamente secundária na fase final da ocupação deste local.

Como já longamente expusemos a propósito dos recipientes da Vinha da Soutilha e S. Lourenço, as *formas esféricas* ou *em calote de esfera* são comuns a diversos contextos calcolíticos peninsulares, desde o Sudeste e Sudoeste até à Meseta. Contudo, no *Sudeste e Sudoeste* (Alentejo e Algarve) essas formas coexistem com outras, como pratos e taças baixas carenadas, que constituem elementos distintivos formais da cerâmica de uso doméstico ou funerário dessa parte da Península. Adentro destes contextos meridionais, diversos autores referiram o carácter provavelmente tardio (imediatamente pré-campaniforme e campaniforme), quer dos vasos esféricos com estrangulamento no colo (formas 2B, 3B), quer das taças em calote (forma 4), particularmente taças de muito pequenas dimensões (84). As taças altas de bordo reentrante (forma 8 - nível de ocupação mais recente), surgem, como já referimos atrás, nos níveis superiores da Rotura (85). Aliás, estas formas perduram substancialmente no *Sudeste* em contextos campaniformes e pós-campaniformes, como se encontra bem exemplificado na sequência estratigráfica de Cerro de la Virgen (Orce), sugerindo que, pela sua simplicidade formal, se assumem como elementos comuns, conservadores, de larga sobrevivência cronológica. A Estremadura portuguesa integra, durante o Calcolítico, as mesmas formas globais já mencionadas para o Sudeste e Sudoeste. Contudo, parecem adquirir aqui mais importância as formas semi-esféricas ou globulares, como nos indica o quadro morfológico da Rotura ou do Zambujal, embora coexistam com outras, quantitativamente menos significativas, como "copos" ou recipientes carenados baixos.

Na Meseta, os contextos calcolíticos e, como veremos, da Idade do Bronze, apresentam uma larga predominância de formas esféricas e semi-esféricas ou tronco-cónicas. São menos significativas as taças em calote e desconhecem-se os pratos e as taças carenadas baixas, tão habituais no Sul da Península. Assim, desde logo, as formas essenciais da Pastoria integram-se numa "família morfológica" presente no Norte da Península (Meseta e Noroeste) bastante homogénea e uniforme, que, em certas regiões, alcançou o Bronze Médio (Arevalillo, Segóvia) (86) sem incluir novidades formais significativas.

No SO da Meseta Norte, os esféricos são abundantes em povoados calcolíticos como Peña del Aguila e Teso del Moral (87). Os de colo bem marcado, recto ou exvasado, ocorrem em Peña del Aguila, nos níveis mais recentes, considerados por López Plaza já dum Calcolítico pleno e tardio.

A forma 6 (esférico-achatado de paredes rectilíneas) assemelha-se ao grupo 2 do SO da Meseta, que aparece no nível mais antigo de Peña del Aguila.

A forma 4 (taça em calote), embora presente (grupo 4 da tipologia de López Plaza) não é muito significativa nos contextos estudados pela autora. A forma 8 (taça alta de bordo reentrante) parece aproximar-se do grupo 5 de López Plaza, que, no entanto, surge apenas no nível mais antigo de Peña del Aguila.

Será, no entanto, importante salientar que na Meseta, quer ocidental, central, ou oriental, estas formas esféricas muito simples, não só constituem o fundo neolítico das diversas regiões, como persistem claramente em contextos que integram elementos campaniformes do Calcolítico Tardio e Bronze Inicial. É o caso do nível habitacional de La Loma de Chiclana (Madrid) (88) que associa exclusivamente campaniforme inciso a esféricos, semi-esféricos, tronco-cónicos e ovóides. Também o nível campaniforme de El Ventorro (Madrid) (89), ou os níveis intermédios com campaniforme tardio de Cueva de La Vaquera (Segóvia) (90), a par da inclusão de formas novas carenadas ou com cordões e bordos denteados, inserem maioritariamente formas esféricas, semi-esféricas ou tronco-cónicas. É claro que existem modificações visíveis ao nível dos processos de cozedura e tratamento das superfícies dos vasos, como em termos duma apreciação mais fina da própria tipologia formal. Mas essas diferenças não contradizem a continuidade e simplicidade morfológica do essencial do equipamento cerâmico da Meseta Norte ao longo de, pelo menos, dois milénios.

Finalmente, adentro das formas convencionais, há que referir a forma 5 (grande recipiente ovóide, de fundo provavelmente plano-convexo e acentuada marcação do colo), que, pela sua dimensão e morfologia, se pode relacionar com recipientes de provisões. Com algumas pequenas diferenças de pormenor, este tipo está presente em contextos muito variados, aumentando significativamente nas ocupações mais recentes de algumas estações calcolíticas já mencionadas, como Rotura (91) ou Peña del Aguila (92), ou ocorrendo ainda em povoados do Calcolítico pleno meridional como Monte Novo ou Cortadouro (93).

Também na estação da Pastoria esta forma aumenta significativamente na ocupação mais recente do esporão (L.3), a qual, lembramos, inclui cerâmica campaniforme. Na Meseta, em todos os contextos habitacionais do Bronze inicial (com ou sem campaniforme)

estão presentes os recipientes ovóides, os quais devem corresponder, nesta região, a um paulatino incremento da actividade produtiva e de armazenamento.

Na ocupação mais antiga do esporão (L.3) surgiram ainda dois pequenos fragmentos cerâmicos com *carena* (decorados) (f. 7), cuja forma não é possível reconstituir. Poderá eventualmente tratar-se de vasos de *carena muito baixa, próximo da base*.

As formas que designamos "evolucionadas" compreendem, na Pastoria *a forma acampanulada* (que trataremos autonomamente), *a forma carenada* (carena média), *a forma tronco-cónica com cordão simples sob o bordo*, a *forma tronco-cónica com cordão decorado sob o bordo (o qual também é decorado)* e a *forma tronco-cónica de fundo plano e contorno elíptico*. Todas estas formas devem integrar fundo plano-convexo. A forma acampanulada e a tronco-cónica com cordão simples sob o bordo surgem no *começo* da *segunda ocupação do esporão* (L.3). Durante o *seu desenvolvimento* e *fase final*, aparecem as restantes formas mencionadas.

Para efeitos de integração cronológica e cultural seleccionámos (além da forma acampanulada) a *forma carenada* e as *formas tronco-cónicas decoradas*, por apresentarem evidentes características comuns a diversos conjuntos cerâmicos peninsulares.

No *Sudeste*, verifica-se o aparecimento das primeiras formas com *carenas médias*, associadas a recipientes com *bordos "denteados" ou impressões digitais* na última fase pré-histórica (IV) da ocupação de *Montefrio* (94). Esta fase, correspondente ao Cobre tardio e final, integra campaniforme marítimo e de Ciempozuelos, devendo abranger os inícios do IIº milénio a.C., tal como nos é sugerido pela datação pelo C14 do estrato II (1890 ± 35 a.C.).

No povoado de *Cerro de la Virgen* (Orce), constata-se a inclusão de carenas médias em recipientes de colo bem marcado, associadas a vasos com bordos denteados, a partir do estrato II A3 e, particularmente, do estrato IIB, os quais incluem já cerâmica campaniforme de tipo Ciempozuelos (95). No estrato IIC as carenas médias são bastante numerosas. No conjunto, estes estratos correspondem a uma ocupação entre 2000 e 1800 a.C. (estrato IIa - 1970 ± 60 a.C.; estrato IIc - 1850 ± 35 a.C.).

Assim, nesta área da Península, a introdução da cerâmica campaniforme (de tipo marítimo ou Ciempozuelos) é acompanhada por inovações morfológicas ao nível da cerâmica comum, a qual, no entanto, continua a inserir, predominantemente, tipos clássicos vindos na tradição calcolítica local.

Na *Meseta Norte* podemos verificar a ocorrência destes tipos morfológicos em estações de *3 áreas: o SO da Meseta, a Meseta oriental e a região central em torno de Madrid* (particularmente o vale do Manzanares).

Na primeira das áreas, é de salientar o aparecimento de carenas baixas e médias nos povoados de *Cerro del Ahorcado* (96) ou *San Cristobal de Entreviñas* (97). Esta novidade morfológica, no seio dos contextos calcolíticos da região, é interpretada por M. Valls e Delibes de Castro (98) como um índice de modernidade dos povoados (provavelmente integráveis nos inícios do IIº milénio a.C.), enquanto que para S. López Plaza poderá apenas representar o indício duma "facies" calcolítica local, contemporânea de outras

que incluem exclusivamente formas cerâmicas esféricas ou globulares (99).

A *Oriente da Meseta*, as primeiras carenas médias, associadas a bordos denteados, estão bem representadas nos níveis intermédios de *Cueva de La Vaquera* (Segóvia) (100). Infelizmente estes níveis devem corresponder a um largo período de tempo, provavelmente desde o Bronze inicial ao Médio. A única data de C 14 (CSIC - 208 - 1330 a.C.) provém indescriminadamente de recolhas efectuadas em todos estes níveis. O único elemento individualizado identificado é dum estilo tardio de cerâmica campaniforme (tipo Vaquera) (101).

Em *Cueva de Arevalillo de Cega* (Segóvia) é, no entanto, bem evidente que o primeiro nível de habitação, que a autora situa no séc. XV, não integra ainda formas carenadas. Estas só aparecem no nível IIA (1350-1340 a.C./1300 a.C.), juntamente com recipientes grosseiros com bordos denteados e cordões decorados com impressões digitais (102). Este nível associa campaniforme tardio (tipo Silos-Vaquera) com cerâmica decorada segundo a técnica de Boquique, devendo representar, nesta região, o início do desenvolvimento da cultura material do âmbito de Cogotas I.

Em *Cueva de La Mora* (Somaén), na qual Barandiarán identificou apenas um horizonte cultural, encontra-se, no entanto, perfeitamente registada a associação do campaniforme tipo Ciempozuelos a recipientes tronco-cónicos com bordos denteados ou com cordões sobre o bordo. De momento, não nos parece oportuno comentar as altas datas de C 14 existentes para esta estação (103).

Na região em torno de Madrid, apenas temos conhecimento de carenas médias associadas a cerâmica campaniforme de tipo marítimo e de Ciempozuelos, no povoado de *El Ventorro* (104). Numa estação, provavelmente da mesma época, com cerâmica campaniforme, *La Loma de Chiclana* (105), persistem as tradicionais formas esféricas, tronco - cónicas ou ovóides. *Cueva del Aire de Patones* (106), *La Torrecilla* (107) ou *Tejar del Sastre* (108), que integram carenas médias em superfícies polidas, bordos denteados e cordões com impressões digitais, são estações consideradas já do Bronze Médio ou Médio-Tardio.

Este quadro esquemático, relativo ao Norte da Península (Meseta), não é verdadeiramente explícito. Uma grande lacuna da investigação de campo determina que não possamos avaliar a cronologia e distribuição regional do fenómeno campaniforme no seio das comunidades locais. Na verdade, é particularmente desconhecido o período que medeia entre os inícios e os meados do IIº milénio a.C., ou seja, o que se designa habitualmente por Bronze inicial, no que respeita aos diversos elementos domésticos da cultura material, na qual tem especial relevo a cerâmica. Alguns conjuntos interpretados como sendo do Bronze Médio (através de simples analogias formais isoladas) poderão futuramente ser reintegrados em época mais antiga, quando dispusermos de associações estratigráficas e datações absolutas merecedoras de confiança.

Contudo, parece-nos que, independentemente da *coexistência* de formas cerâmicas tradicionais ou inovadoras, de estações com ou sem cerâmica campaniforme, é durante a *primeira metade do IIº milénio a.C.* que, em certas áreas, é introduzida uma importante transformação tipológica nos contextos das cerâmicas comuns. E que essa transformação, a exemplo do que ocorre no Sudeste (e provavelmente em outras regiões peninsulares),

se expressa pelo aparecimento de formas carenadas médias (de carena esboçada ou bem marcada) e tronco-cónicas ou globulares com cordões simples ou decorados (de bordo por vezes também decorado), associadas às formas esféricas, tronco-cónicas e ovóides tradicionais.

Algumas estações forneceram indícios de que esta transformação formal das cerâmicas domésticas poderá estar associada, no seu início, à expansão do fenómeno campaniforme.

- Um dos *padrões decorativos* mais utilizados na Pastoria é o que integra motivos incisos geométricos separados por meio de traços incisos verticais (métopas) (organização I). Associam-se a este padrão, pela técnica decorativa e motivos criados, as organizações III, VIII, VII e VI.

A organização I integra motivos nucleares constituídos por linhas oblíquas, reticulados, linhas quebradas verticais ou horizontais, losangos ou triângulos (lisos ou preenchidos com reticulados), linhas paralelas curvilíneas. Linhas incisas horizontais delimitam em alguns exemplares o espaço decorado junto à base. Em todos os exemplares, linhas incisas horizontais separam o bordo da parte média do recipiente. Em alguns exemplares, linhas incisas horizontais separam zonas entre métopas, criando assim uma estrutura hierárquica num padrão contrastante.

As organizações III e VIII também apresentam motivos semelhantes: linhas incisas horizontais sob o bordo seguidas de linhas verticais e horizontais, em sequência horizontal. A organização VII é constituída por linhas incisas horizontais sob o bordo seguidas de uma faixa reticulada. Finalmente, a organização VI integra a sincopagem horizontal entre zonas constituídas por triângulos, losangos, reticulados, linhas quebradas ou oblíquas, etc.

No povoado da Pastoria estas organizações associam-se às formas esféricas e semi-esféricas ou em calote (1, 2, 3, 4, 6), predominando a organização I na forma 3. Estas organizações estão todas presentes nos sectores a norte do estradão e na ocupação mais antiga do L.3. A organização VI está ausente da ocupação mais recente do esporão, embora seja expressiva a norte do estradão.

O conjunto das organizações referidas, pelas técnicas decorativas, motivos nucleares e, parcialmente, estruturação dos mesmos, aproxima-se da cerâmica chamada "canelada" da Estremadura portuguesa (109). O padrão metopado (I), o qual integra, em alguns sectores a norte do estradão e na ocupação mais antiga do L.3, uma apreciável abundância de *reticulados*, encontra grande semelhança no estilo decorativo de vasos de osso decorados de Vila Nova de S. Pedro (110). Duma maneira geral, quase todos os recipientes deste grupo integram também motivos semelhantes a outros existentes em vasos de osso de Pai Mogo e S. Martinho de Sintra (111). Será de referir também o grande paralelismo entre as variantes Id (Fig. 4), Ib, c (Fig. 17) e o padrão decorativo dos vasos globulares decorados em gesso da necrópole de Fonelas (112).

Entre as múltiplas variantes desta organização, seleccionaremos apenas al-

guns exemplos: a variante Ij (Fig. 17) é facilmente paralelizável com o padrão de vasos da Rotura (nível IIa) (113), Zambujal (114) ou Vila Nova de S. Pedro (115), embora em S. Lourenço o motivo esteja inscrito entre métopas.

A variante If (Fig. 17), também inserta no padrão metopado, associa losangos alternados preenchidos com reticulado, demonstrando uma significativa semelhança com vasos quer do nível IIa, quer do nível IIb da Rotura (116). A variante Il (Fig. 11), não pode deixar de ser comparada com um dos padrões clássicos das placas de xisto decoradas: bandas horizontais de triângulos preenchidos com reticulado (117).

Contudo, adentro desta organização, surgem duas variantes, na ocupação mais recente do esporão (Il, m) (Fig. 17) que, embora se integrem, a um nível muito geral, no padrão metopado, exprimem um outro conceito decorativo.

Em *calotes de esfera*, sucedem-se sob o bordo estreitas faixas verticais de linhas quebradas (delimitadas por linhas incisas) que alternam com espaços sem decoração. Trata-se, sem dúvida, duma organização de forte componente local: provam-no as linhas incisas paralelas ao bordo, na tradição de toda a cerâmica metopada da estação, além da escolha da própria técnica decorativa que é a incisão. Apesar disso, as faixas verticais *convergem para o fundo da calote num padrão radiado* que lembra a organização campaniforme em taças de tipo Palmela, como as de Alapraia 2 (118) ou S. Pedro do Estoril (119). Apesar da distância considerável que existe entre os exemplares da Pastoria e os da Estremadura, não só pela diferente técnica decorativa (pontilhado nos recipientes de Alapraia e S. Pedro do Estoril), como pela maior complexidade dos motivos das taças de tipo Palmela, cremos poder aproximar genericamente estes dois estilos, tanto mais que os recipientes da Pastoria ocorrem num nível de ocupação com cerâmica campaniforme.

As organizações III, VIII e VI têm uma ampla expansão peninsular, como já largamente desenvolvemos, a propósito das cerâmicas da Vinha da Soutilha e de S. Lourenço.

De salientar a presença da III e da VIII no nível pré-campaniforme de La Pijotilla (120), ou em povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte como Las Pozas, Cerro del Ahorcado, El Pedroso e Pincón del Rey (121). Na Estremadura, as três organizações integram-se nos complexos cerâmicos de quase todas as estações calcolíticas conhecidas. De assinalar a semelhança da variante IIIc (Fig. 4) com motivos de vasos de Outeiro da Assenta, Zambujal, ou Outeiro de S. Mamede (122), entre muitas outras estações.

A organização VII (faixas largas reticuladas em sequência horizontal), além de ocorrer em vários contextos calcolíticos do Sudeste (123), encontra-se presente na Estremadura em estações como Pedra do Ouro, Zambujal, Olelas, "tholos" do Monge, "tholos" da Praia das Maçãs, etc. (124). Finalmente, a variante VIII e (Fig. 5), integra uma novidade: linhas quebradas paralelas delimitam uma banda lisa em zigue-zague sobre um fundo preenchido com puncionamentos. A semelhança deste motivo com um dos mais clássicos adentro do campaniforme é evidente (125), embora ele não seja desconhecido anteriormente. Aliás, ele ocorreu no Local 4, num nível de ocupação que revelou uma forma acampanulada campaniforme.

Adentro da organização VI, as variantes VIa e b (Fig. 5) têm algumas semelhanças formais com motivos das estações de Zambujal, Vila Nova de S. Pedro e Olelas (126). Também a variante VIb (Fig. 5) inclui um motivo que, embora repetido em faixas horizontais, lembra o de recipientes em osso de Pai Mogo (127), e Vila Nova de S. Pedro (128) ou ainda da Gruta do Vale da Lapa (129).

Por último, a variante VIa (Fig. 5) integra uma interessante associação de faixas horizontais, constituídas por linhas de pontos alternados, com uma sucessão horizontal de losangos lisos sobre fundo de linhas incisas oblíquas ou justapostas a uma banda de linhas incisas oblíquas.

Individualmente, quer a linha de pontos quer os losangos integram-se na complexa padronização decorativa campaniforme. Os losangos, juntamente com os "chevrons", constituem, em Portugal, uma boa parte da estilística do campaniforme marítimo e de tipo Palmela (130). As linhas de pontos ocorrem, por exemplo, em taças de Montes Claros (131) ou Alapraia (132) e, na Galiza, num vaso carenado decorado segundo pontilhado linear, da estação de Regueiriño (Rande) (133). Parece-nos que se trata, mais uma vez, duma produção local que imita padrões campaniformes. Também neste caso, o recipiente que inclui esta decoração foi registado num nível do L.4 associado a uma forma campaniforme.

As organizações I, III, VI, VII e VIII, quer pela sua inserção em recipientes provenientes de níveis pré-campaniformes e campaniformes, quer pelas analogias que fornecem com conjuntos cerâmicos de outros contextos calcolíticos meridionais, terão evoluído nesta estação da região de Chaves, entre, provavelmente, os finais do IIIº e os inícios do IIº milénio a.C.. Este parâmetro cronológico coincide, "grosso modo", com o desenvolvimento dos contextos de cerâmica "canelada" na Estremadura portuguesa. Contudo, quer as decorações mais habituais, de tradição local, quer as que imitam padrões campaniformes, encontram-se associadas, na Pastoria, a vasos de *uso doméstico corrente*, o que constitui um aspecto específico, não só dos materiais cerâmicos desta estação, como do conjunto dos povoados analisados neste trabalho.

No conjunto dos vasos cerâmicos da Pastoria, e, em particular, da ocupação mais recente do esporão, destacam-se os que são decorados com as *organizações IV e V:* estas utilizam a *impressão "penteada"*, formando bandas simples, estreitas ou largas, paralelas ao bordo (V), ou desenvolvendo a alternância de bandas horizontais constituídas por linhas rectilíneas ou curvilíneas e zonas sem decoração (IV).

Estas organizações ocorrem em formas esféricas ou em calote de esfera (1, 2, 3 e 4). Como é sabido, a impressão "penteada", embora rara, não é desconhecida em contextos calcolíticos estremenhos (134). Em La Pijotilla (Badajoz) ela encontra-se vinculada a um nível habitacional pré-campaniforme (135). No SO da Meseta Norte (136) e na Galiza (137) esta decoração encontra-se representada em contextos habitacionais ou sepulcrais calcolíticos. Destaque-se a presença dum vaso de perfil acampanulado com decoração "penteada" (linhas rectilíneas alternam com linhas curvilíneas) numa mamoa de Gândaras de Budiño, que Harrison assimilou ao grupo de vasos campaniformes do Noroeste peninsular (138).

Na Pastoria, a organização IV merece a nossa especial atenção. Ela aparece em vasos, normalmente, de superfícies polidas, muito brilhantes, revelando um apuramento técnico que só é paralelizável com alguns dos recipientes campaniformes. Do ponto de vista decorativo, e apesar de ser utilizada uma técnica de grande expansão local, manifesta-se um estilo, em sequência aditiva, muito simples: o mesmo motivo repete-se alternadamente com faixas não decoradas, do bordo até à parte média ou base do vaso. Esta alternância pode integrar desde três zonas (duas decoradas e uma não decorada) até sete zonas (quatro decoradas e três não decoradas) (IVe) (Fig. 17). Este padrão é facilmente assimilável ao do campaniforme de tipo marítimo (variante linear) (139).

A *organização II*, apesar de não ter uma grande expressão em nenhum dos sectores da estação, encontra-se presente na duas ocupações do esporão, e nos sectores a norte do estradão. Ela inclui não só os clássicos triângulos incisos preenchidos com puncionamentos ou incisões (de tradição provavelmente neolítica), mas também articula zonas de triângulos com zonas de reticulado (IIa) (Fig. 18), ou integra triângulos lisos sobre fundo reticulado (IId) (Fig. 18) ou sobre fundo constituído por puncionamentos (IIg) (Fig. 18), o que pode corresponder a uma inovação estilística de inspiração campaniforme.

Esta organização está associada às formas 1, 2, 3 e 6. De assinalar uma ausência no interior deste padrão: não ocorre o puncionamento arrastado ("punto en raya"). Aliás, esta técnica está praticamente ausente da estação. O único exemplar que integra um puncionamento semelhante (organização XI) foge à sua utilização clássica. Por outro lado, surgem algumas presenças significativas, como puncionamentos em forma de folíolo (IIe) (Fig. 11) no interior dos triângulos, que lembram motivos semelhantes existentes na cerâmica com "folha de acácia" do Calcolítico médio estremenho. Aliás, este motivo também já havia sido reconhecido nas organizações VIb (Fig. 11) e IIIc, d (Fig. 4).

Uma outra variante (IIa) (Fig. 4) integra linhas "penteadas" verticais no interior dos triângulos, o que constitui uma utilização inédita da impressão "penteada" nos contextos cerâmicos conhecidos, pelo menos no Noroeste Peninsular e SO da Meseta Norte.

A variante II a (Fig. 4), pela associação de uma banda reticulada com o motivo triangular, poderia assemelhar-se, por exemplo, à decoração dum vaso publicado proveniente da camada A (com campaniforme) do "monumento" nº 1 de Olelas (140), se bem que, na Pastoria, os triângulos sejam preenchidos com puncionamentos e não com linhas incisas oblíquas.

Por outro lado, o *princípio* que está subjacente à implantação dum triângulo não decorado sob fundo reticulado (IId) (Fig. 4) ou ao preenchimento com puncionamentos de triângulos cujo vértice está virado para cima (IIg) (Fig. 18) é o *da decoração "em negativo"*, que estando, por exemplo, presente em povoados como Vila Nova de S. Pedro, Pragança ou Chibanes (141), é amplamente desenvolvida na estilística campaniforme (142). Assim, poderíamos sugerir, mais uma vez, a perfeita osmose formal entre padrões tradicionais e novas concepções decorativas que acompanham a introdução da "moda" campaniforme, quer sob a forma de recipientes de luxo (decorados segundo técnicas e motivos convencio

nais), quer sob a forma de *cerâmicas de uso comum* que empregam técnicas decorativas locais, e imitam padrões uniformizados campaniformes. Ou seja, estamos perante uma constelação estilística (no sentido que articula forma e decoração) que se manifesta pela intersecção de múltiplas influências e reflecte provavelmente a existência de novas funções emersas dum contexto social em transformação.

Um novo padrão que insinua essa transformação está representado na *organização XV*: cordão (liso ou decorado) sob o bordo. O bordo é decorado com curtas incisões oblíquas. Inscreve-se em duas formas novas tronco-cónicas, de médias e grandes dimensões (formas 7 e 11).

Apesar da decoração plástica poder ocorrer ao longo de toda a Pré-História Recente, do Neolítico ao Bronze Final e, constituir, pela sua uniformidade, um indício cronológico de baixa representatividade, não será inútil tentar caracterizá-la em função das correspondentes qualidades técnicas e formais. No SO da *Meseta Norte* a decoração plástica, sob a forma de pequenos cordões com incisões transversais ou cordões lisos sob o bordo, encontra-se bem documentada em La Peña del Aguila, e duma maneira geral, em quase todos os povoados calcolíticos daquela região (143). Contudo, são assimilados por López Plaza a uma *tradição neolítica* bastante expandida, a nível peninsular, que, por exemplo, na Estremadura, se manifesta no designado "Grupo Parede" (144), e que na Meseta também se encontra representada, segundo Fernandez-Posse, em La Cueva de Aire de Patones (Madrid) (145), ou nos níveis inferiores de La Vaquera (Segóvia) (146). Nesta área do Norte da Península tal decoração acompanharia contextos de cerâmicas incisas e puncionadas de tradição neolítica, durante os finais do IVº e inícios do IIIº milénio a.C.. Contudo, não verificámos a existência de tal tipo de decoração nos contextos habitacionais que analisámos e, pelo conhecimento que temos dos conjuntos cerâmicos desta época existentes em museus, não nos parece que se possa sugerir tal relação para o Norte de Portugal. O que a estratigrafia da Pastoria nos indica é a sua ocorrência exclusivamente a *partir da fase final da segunda ocupação do esporão*. É uma cerâmica que, pela sua qualidade técnica, e tipo de decoração, se articula claramente com contextos habitacionais que, em toda a Península, particularmente no Sudeste, nas províncias de Granada (147) e Cuenca (148) e na própria Meseta (149), se devem incluir no Bronze inicial.

- *Os vasos campaniformes*

Os recipientes campaniformes ocorreram num apreciável estado de fragmentação no nível de ocupação mais recente do esporão. Não foi possível recuperar ali nenhum vaso completo e apenas se reconstituíram três formas e, parcialmente, quatro organizações decorativas.

Um fragmento encontrado à superfície, nas proximidades do esporão, correspondia a um *colo* decorado de um provável vaso, tendo fornecido parte da quinta organização decorativa campaniforme observada na estação.

No Local 4 (a norte do estradão), exumou-se metade duma forma campaniforme decorada segundo uma técnica e organização decorativa local.

Assim, em cinquenta e quatro fragmentos pertencentes a vasos campaniformes, dispersos pelos Locais 3 e 4, reconstituíram-se *quatro formas* e *cinco organizações decorativas* diferentes, correspondendo, no total, ao reconhecimento de *sete vasos*. Contudo, pela apreciação dos restantes fragmentos cerâmicos podemos sugerir a existência de, pelo menos, mais três recipientes, o que prefaz o número provável de *dez vasos campaniformes* (cerca de 3% da amostragem cerâmica total da estação).

. Entre as quatro formas analisadas, contam-se *três vasos acampanulados* e uma *caçoila*.

Os *vasos* (forma 10) apresentavam as seguintes medidas do diâmetro da abertura, altura e índice Dam/Alt:

	Dam.	Alt.	Dam./Alt.
10 A	20 cm	20,8 cm	0,9
10 B	16 cm	12,8 cm	1
10 C	23,2 cm	23,2 cm	1

Os três vasos integram *colo mediano* (rectilíneo ou convexo). Nas variantes A e C a carena (baixa) é *angulosa* e na B, embora acentuada, *não inclui aresta*. Verifica-se um significativo estrangulamento do colo nas variantes A e C, menos evidente na B. Assim, é significativa a diferença do *perfil suave da forma 10 B*, em contraste com o *perfil anguloso das formas 10 A e 10 C*. Outras características afastam estes dois grupos de recipientes: o primeiro (10 B) inclui um vaso de menores dimensões do que o segundo (10 A e 10 C), no qual os recipientes atingem diâmetros de abertura entre 20 e 23 cm. Finalmente, o recipiente com a forma 10 B apresenta *superfícies polidas*, castanho-avermelhadas, com vestígios de *engobe*, diferenciando-se dos outros dois, apenas alisados, de confecção mais grosseira.

A caçoila (forma 7 - quadro tipológico relativo aos sectores a norte do estradão) tem as seguintes medidas do diâmetro da abertura, altura e índice Dam/Alt: 16 cm; 12,8 cm; 1. Curiosamente estas coincidem com as da forma 10 B. Trata-se de um recipiente de colo cilíndrico quase rectilíneo, ligado à pança através dum ligeiro ressalto, e com base convexa.

Formalmente a caçoila e o vaso 10 B integram perfis mais suaves do que os vasos 10 A e 10 C. Contudo, a caçoila apresenta superfícies alisadas (muito corroídas) e uma decoração local, o que contrasta com a boa qualidade técnica e o classicismo decorativo do vaso 10 B.

Todos os recipientes possuem uma relação entre o diâmetro da abertura e a altura do vaso semelhante (entre 0,9 e 1).

. As pastas dos recipientes integram desengordurantes constituídos por grãos de quartzo e mica de médio ou pequeno calibre. As superfícies foram normalmente *alisadas*, mas, em alguns recipientes, verificam-se vestígios de *polimento* e de *engobe* de cor

avermelhada, cobrindo a totalidade da superfície do vaso.

As *técnicas decorativas* empregues foram a *impressão pontilhada* (com concha ou com matriz denteada), a *impressão "penteada"* (com matriz denteada), *a incisão* e o *puncionamento*.

A cor das superfícies dos vasos é predominantemente castanho-avermelhada e o núcleo acinzentado.

. Podemos distinguir dois grandes grupos de *organizações decorativas: - o primeiro* integra as *variantes XIIIa* e *b* (Fig. 18) e é constituído por *zonas decoradas* contínuas através de *linhas paralelas horizontais* , separadas por uma estreita faixa sem decoração. Nos dois casos as linhas horizontais são impressas com matriz pectiniforme (pontilhado). A variante XIIIa é muito simpes: as zonas decoradas marcam o colo e a pança. A variante XIIIb integra uma inovação: as linhas paralelas horizontais associam-se a duas bandas de curtas linhas incisas oblíquas que delimitam de um lado e de outro a faixa sem decoração.

O *segundo grupo* integra as variantes XIIIc, d, e (Fig. 18). *A variante c* inclui uma *decoração zonal, também contínua* (que apenas conhecemos parcialmente) constituída pela seguinte sequência abaixo do bordo: triângulos de vértice virado para cima preenchidos com linhas oblíquas, linhas rectilíneas horizontais, duas linhas sinuosas horizontais, linhas rectilíneas horizontais.

Esta variante inclui *três* técnicas decorativas: os triângulos e o seu preenchimento são realizados com a técnica de incisão; as linhas rectilíneas horizontais, com matriz denteada de pontas quadrangulares (pontilhado); as linhas sinuosas com matriz pectiniforme.

A variante d também integra uma *decoração zonal*: a primeira zona decorada situa-se no colo, abaixo do bordo: duas linhas horizontais feitas com largos puncionamentos triangulares delimitam uma série de linhas contínuas horizontais realizadas com matriz denteada de extremidade quadrangular (pontilhado grosseiro, irregular).

Segue-se uma larga faixa sem decoração na área de inflexão entre o colo e a pança e, sobre esta, até à carena, desenvolve-se a segunda zona: uma linha horizontal feita com largos puncionamentos triangulares seguida de uma série de linhas contínuas horizontais impressas (matriz denteada de extremidade quadrangular) e de triângulos em sequência horizontal delimitados por linhas impressas (matriz denteada de extremidade quadrangular).

A variante f, de que apenas conhecemos uma ínfima parte, inclui *duas zonas* decorativas separadas por uma carena: curtas incisões oblíquas ligeiramente desencontradas e o início de linhas paralelas constituídas por puncionamentos ovalares alternados e uma linha horizontal impressa (matriz denteada com impressões quadrangulares).

. Do ponto de vista *estilístico*, podemos seleccionar dois tipos presentes

na estação da Pastoria:

1 - Pontilhado Marítimo

Adentro deste tipo cabem os exemplares campaniformes decorados com *linhas paralelas impressas - pontilhado* - (*XIIIa, b*). Cremos que se integram estes campaniformes na *variedade linear* definida por Harrison (150) a qual poderá ser considerada como uma derivação ou simplificação do tipo marítimo, expressando-se quer em bandas quer em zonas, por vezes associada a faixas com linhas oblíquas (segundo o modo internacional). Aliás, como veremos, esta variedade linear, que tem uma ampla representação peninsular, ocorre também em contextos extra-peninsulares (151). Na Península, a variedade linear simples surge com abundância no litoral atlântico: na *Estremadura*, por exemplo nas estações de S. Pedro do Estoril (gruta 1) (152), Cova da Moura (153), ou Penha Verde (154); na *Galiza*, em Mugueimes (155), Maus de Salas (156), Morcigueira (157) e Abelleira (158) ou também em Regueiriño (159). Nas estações da Galiza é interessante notar a abundante utilização da impressão pectiniforme (*Chlamis Opercularis* ou *varia*) na realização de linhas horizontais, tal como acontece nos campaniformes de estilo marítimo-linear da Pastoria. Tem particular importância assinalar a comparação com os exemplares de Maus de Salas e Regueiriño, que integram o mesmo padrão observado na variante XIIIa: as zonas decoradas com séries de linhas horizontais ocupam o colo e a pança, separadas por uma estreita faixa sem decoração sobre a zona de inflexão, entre as duas partes do vaso.

Ainda na Península são conhecidos exemplares com este tipo de decoração na *Andaluzia*, por exemplo, em El Acebuchal (160) ou na *Catalunha*, em Balma de Solanells (161).

A variedade linear, que integra faixas com linhas oblíquas aproximando-se do tipo marítimo (variedade Herringbone) (162), ocorre também em várias estações da *Estremadura*: por exemplo, na "tholos" da Praia das Maçãs (163) ou na Bela Vista (164).

No *Norte de Portugal* é exemplo desta variedade um vaso campaniforme da mamoa de Guilhabreu (165). Mas sobre a cerâmica campaniforme desta ampla região, na qual se integram os exemplares da estação da Pastoria, traçaremos as principais linhas de força em capítulo autónomo.

Resta acrescentar que este estilo ocorre, na Pastoria, num vaso acampanulado, de perfil sinuoso, e base plano-côncava (forma 10B).

2 - Pontilhado Geométrico

Esta designação, criada por G. Moreno (166) e retomada por Delibes de Castro (167), corresponde à associação da técnica de pontilhado com variados motivos geométricos (triângulos, linhas em zigue-zague, "chevrons", etc.), em complexas decorações *zonais*, onde, no entanto, permanece o gosto pela sequência aditiva horizontal. O pontilhado geométrico encontra-se inserto em praticamente todos os contextos campaniformes peninsula-

res (marítimo, Palmela, Ciempozulos) e é normalmente entendido como uma derivação estilística do pontilhado marítimo, embora possa, em grande número dos casos, ter coexistido com aquele, ou mesmo persistido juntamente com estilos mais tardios.

Existe uma grande variedade de *estilos híbridos* que associam, em maior ou menor grau, as principais características temáticas e organizativas daqueles complexos, pelo que a identificação dum vaso decorado isolado, segundo o estilo pontilhado geométrico em qualquer das categorias (marítimo, Palmela, Ciempozuelos) é extremamente arriscada e difícil. A sua inclusão em qualquer desses complexos depende da apreciação conjunta do *contexto local e regional* em que tal estilo se insere, e não, apenas, da comparação tipológica (formal ou estilística) com outros exemplares isolados.

A *variante XIIIc* (Fig. 18) associa linhas paralelas rectilíneas a triângulos (junto ao bordo) e a linhas curvilíneas. Estas, insertas entre as linhas rectilíneas, são realizadas com matriz pectiniforme, e, no conjunto, provocam um efeito estético semelhante ao de linhas em zigue-zague ou "chevrons". Esta série desenvolve-se abaixo do bordo dum provável vaso de colo alto rectilíneo, sugerindo o início duma decoração zonal.

No *litoral atlântico*, particularmente na Estremadura, encontramos bons paralelos para tal sequência na Gruta 1 de S. Pedro do Estoril (168) ou na "tholos" do Monge (169) e, na Galiza, existem algumas semelhanças globais entre fragmentos de Os Pericos (170), O Fixón (111) e o da Pastoria. Na Galiza, é muito frequente a utilização da matriz pectiniforme, quer isolada, quer associada à matriz denteada clássica (172). As caçoilas de Tecedeiras e Roupar, também decoradas segundo o estilo pontilhado geométrico, incluem, todavia, motivos mais elaborados, que se afastam dos existentes no exemplar da estação portuguesa. Por razões meramente formais e de contexto não aproximamos facilmente os pontilhados geométricos da Meseta do exemplar da Pastoria. Contudo, estamos cientes da fragilidade de tais comparações em face dum fragmento de tão pequenas dimensões correspondente a uma parcela ínfima do vaso original.

A *variante XIIId* (Fig. 18) apresenta uma sequência bastante original: uma zona, no colo, preenchida por uma série de linhas rectilíneas horizontais, é sucedida por uma faixa sem decoração e, sobre a pança, por uma outra zona na qual linhas horizontais estão associadas a triângulos lisos que invadem a superfície do vaso até à carena. Esta decoração justapõe-se a uma forma de vaso de perfil anguloso, de colo muito estrangulado, de apreciáveis dimensões, cuja pasta e superfície revelam um fabrico grosseiro. Trata-se de um recipiente que utiliza uma forma acampanulada e uma técnica decorativa predominantemente impressa (pontilhado) segundo uma *organização zonal*, cujo padrão, raro, se deve relacionar com estilos locais de função doméstica. No Alentejo, no Outeiro de S. Bernardo, ocorre um fragmento de uma pança decorada com triângulos preenchidos com linhas horizontais pontilhadas (174), que Bubner interpreta como representando um estilo local derivado do "internacional". É sobretudo em Valência e na Catalunha que encontramos melhores exemplos para recipientes domésticos decorados segundo um modelo semelhante ao da Pastoria, o qual integra o *triângulo alongado*, na parte inferior do vaso, como elemento individualizador. Contudo, na maior parte dos casos, trata-se de vasos com decoração *incisa*, incluídos nos complexos de *Ciempozuelos* e *Salamó*, pelo que a analogia de

ve ser entendida em termos meramente formais, não implicando, de momento, quaisquer relações culturais directas entre as diversas regiões mencionadas.

Em Valência, no povoado de Elche (175), um padrão decorativo semelhante, com técnica de incisão, ocorre em semi-esféricos e vasos bojudos de bordo exvasado. Os campaniformes mostram nesta estação características comuns aos complexos de Ciempozuelos - -Salomó.

Na Catalunha, nas Cuevas de Arbolí (176) e na Cova Josefina de Escornalbor (177) (Tarragona), existem vasos em forma de "garrafa", decorados segundo uma sequência que se aproxima da existente na Pastoria: uma zona decorada no colo (linhas paralelas, zigue-zagues, puncionamentos, etc.), alterna com uma faixa sem decoração na área de inflexão entre o colo e a pança e, sobre esta, desenvolve-se uma outra zona decorada na qual dominam longos triângulos de vértice apontado para a base, normalmente preenchidos com incisões. Apesar da técnica e dos motivos se distanciarem em muitos pormenores dos do vaso da estação de Chaves, parece-nos que se pode aproximar o padrão geral (tema e distribuição zonal das áreas decoradas).

Em todas estas estações referidas, tal tipo de decoração encontra-se associado a *recipientes domésticos*, o que é mais um factor de comparação entre os diferentes exemplares. Contudo, é de mencionar a escolha de uma forma convencional com perfil carenado, o que, adentro das variedades dos vasos clássicos acampanulados, poderá eventualmente sugerir um tipo evolucionado.

Finalmente, a *variante XIIIe* (Fig. 18) integra uma decoração zonal na qual se articulam incisões curtas desencontradas e uma linha pontilhada. Apesar das pequenas dimensões do fragmento limitarem as possibilidades comparativas, cremos que não erramos se lembrarmos que o motivo da incisão curta ou do puncionamento desencontrado surge, sob múltiplas formas, em contextos campaniformes da Meseta, particularmente ligado ao complexo de Ciempozuelos. Contudo, preferimos não retirar desta constatação mais do que uma referência a ter em conta para a apreciação global dos campaniformes do povoado.

3 - Decoração Local

A decoração local expressa-se em *duas bandas rectilíneas horizontais* realizadas com impressão "penteada" no colo duma "caçoila". Uma dessas bandas desenvolve-se sob o bordo e a outra imediatamente acima do ressalto que precede a pança. Entre as duas existe um largo espaço sem decoração. Trata-se de uma provável imitação local do estilo marítimo. É significativo que a forma cerâmica que integra esta decoração seja uma caçoila "de tipo Acebuchal" (178), que Harrison (179) e J. Soares/C.T. Silva (180) assimilam ao complexo marítimo. Na Galiza, um vaso acampanulado de Gândaras de Budiño inclui também bandas de linhas "penteadas", sendo integrado por Harrison e Criado Boado/Vázquez Varela (181) no tipo marítimo de feição local.

. Na Pastoria o *complexo marítimo* (182) encontra-se bem representado nos re

cipientes com *decoração pontilhada (variante linear)*, entre os quais foi identificado um pequeno vaso de perfil suave de colo exvasado, rectilíneo e de base plano-côncava (forma 10B), e na "caçoila" de colo cilíndrico com ressalto sobre a pança e decoração "penteada" (forma 7). Os vasos acampanulados do tipo do da Pastoria encontram bons paralelos no litoral atlântico, quer na Estremadura, quer na Galiza.

A variedade linear, interpretada como uma derivação do estilo marítimo (variedade Herringbone), tem uma ampla expansão no ocidente peninsular, sendo particularmente significativa na Galiza.

Contudo, é de acentuar que nesta região ela se encontra por vezes, associada a vasos de perfil anguloso, como em Morcigueira (183) ou Regueiriño (184). Sendo normalmente admitido que o complexo marítimo, na costa atlântica, integra predominantemente o vaso de perfil suave (185), os exemplos galegos referidos corresponderiam mais à variedade Agualva (186), que, segundo Harrison, é característica das séries existentes na costa mediterrânica. Por outro lado, o perfil anguloso também se articula melhor com os vasos de estilo marítimo que ocorrem na Meseta, os quais são interpretados por Delibes e Municio (187) como "marítimos secundários", filiados numa corrente de origem extra-peninsular, provavelmente mais tardia do que a da Estremadura.

Dada a posição geográfica da Galiza no Noroeste peninsular, praticamente equidistante de núcleos como o da Estremadura e o da Meseta, de personalidades formais e estilísticas bem diferenciadas, será prudente, face à existência de formas como as de Regueiriño e Morcigueira, não procurar, pelo menos, a total filiação do estilo marítimo galego (variante linear) exclusivamente no do Centro de Portugal (188). Esta posição torna-se extensiva, naturalmente, aos campaniformes da Pastoria, se bem que, nesta estação, a única forma reconstituída com tal tipo de decoração, apresente um perfil relativamente pouco marcado. Este problema é complexo e requer outros elementos de avaliação.

Também entre os elementos definitórios do complexo marítimo na estação da Pastoria conta-se a presença duma caçoila "tipo Acebuchal", cuja forma tem excelentes paralelos na Estremadura portuguesa (189), como na própria Galiza (190).

É interessante notar que a decoração se concentra sobre o colo numa organização em *bandas*, de inspiração marítima clássica, ao contrário da organização zonal (no colo e abaixo do ressalto, sobre a pança), predominante neste tipo de recipientes. Para Harrison esta forma terá sido criada no final do desenvolvimento do complexo marítimo (191).

. Se o recipiente que inclui a variante estilística *XIIIc* (pontilhado geométrico) se pode incluir adentro duma categoria híbrida ou compósita, *formalmente derivada do estilo marítimo clássico*, os vasos *carenados* (formas 10A e 10C) e ainda o fragmento associado à variante *XIIIe* integram atributos que os particularizam relativamente aos vasos que temos vindo a caracterizar como pertencentes ao complexo marítimo, nomeadamente do litoral atlântico. Em primeiro lugar, todos apresentam um *perfil anguloso, muito marcado*, que, como vimos a propósito dos exemplares galegos, pode reflectir quer um localismo, quer uma filiação geográfica independente da Estremadura, quer uma cronologia

mais tardia, ou as três simultaneamente.

Em segundo lugar, entre os vasos deste grupo ocorre uma *forma de feitura grosseira* (10 A), cujo padrão decorativo genérico se encontra associado, em vários contextos peninsulares, a recipientes de *uso doméstico* tardio. Aliás, Harrison sugere que os complexos Palmela-Ciempozuelos revelam um acentuado incremento de tipos domésticos locais. É natural que tratando-se de um vaso de uso doméstico (192) a sua decoração represente uma forte novidade, adentro do estilo pontilhado, dificultando as analogias num amplo espaço geográfico. Contudo, a sua presença parece indicar, por si só, um momento avançado, correspondendo provavelmente à implantação de estilos locais adentro da tradição do pontilhado marítimo (variante linear). Também o pequeno fragmento carenado (XIIIe) poderá sugerir um estilo pontilhado evolucionado. Contudo, faltam-nos dados para o poder comparar de forma segura.

Finalmente, será de referir a existência de um vaso *liso*, largo, de perfil anguloso, de fabrico grosseiro.

Os vasos lisos não são muito abundantes nos contextos campaniformes peninsulares. Apresentam normalmente um perfil pouco sinuoso, adentro da forma clássica, de colo alto e esboço de carena baixa. No litoral atlântico são exemplos recipientes da Gruta 1 de S. Pedro do Estoril (193), Verdelha dos Ruivos (194), Pedra Branca (Montum) (195), Gruta do Porto Covo (196) ou Eira Pedrinha (197).

Acompanham, nos casos referidos, campaniformes decorados segundo diferentes técnicas e estilos. Também ocorrem em contextos sem cerâmica decorada, como no Monte do Outeiro (Aljustrel) (198) ou, por exemplo, no sepulcro de Los Pasos (Zamora) (199), associados a pontas de tipo Palmela. Nestes dois últimos casos, inserem-se em enterramentos individuais tardios, quer na órbita do Horizonte de Ferradeira (200), quer na de Ciempozuelos (201). De referir o perfil anguloso do exemplar de Los Pasos, contrastando com o existente nos vasos da fachada atlântica anteriormente mencionados. Este perfil aproxima-se quer do recipiente liso da Pastoria, quer do decorado segundo a variante XIIId (forma 10 A).

Na verdade, os melhores *paralelos formais* para estes recipientes carenados encontram-se na Meseta entre os vasos do complexo Ciempozuelos, como por exemplo, o exemplar inciso de Pago de La Peña (202).

. Em função das considerações descritas, devemos colocar as seguintes hipóteses sobre a integração estilística dos vasos campaniformes da Pastoria, a nível peninsular:

- A maior parte dos recipientes integra-se no *complexo marítimo* definido por Harrison, o qual tem a sua principal expansão peninsular no litoral atlântico, na região da Estremadura, nos finais do IIIº milénio a.C. (203). Os recipientes campaniformes (vaso - 10B e caçoila - 7) incluem uma variante da decoração de tipo marítimo internacional (pontilhado linear), ou adoptam o padrão em bandas segundo uma técnica decorativa local (impressão "penteada").

Esta última encontra-se bem disseminada entre as formas esféricas locais, provando a existência duma *simbiose* tipológica entre os novos elementos materiais e o "fundo" cerâmico da estação. É bastante sintomático notar que, quer as formas campaniformes convencionais, quer as locais que imitam padrões decorativos campaniformes, segundo o modelo marítimo, surgem *na primeira fase da segunda ocupação do esporão (L.3) e também no Local 4 (a norte do estradão)*. No Local 4, a caçoila de tipo marítimo encontra-se associada a formas esféricas locais, decoradas com temas incisos ou puncionados (losangos e "chevrons") (VIa e VIIIe - Fig. 5) que evocam modelos formalmente mais evolucionados adentro do complexo marítimo ou, mesmo comuns, ao complexo Palmela. Esta mesma componente evolucionada está presente no início da segunda ocupação do esporão, em taças decoradas com faixas verticais raiadas incisas (Il, m - Fig. 17) que lembram o padrão de taças de tipo Palmela de Alapraia ou S. Pedro do Estoril. Esta coexistência entre aspectos arcaizantes e evolucionados, ainda que de filiação atlântica, permite pressupor que o complexo marítimo deve surgir, na Pastoria, já numa fase recente do seu desenvolvimento e expansão de sul para norte, entre os finais do IIIº e inícios do IIº milénio a.C.. Esta hipótese viria ao encontro da tese de que o Noroeste seria um "foco secundário" do complexo marítimo, influenciado pela área estremenha (204).

Simultaneamente confirmar-se-ia, para o Noroeste, numa linha de força básica relativa ao contexto do campaniforme marítimo da Estremadura (205): *ele articula-se com o fundo calcolítico pré-existente dos povoados com cerâmicas decoradas*. E, o que é ainda mais interessante, estas apresentam certas características estilísticas muito semelhantes às observadas nos níveis pré-campaniformes daquela região. Poderia, pois, registar-se também aqui um *padrão de associação e continuidade cultural* que aproximaria de forma significativa os contextos destas duas áreas.

- A partir da fase intermédia da segunda ocupação do esporão e apenas naquele local, ocorrem três exemplares cujas características morfológicas os separam do conjunto de campaniformes anteriormente mencionados (206). São vasos de *perfil anguloso e de pior qualidade técnica*. Um deles é liso, outro integra um padrão decorativo raro (mas grosseiro) adentro do pontilhado geométrico, e um terceiro (um pequeno fragmento carenado) inclui motivos estilisticamente aproximáveis dos que aparecem no complexo Ciempozuelos. A dificuldade de inserção estilística destes recipientes resulta, em primeiro lugar, do seu carácter indiscutivelmente *doméstico*. Sabemos que as cerâmicas domésticas campaniformes ocorrem em outras áreas, particularmente a partir duma fase tardia abrangida pelos complexos de Palmela-Ciempozuelos. Mas, em regiões periféricas relativamente à influência destes dois complexos, é extremamente difícil identificar a marca de cada um, em formas de uso corrente, cujo modelo não se encontra tão padronizado e obedece certamente a aspectos da estética local.

O seu posicionamento estratigráfico e distribuição circunscrita a uma pequena área da estação e, por outro lado, a sua associação a formas tronco-cónicas (decoradas com cordões e/ou bordos denteados) e a uma carena média, conduzem-nos a pensar que estes recipientes, fabricados já *num momento final de ocupação do povoado*, podem eventualmente traduzir o *eco de influências continentais*, que, no entanto, não têm continuidade nem grande implantação na estação. A confirmação desta hipótese só pode resultar da obtenção

de outros elementos comparativos adentro do Noroeste peninsular, particularmente de elementos insertos em *contextos datáveis* que nos forneçam a relação entre as novas formas cerâmicas e o substracto local.

- Assim, comparando as cerâmicas da Pastoria com as de outras regiões peninsulares, durante os finais do IIIº milénio, inícios do IIº milénio a.C., podemos concluir o seguinte:

. Ao contrário dos reportórios cerâmicos de outras áreas culturais, predominam na Pastoria os vasos decorados (cerca de 85% do total dos recipientes da estação).

. Os tipos morfológicos mais abundantes nos sectores a norte do estradão e na 1ª ocupação do Local 3 são os esféricos, semi-esféricos e calotes de esfera, que se aproximam dos existentes em contextos similares na Meseta Norte. Mas, durante a 2ª ocupação verificada no Local 3 observa-se uma mudança na tipologia e densidade relativa das formas. Ocorrem novas formas (acampanuladas, além de grandes recipientes decorados com cordões), que apontam, no seu conjunto, para uma superação do regionalismo morfológico observado durante a fase anterior.

. As decorações, em qualquer dos sectores ou níveis de ocupação, justapõem-se preferencialmente a *vasos de uso comum* (formas 1, 2, 3, 7), exceptuando-se os vasos campaniformes.

. Os *padrões estilísticos* mais significativos apresentam algumas semelhanças (ao nível da técnica decorativa e motivos) com os existentes em cerâmicas comuns de povoados do Sul da Península, sobretudo da Estremadura portuguesa. A *cerâmica campaniforme* integra os estilos marítimo (variante linear) e pontilhado geométrico: observam-se, também, imitações locais de diversos temas padronizados nesta cerâmica.. Aliás, a análise do processo de fabrico destes vasos leva-nos a aceitar que eles terão sido produzidos no local, por oleiros que possuíam os mesmos conhecimentos traduzidos na feitura da restante produção de cerâmica comum.

— Na base da segunda ocupação do esporão foi descoberto um *pequeno cinzel* em osso de *Ovis*, fragmentado, de secção sub-elíptica. Trata-se do único utensílio em osso encontrado na estação. Como se sabe a indústria de artefactos em osso adquiriu grande importância em quase todos os contextos calcolíticos peninsulares (207). No SO da Meseta Norte, os punções são os objectos mais habituais encontrados nos povoados calcolíticos daquela região. No nível II de Peña del Aguila ocorreu um cinzel que encontra paralelos, segundo López Plaza, em exemplares dos povoados de Vila Nova de S. Pedro ou Pedrão (208).

— A segunda ocupação do esporão forneceu três artefactos em *cobre arsenical* (As inferior a 1%) (209): um pequeno *cinzel* de forma trapezoidal, estreito, de gu-

me convexo (muito corroído), perfil levemente encurvado e secção sub-rectangular; um fragmento de uma provável "*faca*" *curva*, de que só resta o cabo (ou lingueta) bem destacado, de secção rectangular; e um *punção* de extremidades aguçadas, de secção quadrangular e sub-rectangular nas extremidades e sub-elíptica na parte central. Ainda no L.4 (a norte do estradão) foi encontrado (210) um pequeno *punhal* alongado, também de cobre arsenical (As - 1,4%) (211), de lâmina triangular, lados sub-rectilíneos (muito corroídos) e ponta aguçada; a extremidade de encabamento encontra-se fracturada, com vestígios de um ligeiro entalhe lateral em um dos bordos. A peça tem secção lenticular.

Os quatro artefactos correspondem morfologicamente (e também do ponto de vista da sua composição metalográfica) a *tipos de utensílios habituais em contextos calcolíticos da Estremadura portuguesa e do Sudeste*, do âmbito de Vila Nova de S. Pedro e Los Millares (212).

G. e V. Leisner (213) expuseram a ideia de que grande número dos artefactos metálicos que acompanhavam as tumulações em Los Millares (particularmente os que haviam sofrido trabalho de martelagem a frio) pertenciam a uma fase tardia já com cerâmica campaniforme. A um momento pré-campaniforme eram atribuídos objectos simplesmente fundidos, como machados, cinzéis, facas curvas simples e também punhais com nervura central, como os de Alcalar 3 (214).

Escavações realizadas a partir dos anos 60 em estações da Estremadura portuguesa, e mais recentemente do SE, vieram demonstrar, em primeiro lugar, que a *metalurgia e o fabrico de utensílios, mesmo martelados, data, em certos povoados, de uma fase claramente pré-campaniforme*.

Savory detectou em Vila Nova de S. Pedro uma fase de ocupação pré-campaniforme, articulada com a construção de estruturas defensivas (II), na qual se desenvolve uma ampla metalurgia de utensílios e armas, constituída por machados planos, punções, cinzéis, serras, punhais e facas (215). Infelizmente não foi publicada a morfologia específica destes artefactos, de forma a podermos posicionar cronologicamente o amplo conjunto proveniente de escavações antigas de A. Paço (216).

Por outro lado, as várias campanhas realizadas no castro do Zambujal (217) demonstraram a existência de uma metalurgia já bastante elaborada durante as primeiras fases pré-campaniformes da estação. Nela foram identificados cadinhos, machados "tipo Tejo", punções, cinzéis, punhais com entalhes laterais na extremidade de encabamento e uma faca simples curva (sem lingueta diferenciada).

A martelagem é identificada no acabamento de certos artefactos. A existência de punhais com entalhes laterais no Zambujal ajuda a posicionar punhais idênticos de V.N.S.P. (aliás, com baixo valor de arsénio) (218), num momento pré-campaniforme. Contudo, a ausência de facas curvas com lingueta, no Zambujal, não só impossibilita datar exemplares idênticos de V.N.S.P., escavados por A. Paço, como deixa em aberto a hipótese de tais utensílios poderem ser eventualmente mais tardios, por analogia com punhais de lingueta destacada de morfologia campaniforme.

Também na Rotura existem provas de metalurgia desde o início da ocupação do povoado (219), intensificada na fase imediatamente pré-campaniforme (220). Contudo, nesta fase apenas foram identificados, além de um cadinho e pingos de fundição, anzóis e uma espátula em cobre (221).

A possibilidade de coexistência de povoados com diferentes níveis de desenvolvimento metalúrgico é confirmada, no Sudeste, através da análise das sequências estratigráficas de povoados recentemente estudados com El Malagón (222) e Los Castillejos de Montefrío (223).

A leitura do primeiro relatório de escavações em El Malagón (224), conjugada com a de uma recente síntese sobre a Pré-História recente da Península Ibérica (225), permite-nos constatar a existência de três fases de ocupação do povoado (I, IIA e IIB), entre 2565 ± 215 a.C. e 1980 ± 70 a.C.. Apenas na última fase foram detectados alguns raros fragmentos de campaniforme marítimo, pelo que El Malagón expressa um intenso desenvolvimento calcolítico pré-campaniforme, durante toda a 2ª metade do IIIº milénio a.C.. Na 1ª fase foram registados um punção e um punhal longo com cabo pouco diferenciado, cujo fabrico revelou martelagem. Na 2ª fase saliente-se a descoberta duma faca curva com lingueta e, na 3ª fase, dum pequeno punhal com lingueta pouco diferenciada e duma serra. De momento não foram publicados dados que permitam estabelecer a articulação estratigráfica entre estes últimos artefactos e a cerâmica campaniforme.

Em Montefrío, as primeiras actividades metalúrgicas foram atestadas num momento avançado da fase III (estrato V) (226), equivalente a uma ocupação imediatamente pré-campaniforme. Contudo, apenas foram ali detectadas escórias de cobre.

Assim, pode-se desde já salientar a contemporaneidade global, *nas duas áreas peninsulares que revelaram maior índice de objectos em cobre (a Estremadura e Sudeste)* (227), de contextos habitacionais pré-campaniformes que atestam uma evoluída tecnologia da metalurgia do cobre (Vila Nova de S. Pedro, Zambujal ou El Malagón) e de outros (Rotura ou Montefrío) que revelam apenas actividades metalúrgicas incipientes (228).

Os artefactos em cobre, puro ou arsenical (229), que foram estratigraficamente datados duma fase pré-campaniforme, são punções, cinzéis, machados "tipo Tejo", facas curvas simples, serras, punhais com entalhes laterais na extremidade de encabamento e punhais longos, de extremidade pouco diferenciada.

Desta forma, e a partir dos poucos dados estratigráficos colocados à nossa disposição, podemos deduzir que *o cinzel*, o *punção* e o *pequeno punhal* em cobre arsenical do povoado da Pastoria se integram morfologicamente numa lista de artefactos que podem ocorrer, na Estremadura e no Sudeste, *desde uma fase calcolítica pré-campaniforme*.

Contudo, nestes e em outros povoados, existem provas de que não só os principais artefactos metálicos mencionados perduram na fase final da sua ocupação, a qual também integra *campaniforme de tipo marítimo*, como, durante este momento, se fabricam novos objectos em metal, que representam uma intensificação e refinamento do processo metalúrgico local.

Assim, no Zambujal foi descoberto um forno, na última fase daquele povoado (c. 2100 a.C) (230) (com campaniforme marítimo), associado a machados planos, cinzéis e pingos de fundição (231), que representam uma assinalável continuidade com o período anterior. Mas, durante esta última ocupação, foram introduzidos novos objectos, como pontas de tipo Palmela (232), que indiscutivelmente se integram no conjunto de artefactos especificamente campaniformes. Em Vila Nova de S. Pedro, Savory (233) não se refere à metalurgia da última fase (III), que acompanharia a cerâmica campaniforme, pressupondo-se que se registaria, pelo menos, continuidade de tipos anteriores. Mas pelos materiais publicados por A. Paço (234), sabemos que pontas de tipo Palmela, e, eventualmente, punhais de lingueta e facas curvas com lingueta, terão correspondido a um contexto que integraria também cerâmica campaniforme. Na Rotura, nos estratos IIa, Ib e Ia (com campaniforme) surgem punções, anzóis e, possivelmente, facas com um pequeno cabo (235).

No Sudeste, Montefrío exprime bem a situação dum povoado que apenas vê a sua actividade metalúrgica aumentar a partir da fase IV (estratos VIa e VIb) com o fabrico de utensílios (como cinzéis, punções, faca curva com lingueta) ou de armas (por ex., punhal com lingueta bem diferenciada), estando também presente campaniforme marítimo e pontilhado geométrico (236). Em El Malagón é possível que objectos, como uma serra curva, um pequeno punhal com lingueta e uma faca curva com lingueta, possam ser associados a uma fase terminal, já com campaniforme marítimo (237).

Neste sentido, a *faca curva com lingueta* da Pastoria poderia ser integrada num grupo de utensílios mais evolucionados, que se insere, na Estremadura e no SE, em contextos com cerâmica campaniforme.

No SO da Meseta Norte, López Plaza afirma-nos que não existem provas estratigráficas da existência duma metalurgia pré-campaniforme, embora haja alguns indícios fora de contexto (238). Por outro lado, a autora situa utensílios de superfície, como um punção de cobre arsenical de secção quadrangular de Teso del Moral, ou um machado plano (de cobre?) de Cerro del Ahorcado, numa fase contemporânea da cerâmica campaniforme naquela região (239).

Devemos, no entanto, lembrar que a existência de cadinhos em contextos habitacionais calcolíticos de Las Pozas e La Alameda (240) poderão sugerir, naquela área, uma prática metalúrgica nascente desde uma fase pré-campaniforme.

. Na Pastoria, os artefactos mencionados estão associados a um nível de ocupação com cerâmica campaniforme (marítimo e pontilhado geométrico). Nos sectores escavados não foi detectada metalurgia no nível pré-campaniforme. Aquela ocorrência, na fase final da ocupação dum povoado calcolítico (cujos elementos essenciais da cultura material encontram assinaláveis semelhanças formais com os da Estremadura portuguesa) parece ajustar-se ao *padrão de continuidade cultural* enunciado por Harrison (241) para esta região: a cerâmica campaniforme (complexo marítimo) integra-se, juntamente com alguns novos artefactos metálicos, na última fase dos contextos calcolíticos do tipo de V.N.S.P.. Mas não se verifica qualquer espécie de ruptura dos conjuntos materiais. Apenas, em povoados que não haviam anteriormente desenvolvido ou polarizado a metalurgia do cobre, se constata, na fase campaniforme, um maior incremento daquela prática e, até, a introdução de

artefactos que, em outras estações, poderiam ter sido fabricados mais cedo.

A metalurgia é uma invenção calcolítica pré-campaniforme, desenvolvida, aperfeiçoada e expandida durante a fase campaniforme.

Adiante procuraremos reflectir nas possibilidades de articulação deste modelo evolutivo com a realidade arqueológica observada não só na estação da Pastoria, mas nos restantes povoados estudados da depressão Régua-Verin.

3.3.5 *HIPÓTESES DE PARÂMETROS CRONOLÓGICOS DA OCUPAÇÃO DO POVOADO DA PASTORIA*

Em todos os sectores escavados, o solo actual estava parcialmente revolvido, em áreas bem circunscritas, pela plantação de pinheiros e eucaliptos. Nas zonas em que estes existiam a raiz perfurava, em regra, as camadas humosa e arqueológica até ao saibro de base, provocando estragos consideráveis na estratigrafia. Este facto determinou que nós recolhessemos amostras de carvões para análise de C14 apenas em áreas onde não era visível qualquer revolvimento, embora, desde sempre, tivéssemos observado a perfuração dos estratos por pequenas raízes de plantas arbustivas existentes à superfície. Apesar de todos estes obstáculos e limitações prévias, tentámos recentemente obter datações absolutas pelo C14 para amostras integradas em estratos correspondentes às duas ocupações do esporão.

Os resultados foram os seguintes:

AMOSTRA (numeração interna)	LABORATÓRIO E Nº DA AMOSTRA	PROVENIÊNCIA	DATAÇÃO B.P.	CONVERSÃO a.C./d.C.
1	Ly 3375	L.3 - N14' c.3	3040 ± 140	1090 a.C.
2	Ly 3376	L.3 - M10 c.2 (base)	1940 ± 90	10 d.C.

As amostras foram recolhidas em *concentrações* de *carvão de madeira* existentes na camada de ocupação mais antiga (amostra 1), a cerca de 70 cm do solo e na base da segunda ocupação (amostra 2), a 50 cm do solo actual. Essas concentrações não correspondiam a estruturas de combustão. Aliás, estas não foram observadas no Local 3.

O Laboratório de Lyon, em carta assinada pelo seu director, Jacques Evin, fazia-nos notar, em primeiro lugar, que, após o tratamento, a amostra 1 (Ly 3375) tinha fornecido uma "quantidade relativamente *fraca* de matéria carbonizada disponível" e, em segundo lugar, que atribuía o *carácter anómalo das datas* a uma "contaminação ou mistura com carvões provenientes de camadas superiores ou com raizes" (242). Estamos de acordo no que respeita à possível contaminação por raízes ou, eventualmente, por carvões da camada humosa actual que tenham "imigrado" até às camadas arqueológicas, embora as amostras provenham de sítios onde não foi observada qualquer perturbação estratigráfica e te

nham sido extraídas de concentrações que sugeriam a existência de "combustões" localizadas, no interior dos respectivos estratos. Os resultados agora apresentados advertem-nos para as más condições oferecidas pela estação no que respeita a análise pelo C14 de amostras de carvão e aconselham-nos a procurar outros métodos alternativos de datação absoluta, ou a tentar encontrar, posteriormente, sequências estratigráficas de maior espessura, onde seja mais difícil a possibilidade de contaminação por raízes ou carvões actuais.

A integração cronológica e cultural do povoado encontra-se, assim, dependente, exclusivamente, da ponderação sugerida por determinados elementos da cultura material, em particular da cerâmica campaniforme. A nível peninsular, o *campaniforme marítimo* apresenta um desenvolvimento global entre 2100/2000 a.C. e 1800 a.C.. No Zambujal, a fase 3b, associada a campaniforme marítimo, oferece duas datas: 2105 ± 40 a.C. (GrN - - 7004) e 2045 ± 35 a.C. (GrN - 7004) (243). O marítimo associado ao pontilhado geométrico surge na mesma estação nas fases 3b-c, pelo que a sua cronologia não deve ultrapassar em muito a baliza de 2000 a.C.. Por sua vez, no Sudeste, possuímos algumas datas mais tardias, provenientes dos povoados de El Malagón, Cerro de La Virgen e Castillejos de Montefrío.

No primeiro, a última ocupação do povoado (IIB) data de 1980 ± 70 (GrN - - 10148) e nela foram identificados alguns "escassos vasos de campaniforme marítimo" (244). Em Cerro de la Virgen, o campaniforme marítimo associado ao inciso foi identificado na fase IIa com três datações: 1970 ± 60 a.C. (GrN - 5597), 1970 ± 35 a.C. (GrN - - 5596) e 1940 ± 40 (FrN - 5595) (245). Por fim, em Montefrío, o estrato II da fase IV (marítimo associado a Ciempozuelos) foi datado de 1890 ± 35 a.C. (GrN - 5593) (246).

Na Galiza, o campaniforme marítimo (na sua variedade internacional e linear) é integrado por Criado Boado e Vásquez Varela nos inícios do IIº milénio a.C., entre c. 2000 e 1980 a.C.. O pontilhado geométrico, correspondendo ao que os autores designam por um movimento de "Refluxo", será um pouco mais tardio, desenvolvendo-se entre 1980 e 1800 a.C. (247).

Na Pastoria predomina, como afirmámos, o campaniforme marítimo, na sua variedade linear. Se aceitarmos a provável vinculação deste complexo ao foco da Estremadura, será de admitir que a sua expansão para norte, ainda que rápida, se tenha concretizado numa data ligeiramente mais recente do que a conhecida para o Zambujal, provavelmente entre 2000 e 1900 a.C.. Alguns elementos campaniformes "evolucionados" poderão sugerir uma eventual perduração do local até cerca de 1850 a.C., embora este marco deva ser encarado como extremamente provisório e hipotético. De qualquer forma, neste amplo período cronológico, e num contexto calcolítico campaniforme, são facilmente integráveis, como já tivemos ocasião de afirmar, os artefactos metálicos de cobre arsenical, alguns tipos de pontas de seta e até o peso de tear cerâmico. Por outro lado, as formas cerâmicas troncо-cónicas de bordos denteados, com cordões simples ou decorados, que ocorrem, predominantemente, no final da ocupação do esporão, correspondem a modelos tardios que preconizam nesta área da Península, a exemplo do que acontece em inúmeras regiões, padrões divulgados ao longo da Idade do Bronze.

A cronologia da fase pré-campaniforme é mais polémica. Na verdade, se podemos aceitar como baliza final a data de 2000 a.C., não podemos deduzir o início da ocupação da estação. A espessura dos estratos pré-campaniformes é bastante fina no esporão e, por outro lado, não foram encontradas estruturas habitacionais de grande envergadura, nem um número suficiente de artefactos, que permitam pressupor uma intensa ocupação anterior à introdução da cerâmica campaniforme. Mas mesmo que esta hipótese se venha a confirmar, ela só terá validade relativamente à ocupação observada nas áreas escavadas, o que corresponde a uma ínfima parte do povoado. Para os sectores estudados, e face às sugestões referidas, propomos um provisório marco cronológico inicial por volta de 2200/ /2100 a.C.. Neste período caberiam predominantemente formas cerâmicas decoradas segundo um padrão metopado, associadas a outras organizações decorativas, que, no conjunto, também encontram paralelos formais em recipientes calcolíticos do Sul da Península.

LEGENDAS DAS FIGURAS

B - 3.3 — PASTORIA

Fig. 1 - Formas cerâmicas dos sectores a norte do estradão.

Fig. 2 - Formas cerâmicas dos sectores a norte do estradão.

Fig. 3 - Percentagens de tipos morfológicos cerâmicos dos sectores a norte do estradão.

Fig. 4 - Organizações decorativas da cerâmica de sectores a norte do estradão.

Fig. 5 - Organizações decorativas da cerâmica de sectores a norte do estradão.

Fig. 6 - Percentagens de organizações decorativas da cerâmica de sectores a norte do estradão.

Fig. 7 - Articulação das principais organizações decorativas com tipos morfológicos da cerâmica de sectores a norte do estradão.

Fig. 8 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.4).

Fig. 9 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.4).

Fig. 10 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.4).

Fig. 11 - Organizações decorativas da cerâmica do Local 3 (c.4).

Fig. 12 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.3/2).

Fig. 13 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.3/2).

Fig. 14 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.3/2).

Fig. 15 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.3/2).

Fig. 16 - Formas cerâmicas do Local 3 (c.3/2).

Fig. 17 - Organizações decorativas da cerâmica do Local 3 (c.3/2).

Fig. 18 - Organizações decorativas da cerâmica do Local 3 (c.3/2).

Fig. 19 - Organizações decorativas da cerâmica do Local 3 (c.3/2).

Fig. 20 - Principais tipos morfológicos de pontas de seta nos dois níveis de ocupação do Local 3.

Fig. 21 - *Percentagens de tipos morfológicos* (A): a - Sectores a norte do estradão; b - - L.3 (c.4); c - L.3 (c.3 - Ped.); d - L.3 (c.3). *Categorias tipológicas* (B): a - Sectores a norte do estradão; b - L.3 (c.4); c - L.3 (c.3 - Ped.); d - L.3 (c.3).

Fig. 22 - *Percentagens de organizações decorativas* (C): a - Sectores a norte do estradão; b - L.3 (c.4); c - L.3 (c.3 - Ped.); d - L.3 (c.3).

Fig. 23 - Tipos morfológicos de pontas de seta (segundo G. e V. Leisner): 1 - Ponta de seta de base triangular, convexa (ou pequeno pedúnculo esboçado); 2 - Ponta de seta de base recta ou côncava de lados sub-rectilíneos ou côncavos; 3 - Ponta de seta de base recta, côncava ou bicôncava, com lados convexos; 4 - Ponta de seta de base pedunculada (pedúnculo curto e estreito e aletas oblíquas).

Fig. 24 - Tipos morfológicos de contas de colar: 1 - conta cilíndrica alongada de lados convexos; 2 - conta cilíndrica alongada de lados rectilíneos; 3 - conta cilíndrica achatada de lados rectilíneos; 4 - conta discoidal achatada; 5 - conta esférica achatada.

Notas

(1) Apesar de se privilegiar a comparação com áreas exteriores ao Norte de Portugal, aludir-se-á a materiais desta região, de forma breve e sucinta, sempre que tal esclareça melhor a amplitude e o sentido das analogias referidas.

(2) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*, p. 426.

(3) Leisner, V., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da V. (1961), *Les Grottes Artificielles du Casal do Pardo...*, pp. 34-35.

(4) *V.* nota 2, pp. 444-448.

(5) *V.* nota 2, pp. 460-464.

(6) *V.* nota 2, pp. 428-432.

(7) Ferreira, O. da Veiga e Silva, C. T. (1979), A estratigrafia do povoado..., pp. 215-216.

(8) Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal - Die Grabungen...*, tafel 62.

(9) Paço A. (1939, 1942, 1943), A póvoa eneolítica..., fig. 15/fig. 18/fig. 14; Savory, H. (1970), A section through the innermost...

(10) Spindler, K. (1971), Eine Kupferzeitliche Siedlung vom Pico Agudo..., fig. 5; Soares, J. e Silva, C. T. (1975), A ocupação pré-histórica do Pedrão..., Est. IX.

(11) Almagro, M. (1959), Excavaciones en el sepulcros de corredor..., fig. 18.

(12) Almagro, M. e Arribas, A. (1963), *El Poblado y la Necrópolis Megalíticos de Los Millares...*, Lam. XXXII, nºs 54-57.

(13) *V.* nota 2, pp. 428-432.

(14) Delibes de Castro, G. (1977), *El Vaso Campaniforme....*

(15) Andrés Rupérez, T. (1978), El utillaje de piedra tallada en los sepulcros..., p. 36.

(16) Barandiarán, J. M., e Fernández Medrano, D. (1964), Excavacion del dolmen de San Martin (Laguardia)..., fig. 8.

(17) Barandiarán, I. e Basabe, J. M. (1978), El yacimiento eneolítico de La Atalayela..., fig. 6.

(18) *V.* nota 3.

(19) López Plaza, E. Mª S. (1978), *Comienzos del Eneolitico...*, p. 197.

(20) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho de Reguengos...*, p. 63.

(21) *V.* nota 19, p. 195.

(22) *V.* nota 20, p. 59.

(23) Serrão, E. da Cunha e Vicente, E. P. (1980), *Lâminas de Sílex...*

(24) *V.* nota 19, p. 198.

(25) *V.* nota 3.

(26) O punhal de cobre foi encontrado durante escavações clandestinas. Contudo, pudemos averiguar o local e deduzir a camada arqueológica onde aquele foi achado, de forma a podermos correlacioná-lo com os materiais exumados nas nossas próprias escavações.

(27) Harrison, R. J. (1977), *The Bell Beaker Cultures...*, p. 36.

(28) Spindler, K. (1981), *Cova da Moura...*, p. 122-123.

(29) Leisner, V., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da Veiga (1969), *Les Monuments Préhistoriques...*, PL. F.

(30) Leisner, V. e Ribeiro, L. (1968), Die Dolmen von Carapito..., fig. 11.

(31) *V.* nota 19; Morán Bardon, C. (1931), *Excavaciones en los Dólmenes de Salamanca...*; idem (1935), *Excavaciones en Dólmenes de Salamanca y Zamora...*

(32) Arribas, A. *et alii* (1971). Estudio mineralógico de la variscita..., pp. 115-132.

(33) Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal...*, p. 803; Gonçalves, A. A. Huet (1984), Escavação da Mamoa 2 de Outeiro de Ante..., fig. 15.

(34) Gonçalves, A. Huet Bacelar (1980), Elementos de adorno...

(35) *V.* nota 34; Gonçalves, A. H. B. (1981/82), Estudo mineralógico de elementos...

(36) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 70.

(37) *V.* nota 36, tafel 102.

(38) *V.* nota 36, tafel 56.

(39) *V.* nota 28, tafel 30.

(40) *V.* nota 36, tafel 50.

(41) *V.* nota 36, tafel 51.

(42) Ferreira, O. da Veiga, Zbyszewski, G., Leitão, M., North, C. T. e Sousa, H. R. (1975), Le monument mégalithique de Pedra Branca...

(43) *V.* nota 29.

(44) *V.* notas 3 e 28.

(45) *V.* 19, p. 213.

(46) *V.* nota 3, PL. B.

(47) *V.* nota 33; Jorge, V. O. (1984), Datas de C14 para o megalitismo...

(48) Maciñeira, F. (1941), El vaso campaniforme y condiciones de sus intactos yacimientos...

(49) Vázquez Varela (1979), El horizonte de Rechaba...

(50) *V.* nota 28, p. 118.

(51) Paço, A. (1939). A pôvoa eneolítica de Vila Nova...

(52) *V.* nota 51: Leisner, V. e Schubart, H. (1966), Die Kupperzeitliche...

(53) *V.* nota 52: Leisner, V. e Schubart, H. (1966), p. 43.

(54) *V.* nota 28.

(55) Arnaud, J. Morais (1971), Os povoados "neo-eneolíticos" de Famão e Aboboreira...

(56) *V.* nota 55; Silva, C. T. e Soares, J. (1981), *Pré-História da Área de Sines*...

(57) Leisner, G. e V. (1959), *Die Megalithgräber*..., tafel 19, p. 127.

(58) *V.* nota 28.

(59) Gonçalves, V. (1971), *O Castro da Rotura*...

(60) *V.* nota 28, p. 120.

(61) Savory, H. (1979), A section through the innermost...

(62) Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la edad del cobre de "El Malagón" (Cullar-Baza, Granada)..., fig. 13.

(63) Arribas, A. *et alii* (1979), Excavaciones en Los Millares... fig. 12, i.

(64) *V.* nota 63, fig. 12, j.

(65) *V.* nota 52: Leisner, V. e Schubart, H. (1966).

(66) Schüle, W. e Pellicer, M. (1966), *El Cerro de la Virgen*...

(67) Arribas, A. e Molina, F (1979), *El Poblado de "Los Castillejos" en Las Peñas de los Gitanos*...

(68) *V.* nota 19, p. 253; Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico...

(69) Leisner, G. e V. (1943, 1959), *Die Megalithgräber*...; Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber*...

(70) Agradecemos a Victor Hurtado as informações prestadas sobre a tipologia cerâmica do povoado de La Pijotilla.

(71) Silva, Carlos Tavares e Soares, Joaquina (1976-77), Contribuição para o conhecimento dos povoados...

(72) Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal - Die Grabungen*...

(73) Silva, Carlos Tavares da (1971), O povoado pré-histórico da Rotura...

(74) *V.* nota 19.

(75) *V.* nota 66.

(76) *V.* nota 67.

(77) Arteaga, O. e Schubart, H. (1980), Fuente Alamo...

(78) Molina González, F. e Pareja López, E. (1975), *Excavaciones en La Cuesta del Negro...*

(79) Zamora Canellada, A. (1976), *Excavaciones de la Cueva de La Vaquera, Torreiglesias (Segovia)...*

(80) Fernández-Posse y de Arnáiz, M. D. (1981), La cueva de Arevalillo de Cega...

(81) Fernández-Posse y de Arnáiz, M. D. (1980), Los materiales de la cueva del Aire de Patones...

(82) Fernandez-Miranda, M. (1969-70), El poblado de La Loma de Chiclana...

(83) Quero, S. e Priego, M. C. (1976), Noticia sobre el poblado campaniforme...; Harrison, R., Priego, M. C. e Quero, S. (1975), Beaker metallurgy in Spain...

(84) *V.* nota 2; Leisner, G. e V. (1951), *As Antas de Reguengos...*; *V.* nota 67; Silva, C. T. da (1971), O povoado prē-histórico da Rotura...; *V.* nota 19.

(85) *V.* nota 73.

(86) *V.* nota 80.

(87) *V.* nota 19; López Plaza (1979), Aportacion al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO de la Meseta...

(88) *V.* nota 82.

(89) *V.* nota 83.

(90) *V.* nota 79, figs. XII-XVI.

(91) *V.* nota 84; Silva, C. T. da (1971), O povoado prē-histórico da Rotura..., p. 182.

(92) *V.* nota 87; López Plaza (1979), p. 77.

(93) *V.* nota 71.

(94) *V.* nota 67: fig. 90, nº 713; fig. 96, nº 753; fig. 97; fig 98, nº 763; fig. 99, nºs 779, 778, 782; fig. 102, nº 796; fig. 104, nºs 809, 808, 811; fig. 105, nº 807.

(95) *V.* nota 66, fig. 20, nºs 1 e 2; fig. 27, nºs 3 e 11; fig. 33, nºs 1, 2 e 3.

(96) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1976), Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (III)..., fig. 6.

(97) Martín Valls e Delibes de Castro, G. (1982), Hallazgos arqueológicos..., p. 62.

(98) *V.* nota 96.

(99) López Plaza, S. e Piñel, C. (1978), El poblado eneolítico de Fontanillas de Castro (Zamora)...

(100) *V.* nota 90.

(101) *V.* nota 79, fig. XVI, nº 262.

(102) *V.* nota 80, fig. 17.

(103) Barandiarān, I, (1975), Revisiõn estratigrafica de la Cueva de La Mora..., fig. 22.

(104) *V.* nota 83; Priego, M. C. e Quero, S. (1977), El campaniforme en el valle del Manzanares..., pp. 267-276.

(105) *V.* nota 82.

(106) *V.* nota 81.

(107) Cerdeño, M. L. *et alii* (1980), El yacimiento de la edad del Bronce de "La Torrecilla"...

(108) Quero, S. (1982), El poblado del Bronce Medio de Teja del Sastre...

(109) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, pp. 234-251. Não se utiliza o sentido estrito (decoração brunida ou incisa em "copos" ou taças) usado por Cardoso (1981, O povoado pré-histõrico da Leceia...). O termo "canelada" é aqui utilizado para englobar técnicas de incisão (fina e estreita ou profunda e larga), associadas a uma gama diversificada de motivos que ocorrem preferencialmente em recipientes de uso doméstico de povoados da Estremadura portuguesa.

(110) Paço, A. (1960-61), Castro de Vila Nova de S. Pedro..., figs. 2 e 3.

(111) Gallay, G. *et alii* (1973), *O Monumento Pré-histórico de Pai Mogo...*, fig. 69; *V.* nota 109, tafel 31 e 45.

(112) Ferrer Palma, Jose (1976), La necropolis megalitica de Fonelas..., fig. 7.

(113) Gonçalves, V. S. (1971), *O Castro da Rotura...*, Est. XXIV.

(114) *V.* nota 72, tafel 58.

(115) Paço, A. (1939), A põvoa eneolítica..., fig. 17, nº 13.

(116) *V.* nota 113, Est. XXIII, XVII.

(117) Almagro Gorbea, M. J. (1973), *Los Idolos del Bronce I Hispano...*, figs. 39-41.

(118) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 75.

(119) Leisner, V., Paço, A. do, Ribeiro, L. (1964), *Grutas Artificiais...*, Est. I, 16.

(120) *V.* nota 70.

(121) *V.* nota 19, pp. 156-157; fig. 10, nºs 2 e 9.

(122) Leisner, V. e Schubart, H. (1966), Die Kupperzeitliche..., alb. 7.

(123) *V.* nota 2, tafel 35, 37, 47 e 50.

(124) *V.* nota 122.

(125) Leitão, M. *et alii* (1978), La céramique de la culture du vase campaniforme..., p. 504, fig. 5, nº 20.

(126) *V.* nota 122.

(127) Gallay, G. *et alii* (1973), *O Monumento Pré-histórico de Mai Mogo...*, fig. 69, nºs 362 e 357.

(128) *V.* nota 110, fig. 3, nº 10.

(129) Bubner, M. A. Horta Pereira (1979), Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa..., Est. XII, 3.

(130) *V.* nota 125, p. 505.

(131) Harrison, R. J. (1977), *The Bell Beaker Cultures...*, fig. 47, nº 257.

(132) *V.* nota 118, tafel 73, nº 110.

(133) Agradecemos a A. Peña Santos a possibilidade de utilizar este dado inédito.

(134) É conhecida nas estações da Rotura, Penedo, Grutas do Rio Almonda, Casa da Moura (Cesareda): Aberg, Nils (1921), *La Civilisation Énéolithique...*, fig. 118; Spindler, R. e Trindade, L. (1970), A póvoa eneolítica..., Est. XXIX, nº 705; Paço, A., Vaultier, M. e Zbyszewski, G. (1947), Gruta da nascente do rio Almonda..., p. 1.

(135) Hurtado, V. e Amores, F. de (1982), Relaciones culturales..., p. 200.

(136) *V.* nota 19.

(137) Materiais expostos no Museu de Orense, provenientes das estações de As Pipileiras e Illa de Pazos.

(138) *V.* nota 131, fig. 67.

(139) *V.* nota 131, p. 13.

(140) Serrão, E. C. e Vicente, E. P. (1958), O castro eneolítico de Olelas..., Est. V, nº 19.

(141) *V.* nota 122, abb. 7.

(142) *V.* nota 125, figs. 5 e 6.

(143) López Plaza, S. (1978), *Comienzos del Eneolítico...*, p. 149.

(144) Spindler, K. (1976), Die Neolithische Parede - Gruppe...

(145) *V.* nota 81.

(146) *V.* nota 79, figs. XVIII-XX.

(147) Schüle, W. e Pellicer, M. (1966), *El Cerro de la Virgen...*; Arribas, A. e Molina, F. (1979), *El Poblado de "Los Castillejos"...*

(148) Martínez Navarrete, M. I. e Valiente Cánovas, S. (1983), El Cerro del Castillejo..

(149) *V.* notas 101 e 103.

(150) *V.* nota 131, p. 14.

(151) Treinen, F. (1970), Les poteries campaniformes en France...

(152) *V.* nota 119, Est J, 1.

(153) *V.* nota 131, fig. 60, nºs 946-948.

(154) *V.* nota 131, fig. 56, nº 721.

(155) Criado Boado, F. e Vázquez Varela, J. M. (1982), *La Ceramica Campaniforme...*, fig. 12, nº 36; fig. 13, nºs 34, 35.

(156) *V.* nota 155, fig. 11; *V.* nota 131, fig. 67.

(157) *V.* nota 155, fig. 4A, nº 13.

(158) *V.* nota 155, fig. 5B, nº 15.

(159) *V.* nota 133.

(160) Harrison, R., Bubner, T. e Hibbs, V. A. (1976), The Beaker pottery from El Acebuchal..., fig. 8, nºs 18, 22, 23, 24.

(161) *V.* nota 131, fig. 110, nº 2073.

(162) *V.* nota 131, p. 14.

(163) *V.* nota 29, PL. G-95.

(164) *V.* nota 118, tafel 62, nºs 35-36.

(165) Paço, A. e Pinto, E. (1961), Vasos campaniformes de Guilhabreu...

(166) Moreno López, G. (1971-72), Cerámica campaniforme en la Cuenca Alta y Media del Ebro...

(167) Delibes de Castro, G. (1977), *El Vaso Campaniforme...*

(168) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 91, nº 152; *V.* nota 119, Est. I, 1.

(169) *V.* nota 118, tafel 65, 7.

(170) *V.* nota 155, fig. 4B-11.

(171) García-Lastra Merino, Montserrat (1984), Primeros resultados de la campaña de excavaciones..., fig. 15.

(172) *V.* notas 155 e 171.

(173) *V.* nota 155, fig. 9, nº 26 e fig. 7.

(174) Bubner, T. (1979), Ocupação campaniforme do Outeiro de S. Bernardo..., Est. II, nº 9.

(175) Ramos Fernández, R. (1984), Memoria de las excavaciones realizadas en el promontori..., fig. 8.

(176) *V.* nota 131, figs. 93 e 97.

(177) *V.* nota 131, fig. 90, nº 1799.

(178) *V.* nota 125, p. 457.

(179) *V.* nota 131, p. 14.

(180) Soares, J. e Silva, C. T. da (1974/77), O grupo de Palmela no quadro da cerâmica... p. 103.

(181) *V.* nota 131, fig. 67, nº 1220; *V.* nota 155, fig. 10.

(182) *V.* nota 131, pp. 13-17.

(183) *V.* nota 155, fig. 4A, nº 13.

(184) *V.* nota 133.

(185) *V.* notas 125 e 180.

(186) *V.* nota 131, p. 14.

(187) Delibes de Castro, G. e Municio, L. (1981), Apuntes para el estudio de la secuencia campaniforme..., pp. 69-70.

(188) *V.* nota 155, pp. 68-69.

(189) *V.* nota 125, p. 457.

(190) *V.* nota 155, p. 72.

(191) *V.* nota 131, p. 14.

(192) *V.* nota 131, p. 17.

(193) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 91, nº 153.

(194) *V.* nota 125, fig. 3, nº 23.

(195) Ferreira, O. da Veiga *et alii* (1975), Le monument mégalithique de Pedra Branca..., Est. A, 1.

(196) *V.* nota 131, fig. 41, nº 103.

(197) Correia, A. M. e Teixeira, C. (1949), *A Jazida Pré-histórica de Eira-Pedrinha...*, Est. VII, 1.

(198) Schubart, H. (1965), As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro..., Est. II.

(199) *V.* nota 167, fig. 31, nº 2; *V.* nota 131, fig. 68, nº 1237.

(200) Schubart, H. (1971), O Horizonte de Ferradeira...

(201) *V.* nota 167.

(202) *V.* nota 131, fig. 69, nº 1235; *V.* nota 167, fig. 29.

(203) Schubart, H. (1975), Datas de radiocarvão para o castro...

(204) *V.* nota 155, p. 76.

(205) *V.* notas 131 e 180.

(206) Dois pequenos fragmentos dos três recipientes mencionados foram registados num nível de transição entre a camada 3 e a camada 2.

(207) Spindler, K. (1981), *Cova da Moura*...

(208) *V.* nota 19, p. 233.

(209) Análise realizada por M. Fátima Araújo e J. M. Peixoto Cabral do LNETI.

(210) A sua descoberta resultou de escavações clandestinas, anteriores ao nosso próprio trabalho na estação.

(211) *V.* nota 209.

(212) *V.* notas 207 e 2; Harrison, R. J. (1974), A reconsideration of the Iberian background...; Rothenberg, B. e Blanco-Freijeiro, A. (1981), Ancient Mining and Metallurgy in South-Spain...; Chapman, R. W. (1984), Early metallurgy in Iberia...

(213) *V.* nota 2, pp. 522-541.

(214) Considerados por G. e V. Leisner (nota 2, pp. 529-530) como calcolíticos pré-campaniformes, foram posteriormente incluídos por Schubart (1973, Las alabardas tipo Montejícar...,.p. 263) numa fase contemporânea do "Horizonte da Ferradeira".

(215) Savory, H.N. (1970), A section through the innermost rampart...; Savory H. N. (1969), *Espanha e Portugal*..., p. 161.

(216) Paço, A. (1939, 1942), A póvoa eneolítica...

(217) Sangmeister, E., Schubart, H. e Trindade, L. (1970), Escavação na fortificação eneolítica...; idem (1971), Escavação na fortificação da idade do cobre...

(218) Paço, A. (1964), Castro de Vila Nova de S. Pedro..., figs. 20-22.

(219) *V.* nota 7.

(220) *V.* nota 59.

(221) *V.* nota 59, Est. XXVI, 2 e, f.

(222) Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la edad del cobre de "El Malagón"...

(223) *V.* nota 67.

(224) *V.* nota 222.

(225) Arribas, A. e Molina, F. (1984), Estado actual de la investigación del Megalitismo..., p. 97 e nota 235.

(226) Arribas, A. e Molina, F. (1980), Nuevas aportaciones al inicio de la metalurgia..., p. 18.

(227) Almagro-Gorbea, M. (1980), Problems of the origin of metallurgy...; Chapman, R. W. (1984), Early Metallurgy in Iberia...

(228) O Calcolítico das regiões do Alentejo, Algarve e Andaluzia encontra-se a ser actualmente revisto através de múltiplas escavações em povoados e necrópoles, havendo muitos indícios de que nesta ampla região, de grande homogeneidade cultural, se desenvolveu também intensamente a produção e o intercâmbio de artefactos de cobre. (*V.* resumos de comunicações apresentadas ao Colóquio sobre o Calcolítico do Centro e Sul de Portugal, promovido pela UNIARCH e MAEDS em Abril de 1985).

(229) Harrison, R. J. (1974), A reconsideration of the Iberian...

(230) *V.* nota 203.

(231) *V.* nota 131.

(232) *V.* nota 8.

(233) *V.* nota 215.

(234) *V.* nota 218.

(235) *V.* nota 59, Est. XXVI.

(236) *V.* nota 226, p. 27.

(237) *V.* notas 222 (fig. 16) e 225.

(238) *V.* nota 19.

(239) *V.* nota 238, p. 235.

(240) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1981), Hallazgos arqueologicos en la provincia de Zamora...

(241) *V.* notas 229 e 131.

(242) Carta datada de 8 de Março de 1985.

(243) *V.* nota 203.

(244) Molina González, F. (1983), *Prehistoria...*, pp. 36 e 71; *V.* nota 225, p. 72.

(245) Vogel, J. C. e Waterbolk, H. T. (1972), *Gröningen Radiocarbon Dates X...*, pp. 74-75.

(246) González-Gomez, C. e Domingo Garcia, M. (1978), *El Laboratório de Datacion...*, pp. 362-363.

(247) *V.* nota 155, p. 80.

3.4 A ESTAÇÃO DE CASTELO DE AGUIAR (TELÕES, VILA POUCA DE AGUIAR)

3.4.1 *LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO*

A estação de Castelo de Aguiar pertence à freguesia de Telões, concelho de Vila Pouca de Aguiar, distrito de Vila Real.

As coordenadas geográficas relativas a um ponto central da área da estação em que incidiram as escavações são as seguintes (seg."Carta Militar de Portugal" na escala 1/25 000 - folha 74 - Vila Pouca de Aguiar):

41° 28' 6" Lat. N

1° 27' 21" Long. E Lx

Este povoado localiza-se na parte média do *rebordo ocidental da bacia de Telões*, a qual se inicia na portela de Vila Pouca de Aguiar, desenvolvendo-se para sul, à altitude média de 660-730 m. A estação integra-se num esporão avançado (810 m) da abrupta *escarpa de falha* que domina o vale do rio Corgo, no seu troço inicial entre Soutelo de Aguiar e Telões.

Mariano Feio descreve-nos a região, do ponto de vista geomorfológico, nos seguintes termos: "A bacia de Telões (...) começa na portela de Vila Pouca de Aguiar e é a mais elevada de toda a linha de depressão (660-730 m). A bacia, a princípio muito estreita, alarga-se para o Sul. É limitada tanto a leste como a oeste por escarpas graníticas bem marcadas, com cerca de 250 m de altura. De lado sul fecham-na relevos pouco importantes, a cerca de 800 m de altitude (...), onde se reconhecem restos de superfícies. O rio Corgo, de traçado rectilíneo que prolonga o Avelames, corre encostado à escarpa oriental e é provável que tenha rebaixado um pouco, deste lado, o fundo da bacia. Todavia esta representa, em conjunto, um troço de superfície tão perfeito como o que se observava no alto do Alvão". (1)

A área ocupada pela estação, segundo a "Carta Geológica de Portugal" na escala de 1/500 000, encontra-se implantada numa unidade geológica constituída por *granitos* predominantemente *calco-alcalinos, biotíticos, em geral, porfiróides*. Na ausência de uma carta geológica que abranje a área da estação, à escala de 1/50 000, apenas podemos constatar que o tipo referido de granitos ocupa uma ampla mancha desde Telões a Vidago/ /Arcossó, a ocidente da falha tectónica, e de Bornes a Loivos, a oriente da mesma (2).

Do ponto de vista hidrogeológico, segundo a "Carta Hidrogeológica de Portugal", na escala de 1/1 000 000 (3), a área da estação encontra-se inserta numa unidade de rochas intrusivas, hercínicas, predominantemente graníticas, de *permeabilidade reduzida*. A *natureza* destes solos deve corresponder, como na bacia de Chaves, a areias grosseiras, cascalho e intercalações argilosas (4), a qual dificulta, em regra, a acumulação das águas em profundidade.

Em função da *irregularidade do nível freático*, existem poucos cursos de água

que se mantenham permanentes durante todo o ano.

Pedologicamente, segundo a "Carta dos Solos de Portugal", a zona arqueológica insere-se na unidade B - Cambissolos, variedade Bh 2 - Cambissolos húmicos (rochas eruptivas) (5).

A "Carta de Capacidade de Uso de Solos" indica-nos a existência na área da estação de um *complexo* constituído por solos susceptíveis de utilização agrícola (classe A) e solos de utilização exclusivamente florestal (classe F) (6).

A dimensão global da estação - povoado da Pré-História Recente - é-nos praticamente desconhecida. Apenas, numa reduzida superfície atravessada por um estradão recente (7) foi possível detectar, através da leitura da estratigrafia existente nos taludes do referido caminho, uma ocupação pré-histórica que se desenvolve, no local, no topo duma *plataforma em esporão, orientada a NE*, à altitude média absoluta de 810 m. O referido esporão e uma segunda plataforma situada a uma latitude mais baixa, delimitada pela curva de nível de 800 m (orientada a leste), podem constituir o núcleo essencial desta ocupação, que se terá implantado em zonas aplanadas ou de declive suave, *integrando grandes afloramentos graníticos* que, aliás, pontuam toda a vertente que desce desde o rebordo do planalto até à base da escarpa de falha. Esta área, provàvelmente ocupada durante a Pré-História recente, poderá ter uma superfície relativamente restrita, que não ultrapasse os 2,5 ha. Refira-se que os esporões mencionados fazem parte duma sucessão de plataformas orientadas genericamente a leste e NE que descem em escada, desde as proximidades da aldeia do Castelo (900 m) (junto à qual se implanta, num ponto sobranceiro a todo o vale do Corgo, o Castelo Medieval de Aguiar (8)), até à base da vertente, delimitada pela curva de 700 m, contígua à bacia de Telões.

Estas plataformas são circundadas a norte por uma rede de pequenos cursos de água que nascem no alto da encosta (entre 900 e 920 m) e vão engrossar a NE um importante ribeiro afluente do Corgo. As vertentes que dão acesso a esta linha de água são designadas localmente pelos *Lameiros do Castelo*. Dada a posição topográfica da estação relativamente a este curso de água (permanente durante uma grande parte do ano), é de presumir que aquele tenha desempenhado uma função importante na alimentação de solos potencialmente agricultáveis e eventualmente utilizados pelos ocupantes do povoado. Tal hipótese, aliás lógica, poderia ter determinado a extensão do povoado pré-histórico para norte e nordeste, provavelmente até a altitudes entre 780 e 790 m.

Contudo, a cobertura vegetal (expontânea e cultivada) de toda esta vasta área (9) impede-nos a verificação de tal hipótese, sem a intervenção de múltiplas sondagens de controlo. As plataformas estão cobertas por manchas densas de carvalhos e castanheiros que cobrem integralmente a área da estação.

3.4.2 *METODOLOGIA GERAL DA ESCAVAÇÃO. SECTORES ESCAVADOS*

As sondagens realizaram-se ao longo de três curtas campanhas de escavação, entre 1982 e 1984. O seu principal objectivo foi interpretar a estratigrafia observada

no talude norte de um dos lados do estradão mencionado.

Após a limpeza e registo da estratigrafia do talude, ao longo de 46 metros de comprimento (com uma espessura variável entre 1,10 m e 3,20 m), abriram-se para NO três áreas contíguas ao bordo do estradão, insertas num quadriculado geral, sub-dividido em unidades de 2 m de lado, genericamente perpendicular ao eixo da estrada.

Estas áreas integram-se, como já referimos, no topo duma plataforma orientada a NE, delimitada por grandes rochedos, que contiveram os níveis arqueológicos nela existentes.

Os sectores intervencionados, designados por Local 1, Local 2 e Local 3 (numerados por ordem de escavação), têm, respectivamente, as seguintes superfícies: 8 m^2, 35 m^2 e 64 m^2. O Local 1 e o Local 2 distam entre si, em linha recta, cerca de 8,5 m e o Local 2 e o Local 3, cerca de 4,5 m.

Em todas as áreas intervencionadas foi utilizado o mesmo ponto de referência altimétrica local. Nos três sectores foi seguido o método de decapagem em área das *camadas reais*, tendo sido referenciados os materiais e as estruturas nelas encontrados, quer em função das camadas, quer, no seu interior, em "estratos" ou "conjuntos" associados a estruturas. As camadas, estratos e conjuntos foram registados pelas profundidades dos seus limites superior e inferior.

Simultaneamente, adoptou-se o método de decapagem por camadas artificiais de 5 cm, adentro de cada camada real, processo que permitiu avaliar com maior justeza a eventual evolução da variabilidade formal dos materiais no interior de cada nível de ocupação.

Notas

(1) Feio, Mariano (1951), Notas geomorfológicas..., p. 210.

(2) *Carta Geológica de Portugal* (escala 1/500 000) (Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1972).

(3) *Carta Hidrogeológica de Portugal* (escala 1/1 000 000) (Serviços Geológicos, 1970).

(4) Apenas temos conhecimento pormenorizado da constituição dos depósitos do fundo da depressão (leitos de argila, areias arkósicas e calhaus). Segundo Mariano Feio (*v.* nota 1, p. 211), "... As arkoses constituem o elemento mais importante da formação; algumas camadas desta natureza contêm grãos de quartzo filoniano em abundância (...)". Ainda segundo o mesmo autor, "... o depósito não podia ter recebido contribuições consideráveis do planalto (nem por transporte fluvial, nem por enxurradas)".

(5) *Carta dos Solos (escala 1/1 000 000)* (Secretaria de Estado do Ambiente, 1978) (Unidades pedológicas segundo o esquema da FAO para a Carta dos Solos da Europa).

(6) *Carta de Capacidade de Uso de Solos* (escala de 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1982) (Classificação segundo o "Esboço Geral de Ordenamento Agrário" do SROA). A área global que integra a estação confina a ocidente com uma zona de utilização não agrícola exclusivamente florestal (classe F) e a oriente com a área de boa potencialidade agrícola na margem ocidental do vale do Corgo (classe A).

(7) Na sequência da construção do estradão, a identificação da estação foi-nos comunicada por Joaquim Morais a quem muito agradecemos a informação.

(8) O Castelo de Aguiar ergue-se num soberbo promontório rochoso, à altitude média de 860 m, a cerca de 50 metros acima da estação pré-histórica. Nos últimos anos foi objecto de escavações arqueológicas, conduzidas por Mário Barroca (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), a quem agradecemos a informação sobre a inexistência no local de níveis pré-históricos anteriores à ocupação medieval do castelo.

(9) A associação vegetal expontânea é constituída por carvalhos, castanheiros, pinheiro marítimo e sobreiro, além de diversas plantas arbustivas, que são habituais em largas áreas de altitude média ao longo da depressão Corgo-Chaves (Taborda, V., 1932, *Alto Trás-os-Montes...*, pp. 93-96). A *Carta Agrícola e Florestal* (escala de 1/1 000 000, Secretaria de Estado do Ambiente, 1980) indica-nos na área uma intensa *utilização florestal dos solos* (povoamento de folhosas), solos que inserem *culturas arvenses* junto aos vales.

3.4.3 *ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E MATERIAIS*

A estratigrafia revelada pelo corte do talude do estradão, correlacionada com os dados da própria escavação, demonstrou a existência de *três grandes fases* de ocupação da estação: - uma primeira fase integra dois momentos da *Pré-história Recente* e será objecto de desenvolvimento subsequente; - uma segunda fase diz respeito à ocupação do sítio durante a *Idade do Bronze Tardio e Final*, manifestando-se em toda a área observada, pelos vestígios de várias estruturas habitacionais e pela existência duma estrutura defensiva; - uma terceira fase insere uma muralha e camadas de ocupação de *época romana*, as quais se localizam em áreas restritas dos sectores observados.

Como é óbvio, apenas nos debruçaremos sobre *a primeira fase*, pois ela inclui duas ocupações, "grosso modo", sincrónicas das que temos vindo a analisar em outras estações do vale do Tâmega.

3.4.3.1 O Nível Pré-histórico Mais Antigo

Este nível de ocupação observa-se apenas no Local 2, nos quadrados N1/O1 e P1/Q1/R1. No *corte estratigráfico* do talude do estradão ele corresponde a uma camada (c.6) com cerca de 20 cm de espessura, de cor acinzentada e textura arenosa, que preenche, de forma descontínua, ligeiras depressões abertas na camada estéril de base.

Nos quadrados N1/O1 esta camada encontrava-se selada por um estrato pouco espesso, de textura granulosa, constituído por saibro decomposto. *Espacialmente* esta camada confinava-se, nos quadrados referidos, a uma pequena área com cerca de 50 cm de largura para o interior do bordo do talude do estradão. Nos quadrados P1 e Q1 foram recolhidos abundantes fragmentos de madeira carbonizada que, uma vez analisados, forneceram uma data de C14. Não se detectaram quaisquer estruturas. Esta primeira ocupação do local, *ténue* e *bem localizada*, num local protegido entre penedos, deveria prolongar-se na direcção do estradão e, provavelmente, ter-se-á desenvolvido para o lado oposto, no sentido do esporão que domina o vale do Corgo.

Este primeiro nível de ocupação revelou apenas, como material arqueológico, *dez fragmentos cerâmicos*, cuja pasta apresentava textura compacta e desengordurante constituído por grãos de quartzo e palhetas de mica de calibre médio e grosseiro. As superfícies mostravam-se *alisadas*, algumas com vestígios de corrosão, de cor entre o castanho, o beije e o avermelhado. Destes dez fragmentos apenas se seleccionaram *quatro bordos* pertencentes a uma forma aberta e a três fechadas. Contudo, apenas foi possível a reconstituição duma forma completa: *um semi-esférico de bordo reentrante e provável fundo convexo*, decorado sob o bordo com linhas incisas curvilíneas em "chama", formando uma banda em sequência linear horizontal. Esta sequência era quebrada por uma linha incisa vertical. Outras decorações observadas compreendiam, num exemplar, linhas incisas verticais delimitadas por linhas incisas horizontais, imediatamente sob o brodo, e, em dois outros fragmentos, linhas incisas cruzadas formando reticulado.

A pequena quantidade dos exemplares registados e, por outro lado, a sua gran

de fragmentação, impedem-nos de poder apresentar um quadro válido de referência relativo às principais características da cerâmica deste nível de ocupação. Por esse motivo, dispensamo-nos de a classificar de maneira mais pormenorizada, remetendo o leitor para o inventário e desenho dos exemplares mais significativos.

3.4.3.2 O Segundo Nível de Ocupação

O segundo nível de ocupação foi observado ao longo de todo o corte do talude do estradão, e registado na totalidade da área dos três sectores escavados. Corresponde, respectivamente, nos Locais 1, 2 e 3, às camadas 3, 4 e 7. Representa, sem dúvida, a *primeira ocupação intensiva e extensa no local*. Nos Locais 1 e 3 constitui, de facto, a primeira utilização das áreas correspondentes, assentando directamente na camada estéril de base. No Local 2 dispõe-se, quer sobre as terras arenosas estéreis inferiores, quer sobre uma camada estéril, de cor castanho-acinzentada clara (c.5), que se sobrepõe à camada 6, a qual constitui o primeiro nível de ocupação da estação. Verifica-se assim, *uma quebra de continuidade entre a primeira e a segunda ocupação deste local*. As camadas que, nos vários sectores, representam este segundo momento, adentro da primeira grande fase de ocupação da estação, apresentam uma espessura que oscila entre os 10-25 cm. No Local 1, este nível foi intersectado por uma estrutura em fossa aberta no final desta ocupação e certamente utilizada durante a segunda e a terceira fases, ao longo do IQ milénio a.C..

No Local 3, também se observou a perfuração posterior da camada 7, com o intuito de nela se inserirem grandes pedras que constituiram a face externa duma possível estrutura defensiva do Bronze Final.

Neste segundo nível de ocupação registaram-se diversas *estruturas habitacionais* dispersas pelos Locais 2 e 3. No Local 1 não foi possível registar espacialmente este nível de ocupação, pois ele encontrava-se destruído pela acção exercida em épocas posteriores. No *Local 2*, nos quadrados N, O, P/1, 2 pudemos observar vestígios de *duas áreas funcionais* contíguas, de contorno sub-circular (com cerca de 1,20 m de diâmetro), integrando sedimentos carbonizados, de cor acinzentada, nos quais existiam diversas concentrações de matéria orgânica carbonizada, pedras de pequeno tamanho, vários elementos fixos de moinhos manuais, diversos artefactos líticos e fragmentos de vasos cerâmicos. Na área que abrange os quadrados O-P/1-2 ainda foi detectado um *buraco de poste* (b .3) de forma elíptica, ligeiramente oblíquo, de fundo plano-côncavo, e um segmento semi-circular de um *piso de argila* (com 3 cm de espessura), cortado pelo estradão.

Exteriores às duas áreas mencionadas encontraram-se *dois buracos de poste* (b.1 e b.2) (um deles cortado pelo estradão), nos quadrados N-O/1, de forma circular, ambos verticais, com fundo arredondado.

Todas estas estruturas foram construídas no início deste nível de ocupação, tendo sido utilizadas até ao seu final.

No *Local 3*, verificámos a existência também de *duas áreas funcionais*, nos

quadrados, T, U, V/2, 1, 0, distinguindo-se em múltiplos aspectos de constituição e provável funcionalidade. Junto ao bordo do talude e cortado por este encontrava-se um *pequeno murete*, com cerca de 40-50 cm de altura, descrevendo uma linha curva fechando no sentido do estradão, o qual havia sido encaixado numa depressão do saibro de base. Este murete delimitava um enchimento constituído por dois estratos: o estrato inferior tinha a mesma textura e coloração da camada geral; o estrato superior era constituído por sedimentos acinzentados, com abundantes carvões, sementes de trigo e pequenos ramos de urze carbonizados. Este segundo estrato deve ter correspondido a um nível de *incêndio* no interior da estrutura, de que resultou o provável abatimento da cobertura vegetal da mesma, como parece indicar disposição regular dos ramos de urze nela encontrados. Esta estrutura deve também ter ajudado a conter as terras do seu lado Norte, que apresentavam um declive natural acentuado.

Para NO, a cerca de 1,10 m, existia uma segunda área funcional, de contorno sub-elíptico alongado (irregular), com cerca de 3 m no seu eixo maior, a qual inseria sedimentos carbonizados, de cor acinzentada, intercalados com estratos de terra amarelada. No interior desta área foram encontrados abundantes fragmentos cerâmicos, alguns artefactos líticos, e sementes carbonizadas de trigo.

Ainda no Local 3 foram detectados dez *buracos de poste*, nove deles alinhados nos quadrados Z, A', B', C', D'/2,1 segundo a direcção NE-SO, e um outro junto do murete atrás mencionado, cortado pelo talude do estradão, no quadrado VO. Apresentam as seguintes características morfológicas: b.4 - forma sub-circular, oblíquo, fundo arredondado; b.5 - forma sub-elíptica, vertical, constituído por duas depressões com alturas diferentes, "em escada", fundo aplanado; b.6 - forma óvoide, vertical, fundo arredondado; b.7 - forma sub-circular, vertical, fundo arredondado; b.8 - forma elíptica, vertical, fundo arredondado; b.9 - forma elíptica, vertical, fundo arredondado; b.10 - forma sub-circular, vertical, fundo arredondado; b.11 - forma sub-circular, vertical, fundo arredondado; b.12 - forma sub-elíptica, oblíquo, fundo aplanado; b.13 - forma sub-circular, vertical, fundo arredondado.

Estes buracos de poste abriam-se na camada arqueológica, perfurando a camada estéril da base. Apresentavam um enchimento constituído por sedimentos arenosos de cor acinzentada ou castanha escura, normalmente sem vestígios de matéria carbonizada. Apenas o buraco 12 integrava alguns fragmentos de carvão de madeira. A sucessão de buracos mencionada pode indicar a existência duma provável *estrutura* habitacional ou de outro tipo, no canto oeste do Local 3, cuja delimitação requere a ampliação da escavação para norte.

No Local 2, a camada 4 era encimada por uma outra (c.3), de cor acastanhada e de textura granulosa, com algum material arqueológico, que deve estabelecer a transição entre a ocupação pré-histórica descrita e um nível de ocupação do Bronze tardio. Integra materiais das duas ocupações, nitidamente misturados pelo revolvimento superficial que o nível inferior sofreu em fase posterior.

a) Material lítico

É constituído por treze *pontas de seta*, duas em xisto, quatro em sílex e sete em corneana. Doze exemplares foram caracterizados em função do tipo de base.

Alongada	Base côncava (sem aletas) (3) Base côncava (com aletas) (1) Base pedunculada (com aletas) (1)
Mediana	Base côncava (com aletas) (5) Base côncava (sem aletas) (1) Base pedunculada (com aletas) (1)

Todas as pontas de seta apresentam retoque plano: três têm retoque marginal (duas em xisto e uma em corneana) e as restantes dez têm retoque profundo.

- Dois fragmentos de *lâminas, de secção trapezoidal*, em sílex: uma apresenta curtos retoques simples e vestígios de utilização nos dois bordos; a outra insere retoques laterais escamosos, bifaciais em um dos bordos;

- três grandes *lascas retocadas* em corneana, respectivamente de forma rectangular, oval e trapezoidal; apresentam retoques planos, profundos (pelo menos, em uma das faces); o índice de espessura é alteado;

- nove *raspadeiras carenadas, frontais, curtas* (oito em quartzo e uma em sílex);

- seis *elementos fixos* (fragmentados) de *moinhos manuais* em granito, com secção plano-convexa; a superfície alisada pode apresentar também uma forma côncava;

- dois fragmentos de *elementos móveis* de *moinhos manuais*, em granito, de contorno sub-circular e secção plano-convexa;

- um objecto fragmentado, em granito, de contorno provavelmente sub-circular, com 4 perfurações equidistantes, separadas por sulcos raiados (peso?).

b) Material cerâmico

Foram registados 721 fragmentos cerâmicos (267 decorados e 454 lisos).

. Caracterização técnica

- *tipos de pasta*

Foram considerados três tipos, em função da dimensão do desengordurante, constituído por grãos de quartzo e palhetas de mica (1.1 - e.n.p. < 0,5 mm; 1.2 - e.n.p. 0,5

mm - 1 mm); (1.3 - e.n.p. > 1 mm). Os exemplares considerados devem-se incluir adentro da categoria de *pasta compacta*.

1.1 - 27 ex. - 3,7%

1.2 - 600 ex. - 83,2%

1.3 - 64 ex. - 8,8%

Predomina o desengordurante de grão médio.

- *tipos de superfície*

Foram considerados oito tipos: 1/1 - superfícies corroídas; 1/2 - superfície externa corroída e interna rugosa; 1/3 - superfície externa corroída e interna alisada; 2/2 - superfícies rugosas; 3/1 - superfície externa alisada e interna corroída; 3/3 - superfícies alisadas; 4/3 - superfície externa polida e interna alisada; 4/4 - superfícies polidas.

1/1 - 169 ex. - 23,4%

1/2 - 1 ex. - 0,1%

1/3 - 6 ex. - 0,8%

2/2 - 7 ex. - 0,9%

3/1 - 2 ex. - 0,2%

3/3 - 438 ex. - 60,7%

4/3 - 84 ex. - 11,6%

4/4 - 14 ex. - 1,9%

Predominam as superfícies alisadas, embora haja uma percentagem significativa de superfícies corroídas. As superfícies externas polidas aparecem em terceiro lugar.

- *tipos de cores* (da superfície externa)

A maioria dos recipientes não apresentam uma cor homogénea (são frequentes as manchas acinzentadas resultantes duma cozedura irregular). Foram seleccionados três tipos genéricos: 1 - cor acastanhada (tons claros e escuros); 2 - cor avermelhada ou vermelho-acastanhada; 3 - cor acinzentada (tons escuros e claros).

1 - 310 ex. - 42,9%

2 - 237 ex. - 32,8%

3 - 174 ex. - 24,1%

- *tipos de técnicas decorativas* (em 267 exemplares)

Impressão "penteada" - 194 ex. - 72,6%

Incisão - 36 ex. - 13,4%

Impressão arrastada - 19 ex. - 7,1%

Punção - 8 ex. - 2,9%

Impressão - 6 ex. - 2,2%

Punção arrastada - 2 ex. - 0,7%

Impressão "penteada" arrastada - 2 ex. - 0,7%

A impressão "penteada" predomina de forma significativa.

. Caracterização morfológica (Figs. 1, 2, 3, 4)

Foram detectadas *oitenta e três formas* (19 lisas e 64 decoradas), as quais se distribuem por *onze* tipos morfológicos.

Foram igualmente classificados os diversos *diâmetros externos da boca* de sessenta e dois vasos em cinco *categorias*:

2 - 6-10 cm - 5 ex. - 8%

3 - 11-15 cm - 13 ex. - 20,9%

4 - 16-20 cm - 35 ex. - 56,4%

5 - 21-25 cm - 5 ex. - 8%

6 - 26-30 cm - 4 ex. - 6,4%

Tipo 1 (4 ex., 4,8%) - Esférico de boca muito fechada, fundo arredondado; Dam ext. bc varia entre 3 e 5; predomina Dam ext. bc 4. P 190 (?); A varia entre 60 - 78 (variante A - sem colo marcado).

Tipo 2 (20 ex., 24%) - Esférico de boca fechada, fundo arredondado; Dam ext. bc varia entre 3 e 6; predomina Dam ext. bc 4, P varia entre 71-85; A varia entre 79-90 (variante A - sem colo marcado; variante B - leve acentuação do colo).

Tipo 3 (15 ex., 18%) - Esférico de boca levemente fechada, fundo arredondado; Dam ext. bc varia entre 2 e 6; predomina Dam ext. bc 4. P varia entre 39-89; A varia entre 91-99 (variante A - sem colo marcado; variante B - leve acentuação do colo).

Tipo 4 (24 ex., 28,9%) - Taça em calote de esfera; Dam ext. bc varia entre 2 e 6; predomina Dam ext. bc 4. P varia entre 31-55.

Tipo 5 (6 ex., 7,2%) - Recipiente ovóide de boca fechada com fundo provavelmente plano-convexo; Dam ext. bc varia entre 4 e 6; predomina Dam ext. bc 4. A varia entre 51-73 (variante A - sem colo marcado; variante B - leve acentuação do colo; variante C - marcada acentuação do colo).

Tipo 6 (6 ex., 7,2%) - Recipiente aberto, tronco-cônico, de lados quase rec

tos e fundo provavelmente plano-convexo (variante A - sem colo marcado; variante B - leve acentuação do colo); Dam ext. bc varia entre 4 e 5; predomina Dam ext. bc 4. P 62 (?).

Tipo 7 (3 ex., 3,6%) - Recipiente carenado (carena baixa ou média), de lados côncavos e bordo extrovertido. Desconhece-se o tipo de base. Domina Dam ext. bc 3. A varia entre 90-101. P varia possivelmente entre 54 e 56.

Tipo 8 (1 ex., 1,2%) - Tronco-cônico achatado, de fundo plano e boca elíptica. Dam ext. bc 2. P 57.

Tipo 9 (1 ex., 1,2%) - Taça em calote de esfera achatada, de fundo convexo e bordo muito reentrante; Dam ext. bc 3. P 48; A 83.

Tipo 10 (2 ex., 2,4%) - Recipiente com forma bicônica achatada, de fundo convexo. Desconhece-se o tipo de bordo.

Tipo 11 (1 ex., 1.2%) - Recipiente (cuja forma se desconhece) com pé alto.

Saliente-se a existência de alguns fragmentos cerâmicos (de que se desconhece a forma) que inserem pequenos mamilos arredondados sobre a parte média dos recipientes.

- Predominam, nas formas de 1 a 6, os *diâmetros médios* (entre 16 e 20 cm). Nas formas 7, 8, 9 e 10, os diâmetros oscilam entre 8 e 15 cm. Adentro das formas convencionais (de 1 a 6) existe uma gama variada de dimensões diferentes (particularmente nos tipos 3 e 4).

- Os vasos de maiores dimensões concentram-se nos tipos 5 e 2.

- Estão ausentes os pequenos vasos (Dam ext. bc 1) ou os grandes recipientes com Dam ext. bc superior a 30 cm.

- Reagrupando as formas atrás descritas em função da *capacidade* dos recipientes, dividimo-los em 4 *categorias* (0,07 ℓ - 0,5/0,6 ℓ; 0,5/0,6 - 1,5 ℓ; 1,5/2 ℓ - 3,5 ℓ; 12 ℓ - 25 ℓ (?)), chegando às seguintes conclusões: predominam os vasos de *capacidade média* (0,5/0,6 ℓ - 1 ℓ) distribuídos pela maioria das formas (1, 2, 3, 7 e 8). Os recipientes com uma capacidade entre 2 ℓ e 3,5 ℓ integram as formas 5 e 6. Os de pequena capacidade, entre 0,07 e 0,6 ℓ, incluem as formas 2, 3, 4, 7, 9 e 10. Os vasos de maior capacidade (12 ℓ - 25 ℓ (?)) concentram-se na forma 5.

. Nos sessenta e quatro vasos decorados em estudo podemos distinguir as percentagens das seguintes técnicas decorativas.

Impressão "penteada" - 38 ex. - 59,3%

Incisão - 16 ex. - 25%

Impressão arrastada - 7 ex. - 10,9%

Punção arrastada - 2 ex. - 3,1%

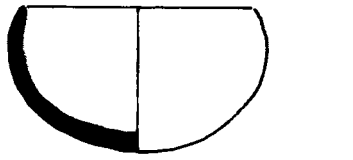
Impressão "penteada" arrastada - 1 ex. - 1,5%

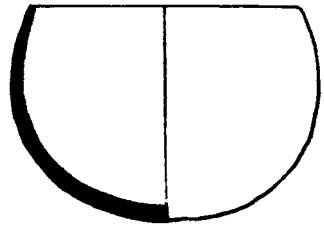
1

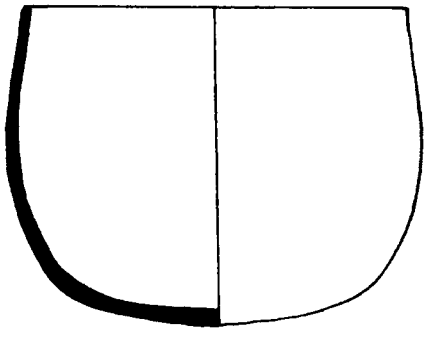


2

A

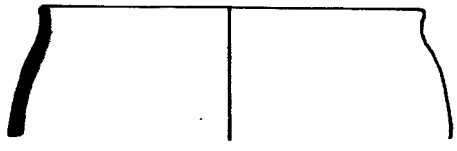






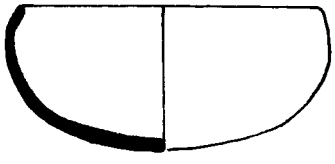
B

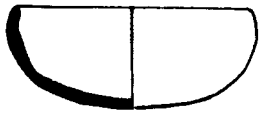


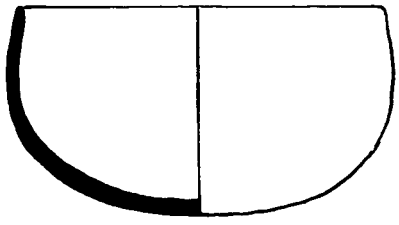


3

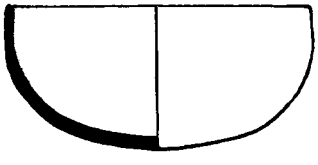
A

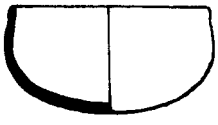


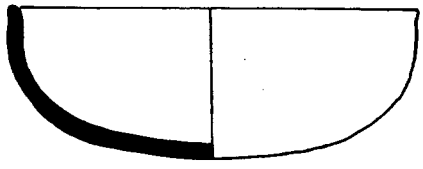




B

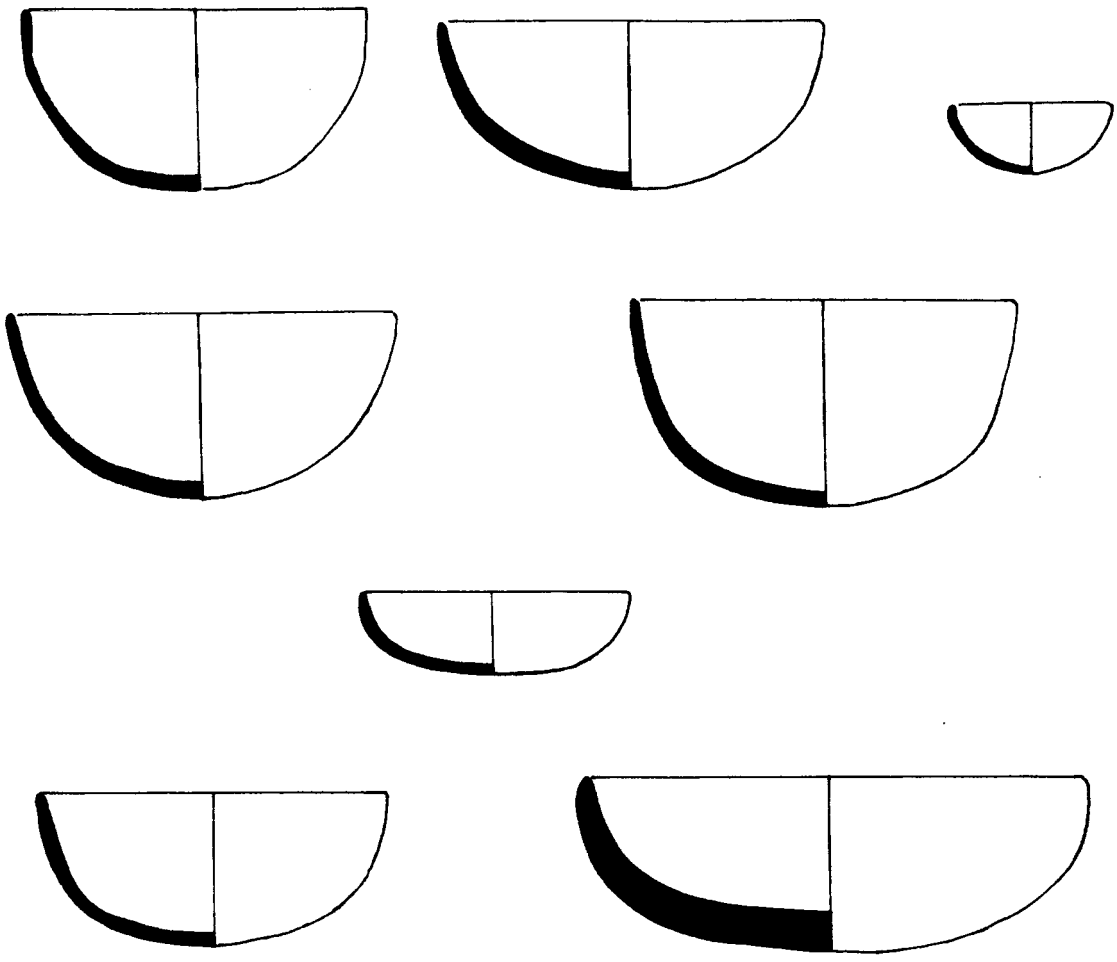




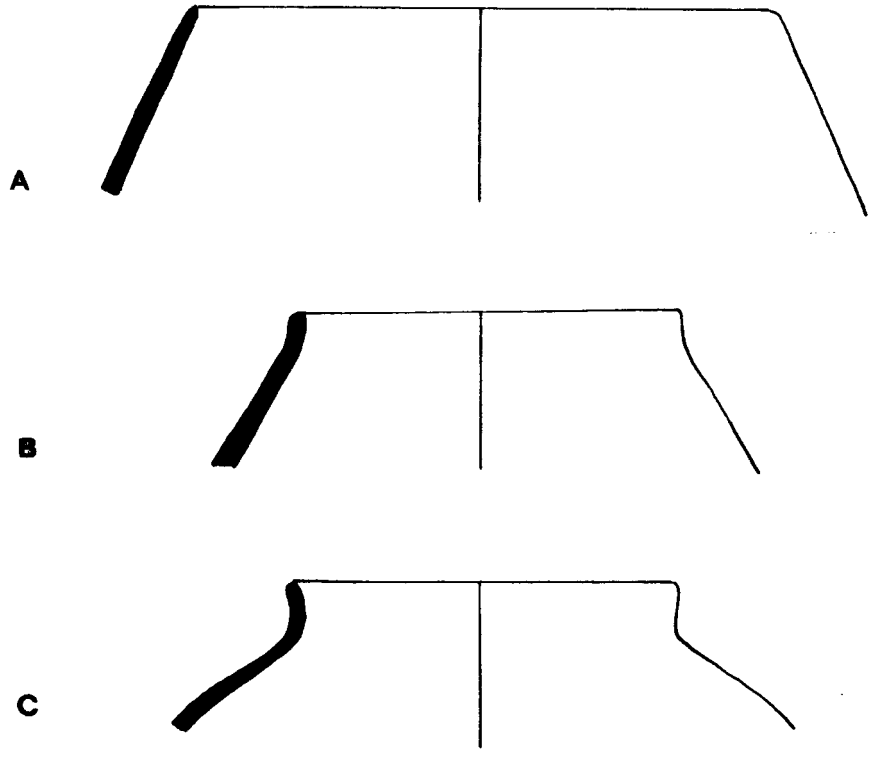


1:4

4



5

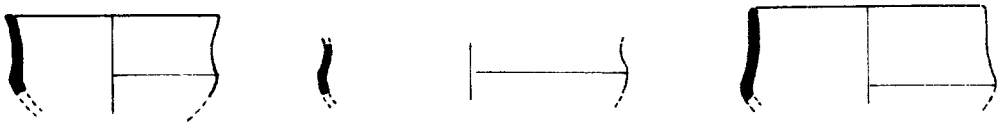


1:4

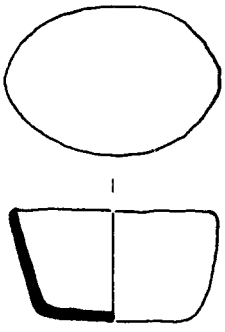
6



7



8



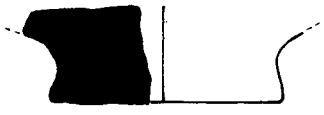
9



10



11



1:4

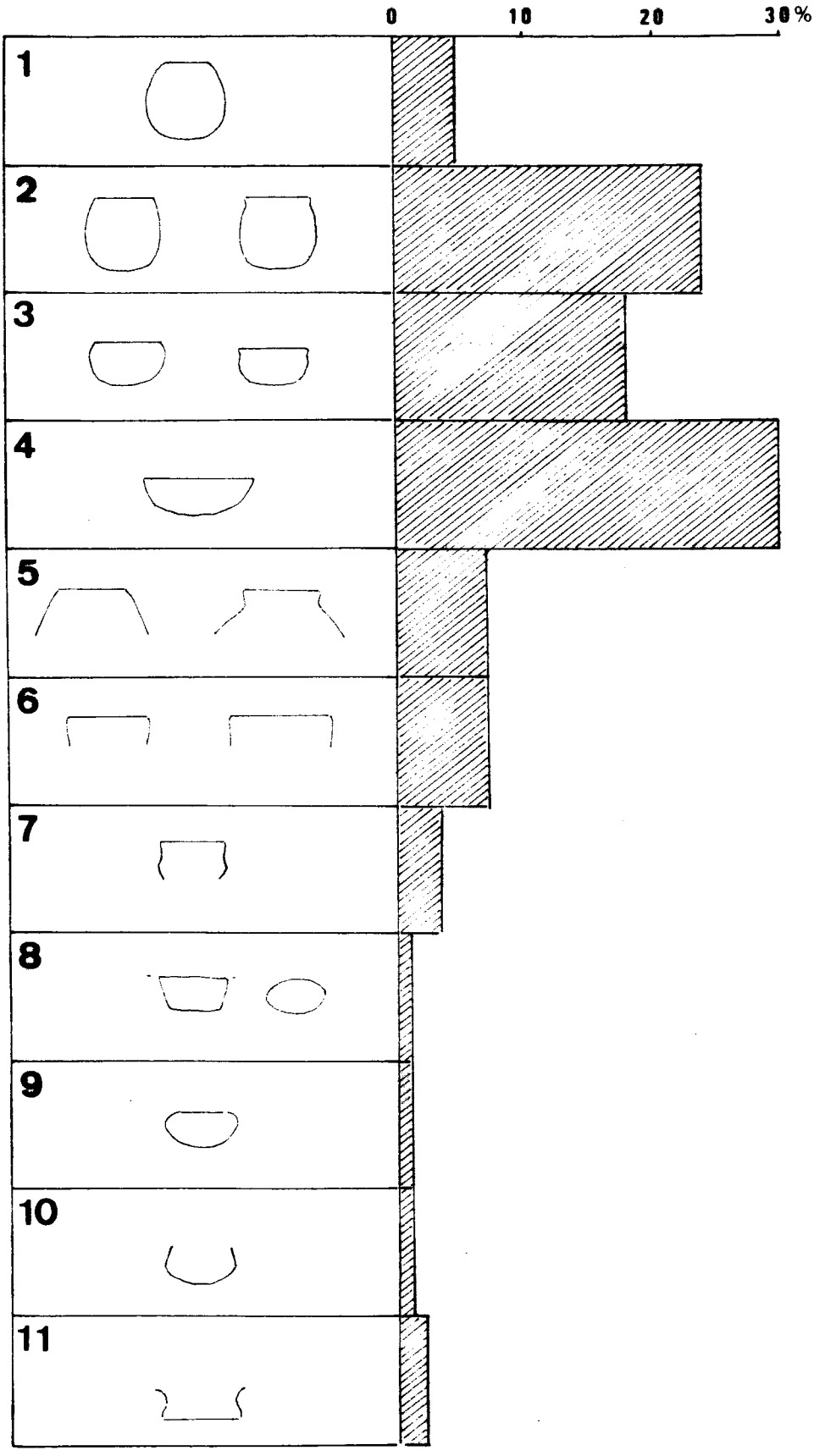


Fig. 4

. Articulação entre forma e técnica decorativa

	LISA	IMPRESSÃO "PENTEADA"	INCISÃO	IMPRESSÃO ARRASTADA	PUNÇÃO ARRASTADA	IMPRESSÃO "PENTEADA" ARRASTADA
1		1	1	2		
2 A	1	11	2			
B	3	2		1		
3 A		4	4	3		
B		4				
4	7	9	5	1	1	1
5 A					1	
B	2	2				
C		1				
6 A	1	3	1			
B		1				
7	2		1			
8	1					
9			1			
10			1			
11	2					

Destaque-se as seguintes linhas de força:

- a forma 4 apresenta a maior variedade de técnicas decorativas; mas é também a forma 4 que insere o maior número de recipientes lisos; - as diferentes técnicas decorativas concentram-se nas formas esféricas (1, 2 e 3) e na calote de esfera (4); - a impressão "penteada" predomina na forma 2A e a incisão na forma 4.

- *tipos de pasta* (em 83 exemplares)

1.1 - 1 ex. - 1,2%

1.2 - 76 ex. - 91,5%

1.3 - 6 ex. - 7,2%

Predomina de forma muito acentuada o desengordurante de calibre médio.

- *tipos de superfícies* (em 83 exemplares)

1/1 - 14 ex. - 16,8%

2/2 - 1 ex. - 1,2%

3/3 - 43 ex. - 51,8%

4/2 - 1 ex. - 1,2%

4/3 - 22 ex. - 26,5%

4/4 - 2 ex. - 2,4%

Ocupa o primeiro lugar a categoria de superfícies alisadas, mas também é significativa a da superfície exterior polida.

- *tipos de cores* (em 108 exemplares)

1 - superfícies externa e interna acastanhada

2 - superfícies externa e interna avermelhada

3 - superfícies externa e interna acinzentada

4 - superfície externa avermelhada e interna acastanhada

5 - superfície externa acinzentada e interna acastanhada

6 - superfície externa acastanhada e interna acinzentada

7 - superfície externa acastanhada e interna avermelhada

8 - superfície externa avermelhada e interna acinzentada

	Núcleo cinzento	Núcleo avermelhado	Núcleo acastanhado
1 39 ex. - 36,1%	41% 1.1	2,5% 1.2	56,4% 1.3
2 21 ex. - 19,4%	14,2% 2.1	61,9% 2.2	23,8% 2.3
3 19 ex. - 17,5%	89,4% 3.1	5,2% 3.2	5,2% 3.3
4 13 ex. - 12%	23% 4.1	46,1 4.2	30,7% 4.3
5 6 ex. - 5,5%	66,6% 5.1	-	33,3% 5.3
6 3 ex. - 2,7%	100% 6.1	-	-
7 5 ex. - 4,6%	-	60% 7.2	40% 7.3
8 2 ex. - 1,8%	50% 8.1	50% 8.2	-

. Articulação entre forma e pasta (em 83 exemplares)

	1.1	1.2	1.3
1 A		4	
2 A		14	
B		6	
3 A		11	
B		3	1
4	1	22	1
5 A		1	
B		2	2
C		1	
6 A		5	
B		1	
7		2	1
8		1	
9		1	
10		1	
11		1	1

- Verifica-se o predomínio de pastas com desengordurante de calibre médio em quase todas as formas; - por outro lado, está praticamente ausente a categoria de pastas com desengordurante fino.

Predominam as cores acastanhadas, seguidas das avermelhadas e acinzentadas.

. Articulação da forma e cor (em 83 exemplares)

	1			2			3		4			5		6	7		8
	1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	3.3	4.1	4.2	4.3	5.1	5.3	6.1	7.2	7.3	8.2
1	1				1						1		1				
2 A	1		3		4		2	1	1	1							
B	1		4		1												
3 A	1	1	3	2	.	1	4					1			1		
B	1		1	1	1												
4	5		4		2	2	3		2	1	1	2		1	1		
5 A					1												
B			2		1					1							
C																1	
6 A	2									1						1	
B					1												
7	1						2										
8	1																
9	1																
10																	1
11			1											1			

- A forma 4 apresenta a maior variedade de cores, seguida da 3A e da 2A; - a forma 4 integra o maior número de exemplares com o tipo 1; as formas 4 e 2A com o tipo 2; a forma 3A com o tipo 3; a forma 4 com o tipo 4; a forma 4 com o tipo 5; as formas 4 e 11 com o tipo 6; o tipo 7 está distribuído pelas formas 3A, 4, 5C e 6; o tipo 8 identifica-se com a forma 10.

. Articulação de forma e superfície (em 83 exemplares)

	1	2	3	4	4	4
	1	2	3	2	3	4
1 A	1		2		1	
2 A B	3 1		4 2		5 3	
3 A B	2		4 4	1	3	
4	2	1	14		5	2
5 A B C	2		1 2 1			
6 A B			2		3 1	
7			2		1	
8			1			
9			1			
10	1					
11			2			

- A forma 4 apresenta o maior número de exemplares com diferentes tratamentos das superfícies; - em quase todas as formas a categoria 3/3 tem uma posição significativa.

. Organizações decorativas (Figs. 5, 6, 7)

Em 78 exemplares de dimensões médias (pertencentes a vasos diferentes) foram observadas *catorze organizações decorativas* que descrevemos por ordem decrescente de importância, no contexto deste nível de ocupação:

- I (34 ex., 43,5%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolvem-se faixas constituídas por linhas impressas "penteadas" (curvilíneas ou retilíneas), ou linhas incisas (oblíquas ou em "espinha"), alternando com espaços sem decoração. Esta organização utiliza a impressão "penteada" e a incisão.

- II (12 ex., 15.3%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma faixa constituída por uma ou mais fiadas de linhas incisas (verticais, oblíquas ou em "espinha") ou puncionamentos. São utilizadas as técnicas de incisão e puncionamento.

- III (9 ex., 11,5%) - sequência horizontal; motivo nuclear - o triângulo; sob o bordo desenvolve-se uma sequência horizontal de triângulos incisos preenchidos internamente com linhas incisas, puncionamentos, impressões simples ou "penteadas". Em alguns casos regista-se uma linha incisa paralela ao bordo, delimitando, na parte superior, a sequência de triângulos. São utilizadas as técnicas de incisão, puncionamento, impressão simples e "penteada".

- IV (9 ex., 11,5%) - sequência horizontal e vertical: sob o bordo desenvolve-se uma faixa larga com linhas impressas "penteadas" paralelas a este; sob aquela faixa, existem bandas de linhas verticais impressas "penteadas" (rectilíneas ou curvilíneas) que alternam com espaços sem decoração. Em alguns exemplares verifica-se uma faixa semelhante à que sublinha o bordo, na parte inferior do recipiente, em torno da base. É utilizada exclusivamente a impressão "penteada".

- V (4 ex., 5.1%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma faixa constituída por linhas impressas "penteadas" (rectilíneas ou curvilíneas) paralela àquele. É usada exclusivamente a impressão "penteada".

- VI (2 ex., 2,5%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolvem-se simples linhas incisas paralelas a ele. É utilizada a incisão.

- VII (1 ex., 1,2%) - impressões circulares realizadas com pequenos caules; desconhece-se o tipo de organização.

- VIII (1 ex., 1,2%) - linhas incisas horizontais espalhadas pelo corpo do vaso, seccionadas por uma linha incisa vertical; desconhece-se o tipo de organização.

- IX (1 ex., 1,2%) - uma faixa horizontal sob o bordo constituída por linhas impressas "penteadas" é seccionada por linhas impressas "penteadas" verticais.

- X (1 ex., 1,2%) - sequência horizontal; sob o bordo, até à base, desenvolve-se uma larga faixa constituída por linhas impressas "penteadas" (curvilíneas) que integra também, na sua parte média, linhas incisas horizontais.

- XI (1 ex., 1,2%) - sequência horizontal; sob o bordo, até à base, desenvolve-se uma faixa constituída por duas linhas quebradas equidistantes, que descrevem uma banda lisa em zigue-zague, sobre fundo reticulado. É utilizada a incisão.

- XII (1 ex., 1,2%) - sequência vertical; sob o bordo existe uma faixa de linhas "penteadas" paralela a ele, à qual se sucedem faixas de linhas verticais "penteadas" alternando com estreitos espaços sem decoração. É utilizada a impressão "penteada" arrastada.

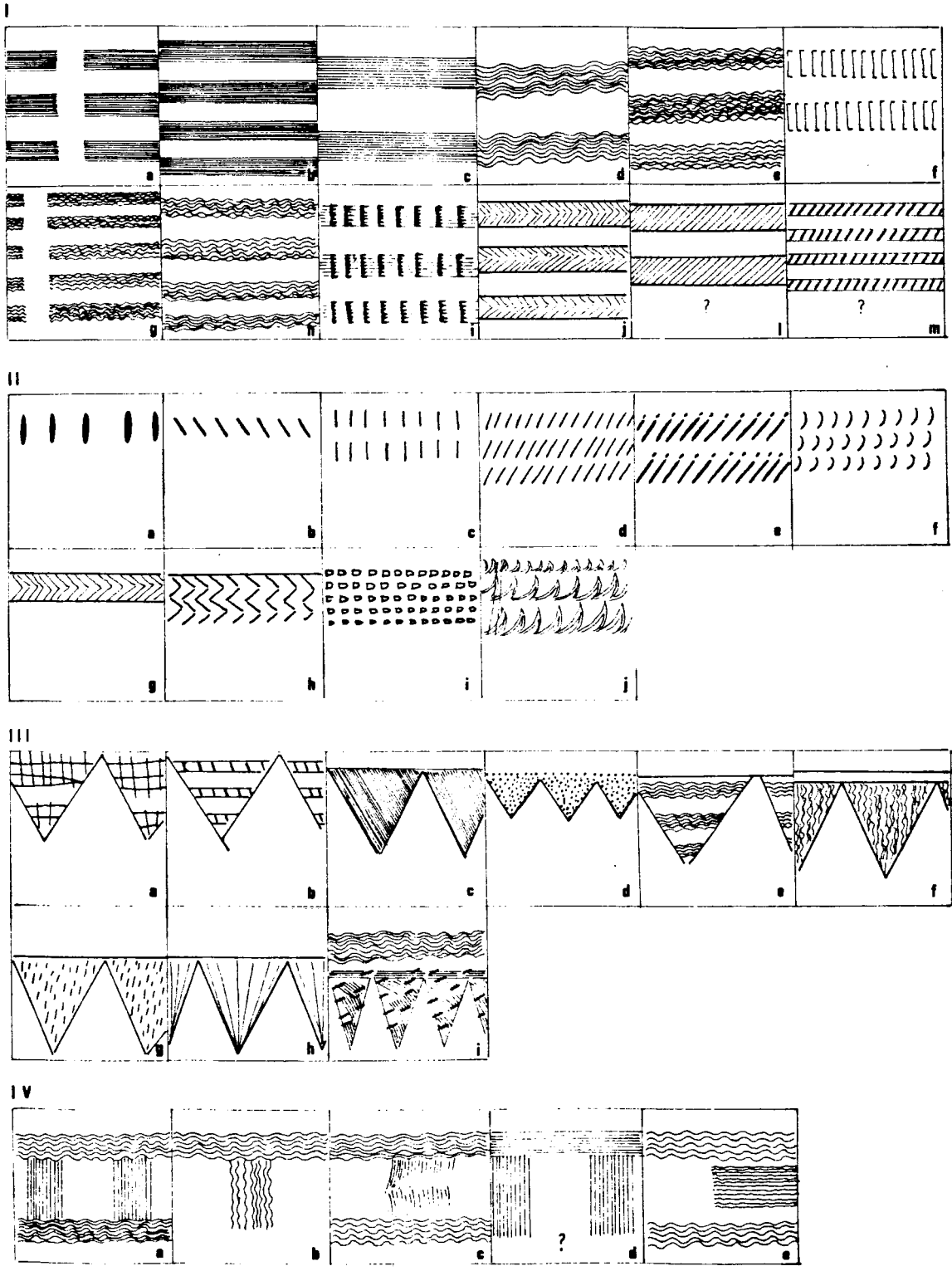


Fig. 5

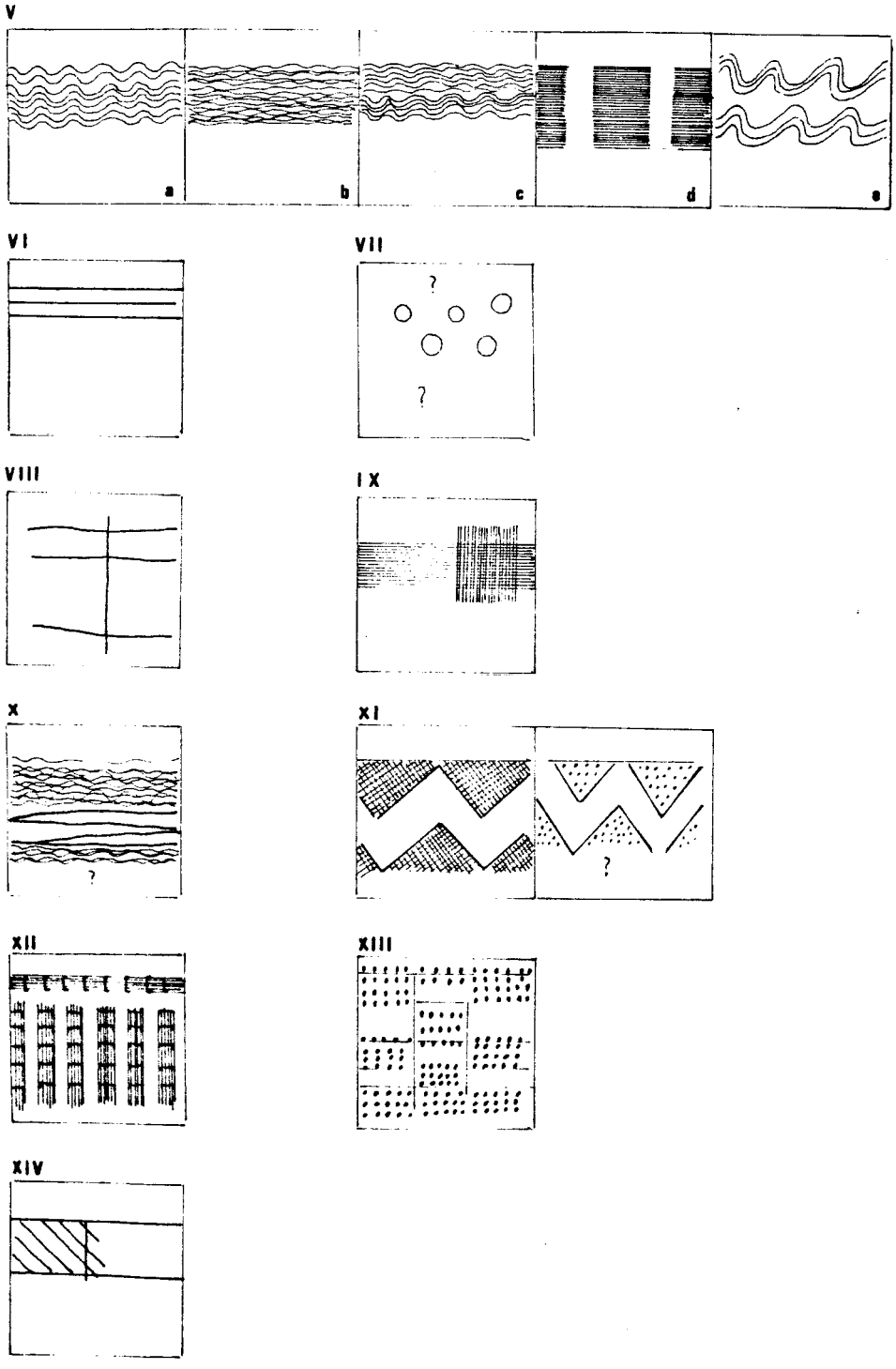


Fig. 6

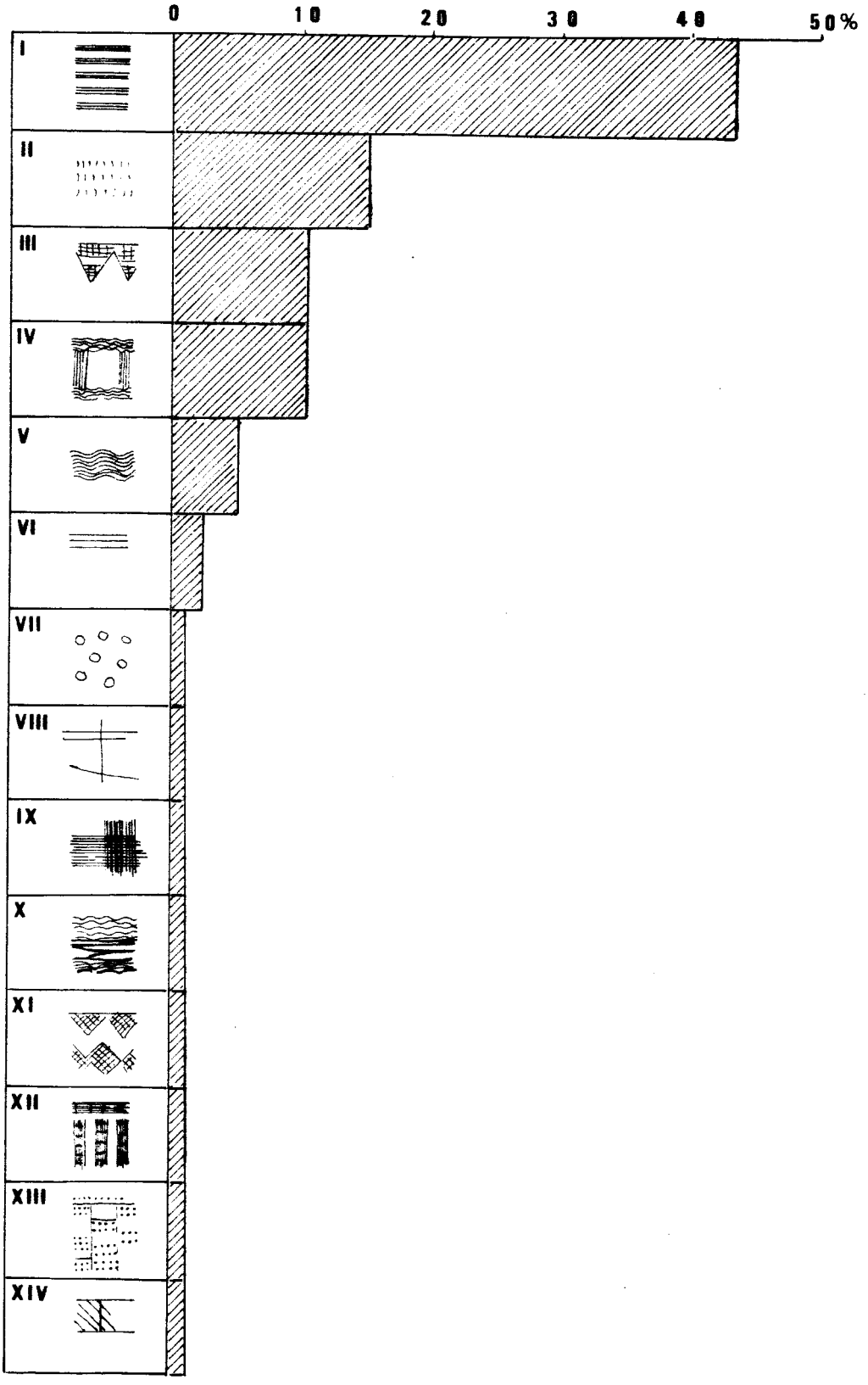


Fig. 7

- XIII (1 ex., 1,2%) - todo o espaço do bordo até à base é preenchido com uma organização em *"xadrez"* constituída por quadrados ou rectângulos de pontos (puncionamentos verticais) delimitados por finas linhas incisas. São usadas as técnicas de incisão e puncionamento.

- XIV (1 ex., 1,2%) - sequência horizontal; sob o bordo desenvolve-se uma faixa delimitada por linhas incisas, integrando linhas incisas oblíquas e espaços sem decoração.

São de acentuar os seguintes aspectos:

- A *impressão "penteada" é exclusiva das organizações IV, V, IX, X e XII;* mas *predomina na organização I, e é significativa na III.*

- A incisão encontra-se dispersa pelas organizações I, II, VI, VIII, XI e XIV.

- A técnica de puncionamento tem pouca importância no contexto das restantes técnicas decorativas.

- As organizações II, V, VI, IX e XIV ocupam uma estreita faixa abaixo do bordo. As restantes desenvolvem-se até à parte média ou base do recipiente.

- As organizações I, IV, X, XI, XII e XIII ocupam quase a totalidade da superfície exterior do vaso.

. Articulação da forma e organização decorativa (em 63 exemplares)

	I	II	III	IV	V	VI	VIII	IX	X	XII	XIII	XIV
1	4											
2 A	5	1		1	1	1		1				
B	1	1	1		1							
3 A	3	3	1						1			
B	3										1	
4	5	2	2	2	3	1	1			1		1
5 A		1										
B	1		4									
C	1											
6 A	2			3								
7		1										
9			1									
10		1										

- A forma 4 possui a maior variedade de organizações decorativas; seguem-se-lhes as formas 2A e 3A; - a organização I tem grande expressão nas formas 2A e 4; - a organização II ocorre em maior quantidade na forma 3A, as organizações III, IV e V inserem-se de forma significativa nas formas 5B, 6A e 4.

São as formas esféricas 2 e 3 e a calote de esfera 4 que integram, globalmente, maior número de diferentes organizações decorativas.

- Relacionando as dimensões médias dos vasos (capacidade) e a presença ou ausência de decoração, verificamos que não se regista significativa articulação entre os dois tipos de variáveis.

. Categorias tipológicas

Com base na análise conjunta da forma, tamanho e índices de profundidade e de abertura da boca, organizaram-se as seguintes *categorias tipológicas* em sessenta e sete dos recipientes cerâmicos existentes neste nível de ocupação:

I - (36 ex., 53,7%)

Trata-se de vasos de boca larga e mediana profundidade, de grandes ou médias dimensões, inserindo formas esféricas ou esférico-achatadas (1, 2, 3, 6). A capacidade destes recipientes varia entre 0,5 ℓ e 4 ℓ (?). Este tipo de vasos é predominantemente decorado, segundo a técnica da impressão "penteada", com a organização I. Mas também pode integrar as organizações II, III, IV, V, VI, VIII, IX, X e XIII.

II - (14 ex., 20,8%)

É constituída por vasos de boca muito larga, de pequena profundidade, de médias dimensões, em forma de calote de esfera (4). A capacidade destes recipientes oscila entre 0,5 ℓ e 1,8 ℓ. Esta categoria apresenta um número importante de vasos lisos, embora predominem os decorados, fundamentalmente de acordo com a técnica da impressão "penteada", sem a organização I. Pode também inserir as organizações II, III, IV, V e VIII.

III - (5 ex., 7,4%)

Trata-se de vasos de grandes dimensões, boca estreita e grande profundidade, com forma ovóide (5). A capacidade destes recipientes pode variar entre 12 e 25 ℓ (?), embora estas medidas devam ser tomadas com a devida precaução, na medida em que não dispomos de recipientes completos. Este tipo de vasos é predominantemente decorado segundo as técnicas de impressão "penteada" e puncionamento arrastado, integrando as organizações III e I.

IV - (4 ex., 5,9%)

Refere-se a vasos de boca larga, pouca profundidade, de pequenas dimensões, incluindo a forma esférica (3) e as calotes de esfera (4 e 9). A sua capacidade oscila entre 0,07 ℓ e 0,5 ℓ. Foram observados dois exemplares lisos e dois decorados segundo as organizações II e III.

V - Recipientes que não são enquadráveis nas categorias anteriores (8 ex., 11,9%)

- Pequenos recipientes carenados (forma 7) cuja capacidade varia entre 0,2 e 0,7 ℓ, aproximadamente. São recipientes lisos ou decorados, de superfícies polidas, de cor cinzenta escura.

- Recipiente tronco-cónico achatado, de boca elíptica (forma 8), liso. Capacidade < 0,5 ℓ.

- Pequeno vaso bicónico, com esboço de carena muito baixa (forma 10). Capacidade provável - 0,2/0,3 ℓ (?). Decorado segundo a organização II.

- Recipientes com pé alto (forma 11), cuja morfologia global se desconhece.

Pela forma, tratamento das superfícies e dimensões pode-se pressupor que estes recipientes não terão estado ligados às funções de aprovisionamento e uso doméstico (para ir ao lume). Contudo, podem corresponder a formas menos comuns para as restantes funções já mencionadas, como reflectir uma gama mais ampla de utilizações cuja especificidade é de difícil caracterização.

. Neste nível de ocupação foi ainda exumada uma placa em cerâmica (provável peso de tear), de contorno sub-rectangular, de ângulos arredondados, com quatro perfurações sub-cilíndricas, duas em cada extremidade.

c)

Associados ao *murete* descoberto no Local 3, foram identificados 168 grãos carbonizados de trigo (*triticum aestivum L.*), 1 grão de aveia (*avena* cf. *strigosa* Schreber), e 7 grãos de *triticum compactum* (Host "globiforme").*

d) Distribuição espacial dos materiais

Apenas no Local 2 foi possível detectar uma *maior concentração de materiais* (líticos e cerâmicos) *nas áreas funcionais* existentes nos quadrados N, O, P/2, 1. Aí registaram-se abundantes fragmentos de recipientes cerâmicos (em melhor estado de conservação do que nas áreas contíguas); nessas áreas funcionais foram observadas tanto as for

* A análise das sementes pré-históricas foi realizada pelo Senhor Engenheiro A. R. Pinto da Silva da Estação Agronómica Nacional.

mas esféricas ou em calote de esfera, como também recipientes carenados, o exemplar tronco-cónico de boca elíptica, a pequena taça de bordo reentrante, como o fragmento de vaso com pé alto. Todas as formas de maior capacidade (particularmente a forma 5) encontravam-se na periferia destas zonas mais intensamente ocupadas, nos quadrados N, M/1, 2 e Q2; acharam-se ainda seis pontas de seta, duas raspadeiras, um peso de tear em cerâmica, e cinco elementos fixos de moinhos manuais.

É de assinalar a presença, neste nível de ocupação, da maioria das raspadeiras encontradas em toda a estação, numa zona contígua e exterior à das áreas funcionais referidas, nos quadrados M, N/1,2.

No Local 3, o *murete* existente nos quadrados T, U, V/0 encontrava-se associado a sementes de *trigo* e nas proximidades foram descobertas *três grandes lascas retocadas* em corneana. Os restantes materiais, líticos e cerâmicos, encontravam-se uniformemente dispersos pelo sector. De notar a ausência neste sector de formas menos comuns (formas 7 a 11) que foram registadas no Local 2. No Local 3 estão presentes as formas convencionais de uso doméstico (formas 2 a 6) e também um exemplar de grande recipiente ovóide (forma 5), nas proximidades do murete já descrito.

O Local 1 não forneceu indícios sobre a distribuição dos materiais, em virtude do revolvimento produzido pela abertura de uma fossa em fase posterior à da formação do nível de ocupação em análise.

3.4.3.3 Os Vestígios Habitacionais do Segundo Nível de Ocupação

Apesar da pequena área escavada se ter confinado à abertura duma estreita faixa de terreno paralela ao estradão actual, foram identificadas inequívocas *estruturas habitacionais associadas a materiais arqueológicos de carácter doméstico*. Podemos distinguir, além de treze buracos de poste, quatro áreas funcionais: - *uma área estruturada com um murete* (cortada pelo estradão), associada a sementes de trigo e a pequenos ramos carbonizados de urze (Local 3); - uma área não estruturada, constituída por sedimentos carbonizados e com pouco material arqueológico associado (L.3); - duas áreas contíguas, não estruturadas, constituídas por sedimentos carbonizados, um piso de argila e abundante material arqueológico associado (Local 2).

A presença de cereal, de grandes vasos de provisões e de utensílios provavelmente relacionados com actividades agrícolas sugerem-nos a existência de comunidades perfeitamente implantadas na região. De salientar a utilização sistemática do sílex e da corneana na feitura de artefactos líticos, o que poderá indicar o controlo de vias de acesso a matérias-primas ausentes ou menos habituais na região.

3.4.4 *OS ARTEFACTOS DOS DOIS PRIMEIROS NÍVEIS DE OCUPAÇÃO DE CASTELO DE AGUIAR NO CONTEXTO PENINSULAR: PARALELOS GERAIS* (1)

Apesar desta estação demonstrar uma forte componente local ao nível da esti

lística dos seus utensílios, é possível, em alguns casos, estabelecer paralelos gerais com alguns contextos peninsulares integráveis na transição do IIIº para o IIº milénio a.C..

— Das doze *pontas de seta* analisadas, provenientes do segundo nível, dois exemplares incluem-se no "grupo de pontas de seta de base côncava de lados direitos", enunciado por G. e V. Leisner (2). Trata-se de dois exemplares em sílex, com retoque profundo. Oito peças inserem-se no "grupo de pontas de seta de base côncava de lados convexos" (3). Adentro deste grupo podemos distinguir duas variantes: uma delas inclui sete pontas de seta, seis delas de altura mediana e uma de maior dimensão. As bases são muito pouco ou medianamente côncavas, apenas, em alguns casos, com esboço de aletas. Uma das pontas integra-se numa forma clássica dos contextos calcolíticos meridionais designada "mitriforme" (nº de inventário - 33). Três exemplares (dois em xisto e um em corneana) têm retoque marginal. Os restantes apresentam retoque profundo. Uma outra variante está apenas representada por um exemplar de corneana (nº de inventário - 34), e a sua especificidade resulta da existência duma base acentuadamente côncava, com aletas desenvolvidas e espessas. Esta forma evolucionada ocorre mais frequentemente nas camadas superiores da estação, correspondentes a níveis de ocupação da Idade do Bronze. O retoque é invasor (com reserva de zona não desbastada na parte média das duas faces).

Dois exemplares incluem-se no "grupo de pontas de seta de base pedunculada" (4). Infelizmente a base destes exemplares encontra-se fragmentada, pelo que não sabemos se o pedúnculo e as aletas eram ou não desenvolvidas. Ambos são de corneana, com retoque profundo.

Assim, verifica-se *um predomínio das pontas de seta de base côncava, de lados convexos*.

Como já atrás dissemos, este grupo de pontas de seta ocorre em contextos calcolíticos *tardios* do Sudeste e do Sudoeste. Se *formas evolucionadas* (de base côncava muito pronunciada, ou com silhueta "mitriforme") se integram em *níveis habitacionais calcolíticos pré-campaniformes*, como no período II de Vila Nova de S. Pedro (5), desde a fase inicial (c.3) de Leceia (Calcolítico inicial da Estremadura) (6), na Rotura, em El Malagón (7), ou em Montefrio (8), essas mesmas formas perduram ou desenvolvem-se em *níveis campaniformes*, em povoados como a Rotura (9) ou Los Castillejos de Montefrio (10). Pontas de seta de base muito cavada e aletas direitas espessas, integram-se em sepulcros da necrópole de Los Millares (11) e num grande dólmen de corredor de Lácara (Badajoz) (12), podendo associar-se, neste último caso, a pontas de lança de tipo Palmela.

Esta eventual articulação com o fenómeno campaniforme também será aceitável no caso das pontas de base pedunculada, que predominam na Meseta (13) ou no vale do Ebro (14), durante os começos do IIº milénio a.C..

Finalmente o grupo de pontas de seta de base côncava e lados rectos, podem ter uma ampla expansão geográfica e revelar uma tradição cultural mais antiga (15).

Será importante acentuar a ligação formal do grupo dominante (base côncava e lados convexos) com contextos meridionais, dado que ele é muito raro nos povoados calcolíticos do SO da Meseta Norte (16), área que confina com o Nordeste transmontano.

— Em Castelo de Aguiar foram registadas no segundo nível de ocupação *duas lâminas retocadas* fragmentadas, em sílex: uma com pequenos retoques simples, marginais, descontínuos (com vestígios de utilização) e outra retocada num dos bordos, com retoques planos, marginais, bifaciais, contínuos. Ambas se integram no grupo de *lâminas planas prismáticas*, que G. e V. Leisner caracterizaram como sendo típico de contextos calcolíticos do Sudeste e da Estremadura portuguesa, relacionados com o âmbito cultural de Los Millares/V.N.S. Pedro (17). Ocorrem ainda em monumentos megalíticos do Alentejo e das Beiras. Como já referimos atrás, este tipo de utensílio (tal como as pontas de seta mencionadas) é praticamente desconhecido dos contextos calcolíticos do SO da Meseta Norte (18).

- Especial relevo deve ser dado à existência, no segundo nível de ocupação, de *três grandes lascas retocadas em corneana*, que podem ser assimiladas ao clássico grupo de *lâminas ovóides ou rectangulares*, com retoque profundo, bifacial, bastante frequentes em contextos calcolíticos habitacionais e sepulcrais da Estremadura portuguesa.

As três lascas têm diferentes formas: - *sub-rectangular* (nº 44 do inventário); o exemplar com esta forma apresenta duas truncaturas aproximadamente rectilíneas nas duas extremidades opostas. Um dos bordos, provavelmente o cortante, é finamente retocado bifacialmente. O bordo oposto é retocado de forma descontínua, directa; - *oval* (nº 43 do inventário); esta peça tem uma estreita truncatura em uma das extremidades, ligeiramente oblíqua relativamente ao eixo de simetria do utensílio; o bordo é retocado em todo o perímetro através de finos retoques contínuos, bifaciais; - *trapezoidal* (nº 45 do inventário); o artefacto apresenta uma truncatura oblíqua na extremidade distal. Um dos bordos é finamente retocado bifacialmente; o oposto apenas apresenta retoques descontínuos, alternados.

Assim, as peças nºs 44 e 45 podem ter utilizado apenas *um dos bordos laterais* enquanto a nº 43 usou a *quase totalidade dos seus bordos como gume cortante*.

Tradicionalmente, caracterizaram-se peças de tipologia semelhante (em sílex e com pátina brilhante) como foices, serras ou raspadores (19). A sua interpretação funcional mereceu um estudo pormenorizado por parte de Cunha Serrão (20). Segundo este autor, recorrendo ao método comparativo etnográfico e à análise da técnica de fabrico, tais artefactos devem ter sido utilizados como "*lâminas cortantes de uso doméstico, para cortar carnes, umas, para aguçar, outras e, em casos mais raros, para raspar*" (21).

A plurarilidade de funções também é aceite por López Plaza no seu estudo sobre artefactos semelhantes encontrados em contextos calcolíticos da província de Zamora (22).

Estes objectos articulam-se, na Estremadura, com contextos calcolíticos muito diversificados. Aparecem quer em múltiplos monumentos de falsa cúpula (23), quer em

níveis pré-campaniformes de povoados como, por exemplo, Vila Nova de S. Pedro (24) ou Leceia (25), embora devam ter certamente perdurado em época campaniforme, como, aliás, o demonstra a sua presença na camada A do "monumento" 1 de Olelas (26).

De qualquer forma, a sua presença encontra-se sempre ligada, no caso dos povoados, a comunidades cujo grau de sedentarização e de intensificação das actividades agrícolas e domésticas deveria ser já muito desenvolvido.

Nos povoados do SO da Meseta Norte estes utensílios são muito abundantes (27). Ocorrem nos níveis III e II de Peña del Aguila e na "capa 1" e à superfície de Teso del Moral, além de terem sido registados em Alto del Quemado, Cuesta Pelona, La Mariselva, Las Pozas e El Canchal (28). Podem terminar em ponta, ou apresentar truncaturas transversais. Pela sua semelhança global com as peças de Castelo de Aguiar mencionamos dois utensílios de forma rectangular provenientes de Teso del Moral. Salvo diferenças de forma e de técnica de fabrico em parte limitada pelas matérias-primas usadas em cada região (sílex na Meseta e corneana em Castelo de Aguiar), cremos que estes artefactos se podem formalmente relacionar.

López Plaza chama a atenção para a coexistência, em alguns povoados, de tipos diversos de lâminas retocadas. Em Fontanillas de Castro o tipo de artefacto semelhante ao de Castelo de Aguiar (tipo I) (29) está ausente. Este facto é interpretado como indício de uma "distinta tradição cultural" representada por aquela estação. Na verdade, também aceitamos a noção implícita de que estes artefactos líticos fornecem um índice de valor cronológico muito baixo, na medida em que a sua ocorrência deve estar principalmente relacionada com o desenvolvimento tecnológico e a estratégia económica de cada comunidade. A sua presença ou ausência só poderá ser correctamente explicada em função do quadro das possibilidades disponíveis e soluções encontradas na exploração e transformação do meio natural por parte destas populações. Contudo, não deixa de ser importante salientar a coincidência da associação neste povoado e na mesma área funcional de artefactos que poderiam ter servido para cortar caules dos cereais, e de duas centenas de grãos de trigo carborizado.

— Foram ainda encontradas, na segunda ocupação do Castelo de Aguiar, nove pequenas *raspadeiras carenadas frontais curtas*, em quartzo e sílex. Conhecemos a sua existência em povoados calcolíticos cujos materiais permanecem inéditos. Um breve estudo sobre os materiais líticos provenientes de um nível neolítico de Penha Verde fornece um quadro interessante para a compreensão da perduração deste tipo de utensílios em épocas pós-mesolíticas (30).

— Finalmente registaram-se, no mesmo nível, *elementos fixos e móveis de moinhos manuais*, de tipologia convencional, no âmbito dos contextos calcolíticos que temos vindo a mencionar.

— Em Castelo de Aguiar (segunda ocupação) foi achada uma *placa em cerâmica*, de forma sub-circular (ângulos arredondados) com quatro perfurações sub-cilíndricas, duas em cada extremidade, no segundo nível de ocupação. Este artefacto tem uma espessa secção

sub-rectangular. Integra-se no grupo designado de "*pesos de tear*" (31), característico de contextos habitacionais do Sul da Península. Na Estremadura, embora predominem as placas quadrangulares, muitas delas decoradas, também existem formas rectangulares ou sub-elípticas, lisas, com quatro perfurações, duas em cada extremidade (32). O exemplar de Castelo de Aguiar, tendo uma forma sub-rectangular alongada e *os ângulos muito arredondados*, encontra-se numa posição intermédia entre os dois tipos anteriormente referidos, embora os lados sejam rectilíneos. Como já referimos, a propósito do artefacto semelhante da estação da Pastoria, os chamados "pesos de tear" em cerâmica têm uma importante expansão nos contextos habitacionais do Sudoeste (Estremadura, Alentejo e Andaluzia) e no Sudeste (Almeria).

As placas quadrangulares ou rectangulares decoradas com quatro perfurações predominam na Estremadura, enquanto as rectangulares alongadas, apenas com duas perfurações, lisas, são mais abundantes no Alentejo e Andaluzia (33). No Sudeste têm maior importância as sub-elípticas ou ovaladas com quatro perfurações, sem decoração, que ocorrem predominantemente em níveis mais tardios, com cerâmica campaniforme ou já argáricos (34). No SO da Meseta Norte são bem visíveis as relações formais de tais utensílios com os do Alto Alentejo, sendo conhecidas placas rectangulares ou sub-rectangulares alongadas, lisas, com duas perfurações, uma em cada extremidade. Apenas em La Mariselva e Las Pozas ocorrem exemplares sub-rectangulares com quatro perfurações (tipo D) (35). Em Teso del Moral, num nível inferior, foi registada uma "forma ovalada", apenas com duas perfurações, uma em cada extremidade (36).

A placa cerâmica lisa de Castelo de Aguiar possui uma forma rectangular alongada de ângulos muito arredondados que a aproxima da de exemplares sub-elípticos também chamados impropriamente "ovalados". Esta forma híbrida ocorre em todas as regiões que integram os presumíveis "pesos de tear", embora seja mais frequente no Sudeste, ou, em menor grau, na Estremadura.

Em qualquer destas regiões os chamados "pesos de tear" em cerâmica ocorrem desde o Calcolítico pré-campaniforme (Vila Nova de S. Pedro, Monte da Tumba ou El Malagón) (37) até a uma fase com cerâmica campaniforme (Rotura, Cerro de La Virgen ou Montefrio) (38). No Sudeste podem perdurar durante a Idade do Bronze (39).

— *Os vasos cerâmicos* do segundo nível de ocupação de Castelo de Aguiar incluem *formas simples* (esféricos, semi-esféricos, calotes de esfera e ovóides) todas de fundo convexo ou plano-convexo, e *formas formalmente "evolucionadas"* (carenadas, tronco-cónicos de fundo plano e boca elíptica, taça em calote achatada, de bordo muito reentrante, provável bicónico, recipiente com pé alto), algumas delas com fundo plano.

Predominam os vasos decorados (77,1% no total da amostragem). As pastas dos recipientes são compactas e as superfícies maioritariamente alisadas, embora também seja significativa a percentagem de superfícies polidas externamente.

A análise das formas apoiou-se em tipologias, algumas das quais já várias vezes mencionadas, relativas a contextos calcolíticos do Sudeste (40), Sudoeste (41), Estremadura (42) e Meseta Norte (43). Para algumas das formas evolucionadas, como as care

nadas, o recipiente de boca elíptica ou o vaso com pé alto, recorremos a paralelos dispersos por uma bibliografia mais ampla, que a seu tempo referiremos.

Recapitulando os tipos morfológicos de Castelo de Aguiar, lembramos que as formas 1, 2 e 3 são formas esféricas, de abertura progressivamente mais larga. A forma 4 é uma calote de esfera. Quer na forma 3 quer na 4 ocorrem recipientes achatados de fundo aplanado ou plano-convexo. A forma 5 inclui recipientes de corpo ovóide, podendo apresentar o colo bem marcado. A forma 6 insere vasos esférico-achatados, de grande abertura, ou tronco-cónicos de lados rectilíneos. Adentro das formas "evolucionadas", a forma 7 diz respeito a recipientes com carena média ou baixa. A forma 8 corresponde a um vaso tronco-cónico de fundo plano e boca elíptica. A forma 9 equivale a uma taça em calote achatada de bordo muito reentrante. A forma 10 é um vaso bicónico achatado. A forma 11 aponta para um recipiente de pé alto.

Neste quadro morfológico é de referir a *presença de decoração plástica* - pequenos mamilos sob o bordo ou sobre a carena - e de alguns fundos planos.

Predominam globalmente as *formas esféricas* ou *em calote de esfera*. As formas ovóides e as "evolucionadas", no seu conjunto, não ultrapassam 16,8% do total da amostragem.

Contudo, adentro das formas dominantes é possível, desde logo, referir duas características; predomina em quase todos os tipos a variante A (ausência de colo) e a forma 4 atinge uma percentagem muito significativa (28,9% no total). A forma 2 ocupa apenas o segundo lugar (24%).

A incidência da *taça em calote* e a menor importância dos recipientes com colo estrangulado individualiza o quadro cerâmico da segunda ocupação de Castelo de Aguiar, no contexto dos povoados da região que temos vindo a abordar.

A *taça em calote* é, não só uma forma bastante difundida, a partir do *Calcolítico*, no *Sul da Península*, como a sua presença indicia, nos vários contextos onde aparece, uma fase avançada do seu desenvolvimento. Esta última ideia foi defendida por G. e V. Leisner, desde os seus primeiros trabalhos na Península (44). Assim, a taça em calote encontra-se presente em monumentos sepulcrais de Los Millares I, Mojácar - Liniales, Guadix (Almeria) (45), em sepulcros evolucionados de Reguengos (Olival da Pega, "tholos" da Farisoa e anta 1 do Passo) (46), em La Pijotilla (47), ou nos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve (48). Na Rotura ocorre em maior abundância nos níveis superiores (com campaniforme) (49). A sobrevivência da taça, ao longo do Bronze inicial, já havia sido sugerida por G. e V. Leisner, no seu estudo sobre o megalitismo de Reguengos (50). Ele confirma-se plenamente na estratigrafia de Cerro de La Virgen (Orce), onde é substancialmente abundante nos estratos II (com campaniforme) e III (El Argar) (51). Adentro desta forma destaca-se a presença, em Castelo de Aguiar, duma *taça baixa, achatada*, bordo quase rectilíneo, de grandes ou pequenas proporções, com paredes finas ou grossas. Esta variante é particularmente significativa em contextos habitacionais calcolíticos pré-campaniformes e campaniformes do Sul da Península, como em Montefrio (52), El Malagón (53), Valencina de La Concepción (54), La Pijotilla (55).

Ocorre em monumentos sepulcrais evolucionados do Alentejo (56). Na Estremadura corresponde ao tipo 1.3 (prato alto, de rebordo saliente e sem espessamento) da tipologia cerâmica da Rotura (57), o qual é ali mais abundante nos níveis médios, pré-campaniformes. No Zambujal esta forma foi incluída no tipo Ib1*e* (58).

Assimilável à taça em calote (de bordo reentrante) temos a *forma 9*, na qual o bordo não só é muito reentrante, como inclui, na extremidade, um ligeiro ressalto interior. Corresponde a um pequeno recipiente de forma achatada, com paredes finas. No Sudeste esta forma aparece desde o Cobre Antigo em Montefrio (59) e inclui-se no grupo A - - VII B do povoado calcolítico de La Pijotilla (60).

No Alentejo foi integrada pelos Leisner nos grupos 1 e 2 (esféricos achatados), de cronologia calcolítica avançada (61). No Zambujal, podemos registá-la no tipo morfológico Ib4-b,c (62). Parece corresponder a uma forma cujo desenvolvimento se processou, no Sul da Península, desde uma fase antiga do Calcolítico.

Ao contrário, na Meseta Norte, a taça em calote, ou mesmo qualquer tipo de taça ou prato, é menos frequente. Ela distribui-se, segundo a tipologia de López Plaza, pelos grupos 3 (semi-esféricos), 4 (em forma de "casquete esférico"), 5 (semi-esféricos e em forma de "casquete" esférico com bordo reentrante) (63). As *taças baixas achatadas*, que podem ter funcionado como pratos, integram-se no grupo 4. São formas raras e tardias, ocorrendo no nível II de Peña del Aguila (64). A *taça de bordo reentrante* (grupo 5) aparece nos níveis III e II de Peña del Aguila (65) e no povoado calcolítico pré-campaniforme de Las Pozas (66). Também no Norte da Península esta forma parece integrar-se desde uma fase inicial do desenvolvimento destas comunidades calcolíticas.

Os esféricos e semi-esféricos ocorrem em Castelo de Aguiar, integrando-se significativamente numa constelação morfológica de apreciável monotonia que percorre todo o IIIº e o IIº milénios no Noroeste da Península (67). As *formas esféricas* inserem-se em contextos do Sudeste e do Sudoeste, sendo particularmente abundantes na Estremadura (68), mas no Sul da Península (Alentejo, Andaluzia e Sudeste) concorrem com uma gama mais diversificada de tipos, como taças carenadas, pratos e recipientes globulares (69). Numa fase tardia deverão caber os esféricos do colo estrangulado, que, segundo os Leisner (70), acompanham as taças em calote. Contudo, em Castelo de Aguiar, aquela variante não tem uma incidência importante. Deve-se chamar, no entanto, a atenção para a necessidade de futuramente se ampliar a amostragem observável, no sentido de se confirmar a proporção relativa de todos os tipos mencionados.

A forma 5, vaso ovóide, de grande dimensão (cuja capacidade deve ultrapassar os 20 ℓ, em média), reflecte uma fase de grande produção e armazenamento. Este tipo geral aparece em múltiplos contextos peninsulares, desenvolvendo-se marcadamente a partir do Calcolítico final, em áreas de grande produção agrícola (71). É particularmente abundante nos níveis II e I de Peña del Aguila (72).

Assim, poderíamos concluir dizendo que, adentro das formas esféricas ou calotes de esfera, se verificam relações formais com o Sul da Península, sendo de notar a ausência de taças carenadas ou pratos de bordo espessado.

Já a propósito da estação da Pastoria mencionámos diversos paralelos para as primeiras *carenas médias*, as quais são introduzidas em diversos pontos da Península, em contextos do Calcolítico final ou Bronze inicial, nos inícios do IIº milénio a.C..

No Sudeste, mencionámos as associações estratigráficas da fase IV de Montefrio (73) e do estrato II de Cerro de la Virgen (74), nas quais as novas formas ocorrem simultaneamente com campaniformes marítimos e de tipo Ciempozuelos. Poderíamos ainda referir a presença de carenas médias no povoado calcolítico de La Pijotilla (Grupo B - II) (75). No Centro da Meseta, em torno de Madrid, registámos a associação de carenas médias e campaniforme marítimo e de Ciempozuelos no povoado de El Ventorro (76).

Mais para ocidente é especialmente importante referir os materiais cerâmicos do povoado de *Cerro del Ahorcado*, na província de Zamora (77). Os recipientes cerâmicos predominantemente lisos, encontrados à superfície deste povoado (situado sobre um promontório), incluiam semi-esféricos e *carenas baixas e médias*. Três fragmentos decorados (um deles com impressão "penteada" e outro com motivos evocativos do campaniforme tardio), a existência dum pequeno machado plano, metálico, lâminas retocadas, duas pontas de seta pedunculadas e punções em osso, levaram M. Valls e German Delibes a incluir este conjunto de artefactos já numa fase do Bronze inicial (inícios do IIº milénio a.C.) (78).

Nesta fase tardia se integraria também o povoado de *San Cristóbal de Entreviñas* (79), cujos recipientes cerâmicos inserem formas esféricas e carenadas baixas e ainda decorações constituídas por sulcos paralelos aos bordos, faixas de reticulado inciso, incisões em "espinha" e triângulos incisos preenchidos com puncionamentos (80).

Segundo os mesmos autores estes povoados incluem-se numa *sequência cultural*, iniciada na 1ª metade do IIIº milénio a.C. por populações de filiação megalítica (Villardondiego, Almeida de Sayago, La Perrona de Gema), desenvolvida na 2ª metade do IIIº milénio a.C. por comunidades que ocuparam "habitats" influenciados pelos contextos meridionais de Los Millares/Vila Nova de S. Pedro (Horizonte de Las Pozas) e, numa fase mais tardia (inícios do IIº milénio), por estações como as de Cerro del Ahorcado e S. Cristóbal de Entreviñas.

Embora seja de prever a sobreposição cronológica de algumas das estações mencionadas, particularmente da primeira e segunda fase, parece-nos que esta sequência se encontra bem fundamentada nos seus traços gerais.

É de salientar a ocorrência de dois fragmentos pertencentes possivelmente a um único *vaso carenado, decorado abaixo da carena com linhas incisas em "espiga" ou "espinha de peixe"*. As pequenas dimensões dos fragmentos limitam a nossa visão do padrão decorativo. A específica localização deste motivo numa forma carenada lembra, ainda que vagamente, cerâmicas semelhantes do povoado de "La Plaza" (Valladolid) (81), o qual se integrará na 1ª metade do IIº milénio a.C., preconizando, naquela região, o horizonte de Cogotas I (82). Contudo, dada a distância que existe entre o Norte de Portugal e aquela região do interior da Meseta, e também porque apenas possuímos um único elemento comparativo, parece-nos que devemos encarar tal semelhança apenas como uma referência susceptí-

vel de ser ou não valorizada juntamente com outros dados que venham a ser observados.

Uma *forma bicónica achatada* (forma 10) (cujo bordo se desconhece) foi registada na estação. Ela enquadra-se bem no grupo 6 de G. e Vera Leisner (83), conhecendo-se bons paralelos em Olival da Pega (84). Recipientes bicónicos achatados decorados, inclusivamente com motivos "simbólicos", foram identificados em contextos sepulcrais de Los Millares (85). Na Estremadura, apesar de os bicónicos (altos) surgirem, por exemplo, nas grutas artificiais de Palmela (86), não parecem ter uma grande expressão nos povoados da Rotura (87), ou do Zambujal (88).

Em alguns povoados do SO da Meseta Norte o vaso bicónico integra-se numa variante do Grupo 5, definido por López Plaza, surgindo no nível III de Peña del Aguila (89).

Resta-nos comentar o *recipiente tronco-cónico de boca elíptica* (forma 8) e o *de pé alto* (forma 11). São formas únicas no contexto da estação e, até, do Norte de Portugal, pelo que a sua apreciação deve ser extremamente cautelar e provisória.

Relativamente ao vaso de boca elíptica, seríamos tentados, numa primeira análise, a sobrevalorizar precisamente o tipo de contorno da abertura do recipiente. Como se sabe recipientes com esta característica são extremamente raros a nível peninsular. Em Portugal ocorrem em grutas naturais da Estremadura e Alentejo e em dólmens do Alto Alentejo (90). Sistematizados por Paulino Pereira (91), verificou-se que dez recipientes provinham de grutas naturais e quatro de dólmens alentejanos, predominando nas primeiras os hemisféricos altos e nos segundos os hemisféricos baixos. Dois "foram recolhidos numa estação onde as condições de jazida são de tipo indeterminado" (92). Um último provém da estação de Olelas, e tem uma forma zoomórfica, aliás como o da gruta do Carvalhal (Turquel). Olelas seria a única estação habitacional (93) que teria fornecido um vaso deste tipo. Todos os outros contextos são sepulcrais.

Apesar das deficientes, raras e contraditórias observações estratigráficas disponíveis, estes vasos foram inicialmente classificados de "eneolíticos" (94) e posteriormente inseridos no Neolítico final (95), revelando, para todos os autores que os estudaram mais recentemente, um elo de ligação entre o fenómeno megalítico alentejano e as manifestações sepulcrais em gruta da Estremadura (96).

Paulino Pereira refere-se ao espólio associado a tais vasos, embora se deva encarar com reservas o carácter intacto de tais "associações": "hemisféricos, machados, enxós e goivas de pedra polida, lâminas de sílex com e sem retoques, micrólitos, alabardas, material de osso muito rudimentar, placas de xisto, contas e pendentes, etc." (97).

Acentue-se que alguns objectos mais "evolucionados" (alabardas e placas de xisto) fazem parte duma lista onde se integram utensílios antigos ou arcaizantes como micrólitos geométricos. Por outro lado, relembramos que os recipientes de Eira Pedrinha provêm duma camada de tumulações com materiais calcolíticos (98) e que o vaso zoomórfico de Olelas provém dum local exterior ao "monumento" 1, juntamente com pontas de seta de base côncava, machados polidos, e cerâmica semelhante à da camada A do "monumento" 1, que correspondia a uma ocupação indiscutivelmente calcolítica.

Perante tais informações, vemo-nos forçados a questionar se os vasos em estudo serão todos da mesma época ou se, pelo menos, não estaremos perante materiais que se situam entre o Neolítico final e o Calcolítico Pleno.

Vasos hemisféricos de boca oval ocorrem no Sudeste, numa gruta artificial do conjunto de Alcaide (Málaga) (99), associados a materiais metálicos tardios. Também em Almeria, nas sepulturas megalíticas nºs 5 e 6 de Jautón, são conhecidos recipientes de boca oval (cuja forma geral desconhecemos), mas que se integram numa lista de materiais de tipologia calcolítica (100). Finalmente, na Meseta Norte, num povoado com cerâmicas "penteadas", do âmbito dos estudados por López Plaza, foi registado um pequeno recipiente, de boca elíptica, e forma em calote de esfera (101).

Se os vasos hemisféricos de boca elíptica podem eventualmente ser de épocas diferentes consoante as regiões e os contextos sepulcrais e/ou habitacionais onde estão inseridos, não vemos razão para isolar, de forma absoluta, o *contorno oval da abertura* do vaso como índice indicador de qualquer cronologia ou âmbito cultural específico. Ora, o vaso de Castelo de Aguiar distingue-se particularmente, pela forma sub-cilíndrica achatada e fundo plano, que não é comum nos recipientes de boca oval que temos mencionado. Se quiséssemos encontrar um paralelo puramente formal para a mesma (independentemente do contorno da abertura), teríamos de recorrer à tipologia dos Leisner para os vasos dos monumentos megalíticos de Reguengos, onde o *grupo 8* se adapta genericamente ao vaso em questão (109). Este grupo (vasos de fundo esférico-achatado e plano) integra recipientes de corpo cilíndrico ou tronco-cónico alto ou baixo. A especificidade advém-lhe da existência dum *fundo plano*, que, no contexto do megalitismo de Reguengos, é raro, e ocorre numa fase tardia do Calcolítico da região (103). Este tipo de recipientes é mais abundante nos sepulcros evolucionados do Algarve, como os de Alcalar (104) ou nos de Almeria, como Los Millares 9 (105) ou Loma de la Rambla de Huéchar 2 (106).

No Sudeste conhecemos também dois recipientes cuja morfologia se aproxima do grupo 8 dos Leisner e que integram o contorno oval: um vaso da sepultura nº 38 da necrópole de Los Castellones (Rio de Gor, Granada) (107) e outro, ainda mais expressivo, do conjunto de Las Peñuelas (Laborcillas) (Granada) (108). Ambos inserem uma pega alta vertical em uma das extremidades, saindo do bordo, com uma abertura horizontal.

Assim, constatamos que o recipiente de Vila Pouca de Aguiar encontra maiores semelhanças formais com exemplares tardios do Sudeste e Algarve do que com vasos que, possuindo também boca elíptica, ocorrem numa área geográfica mais próxima, como é o Centro de Portugal. Daqui resulta que, perante tal conjugação de factores, aparentemente contraditórios, julgamos pouco razoável associar a forma 8 exclusivamente à "família" de vasos de boca elíptica da Estremadura e Alentejo. Em primeiro lugar porque esse recipientes têm uma forma diferente e ocorrem quase exclusivamente em contextos sepulcrais. Em segundo lugar porque, na sua maioria, devem incluir-se no Neolítico final/Calcolítico inicial daquelas áreas. Como veremos, o nível de ocupação onde o vaso de Castelo de Aguiar se insere, é datado dos inícios do IIº milénio a.C..

Por outro lado, a aproximação formal com os recipientes do Sudeste também só deve ser vista em termos muito gerais. Em primeiro lugar porque apenas lidamos com um

termo de comparação. Em segundo lugar, porque entre áreas geográficas e culturais tão afastadas, apenas será lícito valorizar o que em ambas constitui uma linha de força da morfologia cerâmica peninsular: salvo excepções pontuais, os vasos de fundo plano têm uma ampla difusão a partir do Calcolítico médio-final, acompanhando o aparecimento de perfis angulosos que se desenvolverão intensamente durante a Idade do Bronze.

Neste sentido, e tendo em conta a cronologia tardia da estação, comprovada por datas de C14 e pela análise comparada de alguns dos artefactos mais significativos, cremos que será mais útil e correcto analisar a forma 8 no contexto singular do Norte de Portugal e do Noroeste peninsular. Na verdade, cremos que existem alguns elos de ligação com formas lisas sub-cilíndricas ou tronco-cónicas, específicas desta ampla região, que normalmente ocorrem em contextos sepulcrais datáveis dos inícios do IIº milénio a.C.. Estaríamos, assim, perante uma forma genericamente local, que incluiria uma característica (contorno elíptico) de raiz provavelmente neolítica, com larga sobrevivência espacial em épocas posteriores.

Finalmente, registámos a *forma 11* (recipiente com pé alto), de que apenas conhecemos uma parte da base. Pela sua singularidade no contexto cerâmico da estação (e, como veremos, do Norte de Portugal), não procuraremos paralelos exaustivos em outras áreas, crentes de que a existência de um ou dois exemplares numa amostragem de cerca de 700 fragmentos cerâmicos, pode resultar de múltiplos factores derivados da dinâmica local.

Como é do conhecimento geral, os primeiros recipientes com pé alto ocorrem em contextos campaniformes, do âmbito de Palmela (109) e de Ciempozuelos (110). Também em La Pijotilla ocorre uma forma cuja base se aproxima bastante da do exemplar do Norte de Portugal (111). Posteriormente, durante a Idade do Bronze de influência argárica, surgem as "copas", como elementos clássicos da morfologia cerâmica no Sudeste (112).

Cremos, no entanto, que estas tendências gerais apenas devem ser entendidas como referência a ter em conta no momento de valorizar um conjunto significativo de recipientes deste tipo, que venhamos eventualmente a encontrar em contextos bem datados e em nítida articulação com elementos de âmbito supra-regional.

Ocorrem ainda 3 exemplares com *mamilos*, um deles sobre uma carena. Como já referimos a propósito de recipientes da estação de S. Lourenço, a decoração plástica é extremamente rara nos contextos estudados. Ao contrário, na Meseta Norte Ocidental, aquela é muitíssimo abundante em povoados de época genericamente similar (113).

— A única forma detectada no primeiro nível de ocupação foi uma *taça em calote de bordo reentrante*, que se aproxima genericamente da forma 9, já comentada.

— A maior parte dos vasos da segunda ocupação da estação (43,5%) encontra-se decorada segundo a *organização I*: faixas de linhas impressas "penteadas" (ou incisas) alternam com outras sem decoração. Predomina a impressão "penteada". *A organização V* (uma única faixa com linhas impressas "penteadas", paralela ao bordo), pela técnica decorativa dominante, pode associar-se à organização I.

Neste último padrão decorativo surge, em sequência aditiva, a repetição, de

duas a cinco vezes, do mesmo motivo: linhas paralelas rectilíneas ou curvilíneas, linhas oblíquas ou em "espinha".

Este padrão justapõe-se às formas esféricas (1, 2, 3 e 6), em calote (4) e ovóides (5), predominando globalmente nas esféricas (2 e 3), ou seja, associa-se aos recipientes de uso comum (categoria tipológica I) e, mais raramente, a vasos de provisões (categoria III).

Se a decoração "penteada" não é desconhecida, em toda a Península, em contextos habitacionais calcolíticos pré-campaniformes ou não campaniformes (114), existem indícios de que ela é utilizada posteriormente, já durante a divulgação da cerâmica campaniforme, como nos sugere, na Galiza, a existência dum recipiente acampanulado decorado segundo tal técnica, proveniente de uma mamoa de Gândaras de Budiño (Pontevedra) (115), ou, mais indirectamente, na Meseta, os materiais cerâmicos de Cerro del Ahorcado (116). Contudo, é no Norte de Portugal que tal integração cronológica e cultural se encontra melhor comprovada, pela análise da correlação tipológica e estratigráfica de materiais dos povoados da Pastoria e de Castelo de Aguiar.

Nesta última estação é notória a importância dum *padrão facilmente assimilável ao estilo campaniforme marítimo* (nas suas múltiplas variantes regionais), ainda que a técnica de pontilhado tenha sido substituída pelas técnicas locais de impressão "penteada" e incisão e o motivo clássico (linhas oblíquas no interior de linhas horizontais paralelas) seja predominantemente transformado (como na variante linear), em linhas horizontais paralelas. Como já referimos a propósito dos vasos campaniformes da Pastoria, *a variedade linear* (117) é particularmente abundante no litoral atlântico, quer na Estremadura, quer na Galiza. Aqui são relevantes os exemplares de Mugueimes, Maus de Salas, Morcigueira, Abelleira e Regueiriño (118), sendo de acentuar a preferência pela utilização da impressão pectiniforme. Em Castelo de Aguiar, a imitação do padrão campaniforme (na sua variante linear) está exemplificado nas decorações Ia, b, e, g, h, i (Fig. 5). As variantes Ic, d, (Fig. 5) podem considerar-se simplificações do padrão mencionado. As variantes Il, m (Fig. 5) aproximam-se da *variante de Herringbone* (119): faixas com linhas oblíquas com a mesma direcção alternam com faixas sem decoração. Na Estremadura, um vaso acampanulado de Trigache 2 (Loures) pertence, por exemplo, a esta variedade, também com técnica de incisão (120). A variante Ij (Fig. 5) tem paralelos em recipientes dos complexos marítimo e Palmela. Em Palmela (desconhece-se a gruta) observa-se um vaso que possui esta organização, associada, junto ao bordo, a uma faixa constituída por "chevrons" sobre fundo de linhas oblíquas (121). Por fim, as variantes If, i (Fig. 5), apesar de utilizarem uma técnica marcadamente local (impressão arrastada), podem aglutinar-se numa fórmula que também é campaniforme: faixas com linhas verticais alternam com faixas sem decoração. Da "tholos" da Praia das Maçãs foi publicada uma taça decorada com este padrão (122).

Particularmente articuláveis com a estilística campaniforme encontram-se as organizações XI e XIII. A organização XIII associava-se ao tipo morfológico 3.

A organização XI insere um "chevron" inciso sobre fundo reticulado ou com punctionamentos. Esta decoração "em negativo" é amplamente desenvolvida, quer no complexo ma

rítimo, quer sobretudo nos de Palmela/Ciempozuelos (123).

A organização XIII integra um padrão em "*xadrez*" (linhas de pontos delimitadas por linhas incisas). O recipiente no qual foi registada esta decoração ainda apresentava raros vestígios de pasta branca incrustrada.

Trata-se dum motivo que abrange quase toda a superfície externa do vaso. Esta característica, aliada às técnicas utilizadas, revela grande originalidade no manuseamento desta fórmula estilística. Na verdade, a faixa em "xadrez", normalmente constituída por linhas verticais (incisas ou pontilhadas) desenvolve-se sob o bordo de vasos, caçoilas ou taças e associa-se a zonas decoradas com outros motivos (124). Tem um grande desenvolvimento no complexo de Palmela (126).

Em segundo e terceiro lugar, depois da organização I, foram registadas, respectivamente, as organizações II e III/IV.

A organização II está associada aos tipos morfológicos 2, 3 e 4.

A organização III inclui, além dos tipos anteriores, a forma 5.

A organização IV ocorre nas formas 2, 4 e 6.

Assim, todas as organizações se justapõem a recipientes de uso comum, mas apenas a II também atinge grandes vasos de provisões.

A organização II, linhas ou faixas horizontais paralelas ao bordo, manipulando a incisão e o puncionamento, reporta-se a um padrão muito simples, de tradição neolítica, a nível peninsular (126). As variantes IIa, c (Fig. 5) aparecem, por exemplo, em monumentos megalíticos da Beira Alta como Orca da Sobreda ou Orca dos Castenairos (127). Sem dúvida, este modelo perdura em contextos calcolíticos habitacionais da Estremadura, sob formas muito diversas.

Na Meseta Norte, nos povoados estudados por Valls/Delibes e López Plaza (128), esta organização é bastante significativa.

Parece tratar-se de uma fórmula decorativa que, em especial na Meseta Norte Ocidental, constitui provavelmente um fundo comum, de ampla difusão geográfica e sobrevivência temporal.

A organização III, inserindo sob o bordo a clássica sequência de triângulos incisos (preenchidos com incisões, puncionamentos ou impressões "penteadas"), apresenta duas características importantes: é utilizada com frequência a impressão "penteada" em linhas horizontais, oblíquas ou verticais no interior dos triângulos; as variantes IIIb, e associam o triângulo ao motivo nuclear da organização I. Estes dois aspectos correspondem à provável influência, sobre um padrão de origem antiga (129), que também exprime um substracto estilístico comum a diversas regiões da Península (e à Meseta Norte ocidental e ao Noroeste em particular), da organização decorativa predominante (I). Na verdade, os recipientes que ostentam triângulos com simples puncionamentos são raros. Sobre a larga expansão peninsular desta organização já tivemos ocasião de enunciar as principais

linhas de força, quando comentámos os possíveis paralelos para recipientes cerâmicos da Vinha da Soutilha e S. Lourenço.

Convém apenas lembrar que, em regiões contíguas às do Norte de Portugal, tal fórmula ocorre em vasos de contextos calcolíticos, como Fontenla e Regueiriño, na Galiza (130), e, no SO da Meseta Norte, em todos os povoados descritos por López Plaza (131).

Nestas regiões ainda não se encontram suficientemente diferenciadas as diversas etapas da evolução cultural durante o Calcolítico (pré-campaniforme, campaniforme ou não campaniforme), pelo que o padrão mencionado é indistintamente associado ao conjunto de materiais de cada estação.

Saliente-se a ausência da técnica de "boquique" (de tradição neolítica) em qualquer das organizações decorativas detectadas em Castelo de Aguiar.

A organização IV traduz um *padrão metopado*, utilizando exclusivamente a técnica de impressão "penteada". O recipiente é delimitado sob o bordo e/ou junto à base por uma faixa de linhas horizontais; linhas verticais perpendiculares alternam com espaços sem decoração entre as faixas referidas. Num caso (Ie) (Fig. 5), o espaço decorado é constituído apenas por linhas horizontais. Os paralelos sugeridos para o padrão metopado recorrente nas estações da Vinha da Soutilha, S. Lourenço e Pastoria já foram amplamente ilustrados.

Contudo, nessas estações, o padrão metopado articula-se com a técnica da incisão e associa diversos motivos geométricos (reticulado, triângulos, losangos, zigue-zagues) separados por linhas verticais. Essa conjugação é passível de ser aproximada formalmente à que ocorre em recipientes de contextos funerários e habitacionais calcolíticos da Estremadura portuguesa, do Sudoeste e Sudeste peninsulares.

Em Castelo de Aguiar, ainda que o mesmo padrão metopado permaneça, além da utilização de uma diferente técnica decorativa (de grande expansão local), nota-se uma concepção menos marcada do modelo contrastante implícito na fórmula atrás mencionada. Apenas conhecemos a associação desta organização específica com a técnica de impressão "penteada" na estação em análise. Poderá corresponder a uma "recriação" local da fórmula estilística dominante nas estações do Alto Tâmega.

As restantes organizações decorativas, além de raras, integram-se num quadro marcadamente local, pelo que não procuraremos articulá-las com estilos exteriores ao âmbito do Norte de Portugal, os quais serão devidamente analisados em parte autónoma.

No primeiro nível de ocupação observámos um recipiente (taça em calote de bordo reentrante) que era decorado com filas horizontais de incisões curvilíneas em forma de "chama" (Fig. 5, IIj). Este motivo, de origem neolítica, encontra-se representado em recipientes do dólmen de corredor de Alcogulo 2 (Cabeço dos Milhares, Portalegre) (132) e num outro da Orca dos Juncais (Beira Alta) (133).

- Assim, podemos resumir as principais características da cerâmica de Castelo de Aguiar, em relação com a de outras regiões peninsulares:

. Em contraste com os reportórios cerâmicos conhecidos da Pré-História Recente na Península, *predominam os recipientes decorados*, cerca de 77% do total das formas registadas.

. Predominam também em Castelo de Aguiar as formas esféricas e em calote de esfera, o que, globalmente considerado, corresponde ao padrão morfológico observado em povoados do IIIº e inícios do IIº milénio a.C. na Meseta Norte. Contudo, deve acentuar-se a presença destacada da *taça em calote*, nomeadamente da *taça baixa achatada*, o que, se provavelmente constitui um indicador de modernidade (adentro dos contextos considerados), aproxima formalmente o quadro de Castelo de Aguiar dos do Sudoeste e Sudeste.

. Novas formas, especialmente as *carenadas*, e os recipientes de *fundo plano*, indicam uma nova estética que preconiza a Idade do Bronze.

. As decorações justapõem-se preferencialmente às formas esféricas, particularmente às calotes de esfera, ou seja, a recipientes de uso comum (categorias tipológicas I e II). Embora nos contextos calcolíticos do Sul haja uma larga gama de formas, também se verifica a existência da decoração predominantemente em formas semi-esféricas, esféricas, bicónicas ou em calote de esfera.

. Em Castelo de Aguiar registou-se a presença de organizações decorativas (II e III) cuja provável origem neolítica comum revela uma ampla sobrevivência temporal. A organização IV imita um padrão metopado existente nos recipientes das estações do vale do Tâmega, estudadas neste trabalho, cuja origem na região remonta, pelo menos, à 1ª metade do IIIº milénio a.C.. A organização I parece reflectir uma assimilação e reformulação local do estilo campaniforme marítimo (variantes linear ou clássica). Também as organizações XI e XIII se aproximam dos estilos campaniformes.

. No conjunto, ressaltam duas linhas de força: - a estilística decorativa desta estação apresenta uma *forte componente local* que se exprime pela absorção e adaptação muito livre de modelos de diversas origens; - predomina um padrão repetitivo, pouco contrastante.

3.4.5 *DATAS DE RADIOCARBONO : OBSERVAÇÕES GERAIS*

Do Local 2 foram recolhidas três amostras de carvão de madeira que submetemos a análise pelo C14, realizada pelo Laboratório de C14 da Faculdade de Ciências da Universidade de Granada tendo obtido os resultados do quadro seguinte:

AMOSTRA (numeração interna)	LABORATÓRIO E Nº DA AMOSTRA	PROVENIÊNCIA	DATAÇÃO B.P.	CONVERSÃO a.C.
1	UGRA - 179	L.2 - P1 (c.6)	4700 ± 100	2750
2	UGRA - 185	L.2 - N2 (c.4 - base)	3900 ± 180	1980
3	UGRA - 181	L.2 - N2 (c.4 - topo)	3730 ± 140	1780

As amostras datadas têm a seguinte proveniência:

A amostra 1 (UGRA 179) provêm do Local 2, do quadrado P1, camada 6. Foi recolhida no *nível mais antigo da ocupação do local*, a cerca de 2 m de profundidade, relativamente ao solo actual, entre grandes fragmentos de madeira carbonizada encontrada na base do nível referido.

A amostra 2 (UGRA 185) provêm do Local 2, do quadrado N2, na base da camada 4, numa área que revelou abundantes vestígios de combustão associados a pedra miúda, moinhos manuais e diversos artefactos. A amostra foi extraída, a cerca de 1,50 m de profundidade a partir do solo actual, de uma das várias concentrações de madeira carbonizada observadas no local, encontrando-se encostada e protegida parcialmente por um vaso tronco-cónico achatado de boca elíptica achado quase completo.

A amostra 3 (UGRA 181) provêm do Local 2, do quadrado N2, do topo da camada 4, numa área onde foram identificados vestígios de combustão. A amostra foi extraída, a cerca de 1,40 m de profundidade a partir do solo actual, da parte superior de uma das várias concentrações de madeira carbonizada ali existentes. Estas concentrações não apresentavam qualquer estruturação evidente.

Assim, uma data provêm do nível mais antigo (UGRA 179-2750 ± 100 a.C.) e duas outras do segundo nível de ocupação, respectivamente da base e do topo (UGRA 185-1980 ± ± 180 a.C. e UGRA 181-1780 ± 140 a.C.). As três apresentam uma significativa coerência interna relativamente aos dados estratigráficos observados. Estatisticamente a primeira data é nitidamente *anterior* às outras duas (134). Ela provêm do nível subjacente, o qual se encontra separado da camada arqueológica superior por uma camada estéril.

As outras duas datas (UGRA 185 e 181) apresentam entre si uma diferença quase irrelevante, em parte devido ao alto desvio padrão de ambas, o qual determina que a diferença provável entre as duas seja estatisticamente mais pequena do que a comparação entre os valores médios deixa pressupor. Essa diferença pode *parcialmente* ser justificada pela posição relativa das amostras no seu contexto estratigráfico (135).

Atendendo às três datações, consideradas do ponto de vista intrínseco coerentes, podemos sugerir que o *início da ocupação deste local* se realizou durante a *1ª metade do IIIº milénio a.C.*. Durante a 2ª metade do IIIº milénio a.C. o local não terá

sido habitado, pelo menos nos sectores intervencionados. A primeira ocupação extensa do povoado parece ter-se dado apenas já nos *inícios do IIº milénio a.C.*, num período de tempo que, à luz das duas únicas datas de C14 disponíveis, poderia decorrer, "grosso modo", entre 2000 a.C. e 1700 a.C..

Se a primeira data do conjunto das três, apontaria para um momento contemporâneo do da *formação* dos diversos contextos calcolíticos peninsulares, já comentada a propósito das datações absolutas da estação da Vinha da Soutilha, as duas últimas integram-se num período que marca a *transição entre as últimas comunidades "calcolíticas" e as primeiras do Bronze inicial* (136). Elas estão em particular sintonia com as datas conhecidas para níveis habitacionais ou sepulcrais com cerâmica campaniforme. Lembremo-nos, na Estremadura, das cronologias absolutas dos níveis com campaniforme marítimo, ponti-lhado geométrico e inciso do castro do *Zambujal*, entre 2000 a.C. e 1700 a.C. (GrN 7003--2105 ± 40; GrN 6668-1675 ± 65) (137). Embora mais ambígua, convém não esquecer a data da "tholos"da *Praia das Maçãs*, em torno de 1700 a.C. (H-2049/1458-1700 ± 60 a.C.) (138). Recentemente foram publicadas uma série de datas do povoado calcolítico de *Santa Justa*, no Alto Algarve Oriental, das quais se deve salientar um conjunto situado entre 1970 e 1940 a.C. (UGRA 76-1970 ± 130 a.C.; UGRA 86-1960 ± 120 a.C.; UGRA 85-1940 ± 130 a.C.) (139).

No Sudeste, os níveis habitacionais de *Cerro de la Virgen* e *Montefrío* revelaram a coexistência de campaniformes marítimos e incisos até ao séc. XIX a.C. (Cerro de la Virgen: GrN 5597-1970 ± 60; GrN 5595-1940 ± 40; Montefrío: GrN 5593-1890 ± 35 a.C.) (140). Uma data de *El Malagón* (GrN 10148-1980 ± 70 a.C.) (141) poderá também relacionar-se com uma última fase do povoado, a qual integraria campaniforme marítimo.

No Norte da Península, o nível IIc de *Los Husos*, que inseria campaniforme de tipo Ciempozuelos, foi datado de 1970 ± 100 (I - 3985) (142). Para Delibes de Castro o complexo de Ciempozuelos alcança na Meseta Norte numa fase de plenitude em torno de 1700 a.C. (143), sendo contemporâneo dos inícios de Argar A, no Sudeste (Cerro de la Virgen -- fase IIIa: GrN 5594-1785 ± 55 a.C.) (144). Esta data insere-se, em termos de cronologia europeia, já em plena Idade do Bronze inicial, que, no Noroeste peninsular, será marcada também pelo desenvolvimento dum fenómeno sepulcrar particular, que Harrison designou "grupo de Montelavar" (145).

Certamente a coexistência de diferentes fenómenos e tradições culturais nesta ampla região que é o Norte de Portugal, durante os inícios do IIº milénio, será a característica principal a ter em conta, quando nos abeirarmos da realidade heterogénea e multifacetada da sua Pré-História Recente durante este período. Assim, verifica-se, por exemplo, a *sobrevivência*, na Galiza, *de comunidades calcolíticas* que fabricaram cerâmicas decoradas, segundo um estilo de influência meridional, em tudo comparáveis às das estações do Alto Tâmega: *Lavapés* (Pontevedra), onde se registou um conjunto de cerâmicas incisas metopadas (de tipo Mairos - S. Lourenço - Pastoria - Penha), foi datada recentemente de 1980 a.C. (GaK 11188-1980 ± 120 a.C.) (146). É provável, como já afirmámos, que o nível campaniforme da Pastoria possa incluir-se nesta fase genérica. Outras manifestações, de *tradição megalítica e inspiração atlântica* desenvolver-se-ão, simultaneamente, nesta época, no Norte de Portugal e na Galiza, as quais serão objecto da nossa análise em capítulo independente.

LEGENDAS DAS FIGURAS

B.- 3.4 — CASTELO DE AGUIAR

Fig. 1 - Formas cerâmicas do segundo nível de ocupação.

Fig. 2 - Formas cerâmicas do segundo nível de ocupação.

Fig. 3 - Formas cerâmicas do segundo nível de ocupação.

Fig. 4 - Percentagens dos tipos morfológicos cerâmicos do segundo nível de ocupação.

Fig. 5 - Organizações decorativas da cerâmica do segundo nível de ocupação.

Fig. 6 - Organizações decorativas da cerâmica do segundo nível de ocupação.

Fig. 7 - Percentagens de organizações decorativas do segundo nível de ocupação.

Notas

(1) São analisados paralelos exteriores ao Norte de Portugal. Algumas breves alusões a exemplares existentes nesta região têm apenas por objectivo ajudar a integrar melhor os dados fornecidos por outras áreas culturais.

(2) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*, pp. 444-448.

(3) *V.* nota 2, pp. 460-464.

(4) *V.* nota 2, pp. 428-432.

(5) Savory, H. N. (1970), A section through the innermost rampart..., p. 140.

(6) Cardoso, J., Soares, J. e Silva, C. T. (1985), O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras)... (Resumo de comunicação apresentada ao Colóquio sobre o "Calcolítico do Centro e Sul de Portugal", promovido pela UNIARCH e MAEDS em Abril de 1985).

(7) Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la edad del cobre de "El Malagón"..., fig. 14.

(8) Arribas, A e Molina, F. (1980), Nuevas aportaciones al inicio de la metalurgia..., fig. 7, K.

(9) Ferreira, O. da Veiga e Silva, C. T. (1970), A estratigrafia do povoado..., pp. 215-216.

(10) *V.* nota 8, fig. 9, n.

(11) Almagro, M. e Arribas, A. (1963), *El Poblado y la Necrópolis Megalíticos de Los Millares...*, Lam XXXII, nºs 54-57.

(12) Almagro, M. (1959), Excavaciones en el sepulcro de corredor..., fig. 16.

(13) Delibes de Castro, G. (1977), *El Vaso Campaniforme...*

(14) Andrés Rupérez, T. (1978), El utillaje de piedra tallada en los sepulcros..., p. 36.

(15) Leisner, , V., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da V. (1961), *Les Grottes Artificielles du Casal do Pardo...*, pp. 34-35.

(16) López Plaza, E. M. S. (1978), *Comienzos del Eneolítico...*

(17) Leisner, G. e V. (1951), *Antas do Concelho de Reguengos...*, p. 63.

(18) *V.* nota 16, p. 195.

(19) Jalhay, E. e Paço. A. do (1945), El Castro de Vilanova de San Pedro..., pp. 25 e 33; Paço, A. (1954), Sementes pré-históricas...; *V.* nota 15.

(20) Serrão, E. da C. e Vicente, E. P. (1980), *Lâminas de Sílex...*

(21) *V.* nota 21, p. 43.

(22) López Plaza, S. (1980), Hoces de piedra prehistóricas..., p. 25.

(23) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...* pp. 222-223.

(24) *V.* nota 5.

(25) *V.* nota 6.

(26) Serrão, E. da C. e Vicente, E. P. (1958), O Castro eneolítico de Olelas..., Est. VI, nºs 8, 13-19.

(27) *V.* nota 22; *V.* nota 16, p. 198.

(28) *V.* nota 16, p. 198.

(29) *V.* nota 22, p. 24.

(30) Na estação de *Penha Verde* (Roche, J. e Ferreira, O. da V. (1975), La station de Penha Verde...) foi analisado um nível arqueológico situado sob estruturas calcolíticas campaniformes que forneceu, entre os materiais líticos, grande abundância de pequenas raspadeiras (69 ex.) de diversos tipos, em sílex. Apesar de esse nível ter sido atribuído a um "habitat" neolítico, não cremos que haja provas absolutas para a aceitação dessa cronologia. A estratigrafia apenas nos indica a sua anterioridade relativamente a uma ocupação campaniforme.

(31) Spindler, K. (1981), *Cova da Moura*..., p. 118.

(32) Paço, A. (1939), A póvoa eneolítica de Vila Nova..., p. 249.

(33) *V.* nota 31.

(34) Leisner, V. e Schubart, H. (1966), Die Kupperzeitliche...

(35) *V.* nota 16, p. 253; Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico...

(36) *V.* nota 16, p. 254.

(37) *V.* notas 5, 6 e 7.

(38) Gonçalves, V. (1971), *O Castro da Rotura*...; Schüle, W. e Pellicer, M. (1966), *El Cerro de la Virgen*...; *V.* nota 8.

(39) *V.* notas 8 e 38 (Schüle, W. e Pellicer, M. (1966)).

(40) Leisner, G. e V. (1943, 1959), *Die Megalithgräber*...; Schüle, W. e Pellicer, M. (1966), *El Cerro de la Virgen*; Arribas, A. e Molina, F. (1979), *El Poblado de "Los Castillejos"*...

(41) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber*...; Silva, C. T. e Soares, J. (1976-77), Contribuição para o conhecimento dos povoados... Agradecemos a Victor Hurtado as informações prestadas sobre a tipologia cerâmica do povoado calcolítico de La Pijotilla.

(42) Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal-Die Grabungen*...; Silva, C. T. da (1971), O povoado pré-histórico da Rotura...

(43) *V.* nota 16; Zamora Canellada, A. (1976), *Excavaciones de la Cueva de la Vaquera*...; Fernandez-Miranda, M. (1969-70), El poblado de La Loma de Chiclana...; Quero, S. e Priego, M. C. (1976), Notícia sobre el poblado campaniforme...

(44) *V.* nota 2, p. 501.

(45) *V.* nota 2, tafel 161.

(46) *V.* nota 17, p. 89.

(47) *V.* nota 41.

(48) *V.* nota 41: Silva, C. T. e Soares, J. (1976-77); Silva, C. T., Soares, J. e Gomes, J. S. (1982), Identificação de um povoado fortificado calcolítico...

(49) *V.* nota 42: Silva, C. T. da (1971), pp. 180-187.

(50) *V.* nota 17, p. 90.

(51) Schüle, W. e Pellicer, M. (1966), *El Cerro de la Virgen*...

(52) *V.* nota 40: Arribas, A. e Molina, F. (1979), figs. 48, 50, 52.

(53) *V.* nota 7, fig. 8a.

(54) Ruiz Mata, D. (1975), Cerâmicas del Bronce..., fig. 11, nº 2.

(55) *V.* nota 41: Grupo A-VIII D, X O.

(56) *V.* nota 17, p. 86.

(57) *V.* nota 42: Silva, C. T. da (1971), p. 180.

(58) *V.* nota 42: Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), tafel 67.

(59) Arribas, A. e Molina, F. (1979), *El Poblado de "Los Castillejos"*..., fig. 57, nº 395.

(60) *V.* nota 41.

(61) *V.* nota 17, pp. 85-88.

(62) *V.* nota 58, tafel 68.

(63) *V.* nota 16; Lõpez Plaza (1979), Aportacion al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO de la Meseta...

(64) *V.* nota 63: Lõpez Plaza (1979), p. 76.

(65) *V.* nota 64, pp. 76-77.

(66) Delibes de Castro, G. (1985), El calcolítico...

(67) *V.* nota 43.

(68) *V.* notas 57 e 58.

(69) *V.* nota 41: Silva, C. T. e Soares, J. (1976-77); *V.* notas 7, 8, 51.

(70) *V.* nota 17, p. 91.

(71) *V.* notas 41 e 42.

(72) Lõpez Plaza (1979), Aportacion al conocimiento..., p. 77.

(73) *V.* nota 59.

(74) *V.* nota 51.

(75) *V.* nota 41.

(76) *V.* nota 43: Quero, S. e Priego, M. C. (1976).

(77) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1976), Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (III)..., fig. 6.

(78) *V.* nota 77, pp. 425-426.

(79) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1982), Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (IX)... p. 62.

(80) *V.* nota 79, fig- 3.

(81) Delibes de Castro, G. e Fernández Manzano, J. (1981), El Castro protohistorico de "La Plaza" en Cogeces del Monte...

(82) Fernández Manzano, J. (1985), El Bronce...

(83) *V.* nota 17, p. 93.

(84) *V.* nota 17, Est. XXVII, nºs 34 e 36.

(85) *V.* nota 2, tafel 12 e 16.

(86) *V.* nota 15.

(87) Silva, C. T. da (1971), O povoado pré-histórico da Rotura..., p. 183.

(88) *V.* nota 42: Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), tafel 70, $2a_4$.

(89) *V.* nota 72, pp. 76-77.

(90) Almeida, Fernando de e Ferreira, O. da Veiga (1958), Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas...

(91) Pereira, Jorge Paulino (1976-77), A gruta natural da Salvé Rainha...

(92) *V.* nota 91, p. 73.

(93) Apesar dos escavadores da estação (*v.* nota 26) interpretarem diversas estruturas como sepulcrais, outros autores têm-se referido a elas como estruturas habitacionais (*v.* Spindler, K., 1981, *Cova da Moura*..., fig. 29).

(94) *V.* nota 90, p. 231.

(95) *V.* nota 91, p. 92.

(96) *V.* nota 90, p. 231; *V.* nota 91, p. 73.

(97) *V.* nota 91, p. 73.

(98) Correia, Antônio Mendes e Teixeira, Carlos (1949), *A jazida Pré-histórica de Eira-Pedrinha*..., p. 24.

(99) Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber...*, tafel 133, nº 11.

(100) *V.* nota 90, p. 233; Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*, tafel 5 e 6.

(101) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1976), Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (III)..., fig. 11.

(102) *V.* nota 17, p. 97.

(103) *V.* nota 17, p. 98, Est. XXVII, nº 33.

(104) *V.* nota 2: tafel 77, nº 15, tafel 79, nºs 74 e 75.

(105) *V.* nota 2, tafel 13, nº 3.

(106) *V.* nota 2, tafel 25, nºs 43-44, 46-47.

(107) *V.* nota 2, tafel 40, nº 27.

(108) *V.* nota 2, tafel 50, nº 5.

(109) Leitão, M. *et alii* (1978), La céramique de la culture du vase campaniforme..., fig. 1, nºs 19 e 20.

(110) Harrison, R. J. Bubner, T. e Hibbs, V. A. (1976), The Beaker pottery..., fig. 43.

(111) Tipologia cerâmica da estação: Grupo XI.

(112) Schubart, H. (1975), Cronologia relativa de la cerámica...; Lull, V. (1983), *La "Cultura" de El Argar...*

(113) *V.* nota 16, p. 82.

(114) Aberg, Nils (1921), *La Civilisation Énéolithique...*, fig. 118; Spindler, K. e Trindade, L. (1970), A póvoa eneolítica..., Est. XXIX, nº 705; Paço, A., Vaultier, M. e Zbyszewski, G. (1974), Gruta da nascente do rio Almonda..., p. 1; Hurtado, V. e Amores, F. de (1982), Relaciones culturales..., p. 200; *V.* nota 16.

(115) Harrison, R. J. (1977), *The Bell Beaker cultures...*, fig. 67.

(116) *V.* nota 101, pp. 422-426.

(117) *V.* nota 115, p. 14.

(118) Criado Boado, F. e Vázquez Varela, J. M. (1982), *La Ceramica Campaniforme...*, fig. 12, nº 36; fig. 13, nºs 34, 35; fig. 11; fig. 4A, nº 13; fig. 58, nº 15. Agradecemos a Peña Santos os dados fornecidos sobre a estação de Regueiriño.

(119) *V.* nota 115, p. 14.

(120) *V.* nota 99, tafel 16, nº 51.

(121) *V.* nota 15, PL. I, 2.

(122) Leisner, V. Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da Veiga (1969), *Les Monuments Préhistoriques...*, PL. M, 13.

(123) *V.* nota 109, figs. 5 e 6; *V.* nota 115.

(124) *V.* nota 109, fig. 4.

(125) *V.* nota 115.

(126) Navarrete Enciso, M. S. (1976), *La Cultura de las Cuevas...*

(127) *V.* nota 34, fig. 7.

(128) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1975), Hallazgos arqueológicos...; *V.* nota 16.

(129) *V.* nota 126.

(130) Agradecemos as informações cedidas por Peña Santos.

(131) *V.* nota 16.

(132) Leisner, G. e V. (1959), *Die Megalithgräber...*, tafel 3-2, nºs 7 e 8.

(133) *V.* nota 34.

(134) Uma data é anterior a outra quando a diferença entre os seus valores médios é superior à raiz da soma dos quadrados dos desvios (Cabral, João M. P. e Soares, A. M. (1984), Datação pelo radiocarbono II - sobre a estimação..., pp. 96-97).

(135) Outros factores poderiam influenciar o resultado: - *a posição das amostras no seu contexto arqueológico* (a amostra nº 2, protegida pelos fragmentos dum recipiente que a cobria parcialmente, estaria menos exposta do que a amostra nº 3 a contaminações de pequenas radículas provenientes das camadas superiores); - *factores do acaso que não são facilmente isoláveis* (*V.* Cabral, J. M. P. e Soares, A. M. (1984), Datação...).

(136) Utilizamos uma terminologia estritamente cronológica, que respeita as fases consagradas da evolução cultural na Europa Ocidental Mediterrânica.

(137) Schubart, H. (1975), Datas de radiocarvão para o castro...

(138) Esta data foi recentemente publicada como a definitivamente correcta para aquela estação (Kalb, Ph., 1981, Zur relativen chronologie..., pp. 73-74).

(139) González-Gomez, C., López González, J. e Domingo-Garcia, M. (1982), University of Granada Radiocarbon... Não foi ainda publicada a relação entre a estratigrafia e respectivos materiais com as referidas datas absolutas.

(140) Vogel, J. C. e Waterbolk, H. T, (1972), Groningen Radio-Carbon ...pp. 74-75; Gonzalez-Gomez, C. e Domingo-Garcia, M. (1978), El Laboratorio de datacion..., pp. 362-363.

(141) Molina González, F. (1983), *Prehistoria...*, pp. 36 e 71; Arribas, A. e Molina, F. (1984), Estado actual de la investigación del megalitismo..., p. 72.

(142) Apellániz, J. M. (1968), La datación por el C14..., p. 144, nota 8.

(143) *V.* nota 66, p. 52.

(144) Almagro Gorbea, M. (1972), Nuevas fechas para la Prehistoria y Arqueologia Peninsular..., pp. 231-232.

(145) Harrison, R. J. (1974), A closed find from Cañada Rosal...

(146) Peña Santos, A. (1985), Las ceramicas incisas metopadas...

3.5 ESTUDO COMPARADO DAS ESTAÇÕES

3.5.1 *LOCALIZAÇÃO, DIMENSÃO, TERRITÓRIO POTENCIALMENTE EXPLORÁVEL*

O nosso estudo visa a apreciação de quatro povoados localizados nas encostas de uma depressão tectónica (Régua-Verin), três deles pertencentes à *bacia hidrográfica do Tâmega* (Vinha da Soutilha, Pastoria e S. Lourenço), e outro à *bacia hidrográfica do Corgo* (Castelo de Aguiar). Se, comparativamente, a estação de Castelo de Aguiar se situa à altitude absoluta mais elevada (660-730 m), isso deve-se ao facto da sua localização se verificar numa bacia (a de Telões) cuja altitude absoluta é superior à de Chaves.

Na verdade, se comparamos a altitude dos quatro povoados relativamente aos vales dos rios ou ribeiras principais que se encontram próximos, constatamos que, da maior para a menor altitude, se devem escalonar as estações de S. Lourenço (280 m), Vinha da Soutilha (225/200 m), Pastoria (180 m) e Castelo de Aguiar (150 m). Ressalte-se que os valores apontados para a Vinha da Soutilha, são relativos, respectivamente, ao Rio Tâmega e à Ribeira de Feces. Castelo de Aguiar aparece, assim, como o povoado situado à menor altitude, relativamente ao vale do Rio Corgo.

Quanto à situação topográfica e configuração geral dos povoados, levando em consideração a dimensão provável dos mesmos, verificamos que cada um apresenta apreciáveis singularidades.

A estação da Vinha da Soutilha destaca-se, simultaneamente, por se implantar num *patamar intermédio* da escarpa de falha, sobranceira à Ribeira de Feces (o qual só existe na parte NE da bacia de Chaves), e por se estender por *diversas plataformas* escalonadas entre 600 e 640 m, numa *área* que deve certamente ultrapassar os 20 ha. É óbvio que não sabemos qual o período de tempo que presidiu à ocupação desta ampla superfície, nem qual a orientação específica que aquela tomou na paisagem, embora possamos suspeitar que a existência de excelentes terras agricultáveis de vale, para oeste, tenha determinado a expansão do povoado nesta direcção. As outras três estações, embora, no conjunto, se possam distinguir da Vinha da Soutilha, apresentando algumas características em comum (dimensão média, plataformas em esporão bem circunscritas, implantadas na escarpa de falha), também, individualmente, revelam características específicas que importa salientar. O povoado da Pastoria, com cerca de 6 ha, abrange uma área em torno duma pequena plataforma rochosa em esporão que, para SE, se torna inacessível e, portanto, poderia eventualmente constituir um bom local de vigilância e/ou defesa. Tal configuração assemelha-se, no geral, à do povoado de S. Lourenço, mas aqui há que fazer ênfase na implantação nitidamente inexpugnável do esporão rochoso situado no topo da estação, marcadamente inacessível por Sul e Sudeste. As plataformas que o rodeiam, para leste e noroeste, encontram-se a cerca de 20/30 metros abaixo do ponto mais alto daquele, que, assim, se destaca topograficamente como um excelente local de vigilância e defesa, quer relativamente ao vale do Tâmega, quer, mais perto, relativamente ao vale encaixado da Ribeira do Sampaio, que rodeia a estação a oeste e a sul. S. Lourenço poderá abarcar uma área aproximada de cerca de 7 ha. Finalmente, Castelo de Aguiar terá ocupado uma área mais restrita (cerca de 2,5 ha), a qual se desenvolve predominantemente numa plataforma avança-

da, em esporão, sobre o vale do Corgo. Embora o povoado possa incluir uma área maior, integrando outras plataformas mais baixas, junto ao vale, ele salienta-se relativamente aos outros já mencionados, pela sua implantação numa "ponta" da escarpa de falha, já no próprio vale do Corgo, a uma pequena altitude sobre as terras férteis que o ladeiam e, numa situação, não só já de vigilância e/ou defesa, mas necessariamente também, de inclusão no próprio vale. Assim, atendendo apenas às características mencionadas, diremos que as estações da *Vinha da Soutilha, Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar podem representar diferentes estádios de implantação no território envolvente, não só pela sua dimensão, ausência/presença de condições naturais de defesa, como pela proximidade relativamente a um vale importante*. A Vinha da Soutilha ocupa ainda uma área situada a uma grande altitude sobre o vale da Ribeira de Feces desenvolvendo-se numa grande extensão, em plataformas de aparente estrito valor defensivo. A Pastoria, de menor dimensão, aproxima-se do vale do Tâmega, aglutinando-se em torno dum pequeno esporão que apresenta condições naturais de defesa. S. Lourenço, cuja área é aproximadamente semelhante à da Pastoria, possui uma localização única, apesar da grande altitude sobre o vale do Tâmega: aproveita um relevo acidentado, nas proximidades dum importante afluente daquele rio e ocupa um esporão de evidente valor defensivo. O acesso ao vale recua aparentemente em relação ao da Pastoria, embora pela análise do território potencialmente explorável por cada povoado, se verifique que tal não acontece. Finalmente, Castelo de Aguiar, pela sua menor dimensão, pequena altitude sobre o vale do Corgo, e implantação numa plataforma avançada sobre a bacia de Telões, sugere uma real inserção na zona de vale, o qual poderia eventualmente utilizar de forma sistemática, como nos irá sugerir ainda a leitura das diversas áreas exploráveis por este povoado.

Seguindo o método exposto por I. Davidson e G. N. Bailey (1) e as sugestões de A. Gilman e J. B. Thornes (2) definimos, em torno dos quatro povoados, hipotéticos *territórios de exploração* de 12 e 30 minutos, 1 e 2 horas, atendendo aos factores correctores introduzidos pela topografia e à presença ou ausência de cursos de água suficientemente importantes para interferirem significativamente com o tempo gasto na movimentação humana à volta do centro habitacional. Uma vez obtidas as *áreas* correspondentes a estes territórios procurámos descrever, em grandes traços, a vegetação, tipos de solos e sua utilização actual, de forma a inferirmos, ainda que de maneira genérica, o possível aproveitamento económico que as populações pré-históricas poderiam ter realizado em torno dos seus "habitats".

Como já anteriormente expusemos, a definição e interpretação destes territórios coloca imensos problemas de ordem metodológica e teórica que não pretendemos ignorar ao empreender este estudo. Aliás, acresce que nos deparámos com inúmeras dificuldades de ordem prática ao tentarmos descrever os recursos naturais actuais, pois não existe uma pormenorizada "Carta de Capacidade de Uso de Solos" para o Norte de Portugal, nem a correlativa "Carta Agrícola e Florestal" na escala de 1/50 000. Trabalhámos, assim, com mapas genéricos, na escala de 1/1 000 000, o que forçosamente impediu a construção de uma imagem relativamente objectiva da realidade observada. Também não possuímos dados sobre qual a evolução da vegetação na região desde a época a que se reportam estes povoados, nem, entre outras informações, sobre o processo de *erosão* que terá afectado o nível

produtivo da terra arável até à actualidade. O estudo que encetámos não pretende, assim, dar mais do que uma imagem aproximada do território idealmente explorado, em função do relevo, hidrografia e vegetação actuais, tendo em conta a possibilidade de extrapolação grosseira de algumas variáveis para a época pré-histórica, como ponto de partida para um futuro projecto de análise espacial de carácter interdisciplinar (3).

Vinha da Soutilha (Fig. 1)

Território potencial de 12 minutos - abrange parte da soleira abrupta do primeiro degrau da escarpa de falha; várias linhas de água atravessam ou nascem nesta área, correndo para oeste, na direcção da Ribeira de Feces; a região caracteriza-se pela existência de várias plataformas entre lameiros circunscritos, actualmente ocupadas por campos de vinhas. A paisagem é, de vários pontos de vista, diversificada, ocupando *solos mistos, de apetência agrícola e florestal* (A + F).

Território potencial de 30 minutos - abrange, para oeste e norte, ainda a soleira do primeiro degrau da escarpa de falha (muito acidentada), na qual é de registar a presença abundante de linhas de água tributárias da Ribeira de Feces; continuam a ocorrer plataformas ladeadas por lameiros. Para leste e sul, este território ocupa, contudo, a parte superior, mais aplanada, do primeiro degrau da escarpa, atingindo aqui os 700 m de altitude absoluta. Esta zona inclui, para sul, parcialmente, a superfície de uma *chã* - Chã da Vrea - delimitada pela curva de 650 m, área onde praticamente não existem linhas de água ou nascentes.

A "Carta de Capacidade de Uso de Solos" indica-nos em todo este território solos mistos com aptidão agrícola e florestal (A + F) ou só florestal (F).

Predominam culturas arbustivas e arvenses para norte (existindo também aí algumas superfícies incultas) e para SO é abundante o povoamento de folhosas. Dominam os cambissolos húmicos (rochas eruptivas) associados a cambissolos dístricos (rochas eruptivas Bh 6), de permeabilidade reduzida (rochas intrusivas, hercínicas, predominantemente graníticas).

Este território integra assim, do ponto de vista geomorfológico, hidrográfico e da utilização actual dos solos, maior diversidade ecológica do que o de 12 minutos.

Território potencial de 1 hora - ocupa, a norte, o relevo abrupto do segundo degrau da escarpa de falha (nesta zona a plataforma intermédia quase desaparece). A área, muito acidentada (chega a 900 m de altitude absoluta) é entrecortada por ribeiros tributários da Ribeira de Feces. A oeste abrange a base da soleira do primeiro degrau, de declive suave (cerca de 400 m de altitude absoluta), contígua à margem esquerda da Ribeira de Feces, inserindo inúmeros cursos de água na fase final do seu percurso. Para sul, inclui a soleira abrupta e a parte superior, aplanada, do primeiro degrau, a qual insere diversas chãs entre 600 e 650 m. Nesta zona nascem ou correm algumas linhas de água

na direcção SO, directamente para a Riba de Cossó. A altitude absoluta desta área oscila entre os 550 e os 600 m. Para leste e sudeste o território potencial de 1 hora atinge a soleira abrupta do segundo degrau (onde se implanta a povoação de Mairos), a cerca de 800 m de altitude absoluta. Nesta zona correm pequenos cursos de água tributários da Ribeira de Cossó, afluente do Tâmega. Assim, este território, para além da diversidade geomorfológica inclui actualmente tributários de *duas* ribeiras importantes, afluentes do Tâmega, o que determina um apreciável acréscimo do volume de águas disponíveis durante o ano.

Do ponto de vista da capacidade de uso de solos, verificamos que, para além da existência de solos mistos (A + F) ou com aproveitamento exclusivamente florestal (F), a oeste, junto à Ribeira de Feces, ocorrem solos de utilização exclusivamente agrícola, de classe A, o mesmo acontecendo a SE, nas imediações das Ribeiras do Torneiro e Solveiro, sub-afluentes do Tâmega.

Esta realidade traduz-se, na "Carta Agrícola e Florestal" pelo aumento considerável, nestas áreas, de culturas arvenses, acompanhadas, em zonas restritas, de folhosas e terrenos incultos. Também junto à Ribeira de Feces se verifica uma mudança relativa à permeabilidade dos solos, a qual passa a ser muito reduzida (presença no local de xistos e grauvaques). Os solos permanecem, contudo, do tipo cambissolos húmicos e dístricos (Bh 6).

Assim, como maior inovação relativamente ao território potencial de 30 minutos, podemos acentuar a existência dum maior *acesso a solos com aptidão agrícola de primeira qualidade*, apesar das áreas integradas não manifestarem uma topografia ou hidrografia fortemente contrastada.

Território potencial de 2 horas - Este território é, naturalmente, muito diversificado. A utilização de uma tão ampla área em comunidade do tipo das que temos vindo a abordar, excede, normalmente, as necessidades de subsistência básica, estando preferencialmente relacionada com a circulação, entre povoados e comunidades, de pessoas e bens (4).

Para norte, abrange a escarpa de falha muito abrupta sobre a Ribeira de Feces e a própria ribeira e seus tributários, atingindo os 700 m de altitude absoluta (território espanhol).

A oeste, atinge e ultrapassa, em certos pontos, o Rio Tâmega, incluíndo as terras aplanadas da extremidade norte da Veiga de Chaves (350-400 m de altitude absoluta). Para SO e sul inclui a soleira abrupta do primeiro degrau (por onde cava o seu leito a Ribeira de Cossó), a parte superior ainda do primeiro degrau, e já a soleira abrupta do segundo degrau da escarpa de falha (cerca de 850 m). Esta última zona insere importantes chãs disseminadas por uma vasta área, por onde correm actualmente pequenas linhas de água temporárias, tributárias da Ribeira de Cossó.

Finalmente, para leste, integra a soleira abrupta e o topo aplanado do segundo degrau, no qual atinge os 900 m. Neste local nascem ribeiros tributários duma outra rede hidrográfica, a do Rio Rabaçal, que vão desaguar quer no Rio Mousse, quer na Ribei

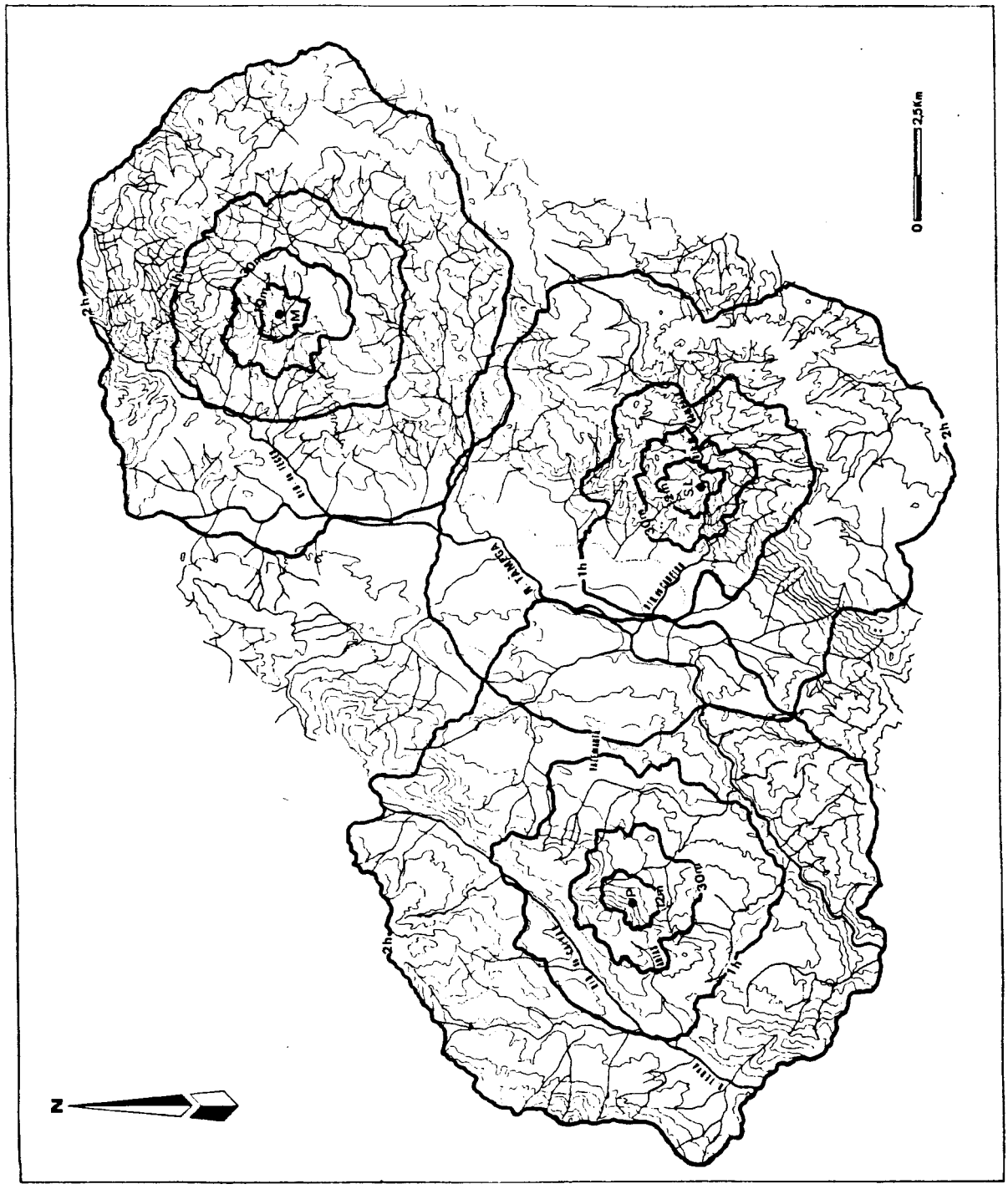


Fig. 1

ra da Pulga.

Do ponto de vista de capacidade de uso de solos, vegetação e hidrogeologia, embora mais diversificado, mantêm-se genericamente o quadro já descrito para o território potencial de 1 hora. Acresce que é integrada, neste território, uma pequena parcela das terras da veiga de Chaves, que além de serem de 1ª qualidade quanto à potencialidade agrícola (classe A) são incluídas na categoria de *fluvissolos dístricos*, raros no Norte de Portugal.

Em 2 horas, portanto, o território hipotético de exploração pedestre, atingiria actualmente o Tâmega e o planalto superior, ou seja, participaria de *duas redes hidrográficas*, a do Tâmega e do Rabaçal.

Estes sucessivos territórios comportam a existência, na actualidade, de quatro grandes tipos de paisagens: a do "monte" (ou terras incultas) nos planaltos superiores e a das zonas florestais entremeadas com culturas de sequeiro na maior parte das áreas envolvidas. A agricultura moderna, junto ao Tâmega, construiu recentemente sistemas de irrigação, que se desenvolvem particularmente, para sul, em torno da cidade de Chaves.

Pastoria (Fig. 1)

Território potencial de 12 minutos - inclui a base e a soleira da escarpa de falha, que, neste local, apresenta um declive mais suave do que o observado na margem esquerda da bacia de Chaves. A área polariza-se em torno dum esporão situado na encosta abrupta (700-550 m), actualmente povoada de resinosas ou ocupada por terras incultas, e integra também, entre 460 e 500 metros, uma zona de vale, entrecortada por linhas de água, tributárias de uma ribeira sub-afluente do Tâmega. Esta última zona encontra-se povoada por campos de vinha e pomares insertos em áreas com folhosas (arvoredo pouco denso). A paisagem, dividida entre a encosta e o vale, ocupa solos mistos de apetência agrícola e florestal (A + F) ou exclusivamente florestal (F).

Território potencial de 30 minutos - abrange, a oeste, a zona planáltica - destacam-se algumas chãs onde existe o toponómino *Antas* - e também alguns pontos altos, como o marco da Bandeira (777 m), que definem a crista montanhosa da escarpa de falha, que separa a bacia de Chaves da encosta que domina a bacia da Ribeira do Calvão. Para norte e sul este território ocupa o rebordo alcantilado da escarpa de falha, e para leste amplia a zona de vale, integrando um maior número de afluentes do Tâmega, até cerca de 430 m de altitude absoluta. No conjunto, este território insere áreas a altitudes absolutas entre 430 m e 777 m. A diversidade e complementaridade ambiental é notória entre paisagens tão diferentes como o planalto, a encosta abrupta e o vale.

A "Carta de Capacidade de Uso de Solos" indica-nos a existência a leste, sul e norte de solos mistos (A + F) ou de aptidão florestal (F) e, para oeste, de aptidão exclusivamente florestal (F). Predominam no vale as culturas arvenses (entre zonas incultas),

nas encostas algumas densas plantações de resinosas, e nos altos largas áreas incultas. Dominam os Cambissolos húmicos (rochas eruptivas) (Bh 2), de permeabilidade reduzida (rochas intrusivas, hercínicas, predominantemente graníticas).

Território potencial de 1 hora - inclui a leste e sudeste as terras das margens do Tâmega (embora não atinja as planícies aluviais da Veiga de Chaves) (cerca de 350 m de altitude absoluta); a norte, noroeste e sudoeste amplia a área sobre a escarpa abrupta de falha, mas para oeste e noroeste ultrapassa o vale encaixado da Ribeira do Calvão (afluente do Tâmega) até à encosta oposta, a cerca de 550 m de altitude absoluta.

Assim, numa hora, os habitantes dum povoado situado no local da estação da Pastoria, poderiam idealmente utilizar *dois vales importantes* e as *chãs planálticas intermédias*, adentro de uma só bacia hidrográfica.

Esta realidade reflecte-se na obtenção, nas zonas de vale, de largos solos com aptidão agrícola (classe A), entremeados nas restantes zonas com solos mistos (A + F) ou exclusivamente de aptidão florestal (F). Neste contexto, expandem-se as culturas arvenses, a par da ampliação da plantação de resinosas e da existência de alguns terrenos incultos. Alternam os Cambissolos húmicos (rochas eruptivas) (Bh 2) com os Cambissolos húmicos (xistos) (Bh 3), onde predomina a *permeabilidade reduzida* (com rochas predominantemente graníticas), embora, em alguns pontos, junto ao Tâmega, se verifique uma *permeabilidade muito reduzida* (em zonas de xistos e grauvaques). É de realçar, por um lado, o acesso possível a dois vales importantes, determinando a existência neste território potencial de exploração, dum importante volume de águas durante grande parte do ano e, por outro, a possibilidade de complementaridade de recursos provenientes quer de vales férteis, quer de zonas florestais e/ou actualmente incultas.

Território potencial de 2 horas - este território amplia as potencialidades já enunciadas para o território de 1 hora. A oeste avança até às estribações da Serra do Leirinço, que domina a Ribeira do Calvão e o Rio Terva (a cerca de 800 m de altitude absoluta). Para SO e NE amplia a área de declive abrupto da escarpa de falha, integrando algumas chãs importantes delimitadas pela curva de nível de 500 m e inúmeras linhas de água tributárias do Tâmega. Para sul e sudeste ultrapassa o Tâmega para a sua margem esquerda, atingindo a escarpa que se ergue, neste local, muito próximo do leito do rio, até cerca de 600 m. A leste, ocupa as *férteis terras aluviais da Veiga de Chaves* (350 m), constituídas por *fluvissolos dístricos* (Jd 1). Embora explorando apenas uma bacia hidrográfica - a do Tâmega - este território actual inclui, do ponto de vista geomorfológico, hidrográfico e dos tipos de solos e da vegetação, uma diversificada gama de paisagens que se materializa em *zonas incultas, zonas florestais e zonas onde se praticam culturas de sequeiro*. O sistema de irrigação da veiga de Chaves corresponde a uma modernização recente da agricultura na região.

S. Lourenço (Fig. 1)

Território potencial de 12 minutos - abrange preferencialmente uma área ligeiramente aplanada (que inclui a actual povoação de S. Lourenço), entre 500 e 600 m de altitude absoluta, sobranceira à soleira abrupta da escarpa de falha. Integra também, a sul e leste, a Ribeira do Sampaio, a qual corre num leito muito cavado, entre as encostas abruptas que rodeiam a estação, constituindo um importante afluente do Tâmega. A área encontra-se povoada de vinhas entremeadas com terrenos incultos, e, em algumas zonas circunscritas, com núcleos de folhosas e culturas arbustivas.

Este território, dividido entre as plataformas superiores aplanadas e um vale de ribeira profundo, ocupa solos de apetência agrícola condicionada (C) (em torno do povoado, para oeste e norte), de aptidão exclusivamente agrícola (A) (numa área muito reduzida, nas margens da Ribeira de Sampaio, para sul e sudeste) e, também, em alguns pontos localizados, zonas exclusivamente florestais (F).

Território potencial de 30 minutos - a norte e sul encontra o relevo acidentado da escarpa de falha, entrecortado, respectivamente, pelos tributários directos do Tâmega, e pelos da Ribeira do Sampaio. É uma área onde predominam as resinosas em solos mistos (C + F) ou de apetência florestal (F), juntamente com culturas arvenses em solos de aptidão agrícola condicionada (C) ou, junto da Ribeira do Sampaio, de aptidão exclusivamente agrícola (A). Para leste, além da Ribeira do Sampaio, encontra algumas zonas aplanadas, circunscritas, entre 650 e 700 m de altitude absoluta, particularmente cobertas de folhosas. Para oeste, alarga-se e desce um pouco até à altitude absoluta de 400 m, integrando, além da Ribeira do Sampaio, a soleira de declive suave da escarpa de falha onde abundam culturas arvenses e arbustivas. O número de cursos de água, tributários da Ribeira do Sampaio e do Tâmega, aumenta consideravelmente no âmbito deste território potencial. Apesar de tudo, os solos de aptidão não florestal, continuam a ser, na sua maior parte, de aptidão agrícola condicionada (C) (à excepção dos que ladeiam a estreita faixa de terreno das margens da Ribeira do Sampaio). Predominam os Cambissolos húmicos (xistos) (Bh 3) e, numa zona restrita, para leste, ocorre uma área de Ranker (U 1). Nos xistos e grauvaques verifica-se uma permeabilidade muito reduzida e, em áreas com rochas predominantemente graníticas, a permeabilidade é medianamente reduzida.

Deve salientar-se que este território de 30 minutos não ampliou muito a diversidade ecológica já existente num percurso potencial de 12 minutos em torno do "habitat". Integra, no entanto, zonas cuja altitude absoluta oscila entre 700 e 400 metros.

Território potencial de 1 hora - este território amplia decisivamente a diversidade actual dos seus recursos naturais. Para oeste, atinge a Veiga de Chaves, aproximando-se do leito do Rio Tâmega, a cerca de 380 metros de altitude absoluta. Esta frente apresenta um contorno "em leque", de perímetro restrito, que ocupa, no entanto, solos de excelente aptidão agrícola (classe A), dum tipo especial - fluvissolos dístricos - constituídos por aluviões de terraços cuja permeabilidade é variável. Nesta zona de vale, por onde corre, no seu percurso final, a Ribeira do Sampaio, cujo nome mudou para Ribeira do Caneiro, verifica-se um aumento significativo de culturas arvenses e arbusti -

vas.

Para norte, sul e leste, inclui o relevo acidentado da escarpa de falha, integrando, sobretudo, linhas de água sub-afluentes da Ribeira do Sampaio. Esta ampliação do território ganha, nestas áreas de grande altitude, apenas e ainda só algumas chãs circunscritas. Os solos de aptidão florestal (F) ou mistos (C + F) comportam actualmente plantações de resinosas e folhosas, terrenos incultos e algumas culturas arvenses. Cambissolos húmicos (xistos) e alguns "rankers" favorecem uma permeabilidade muito ou mediamente reduzida.

Assim, o território de 1 hora adquire o domínio potencial dos melhores solos de aptidão agrícola (A) que se identificam com fluvissolos dístricos (de rara ocorrência). Esta aquisição, a oeste, contrasta com o carácter fundamentalmente florestal do território envolvente a norte, leste e sul, de aptidão agrícola condicionada, à excepção da pequena área com boa aptidão agrícola (A) junto à Ribeira do Sampaio, que, no entanto, apenas comporta cambissolos húmicos (xistos). As áreas envolvidas oscilam entre 350 e 750 metros de altitude absoluta.

Território potencial de 2 horas - este território atinge a mais completa diversidade ambiental. Para oeste e noroeste ultrapassa largamente a margem direita do Tâmega, integando também a Ribeira de Cossó, nas terras férteis da Veiga de Chaves (350--400 m de altitude absoluta). Na margem direita do Tâmega aproxima-se de um local denominado *Vale de Anta*, localizado num primeiro patamar da subida da escarpa de falha do bordo oriental da bacia de Chaves. A norte, sul e leste assimila *zonas planálticas*, a cerca de 800 m de altitude, inserindo cursos de água, quer tributários dos Rios Calvo e Torto (afluentes do Rio Rabaçal), quer do Tâmega, na confluência de *duas bacias hidrográficas*. Dada a amplitude deste território, este tem variados níveis de capacidade de uso de solos e uma larga diversidade geomorfológica e hidrográfica actual.

A presente paisagem ocupada por todos estes territórios insere *zonas incultas*, *florestais* (numa ampla área) e *zonas* onde se praticam *culturas de sequeiro*. O sistema de irrigação artificial da Veiga de Chaves é um fenómeno relativamente tardio. A hipotética utilização das terras férteis da Veiga, na Pré-História Recente, poderá talvez colocar o problema da provável necessidade de *deflorestação* de uma vasta área contígua ao leito do rio. Seria extremamente importante tentar recuperar a flora pré-histórica original desta área, no sentido de contribuir para a correcta interpretação da sua potencial utilização económica. Na verdade, se se confirmasse que o vale do Tâmega era abundantemente arborizado na época da ocupação de S. Lourenço, a sua exploração só seria possível e rentável (mesmo adentro de um território potencial de 1 hora) se se dispussem de meios humanos e tecnológicos suficientemente significativos, para investir num árduo trabalho de desbravamento e cultivo, cujos resultados poderiam surgir apenas a médio prazo. O controlo deste capital humano e tecnológico implicaria obviamente um sistema social fortemente hierarquizado que se poderia reflectir nas estruturas habitacionais, e materiais arqueológicos do povoado.

Castelo de Aguiar (Fig. 2)

Território potencial de 12 minutos - abrange sucessivas plataformas em espo rão, integradas no bordo da escarpa de falha, entre 900 e 700 metros de altitude absolu ta. Este território atinge a base da escarpa, ou seja, o vale da bacia do Corgo. Integra diversas linhas de água afluentes deste rio, nas imediações das quais ocorrem alguns la meiros. Contudo estas áreas, povoadas de folhosas e resinosas, ou, em zonas muito circunscritas, de algumas culturas arvenses, ocupam solos de aptidão agrícola condicionada (C) ou florestal (F). É um território actualmente pouco diversificado do ponto de vista dos seus recursos naturais.

Território potencial de 30 minutos - ocupa uma área com grandes contrastes geomorfológicos, hidrográficos e relativos à actual utilização agrícola da terra. Assim, para oeste, inclui *chãs planálticas* até à altitude absoluta de 950 m, ocupadas quer por folhosas e resinosas, quer por terrenos incultos; para SO e NE, integra *áreas de declive abrupto*, nas quais se verifica uma ampla utilização florestal, e nas quais se destacam os *Lameirões do Castelo*, que acompanham alguns dos mais importantes tributários do Corgo que correm a norte do povoado. Para leste atinge o *vale do Corgo* (nas duas margens), com terras muito férteis, povoadas por culturas arvenses. Ora, precisamente, estas ter ras de excelente aptidão agrícola (classe A), pertencem à classe dos *fluvissolos dístri cos* (Jd 1), que também existe na veiga de Chaves, ou seja, formações móveis porosas de permeabilidade variável a medianamente reduzida. Contrastam com as terras das restantes zonas já descritas, *cambissolos húmicos* (rochas eruptivas), quer de aptidão exclusiva - mente florestal (F), quer de aptidão agrícola condicionada (C), ou complexos mistos (A + + F), de permeabilidade reduzida ou muito reduzida.

Tal como já referimos a propósito da provável utilização agrícola da veiga de Chaves por parte de populações pré-históricas, a hipotética utilização similar das terras do vale do Corgo, só poderá ser induzida e interpretada através dum estudo complexo que integre a análise da paleobotânica da região. O facto destas terras serem ideal mente exploráveis no interior de um território de 30 minutos, determina que o seu aproveitamento agrícola devesse ter constituído desde sempre uma necessidade premente. Contudo, as condições da sua exploração estariam em grande parte dependentes da vegetação natural que cobriria o vale nessa época e dos recursos humanos e tecnológicos disponí - veis para o desbavar e cultivar em extensão.

Território potencial de 1 hora - este território potencia as características já enunciadas para o território de 30 minutos. Assim, a zona planáltica, a oeste (cerca de 950 m), integra um número apreciável de chãs - Chã da Fonte, Praina da Queimada, etc. - nas quais nascem não só tributários do Corgo, como corre o *Rio Torno*, afluente do Tâmega. Por estas chãs passa, na verdade, a linha divisória de *duas bacias hidrográficas*, o que poderá ter favorecido, não só a complementaridade de recursos naturais, como a hi potética interacção de elementos culturais entre as duas regiões. Para SO e NE amplia-se a área de declive abrupto que acompanha o bordo da falha tectónica. A zona de vale, jun to ao Corgo, extende-se consideravelmente para sul e NE, atingindo, na sua margem esquer da, o rebordo de falha até à altitude absoluta de 900 m, no qual nascem abundantes tri-

butários daquele rio. O tipo de solos e sua exploração actual são muito semelhantes, em diversidade, aos observados no território de 30 minutos, embora o volume de águas permanentes seja consideravelmente maior na área envolvida pelo território de 1 hora. Assim, a oeste, no planalto, em solos mistos (A + F) ampliam-se os terrenos incultos. Para leste, na encosta, frente à margem esquerda do Corgo, ocorre, em solos de aptidão florestal (F), um extenso povoamento de resinosas. Para sul, desenvolvem-se, em solos férteis (A) ou mistos (C + F), culturas arvenses e povoamentos de folhosas. A NE, também em solos de exclusiva aptidão agrícola (A), mistos (A + F) ou de aptidão agrícola condicionada (C), verificam-se culturas arvenses e povoamentos de folhosas.

A 1 hora de distância do habitat, os cambissolos húmicos alternam, nas zonas planálticas, com Rankers (U 1).

Assim, podemos afirmar que o território de 1 hora é rico e diversificado porque não só amplia o hipotético controlo sobre o vale do Corgo, como assimila novas zonas florestais, de encosta ou de planalto, em articulação com abundantes zonas de lameiros, que permitem actualmente uma agricultura de sequeiro bastante disseminada.

Território potencial de 2 horas - abrange uma vasta área com altitudes absolutas escalonadas entre 700 e 1050 metros. Para norte e oeste integra as chãs planálticas da *Serra do Alvão*, onde existe uma importante *necrópole de monumentos megalíticos*, particularmente nas imediações de Carrazedo do Alvão e Lixa do Alvão. Nesta região correm o Rio Torno e outros tributários do Tâmega. Para NE e SO, inclui uma ampla área do vale fértil do Corgo e, para leste, as *chãs planálticas* do prolongamento para SO da *Serra da Padrela*. Nestas nascem alguns tributários do Rio Pinhão ou do Rio Tinhela (afluente do Tua), articulando, assim, potencialmente no mesmo território, pelo menos, *três bacias hidrográficas* bem diferenciadas.

A extensão deste território permite a inclusão de uma gama actual muito extensa de tipos de solos, de vegetação, de exploração da terra, de relevo e de comunicações naturais. Nele estão contempladas também *zonas incultas, florestais e zonas com culturas de sequeiro.*

Comparação dos territórios

. Adentro de territórios de 12 minutos, podemos genericamente aproximar as estações da *Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar*, pela *estrita diversidade* de paisagens que actualmente contêm. Apesar de tudo, os solos da primeira estação apresentam uma melhor aptidão agrícola do que os do povoado do vale do Corgo.

Embora com apreciáveis diferenças, as estação da *Pastoria e de S. Lourenço* aproximam-se porque inserem *duas paisagens distintas*: a encosta e o vale. Contudo, enquanto que o vale, na primeira estação, é extenso e aplanado, na segunda, é estreito e corre entre margens abruptas. Esta diversidade morfológica é acompanhada da existência de solos mistos (com apetência agrícola e florestal) na Pastoria e de bons solos de aptidão exclusivamente agrícola em S. Lourenço, ainda que numa área reduzida. Graças à pre-

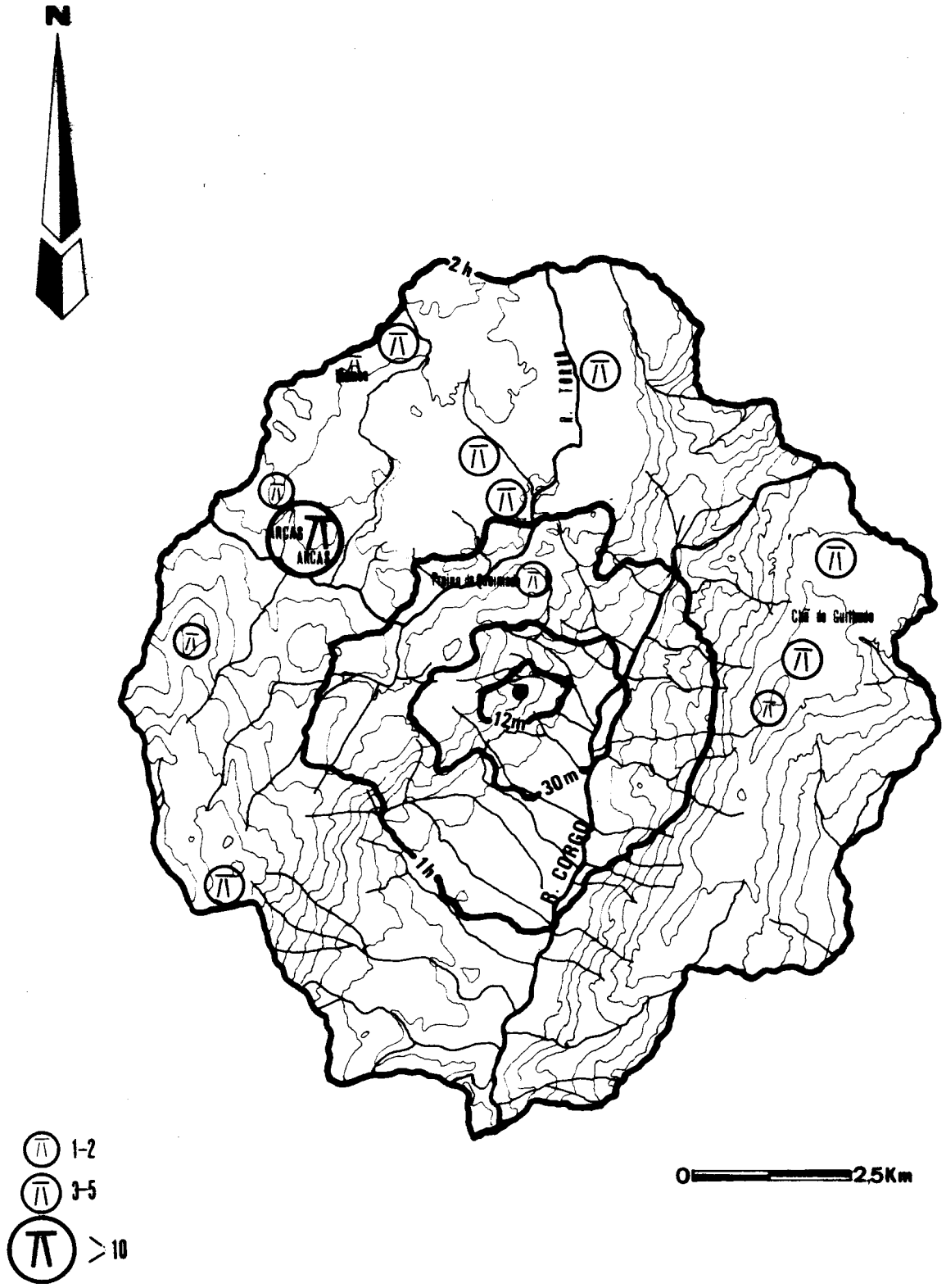


Fig. 2

sença da Ribeira do Sampaio, o povoado de S. Lourenço integra também, num curto território de 12 minutos, em torno do habitat, um maior volume de águas do que o da Pastoria.

. Uma primeira análise leva-nos a agrupar *Castelo de Aguiar, Pastoria e Vinha da Soutilha*, em função das suas características quanto a territórios potenciais de 30 minutos. Na verdade, estas estações têm idealmente acesso a *zonas planálticas, zonas de encosta e zonas de vale*, ainda que com diferentes recursos naturais. A principal diferença reside na existência de terras de 1ª qualidade com exclusiva aptidão agrícola no vale do Corgo, contrastando com a de solos mistos, nas outras duas estações. Também deve ser realçado o maior volume de águas nas estações da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar, relativamente ao existente na Pastoria.

Contrastando com estes três povoados, *S. Lourenço* apresenta um território menos diversificado com chãs e vales restritos, cujo principal acidente topográfico é o leito da própria Ribeira do Sampaio. Contudo, do ponto de vista de capacidade de utilização agrícola dos solos, ainda que S. Lourenço comporte numa curta área (que acompanha a Ribeira de S. Lourenço) solos de aptidão agrícola (A), *Castelo de Aguiar destaca-se das restantes estações* (compreendendo também S. Lourenço), pelo controlo potencial dos *fluvissolos dístricos* das margens do Corgo, adentro das hipóteses já atrás mencionadas.

. Em territórios potenciais de *1 hora* cada estação apresenta características muito específicas, o que dificulta o agrupamento dos povoados em função de elementos comuns. Se valorizarmos a diversidade ambiental - complementaridade de vale, encosta e planalto - e a existência de recursos naturais que poderiam favorecer uma economia mista, deveremos formular a seguinte hierarquia de estações (da maior para a menor diversidade): *Castelo de Aguiar/Pastoria; Vinha da Soutilha; S. Lourenço*. Saliente-se todavia que, compensando as características pouco diversificadas do seu território, S. Lourenço atinge potencialmente os *fluvissolos dístricos* da veiga de Chaves num espaço de 1 hora.

Apesar de tudo, *Castelo de Aguiar* aglutina cursos de água tributários de duas bacias hidrográficas (Corgo e Tâmega), devendo considerar-se o povoado em melhor situação para idealmente explorar o território circundante. Deve, no entanto, salientar-se que, em territórios que ocupam uma área tão extensa, os factores que afectam a sua potencial exploração também aumentam. A vegetação, hidrografia e clima, por um lado, e o sistema económico e social que preside à selectiva exploração do meio natural, por outro, terão determinado, na Pré-História, a extensão ou a limitação dos territórios mencionados a zonas específicas, que podem ou não ultrapassar as áreas idealmente definidas através da leitura da topografia e hidrografia actuais.

. Em territórios potenciais de *2 horas* existe a possibilidade de se atingir o *limite* da área de circulação normal do povoado, zona favorável à interacção com outros grupos contemporâneos. Deste modo, o acesso a bacias hidrográficas diferentes poderá favorecer, entre outros factores, um contacto mais estreito entre as mesmas, desde que tal seja incentivado pelo sistema social que coordena as relações inter-comunitárias. Se estabelecemos uma hierarquia com base neste critério, verificamos que *Castelo de Aguiar* acede actualmente, no espaço de 2 horas, a três bacias hidrográficas; S. Lourenço e Vi-

nha da Soutilha a duas e Pastoria a uma.

. Assim, podemos afirmar, em absoluto, que Castelo de Aguiar comporta na actualidade condições excepcionais de exploração e interacção territorial, pois, em 30 minutos, acede não só a regiões diversificadas, como simultaneamente, a solos de excepcional qualidade para a agricultura, e, em 2 horas, abrange parcialmente três bacias hidrográficas.

S. Lourenço, apesar duma fraca diversidade ambiental (que só amplia a partir de um território de 1 hora), atinge, por outro lado, em 60 minutos, as terras férteis da Veiga de Chaves, ocupando o 2º lugar no acesso, a seguir a Castelo de Aguiar, a solos de rara aptidão agrícola. Estes só poderiam ser explorados (face às premissas apontadas) pelos habitantes da Vinha da Soutilha e Pastoria num espaço provável de cerca de 2 horas.

A correcta valorização destas e doutras hipóteses só poderá, no entanto, realizar-se perante uma eventual *confirmação da utilização agrícola dos vales do Tâmega e do Corgo durante a ocupação dos povoados em análise.*

Neste contexto, *a posição estratégica de, por exemplo, S. Lourenço,* assumirá real importância, se a pudermos correlacionar com a exploração económica do vale. Um povoado que se implanta num local de acesso difícil, possivelmente para se defender, além de ter de assegurar um forte dispositivo protector, deverá também dedicar-se à vigilância e controlo das terras férteis que o alimentam. A Ribeira do Sampaio e as suas limitadas margens tornar-se-iam insuficientes, e as terras em torno do povoado apresentariam uma baixa aptidão agrícola. Cercado pelo relevo de escarpa de falha, cujos solos manifestam, sobretudo, aptidão florestal, o povoado deveria naturalmente tentar o controlo sobre a Veiga, *desde que o investimento no seu cultivo não ultrapassasse as possibilidades humanas e tecnológicas disponíveis no contexto do seu próprio quadro social.* Se tal investimento fosse viável, é possível que o acesso à veiga implicasse, em si mesmo, a referida necessidade de defesa, desde que existisse uma situação de tensão social entre diversas comunidades, que a tal obrigasse. Mas também é possível encarar a conjugação de outras hipóteses, nas quais o domínio do vale constituíria apenas mais um elemento de tensão, resultante da necessidade de quebrar o isolamento necessário à defesa, originalmente motivada por um complexo de causas ainda desconhecidas.

Voltaremos a abordar a difícil problemática da exploração potencial dos territórios envolventes, após a análise comparada das estruturas habitacionais, materiais e cronologias relativas fornecidas pelo conjunto dos quatro povoados.

. A análise antracológica de algumas amostras de plantas carbonizadas provenientes das estações da Vinha da Soutilha, Pastoria e Castelo de Aguiar (*) forneceu-nos um sugestivo quadro de presenças de espécies de montanha e planalto, *de origem quer mediterrânica quer atlântica* (5). Assim, na Vinha da Soutilha, foi identificado quer o pi

(*) Análise realizada por J.-L. Vernet, do Laboratório de Paleobotânica, da Universidade de Ciências e Técnicas do Languedoque, Montpellier (*V.* apêndice).

nheiro manso (*Pinus pinea*), quer o marítimo (*Pinus pinaster*) e o silvestre (*Pinus sylvestris*), associado ao carvalho negral (*Quercus pyrenaica-cerris*), que embora tenha uma ampla expansão, segundo O. Ribeiro, na fachada atlântica, necessita de menos humidade do que o carvalho alvarinho. Foi ainda detectado o sobreiro (*Quercus suber*), como se sabe, de origem mediterrânica. Na Pastoria apenas foi identificado o pinheiro manso (*Pinus pinea*) e, ainda que sob hipótese, o pinheiro marítimo (*Pinus pinaster*). O relatório indica ainda a existência dum fragmento de casca de uma espécie arbórea dificilmente identificável (sobreiro ou pinheiro). Em Castelo de Aguiar observou-se uma interessante simbiose entre o sobreiro (*Quercus suber*) e dois tipos de carvalhos (que actualmente apresentam uma menor ou maior inserção na área atlântica): carvalho negral (*Quercus pyrenaica-cerris*) e carvalho alvarinho ou roble (*Quercus pedunculata-sessiliflora*). Existentes sobretudo, hoje, em áreas planálticas, de "monte", ocorrem dois tipos de giestas, como a giesta das vassouras (*Sarothamnus scoparius*) (típica da fachada atlântica) e a *If taxus baccata*. Uma forma específica de urze (*Erica scoparia*), habitual em zonas de "lande" ou "garrigue", estava associada, nesta estação, a uma estrutura em pedra que continha algumas dezenas de sementes de trigo carbonizado (1ª ocupação do Local 3). Um interessante estudo sobre o crescimento anual deste tipo de urze, permitiu a Vernet afirmar que a mesma foi cortada, de preferência, no Outono.

Relativamente à paisagem actual (existente nas encostas da depressão Corgo-Chaves) os dados da análise antracológica permitem-nos afirmar que algumas das espécies arbóreas principais - carvalho, pinheiro marítimo e sobreiro - se mantiveram globalmente desde a época da Pré-História recente, a que se reportam os povoados em estudo. Contudo, será interessante fazer notar a presença do *pinheiro manso*, durante o IIIº milénio a.C. em duas estações do Alto Tâmega, o qual está, na região, praticamente ausente da paisagem actual. O *carvalho alvarinho*, que normalmente prefere as zonas baixas, e predomina no litoral (embora se verifique numa vasta região que abrange as três províncias do Norte de Portugal), apenas foi detectado em Castelo de Aguiar, enquanto o *carvalho negral*, actualmente existente numa área restrita de Trás-os-Montes, em altitudes superiores, foi identificado nas estações da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar.

De salientar a presença, em todas as estações de uma espécie caracteristicamente mediterrânica: *o sobreiro*.

É óbvio que a partir destes dados pouco podemos deduzir sobre a provável complexidade da vegetação pré-histórica do território onde as estações se integravam. Em primeiro lugar, porque as amostras analisadas não são quantitativamente significativas, quer em relação às áreas escavadas, quer, particularmente, em relação à totalidade da superfície dos povoados. Em segundo lugar, porque não foi ainda realizado um estudo comparativo da flora expontânea e sub-expontânea actual existente nas imediações dos mesmos. Em terceiro lugar, porque, ainda que os vestígios analisados resultem da utilização inequívoca da flora existente nas proximidades do "habitat", esta corresponderá certamente a uma evidente *selecção* da paisagem arbórea e arbustiva local.

Assim, relativamente às potencialidades dos recursos naturais dos territórios anteriormente descritos, a existência das plantas agora identificadas apenas confir-

ma, para as três estações analisadas, a possibilidade de *acesso a zonas arborizadas*. Castelo de Aguiar integra, ainda, *diversos tipos de giestas e urze*, que presentemente se desenvolvem em torno da área abrangida pelo povoado.

3.5.2 *ESTRUTURAS E MATERIAIS: ANÁLISE ESPACIAL*

Tivemos uma apreciável dificuldade na identificação da *natureza* da distribuição das estruturas e materiais das áreas estudadas, em cada povoado, resultante de vários factores, que poderíamos dividir em extrínsecos e intrínsecos. Entre os factores extrínsecos conta-se, em primeiro lugar, a *desigual informação fornecida por áreas de amplitude muito diferente, consoante a estação analisada*. Assim, se na Vinha da Soutilha e na Pastoria decapámos algumas áreas em extensão (na primeira, em um dos sectores intervencionados, concluímos, mesmo, a escavação de duas unidades habitacionais), em S. Lourenço e em Castelo de Aguiar apenas realizámos sondagens restritas. Em segundo lugar, o nosso próprio trabalho, orientado para a *detecção das principais fases de ocupação* em cada estação, ou, no caso de S. Lourenço, para o simples reconhecimento de níveis arqueológicos "in situ", não permitiu que aprofundássemos um registo espacial exaustivo, o qual exige tempo, e determinaria, no caso presente, a exclusiva atenção dada a apenas uma das estações referidas. Assim, assumimos, desde o início, um compromisso entre a estratégia de reconhecimento das diversas ocupações, por sítio, e a investigação, tão pormenorizada quanto possível, da distribuição, densidade e composição de estruturas e materiais, em área.

Os factores intrínsecos foram, no entanto, tão ou mais decisivos, quanto os primeiros na dificuldade de interpretar a funcionalidade das áreas intervencionadas. Em primeiro lugar, em nenhuma das estações podemos afirmar que deparámos com "solos de habitat" preservados ou selados, isto é, com solos de ocupação que o homem utilizou, num período suficientemente curto, de forma a deixar intactos todos os vestígios de actividades simultâneas realizadas num determinado espaço. Ou seja, em nenhum caso podemos afirmar que os testemunhos arqueológicos encontrados foram totalmente sincrónicos. Na verdade, tendo os materiais e estruturas sido manipulados ao longo do tempo, no mesmo local, sem que se tenha depositado, entre as várias utilizações sucessivas, algum elemento separador, natural ou artificial, um estrato estéril de argila ou areia (um "piso", uma camada de destruição, etc.), o que registámos são apenas "camadas" e "estratos", ou seja, a redução, a um espaço bidimensional, de diferentes solos de ocupação, utilizados durante um lapso de tempo indeterminado.

Os materiais e estruturas neles encontrados, mesmo quando relativamente bem preservados, apenas nos podem dar uma imagem sincrética das prováveis actividades (sobrepostas) que ali foram realizadas durante o tempo que durou a formação da camada arqueológica. Em segundo lugar, e uma vez que não possuímos dados explícitos de comparação, deparamo-nos com uma significativa *dificuldade em atribuir funções específicas à maioria dos artefactos e estruturas descobertos nas áreas estudadas*. Na verdade, o acesso ao conhecimento dessas funções resultará da compreensão dos processos que presidem à deposição natural e artifical dos testemunhos arqueológicos (6), e, adicionalmente, da inter-

pretação do *contexto singular de cada área ocupada*, que pode integrar, em uma ou mais fases de utilização, estruturas e artefactos de *natureza politética*, ou alternância e simultaneidade de actividades diferentes, *sobrepostas no tempo e no espaço* (7). C. Carr (8) indica-nos alguns factores sugestivos que podem afectar a dimensão, forma, densidade e composição artefactual de "áreas de actividade", seus limites, e eventual organização nuclearizada. Embora não haja regras gerais que se possam eleger para a interpretação linear das mencionadas "áreas de actividade", importará salientar algumas das constatações gerais a que conduziram inúmeras investigações etno-arqueológicas dos últimos anos. Uma delas é a de que, em povoados habitados por populações do nível das que estudamos, *actividades que produzem menor número de resíduos prejudiciais* (preparação, consumo e armazenamento de alimentos, lascagem eventual da pedra, madeira ou osso, etc.) *ocupam áreas centrais, restritas, com finalidades múltiplas*. Se estas actividades requerem, além do mais, uma cobertura envolvente (que as proteja dos agentes naturais) elas tenderão a ser repetidas no mesmo lugar, durante muito tempo. Este facto pode, eventualmente, determinar uma *alta densidade de artefactos* numa área restrita. A sua *composição*, contudo, depende duma enorme concorrência de variáveis, difíceis de isolar. Se nos encontramos perante uma área onde ocorre sistematicamente a *mesma actividade (ou uma actividade principal)*, e se existe uma grande diversidade de artefactos para realizar a mesma tarefa (ou tarefas complementares), o que é característico *duma organização politética*, então, quanto mais tempo essa actividade perdurar, em princípio, maior variedade de tipos de objectos ocorrerá na mesma área.

Contudo, quer no caso anteriormente referido, quer num caso em que a variedade dos artefactos não seja tão intensa (mercê dum "equipamento" mais restrito para uma determinada tarefa ou tarefas), existe uma forte probabilidade de que, com o tempo, se conservem ou reutilizem certos artefactos, em detrimento de outros, reduzindo assim a variabilidade tipológica dos mesmos. Assim, quanto mais longo for o tempo de vida de uma "área de actividade" com a mesma função, *mais homogénea tenderá a ser a sua composição artefactual*. C. Carr exclui desta hipótese as áreas de armazenamento, que, segundo o autor, não reagem da mesma forma a alterações temporais. É óbvio que muitos outros factores podem intervir na variação da densidade e composição dos artefactos. Consideremos apenas dois que podem ter influenciado as características dos dados observados nos nossos povoados: - *factores de ordem natural*, como a *erosão dos solos*, provocando o arrastamento de elementos de menores dimensões para longe das áreas onde foram originalmente utilizados e a pura *destruição de testemunhos ósseos*, devido à constituição dos solos graníticos, de natureza *ácida*, que ocorrem nas áreas analisadas; - *factores de natureza humana*, como prováveis *limpezas periódicas* a que foram sujeitas as "áreas de actividade", removendo resíduos e artefactos inutilizados.

Perante tal conjunto de variáveis que podem influenciar a organização e natureza das áreas de uso, e dadas as limitações extrínsecas já referidas, vemo-nos constrangidos a restringir as novas tentativas de interpretação funcional ao nível da exclusiva *identificação da associação de determinados testemunhos*.

Assim, nesta primeira fase, apenas iremos caracterizar *dois tipos de áreas*, em função das estruturas que comportam: - *áreas com estruturas de combustão*; - *áreas com*

outro tipo de estruturas. Este critério privilegia, assim, a presença ou ausência de estruturas de combustão.

. No primeiro caso encontra-se uma área (integralmente escavada), correspondente às sucessivas ocupações, no sector A, do povoado da Vinha da Soutilha; - parte de uma outra (parcialmente escavada) também integrando dois momentos sucessivos de ocupação, no sector B, da mesma estação; - uma pequena área (parcialmente escavada) no Local 4 da estação da Pastoria; - uma área de maiores proporções (parcialmente escavada), que integra a 1ª ocupação no Local 3, da mesma estação; - uma área restrita (parcialmente escavada) correspondendo a duas ocupações detectadas no sector II do povoado de S. Lourenço; - duas áreas muito restritas (parcialmente escavadas), insertas nos Locais 2 e 3 do povoado de Castelo de Aguiar.

Como já mencionámos, apenas o sector A da Vinha da Soutilha revelou duas áreas de actividade integralmente escavadas, delimitadas por rochedos, buracos de poste e um murete baixo, de pedra vã. Torna-se, assim, impossível comparar a dimensão, forma e organização destas áreas com as das restantes, pois não conhecemos a totalidade dos testemunhos destas últimas. Mas, também como referimos anteriormente, é no entanto possível ver, no interior das áreas habitacionais do sector A da Vinha da Soutilha, uma transformação importante: uma área restrita de trabalho, polarizada em torno de uma lareira estruturada, deu lugar, posteriormente, a uma área de actividade mais vasta, com maior número de estruturas de combustão (de maior ou menor complexidade construtiva), parcialmente contemporâneas. Na primeira ocupação, verifica-se a existência duma pequena densidade e diversidade de artefactos líticos: ponta de seta, raspadeira, lasca retocada, machado polido, lasca residual. Das 97 formas cerâmicas identificadas, repartidas por sete tipos morfológicos (de uso comum ou de aprovisionamento), predominam os recipientes de dimensões médias, para utilização provavelmente culinária. A segunda ocupação, a qual integrou diversas *áreas de composição arqueológica diferenciada* (que podem resultar da sobreposição de tarefas sucessivas realizadas em curtos períodos de tempo) forneceu uma mais ampla densidade e diversidade de artefactos, quer líticos, quer cerâmicos. Foram registadas 389 formas cerâmicas com sete tipos morfológicos (de uso comum e aprovisionamento), predominando também os recipientes de dimensões médias, para utilização provavelmente culinária. Ocorrem, além disto, recipientes de boca elíptica e paredes grosseiras, cuja funcionalidade desconhecemos. Os restantes artefactos distribuem-se pelos seguintes tipos: ponta de seta, raspadeira, rapador, lasca retocada, lasca residual, furador, núcleo, machado polido, "rebolo", mó, conta de colar, resíduos de objectos em cobre arsenical. Nas duas ocupações apareceram muito poucos vestígios ósseos (os poucos identificados são relativos a fauna do sistema ecológico local), o que, em parte, se poderá explicar pelo carácter ácido dos solos graníticos que constituem os sedimentos das camadas arqueológicas.

Dadas as limitações anteriormente mencionadas, pensamos que não é possível, em rigor, interpretar a(s) precisa(s) funcionalidade(s) destas duas áreas. As hipóteses que se seguem, poderiam ser completadas com uma lista bem maior de muitas outras, sem que possamos, de momento, testar nenhuma delas. A primeira área, pela dimensão, estrutu

ras que a integram, densidade, composição e distribuição espacial dos artefactos, poderia, eventualmente, sugerir que, no local, se teria realizado uma *actividade principal*, relacionada com a *preparação, consumo e armazenamento de alimentos*, ao longo dum determinado período de tempo. A segunda área, pelas diferentes características que as mesmas variáveis apresentam, poderia eventualmente ter compreendido *uma maior diversidade de actividades, parcialmente contemporâneas*. Mas, ainda assim, *as actividades culinárias deixaram resíduos mais significativos*, restando saber se terão continuado a constituir a principal tarefa do local, ou se, simplesmente, os vestígios de outras actividades, tão ou mais importantes (entenda-se, com uma alta intensidade e regularidade de funcionamento) não terão sido "apagados" por vários factores.

As restantes áreas escavadas, ainda que correspondam a secções de unidades mais amplas, podemos dividi-las em termos da *maior ou menor complexidade construtiva das respectivas estruturas de combustão*: - *lareiras estruturadas* (em bom estado ou ligeiramente arruinadas) na 1ª ocupação do sector II de S. Lourenço e na 1ª e 2ª ocupação do sector B da Vinha da Soutilha; - *estruturas de combustão cuja estruturação não é tão evidente*, na 2ª ocupação do Local 2 de Castelo de Aguiar e ainda no Local 4 da Pastoria: - *áreas de combustão não estruturadas*, na 1ª ocupação do Local 3 da Pastoria, na 2ª ocupação do sector II de S. Lourenço, no Local 3 de Castelo de Aguiar e na 2ª ocupação do sector A da Vinha da Soutilha.

Os artefactos associados a estas áreas variam quanto à densidade, tipologia e, provavelmente, função.

Assim, no primeiro caso (áreas com lareiras estruturadas), em S. Lourenço apenas foram encontrados *vasos cerâmicos* - 6 formas - nos quais dominavam os vasos de uso comum, enquanto na Vinha da Soutilha, no sector B, além de ocorrerem *diversos líticos* (pontas de seta, raspadeira, lasca retocada, machado polido, enxó e "rebolo"), foram identificadas *139 formas cerâmicas*, com uma ampla diversidade tipológica, onde predominavam os vasos de uso comum, mas onde também existiam, entre outros, recipientes de provisões. No segundo caso (áreas com estruturas de combustão cuja estruturação não é tão evidente), na Pastoria (L. 4) ocorrem não só *líticos* (ponta de seta, denticulado, lasca residual, "rebolo", mó, machado polido, conta de colar, peso de tear (?)), como artefactos *metálicos* (punhal de cobre arsenical) e *cerâmicos* (17 formas de recipientes cerâmicos, entre os quais predominam os de uso doméstico, embora ocorra uma forma de tipo campaniforme), enquanto que em Castelo de Aguiar apenas foram identificados *artefactos líticos* e *cerâmicos*. Entre os primeiros registam-se os seguintes tipos: ponta de seta, raspadeira, lâmina retocada, mó, peso (de tear?). Entre os segundos, além de um provável peso de tear, com quatro perfurações, temos c. de 400 formas de recipientes, distribuídas por onze tipos morfológicos, seis de uso doméstico e cinco sem função genérica conhecida. Finalmente, no terceiro caso (áreas de combustão não estruturadas), verificam-se grandes disparidades quanto à composição dos materiais das diferentes zonas. Na Pastoria, ocorrem artefactos líticos (ponta de seta, raspadeira, lâmina não retocada, machado polido, conta de colar, moinho manual), artefactos em osso (objecto polido), cerâmicos (60 formas de

recipientes distribuídos por cinco tipos de uso doméstico), além de abundantes vestígios de *fauna*, provavelmente consumida no local.

Em S. Lourenço, numa área de combustão adossada a uma estrutura pétrea, regista-se uma fraca variedade de objectos líticos representados pelos seguintes tipos: ponta de seta, lamela retocada, lasca retocada, lasca residual. Registaram-se ainda 67 formas cerâmicas, distribuídas por seis tipos morfológicos, de uso doméstico, e alguns resíduos de possíveis artefactos em cobre arsenical.

Em Castelo de Aguiar, existe uma pequena percentagem de artefactos relacionados com a área em causa: cerca de 20 formas dispersas por cinco tipos morfológicos de uso doméstico, grandes lascas retocadas, pontas de seta e uma lâmina retocada.

Como é facilmente detectável, a cerâmica de uso doméstico, particularmente os recipientes de utilização comum e de armazenamento, ocorre associada em todas as áreas a estruturas de combustão. Apresenta também uma alta percentagem, relativamente aos restantes artefactos que partilham as áreas de actividade referidas.

Em segundo lugar, pelo número de presenças em todas as áreas, destacam-se as pontas de seta, as raspadeiras, os machados polidos, as lascas retocadas e residuais, e os fragmentos de moinhos manuais, embora a sua densidade seja muito fraca relativamente à dos vasos cerâmicos. Os outros artefactos ocorrem de forma muito menos significativa.

	S. LRN S. II 1ª Ocup.	MRS S.A 1ª Ocup.	MRS S.A 2ª Ocup.	MRS S.B-1ª e 2ª Ocup.	CST AGR L.2 2ª Ocup.	PST L.4	PST L.3 1ª Ocup.	S. LRN S. II 2ª Ocup.	CST AGR L.3	MRS S.A 2ª Ocup.
VASO CERÂMICO	6	97	100	139	40	17	60	67	20	189
PONTA DE SETA		7	10	20	6	1	6	2		10
RASPADEIRA		4	3	3	2		2			5
"RABÕT"				1						
LÂMINA RETOCADA					3			1	1	5
LÂMINA NÃO RETOCADA						1	1			
LASCA RETOCADA		1	4	15					3	3
LASCA RESIDUAL		11	7	1		2		2		7
DENTICULADO				1		1				
MACHADO POLIDO		2	1	5		2	3			1
OBJECTO POLIDO DUPLO						1				
ENXÓ POLIDA				2						
"REBOLO"			7	6		3				
MÕ			1		5	3	2			1
PUNHAL DE COBRE						1				
RESÍDUOS DE COBRE								X		X
CONTA DE COLAR				1		2	3			1
PESO DE TEAR?					1	1				
PESO DE TEAR EM CERÂMICA					1					
OBJECTO POLIDO EM OSSO							1			
FAUNA		X	X	X			X			

Faça-se notar que o quadro que apresentamos apenas integra os artefactos que se encontram em associação espacial estrita com as áreas de combustão que estamos a descrever. Embora este critério seja tão subjectivo como o de incluir a totalidade dos objectos existentes na área e suas proximidades, preferimos limitar a nossa amostragem aos testemunhos que apresentam uma inequívoca conexão arqueológica com as estruturas que seleccionámos. Neste quadro ainda integrámos as estruturas de combustão da 2ª ocupação do sector A da estação da Vinha da Soutilha, tendo-as dividido em dois grupos: a *lareira 1*, pertencente à categoria de *lareiras estruturadas*, e as *restantes* à de *estruturas de combustão não estruturadas*. Na verdade, embora algumas destas últimas incluam pequenas pedras no seu centro ou periferia, não é de todo visível qualquer intenção de proteger a zona de fogo.

As quantidades absolutas de todos os artefactos mencionados, em todas as áreas de combustão, são as seguintes:

VASOS CERÂMICOS	735
PONTAS DE SEIA	62
LASCAS RESIDUAIS	30
LASCAS RETOCADAS	26
RASPADEIRAS	19
"REBOLOS"	16
MACHADOS POLIDOS	14
MOINHOS	12
LÂMINAS RETOCADAS	10
CONTAS DE COLAR	7
LÂMINAS NÃO RETOCADAS	2
PESOS DE TEAR (?)	2
DENTICULADO	2
ENXÓ	2
OBJECTO DUPLO POLIDO	1
PUNHAL DE COBRE	1
PESO DE TEAR EM CERÂMICA	1
OBJECTO POLIDO DE OSSO	1
"RABOT"	1

Mais uma vez se nos afigura que as *actividades culinárias* (preparação e consumo) e de armazenamento, se manifestaram de forma regular e com grande intensidade, em qualquer das áreas descritas. Mas a diversidade global dos artefactos não cerâmicos ad

verte-nos para a possibilidade de outras *actividades complementares*, esporádicas ou sistemáticas, poderem ter sido realizadas simultaneamente: estas reflectir-se-iam, sobretudo, nos *artefactos cortantes* (lâminas e lascas retocadas, raspadeiras, denticulado e *seus resíduos* (lascas residuais). Alguns fragmentos de mós e "rebolos" parecem integrar-se, na maior parte dos casos, no grupo de *materiais de reaproveitamento*, enquanto os machados e enxó polidos, as pontas de seta e o punhal de cobre, podem incluir-se, pelas suas características funcionais, na categoria de artefactos pertencentes a um "equipamento" cuja utilidade fundamental se revelaria certamente no exterior das áreas de combustão, embora não possamos, por ora, comprovar inteiramente esta sugestão. Os pesos (provavelmente de tear), apenas sugerem a existência no povoado (nas proximidades das zonas de combustão?) da tarefa da tecelagem.

. O segundo tipo de área de actividade não inclui qualquer estrutura de combustão. Estão nestas circunstâncias: uma *área com núcleos de "empedrados"*, integralmente escavada, no interior do sector A da Vinha da Soutilha (2ª ocupação); *uma extensa área* (parcialmente escavada) correspondendo à 2ª ocupação, no Local 3, da Pastoria; *uma área restrita* (parcialmente escavada) no Local 3 de Castelo de Aguiar.

A primeira área, de contorno elíptico, forneceu cerca de 100 vasos distribuídos por seis tipos morfológicos, tendo grande expressão os vasos de armazenamento e alguns pequenos recipientes de paredes grosseiras e boca elíptica, cuja função desconhecemos. Ocorreram ainda diversos tipos líticos (raspadeira, ponta de seta, lasca residual, lasca retocada, machado polido) e resíduos de prováveis artefactos em cobre arsenical. A densidade e composição dos artefactos mencionados numa unidade bem delimitada, de muito pequenas dimensões (mas integrada num conjunto mais vasto, rodeada de várias estruturas de combustão), parece indicar a existência provável duma área de armazenamento e possivelmente do talhe de diversas matérias-primas, entre as quais o próprio xisto e o quartzo (foram registadas diversas lascas residuais). Mas será difícil compreender a sua função específica se a não articularmos com toda a área multifuncional que ocupa o sector A durante esta fase.

A segunda área (Pastoria) diz respeito a um espaço com cerca de 150 m^2, que integra duas estruturas em pedra (uma delas interpretada como uma provável estrutura aérea de armazenamento), diversos "lajeados", sobre os quais se concentra um elevado número de vasos cerâmicos e de artefactos líticos e, na sua periferia, três artefactos metálicos e abundantes vestígios de fauna.

Entre os líticos contam-se pontas de seta, raspadeiras, lâminas retocadas, um furador, uma conta de colar, um machado polido, enxós polidas, "rebolos" e moinhos manuais. Um cinzel, um punção e uma possível faca curva, em cobre arsenical, constituem os artefactos metálicos. Entre os cerâmicos, além dum peso de tear, foram ainda registadas 134 formas cerâmicas, distribuídas por onze tipos morfológicos, a maior parte deles de utilidade doméstica. Ocorrem, no entanto, também vasos campaniformes, e outros cuja funcionalidade desconhecemos.

Na terceira área (Pastoria), parcialmente escavada, além de vasos cerâmicos

também de uso comum, foram registados variados líticos, como pontas de seta, raspadeiras, lascas residuais, lascas retocadas, uma lâmina retocada, um furador, machados polidos, uma conta de colar, "rebolos", fragmentos de moinhos e um provável peso de tear.

Na quarta área (Castelo de Aguiar), a menos escavada e a que forneceu menos informação (apenas um alinhamento de buracos de poste) registaram-se 23 formas cerâmicas distribuídas por cinco tipos morfológicos de uso doméstico, duas pontas de seta e uma raspadeira.

À excepção da "área dos empedrados" as outras duas não foram totalmente escavadas, pelo que a sua inclusão na categoria de áreas sem estruturas de combustão é provisória e decorrente da actual observação arqueológica.

Facilmente também aqui se chega à conclusão de que os vasos cerâmicos de uso doméstico dominam em qualquer das áreas, embora na Vinha da Soutilha, os recipientes de aprovisionamento estejam presentes numa larga percentagem. Nas quatro áreas ocorrem pontas de seta e raspadeiras. As lascas retocadas e residuais e os vestígios de cobre arsenical foram registados na Vinha da Soutilha e na Pastoria e os restantes artefactos são exclusivos desta última estação. São, assim, bastante pronunciadas as assimetrias, em densidade e composição tipológica de artefactos, das quatro áreas mencionadas. Contudo, dada a diferença de superfície escavada, em cada caso, não será prudente, de momento, retirar ilacções significativas sobre tais variações.

	MRS S.A 2ª Ocup.	PST L.3 2ª Ocup.	PST L.1 e 2	CST AGR L.3
VASOS CERÂMICOS	100	134	74	23
PONTAS DE SETAS	2	7	10	3
RASPADEIRAS	8	12	12	1
LASCAS RETOCADAS	2		4	
LASCAS RESIDUAIS	9		12	
LÂMINAS RETOCADAS		3	1	
FURADORES		1	2	
MACHADOS POLIDOS		1	11	
ENXÓS POLIDAS		2		
CONTAS DE COLAR		1	1	
"REBOLOS"		13	2	
MOINHOS		6	2	
PESOS (?)		1	1	
PESO DE TEAR EM CERÂMICA		1		
CINZEL EM OSSO		1		
CINZEL EM COBRE		1		
PUNÇÃO EM COBRE		1		
FACA EM COBRE		1		
VESTÍGIOS DE COBRE	X			
FAUNA		X		

As quantidades totais de todos os artefactos, considerando as diferentes áreas, são as seguintes:

VASOS CERÂMICOS	331
RASPADEIRAS	33
LASCAS RESIDUAIS	31
PONTAS DE SETA	22
"REBOLOS"	13
MACHADOS POLIDOS	12
MOINHOS	8
LASCAS RETOCADAS	6
LÂMINAS RETOCADAS	4
FURADORES	3
ENXÓS	2
CONTAS DE COLAR	2
PESOS (?)	2
PESOS DE TEAR EM CERÂMICA	1
CINZEL EM OSSO	1
CINZEL EM COBRE	1
FACA EM COBRE	1
PUNÇÃO EM COBRE	1

Apenas faremos uma breve referência a uma das áreas da Pastoria, que inclui, não só uma grande diversidade de artefactos, como alguns deles (cerâmica campaniforme e utensílios metálicos em cobre arsenical) são reveladores da existência no local duma *utensilagem de prestígio* de grande valor simbólico.

A área abrangida pelo Local 3 apresenta algumas características que importa salientar: - a cerâmica campaniforme e os objectos em cobre ocorrem no exterior das zonas com maior concentração de material doméstico, estando a primeira principalmente localizada numa área circunscrita, junto a um afloramento; - *as áreas de maior actividade*, com maior número de vestígios arqueológicos, assentam sobre acumulações de pedras dispostas na horizontal ("lajeados"), as quais delimitam pequenas áreas de contorno irregular, onde coexistem vasos de uso doméstico, cerâmica de revestimento, raspadeiras e, em algumas zonas, uma ponta de seta, uma lâmina retocada e um peso de tear; - os restos de *fauna* (que apresentam vestígios de acção culinária realizada no local), verificam-se, em particular, na periferia das áreas de actividade anteriormente referidas; - *alguns artefactos líticos* foram registados no exterior das áreas mencionadas; - *as estruturas em pedra* encontram-se igualmente separadas, entre si, por várias "áreas de actividade".

É de ressaltar em toda a área do Local 3, além da inexistência, (na superfície escavada) de estruturas de combustão, a ausência de lascas residuais, contrastando com a grande densidade vasos cerâmicos, "rebolos", mós e raspadeiras. Entre os vasos cerâmicos predominam os recipientes de uso doméstico. Aparentemente, estes últimos foram utiliza-

dos intensa e regularmente, o que, juntamente com a presença significativa de "rebolos" e mós, uma estrutura provável de aprovisionamento, e ainda de restos de animais consumidos no local, sugere a realização de *actividades múltiplas* em torno da *preparação, consumo e armazenamento de alimentos.*

A existência de cerca de centena e meia da fragmentos de ossos de animais não se coaduna com a situação normalmente observada em outras estações, onde os solos ácidos destróiem sistematicamente tais materiais. Por outro lado, se os solos da Pastoria possuem a característica de os conservar, numa área de preparação e consumo culinário, seria lógico que houvesse muitos mais, salvo se eles foram regularmente sujeitos a limpezas periódicas ou se existem condições de conservação diferencial muito diversas nas várias estações.

Finalmente, e ainda adentro da categoria de áreas sem estruturas de combustão, *mas cujos materiais não foram encontrados "in situ"*, focaremos a área abrangida pelo *sector C* da Vinha da Soutilha. Trata-se de uma área que integra, em dois níveis sucessivos, prováveis *"valas" de escoamento de águas*, por onde escorregaram materiais arqueológicos provenientes de outra zona de habitação, situada nas proximidades do sector B.

Nos dois níveis detectados, registaram-se, em conjunto, os seguintes artefactos:

VASOS CERÂMICOS	150
LASCAS RETOCADAS	28
RASPADEIRAS	24
PONTAS DE SETA	17
MOINHOS	15
"REBOLOS"	5
FURADOR	1
PESO (?)	1
PERCUTOR	1

Salvo os moinhos, que provêm de uma murete construído no local, para provavelmente desviar o conteúdo da vala mencionada, os outros artefactos foram todos encontrados no interior dos sedimentos que preenchiam os dois "canais" de escoamento de águas.

É óbvio que, devido às condições estratigráficas desta zona, não podemos tirar ilacções sobre a densidade e composição dos materiais, pelo que não articularemos estes dados com os provenientes das outras áreas.

Relativamente às zonas com e sem estruturas de combustão, e embora esta divisão seja relativamente arbitrária, uma vez que a maior parte das áreas foram incompletamente escavadas, podemos constatar que são comuns os seguintes artefactos: vasos cerâmicos, pesos de tear em cerâmica, pontas de seta, raspadeiras, lascas residuais, lascas retocadas, lâminas retocadas, "pesos" com perfuração central, machados polidos, enxós, "rebolos", moinhos manuais, contas de colar e objectos polidos em osso. Ou seja, nos dois

tipos de áreas existem os principais artefactos que ocorrem nestes povoados, sendo predominantes os recipientes de uso doméstico. A sua proporção relativa, ainda que diferenciada, não é susceptível neste momento de fornecer informação segura sobre aspectos relacionados com a funcionalidade dessas áreas, para além dos já mencionados.

3.5.3 *HIPÓTESE DE CRONOLOGIA RELATIVA*

A hipótese de cronologia relativa que aqui apresentamos baseia-se na análise crítica das datas de C 14 relativas às estações da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar e na avaliação ponderada da presença/ausência, nas quatro estações, de determinados materiais arqueológicos considerados no seu âmbito regional e peninsular. Ela pressupõe, pois, todos os comentários anteriormente realizados a propósito dos paralelos para os materiais de cada estação no seu contexto peninsular.

O quadro da fig. 3 mostra-nos as seis datações de C 14 disponíveis para as estações da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar. Convém recordar o que já havíamos escrito a propósito das mesmas. As três primeiras datas são não só coerentes do ponto de vista estatístico como estratigráfico. Realce-se que as datas 1 e 2, estatisticamente idênticas, referem-se a amostras da mesma camada estratigráfica da estação da Vinha da Soutilha, tendo sido analisadas em laboratórios diferentes, o que permite utilizá-las com um acrescido grau de confiança. As três datas de Castelo de Aguiar são também coerentes do ponto de vista estratigráfico e estatístico. A data mais antiga (data 4) refere-se a uma amostra proveniente de uma camada espacialmente pouco significativa, que forneceu muito poucos materiais arqueológicos. Essa camada encontrava-se separada da camada arqueológica superior (datas 5 e 6) por uma camada estéril. Esse facto poderá eventualmente, explicar o desfasamento cronológico existente entre a data 4 e as datas 5 e 6. Contudo, só uma lista mais ampla de datações absolutas para as estações em causa poderá confirmar, ampliar ou infirmar as hipóteses de cronologia relativa suscitadas pelos dados agora apresentados.

Baseando-nos, por ora, nestas datações, e na análise dos materiais fornecidos pelas quatro estações, formulámos uma primeira hipótese de cronologia relativa que se encontra expressa na fig. 4.

Neste quadro, as datas de C 14 são utilizadas como um elemento genericamente orientador da proposta cronológica, em permanente articulação com a verificação da presença/ausência de alguns "items" arqueológicos considerados muito relevantes: recipientes cerâmicos de utilização corrente (forma e decoração); recipientes de utilização excepcional (cerâmica campaniforme); artefactos líticos (particularmente pontas de seta); artefactos metálicos (utensílos e armas). Outros objectos arqueológicos, menos individualizadores, como, por exemplo artefactos de pedra polida ou contas de colar, são valorizados em função da sua associação (em maior ou menor grau) com os outros elementos mencionados. Por outro lado, a presença ou ausência da cerâmica campaniforme apenas é significativa em função de outros dados que possibilitem a inserção cronológica do conjunto que se pretende datar. Assim, se a sua presença proporciona sempre uma genérica cronolo

gia (em função da apreciação da forma e decoração da cerâmica) a sua ausência não pode obviamente ser conclusiva quanto à fase cronológica do nível habitacional que estudamos. O mesmo se deve, aliás, passar com *todos os artefactos de uso excepcional*, como recipientes de utilização explicitamente simbólica (por exemplo, recipientes cuja decoração insere o tema "oculado"), ou utensílios e armas de cobre arsenical (punções, machados, cinzéis, facas, punhais ou pontas de lança), cuja presença ou ausência não está directamente dependente de sequências temporais curtas.

Assim, o elemento comum às quatro estações e diversos níveis habitacionais, que, pela sua *abundância* e *diversidade decorativa*, oferece maiores possibilidades de comparação - a *cerâmica comum* -, transforma-se no elemento básico de datação, ainda que permanentemente validado pela presença ou ausência de outros elementos, quer materiais arqueológicos, quer datações absolutas.

Nesta proposta de cronologia relativa que envolve as quatro estações, afigura-se-nos que, atendendo às datações absolutas disponíveis e ao contexto arqueológico com elas relacionado, os níveis I e II da Vinha da Soutilha (MRS) e o nível I de Castelo de Aguiar (CST AGR), se apresentam em conjunto como mais antigos (1ª metade do IIIº milénio a.C.), podendo o nível II de MRS ter sido parcialmente contemporâneo do nível I de CST AGR (*). Contudo, apesar da raridade de elementos arqueológicos existentes no nível I de Castelo de Aguiar não nos permitir tirar muitas ilacções sobre a sua cultura material, verificamos que a cerâmica decorada integra temas que não são desconhecidos nos níveis I e II da Vinha da Soutilha, salvaguardando regionalismos no que respeita à utilização de técnicas decorativas e à disposição particular dos motivos.

O nível III da Vinha da Soutilha poderá ter sido parcialmente contemporâneo, na sua fase final (finais do IIIº milénio a.C.), dos níveis I e II de S. Lourenço (S.LRN), I e IIa((?) da Pastoria (PST) e, até mesmo, do nível II de Castelo de Aguiar (CST AGR) (*). Esta provável parcial contemporaneidade, de muito difícil demonstração no momento actual da nossa investigação, é sustentada por várias ordens de factores: - as datas de C 14 da Vinha da Soutilha são relativas ao início da última fase de ocupação da área estudada. É de prever (dada a existência duma camada arqueológica que se sobrepõe à datada), que o "terminus" dessa ocupação se possa ter realizado por volta de 2200-2100 a.C. (?), num momento em que amadurece uma complexa e diversificada decoração metopada dos recipientes cerâmicos, se desenvolve a variedade tipológica de pontas de seta (de base côncava, algumas "evolucionadas"), e permanecem vestígios de cobre arsenical (não se encontra provado que este fosse trabalhado no local). Contudo, não foi detectado nenhum artefacto metálico "in situ". O único objecto metálico conhecido desta estação (uma "faca" de cobre ar

(*) - *MRS I* - c.6 e 7 (Sector C); *MRS II* - c.4 e 5 (Sector C), c.3 (Sector B), c.4 (Sector A); *MRS III* - c.2 (Sector B), c.3 e 2 (Sector A).

- *S.LRN I* - C.3 (Sector I), c.5 (Sector II); *S.LRN II* - c.2 e 1 (Sector I), c.4, 3, 2, 1 (Sector II). - *PST I* (c.4, 5 e 6) (Local 3); *PST IIa* (c.3) (Local 3); *PST IIb* (c.2) (Local 3); *PST a N. do Estradão* (Local 4). - *CST AGR I* - c.6 (Local 2); *CST AGR II* - c.4 (Local 2), c.7 (Local 3).

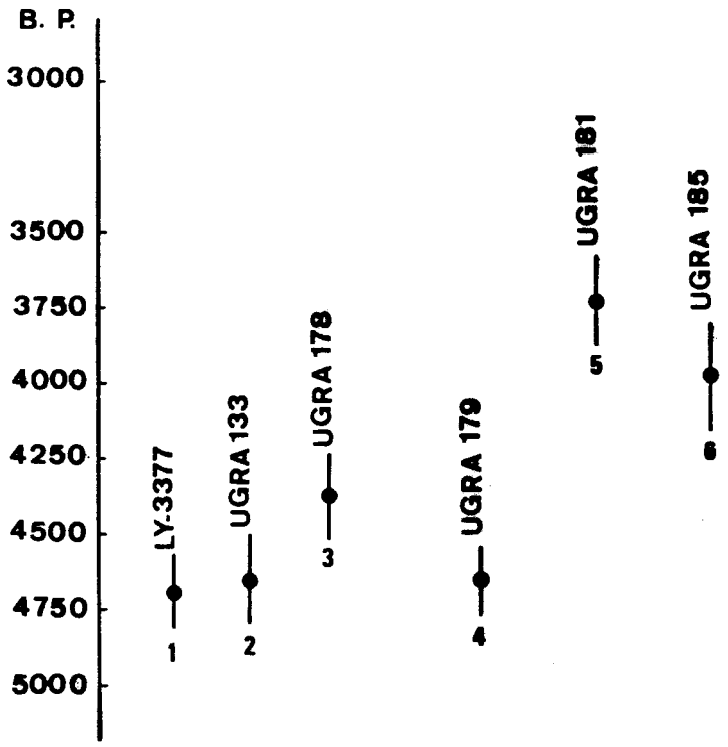

B. P.
3000
3500
3750
4000
4250
4500
4750
5000
LY-3377
1
UGRA 133
2
UGRA 178
3
UGRA 179
4
UGRA 181
5
UGRA 185
6

Fig. 3

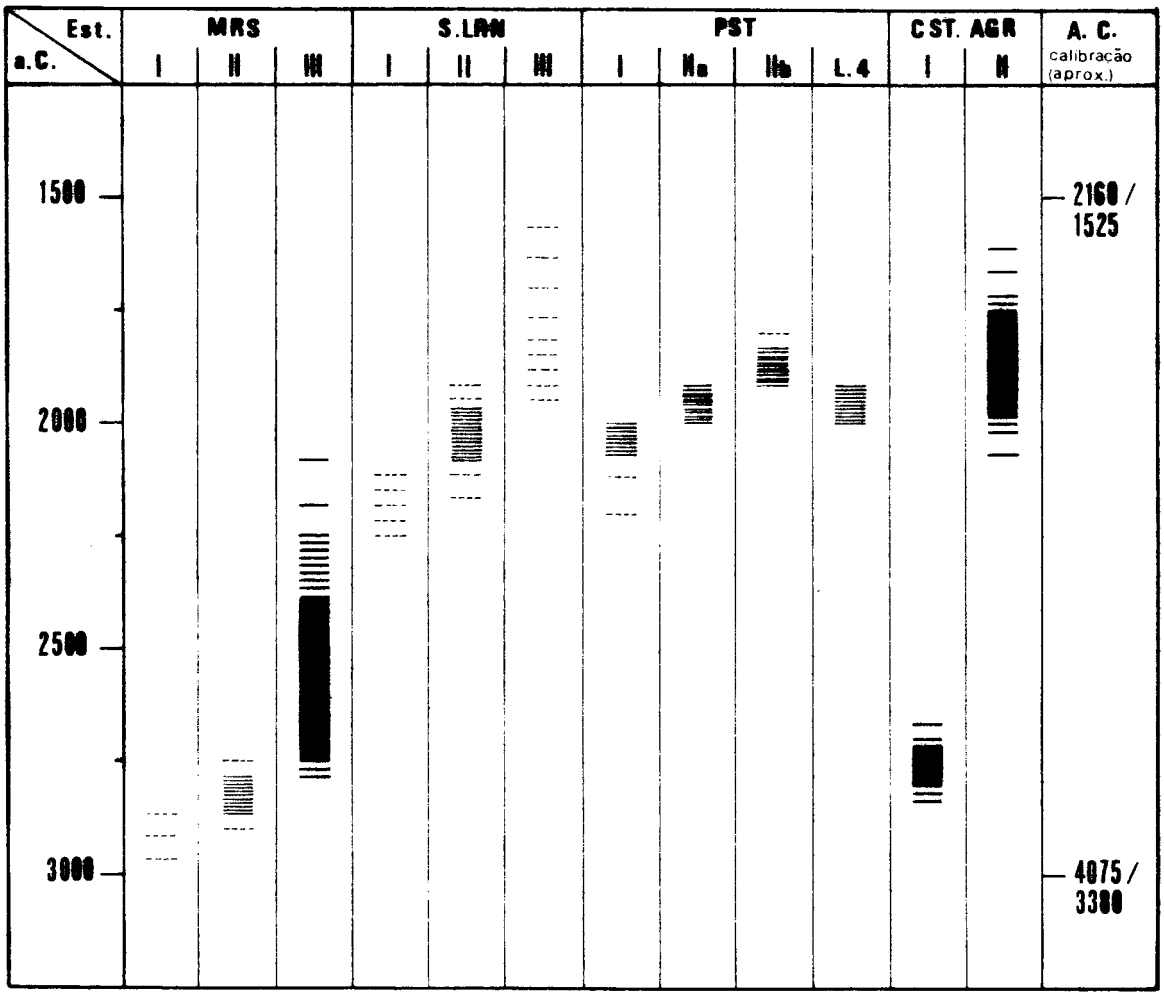

Est.
a.C.
MRS
I
II
III
S.LRN
I
II
III
PST
I
IIa
IIb
L.4
CST. AGR
I
II
A. C.
calibração
(aprox.)
1500
2000
2500
3000
2160 /
1525
4075 /
3300

Fig. 4

senical, fragmentada) foi recolhido à superfície em antigas prospecções. Ora, as outras duas datações disponíveis são do nível II de Castelo de Aguiar, as quais, devido ao grande desvio padrão, coincidem parcialmente com a hipotética fase final da Vinha da Soutilha. Contudo, neste caso, as duas estações apresentam vasos cerâmicos cuja morfologia e temática decorativa se distanciam em muitos aspectos. Em CST AGR ocorrem vasos carenados (inexistentes em MRS) e predominam as decorações "penteadas" (organização em bandas aditivas alternadas com zonas sem decoração, também ausente em MRS). Entre os artefactos líticos das duas estações também não existem muitos pontos de contacto. É possível que as diferenças mencionadas, para além de reflectirem diversos "estilos" locais na concepção de artefactos de uso doméstico, possam resultar de um maior desfasamento cronológico entre os níveis referidos das duas estações, do que aquele que consideramos provisoriamente. Castelo de Aguiar (nível II) pode, efectivamente, ser mais tardio do que o final da ocupação da Vinha da Soutilha (nível III), o que explicaria, em parte, não apenas as diferenças apontadas, mas, sobretudo, um evidente gosto, em Castelo de Aguiar, por adoptar uma fórmula decorativa principal que parece imitar a do campaniforme marítimo (aliás, inexistente na área escavada da estação, tal como na Vinha da Soutilha).

A hipotética contemporaneidade parcial entre MRS III (fase final), S.LRN I e II e PST I (IIa ?) baseia-se fundamentalmente na estilística cerâmica. A morfologia dos vasos é muito semelhante, predominando a organização incisa metopada em qualquer dos níveis habitacionais. As pontas de seta de PST I (e PST a N. do estradão - Locais 1 e 2) têm grande semelhança formal com as de MRS III ou S.LRN I e II. Contudo, particularismos locais (por exemplo, quase ausência do motivo triangular ou de "grinaldas" nos vasos da Pastoria) não são facilmente explicáveis apenas pela variabilidade decorativa a nível espacial. Nos níveis III de MRS, II de S.LRN (e IIa da PST) foram registados vestígios e/ /ou artefactos de cobre arsenical. No entanto, deve chamar-se a atenção para o facto de que no nível IIa da Pastoria aparece cerâmica campaniforme (variante linear do estilo marítimo). Se, eventualmente, este nível fosse contemporâneo dos níveis referidos nas restantes estações, estaríamos em presença da coexistência de níveis com e sem cerâmica campaniforme. De momento, não possuímos elementos que confirmem esta suposição. É mais fácil identificar a contemporaneidade parcial entre S.LRN II, PST IIa, b e CST AGR II. Na verdade, são comuns nos diferentes níveis, organizações "penteadas" do tipo que referimos anteriormente, as quais parecem reproduzir, com outra técnica decorativa, a sequência aditiva campaniforme. Neste caso, a contemporaneidade parcial de diferentes estilos cerâmicos seria marcante: - coexistência de povoados com e sem cerâmica campaniforme; - - coexistência em povoados diferentes de cerâmica "oculada" e cerâmica campaniforme; - - coexistência de diferentes predominâncias: padrões incisos metopados (S.LRN, PST) e padrões "penteados" (CST AGR).

A provável contemporaneidade parcial entre PST IIa, b e CST AGR II é sugerida por diferentes elementos: datações absolutas em CST AGR condizem com a possível cronologia fornecida pela presença da cerâmica campaniforme (e artefactos em cobre arsenical) nos níveis recentes da Pastoria. Nas duas estações, nos níveis referidos, aparecem não só formas carenadas, como predominam padrões decorativos "penteados": sequência aditiva alternada e sequência vertical metopada. Estes padrões parecem recriar, respectivamente, os padrões do campaniforme marítimo e do modelo inciso metopado. Contudo, apesar

destes elementos comuns, no conjunto as duas estações pertencem a universos estilísticos diferenciados. Na Pastoria persiste a tradição da cerâmica incisa metopada, em Castelo de Aguiar esta está totalmente ausente.

Convém, no entanto, lembrar que em PST IIa e CST AGR II foram identificados dois pesos de tear em cerâmica de morfologia muito semelhante. Também no Local 4 da Pastoria (relacionável com os níveis PST IIa, b) se recolheu uma ponta de seta com aletas de tipologia evolucionada, comparável a outra encontrada no nível II de CST AGR. Apesar da cronologia tardia do nível II de Castelo de Aguiar, não foram detectados artefactos ou resíduos metálicos, ao contrário do que acontece nos níveis IIa e IIb da Pastoria. Nesta última estação, os artefactos recolhidos, em cobre arsenical, têm, no entanto, uma tipologia e uma composição metálica (com baixo teor de arsénio) que se adequa, em termos peninsulares, com uma tradição calcolítica tardia.

Finalmente, a presença, à superfície, na estação de S. Lourenço, de artefactos metálicos de cobre arsenical e pontas de seta de tipologia evolucionada, com paralelos em contextos da Idade do Bronze inicial (como já anteriormente desenvolvemos), sugere que esta estação foi ocupada, pelo menos, ao longo da 1ª metade do IIº milénio a.C.. Novamente, esta hipótese implicaria admitir a coexistência parcial entre o "terminus" de CST AGR II e esta fase de S.LRN (que poderíamos designar S.LRN III). Contudo, não conhecemos os materiais que, em S. Lourenço, terão acompanhado os artefactos metálicos e líticos que descrevemos anteriormente. Ou seja, não dispomos de dados que nos demonstrem a eventual associação das cerâmicas decoradas desta estação com os materiais tardios referidos.

Assim, este primeiro esboço de cronologia relativa regional, necessariamente precário e provisório, não dispõe de elementos seguros de validação no que respeita ao apuramento de sincronias "finas" entre estações globalmente contemporâneas. As maiores dúvidas surgem quanto à contemporaneidade, mesmo parcial, entre MRS III, S.LRN I e PST I, por um lado, e S.LRN II, PST IIa, b, PST a N. Estradão (L.4) e CST AGR II, por outro.

Como veremos pela análise comparada dos materiais destes níveis habitacionais, esta deficiência de informação não nos permitirá ajuizar a eventual contemporaneidade ou a sucessiva aparição de estilos tão diferentes como a cerâmica "oculada" (S.LRN II) e a cerâmica campaniforme (PST IIa, b, a N. Estradão - L.4), de pontas de seta evolucionadas com aletas desenvolvidas (S.LRN III) e pontas de seta de base côncava de morfologia mais arcaizante (CST AGR II), das diversas decorações dos vasos existentes em MRS III, S.LRN I e PST I, apenas para referirmos alguns dos exemplos mais relevantes.

O que este esboço de cronologia relativa permite, sem dúvida, sugerir é a possibilidade de uma ampla evolução cultural, desde os inícios do IIIº milénio, até à primeira metade do IIº milénio a.C., nesta região.

Será, doravante, este lapso de tempo (aliás excessivamente longo) que constituirá a matriz cronológica no interior da qual se procurará não só estabelecer as bases da Pré-História regional (bacias de Telões-Chaves), como, a nível mais geral (Norte de Portugal), iniciar a sistematização e identificação cultural dos diversos testemu

nhos arqueológicos que ocorrem durante o período considerado nesta região.

3.5.4 *ANÁLISE COMPARADA DOS ARTEFACTOS*

3.5.4.1 Os Recipientes Cerâmicos

Foram analisados c. de 8900 fragmentos cerâmicos, tendo sido identificadas 1263 formas de recipientes. A observação macroscópica dos processos de fabrico que envolvem estes exemplares, demonstrou uma apreciável *uniformidade*, desde a escolha e preparação da argila, técnicas de moldagem manual e tratamento das superfícies, até aos tipos de cozedura.

Algumas diferenças de pormenor, verificadas na caracterização mineralógica e microestrutural de algumas cerâmicas não altera a significativa homogeneidade do conjunto (*).

. Predominam as *pastas* com *e.n.p. de calibre médio* (1.2), facto que apenas não ocorre em MRS I, no qual predomina um e.n.p. grosseiro (1.3). Os vasos que integram e.n.p. fino (1.1) aparecem exclusivamente em MRS II, III, PST I e CST AGR II, e, nestes casos, em muitas baixas percentagens (respectivamente, 2,7%, 5,3%, 3,2% e 3,7%) (Fig. 5).

. Quanto às *superfícies* (excluíndo as superfícies corroídas, que predominam em MRS I), podemos constatar que as *superfícies alisadas* (3/3) predominam largamente em qualquer estação ou nível habitacional. Todas as restantes categorias, mesmo as *superfícies polidas*, são pouco significativas, em termos globais. Estas últimas (4/3), presentes em todos os níveis habitacionais, oscilam entre 0,1% e 16,1%, sendo esta percentagem verificada em PST IIb (Fig. 6).

. As principais *cores* das superfícies externas dos recipientes cerâmicos, são o *acastanhado* (1) o *avermelhado* (2) e o *acinzentado* (3), embora mercê das irregularidades da cozedura, estas cores não se mantenham, normalmente, uniformes, na totalidade das paredes dos vasos. A cor cinzenta ocupa, em qualquer nível, um papel secundário. As principais cores são, alternadamente, o avermelhado e o acastanhado. A primeira predomina em MRS I, II e PST IIa e a segunda em MRS III, S.LRN II, PST I, IIb e CST AGR II. Assim, se ressalvarmos os dados do nível (com cerâmica campaniforme) de PST IIa, poderemos sugerir uma *evolução global das cores avermelhadas para as acastanhadas*, a aceitarmos a hipótese de cronologia relativa anteriormente apresentada (Fig. 7).

. Os exemplares observados inserem-se, na sua esmagadora maioria, na categoria de *pastas com textura compacta*. Existem alguns, poucos, exemplares com pastas homogéneas ou friáveis, que não atingem valores superiores a 1% sobre a amostragem global.

(*) *V.* análises realizadas por Maria de Fátima Melo e Clara Gonçalves, do Instituto de Tecnologia Industrial do LNETI em 24 fragmentos cerâmicos provenientes das estações da Vinha da Soutilha, Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar (*V.* apêndice).

Entre os fragmentos cerâmicos com *pastas friáveis*, contam-se alguns provenientes das estações da Vinha da Soutilha e da Pastoria que sofreram altas temperaturas(*).

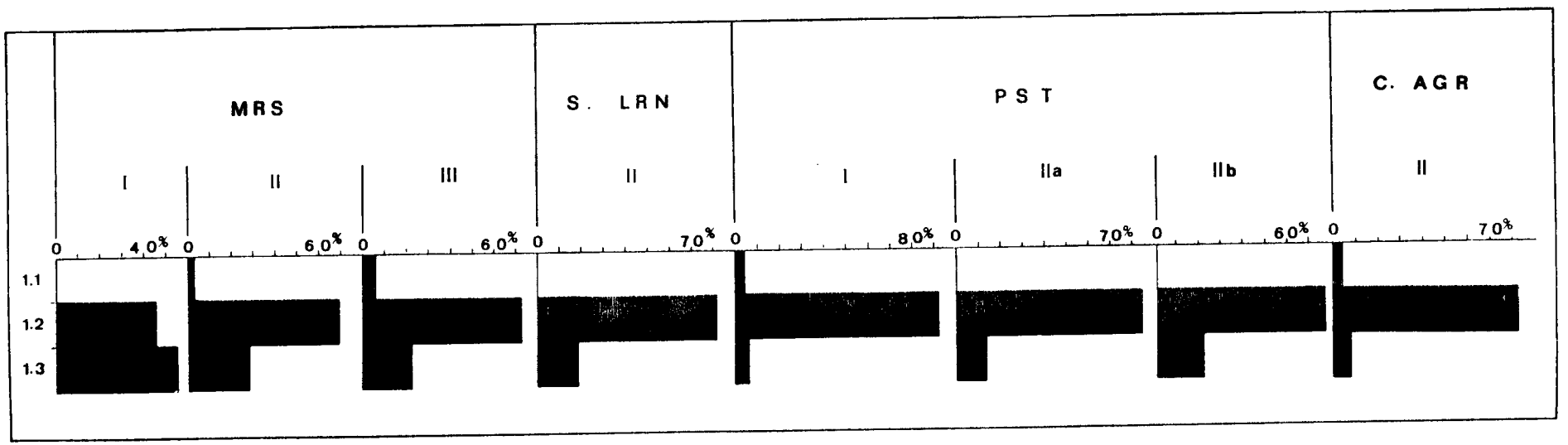
. É possível que um estudo laboratorial exaustivo, que pudesse recorrer a técnicas sofisticadas para reconhecimento da composição e organização mineralógica das pastas, detectasse diferenciações entre grupos de recipientes, que não são visíveis numa primeira análise macroscópica. Tal estudo, a realizar em amostragens significativas para cada estação, dependerá, em grande medida, da possibilidade de concretização de um projecto de colaboração entre especialistas de diferentes ramos no campo da investigação da tecnologia cerâmica pré-histórica.

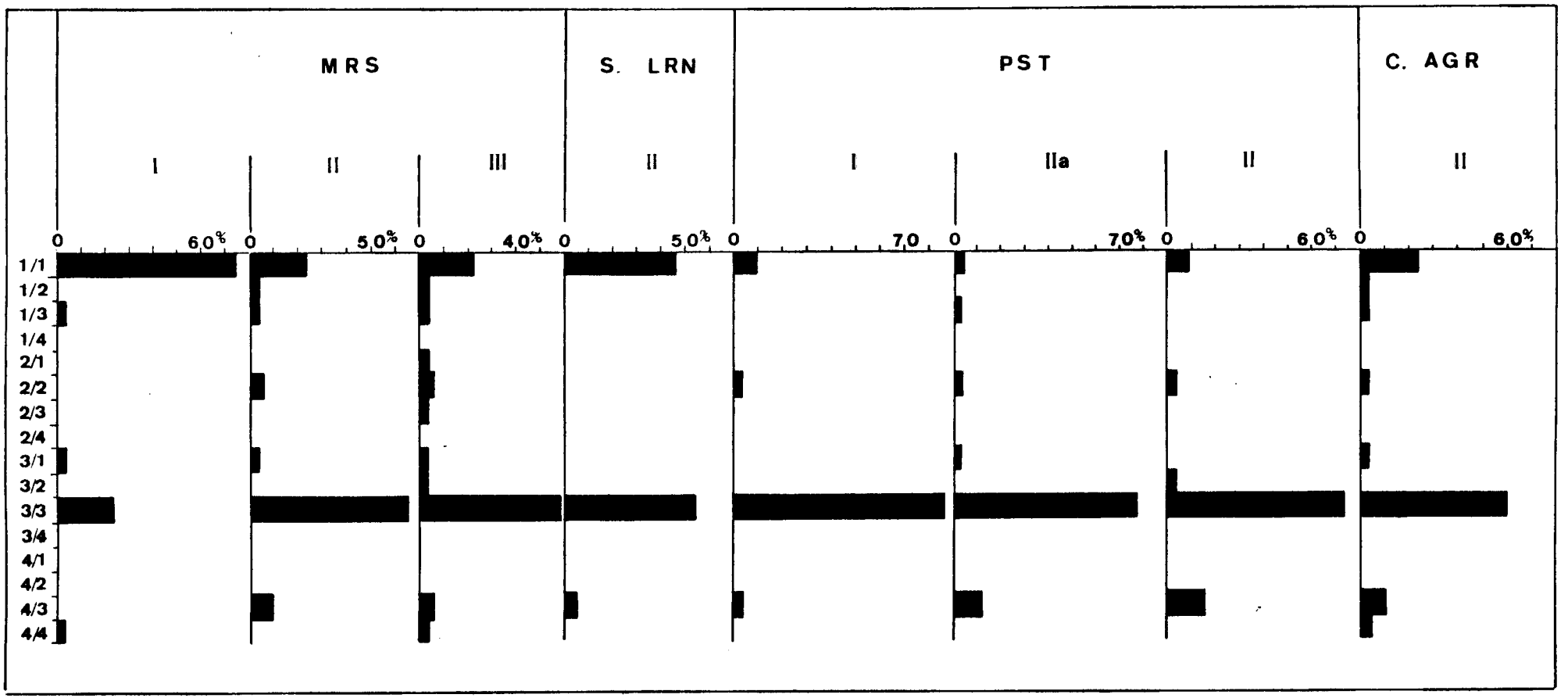
. Foram seleccionados *19 tipos morfológicos* (Fig. 8). *Os seis primeiros* referem-se, por ordem, a esféricos (f.1 e 2), semi-esféricos (f.3), calotes de esfera (f.4) ovóides (f.5) e esféricos achatados (de lados quase rectilíneos) (f.6), com ou sem estrangulamento no colo. Os bordos são normalmente de extremidade arredondada, simples. As paredes destes recipientes apresentam espessuras que variam entre os seguintes valores: 0,4 e 2 cm. Esses seis tipos ocorrem nas quatro estações. O tipo 6 não foi detectado em MRS I. Os restantes, existentes nos diferentes níveis habitacionais, constituem, no seu conjunto, a *matriz morfológica dos vasos de uso doméstico dos quatro povoados*, nas diferentes fases da sua ocupação. Nos diversos níveis, estes seis tipos mantêm proporções relativas bastante uniformes: a forma 3 ou a forma 2 ocorrem, quase sempre, em maior percentagem, seguidas das restantes formas. As variações mais perceptíveis verificam-se na passagem de MRS I para MRS II (a forma 3 acede ao primeiro lugar, nele permanecendo em MRS III, S.LRN II, PST I, IIa, IIb) e de PST IIb para CST AGR II (a forma 4, calote de esfera, ganha maior importância, seguida das formas 2 e 3).

O tipo 5 (forma ovóide) mantém-se estável, ao longo das variações temporais e espaciais consideradas.

Os restantes tipos morfológicos, mais excepcionais, e de diminuto valor quantitativo (à excepção do tipo 14), distribuem-se por uma ou apenas duas estações simultaneamente. Por ordem, referiremos as seguintes formas: vaso de bordo reentrante com esboço de carena alta (f.7), calote baixa com pega lateral (f.8), vaso carenado (f.9), vaso com carena média pouco acentuada e arranque de asa (f.10), vaso com carena média acentuada (f.11), caçoila campaniforme (f.12A), vaso campaniforme (f.12B), vaso campaniforme (f.12C), vaso tronco-cónico com cordão decorado sob o bordo (f.13A), vaso tronco-cónico com cordão decorado sob o bordo, o qual também é decorado com incisões (f.13B), tronco-cónico com cordão simples sob o bordo (f.14), pequeno fundo de vaso tronco-cónico de paredes reentrantes (f.15), tronco-cónico achatado de boca elíptica (f.16), calote achatada de bordo reentrante (f.17), fundo de vaso provavelmente bicónico (f.18), "pé" alto de vaso cuja forma se desconhece (f.19). As paredes destes recipientes apresentam espessuras que variam entre os seguintes valores: 0,3 e 1,2 cm.

(*) Análises realizadas por M. Fátima D. Araújo e João M. Peixoto Cabral, do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial.


MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
IIa
IIb
II
0
4,0%
0
6,0%
0
6,0%
0
7,0%
0
8,0%
0
7,0%
0
6,0%
0
7,0%
1.1
1.2
1.3


MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
IIa
II
II
0 6,0% 0 5,0% 0 4,0% 0 5,0% 0 7,0 0 7,0% 0 6,0% 0 6,0%
1/1
1/2
1/3
1/4
2/1
2/2
2/3
2/4
3/1
3/2
3/3
3/4
4/1
4/2
4/3
4/4

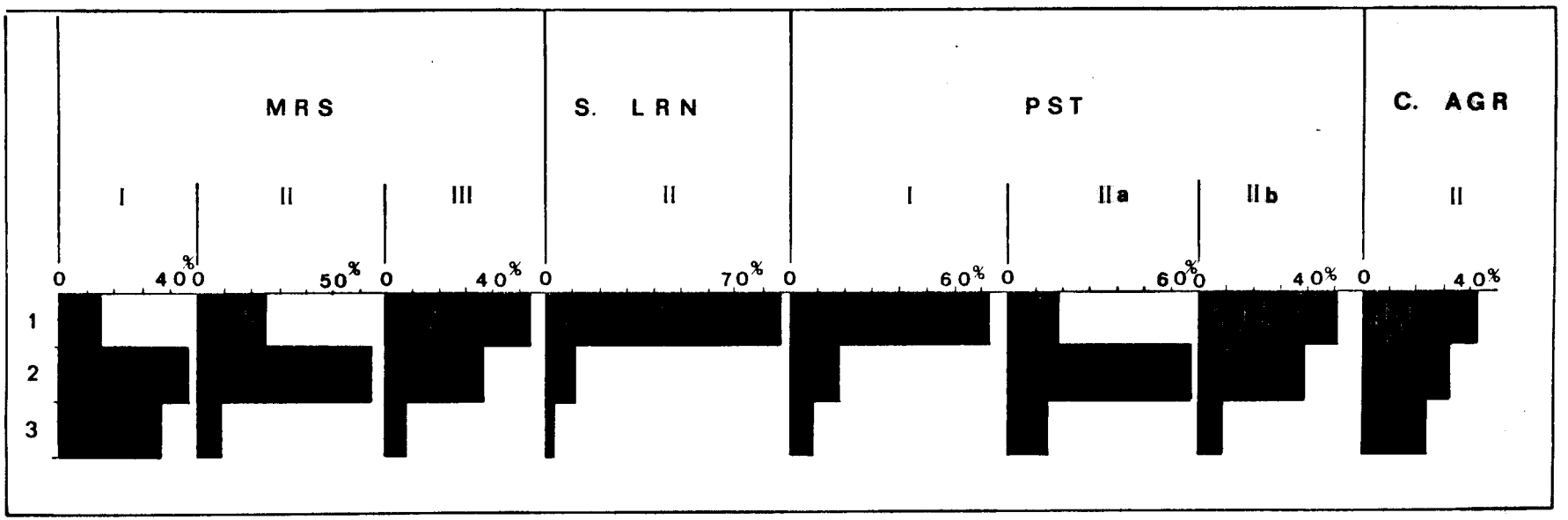

MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
IIa
IIb
II
0
40%
50%
0
40%
0
70%
0
60%
0
60%
40%
0
40%
1
2
3

Fig. 7

Um conjunto pouco característico de formas (7, 8, 9, 13A) só ocorre em MRS, S.LRN e PST I. Um segundo grupo (10, 11, 12A, B, C, 13B, 14, 15, 16, 17, 18 e 19) é exclusivo de PST IIa e b e CST AGR, ou seja, de níveis habitacionais provavelmente mais recentes. Este segundo grupo corresponde à criação, numa determinada fase, de novas formas que se somam às tradicionais. Estas, no entanto, permanecem em maior número. Entre as formas formalmente "evolucionadas" há que salientar os vasos carenados, os tronco - cónicos com cordões sob o bordo e os vasos campaniformes.

. A covariação entre *forma* e *pasta, superfície e cor*, revelou-se *negativa*, isto é, não existe uma específica articulação entre qualquer dos tipos morfológicos e alguma das três variáveis mencionadas. Assim, nenhuma forma se destaca por apresentar um determinado tipo de superfície, pasta ou cor. Deve, no entanto, fazer-se notar que esta covariação negativa pode dever-se a uma deficiente avaliação dos dados disponíveis. Na verdade, nem sempre a visão macroscópica da pasta e da superfície dos recipientes se mostra conclusiva quanto às propriedades que pretendemos caracterizar.

. Um dos traços mais supreendentes na análise dos recipientes cerâmicos destes povoados é a *alta percentagem de vasos decorados relativamente aos lisos* (Fig. 9). A percentagem dos decorados oscila entre cerca de 75 e 90% e os lisos entre 8 e 25%. A pequena variabilidade proporcional entre uns e outros, nas diversas estações e níveis habitacionais, não parece corresponder a nenhum padrão significativo que seja função da evolução cronológica. A maior percentagem de vasos decorados verifica-se em MRS III, S. LRN II, PST I e IIb.

. Embora todos os principais tipos morfológicos - recipientes de uso doméstico - incluam *vasos lisos*, é *a forma 4, seguida da 5*, que integra um maior número, em mais de metade dos níveis habitacionais referidos (Fig. 10).

. Foram seleccionadas *sete técnicas decorativas* (Fig. 11): 1 - incisão; 2 - - puncionamento simples; 3 - puncionamento arrastado ("Boquique"); 4 - impressão; 5A - impressão "penteada" simples; 5B - impressão "penteada" arrastada; 6 - "pontilhado" campaniforme; 7 - decoração plástica.

A análise do comportamento destas técnicas decorativas nos diversos níveis habitacionais das quatro estações leva-nos a concluir que, em termos de predominância de uma técnica decorativa, existem três situações bem distintas: - predominância do *puncionamento simples* (acompanhado da incisão) em MRS I; predominância da *incisão* (acompanhada, consoante as estações, pelo puncionamento simples e/ou arrastado, pela impressão, pela impressão "penteada" simples, pela impressão "penteada" arrastada, pelo "pontilhado" campaniforme e pela decoração plástica) em MRS II, III, S.LRN II, PST I, IIb; - predominância da *impressão "penteada" simples* (acompanhada do puncionamento simples ou arrastado, da impressão, da impressão "penteada" arrastada, do "pontilhado" campaniforme e da decoração plástica) em PST IIa e CST AGR II.

Apesar da excepção que constitui PST IIb (embora exista um pequeno desfasamento entre a percentagem da incisão e da impressão "penteada"), estas três situações di

zem respeito a estações ou conjuntos de níveis habitacionais que se sucedem, genericamente, no tempo.

. Foram registadas *28 organizações decorativas* (Fig. 12). As primeiras cinco são relativas a decorações que têm uma expressão predominante nos vasos dos quatro povoados. A organização I_1 caracteriza-se pela existência do *padrão metopado*. Insere predominantemente a *incisão* e articula *diferentes temas* (reticulados, zigue-zagues, losangos, quadriculados, triângulos, etc.) agrupados em *44 variantes* (Figs. 13, 14, 15). Inexistente em MRS I e CST AGR II, esta organização predomina nos restantes níveis habitacionais. A análise comparada das variantes informa-nos que a variante *a* (reticulado separado por métopas) ocorre em todos os níveis habitacionais das diferentes estações; as variantes *b*, *e*, *t'* aparecem em sete níveis habitacionais; a *d'* é comum a cinco; as variantes *x* e *v'* inserem-se em três níveis; as variantes *i*, *o*, *u*, *z*, *b'*, *h'* apenas estão presentes em dois níveis e as restantes ocorrem em apenas um nível habitacional, cada uma.

I_1 ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS		S. LRN		PST			N. Est.
	II	III	I	II	I	IIa	b	
a	•	•	•	•	•	•	•	•
b	•	•	•	•		•	•	•
c			•					
d	•	•		•		•	•	
e	•	•	•	•	•	•	•	
f		•						
g	•							
h		•						
i		•			•			
j		•						
l		•						
m	•							
n		•						
o		•						
p		•						
q			•					
r			•					•
s								•
t				•				
u						•	•	
v				•				
x		•				•	•	
z						•	•	
a'					•			
b'						•	•	
c'	•							
d'			•		•			
e'	•							
f'					•			
g'				•				
h'						•	•	
i'					•			
j'		•						
l'				•	•			
m'		•						
n'					•			
o'		•		•				
p'		•						
q'		•						
r'								•
s'				•				
t'	•	•		•	•	•	•	•
u'				•				
v'	•					•	•	

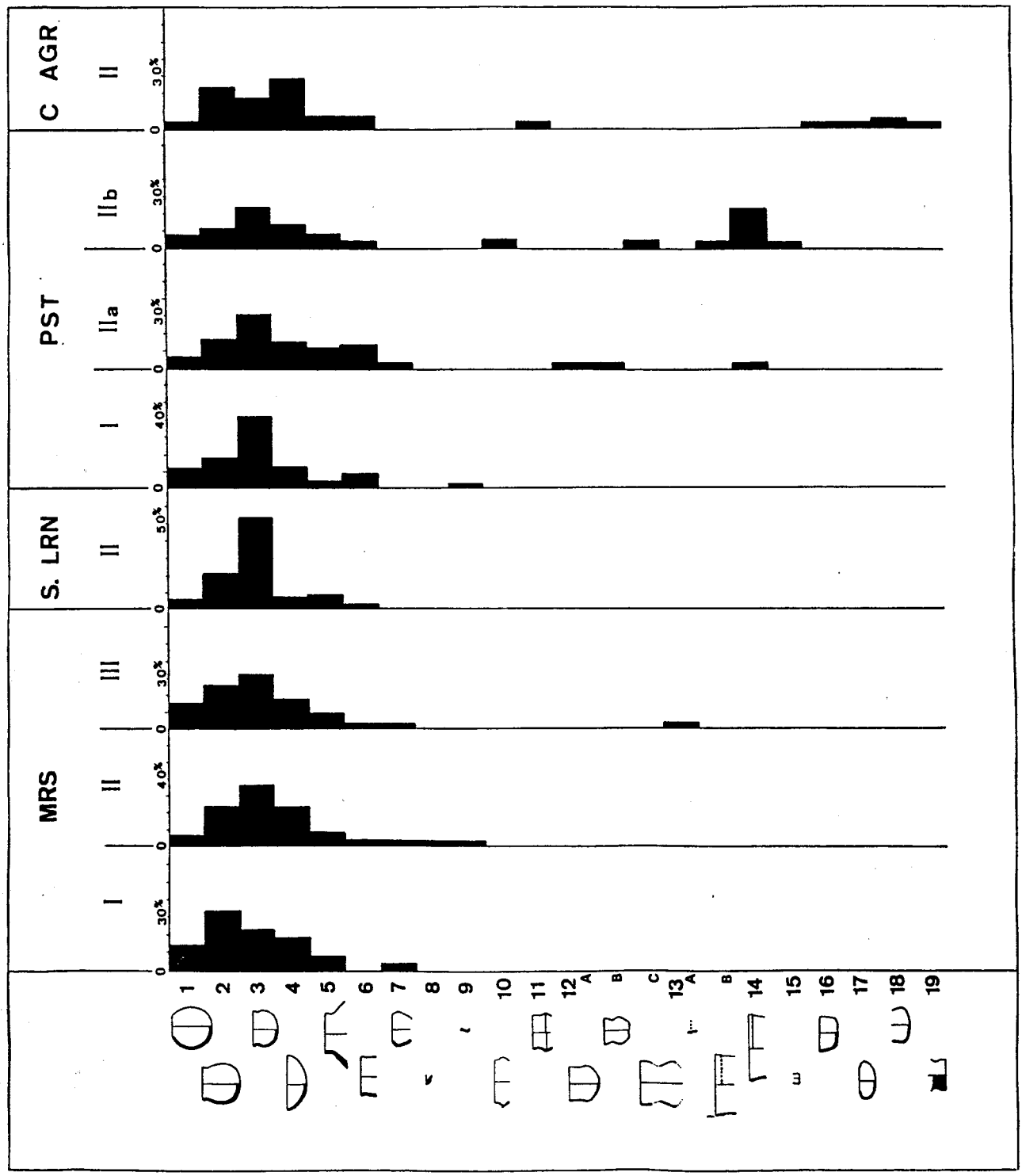

MRS
S. LRN
PST
C AGR
I
II
III
IIa
IIb
30%
40%
50%
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
A
B
C
13
A
B
14
15
16
17
18
19

Fig. 8

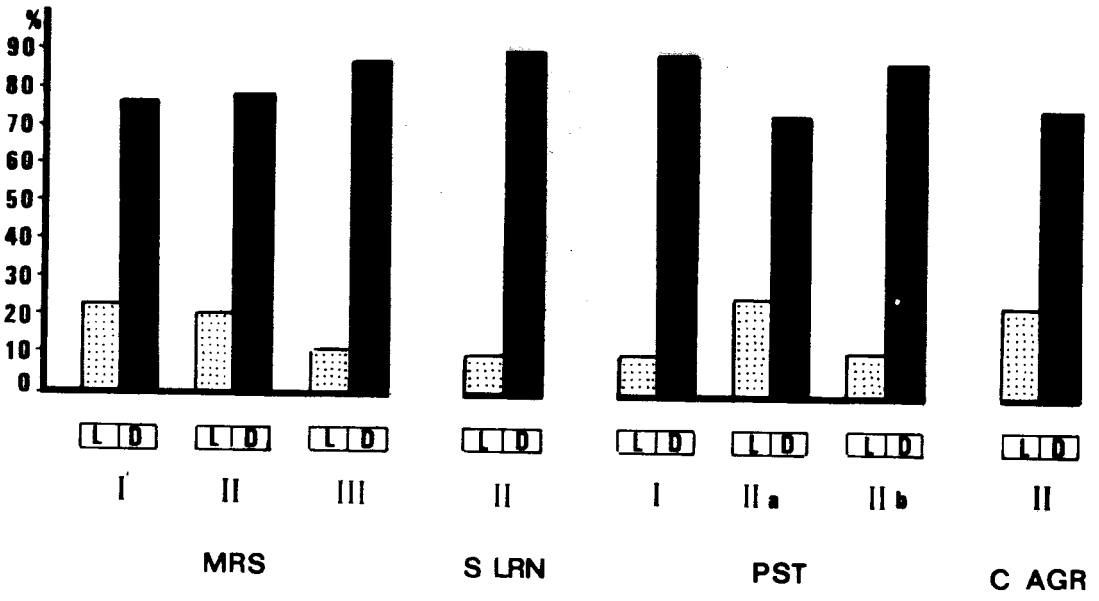

%
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
L D
I
II
III
II
I
II a
II b
II
MRS
S LRN
PST
C AGR

Fig. 9

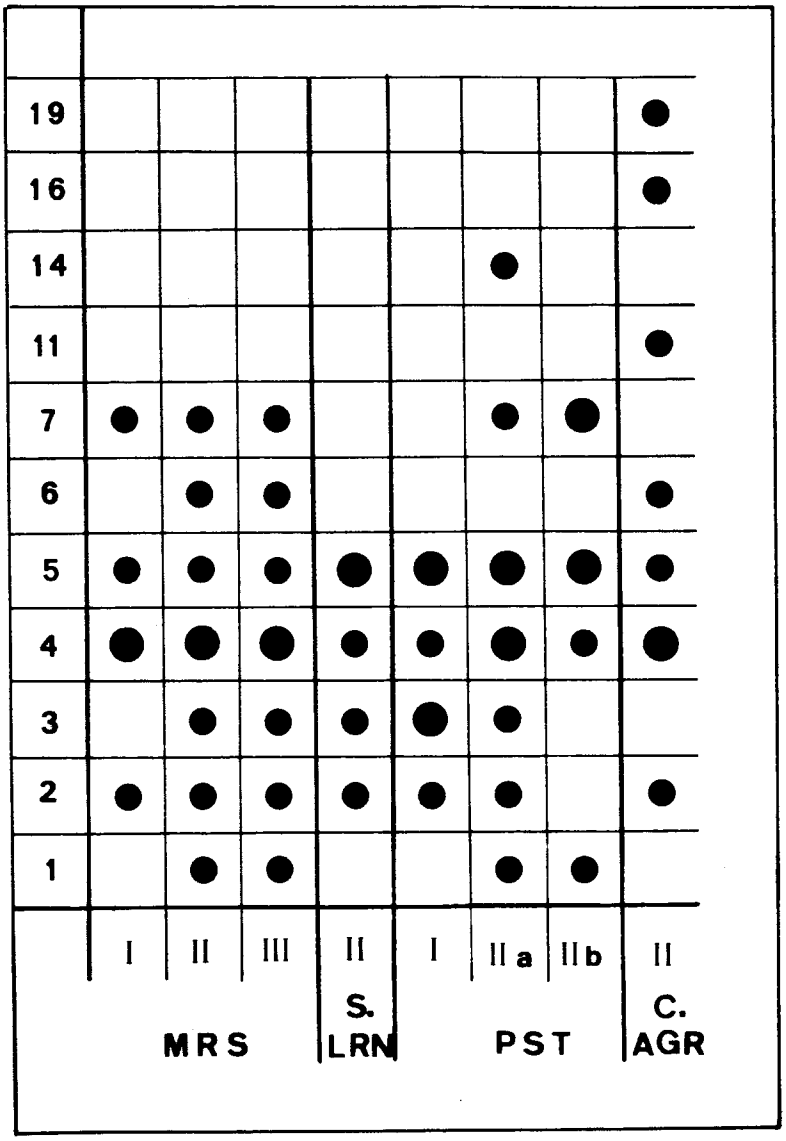


Fig. 10

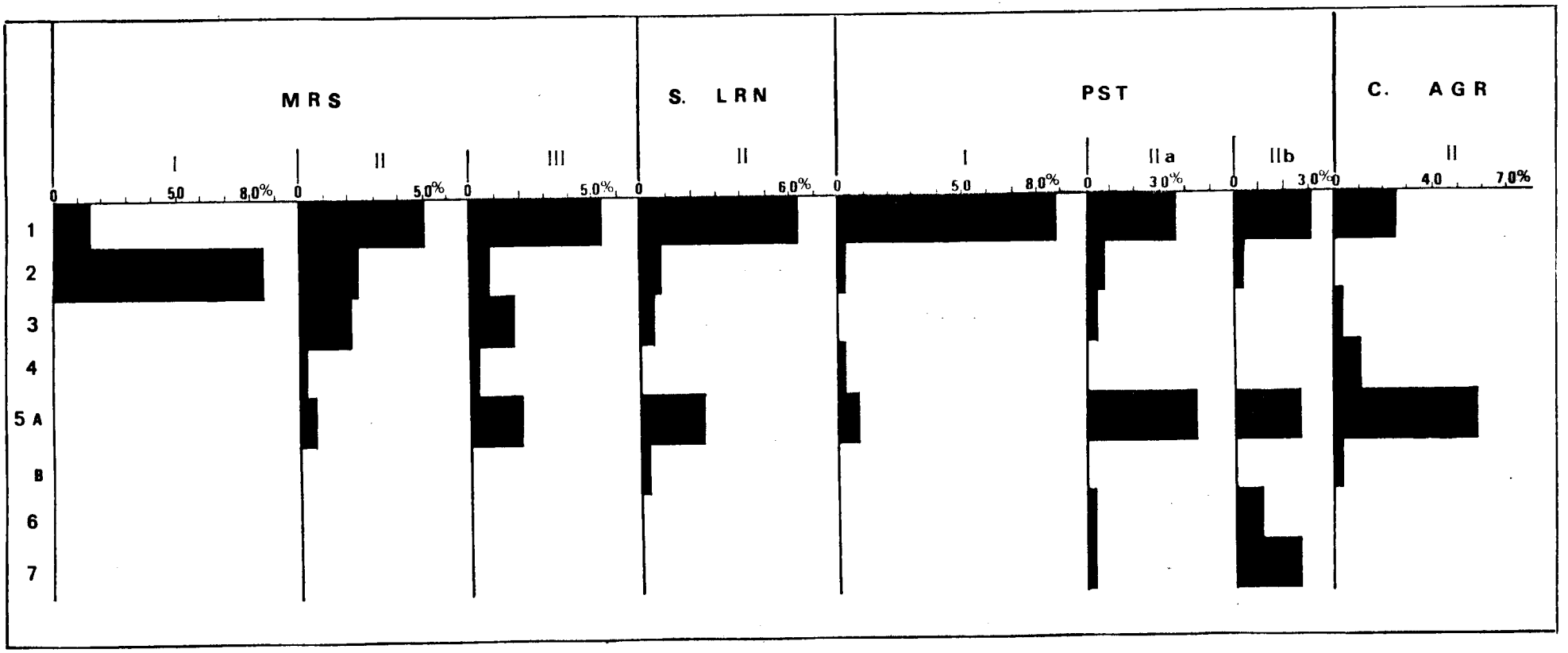

MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
II a
II b
II
0
5,0
8,0%
0
5,0%
0
5,0%
0
6,0%
0
5,0
8,0%
0
3,0%
0
3,0%
0
4,0
7,0%
1
2
3
4
5 A
B
6
7

Fig. 11

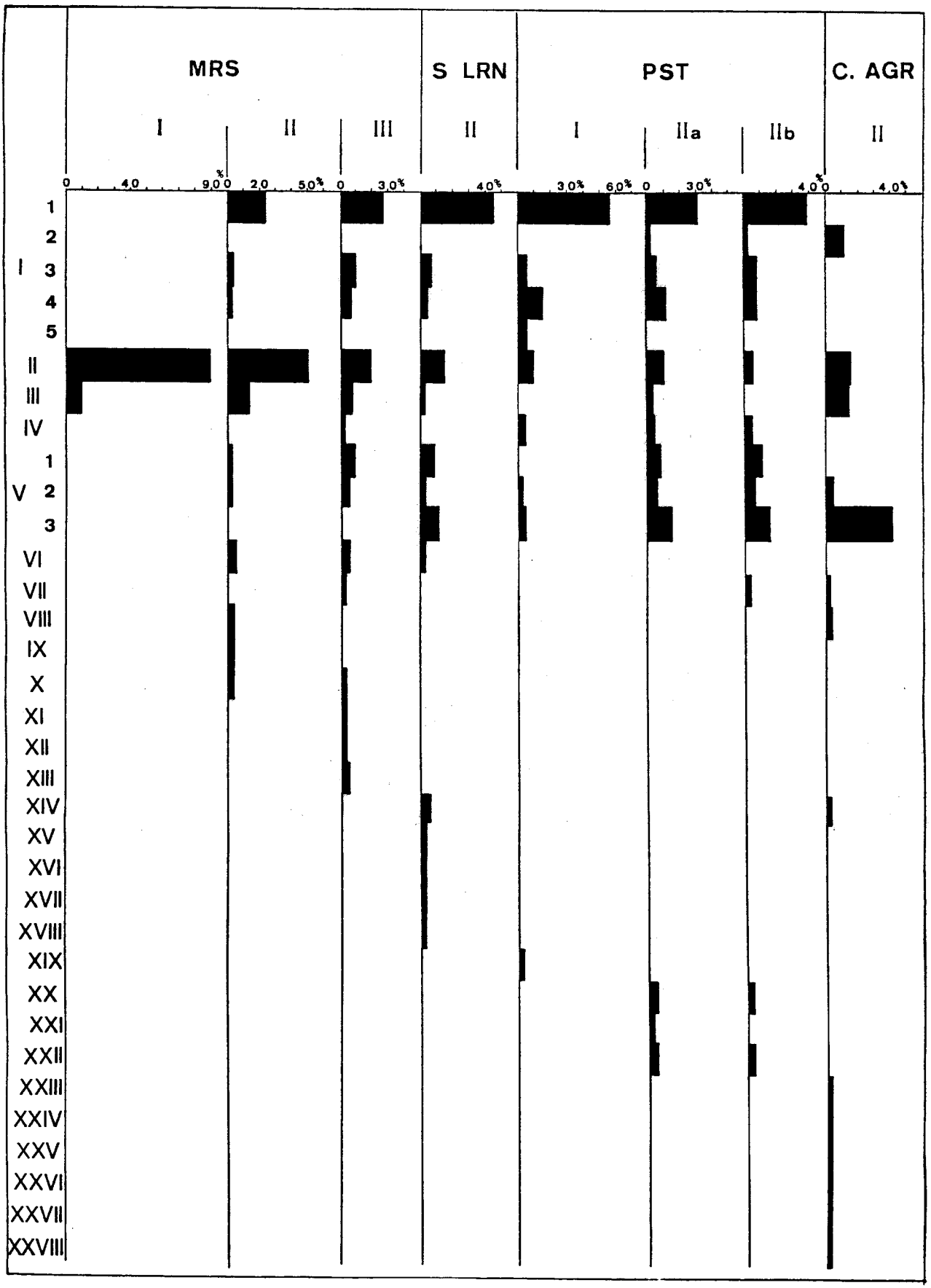

MRS
S LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
IIa
IIb
II
0 4,0 9,0 %
0 2,0 5,0 %
0 3,0 %
4,0 %
3,0 6,0 %
0 3,0 %
4,0 %
0 4,0 %
I 1 2 3 4 5
II
III
IV
V 1 2 3
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
XXI
XXII
XXIII
XXIV
XXV
XXVI
XXVII
XXVIII

Fig. 12

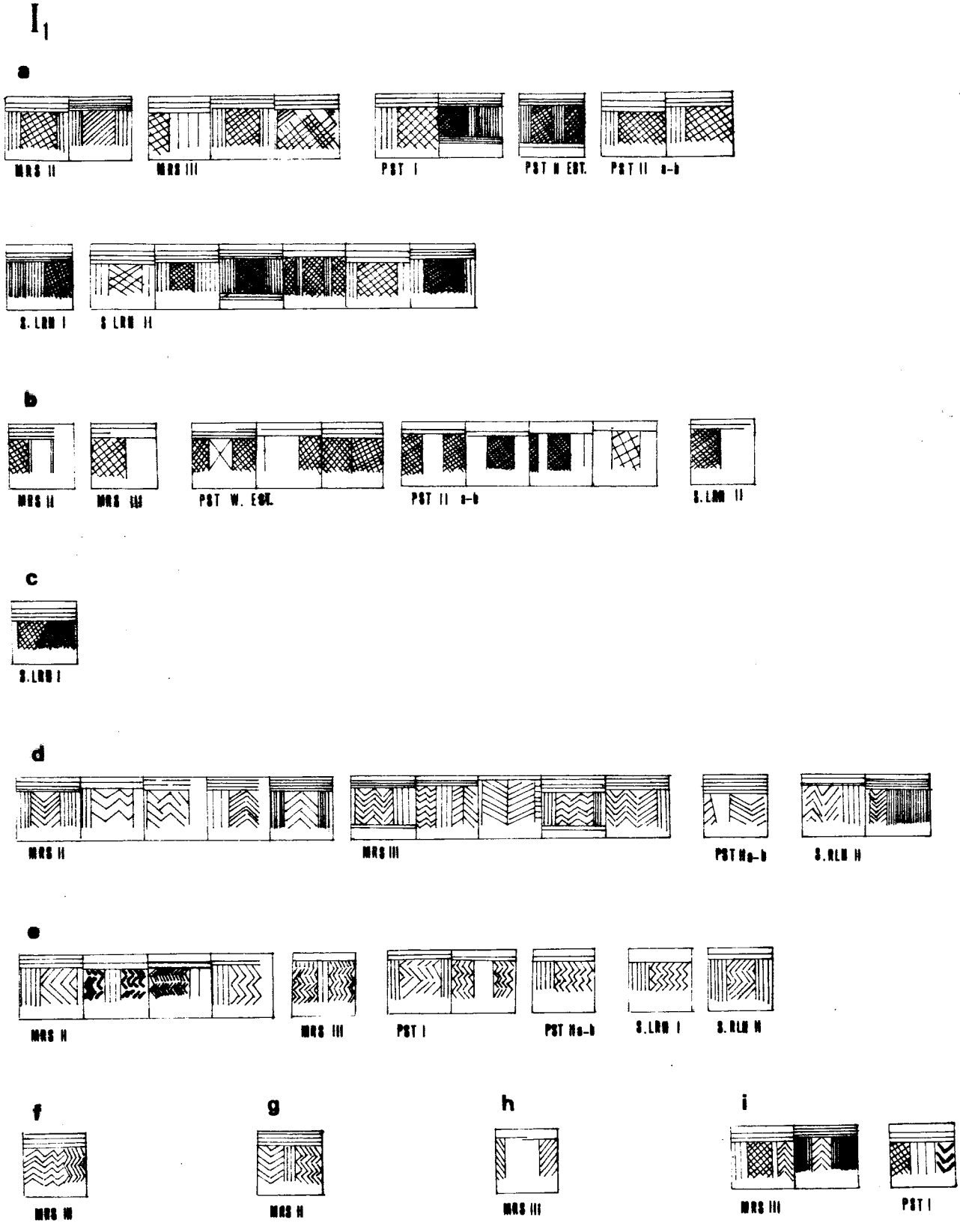

I1
a
MRS II
MRS III
PST I
PST II EST.
PST II a-b
S. LRH I
S LRH II
b
MRS II
MRS III
PST W. ESC.
PST II a-b
S. LRH II
c
S.LRH I
d
MRS II
MRS III
PST IIa-b
S.RLH II
e
MRS II
MRS III
PST I
PST IIa-b
S.LRH I
S.RLH II
f
MRS II
g
MRS II
h
MRS III
i
MRS III
PST I

Fig. 13

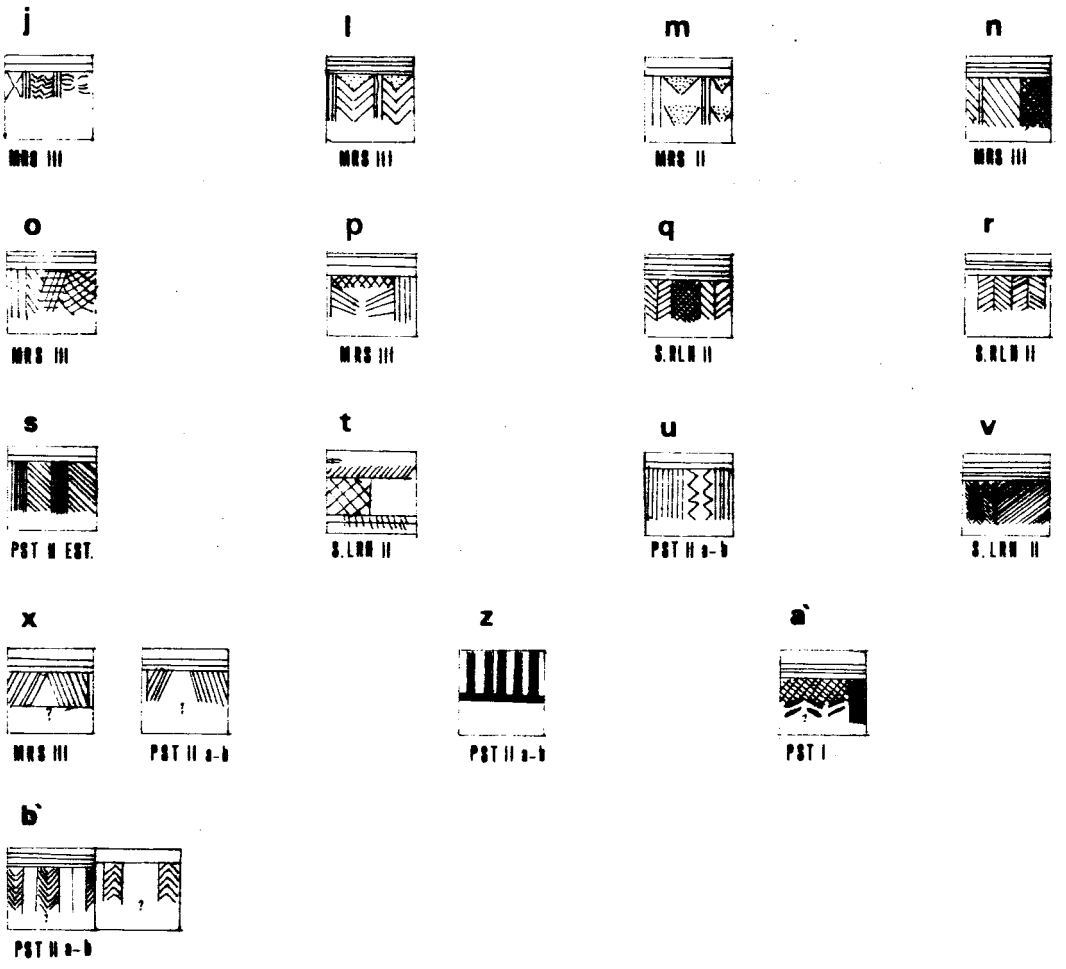

I1
j
MRS III
l
MRS III
m
MRS II
n
MRS III
o
MRS III
p
MRS III
q
S.RLN II
r
S.RLN II
s
PST II EST.
t
S.LRN II
u
PST II a-b
v
S.LRN II
x
MRS III
PST II a-b
z
PST II a-b
a`
PST I
b`
PST II a-b

Fig. 14

Poderemos, com base na valorização dos níveis habitacionais que integram maior número de variantes deste tipo decorativo, sugerir a hipótese duma aproximação estilística mais acentuada entre MRS II, III, S.LRN II, PST I, IIa e IIb. A *complexificação* deste padrão, através da compartimentação do espaço decorado em linhas separadoras horizontais e verticais, só se verifica em MRS III, PST (a Norte do Estradão) e S.LRN II.

A organização I_2 também inclui um *padrão metopado*, embora utilize exclusivamente a *técnica da impressão "penteada"*. Os motivos são mais simples do que os de I_1 (linhas verticais ou horizontais alternam com espaços sem decoração), estando agrupados em 6 variantes (Fig. 16). Ocorre exclusivamente em PST IIa, b e CST AGR II, onde (nesta última estação) está ausente I_1. Trata-se de um motivo tardio (adentro da hipótese de cronologia relativa considerada), que pode, ou não, coexistir com o tradicional modelo metopado que, eventualmente, o terá inspirado. A variante *a* surge nas duas estações mencionadas.

I_2 ESTAÇÕES / VARIANTES	PST IIa	CST AGR II
a	•	•
b		•
c		•
d		•
e		•

A organização I_3 insere, em sequência horizontal, linhas incisas e "penteadas" simples (dispostas na horizontal) ou desencontradas, formando, por vezes, losangos lisos ou preenchidos com puncionamentos e reticulados. Seleccionaram-se 13 variantes (Fig. 17). Acentue-se que o motivo dos losangos (variante *c*) ocorre particularmente em MRS II, III, S.LRN I e S.LRN II. A variante *e* é comum a 7 níveis habitacionais: MRS II, III, S. LRN II, PST I, IIa, b e PST (a Norte do Estradão). Será de sugerir a hipótese duma semelhança estilística mais acentuada entre MRS II, III e S.LRN II.

I_3 ESTAÇÕES / VARIAÇÕES	MRS		S. LRN		PST			
	II	III	I	II	I	IIa	IIb	N. Est.
a	•	•		•	•			•
b	•							
c	•	•	•	•				
d		•						
e	•	•		•	•	•	•	•
f	•	•						
g		•						
h		•						
i		•						
j				•				
l				•				
m				•				

A organização I_4 admite, em sequência horizontal, linhas incisas (dispostas na vertical) em zigue-zague, ou "folíolos", tendo sido dividida em *7 variantes* (Fig. 18). Regista-se em MRS II, III, S.LRN II, PST I, IIa, b, e a Norte do Estradão, verificando-se uma *significativa homogeneidade estilística* entre as variantes de qualquer dos níveis habitacionais mencionados. Apesar de tudo, a análise comparada das variantes permite-nos aproximar os níveis de PST a N.Estradão, IIa e IIb.

I_4 ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS II	MRS III	S. LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	PST N. Est.	CST AGR II
a	•	•	•	•	•	•	•	•
b							•	
c			•		•	•		
d							•	
e					•	•		•
f					•	•		
g		•						

A organização I_5 integra uma sucessão alternada de faixas horizontais incisas, as quais inserem diferentes temas: "folíolos", linhas horizontais e reticulado; reticulado e zigue-zague vertical; triângulos desencontrados preenchidos com linhas oblíquas; triângulos preenchidos com reticulado e faixas horizontais também preenchidas com reticulado; losangos lisos, linhas de pontos e faixas horizontais preenchidas com reticulado. Foram observadas 6 variantes (Fig. 19). Esta interessante e complexa organização apenas ocorre em PST I e nos Locais 1, 2 e 4, a Norte do Estradão, desta mesma estação.

I_5 ESTAÇÕES / VARIANTES	PST I	PST N. Est.
a	•	
b	•	
c		•
d		•
e		•
f		•

Estes cinco sub-grupos foram aglutinados na mesma organização (I), porque, na verdade, associam dois elementos comuns básicos: predomínio da *incisão* e utilização, em sequência alternada horizontal e vertical (organização metopada), *dos mesmos motivos* (reticulados, zigue-zagues, "folíolos", losangos e triângulos).

A organização *II*, admite, (em sequência horizontal) como motivo básico, o *triângulo*, preenchido com *puncionamentos (simples ou arrastados)* e, em menor número, incisões ou impressões "penteadas". Existe uma gama muito diversificada de variantes - 27 - que articulam o triângulo com outros motivos, na sua maioria, muito simples (Figs. 20,

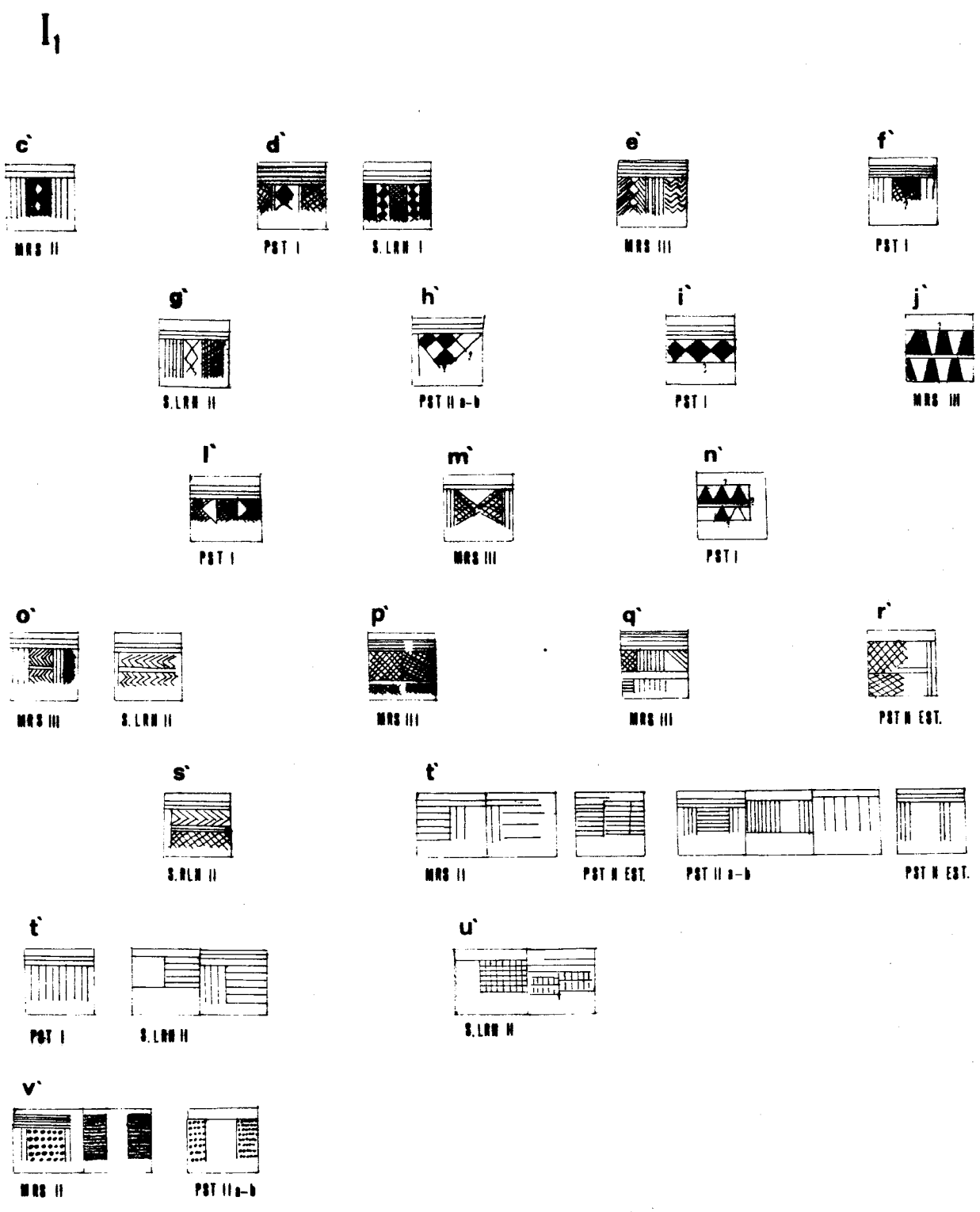

I1
c`
MRS II
d`
PST I
S.LRH I
e`
MRS III
f`
PST I
g`
S.LRH II
h`
PST II a-b
i`
PST I
j`
MRS III
l`
PST I
m`
MRS III
n`
PST I
o`
MRS III
S.LRH II
p`
MRS III
q`
MRS III
r`
PST H EST.
s`
S.RLH II
t`
MRS II
PST H EST.
PST II a-b
PST H EST.
t`
PST I
S.LRH II
u`
S.LRH H
v`
MRS II
PST II a-b

Fig. 15

I_2

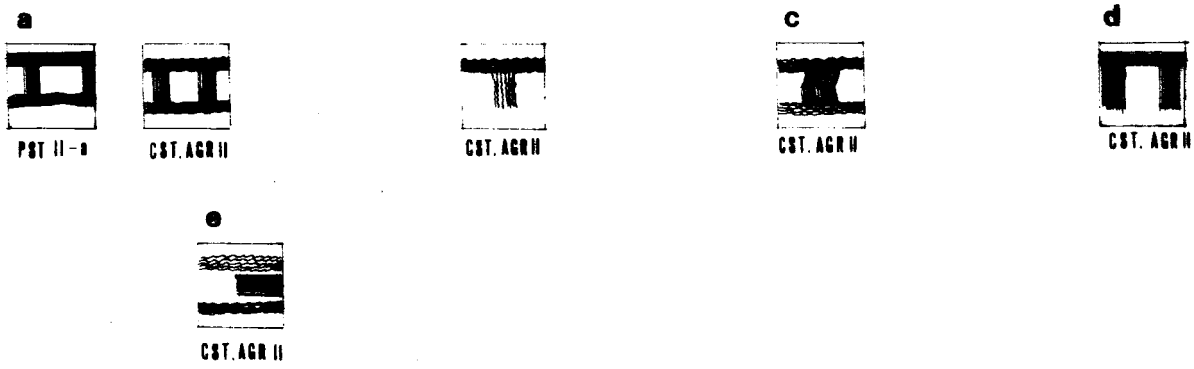

a
PST II - a
CST. AGR II
CST. AGR II
c
CST. AGR II
d
CST. AGR II
e
CST. AGR II

Fig. 16

I_3

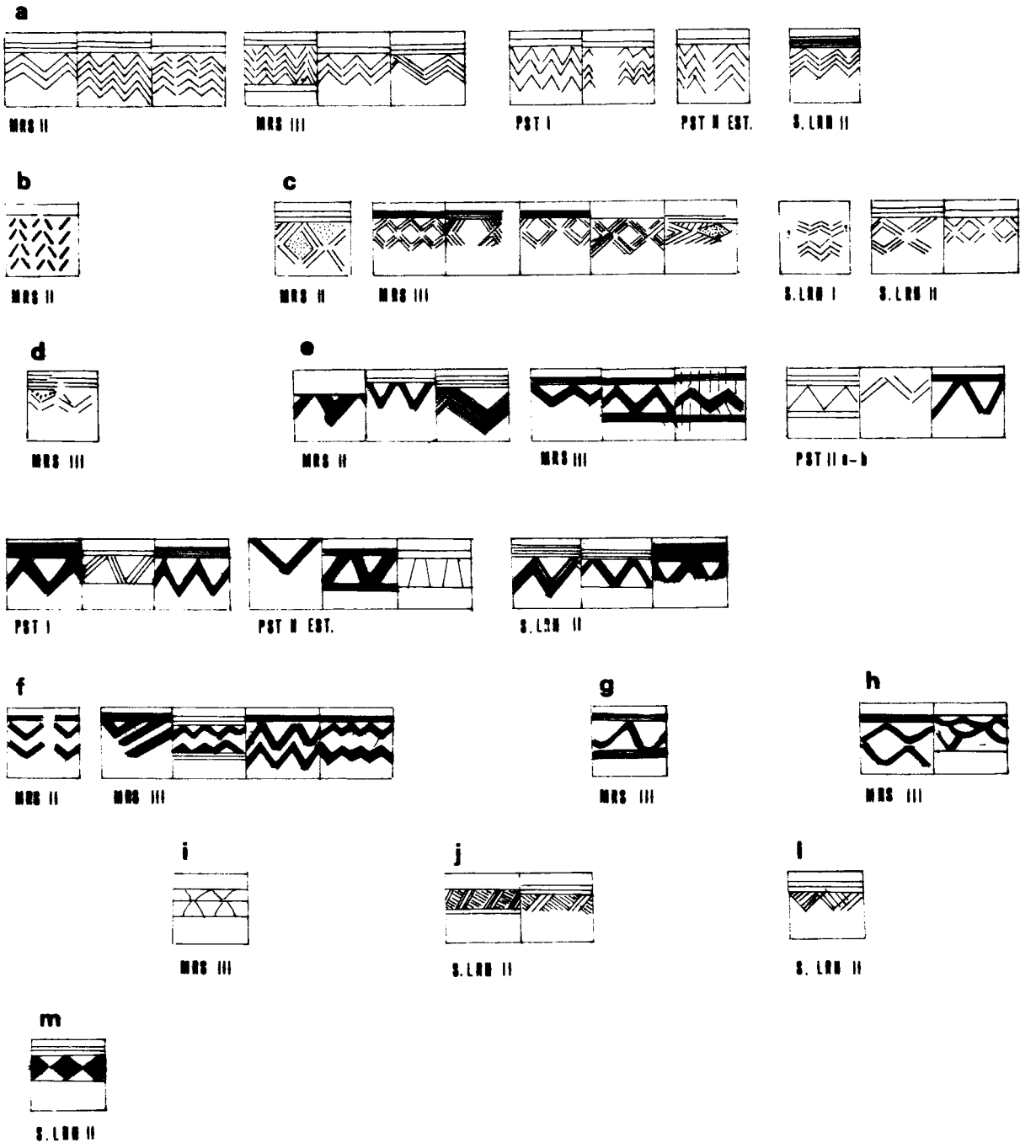

a
MRS II
MRS III
PST I
PST II EST.
S. LRH II
b
MRS II
c
MRS II
MRS III
S. LRH I
S. LRH II
d
MRS III
e
MRS II
MRS III
PST II a-b
PST I
PST II EST.
S. LRH II
f
MRS II
MRS III
g
MRS III
h
MRS III
i
MRS III
j
S. LRH II
l
S. LRH II
m
S. LRH II

Fig. 17

I_4

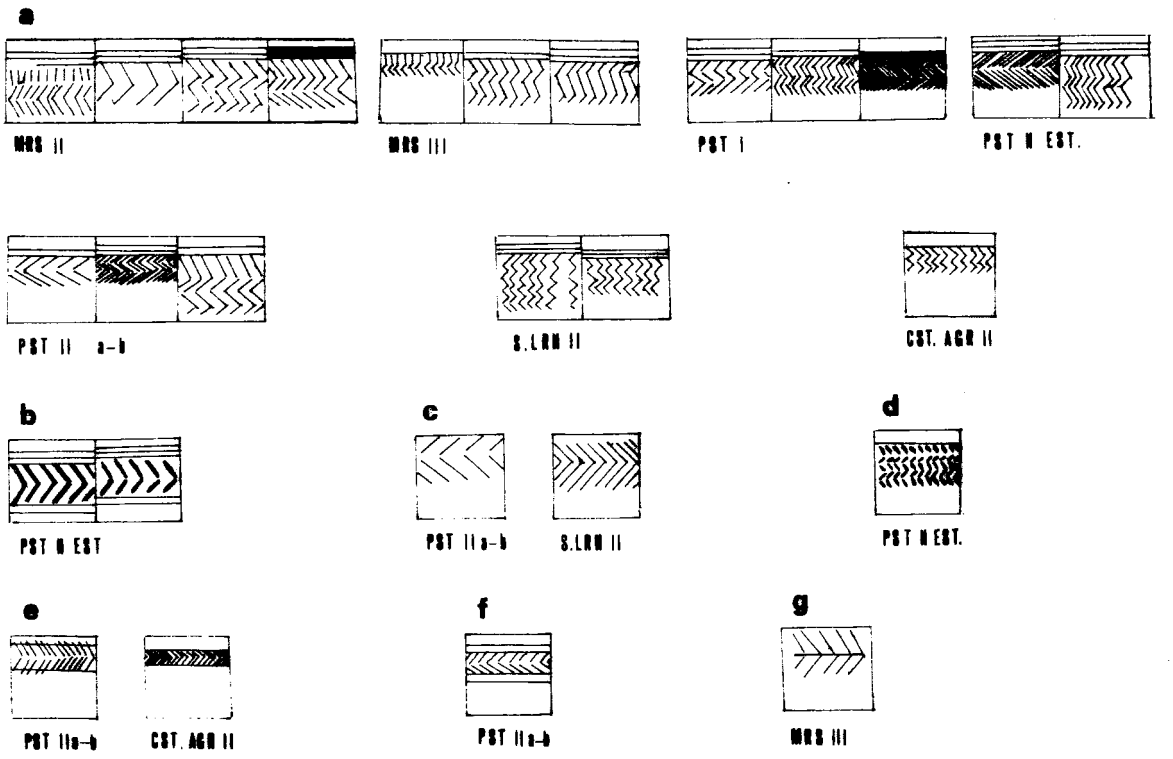

a
MRS II
MRS III
PST I
PST II EST.
PST II a-b
S.LRH II
CST. AGR II
b
PST II EST
c
PST II a-b
S.LRH II
d
PST II EST.
e
PST IIa-b
CST. AGR II
f
PST IIa-b
g
MRS III

Fig. 18

I_5

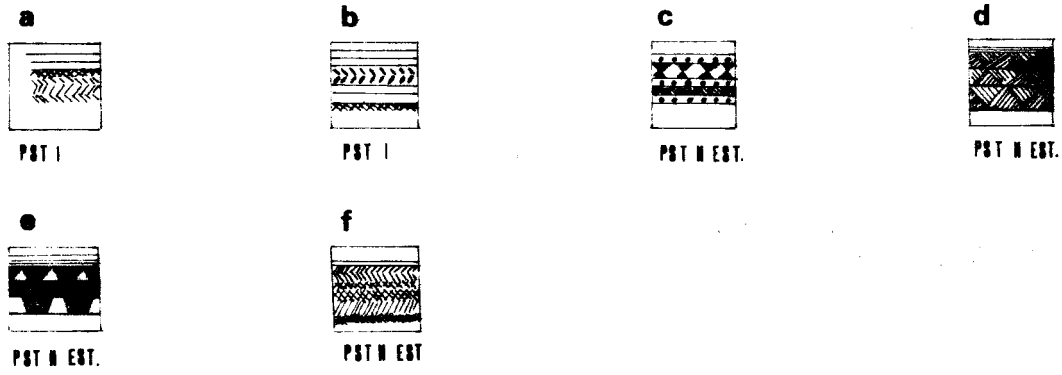


Fig. 19

21, 22). *Esta organização ocorre em todos os níveis habitacionais considerados*, sendo *predominante em MRS I e MRS II*. MRS II, III e CST AGR II apresentam o maior número de variantes (13, 12, 8, respectivamente).

II ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS I	MRS II	MRS III	SLRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	N. Est.	CST AGR II
a	•	•	•	•	•	•	•	•	•
b	•	•	•	•					
c	•	•	•	•					
d	•	•	•	•	•				
e	•	•	•						
f		•	•						
g		•							•
h		•	•		•			•	
i		•	•						
j			•						•
l						•	•		
m						•	•		
n		•							
o		•							
p					•				
q									•
r		•							
s		•							
t			•						
u									•
v									•
x									•
z									•
a'			•						
b'			•						
c'								•	
d'						•	•		

Contudo, à excepção de alguns casos em que tal não acontece, verifica-se numa *extensa rede de relações formais* que une todas as estações, independentemente da sua cronologia. A variante *a* ocorre assim, à excepção de S.LRN I, nos restantes níveis habitacionais.

A organização *III* exprime-se pela feitura de linhas paralelas ao bordo, executadas por incisão ou puncionamento. Foram analisadas 15 variantes (Fig. 23).

Entre as mais complexas, estão as que inserem, por exemplo, linhas oblíquas (*i*) ou "folíolos" (*g*). A solução final é sempre uma *faixa simples* paralela ao bordo. Ocorre em MRS I, II, III, S.LRN II e CST AGR II. À excepção de MRS II, III, onde existe uma notável proximidade estilística, as variantes de S.LRN II e CST AGR II apresentam grandes singularidades. Embora obedecendo a uma mesma ideia geral, revelam específicas fórmulas locais.

III ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS I	MRS II	MRS III	S. LRN II	CST AGR II
a		•	•	•	
b	•		•		•
c		•	•		
d		•	•		•
e		•	•		
f	•	•			
g		•			
h		•			
i					•
j					•
l				•	
m				•	
n		•			
o		•			
p			•		

A organização *IV* é constituída por uma faixa reticulada que abrange, consoante os casos, uma zona sob o bordo ou toda a parte média do vaso. Dividimo-la em 3 variantes (Fig. 24). Ocorre em MRS III, PST I, IIa, IIb, e a Norte do Estradão, níveis onde apresenta uma grande homogeneidade estilística. Em PST IIa e IIb insere as três variantes mencionadas.

IV ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS III	PST I	PST IIa	PST IIb	N. Est.
a	•	•	•	•	•
b			•	•	
c	•		•	•	

Entramos, finalmente, na última organização -*V*- pertencente ao grupo de cinco que constitui o núcleo fundamental das decorações das estações em análise.

A organização V_1 insere preferencialmente linhas "penteadas" rectilíneas, paralelas ao bordo, normalmente seguidas de linhas "penteadas" curvilíneas. Mas também pode integrar duas faixas horizontais de linhas curvilíneas, separadas por um espaço não decorado (*i*). Elegemos *9 variantes* (Fig. 25). Pode ocorrer uma sucessão apertada de séries de linhas "penteadas" sob o bordo, de forma a resultar numa faixa larga, paralela àquele (*d* ou *f*). Ocorre em MRS I, III, S.LRN II, PST I, IIa, b, a Norte do Estradão, e CST AGR I e II. Verificam-se semelhanças estilísticas preferenciais, por um lado, entre MRS III, S.LRN II, e, por outro, entre PST IIa e IIb.

II

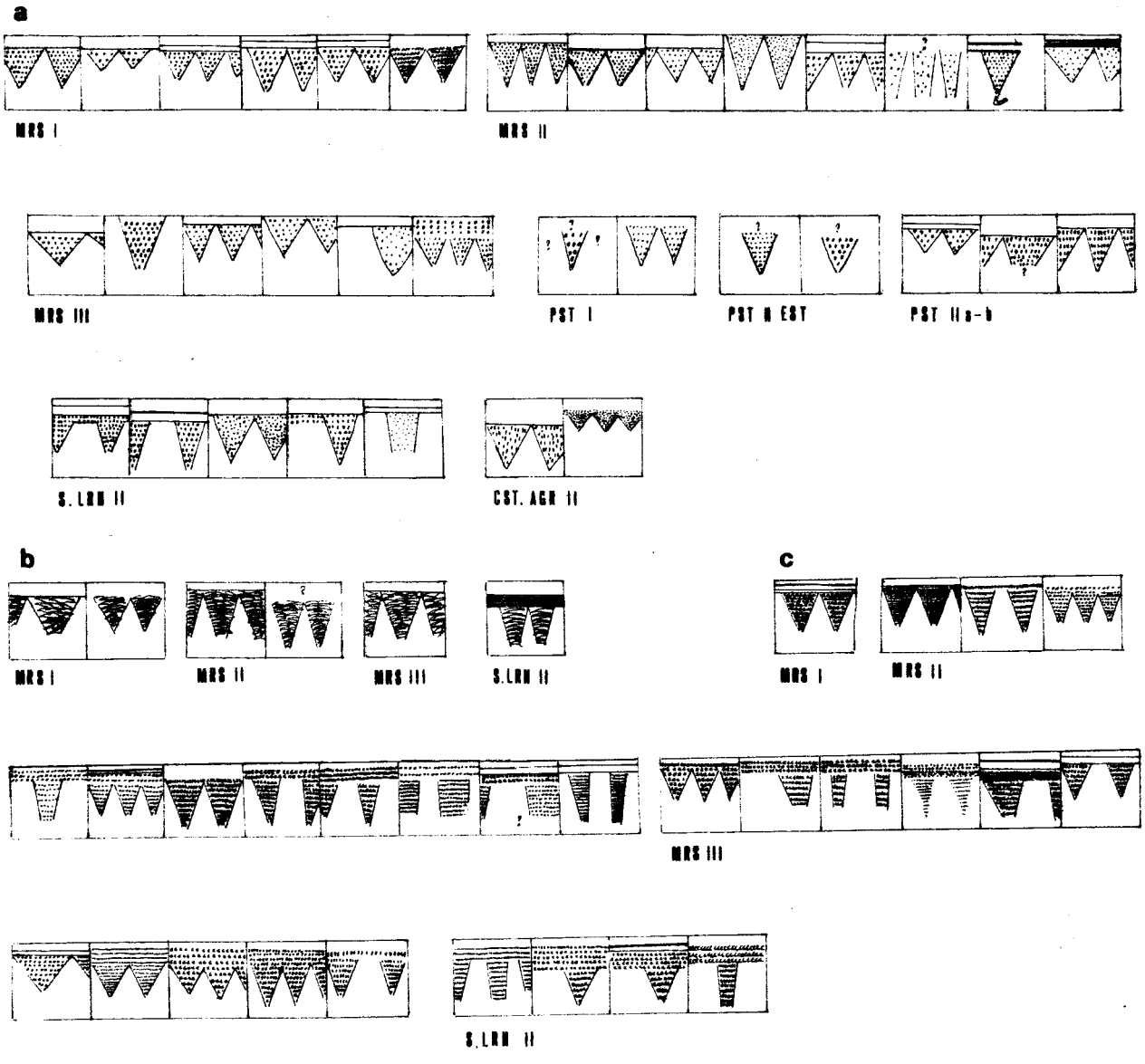

a
MRS I
MRS II
MRS III
PST I
PST II EST
PST IIa-b
S.LRH II
CST. AGR II
b
MRS I
MRS II
MRS III
S.LRH II
c
MRS I
MRS II
MRS III
S.LRH II

Fig. 20

II

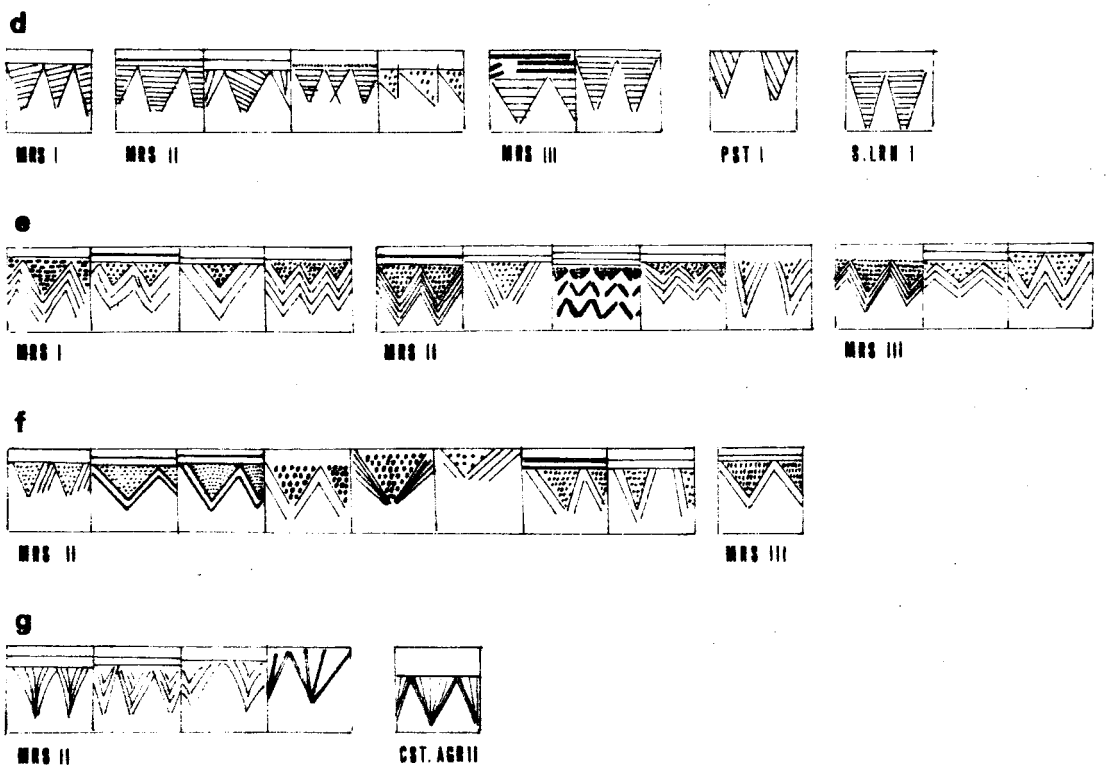

d
MRS I
MRS II
MRS III
PST I
S.LRM I
e
MRS I
MRS II
MRS III
f
MRS II
MRS III
g
MRS II
CST. AGR II

Fig. 21

II

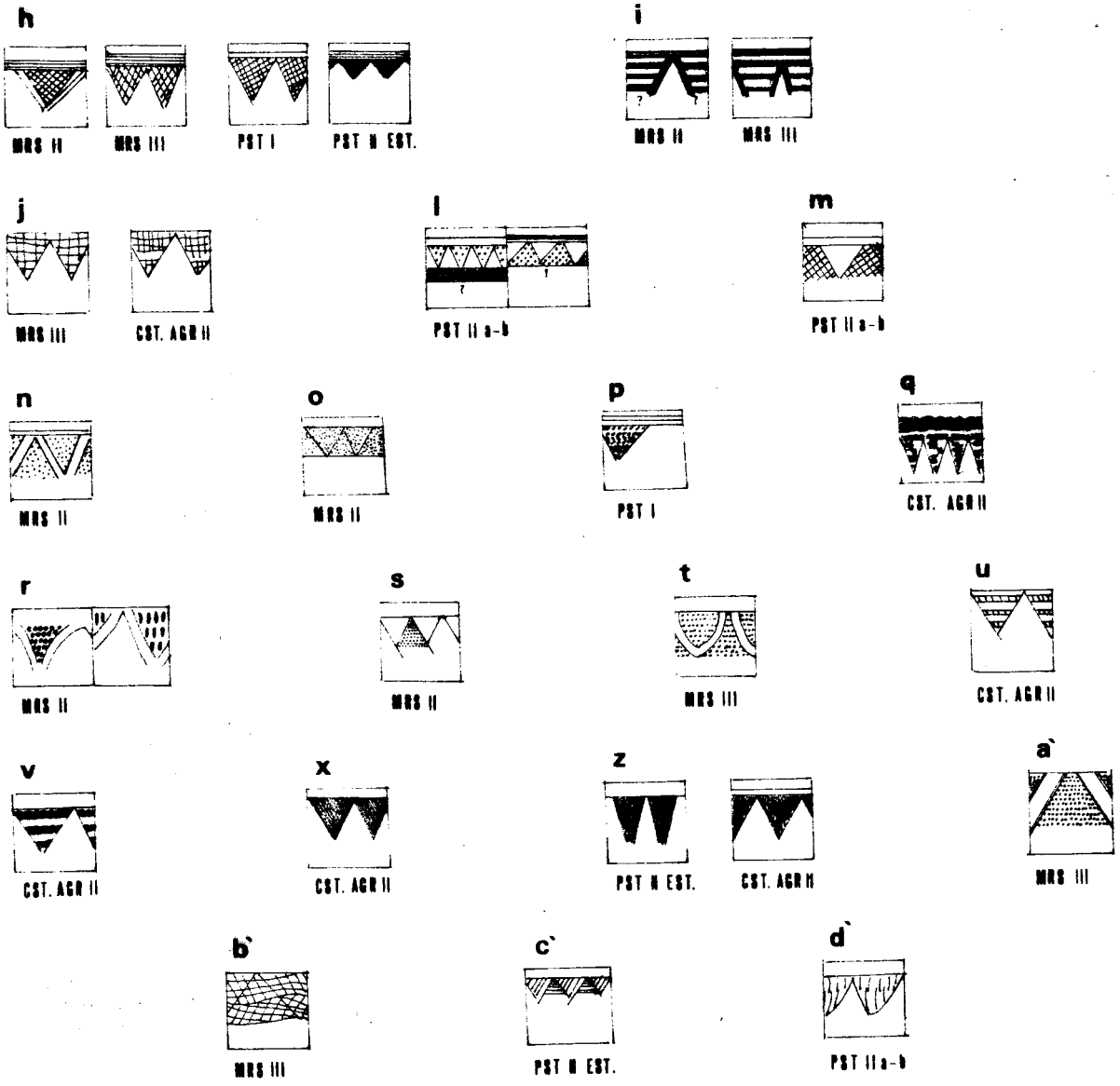

h
MRS II
MRS III
PST I
PST II EST.
i
MRS II
MRS III
j
MRS III
CST. AGR II
l
PST II a-b
m
PST II a-b
n
MRS II
o
MRS II
p
PST I
q
CST. AGR II
r
MRS II
s
MRS II
t
MRS III
u
CST. AGR II
v
CST. AGR II
x
CST. AGR II
z
PST II EST.
CST. AGR II
a`
MRS III
b`
MRS III
c`
PST II EST.
d`
PST II a-b

Fig. 22

III

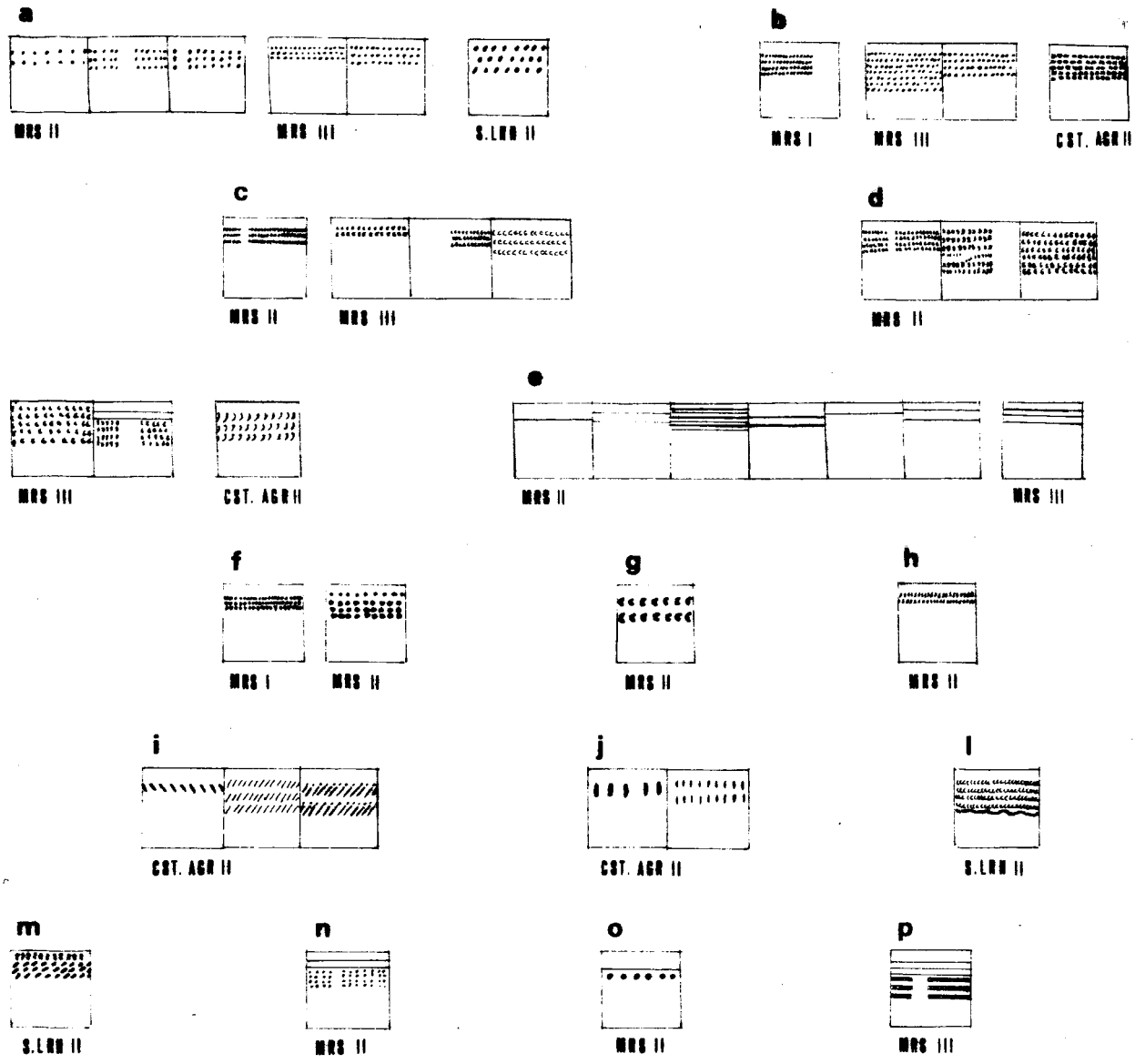
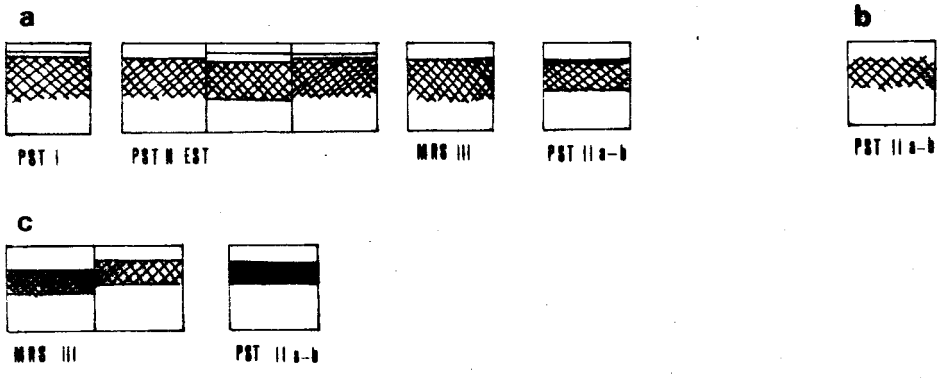

a
MRS II
MRS III
S.LRN II
b
MRS I
MRS III
CST. AGR II
c
MRS II
MRS III
d
MRS II
MRS III
CST. AGR II
e
MRS II
MRS III
f
MRS I
MRS II
g
MRS II
h
MRS II
i
CST. AGR II
j
CST. AGR II
l
S.LRN II
m
S.LRN II
n
MRS II
o
MRS II
p
MRS III

Fig. 23

IV



V_1 ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS		S.LRN		PST			N	CST AGR	
	II	III	I	II	I	IIa	b	N. Est.	I	II
a		•		•		•	•			
b	•									
c		•				•	•			
d		•		•						
e		•				•	•	•		
f						•	•			
g				•						
h		•								
i		•		•	•			•	•	•

A organização V_2, muito simples, constrói, sob o bordo, uma única faixa de linhas "penteadas", curvilíneas ou rectilíneas. Foram registadas 5 variantes (Fig. 26).

Verifica-se esta organização nos níveis de MSR II, III, S.LRN II, PST I, IIa, IIb, a Norte do Estradão, e de CST AGR II, onde apresenta um elevado índice de homogeneidade estilística.

V_2 ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS		S.LRN	PST			N.	CST AGR
	II	III	II	I	IIa	b	Est.	II
a	•	•	•	•	•		•	•
b								•
c							•	
d					•	•		
e					•	•		

A organização V_3 é constituída por faixas de linhas "penteadas" curvilíneas ou rectilíneas, alternadas com faixas sem decoração. A alternância entre faixa decorada e não decorada é ressaltada pelo polimento intenso das superfícies não decoradas, que assim contrastam intensamente com as que apresentam decoração "penteada". Podem também ocorrer faixas preenchidas com linhas incisas (oblíquas ou em espiga) (i, j), delimitadas também por linhas incisas, que alternam com faixas sem decoração. Esta variante ocorre em CST AGR II. Foram observadas 11 variantes (Fig. 27). *Entre S.LRN II, PST IIa, IIb e CST AGR II existem relações estilísticas muito significativas.*

V_3 ESTAÇÕES / VARIANTES	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST b	PST H. Est.	CST AGR II
a	•		•	•	•	•
b	•		•	•	•	•
c			•	•		•
d	•					
e		•	•	•	•	•
f	•					•
g	•			•	•	•
h						•
i						•
j						•
l						•

Tal como já havíamos verificado a propósito das técnicas decorativas, observámos também, relativamente às principais organizações decorativas, a existênica de três situações distintas, em função da predominância de uma organização decorativa específica em cada nível habitacional: - predominância da *organização II* (acompanhada da III, I_1, I_3, I_4) em MRS I e II; - *predominância da organização* I_1 (acompanhada da I_2, I_3, I_5, III, IV, V_1, V_2, V_3) em MRS III, S.LRN II, PST I, IIa e IIb; - *predominância da* V_3 (acompanhada da I_2, III, IV e V_2) em CST AGR II.

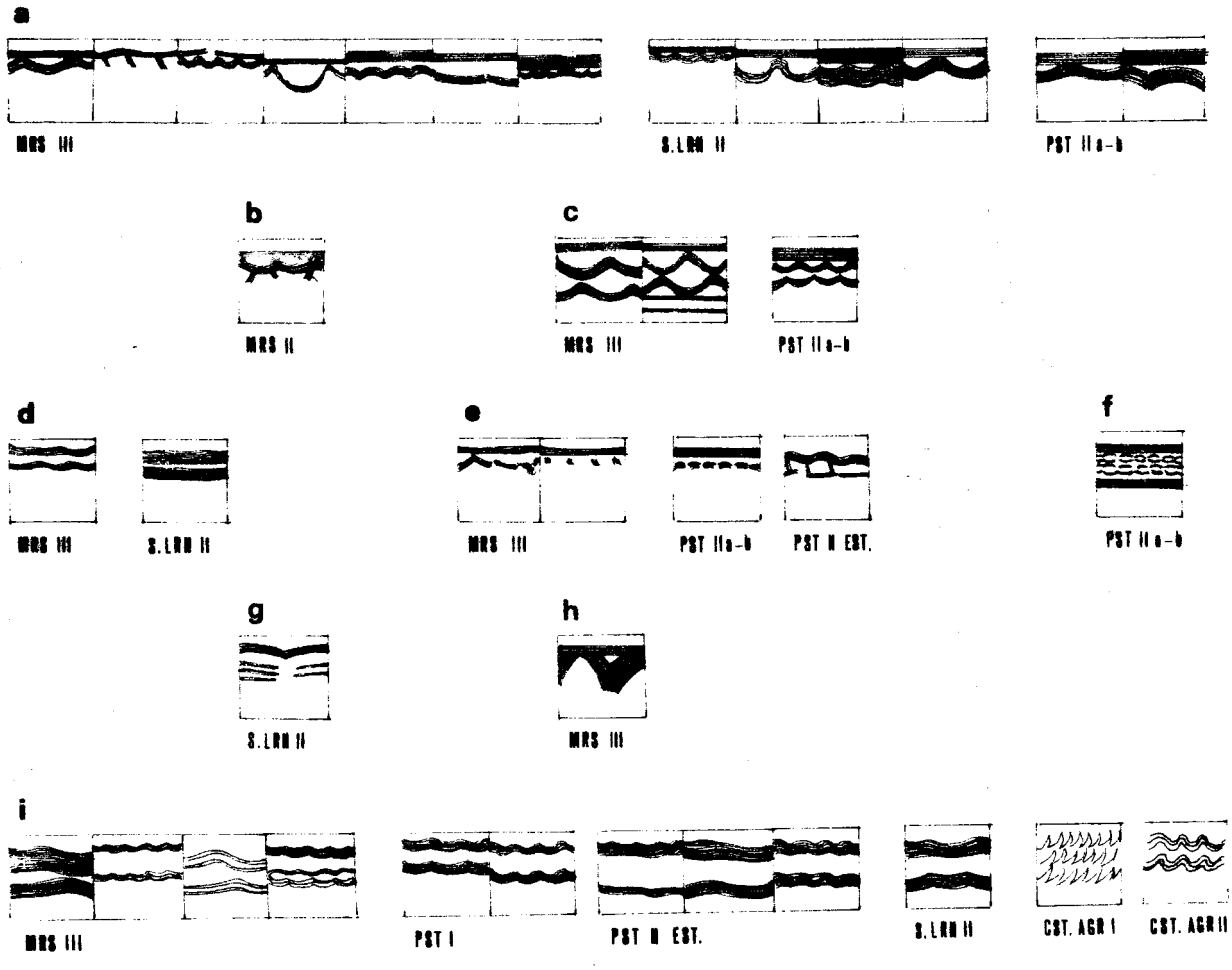
Porque existe parcial coincidência entre as principais técnicas e organizações decorativas (o puncionamento predomina na organização II, a incisão na I_1 e a impressão "penteada" na V_3), estas três situações também se verificam em níveis habitacionais que se sucedem, genericamente, no tempo. Convém notar, todavia, a existência, em todas estas estações, *da organização II*, que se deve destacar como um modelo decorativo de grande *estabilidade estilística* ao longo da sequência temporal considerada.

Entre as restantes organizações decorativas, de expressão muito menos significativa, salientam-se as seguintes: *VI, XVIII, XX, XXII, XXVI e XXVII* (Fig. 28).

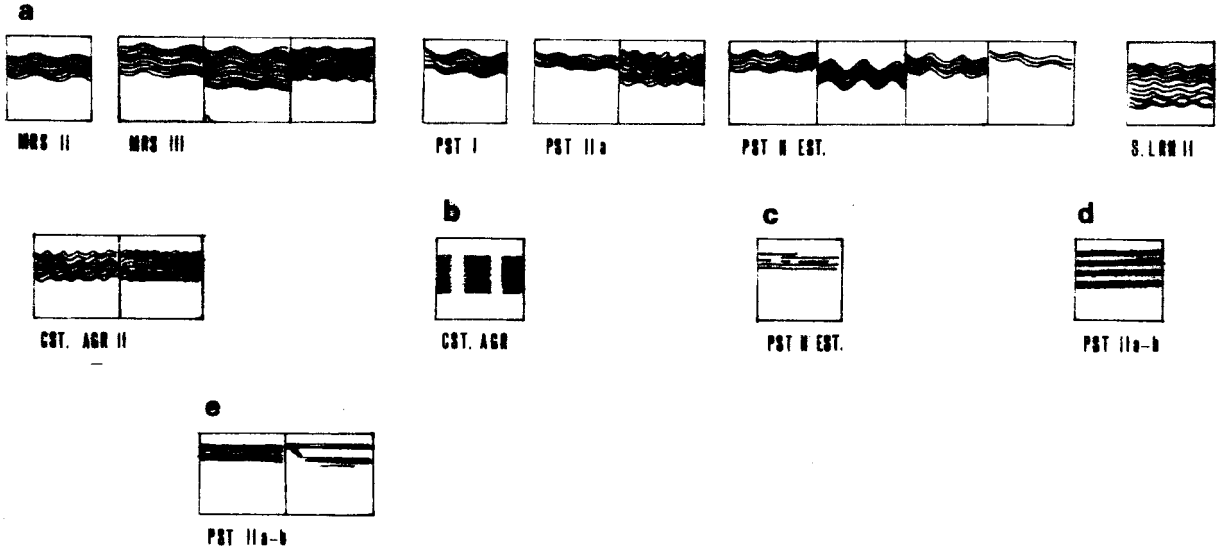
A organização *VI* insere "*grinaldas*" sob o bordo, realizadas com *puncionamento arrastado*. Seleccionámos 6 variantes (Fig. 28). Ocorre em MRS II, III e S.LRN I e II, verificando-se maior número de variantes em MRS II e III.

VI ESTAÇÕES / VARIANTES	MRS II	MRS III	S. LRN I	S. LRN II
a		•		
b	•			
c	•	•		•
d	•		•	
e				•
f		•		

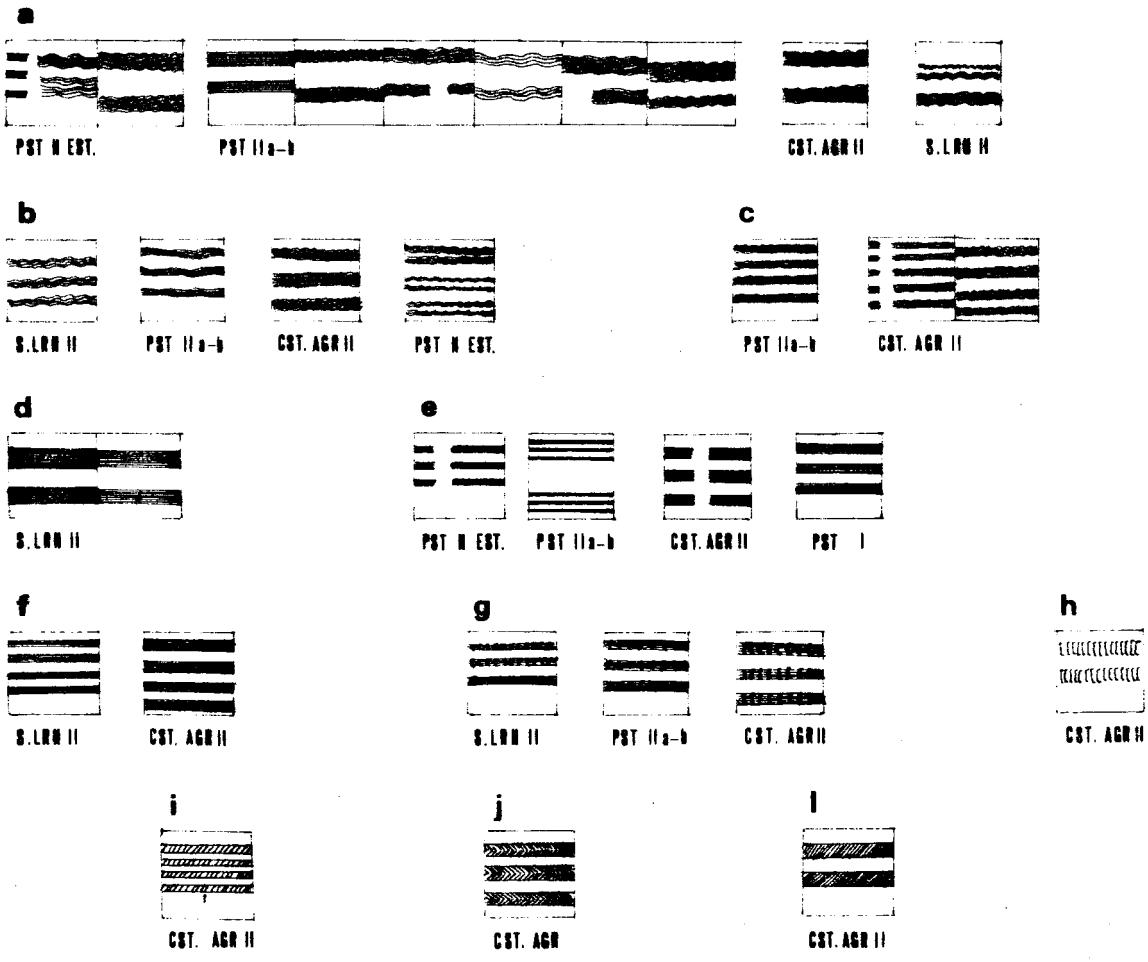
V_1


a
MRS III
S.LRN II
PST II a-b
b
MRS II
c
MRS III
PST II a-b
d
MRS III
S.LRN II
e
MRS III
PST II a-b
PST II EST.
f
PST II a-b
g
S.LRN II
h
MRS III
i
MRS III
PST I
PST II EST.
S.LRN II
CST. AGR I
CST. AGR II

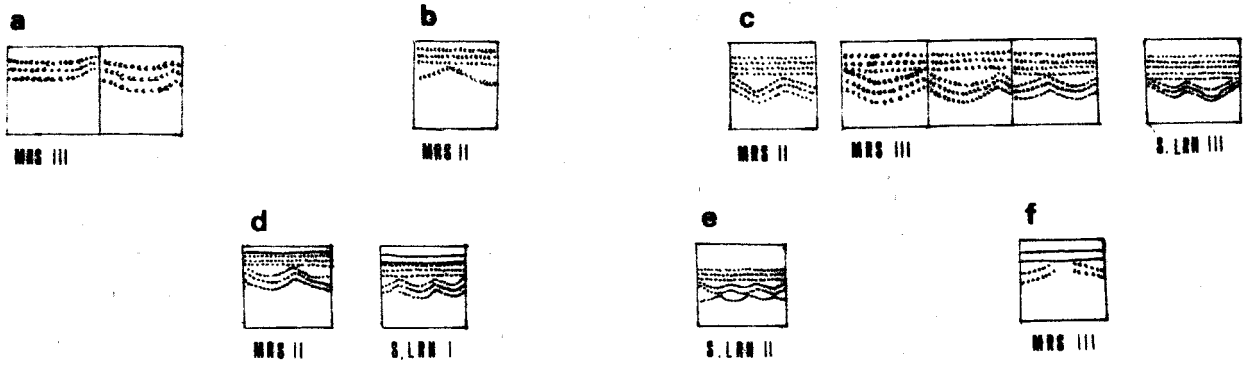
V_2


a
MRS II
MRS III
PST I
PST II a
PST II EST.
S. LRN II
CST. AGR II
b
CST. AGR
c
PST II EST.
d
PST IIa-b
e
PST IIa-b

V_3


a
PST II EST.
PST IIa-b
CST. AGR II
S.LRN II
b
S.LRN II
PST IIa-b
CST. AGR II
PST II EST.
c
PST IIa-b
CST. AGR II
d
S.LRN II
e
PST II EST.
PST IIa-b
CST. AGR II
PST I
f
S.LRN II
CST. AGR II
g
S.LRN II
PST IIa-b
CST. AGR II
h
CST. AGR II
i
CST. AGR II
j
CST. AGR
l
CST. AGR II

VI



XVIII



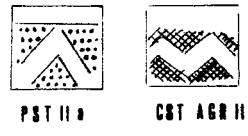
XX



XXII



XXVI



XXVII



A organização *XVIII*, integra o *motivo oculado*, utilizando a incisão e o puncionamento arrastado. Verifica-se em S.LRN II. A organização *XX*, inclui diversas variantes com *impressão campaniforme*, todas descobertas em PST IIa, b.

A organização *XXI* inclui a *decoração plástica*, materializada na existência de *cordões com impressões digitais* sob o bordo. Registou-se em PST IIa.

A organização *XXVI* integra uma *banda lisa, incisa, em zigue-zague, quer sobre fundo reticulado, quer sob fundo pontilhado*. Ocorre em CST AGR II e PST, a Norte do Estradão. A organização *XXVII* é constituída por um tema em "xadrez", no qual se destacam quadrados preenchidos a pontilhado, alguns dos quais denotando vestígios de incrustração de pasta branca. Também foi registada em CST AGR II. Estes dois últimos modelos, muito próximos da estilística campaniforme, são, assim, provavelmente contemporâneos daquela cerâmica, embora em CST AGR II esta não tenha sido detectada.

A decoração plástica e a campaniforme (ou afim) ocorrem, assim, nos níveis habitacionais mais recentes da Pastoria e em Castelo de Aguiar (nível II).

. Realizaram-se diversos testes de χ^2 (teste de significância não-paramétrico) para calcular *a variabilidade das frequências obtidas por diversos conjuntos de organizações decorativas* (número de exemplares cerâmicos nos quais foi possível identificar as respectivas organizações) *em vários níveis habitacionais* (*).

A -

	MRS II	MRS III
I_1	55	96
3	9	33
4	2	27
II	115	68
V_1	2	35
2	2	23

χ^2 *observado* - *89.18*
χ^2 *esperado* - *15.086* (nível de significância *0,01*)

	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb
I_1	55	96	54	37	23	13
3	9	33	7	3	3	3
4	2	27	4	10	8	3
II	115	68	18	6	7	2
V_1	2	35	11	1	10	7

χ^2 *observado* - *138.07*
χ^2 *esperado* - *37.566* (nível significância *0,01*)

(*) Não foram insertos os exemplares de S.LRN I, CST AGR I e PST a N. do Estradão. Nos dois primeiros casos, devido à pequena amostragem em presença, no segundo caso, devido às dificuldades encontradas na articulação estratigráfica destes sectores com os níveis detectados em L.3 (PST I, IIa, b).

Nesta série, verificam-se *grandes diferenças entre as médias das organizações observadas nos níveis habitacionais considerados.*

B -

	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb
I_1	55	96	54	37	23	13
3	9	33	7	3	3	3
4	2	27	4	10	8	3

χ^2 *observado* - *26.59*
χ^2 *esperado* - *23.209* (nível de significância *0,01*)

	S.LRN. II	CST AGR II
II	18	9
V_3	13	34

χ^2 *observado* - *10.68*
χ^2 *esperado* - *6.635* (nível de significância *0,01*)

	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
II	18	6	7	2	9
V_3	13	3	11	7	34

χ^2 *observado* - *14.65*
χ^2 *esperado* - *13.277* (nível de significância *0,01*)

	MRS III	S.LRN II
I_1	96	54
3	33	7
4	27	4
II	68	18
V_1	35	11
2	23	1

χ^2 *observado* - *19.47*
χ^2 *esperado* - *15.086* (nível de significância *0,01*)

	MRS III	S.LRN II	PST I
I_1	96	54	37
3	33	7	3
4	27	4	10
II	68	18	6
V_1	35	11	1

χ^2 *observado* - *32.95*
χ^2 *esperado* - *20.09* (nível de significância *0,01*)

	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb
I_1	54	37	23	13
3	7	3	3	3
4	4	10	8	3
II	18	6	7	2
V_1	11	1	10	7
3	13	3	11	7

χ^2 *observado* - *39.49*
χ^2 *esperado* - *30.578* (nível de significância *0,01*)

Nesta série, embora *se verifique uma pequena diferença entre as médias das organizações observadas nos diferentes níveis habitacionais*, ela não é tão significativa como a registada na série A.

C -

	MRS II	MRS III	S.LRN II
V_1	2	35	11
2	2	23	1

χ^2 *observado* - *4.56*
χ^2 *esperado* - *13.277* (nível de significância *0,01*)

	S.LRN II	C.AGR II
V_2	1	4
V_3	13	34

χ^2 *observado* - *0.11*
χ^2 *esperado* - *6.635* (nível de significância *0,01*)

	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIB
II	18	6	7	2
V_3	13	3	11	7

χ^2 *observado* - *5.43*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0,01*)

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II
II	18	115	68	18
III	2	30	27	3

χ^2 *observado* - *4.79*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0,01*)

	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb
I_1	96	54	37	23	13
3	33	7	3	3	3
4	27	4	10	8	3

χ^2 *observado* - *13.53*
χ^2 *esperado* - *20.09* (nível de significância *0,01*)

	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR
II	6	7	2	9
V_3	3	11	7	34

χ^2 *observado* - *8.29*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0,01*)

	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
II	7	2	9
V_3	11	7	34

χ^2 *observado* - *2.18*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0,01*)

	PST IIa	S.LRN II
I_1	23	54
3	3	7
4	8	4
II	7	18
V_1	10	11
3	11	13

χ^2 *observado* - *9.07*
χ^2 *esperado* - *15.086* (nível de significância *0,01*)

	PST I	S.LRN II
I_1	37	54
3	3	7
4	10	4
II	6	18
V_1	1	11
3	3	13

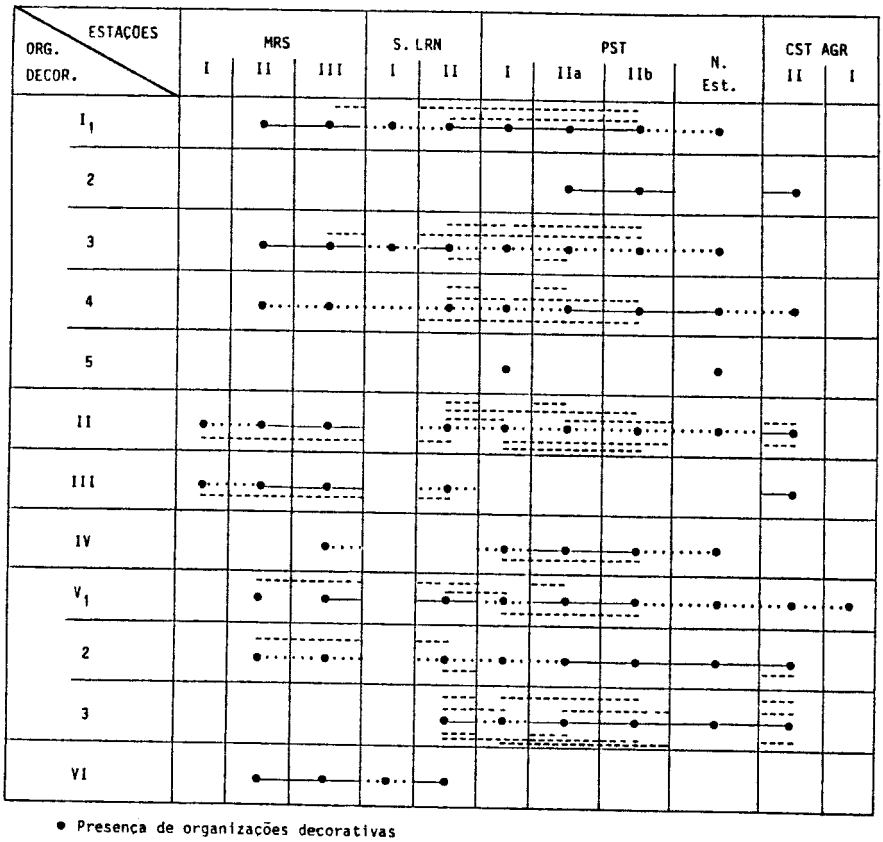
χ^2 *observado* - *15.03*
χ^2 *esperado* - *15.086* (nível de significância *0,01*)

	PST I	PST IIa	PST IIb
I_1	37	23	13
3	3	3	3
4	10	8	3
II	6	7	2
IV	3	3	2
V_1	1	10	7
3	3	11	7

χ^2 *observado* - *23.086*
χ^2 *esperado* - *26.217* (nível de significância *0,01*)

Assim, na série C *não se verifica qualquer diferença entre as médias das organizações decorativas nos diversos níveis habitacionais considerados.*

. O quadro seguinte mostra-nos dois tipos de informação, em simultâneo: a *proximidade estilística* de vasos *entre níveis habitacionais*, produzida por terem em comum um *maior número de variantes*, adentro da mesma organização decorativa; *a igualdade estatística entre médias de cada organização decorativa* (χ^2) em diversos níveis habitacionais (*).



● Presença de organizações decorativas
_____ Forte proximidade estilística
..... Menor proximidade estilística
------ Igualdade estatística entre médias das organizações decorativas

Desse quadro retiramos algumas ilacções: - várias *semelhanças estilísticas* ocorrem em *níveis habitacionais*, que, segundo a nossa hipótese de cronologia relativa, podem ter sido *parcialmente contemporâneos*: I_1/MRS III, S.LRN II, PST I; I_2/PST IIa, b, CST AGR II; I_3/MRS III, S.LRN II; I_4/PST IIa, b, a N. Estradão; IV/PST IIa, b; V_1/MRS III, S.LRN II - PST IIa, b; V_2/PST III, b, a N. Estradão, CST AGR II; V_3/PST IIa, b, a N. Estradão, CST AGR II;

- *outras semelhanças estilísticas* entre níveis habitacionais *não podem ser explicadas pela proximidade temporal*, pois elas ocorrem em recipientes pertencentes a contextos arqueológicos que certamente não foram contemporâneos: I_1/MRS II, PST IIa, b;

(*) Não foram medidas as médias dos níveis S.LRN I, CST AGR I e PST a N. Estradão por razões já anteriormente referidas.

I_3/MRS II, III; II/MRS II, III; III/MRS II, III; V_1/MRS III, PST IIa, b; VI/MRS II, III, S.LRN II;

- face à hipótese de cronologia relativa apresentada, podemos supor que as organizações I_1, I_3, I_4, II, III, IV, IV, V_1 e V_2 perduraram mais tempo, do que as organizações I_2, I_5 e V_3;

- a comparação entre as semelhanças estilísticas mencionadas e a variabilidade das médias de cada organização decorativa, nos diversos níveis habitacionais, leva-nos à conclusão de que nem sempre as duas variáveis são coincidentes. Ou seja, existem casos em que se verificam estreitas afinidades estilísticas entre os vasos de diversos níveis, mas as suas quantidades médias não são iguais em cada um desses níveis e/ou estações. Ao contrário, surgem situações em que as médias de vasos de diferentes estações, com menores afinidades estilísticas, são sensivelmente idênticas. A interpretação da *correlação destas duas variáveis* é complexa e exigirá outros dados referentes ao *contexto específico de cada estação*, em cada uma das suas fases evolutivas, que, de momento, ainda não possuimos.

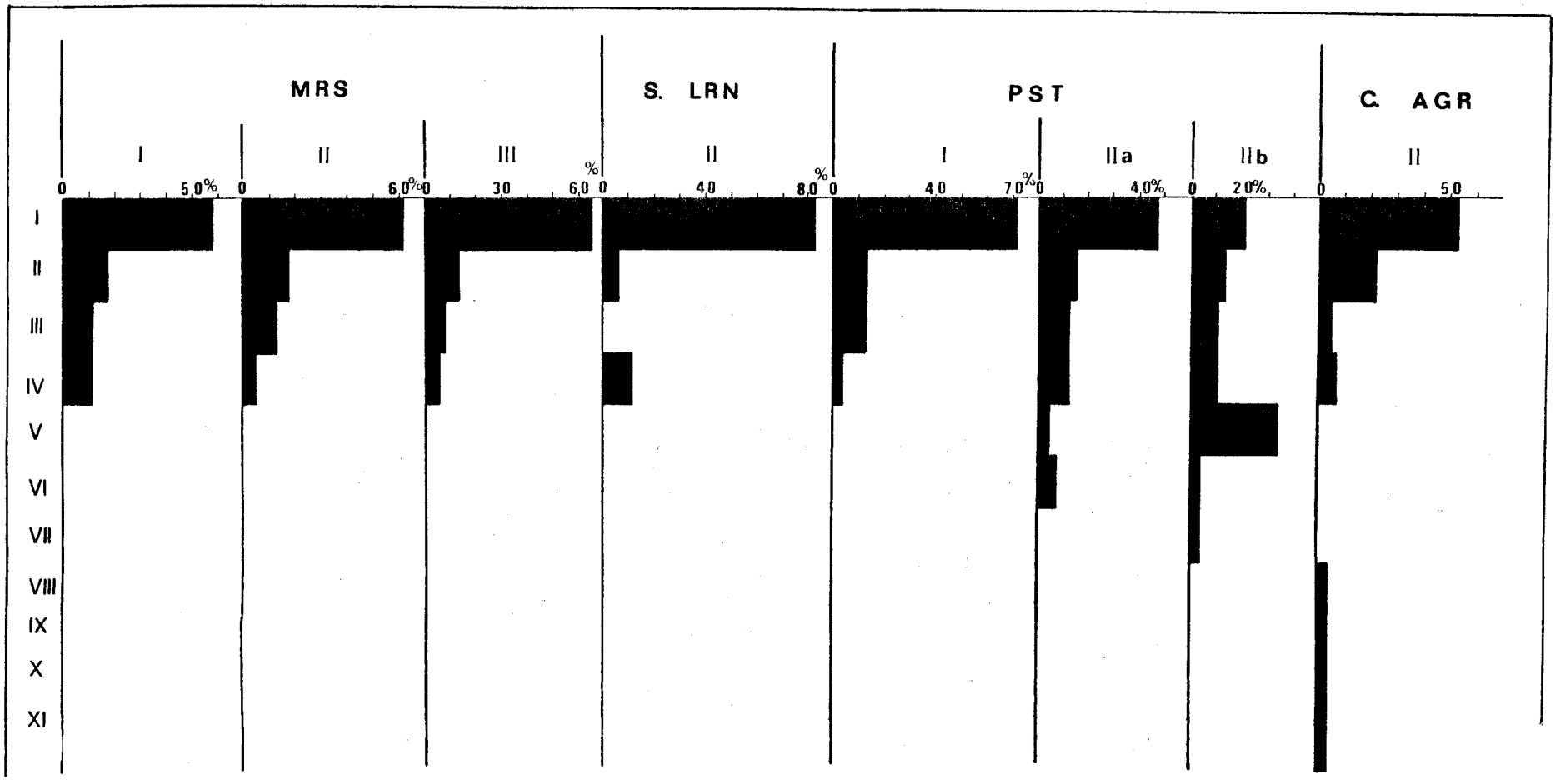
. Foram observadas quatro grandes *categorias tipológicas, comuns aos quatro povoados* (*) (Fig. 29). *A categoria I* integra vasos globulares ou semi-esféricos (com ou sem estrangulamento no colo), cuja capacidade, oscila, consoante as estações, entre 0,4 e 10 ℓ. Alguns dos recipientes apresentam evidentes sinais de fogo, pelo que poderão ter servido para *utilizações culinárias* - vasos de cozinha. Outros, pela maior dimensão e boca mais fechada, ajustar-se-iam, eventualmente, à função de conter água e/ou alimentos. Esta categoria predomina na maioria das estações ou níveis habitacionais analisados. Verifica-se um maior e menor número de exemplares, respectivamente, em S.LRN II e PST IIb. Consoante os níveis habitacionais, esta categoria insere as seguintes *organizações decorativas predominantes*: MRS I - org. II; MRS II - org. I_1; MRS III - org. I_1; S.LRN II - org. I_1; PST I - org. I_1; PST IIa - org. I_1; PST IIb - org. I_1; CST AGR II - org. V_3.

A categoria II insere calotes de esfera (com ou sem bordo exvasado), e a sua capacidade varia entre 0,5 e 2,5 ℓ. Poderiam, eventualmente, ter *servido para preparar e servir alimentos*, entre outras possíveis utilizações, no âmbito de actividades domésticas. Esta categoria apresenta uma percentagem proporcionalmente constante em todos os níveis habitacionais considerados. É em S.LRN II que ocorre menor número de exemplares, relativamente à amostragem global do respectivo nível. As organizações decorativas predominantes ou que ocorrem em quantidades sensivelmente iguais, são as seguintes: MRS I - org. II; MRS II - org. VI; MRS III - org. IV; S.LRN II - org. I_1 e V_3; PST I - org. IV; PST IIa - org. I_4; PST IIb - org. I_1 e I_4; CST AGR - org. III, II, I_2, V_2.

A categoria III diz respeito a pequenos vasos em calote (ou, pontualmente, ovóides), cuja capacidade oscila entre 0,02 e 0,5 ℓ. Desconhecemos a sua possível função

---

(*) Não incluímos os níveis habitacionais S.LRN I, CST AGR I e PST a N. Estradão, pelas razões já apontadas anteriormente.


MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
IIa
IIb
II
0 5.0%
0 6.0%
0 3.0 6.0%
0 4.0 8.0%
0 4.0 7.0%
0 4.0%
0 2.0%
0 5.0
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI

no contexto das unidades domésticas que estudámos. Apenas em S.LRN II não detectámos esta categoria de recipientes. Nos restantes níveis a sua proporção relativa mantém-se sensivelmente constante, relativamente à amostragem global dos mesmos. Verificámos a ocorrência de várias organizações decorativas, sem que seja possível identificar a predominância de qualquer uma nos respectivos níveis habitacionais: MRS I - org. II; MRS II - org. I_1, II, I_3; MRS III - org. I_1, I_3, I_4, II, III, V_2; PST I - org. II, I_3, V_2, V_3; PST IIa - I_1, V_2; PST IIb - I_1, V_2; CST AGR II - II e III.

A categoria IV integra vasos ovóides (com ou sem estrangulamento no colo), cuja capacidade oscila entre 3 ℓ (S.LRN II) e, provavelmente, cerca de 20 a 25 ℓ (MRS III e CST AGR II). Esta litragem tão diversificada, adverte-nos para a possibilidade de estes recipientes terem tido várias utilizações, embora, na *sua maioria, pela forma e grande dimensão, se possam relacionar com a provável função de armazenar alimentos*. Presente em todos os níveis habitacionais, esta categoria tem particular expressividade em MRS I, S.LRN II, PST IIa e IIb, embora, nestes diferentes níveis, a capacidade dos respectivos vasos seja bastante diferente.

Também neste caso ocorrem diversas organizações decorativas, algumas delas aparecendo isoladas, em quatro dos níveis ou estações considerados: MRS I - org. II; MRS II - org. II, V_2; MRS III - org. I_1, I_3, I_4, II, III, V_1; S.LRN II - org. XVII; PST IIa - org. V_2; PST IIb - org. V_2; CST AGR II - org. II e V_3.

. Para melhor apreciarmos a relação entre as principais categorias tipológicas e as respectivas capacidades, nas diferentes estações, considerámos seis grupos definidos pela litragem dos vasos. Esses seis grupos são os seguintes: 1-0,02 ℓ / 0,4 ℓ; 2-0,5 ℓ / 2 ℓ; 3-3 ℓ / 5 ℓ; 4-6ℓ / 10 ℓ; 5-11 ℓ / 15 ℓ; 6-> 15 ℓ.

O quadro da Fig. 30 demonstra-nos que, apesar da provável variação cronológica, existe uma *apreciável uniformidade de capacidades nas categorias I, II e III*.

Assim, a categoria I, em todas as estações, varia entre os valores 2 e 4 (grupos de litragem acima mencionados), predominando os valores 2 e 3. Os maiores vasos (grupo 4) ocorrem em MRS III, S.LRN II e PST IIb, ou seja, nas fases mais recentes detectadas nos povoados estudados. As categorias II e III integram, em todos os níveis, as capacidades 1, 2 e 3, predominando as duas primeiras. A categoria IV varia entre os valores 3 e 6, acusando maior ou menor amplitude, consoante os níveis habitacionais. No entanto, é perceptível um aumento global de dimensões entre as fases de MRS I e de CST AGR II, e, em MRS e PST, adentro de cada estação, entre o nível mais antigo e o mais recente.

Assim, podemos concluir que as categorias I e IV - vasos de provável uso comum e aprovisionamento - apresentam, em geral, uma maior capacidade em períodos mais recentes, adentro da nossa proposta de cronologia relativa.

. A relação genérica entre as principais categorias tipológicas e as cinco principais organizações decorativas, nas diversas estações, está expressa no quadro da Fig. 31.

- A categoria I é afectada pela *transformação estilística que se verifica ao longo do tempo*, e, espacialmente, entre as estações da bacia hidrográfica do Tâmega e a da bacia hidrográfica do Corgo. Assim, se em *MRS I predomina a organização II, em MRS II, III, S.LRN II, PST I, IIa e IIb predomina a organização* I_1 (padrão metopado) e em *CST AGR II, a organização* V_3. Embora esta categoria admita outras organizações decorativas, ela identifica-se, portanto, em cada nível habitacional, com um tipo predominante de decoração, o que sugere uma *correlação positiva*, nos quatro povoados, entre a *função (ou funções) inerente(s) a esta categoria e uma decoração específica*.

- As categorias II e III também são afectadas pela evolução estilística já referida. Contudo, não é perceptível, em cada nível habitacional, uma correlação positiva entre as duas variáveis, ou seja, não se encontra demonstrado, em função dos dados que pudemos analisar, que estas categorias tenham "preferência" por uma decoração específica, em qualquer das estações intervenientes.

- Finalmente, a categoria IV inclui, isoladamente ou em conjunto, as organizações *II e V (1, 2, 3) em MRS I, II, PST IIa, IIb e CST AGR II*. Em MRS III insere o padrão metopado (I_1, 3, 4), além das organizações II, III e V_1, em S.LRN II, exclusivamente, a organização XVII. Não possuímos dados para PST I. A correcta interpretação da correlação entre esta categoria e a respectiva decoração afigura-se-nos ainda bastante difícil. Esta categoria apresenta poucos exemplares reconstituíveis, por nível habitacional, o que torna bastante aleatório qualquer juízo prévio sobre a relação em análise. Parece-nos no entanto que, ainda que seja afectada pela evolução estilística (inserção de padrões do início e do final da série temporal - II e V), só muito marginalmente (poucos exemplares em MRS III), admite a inclusão do padrão metopado (I_1) ou dos outros sub-tipos pertencentes à organização I. Ou seja, não inclui decorações fortemente contrastantes, como acontece na categoria I, e, parcialmente, na II e na III. Esta maior "monotonia" estilística poderá relacionar-se com a função de aprovisionamento, que, requerendo uma menor manipulação quotidiana, não teria de veicular uma informação decorativa tão diversifica e individualizadora. De qualquer das formas, os dados empíricos parecem traduzir *forte correlação positiva* entre esta categoria e as respectivas organizações decorativas.

- Finalmente, há que focar uma diferenciação espacial que engloba as estações da bacia do Tâmega e a estação da bacia do Corgo. No primeiro caso, as decorações das categorias I e IV são mutuamente exclusivas, ou seja, não coexistem. No segundo caso, a decoração predominante em termos do nível habitacional de CST AGR II também o é a nível das categorias I e IV. Isto é, verifica-se uma tendência para a *uniformização estilística* nestas duas categorias cerâmicas. Ambas inserem o mesmo padrão estilístico.

- As restantes categorias dizem respeito a recipientes de morfologia "evolucionada" que ocorrem exclusivamente em PST IIa, b e CST AGR II. A categoria V (*vaso tronco-cónico*, o qual inclui um *cordão sob o bordo*) insere recipientes cuja capacidade oscila entre c. de 0,5 e 5 ℓ. A categoria VI integra recipientes *campaniformes* (vasos carenados e "caçoila") de capacidade variável (c. de 1 ℓ).

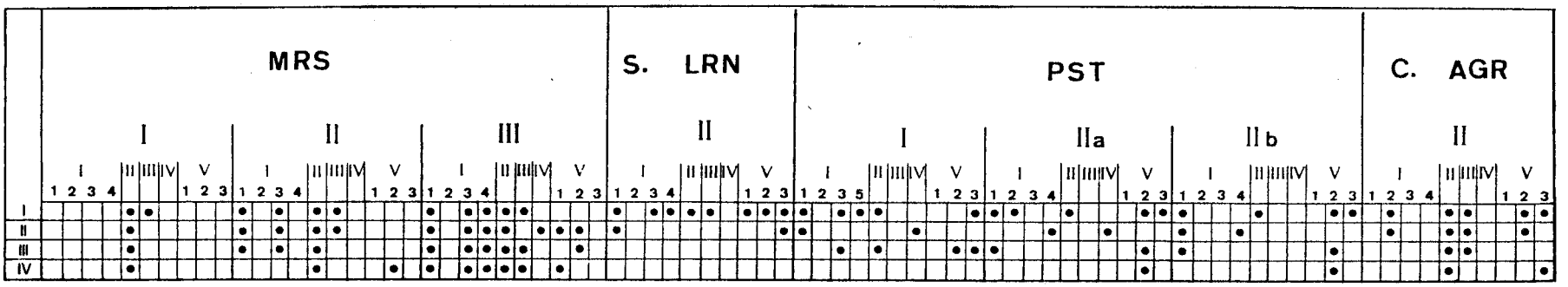

MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
IIa
IIb
I II III IV V
1 2 3 4
1 2 3 5
1 2 3
I
II
III
IV

Fig. 30

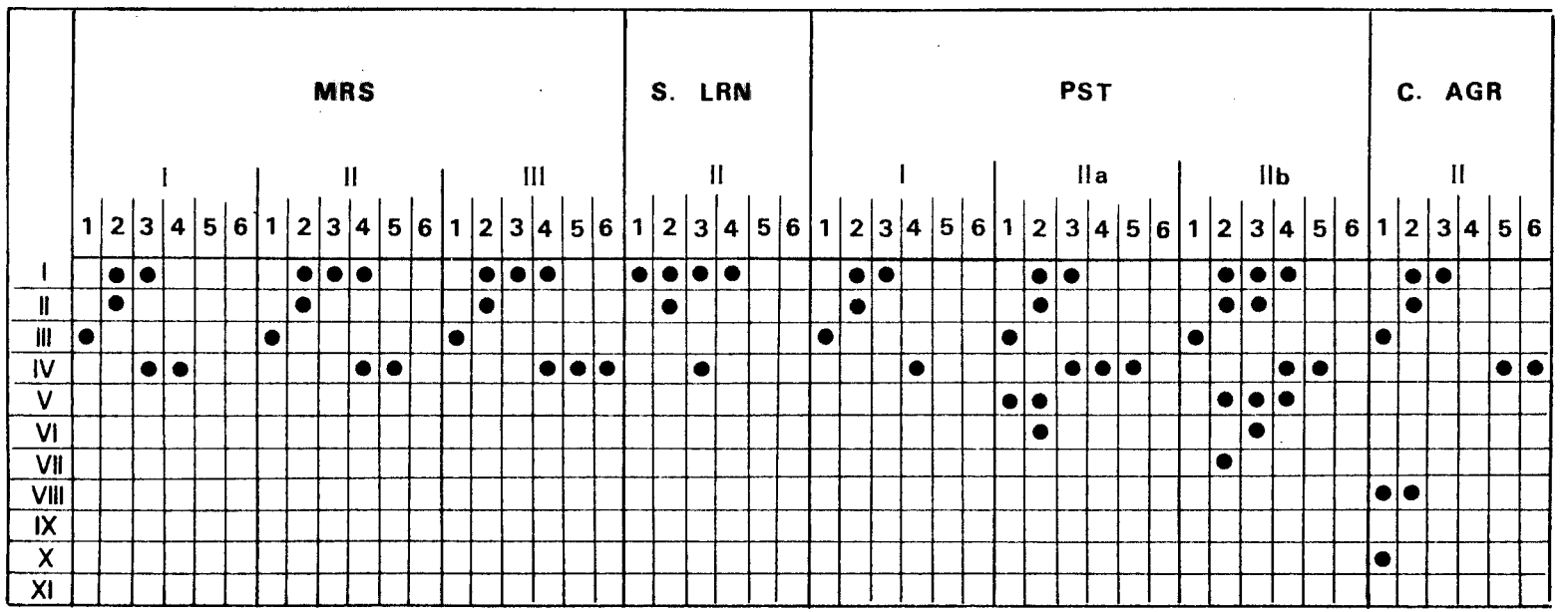

MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
IIa
IIb
II
1 2 3 4 5 6
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI

Fig. 31

A categoria VII inclui um recipiente de *carena média pouco acentuada*, com asa lateral (c. de 1,5 ℓ). A categoria VIII identifica-se com recipientes de *carena média bastante marcada* (c. de 0,3/0,5 ℓ). A categoria IX diz respeito a um *tronco-cónico achatado de boca elíptica* (c. de 0,3 ℓ). A categoria X corresponde ao fundo dum recipiente possivelmente *bicónico* e a categoria XI a um *pé alto* de um vaso cuja forma desconhecemos.

. Realizaram-se diversos testes de χ^2 (teste de significância não paramétrico) e de *V de Crámer* (teste de correlação) (9) para calcular: 1) *a variabilidade das frequências obtidas pelas quatro principais categorias tipológicas em vários níveis habitacionais**; 2) *o grau de associação entre as categorias tipológicas e os níveis habitacionais**.

Os dados obtidos foram agrupados em *duas séries*:

A -

	S.LRN II	CST AGR II
I	89	36
II	7	14
III		4
IV	11	5

χ^2 *observado* - *18.71*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)

V = 0.33

	S.LRN II	PST IIb
I	89	6
II	7	4
III		3
IV	11	3

χ^2 *observado* - *28.58*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)

V = 0.48

	S.LRN II	PST IIa
I	89	15
II	7	5
III		4
IV	11	4

χ^2 *observado* - *21.71*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)

V = 0.40

(*) Não foram insertos os exemplares de S.LRN I, CST AGR I e PST a N. do Estradão, pelas razões já enunciadas.

	S.LRN II	MRS I
I	89	10
II	7	3
III		2
IV	11	2

χ^2 *observado* - *16.1*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)

V = 0.36

	S.LRN II	MRS II
I	89	138
II	7	42
III		31
IV	11	12

χ^2 *observado* - *45.3*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)

V = 0.36

	S.LRN II	PST I
I	89	23
II	7	4
III		4
IV	11	1

χ^2 *observado* - *16.28*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)

V = 0.34

	S.LRN II	MRS III
I	89	196
II	7	40
III		29
IV	11	28

χ^2 *observado* - *16.87*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)

V = 0.20

	MRS III	S.LRN II	PST I
I	196	89	23
II	40	7	4
III	29		4
IV	28	11	1

χ^2 *observado* - *18.77*
χ^2 *esperado* - *16.812* (nível de significância *0.01*)

V = 0.14

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
I	10	138	196	89	23	15	6	36
II	3	42	40	7	4	5	4	14
III	2	31	29		4	4	3	4
IV	2	12	28	11	1	4	3	5

χ^2 *observado* - *44.71*
χ^2 *esperado* - *38.932* (nível de significância *0.01*)
V = 0.13

Em todos estes testes registaram-se *diferenças entre as médias das quatro categorias tipológicas nos diferentes níveis habitacionais*. Além disso, *os dois tipos de variáveis apresentam um grau de associação fraco*, relação que é inerente à "população" da qual foi extraída a amostra.

B -

	MRS I	MRS II
I	10	138
II	3	42
III	2	31
IV	2	12

χ^2 *observado* - *1.16*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)
V = 0.06

	MRS I	CST AGR II
I	10	36
II	3	14
III	2	4
IV	2	5

χ^2 *observado* - *0.76*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)
V = 0.1

	MRS III	PST I
I	196	23
II	40	4
III	29	4
IV	28	1

χ^2 *observado* - *1.63*
χ^2 *esperado* - *11.345* (nível de significância *0.01*)
V = 0.07

	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
I	15	6	36
II	5	4	14
III	4	3	4
IV	4	3	5

χ^2 *observado* - *5.11*
χ^2 *esperado* - *16.812* (nível de significância *0.01*)
V = 0.15

	MRS I	MRS II	MRS III	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
I	10	138	196	15	6	36
II	3	42	40	5	4	14
III	2	31	29	4	3	4
IV	2	12	28	4	3	5

χ^2 *observado* - *19.47*
χ^2 *esperado* - *34.805* (nível de significância *0.01*)

V = 0.09

Comparando os quatro testes concluímos que *não se verificam diferenças entre as médias das quatro categorias tipológicas* nos níveis habitacionais observados. Por outro lado, os dois tipos de *variáveis apresentam um grau de associação extremamente fraco*, relação que "exprime a *circunstância* da amostra e não da *população* que lhe deu origem" (10).

. A análise das duas séries informa-nos dum facto extremamente significativo: *a semelhança ou diferença das médias entre estações e o seu grau de correlação depende da ausência ou presença de exemplares do nível II de S. Lourenço*. Quando a amostragem não inclui recipientes desta estação, as *médias* dos vasos dos restantes povoados *são estatisticamente semelhantes e o grau de correlação quase nulo*. A inserção das categorias tipológicas de S.LRN II introduz variações importantes, que de momento não sabemos interpretar. Importa futuramente alargar a nossa base de dados a diferentes áreas da estação, para podermos, em primeiro lugar, generalizar esta observação a todo o povoado. Se chegarmos à conclusão que os dados obtidos não resultam da específica composição duma área funcional circunscrita, mas correspondem ao padrão geral da estação, então estaremos, provavelmente, perante uma problemática interessante: a de tentar explicar a variabilidade mencionada, relativamente ao conjunto dos outros três povoados, tomando em linha de conta todos os factores de ordem intrínseca e extrínseca disponíveis (cronologia relativa, situação topográfica, estruturas habitacionais, materiais, territórios potencialmente exploráveis, interacção social, etc.).

De qualquer forma, podemos afirmar que as principais categorias tipológicas (à excepção das que ocorrem em S. Lourenço) não parecem traduzir, nas restantes estações, uma evolução quantitativa que seja função linear da sequência temporal ou de qualquer modificação a nível local.

Ao contrário, observa-se uma apreciável *uniformidade*, que traduz *independência* entre as duas variáveis em presença.

. Finalmente, ensaiaremos *a análise da correlação entre as seis principais formas comuns às quatro estações* (formas 1, 2, 3, 4, 5, 6) *e as respectivas organizações decorativas*. Embora a propósito das categorias tipológicas já mencionadas, tenhamos referido genericamente e sob o critério da indicação de ausência/presença, a implícita relação entre estas duas variáveis, só agora o iremos fazer de forma quantificada, aplicando testes estatísticos de correlação. Entendemos que a existência duma mais ampla amostragem das formas, relativamente à das categorias tipológicas, permitirá uma apreciação

mais rigorosa da articulação pretendida.

. O gráfico 1 da fig. 32 fornece-nos as percentagens das diversas organizações decorativas recorrentes na *forma 1*, nos vários níveis habitacionais considerados (MRS I, II, III, S.LRN II, PST I, IIa, IIb, CST AGR II). Nele são facilmente detectáveis *três grupos de níveis habitacionais, separados pela predominância, em cada um, de uma organização decorativa diferente*. Em MRS I e II, predomina o *modelo triangular (org. II)*; em MRS III, S.LRN II e PST I, *a org. I (I_1 e I_3)*; em PST IIa, (IIb) e CST AGR II, *a organização V (V_1 e V_3)*. Estes três grupos indicam que a *forma 1 foi atingida pela evolução estilística*, verificada ao longo da sequência temporal já aceite. No entanto, outras decorações, além das referidas, se registaram: assinale-se, por exemplo, a coexistência em PST IIa e IIb de V_3 e I_1 e em PST IIb, das anteriores organizações e ainda da I_3, ou seja, de fórmulas decorativas bem distintas.

Procedeu-se ainda a um *teste de correlação* (teste V de Crâmer), com a intenção de verificar qual o *grau de associação entre as principais organizações decorativas desta forma e os níveis habitacionais referidos*.

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
II	3	6	9		1			19
I_1		1	21	2	3	1		28
I_3		1	4	3				8
V_3					1	3	4	8

$V = 0.63$

O resultado (0.63) demonstra que existe uma *correlação positiva moderada* (com certa tendência para forte). O teste de significância demonstra-nos que as *variáveis estão associadas na "população" da qual foi extraída a amostra*.

. O gráfico 2 da fig. 32 dá-nos as percentagens das diversas organizações decorativas presentes na *forma 2*, nos vários níveis habitacionais já referidos. Também neste caso se podem reconhecer *três grupos de níveis habitacionais, cada um possuindo uma organização decorativa predominantemente diferente*. Em MRS I e II predomina a *org. II*; em MRS III, S.LRN II, PST I, IIa, e IIb, predomina a *org. I_1*; em CST AGR II, a *org. V_3*. Como já acontecia na forma 1, é facilmente demonstrável que a *forma 2 também foi afectada sucessivamente pelas principais fórmulas estilísticas* que dominam as cerâmicas dos quatro povoados em estudo. Apesar disso, torna-se patente uma *diferenciação estilística espacial*, entre os níveis de PST IIa, IIb e CST AGR II, através da significativa ausência de I_1, I_3, I_4 e I_5 em Castelo de Aguiar, embora as organizações I_2 e V_3 sejam comuns às duas estações. A forma 2 admite ainda outras decorações, as quais coexistem, em número apreciável, em todos os níveis, à excepção de MRS I.

O teste de correlação V de Crâmer, realizado com a finalidade de exprimir o grau de associação entre as principais organizações decorativas desta forma e os níveis habitacionais, deu-nos o seguinte resultado:

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
II	8	24	17	3	1	2		1
I_1		18	23	6	3	3	4	
V_3				1	1	2		6

$V = 0.59$

Existe, assim, uma *correlação positiva moderada* (com certa tendência para forte). O teste de significância demonstra-nos que as *variáveis estão associadas na "população" da qual se extraíu a amostra.*

. O gráfico 3 da fig. 33 é relativo às percentagens das diferentes organizações decorativas existentes na *forma 3*, nos diversos níveis habitacionais. Os três grupos de níveis habitacionais repetem-se, segundo o mesmo padrão das formas anteriores: em MRS I, II, (PST IIb) predomina a org. II; em MRS III, S.LRN II, PST I e IIa predomina a org. I_1; em CST AGR II, a org. V_3; também aqui se verifica que esta forma se adaptou à *evolução das principais fórmulas estilísticas*. Devemos ressalvar o caso de PST IIb, onde predomina uma variante da org. II (var. ℓ) que parece distinguir-se do conjunto de variantes observadas, pela sua aproximação a organizações evolucionadas (como a I_5). Permanece nesta forma a *diferenciação estilística espacial* entre PST IIa, b e CST AGR II. Outras decorações foram integradas nesta forma em vários níveis (à excepção de MRS I).

O teste de correlação V de Crâmer forneceu-nos o seguinte resultado:

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
II	4	32	17	4		1	4	1
I_1		13	20	25	13	6	3	
V_3				3		4	1	6

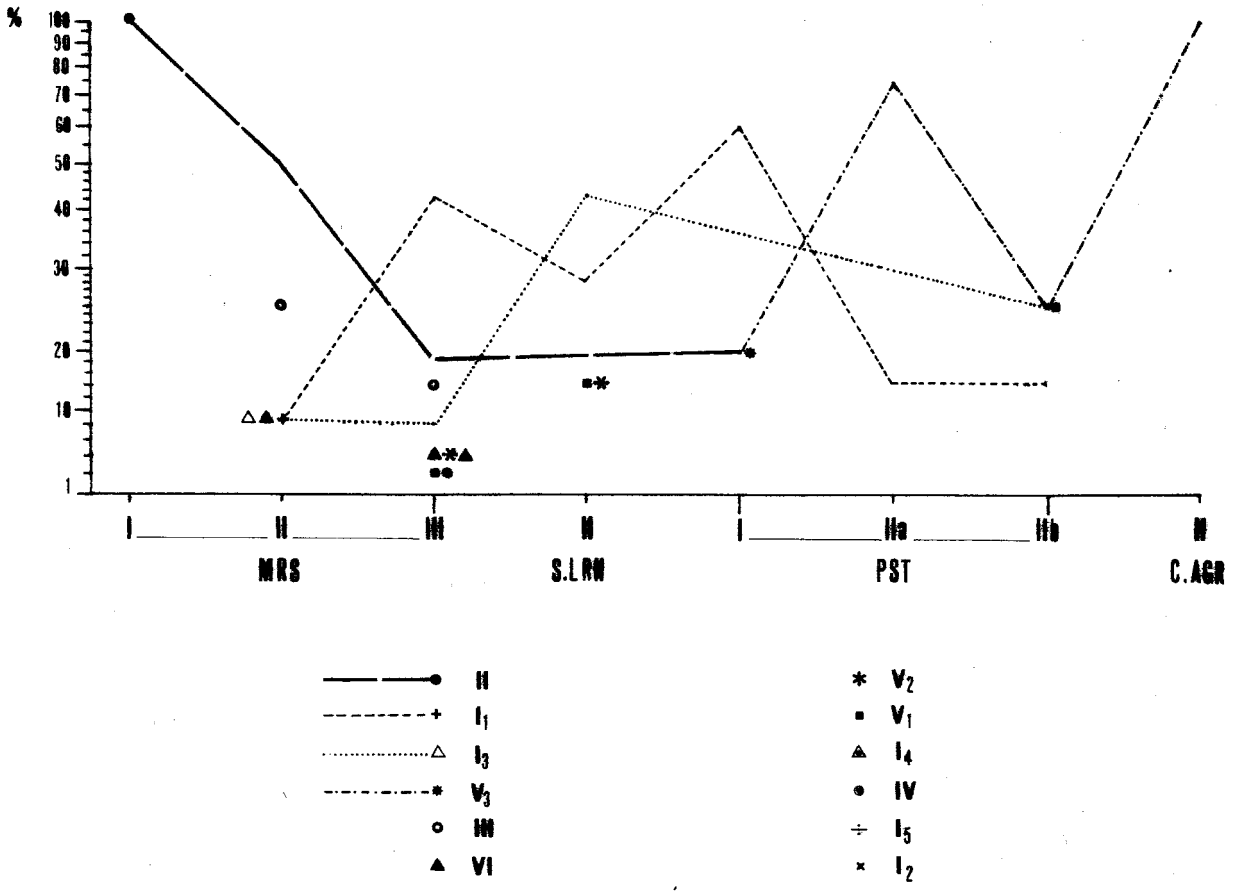
$V = 0.60$

Verifica-se uma *correlação positiva moderada* (com certa tendência para forte). O teste de significância permite-nos afirmar que as *variáveis estão associadas na "população" da qual foi extraída a amostra.*

. O gráfico 4 da fig. 33 contém as percentagens das organizações decorativas pertencentes à *forma 4* nos vários níveis habitacionais. Foram seleccionados quatro grupos de níveis, em função da organização decorativa predominante em cada um: em MRS I, II predomina a *org. II*; em S.LRN II, PST I, IIa predomina a *org.* I_1; em MRS III a *org.* V_2; em PST IIb e CST AGR II a *org.* V_3. Assim, embora "grosso modo" possamos afirmar que esta forma também foi afectada pela evolução estilística, existem situações em que se verifica a *provável contemporaneidade de diversas fórmulas principais em estações diferentes:* é o caso de PST I, IIa e IIb, MRS III e CST AGR II, níveis que poderão ter parcialmente coexistido, nos quais predominam decorações tão diferentes como I_1, V_2 e V_3. Outras

1

Forma 1



H
I_1
I_3
V_3
III
VI
V_2
V_1
I_4
IV
I_5
I_2

2

Forma 2

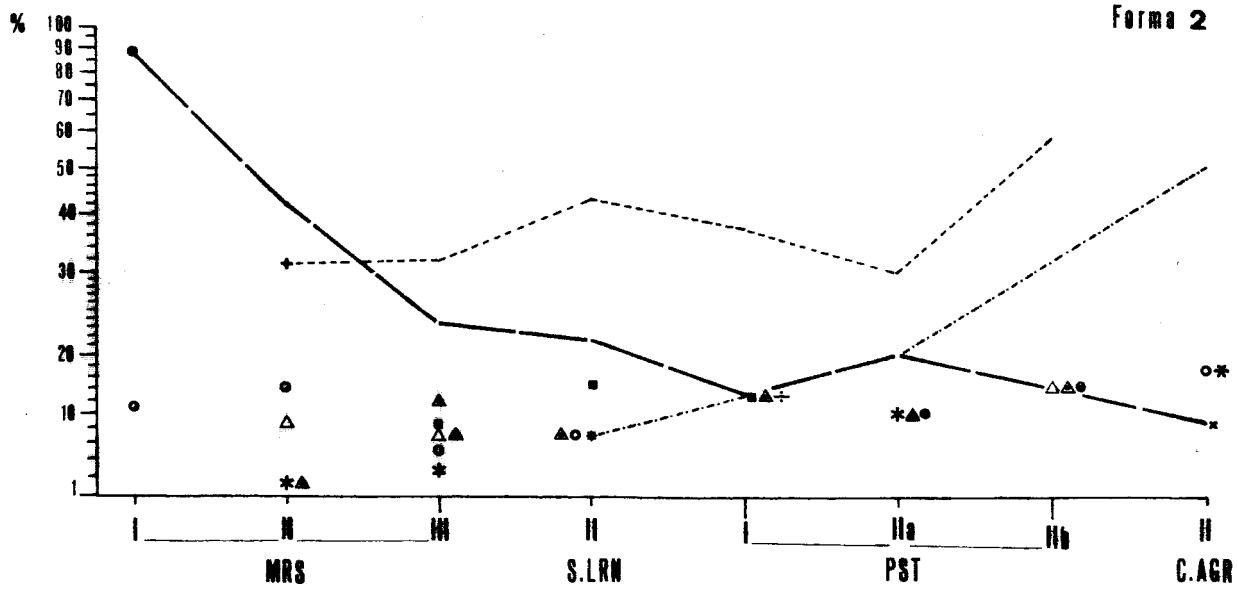
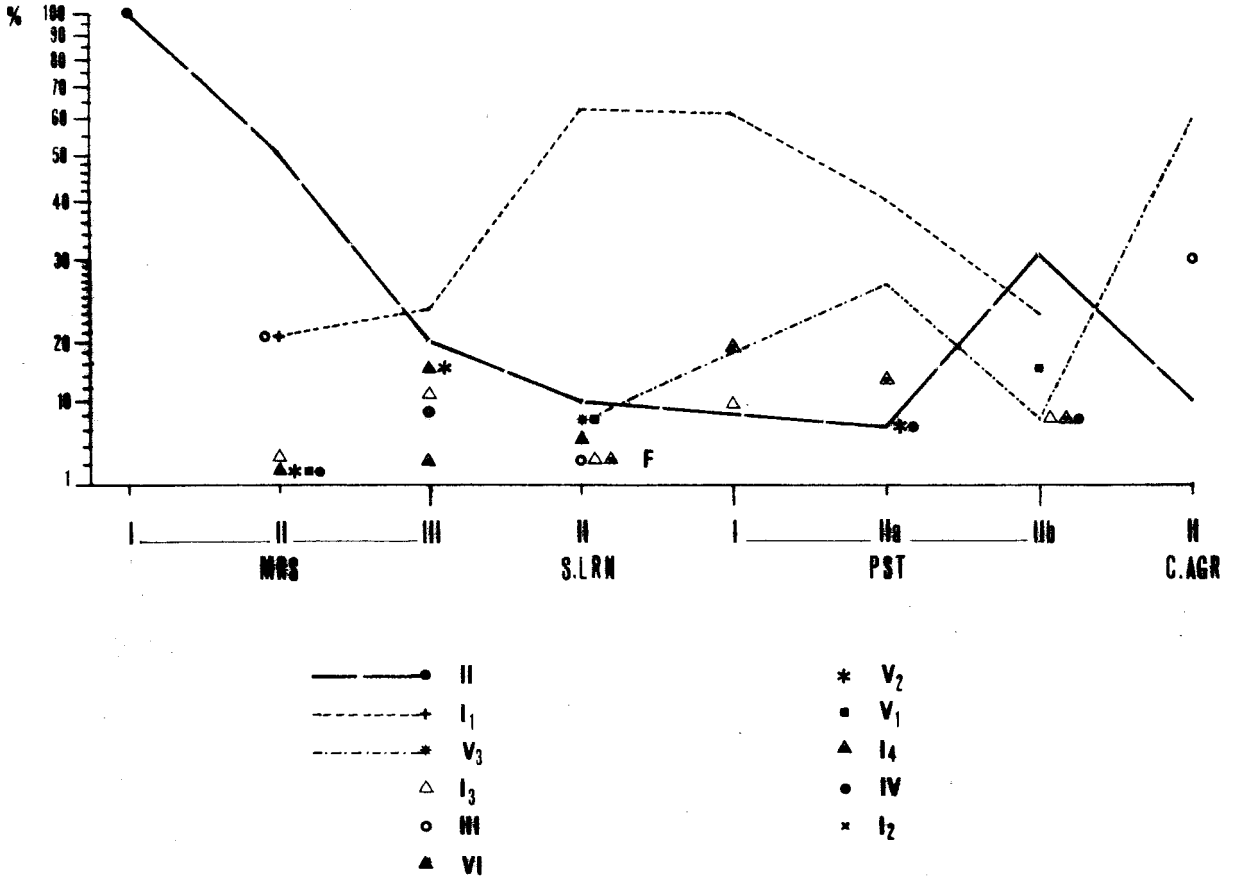


Fig. 32

3

Forma 3



II
I_1
V_3
I_3
III
VI
V_2
V_1
I_4
IV
I_2

4

Forma 4

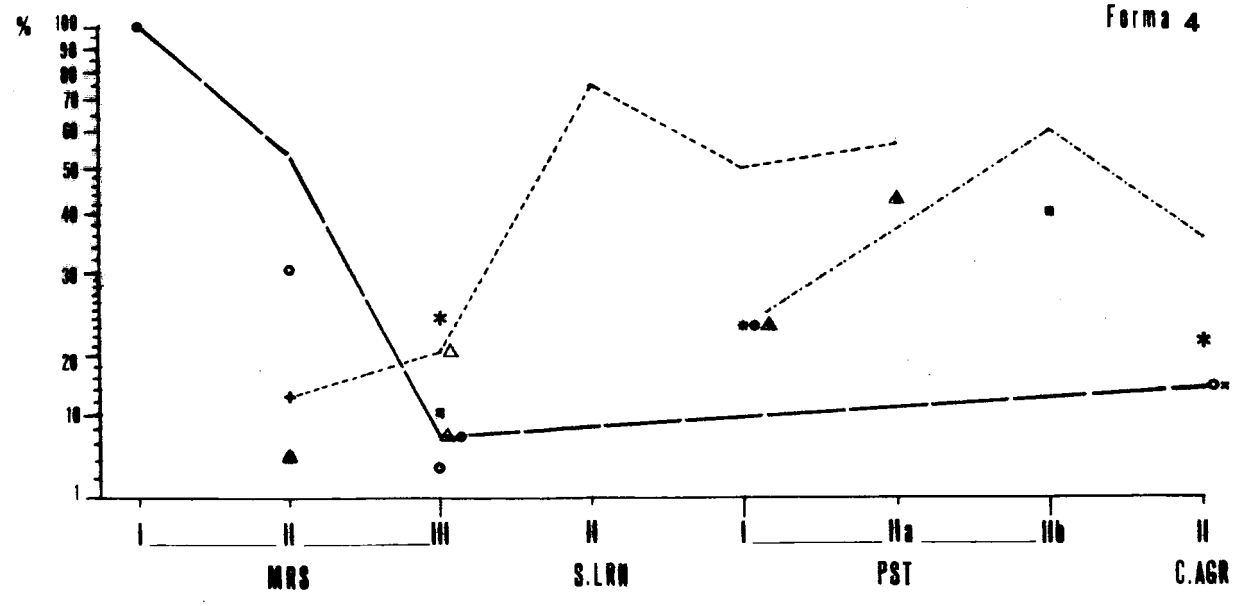


Fig. 33

decorações, entretanto, coexistiram nesta forma, em todos níveis habitacionais (à excepção de MRS I). Saliente-se, em Castelo de Aguiar, a simultaneidade de fórmulas de tradição arcaica (II e III), uma fórmula evolucionada (V_3) e uma possível "imitação" do padrão inciso metopado (I_2).

Teste de correlação V de Crâmer:

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
II	1	12	2					2
I_1		3	6	3	2	4		
V_2			7					3
V_3					1		3	5

$V = 0.67$

Regista-se uma *correlação positiva moderada* (com certa tendência para forte). O teste de significância indica-nos que *as variáveis estão associadas na "população" da qual foi extraída a amostra*.

. O gráfico 5 da fig. 34 revela as percentagens das organizações decorativas da *forma 5* nos vários níveis habitacionais (à excepção, neste caso, de PST I, onde não foram identificados exemplares suficientemente reconstituíveis para fornecer os dados pretendidos).

Ao contrário das outras formas já analisadas, nesta forma, os grupos de níveis habitacionais que apresentam diferentes organizações decorativas não espelham uma evolução cronológica. Assim, em MRS I, II, III, S.LRN II e CST AGR II predomina a *org. II*; em PST IIa, predomina a *org.* I_1; e em PST IIb a *org.* I_4.

Ou, por outras palavras, esta forma apresenta uma decoração tradicional, arcaizante (II), que persiste em níveis e estações de épocas provavelmente diferentes. Registe-se ainda a coexistência de outras decorações em vários níveis habitacionais.

Teste de correlação V de Crâmer:

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
II	1	4	5	1			4
I_1					1		
I_4			3			1	

$V = 0.83$

Observa-se uma *correlação positiva moderada* (com *tendência para forte*). O teste de significância diz-nos que, *por uma margem muito pequena* (bastante inferior à observada nos testes relativos às formas anteriores), *as variáveis ainda estão associadas*

na "população" da qual foi extraída a amostra.

. O gráfico 6 da fig. 34 mostra-nos as percentagens das organizações decorativas da forma 6 nos vários níveis habitacionais: obtiveram-se quatro grupos de níveis habitacionais, segundo o mesmo critério já referido para as outras formas: em MRS II, ocorre a *org. VI*; em MRS III, a *org.* V_1; em PST I, IIa, IIb, a *org.* I_1; em CST AGR II, a *org.* I_2.

Assim, a evolução estilística, com base nas principais decorações, parece não afectar de forma muito significativa esta forma. Antes, parece ocorrer uma aparente "especialização" estilística por estações e/ou níveis habitacionais, em fases parcialmente contemporâneas. Como em outras formas, regista-se aqui a coexistência de outras decorações em vários níveis habitacionais.

Teste de correlação V de Crâmer:

	MRS II	MRS III	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
I_1			3	4	1	
VI	1					
V_1		3				
I_2						3

$V = 0.84$

Observa-se uma *correlação positiva moderada (com tendência para forte)*. Também neste caso, o teste de significância diz-nos que, *por uma pequena margem, as variáveis estão associadas na "população" da qual foi extraída a amostra.*

. A fig. 35 mostra uma série de características não quantificadas que atingem as formas 1, 2, 3, 4 e 5, nos habituais níveis e estações, tratados em conjunto. Essas características são: A - maior número de técnicas decorativas; B - técnica decorativa predominante; C - maior número de organizações decorativas; D - organização decorativa predominante. Facilmente se detecta que as *formas 2 e 3* (secundariamente as formas 1 e 4), veiculam maior informação decorativa do que a forma 5. O nível mais recente da Vinha da Soutilha (MRS III) surge como o que integra maior diversidade decorativa extensiva a um maior número de formas.

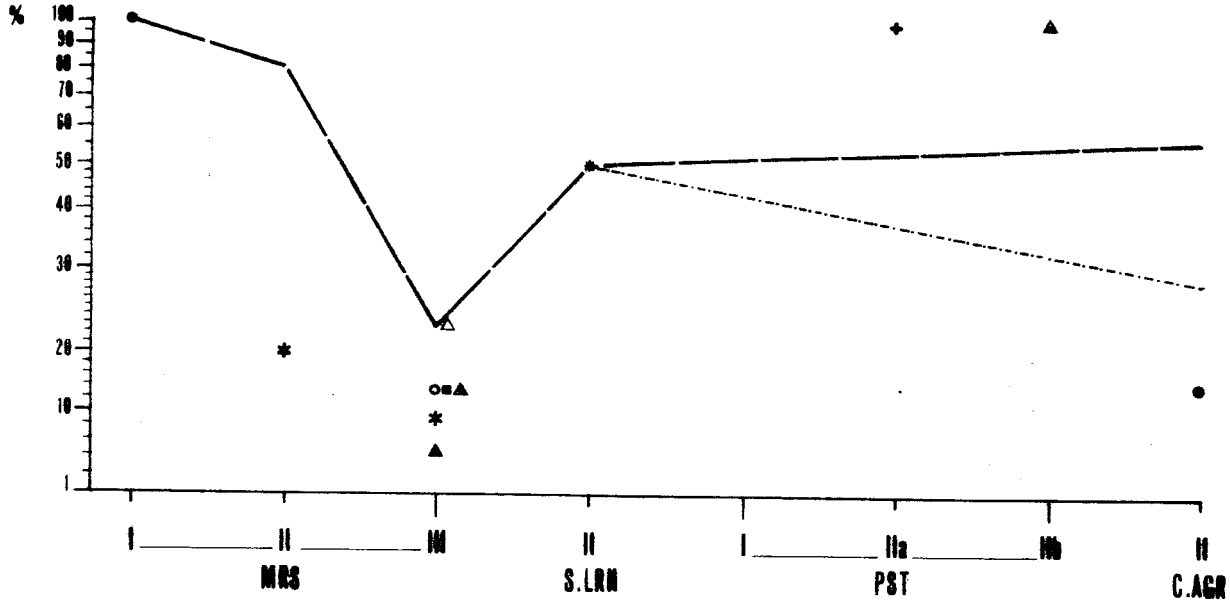
. Passemos a enunciar as seguintes conclusões:

1. As cinco principais *categorias tipológicas* ocorrem nos diferentes níveis e estações num grau de associação que sugere a difusão dum *padrão estável regional*, de *longa duração*.

2. No contexto dos recipientes cerâmicos das quatro estações analisadas, podemos sugerir a existência de *três grandes grupos de organizações decorativas*, cujo iní

5

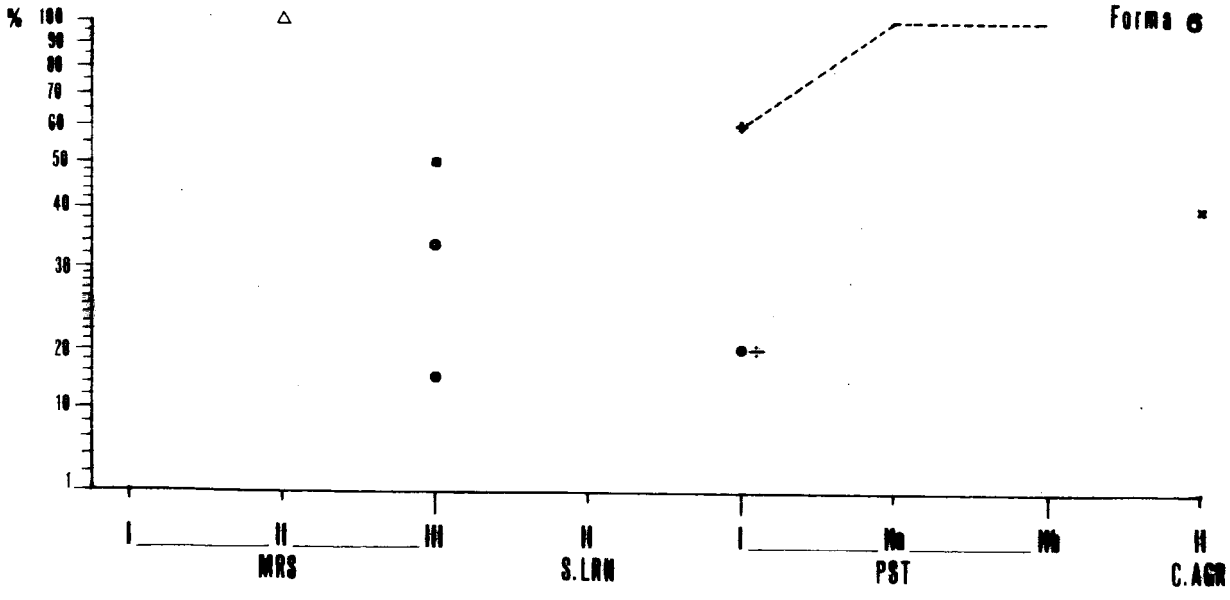
Forma 5

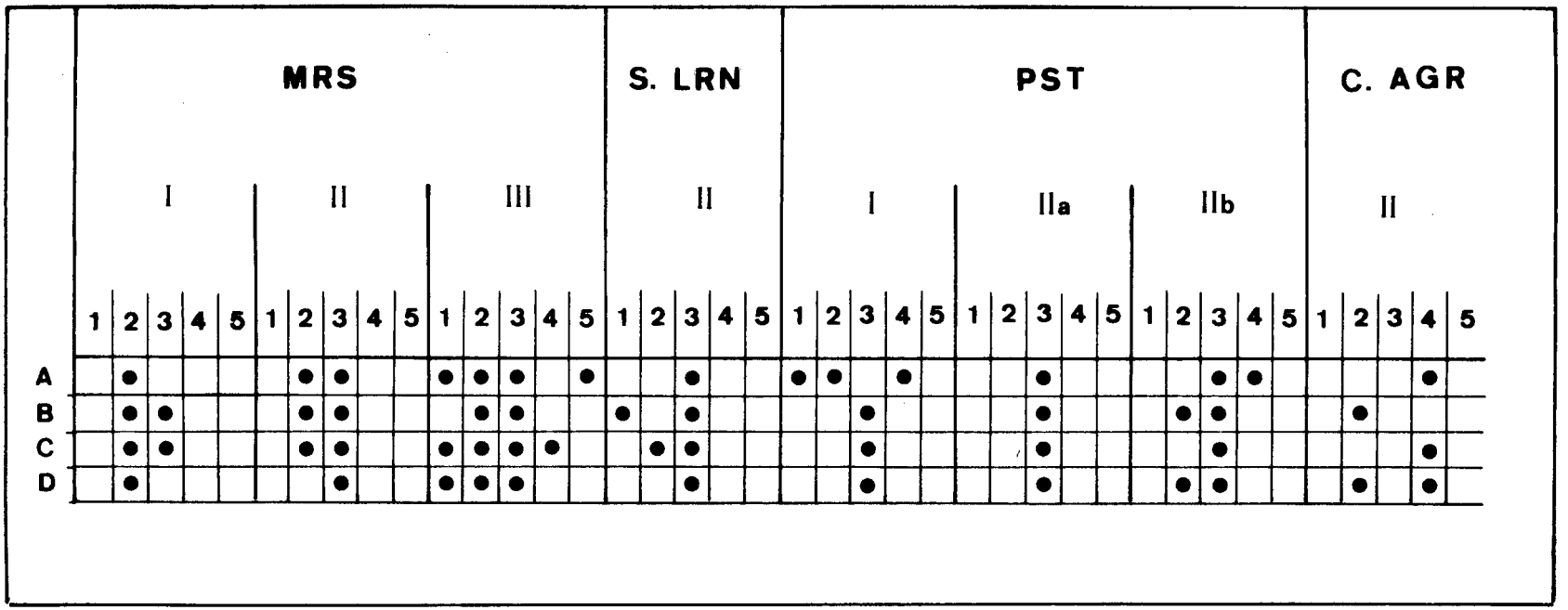


II
V_3
I_1
I_3
III
VI
V_2
V_1
I_4
IV
I_5
I_2

6

Forma 6




MRS
S. LRN
PST
C. AGR
I
II
III
II
I
IIa
IIb
II
1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5 1 2 3 4 5
A
B
C
D

cio de desenvolvimento se verificou sucessivamente no tempo:

1º grupo - org. II e III

2º grupo - org. I (I_1, I_3, I_4, I_5), V (V_1, V_2) e VI

3º grupo - org. V (V_3)

As restantes organizações apenas ocorrem em um ou dois níveis habitacionais simultaneamente.

3. As formas *1, 2, 3 e 4* (correspondentes às categorias I, II e III), comuns às quatro estações, são preferencialmente decoradas, ao longo do tempo, segundo os padrões decorativos predominantes em cada nível habitacional. Ou seja, *são afectadas pela evolução da "moda" estilística*. As *formas 5 e 6* não reagem do mesmo modo à variação temporal. Em particular a forma 5 (categoria IV) demonstra grande estabilidade decorativa.

4. A análise da covariação entre forma e organização decorativa determina que tenhamos de apartar os vasos de *Castelo de Aguiar* dos das *três estações da bacia do Tâmega*. Na verdade, além de nesta estação existirem *formas específicas* que não ocorrem nas outras três, *está praticamente ausente a organização I*, tão importante em Vinha da Soutilha, S. Lourenço e Pastoria. Apenas aparece em alguns exemplares, o que se pode indicar uma *imitação do sub-tipo* I_1, ou seja, do padrão metopado, expresso no sub-tipo I_2. Mas, a organização V_3 *domina em quase todas as formas*, as quais, por sua vez, também reflectem uma *menor diversidade decorativa*, em comparação com o observado nas estações da bacia do Tâmega.

5. Ao contrário da tendência para uma certa homogeneidade estilística em Castelo de Aguiar, os níveis IIa, IIb da *Pastoria* e, em menor percentagem, o nível II de *S. Lourenço*, oferecem-nos, em todas as formas, uma *profusa coexistência de organizações decorativas*: surgem, particularmente, as organizações II, I_1, 3, 4 e V_3. Em termos de diversidade de organizações e respectivas variantes, os níveis referidos da Pastoria e S. Lourenço não atingem o grau observado na última ocupação da Vinha da Soutilha (MRS III). Contudo, tal *diversidade assume-se nas primeiras estações qualitativamente mais significativa*, na medida em que aqui se *justapõem três principais fórmulas decorativas*, enquanto que na Vinha da Soutilha está ausente a organização V_3.

Esta diversidade verifica-se (pelo menos, na Pastoria) numa fase genérica que poderá ser parcialmente contemporânea da observada no nível II de Castelo de Aguiar, o que só ajuda a reforçar a necessidade de separar, do ponto de vista estilístico, os recipientes cerâmicos dos dois grupos de estações.

6. Entre as principais decorações adoptadas por cada forma e os diferentes níveis habitacionais onde aquelas ocorrem, existe uma *correlação positiva moderada*. Nas formas 1, 2, 3 e 4 essa correlção atinge um valor médio, enquanto que *nas formas 5 e 6, existe uma correlação tendencialmente forte*. Isto é, *nas formas cujas principais decorações estão sujeitas a transformações estilísticas que evoluem ao longo do tempo, o grau de associação entre essas decorações e as diferentes estações é moderado; nas formas em*

que as decorações são mais estáveis ou estão sujeitas a variações motivadas por factores de ordem espacial, o grau de associação é mais forte.

Em todas as formas, particularmente nas formas 1, 2, 3 e 4, as variáveis (respectivas decorações e níveis habitacionais de várias estações) reflectem o padrão da "população" da qual se extraiu a amostra.

Daqui se conclui que, independentemente de *regras aplicadas a nível local*, devem existir *normas inter-comunais* que regem a variabilidade estilística da cerâmica comum (materializada nas formas 1 a 4), o que pressupõe uma ampla *rede de relações e inter-dependências sociais a nível regional.*

3.5.4.2 Os Artefactos Líticos

. O quadro seguinte fornece-nos, em frequências absolutas, o conjunto dos tipos de artefactos líticos que ocorrem nas diferentes estações. *A presença ou ausência de alguns destes artefactos* é muito *desigual*. Assim, *as pontas de seta, as raspadeiras, as lascas retocadas, as lascas residuais, os moinhos manuais e os machados polidos* surgem em grande número, relativamente à amostragem global. Entre estes objectos, apenas as lascas residuais oferecem uma distribuição pouco homogénea nos diferentes níveis habitacionais. Os restantes artefactos, além de serem muito abundantes, apresentam um índice de distribuição espacial e temporal bastante uniforme.

A provável evolução cronológica implícita nos diferentes níveis habitacionais não parece condicionar de forma muito explícita a ausência ou presença dos diversos tipos de artefactos líticos.

		MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	PST N. Estradão	CST AGR II	TOTAL
PONTA DE SETA		2	37	42	7	6	5	2	11	13	124
* RASP.	1	7	26	20	-	1	3	6	11	9	93
	2	-	1	3	-	-	1	-	1	-	
	3	-	2	-	-	1	1	-	-	-	
* LASCA RETOC.	1	4	31	30	4	-	-	-	3	-	85
	2	2	3	-	1	-	1	-	-	-	
	3	-	3	-	-	-	-	-	-	-	
	4	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
LASCA RESIDUAL		-	11	61	3	-	-	-	14	-	79
* LÂMINA RETOC.	1	-	-	1	-	-	-	-	1	2	6
	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	
LÂMINA NÃO RETOCADA		-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
LAMELA RETOCADA		-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
RASPADOR		-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
DENTICULADO		-	-	1	-	-	-	-	1	-	2
NÚCLEO		-	-	11	-	-	-	-	-	-	11
"RABUT"		-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
FURADOR		1	-	1	-	-	-	1	1	-	4
MACHADO POLIDO		-	6	8	8	3	1	-	11	-	37
ENXÓ		-	1	1	-	-	-	1	2	-	5
GOIVA		-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
ENXÓ/CINZEL		-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
MACHADO/ESCORPO		-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
PERCURTOR		-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
POLIDOR		-	-	1	-	-	1	-	-	-	2
MÓ (Elemento Movente)		1	8	14	1	-	10	3	5	2	44
MÓ (Elemento Dormente)		-	10	2	5	-	6	-	5	6	34
DISCO PERFURADO		-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
PESO (?)		-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
* CONTA DE COLAR	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	10
	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	
	3	-	-	-	-	3	-	1	1	-	
	4	-	-	1	-	-	-	-	2	-	

* Raspadeira 1 - carenada frontal, curta
2 - curta, simples
3 - grande raspadeira, carenada, frontal, espessa

Lasca retocada
1 - retoque lateral
2 - " bilateral
3 - " lateral ou bilateral/transversal
4 - grandes lascas retocadas bifacialmente

Lâmina retocada
1 - retoque lateral
2 - " bilateral

Conta de colar
1 - bitronco-cônica achatada
2 - discoidal achatada
3 - cilíndrica
4 - esférica achatada

Escolhemos *sete tipos de artefactos*, os quais não só apresentam maior número de exemplares a nível global, como ocorrem mais vezes em diversos níveis habitacionais: 1 - pontas de seta; 2 - raspadeiras; 3 - lascas retocadas; 4 - lascas residuais; 5 - moinhos manuais (parte movente); 6 - moinhos manuais (parte dormente); 7 - machados polidos.

Os testes de χ^2 *e de correlação* (V de Crâmer) forneceram-nos as seguintes indicações, relativas à relação entre artefactos líticos e níveis habitacionais (*):

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
1	2	37	42	7	6	5	2	13
2	7	29	23		2	5	6	9
3	6	37	30	5	1			3
4		11	61	3				
5	1	8	14	1		10	3	2
6		10	2	5		6		6
7		6	8	8	3	1		

χ^2 *observado* - *211.87*
χ^2 *esperado* - *66.2* (nível de significância *0.01*)
V = 0.28

Entre os diferentes tipos de artefactos e os níveis habitacionais existe uma *relação fraca*, isto é, podem associar-se em função de diferentes fases cronológicas e/ou estações, o que não impede que surjam muitas *excepções*.

O teste de significância diz-nos ainda que *as variáveis estão associadas na "população" da qual foi extraída a amostra*.

Alguns dos testes de significância e de correlação parciais dão-nos informações complementares:

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
1	2	37	42	7	6	5	2	13
2	7	29	23		2	5	6	9
5	1	8	14	1		10	3	2

χ^2 *observado* - *37.62*
χ^2 *esperado* - *38.932* (nível de significância *0.01*)
V = 0.23

Entre as variáveis em presença existe uma *relação fraca*.

Por outro lado, o teste de significância diz-nos que uma vez que não existe diferença estatística entre as médias dos diferentes objectos, a relação observada expressa uma "*circunstância da amostra específica utilizada e não da população que lhe deu*

(*) Não foram insertos os níveis I de S.LRN, PST a N.Estradão e CST I, pelas razões expostas anteriormente.

origem" (11).

	MRS I	MRS II	MRS III	S.LRN II	PST I	PST IIa	PST IIb	CST AGR II
1	2	37	42	7	6	5	2	13
2	7	29	23		2	5	6	9
7		6	8	8	3	1		
6		10	2	5		6		6

χ^2 *observado* - *72.59*
χ^2 *esperado* - *38.932* (nível de significância *0.01*)
V = 0.31

Entre as variáveis analisadas existe uma *relação fraca*. Por outro lado, uma vez que se verifica uma diferença estatística entre as médias dos diferentes artefactos, o teste de significância indica-nos que *as variáveis estão associadas na "população" da qual foi extraída a amostra*.

Assim, parece-nos ser fácil concluir que os *artefactos em causa não se relacionam especificamente com a sequência cronológica ou espacial aceite*. Ou seja, o *período de tempo ao longo do* qual decorreram as ocupações detectadas nas quatro estações e a *especificidade* cultural de cada uma não atingiram, de forma significativa, a frequência dos artefactos. Eles traduzem um nível de inserção no contexto das áreas funcionais *que se sobrepõe à cronologia e a criações locais ou regionais esporádicas*.

Procuremos, no entanto, discernir *pequenas variações de ordem estilística ao nível dos principais objectos líticos*, em ordem a procurar uma eventual relação entre tais variações e a sequência espacio-temporal.

. Foram registadas nas quatro estações *124 pontas de seta*. Os quadros da fig. 36 mostram-nos a frequência em *quantidades absolutas agrupadas* dos principais tipos de pontas de seta (A) e dos respectivos índices de alongamento (B). Relativamente ao primeiro quadro devemos realçar o seguinte: os níveis I da Vinha da Soutilha, II de S. Lourenço, I da Pastoria e II de Castelo de Aguiar apresentam menor diversidade tipológica de pontas de seta do que os níveis II e III da Vinha da Soutilha e IIa da Pastoria. Este dado ocorre à margem da hipotética evolução cronológica dos níveis habitacionais que integram estes artefactos. Os tipos que globalmente inserem maior número de exemplares são: *as pontas de seta de base recta ou côncava e lados rectilíneos* (predominantes em MRS II e III e existentes nos restantes níveis à excepção de PST I); *as pontas de seta de base côncava (ou recta) de lados convexos* (predominantes em MRS III, PST I e CST AGR II e existentes nos restantes níveis, à excepção de MRS I). As pontas de seta de *base triangular* ou *base pedunculada* têm muito menor peso nos sectores intervencionados.

As primeiras ocorrem em MRS II, III, PST I e IIa. As segundas verificam-se em todos os níveis, à excepção de MRS I. Também neste caso, não é excessivamente perceptível uma diferenciação tipológica em função da sequência temporal pressuposta. Apenas será lícito colocar a hipótese de, embora parcialmente contemporâneos, os tipos 2 e 3 poder ter surgido inicialmente em momentos diferentes. Convém também lembrar que, no âmbito do grupo de pontas de seta de base côncava e lados rectilíneos de Castelo de Aguiar, ocor-

re uma variante que se aproxima de um grupo totalmente diferente dos descritos, o qual não foi encontrado, por nós, em contexto estratigráfico, nos níveis analisados: as pontas de seta alongadas, de base côncava, aletas direitas, bem destacadas e espessas.

Este novo tipo ocorre em S. Lourenço entre os materiais depositados no Museu Municipal de Chaves, fruto de prospecções de superfície, e ocorre no nível II de Castelo de Aguiar, em apenas um exemplar, se bem que, neste caso, tal peça não apresente um aspecto tão maciço quanto o dos exemplares de S. Lourenço.

Refira-se que este tipo "evolucionado" aparece estratigrafado em níveis mais recentes da Idade do Bronze da estação de Castelo de Aguiar, sugerindo-nos uma cronologia indiscutivelmente mais tardia do que aquela que temos vindo a tratar. A sua presença em CST AGR II, encontra-se, no entanto, justificada pela cronologia absoluta obtida para este nível habitacional.

O segundo quadro fornece-nos dados sobre as frequências agrupadas de *tipos de índice de alongamento*, divididos em *índice alongado* (A) *médio* (B) e *curto* (C). Qualquer destes tipos apresenta, consoante os níveis habitacionais, grande expressão quantitativa. Apesar disso, podemos salientar *uma leve predominância das peças cujo índice é mediano ou curto*, sobre *as que têm um índice alongado*. Entre os exemplares com índice alongado contam-se bastantes pontas de seta de base recta (ou côncava) e lados rectilíneos, enquanto que os índices mediano e curto se concentram nos restantes tipos morfológicos.

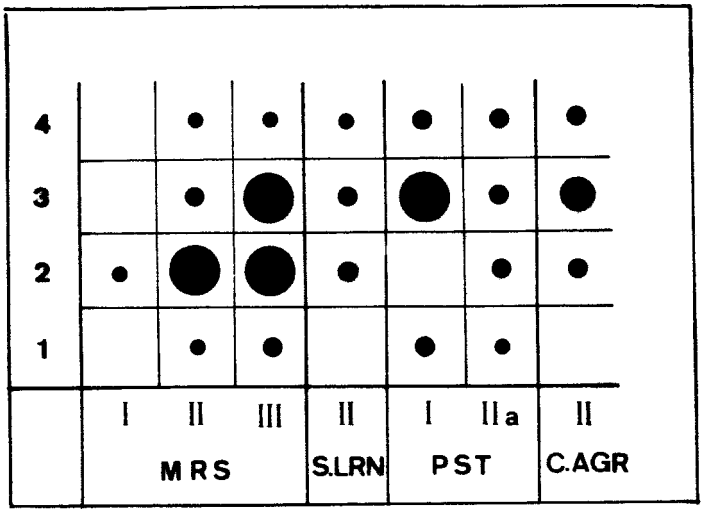
Também neste caso, a evolução cronológica não justifica linearmente as diferenciações observadas. Por outro lado, a pequena quantidade de pontas de seta existente em alguns dos níveis escavados (MRS I, S.LRN II) (muito circunscritos em área), não nos permite avaliar, com um nível de segurança aceitável, a variabilidade estatística dos tipos nas diversas estações.

As *raspadeiras* (93 exemplares) foram registadas em todos os níveis, à excepção dos de S. Lourenço. Predominam as *raspadeiras carenadas frontais, curtas*. Os níveis II e III da Vinha da Soutilha apresentam maior número de exemplares. Os três tipos ocorrem simultaneamente em MRS II e PST IIa. A evolução cronológica não parece intervir de forma explícita na distribuição destes artefactos.

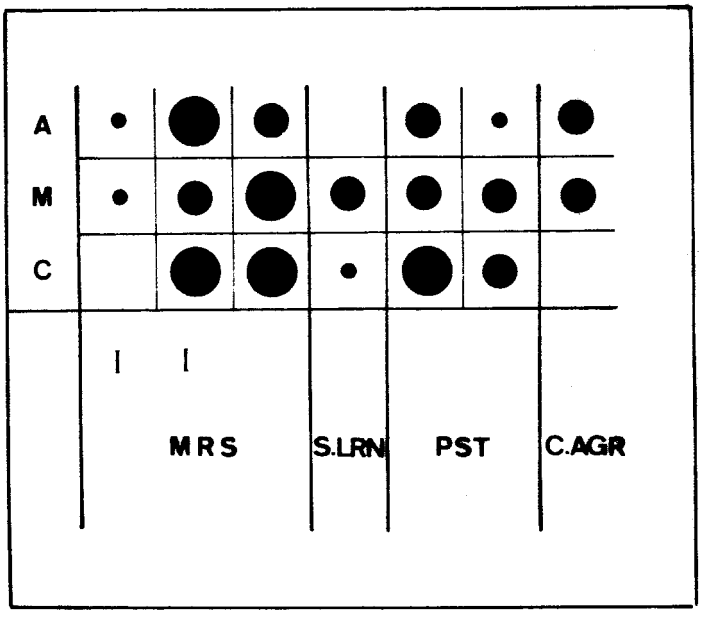
Quanto às 85 *lascas retocadas*, elas ocorrem predominantemente em MRS II e III. O tipo 1, lascas retocadas lateralmente, também adquire maior expressão nestes dois níveis habitacionais. Saliente-se que o tipo 4, *grandes lascas retocadas bifacialmente*, aparece exclusivamente no nível II de Castelo de Aguiar.

As *lâminas retocadas* (de secção prismática) são raras (6 ex.), ocorrendo em MRS III, PST IIb (e a N. do estradão) e em CST AGR II, ou seja, em níveis recentes daquelas estações.

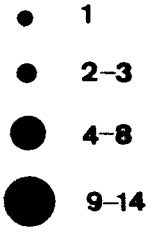
Os *machados polidos*, de secção sub-rectangular (37 exemplares), distribuem-se por diversas estações, embora estejam ausentes em Castelo de Aguiar. A sua densidade é muito desigual consoante os níveis e/ou áreas funcionais.


4
3
2
1
I
II
III
II
I
IIa
II
MRS
S.LRN
PST
C.AGR

A


A
M
C
I
I
MRS
S.LRN
PST
C.AGR

B


1
2–3
4–8
9–14

Os *elementos dormentes de moinhos manuais*, também abundantes (34 exemplares), ao contrário, predominam em MRS II. Este aparente desfasamento quantitativo entre elementos intrinsecamente relacionados, adverte-nos, mais uma vez, para a dificuldade em avaliar com algum rigor a relação entre os diferentes tipos de artefactos e a cronologia sugerida pelos níveis habitacionais analisados.

Neste contexto, quanto aos restantes artefactos líticos (pouco expressivos numericamente) apenas devemos registar a sua presença. As *contas de colar* aparecem em número de 11, repartidas por MRS III, PST I, IIb e a N.do Estradão, ou seja, em níveis alguns dos quais poderão ser contemporâneos. Para um número tão diminuto de exemplares, é de salientar, no entanto, a diversidade tipológica que estes objectos de adorno apresentam: - contas esféricas achatadas, bitronco-cónicas, discoidais, cilíndricas alongadas de lados convexos ou rectilíneos e cilíndricas achatadas de lados rectilíneos.

Em suma, da relação entre variabilidade estilística e níveis habitacionais, poucas ilacções podemos tirar quanto ao posicionamento cronológico ou diversidade espacial destes objectos líticos. As amostragens são restritas (em comparação com as dos recipientes cerâmicos) e a presença ou ausência de determinados tipos poderá vir a ser devidamente valorizada no contexto de cada estação e região, com base no alargamento de dados estratigrafados provenientes duma mais ampla rede de estações arqueológicas.

3.5.4.3 Outros Artefactos

Entre os restantes objectos registamos *dois pesos de tear* de forma sub-rectangular em cerâmica, com quatro perfurações (duas em cada extremidade). Os dois ocorreram em níveis tardios (PST IIa e CST AGR II), provavelmente contemporâneos.

Ainda em cerâmica, conta-se um provável *cabo* de objecto (de osso, madeira ou metal?) de forma cilíndrica com perfuração longitudinal, proveniente de PST I (nível pré-campaniforme).

Em osso, além de fragmentos de dois objectos polidos não identificados (PST I e PST IIa), exumámos um *cinzel* fragmentado no nível IIa da Pastoria.

Finalmente, em cobre arsenical, pudemos constatar a presença de um *cinzel* em PST IIa, uma *faca curva* e um *punção* em PST IIb e um pequeno *punhal triangular* em PST a N. do Estradão (L.4), ou seja, em níveis considerados recentes (com cerâmica campaniforme) desta estação.

Apesar de conhecermos a existência de outros artefactos, nomeadamente metálicos, provenientes das estações da Vinha da Soutilha e de S. Lourenço (já devidamente valorizados no contexto dessas estações), não podemos estabelecer a segura relação estratigráfica e cronológica entre esses materiais e o conjunto proveniente das nossas próprias escavações.

Apenas pela tipologia desses objectos podemos propor uma sugestão de crono-

logia global que tem de ser tomada em linha de conta na apreciação do tempo de ocupação de cada povoado.

	PST I	PST IIa	PST IIb	PST N.Estradão	CST AGR II	TOTAL
PESO DE TEAR EM CERÂMICA		1			1	2
CABO DE OBJECTO EM CERÂMICA	1					1
OBJECTO POLIDO EM OSSO	1	1				3
CINZEL EM OSSO		1				
CINZEL EM COBRE		1				4
FACA EM COBRE			1			
PUNÇÃO EM COBRE			1			
PUNHAL EM COBRE				1		

3.5.4.4 Os Cereais de Castelo de Aguiar

Como já anteriormente mencionámos, o nível II de Castelo de Aguiar forneceu mais de centena e meia de grãos de *trigo*: 162 grãos de *Triticum aestivum* L., (syn.*T. vulgare*), 6 fragmentos de espiguetas, contendo por vezes 1 ou 2 grãos de *Triticum aestivum* L. e 7 grãos de *Triticum compactum* Host "globiforme". Foi ainda detectado um grão de *aveia* (*Avena* cf. *strigosa* Schreber) (*).

Quer o *Triticum aestivum* quer o *Triticum compactum* são trigos de grão nú ("trigos duros") que resultam da hibridação do *Triticum dicoccum emmer* com o *Aegilops squarrosa* (12). Originários duma região entre o Mediterrâneo e o Cáspio, progrediram para Ocidente e, em toda a Europa, acabaram por substituir o *Triticum dicoccum emmer*. Na Península, encontram-se referenciados *desde o Neolítico antigo* em estações arqueológicas (13).

Assim, tais trigos ocorrem isolados ou acompanhados do *T. dicoccum* e do *T. monococcum*, em estações neolíticas do *Sudeste*: Cova de L'Or (Alicante), Cueva de Los Murciélagos (Córdova), Cueva del Bajoncillo (Málaga) (14). No Calcolítico e inícios da Idade do Bronze os dois tipos de trigo foram identificados em quase toda a Península.

(*) Análise realizada por R. Pinto da Silva e Maria Isabel Saraiva, da Estação Agronómica Nacional.

Importa salientar, por exemplo, no Sudeste, as estações de Cerro de la Virgen (15), Almizaraque ou Montefrío (16). Na Estremadura portuguesa temos de referir a sua existência em povoados como Vila Nova de S. Pedro (*T. compactum* "globiforme") (17), Zambujal (*T. aestivum L.*, juntamente com *T. dicoccum* L. e *T. monococcum* L.) (18), Pedra do Ouro e Chibanes/Palmela (*T. aestivum L.*) (19).

Ao longo da Idade do Bronze, estes tipos têm uma ampla distribuição peninsular. Encontramo-los, por exemplo, em Almeria (El Picacho), Segóvia (Cueva del Arevalillo) (20) e na Catalunha (Cueva del Toll) (21).

Relativamente aos dados disponíveis para os contextos do Calcolítico/Bronze inicial da Estremadura, convém realçar a presença do *T. aestivum* no Zambujal, em relação com as principais fases de ocupação deste povoado. Segundo Sangmeister e Schubart (22) esta relação resume-se no seguinte quadro:

	a.C.	*T. aestivum* s.L.
1	c.2400	4 ex.
2	c.2200	3 ex.
3	c.2000	19 ex.
4	c.1800	1 ex.
5	c.1600	-

Apesar de verificarmos uma diminuta presença de grãos deste tipo de trigo (27 exemplares), é notório que a sua existência é mais significativa *numa fase em torno de 2000 a.C.*. Refira-se que esta fase corresponde ao *segundo grande período de ocupação do povoado (II)*, no qual se registaram também as maiores quantidades de outras plantas cultivadas.

. Embora o nível II de Castelo de Aguiar deva ser datado já dos inícios do IIº milénio a.C., a sua grande amplitude cronológica (resultante do elevado desvio padrão das datas de C 14) permite que o possamos considerar genericamente contemporâneo, ou apenas ligeiramente mais tardio, relativamente ao segundo período de ocupação do Zambujal.

Este dado cronológico, em si mesmo, não deverá, de momento, suscitar outra ilacção que não seja a de constatar uma sincronia genérica entre os cereais das duas estações. Mas a sua localização em regiões geográficas e culturais tão díspares não nos autoriza obviamente a deduzir desta constatação nenhuma relação entre a fase evolutiva de cada povoado e a maior ou menor produção cerealífera a nível local e regional.

3.5.5 *A VARIABILIDADE ESTILÍSTICA DOS ARTEFACTOS: DADOS E PROBLEMAS*

. A análise de variabilidade estilística dos artefactos articula-se com a problemática mais vasta da *relação entre os produtos materiais de acção humana e a orga*

nização social duma comunidade. E nesse sentido encontra-se no centro de um feixe muito amplo de problemas que coloca em causa o conceito de "cultura" em Arqueologia, inicialmente definido (e redefinido) por Childe, reestruturado pelas diversas correntes da "Nova Arqueologia" e novamente relaborado pela "Arqueologia contextual", sob a égide de um dos seus mentores - H. Hodder (23).

Não sendo, neste momento, oportuno abordar tal temática, que nos desviaria para a crítica de uma variada e complexa teia de conceptualizações cujas origens e limites nem sempre são facilmente discerníveis, já será premente aflorar algumas das recentes interpelações feitas *à relação entre "contexto arqueológico" e "contexto cultural", entre variabilidade estilística e organização social, ou entre semelhança estilística e interacção social*.

Em primeiro lugar, torna-se evidente admitir que o "contexto arqueológico" materializa o comportamento humano passado. Mas não o materializa de forma linear, organizada segundo uma lógica apriorística, nem é um "espelho" dos sistemas de parentesco, das estratégias de povoamento e subsistência, ou das relações intra e inter-comunais. M. Schiffer (24) insiste no facto de que, por vezes, os testemunhos arqueológicos não são mais do que o reflexo "distorcido" dos sistemas sociais, isto é, manifestam atitudes de excepção, as quais projectam ideais ou mitos que se devem situar mais na esfera das ideologias do que directamente na das estruturas quotidianas do comportamento dos grupos que os produzem. Mas se o contexto arqueológico ou a chamada "cultura material" não reflecte, linear e globalmente, o sistema cultural que lhe deu origem, não deixa obviamente de estar profundamente relacionado com ele.

Para Hodder (25) a "cultural material" é parte interveniente e dinâmica das relações sociais, das estratégias económicas e "políticas" de uma comunidade, devendo ser entendida como uma *linguagem* que veicula a *coesão* no seio de um grupo social e que, em casos determinados, pode funcionar como um elemento altamente *activo*, chamado a intervir no reforço da identidade cultural do grupo (26). Esta concepção simbólica da "cultura material" articula-se com a "teoria de troca de informação" defendida por Wobst (27), a qual incorpora propostas provenientes de outros autores anteriores, como, por exemplo, Binford (28).

Segundo Wobst, o comportamento "estilístico" é um fenómeno cultural, o qual fornece informação sobre múltiplos aspectos da organização social e ideológica dos grupos que o transmitem. Esse comportamento é especialmente significativo em grupos de estrutura social complexa. Com esta nova acepção entramos directamente num dos aspectos particulares da análise da "cultural material", ou seja, na *variabilidade estilística dos artefactos* e na sua relação com as *normas sociais* que permitem que ela se manifeste.

A ideia de que a organização social pode ser inferida com base em análises da variabilidade estilística de artefactos pré-históricos, foi amadurecendo a partir dos anos 60 entre diversos arqueólogos da escola antropológica americana e, mais recentemente, de diferentes correntes inglesas, como nos historia resumidamente S. Plog (29). Entre os principais pressupostos que sustentam a ideia referida, conta-se, segundo este autor, uma suposição que pensamos que é básica: a de que "o grau segundo o qual *os elemen*

tos estilísticos se difundem entre indivíduos, segmentos sociais ou aldeias, é directamente proporcional ao grau de interacção entre essas unidades" (30).

Entre os artefactos em que mais ocorre variação de ordem estilística, conta-se a *cerâmica*, manufactura que é realizada predominantemente pela mulher, no seio das unidades onde nasceu ou onde reside após o casamento. É com base no pressuposto de que a *aprendizagem* é fundamental no processo de difusão estilística e de que a *distância* e a *interacção* explicam as distribuições espaciais dos artefactos, que Deetz (31), Hill (32) e Longacre (33) utilizaram o método da *distribuição da produção cerâmica* para daí inferir a *regra de residência pós-marital* utilizada em cada grupo. Assim, por exemplo, numa comunidade *matrilocal*, haveria uma distribuição estruturada de estilos cerâmicos, na medida em que estes se fixariam espacialmente ao longo do tempo. Numa comunidade cuja regra de residência fosse *patrilocal*, a distribuição dos artefactos cerâmicos seria menos estruturada, pois corresponderia à movimentação contínua de oleiras entre as diversas unidades. Um outro método de análise da variabilidade estilística, envolve a medida da *homogeneidade de classes de atributos cerâmicos*, tendo sido utilizado por Connor (34), Leone (35) e Whallon (36). Assim, o grau de homogeneidade seria função do grau de movimentação de mulheres entre grupos. Numa sociedade matrilocal, cada unidade tenderia a assumir uma grande homogeneidade estilística, enquanto a heterogeneidade será específica de uma sociedade patrilocal. Este método pretendia ainda medir o grau de *endogamia*, o qual seria equivalente da homogeneidade estilística. Na mesma linha, Deetz (37) e Whallon (38) desenvolveram um terceiro método que envolvia a medida do grau de *associação entre atributos* em *diferentes classes estilísticas*. Por exemplo, uma comunidade patrilocal poderia desenvolver uma maior proliferação de padrões estilísticos do que uma outra matrilocal.

Todos estes métodos de análise decorriam duma ideia subjacente comum: *o grau de semelhança entre os estilos dos artefactos em duas ou mais comunidades é índice da intensidade da interacção entre as mesmas.*

Quer S. Plog (39) como I. Hodder (40), combateram a simplicidade destes pressupostos, cada qual apelando recentemente para métodos e critérios de análise bem diferenciados e a experiências concretas baseadas em conhecimentos antropológicos centrados em regiões do globo muito afastadas.

No entanto, ambos fazem ênfase em que a *variabilidade estilística e a sua distribuição espacial* obedecem não apenas a um factor, mas um *complexo de causas*, determinado pela *estrutura social* específica que rege, no espaço e no tempo, as comunidades em presença. Para tentar interpretar a informação veiculada pela variabilidade estilística dos artefactos, é necessário identificar simultaneamente o quadro dos recursos naturais, as estratégias de povoamento e subsistência assumidas pelas populações, as estruturas sociais e ideológicas que condicionam a vida intra e inter-comunal. *Não há regras gerais ou precisas que comandem a variabilidade estilística.* Hodder (41) chama-nos a atenção para o facto de que diferentes grupos étnicos podem manipular artefactos semelhantes, enquanto o mesmo grupo pode apresentar uma "cultura material" variada consoante a sua implantação em diferentes zonas ecológicas.

Esta nova maneira de encarar a variedade estilística tenta ultrapassar os pressupostos apriorísticos de que a proximidade e a interacção estão sempre na base da semelhança entre os artefactos de diferentes comunidades. E ao fazê-lo, apela para o estudo de *múltiplos contextos*, analisados na sua *especificidade*, com a finalidade de atingir, em presença de uma amostragem significativa, padrões gerais de comportamento.

Uma das conclusões mais importantes a que Plog e Hodder chegaram, na apreciação de comunidades passadas ou actuais, quer da América, quer de África, quer da Europa, é de que, nessas comunidades, a *interacção, sob pressão económica e tensão inter-tribal*, pode determinar, ao contrário do que era aceite, uma marcada *diferenciação dos estilos dos artefactos* dos diferentes grupos em confronto. A cerâmica doméstica, utilizada de forma simbólica, age nesses exemplos como elemento integrador da coesão social, apresentando uma apreciável variabilidade espacial.

Assim, Plog (42) detectou que no SE da América, entre 700 e 1100 d.C., o *aumento de população* estava associado a uma precisa *expansão para áreas previamente desabitadas, marginais*. Neste caso, devido às condições concretas do meio ambiente, esta expansão provocou uma *redução da mobilidade* dos grupos de agricultores, dando origem à segmentação em *unidades bem localizadas no espaço*. Contudo, esta menor mobilidade tornou os grupos mais vulneráveis à variabilidade ambiental, agora dependentes de recursos naturais existentes em áreas mais restritas. Em breve o *sistema social se reforçou* para dar resposta a esta situação de insegurança através do desenvolvimento de povoados permanentes mais organizados, integrando maior número de estruturas e variados artefactos, entre os quais a cerâmica doméstica ocupava um papel determinante na individualização comunitária. Simultaneamente, iniciaram-se estratégias económicas alternativas que implicavam a *cooperação entre grupos vizinhos*, na *circulação de produtos* através dos seus territórios. A relação entre estas mudanças estruturais e a variabilidade estilística da cerâmica é marcante: *grupos bem localizados* correspondem a *áreas estilísticas definidas*. Plog aceita a "teoria da troca de informação" (Wobst) para explicar este processo. A variação estilística está fortemente ligada ao sistema cultural como um "todo", expressando a identidade comunitária e a solidariedade entre os grupos, unidos por diferentes laços de acordo com a sua organização social.

I. Hodder (43) descreve-nos o papel da variabilidade dos estilos de artefactos em populações de agricultores, caçadores e pastores actuais em África (Quénia e Zâmbia).

Também nestes casos verificamos que grupos que mantêm um *alto nível de interacção* apresentam, no entanto, uma "*cultura material*" *bem diferenciada*. Como nos diz Hodder (44) "as diferentes fronteiras das culturas materiais são na área estudada, *focos de interacção*, não são barreiras". E mais adiante coloca a questão capital de saber "em que condições grandes descontinuidades de artefactos se relacionam com fronteiras étnicas", ao que responde: "sob marcada competição para obter determinados recursos".

Na verdade, as referidas descontinuidades resultam sempre, em última análise, das *relações entre os grupos e da sua estrutura interna*. Tanto pode desenvolver-se, numa determinada área, aquilo a que o autor chama "*plateaux*" *de semelhança estilística*,

ou seja, zonas onde não são perceptíveis descontinuidades marcantes nos artefactos, como em outras áreas (normalmente, sob condições de pressão económica e competição face às mesmas fontes), *fronteiras bem nítidas entre áreas estilísticas bem diferenciadas*.

Um dos pontos mais interessantes do estudo de Hodder diz respeito à análise da *diferente conotação simbólica dos artefactos*, quer no interior dos grupos, quer entre os mesmos.

No Quénia, por exemplo, no distrito de Baringo, entre os Njemps (45), verifica-se que a *cerâmica doméstica*, os *bancos* e a *posição das lareiras* no interior das cabanas, funcionam como elementos individualizadores. Assim, é nos limites territoriais, onde existe maior tensão social, face à competição pela obtenção dos mesmos recursos, que estes elementos assumem maior variabilidade estilística. São *elementos que acentuam as fronteiras culturais*. Mas existem outros artefactos (como as lanças de ferro e as cabaças, cujo modelo circula indiferenciadamente entre os diferentes grupos e contextos, com o estatuto de objectos de prestígio) que desempenham um papel fundamental, o de *diluir o nível de conflito latente e manter o equilíbrio intra-comunal*. Assim, enquanto as dicotomias aumentam em certos aspectos da "cultura material", simultaneamente pode desenvolver-se o intercâmbio de outros "items", normalmente de alto valor simbólico, que ultrapassam as fronteiras culturais.

Este aspecto é do máximo significado para a análise espacial em Arqueologia. Na verdade, muitas "culturas" arqueológicas foram construídas com base na difusão espacial de certos "items" (por exemplo, cerâmica campaniforme, objectos metálicos, etc.), ignorando-se nessa construção o papel específico que esses elementos desempenham em cada comunidade e as relações de inter-dependência social que motivaram a sua circulação em vastas áreas, por exemplo, na Europa ocidental. A distribuição espacial dos artefactos só é compreensível se pudermos inseri-los no *contexto simbólico* que lhes deu origem, em cada uma das unidades onde foram integrados.

A variabilidade dos artefactos no interior de cada comunidade, segmento, ou aldeia, também resulta das *relações de poder* aí existentes entre os indivíduos, segundo a idade, o sexo e o estatuto social de cada um.

Hodder fala-nos da *decoração das cabaças* entre os grupos do distrito de Baringo, como a expressão duma "linguagem silenciosa" entre mulheres, face à dependência destas relativamente aos homens mais velhos (46). Assim, a variabilidade decorativa não deve ser apenas vista como uma forma de interacção, mas como o resultado das relações de poder no interior dos grupos. Recentemente, A. Welbourn (47) descreveu o papel da cerâmica doméstica e ritual no seio duma comunidade patrilocal do Quénia - os Endo - onde aquela é assimilada à legitimação da ordem social e ao domínio masculino no seio social. *Os vasos domésticos, decorados, estão relacionados com o papel da mulher na sociedade, temporário* e *movente, funcional e quotidiano. Os vasos rituais*, apenas utilizados pelos homens em cerimónias secretas, reflectem o seu estatuto *permanente*, vinculado às esferas do *simbólico e do ritual*, ou seja, expresso em *momentos de excepção*.

Assim, parece-nos que deveremos reter, de todas estas sugestões, que a *varia*

bilidade estilística só pode ser analisada em função do conhecimento prévio de determinados factores: - *as estratégias económicas e sociais* que envolvem os grupos que produziram os artefactos em estudo; - *o papel simbólico* que os artefactos desempenharam nas relações entre grupos étnicos, etários, sexuais, familiares ou outros.

Por outro lado, alguns estudos recentes sugerem a hipótese de que a *pressão económica* e o *aumento de população*, em certas condições bem específicas, podem conduzir à criação de estruturas sociais mais complexas, que envolvem uma integração e cooperação supralocal muito mais alargada. A *variação estilística* dos artefactos pode estar em sintonia, nestes casos, com a necessidade de promover, em termos simbólicos e ao nível da "cultura material", a demarcação cultural dos diferentes grupos, em competição pela procura de recursos básicos.

Hodder (48) e outros autores ingleses, entre os quais C. Scarre (49), pretenderam interpretar muito recentemente a Pré-história recente de certas zonas da França e do Norte da Europa, com base nos pressupostos enunciados. De momento, não será oportuno comentar essas investigações baseadas em modelos explicativos que, no entanto, nos guiarão posteriormente, quando expusermos as hipóteses alternativas sobre a ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o período de tempo considerado neste trabalho.

Embora saibamos que não são admissíveis generalizações, para além dum certo limite, e que não devemos esperar que os mesmo parâmetros estilísticos sejam produzidos em outras áreas onde são realizadas estratégias sociais e económicas similares, parece-nos sugestivo ter em conta a *análise das transformações globais* (perceptíveis ao nível da eventual expansão para novos espaços, aumento de população, cooperação supra-regional, implantação e organização de povoados sedentários, densidade e diversidade da "cultura material", etc.), pois elas ajudam a explicar, quaisquer que sejam as respostas dadas, as transformações estilísticas observadas na região que é objecto do nosso estudo.

. A região que abordámos inclui *duas bacias hidrográficas* (ligadas por uma falha tectónica), tendo apenas sido realizadas escavações ou simples sondagens em *quatro* dos oito *povoados* conhecidos. Em uma das bacias - a do Corgo - iniciámos o estudo num único povoado - Castelo de Aguiar - desconhecendo, nessa área, a existência de outras estações do mesmo âmbito cultural. Isto significa que a nossa base de trabalho para tentar reconstituir a organização social das comunidades a que pertenceram estes povoados é extremamente limitada, tanto mais que não nos foi ainda possível obter elementos que ajudassem a reconstituir os recursos naturais disponíveis na época pré-histórica, nem possuímos uma cronologia fina na qual possamos incluir os vários testemunhos exumados nas escavações.

O modelo da evolução da ocupação do espaço da região entre Castelo de Aguiar e Vinha da Soutilha (bacias de Telões-Chaves) é um objectivo a atingir, pelo que nos limitamos a enunciar algumas hipóteses prévias, susceptíveis de natural revisão, na sequência do prosseguimento das nossas investigações neste domínio e nesta área.

- Durante o III$^{\circ}$ milénio a.C., algumas áreas da escarpa de falha Régua-Verin (no

troço Telões-Chaves) terão *sido ocupadas pela primeira vez* por populações que se instalaram em *povoados sedentários* virados a vales de rios importantes. Sabemos isto, porque nas áreas escavadas, os níveis de ocupação sobrepõem-se sempre, ou à rocha de base ou a níveis estéreis. Por outro lado, as estruturas habitacionais encontradas, a densidade e diversidade de artefactos domésticos, (particularmente a existência de vasos de provisões) indicam-nos a existência de *povoados permanentes*. Isto não significa que estas mesmas populações não ocupassem temporariamente povoados sazonais, especializados em determinadas tarefas. Mas o seu carácter precário pode não ter deixado vestígios tão evidentes.

- Se admitirmos, na generalidade, a longa cronologia proposta, desde os inícios do IIIº milénio aos inícios do IIº milénio a.C., e se analisarmos a estratégia de implantação dos diferentes povoados ao longo deste período, verificamos que parece delinear-se *uma provável tendência de procura, em fases mais recentes, de zonas que possuem defesas naturais*.

Assim, quer na Pastoria, quer em S. Lourenço, quer em Castelo de Aguiar, os povoados utilizam *esporões* com importante visibilidade face aos vales do Tâmega e do Corgo. Em Castelo de Aguiar, *a primeira ocupação extensa* data dos inícios do IIº milénio a.C., embora a área já tivesse sido anteriormente habitada (são escassos os vestígios da primeira ocupação) durante o IIIº milénio a.C.. Se comprovarmos futuramente a existência de uma estrutura defensiva em S. Lourenço, tornar-se-á nítido que, ao menos, na bacia do Tâmega, durante os finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C. (?), *a defesa* terá constituído uma preocupação de algumas destas populações. Contudo, mesmo que tal se confirme, poderão ter *coexistido* na mesma área, povoados de *muito diferente dimensão e funcionalidade estratégica* pelo que será de admitir a contemporaneidade de estações com diferentes implantações topográficas. Só um projecto de prospecção exaustiva e sequente escavação num conjunto seleccionado de estações poderá determinar a viabilidade desta hipótese. Desde já, é possível chamar a atenção para a implantação singular do povoado de Outeiro Seco, situado num pequeno morro (Nozelos - 390 m), já em plena superfície de Sanjurje, muito próximo da planície aluvial (a cerca de 20 metros sobre o nível actual do rio Tâmega), que contrasta flagrantemente com a localização em altura das restantes estações detectadas na região.

- Já anteriormente referimos as dificuldades que enfrentamos ao tentar delimitar os *territórios de exploração potencial* em torno de cada povoado. Apesar das limitações apontadas, parece útil aceitar a *hipótese de uma separação provável entre Vinha da Soutilha, por um lado, e Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar, por outro*. As três últimas estações têm *acesso rápido potencial a terras férteis de vale*, enquanto a primeira, devido à sua implantação num degrau recuado da escarpa de falha, apenas poderia aceder a estas últimas utilizando muito mais tempo. Adentro do segundo grupo de estações, de cronologia geral mais recente, devemos, no entanto, sublinhar novamente as características particulares de S. Lourenço: limitado aparentemente por um meio natural menos diversificado, poderia aceder às fertilíssimas terras da veiga no espaço de 1 hora. Só a investigação futura permitirá ajuizar da hipotética relação entre essa específica si-

tuação estratégica e a existência duma possível estrutura defensiva.

De qualquer forma, se aceitarmos a cronologia proposta, parecerá lógico colocarmos a hipótese duma *evolução no sentido duma implantação cada vez mais próxima de terras férteis de vale*. Dada a proximidade espacial e temporal dos povoados de S. Lourenço e Pastoria, podemos colocar a questão: qual o tipo de cooperação existente entre estes dois povoados face à provável utilização dos mesmos recursos existentes em áreas potencialmente atravessadas pelos habitantes de cada povoado, no espaço de 2 horas?

- A análise da evolução cultural em cada povoado e nos quatro povoados, em conjunto, indica-nos um paulatino incremento não só do número de exemplares de *vasos de provisões* (cuja dimensão também se amplia), como, da capacidade global de todos os recipientes de uso comum.

Em Castelo de Aguiar, a grande capacidade de vasos de provisões articula-se com a existência de uma quantidade significativa de sementes de *trigo* carbonizadas. Estes materiais, associados em níveis habitacionais recentes, a artefactos ligados possivelmente com a agricultura (e tarefas com ela relacionadas) faz-nos supor que esta *actividade e o armazenamento de alimentos ter-se-ão progressivamente desenvolvido* na região, *ao longo do IIIº milénio, para culminar nos inícios do IIº milénio a.C.*, o que a ter acontecido, poderia ser correlativo, pelo menos na Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar, da procura já mencionada de terras férteis de vale.

- Nos finais do IIIº milénio a.C., inícios do IIº milénio a.C. (?) em três dos povoados escavados, Vinha da Soutilha, S. Lourenço e Pastoria, foram registados objectos, que denunciam *intercâmbio de matérias-primas* (ausentes na região ou mesmo a Norte do Douro) e *circulação intra-comunal de artefactos de prestígio* (importados ou feitos no local segundo padrões alógenos). Encontram-se nesta situação, *contas de colar, em variscite, diversos utensílios (ou armas) em sílex, utensílios e armas em cobre arsenical, cerâmica campaniforme*. A presença dum *vaso com decoração "oculada"*, decoração clássica em contextos calcolíticos meridionais (encontrado no povoado de S. Lourenço), embora tenha sido provavelmente fabricado no local, reflecte necessariamente uma forma específica de *interacção*, a qual terá promovido a difusão, entre áreas geograficamente afastadas, de um modelo decorativo marcadamente simbólico. As implicações sociais, resultantes do aparecimento destes "items" nas fases recentes dos povoados da bacia do Tâmega, podem ser encaradas de várias formas.

É provável, em primeiro lugar, que estes artefactos ocorram num novo contexto social dos próprios povoados, o qual tenha favorecido a ocorrência de *objectos de excepção*, sem dúvida ligados ao crescente *estatuto social* de algumas personagens que se destacam na condução das actividades dos grupos.

Mas, em segundo lugar, estes objectos poderão reflectir um *sistema social baseado na inter-dependência comunal*. Estes artefactos de prestígio, de tipologia supra-regional, implicam, na região, uma *organização social complexa* que controla as actividades de *busca e movimentação* de matérias-primas e "mercadorias" e, ao mesmo tempo, regulamenta as re

lações sociais, como *encontros* de pessoas e grupos, com a finalidade de troca de informação e de bens. Esta organização social é apanágio de um sistema complexo de trocas, como nos afirma Renfrew (50), e, ainda segundo este autor, é graças à *interacção produzida pelo movimento de busca, troca ou redistribuição de bens*, que se originam, em última análise, sociedades complexas, como as estatais.

Normalmente, os objectos de prestígio (ou os seus modelos), circulam entre diferentes comunidades, *através de sucessivos territórios e de sucessivas trocas*, persistindo no tempo e no espaço, segundo um modelo de distribuição espacial, em que se verifica uma *gradual diminuição* à medida que se afastam da fonte original (51). Poderíamos facilmente comprovar este modelo espacial no que respeita aos artefactos detectados nos povoados em análise, mas tal implicaria realizar a integração dos mesmos a nível peninsular, o que nos desviaria do nosso principal objectivo, que pode ser atingido apenas pela apreciação dos dados em presença: o aparecimento de *novas matérias-primas*, raras ou ausentes na região, e de *artefactos de prestígio* (que pressupõem um crescente estatuto do *poder individualizado* particularmente evidenciado em *utensílios e armas de cobre arsenical*), parece ser correlativo da *progressiva estruturação dos povoados*, ao nível do seu grau de *sedentarização* e preocupação *defensiva* e, também, como veremos, ao nível da *diversidade e densidade de artefactos* verificada nos seus níveis mais recentes.

. Como se dá a evolução estilística dos artefactos nos quatro povoados estudados e qual a relação entre essa evolução e as transformações estruturais sugeridas anteriormente?

Deve, em primeiro lugar, dizer-se que apenas *dois tipos de artefactos* apresentam um grau de variabilidade suficientemente explícito, para serem mencionados: os *vasos cerâmicos* (sobretudo através da sua decoração) e as *pontas de seta*. Curiosamente, estes dois tipos de objectos podem provavelmente representar dois tipos de manufactura e de utilização, respectivamente, feminina e masculina, no interior da comunidade, a exemplo do que se observa ainda actualmente na grande maioria de sociedades chamadas "primitivas".

Em segundo lugar, nunca é demais lembrar as limitações inerentes à nossa investigação: ajuizamos a evolução estilística dos artefactos existentes em apenas quatro povoados, todos eles apenas parcialmente escavados, para os quais possuímos parcos elementos de datação. Ora, a variabilidade estilística observa-se no *espaço* e no *tempo*. Se não possuímos uma amostragem espacial suficientemente significativa e se não podemos provar a estrita contemporaneidade de determinados níveis habitacionais, sujeitando-nos a uma evolução cronológica genérica, as interpretações sobre a variabilidade estilística dos artefactos desta região reflectirão necessariamente o carácter provisório e incompleto dos dados que sustentam a nossa análise.

Mas as hipóteses que se seguem assumem-se como parte integrante do começo dum projecto. É necessário, apesar de tudo, com base nos dados que temos, colocar questões, avançar ideias, mesmo correndo o risco de vê-las ser refutadas pela nossa investigação futura. Aliás, cremos que a própria investigação futura só ganhará com a formula-

ção prévia de modelos explicativos, os quais, qualquer que seja a sua índole, são indispensáveis para a deslocação do eixo da ciência pré-histórica, nesta região, duma actividade puramente descritiva e coleccionadora, para outra onde intervém, como em qualquer ciência, o método hipotético-dedutivo. Uma vez transposta esta barreira, a investigação encontrar-se-á num outro patamar, o da confrontação de hipóteses, da contra-argumentação, baseada em novos dados e/ou na avaliação de analogias relacionadoras.

- A evolução das *pontas de seta* é menos susceptível de fornecer informação sobre a sua variabilidade estilística do que a cerâmica: *as pontas de seta de base recta ou côncava e lados rectilíneos parecem ocorrer em primeiro lugar (MRS I, II), coexistindo na Soutilha, a partir da 2ª metade do IIIº milénio a.C., com as pontas de seta de base recta ou côncava de lados convexos, e as pontas de seta de base triangular ou pedunculada (pedúnculo alongado). Nos finais do IIIº milénio, inícios do IIº milénio a.C.* (MRS III, PST I, PST a N.do Estradão, PST IIa, S.LRN II, CST AGR II), num período de tempo bastante lato, que ainda não conseguimos sub-dividir, verifica-se uma *maior variabilidade tipológica* destes artefactos: predominam as pontas de seta curtas, ocorrendo formas "evolucionadas" como as chamadas "mitriformes" (com ou sem aletas), a par de formas simples (base recta ou côncava de lados rectilíneos ou convexos), ou pedunculadas (pedúnculo destacado, com aletas). Provavelmente já numa fase mais recente, *adentro da 1ª metade do IIº milénio a.C.*, surgem as *pontas de seta alongadas, de base côncava ou bicôncava, com aletas de extremidade arredondada espessa* (S.LRN III, CST AGR II, PST - a N.do Estradão) (L.4). Estas pontas de seta podem coexistir com pontas de seta de outras tipologias, como acontece na Pastoria ou em Castelo de Aguiar, pelo que será de perguntar se esta diversidade não estará relacionada, durante esta fase recente, com uma clara variedade funcional: este último grupo de pontas de seta apresenta uma morfologia e uma específica técnica de retoque que lembra pontas de seta encontradas em contextos tumulares do Bronze inicial da Bretanha ou Normandia (52) e que devem constituir, naqueles casos, objectos fundamentalmente rituais, em relação com o espólio funerário pertencente a personagens de alto estatuto social. Na Península Ibérica, existem alguns paralelos para este tipo de pontas, em contextos quer sepulcrais, quer habitacionais, como já anteriormente desenvolvemos, os quais são globalmente datados também dos inícios do IIº milénio a.C.. Não será, pois, de ignorar a hipótese de estes artefactos serem utilizados prioritariamente como objectos de prestígio, tanto mais que a sua cronologia provável e, na Pastoria, a sua associação com a cerâmica campaniforme, se articula com o aparecimento de indícios de um crescente *poder social individualizado*.

- Quanto aos *vasos cerâmicos*, devemos dizer, em primeiro lugar, que ainda que nos faltem provas irrefutáveis, nos parece que as estações da bacia do Tâmega, por um lado, e a estação de Castelo de Aguiar, por outro, se integram, respectivamente, em duas *áreas estilísticas diferenciadas, ainda que com muitos pontos em comum*. Para poder confirmar esta hipótese será necessário caracterizar melhor o nível mais antigo de CST AGR, através de datações absolutas que confirmem a já existente e, sobretudo, através de ampla definição da sua "cultura material". Quanto ao nível II de Castelo de Aguiar, será necessário estabelecer a sincronia total ou parcial com o nível recente da Pastoria, pela obtenção de um número significativo de datas de C 14 para ambas as estações. *A confir*

mar-se a contemporaneidade entre as duas estações, pelo menos durante os inícios do IIº milénio a.C., poderíamos sugerir a diferenciação estilística dos seus vasos, sobretudo pela *ausência em Castelo de Aguiar da decoração incisa metopada* (organização I_1), *tão importante nos vasos de uso comum de qualquer das estações escavadas (ou simplesmente inventariadas) da bacia do Tâmega*. Contudo, existem muitos elementos comuns nos níveis referidos das duas estações: vasos carenados, decoração "penteada" (organizações I_2, V_2 e V_3), decoração puncionada (organização II) (além de pesos de tear em cerâmica e pontas de seta com a mesma morfologia) são alguns dos elementos mais significativos.

A explicação da ausência da decoração incisa metopada em Castelo de Aguiar é dificilmente encontrável, no estado actual dos nossos conhecimentos. Se aceitarmos que ela funciona como um possível elemento individualizador da identidade cultural da área estilística do alto Tâmega - na hipótese de uma contemporaneidade, ao menos parcial, entre Pastoria e Castelo de Aguiar - teremos de admitir que a *organização social* que condicionava a variabilidade da cerâmica nas duas estações obedeceria, provavelmente, na mesma época, já a padrões bem diferentes. Na verdade, enquanto que na Pastoria, mesmo nos níveis mais recentes, existe uma variada e complexa gama de organizações decorativas (entre as quais se encontra a cerâmica campaniforme e imitações locais desta, a par de organizações metopadas e outras de estrutura mais simples), em Castelo de Aguiar prevalece um gosto mais contido pela simplicidade decorativa: predominam as sequências aditivas ou as sequências lineares horizontais. Ao gosto pela *variedade* e *barroquismo* da Pastoria contrapõe-se o gosto mais *sóbrio* e *homogeneizante* de Castelo de Aguiar. A "leitura" destas duas concepções só poderá ser realmente feita em presença de muitos mais dados.

. Tendo em conta a cronologia geral adoptada, podemos tentar traçar, assim, as grandes linhas da evolução cerâmica (*):

- ao longo do IIIº milénio a.C., dominam as formas globulares; só nos finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C., ocorrem as primeiras formas carenadas e tronco-cónicas (com cordões simples ou decorados sob o bordo) (nas duas áreas estilísticas consideradas);

- durante o IIIº milénio a.C. verifica-se um paulatino aumento da dimensão de todos os vasos, nomeadamente os de provisões, que, em CST AGR II (inícios do IIº milénio a.C.), apresentam grande capacidade;

- a evolução da decoração cerâmica permite distinguir três fases: - *uma primeira fase com decorações simples*, pouco invasoras (triângulos ou linhas de pontos sob o bordo), expressa em MRS I (inícios do IIIº milénio a.C.?); - uma *segunda fase* com *decorações progressivamente mais complexas e contrastantes* (desde os finais da primeira metade até aos finais do IIIº milénio a.C. (?)). Nesta segunda fase, cuja compartimentação cronológica em função da evolução das variantes estilísticas ainda não é possível de

(*) Não considerámos os poucos exemplares cerâmicos existentes em CST AGR I, por não serem quantitativamente e qualitativamente significativos.

terminar, cabem *organizações em sequência horizontal simples* (triângulos, pontos, linhas "penteadas" sob o bordo, etc.) e *organizações incisas metopadas*, que invadem a totalidade da superfície dos recipientes. Nos níveis de MRS III, PST I, PST a N.do Estradão, S. LRN II, as organizações metopadas apresentam uma complexa estrutura hierárquica (métopas seccionam espaços no interior de zonas separadas, por sua vez, também por métopas); - - *uma terceira fase acusa nos finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C. decorações menos complexas*, quer numa estação da bacia do Tâmega, quer numa outra da bacia do Corgo. Na Pastoria (PST IIa, b), as organizações incisas metopadas integram temas mais simples e abandonam a estrutura "dendrítica" anterior. Simultaneamente, aparece a cerâmica campaniforme, e logo surgem *imitações locais* de diferentes temas campaniformes em recipientes de uso doméstico: bandas decoradas alternam com bandas sem decoração (sequência aditiva); "chevrons" lisos sobre fundo com puncionamentos desenvolvem-se sobre a parte média dos vasos. Em Castelo de Aguiar (CST AGR II) predominam, como já dissemos, as sequências aditivas (com bandas "penteadas" ou incisas), que parecem imitar o campaniforme marítimo; mas também ocorrem outras imitações de estilos campaniformes compósitos, como "chevrons" lisos sobre fundo com reticulado sob o bordo, ou quadrados puncionados alternadamente (em "xadrez"), do bordo à parte média dos recipientes.

Apesar de na última fase da Pastoria persistir a tradição da decoração incisa metopada (o que determina, neste povoado, uma maior variedade temática e organizativa do que em Castelo de Aguiar), parece óbvio que o campaniforme marítimo influencia o "estilo" decorativo desta fase em ambas as estações. O facto de não termos encontrado cerâmica campaniforme em Castelo de Aguiar tanto pode dever-se à sua inexistência na estação, como à simples ausência casual na pequena área escavada.

É óbvio que não podemos afirmar a evolução linear destas três fases em todas as estações ou níveis mencionados. Assim, como já várias vezes dissemos, não podemos determinar a estrita contemporaneidade de MRS III, S.LRN I/S.LRN II e PST I, como de PST IIa/b e CST AGR II, o que significa também que *não podemos testar a hipótese de uma eventual contemporaneidade parcial entre alguns dos níveis habitacionais com cerâmicas decoradas segundo estilos muito contrastantes (da 2ª fase) e outros com cerâmicas decoradas segundo estilos mais simples (da 3ª fase).*

. Esta aparente evolução estilística sugere (pelo menos, nas estações do Tâmega) que, a partir duma determinada fase - 2ª metade do IIIº milénio a.C. (?) - se verifica uma necessidade de *afirmação estilística*, não só pela diversidade de temas e organizações, como pela *predominância de uma organização de aspecto contrastante, facilmente indentificável para qualquer observador*. Esta evolução é particularmente visível na estação da Vinha da Soutilha. *Quando aparece a cerâmica campaniforme na estação da Pastoria*, provavelmente na transição do IIIº para o IIº milénio a.C., *esta situação altera-se levemente*, na medida em que a organização metopada se simplifica e, ao mesmo tempo, *surgem temas menos contrastantes*, que repetem, *sequencialmente*, o mesmo motivo. Esta transformação, que ainda é mais vincada em Castelo de Aguiar, vem acompanhada da introdução de *novas formas cerâmicas* (tronco-cónicas e carenadas) cuja funcionalidade nos escapa, na maioria dos casos. Ou seja, a transformação operada ao nível estilístico re-

flecte uma *mudança estrutural*, na medida em que ela se encontra associada a uma *ampliação do "equipamento" cerâmico* em povoados que, além do mais, se situam, em princípio, em áreas estilísticas diferentes, ainda que contíguas. Tratar-se-á, portanto, dum *fenómeno supra-local*.

É óbvio que esta evolução se deve entender como uma hipótese - por enquanto não totalmente comprovada mesmo a nível local - e como tal ela deve ser encarada, no conjunto de ilacções que vamos tirar da possível relação entre as transformações estilísticas e as mudanças de ordem cultural que anteriormente mencionámos.

. Na verdade, em grandes traços, podemos verificar a coincidência entre *o movimento de expansão e implantação em povoados sedentários* junto a vales importantes, bordejados por terras férteis, alguns com defesas naturais (um deles provavelmente com uma estrutura defensiva), *o movimento de procura de matérias-primas raras ou ausentes da região*, que, em última análise, está associado à *aquisição ou feitura de objectos de prestígio* e o constante e progressivo *enriquecimento da decoração cerâmica*, quer vista no seu conjunto, quer vista na perspectiva da diversidade observada entre alguns dos níveis habitacionais (possivelmente contemporâneos) das várias estações da mesma região (Telões-Chaves) ou da mesma área estilística (bacia do Tâmega). Na área do Tâmega a coincidência entre estas duas ordens de transformações torna-se patente até ao *momento em que, na Pastoria, são introduzidos a cerâmica campaniforme e objectos de cobre arsenical* (ainda de tipologia calcolítica). Nesta estação não se dá uma ruptura com a tradição estilística anterior, mas verificam-se mudanças. As questões que se devem agora colocar são as seguintes: - em termos de estratégias de povoamento, interacção, exploração do território, formas de poder, verificam-se, a partir dos finais do IIIº /inícios do IIº milénio a.C., mudanças estruturais que são correlativas da transformação estilística observada?; - essa evolução dá-se (na região que abordámos) ao mesmo tempo, ou existem diferentes ritmos de desenvolvimento local que determinam essa evolução estilística?; - como se traduzem essas eventuais transformações em termos da ocupação do espaço no interior de cada povoado?; - existem povoados que se mantêm à margem dessas mudanças?; - e, nesse caso, como se dará a relação entre unidades com diferentes tipos de comportamento social?; - como evoluiu, do ponto de vista cultural, a área da bacia do Tâmega, para integrar já em plena primeira metade do IIº milénio a.C., objectos excepcionais de prestígio em cobre arsenical (como três punhais de lingueta, um punhal de rebite, uma ponta de lança, um cinzel e um machado) que, no seu conjunto, indicam, pelo menos, *um forte poder individualizado totamente implantado no povoado?*

. Se pudermos futuramente confirmar o modelo explicativo que comanda a evolução cultural das estações envolvidas no nosso trabalho, poderemos confrontá-lo com outros semelhantes, já formulados para outras regiões da Europa. Na verdade, na Península, não conhecemos nenhum estudo que pretenda explicar de forma nítida a variabilidade da "cultura material" pelo seu contexto social numa região alargada. Os recentes trabalhos que integram os contextos arqueológicos do *Sudeste* no quadro das diferentes ecologias que os condicionaram e se ocupam da *relação* entre a implantação de tipos de povoados e túmulos em diferentes áreas naturais são da autoria de A. Gilman (53), R. Chapman (54), V.

Lull (55), C. Mathers (66) e A. Gilman e J. B. Thornes (57). Mas se estes autores acentuam essa relação, ela não inclui de forma específica o estudo da evolução dos artefactos, sobretudo dos artefactos domésticos. A menção destes ocorre divesas vezes nestes trabalhos, ou é mesmo objecto dum tratamento exaustivo na obra de Lull. Mas os autores não parecem interessar-se em seguir o percurso da "estilística" dos objectos, como forma de ajudar a construir o sistema cultural total das comunidades pré-históricas. Ou seja, não dão ênfase ao papel "simbólico" que é desempenhado pelos artefactos domésticos, enquanto elementos intervenientes da dinâmica social, veiculando tensões, relações de poder, solidariedade entre indivíduos ou grupos. Assim, o que podemos extrair destas obras, é a forma como se tenta explicar a evolução cultural nessa região, tendo em conta a relação entre estratégia de povoamento, técnicas de exploração do território e rituais funerários.

Para Gilman e Thornes, a evolução do IVº para o IIº milénio a.C., no Sudeste, passa pelo progressivo *investimento a longo prazo no trabalho da terra*. Nas zonas áridas, o desenvolvimento de *técnicas de irrigação* terá determinado no IIIº milénio a.C. aquilo que os autores chamam a "intensificação de ritos comunais de solidariedade: os sepulcros colectivos e os respectivos espólios tornam-se mais elaborados" (58).

Neste período, devemos lembrar, cabem povoados bem estruturados ou mesmo fortificados, como Los Millares, e uma utensilagem doméstica densa e bem diversificada. Seria interessante realizar um estudo da "cultura material" regional, durante este período, tendo em conta o contexto social sugerido, e tentando correlacionar as diferentes fases da evolução estilística com as principais etapas da exploração de "técnicas hidráulicas simples" (59). Durante o IIº milénio a.C., no sector árido do SE a competição entre grupos para fácil acesso à terra irrigável, terá determinado, segundo os mesmos autores, um investimento em trabalho humano muito mais prolongado e o desenvolvimento de técnicas de irrigação mais sofisticadas, ao mesmo tempo que os ritos sepulcrais colectivos eram substituídos por sepulcros individuais que testemunhariam a ascenção dum *poder muito mais directo* e duma visível *hierarquização social*. Simultaneamente, em áreas menos áridas do SE, onde nunca foi preciso investir trabalho em grandes tarefas de irrigação (áreas com culturas de sequeiro), as tensões sociais nunca atingiram um grau muito elevado, pelo que os monumentos sepulcrais colectivos, expressão de populações de estrutura basicamente igualitária, se mantiveram até ao IIº milénio a.C..

Seria extremamente importante, mais uma vez, testar a possível relação entre a variabilidade estilística da "cultura material" e a evolução das relações sociais, tendo em vista não só as grandes transformações observadas na passagem do IIIº para o IIº milénio a.C., mas também as assimetrias culturais que separam a região árida das restantes regiões do Sudeste.

De qualquer forma, nestas obras, como em outros estudos sobre o SE (60), tenta-se explorar o contexto social dos testemunhos arqueológicos, num sentido verdadeiramente inovador. Ressalta, por exemplo, o *papel simbólico dos monumentos sepulcrais* na vida destas comunidades, e é através da análise dos seus espólios que, mesmo assim, podemos seguir a evolução da estilística dos artefactos funerários e/ou rituais em articula

ção com as estruturas que os contêm. Aspecto que, infelizmente, não podemos estudar na nossa região (nem no Norte de Portugal), pois aqui desconhecemos quais os tûmulos que as populações que habitaram os povoados do Tâmega e do Corgo contruiram ou utilizaram.

I. Hodder (61) realizou, como dissemos, um interessante estudo sobre uma sequência de mudanças estruturais observadas durante o Neolítico, em duas áreas da Holanda. Essas áreas são respectivamente a *planície setentrional* (durante o IIIº milénio a.C.) e *a região do "loess"* (durante o Vº e o IVº milénio a.C.).

Em qualquer delas a evolução da estilística cerâmica é notavelmente semelhante à observada na nossa região: na planície setentrional, nas cultural designadas por TRB e PFB (pré ou não campaniforme, cuja origem se sucede no tempo), a decoração da cerâmica evolui primeiro no sentido da grande complexidade, sendo contruída a partir do básico contraste entre os planos horizontal e vertical (TRB), para depois se instalar uma temática menos contrastante, onde ressalta uma estrutura aditiva ou sequencial (PFB); nas regiões do "loess", entre a cultura da "Linearbandkeramik" (LBK) e a de Rössen, a evolução do simples para o complexo é algo de extremamente evidente. A partir da 2ª fase de LBK os estilos cerâmicos começam também a regionalizar-se e a manifestarem-se oposições temáticas entre diferentes partes dos recipientes. A partir do IVº milénio a.C., com a cultura de Rössen, a decoração invade completamente a superfície dos vasos.

Se evocamos aqui estes exemplos, não é, obviamente, porque pensemos que, para além da genérica evolução da estilística ser idêntica à observada por nós no Norte de Portugal, existam quaisquer outras relações de ordem estrutural entre regiões tão afastadas. Aliás, a análise dos contextos sociais que presidem às evoluções estilísticas descritas, mostra à evidência que não podemos nem devemos esperar que o mesmo sistema social seja produzido em outras áreas onde se verificam evoluções estilísticas semelhantes.

Assim, *na planície setentrional* , à máxima complexidade estilística (TRB) correspondem povoados dispersos e sazonais e ainda complexos rituais funerários colectivos. Contudo, na vigência da cultura de PFB (decoração da cerâmica simplifica-se) os monumentos megalíticos já não são construídos, sendo substituídos por tumulações individuais. Ao contrário, nas *férteis terras do "loess"*, os grupos LBK-Rössen são mais estáveis, apresentam povoados sedentários (por vezes, com estruturas de defesa) em detrimento dos sepulcros, que não são tão monumentais. O enriquecimento estilístico está intrinsecamente ligado neste caso à expansão populacional para meios menos favoráveis, à competição social face à obtenção de certos recursos básicos, à fragmentação da comunidade, materializada na regionalização de estilos cerâmicos.

Desta forma, o meio ambiente condicionou inicialmente o processo cultural, de forma a desencadear nas duas áreas *diferentes adaptações nas formas de povoamento e nas relações sociais, reflectidas na presença/ausência de monumentos funerários de grande porte, embora, do ponto de vista da evolução estilística da cerâmica, não haja nenhuma diferença estrutural.*

Estes exemplos, extraídos intencionalmente de áreas muito afastadas da Penín

sula Ibérica, são extremamente elucidativos quanto ao papel que deve ser atribuído à variação estilística dos artefactos, em qualquer contexto social: eles expressam sempre a *realidade particular* da formação cultural que os produziu. Pode haver convergência de evoluções entre regiões distantes, quer apenas de ordem estilística, quer também de ordem social, mas para se poder sugerir uma real *analogia de comportamentos* entre diferentes áreas, é necessário confrontarmos, termo a termo, todos os "items" culturais, realizando um *estudo comparativo das associações mais relevantes*.

3.5.6 *OS POVOADOS NO ÂMBITO PRÉ-HISTÓRICO PENINSULAR*

. Da análise conjunta realizada sobre *a tipologia dos artefactos* de cada estação no contexto pré-histórico peninsular podemos extrair as seguintes linhas de força:

- Existem *artefactos cuja tipologia é comum a contextos culturais não diferenciados da Pré-História recente em toda a Península*. Estão neste caso, por exemplo, lâminas prismáticas retocadas lateralmente, em sílex, raspadeiras de diversos tipos, em quartzo ou sílex, utensílios de pedra polida (nomeadamente machados de secção rectangular), ou contas de colar em diversas matérias-primas, predominando a variscite. Quer o sílex, quer a variscite, são matérias-primas inexistentes na região de Telões-Chaves. O silex não é conhecido no Norte de Portugal e quanto à variscite, embora seja conhecida uma jazida no concelho de Vinhais, não existem provas de que esta tenha sido explorada na época pré-histórica. A jazida mais próxima, que forneceu este mineral para ser utilizado por populações pré-históricas, situa-se na província de Zamora, em plena Meseta Norte. Todos estes artefactos, isoladamente, podem ser detectados em contextos insertos em regiões da Península muito afastadas, quer no plano geográfico, cultural ou, mesmo, cronológico.

É pela específica *associação deste e outros artefactos com materiais cuja tipologia apresenta flagrantes paralelos em contextos meridionais* que os podemos integrar num *sistema de objectos* no qual sobressai em, primeiro lugar, a *filiação cultural mediterrânica*.

- Na verdade, são inúmeros os paralelismos entre *objectos e associações de objectos* encontrados nos povoados estudados e nos contextos habitacionais e sepulcrais da Estremadura portuguesa, Sudoeste e Sudeste peninsular. Lembremo-nos, por exemplo, da morfologia das *pontas de seta*, entre as quais predomina, nos finais do IIIº milénio a.C., o *tipo de base côncava ou recta, de lados convexos*, com ou sem aletas, tão significativo em contextos calcolíticos da Estremadura e do Sudeste, da existência de *pesos de tear em cerâmica*, de contorno sub-rectangular, com quatro perfurações, duas em cada extremidade, os quais têm uma expressiva expansão não só nas áreas meridionais referidas, mas também na Meseta Norte (em povoados calcolíticos, eles próprios ricos em elementos de inspiração meridional); de *utensílios* e uma *arma em cobre arsenical*, de tipologia calcolítica tardia (cinzel, faca curva, punção, punhal), com claras semelhanças formais em artefactos contemporâneos da Estremadura e do Sudeste (apesar da raridade de minas de cobre no Norte de Portugal, e de nenhuma delas ser próxima da nossa região); e, finalmente da *ce*

râmica e da sua *decoração*.

Na verdade, embora as formas cerâmicas domésticas sejam bastante simples até aos finais do IIIº milénio a.C., não se aproximando das tipologias meridionais (mais diversificadas), as principais decorações manifestam grandes afinidades com diferentes contextos cuja origem cultural é nitidamente mediterrânica.

Assim, podemos distinguir duas grandes categorias de decorações nas nossas estações. A primeira insere as *decorações* que, tendo uma *origem neolítica* (provavelmente no Sudeste), em breve se expandem para diferentes áreas peninsulares, *persistindo até à Idade do Bronze, em algumas regiões*. Ocorrem em *diferentes formas cerâmicas*, existentes em diversos *contextos habitacionais e sepulcrais*. Estão nestas circunstâncias as organizações II, III e VI. Nas estações que estudamos, elas constituem a *base decorativa "de fundo"*, particularmente a II e a III (Figs. 19-22), permanecendo estas últimas desde os finais do IIIº milénio a.C., na Vinha da Soutilha, até aos inícios do IIº milénio a.C., em Castelo de Aguiar; são as decorações que mais semelhanças apresentam com as de contextos similares existentes no ocidente da Meseta Norte; como veremos, são também as decorações que apresentam maior expansão no Norte de Portugal e que, provavelmente, constituem, ao nível da estilística decorativa, o elemento culturalmente estável desta região. A segunda categoria diz respeito a *decorações que têm um âmbito cronológico, geográfico e cultural mais restrito*. Têm origem ou expressiva representatividade a partir do *Calcolítico* e manifestam-se em *áreas circunscritas*. Adentro desta categoria integramos as organizações I_1, I_3, I_4, I_5, IV, V_1, V_2, V_3, XVIII, XXVI e XXVII. As restantes organizações, menos individualizáveis, devem ser, provisoriamente, encaradas como estilos locais. As organizações I_1, I_3, I_4, I_5 e IV têm um importante significado na Estremadura portuguesa e no Sudeste, e em menor grau, em pontos isolados do Sudoeste e da Meseta Norte. Entre este primeiro grupo devemos salientar as *organizações I_1, I_3, I_4 e IV* que, normalmente, estão associadas na Estremadura e SE *a vasos de uso excepcional* (quer de âmbito funerário, quer de âmbito doméstico): os chamados "*copos*" da Estremadura e os *recipientes em osso* ou *gesso* que ocorrem em ambas as regiões. As *organizações V_1, V_2 e V_3* ocorrem em diversos contextos calcolíticos peninsulares, mas não estão aparentemente ligadas a formas cerâmicas específicas. A *decoração oculada* (XVIII), tão abundante no SE, SO e Estremadura (e agora também existente no ocidente da Meseta Norte), aparece em *vasos* de uso restrito (quer num âmbito funerário, quer habitacional), cuja morfologia varia consoante o contexto ou região. Finalmente, as organizações XXVI e XXVII parecem reproduzir temas da *estilística campaniforme* de áreas como a Estremadura ou o SE. Devemos ainda relembrar que o *campaniforme marítimo* (variante linear) e *estilos híbridos* (pontilhado geométrico), com bons paralelos na *Estremadura portuguesa*, estão associados, na Pastoria, a estilos decorativos locais.

Deste conjunto de decorações ressalta imediatamente que a maior parte delas se relaciona, em outras regiões peninsulares (particularmente na Estremadura, SE e SO), com *recipientes que têm uma função excepcional nos contextos em que ocorrem*. Existem apenas alguns casos em que as decorações se articulam com vasos de uso comum. Estas excepções estão particularmente ligadas às organizações I_5, V_1 e V_2.

Nos povoados da região do Tâmega-Corgo esta segunda categoria de decorações desenvolve-se, "grosso modo", a partir da 2ª metade do IIIº milénio a.C. e atinge, pelo menos, os inícios do IIº milénio a.C., sobrepondo-se quantitativamente durante esta fase à primeira categoria mencionada. Embora nesta região este conjunto de decorações envolva todas as estações do Alto Tâmega, a nível do Norte de Portugal ele encontra-se restringido a áreas bem delimitadas, as quais analisaremos num próximo capítulo.

Um outro aspecto a realçar é a integração do campaniforme marítimo (variante linear) num contexto calcolítico (Pastoria) com cerâmicas decoradas cuja temática manifesta uma forte semelhança com as observadas no Calcolítico da Estremadura portuguesa. Por outro lado, no mesmo nível em que a cerâmica campaniforme ocorre, aparecem *artefactos em cobre arsenical de tipologia calcolítica tardia, o que sugere um padrão de associação estratigráfica de vários elementos arqueológicos muito semelhante ao repetidamente detectado em níveis habitacionais do Calcolítico Final da Estremadura portuguesa.*

Nos finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C., dois dos povoados estudados voltam a manifestar ao nível da sua "cultura material", tendências que são comuns a vários contextos peninsulares desde o Sudeste à Meseta: aparecem carenas baixas ou médias, tronco-cónicos com cordões simples ou decorados sob o bordo (o qual também pode inserir incisões oblíquas) e um recipiente de "pé" alto. Também durante a primeira metade do IIº milénio a.C. as armas e os utensílios em cobre arsenical de S. Lourenço são um forte indicativo da circulação supra-regional de objectos de prestígio, alguns dos quais se inserem na esfera do "fenómeno campaniforme" tardio, o qual invade toda a Península.

Todas estas recapitulações têm por fim acentuar a evidente *relação* existente entre a estilística dos artefactos, a associação estratigráfica de certos tipos de objectos enfim, alguns aspectos do contexto arqueológico global dos povoados que estudámos e os de outros contextos, genericamente contemporâneos, existentes em áreas culturais por vezes bem distantes daquela que começamos agora a explorar.

Mas, já o afirmámos, a estilística dos artefactos só é compreensível, em termos do que ela pode representar como relação e interacção social, se percebermos o sentido particular da sua acção na *realidade específica* que a produziu. É necessário analisarmos o que, do ponto de vista da "cultura material" e especialmente da cerâmica, é diferente nos nossos povoados.

— É óbvio que a utilização de *matérias-primas locais*, com o xisto, a corneana, o quartzo, o anfibolito, a argila, etc., para a feitura de artefactos domésticos, se deve entender como uma *escolha particular* deste contexto cultural face às possibilidades oferecidas pelo meio. Trata-se de uma atitude que envolve uma selecção dos recursos naturais, a que estas populações se submeteram na maior parte das vezes; assim se explica que grande número de artefactos líticos em pedra lascada e de uso comum seja feito em xisto e quartzo, revelando um "talhe" frustre; que, por outro lado, muitas das lascas retocadas sejam "objectos de ocasião" (retoques incipientes, marginais) e que as raspadeiras carenadas frontais curtas sejam muitas vezes reutilizadas até à exaustão. Apenas as pontas de seta incluem matérias-primas de mais fácil retoque, como a corneana

ou o próprio sílex, este último proveniente de outras áreas.

Assim, talvez à excepção das pontas de seta, não se nota um grande esforço investido na procura de matérias-primas de qualidade para um fabrico cuidado e diversificado de utensílios em pedra lascada e polida.

O mesmo já não se passa com a *cerâmica*. O tratamento das pastas e superfícies, os processos de cozedura são bastante uniformes. As formas esféricas, em calote ou ovóides, até aos finais do IIIº milénio a.C., integram-se, como já o afirmámos, numa "*família*" *morfológica do Norte da Península* (abrangendo o Noroeste e a Meseta Norte), que não inclui pratos, nem carenas, a não ser já numa fase mais tardia dos inícios do IIº milénio a.C..

O que é específico deste contexto cultural e indica provavelmente uma concentração em *trabalho* por parte de grande número de elementos da sua população é a *decoração da cerâmica:* cerca de 80% dos vasos são decorados, o que é algo de inédito a nível do Calcolítico peninsular. Mas, e o que é mais importante, são os *vasos domésticos*, os vasos para ir ao lume, para conter e servir comida, para armazenar líquidos, etc., que apresentam *maior número de decorações*. São eles que inserem as *decorações mais contrastantes*, são eles que veiculam a *informação estilística mais "codificada"*. Ou seja, ao contrário dos contextos do Sul da Península, onde os vasos decorados representam múltiplas funções e estão muitas vezes ligados a *utilizações de excepção*, quer no âmbito funerário quer habitacional, nos povoados estudados das bacias do Tâmega e Corgo, *os recipientes de uso comum detêm um valor simbólico que os coloca na primeira linha da troca de informação*. As questões que naturalmente se colocam perante esta nova situação giram em torno dum problema central: o que determina a concentração duma extraordinária "carga" informativa na estilística decorativa dos vasos domésticos? Ou, se quisermos, o que motiva, nesta região, a sobrevalorização do *contexto doméstico*?

Creio que, a partir deste momento, será muito mais produtivo reflectir no que distingue este contexto relativamente aos restantes peninsulares, procurando avaliar a *relatividade e contingência das analogias tipológicas* quando desinseridas da compreensão da estrutura orgânica que explica a função dos artefactos.

. O quadro da fig. 37 mostra-nos a calibração (62) das datas de C14 dos povoados da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar no contexto de algumas datas de radiocarbono também calibradas e datas TL de diferentes estações peninsulares - povoados e monumentos funerários - globalmente contemporâneas dos povoados do Norte de Portugal, algumas das quais já mencionadas ao longo do nosso trablho quando aludimos a paralelos tipológicos para os artefactos da nossa região (63).

Assim, podemos afirmar que os dois povoados datados - os quais estabelecem, em conjunto, *o começo e o final da evolução observada nas quatro estações dos vales do Tâmega-Corgo - são contemporâneos, nas suas diversas ocupações, de contextos habitacionais e sepulcrais com os quais existem pontos de contacto ao nível da tipologia de certos artefactos:* na *Estremadura*, os povoados do Penedo do Lexim, Serra das Baútas, Zambu-

jal e o sepulcro da Praia das Maçãs; no *Sudeste*, os povoados de El Malagõn, Montefrío, Los Millares, Angosturas de Gor, ou Cerro de la Virgen, e os sepulcros de Los Millares ou El Barranquete; no *Alentejo e Algarve*, os povoados de Castelo do Giraldo e Santa Justa e os tũmulos da Anta 1 da Comenda da Igreja, Anta 1 da Farisoa ou a "tholos" A dos Tassos; na *Galiza*, os povoados de Fontenla e Lavapés (64). Outras estações contemporâneas, cujos contextos materiais se afastam morfologicamente dos nossos, estão também representadas neste quadro: por exemplo, o povoado de Los Castellones de Laborcillas, no Sudeste, diversos monumentos megalíticos do Norte de Portugal e Meseta Norte, ou tumulações colectivas e individuais do Norte da Península, como as de Los Husos ou Gobaederra. A indicação cronológica destes contextos permite-nos visualizar a coexistência ou sucessão temporal, a nível peninsular, de estações que expressam apreciáveis diferenças na sua realidade material.

Contudo, apesar de podermos verificar a *global contemporaneidade* das estações da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar relativamente às outras estações mencionadas, é imediatamente perceptível, se aceitarmos a nossa proposta cronológica, a *maior antiguidade das primeiras ocupações dos povoados da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar* em comparação com as datações disponíveis, no Sul da Península, para *contextos semelhantes* da Estremadura, Sudoeste ou Sudeste peninsulares.

Neste momento, face aos dados publicados, apenas uma data proveniente do povoado de El Malagõn poderia fazer face à antiguidade da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar. Ora, se nos lembrarmos que desde o segundo nível da estação da Vinha da Soutilha, ou seja, *desde um possível momento indeterminado da 1ª metade do IIIº milénio a.C.* (1ª metade do IVº milénio A.C.), ocorrem cerâmicas incisas metopadas, com claros paralelos já demonstrados, em *contextos calcolíticos mais tardios da Estremadura e do Sudeste* (os quais não devem recuar para além da 2ª metade do IIIº milénio a.C.), coloca-se doravante a questão de sabermos interpretar as possibilidades abertas por esta nova cronologia: - devemos, em primeiro lugar, esperar que tal cronologia se confirme, por um número muito mais amplo de datas nesta região; - devemos esperar, também, que nas outras regiões peninsulares se ampliem os dados cronológicos relativos à passagem do Neolítico final ao Calcolítico inicial; - devemos manter-nos abertos à perspectiva de ter de reposicionar todo o quadro de inserção cronológica e cultural dos diversos contextos de inspiração estilística mediterrânica na Península Ibérica, durante o Calcolítico.

Por outro lado, a data mais recente da Soutilha, correspondente a uma das fases da última ocupação deste povoado, e as duas datas da segunda ocupação de Castelo de Aguiar (poderíamos também aqui integrar as diferentes ocupações da Pastoria e S. Lourenço) são sincrónicas da cronologia já mencionada para *contextos similares* do Sul da Península (65). Assim, a fase de *maior desenvolvimento cultural na região entre Telões - Chaves coincide, "grosso modo" (2º metade do IIIº, inícios do IIº milénio a.C., ou, em datas reais, 2ª metade do IVº, inícios do IIIº milénio A.C.), com uma das fases de maior diversidade e complexidade social verificadas em regiões meridionais.*

. Já sugerimos anteriormente que o *modelo explicativo de ocupação do espaço e estratégia de povoamento aplicado à Pré-História Recente do Sudeste* (66) envolvia

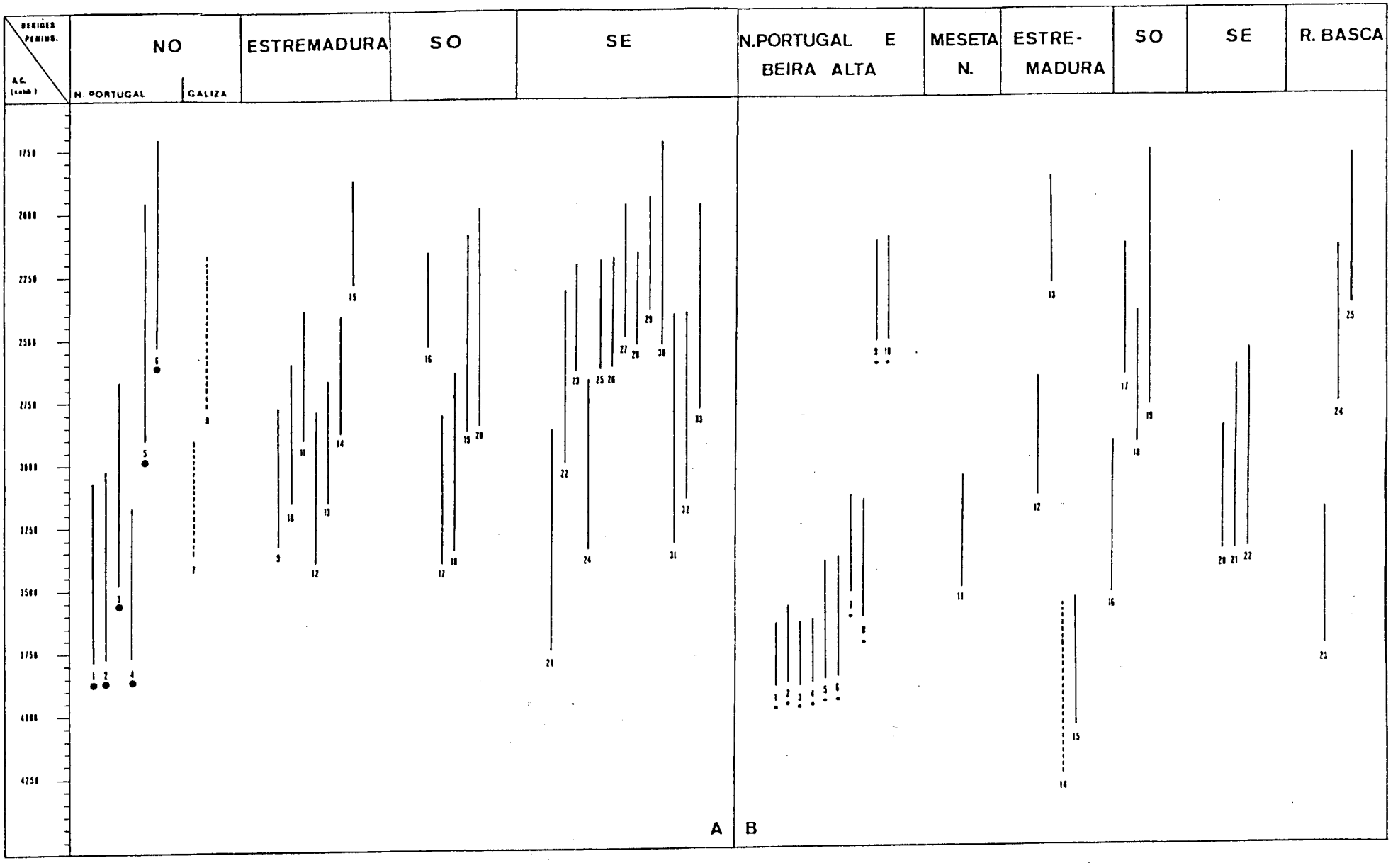

BEIGES PEIRIS.
A.C. (cenb.)
NO
N. PORTUGAL
GALIZA
ESTREMADURA
SO
SE
N.PORTUGAL E BEIRA ALTA
MESETA N.
ESTRE-MADURA
SO
SE
R. BASCA
1750
2000
2250
2500
2750
3000
3250
3500
3750
4000
4250
A
B

Fig. 37

certos pressupostos gerais que, em princípio, se poderiam aceitar como hipóteses de trabalho a testar em outras áreas onde se verificassem determinados requisitos, a saber: provas de uma progressiva *ocupação de territórios virgens, com acesso a boa terra arável*, onde se investisse paulatinamente no *trabalho intensivo da mesma*; provas de um correlativo *povoamento sedentário*, no qual fosse evidenciado um empenhamento na *valorização do espaço doméstico* (pela complexidade e variedade de estruturas e artefactos nele existentes).

Estes requisitos podem, em princípio, ser aceites como hipótese na nossa região, embora muitas questões fiquem por resolver. Por exemplo, a ocupação destes novos territórios "virgens", terá implicado a deslocação a partir de áreas planálticas, ambientalmente mais diversificadas, mas agricolamente mais pobres, para áreas mais dependentes da variabilidade ambiental, embora apresentando um mais alto nível de utilização agrícola?

Quais as razões estruturais que teriam originado esta hipotética "expansão"?

Seria extremamente importante confirmar neste caso *a utilização intensiva destes novos espaços aráveis*, o que requer a cooperação de especialistas de sedimentalogia, palinologia e mesmo antracologia, num projecto de reconstituição dos paleo-ambientes que terão condicionado a nova estratégia de povoamento nesta área.

Uma vez aceites estes pressupostos, há que testar o modelo sugerido para o Sudeste, e que, aliás, já Chapman (67) havia generalizado para a Estremadura portuguesa: a de que o *investimento a longo prazo numa actividade de subsistência básica conduz a uma situação de concorrência e competição face aos mesmos recursos, determina a coesão social dos grupos que a promovem* e, em última análise, *conduz à valorização de hierarquias* e *diferenciações de poder* que se materializam não só na edificação de *estruturas complexas de defesa*, como na construção de *monumentos funerários elaborados com um espólio rico e variado* (68).

Entramos, aqui, num ponto essencial para *a distinção do contexto cultural que estudamos e os do Sul da Península*. Na nossa região *não conhecemos os túmulos das populações que viveram nos povoados estudados*. Em primeiro lugar, desconhecemos mesmo quaisquer estruturas funerárias nas proximidades destes povoados (ou seja, em territórios que fiquem aquém de 1,30 h a pé a partir do núcleo habitacional). Os únicos monumentos megalíticos conhecidos mais próximos ou pertencem ao núcleo dolménico da *Serra do Alvão* ou ao da extremidade sul da *Serra da Padrela* e encontram-se a mais de 1,30 h de marcha a pé a partir do povoado de Castelo de Aguiar. Os seus materiais não apresentam quaisquer semelhanças com os detectados neste povoado (69). Por outro lado, próximo da Pastoria, no planalto que se estende para SO, a cerca de 30 minutos do povoado, encontra-se assinalado, na Carta de 1/25 000, o topónimo *Antas*. Prospecções recentes nesta área não conduziram a nenhum reconhecimento, embora as condições topográficas (chãs planálticas) sejam favoráveis à sua eventual existência. Já no vale, para NE, a 1 hora de percurso desta estação, também está inscrito na Carta de 1/25 000 o topónimo *Vale de Anta*.

Mesmo que futuras prospecções venham a descobrir conjuntos de monumentos me

galíticos ou outro tipo de sepulcros com "tumulus", nas imediações dos povoados, a questão fundamental permanece: *existe alguma relação cultural entre estes dois tipos de estações?*

Esta questão ganha uma outra importância, quando vista à escala do Norte de Portugal, onde também não existem provas de que os monumentos sepulcrais com "tumulus" tenham sido construídos ou, pelo menos, sistematicamente, reutilizados pelos habitantes deste tipo de povoados (70). Na verdade, como desenvolveremos em outro capítulo, os objectos que constituem o espólio destes sepulcros diferem marcadamente dos encontrados nos povoados, sendo possível formular diversas hipóteses que tendem a explicar esta dicotomia estritamente arqueológica. Contudo, *a inexistência de necrópoles visíveis nas imediações destes povoados, a ausência nos sepulcros conhecidos de um espólio rico e variado, com elementos estilisticamente distintivos* (cerâmica decorada, objectos votivos, matérias-primas raras, etc.), a exemplo do que acontece noutras áreas da Península, confere a este *contexto cultural uma forte personalidade*. Na verdade, quer no Sudeste (por exemplo, necrópoles de "tholoi" e monumentos megalíticos de Los Millares e Rambla de Huechar (71)), quer no Sudoeste ("tholoi" e grandes monumentos megalíticos alentejanos), quer na Estremadura ("tholoi", grutas artificiais, monumentos megalíticos), são conhecidas *importantes estruturas funerárias* (reunidas em necrópoles ou isoladas) correlativas do surgimento, durante o IIIº milénio a.C., de *povoados* implantados em diferentes situações topográficas, amiudadas vezes com *defesas naturais* (alguns *fortificados*) que, em conjunto, respondem a uma *nova situação social, matizada consoante as regiões em que se desenvolve*.

Perante a especificidade deste contexto, materializada na *valorização aparentemente exclusiva de elementos domésticos*, há que posicioná-la no Norte de Portugal, equacionando a problemática cronológica e cultural dos diferentes testemunhos arqueológicos que nesta região lhe são contemporâneos, na tentativa de apreender, não só os sinais das *principais formações culturais que protagonizaram a evolução do IIIº para o IIº milénio a.C.*, como das principais linhas de força dos *diferentes modelos de ocupação do espaço neste amplo território*. Só a visão conjunta das várias estratégias e relações sociais desenvolvidas nesta região, pode, em última análise, ajudar a interpretar a *singularidade do contexto dos povoados com cerâmicas decoradas do Norte de Portugal*.

LEGENDAS DAS FIGURAS

B - 3.5 — ESTUDO COMPARADO DAS ESTAÇÕES

Fig. 1 - Territórios potenciais de exploração (12 m, 30 m, 1 h, 2 h) em torno dos povoados da Vinha da Soutilha, Pastoria e S. Lourenço.

Fig. 2 - Territórios potenciais de exploração (12 m, 30 m, 1 h, 2 h) em torno do povoado de Castelo de Aguiar. Localização de conjuntos de monumentos megalíticos no interior dos respectivos territórios.

Fig. 3 - Datas de C 14 B.P. das estações da Vinha da Soutilha (1, 2, 3) e Castelo de Aguiar (4, 5, 6).

Fig. 4 - Hipótese de cronologia relativa entre as estações da Vinha da Soutilha (MRS), S. Lourenço (S.LRN), Pastoria (PST) e Castelo de Aguiar (CST AGR).

Fig. 5 - Percentagens dos tipos de pastas cerâmicas nas diversas estações estudadas.

Fig. 6 - Percentagens dos tipos de superfícies cerâmicas nas diversas estações estudadas.

Fig. 7 - Percentagens de tipos de cores cerâmicas nas diversas estações estudadas.

Fig. 8 - Percentagens de tipos morfológicos cerâmicos nas diversas estações estudadas.

Fig. 9 - Percentagens de formas cerâmicas lisas e decoradas nas diversas estações estudadas.

Fig. 10 - Presença (círculo mais pequeno) e predominância (círculo maior) de formas cerâmicas lisas (consoante os tipos morfológicos) nas diversas estações estudadas.

Fig. 11 - Percentagens de técnicas decorativas cerâmicas, nas diversas estações: 1 - incisão; 2 - puncionamento simples; 3 - puncionamento arrastado; 4 - impressão; 5A - impressão "penteada"; 5B - impressão "penteada" arrastada; 6 - "pontilhado" campaniforme; 7 - decoração plástica.

Fig. 12 - Percentagens de organizações decorativas nas diversas estações estudadas.

Fig. 13 - Organizações decorativas: I_1.

Fig. 14 - Organizações decorativas: I_1.

Fig. 15 - Organizações decorativas: I_1.

Fig. 16 - Organizações decorativas: I_2.

Fig. 17 - Organizações decorativas: I_3.

Fig. 18 - Organizações decorativas: I_4.

Fig. 19 - Organizações decorativas: I_5.

Fig. 20 - Organizações decorativas: II.

Fig. 21 - Organizações decorativas: II.

Fig. 22 - Organizações decorativas: II.

Fig. 23 - Organizações decorativas: III.

Fig. 24 - Organizações decorativas: IV.

Fig. 25 - Organizações decorativas: V_1.

Fig. 26 - Organizações decorativas: V_2.

Fig. 27 - Organizações decorativas: V_3.

Fig. 28 - Organizações decorativas: VI, XVIII, XX, XXII, XXVI, XXVII.

Fig. 29 - Percentagens de categorias tipológicas nas estações estudadas.

Fig. 30 - Variabilidade (ausência/presença) dos diferentes tipos de grupos de capacidade de recipientes cerâmicos (no interior de cada categoria tipológica) nas diversas estações estudadas.

Fig. 31 - Variabilidade (ausência/presença) das principais organizações decorativas (no interior das principais categorias tipológicas) nas diversas estações estudadas.

Fig. 32 - Percentagens das diversas organizações decorativas recorrentes nas formas 1 e 2 e nas diversas estações estudadas.

Fig. 33 - Percentagens das diversas organizações decorativas recorrentes nas formas 3 e 4 e nas diversas estações estudadas.

Fig. 34 - Percentagens das diversas organizações decorativas recorrentes nas formas 5 e 6 e nas diversas estações estudadas.

Fig. 35 - Variabilidade (ausência/presença) de certas características qualitativas (A, B, C, D) nas principais formas cerâmicas e nas diversas estações estudadas.

Fig. 36 - Frequência em quantidades absolutas agrupadas, nas diversas estações estudadas, dos principais *tipos de pontas de seta* (A) (1 - ponta de seta de base triangular; 2 - ponta de seta de base côncava ou recta de lados rectilíneos; 3 - - ponta de seta de base côncava ou recta de lados convexos; 4 - ponta de seta de base pedunculada (pedúnculo curto e aletas oblíquas) e dos respectivos *índices de alongamento* (B) (A - Alongado; B - Mediano; C - Curto).

Fig. 37 - Datas de C 14 calibradas e datas de termoluminescência provenientes de algumas estações arqueológicas peninsulares mencionadas no texto. *A - povoados*: 1, 2, 3 - Vinha da Soutilha; 4, 5, 6 - Castelo de Aguiar; 7 - Fontenla; 8 - Lavapiés; 9, 10 - Penedo do Lexim; 11, 12 - Serra das Baútas; 13, 14, 15 - Zambujal; 16- - La Pijotilla; 17 - Castelo de Giraldo; 18, 19, 20 - Stª Justa; 21, 22, 23 - - El Malagón; 24 - Los Millares; 25, 26, 27 - Cerro de la Virgen; 28 - Los Castillejos de Montefrio; 29, 30 - Los Castellones de Larborcillas; 31, 32, 33 - - Angosturas de Gor. *B - Sepulcros*: 1, 2 - Chã dos Santinhos 2; 3 - Chã dos Santinhos 1; 4 - Mamoa 2 Outeiro Gregos; 5 - Orca de Seixas; 6, 7 - Capapito I; 8 - Orca dos Castenairos; 9, 10 - Mamoa 4 Meninas do Crasto; 11 - Arnillas; 12, 13 - Praia das Maçãs (câmara ocidental); 14 - Carenque 2 (sepulcro escavado na rocha); 15 - Lapa do Fumo; 16 - Anta 1 Comenda da Igreja; 17 - Anta 1 da Farisoa; 18 - "tholos" da Farisoa; 19 - "tholos" A dos Tassos; 20 - "tholos" de Los Millares; 21, 22 - "tholos" de El Barranquete; 23, 24 - Los Husos; 25 - - Gobaederra.

N - Povoados e sepulcros do Norte de Portugal (e Beira Alta) estão marcados com um *círculo* sob o nº da data. Algumas datas aceites com maiores reservas estão assinaladas a tracejado.

Notas

(1) Davidson, I. e Bailey, G. N. (1984), Los yacimientos, sus territorios de explotacion y la topografia..., p. 31. Em mapas na escala de 1/25 000, valorizando apenas curvas de nível de 50 m, determinou-se que 1 cm no mapa equivale a 3 minutos no terreno. Cada curva de nível ou curso de água importante amplia para 5 minutos a mesma distância.

(2) Gilman, A. e Thornes, J. B. (1985), *Land-use and Prehistory in South-East Spain*...

(3) Foram utilizadas as seguintes fontes cartográficas:

- "Carta dos Solos" (escala 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1978);
- "Carta de Capacidade de Uso de Solos" (escala 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1982);
- "Carta Agrícola e Florestal" (escala 1/1 000 000) (Secretaria de Estado do Ambiente) (1980);
- "Carta Hidrogeológica de Portugal" (escala 1/1 000 000) (Serviços Geológicos) (1970);
- "Carta Geológica de Portugal" (escala 1/50 000) (folhas 6B - Chaves e 2D - Vilar de Perdizes) (Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos) (1974 e 1970);
- "Carta Geológica de Portugal" (escala 1/500 000) (Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos) (1972).

(4) *V.* nota 2.

(5) Taborda, V. (1932), *Alto Trás-os-Montes, Estudo Geográfico*... pp. 91-99; Birot, P. (1950), *Le Portugal. Étude de Géographie Régionale*...; Braun-Blanquet, J., Silva, A.R.P., Rozeira, A. (1956), Résultats de deux excursions ...; Delvosalle, L. e Duvigneaud, J. (1962), *Itinéraires Botaniques en Espagne et au Portugal*..., pp. 83--111; Lautensach, H. (1967), *Geografia de España y Portugal*, pp. 141-159; Ribeiro, O. (1967), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*...

(6) Schiffer, M. (1976), *Behavioural Archaeology*...; Carr, C. (1984), The nature of organization of intrasite archaeological records...

(7) *V.* nota 6: Carr, C. (1984), pp. 121-132; Hodder, I. (1984), New generations of spatial analysis in Archaeology...

(8) *V.* nota 7.

(9) Levin, Jack (1985) *Estatística Aplicada a Ciências Humanas*...

(10) *V.* nota 9, p. 311.

(11) *V.* nota 10.

(12) Renfrew, J. M. (1969), The archaeological evidence..., pp. 151-152; idem (1973), Palaeothnobotany..., pp. 42-43.

(13) Téllez, R. e Ciferri, F. (1954), *Trigos Arqueológicos de España*...; Arribas Palau, A. (1968), Las bases económicas del Neolítico al Bronce...; Silva, A. R. Pinto da (1971), Aspectos da alimentação de origem vegetal..., p. 41; Martin Socas, D. (1978), Aproximación a la economia de la mitad meridional..., p. 168.

(14) *V.* nota 13; Hopf, M. e Schubart, H. (1965), Getreidefunde aus der Coveta de l'Or...; Hopf, M. (1966), *Triticum Monococcum*..., pp. 57-73; López, P. (1980), Estudio de semillas prehistoricas...

(15) Análise inédita referenciada em: Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal*... teil 1, p. 318.

(16) *V.* nota 13: Arribas Palau, A. (1968).

(17) Silva, A. R. Pinto da e Tellez, A.N. (1954), Sementes incarbonizadas da Pedra do Ouro in: Paço, A.do(1954), Sementes prē-históricas do Castro de Vila Nova de S. Pedro..., pp. 296-297.

(18) *V.* nota 15: Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), pp. 317-318.

(19) *V.* nota 18.

(20) *V.* nota 14: López, P. (1980).

(21) Arribas, A. e Molina, F. (1984), Estado actual de la investigación del Megalitismo...

(22) *V.* nota 15, p. 339.

(23) Hodder, I. (1982), Theoretical archaeology: a reactionary view...

(24) Schiffer, M. (1976), *Behavioural Archaeology*...

(25) Hodder, I. (1979), Economic and social stress...

(26) *V.* nota 25; Hodder, I. (1982), *Symbols in Action*...

(27) Wobst, H.M. (1977), Stylistic behaviour...

(28) Binford, L. (1965), Archaeological systematics...

(29) Plog, S. (1978), Social interaction...

(30) *V.* nota 29, p. 145.

(31) Deetz, J. (1965), *The Dynamics of Stylistic*...

(32) Hill, J. N. (1970), *Broken K Pueblo*...

(33) Longacre, W. A. (1970), *Archaeology as Anthropology*...

(34) Connor, J. (1968), *Economic Independence*...

(35) Leone, M. (1968), Neolithic autonomy...

(36) Whallon, R. (1968), Investigations of late prehistoric...

(37) *V.* nota 31.

(38) *V.* nota 36.

(39) *V.* nota 29; Plog, S. (1980), *Stylistic Variation in Prehistoric Ceramics*...

(40) *V.* nota 23 e 25.

(41) *V.* nota 25.

(42) *V.* nota 39.

(43) Hodder, I. (1982), *Symbols in Action*...

(44) *V.* nota 43, p. 35.

(45) *V.* nota 43, pp. 37-86.

(46) *V.* nota 43, pp. 68-73.

(47) Welbourn, A. (1984), Endo ceramics and power...

(48) *V.* nota 25; Hodder, I. (1982), Sequences of structural change...; Hodder, I. (1984), Burials, houses, women...

(49) Scarre, C. (1984), A survey of the French Neolithic...

(50) Renfrew, C. (1975), Trade as action at a distance...

(51) *V.* nota 50, pp. 127-128.

(52) Verron, G. (1980), Les pointes de flèches..., pp. 67-74; Briard, J. (1984), *Les Tumulus d'Armorique*..., pp. 97-106.

(53) Gilman, A. (1976), Bronze age dynamics...

(54) Chapman, R. W. (1978), The evidence for prehistoric water...; idem (1981), Archaeological theory and communal...

(55) Lull, V. (1983), *La "Cultura" de El Argar*...

(56) Mathers, C. (1984), Beyond the grave: the context...

(57) Gilman, A. e Thornes, J. B. (1985), *Land-use and Prehistory in South-East Spain*...

(58) *V.* nota 57, p. 189.

(59) *V.* nota 57, p. 189.

(60) Molina González, F. (1983), Prehistoria...; Arribas, A. e Molina, F. (1984), Estado actual de la investigación...

(61) Hodder, I. (1982), Sequences of structural change...

(62) Klein, J. *et alii* (1983), Calibration des dates radiocarbone...

(63) Em séries longas de datas pertencentes a uma só estação fizemos uma selecção, escolhendo três datas correspondentes aos períodos de ocupação inicial, médio e final. Jorge, S. O. (1985), Datas de C14 para a Pré-História recente...

(64) Salientamos que as datas provenientes dos povoados galegos são datas isoladas; a de Fontenla, nunca foi devidamente publicada em função do seu contexto estratigráfico e a de Lavapés provêm dum laboratório de C 14 que tem produzido recentemente abun-

dantes datações anómalas (*V.* nota 63: Jorge, S. O., 1985). Assim, utilizamo-las provisoriamente, esperando que elas sejam em breve corroboradas por um conjunto de datas absolutas significativas para este contexto cultural naquela região.

(65) Recentemente obtiveram-se datações absolutas para o povoado Calcolítico de Las Pozas (Zamora) que o colocam também na 2ª metade do IIIº milénio a.C. (Delibes de Castro, G., 1985, El Calcolítico. La aparación de la metalurgia...).

(66) *V.* notas 54, 56 e 57.

(67) *V.* nota 54.

(68) Torna-se indispensável afirmar que este modelo, ainda que seja extremamente sugestivo, pelo encadeamento lógico de fenómenos que pressupõe, não se pode generalizar, para além da área do *Sudeste*, onde condições especiais de meio-ambiente terão condicionado a procura de terras aráveis na parte árida da região. Mesmo para esta zona surgem dúvidas quanto à existência duma grande secura em épocas pré-históricas. Segundo Arribas e Molina (nota 60, p. 94) o clima deveria ser *mais húmido do que o actual*, estando bastante disseminada uma paisagem de *bosque*. Se tal se confirmar, o modelo proposto por Chapman e Gilman terá que reformular, pelo menos, alguns dos seus pressupostos básicos.

(69) Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto - Os Monumentos...*

(70) Jorge, S. O. (1985), Datas de C14 para a Pré-História recente...

(71) *V.* nota 21, p. 96.

C – INSERÇÃO DA REALIDADE OBSERVADA NO ÂMBITO DO NOROESTE PENINSULAR, SO DA MESETA NORTE E BEIRA ALTA

1. ESTAÇÕES COM CERÂMICA DECORADA (INCISA, PUNCIONADA OU IMPRESSA NÃO CAMPANIFORME) (1)

1.1 NORTE DE PORTUGAL

1.1.1 *BREVE INVENTÁRIO (FIG. 1)* (2)

1
1 - Vinha da Soutilha (Mairos, Chaves).
2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).
3 - *V.* texto.
4 - Museu Municipal de Chaves; Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto); Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).
5 - *V.* texto.

2
1 - Outeiro Seco (Chaves).
2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).
3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo as técnicas de incisão, punctionamento simples e arrastado; organizações decorativas: I_1 , IVa e II. Objectos polidos: treze machados polidos de secção cilíndrica e nove de secção sub-rectangular; uma enxó e dois percutores.
4 - Museu Municipal de Chaves; Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia "Dr. Leite de Vasconcelos" (Lisboa); Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto).
5 - *V.* texto.

3
1 - Circo (Santo Estêvão, Chaves).
2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).
3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo a técnica de incisão; organizações decorativas: I_1-a, I_3-a, c. Machado polido de secção sub-rectangular; ponta de seta de base fragmentada,em corneana; "rebolos" de granito; um cossoiro de pedra.
4 - Museu Municipal de Chaves.
5 - *V.* texto.

4
1 - S. Lourenço (Eiras, Chaves).
2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).
3 - *V.* texto.
4 - Museu Municipal de Chaves; Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guima -

rães); Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto).

5 - *V.* texto.

5 1 - Nª Senhora da Bandeira (Vilar de Nantes, Chaves).

2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo a técnica de incisão; organização decorativa - I_1-a.

4 - Museu Municipal de Chaves.

5 - *V.* texto.

6 1 - Pastoria (Redondelo, Chaves).

2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).

3 - *V.* texto.

4 - Museu Municipal de Chaves.

5 - *V.* texto.

7 1 - Crastas de Moreiras (Moreiras, Chaves).

2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo a técnica de incisão; organização decorativa I_1-a.

4 - Museu Municipal de Chaves.

5 - *V.* texto.

8 1 - Lorga de Dine (Fresulfe, Vinhais).

2 - Gruta (sepulcral?).

3 - Ossos humanos e de animais, pontas de seta de base côncava e bicôncava (algumas com aletas direitas, espessas, em sílex, corneana e xisto), artefactos em osso, contas de colar discoidais (esféricas e cilíndricas), e abundantes vasos cerâmicos, são alguns dos materiais arqueológicos encontrados nesta riquíssima estação, provavelmente sepulcral. Entre os vasos cerâmicos, distingue-se um recipiente tronco-cónico, com asa lateral e uma fiada de mamilos sob o bordo. A restante produção cerâmica é constituída por formas esféricas, hemisféricas, calotes de esfera e ovóides (com ou sem estrangulamento do colo), além de algumas formas com carenas baixas ou médias. Predominam as superfícies polidas, seguidas das alisa

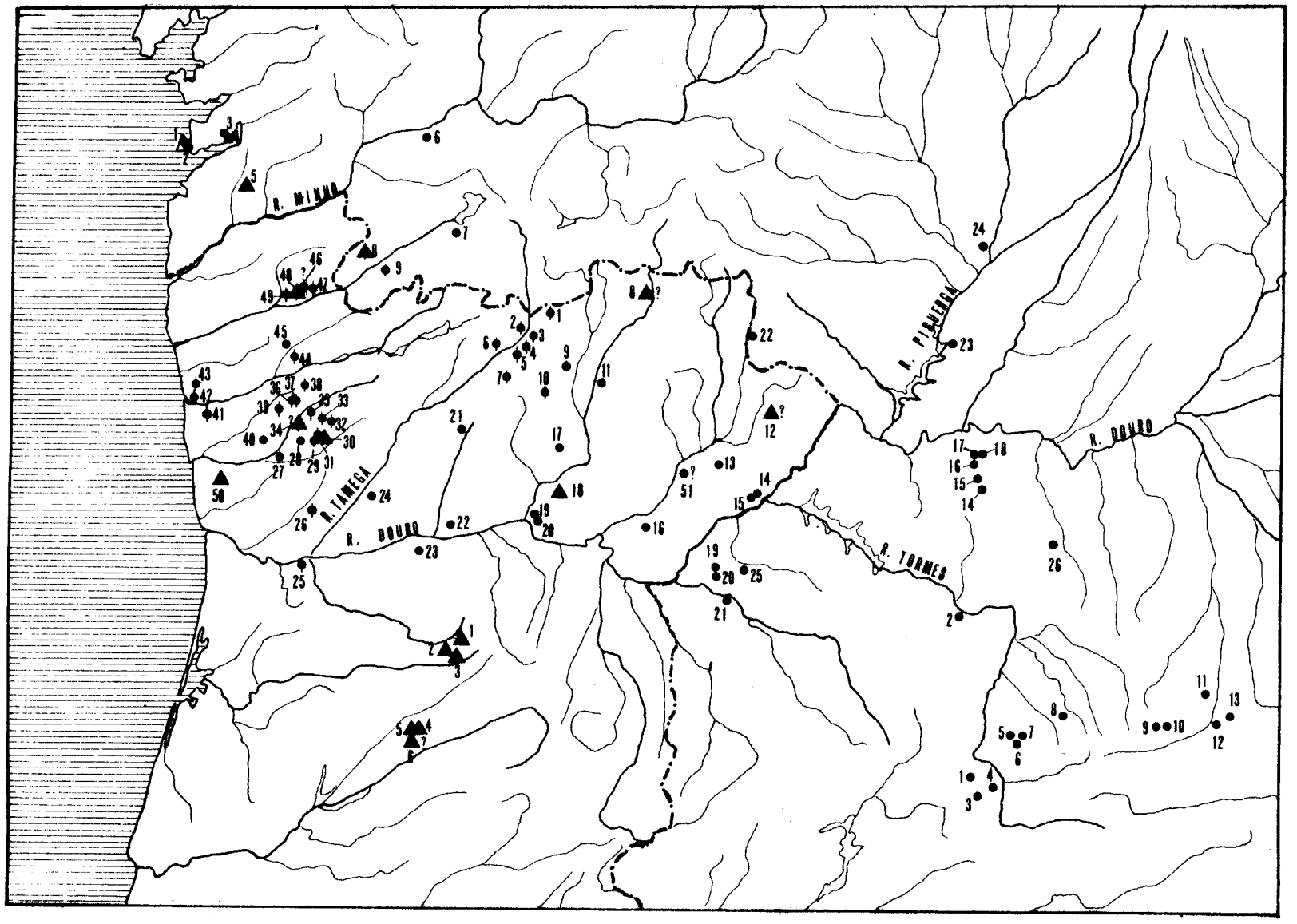


Fig. 1

das. Os vasos decorados, cujas cores oscilam entre o acastanhado, castanho-avermelhado e o cinzento escuro, são muito abundantes.

São inúmeras as técnicas e organizações decorativas observadas. Muito significativas são as técnicas de impressão "penteada" (simples ou arrastada), de puncionamento e incisão. De realçar a utilização habitual de *incrustração de pasta branca* em muitos dos recipientes. Quanto às organizações decorativas, podemos distinguir as seguintes: IIa, IIIa, b, c, d, e; V_1-a, d, i; V_2-a; V_3-a, b, e, g, h, i; I_2-c; I_5; I_4-e; XXVI; XXVII.

Existem outras fórmulas decorativas que não foram detectadas nos nossos contextos habitacionais da área Chaves-Vila Pouca de Aguiar. O estudo global deste variado e rico espólio encontra-se em preparação (3).

4 - Museu do Abade Baçal (Bragança); Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto); Serviços Regionais de Arqueologia (Região Norte - Braga); Colecção particular (Lisboa).

5 - Harpsøe, C. H. e Ramos, M. R. (1985), "Lorga de Dine" (Vinhais, Bragança), *Arqueologia*, 12, pp. 202-204.

Agradecemos a Mário Brito as informações prestadas sobre os materiais desta estação.

9 1 - Picoto da Muralha Grande (Lugar da Bouça, Fornos do Pinhal, Valpaços).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmento cerâmico decorado com puncionamentos, segundo uma fórmula que parece aproximar-se da nossa organização VIc.

4 - Citado e desenhado na bibliografia abaixo mencionada. Localização desconhecida.

5 - Cortez, F. Russel (1949), Novos materiais para o estudo da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e Alto-Douro, Sep. *Bol. da Casa do Douro*, fig. 2.

10 1 - Argeriz (Valpaços).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo a técnica de incisão e puncionamento. Foram detectadas as organizações I_1 e V_3. Entre os objectos líticos, contam-se dois machados polidos de secção sub-rectangular.

4 - Colecção particular.

5 - —

11 1 - S. Juzenda (Mürias, Mirandela).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Dois vasos cerâmicos: um é proveniente do nível mais antigo do *corte 2*, o qual se localiza sob uma muralha proto-histórica; trata-se duma calote de esfera com uma decoração realizada com puncionamentos, em "grinaldas", sob o bordo (organização VIa). O segundo provém do nível mais antigo do *corte 1* (aterro que serviu de construção à muralha proto-histótica) e é decorado com prováveis triângulos incisos preenchidos com fiadas de linhas horizontais puncionadas (organização IIi?).

4 - Localização desconhecida.

5 - Höck, M. (1980), Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (concelho de Mirandela), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, fig. 4, SJ 150, SJ 421-II.

12 A

1 - Gruta de Ferreiros (Silva, Miranda do Douro).

2 - Gruta (sepulcral?).

3 - Entre os objectos mais significativos contam-se fragmentos de ossos humanos, fragmento de um anel circular em osso, um furador em osso, uma ponta de seta de sílex de base bicôncava (com aletas direitas, retoque plano, sub-paralelo, bordos serrilhados), uma lâmina prismática não retocada em sílex, vasos cerâmicos decorados e lisos, um machado plano e um punhal em cobre arsenical. Aparentemente fora de contexto também se assinala a presença do que Nery Delgado designou "fivela de bronze".

Entre os recipientes cerâmicos é de salientar a existência dum fragmento de um fundo plano-convexo, e de outros pertences a formas fechadas de bordo exvasado, com acentuado estrangulamento do colo.

Existem dois tipos de técnicas e organizações decorativas: o puncionamento relaciona-se com a organização IIIa; a impressão "penteada" com as organizações V_2-a e V_3-c.

Os objectos metálicos foram objecto duma análise metalográfica (4):

	As	Ag	Ni	Bi	Sb	Cobre
Punhal	4,1%	0,013%	0,01%	1%	0,018%	94,859%
Machado	1,5%	0,013%	0,056%	0,0085%	0,018%	98,405%

O punhal, de forma triangular, encontra-se fragmentado na extremidade de encabamento; o machado plano, de lados e bordo sub-rectilíneos (secção sub-rectangular), pertence ao grupo tipológico IA de Monteagudo (5).

4 - Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa).

5 - Delgado, J. F. Nery (1988-92), Reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mes

mos jazigos, *Comunicação da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, t.II, pp. 45.53, Est. I-II.

12 B

1 - Grutas de Stº Adrião (Silva, Miranda do Douro) (Gruta de Ferreiros, Gruta grande, Gruta da Ribeira, Gruta do Geraldes, Monte do Pedriço).

2 - Grutas (sepulcrais e/ou habitacionais (?)).

3 - Ossos humanos, machados polidos de secção sub-rectangular e alguns fragmentos de vasos cerâmicos decorados segundo as técnicas de puncionamento, incisão e impressão "penteada". Foi identificada a organização V_3, entre outras fórmulas decorativas específicas das grutas desta região.

De Santo Adrião (local não identificado) provêm um machado plano de cobre arsenical (As - 0,8%) (6).

4 - Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa); Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa).

5 - Delgado, J. F. Nery (1988-92), Reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos, *Comunicação da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, t.II, pp. 45-53.

13

1 - Penas Róias (Mogadouro).

2 - "Abrigo" sob rocha (com pinturas esquemáticas) e provável povoado de ar livre contíguo. Não se encontra provada a relação cronológica e cultural entre as duas estações.

3 - Fragmentos de vasos cerâmicos decorados segundo as técnicas de puncionamento e impressão "penteada", encontrados na estação de ar livre.

4 - Colecção particular.

5 - Almeida, C. A. Ferreira e Mourinho, A. M. (1981), Pinturas esquemáticas de Penas Róias, terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, 3, pp. 43-48.

14

1 - Cunho (Peredo da Bemposta, Mogadouro).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Entre os objectos líticos, saliente-se: raspadeiras de quartzo, lascas residuais de quartzo, machados polidos de secção sub-rectangular, percutores, alisadores sobre seixo, moinhos manuais. Objectos cerâmicos: pesos de tear sub-rectangulares (com uma ou duas perfurações numa extremidade, ou duas perfurações em cada extremidade), "queijeiras", recipientes cerâmicos. Estes integram formas esféricas, hemi-esféricas, calotes de esfera e ovóides. Apenas cerca de 20% dos vasos são decorados. Verificam-

-se as técnicas de puncionamento (simples ou arrastado) e de incisão associadas às organizações V_3-g, IIa, d, g, o, IIIa, d, f, i. Outras sequências são específicas desta estação. De realçar ainda a presença dum punção de cobre arsenical, de secção rectangular e extremidades ponteagudas. O estudo global desta estação encontra-se em preparação (7).

4 - Colecção particular.

5 - Sanches, M. J. e Marcos, D. S. (1985), O povoado pré-histórico do Cunho-Mogadouro (Resultados preliminares da escavação de 1983), *Arqueologia*, 12, pp. 141-154.

15 1 - Barrocal Alto (Peredo da Bemposta, Mogadouro).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Foram detectados dois níveis de ocupação, tendo em ambos sido observados objectos líticos de feitura muito tosca: lascas de quartzo retocadas, pontas de seta de xisto de base triangular ou pedunculada, de feitura extremamente incipiente, enxós e machados polidos de secção sub-rectangular ou elíptica, etc.. Entre os artefactos cerâmicos, contam-se, nos dois níveis, fragmentos de objectos tipologicamente aproximáveis aos chamados "ídolos de cornos".

Os recipientes cerâmicos apresentam algumas diferenças nas duas ocupações. Na mais recente surgem fundos planos (ausentes na mais antiga), embora predominem em ambas as formas esféricas, as calotes de esfera ou as ovóides. A cerâmica decorada ocorre sempre num número reduzido de exemplares. No nível inferior apenas encontramos as técnicas de puncionamento simples e, muito raramente, incisão, associadas às organizações IIa e IIIa. No nível superior ocorrem as técnicas de puncionamento simples e arrastado, incisão simples ou em caneluras, além de pegas mamilares.

São detectáveis as organizações I_4, IIa, IIIa e IIIe. De salientar a associação, num exemplar, do motivo em "espiga" incisa e de linhas horizontais realizadas com puncionamento arrastado, e da presença de um bordo decorado internamente com o tema da "espiga" incisa (8).

4 - Colecção particular.

5 - —

16 1 - Fraga do Fojo (Souto da Velha, Torre de Moncorvo).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos com decoração "penteada".

4 - Colecção particular.

5 - A informação oral do achado deve-se a Nelson Rebanda a quem agradecemos.

17 1 - Lamas de Orelhão (Lugar de Cubatas, Lamas de Orelhão, Mirandela).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmento de vaso cerâmico decorado com impressão "penteada", segundo a organização V_2-a.

4 - Citado e desenhado na bibliografia mencionada em 5. Localização desconhecida.

5 - Cortez, F. Russel (1949), Novos materiais para o estudo da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e Alto-Douro, Sep. *Bol. da Casa do Douro*, fig. 1.

18 1 - Zedes (Carrazeda de Ansiães).

2 - Monumento megalítico: dólmen de câmara poligonal e vestíbulo (com pinturas e gravuras esquemáticas nos esteios e na tampa).

3 - Objectos líticos: um micrólito geométrico (triângulo) de sílex, e uma lamela também de sílex não retocada. Ocorrem recipientes cerâmicos fragmentados, entre os quais se destaca uma calote de esfera lisa e um fragmento de um bordo de um vaso decorado com impressão "penteada" segundo, provavelmente, a organização V_2-a.

4 - Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto).

5 - Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto - Os Monumentos e a sua problemática no contexto europeu* (dissertação de doutoramento, policopiada), vol. I, pp. 464, 742, 744, 751, 793, 795; vol. II, fig. 110, A e B.

19 1 - Tralhariz (Castanheira, Carrazeda de Ansiães).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos de vasos cerâmicos (um deles é uma forma esférica com colo estrangulado) decorados com as técnicas de puncionamento e incisão.

4 - Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

5 - —

20 1 - Cachão da Rapa (Ribalonga, Carrazeda de Ansiães).

2 - "Abrigo" com pinturas esquemáticas.

3 - Objectos polidos: pequeno machado (de anfibolito?) e lascas residuais de quartzo. Fragmentos cerâmicos, a maior parte lisos, sendo cerca de 40 decorados, segundo as técnicas de impressão "penteada", puncionamento arrastado e, mais raramente, incisão. Foram identificadas as organizações V_2-a, V_1-c, V_3-a. g e I_3, entre outras de índole local.

4 - Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia".

5 - Júnior, J. R. Santos (1933), As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, fasc. III, pp. 7-42, Est. VIII.

21 1 - Castelo de Aguiar (Telões, Vila Pouca de Aguiar).

2 - Povoado de ar livre (*V.* texto).

3 - *V.* texto

4 - Museu Municipal de Chaves; colecção da Câmara Municipal de V.Pouca Aguiar.

5 - *V.* texto.

22 1 - Fonte do Milho (Canelas do Douro, Peso da Régua).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo as técnicas de impressão "penteada", incisão e puncionamento arrastado.

4 - Instituto do Vinho do Porto (Porto).

5 - Cortez, F. Russell (1951), As escavações arqueológicas do "castellum" da Fonte do Milho. Contributo para demogenia duriense, *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, vol. 1.

23 1 - Picoto (Vila Nova de Souto de El Rei).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Lascas de quartzo e sílex; fragmentos cerâmicos decorados segundo as técnicas de incisão, puncionamento arrastado e impressão "penteada".

4 - Colecção particular.

5 - Informações prestadas por Ricardo Teixeira, a quem agradecemos.

24 1 - Pepim (Lufrei, Amarante).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Objectos líticos: oito machados polidos de secção sub-rectangular; três pontas de seta (de quartzo, xisto e sílex), duas de base côncava e outra de base triangular; lascas residuais em quartzo; elementos móveis de moinhos manuais e vários percutores; dois objectos de contorno sub-rectan-

gular, em xisto: um com duas perfurações (uma em cada extremidade), um outro com apenas uma perfuração (numa extremidade). Entre os materiais cerâmicos, destaque-se um conjunto de recipientes decorados segundo as técnicas de incisão e puncionamento, os quais admitem fórmulas semelhantes às organizações IIf, IIIa e I_1-t'(entre outros de carácter local). Outros fragmentos cerâmicos provenientes desta estação não se incluem no âmbito tipológico, cronológico e cultural aqui tratado (9).

4 - Museu Municipal de Amarante.

5 - Pinho, José de (1931), Sur les graines trouvés dans la station énéolithique de Pepim-Amarante, *XVº Cong.Int.Anthrop.Archéol.Préhist.*, pp. 356-358.

25 1 - Pedregal (Encosta do Monte Crasto, Santa Maria de Sardoura, Castelo de Paiva).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados com a técnica de incisão, segundo as organizações I_1-a e provavelmente III.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Cong.Nac.Arq.*, I, p. 247.

26 1 - S. Mamede de Recezinhos (Penafiel).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo as técnicas de incisão e puncionamento. Podem ser identificadas as organizações I_1-a, II,e, possivelmente, I_3.

4 - Colecção particular.

5 - Agradecemos a informação oral do achado a Teresa Soeiro.

27 1 - Lordelo (Lugar de Freitas, Lordelo, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmento cerâmico decorado com linhas incisas (organização I_1 ou I_3?).

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Cong.Nac.Arq.*, I, p. 246; Almeida, C. A. Ferreira (1974), Cerâmica castreja, *Rev. Guimarães*, vol. LXXXIV, nºs 1-4, Est. III, nº 3.

28 1 - Picoto de Santo Amaro (Mascotelos, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Um machadado de pedra polida e fragmentos cerâmicos decorados com incisões e puncionamentos arrastados, segundo a organização IIa, b, provavelmente, IIa, ou mesmo XXVI.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Guimarães, J. Salgado (1970) O Picoto de Santo Amaro (Guimarães), *Rev. de Guimarães*, vol. LXXX, nºs 3-4, Est. I. nºs 1 e 2.

29 1 - Abação (Lugar de Devesa Escura, Abação, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados com a técnica de incisão, segundo a organização I_1.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, p. 246.

30 1 - Matamá (Infantas, Guimarães).

2 - Mamoa (?) (cuja antiga escavação não detectou nenhuma estrutura megalítica).

3 - Fragmento de um "vaso fechado de forma globular decorado por puncionamentos ovalares dispostos em dois conjuntos de seis linhas paralelas entre si e ao bordo, entre os quais se situa um espaço liso (...)" (V. O. Jorge, 1982, p. 793 - *V.* bibliografia abaixo mencionada). Podemos incluir esta decoração na organização decorativa IIIb.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto - Os Monumentos e a sua problemática no contexto europeu* (dissertação de doutoramento, policopiada), vol. I, pp. 448-449; vol. II, fig. 88.

31 1 - Penha (Costa, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Três pontas de seta de sílex e xisto, de base côncava ou com pequeno pedúnculo; lâmina não retocada em sílex; machados de secção sub-rectangular; percutores e moinhos manuais; objecto de forma sub-rectangular em xisto, com uma perfuração em cada extremidade (braçal de arqueiro?); objecto de forma sub-circular, em granito, com perfuração central, decorado com sulcos raiados partindo do centro para a periferia (peso de tear?); machado plano (tipo 4B de Monteagudo (10)) e provável faca curva, em co

bre arsenical, apresentando estes dois artefactos a seguinte composição metalográfica (11):

	As	Ag	Ni	Bi	Cobre
Machado plano	1,20%	0,012%	< 0,001%	< 0,022%	99,756%
Faca (?)	4,7%	0,012%	0,056%	0,82%	94,832%

Foram descobertas de forma fortuita nesta estação centenas de fragmentos cerâmicos, predominantemente decorados, correspondendo a recipientes esféricos, hemisféricos (com ou sem estrangulamento do colo), calotes de esfera ou tronco-cónicos de bordo exvasado (fundo plano-convexo?). Foram identificadas as técnicas de incisão, puncionamento e impressão e as seguintes organizações decorativas: I_1 - a, b, e, u, r, d', m', h', i', r'; I_3 - a, c, e, m; I_4 - a, g; I_5 - a, c, e, f; II - e, f, h, l, m, n, a'; IV - a; V_1 - i; V_2 - a; XVIII e XXVI. Entre as diversas fórmulas específicas da estação, conta-se um conjunto que se aproxima das organizações I_1 - o', p', q', s', embora integre motivos novos, que comentaremos adiante.

Outros materiais provenientes desta estação não se integram no âmbito tipológico ou cronológico e cultural que pretendemos aqui tratar (12). O estudo global dos materiais desta estação encontra-se em preparação (13).

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Pina, J. Luís (1928), A Penha eneolítica, *Rev.de Guimarães*, vól. XXXVIII, nºs 3-4-Julho/Dezembro; idem (1930), Uma notável estação portuguesa: a Penha, Guimarães, *Comptes Rendus du XV^e. Congrès Int. d'Anthrop. et Archeol.Prehistorique*; Cardozo, M. (1960), Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao Museu de "Martins Sarmento", *Rev. Guimarães*, vol. LXX; idem (1968), Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães), *Rev. de Guimarães*, vol. LXXVIII, nºs 3-4; idem 1971, A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia*; Almeida, C, A, Ferreira (1974), cerâmica castreja, *Rev. de Guimarães*, vol. LXXXIV, nºs 1-4; Kalb, Ph. (1980), Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58; idem (1980), O Bronze Atlântico em Portugal, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I.

32 1 - Rendufe (Guimarães).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Vaso tronco-cónico baixo, de fundo ligeiramente convexo, decorado com a

técnica de incisão, segundo a organização I_1-u.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, p. 246; Almeida, C. A. Ferreira, 1974, Cerâmica castreja, *Rev. de Guimarães*, vol. LXXXIV, nºs 1-4-Est. II, 12.

33 1 - Gominhães (S. Torcato, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados com técnica de incisão, segundo a organização III, e provavelmente I_1.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, p. 246.

34 1 - Monte da Ínsua (Ponte, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre e hipotética sepultura com "tumulus" (sem estrutura pétrea) (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo as técnicas de incisão, punciona mento e impressão "penteada". São detectáveis as organizações I_1-a, I_1-l, I_3-a, I_4-a, IIp, V_2 e XXVI. Existe ainda notícia de um moinho manual ob longo.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Pina, L. (1928), Subsídios para a Arqueologia do concelho de Guimarães, *Rev. Guimarães*, vol. XXXVIII, nºs 1-2; Ribeiro, Ricardo (1931), Uma estação eneolítica no Monte da Ínsua, *Rev. de Guimarães*, vol. XLI, nºs 1-2.

35 1 - Souto (Guimarães).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados com a técnica de incisão, segundo as organizações I_1-a e III.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, p. 246.

36 1 - Sabroso (Sande, Longos, S. Salvador de Briteiros, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Fragmentos cerâmicos com técnica de incisão segundo a organização I_1-a.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, p. 246; Almeida, C. A. Ferreira (1974), Cerâmica castreja, *Rev. de Guimarães*, vol. LXXXIV, nºs 1-4, Est. III, 7.

37 1 - Briteiros (S. Salvador de Briteiros, Guimarães).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Fragmentos cerâmicos decorados com a técnica de incisão, segundo a organização I_1-a.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Cardozo, M. (1943), Escavações na Citânia de Briteiros, *Rev. de Guimarães*, vol. LIII, pp. 249-250; Albuquerque, M. (1970), A cerâmica da citânia de Briteiros, *Rev. Guimarães*, vol. LXXX, fig. 1; Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, p. 246; Almeida, C. A. Ferreira (1974), Cerâmica castreja, *Rev. de Guimarães*. vol. LXXXIV, nºs 1-4, Est. III, 11.

38 1 - Lanhoso (Póvoa do Lanhoso).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Fragmentos cerâmicos decorados com a técnica de incisão segundo a organização I_1-a.

4 - Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

5 - Teixeira, C. (1940), o Castro de Lanhoso e o seu espólio, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 517-529.

39 1 - Falperra (Esporões, Braga).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Fragmentos cerâmicos decorados com a técnica de incisão provavelmente segundo a organização I_1.

4 - Museu D. Diogo de Sousa (Braga).

5 - Sousa, J. J. Rigaud (1968-70), A estação arqueológica da Falperra. Notas para a sua História, *Arquivo de Beja*, vol. XXV-XXVI- XXVII, pp. 57-64. Informação de Manuela Martins, a quem agradecemos.

40 1 - Vermoim (Vila Nova de Famalicão).

2 - Eventualmente povoado de ar livre (?).

3 - Um machado de pedra polida de secção sub-rectangular, dois vasos cerâmicos inteiros (de forma hemisférica) decorados segundo as técnicas de incisão e puncionamento. Embora as suas organizações decorativas apresentem algumas semelhanças com a fórmula IIn ou IIo, pensamos que elas se devem preferencialmente aproximar de XXVI. Na verdade (isto é sobretudo válido para um dos exemplares), ressalta o motivo da *linha quebrada* (simples ou múltipla), formando "*chevrons*" sobre fundo preenchido com puncionamentos ou incisões curtas.

4 - Colecção particular.

5 - Sousa, J. J. Rigaud (1976), Vasos campaniformes no Norte de Portugal, *Actas de Las IIªs Jornadas de Metodologia aplicada de Las Ciencias Historicas*, pp. 163-168; Sousa, Orlando de (1985), Dois vasos pré-históricos de Vermoim, *Bol. Cultural de Vila Nova de Famalicão*, vol. 7.

41 1 - Faria (Gilmonde, Barcelos).

2 - Povoado de ar livre.

3 - Objectos líticos: pontas de seta de base recta e côncava, em sílex e xisto; lâminas prismáticas com vestígios de utilização em sílex; fragmentos de recipientes cerâmicos decorados, segundo as técnicas de incisão, puncionamento (simples ou arrastado) e impressão "penteada" arrastada. São observáveis as seguintes organizações decorativas: I_1-a; I_3-a; I_5; IIa, e; V_3-g; XXVI. Existem outras fórmulas locais que não têm paralelo nos contextos por nós estudados. De salientar ainda a presença dum fundo dum vaso provavelmente tronco-cónico, com asa lateral arrancando perto do fundo, decorado com mamilos até à base. O estudo global destes artefactos encontra-se em preparação (14).

4 - Colecção particular.

5 - Valero Aparisi, J. S. (s/d) Restos del castro de Faria, *Bol. do Grupo Alcaides de Faria*, 2, pp. 11-15. Agradecemos a Teresa Soeiro e C.A.B. de Almeida todas as preciosas informações prestadas sobre os materiais desta estação.

42 1 - Gândara (Esposende).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Polidores de granito; um machado de pedra polida de secção sub-rectangular; fragmentos cerâmicos de vasos, onde são reconhecidas formas esféricas semi-esféricas ou tronco-cónicas de bordo exvasado. Foi apenas detectada a técnica de incisão, associada às organizações XXVI ("chevrons" múltiplos sobre fundo recticulado), I_1-a e I_1-d (organização metopada).

4 - Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto).

5 - Sousa, Armindo (1981-82), A cerâmica da Gandra - Esposende, *Portugalia, Nova Série* - vol. II/III, pp. 41-51, Ests. II-XIII.

43 1 - Vila Chã (Esposende).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo as técnicas de incisão, puncionamento (simples ou arrastado) e impressão (simples ou arrastada). Foram observadas as organizações: XXVI, IIf, IIz, IIa, IIh, IIe, I_5, V_3-g. Outras fórmulas de índole local não apresentam paralelos imediatos nos nossos contextos escavados. O estudo global destes materiais encontra-se em preparação (15).

4 - Colecção particular.

5 - A informação do achado deve-se a Carlos A. Brochado de Almeida, a quem agradecemos.

44 1 - Joubreia (ou Chã de Castro) (Portela, Amares).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Objectos líticos em quartzo, sílex e quartzito: raspadores, raspadeiras, denticulados, furadores, pesos de rede, fragmentos de lâminas retocadas, núcleo, fragmento de objecto de pedra polida, elemento móvel de moinho manual, seixo afeiçoado, lascas residuais. Recipientes cerâmicos: ocorrem formas hemisféricas ou esféricas (com ou sem colo estrangulado) ou formas provavelmente tronco-cónicas, de fundo plano, com ligeira depressão no arranque do corpo do vaso. Foram identificadas as técnicas de incisão e puncionamento (simples ou arrastado) associadas às organizações I_1-a, I_1-d', I_4-a, I_4-g, I_5, IId, IIm, VI, XVIII (?). Entre as fórmulas locais, destaca-se uma que inclui a junção, no mesmo vaso, das organizações I_1-a e XXVI.

4 - Museu do Seminário de Santiago (Pio XII) (Braga).

5 - Almeida, C. A. Ferreira (1974), Cerâmica castreja, *Rev. de Guimarães*, vol. LXXXIV, nºs 1-4, Est. III, 9; Jorge, S. O. e Sousa, J. J. Rigaud (1980), Resultados preliminares de uma sondagem na estação arqueológica da Chã do Castro (Amares, Braga), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, pp. 121-131, figs. 7 e 8; Jorge, S. Oliveira, (1979) Escavações arqueológicas no povoado da Chã do Castro (Amares, Braga), *Rev. de Guimarães*, vol. LXXXIX, pp. 281-292, figs. 7 e 8.

45 1 - S. Julião (Ponte de S. Vicente e Coucieiro, Vila Verde).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos cerâmicos decorados segundo as técnicas de incisão e puncionamento arrastado, associadas às organizações decorativas IIIc e XXVI; ponta de seta de quartzito de grão muito fino, de base côncava (16).

4 - Museu D. Diogo de Sousa (Braga).

5 - A informação do achado deve-se a Manuela Martins, a quem agradecemos.

46 1 - Alto de Penacova (freg. de Vale (?) Arcos de Valdevez).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos de cerâmica decorada, os quais são aproximados, por S. Júnior, da cerâmica de Mairos, Outeiro Seco, Pepim e Penha. Não conhecemos outras referências.

4 - —

5 - Santos Júnior, R. S. dos (1933), A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes), *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães, fig. 3, p. 372.

47 1 - Ermelo (Poça Velha) (freg. de Ermelo, Arcos de Valdevez).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos de cerâmica decorada segundo a técnica de incisão.

4 - Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (colecção Joaquim Fontes).

5 - —

48 1 - Chã de Arcas (lugar de Cumeeira, freg. de Vale, conc. de Arcos de Valdevez).

2 - Mamoa (não se conhece a estrutura interna do monumento funerário).

3 - Fragmento cerâmico decorado com as técnicas de incisão e puncionamento, segundo a organização XXVI. Dum núcleo de mamoas de Chã de Arcas (no qual se inclui a mamoa mencionada) encontram-se referenciados, no Museu Nacional de Arqueologia, dois fragmentos cerâmicos campaniformes (do tipo marítimo), um fragmento decorado com puncionamentos ungueiformes (entre outros fragmentos lisos), um machado polido de secção sub-rectangular e um elemento fixo dum moinho manual. Não sabemos se o fragmento cerâmico decorado com a organização XXVI provém duma mamoa onde estivesse associado a algum ou a todos os outros materiais referidos, embora, na globalidade, se possa afirmar que eles foram descobertos, pelo menos, em monumentos contíguos.

4 - Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

5 - —

49 1 - Quinta da Seara (freg. de Paçô, conc. de Arcos de Valdevez).

2 - Povoado de ar livre (?).

3 - Fragmentos de vasos cerâmicos (formas esféricas ou hemisféricas de colo estrangulado), na sua maioria de textura friável e superfícies alisadas, decorados com as técnicas de incisão e puncionamento, tendo sido detectadas as organizações IIa e I_4-a.

4 - Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

5 - ——

50 1 - Alvarelhos (freg. de Alvarelhos, conc. de Santo Tirso).

2 - Mamoas (cuja estrutura interna se desconhece).

3 - Entre os muitos materiais cerâmicos conhecidos provenientes destes monumentos (predominantemente lisos), saliente-se um pequeno vaso hemisférico liso e outros fragmentos decorados com as técnicas de puncionamento. Destaque-se a técnica de puncionamento arrastado, utilizada em temáticas que se aproximam das organizações IIIa e VI. Ocorre ainda um recipiente de bordo ligeiramente exvasado, decorado, sob o bordo, com uma fiada de puncionamentos em forma de "acento circunflexo". É de assinalar ainda a presença de um machado polido de contorno sub-triangular alongado e secção sub-elíptica.

4 - Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).
Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto).

5 - Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto - Os Monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, (dissertação de doutoramento policopiada) vol. I, pp. 768, 790 e 794; vol. II, figs. 135 e 137.

1.1.2 *TIPOS DE ESTAÇÕES E RESPECTIVOS MATERIAIS*

Ao nível do Norte de Portugal podemos identificar *dois tipos de estações* que forneceram cerâmicas decoradas do âmbito das que analisámos nos povoados da área Telões-Chaves: *estações sepulcrais* e *estações habitacionais*.

. Dentro do primeiro grupo, que é muito restrito, cabem *grutas provavelmente sepulcrais* (Lorga de Dine e grutas de Stº Adrião) (17) e *monumentos com "tumulus"* (com estrutura megalítica - Zedes - ou não se conhecendo a estrutura interior funerária - Matamá, Monte de Insua (?), Alvarelhos e Chã de Arcas). Relativamente aos monumentos com "tumulus", persistem muitas dúvidas, não só quanto à arquitectura destes monumentos, como, sobretudo, à localização e associação tumular dos materiais neles encontrados (18).

Por outro lado, à excepção das grutas transmontanas e do monumento megalítico de Zedes, os monumentos com "tumulus" da área litoral não forneceram materiais cuja tipologia seja facilmente aproximável da observada nos contextos habitacionais por nós estudados. É a cerâmica encontrada nestes monumentos que pode oferecer maior número de paralelos com a "família" de cerâmicas decoradas que tratamos neste trabalho, mas, mesmo assim, como veremos, ela apresenta particularidades que adiante descreveremos. Estes monumentos com "tumulus" aparecem em conjuntos ou isolados, em *áreas planálticas*, de diferentes altitudes absolutas: c. de 700 m em Trás-os-Montes (Zedes), c. de 400 m no Baixo Minho (Matamá), abaixo de 400 m no Alto e Baixo Minho (Chã das Arcas, Monte da Insua) e Douro Litoral (Alvarelhos) (19).

. O segundo grupo diz respeito a *povoados* ou *locais não sepulcrais*, que poderemos sub-dividir nas seguintes categorias:

- estações de altura, em encosta, dominando vales importantes (a maior parte corresponde a inequívocos povoados);

- estações (povoados?) situadas numa planície aluvial ou litoral (Gândara e Vila Chã);

- estações (povoados?) situadas num pequeno morro localizado no meio duma chã ou planície aluvial (Recezinhos e Outeiro Seco);

- "abrigos" sob rocha (Cachão da Rapa, Penas Róias).

Estas diversas estações encontram-se a diversas altitudes absolutas: acima de 700 m, apenas temos notícia de Castelo de Aguiar e Penas Róias; entre 400-700 m, encontra-se um grande número de estações: Lamas de Orelhão, Cunho, Barrocal Alto, Fraga do Fojo, Tralhariz, Picoto da Muralha Grande, Argeriz, Soutilha, Nª Sª da Bandeira, Circo, S. Lourenço, Crastas de Moreiras, Pastoria, Fonte do Milho, Picoto, Alto de Penacova, Ermelo, Lanhoso, Gominhães, Rendufe (?), Penha, Abação; abaixo de 400 m, conhecemos as estações de Quinta da Seara, Lordelo, Picoto de Stº Amaro, Souto, Vermoim, Falperra, Sabroso, Briteiros, Lanhoso, S. Julião, Joubreia, Faria, Vila Chã, Gândara, Pepim, Pedregal, Recezinhos e Outeiro Seco. Neste último conjunto, destaque-se a posição de Vila Chã, numa zona aplanada, litoral, a cerca de 170 m de altitude absoluta e da Gândara, na planície aluvial, próximo da foz do Cávado, a cerca de 30 m acima do nível do mar. Como é facilmente detectável, o grupo de estações entre 400 e 700 m, o mais abundante, concentra-se em Trás-os-Montes, tendo uma fraca representação no Minho (aqui particularmente nos contrafortes da Serra do Soajo e na Serra da Penha). O grupo de estações situado abaixo de 400 m, ao contrário, ocorre de forma significativa no Minho e Douro Litoral, sendo menos expressivo no interior transmontano.

Contudo, estas localizações em função das altitudes absolutas, em si mesmas, não nos ajudam a interpretar as diversas estratégias de povoamento observadas em cada estação. Na verdade, elas resultam apenas da sua inclusão quer na fachada litoral (Minho e Douro Litoral), que apresenta relevos, em média, abaixo dos 400 m, quer no planalto transmontano, que se situa, em média, entre 400 e 700 m de altitude absoluta.

O que será importante, para definir a inserção destes povoados no território envolvente, é tentar caracterizar, caso a caso, a topografia do terreno onde aqueles se implantam, a sua morfologia, as possibilidades de exploração e vigilância do meio-ambiente oferecidas pela específica integração das estações na paisagem. Este estudo espacial não se encontra feito a nível do Norte de Portugal, e a sua realização só se concretizará mediante a execução de projectos de âmbito regional que valorizem a caracterização geomorfológica das estações já conhecidas e promovam trabalhos de prospecção e inventariação a nível local, integradas numa investigação global das áreas consideradas.

É, no entanto, patente, numa primeira apreciação, que, na maioria, os povoados considerados são *estações de altura em encostas situadas em plataformas* (algumas em esporão), com melhores ou piores *condições de defesa e/ou vigilância, frente a vales de rios importantes*, como o Douro, o Sabor, o Tua, o Tuela, o Rabaçal, o Torto, o Corgo, o Balsemão, o Ave, o Vizela, o Homem, o Cávado e o Lima.

O papel específico que estes rios e seus afluentes desempenharam na implantação destes povoados só poderá ser compreendido e valorizado na sequência dum estudo territorial que vise a determinação não só da localização topográfica das estações, mas também das estratégias económicas e sociais que lhe deram origem. Este segundo ponto exige, numa primeira fase, um plano concertado de escavações arqueológicas, dirigidas na dupla perspectiva cronológica e espacial.

. Dado que não possuímos dados minimamente seguros para poder discorrer sobre a integração territorial da maioria das estações aqui mencionadas, ficamos restringidos a duas ordens de conhecimentos: - por um lado, à divisão já mencionada entre *estações sepulcrais* (grutas e monumentos com "tumulus"), *estações habitacionais* (povoados de altura, povoados em morros pouco destacados em planícies ou chãs, povoados de planície) e *abrigos sob rocha* cuja função se desconhece; - por outro, a uma outra divisão, de ordem geográfica, sem dúvida arbitrária, mas que nos permite, num primeiro momento, distinguir, a nível do Norte de Portugal, *duas grandes áreas de distribuição das estações mencionadas*: essas duas áreas respeitam a fronteira entre a *bacia hidrográfica do Douro e as dos rios que correm directamente para o Atlântico* (sendo os principais o Minho, o Lima, o Cávado, o Ave e o Leça). As bacias destes últimos, aglutinadas num só conjunto, correspondem a uma unidade hidrográfica (20).

Assim, na área predominantemente *atlântica* (Minho e parcialmente Douro Litoral) consideramos estações do *litoral* (Vila Chã, Gândara, Faria, Alvarelhos) e do *interior* (núcleo entre Braga e Guimarães e Arcos de Valdevez) (21). A área predominantemente *transmontana* (a qual abarca Trás-os-Montes e Alto Douro e, parcialmente, o Douro Litoral), foi sub-dividida em micro-regiões naturais, em função da localização das estações conhecidas: a) *a área ocidental* (Douro Litoral), a qual insere uma zona planáltica entre o Tâmega e o Sousa (S. Mamede de Recezinhos) e os vales do Douro (Pedregal) e do Tâmega (Pepim); b) *o vale do Douro* (Picoto, Fonte de Milho, Tralhariz, Rapa, Barrocal Alto e Cunho); c) *o planalto mirandês, entre o Douro e o Sabor* (Fraga do Fojo, Penas Róias, grutas de Stº Adrião); d) *o planalto de Carrazeda de Ansiães* (Zedes); e) *a bacia de Mirandela e áreas planálticas circundantes* (Argeriz, Picoto da Muralha Grande, S. Juzenda, La

mas de Orelhão); f) *a serra da Corca* na região de Vinhais (Lorga de Dine); g) *a depressão tectónica Régua-Verín, no troço, Telões-Chaves*, a qual insere a *bacia hidrográfica do Alto Tâmega* (Vinha da Soutilha, Outeiro Seco, Circo, S. Lourenço, Nª Sª da Bandeira, Pastoria, Crastas de Moreiras) e a *bacia hidrográfica do Alto Corgo* (Castelo de Aguiar). Esta divisão em *duas grandes áreas* respeita, no geral, a real nuclearização das estações conhecidas no Norte de Portugal, as quais se podem também agrupar, a Norte do Douro, em dois grandes conjuntos separados, "grosso modo", pelos contrafortes das Serras do Barroso, Padrela, Alvão e Marão, que funcionam como uma importante barreira de penetração do litoral para o interior transmontano. Existe, contudo, um ligeiro desfasamento entre esta divisão geomorfológica e a divisão hidrográfica anteriormente escolhida. Na verdade, as estações de Recezinhos, Pedregal e Pepim que, segundo o agrupamento hidrográfico, se incluem na bacia do Douro, pertencem, segundo os critérios geomorgológico e climático, à area litoral, sob influência atlântica.

Procuraremos, no entanto, verificar quais as diferenças e semelhanças mais significativas entre os materiais das diversas estações conhecidas, de forma a poder construir um *padrão de distribuição espacial de elementos comuns*. Pela comparação entre a realidade arqueológica assim formulada, e a compartimentação geográfica que previamente nos guiou, poderemos tentar auscultar o complexo processo de origem, desenvolvimento e difusão espacial dum determinado tipo de testemunhos arqueológicos, no Norte de Portugal, durante o período de tempo que nos ocupa.

. É óbvio que a *cerâmica* constitui o principal elemento arqueológico susceptível de comparação, quer pela quantidade em que ocorre, quer pela intrínseca variedade decorativa, que permite facilmente eleger *agrupamentos estilísticos* num determinado espaço.

Dado que a maior parte das estações não forneceu associações estratigráficas, começaremos por tentar caracterizar isoladamente a variabilidade estilística cerâmica, comentando posteriormente o significado da presença de outros artefactos que também ocorrem nas estações consideradas neste trabalho.

Em função da informação de que dispomos, podemos afirmar que os dados oferecidos pelas estações são muito desiguais em número e significado arqueológico: apenas um reduzido número de estações sofreram intervenções cientificamente conduzidas; de algumas, que nunca foram rigorosamente escavadas, apenas se conhece meia dúzia de fragmentos cerâmicos, enquanto outras revelaram centenas de fragmentos de recipientes, além de outros artefactos.

As constatações que se vão produzir estão pois limitadas, desde o início, pela ausência duma tradição de investigação pré-histórica neste domínio. São o ponto de partida duma problemática que atinge os contextos habitacionais e sepulcrais do Norte de Portugal, durante o IIIº milénio e inícios do IIº milénio a.C..

- A mencionada cerâmica do Norte de Portugal apresenta características técnicas e morfológicas bastante semelhantes, quaisquer que sejam as estações e regiões on

de ocorre. Assim, predominam as pastas com elementos não plásticos, médios ou grosseiros, as superfícies alisadas ou, mais raramente, polidas, as formas esféricas, hemisféricas ou em calote de esfera. São mais raras as formas tronco-cónicas e as ovóides. Adentro das formas tronco-cónicas é necessário salientar um tipo de recipientes identificado nas estações de Rendufe e da Penha, com fundo plano-convexo, e bordo levemente exvasado, que lembra a forma "copo" do Calcolítico da Estremadura portuguesa. As formas carenadas em recipientes decorados são raras e pontuais. Também nas diferentes regiões são utilizadas as técnicas decorativas da *incisão*, *puncionamento* (simples ou arrastado) e *impressão "penteada"*. Contudo, as *caneluras fundas* predominam em cerâmicas de estações da *área atlântica*, enquanto a *impressão "penteada"*, embora presente em todo o Norte de Portugal, predomina no *interior transmontano*. O puncionamento tem uma representatividade semelhante nas duas áreas.

É ao nível das *organizações decorativas* que existem notórias diferenças entre os repertórios estilísticos de grupos de estações incluídos nas diferentes áreas. Servindo-nos, como base de trabalho, da tabela de organizações decorativas formulada para as estações por nós estudadas na área Telões-Chaves, verificámos que *nove* das organizações ali detectadas ocorriam em outras estações do Norte de Portugal. São elas as organizações I, II, III, IV, V, VI, XVIII, XXVI e XXVII. Outras fórmulas locais, específicas de cada estação ou região, foram também observadas, mas, pelo seu localismo, não serão aqui mencionadas.

O quadro da página seguinte dá-nos conta da presença dessas sequências decorativas nas diferentes estações anteriormente inventariadas.

A análise pormenorizada das organizações, respectivos sub-tipos e variantes (tendo em conta o quadro cronológico global sugerido pelo estudo das estações da área Telões-Chaves), aponta-nos três linhas de força que passamos a enunciar:

- As organizações II, II e V ocorrem, em quantidade, em estações quer da área *atlântica* quer da área *interior*. Sabendo quanto estas fórmulas, particularmente as duas primeiras, têm uma larga perduração no tempo (desde os inícios do IIIº milénio, até aos começos do IIº milénio a.C.), podemos colocar a hipótese de que toda esta vasta região do N.de Portugal terá sido eventualmente afectada, desde o IIIº milénio a.C., por *fórmulas comuns* que, ainda que revelem características específicas em cada estação ou área (ou tenham evoluído ou surgido sucessivamente ao longo deste largo período de tempo), poderão demonstrar a existência duma *base estilística idêntica de grande expansão territorial*. Há que comprovar esta hipótese. De referir também que, pela observação das variantes destas organizações (que ocorrem nas diversas estações, tanto do litoral como do interior), verificamos a existência de fórmulas de tipo arcaico e recente, a maior parte das vezes entre os recipientes da mesma estação. O que pode significar, entre outras hipóteses, a evolução "in loco" dessas mesmas fórmulas decorativas. Uma estação que na área atlântica apresenta, por exemplo, adentro da organização II, grande número de variantes formalmente evolucionadas é a estação da Penha.

Globalmente, podemos também acentuar que a organização V, embora existente em toda a região, se concentra de forma marcante no interior transmontano e nesta área

ESTAÇÕES \ ORG. DEC.	I					II	III	IV	V			VI	XVIII	XXVI	XXVII
	1	2	3	4	5				1	2	3				
1	●		●	●		●	●	●	●	●		●			
2	●					●		●							
3	●		●												
4	●		●	●		●	●	●	●	●	●	●	●		
5	●														
6	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●			●	
7	●														
8		●		●	●	●	●		●	●	●			●	●
9											●	●			
10	●		●												
11						●?						●			
12							●			●	●				
13					●				?	?	?				
14						●	●				●				
15				●		●	●								
16									?	?	?				
17										●					
18										●					
19															
20			●						●	●	●				
21		●				●	●		●		●			●	●
22															
23															
24	●?					●	●								
25	●														
26	●		●?			●									
27	●?	●													
28							●							●?	
29	●														
30							●								
31	●		●	●	●	●		●	●	●			●	●	
32	●?														
33	●?														
34			●	●		●				●					
35	●?														
36	●?														
37	●														
38	●														
39	●														
40														●	
41	●		●		●	●					●			●	
42	●													●	
43					●	●					●			●	
44	●		●		●	●						●	●?		
45							●							●	
46	●?														
47															
48														●	
49			●			●									
50							●					●			

são detectados modelos formalmente arcaicos (V_1 e V_2) e evolucionados (V_3).

- A organização I e os sub-tipos I_1, I_3, I_4, I_5, que, na região de Chaves, surgem e se desenvolvem particularmente ao longo da 2ª metade do IIIº milénio a.C., têm um âmbito espacial mais restrito em termos do Norte de Portugal: *predominam na área atlântica* (segundo o critério geomorfológico) e circunscrevem-se ao núcleo do *Alto Tâmega* e a uma estação orientada para a bacia de Mirandela, na região transmontana. Se atendermos à divisão hidrográfica anteriormente mencionada, duas das estações da área atlântica (Recezinhos e Pedregal) deverão ser integradas também na região interior, aumentando, assim, o número de estações que revelam esta decoração adentro da bacia hidrográfica do Douro. Contudo, em qualquer dos casos, é óbvio que *esta organização não tem representatividade numa grande parte do território transmontano.*

O que será interessante constatar (ainda que limitados pelos poucos dados que possuímos sobre as estações da área atlântica), é que nesta zona, ao contrário do que acontece no Alto Tâmega, predominam (nas estações com maior número de materiais) *variantes formalmente evolucionadas*, particularmente as que fazem recurso à *hierarquização de métopas* e à *compartimentação* do espaço operativo dos vasos em *múltiplas zonas contrastantes*. Estas ajudam a circunscrever motivos geométricos de diversa índole, num estilo de grande exuberância e barroquismo estilístico. É o caso das decorações observadas em estações com a Penha, Joubreia, Faria ou Vila Chã. Por vezes, nos mesmos vasos, observa-se a *junção do princípio metopado* com a existência de motivos e sequências de clara inspiração campaniforme, como seja, por exemplo, o *"chevron" liso sobre fundo reticulado ou puncionado* (Joubreia). Esta sequência, quando não separada por caneluras ou rectas incisas verticais, é praticamente idêntica à da organização XXVI. E esta fórmula, na regiao atlântica, também surge com expressividade em estações como Chã de Arcas, Penha, Faria, S. Julião, Gândara, Vila Chã ou Vermoim, utilizando em grande número de casos as mesmas técnicas decorativas da organização I. Na região transmontana do Alto Tâmega, quer as variantes evolucionadas da organização I, quer a organização XXVI, são raras e representam a fase final do desenvolvimento cultural das estações daquela área. Curiosamente, no Nordeste transmontano (Lorga de Dine), numa área que, aparentemente, não foi influenciada pela organização I, surge com grande pujança a organização XXVI (tal como também em Castelo de Aguiar II) num contexto provavelmente sepulcral, que deve ser genericamente contemporâneo do nível II de Castelo de Aguiar e dos níveis IIa-b da Pastoria, ou seja, dos inícios do IIº milénio a.C.. Contudo, esta fórmula ocorre na Lorga de Dine associada à técnica de puncionamento (com incrustração de pasta branca), a par da organização V_3 que parece predominar ali.

A organização XXVI, ainda que executada com diferentes técnicas, revela-se, assim, um elemento comum, possivelmente tardio, às áreas atlântica e transmontana.

Entre as organizações consideradas tardias na região de Chaves, conta-se a I_5, constituída pela sucessão vertical de bandas horizontais preenchidas por motivos geométricos: reticulados, linhas quebradas, losangos, triângulos, etc.. Esta organização também é frequente na região minhota, pelo menos, nas estações da Penha, Vila Chã e Joubreia. Pode ser tematicamente assimilada à I_1, I_3, I_4 e, do ponto de vista de complexida

de decorativa, às variantes evolucionadas da organização I_1.

- Na sequência da análise anterior parece-nos que existem alguns indícios sobre a evolução estilística da cerâmica no Norte de Portugal, que importa enunciar:

. *Uma matriz decorativa* apreciavelmente homogénea encontra-se presente, quer no interior transmontano, quer na região atlântica do Minho e Douro Litoral; essa matriz que aglutina diversas organizações decorativas, caracteriza-se por oferecer temas relativamente simples à base de triângulos ou linhas paralelas ao bordo, recorrendo a técnicas de incisão e puncionamento ou impressão "penteada". Como já anteriormente constatámos, esta matriz tem a sua provável origem na área Telões-Chaves, na 1ª metade do IIIº milénio a.C., e perdura na mesma área pelo menos até aos inícios do IIº milénio a.C..

O que futuramente deverá ser precisado é, por um lado, a sua cronologia regional, e por outro, a sua eventual associação estratigráfica com modelos locais. Em suma, é necessário compreender se essa matriz, comum às diversas regiões que integram o Norte de Portugal, aparece sensivelmente ao mesmo tempo em todo o território, se constitui um fundo estilístico tradicional que atinge toda a área em análise, ou se, ao contrário, revela assimetrias cronológicas de origem e desenvolvimento, em função de regiões ou tipos de estações onde ocorre. De notar que, no Norte de Portugal, esta matriz decorativa comum está presente quer em povoados, quer em monumentos funerários com "tumulus", quer mesmo em prováveis grutas sepulcrais. Por outro lado, parece poder sugerir-se que ela se mantém, aparentemente inalterada, com pequenas variações formais, durante um longo período de tempo, na região transmontana. Na verdade, nas estações do leste transmontano e do vale do Douro, esta matriz não só predomina entre os materiais conhecidos, como aparece normalmente isolada (22). Se futuramente confirmarmos esta hipótese, poderemos talvez aceitar que esta região se manteve do ponto de vista da estilística cerâmica, não só menos aberta a influências exteriores, como, sobretudo, não terá desenvolvido a variabilidade e complexidade estilística conhecida nas áreas do Alto Tâmega e da fachada atlântica.

. Uma outra matriz decorativa, mais complexa e polimorfa nos temas e sequências criados, mas una na sua concepção geral, tem uma ampla expressão na zona atlântica (Minho e Douro Litoral), e numa área circunscrita de Trás-os-Montes ocidental (Alto Tâmega e bacia de Mirandela). Inclui temas como reticulados, losangos, linhas em zigue-zague, triângulos, etc., os quais podem surgir isoladamente ou separados por métopas. Se aceitarmos a evolução estilística observada nas estações estudadas em redor de Chaves, verificamos que, ao longo da 2ª metade do IIIº milénio a.C., as organizações decorativas que constituem esta segunda matriz complexificam-se, através não só da criação de novos temas, como duma estruturação "dendrítica" dos mesmos, num sistema hierárquico e invasor da totalidade do espaço operativo. Na fase final deste processo, ou seja, nos finais do IIIº e/ou inícios do IIº milénio a.C., existem indícios de que temas e sequências campaniformes (quer do complexo marítimo, quer dos complexos Palmela-Ciempozuelos) ocorrem integrados na própria matriz estilística referida ou surgem associados a ela no mesmo contexto arqueológico. Ora, embora não seja fácil de seguir esta evolução estilís

tica no litoral, face à ausência aqui de dados estratigráficos, é de pressupor que ela também se possa ter dado nesta região uma vez que são facilmente identificadas nas estações do Minho e Douro Litoral variantes formalmente arcaicas e evolucionadas. Contudo, não pode deixar de se acentuar o peso destas últimas em estações como Penha, Faria, Vila Chã ou Gândara, por exemplo. É claro que enquanto se não efectuarem escavações nestas estações, teremos apenas de contar com os materiais conhecidos, depositados em museus ou colecções particulares, provenientes de recolhas de superfície ou escavações clandestinas, o que sempre constitui uma base de trabalho extremamente frágil.

O que será interessante reter é a hipótese, por um lado, da restrição geográfica e provavelmente temporal desta segunda matriz. Ela aparece como um fenómeno "ocidental", predominantemente "atlântico", e dadas as suas características formais, aproximável da corrente estilística da cerâmica calcolítica da Estremadura portuguesa. Deveremos, no entanto, inquirir se esta matriz se sobrepõe, na fachada atlântica, à primeira matriz já existente, se coexiste com ela ou se a subalterniza quantitativamente no interior de cada estação. Poderemos também questionar se ela corresponde a um fenómeno relativamente tardio na região minhota, ou seja, dos finais do IIIº milénio a.C., ou se, a exemplo do que acontece no Alto Tâmega, se desenvolve ao longo da 2ª metade do IIIº milénio a.C..

Por outro lado, importa referir que, à excepção do caso pontual e problemático da estação do Monte da Insua, esta segunda matriz decorativa apenas foi observada, até ao presente, em estações de cariz habitacional.

. Como já anteriormente mencionámos, no contexto das estações estudadas na área Telões-Chaves verificam-se "imitações" de temas e sequências campaniformes obtidas através de outras técnicas decorativas.

Estas "imitações" estabelecem-se quer no âmbito do complexo marítimo, quer no âmbito dos complexos Palmela-Ciempozuelos. Por outro lado, na região que abordámos já tivemos ocasião de sugerir a existência de duas micro-áreas estilísticas: a do Alto Tâmega e a do Alto Corgo. Ora, nas duas micro-áreas, que, de certa forma, espelham a genérica polarização entre a "área estilística atlântica" e a "área estilística transmontana", ocorrem as referidas temáticas de inspiração campaniforme. Ou seja, elas sobrepõem-se à diversidade estilística local, embora em cada área possam apresentar particularidades de pormenor. Esta realidade parece também verificar-se ao nível do Norte de Portugal. Assim, a clássica temática dos "chevrons" lisos sobre fundo reticulado ou puncionado aparece em contextos cerâmicos onde é abundante a segunda matriz estilística, ou seja, na área atlântica (Penha, Faria, Gândara, Vila Chã) e no Alto Tâmega (Pastoria), sendo esta última área conectada estilisticamente com aquela. Mas também ocorre na região do leste transmontano (Lorga de Dine) e no Alto Corgo (Castelo de Aguiar), em estações onde predomina a primeira matriz e onde a segunda está ausente.

Também a temática de bandas de linhas horizontais "penteadas" alternadas com bandas sem decoração, que parece reproduzir a sequência aditiva do campaniforme marítimo, se observa quer numa estação do Alto Tâmega (Pastoria), quer em diversas estações da área transmontana (Argeriz, Castelo de Aguiar, Lorga de Dine, Gruta de Ferreiros). Embo

ra não a conheçamos em estações da fachada atlântica, a sua ocorrência num povoado do Alto Tâmega e em Argeriz atesta a clara inclusão desta temática em contextos estilísticos diversos.

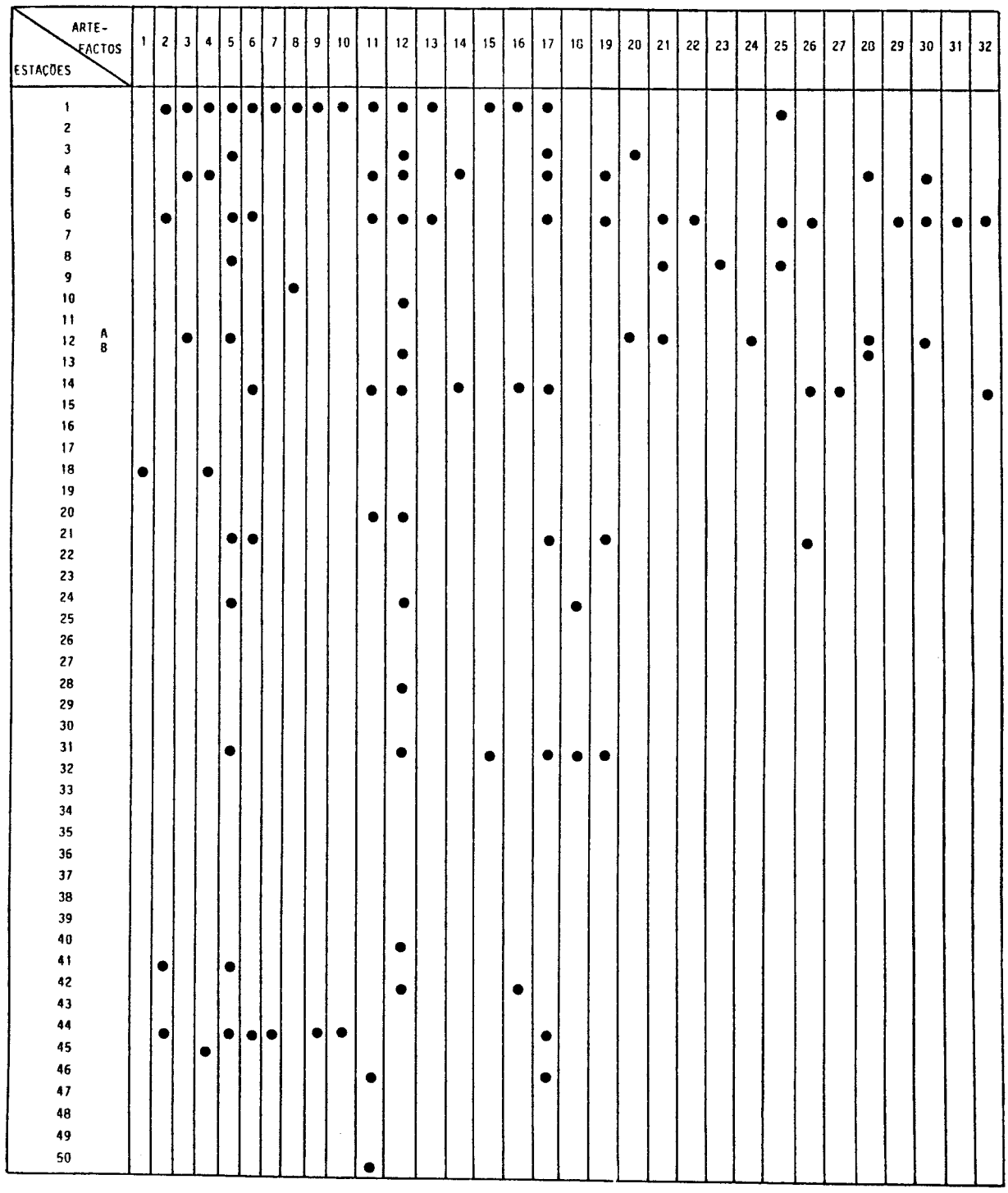
. Assim, parece-nos que esta breve análise da estilística cerâmica nos conduz a uma linha de força importante: se aceitarmos e generalizarmos, em traços gerais, a referência cronológica sugerida pela análise das quatro estações da área Telões-Chaves, será provavelmente durante a *2ª metade do IIIº milénio a.C.* que se verifica um acentuado desenvolvimento de *modelos contrastantes* (particularmente os que usam sequências metopadas) em toda a *fachada atlântica* (Minho e Douro Litoral) e em estações situadas no *Alto Tâmega* e *bacia de Mirandela* (Trás-os-Montes). Este segundo núcleo, predominantemente encravado na região ocidental de Trás-os-Montes, assume uma especial importância por inserir elementos estilísticos das duas grandes áreas em análise.

Os contextos que revelam uma estilística cerâmica variada e contrastante, são, na sua quase totalidade, domésticos, e agrupam-se em áreas circunscritas, em termos do espaço total do território abrangido pelo Norte de Portugal, tal qual ele é definido neste trabalho.

Apesar desta importante linha de força, emerge dos fracos indícios colocados à nossa disposição uma difusa hipótese de permanente simultaneidade de diferentes soluções estilísticas, quer em termos espaciais (fachada atlântica/interior transmontano, Alto Tâmega/leste transmontano, vale do Douro/nordeste transmontano, etc.), quer, provavelmente, em termos cronológicos (esta coexistência pode ter-se acentuado a partir da 2ª metade do IIIº milénio e reforçado, em certas regiões, na passagem para o IIº milénio a.C.).

A investigação futura deve, assim, estar atenta à possibilidade sugerida pela análise da variabilidade da estilística cerâmica de uma *evolução cultural polimorfa e assimétrica dos diferentes contextos que forneceram cerâmica decorada no Norte de Portugal.*

. A análise da distribuição espacial dos *restantes artefactos* provenientes das estações que no Norte de Portugal revelaram cerâmica decorada (do âmbito da que neste trabalho se aborda), é bastante restritiva. Em primeiro lugar, porque, à excepção dos contextos habitacionais do Cunho e do Barrocal Alto (Mogadouro), onde se têm realizado recentemente escavações, os outros materiais não foram encontrados em conexão estratigráfica com a referida cerâmica (23). A sua eventual relação com aquela (cultural e cronológica) só se pode estabelecer indirectamente através de comparações tipológicas, tendo em linha de conta os contextos escavados e datados da área Telões-Chaves. Em segundo lugar, e tal como já havia sucedido para a cerâmica, as estações inventariadas forneceram, no seu conjunto, uma informação muito desigual. Existem estações de que se não conhecem quaisquer artefactos não cerâmicos, outras de que se conhecem dois ou três exemplares e ainda outras que revelaram diversos tipos de objectos líticos, ósseos e metálicos. Perante tal panorama, impõe-se, numa primeira fase, apenas registar tais presenças, mais do que as eventuais ausências, uma vez que não será possível nem desejável valorizar este ou aquele aspecto dos dados conhecidos.



Artefactos: 1 - Micrólito; 2 - Lâmina prismática retocada; 3 - Lâmina prismática não retocada; 4 - Lamela não retocada; 5 - Ponta de seta; 6 - Raspadeira; 7 - Raspador; 8 - Denticulado; 9 - Furador; 10 - Núcleo; 11 - Lasca residual; 12 - Machado polido; 13 - Enxó; 14 - Goiva; 15 - Percutor; 16 - Polidor/alisador; 17 - "Rebolo"/Moinho; 18 - Artefacto com perfuração na(s) extremidade(s); 19 - Peso de tear (?) em pedra; 20 - Cossoiro em pedra; 21 - Punção em osso; 22 - Cinzel em osso; 23 - Objecto cultual em osso; 24 - Anel em osso; 25 - Conta de colar; 26 - Provável peso de tear em cerâmica; 27 - "Queijeira" em cerâmica; 28 - Machado plano em cobre arsenical; 29 - Cinzel em cobre arsenical; 30 - Punhal em cobre arsenical; 31 - Provável faca curva em cobre arsenical; 32 - Punção em cobre arsenical.

Enunciemos algumas das constatações a que nos conduz a análise do quadro de distribuição dos artefactos não cerâmicos: - os machados polidos, os moinhos manuais e as pontas de seta são os artefactos que foram identificados maior número de vezes em várias estações, situadas quer na fachada atlântica, quer na região transmontana. Relativamente a estes objectos será, no entanto, de fazer realçar as seguintes diferenças. Pontas de seta de pequenas e médias dimensões, de base côncava, recta ou com pedúnculo esboçado, lados convexos ou rectilíneos, são predominantemente conhecidas na fachada atlântica e na área Telões-Chaves (em Trás-os-Montes ocidental). Provavelmente nestas regiões devem ocorrer durante o IIIº milénio a.C. e sobreviver até aos inícios do IIº milénio a.C.. Em Trás-os-Montes oriental, no entanto, as pontas de seta conhecidas, provavelmente mais tardias (já da primeira metade do IIº milénio a.C.?), obedecem, em duas estações, a uma outra tipologia: são pontas alongadas, de maiores dimensões, lados rectilíneos, bases bicôncavas com aletas direitas, desenvolvidas. Aparecem não só em Lorga de Dine e Gruta de Ferreiros, como em S. Lourenço e Castelo de Aguiar, ou seja, não só em estações articuláveis com a estilística cerâmica transmontana (Dine, Ferreiros, Castelo de Aguiar), como com a do Alto Tâmega (S. Lourenço). Dado o posicionamento estratigráfico deste grupo de objectos em Castelo de Aguiar, parece-nos que ele deve ser visto como um elemento essencialmente tardio, inscrito em contextos sepulcrais e habitacionais que estabelecem a transicção para o Bronze inicial nestas estações. Quanto aos machados polidos, predominando os de secção sub-rectangular, eles são um elemento constante em contextos de todas as áreas do Norte de Portugal. Apenas numa estação do Alto Tâmega (Outeiro Seco) ocorrem machados de secção sub-elíptica.

- Entre os objectos que são habitualmente considerados pesos de tear, existem duas categorias que parecem ocorrer em estações insertas em áreas com uma estilística cerâmica diferenciada. Assim, por um lado, temos os clássicos pesos rectangulares em cerâmica, com uma, duas ou quatro perfurações nas extremidades. Existem numa estação de Trás-os-Montes oriental (Cunho), numa estação do Alto Tâmega (Pastoria) e numa outra do Alto Corgo (Castelo de Aguiar), ou seja, em estações que pertencem a áreas estilísticas bem diversas, embora possivelmente, em parte, contemporâneas (finais do IIIº, começos do IIº milénio a.C.?).

Por outro lado, temos um segundo grupo de objectos, de contorno sub-circular, em pedra, com uma perfuração central, e/ou quatro perfurações radiais (num exemplar), que, pela tipologia, se podem caracterizar provisoriamente como pesos de tear. Eles aparecem em estações do Alto Tâmega (S. Lourenço e Pastoria), do Alto Corgo (Castelo de Aguiar) e da fachada atlântica (Penha). Sobrepõem-se também, assim, a contextos cuja estilística cerâmica é diversa.

- Entre os artefactos líticos há ainda que fazer referência à presença de lâminas prismáticas retocadas lateralmente, em sílex, em estações do Alto Tâmega (Vinha da Soutilha e Pastoria) e da fachada atlântica (Faria e Joubreia), que devem, se aceitarmos a cronologia proposta para a área Telões-Chaves, integrar-se já, pelo menos, nos finais do IIIº milénio a.C.. As quatro estações referidas pertencem todas à mesma área estilística cerâmica. Ainda adentro dos objectos líticos, não podemos deixar de fazer referência à existência de artefactos de contorno sub-rectangular de ângulos arredondados com

uma perfuração em cada extremidade, em xisto, que formalmente se aproximam dos chamados "braçais de arqueiro". Eles ocorrem nas estações da Penha e Pepim, também em contextos cerâmicos muito diversos. É óbvio que a caracterização destes objectos como braçais de arqueiro levanta problemas de ordem cronológica e cultural, que não são facilmente resolvidos pela simples observação tipológica dos objectos. Estes são largos e curtos, fugindo à clássica tipologia daqueles artefactos em outras regiões peninsulares.

Finalmente, conhecem-se contas de colar, discoidais, esféricas e cilíndricas em diversas matérias-primas (particularmente a variscite), quer nos povoados da Vinha da Soutilha e Pastoria, quer na gruta, provavelmente sepulcral, chamada Lorga de Dine, ou seja, em áreas estilísticas e contextos arqueológicos totalmente diferentes.

- Entre os artefactos metálicos em cobre ou cobre arsenical, relacionáveis com os contextos do IIIº e começos do IIº milénio a.C. de que estamos a tratar, é de assinalar a sua presença (nas estações inventariadas) em diferentes áreas estilísticas e geográficas. Assim, punções de cobre e cobre arsenical ocorrem em povoados de prováveis áreas estilísticas diversas: Cunho e Pastoria. Ao contrário, facas curvas também de cobre arsenical integram-se todas numa área de feição estilística "atlântica" (Penha, Vinha da Soutilha e Pastoria), embora tenhamos que a sub-dividir na zona atlântica propriamente dita (Penha) e na zona do Alto Tâmega (Soutilha, Pastoria). Os punhais de cobre arsenical apresentam diversas tipologias e também surgem em estações localizadas em zonas estilísticas diferenciadas. Na verdade, na Pastoria exumou-se um pequeno punhal triangular (fragmentado na extremidade de encabamento), em S. Lourenço registaram-se três punhais de lingueta de morfologia campaniforme e um punhal com a extremidade de encabamento arredondada (com entalhes laterais e perfuração central) e na gruta de Ferreiros observou-se um punhal triangular com a extremidade também fragmentada. Embora todos estes objectos tenham, nas diferentes áreas e estações em que ocorrem, eventuais cronologias diferentes, poderão globalmente ser integrados num movimento que, no Norte de Portugal, parece já dominar o intercâmbio (e a feitura?) de objectos em cobre, datado na sua origem da 2ª metade do IIIº milénio a.C., com provável incremento cerca de 2000 a.C. e perdurando até aos inícios do IIº milénio a.C..

Finalmente, além da presença de um cinzel no povoado da Pastoria, conhecemos machados planos, cuja tipologia se enquadra no período que tratamos (24), provenientes das estações da Penha, S. Lourenço e Ferreiros. Integram-se, segundo Monteagudo, respectivamente, nos tipos 4B, 5A e 1A, ou seja, poderão corresponder a tipos, segundo este autor, fabricados entre 2800 e 1800 a.C..

- Assim, face à pobreza da nossa informação e da própria natureza, pouco diversificada, dos tipos de artefactos focados, não nos é permitido, de momento, relacionar a maior parte dos objectos com as áreas de estilística cerâmica anteriormente referidas.

Se ideia geral há a realçar é de que a grande maioria dos artefactos ocorre indiferenciadamente em variadas regiões geográficas e estilísticas, não parecendo estar directamente relacionada a sua presença com a variabilidade da decoração cerâmica.

Mas, naturalmente, esta ideia só vale face aos dados conhecidos na actualidade e inscreve-se num quadro extremamente provisório de hipóteses relativas aos contextos com cerâmicas decoradas (não campaniformes) do Norte de Portugal.

1.2 GALIZA, SO DA MESETA NORTE E BEIRA ALTA (Fig. 1) (25)

A propósito dos materiais dos povoados escavados por nós nos vales do Tâmega e do Corgo, já abordámos anteriormente a especificidade da cultura material de contextos similares, localizados na Galiza, SO da Meseta Norte e Beira Alta, ou seja, em regiões contíguas ao Norte de Portugal, tal como ele é definido no nosso trabalho. Coube então estabelecer diferenças e semelhanças de ordem puramente formal entre os artefactos das diferentes áreas. Neste momento importa alargar a comparação, não só em termos espaciais (o Norte de Portugal frente às outras regiões), como em termos da definição de áreas estilísticas e contextos culturais.

As principais estações conhecidas destas áreas contíguas são povoados. Numa baixa proporção conhecemos alguns monumentos sepulcrais onde ocorrem materiais que tipologicamente se aproximam dos encontrados nos povoados.

Em qualquer das regiões a informação arqueológica é relativamente pobre e, sobretudo, desigual. No SO da Meseta Norte, embora tenhamos acesso a um apreciável número de dados sobre os materiais, eles são relativos exclusivamente a povoados e, por outro lado, não está ainda montada uma evolução cultural coerente para o contexto calcolítico desta região. Só recentemente se obtiveram três datações de C 14 para um povoado - Las Pozas - que foram apenas breve e resumidamente mencionadas numa síntese sobre o Calcolítico da Meseta Norte (26). Na Galiza, o panorama é ainda mais pobre. Das poucas estações conhecidas, nas províncias de Pontevedra e Orense, apenas três (povoados) foram recentemente escavadas segundo uma metodologia rigorosa, embora os trabalhos não tenham ultrapassado a fase preliminar de sondagens prospectivas (27). Conhecemos apenas uma data de C 14 para um destes povoados, que pode ser, ainda que prudentemente, valorizada. Na Beira Alta, onde existe um autêntico vazio de informação quanto a povoados pré-históricos desta fase, podemos apontar a existência de alguns raros fragmentos de vasos cerâmicos decorados, entre outros artefactos, encontrados em monumentos megalíticos. Apesar destes magros conhecimentos, algumas hipóteses são viáveis para a futura definição de áreas estilísticas e culturais neste amplo espaço que insere uma variada e extensa rede hidrográfica constituída pelas bacias do *Douro*, *Lima*, *Cávado e Ave*, *Minho*, *Tambre e Ulla*, *Vouga* e *Mondego*.

- Na Galiza são conhecidas nove estações que forneceram materiais (em especial cerâmica) do tipo que estudámos na área Telões-Chaves. Dessas nove, sete são povoados que podem ser assimilados ao contexto cultural que tentamos caracterizar.

Duas outras estações são monumentos sepulcrais com "tumulus" - mamoas - não sendo possível, pelos motivos óbvios, tentar afirmar a correspondência inequívoca entre os utilizadores da mencionada cerâmica e os sepulcros onde aquela aparece, fora de qual-

quer posição original. Não conhecemos ainda a localização topográfica de todas as estações referidas, pois a grande maioria nunca foi devidamente estudada e publicada. Existe um *importante núcleo de povoados litorais* na província de Pontevedra, tal como Regueiriño, Lavapiés e Fontenla (que foram objecto de escavações recentes), e ainda Mesa de Montes, além dum *outro interior*, na província de Orense, representado pelos povoados de Pipileiras (28), Illa de Barxéx (29) e, provavelmente, Ginzo de Limia (Covas) (30) e ainda a mamoa de Lobeira (31). Em Gândaras de Budiño (Pontevedra), um monumento com "tumulus" revelou cerâmica "penteada" (tradicionalmente identificada como cerâmica campaniforme (32)) e, por tal facto, pensamos que deve ser incluída no conjunto de estações deste contexto estilístico/cultural.

Entre os *povoados litorais* há que realçar a posição topográfica de Lavapiés e Regueiriño, em zonas de encosta, respectivamente a cerca de 15 m e 40 m sobre o mar. Fontenla, também situada numa encosta suave, aberta à ria de Vigo, localiza-se a cerca de 400 m sobre o mar.

A proximidade geográfica e estilística destas estações galegas relativamente ao Norte de Portugal justifica que lhes prestemos a nossa especial atenção. As estações de Fontenla e Regueiriño (Moaña) forneceram dados que reputamos de importância para a compreensão do fenómeno campaniforme no seio duma tradição calcolítica local de cerâmicas decoradas. Na verdade, em Regueiriño, em sucessivas escavações desenvolvidas entre 1976 e 1982, apenas se identificou uma camada arqueológica (33), na qual foram revelados diversos fragmentos de recipientes cerâmicos, entre os quais se devem mencionar: dois vasos carenados campaniformes, decorados segundo a temática do Complexo marítimo -- variante linear (matriz denteada e pectiniforme de cariz local) (34); recipientes decorados com puncionamentos arrastados (de tipo Boquique) sob o bordo, o qual também pode ser decorado com incisões oblíquas (35); recipientes decorados com linhas quebradas incisas sob o bordo ou linhas horizontais, também sob o bordo, definidas por puncionamentos, numa sequência que se aproxima da organização III, variantes b, c (36); recipientes decorados com "chevrons" múltiplos sobre fundo preenchido com incisões curtas ou puncionamentos, cuja sequência se pode relacionar ou com a organização IIe, ou com a organização XXVI (os fragmentos cerâmicos são de pequenas dimensões, o que dificulta a apreciação da totalidade da decoração) (37).

Este conjunto cerâmico (a confirmar-se a sua homogeneidade cultural) demonstra a coexistência de fórmulas decorativas arcaizantes (organização III), com fórmulas de tradição calcolítica que parecem imitar uma clássica sequência campaniforme (se se confirmar a organização XXVI), com uma expressiva temática campaniforme regional, e ainda com técnicas e motivos que parecem incluir-se na esfera de Cogotas I. Na verdade, os recipientes com decoração de tipo Boquique evocam mais a cerâmica do Bronze Médio-Tardio da Meseta do que a cerâmica calcolítica que também utilizou largamente o puncionamento arrastado ou "punto em raya". A hipotética coexistência destes vários elementos cerâmicos é suficientemente rara e surpreendente para exigir, por si só, um alargamento das escavações no sentido de confirmar ou infirmar a estratigrafia proposta até ao momento.

A estação de Fontenla foi escavada em 1978 por António Costa, tendo aquele escavador então identificado dois níveis ocupacionais. O inferior, no qual se integravam,

segundo o mesmo, fragmentos cerâmicos decorados com triângulos incisos preenchidos com puncionamentos e ainda bolotas carbonizadas, as quais forneceram uma datação de C 14 - - 2460 ± 50 a.C. (38); o superior, no qual surgiria campaniforme marítimo (pontilhado) e, eventualmente, cordado (39). Posteriormente, Peña Santos realizou em 1982 sondagens nesta estação, e confirmou, em parte, a estratigrafia observada por A. Costa: encontrou o que chamou dois sub-níveis. O nível IIb, assente sobre um possível solo de ocupação, forneceu poucos achados, como pequenos fragmentos cerâmicos incaracterísticos (alguns decorados com puncionamentos) e bolotas carbonizadas; o nível IIa, assente sobre um solo de ocupação, com vestígios de prováveis estruturas de pedra, revelou grande quantidade de pequenos fragmentos cerâmicos, entre os quais alguns portadores da organização III e, possivelmente da XXVI, ou, em alternativa, da IIe. Mas não encontrou cerâmica campaniforme.

Ou seja, o trabalho de Peña Santos, se confirmou a estratigrafia de A. Costa, não encontrou dados que apoiassem, de momento, a relação entre os materiais e as camadas sugerida por A. Costa. Contudo, a possível existência da organização XXVI no nível superior estaria de acordo, segundo os nossos pressupostos, com a presença do campaniforme encontrado por A. Costa nas suas escavações. Trata-se, na verdade, de uma clássica sequência evolucionada, que parece imitar uma das temáticas campaniformes. Por outro lado, tivemos oportunidade de ver no Museu de Pontevedra os materiais provenientes das escavações de A. Costa e de constatar a presença de um fragmento com uma inequívoca temática de "chevrons" múltiplos sobre fundo puncionado, embora não saibamos de que nível ele provém.

Assim, reunindo todos estes dados dispersos parece-nos que é de aceitar a seguinte hipótese interpretativa: nesta estação existem duas camadas sobrepostas que podem eventualmente corresponder a dois níveis de ocupação sucessivos. A mais antiga, possivelmente datada da 2ª metade do IIIº milénio a.C., não se encontra ainda suficientemente caracterizada ao nível dos seus materiais; a mais recente, que poderá ser dos finais do IIIº milénio a.C., integra cerâmica campaniforme e inclui provavelmente cerâmicas incisas e puncionadas, entre as quais se pode detectar uma organização também de inspiração campaniforme, embora de clara tradição local - a organização XXVI. Novamente, perante tal sucessão estratigráfica e importante associação de diferentes materiais cerâmicos, afigura-se-nos prioritário alargar a intervenção arqueológica nesta estação, no sentido de dar resposta às muitas dúvidas colocadas no plano da sua evolução cultural.

De notar que a análise polínica das duas estações (40) revelou que em ambas se verificou uma importante destruição da paisagem arbórea (principalmente constituída por *Quercus* e *Pinus*), reflectida no desenvolvimento de herbáceas e de plantas que resultam duma intensa ocupação humana como *Plantago*, *Urtica* e *Crucíferas*.

Uma terceira estação recentemente escavada na província de Pontevedra é *Lavapiés* (41). A sua importância resulta de ser a única estação que na Galiza forneceu uma sequência estratigráfica na qual se integra um nível habitacional com cerâmicas incisas metopadas (organização I_1). Revelou dois níveis arqueológicos: o mais antigo, delimitado por pisos bem compactados, forneceu escassos e reduzidos fragmentos cerâmicos de pastas grosseiras (segundo o autor da escavação), os quais não permitiram a reconstituição de

formas. Foram detectadas as técnicas de puncionamento arrastado, incisão e decoração plástica. Este nível revelou ainda lascas residuais e elementos móveis de moinhos manuais. O segundo nível, mais recente, assentava sobre um solo de terra pisada e correspondia, sem dúvida, a um potente nível de ocupação contendo diversas estruturas em pedra: lareiras, estrutura de planta oval (nas proximidades da qual foram encontradas bolotas carbonizadas) e ainda vários núcleos de "empedrados". Este nível foi datado pelo C 14: 1980 ± 120 a.C. (42). Entre os materiais devemos salientar a existência de pontas de seta curtas, de base plana ou ligeiramente côncava (com uma aleta), em quatzo e xisto, fragmentos de lâminas de secção trapezoidal ou triangular de sílex, com vestígios de utilização, machados polidos de secção sub-rectangular ou elíptica, um disco de xisto com perfuração central, elementos fixos e móveis de moinhos manuais e fragmentos de um molde ou cadinho de fundição de cerâmica, com vestígios de escória de cobre aderentes na sua parede interior; a cerâmica, na qual se observaram formas esféricas ou em calote (com ou sem estrangulamento do colo), e ainda fundos planos de recipientes cuja forma desconhecemos, é predominantemente decorada com incisões e secundariamente com puncionamentos e impressões. Ainda é de referir a presença discreta da decoração plástica. Identificámos sequências que se aproximam das seguintes organizações decorativas: I_1-b; I_1-u; I_1-c_1; I_4; I_5; IVa; XXVI. De salientar a grande semelhança destas temáticas decorativas com algumas das encontradas, em geral, na estação da Pastoria (Alto Tâmega), e, por exemplo, nas estações da Penha, Faria ou Gândara (região minhota).

No geral, as decorações de Lavapiés têm um grande "ar de família" com as da "fachada atlântica" portuguesa, e, a aceitarmos a ampla cronologia relativa proposta para estações com cerâmicas similares, parece-nos que elas deverão datar dos finais do IIIº milénio a.C., ou mesmo, inícios do IIº milénio a.C.. Neste sentido, a data de C 14 publicada, apesar de ser uma data isolada e, sobretudo, apesar das reservas já anteriormente apontadas, por coincidência ou não, parece encaixar-se plenamente no âmbito cultural sugerido pela tipologia e estilística dos materiais.

O estudo polínico da estação (43) refere-se, durante as ocupações humanas, a um progressivo aumento do *Quercus* e de *Castanea*, face ao *Pinus*, correlativo do desenvolvimento de plantas que acompanham os cultivos, como as Ericáceas e o *Plantago*. O cereal e as leguminosas também estão presentes.

Analisando as cerâmicas decoradas das nove estações galegas mencionadas, podemos agrupá-las em três grupos estilísticos; - as que contêm cerâmicas com *temáticas simples* (incisões, puncionamentos ou impressões sob o bordo) (Regueiriño, Pipileiras, Gândaras de Budiño e Illa de Barxés); o facto de este tipo de decorações coexistir, em Regueiriño, com cerâmica campaniforme e outras decorações evolucionadas, prova-nos que esta matriz poderá atingir na Galiza (tal como no Norte de Portugal) uma cronologia tardia e que a cerâmica "penteada" de Gândaras de Budiño poderá corresponder, naquele monumento funerário, à assimilação duma forma inovadora por uma técnica local, a exemplo do que acontece também na própria estação da Pastoria; - as que incluem cerâmicas com *temáticas metopadas* (I_1) ou *temáticas afins* (I_3, I_4, I_5) (Lavapiés, Mesa de Montes, Lobeira e Illa de Barxés); de notar que a mamoa de Lobeira é o único monumento funerário conhecido no Noroeste que revelou cerâmicas incisas metopadas (I_1-a); - as que revelaram *temáticas de*

inspiração campaniforme segundo uma técnica local (XXVI) (Regueiriño e Fontenla).

Não incluímos nestes grupos a estação de Ginzo de Limia (Covas), que revelou um fragmento cerâmico decorado segundo a técnica de puncionamento arrastado, interpretado por Fernández-Posse (44) como sendo neolítico, mas que não tivemos oportunidade de analisar directamente.

Todas as estações galegas conhecidas se situam ou no litoral ou em conexão com rios que correm directamente para o Atlântico, integrando-se, assim, num conjunto mais amplo que também abrange as estações minhotas.

- A Pré-História Recente do SO da Meseta Norte (abarcando o vale sedimentar e o rebordo montanhoso ocidental da bacia do Douro) tem vindo a ser sistematicamente estudada desde há vários anos, sendo de destacar, neste domínio, as investigações de Delibes de Castro (45), deste autor em colaboração com M. Valls (46) e de Socorro López-Plaza (47). Outros investigadores têm prosseguido paralelamente os estudos pioneiros de Delibes e López-Plaza (48). Relativamente aos contextos habitacionais calcolíticos com cerâmicas decoradas desta região, e apesar dos inúmeros trabalhos publicados, não possuímos ainda um quadro coerente da evolução cultural regional baseada em seguras sequências estratigráficas, datações absolutas e análise exaustiva dos materiais. Escavações pontuais em Peña del Aguila (Ávila) e Teso del Moral (Zamora), Coto Alto (Salamanca) ou Las Pozas (Zamora), não foram ainda totalmente publicadas ou revelaram-se pouco informativas ou mesmo inconclusivas. Sabemos, no entanto, que trabalhos recentes ainda inéditos fornecerão, em breve, novos dados que, esperamos, esclarecerão aspectos relacionados com a cronologia e a variabilidade regional da cultura material desta ampla região.

Os povoados calcolíticos portadores de cerâmicas decoradas ocorrem em duas áreas distintas: a do rebordo montanhoso que delimita a Sul e Sudoeste a bacia do Douro (província de Ávila); a da bacia sedimentar do Douro (nas províncias de Zamora e Salamanca). Em ambas as áreas os povoados preferem locais elevados com boas condições naturais de defesa e/ou vigilância sobre vales férteis. Na área montanhosa, os povoados localizam-se em áreas planas no cimo de morros cujas altitudes, por vezes, ultrapassam os 1000 m, como Peña del Aguila (1160 m), La Mariselva (1223 m) ou Alto del Quemado (1006 m); na bacia sedimentar adaptam-se à topografia existente, localizando-se em cotas mais baixas, por vezes em encostas pouco inclinadas como em Las Pozas (705 m), ou em promontórios como, por exemplo, Cerro del Ahorcado (692 m). Contudo, a preocupação defensiva continua a ser evidente, pelo menos em certos "habitats", como, por exemplo, Teso del Moral (810-812 m) que domina os vales de Montoya e Valdecontiesa. Em nenhum caso, todavia, foi seguramente identificado qualquer sistema defensivo artificial (muralhas ou fossos) inequivocamente relacionado com a ocupação calcolítica.

Os povoados apresentam dimensões que oscilam entre 1 ha (Peña del Bardal) e 4 ha (Teso del Moral). Integrando-se normalmente em áreas onde abundam os afloramentos graníticos (que utilizam como elemento protector das estruturas habitacionais), estes povoados inserem, em regra, estruturas muito frágeis: cabanas circulares construídas com postes de madeira e ramos (cobertas provavelmente com barro), lareiras, silos (ou es-

truturas de armazenamento em relação com as lareiras), "empedrados", etc..

No nível superior (I) do povoado de Peña del Aguila (já com cerâmica campaniforme), detectou-se uma cabana de forma oval (diâmetro máximo, cerca de 3 m), a qual assentava sobre uma infra-estrutura em pedra.

Os artefactos encontrados nestes contextos variam formalmente nas duas áreas consideradas e, entre cada estação, existem, por vezes, diferenças tipológicas apreciáveis. Mas podemos dizer, na esteira de Delibes e López-Plaza, que a filiação neolítica deste contexto se revela, por exemplo, nas formas predominantemente esféricas das cerâmicas, na sua boa qualidade técnica, nas decorações plásticas (mamilos e cordões lisos ou seccionados com pequenas incisões transversais), nas decorações puncionadas ou impressas, no gosto pelas temáticas simples (linhas paralelas ao bordo ou triângulos preenchidos com puncionamentos sob o bordo). Também os artefactos líticos apresentam uma tipologia, em regra, arcaizante: abundam as pontas de seta de feitura tosca, de base triangular ou com pedúnculo esboçado, ou as de tipo cordiforme ou romboidal; as lascas ou lâminas com vestígios de utilização, os raspadores ou as raspadeiras (em quartzo ou quartzito) também revelam talhe incipiente. Mas, além deste substracto neolítico, são perceptíveis (sobretudo em certos povoados) influências estilísticas da Estremadura portuguesa, do SO e SE peninsulares: certos recipientes cerâmicos apresentam uma técnica de fabrico e decoração "canelada" que, no conjunto, faz lembrar vasos do Calcolítico pré-campaniforme da Estremadura; outros integram mesmo a clássica organização "oculada"; ocorre ainda cerâmica pintada de estilo Los Millares I; são também conhecidos "pesos de tear" em cerâmica, com perfurações nas extremidades, certos objectos que cabem adentro da categoria dos chamados "ídolos de cornos", pontas de seta de base côncava e lâminas de sílex talhadas bifacialmente, cinzéis e varinhas em osso, contas em variscite, artefactos em cobre arsenical.

O que será importante descobrir é se nas diferentes estações insertas no SO da Meseta Norta (todas com estreitas relações com a bacia do Douro) se observam assimetrias de evolução cultural, não só entre as duas áreas já mencionadas, mas também, adentro de cada área, entre as várias estações inventariadas.

Observando os dados publicados provenientes das escavações em Peña del Aguila, ou Teso del Moral, e analisando os materiais de superfície dos restantes povoados, chegamos a uma conclusão, que já havia sido aflorada por López-Plaza (49): a zona dos contrafortes montanhosos meridionais parece acusar uma filiação neolítica mais importante do que a da bacia sedimentar das províncias de Zamora e Salamanca; nesta, a par de elementos arcaizantes, ocorrem, em número mais significativo, elementos cuja estilística é estranha à região e pode demonstrar uma maior abertura a influências exteriores.

Assim, nos povoados da região montanhosa, alguns dos artefactos líticos são de tipologia arcaizante: pontas de seta de base triangular (ou pedúnculo esboçado), cordiformes ou romboidais, lâminas prismáticas ou de secção triangular com vestígios de utilização; entre as formas cerâmicas (sempre muito simples) não ocorrem carenas ou fundos planos, embora em Peña del Aguila se verifique uma evolução no sentido dum aumento de

grandes vasos ovóides de colo estrangulado e dos semi-esféricos. Por outro lado, os vasos decorados aparecem sempre numa baixa percentagem (inferior a 20%), sendo detectadas sequências muito simples, pouco variadas, que se aproximam de organizações nossas conhecidas: em Peña del Aguila - além da decoração pintada e da plástica, ocorrem as organizações IIa e IIIa; em Peña del Bardal - as organizações IIa e IIId (e decoração plástica); em Alto del Quemado - as organizações IIId e V_2-a (e decoração plástica); em Stª Maria - apenas a decoração plástica. Apesar de tudo, objectos de morfologia supra-regional, como contas de colar em variscite, pesos de tear em cerâmica, os chamados "ídolos de cornos" ou a cerâmica pintada, também aparecem neste contexto de povoados montanhosos.

Nos povoados da bacia sedimentar, a par de objectos de inequívoca filiação neolítica local, constatamos a presença de outro tipo de artefactos: pontas de seta de base côncava e retoque invasor, grandes lâminas retocadas bifacialmente, formas cerâmicas carenadas e fundos planos (Cerro del Ahorcado), maior variabilidade da estilística decorativa cerâmica (apesar da cerâmica decorada continuar a ser minoritária). Assim, existe maior variedade de técnicas decorativas, a par duma maior variedade e complexidade de temas: Teso del Moral - organizações IIa, IIIa, j, d, V_2-a (e decoração plástica); El Canchal - organização V_1-a (e decoração plástica); Las Pozas - organizações IIa, I_4-d (?), V_1-a, V_2-a, XVIII; Fontanillas del Castro - organizações IIa, IIIf (?), IVe, I_3-e; El Coto - organizações IIa, IIIa, V_2-a (e decoração plástica); Aldeagordillo - organizações IIa, e possivelmente XVIII; Cerro del Ahorcado - organizações I_4-e, V_2-a, XXVI (?) (e decoração plástica); Mata Leonardo - organizações IIa e IIIa; Villasbuenas - organizações IIIa e IIa (?).

Ocorrem ainda contas de colar em variscite (fabricadas no local), pesos de tear em cerâmica, "ídolos de cornos", cadinhos de fundição de cobre em cerâmica (Las Pozas e La Alameda), alguns artefactos de cobre arsenical de tipologia calcolítica.

Nesta região existem, segundo López-Plaza, diferentes "fecies estilísticas", sobretudo detectadas em estações que apresentam materiais cerâmicos com diferentes percentagens decorativas: Fontanillas del Castro, por exemplo, salienta-se por revelar um grande número de recipientes decorados, segundo temas incisos ou puncionados bastante diversificados, contrastando com a simplicidade decorativa das cerâmicas das restantes estações da mesma área. Simplicidade bastante acentuada nas estações situadas mais próximo da fronteira portuguesa, como se pode verificar em Mata Leonardo, Picon del Rey ou Villasbuenas.

Em todas as estações do SO da Meseta Norte, o tema triangular (organização II) é o denominador comum, sendo acompanhado logo a seguir pelas organizações III e V. Contudo, a organização V (decoração "penteada") predomina na bacia sedimentar, enquanto é rara entre as cerâmicas conhecidas nos contrafortes montanhosos da província de Ávila.

Para López Plaza, as diferenças verificadas entre os materiais das duas regiões poderão significar uma ligeira posterioridade das estações da bacia sedimentar relativamente às do rebordo montanhoso. Contudo, não sendo de colocar de lado essa hipótese, parece-nos que nos faltam dados irrefutáveis para não admitir uma possível contempo

raneidade entre áreas estilísticas diferenciadas, ou mesmo áras culturais com diversos graus de evolução e abertura a influências exteriores. A possibilidade de coexistência entre estas duas áreas estilísticas, aliás, não invalida outra hipótese, a da coexistência mais geral de grupos calcolíticos com cerâmicas decoradas e a de grupos calcolíticos com cerâmicas lisas como as de Villardondiego, Almeida de Sayago ou La Perrona de Gema (Zamora) (50). Apesar de Delibes e Valls sugerirem a hipótese de uma evolução linear entre este grupo de "filiação megalítica", que remontaria, para estes autores, à 1ª metade do IIIº milénio a.C., e o grupo de Las Pozas, inserto na 2ª metade do IIIº milénio a.C., cremos que, face à ausência de dados inequívocos que confirmem ou infirmem essa hipótese, poderemos admitir também, pelo menos, uma parcial contemporaneidade entre populações portadoras de uma cultura material distinta. Situação que a verificar-se poderia ser a chave para a compreensão da variabilidade da realidade cultural nesta região da bacia do Douro.

Recentemente, numa breve alusão, Delibes de Castro referiu que, na estação de Las Pozas (onde se comprova a existência duma metalurgia do cobre), foram obtidas recentemente três datações absolutas "que se escalonam entre 2475 e 2125 a.C." (51). Esta estação e, em parte, o grupo de estações da província de Zamora, com as quais tem afinidades estilísticas, situar-se-ia, portanto, na 2ª metade do IIIº milénio a.C.. Por outro lado, o mesmo autor, no mesmo trabalho, defende a correspondência cultural entre os povoados aqui mencionados com a última fase do fenómeno megalítico na zona, assim como com o fenómeno de arte esquemática, bem exemplificado, por exemplo, na clássica estação de Las Batuecas (Salamanca).

Embora esta dupla relação não seja explicada de forma clara no artigo em questão, esperamos que tão aliciante modelo interpretativo seja demonstrado futuramente, contribuindo para a compreensão das múltiplas facetas (funerárias, rituais e simbólicas) que enformam este contexto cultural.

De qualquer forma, são-nos imediatamente perceptíveis quais os pontos de contacto existentes entre as estações do SO da Meseta Norte e as de Trás-os-Montes: trata-se também de um contexto fundamentalmente conhecido pelos seus povoados de altura, em articulação com o domínio de vales férteis integrados na bacia do Douro; as estruturas habitacionais e os materiais associados apresentam grandes semelhanças com as das estações directamente relacionadas com o vale do Douro. Tal como em Portugal, as cerâmicas revelam organizações predominantemente simples (II, III, V), desconhecendo as sequências complexas do Alto Tâmega ou da "fachada atlântica". Tal como nas estações do Cunho e Barrocal Alto, as cerâmicas decoradas ocupam um lugar secundário, e alguns dos restantes artefactos (como os chamados pesos de tear em cerâmica) revelam grandes semelhanças tipológicas com os da Meseta.

Contudo, quer no Norte de Portugal, considerado globalmente, quer no SO da Meseta Norte, ainda que com diferenças de intensidade expressa nos testemunhos arqueológicos, observamos diferentes áreas estilísticas (provavelmente contemporâneas, pelo menos durante um certo período do tempo da sua evolução), nas quais é mais ou menos nítido ou a conexão formal com outras áreas culturais peninsulares ou o enraizamento numa tradição cultural que sobrevive no tempo.

Neste sentido, achamos correcta a designação de "povoados não campaniformes" (52) para uma grande parte dos "habitats" calcolíticos da bacia do Douro. É provável que na região mesetenha uma grande maioria tenha mantido inalterada a sua cultura material (de tipo calcolítico) até aos inícios do IIº milénio a.C., quando o fenómeno de Ciempozuelos começou a alterar as estruturas tradicionais até então vigentes. Sendo o complexo marítimo pouco expressivo na região, alguns destes povoados com cerâmicas decoradas, nomeadamente os que apresentam decorações "penteadas", podem ter subsistido durante a fase correspondente, sem que tenham necessariamente integrado nenhum dos elementos individualizadores de tal complexo.

— Finalmente, parece-nos útil fazer menção de alguns materiais, que ocorrem em monumentos megalíticos da Beira Alta, os quais pertencem ao mesmo *sistema de objectos* que fazem parte dos contextos habitacionais que estamos a tratar. Convém, no entanto, lembrar que esperamos para breve a publicação dum volume póstumo sobre os monumentos megalíticos das Beiras, de autoria de Vera Leisner (53), o qual certamente virá enriquecer os dados que possuímos sobre esta região. Na verdade, vemo-nos presentemente confinado a um estudo já antigo de Irisalva Moita (54), que, embora integrando alguns elementos inéditos e revendo outros cuja publicação remonta a Leite de Vasconcelos, revela-se hoje manifestamente insuficiente para a compreensão deste fenómeno na região. Também um recente trabalho sobre a tipologia de recipientes cerâmicos provenientes de monumentos megalíticos das Beiras, da autoria de J. Senna Martínez, M. F. da Silva Garcia e M. J. de Oliveira Rosa (55), nos fornece alguns dados que podemos reavaliar à luz dos nossos conhecimentos sobre a estilística e a cronologia de vasos similares do Norte de Portugal.

Com efeito, alguns monumentos megalíticos desta área apresentam artefactos aparentados com os dos contextos habitacionais do Norte de Portugal. Assim, a *Orca de Forles* (concelho de Sátão) (56), monumento com câmara poligonal e corredor curto, revelou entre o espólio cerâmico, além de vasos tronco-cónicos com ou sem mamilos, três vasos esféricos decorados, dois com fiadas de linhas puncionadas, paralelas ao bordo, que lembram a organização decorativa IIIa e outro com três fiadas de "grinaldas" em puncionamento arrastado (organização VIa) (57).

Entre os restantes materiais, saliente-se uma ponta de seta de quartzo de base côncava, uma lâmina de sílex (retocada bilateralmente), terminando em ponta, três contas discoidais em xisto e um machado polido (58). Vera Leisner (59) integra estes materiais na fase IIIb da sua evolução cultural, ocupando aquela a 2ª metade do IIIº milénio a.C..

Numa anta muito arruinada da freguesia de Senhorim, Nelas - a *Orca da Carvalhinha* - I. Moita refere a existência dum "vaso de formato talvez bicónico, com ornamentação constituída por incisões zigue-zagueadas..." (60).

Da *Anta dos Braçais* (ou Orca do Outº de Espinho, Mangualde) (61), anta muito arruinada, de que só resta a mamoa, é de salientar um fragmento de um vaso cerâmico, esférico, decorado com uma interessante decoração impressa arrastada, intermitente, e um mamilo, sob o bordo. Embora o carácter intermitente da sequência seja específico deste exemplar, podemos globalmente compará-la à organização V_3-g (62). Ainda deste monumen-

to sepulcral provêm um punhal triangular em sílex, com dois entalhes laterais na extremidade de encabamento (63).

Da *Orca dos Padrões* (freg. Cunha-Baixa, Mangualde) (64), dólmen com corredor (não diferenciado para L. Vasconcelos e bem distinto por I. Moita), mas muito arruinado, conhecemos um fragmento dum vaso tronco-cónico decorado com linhas incisas quebradas verticais, que se aproxima da organização I_4-a, além de outros fragmentos cerâmicos, como o dum fundo plano e um semi-esférico liso. Neste monumento são ainda de realçar duas lâminas retocadas de sílex, respectivamente de secção trapezoidal e triangular, uma delas terminando em ponta (65).

A *Orca do Tanque* (freg. do Carvalhal, Vila Nova de Paiva) (66) é um monumento de grandes dimensões, constituído por uma grande câmara poligonal e um longo corredor de 7,5 m, envolvido por uma mamoa de grandes proporções.

O material proveniente deste sepulcro é rico e diversificado: fragmentos de alabardas em sílex, lâminas de sílex ligeiramente encurvadas, micrólitos trapezoidais em sílex, machados polidos de secção sub-rectangular, grande número de pontas de seta e variados tipos de recipientes cerâmicos, são alguns dos principais artefactos (67).

Cabe mencionar com mais pormenor as pontas de seta e alguns dos vasos cerâmicos. Entre as primeiras, fabricadas predominantemente em sílex, quartzo e xisto, registam-se praticamente todos os tipos clássicos encontrados em contextos calcolíticos do Sul da Península, alguns dos quais também existentes no Noroeste peninsular e SO da Meseta Norte: pontas de base côncava ou bicôncava de lados convexos, de base côncava ou recta de lados côncavos ou rectos, de base côncava e silhueta "mitriforme", de base convexa com pequenas aletas, de base pedunculada ou triangular, etc..

Quantos aos vasos cerâmicos, existem calotes de esfera, tronco-cónicos, cilíndricos ou sub-cilíndricos, esféricos e semi-esféricos, sendo apenas alguns decorados. Entre estes devemos eleger dois esféricos, um com duas fiadas de linhas puncionadas sob o bordo, cuja temática se aproxima claramente da organização IIIa, outro com uma sequência horizontal sob o bordo de linhas curvilíneas, cuja decoração também pode ser assimilada à organização III.

Na *Orca dos Juncais* (freg. da Queiriga, Vila Nova de Paiva) (68) convém salientar a presença duma forma tronco-cónica de base convexa - bastante semelhante à forma "copo" do Calcolítico da Estremadura portuguesa - decorada segundo uma sequência aditiva constituída por bandas de linhas incisas quebradas verticais, alternadas com outras sem decoração. Na parte inferior do vaso surgem faixas verticais de linhas "penteadas".

Que informação nos pode dar a inumeração dos raros materiais referidos nestes monumentos megalíticos da Beira Alta? Certamente não possuímos elementos que estabeleçam a associação sepulcral de todos os artefactos existentes em cada túmulo. Por exemplo, não sabemos se os vasos decorados da Orca do Tanque são contemporâneos das pontas de seta mitriformes do mesmo sepulcro. E mesmo que futuramente venhamos a demonstrar essa contemporaneidade e a correspondência das respectivas tumulações com uma fase calcolítica de utilização do monumento, não sabemos qual o contexto cultural total que deu ori-

gem à deposição nestes sepulcros de artefactos que são tipologicamente relacionáveis com os dos povoados do Norte de Portugal. A existência deste tipo de objectos em monumentos megalíticos corresponde à sua normal utilização por populações com uma cultura material afim da dos contextos habitacionais do Norte de Portugal, ou estamos perante uma situação de excepção?

Face a todas estas interrogações, cabe-nos esperar que nesta região, mais do que em qualquer outra de Portugal, se desenvolva, a curto prazo, um plano concertado de investigação que faça luz sobre o enorme vazio de informação pré-histórica que abrange o interior do Centro de Portugal.

— Chegados a este ponto, cabe fazer uma síntese sobre a problemática que envolve o contexto de cerâmicas decoradas (não campaniformes) do Norte de Portugal e regiões contíguas. Na verdade, o fenómeno não surge aqui isolado, ele apresenta óbvias ramificações por toda uma ampla área, geograficamente heterogénea, que recobre o SO da bacia do Douro, parte da fachada atlântica do Noroeste peninsular e alguns pontos isolados do Centro de Portugal (Beira Alta). Quando dizemos que ele se expande numa vasta área, queremos, no entanto, afirmar que uma parte significativa da cultura material que identificámos em povoados do Norte de Portugal se encontra disseminada pelas regiões mencionadas. Mas não podemos inferir desta constatação que as áreas agrupadas por semelhanças de ordem puramente estilística se possam unir em termos da sua produção cultural total. Ou seja, a semelhança da cultura material observada não é, por si só, um sintoma de afinidade cultural ou de interacção social, como aliás, já o afirmámos a propósito da variabilidade estilística na área Telões-Chaves.

Apesar de acautelados com esta precaução de fundo, cabe-nos realçar algumas linhas de força:

- considerando as diferentes regiões, as cerâmicas decoradas ocorrem em contextos predominantemente domésticos; são conhecidos alguns materiais cerâmicos decorados com temáticas relativamente simples em monumentos com "tumulus" (ou prováveis grutas sepulcrais), e apenas um caso (na Galiza), um sepulcro com mamoa revelou cerâmicas incisas metopadas, segundo um estilo profuso que é próprio da organização I. Todas as outras estações conhecidas são povoados, normalmente de altura, na proximidade de vales férteis ou do litoral;

- em termos de estilística cerâmica (e apesar da grande uniformidade morfológica observada em qualquer das regiões) podemos distinguir, "grosso modo", o grupo das estações da "fachada atlântica" e Alto Tâmega (onde impera a decoração incisa metopada e outras afins), do grupo das estações das restantes áreas. É claro que ainda poderíamos sub-dividir este último grupo em "territórios" de semelhança decorativa, embora a principal diferença se estabeleça entre os dois grupos referidos. Ou seja, entre as estações cuja cerâmica revela uma filiação decorativa neolítica de grande enraizamento, que não parece sofrer importantes transformações no tempo e no es-

paço e se exprime com uma temática simples, pouco variada, e as estações com cerâmica exuberantemente decorada, com sequências contrastantes e invasoras, que se restringem ao Norte de Portugal e ao Sul da Galiza, podendo ter tido aqui um desenvolvimento mais curto no tempo.

2. O IIIº E OS INÍCIOS DO IIº MILÉNIO a.C.: INTERSECÇÃO DE DIVERSAS "ENTIDADES" ARQUEOLÓGICAS

O período de tempo ao longo do qual se desenvolvem comunidades com cerâmicas decoradas no Noroeste peninsular é muito amplo: remontando aos começos do IIIº milénio, deve atingir o primeiro quartel do IIº milénio a.C., englobando áreas culturais em diferentes estádios de evolução, provavelmente desde o que se convencionou chamar, em termos de cronologia europeia, o Neolítico Final, até ao Bronze Inicial (69). Assim, é um contexto parcialmente contemporâneo de um outro fenómeno bem importante nesta região, o fenómeno megalítico (pelo menos, nos seus momentos mais recentes) e, coexiste ou associa-se (no plano do registo arqueológico), nos finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C., ao fenómeno campaniforme. Já dentro do IIº milénio a.C. (1º quartel), em certas regiões, poderá ter sido contemporâneo dum fenómeno sepulcral que convencionou chamar o "Grupo de Montelevar" e de outras manifestações arqueológicas que caracterizam o Bronze Inicial no Noroeste peninsular.

Aliás, no próprio âmbito da área Telões-Chaves, e das quatro estações que ali tivemos oportunidade de escavar, observámos a coexistência espacial e temporal de algumas das "entidades" arqueológicas que enunciámos e, numa estação, a associação inequívoca do contexto que abordámos neste trabalho com o fenómeno campaniforme. Assim, na Pastoria, a cerâmica campaniforme aparece estratigraficamente associada a cerâmicas comuns decoradas, como também nesta estação e em Castelo de Aguiar existem indícios de que as cerâmicas comuns adoptam sequências organizativas campaniformes. Em S. Lourenço, embora não integrados num contexto arqueológico "in situ", foram descobertos objectos metálicos campaniformes. Por outro lado, existem indícios de global contemporaneidade entre, pelo menos, um sepulcro (de uma necrópole megalítica integrada na área de influência do povoado de Castelo de Aguiar) e esta estação, durante a sua ocupação, nos inícios do IIº milénio a.C. (70).

Tudo isto nos leva a rever, ainda que brevemente, a complexa realidade arqueológica que constitui a Pré-História Recente do Norte de Portugal, no sentido de sistematizar os principais fenómenos que, tendo coexistido ou tendo-se entrecruzado momentaneamente, fornecem as bases para a construção dum modelo explicativo da ocupação do espaço durante cerca de mil anos numa região.

2.1 O NORTE DE PORTUGAL

2.1.1 *O FENÓMENO MEGALÍTICO: ALGUMAS LINHAS DE FORÇA* (Fig. 2)

Nos últimos anos o fenómeno dito megalítico do Norte de Portugal (a norte do rio Douro) tem sido objecto de diversas investigações, sendo de destacar, pela variabilidade e riqueza de informações que vem fornecendo, a actividade orgânica, no âmbito dum projecto de arqueologia espacial, desenvolvida por diversos arqueólogos na *necrópole da Serra da Aboboreira* (Baião), sob direcção de V. O. Jorge.

Várias sínteses recentes (72) têm dado a conhecer os principais aspectos que caracterizam este fenómeno nesta região. Tentaremos, com base nesses estudos, extrair apenas algumas linhas de força sobre a distribuição geográfica, características arquitectónicas, tipos de materiais e possível evolução cronológica dos monumentos funerários com "tumulus".

Em primeiro lugar, estes sepulcros predominam nas províncias do Minho, Douro Litoral e na região ocidental de Trás-os-Montes, rarificando em número absoluto e em necrópoles importantes em Trás-os-Montes Oriental (73). Na região aberta à influência "atlântica", onde são mais abundantes, eles podem situar-se na planície litoral, a alguns metros acima do nível do mar, ou no alto de montanhas, como na serra do Gerês, a cerca de 1 300 m de altitude absoluta. Mas, de uma maneira geral, *as grandes concentrações situam-se acima dos 700 m de altitude absoluta, em zonas planálticas*, predominando aqui *conjuntos* constituídos por vários *núcleos* de dois a cinco túmulos. Existem, contudo, também, monumentos isolados, quer em zonas planálticas, quer ainda em zonas de vale ou na planície litoral.

Estes monumentos com "tumulus" (de terra, revestido normalmente por uma couraça pétrea) contêm no seu interior estruturas de grande *diversidade arquitectónica*, cuja interpretação deve ser auscultada não só no âmbito de uma longa evolução cronológica, como dum polimorfismo intrínseco, em cada fase, ao próprio fenómeno, só explicável no quadro das relações sociais e simbólicas que, ao longo do tempo, lhe deram origem. Assim, sob o "tumulus" ou mamoa (que também pode apresentar variações construtivas), existem dólmens simples (abertos ou fechados), dólmens de corredor (bem destacado ou indiferenciado relativamente à câmara), dólmens com vestíbulo (a entrada é marcada por lajes longas e baixas que dão acesso à câmara), cistas megalíticas (normalmente de planta rectangular), pequenas cistas, e, num caso, uma *fossa* escavada no saibro. Podem ainda ocorrer câmaras cistóides sob "cairns".

Os objectos encontrados nestes monumentos (normalmente em zonas revolvidas por antigas violações) são raros e pouco expressivos, dificultando a comparação com materiais de outras regiões peninsulares. Predominam entre os objectos líticos de pedra talhada os *micrólitos geométricos* (trapézios e segmentos de círculo) e as *pontas de seta*. Estas são predominantemente de *base triangular ou pedunculada* (com ou sem esboço de aletas), mais raramente de base recta ou, num exemplar, de forma losângica (74). Integram-se assim, na sua grande maioria, no grupo definido por G. e V. Leisner (75) e por V.

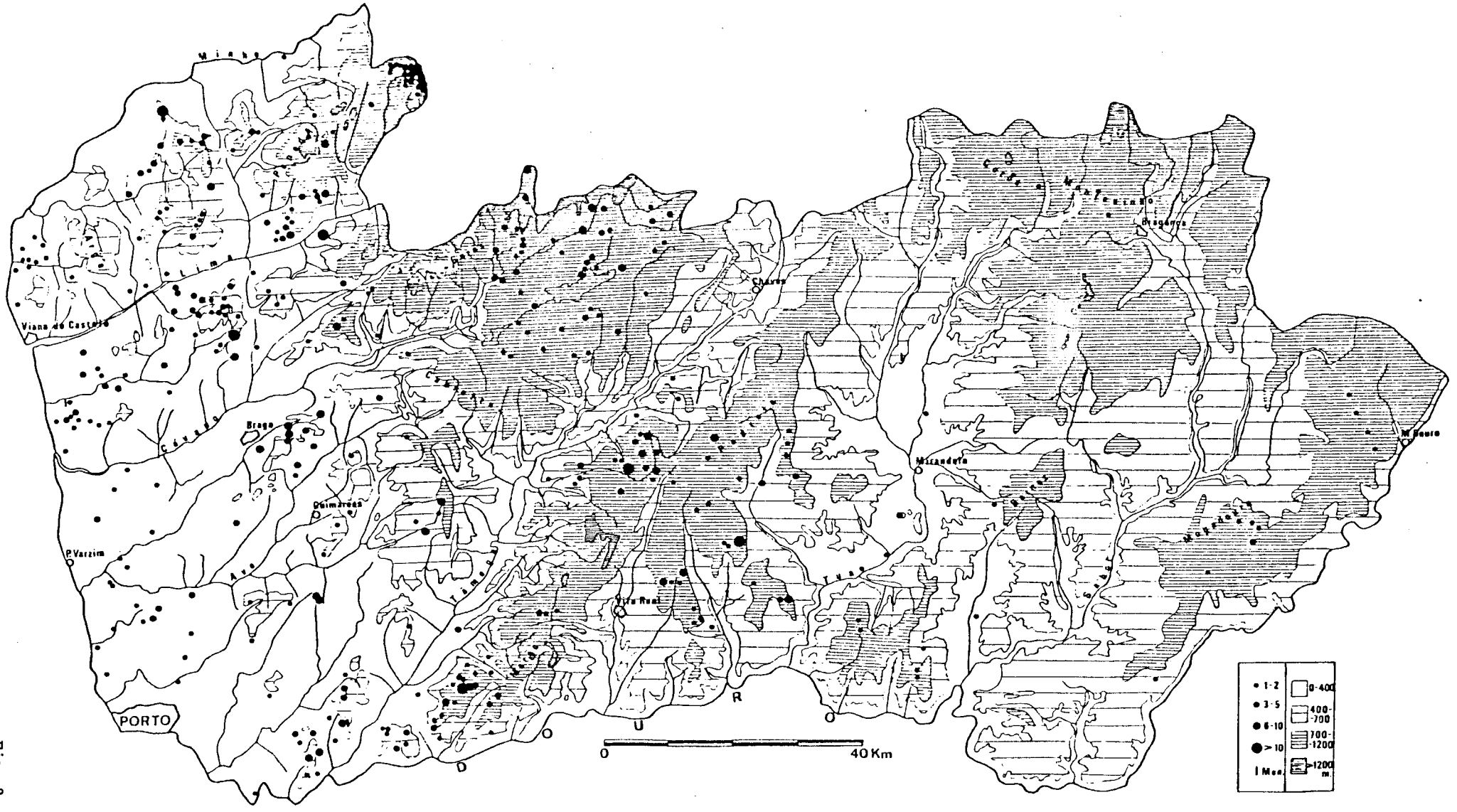

Minho
Viana do Castelo
Braga
Cávado
Ave
Douro
Tâmega
Tua
Sabor
Vila Real
Chaves
Bragança
Miranda
P.Varzim
PORTO
0
40 Km
1-2
3-5
6-10
>10
1 Mea.
0-400
400-700
700-1200
>1200 m.

Fig. 2

Leisner, Zbyszewski e V. Ferreira (76) das *pontas de seta de base triangular ou convexa*, que, ocorrendo em múltiplos contextos sepulcrais e habitacionais calcolíticos peninsulares, são mais abundantes em sepulturas megalíticas de diferentes regiões. Ocorrem ainda raspadores, raspadeiras, furadores, lâminas de secção trapezoidal e lamelas. O material lamelar e laminar é raramente retocado. De um monumento da Serra da Aboboreira, Mina do Simão (77), provém um núcleo em *obsidiana*, matéria-prima de proveniência extra-peninsular. Ocorrem ainda, entre os objectos líticos de pedra polida, *machados*, normalmente de secção sub-rectangular, *enxós* e, mais raramente, *goivas*. *Moinhos manuais* são muitas vezes encontrados nos túmulos, utilizados como material de construção. Entre os objectos de adorno contam-se *contas de colar* de forma discoidal ou cilíndrica, nomeadamente em variscite ou jadeíte. Entre os objectos cultuais, cabe destacar *braçais de arqueiro* em matéria xistenta e um *objecto em cerâmica em forma de "cogumelo"*. Os *objectos metálicos* são raros: salientemos algumas *espirais em prata e pontas de tipo Palmela*.

Quanto à *cerâmica*, ela reflecte uma certa heterogeneidade morfológica: ocorrem formas esféricas, semi-esféricas, em calote, tronco-cónicas ou sub-cilíndricas. As formas esféricas são normalmente *lisas*, embora existam também algumas raras decorações, que já tivemos ocasião de mencionar anteriormente. Os vasos tronco-cónicos ou sub-cilíndricos (que também estão presentes em cistas sem "tumulus" ou numa gruta, provavelmente sepulcral) ou são lisos ou decorados com cordões ou mamilos sob o bordo, podendo ainda integrar uma asa lateral. Além destas cerâmicas mais frequentes, ainda são conhecidos recipientes decorados campaniformes, que adiante descreveremos.

Finalmente, há que referir que alguns dólmens do Norte de Portugal são gravados e/ou pintados, segundo uma temática geométrica ou esquemática bem típica do Noroeste, a qual foi sistematizada por E. Shee Twohig (78).

Recentemente (79) tivemos oportunidade de apreciar cerca de dezena e meia de datações absolutas pelo C 14 para monumentos com "tumulus" do Norte de Portugal, tendo também interpretado conjuntamente algumas datações absolutas já conhecidas para monumentos megalíticos da Beira Alta. Apesar das diversas limitações impostas pelo próprio método de datação e das assimetrias dos nossos conhecimentos sobre diversas áreas do Norte de Portugal, chegámos a conclusões que nos confirmam o que a análise dos materiais anteriormente referidos já nos sugeria: os monumentos com "tumulus" foram construídos e utilizados sistematicamente a partir da 2ª metade do IVº milénio a.C., pelo menos, até ao primeiro quartel do IIº milénio a.C., ou seja, desde o Neolítico Médio-Final até ao Bronze Inicial (80). Face aos dados disponíveis para a necrópole da serra da Aboboreira, pensamos que os mais antigos monumentos (pequenos dólmens simples) devem remontar, nesta região, a cerca de 3300/3200 a.C.. Por volta de 3000 a.C., no entanto, instala-se um apreciável polimorfismo arquitectónico que se manifesta na existência de dólmens simples de maiores dimensões, provavelmente de dólmens de corredor (81) e, num caso, de uma fossa sob "tumulus". Em qualquer destes monumentos, o espólio é, no geral, pobre: micrólitos geométricos, cerâmica lisa, alguns artefactos de pedra polida, ou contas de colar. Ainda que não tenhamos provas directas de que a necrópole tenha continuado a ser utilizada ao longo do IIIº milénio a.C., particularmente durante a sua segunda metade, já nos finais do IIIº /inícios do IIº milénio a.C., o aparecimento de cerâmica campaniforme em

monumentos megalíticos (de câmaras simples, uma poligonal, outra rectangular, do tipo "cista megalítica") nos diz que a necrópole se encontrava então funcional.

Por outro lado, durante os começos do IIº milénio a.C. (senão antes), surgem os "cairns", cuja arquitectura e espólio se filia numa tradição "atlântica" do Bronze inicial.

Assim, baseado também nestes dados, V. O. Jorge (82) lança a hipótese de uma evolução do fenómeno megalítico à escala do Norte de Portugal: tendo origem à partida, em pequenos dólmens simples, cedo poderia enveredar por um desenvolvimento polimorfo e multinear, onde se verificava a coexistência de pequenos e grandes dólmens, dólmens de corredor destacado (que podem ter evoluído para dólmens de corredor indiferenciado) e outros tipos construtivos (fossa sob "tumulus", ou "tumulus" sem estrutura megalítica). Este polimorfismo pode ter desembocado, nos finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C., na construção de monumentos com "tumulus" mais baixos, de mais pequenas dimensões, albergando pequenas cistas megalíticas.

O que será importante reter desta hipótese de esquema evolutivo é, em primeiro lugar, que o fenómeno megalítico é exclusivamente conhecido no Norte de Portugal pelos seus sepulcros. Não se conhecem os correspondentes povoados. Não sendo uma situação específica desta região, ela atinge aqui uma acuidade muito especial. Na verdade, durante o IIIº milénio a.C., portanto, durante uma fase largamente contemporânea do fenómeno megalítico, surgem povoados sedentários com cerâmicas decoradas e outros materiais domésticos, que, no conjunto, não integram (ou raramente integram) o espólio dos monumentos com "tumulus". A interpretação da disparidade tipológica existente entre materiais de povoados e sepulcros genericamente contemporâneos, terá de ser investigada futuramente como um dos objectivos prioritários a atingir, tanto mais que os povoados referidos ocupam parcialmente grandes áreas onde predominam os monumentos megalíticos. Se aceitarmos a hipótese duma dualidade cultural entre os dois fenómenos teremos de procurar encontrar os habitats "megalíticos" e os sepulcros correspondentes aos povoados com cerâmicas decoradas. Em capítulo autónomo procuraremos desenvolver esta problemática.

2.1.2 *O FENÓMENO CAMPANIFORME*

A cerâmica (Fig. 3)

. Conhecemos no Norte de Portugal dez estações que forneceram cerâmica campaniforme: oito são sepulcros (monumentos com "tumulus") e duas são povoados de ar livre.

Apenas em duas dessas dez estações a cerâmica apareceu juntamente com objectos metálicos. No povoado da Pastoria encontrava-se associada a artefactos de tipologia calcolítica num contexto doméstico. Na anta de Chafé (83) foram descobertos uma "sovela" e um pequeno rebite, provavelmente em cobre arsenical, mas não existem provas de uma total conexão sepulcral entre estes objectos e a cerâmica campaniforme. Ou seja, no Norte de Portugal, em regra, não encontramos esta cerâmica articulada, em sepulcros, com mate-

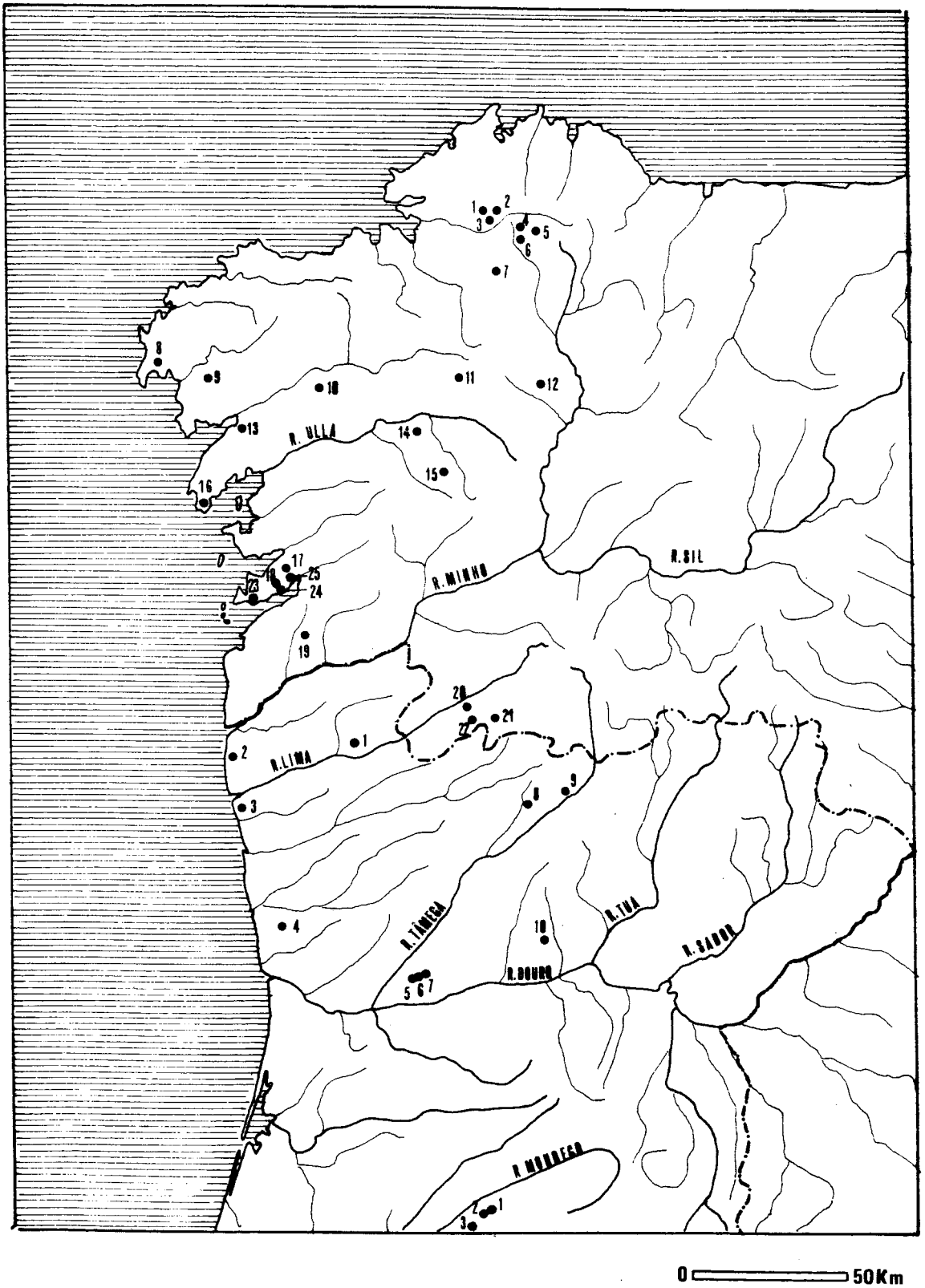

R. ULLA
R. MINHO
R. BIL
R. LIMA
R. TÂMEGA
R. TUA
R. SABOR
R. DOURO
R. MONDEGO
0
50Km

Fig. 3

terial metálico. Naturalmente, dada a escassez de dados sobre este fenómeno, será necessário esperar mais elementos decorrentes de escavações científicas para poder confirmar ou infirmar esta linha de força. Também não podemos, de momento, caracterizar os objectos que em cada monumento lhe estavam ligados, dada a inexistência de seguras associações estratigráficas.

Do litoral para o interior passemos em revista as estações conhecidas onde foi encontrada a referida cerâmica:

Do *dólmen da Barrosa* (Âncora, Caminha) (84), dólmen de corredor indiferenciado, sujeito ao longo de anos a escavações e a sucessivas violações que muito o danificaram interiormente, são hoje conhecidas três pontas de seta de base triangular, uma de base pedunculada e outra losângica, em xisto (85), duas lâminas de secção trapezoidal e sub-trapezoidal em sílex e dois machados polidos de secção rectangular. Um pequeno fragmento cerâmico campaniforme decorado segundo *o estilo marítimo - pontilhado geométrico* (86) constitui o único exemplar deste tipo detectado neste monumento.

Da *anta de Chafé* (Chafé, Viana do Castelo) (87), monumento com mediana câmara megalítica e "tumulus", são conhecidos vários fragmentos cerâmicos e artefactos líticos e metálicos que devem corresponder à utilização do monumento em diferentes fases, desde o Calcolítico ao Bronze Final. Interessa-nos agora salientar vários fragmentos cerâmicos pertencentes a vasos acampanulados e a uma taça, decorados segundo o *estilo marítimo - internacional* - e ainda um braçal de arqueiro em matéria xistenta, uma "sovela" e um rebite (em cobre arsenical?), várias lâminas de sílex e dezenas de pontas de seta, predominantemente de base triangular (em sílex, quartzo e xisto), entre os materiais mais significativos que podem globalmente corresponder a uma fase genérica de tumulações durante o Calcolítico Final/Bronze Inicial (88). Contudo, não possuímos dados que relacionem estratigraficamente a cerâmica campaniforme com os restantes materiais descritos.

A mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde) (89), grande monumento cuja estrutura interna desconhecemos, forneceu vários materiais: três micrólitos trapezoidais em sílex, onze pontas de seta (de base triangular, pedunculada ou recta) (90) em sílex, três lâminas não retocadas de sílex, um fragmento de moinho manual, um percutor de quartzo, um machado polido de secção sub-rectangular, três contas de colar (uma delas de variscite) e fragmentos correspondentes a três vasos campaniformes decorados segundo *o estilo marítimo - variante linear* (91). De assinalar que a cerâmica campaniforme foi encontrada no exterior da possível câmara megalítica, ou, pelo menos, do centro da mamoa, ou seja, no seu extremo leste.

A mamoa nº 2 de Outeiro de Ante (Ovil, Baião) (92) é um monumento constituído por câmara megalítica simples, poligonal alongada, com dois possíveis "umbrais", e um "tumulus" de terra revestido com couraça pétrea. Nas terras do "tumulus" foi encontrado um objecto de cerâmica em forma de "cogumelo", que pode ter paralelos em objectos cultuais do Calcolítico e I. do Bronze da Estremadura portuguesa e Sudoeste peninsular (93). No interior da câmara, entre outros materiais líticos integrados em sedimentos revolvidos (produto de violações) foram identificados fragmentos cerâmicos campaniformes e uma conta cilíndrica alongada com perfuração bitronco-cónica em variscite (94). Os fragmen-

tos campaniformes pertencem, pelo menos, a dois recipientes: um *vaso* acampanulado e outro recipiente de que desconhecemos a forma, ambos decorados com *pontilhado geométrico*, segundo temáticas que (apesar das técnicas de pontilhado ou puncionamento) lembram recipientes campaniformes da Meseta. Este monumento possui uma data de C 14 para uma amostra de carvão proveniente das terras do "tumulus" que deu o seguinte resultado: Gak 10937--5920 ± 130 B.P. = 3970 ± 130 a.C. (95).

A estação do *Tapado da Caldeira* (Campelo, Baião) (96) é um dos dois povoados que revelou cerâmica campaniforme no Norte de Portugal. Tendo sido parcialmente destruído pela implantação de uma necrópole do Bronze Tardio, constituída por sepulturas abertas no saibro, não foram detectados, até à data, níveis de habitação preservados que nos forneçam pistas sobre eventuais estruturas existentes no local e sua articulação com materiais domésticos. Na área que deveria ter sido ocupada pelo povoado e posteriormente revolvida pela necrópole da I. do Bronze Tardio, encontramos materiais líticos e cerâmicos que podem não só pertencer a fases correspondentes aos períodos da cerâmica campaniforme e do Bronze Tardio, como, eventualmente, a uma fase calcolítica mais antiga (97).

Esses materiais são basicamente constituídos por: micrólitos trapezoidais em sílex, fragmentos de lâminas em sílex com vestígios de utilização, lâmina encurvada de sílex retocada em uma das faces, terminando em ponta (pequeno punhal?), raspadeiras frontais curtas em quartzo, lascas retocadas lateralmente em quartzo, provável polidor em matéria xistenta, dezenas de fragmentos cerâmicos. Entre estes devemos salientar fragmentos de recipientes decorados com puncionamentos arrastados e mamilos sob o bordo, com incisões fundas ou leves caneluras verticais esgrafitadas, asas de preensão lateral, bordos com cordões lisos. As formas são diversas: esféricas, com carena baixa, ou tronco-cónicas. Ocorrem alguns fundos planos.

É neste contexto arqueológico bastante variado, tipológica e culturalmente heterogéneo, que aparece a cerâmica campaniforme. Não foram reconstituídas formas. Alguns bordos sugerem a existência de vasos acampanulados. Estão representadas diversas variantes adentro dos estilos *pontilhado geométrico* e *inciso*, sendo perceptíveis, além do complexo *Ciempozuelos*, outros *estilos regionais* onde se manifesta o gosto pela tradição do complexo marítimo - variante linear. No geral, parece-nos que estes recipientes se devem inserir numa fase tardia do desenvolvimento da cerâmica campaniforme nesta região. Embora não tenhamos elementos estratigráficos que nos indiquem associações inequívocas dos materiais, poderíamos admitir uma genérica contemporaneidade entre grande parte do material lítico (talvez à excepção dos micrólitos geométricos) e a cerâmica campaniforme. Mas são necessárias novas escavações que nos ajudem a confirmar ou infirmar esta hipótese.

A *mamoa 1 da Chã do Carvalhal* (Gove, Baião) (98) é um monumento com "tumulus" (constituído por terra e couraça pétrea) e uma câmara cistóide, de planta rectangular, rodeada por um anel lítico, de função provavelmente simbólica. Fora da posição original, numa zona do "tumulus" revolvida por violações, foram encontrados fragmentos de vasos cerâmicos lisos ou decorados segundo técnicas e estilos campaniformes. Cabe salientar uma *taça lisa de tipo Palmela* (bordo oblíquo, levemente espessado para o interior); uma *taça de tipo Palmela* (decorada também no bordo) com uma temática de lósangos e trián

gulos incisos, associados a linhas horizontais impressas (matriz denteada); um *vaso provavelmente acampanulado* com faixas reticuladas incisas, alternadas com linhas incisas horizontais (*complexo Ciempozuelos*?); fragmentos de um *vaso provavelmente acampanulado* (de coração pontilhada) segundo o estilo do *complexo marítimo - internacional*; fragmentos cerâmicos decorados segundo o estilo *pontilhado geométrico* (impressão com "roleta" e puncionamentos oblíquos formando sucessão de "folíolos").

Importa ainda destacar a presença de um tronco-cónico achatado de bordo reentrante (liso) e um fundo plano, de pasta grosseira.

O monumento nº 1 das Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa) (99), grande monumento com "tumulus" e câmara megalítica, revelou recentemente, em zonas revolvidas, vários fragmentos de vasos acampanulados (com carena muito acentuada) decorados com as técnicas de pontilhado (matriz denteada), impressão pectiniforme e incisão. De momento, parece-nos que estes vasos se devem inserir num complexo regional tardio, que articula a sequência aditiva do complexo marítimo - variante linear - com temáticas (reticulado) dos complexos Ciempozuelos/Palmela.

Como já atrás mencionámos, neste monumento também foi descoberto um fragmento de um recipiente decorado sob o bordo, com linhas horizontais realizadas segundo a técnica de puncionamento arrastado (de extremidade rectangular). Contudo, não podemos comprovar a associação estratigráfica entre os diferentes fragmentos cerâmicos.

A estação da Pastoria (Rebordelo, Chaves) é o segundo povoado deste âmbito, tendo fornecido uma enorme riqueza de dados sobre a inserção desta cerâmica num contexto doméstico calcolítico de cerâmicas decoradas da região do Alto Tâmega. Como já longamente descrevemos neste trabalho, foram observados vasos acampanulados (dois deles com carena acentuada) e uma caçoila "tipo Acebuchal". Esta última estava decorada segundo a técnica local de impressão "penteada" (organização V_1-i). Dos restantes vasos, um era liso, e os outros inseriam as técnicas de pontilhado, impressão pectiniforme, e incisão, quer adentro do *complexo marítimo - variante linear*, quer de *complexos regionais* que associam a sequência aditiva do complexo marítimo - linear - à temática de motivos geométricos - nomeadamente triangulares - comuns aos três complexos campaniformes, mas predominantes nos de Palmela/Ciempozuelos.

No nível habitacional com cerâmica campaniforme, destacamos a presença de inúmeros artefactos domésticos, como, por exemplo, um peso de tear em cerâmica de contorno sub-rectangular com duas perfurações em cada extremidade, pontas de seta em sílex, xisto e corneana de base recta, côncava, pedunculada e triangular, lâminas prismáticas retocadas lateralmente, raspadeiras carenadas frontais curtas, em quartzo , artefactos metálicos em cobre arsenical (punção, cinzel, provável faca curva, punhal triangular), etc.

Duma mamoa em *Carvalhelhos* (Beça, Boticas), cuja estrutura desconhecemos (100), temos conhecimento dum fragmento cerâmico inédito, decorado com técnica de incisão.

Finalmente, de *Chã de Arcas* (Vale, Arcos de Valdevez) (102), de uma mamoa do

local da Cumeeira, cuja estrutura interna desconhecemos, provêm dois fragmentos decorados com matriz denteada, segundo o clássico *estilo marítimo* (provavelmente variante linear).

. Podemos dividir a cerâmica campaniforme do Norte de Portugal em quatro categorias estilísticas: *a do pontilhado de bandas e a do pontilhado linear* (variantes do complexo marítimo), *a do pontilhado geométrico* (que se integra nos complexos marítimo, de Palmela e Ciempozuelos, embora predomine no de Palmela) *e a do campaniforme inciso* (que pode associar, por vezes, no mesmo exemplar cerâmico a técnica de incisão e pontilhado e que se insere nos complexos de Palmela e Ciempozuelos, predominando neste último).

Na primeira categoria, a do *pontilhado de bandas* - internacional - cabem recipientes dos monumentos sepulcrais de Chafé (Viana do Castelo), e Chã do Carvalhal (Baião), ou seja, do litoral e duma região interior, adentro do que podemos designar, "grosso modo", a "fachada atlântica". A segunda categoria, o *pontilhado linear* (derivação, segundo Harrison (103), do pontilhado de bandas) encontra-se representada em recipientes da mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde), do povoado da Pastoria (Chaves), provavelmente também do monumento de Chã de Arcas (Arcos de Valdevez) e do povoado do Tapado da Caldeira (Baião). Aqui, existe uma variabilidade decorativa mais acentuada do que na primeira categoria: enquanto em Guilhabreu e Chã de Arcas a sequência aditiva se mantém de forma muito expressiva, sendo utilizada uma matriz denteada, na Pastoria a sequência passa a ser zonal e é usada uma matriz pectiniforme. No Tapado da Caldeira, é utilizada uma matriz com "roleta". Por outro lado, em todas as formas reconstituídas destas estações, apenas conhecemos vasos acampanulados de perfil sinuoso pouco acentuado. O recipiente que revela um esboço de carena mais evidente é o da Pastoria. Importa salientar, no entanto, que esta variante do complexo marítimo está identificada já em Trás-os-Montes Ocidental, demonstrando uma penetração para o interior que, até à data, ainda não foi reconhecida no pontilhado de bandas internacional. Poderá, eventualmente, esta segunda categoria - o pontilhado linear - embora tão antigo, na origem, quanto o internacional, ter-se desenvolvido em outras regiões do interior em fase ligeiramente mais tardia do que o primeiro?

A terceira categoria - *o pontilhado geométrico* - é uma designação mais ampla e, de certo modo, mais ambígua do que as anteriores. Definida por G. Moreno (104) e adoptada por Delibes (105), ela pretende caracterizar uma vasta gama de variantes decorativas que utilizam predominantemente o pontilhado associado a motivos geométricos (triângulos, zigue-zagues, "chevrons", linhas oblíquas, etc.), normalmente em sequência zonal, embora também possa ocorrer a sequência aditiva. A sua ambiguidade provém de ela não se identificar com um só complexo decorativo (no sentido dado a esta palavra por Harrison (106)), mas poder integrar-se nos três grandes complexos conhecidos. Como um grande número de motivos e temas são comuns às cerâmicas dos três complexos, variando sobretudo a organização dos mesmos e pormenores da sua disposição na parede dos vasos, é, por vezes, muito difícil identificar, a partir de pequenos fragmentos cerâmicos, a filiação no grupo estilístico a que podem pertencer. Por outro lado, parece-nos que em áreas relativamente marginais às regiões nucleares dos complexos marítimo, Palmela e Ciempozuelos, como é

o Noroeste ou, por exemplo, a Andaluzia (107), devemos procurar caracterizar as cerâmicas campaniformes na sua especificidade, talvez não facilmente redutível aos complexos mencionados, embora influenciados por eles. Assim, por exemplo, no Noroeste, é frequente a utilização da matriz pectiniforme já referida a propósito do pontilhado linear. No Norte de Portugal, parece também existir uma forte tendência para a associação da técnica de pontilhado com a incisão ou o puncionamento, em organizações originais, que, embora afins dos complexos Palmela ou Ciempozuelos, revelam uma personalidade própria.

O pontilhado geométrico apresenta-se sob múltiplas formas nas estações onde ocorre. Estas vão desde o litoral minhoto até Trás-os-Montes: o dólmen da Barrosa (Caminha), a mamoa 2 de Outeiro de Ante (Baião), o monumento megalítico nº 1 da Chã do Carvalhal (Baião), e o monumento megalítico nº 1 de Madorras (Sabrosa), além dos povoados do Tapado da Caldeira (Baião) e Pastoria (Chaves). Por exemplo, se na Mamoa 2 de Outeiro de Ante, no monumento 1 das Madorras, ou no povoado do Tapado da Caldeira, existem fragmentos que apresentam motivos muito conhecidos do complexo de Ciempozuelos (puncionamentos desencontrados ou reticulados incisos, formando bandas horizontais), nas mesmas estações, no monumento megalítico da Chã do Carvalhal ou no povoado da Pastoria, ocorrem temas que, indiferenciadamente, são comuns aos dois principais complexos campaniformes tardios peninsulares.

Finalmente, a quarta categoria - *campaniforme inciso* (predominando a incisão, mas podendo esta estar associada, no mesmo exemplar, ao pontilhado ou ao puncionamento) ocorre de forma inequívoca no monumento 1 da Chã do Carvalhal (Baião), na mamoa de Carvalhelhos (Boticas) e no povoado do Tapado da Caldeira (Baião), ou seja, em Trás-os-Montes ou na região mais oriental e interior do Douro Litoral. O complexo de Ciempozuelos está bem representado em Chã do Carvalhal e Tapado da Caldeira e, na primeira estação, é muito expressivo o complexo de Palmela. De notar que as estações onde ocorrem temas afins do de Ciempozuelos (Carvalhelhos, Tapado da Caldeira, Carvalhal, Madorras), todas se articulam com a bacia hidrográfica do Douro.

Se atendermos às cronologias peninsulares propostas por Harrison (108), Delibes (109) ou Criado Boado/Vázquez Varela (110) para as várias manifestações com cerâmica campaniforme na Península, poderíamos sugerir, como já anteriormente referimos a propósito dos campaniformes da Pastoria, um marco em torno de 2000/1900 a.C. para a origem do desenvolvimento do *estilo marítimo* (variantes internacional e linear), ainda que os *estilos locais* com base na tradição da variante linear e no pontilhado geométrico possam ter persistido até cerca de 1800 a.C.. Os complexos de *Palmela e Ciempozuelos* podem ter penetrado nesta região, por volta de 1900 a.C. e, se seguirmos as sugestões de Delibes (111), poderão ter perdurado até cerca de 1700 a.C.. Ou seja, os campaniformes ditos "tardios" terão coexistido, no Norte de Portugal (como no Noroeste peninsular) com fenómenos sepulcrais que se devem inserir culturalmente no chamado Bronze inicial de cariz atlântico, que caracterizaremos posteriormente.

Outros artefactos campaniformes (Fig. 4)

Conhecemos dez locais no Norte de Portugal donde provêm artefactos líticos ou metálicos do âmbito campaniforme (112). Uma boa parte são achados isolados, não sendo conhecido o tipo de estação ou o contexto onde ocorreram. Os restantes provêm de *sepulturas e de um povoado* (mas, neste caso, ignoramos onde estavam originalmente integrados, dado que resultam de recolhas fortuitas de superfície).

A única estação onde foi possível constatar a ocorrência de cerâmica campaniforme (marítimo-internacional) e dum braçal de arqueiro (no mesmo monumento) foi a sepultura com "tumulus" de *Chafé* (Viana do Castelo) (113), como já referimos anteriormente. E, mesmo assim, não podemos afirmar a associação estratigráfica entre os dois elementos. Dum ponto de vista estritamente tipológico a cerâmica e o braçal de arqueiro poderiam reportar-se a cronologias ligeiramente diferentes. Na verdade, a morfologia do braçal, alongado, de lados convexos, com uma perfuração em cada extremidade e pequenas incisões nas extremidades, em matéria xistenta, aproxima-o de exemplares integrávreis no Bronze inicial do Sudoeste, no âmbito do chamado "Horizonte de Ferradeira" (114). Um exemplar extremamente semelhante (embora de menores dimensões), também decorado, provêm, por exemplo, de Ratinhos (concelho de Moura), que Schubart insere no "horizonte II de Ferradeira" (115). Todavia, não possuímos elementos para decidir sobre a coexistência ou não dos dois tipos de artefactos na anta do Chafé.

Da *mamoa de Vilar* (Vila do Conde) (116), mamoa de grandes dimensões, cuja estrutura interna desconhecemos, provêm um braçal de arqueiro em xisto, uma ponta de Palmela em cobre arsenical, seixos rolados e cristais de quartzo hialino. O braçal de arqueiro, de contorno e secção sub-rectangular, apresenta lados convexos, estreitando nas extremidades, nas quais existe uma perfuração bicónica (117). Apresenta uma forma semelhante à de Chafé, embora não seja decorado. A ponta de Palmela, em muito mau estado de conservação e fragmentada no pedúnculo, apresenta uma forma sub-losângica. Ignoramos se o pedúnculo seria grande ou pequeno. Se fosse longo seria possível incluir este objecto no grupo C, definido por Delibes (118), de cronologia tardia, já no final do fenómeno de Ciempozuelos. Pontas de tipo Palmela, losângicas, encontramos, por exemplo, no "horizonte II de Ferradeira", em Lousal (concelho de Grândola) (119), ou ainda com pedúnculo comprido, no túmulo do Monte do Outeiro (concelho de Aljustrel), inserto no "horizonte IV de Ferradeira" (120).

De duas sepulturas da necrópole de *Chã de Arefe* (concelho de Barcelos) (121) conhecemos um espólio interessante. Num conjunto de três unidades sepulcrais reconhecidas, apenas uma foi escavada com propósitos arqueológicos, outra nunca foi escavada e uma terceira sofreu escavações clandestinas, tendo, no entanto, revelado material. Trata-se, segundo os autores da escavação arqueológica, de cistas encaixadas em zonas escavadas no saibro, rodeadas por um anel pétreo constituído por rochedos naturais e outros intencionalmente ali depositados. Existem vestígios de um revestimento de pequenas pedras em toda a área sepulcral, cuja função não é suficientemente explícita: tratar-se-á duma couraça pétrea que protegeria um pequeno "tumulus" baixo, ou simplesmente de um "pavimento" horizontal? Ou seja, estamos perante um monumento funerário com "tumulus" ou de

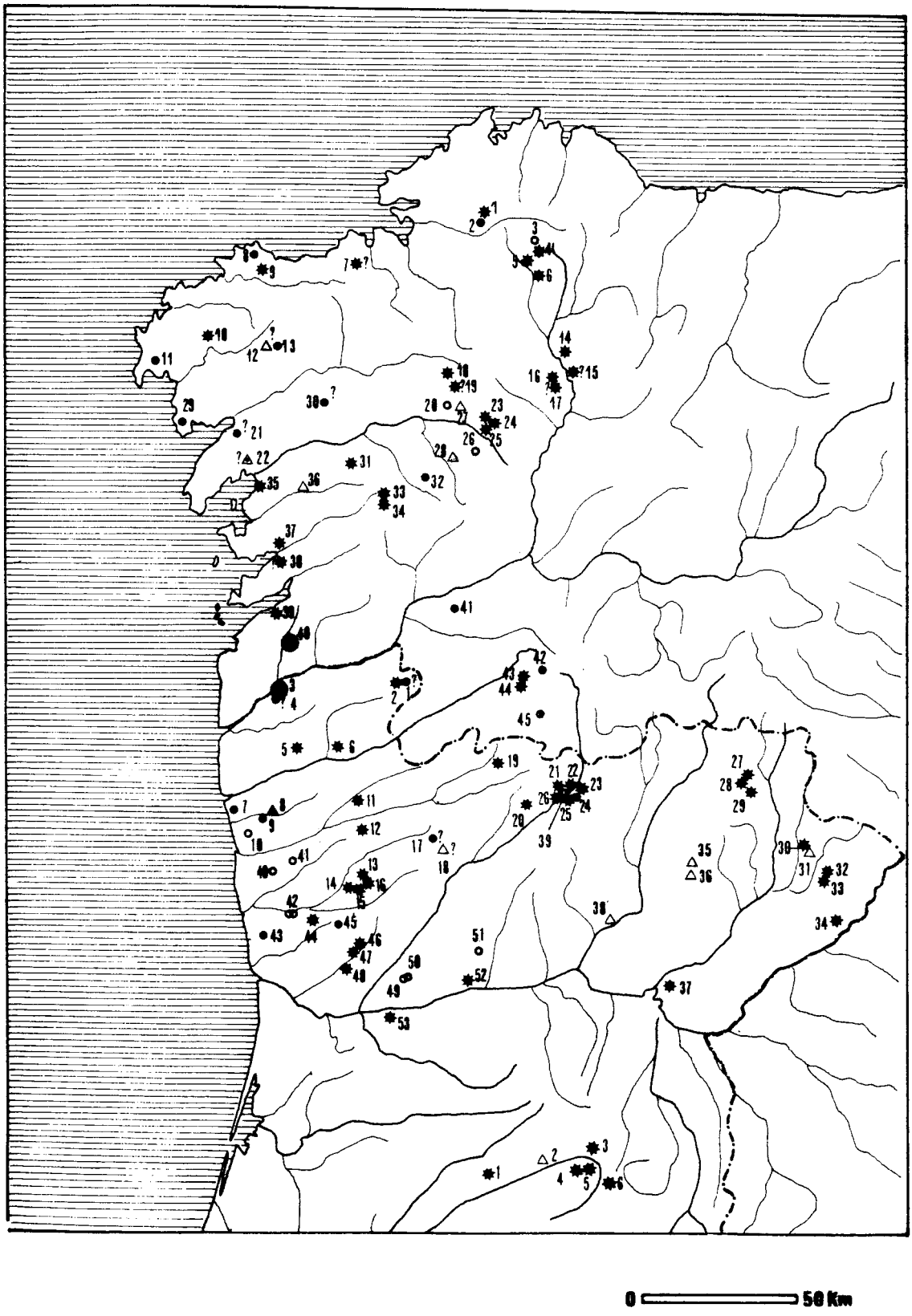


Fig. 4

uma sepultura plana em cista, ainda que na tradição megalítica?

Do interior da cista do sepulcro violado foi exumado um braçal de arqueiro em xisto, uma ponta de tipo Palmela, em cobre arsenical, e um vaso sub-cilíndrico, de contorno irregular. O braçal, de contorno rectangular, alongado, e secção trapezoidal, apresentava os lados ligeiramente côncavos e uma perfuração bitronco-cónica em cada extremidade.

Mais uma vez encontramos flagrantes paralelos no "Horizonte de Ferradeira": Ferradeira (concelho de Faro) (horizonte I) (122) e Lousal (concelho de Grândola) (horizonte II) (123). No Noroeste, aproxima-se da morfologia de um braçal da cista de Carnota (124) no âmbito do "Grupo de Montelavar" (125), mas que Priego (126) insere na "fase epicampaniforme" (1900-1800 a.C). A ponta de tipo Palmela apresentava uma forma lanceolada, com entalhes numa extremidade para o encabamento. Quer em Lousal (concelho de Grândola) (horizonte de Ferradeira II) (127), quer em Outeiro dos Bentinhos (concelho de Moura) (horizonte de Ferradeira III) (128), existem tipos morfologicamente semelhantes. Finalmente, o vaso liso de forma sub-cilíndrica ou tronco-cónica constitui um dos elementos mais frequentes de tumulações do âmbito de Ferradeira (129). Como veremos, a conjugação destes três elementos também é comum a contextos sepulcrais do Noroeste Peninsular, tomando aqui outra designação que a seu tempo comentaremos.

Do monumento escavado, cabe salientar, em primeiro lugar, a existência junto à câmara de uma laje colocada na horizontal, funcionando como pavimento do que os autores da escavação chamam "ante-câmara" da câmara funerária. Nesta laje foi encontrado, "in situ", uma braçal de arqueiro (o único objecto encontrado neste sepulcro) com a mesma tipologia do descoberto no outro monumento da mesma necrópole. Apresenta também uma forma rectangular, com uma perfuração bitronco-cónica em cada extremidade, mas os lados são ligeiramente mais côncavos. De certa forma, representa melhor a morfologia predominante dos braçais de arqueiro do Bronze inicial europeu (130), havendo paralelos na Península, tanto em Ferradeira (concelho de Faro) (horizonte de Ferradeira I) (131), como em Lousal (concelho de Grândola) (horizonte de Ferradeira III) (131), como em Pago de La Peña (Zamora) ("Ciempozuelos") (132), como em Carnota (Corunha) ("Montelevar") (133).

Antes de abordarmos a análise de duas estações que associam objectos de âmbito campaniforme a outros de âmbito atlântico, convém referir achados isolados em cobre arsenical e ouro. Da *Citânia de Sanfins* (Paços de Ferreira) (135) conhecemos uma ponta de tipo Palmela em cobre arsenical de forma oval e pedúnculo bem destacado (As - 1,4%) (136) que se integra no grupo A de Delibes (137) ou no tipo II de Blance (138). De *Bucos* (Cabeceiras de Basto) (139) provém outra ponta de tipo Palmela (As - 1,8%) (140) com características muito semelhantes, que Blance (141) também integra no seu grupo II. Em *S. Lourenço* (Chaves) como já tivemos ocasião de comentar ao longo deste trabalho, foram reconhecidos vários objectos em cobre arsenical (As - 2% 3) de tipologia campaniforme: uma ponta de Palmela de forma oval e pedúnculo bem destacado (tipo A de Delibes e grupo II de Blance) e três punhais de lingueta com nervura longitudinal estreita nas duas faces, que integrámos num momento tardio do fenómeno campaniforme, sincrónico dos chamados "Horizonte de Ferradeira" e "Grupo de Montelavar".

Também proveniente de *Castro Laboreiro* (142) temos conhecimento de um punhal de lingueta (As - 1,3%) (143) que Blance (144) não integra em nenhum dos tipos clássicos de punhais de lingueta seleccionados por esta autora.

De *Vila Nova de Cerveira* (145) (juntamente com um anel de ouro espiralado), provém um braçal de arqueiro também em ouro, de forma rectangular e lados côncavos com dois mamilos rodeados de pontilhado, separados por uma perfuração em cada extremidade. É integrado por A. Hermando Gonzalo (146) no chamado "Grupo de Montelavar", em torno de 1700 a.C., e por Priego (147), na sua "fase epi-campaniforme" (1900-1800 a.C.).

Duas estações sepulcrais também ofereceram objectos campaniformes, juntamente com uma rica joalharia em ouro, que importa destacar.

Na cista (sepultura de inumação individual) da *Quinta da Água Branca* (Vila Nova de Cerveira) (148), que não apresentava indícios de ter sido coberta por um "tumulus", foram descobertos um punhal comprido (ou espada curta) de lingueta, em cobre arsenical (As - 4,3%) (149), espirais simples e aros em ouro e um diadema frontal decorado perifericamente com incisões geométricas, em ouro. O punhal ou espada curta campaniforme, já com nítidas afinidades bretãs (150), é incluído por Almagro-Gorbea (151) no estádio II (1800-1700 a.C.) da evolução das espadas peninsulares, embora, pela apreciação do conjunto do material deste sepulcro, Priego (152) recue estes materiais para uma fase de transição "epi-campaniforme", entre 1900 e 1800 a.C.. Esta cronologia contunde com a proposta por Harrison (153) para o "Grupo de Montelavar" (1750-1500 a.C.), onde esta tumulação se deveria integrar.

Da sepultura de *S. Bento de Balugães* (Barcelos) (154) (sepultura escavada no solo, cuja estrutura interna ignoramos), conhecemos três pontas de tipo Palmela em cobre arsenical e uma "gargantilha" em ouro, constituída por lâmina fina, rematada em alargamentos curvos e fendida na parte média em cinco tiras.

As pontas de lança de cobre arsenical (As - 2,1% - 2,5%) (155), de forma oval e pedúnculo bem destacado integram-se no tipo II de Blance (156) e nos tipos A_3 e A_2 (?) de Delibes (157). A "gargantilha", também denotando afinidades atlânticas adentro do Bronze Inicial (158), é integrada quer por A. Hernando Gonzalo (159), quer por Priego (160) no Bronze Antigo Pleno, num âmbito cronológico entre 1800 e 1600 a.C..

Deste breve enunciado podemos extrair algumas ideias gerais:

- concentrando-se numa área sob influência atlântica, os artefactos líticos e metálicos campaniformes (não cerâmicos), penetram excepcionalmente para o interior transmontano, na estação de S. Lourenço;

- os contextos conhecidos são todos sepulcrais;

- em alguns casos os artefactos de âmbito campaniforme estão associados quer a jóias ou armas de filiação atlântica, quer a jóias muito simples, de vasta expressão peninsular, quer a um vaso cerâmico liso de forma sub-cilíndrica, que se integra numa "família" de recipientes cerâmicos específica

do Noroeste Peninsular;

- mas os objectos enunciados que acompanham os artefactos campaniformes também ocorrem isoladamente ou agrupados entre si através duma complexa combinatória que descreveremos adiante;

- segundo as cronologias propostas pelos diversos autores que abordaram a cronologia dos contextos sepulcrais e objectos campaniformes mencionados, diremos que a maioria destes se inclui num período entre 1900-1700 a.C.. Apenas a sepultura de S. Bento de Balugães e respectivos materiais poderão integrar-se numa fase relativamente mais tardia, entre 1800-1600 a.C..

2.1.3 *ARTEFACTOS DE FILIAÇÃO ATLÂNTICA* (Fig. 4) (160)

Conhecemos cinco locais no Norte de Portugal onde foram identificados artefactos (armas ou jóias) de filiação atlântica: duas sepulturas em cista de inumação individual e três depósitos (sem contexto estratigráfico preciso). As duas sepulturas já foram referidas - *Quinta da Água Branca* (Vila Nova de Cerveira) e *S. Bento de Balugães* (Barcelos). Ambas têm em comum associar elementos campaniformes a elementos de inspiração atlântica, numa combinatória que se insere num âmbito também inequivocamente atlântico. Não voltaremos a abordar os materiais destas sepulturas, mas será bom recordar que espadas curtas, de lingueta, marcadas lateralmente por ranhuras longitudinais, como a da Quinta da Água Branca, são típicas do Bronze Antigo da Bretanha, como acontece, por exemplo, no túmulo de Carnoët em Quimperlé (Finisterra) (162). Por sua vez, o diadema frontal decorado, da mesma cista, insere-se numa categoria de diademas do Calcolítico campaniforme/Bronze inicial que, podendo inserir-se em contextos com cerâmica campaniforme tardia, na Península, ocorre também na Bretanha, por exemplo, no dólmen de Kerouaren en Plouhinec (Morbihan) (162).

Quanto à "gargantilha", cuja lâmina é fendida na parte central em cinco tiras, ela encontra fáceis paralelos em toda a fachada atlântica, desde a Galiza à Bretanha. Aqui, convém lembrar o depósito de Saint-Père-en-Retz (Loire-Atlantique) (164), pela sua associação a um torques de paletas, que Taylor (165) relaciona cronológica e culturalmente com as lúnulas desta fase.

Ora, precisamente o tesouro de *Cabeceiras de Basto* (165), é constituído por uma lúnula e dois discos perfurados em ouro. Estes últimos cabem no tipo II de Case (166) e a lúnula, pela morfologia e decoração (caneluras e pontilhado) aproxima-se das irlandesas, ainda que deva ser considerada uma produção local, com paralelos decorativos nos discos de Oviedo ou no pendente da Ermegeira.

Pelas razões sugeridas, o tesouro de Cabeceiras de Basto e a sepultura de S. Bento de Balugães poderiam, segundo Priego (168) pertencer à mesma fase do Bronze Antigo (1800-1600 a.C.).

Desta fase importa referir a existência de duas peças em ouro provenientes

de *Bougado* (Santo Tirso) (169), constituídas por duas "argolas" de bordos revirados para fora, decorados com a técnica de martelagem, através de linhas paralelas e punctionamentos. Embora não saibamos qual a função destes objectos - provavelmente de adorno - a sua técnica e estilística decorativa encontra semelhança na das lúnulas de Cabeceiras de Basto e Kerivoa, em Bourbriac (170) ou ainda no diadema da Quinta da Água Branca ou no pendente de Ermegeira. Trata-se de objectos fabricados em ouro nativo, com alta percentagem de prata e algum cobre (171).

Os depósitos de alabardas de "tipo Carrapatas" (172) *Vale Benfeito, Carrapatas* (Macedo de Cavaleiros), *Abreiro* (Mirandela) e *Alto de Pereiras* (Vimioso), revelaram artefactos em cobre arsenical (com elevada percentagem de arsénio - entre 5 e 9% (173)) que têm claros paralelos na fachada atlântica, particularmente na Irlanda, embora sejam consideradas produções locais (174). Por outro lado, as alabardas de tipo "Carrapatas", também associadas em outros locais da Península (Finca de La Paloma, Toledo (175) e Leiro, Corunha, (176)) a punhais ou espadas curtas campaniformes, são integradas por Priego (177) na "fase epi-campaniforme" (1900-1800 a.C.). Intercruzam-se, assim, com o fenómeno campaniforme em determinadas estações durante o Bronze inicial, revelando, tal como em Quinta da Água Branca e S. Bento de Balugães, que *em certos contextos dos inícios do IIº milénio a.C., os objectos de prestígio estão indissociados dum movimento cultural atlântico que, sendo de raiz campaniforme, o excede e amplia nas suas fronteiras materiais, geográficas e culturais.*

Será interessante salientar que esse "movimento atlântico", apesar de estar quantitativamente pouco representado no Norte de Portugal, ocorre desde o litoral até ao leste transmontano, sugerindo uma rápida difusão de artefactos num amplo espaço, geográfica e culturalmente diversificado. Na verdade, a presença de alabardas "tipo Carrapatas" em diversos locais do interior transmontano, numa fase globalmente contemporânea do nível datado dos inícios do IIº milénio a.C. de Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) e, provavelmente, de uma das possíveis utilizações da Lorca de Dine (Vinhais) e da gruta de Ferreiros (Miranda do Douro) (âmbito cultural de tradição calcolítica), adverte-nos, pelo menos, para a possível coexistência, na mesma área interior de elementos materiais oriundos de diferentes tradições culturais. Será oportuno investigar futuramente o significado social de tal coexistência e as repercussões que o "movimento atlântico" poderá ter eventualmente exercido nos contextos culturais de tradição calcolítica.

2.1.4 *ADORNOS DE AMPLA EXPANSÃO PENINSULAR - ANÉIS E ESPIRAIS EM PRATA, OURO OU COBRE* (Fig. 4) (178)

Sem pretendermos a exaustividade de referências, podemos dividir estes achados segundo um critério morfológico (179): anéis simples (de uma volta), espirais simples (de duas ou mais voltas), por um lado, e encadeamento de espirais, formando jóias ou objectos mais complexos, por outro.

O primeiro grupo ocorre predominantemente em monumentos sepulcrais com "tumulus", embora haja excepções (uma cista sem "tumulus", além de achados isolados). Duas

espirais, de duas e três voltas, em prata, de pontas aguçadas e secção sub-circular, ocorrem em "cairns" da necrópole megalítica da Serra da Aboboreira: *Mamoa 1 de Outeiro de Gregos* (Ovil, Baião) (180) e *Mamoa 4 de Meninas do Crasto* (Ovil, Baião) (181). No primeiro monumento, a espiral de prata foi encontrada no fundo revolvido de uma câmara cistóide, rodeada por um "cairn", por sua vez delimitado por um anel lítico de contenção, ao qual se adossava um lajeado pétreo e uma estrutura periférica. Sob esta encontrou-se um vaso tronco-cónico com asa, decorado com uma fiada de mamilos sob o bordo, que talvez esteja em conexão com esta estrutura (182). No segundo monumento, muito afectado por violações, uma espiral de prata foi descoberta em área revolvida. Da provável câmara funerária existente no centro do "cairn", apenas se detectaram vestígios, no granito alterado da base, dos negativos dos esteios. Deste monumento possuímos duas datações do topo do "paleossolo" selado, que nos fornece um "terminus post quem", para a construção do "tumulus", em torno de 1850 a.C. (183).

Da *mamoinha do Monte da Cerca* (Vila Chã, Esposende) (184), a qual possuía câmara megalítica rectangular e pequeno corredor, provém, de local incerto, uma espiral de prata com duas voltas. Da *Antela da Bouça dos Corgos* (Bougado, Stº Tirso) (185), monumento cuja estrutura interior se ignora, temos conhecimento indirecto de um pequeno anel de cobre associado a quatro machados de pedra polida e a cinco pontas de seta de base triangular.

Da cista sem "tumulus" da *Quinta da Água Branca* (Santa Maria de Lobelhe, Vila Nova de Cerveira) (186), acampanhando um espólio de âmbito campaniforme/atlântico, que já comentámos, conhecemos dois aros simples e duas espirais de três voltas de secção sub-rectangular e pontas aguçadas, em ouro.

De *Vila Nova de Cerveira* (187), de contexto desconhecido, provém, como também já mencionámos, além de um braçal de arqueiro em ouro, uma espiral de três voltas com as extremidades afiadas, também de ouro (188).

Outros artefactos do âmbito deste primeiro grupo, provenientes do Norte de Portugal, estão a ser estudados, podendo eventualmente enquadrar-se também no período cronológico que estamos a tratar (189).

Passando à segunda categoria - encadeamento de espirais - iremos apenas referirmo-nos aos exemplares que são mais habitualmente insertos por diversos autores no Bronze Inicial. Apareceram, ou fora de contexto, ou em um esconderijo. Referimo-nos, em primeiro lugar, à cadeia de espirais de *Chaves* (190), cujo contexto se desconhece e é constituída por conjuntos de dois a cinco aros unidos por curtos fios, de secção rectangular (191).

A irregularidade de fios desta cadeia faz pensar que ela não tenha funcionado como objecto de adorno, mas apenas como metal entesourado.

Em segundo lugar, deveremos mencionar o interessante conjunto - provável esconderijo - de *Sequeade* (Barcelos) (192). Trata-se de um vaso de forma sub-cilíndrica com asa lateral (fragmentada) e tampa em cerâmica, o qual continha uma "meada" de fios de ou

ro, ligados entre si, de secção predominantemente circular. O conjunto foi achado isolado, enterrado no solo. A análise da meada demonstrou uma alta percentagem de ouro nativo (superior a 90%) seguida da presença da prata e de outros elementos menos significativos (193). Como já referimos em outro trabalho, esta meada lembra exemplares provenientes de esconderijos existentes em França, durante o Bronze inicial, como o "depósito" de Pontgibaud (Puy-de-Dôme) ou o de Heidolsheim (Baixo Reno) (194). No entanto, estes objectos podem ter perdurado durante o Bronze Médio.

A única cadeia de espirais que surge como uma inequívoca jóia, encontrada ainda sob a forma de utilização original, é a de *Góios* (Barcelos) (195). Contudo, a sua inclusão nesta fase não será isenta de polémica. Trata-se de uma cadeia de espirais de secção sub-rectangular, de pontas aguçadas, cuja análise (196) também demonstrou a existência de uma alta percentagem de ouro nativo (superior a 90%) e uma expressiva presença de prata. Ao contrário da jóia de Bougado, o cobre é quase inexistente, tanto em Góios como em Sequeade.

O facto da análise desta cadeia ter dado resultados praticamente idênticos aos de Sequeade, juntamente com a morfologia arcaica que revela, sugere-nos uma cronologia adentro do Bronze inicial, a exemplo do que acontece com exemplares similares da Galiza (197) ou da Bretanha (198).

Outros objectos não mencionados aqui, mas de tipologia aproximável, necessitam de um estudo exaustivo, que está fora dos nossos propósitos, para poderem ser integrados neste grupo de materiais (199).

Segundo Priego (200), os aros ou espirais simples poderão ter surgido na Península Ibérica, desde uma "fase epi-campaniforme" (1900-1800 a.C.), embora, na sua simplicidade formal, possam ter perdurado ao longo da I. do Bronze. Já quanto às cadeias de espirais, para a mesma autora elas devem ter tido a sua origem no Bronze Antigo (1800--1700 a.C.) e sobrevivido, com modificações de pormenor, até ao Bronze Final (201). Como é facilmente detectável, a correcta integração destes objectos numa época bem delimitada requer a observação duma associação estratigráfica ou dum contexto preciso, e/ou duma caracterização morfológica extremamente fina, que nos permita enveredar pelo método comparativo com alguma segurança.

Assim, se no caso dos aros e das espirais simples dos monumentos com "tumulus" e da cista da Quinta da Água Branca, o contexto arqueológico global e algumas datações absolutas, podem situar a utilização última destes objectos nos inícios do IIº milénio a.C. (1900-1800 a.C.), as cadeias de espirais, não só pela sua complexidade, mas, sobretudo, em dois casos, pela sua provável função de "entesouramento", parecem indicar que terão sido abandonadas numa fase posterior (pelo menos, já nos finais da 2ª metade do IIº milénio a.C.).

Este tipo de objectos de adorno circulam em toda a Península (e fora dela) em múltiplos contextos, predominantemente sepulcrais, do Bronze inicial, sem que estejam vinculados a uma região específica ou a um determinado grupo ou fenómeno cultural. São elementos supra-regionais (à escala da Europa Ocidental) que fazem parte do "equipamen-

to" simbólico que caracteriza o crescente poder individualizado das primeiras sociedades da I. do Bronze.

2.1.5 *MACHADOS PLANOS EM COBRE* (Fig. 4) (202)

Os machados planos em cobre, de bordo recto ou ligeiramente encurvado, foram inventariados e sistematizados em 1977 por L. Monteagudo (203). Dividiremos estes utensílios em função da cronologia proposta por este autor, em artefactos calcolíticos (IIIº milénio a.C.), artefactos que se situam numa fase intermédia entre o Calcolítico e o Bronze inicial (IIIº/inícios do IIº milénio a.C.) e os que são incluídos já em pleno Bronze inicial (1ª metade do IIº milénio a.C.).

. Machados planos do IIIº milénio a.C.

Proveniência	Tipo	Cronologia a.C.	Bibliografia
Gruta de Ferreiros (Miranda do Douro)	IA	2800 - 2200 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 23, tafel 1, 15
Terras de Bouro	IA	2800 - 2200 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977) p. 23, tafel 1, 16
Abação (Guimarães)	IA	2800 - 2200 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 23, tafel 1, 17
Bragança	IA	2800 - 2200 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 26, tafel 2, 26
Arcos de Valdevez	IA	2800 - 2200 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 26, tafel 2, 27
Bragança	IB	2500 - 2000 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 31, tafel 3, 65A
Monte Córdova (Sto Tirso)	IB	2500 - 2000 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 31, tafel 3, 66
Ronfe (Lousada)	IB_2	2500 - 2000 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 33, tafel 4, 91
Vilar do Monte (Ponte de Lima)	3B	2700 - 2000 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 52
Alijó (Boticas)	4A	3000 - 2000 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 55, tafel 15, 287

Castro de S. João do Rei (Póvoa do Lanhoso)	4C	2400 - 2000 a.C.	MONTEAGUDO, L. (1977), p. 59, tafel 17, 321

. Machados planos do IIIº/inícios do IIº milénio a.C.

Proveniência	Tipo	Cronologia a.C.	Bibliografia
Ervilhas (Sinfães)	$2A_1$	2600 - 1700 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 40
Chaves	3A	2400 - 1900 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 50, tafel 13, 239
Meirreide, Urrós (Mogadouro)	3A	2400 - 1900 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 50, tafel 13, 240
Ronfe (Lousada)	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 56, tafel 16, 291
Mesão Frio	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 56, tafel 16, 292
Chaves	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 56, tafel 16, 293
Chaves	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 56, tafel 16, 294
Barroso (Montalegre)	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 56, tafel 16, 295
Guimarães	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 57, tafel 16, 299
Guimarães	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 57, tafel 16, 300
Castro Laboreiro (Melgaço)	4B	2400 - 1800 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 57, tafel 16, 301
S. Lourenço (Chaves)	5A	2500 - 1900 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 60, tafel 18, 343

. Machados planos da 1ª metade do IIº milénio a.C.

Proveniência	Tipo	Cronologia a.C.	Bibliografia
Chaves	$2A_2$	1900 - 1600 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 41, tafel 7, 143
Bragança	$2A_2$	1900 - 1600 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 41, tafel 7, 143A
Guimarães	$2B_4$	1700 - 1500 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 45, tafel 9, 179
Vimioso	$2B_4$	1700 - 1500 a.C.	Monteagudo, L. (1977), p. 45, tafel 9, 180
Penafiel	13A	1700 - 1500 a.C.	Monteagudo, L, (1977), p. 122, tafel 47, 781

Desta sucinta compilação de locais onde ocorrem machados planos de cobre arsenical é de salientar três ideias gerais: - nenhum machado foi encontrado em contexto estratigráfico; - a aceitarmos a cronologia de Monteagudo (204), estes utensílios em cobre arsenical circulam em todo o Norte de Portugal, desde os inícios do IIIº milénio a.C.; - durante o IIIº e a 1ª metade do IIº milénio a.C., os machados planos estão presentes quer no interior transmontano, quer na fachada atlântica.

2.1.6 *O GRUPO DOS VASOS TRONCO-CÓNICOS E SUB-CILÍNDRICOS* (Fig. 5) (205)

Este grupo de recipientes aparece no Norte de Portugal, Beira Alta e Galiza, em múltiplos contextos (predominantemente tumulares), oferecendo uma tipologia, apesar de tudo, variada. Embora sejam mais abundantes os tronco-cónicos e os sub-cilíndricos (com ou sem asa), decorados muitas vezes com uma fiada de mamilos sob o bordo, também ocorrem, mais raramente, vasos de perfil em S, ou semi-esféricos com asa, ou ainda recipientes carenados (com ou sem asa), que devem ser assimilados a esta grande "família" morfológica, que se distingue pelo perfil formalmente "evolucionado", presença importante de decoração plástica e asas laterais.

Não iremos fazer um estudo pormenorizado deste grupo cerâmico. Circunscrevendo-nos, de momento, ao Norte de Portugal, diremos que ele aparece quer em *sepulcros com "tumulus"*, quer em *sepulcros sem "tumulus"*, quer num *"esconderijo"*, quer numa *gruta* (sepulcral?), quer num provável *povoado* (?), quer em *locais sem contexto conhecido*.

. Entre os *sepulcros com "tumulus"*, cabe distinguir os monumentos megalíticos e as cistas (sob mamoa em terra e pedras) e os "cairns".

- *Monumentos megalíticos*

No grande dólmen das *Carvalhas Alvas* (Vila Pouca de Aguiar) (206), V. Leisner aponta a existência de um vaso de perfil em S, com colo alto, e asa lateral. Deste mesmo monumento, provêm ainda machados polidos de secção sub-rectangular ou sub-quadrangular, enxós de secção sub-elíptica, uma lâmina em xisto com bordos serrilhados e um objecto de pedra de forma atípica. Do dólmen simples (de pequenas dimensões) da *Estante* (Alijó) (207), conhecemos um vaso tronco-cónico, com asa lateral. Na chamada *Mamoinha da Serra - Vila Chã* - (Esposende) (208), pequeno dólmen em que são ainda visíveis alguns esteios, foram recolhidas treze pontas de seta em sílex e xisto, de base triangular e pedunculada com aletas (209), uma lâmina de sílex, uma provável ponta de dardo (?) e ainda um vaso tronco-cónico com asa lateral e uma fiada de protuberâncias mamilares sub-elípticas sob o bordo. Finalmente, do possível monumento megalítico da *Lapinha* (Guimarães) (210), provêm um vaso de perfil em S e fundo plano com asa lateral, que apresenta uma decoração excepcional, no conjunto dos vasos que estamos a abordar. Essa decoração é constituída por sulcos horizontais e verticais (sob o bordo e na parte média), e ainda impressões circulares.

De referir ainda a *Antela da Portelagem* (Esposende) (211) que, embora não seja mencionada como tendo sido coberta por "tumulus" apresenta, segundo M. Sarmento, uma câmara com as seguintes dimensões: 4,10 m de comprimento, 1,50 m de largura e 2 m de altura. Ora, um monumento com estas dimensões, só muito dificilmente podia ter dispensado um "tumulus". Apesar de não sabermos qual a planta da câmara, esta, mesmo sendo uma cista megalítica de grandes dimensões, deveria ter tido originalmente alguma mamoa que a protegesse, como, por exemplo, acontece no monumento 1 da Chã do Carvalhal (Baião) (212).

Deste monumento M. Sarmento extraiu três pontas de seta (uma de quartzo e duas de sílex) de base triangular e pedunculada e ainda um vaso carenado de fundo plano, com asa lateral, decorado com duas fiadas de mamilos, uma sob o bordo e outra sobre a carena.

- *Cistas sob "tumulus"*

Da cista com mamoa da *Lomba de Coimbró* (Montalegre) (213) conhecemos dois vasos tronco-cónicos com asa lateral. Também da cista com mamoa da *Portela do Gorgurão* (Boticas) (214), provêm dois vasos tronco-cónicos, um deles com asa lateral e um fragmento de um outro decorado com uma fiada de mamilos circulares sob o bordo.

Ainda adentro do grupo de cistas com "tumulus" decidimos incluir provisoriamente as cistas de *Chã de Arefe* (Barcelos) (215), que já tivemos oportunidade de comentar anteriormente. Ainda que pelo trabalho publicado sobre esta estação não seja muito explícita a existência dum verdadeiro "tumulus" (além de que as cistas se encontravam enterradas no granito alterado da base), pensamos que a existência de uma couraça pétrea

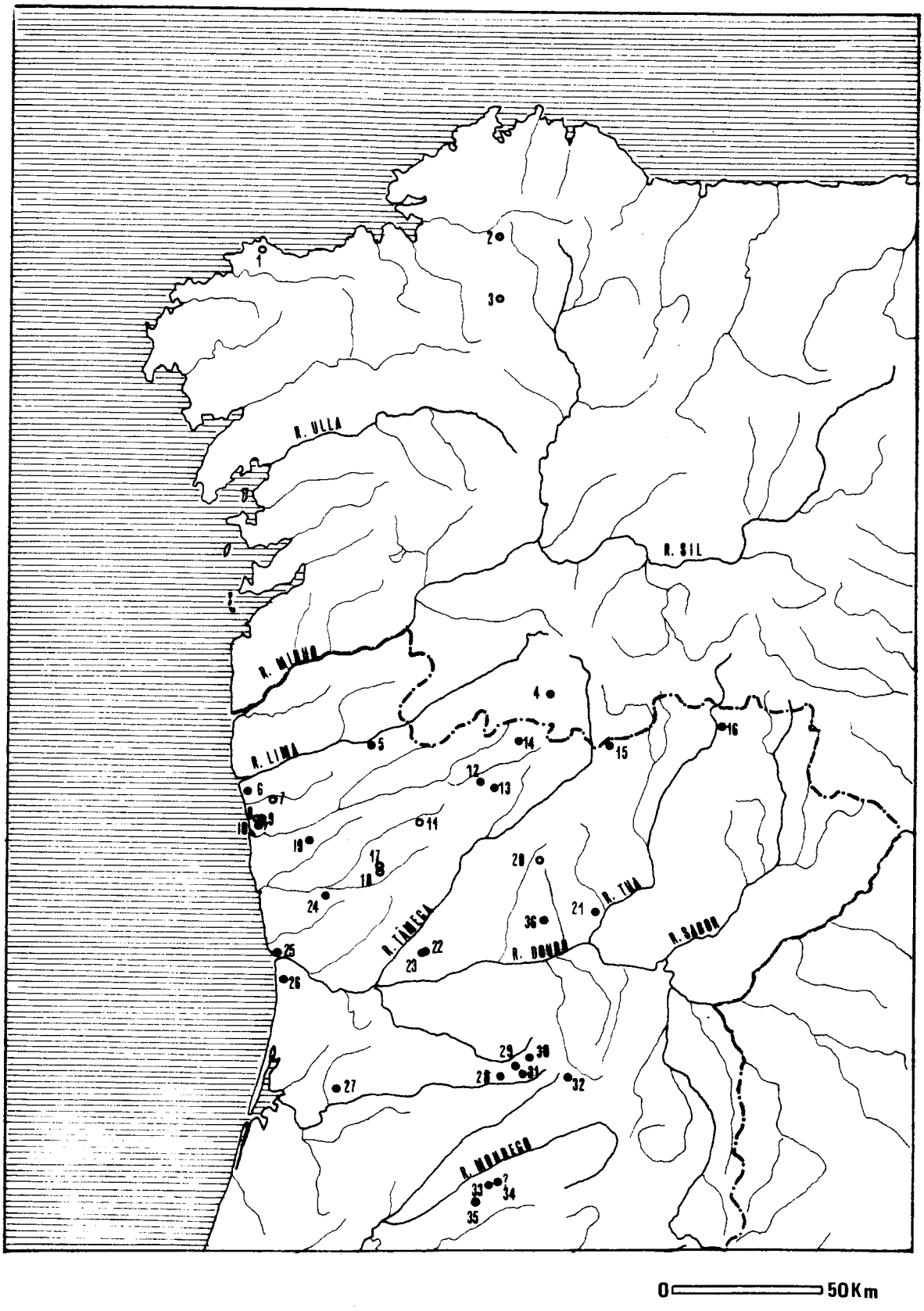

R. ULLA
R. SIL
R. MIÑO
R. LIMA
R. TÂMEGA
R. DOURO
R. TUA
R. SABOR
R. MONDEGO
0
50Km

Fig. 5

sobre o monumento envolvido por um anel lítico, aponta, pelo menos, para uma *tradição sepulcral com "tumulus"*, mesmo que este esteja muito disfarçado na paisagem, ou se encontre mesmo reduzido a uma *expressão meramente simbólica*. Como já referimos, num desses monumentos foi encontrado, além dum braçal de arqueiro em xisto e uma ponta de lança de cobre arsenical, um vaso liso de forma sub-cilíndrica, e perfil assimétrico.

- *"Cairns"*

Quanto aos *"cairns"* apenas conhecemos dois, ambos localizados na Serra da Aboboreira (Baião): *a Mamoa 1 de Outeiro de Gregos* (216) e a *Mamoa 4 de Meninas do Crasto* (217). O primeiro monumento, já anteriormente descrito, era constituído por uma câmara cistóide sob um "cairn" e rodeada por um anel lítico, ao qual se adossava um lajeado horizontal no qual se implantou uma estrutura periférica sub-rectangular. Um vaso tronco-cónico, com asa lateral e mamilos sob o bordo foi encontrado sob o lajeado desta estrutura. No fundo da câmara cistóide foi descoberta uma espiral em prata. A *mamoa 4 de Meninas do Crasto* era também um "cairn", cuja estrutura pétrea não foi encontrada intacta. Nas terras revolvidas exumou-se, além de uma espiral em prata, um vaso tronco-cónico com mamilos salientes no bordo, o que lhe confere um aspecto ondulado. Datações de C 14 estabeleceram um momento imediatamente anterior à construção do monumento em torno de 1850 a.C. (218).

. Entre os *sepulcros sem "tumulus"*, incluímos dois casos de *cistas*, as quais, pelas descrições de que dispomos, não parecem ter incluído qualquer montículo de terra e/ou pedras a cobri-las.

Em primeiro lugar, referimo-nos à *cista de Anha* (Viana do Castelo) (219), inserta numa colina natural que foi escavada para o efeito. Nela, como único espólio, foi encontrado um vaso tronco-cónico liso, com asa lateral. Em segundo lugar, devemos mencionar as *cistas de Gulpilhares* (Gaia) (220), que não devem ter tido "tumulus", tanto mais que José Fortes confundiu o seu material com o de uma necrópole romana que existiu no mesmo local. O material cerâmico pré-histórico proveniente desta estação, embora integre vasos tronco-cónicos e sub-cilíndricos, com ou sem asa, alguns com decoração mamilar do âmbito dos que estamos a abordar, revela uma certa heterogeneidade que é necessário destacar. Alguns recipientes apresentam bordo horizontal e, outros, medalhões aplicados na sua parte média, atributos que podem ser considerados tardios adentro da I. do Bronze (231).

. O conjunto de *Sequeade* (Barcelos) (232) é o único contexto conhecido deste tipo: um vaso de formato genericamente sub-cilíndrico, com asa lateral, foi achado como esconderijo de uma meada de ouro.

. O vaso tronco-cónico, com asa lateral e mamilos sob o bordo, encontrado numa gruta, provavelmente sepulcral - *Lorga de Dine* (Vinhais) (233) - embora ignoremos o seu contexto estratigráfico - pode estar eventualmente ligado ao âmbito funerário desta estação.

. Na estação de *Areias Altas* (Porto) (234), identificada por Russel Cortez como um povoado, entre indústrias líticas do tipo chamado "asturiense" e "rojões de fundição", aparecem recipientes cerâmicos de vários tipos (235), entre os quais cabe destacar tronco-cónicos com asa lateral ou com mamilos sob o bordo.

. Finalmente, citaremos vários exemplares de recipientes cerâmicos cujo contexto arqueológico desconhecemos:

— *Touvedo* (Viana do Castelo) (236) - Vaso tronco-cónico com asa lateral;

— *Monte de Guilhofrei* (Vieira do Minho) (237) - Vaso semi-esférico com asa lateral;

— *Meixedo* (Montalegre) (238) - Vaso tronco-cónico com asa lateral e mamilos sob o bordo;

— *Mairos* (Chaves) (239) - Vaso tronco-cónico com asa lateral e mamilos alongados sob o bordo;

— *Penha* (Guimarães) (240) - Quatro recipientes lisos: um sub-cilíndrico com asa lateral, dois de perfil em S com asa lateral e outro carenado. Embora estes recipientes possuam caracteres originais, sobretudo os dois primeiros apresentam, no geral, atributos que permitem incluí-los neste grande grupo de recipientes que estamos a tentar caracterizar.

— *Corvilho* (Stº Tirso) (241) - Recipientes de forma tronco-cónica, sub-cilíndrica ou de perfil em S, com ou sem asa lateral, podendo apresentar uma fiada de mamilos sob o bordo ou sobre a pança.

— *Cavaleira* (Esposende) (242) - Vaso tronco-cónico liso com asa lateral.

. Desta breve enunciação de sítios e materiais importa referir algumas linhas de força:

- em primeiro lugar, podemos sub-dividir estes vasos em três variantes: os tronco-cónicos ou sub-cilíndricos; os carenados; os de perfil em S. Destes, *só a primeira variante ocorre quer em monumentos megalíticos, quer em cistas com "tumulus", quer em cistas sem "tumulus", quer num hipotético povoado, quer numa gruta sepulcral ou servindo como esconderijo*. É, portanto, a variante predominante, de grande difusão em múltiplos contextos, desde Trás-os-Montes ao Minho e Douro Litoral;

- embora desconheçamos associações estratigráficas de materiais, podemos dizer que, salvo raras excepções (Sequeade, Chã de Arefe, Mamoa 4 de Meninas do Crasto (?), Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (?)), *estes recipientes não foram descobertos em estações que tenham fornecido artefactos metálicos*. E mesmo entre as excepções, deve relembrar-se que, na Mamoa 4 de Meninas do Crasto, todos os materiais foram encontrados em sedimentos revolvidos e na Mamoa 1 de Outeiro Gregos, o vaso cerâmico estava situado sob uma estrutura periférica, enquanto a espiral de prata foi descoberta no fundo do enchimento

da câmara cistóide. Nos outros monumentos constatamos a presença de materiais líticos: pontas de seta, lâminas, machados polidos e enxós;

- apesar dos recipientes referidos poderem ser aglutinados numa categoria tipológica, algumas variações dos seus atributos, e certos indícios indirectos relativos ao contexto em que podem ser inseridos, induzem-nos a pensar que eles correspondem a um "equipamento" cerâmico fundamentalmente tumular, que pode ter tido o seu início nos finais do IIIº milénio a.C., desenvolvendo-se ao longo da I. do Bronze.

Esta hipótese baseia-se em vários elementos de apreciação.

Na Beira Alta, onde este tipo de vasos é abundante em alguns monumentos megalíticos de corredor, existem algumas provas indirectas de que eles correspondem a tumulações posteriores aos inícios do IIIº milénio a.C.. Na verdade, em Carapito I um nível de tumulações foi datado de cerca de 2900 a.C. (243), contendo materiais semelhantes aos da tumulação mais antiga de Carapito III (micrólitos, machados polidos, cerâmica lisa ou decorada, sendo de destacar formas esféricas de fundo redondo). Sobre este nível, havia um outro constituído por vasos tronco-cónicos ou de perfil em S, com asa lateral (por vezes, com decoração mimilar). Embora este nível não tenha sido datado, dada a sua posição no túmulo, ele poderia situar-se numa fase imediatamente posterior, durante o IIIº milénio a.C.. De facto, nos outros monumentos megalíticos da Beira Alta em que este tipo de vasos ocorre, continuamos a notar que os restantes materiais - ainda que não saibamos qual a relação estratigráfica com os recipientes tronco-cónicos - podiam ser de âmbito talvez calcolítico: lâminas, pontas de seta, machados, enxós, contas de colar. A não aceitarmos que alguns destes materiais estivessem em conexão com os vasos tronco-cónicos, só poderíamos conceber ou que estes tivessem sido ali depositados isoladamente ou que o espólio que eventualmente os acompanharia tivesse totalmente desaparecido face a posteriores violações. Hipótese que, pelos motivos óbvios, nos parece altamente improvável.

No Norte de Portugal, também existem exemplos de monumentos em que foram encontrados, além dos vasos cerâmicos, materiais líticos de tipo ou, pelo menos, de tradição calcolítica: como na Mamoinha da Serra - Vila Chã (Esposende), na Antela da Portelagem (Esposende) ou na Anta das Carvalhas Alvas (Vila Pouca de Aguiar). Isto não significa, necessariamente, que nestes ou noutros monumentos os vasos tronco-cónicos sejam todos duma época "calcolítica". Até porque o seu aparecimento em monumentos megalíticos de vários tipos, particularmente em cistas sob "tumulus" ou cistas sem "tumulus", nos adverte para a possibilidade de eles se relacionarem também com *novas formas de enterramento que emergem entre os finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C., impondo-se progressivamente durante a I. do Bronze*. A conexão deste grande grupo cerâmico com a I. do Bronze inicial pode ser sugerida pelos achados dos "cairns" da serra da Aboboreira (Baião), pelo esconderijo de Sequeade (Barcelos) e, inequivocamente, pela cista de Chã de Arefe (Barcelos). Mas aqui há que reparar que, apesar de todos serem vasos de forma genericamente tronco-cónica, cada um apresenta particularidades próprias: o vaso de Chã de Arefe é dissimétrico, de lados ligeiramente convexos; o de Sequeade apresenta um leve estrangulamento próximo do bordo; o da Mamoa 4 de Meninas do Crasto possui um bordo ondulado; o da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos tem um ligeiro estrangulamento do colo e um bordo oblíquo,

levemente espessado para o interior. Quer dizer, estes vasos apresentam diversidades morfológicas, entre si e relativamente ao grupo mais clássico dos recipientes tronco-cónicos, o que deixa antever uma evolução e diversidade morfológica adentro desta grande "família" cerâmica. Por fim, os recipientes do Corvilho e de Gulpilhares, na heterogeneidade de atributos que apresentam e no aspecto tardio de alguns dos seus elementos, deixam em aberto a possibilidade de admitirmos uma sobrevivência durante a I. do Bronze de formas originalmente mais arcaicas.

2.1.7 *ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DOS INÍCIOS DO IIº MILÉNIO a.C.*

Em 1974, Harrison (244) definia um tipo de tumulações de tradição campaniforme, existente em diversas regiões da Península Ibérica - Sudeste, Meseta, Estremadura portuguesa e Noroeste - o qual designava "Grupo de Montelavar". *Este tipo de tumulações* - enterramentos individuais em cista ou fossa - *caracterizava-se pela ausência de cerâmica campaniforme, punhais curtos de lingueta ou sovelas.* Em contrapartida, apresentava em comum com os enterramentos campaniformes, *espadas curtas de lingueta, pontas de tipo Palmela e diademas em ouro.* Poderia, eventualmente, integrar *vasos lisos.* O que definia verdadeiramente este tipo de enterramento, para além da *ausência de cerâmica campaniforme e punhais curtos de lingueta, era a proporção dos elementos metálicos. No grupo de Montelavar predominavam as pontas de tipo Palmela,* ao contrário do "grupo campaniforme", onde predominavam os punhais de lingueta. Assim, num enterramento de tipo Montelavar observavam-se, pelo menos, duas pontas de tipo Palmela contra uma espada curta de lingueta.

Contudo, nem sempre era fácil encontrar esta proporção "estatística" em todos os enterramentos afins do Grupo Montelavar. Harrison, perante tal dificuldade, criou um *"Grupo Intermédio"* no qual, estando sempre ausente a cerâmica campaniforme, poderia variar a proporção entre pontas de tipo Palmela e espadas de lingueta, além de que poderiam ocorrer jóias em ouro ou prata, algumas de filiação atlântica. Neste "Grupo Intermédio", Harrison inseria as sepulturas da Quinta da Água Branca e de S. Bento de Balugães. Quanto à cronologia destes diversos enterramentos, Harrison sugeria que o "Grupo de Montelavar" pudesse ser globalmente posterior ao Campaniforme (entre 1700-1400 a.C.), estabelecendo o "Grupo Intermédio" a transição entre os dois. Contudo, também não colocava de lado a hipótese de existirem "duas séries contemporâneas" (245), sendo o "Grupo Intermédio" considerado como um grupo tumular "híbrido" que integrava, segundo associações próprias, elementos dos dois tipos de enterramentos.

Cremos que no conceito subjacente à criação do "Grupo de Montelevar" e do "Grupo Intermédio" existe a simplificação de um problema que tem a sua raiz numa das concepções possíveis de "cultura" em arqueologia. Na verdade, esta associação tumular é construída com base na presença/ausência de determinados elementos individualizadores e, sobretudo, na avaliação estatística da ocorrência de objectos considerados fundamentais para a sua definição. A questão que se deve colocar é a seguinte: essa associação estatís

tica de determinados elementos tumulares é sinónimo de uma *realidade exclusivamente arqueológica, ou pretende também identificar-se com uma realidade cultural?* Se é uma realidade, num primeiro tempo, apenas arqueológica, a qual "desponta" em diferentes regiões da Península, deveremos perguntar que sentido social e simbólico ela pode ter nesses diferentes contextos. Se é também uma realidade cultural, como aparentemente é sugerido por Harrison, cabe perguntar como se justifica o seu carácter supra-regional e disperso. Como é possível que um fenómeno tumular, tão homogéneo, possa ter uma expressão geográfica tão variada e, apesar de tudo, tão dispersa e excepcional?

Esta problemática poderia aplicar-se igualmente ao "Horizonte de Ferradeira" (246) e ao próprio "fenómeno campaniforme". Trata-se de saber explicar o que traduz, do ponto de vista social, a distribuição num determinado espaço de elementos arqueológicos semelhantes e contemporâneos.

Para além destas questões teóricas, o grupo de Montelevar apresenta outras fragilidades. Ele engloba túmulos com diversas proporções de objectos. Esse facto deve-se, não só à existência de uma *realidade multifacetada* (que se encontra, em Harrison, reduzida, por vezes, ao menor denominador comum - ausência de cerâmica campaniforme/presença de um só dos elementos metálicos do "Grupo Montelavar"), como também à natureza dos dados truncados que são valorizados (produto de tumulações violadas, cujo espólio só parcialmente é conhecido). Harrison tentou contornar a dificuldade criada por esta diversidade de enterramentos criando o seu "Grupo Intermédio". Mas a própria formulação deste conceito deixa pressupor uma vinculação cronológica e/ou cultural do "Grupo de Montelavar", não demonstrando ser mais do que uma variante de um fenómeno mais geral.

Mais recentemente, Priego (247) alargou o conceito de Montelavar, no Noroeste Peninsular, não só a enterramentos que, segundo a definição de Harrison, só poderiam integrar-se no "Grupo Intermédio" (enterramentos em cista com apenas um dos elementos metálicos do "Grupo Montelevar"), como a enterramentos que, embora não tenham cerâmica campaniforme, integram um punhal curto de lingueta, típico da Série Campaniforme (por exemplo, a cista de Tarayo - Corunha). Ou seja, um caso que não se integra em nenhum dos tipos de enterramentos definidos por Harrison. Se seguíssemos aquele raciocínio para o Norte de Portugal, a cista de Chã de Arefe (que forneceu um vaso liso, uma ponta de tipo Palmela e um braçal de arqueiro) também poderia ser incluída, pelo menos, no "Grupo Intermédio", pois, segundo o já citado menor denominador comum, não integra cerâmica campaniforme e possui um objecto metálico que é dos mais abundantes em "Montelevar".

Contudo, quanto a nós, estes conceitos ("Montelavar" e "Intermédio") são demasiadamente rígidos e gerais para caracterizar a riqueza e variedade das manifestações sepulcrais que ocorrem durante este período na Península e, em particular, no Noroeste peninsular. E diríamos que, a um outro nível de integração dos problemas, estas manifestações sepulcrais são um sub-problema de uma realidade mais ampla que é a progressiva elaboração de um *poder social individualizado* que se materializa, sobretudo, em *enterramentos individuais* (com os correspondentes *objectos sepulcrais de prestígio - armas e jóias*) e no controlo da produção e circulação de *objectos metálicos dos mais diferentes tipos e filiações estilísticas*.

Este poder social individualizado não se exprime, no entanto, arqueologicamente, nem de forma unitária nem homogénea. Integra sepulcros dos mais diversos estilos, objectos das mais diversas filiações estilísticas e culturais, que ocorrem segundo associações complexas. Constrói-se à custa de uma *evolução local* que integra influências campaniformes, atlânticas e meridionais (248).

Por exemplo, *o grupo de sepulcros associados a vasos tronco-cónicos e sub-cilíndricos* (um grupo cerâmico específico do Noroeste) é constituído, sobretudo nos casos conhecidos, por monumentos megalíticos, mas também insere cistas com ou sem mamoa ou câmaras cistóides sob "cairns". É exclusivamente nestes últimos casos que aparecem objectos metálicos: espirais de prata em dois "cairns", uma ponta de tipo Palmela numa cista enterrada (talvez coberta por uma couraça e rodeada por um anel lítico). Ou seja, estes sepulcros, provavelmente mais tardios, revelaram tumulações, quer com objectos de adorno simples de grande expansão peninsular - espirais de prata - quer com objectos campaniformes. É um bom exemplo de coexistência de diversas realidades arqueológicas, embora constituam excepção no contexto tumular dos vasos tronco-cónicos e sub-cilíndricos.

As *sepulturas da Quinta da Água Branca e S. Bento de Balugães*, como já mencionámos anteriormente, apresentam, em conjunto, a intersecção de *influências meridionais campaniformes e atlânticas*, numa mescla que é excepcional, mesmo no Noroeste.

Estes casos servem-nos para nos alertar para a complexidade da realidade social existente na 1ª metade do IIº milénio a.C. no Norte de Portugal. Emerge uma nova realidade cultural que se expressa (na continuação do fenómeno megalítico) em túmulos e também em achados isolados. Não são conhecidos os povoados correspondentes.

Embora Harrison tenha proposto uma cronologia tardia para o fenómeno de Montelevar (1700-1400 a.C.) (249), Priego inclui sepulturas insertas neste grupo (como a da Quinta da Água Branca) numa fase inicial da I. do Bronze (1900-1800 a.C.) (250). Ou seja, existem vários indícios de que diversas manifestações sepulcrais e rituais dos inícios do IIº milénio a.C., possam ser contemporâneas, pelo menos, do fenómeno campaniforme tardio - estilos cerâmicos locais e de Ciempozuelos/Palmela.

Se nos lembrarmos das datações de C 14 para o segundo nível do povoado de Castelo de Aguiar (em torno de 1800 a.C.) e de diversos elementos que nos levam a supor que muitos dos povoados com cerâmicas decoradas do Norte de Portugal possam ter subsistido até esta fase genérica, constatamos que durante o primeiro quartel do IIº milénio a.C. se desenvolveram *processos culturais de grande diversidade*, não só em termos de filiação estilística dos materiais, como, provavelmente, das estruturas económicas, sociais e simbólicas que os produziram.

2.2 GALIZA E BEIRA ALTA (Figs. 3, 4, 5) (251)

2.2.1 *GALIZA*

Na Galiza também se intersectam cronológica e espacialmente diversas realidades arqueológicas, parcial ou totalmente contemporâneas da expressa nos povoados com cerâmicas decoradas das províncias de Pontevedra e Orense.

— O chamado *fenómeno megalítico* ergue-se, tal qual no Norte de Portugal, como a feição arquitectónica tumular de fundo que preside à formulação das diferentes correntes culturais (252). Os monumentos sepulcrais com "tumulus" predominam na fachada atlântica, havendo um importante núcleo na *província de Pontevedra* (253). À excepção das altas montanhas orientais, verifica-se uma dispersão homogénea, desde o litoral até a vales interiores, e chãs planálticas. Os monumentos ocorrem quer isolados quer em conjuntos megalíticos, agrupados por sua vez em núcleos de vários monumentos, preferencialmente em *zonas planas* (baixas ou de altura).

São conhecidos diferentes tipos de sepulcros com "tumulus": câmaras megalíticas simples; câmaras megalíticas de corredor curto, normalmente pouco diferenciado em planta, embora diferenciado em alçado; mamoas sem estrutura pétrea interior; câmaras cistóides sob "tumulus". Os materiais predominantes destes sepulcros (particularmente dos dois primeiros) não são muito variados: micrólitos, pontas de seta de base triangular (simples ou com aletas), lâminas não retocadas, objectos polidos (machados, enxós, goivas, cinzéis, "maças", etc.), cerâmica predominantemente lisa (apenas em alguns sepulcros de Pontevedra e Orense ocorre cerâmica decorada), bastante incaracterística. Predominam as formas esféricas ou em calote, embora também ocorram tronco-cónicos, sub-cilíndricos ou ovóides.

A cronologia destes monumentos ainda é bastante desconhecida. Recentes datações para dois sepulcros da província de Pontevedra - As Rozas (254) e Chan de Cruz (255) - parecem indicar que, ao menos nesta região, monumentos megalíticos com prováveis câmaras simples (embora muito violadas), podem ter sido construídas, tal como na Serra da Aboboreira (Baião), por volta de 3200 a.C.. Estes monumentos continham micrólitos, pontas de seta de base triangular, machados e enxós, entre os objectos polidos e cerâmica muito friável, pouco característica. Apenas em *As Rozas* se verifica a existência também de cerâmica "penteada" e de "tipo Boquique". Se a origem destes monumentos na 2ª metade do IVº milénio a.C. (256) deve coincidir com a dos monumentos do Norte de Portugal (257), também o seu desenvolvimento ao longo do IIIº e inícios do IIº milénio a.C., segue o percurso dos túmulos congéneres a Norte do Douro. A presença de cerâmica incisa metopada numa mamoa de Lobeira (258), de cerâmica campaniforme em muitos monumentos megalíticos com corredor, ou de objectos metálicos do Bronze inicial em câmaras cistóides ou mamoas sem estrutura pétrea, prova-nos a sua global utilização e/ou construção durante cerca de 1500 anos.

Apesar de diversos autores galegos (259) insistirem numa evolução linear do fenómeno megalítico, com base em paralelos arquitectónicos e tipológicos gerais, parece

-nos que se ajustará melhor a aceitação de que um fenómeno tão complexo como este dever-se-á ter desenvolvido segundo um processo multilinear e polimorfo ainda não suficientemente comprovado. Se é possível que a câmara simples tenha evolucionado para o sepulcro de corredor, por volta de 3000 a.C. (260), estes dois tipos de monumentos podem ter coexistido até aos finais do IIIº milénio a.C., altura em que se devem ter começado também a construir câmaras cistóides sob "tumulus" ou mesmo mamoas sem estrutura pétrea. Cabe-nos aqui fazer uma curta referência ao conceito de "Horizonte de Rechaba" introduzido recentemente por Vázquez-Varela (261). Segundo este autor esse "horizonte" seria caracterizado por sepulcros com "tumulus" contendo câmaras de planta rectangular ou indiferenciada, de cronologia calcolítica (anteriores ou já sincrónicos da cerâmica campaniforme), nos quais se encontravam objectos polidos perfurados - "maças" - goivas, cinzéis e enxadas, machados, enxós, etc.. Este "horizonte", embora ancorado numa tradição local, sofreria influências de origem mediterrânica. Posteriormente, Fabregas Valcarce (262) aprofundaria esta temática, propondo uma evolução dos objectos polidos nos sepulcros megalíticos galegos: numa 1ª fase (2ª metade do IVº milénio a.C.), as câmaras simples conteriam machados e enxós, numa 2ª fase (dos inícios aos finais do IIIº milénio a.C.), em sepulcros de corredor, apareceriam enxós, machados, cinzéis, enxadas. Durante estas duas fases verificar-se-ia uma *unidade cultural megalítica* em todo o Noroeste Peninsular. Contudo, a partir dos finais do IIIº milénio a.C., com a construção de câmaras cistóides sob "tumulus" ou mamoas sem estrutura pétrea, aparecem em grande quantidade objectos polidos: as enxós e as "maças" os grandes cinzéis e as enxadas. Esta fase, a que corresponderia o "Horizonte de Rechaba", seria tributária de influências da Europa Ocidental, nomeadamente da Bretanha, e traduziria, segundo o autor, um *corte* com a homogeneidade cultural observada anteriormente entre o Norte de Portugal e a Galiza.

Se já relativamente ao "Grupo de Montelavar" mencionámos algumas apreensões quanto ao seu alcance cultural, relativamente a este "Horizonte de Rechaba" cabe-nos salientar o seguinte: - os objectos polidos aqui referidos para caracterizar este "horizonte" foram encontrados em sepulcros violados, cuja *arquitectura e espólio total se desconhece*; - não é possível, assim, estabelecer parâmetros estatísticos relativos à sua presença no interior dos sepulcros; - é temerário sugerir cronologias finas em presença apenas de arquitecturas funerárias, uma vez que é provável a coexistência de diversas construções tumulares até uma fase tardia do desenvolvimento deste fenómeno; - o conceito de "horizonte" sugere uma entidade cultural ampla e bem estruturada que não se poderá exprimir apenas através da existência de alguns sepulcros megalíticos que forneceram (fora de contexto estratigráfico) certos artefactos polidos, ainda que bem tipificados; - estaremos em presença duma associação funerária - no sentido estritamente arqueológico - mas mesmo esta associação deverá ser espacialmente comprovada através de futuras escavações que nos revelem a sistemática relação entre arquitecturas e respectivos espólios numa região bem determinada.

Não negamos a hipótese de que numa fase "calcolítica" da Pré-História galega, as tumulações de certos monumentos com "tumulus" tenham inserido grande número de objectos polidos, de filiação estilística eventualmente alógena. Mas colocar o problema nestes termos significa abrir a investigação a uma problemática rica e diversificada: quais as condições económicas e sociais que terão favorecido a inclusão ou generalização des-

te novo espólio ritual?; quais as condições sociais que poderão ter influenciado a assimilação duma influência alógena na estilística de certos artefactos?, etc.. O conceito de "horizonte", quando aplicado indiscriminadamente a hipotéticas associações arqueológicas, fecha a investigação: pode não só sugerir relações formais onde elas não existem, como escamoteia a complexidade da realidade cultural, que não é susceptível de ser apreendida pela simples análise da distribuição espacial de alguns testemunhos truncados, ainda que similares (263).

— *O fenómeno campaniforme* na Galiza também se caracteriza por uma quase total dissociação entre as estações que inserem cerâmica campaniforme e as que integram artefactos metálicos ou líticos de âmbito campaniforme. A única excepção será a do monumento de Fisterra (Corunha) (264), que teria fornecido simultaneamente cerâmica campaniforme e um punhal de lingueta, peças hoje desaparecidas.

As estações onde ocorre *cerâmica campaniforme* podem ser divididas, segundo o critério de Criado Boado/Vázquez Varela, em *povoados* e *túmulos (monumentos megalíticos, mamoas* - em que não se conhece a estrutura interna -, *cistas megalíticas sob "tumulus"* e *mamoas sem estrutura pétrea interior)* (265).

Relativamente aos *povoados*, verificamos que eles predominam no litoral: *Os Pericos, o Fixón* (266), *Fontenla, Regueiriño* (267), *Chán de Armada* (268). Existem só duas hipóteses de povoados de ar livre no interior: *Morcigueira e Lamelas* (269). À excepção de Os Pericos, que é um abrigo sob rocha, as outras estações situam-se em plataformas que dominam o litoral ou vales circundantes. No conjunto de todos estes povoados predomina *o campaniforme marítimo - variante linear* (impressão denteada ou pectiniforme). Apenas na estação de O Fixón ocorre a temática da "pseudo-excisão" que é própria do complexo de Ciempozuelos. Neste povoado a cerâmica campaniforme aparece associada a cerâmica lisa. Mas em Regueiriño e Fontenla, estações onde se realizaram recentemente escavações, verificamos que a cerâmica campaniforme se encontra associada a cerâmica decorada do âmbito da estudada neste trabalho. Aí detectámos a ocorrência das organizações XXVI e III. Em nenhum caso se verifica a associação - como na Pastoria - de cerâmica incisa metopada (organização I_1) e cerâmica campaniforme.

Os monumentos megalíticos que revelaram cerâmica campaniforme ocorrem tanto no litoral (*Parxubeira, Argalo, Chan de Arquiña*), como no interior (*Lousada, Buriz, Oirós, Maus de Salas*). Predominam os sepulcros de corredor curto "em V" (não diferenciado em planta). Também neste tipo de monumentos é mais abundante o campaniforme marítimo - variantes internacional e linear - ao lado do pontilhado geométrico. Continua a ser utilizada a impressão denteada ou pectiniforme.

Entre as mamoas cuja estrutura interna se desconhece, duas no litoral (*Santiago, Gândaras de Budiño*) e uma no interior (*Mugueimes*), convém lembrar que em Gândaras de Budiño surge uma forma acampanulada com decoração "penteada". Esta associação - forma campaniforme/decoração local - verifica-se também no povoado da Pastoria. Nas duas outras mamoas ocorre o pontilhado de bandas e o linear.

Conhece-se uma *cista megalítica sob "tumulus"* no interior - *o túmulo 245 de Pontes de Garcia Rodriguez* (campaniforme marítimo).

Também as *mamoas sem estrutura pétrea interna* ocorrem todas numa região norte interior: os *túmulos 219 e 242 de Pontes de García Rodriguez, Tecedeiras e Roupar*. Nos dois primeiros túmulos conhecemos o pontilhado marítimo de bandas; nos dois últimos, além deste estilo, aparecem os de Ciempozuelos/Palmela (pontilhado e incisão em Tecedeiras, pontilhado e puncionamento em Roupar).

De salientar que em todos estes túmulos ocorrem quase exclusivamente objectos líticos de tipologia calcolítica. Apenas foge a esta regra o já citado monumento de Fisterra e a mamoa de Roupar, onde foi encontrada também uma espiral de cobre (270).

Os dados sobre as condições de jazida de *objectos metálicos e líticos campaniformes* galegos são muito incompletos (271). Podemos afirmar com alguma certeza que alguns monumentos com "tumulus" integram objectos deste âmbito: a cista com "tumulus" de *Vilavella - Pontes de García Rodriguez* (272) inseria um punhal de lingueta, pontas de tipo Palmela em cobre arsenical e um diadema de ouro; o dólmen de *Pena Corneira* (273) integrava um punhal de lingueta e uma ponta de tipo Palmela em cobre arsenical; a mamoa de *Monte das Cabras* (274), também revelou um punhal de lingueta e pontas de tipo Palmela em cobre arsenical; a mamoa de *Boel* (275) terá contido dois punhais de lingueta em cobre arsenical. Por seu lado, quanto a cistas sem "tumulus", são conhecidas as de *Carnota* (276) (um punhal comprido de lingueta em cobre arsenical e um braçal de arqueiro em matéria xistenta), de *Santa Comba* (277) (um punhal de lingueta curta em cobre arsenical), de *Tarayo* (278) (um vaso sub-cilíndrico liso e um pequeno punhal de lingueta em cobre arsenical) e a de *Atios* (279) (dois punhais compridos de lingueta em cobre arsenical, dois cilindros de ouro e uma espiral em prata). A cista de *Gondon* (280), recentemente descoberta, forneceu um braçal de arqueiro e "uma placa de cobre com um orifício".

São ainda conhecidos dois depósitos: o de *Roufeiro* e o de *Leiro* (281). O primeiro foi encontrado no interior de um recipiente cerâmico e é constituído por machados planos, punhais de lingueta, punhais de rebites, uma alabarda e uma ponta de seta em cobre arsenical. O segundo, achado debaixo do solo, é constituído por uma alabarda com nervura axial e rebites na extremidade de encabamento, e cinco punhais de lingueta, um deles designado por Priego (282) como "punhal comprido de lingueta curta".

Finalmente, cabe referir o achado isolado da espada curta de lingueta de *Santiago* (283).

À excepção da espada de Santiago, integrável, segundo Priego (284), já em pleno Bronze inicial (1800-1700 a.C.), os outros testemunhos campaniformes poderiam inserir-se numa fase de transição "epicampaniforme", situada entre 1900-1800 a.C.. Grande número destes objectos encontram-se na província da Corunha, no Norte da Galiza, numa área que não parece ter sido atingida pelo fenómeno, existente durante o IIIº milénio a.C., de povoados com cerâmicas decoradas. Outros, como os de Atios, Monte das Cabras, Boel, ou Pena Corneira, situam-se na província de Pontevedra, podendo ter coexistido to-

tal ou parcialmente com povoados como Lavapiés, Regueiriño ou Fixón.

— *Os artefactos de filiação atlântica* ocorrem na Galiza na mamoa de *Cícere* (285), nas cistas de *Atios* ou *Carnota*, nos depósitos de *Caldas de Reys* (286), *Golada* (287) *Monte de Mouros* (288) e *Leiro* (289). Em Cícere, Caldas de Reys, Golada e Monte de Mouros sobressai como elemento comum mais individualizador, a *"gargantilha" de tiras*, de tipologia afim da de S. Bento de Balugães. Acompanham este objecto, diademas, pulseiras, torques de paletas, etc., em ouro. Em Leiro, existe uma alabarda com nervura axial, associada a punhais e espadas curtas campaniformes também existentes em Atios ou Carnota. Em algumas estações é, portanto, visível a inequívoca associação de objectos de prestígio campaniformes com outros que, podendo também ocorrer isoladamente, circulam num espaço exclusivamente atlântico.

À excepção de Atios, Carnota ou Leiro, que podem, segundo Priego, integrar-se numa "fase epi-campaniforme" (1900-1800 a.C.), as restantes estações serão mais tardias (1800-1700 a.C.) (290). Tal como no Norte de Portugal, esta circulação de objectos "atlânticos" realiza-se desde o litoral até ao interior da Galiza, mas, ao contrário dali, concentra-se na sua parte setentrional (Corunha), não coexistindo na mesma área (mesmo parcialmente) com a realidade cultural que pretendemos caracterizar - a dos povoados com cerâmicas decoradas.

— *Os adornos simples em prata, ouro e cobre* estão escassamente representados na Galiza: na cista de *Atios* já referida, numa cista em *Chedeiro* (291), na mamoa de *Roupar* (292) e num esconderijo (em caixa metálica) achado num local próximo de *Antas de Ulla* (293). Em Atios, Chedeiro e Roupar estamos perante espirais simples de prata ou de cobre ou cilindros de ouro que devem integrar-se, segundo Priego, numa "fase epi-campaniforme" (1900-1800 a.C.). O encadeamento de espirais de prata de Antas de Ulla deve ser já mais tardio (1800-1700 a.C.).

— A dispersão na Galiza dos *machados planos em cobre* (294), seguindo o mesmo critério de divisão cronológica que adoptámos para o Norte de Portugal, diz-nos que a grande maioria destes objectos circula, nesta região, durante a 2ª metade do IIIº, inícios do IIº milénio a.C.; durante esta fase, ocorrem quer no litoral, quer no interior, demonstrando uma grande mobilidade espacial. Infelizmente desconhecemos a quase totalidade dos contextos arqueológicos onde foram encontrados.

— Finalmente, o *grupo de vasos tronco-cónicos ou sub-cilíndricos* está muito mal representado na Galiza. Como estações temos uma necrópole de cistas em *Chedeiro*, Pedrosa (Orense) (295), a cista de *El Cubillón* (Lugo) (296), a cista de *Tarayo* (Corunha) (297), e o achado de *Santa Marta de Lucenza* (Orense) (298). Apenas em Chedeiro e Santa Marta de Lucenza foram descobertos vasos tronco-cónicos com mamilos e asa lateral, do género clássico que encontramos no Norte de Portugal ou na Beira Alta.

Os vasos de Tarayo e El Cubillón são genericamente sub-cilíndricos, com leve acentuação do colo. Além do mais, em Tarayo, a conexão do vaso com um punhal de lingueta adverte-nos para a possibilidade de esta variante de recipientes sub-cilíndricos

poder estar relacionada - como em Chã de Arefe - com tumulações de tradição campaniforme.

— Mais uma vez constatamos a complexidade e diversidade da realidade cultural dos finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C. Realidade que acusa em toda a Galiza um progressivo interesse em tumulações individuais acompanhadas de objectos de prestígio em metal. Mas, ao contrário do Norte de Portugal e Sul da Galiza, a parte setentrional do Noroeste (Corunha e Lugo) parece ser alheia ao movimento cultural dos povoados com cerâmicas decoradas de filiação estilística mediterrânica.

Assim, o espaço de coexistência das diferentes "entidades" arqueológicas observadas no Norte de Portugal está agora melhor delimitado em termos de Noroeste: ele circunscreve-se às províncias de Pontevedra e Orense. Digamos, a nível geral que, *se o espaço cultural expresso nos povoados de cerâmicas decoradas é um espaço que se delimita em longitude* (englobando uma parte significativa da bacia ocidental do Douro e de alguns rios que correm directamente para o Atlântico), *o espaço das tumulações individuais de tradição campaniforme ou de tradição local* (que integram elementos metálicos de prestígio, das mais variadas filiações culturais e estilísticas) *é um espaço que se expande em latitude, ao longo da fachada atlântica*. Intersecta o espaço de tradição calcolítica e poderá ter sido seu contemporâneo, durante um curto espaço de tempo. Essa *intersecção*, a verificar-se, ter-se-á dado preferencialmente no território existente entre o Douro, a Ria de Pontevedra e o Rio Minho, ocupando assim *todo o Norte de Portugal*.

2.2.2 *BEIRA ALTA*

A Beira Alta (como a própria Beira Litoral) é uma região quase ignota para a Pré-História (299). E, no entanto, pela sua posição geográfica, pelos elementos arqueológicos que já revelou, pela sua situação estratégica entre duas áreas culturais de expressão bem individualizada, poderá ter sido o palco de movimentos e fenómenos culturais que explicarão, em parte, a própria singularidade da Pré-História Recente do Norte de Portugal.

O vazio de investigação nesta área, só muito recentemente colmatado por trabalhos de índole mais sistemática (300), faz com que não possamos abordar esta região da forma, mesmo sumária, com que tentámos caracterizar os vários fenómenos da Pré-História Recente a norte do Douro.

É, sem dúvida, o *megalitismo* o fenómeno pré-histórico mais bem representado e conhecido no centro interior de Portugal. Mas tendo sido apenas pontualmente escavados alguns dos seus monumentos, e estando para ser publicado o inventário completo iniciado por V. Leisner sobre o megalitismo das Beiras, teremos de nos limitar a alguns estudos dispersos (301) ou a uma breve síntese recente (302), no sentido de seleccionar algumas linhas de força sobre esta realidade arqueológica.

. O *fenómeno megalítico* desta área abarca diversos sepulcros sob "tumulus":

- *dólmens com câmaras simples, sem corredor* (câmaras poligonais, alongadas, quadradas ou rectangulares); alguns dos monumentos com câmaras quadradas ou rectangulares poderão ser assimilados a *verdadeiras cistas megalíticas*;

- *dólmens de corredor bem diferenciado* (normalmente de câmara poligonal): existe a variante de *corredor curto* e a de *corredor longo*;

- *dólmens de corredor mais ou menos indiferenciado* (de câmara sub-trapezoidal ou poligonal).

. Como diversos autores já afirmaram é muito difícil, na fase da actual das investigações, sugerir uma cronologia segura para os dólmens da Beira Alta. Conhecemos cinco datações absolutas para três dólmens de corredor: *Orca dos Castenairos* (Vª Nª Paiva), *Carapito I* (Aguiar da Beira) e *Orca de Seixas* (Moimenta da Beira). Essas datações sugerem que os referidos dólmens foram construídos e/ou utilizados pela primeira vez, por volta de 3000 a.C., mas terão continuado a ser aproveitados ao longo, pelo menos, da 1ª metade do IIIº milénio a.C. (303).

Contudo, a exemplo do que a cronologia absoluta de algumas construções megalíticas do Norte de Portugal nos sugere (304), é provável que alguns dólmens com câmaras simples da Beira Alta possam também ser mais antigos, dos meados do IVº milénio a.C. A utilização posterior a 3000 a.C. de monumentos com "tumulus" encontra-se indirectamente comprovada pela presença em sepulcros de diversas tipologias arquitectónicas, de materiais inequivocamente calcolíticos (cerâmica e objectos líticos) (305). A presença de vasos carenados de diferentes tipologias nos dólmens de *Bobadela*, ou *Sobreda*, por exemplo, indicam-nos a provável existência de tumulações da I. do Bronze em alguns destes monumentos megalíticos (306). Durante a I. do Bronze Final existe um caso conhecido - *Fonte da Malga* (Viseu) (307) - de construção de uma cista sob "tumulus", provando a larga sobrevivência deste fenómeno na região.

. Os túmulos megalíticos da Beira Alta apresentam alguns traços de parentesco com os do N. de Portugal: presença em ambas as regiões de dólmens pintados, presença no interior dos sepulcros de vasos tronco-cónicos ou sub-cilíndricos (com ou sem asa lateral), ausência de placas de xisto gravadas de tipo alentejano ou outros objectos votivos existentes nas regiões megalíticas meridionais.

Mas, por outro lado, a dimensão de alguns dos dólmens de corredor, e a presença de alabardas e pontas de seta de base côncava (com múltiplas variantes) articula-os inegavelmente com as áreas dolménicas meridionais. V. O. Jorge chama a atenção para o facto da existência da diversidade tipológica das pontas de seta de alguns monumentos megalíticos beirões ser, "um bom indício da posição charneira que ocupam essses monumentos entre o núcleo noroestino e o alentejano" (308).

. Já havíamos anteriormente feito notar a presença de algumas cerâmicas decoradas em sepulcros de corredor da Beira Alta. Cerâmicas que apresentam técnicas e or-

ganizações decorativas simples, vinculáveis a uma das matrizes estilísticas reconhecíveis no Norte de Portugal, Galiza e SO da Meseta Norte. A presença de cerâmicas deste âmbito, em sepulcros do Norte de Portugal, não é desconhecida, embora seja rara. Também já demonstrámos que esta matriz, de provável raiz neolítica, poderá ter sobrevivido em alguns dos contextos mencionados, até, pelo menos, aos inícios do IIº milénio a.C., pelo que, isoladamente, não poderá funcionar como elemento susceptível de indicar uma cronologia relativa.

Contudo, independentemente da sua cronologia, se aceitarmos que as cerâmicas decoradas da Beira Alta poderão pertencer ao mesmo "círculo" estilístico do Norte de Portugal, caberá investigar a localização dos eventuais povoados correspondentes. Ou seja, convirá testar se a realidade arqueológica expressa nos túmulos emana do mesmo padrão social observado em outras áreas contíguas, onde os povoados permanentes são valorizados em termos da sua destacada implantação na paisagem.

Num ponto essencial, alguns túmulos da Beira Alta revelam já uma acentuada diferença quanto à realidade cultural que exprimem: a presença de pontas de seta de morfologia calcolítica evolucionada em *Orca do Tanque* (309) ou *Sobreda* (310) (pontas de seta mitriformes, por exemplo, na Orca do Tanque), de alabardas em sílex, também na *Orca do Tanque* (311), ou *Orca de Outeiro de Espinho* (312), de lâminas finamente retocadas na *Orca do Tanque* (313) ou *Orca dos Padrões* (314) não demonstra apenas estarmos em presença duma área com afinidades meridionais. Sugerem a hipótese dum outro padrão cultural, comum a contextos do Sul da Península, onde ocorrem nos túmulos materiais também identificáveis em povoados coevos, provando não só uma correspondência cronológica e cultural entre túmulos/povoados, mas uma *opção* (da parte de populações portadoras dum material doméstico rico e diversificado) *por um espaço sepulcral monumental*. Ora acontece que na Beira Alta, ao contrário do que ocorre no Sul da Península, não sabemos onde estão os povoados das populações calcolíticas que tumularam em alguns dos monumentos megalíticos. Mas a ajuizarmos pelo material que neles surge seríamos tentados a propor uma investigação que procurasse encontrar nas proximidades dos túmulos "habitats" permanentes e estruturados, como os existentes em outras áreas onde se estabelece uma relação cultural inequívoca entre este tipo de povoados, de materiais e de sepulcros.

. É possível que a obra póstuma de Vera Leisner sobre o megalitismo das Beiras venha a revelar outros monumentos que na Beira Alta tenham fornecido *cerâmica campaniforme*. Por ora, já na bacia do Mondego, conhecemos vários fragmentos de cerâmica campaniforme (pontilhado) provenientes dos dólmens de corredor da *Arcainha do Seixo*, da *Sobreda* e de *Bobadela* (Oliveira-do-Hospital) (315). Foram identificados vasos campaniformes (pontilhado de bandas na sua forma clássica ou numa variante local) em *Bobadela* e *Sobreda*, uma caçoila (pontilhado formando losangos) em *Bobadela*, e um vaso de carena média (pontilhado geométrico) no *Seixo*. Este último exemplar, pela forma, temática, organização decorativa, poderá apontar para uma cronologia tardia, adentro do fenómeno campaniforme. Desconhecemos a presença de outros objectos campaniformes na região da Beira Alta. Apenas convém referir o achado da espada curta de lingueta desenvolvida de *Pinhal dos Melos* (Fornos de Algodres) (316), inserta por Priego (317) no Bronze pleno Inicial

(1800-1700 a.C.).

. Apesar de serem desconhecidos objectos metálicos de prestígio (jóias ou armas, à excepção da de Pinhal dos Melos), foram referenciados por Monteagudo (318), diversos *machados planos de cobre* (possivelmente arsenical): da 2ª metade do IIIº milénio a.C., na *Rapa - Quinta da Boavista* (Celorico da Beira) (319) e em *Paialvo* (Mangualde) (329); dum período indeterminado entre o IIIº milénio a.C. e os inícios do IIº milénio a.C., em *Seixas* (Guarda) (321), *Rapa - Quinta da Boavista* (Celorico da Beira) (322) e *Guarda* (323).

. Finalmente há que fazer uma menção especial ao conjunto cerâmico dos *vasos tronco-cónicos ou sub-cilíndricos* (324) presente em alguns monumentos megalíticos da Beira Alta (e, num caso, da Beira Litoral). Na Beira Alta conhecemos vários monumentos que os revelaram: *Sobreda, Bobadela e Seixo da Beira* (Oliveira-do-Hospital), *Pedralta* (Viseu), *Fortes* e *Tanque* (Satão), *Orca dos Braçais* e *Orca dos Padrões* (Mangualde), *Juncais* e *Orca das Antas* (V. N. Paiva), *Casa dos Mouros* (Seia) e *Carapito III* (Aguiar da Beira) (325).

Da Beira Litoral, da mamoa da *Terranha* (Sever do Vouga), provém também um vaso tronco-cónico com asa lateral e decoração mamilar sob o bordo (326).

Se analisarmos em conjunto este grupo cerâmico, constatamos, em primeiro lugar, que ele é *morfologicamente muito diversificado*. Por exemplo, na Orca dos Juncais (327) aparecem desde tronco-cónicos e sub-cilíndricos, a vasos de perfil em S (altos ou achatados) e a recipientes com uma ligeira carena média ou baixa. Quase todos têm asa lateral e muitos são decorados com uma fiada de mamilos, sob ou sobre o bordo. Esta diversidade não é tão acentuada no Norte de Portugal. Em segundo lugar, todos ocorrem em monumentos megalíticos de corredor bem diferenciado (com corredor longo em Orca do Tanque, Orca dos Juncais ou Pedralta). Em terceiro lugar, face à estratigrafia observada em Carapito III (a tumulação com tronco-cónicos sobrepõe-se a outra com micrólitos, lâminas, machados, vasos lisos ou decorados, de forma esférica ou em calote), pode-se estabelecer indirectamente uma baliza cronológica muito geral para a sua deposição. Na verdade, a tumulação mais antiga de Carapito III insere materiais muito semelhantes aos detectados numa camada tumular situada na base da câmara de Carapito I, datada de cerca de 2900 a.C. (328). Aliás, mesmo nas camadas superiores deste sepulcro (uma delas datada de c. de 2640 a.C. (329)) não foram encontrados vasos tronco-cónicos. Ora, se tomarmos estes indícios em consideração, podemos ser levados a colocar *estes vasos de Carapito III numa fase, pelo menos, posterior à 1ª metade do IIIº milénio a.C.*. É óbvio que esta é uma constatação de significado muito limitado. Corresponderá a uma deposição ainda calcolítica ou será já posterior? Além do mais, não ressalta claro da publicação qual o material lítico associado a este grupo cerâmico. Apenas podemos afirmar que, em todos os monumentos megalíticos onde estes recipientes ocorrem, não foram encontrados objectos metálicos. Os artefactos não cerâmicos presentes são, entre os mais significativos, micrólitos, lâminas, pontas de seta, alabardas, machados polidos ou contas de colar, tudo objectos cuja cronologia limite não parece ultrapassar o Calcolítico Final. Mas, dada a raridade de informação sobre associações estratigráficas nestes sepulcros, esta constatação é, para já, in

conclusiva.

Devemos, no entanto, relembrar aqui o espólio tumular proveniente do dólmen de Bobadela (Oliveira do Hospital) na medida em que ele foi encontrado no que o seu escavador considerou ser a única camada arqueológica (não remexida) do monumento (330): dois vasos e uma caçoila campaniformes pertencentes ao complexo marítimo, acompanhavam *um vaso tronco-cónico liso*, duas taças de carena baixa e outra de carena média e ainda um vaso de bordo muito reentrante (331).

Apesar de não termos analisado directamente estes materiais supreende-nos a aparente associação tumular de recipientes campaniformes de estilo arcaico com taças carenadas cujo perfil as aproxima de exemplares do Bronze Antigo/Médio do Sudoeste (332). O vaso tronco-cónico liso poderia estar associado quer aos recipientes carenados quer aos campaniformes, mas o que nos parece um pouco remota é a possibilidade de os campaniformes marítimos perdurarem até uma fase tão adiantada da I. do Bronze. Esta reflexão só nos vem, uma vez mais, alertar para o facto de que não existem ainda nenhuns dados seguros que nos possibilitem a datação absoluta ou relativa deste grupo cerâmico no âmbito do megalitismo das Beiras. Por isso nos supreende a proposta de cronologia de Senna - Martinez, Silva Garcia e Oliveira Rosa (333), para uma parte significativa da cerâmica megalítica das Beiras, a qual os autores incluem maciçamente na I. do Bronze, entre 1500 e 800 a.C. Entre os recipientes cerâmicos atribuíveis a esta I. do Bronze, situar-se-iam vasos esféricos ou semi-esféricos, alguns decorados, que já tivemos oportunidade de comparar com exemplares similares calcolíticos do Norte de Portugal, vasos tronco-cónicos e sub-cilíndricos, vasos carenados, etc.. Sem dúvida, entre estes últimos haverá peças tardias. Também os tronco-cónicos ou sub-cilíndricos poderão incluir-se, pelo menos parcialmente, no Bronze Inicial. Mas grande parte dos materiais publicados insere-se morfologicamente numa fase muito mais antiga, aliás, mais consentânea com as tumulações primitivas desses monumentos. Por outro lado, se podemos chegar a estas hipóteses de trabalho, isso deve-se exclusivamente à comparação tipológica com artefactos de outras áreas onde já existe um enquadramento cronológico relativamente consistente. De facto, na própria região de estudo - as Beiras - não temos qualquer suporte de trabalho de campo (entenda-se, escavações em sepulcros intactos ou povoados contemporâneos) que autorize a formulação de um tal esquema cronológico.

No que os autores chamam "olaria da Idade do Bronze", existe certamente uma diversificada gama de recipientes, desde o Neolítico Final/Calcolítico, passando pelo Bronze inicial, até ao Bronze Médio/Tardio.

A heterogeneidade cronológica e cultural do material sepulcral adverte-nos para um provável fenómeno de longa e persistente utilização destes monumentos megalíticos, situação que, não sendo inédita, tem nesta região uma expressiva representação.

LEGENDAS DAS FIGURAS

C — INSERÇÃO NO CONTEXTO DO NOROESTE PENINSULAR

Fig. 1 - Mapa de distribuição de estações prē-histōricas com cerâmica decorada (incisa, puncionada ou impressa não campaniforme) na Galiza, Norte de Portugal, Beira Alta e SO da Meseta Norte: povoados com cerâmica incisa metopada (◆) e com outros tipos de decorações (●); sepulcros com cerâmica incisa metopada ▲ e com outro tipo de decorações △ .

- *Galiza*: 1 - Lavapiēs; 2 - Mesa de Montes; 4 - Fontenla; 4 - Regueiriño; 5 - - Gāndaras de Budiño; 6 - Pipileiras; 7 - Ginzo de Limia; 8 - Lobeira; 9 - Illa de Barxēs.

- *Norte de Portugal*: 1 - Vinha da Soutilha; 2 - Outeiro Seco; 3 - Circo; 4 - S. Lourenço; 5 - Nª Sª da Bandeira; 6 - Pastoria; - 7 - Crastas de Moreiras; 8 - Lorga de Dine; 9 - Picoto da Muralha; 10 - Argeriz; 11 - S. Juzenda; 12 - Stº Adrião; 13 - Penas Rōias; 14 - Cunho; 15 - Barrocal Alto; 16 - Fraga do Fojo; 17 - Lamas de Orelhão; 18 - Zedes; 19 - Tralhariz; 20 - Cachão da Rapa; 21 - Castelo de Aguiar; 22 - Fonte do Milho; 23 - Picoto; 24 - Pepim; 25 - Pedregal; 26 - S. Mamede de Recezinhos; 27 - Lordelo; 28 - Picoto de Stº Amaro; 29 - Abação; 30 - Matamā; 31 - Penha; 32 - Rendufe; 33 - Gominhães; 34 - Monte da Ínsua; 35 - Souto; 36 - Sabroso; 37 - Briteiros; 38 - Lanhoso; 39 - Falperra; 40 - Vermoim; 41 - Faria; 42 - Gāndara; 43 - Vila Chā; 44 - Joubreia; 45 - S. Julião; 46 - Alto de Penacova; 47 - Ermelo; 48 - Chā de Arcas; 49 - Quinta da Seara; 50 - Alvarelhos; 51 - Gateira.

- *Beira Alta*: 1 - Forles; 2 - Juncais; 3 - Tanque; 4 - Padrões; 5 - Braçais; 6 - - Carvalhinha.

- *SO da Meseta Norte*: 1 - Santibāñez de Bējar; 2 - Aldeatejada; 3 - Gilbuena; 4 - La Mariselva; 5 - Coto Alto; 6 - Alto del Quemado; 7 - Cuesta Pelona; 8 - La Peña del Bardal; 9 - Stª Maria; 10 - La Peña del Aguila; 11 - El Castillo, Cardeñosa; 12 - Sonsoles; 13 - Aldeagordillo; 14 - - El Teso del Moral; 15 - Cerro del Ahorcado; 16 - El Canchal; 17 - - Las Pozas; 18 - La Perrona; 19 - Mata Leonardo; 20 - Valdeovejero; 21 - Picon del Rey; 22 - Pedroso; 23 - Fontanillas de Castro; 24 - - San Cristōbal de Entreviñas (?); 25 - Villasbuenas (?); 26 - El Coto.

Fig. 2 - Mapa de distribuição de monumentos megalíticos no Norte de Portugal (seg. V. O. Jorge).

Fig. 3 - Mapa de distribuição de estações com cerâmica campaniforme na Galiza, Norte de Portugal e Beira Alta.

- *Galiza*: 1, 2, 3 - Pontes de García Rodríguez: 4, 6 - Lousada; 5 - Roupar; 7 - - Buriz; 8 - Fisterra; 9 - Parxubeira; 10 - Santiago; 11 - Morcigueira; 12 - Entrambasaguas; 13 - Argalo; 14 - Oirōs; 15 - Tecedeiras; 16 - - Pericos; 17 - Chã de Arquiña; 18 - Fontenla; 19 - Gândaras de Budiño (?); 20 - Mugueimes; 21 - Laborada; 22 - Maus de Salas; 23 - O Fixōn; 24 - Regueiriño; 25 - Chã de Armada.

- *Norte de Portugal*: 1 - Chã das Arcas; 2 - Barrosa; 3 - Chafé; 4 - Guilhabreu; 5 - Carvalhal; 6 - Tapado da Caldeira; 7 - Mamoa 2 de Outeiro de Ante; 8 - Carvalhelhos; 9 - Pastoria; 10 - Mamoa 1 das Madorras.

- *Beira Alta*: 1 - Sobreda; 2 - Seixo; 3 - Bobadela.

Fig. 4 - Distribuição de artefactos campaniformes (não cerâmicos) (●), jóias simples (○), objectos de filiação atlântica (△) e machados de cobre (*) na Galiza, Norte de Portugal e Beira Alta.

- *Galiza*: 1 - Pontes de García Rodríguez; 2 - Vilavella; 3 - Chedeiro; 4 - Carballido; 5 - Buriz; 6 - Santiago de Samarugo; 7 - Corunha (?); 8 - Tarayo; 9 - Cambre de Bergantiños; 10 - Vilaseco; 11 - Fisterra; 12 - - Cicere (?); 13 - Santa Comba; 14 - Orbazay; 15 - Lugo (?); 16 - Lugo; 17 - Santiago de Samarugo (?); 18 - Castro de Marrās; 19 - Melide (?); 20 - Melide; 21 - Boel (?); 22 - Leiro; 23 - San Mamed de Carballad; 24 - Albã; 25 - Monterroso; 26 - Antas de Ulla; 27 - Monte dos Mouros; 28 - Golada; 29 - Carnota; 30 - Santiago (?); 31 - Ponte Silleda; 32 - Monte das Cabras; 33 - S. Jorge de Sacos; 34 - S. Jorge de Sacos; 35 - Villagarcía de Arosa; 36 - Caldas de Reys; 37 - Mourente; 38 - Pontevedra (?); 39 - Castro de Vigo; 40 - Atios; 41 - Pena Corneira; 42 - Roufeiro; 43 - Roufeiro; 44 - Roufeiro; 45 - Chedeiro.

- *Norte de Portugal*: 1 - Castro Laboreiro (?); 2 - Castro Laboreiro; 3 - Quinta da Água Branca; 4 - Vila Nova de Cerveira (?); 5 - Vilar do Monte; 6 - Arcos de Valdevez; 7 - Anha; 8 - S. Bento de Balugães; 9 - Chã de Arefe; 10 - Monte da Cerca; 11 - Terras do Bouro; 12 - Monte do Castro de S. João do Rei; 13 - Guimarães; 14 - Guimarães; 15 - Abação; 16 - Guimarães; 17 - Bucos (?); 18 - Cabeceiras de Basto (?); 19 - Barroso; 20 - Alijõ - Boticas; 21 - Chaves; 22 - Chaves; 23 - Chaves; 24 - S. Lourenço; 25 - Chaves; 26 - Chaves; 27 - Bragança; 28 - Bragança; 29 - Bragança; 30 - Vimioso; 31 - Alto das Pereiras; 32 - Vimioso; 33 - Miranda do Douro (Ferreiros); 34 - Meirede, Urrōs; 35 - - Carrapatas; 36 - Vale Benfeito; 37 - Moncorvo; 38 - Abreiro; 39 - - Chaves; 40 - Gõios; 41 - Sequeade; 42 - Bouça dos Cõrregos e Bougado; 43 - Mamoa do Vilar; 44 - Monte Cõrdova; 45 - Paços de Ferreira; 46 - Lousada; 47 - Lousada; 48 - Penafiel; 49 - Mamoa 1 de Outo Gregos; 50 - Mamoa 4 Meninas do Crasto; 51 - Tougueda (?); 52 - Mesão Frio; 53 - Ervilhas, Sinfães.

- *Beira Alta*: 1 - Mangualde; 2 - Pinhal dos Melos; 3 - Seixas, Guarda; 4 - Rapa, Celorico da Beira; 5 - Rapa, Celorico da Beira; 6 - Guarda (?).

N - Por deficiência de informação não pudemos localizar neste mapa a cista de Gandon (Aldan, Cangas de Morrazo, Pontevedra), citada no texto.

Fig. 5 - Distribuição de vasos tronco-cónicos (●) e sub-cilíndricos, carenados, de perfil em S ou semi-esféricos (○), lisos ou com decoração mamilar, com ou sem asa, na Galiza, Norte de Portugal, Beira Alta (e Beira Litoral).

- *Galiza*: 1 - Tarayo; 2 - Cubillón; 3 - Buriz; 4 - Chedeiro;

- *Norte de Portugal*: 5 - Touvedo; 6 - Anha; 7 - Chã de Arefe; 8 - Portelagem, Vila Chã; 9 - Mamoinha da Serra, Vila Chã; 10 - Cavaleira (?); 11 - Monte de Guilhofrei; 12 - Lomba de Coimbrão; 13 - Portela de Gorgurão; 14 - Meixedo; 15 - Mairos; 16 - Lorga de Dine; 17 - Penha; 18 - Lapinha; 19 - Sequeade; 20 - Carvalhas Alvas; 21 - Carlão; 22 - Mamoa 4 de Meninas do Crasto; 23 - Mamoa 1 Outº Gregos; 24 - Corvilho; 25 - Areias Altas (?); 26 - Gulpilhares; 36 - Mamoa 1 das Madorras.

- *Beira Litoral*: 27 - Terranha;

- *Beira Alta*: 28 - Pedralta; 29 - Juncais; 30 - Forles; 31 - Tanque; 32 - Carapito III; 33 - Sobreda; 34 - Casa dos Mouros (?); 35 - Bobadela.

N - Por deficiência de informação não pudemos localizar neste mapa a estação de Stª Marta de Lucenza (Orense), citada no texto.

Notas

(1) Entendeu-se dever eleger a *cerâmica decorada não campaniforme* como elemento básico, identificador do contexto que neste trabalho procuramos caracterizar, devido não só à grande quantidade em que ocorre, mas, sobretudo, à riqueza e variedade de informação decorativa que veicula. Está ausente do nosso comentário, além da cerâmica campaniforme, a que integra exclusivamente mamilos ou cordões, na medida em que é praticamente inexistente nos contextos que estudámos na área Telões-Chaves. Todavia, sempre que estes tipos de cerâmica ocorrem nas estações observadas, não deixamos de os referir, no quadro dos artefactos que lhes estão associados ou provêm simplesmente da mesma estação.

(2) Este inventário é *breve*, na medida em que apenas pretende caracterizar as estações segundo cinco *"items"* muito simples: 1 - Nome da estação e localização: lugar, freguesia e concelho; 2 - Tipo de estação; 3 - Materiais nela encontrados; 4 - Local onde os materiais se encontram depositados; 5 - Bibliografia principal existente sobre a estação e/ou materiais.

O *tipo de estação* aponta para uma caracterização geral: apenas indica se se trata de um povoado de ar livre, duma gruta (habitacional ou sepulcral), dum abrigo-sob-rocha (habitacional ou sepulcral), dum monumento funerário (com ou sem "tumulus"), etc.. Quanto aos *materiais*, optou-se por fazer também uma menção genérica, visando a identificação global de *tipos de artefactos*, sem explicitação do número de exemplares, na maioria dos casos. Apenas a cerâmica decorada mereceu uma análise mais cuidada, sempre que foi possível detectar técnicas e organizações decorativas, tendo presente a tabela de tipos decorativos seleccionados nos povoados da área Telões-Chaves.

Finalmente, a principal *bibliografia existente* diz respeito, não a toda a bibliografia onde a estação foi alguma vez mencionada ou descrita, mas apenas à bibliografia onde aquela foi apresentada pela primeira vez e/ou de forma exaustiva ou mais completa. Normalmente esta bibliografia integra a citação de outras obras que se referiram directa ou indirectamente à estação.

O carácter breve deste inventário justifica-se pela precaridade de dados publicados sobre as referidas estações e pela dispersão de alguns dos materiais mencionados por diversos museus e colecções particulares, o que dificultou a abordagem exaustiva dos mesmos. Por outro lado, pensamos que este breve inventário é suficiente para dar conta, em linhas gerais, dos principais testemunhos arqueológicos que a investigação futura terá de explorar exaustivamente. Os números das estações cujos materiais não pudemos observar directamente estão sublinhados.

(3) Encontra-se em preparação uma monografia da estação resultante de antigas escavações realizadas nos anos 60 por C. H. Harpsøe, M. R. Ramos e A. Cavaleiro Paixão. Por outro lado, os Serviços Regionais de Arqueologia da Região Norte têm procedido, nos últimos anos, a escavações de emergência nesta estação, sendo de esperar que desses trabalhos também resulte, em breve, um estudo pormenorizado das condições de jazida e dos respectivos materiais.

(4) Ferreira, O. da Veiga (1961), Acerca da presença de arsénio em instrumentos primitivos encontrados em Portugal..., p. 7.

(5) Monteagudo, L. (1977), *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel...*, p. 23, tafel 1, 15.

(6) Junghans, S., Sangmeister, E., Schröder, M. (1968), *Kupfer und Bronze in der Frühen...*

(7) A monografia desta estação encontra-se em fase de preparação; por outro lado, o estudo desta e outras estações situadas no planalto mirandês faz parte de um projecto de investigação, da autoria de Maria Jesus Sanches, que visa conhecer a evolução cultural da Pré-História recente naquela região.

(8) *V.* nota 7. Agradecemos a M. Jesus Sanches todas as informações prestadas sobre esta estação.

(9) Referimo-nos, em particular, a fragmentos cerâmicos decorados segundo técnicas e motivos que se enquadram no que conhecemos de contextos cerâmicos do Bronze Final desta região.

(10) *V.* nota 5, p. 57, tafel 16, 299.

(11) Cardozo, M. (1960), Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos..., Est. III, 1 e 2; *V.* nota 6: Katalog der Analysen..., nºs 1908 e 1909.

(12) Referimo-nos a vasos lisos de forma sub-cilíndrica, com perfil em S ou forma carenada, de fundo plano e asa lateral ou ainda a um grande vaso de forma ovóide, com quatro asas equidistantes saindo do bordo e cordão sobre o início da parte média. Estes recipientes, em particular os pequenos vasos lisos com asa lateral, poderão integrar-se numa fase indeterminada da I. do Bronze. Também na I. do Bronze, na sua fase final, se devem incluir alguns artefactos metálicos, entre os quais cabe destacar três lanças de alvado e dois machados de talão com aselha lateral. A estação da Penha foi, sem dúvida, ocupada durante um longo período de tempo, desde provavelmente os finais do IIIº milénio a.C., até certamente, os inícios do Iº milénio a.C. (?).

(13) O inventário e estudo sistemático dos materiais arqueológicos provenientes desta estação (depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento), encontra-se a ser realizado por Margarida Santos Silva e Paula Mota Santos, a quem agradecemos muitas das informações que nos permitiram sistematizar os nossos conhecimentos sobre as principais técnicas e organizações decorativas da cerâmica decorada.

(14) Agradecemos a Teresa Soeiro e Carlos Alberto Brochado de Almeida o acesso aos materiais desta estação, o que nos possibilitou a comparação dos respectivos materiais com os estudados na área Telões-Chaves.

(15) Espera-se para breve a notícia do achado e estudo dos respectivos materiais da autoria de Carlos A. Brochado de Almeida.

(16) O estudo pormenorizado destes artefactos encontra-se em elaboração integrado numa monografia da estação, em preparação, da autoria de Manuela Martins.

(17) Esta suposição deve-se ao facto de, nas referidas estações, ocorrerem abundantes ossos humanos aparentemente associados aos restantes materiais, a fazer fé nas descrições de antigos e recentes escavadores. Na Lorga de Dine, em função das informações de que dispomos, e apesar de não ter sido publicada, até à data, nenhuma análise estratigráfica, cremos (devido à grande homogeneidade estilística da quase totalidade dos objectos nela encontrados) que os ossos humanos exumados podem corresponder a um nível de intensas e sucessivas tumulações, durante um período de tempo relativamente curto. Na verdade, quer Harpsøe, Ramos e Paixão, quer Sande Lemos e M. Brito, nos transmitiram a informação de que a única camada arqueológica observada era constituída por uma terra acinzentada pulverulenta, na qual se encontravam os testemunhos, aparentemente depositados fora de qualquer posição original. Esta circunstância tanto se pode dever, no nosso entender, a violações posteriores às

tumulações, como ao próprio carácter destas, que poderiam ter revolvido periodicamente os locais de enterramento, com o intuito de alargar o espaço sepulcral, a exemplo do que acontece em muitas grutas sepulcrais, "tholoi" ou monumentos megalíticos evolucionados de outras regiões peninsulares.

(18) A maior reserva, quanto a nós, está no facto de não só não possuirmos qualquer prova de associação entre a cerâmica e qualquer das fases da utilização dos túmulos, como não podermos afirmar a clara relação entre a cerâmica e os sepulcros mencionados, uma vez que, em todos os casos, apenas foram identificados escassos exemplares fragmentados. Na verdade, o carácter isolado destas cerâmicas nestes monumentos e o desconhecimento que temos quanto ao seu posicionamento estratigráfico, determina que não possamos valorizar a sua presença, em termos duma inequívoca e estrita utilização destes monumentos por parte das populações que fabricaram tal cerâmica.

(19) Mário Cardozo (1971, A estação pré-histórica da Serra da Penha..., p. 246, nota 2) refere-se a um fragmento cerâmico decorado semelhante ao de Matamá, que, segundo Martins Sarmento, proviria de uma mamoa de Cabeceiras de Basto. Não tivemos possibilidade de confirmar esta hipótese. Além dos monumentos tumulares mencionados, não queremos deixar de referir a existência de um vaso hemisférico decorado, proveniente da mamoa de Chafé (antiga freguesia da Anha, Viana do Castelo). Este vaso, encontrado "in situ" na base da câmara megalítica da referida mamoa (juntamente com pontas de seta de base triangular e uma lâmina não retocada), revelava uma decoração constituída por duas fiadas de linhas puncionadas horizontais, sob o bordo (Jorge, E., 1986, Escavação da Mamoa de Chafé (Viana do Castelo)...). Embora a extremidade da punção seja sinuosa e o motivo representado se distancie do que normalmente estamos habituados a ver nas outras estações com cerâmicas decoradas desta época, a organização é nossa conhecida: ela aproxima-se da IIa, por sinal uma organização que ocorre também em cerâmicas de túmulos megalíticos da Beira Alta. Também no monumento 1 das Madorras (freg. de S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa) (Gonçalves, A. A. H. Bacelar, 1986, Achegas para o estudo...) foi encontrado um pequeno fragmento cerâmico decorado com puncionamento arrastado, cuja organização não podemos caracterizar. Pensamos, no entanto, que possui uma técnica decorativa semelhante à que identificámos nas estações que temos vindo a tratar. Não incluímos, no entanto, estes exemplares no breve inventário que realizámos, por necessitarmos de outros dados que confirmem a sua inclusão no âmbito estilístico e cultural que pretendemos estudar.

(20) Lautensach, H. (1967), *Geografía de España y Portugal*..., fig. 13.

(21) Na Serra da Aboboreira (Baião), em duas estações ainda em estudo de carácter habitacional (Tapado da Caldeira e Lavra) foram identificados fragmentos cerâmicos decorados com puncionamentos arrastados associados a mamilos sob o bordo, que nos parecem poder incluir-se no conjunto estilístico que estamos a caracterizar. No entanto, não as referimos no nosso inventário, dado que persistem ainda dúvidas, não só quanto ao seu posicionamento estratigráfico no interior de cada estação, como à própria vinculação de tais cerâmicas à ambiência cultural calcolítica. Na verdade, tais estações inserem também testemunhos da I. do Bronze Final, e numa delas (Tapado da Caldeira) ocorre também cerâmica com técnica de Boquique (Cogotas I), o que suscita uma grande prudência na caracterização cultural e cronológica de cerâmicas que integram a técnica de puncionamento arrastado. (Agradecemos a Maria de Jesus Sanches as informações prestadas sobre os materiais cerâmicos da estação da Lavra).

(22) É óbvio que nos referimos particularmente a estações onde existe um número significativo de materiais conhecidos, passível de nos oferecer uma mais ampla informa-

ção. Contudo, a grande maioria de estações transmontanas apenas nos forneceu escassos materiais provenientes de recolhas de superfície, o que nos impede de visualizar, mesmo de forma genérica, a real variabilidade estilística da cerâmica pré-histórica desta região.

(23) Os materiais da estação de Faria foram recolhidos em escavações recentes naquele importante povoado, ocupado desde a Pré-História Recente até à I. Média. Contudo, segundo os seus escavadores, os materiais pré-históricos não foram encontrados "in situ".

(24) *V.* nota 5, pp. 57, 60, 23, tafel 16 (299), 18 (343), 1 (15).

(25) Pretendemos focar todas as estações que integram *cerâmicas comuns decoradas segundo as temáticas identificadas nos contextos Telões-Chaves*, na medida em que as *cerâmicas comuns* constituem o elo mais visível de ligação entre as diferentes regiões. Contudo, algumas destas estações incluem (como acontece na estação da Pastoria) cerâmicas campaniformes, as quais serão referidas também conjuntamente com as cerâmicas comuns, no quadro dos diferentes artefactos que lhes estão associados.

(26) Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico. La aparición de la metalurgia..., p. 44.

(27) Pena Santos, A. de la (1985), Sondeo estratigráfico en el yacimiento de "O Reguerinho" (Moaña)...; idem (1985), Sondeo estratigráfico en el yacimiento de "A Fontenla", (Moaña)...; idem (1985), El yacimiento de Lavapés (Cangas de Morrazo)...

(28) Os materiais inéditos desta estação estão expostos no Museu Arqueológico de Orense.

(29) Calo Lourido, F. e Sierra Rodríguez, X. C. (1983), As orixenes do Castrexo no Bronce Final, p. 57, fig. 5.

(30) Rodriguez Colmenero, A. e Delibes de Castro, G. (1973), Hallazgos prehistóricos de la provincia de Orense..., fig. 3.

(31) López Cuevillas, F. (1925), As mámoas do Concelho de Lobeira..., pp. 25-39.

(32) Harrison, R. J. (1977), *The Bell Beaker Cultures*..., p. 158, fig. 67, nº 1220; Criado Boado, F. e Vázquez Varela, J. M. (1982), La cerámica campaniforme en Galicia..., pp. 35-36, fig. 10, nº 27.

(33) As escavações entre 1976 e 1978 foram realizadas, segundo informação de Peña Santos, por diversas equipas de arqueólogos, estando os resultados dessas intervenções ainda inéditos. Os trabalhos de 1982 foram efectuados sob a direcção deste arqueólogo e já publicados (*V.* nota 26).

(34) *V.* nota 27: lam. 1, A e B.

(35) *V.* nota 27: lam. 1, C, D, E.

(36) *V.* nota 27: lam. 2, C, G.

(37) *V.* nota 27: lam. 2, A.

(38) Comunicação de Costa Iglesias ao *Colóquio de Pré-História e Arqueologia da Galiza*, 1979, Santiago de Compostela.

(39) Embora os materiais de tais escavações permaneçam inéditos, tivemos a oportunidade de os analisar no Museu de Pontevedra, graças à boa vontade e espírito de colaboração de A. Peña Santos. Verificámos assim que, entre a cerâmica campaniforme, existia um exemplar decorado, segundo uma sequência aditiva (típica do complexo marítimo), que, no entanto, parecia ser ser executada ou com uma matriz pectiniforme muito fina ou com uma matriz cordada. Sabemos, no entanto, que esta última hipótese, a confirmar-se, introduziria uma novidade no panorama do campaniforme da fachada atlântica peninsular, como, aliás, nos adverte Criado Boado e Vázquez Varela (*V.* nota 28, pp. 67-68).

(40) Aira Rodríguez, M. J. e Guitián Ojea, F. (1985), Estudio polínico y edafológico de los yacimientos de Regueiriño y Fontenla...

(41) *V.* nota 27; Peña Santos, A. (1985), Las ceramicas incisas metopadas tipo "Penha" en Galicia...

(42) Esta datação foi realizada sobre uma amostra de bolotas carbonizadas no Laboratório de C 14 da Faculdade de Ciências da Universidade de Gakushuin em Tóquio, com o número: Gak - 11188 - 3980 ± 120 B.P.. Independentemente de ser uma data isolada, com uma margem de erro ainda excessivamente alta, ela foi realizada num laboratório que tem produzido recentemente diversas datações anómalas para vários contextos arqueológicos do Norte de Portugal e Galiza. Assim, a sua aceitação só poderá realizar-se em função da eventual coerência do contexto arqueológico que a ela se refere.

(43) López, Pilar (1985), Estudio polínico de los sedimentos del yacimiento de Lavapés...

(44) Fernández-Posse, M. D. (1982), Consideraciones sobre la técnica de Boquique..., p. 140.

(45) Delibes de Castro, G. (1978), Poblamiento eneolítico en la Meseta Norte...; idem (1985), El Calcolítico. La aparición de la metalurgia...

(46) Martin Valls e Delibes Castro, G. (1975-76-77-81-82), Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora...

(47) López Plaza, E. M. S. (1978), *Comienzos del Eneolítico*...; López Plaza, E. M. S. e Jiménez Fluentes, E. (1978), Analisis faunístico del poblado eneolítico "Teso del Moral"...; López Plaza, E. M. S. (1979), Aportacion al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO de la Meseta N. Española...; idem (1984), "Coto Alto", La Tala (Salamanca): Nuevo yacimiento...

(48) Alfageme, J. de M., Sánchez, I. S. e Benito del Rey, L. (1976), Dos yacimientos de la edad del Bronce...; Alfageme, J. de M. e Benito del Rey, L. (1978), Un yacimiento del Bronce...; Rodríguez Marcos, J. A. e Val Recio, J. M. del (1980), El yacimiento Calcolítico de "El Coto"...

(49) *V.* nota 47: López Plaza (1978), *Comienzos del neolítico*...

(50) Martin Valls e Delibes de Castro, G. (1982), Hallazgos arqueológicos... pp. 68-70.

(51) *V.* nota 45: Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico..., p. 44.

(52) *V.* nota 47: López Plaza, E. M. S. (1978), *Comienzos del Eneolítico*...

(53) Este volume encontra-se a ser organizado, na sua redacção final, por Philine Kalb (Instituto Arqueológico Alemão), e constituirá o IIIº volume dedicado aos monumentos megalíticos peninsulares da autoria de V. Leisner.

(54) Moita, I. (1966), Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta...

(55) Senna-Martinez *et alii* (1983-84), Contribuições para uma tipologia...

(56) *V.* nota 54, pp. 62-64 e nota 55, fig. 30.

(57) *V.* nota 54, Est. IX, a; *V.* nota 55, fig. 30.

(58) *V.* nota 54, Est. IX, b.

(59) Leisner, V. (1966), Die verschiedenen Phasen des Neolithikums...

(60) *V.* nota 54, p. 74, Est. XVIII, a.

(61) *V* . nota 54, pp. 70-71; Ferreira, F. Bandeira (1960), Reflexões a propósito de um fragmento de cerâmica...

(62) *V.* nota 54, Est. XVI, a; *V.* nota 55, fig. 17 e Est. I.

(63) *V.* nota 54, Est. XVI, b.

(64) *V.* nota 54, pp. 67-70.

(65) *V.* nota 54, Est. XV, b.

(66) *V.* nota 54, pp. 55-60.

(67) *V.* nota 54, Ests. X-XIV; *V.* nota 55, fig. 29.

(68) *V.* nota 55, fig. 21.

(69) Renfrew, C. (1976), Megaliths, territories and populations...

(70) Leisner, V. (1958), Nota sobre um vaso transmontano..., pp. 145-153.

(71) Esses projecto, que visa a escavação de povoados e sepulturas de várias épocas, como forma de contribuir para o conhecimento da ocupação do espaço durante a Pré-História Recente, Proto-História, Romanização e I. Média, na bacia do Rio Ovil e Serra da Aboboreira, encontra-se a ser orientado por Vítor Oliveira Jorge, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

(72) Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal...*; idem (1985), Les monuments mégalithiques du Nord du Portugal...

(73) Jorge, V. O. (1985), Les monuments mégalithiques..., fig. 1.

(74) Jorge, S. O. (1978), Pontas de seta provenientes de tumulos megalíticos do Noroeste de Portugal..., pp. 99-175.

(75) Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber...*, p. 426.

(76) Leisner, V., Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da Veiga (1961), *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo...*, pp. 34-35.

(77) Jorge, Vítor Oliveira (1984), Escavação da mamoa da Mina do Simão...

(78) Twohig, E. Shee (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*...

(79) Jorge, S. O. (1985), Datas de C14 para a Pré-História Recente do Norte de Portugal...

(80) Existem diversas provas de que alguns dos monumentos funerários com "tumulus" foram reutilizados durante o Bronze Final, no Norte de Portugal.

(81) Este pressuposto baseia-se no facto de monumentos megalíticos com corredor, da Beira Alta, serem datados duma fase em torno de 3000 a.C./2900 a.C.. Assim, numa região contígua, a Norte do Douro, como é a Serra da Aboboreira, poder-se-ia situar o dólmen de corredor de Chã de Parada, o único monumento com corredor da necrópole desta serra numa fase genericamente similar.

(82) *V.* nota 73, p. 27.

(83) Silva, E. L. S. e Marques, J. A. T. M. (1986), Escavação da Mamoa de Chafé..., pp. 207-208.

(84) Sarmento, M. (1933), *Dispersos*..., p. 91; Nunes, J. de Castro (1951), Escavações no dólmen da Barrosa...

(85) *V.* nota 74, figs. 3 e 4.

(86) *V.* nota 72: Jorge, V. O. (1982), vol. II, fig. 110, C.

(87) *V.* nota 83.

(88) Segundo os autores das escavações do monumento foi identificada uma camada inferior de tumulações, "in situ" (com um vaso hemisférico decorado, associado a pontas de seta, uma lâmina não retocada e ossos humanos), a qual não integrava cerâmica campaniforme. Esta e outros materiais tipologicamente inseríveis no Calcolítico Final/Bronze Inicial foram encontrados em camadas revolvidas, ou no interior da câmara, ou fora dela. Perante tais dados, podemos pressupôr várias hipóteses: a de que esses materiais poderiam (parcial ou globalmente) pertencer à mesma tumulação encontrada "in situ", o que implicaria que a violação não teria atingido a base da câmara; a de que esses materiais corresponderiam (parcial ou globalmente) a tumulações posteriores à mencionada; a de que a cerâmica campaniforme se encontrava associada à globalidade dos restantes materiais (pontas de seta, lâminas, braçal de arqueiro, "sovela" e rebite em cobre arsenical) ou que, mais provavelmente, se articulava apenas com alguns destes materiais (pontas de seta e lâminas). Na verdade, a cerâmica campaniforme insere-se no complexo marítimo internacional, e os restantes artefactos (braçal, "sovela" e rebite) poderão apontar para uma cronologia ligeiramente mais tardia, já adentro do Bronze Inicial.

(89) Paço, Afonso do e Pinto, E. (1961), Vasos campaniformes..., pp. 9.24.

(90) *V.* nota 74, figs. 16-19.

(91) Harrison, R. J. (1977), *The Bell Beaker*..., fig. 67, nºs 1218, 1219.

(92) Gonçalves, A. A. Huet (1984), Escavação da mamoa nº 2 de Outeiro de Ante..., pp. 22-44.

(93) Gruta artificial nº 1 da Quinta do Anjo (Palmela): Leisner, V. (1965), *Die Megalithgräber*..., tafel 95, nº 67; monumento megalítico de Nora (Tavira): Leisner, G. e V. (1943), *Die Megalithgräber*..., tafel 73, nº 1; necrópole da I. do Bronze do Mon

te de Vale de Carvalho: Arruda, A. *et alii* (1980), A necrópole da Idade do Bronze..., pp. 59-66. *V.* nota 92, fig. 16.

(94) *V.* nota 92, fig- 15.

(95) Devemos considerar com extrema prudência esta data, não só devido ao seu carácter isolado e ao contexto estratigráfico da amostra, mas também porque ela foi produzida por um Laboratório de C 14 que, recentemente, tem enviado datações anómalas para estações do Norte de Portugal e, mesmo, da Galiza.

(96) Jorge, S. O. (1980), A estação arqueológica do Tapado..., pp. 29-50.

(97) Referimo-nos à existência, entre outros materiais (nos estratos revolvidos da estação), de micrólitos geométricos e cerâmica decorada com mamilos e puncionamentos arrastados, segundo uma técnica que evoca exemplares do Neolítico Final/Calcolítico do Norte da Península.

O estudo global dos materiais desta estação encontra-se em preparação.

(98) Cruz, D. J. da (1983), Escavação da mamoa 1 da Chã de Carvalhal..., pp. 74-75. Agradecemos a Domingos J. da Cruz todas as informações complementares sobre a estação e respectivos materiais.

(99) Gonçalves, A. A. Huet Bacelar (1986), Achegas para o estudo do megalitismo...

(99) Desconhece-se ainda nesta fase das escavações se o monumento possui ou não corredor.

(100) Agradecemos a informação a A. A. Huet Bacelar Gonçalves. O fragmento cerâmico encontra-se depositado no Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto).

(101) Materiais inéditos depositados no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

(102) *V.* nota 91, p. 14.

(103) Moreno, G. (1971-72), Cerâmica campaniforme en la cuenca alta y media del Ebro..., pp. 29-51.

(104) Delibes de Castro, G. (1977), *El Vaso Campaniforme en la Meseta...*

(105) *V.* nota 91, p. 11.

(106) Recentemente, escavações conduzidas por F. Molina González no povoado de Los Millares vieram provar a especificidade da cerâmica campaniforme da região de Almeria, a qual não é facilmente integrável em nenhum dos complexos tardios conhecidos na Península Ibérica (informação pessoal daquele investigador).

(107) *V.* nota 91.

(108) *V.* nota 104; Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico...

(109) Criado Boado, F. e Vázquez Varela, J. M. (1982), *La Cerámica Campaniforme en Galicia...*

(110) Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico..., p. 52.

(111) Este número não corresponde a uma procura exaustiva em museus ou colecções particulares, pois está fora do nosso propósito a investigação pormenorizada do fenómeno campaniforme no Norte de Portugal.

(112) *V.* nota 83.

(113) Schubart, H. (1971), O Horizonte de Ferradeira...

(114) Schubart, H. (1975), *Die Kultur der Bronzezeit...*, text, abb. 12, g.

(115) *Notícia Explicativa da Carta Geológica* - folha 9, Póvoa de Varzim; Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal...*, t.I, pp. 491-492; t.II - fig. 153.

(116) Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal...*, t.I, p. 775.

(117) *V.* nota 104, p. 110.

(118) *V.* nota 114, text, abb. 12, c_4.

(119) *V.* nota 114, text, abb. 14, b.

(120) Silva, A. Coelho da, Lopes, A. B. e Maciel, T. P. (1983), A necrópole do Bronze inicial...

(121) *V.* nota 114, text, abb. 11, a_2.

(122) *V.* nota 114, text, abb. 12, c_2.

(123) Ruiz-Gálvez Priego, M. (1979), El Bronce Antiguo de la fachada atlántica...

(124) Harrison, R. (1974), A closed find from Cañada Rosal...

(125) Ruiz-Gálvez Priego, M. (1984), *La peninsula Iberica y sus Relaciones con el Circulo Cultural Atlantico...*

(126) *V.* nota 118.

(127) *V.* nota 114, text, abb. 13, c.

(128) *V.* nota 114, abb. 26.

(129) Sangmeister, E., (1964), Die schmalen "Armschutzs platten"..., pp. 93-122; Briard, J. e Mohen, J.-P, (1983), *Typologie des Objets de l'Âge du Bronze en France...*, fasc. II, pp. 109-112.

(130) *V.* nota 121.

(131) *V.* nota 122.

(132) *V.* nota 104, fig. 30; Harrison, R. J. (1977), *The Bell Beaker Cultures...*, fig. 69.

(133) Ruiz-Gálvez Priego, M. (1979), El Bronce Antiguo de la fachada atlántica...

(134) Inédita (Museu Nacional de Arqueologia).

(135) *V.* nota 6, nº da análise 1468.

(136) *V.* nota 104, p. 110.

(137) Blance, B. (1971), *Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen...*, p. 179.

(138) Inédita (Museu Pio XII, Braga).

(139) *V.* nota 6, nº da análise 1806.

(140) *V.* nota 137, p. 179.

(141) Inédita (Museu Nacional de Arqueologia).

(142) *V.* nota 6, nº da análise 1527.

(143) *V.* nota 137, p. 176.

(144) Depositado no Museu Nacional de Arqueologia; Taylor, J. (1978), The relationship of British Early Bronze Age...

(145) Hernando Gonzalo, A. (1983), La orfebreria durante el Calcolitico y el Bronce Antiguo..., p. 93.

(146) *V.* nota 125, t.I, p. 375.

(147) Fortes, J. (1906), A sepultura da Quinta da Água Branca...

(148) *V.* nota 6, nº da análise 1528.

(149) Eluère, C. (1982), *Les Ors Préhistoriques...* fig. 143.

(150) Almagro-Gorbea, M. (1976), La espada de Entrambasaguas..., pp. 464-465.

(151) *V.* nota 125, pp. 223-228.

(152) *V.* nota 124.

(153) Veiga, S. P. M. Estácio da (1891), *Antiguidades Monumentais do Algarve...*, p. 46, Est. IV.

(154) *V.* nota 6, nºs de análises - 1465, 1466, 1467.

(155) *V.* nota 137, p. 179.

(156) *V.* nota 104, p. 110.

(157) *V.* notas 125, 146 e 149.

(158) *V.* nota 145, p. 93.

(159) *V.* nota 125, p. 376.

(160) Mencionamos aqui os artefactos conhecidos publicados, embora tenhamos consciência de que esta lista poderá ser alargada em presença duma investigação exaustiva, que aliás, se encontra em curso, da autoria de V. Pingel, sobre a metalurgia do ouro na Pré-História, em Portugal. Por exemplo, Priego (*V.* nota 125, p. 155, nº de inv. 227) refere-se a um diadema de ouro simples (chapa aplanada por martelagem) proveniente do distrito de Braga (o respectivo estudo encontra-se em preparação por V. Pingel), cuja morfologia se pode incluir no período e âmbito cultural que estamos a tratar. Contudo, não vimos a peça, pelo que não a incluímos nos objectos aqui referenciados.

(161) *V.* nota 149, fig. 143; Briard, J. (1984), *Les Tumulus d'Armorique...*, fig. 52.

(162) *V.* nota 149, fig. 141; *V.* nota 125, p. 375.

(163) *V.* nota 149, fig. 145.

(164) Taylor, J. J. (1970), Lunulae reconsidered...

(165) Cardozo, M. (1930), Jóias arcaicas encontradas em Portugal...

(166) Case, H. (1977), An early accession to the Ashmolean..., pp. 23-26.

(167) *V.* nota 125, p. 381.

(168) *V.* nota 167.

(169) Vasconcelos, J. (1912), Diadema celtibérico..., p. 38.

(170) *V.* nota 149, fig. 144.

(171) Hartmann, A. (1971), Análise de alguns objectos pré-históricos de ouro...

(172) Schubart, H. (1973), Las alabardas tipo Montejícar...

(173) *V.* nota 6, nºs de análises 1789 a 1794.

(174) *V.* problemática e bibliografia sobre este tema em Priego (nota 125, p. 223).

(175) Harrison, R. J. (1974), Ireland and Spain...

(176) *V.* nota 125, pp. 57-59.

(177) *V.* nota 125, p. 223.

(178) *V.* nota 160.

(179) Este critério visa a apreciação dos objectos tal qual os encontramos; à excepção de poucos anéis simples de uma volta ou de raras espirais, cuja dimensão e acabamento nos podem indicar eventualmente a sua primitiva função, a maioria das espirais, quando encontradas isoladamente, não podem ser catalogadas como anéis, ou elementos de pulseiras ou de colares. Apenas podem ser caracterizadas tipologicamente como espirais.

(180) Jorge, V. O. (1980), Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos...

(181) Jorge, V. O. (1983), Escavação das Mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto...

(182) Apesar de não se ter verificado conexão estratigráfica entre este vaso e a estrutura que se lhe sobrepunha, pensamos que, uma vez que estamos em presença de uma estrutura ritual, não seria necessário que essa conexão se verificasse. Ou seja, o vaso poderia ter sido ali intencionalmente depositado (aliás, já fragmentado) e coberto de seguida pelo "pavimento" que serve de base à estrutura, tendo esta sucessão de acções pertencido à mesma fase cronológica e cultural.

(183) Jorge, V. O. (1985), Novas datações de radiocarbono para mamoas..., pp. 182-183.

(184) *V.* nota 116, t.I, p. 445.

(185) *V.* nota 116, t.I, p. 500.

(186) *V.* nota 147.

(187) *V.* nota 144.

(188) *V.* nota 125, p. 205.

(189) Pingel, V. (em preparação), *Goldfunde der Iberischen Halbinsel*...

(190) Cardozo, M. (1944), Novo achado de jóias pré-romanas..., fig. 3.

(191) Jorge, S. O. (1983/84), Aspectos da evolução pré-histórica..., p. 104.

(192) Soeiro, M. T. (1982), Esconderijo de Sequeade...

(193) *V.* nota 192, p. 65.

(194) *V.* nota 191; *V.* nota 149, p. 136, fig. 146.

(195) Cardozo, M. (1950), Mais uma achega para o estudo da joalharia...

(196) *V.* nota 192, p. 65.

(197) Conjunto de espirais das Antas de Ulla (Pontevedra) (Ruiz-Galvez Priego, M. 1979, El Bronce Antiguo de la fachada atlántica..., p. 161, fig. 4-1; *V.* nota 125, pp. 85-86).

(198) *V.* nota 149, fig. 143.

(199) *V.* nota 189.

(200) *V.* nota 125, p. 375.

(201) *V.* nota 125, p. 376.

(202) Estes machados integram-se nas categorias de "tipo Cabrales", segundo P. Harbison (1967, Mediterranean and atlantic elements..., pp. 102 e 118) e de "tipo Tejo", segundo B. Blance (1971, *Die Anfänge der Metallurgie*...). O primeiro caracteriza os machados planos com extremidade de encabamento espessa, lados quase rectilíneos, gume curto, ligeiramente curvilíneo. A segunda define os machados de forma rectangular ou ligeiramente trapezoidal, com extremidade de encabamento espessa e romba, de gume ligeiramente encurvado e secção rectangular estreita. Como se verifica por estas definições, elas correspondem, no geral, ao mesmo tipo de objecto.

(203) Monteagudo, L. (1977), *Die Beile auf der Iberischen*...

(204) Uma cronologia baseada fundamentalmente em paralelos tipológicos de objectos isolados é sempre falível. Priego (*V.* nota 125), por exemplo, discorda de algumas posições de Monteagudo quanto à cronologia de alguns dos seus tipos.

(205) Com esta designação procura-se caracterizar uma ampla "família" de vasos, na qual predominam os tronco-cónicos e os sub-cilíndricos, mas que é morfologicamente mais ampla: define-se por integrar *recipientes de fundo plano, lisos ou com decoração mamilar, com ou sem asa lateral*. Neste capítulo não pretendemos fazer uma tipologia destes recipientes, mas tão só inventariá-los, referindo a sua associação com tipos de estações e, eventualmente, outros materiais. Recentemente foi descoberto mais um exemplar tronco-cónico na mamoa 1 das Madorras (Sabrosa) (Gonçalves, A. H. Bacelar, 1986, Achegas...).

(206) Leisner, V. (1958), Notas sobre um vaso transmontano..., pp. 145-153.

(207) *V.* nota 72: Jorge, V. O. (1982), t.I, p. 792.

(208) Sarmento, F. M. (1933), *Dispersos*..., p. 155;

(209) Jorge, S. O. (1978), Pontas de seta provenientes de tûmulos megalíticos..., pp. 36-52.

(210) Sanches, M. J. (1981), Recipientes cerâmicos da Pré-História..., fig. 4.

(211) *V.* nota 208, p. 156; *V.* nota 206, fig. II, nº 8.

(212) *V.* nota 98.

(213) Sanches, M. J. (1980), Alguns vasos cerâmicos inéditos..., figs. 3 e 4.

(214) *V.* nota 214, fig. 5 e 6.

(215) *V.* nota 120.

(216) *V.* nota 180.

(217) *V.* nota 181.

(218) *V.* nota 183.

(219) Silva, E. J. Lopes e Marques, J. A. T. M. (1984), Escavação de uma cista em Lordelo...

(230) Fortes, José (1909), Gaya no passado..., p. 9; Guimarães, G. (1983), Notas bibliográficas para o estudo do povoamento..., fig. 2.

(231) Recipientes de bordo horizontal, com mamilos verticais e medalhões aplicados sobre a pança, fazem parte do repertório cerâmico do povoado do Bronze Final da Bouça do Frade (Baião), estando para breve a sua publicação.
Assim, a presença destes recipientes, e de tronco-cônicos, na necrópole de Gulpilhares, poderá significar que ou existem ali sepulturas de diferentes épocas ou que, a coexistirem os diferentes tipos cerâmicos, esta necrópole poderá ser eventualmente da I.do Bronze Tardio/Final . Esperamos, no entanto, a publicação de todos os dados inéditos desta estação para podermos ajuizar das condições de jazida destes vasos.

(232) *V.* nota 192.

(233) Harpsøe, C. H. e Ramos, M. R. (1985), Lorga de Dine...

(234) Cortez, F. Russel (1952), Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal...

(235) Vasos com cordões sob o bordo, recipientes com carenas baixas, pés altos de vasos fragmentados.

(236) *V.* nota 213, fig. 2.

(237) *V.* nota 210, fig. 2A.

(238) *V.* nota 210, fig. 2B.

(239) *V.* nota 210, fig. 3.

(240) Cardozo, M. (1968), Novo achado da Idade do Bronze..., fig. 4; Cardozo, M. (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha..., Est. VI.

(241) Santarém, C. M. Faya, (1956), Algumas peças inéditas...; Sanches, M. J. (1982), Vasos da estação arqueológica do Corvilho..., figs. 2, 3 e 4.

(242) *V.* nota 206, fig. II, nº 2.

(243) Leisner, V. e Ribeiro, L. (1968), Die dolmen von Carapito...

(244) Harrison, R.J. (1974), A closed find from Cañada Rosal...

(245) *V.* nota 244, p. 90.

(246) Schubart, H. (1971), O Horizonte de Ferradeira...

(247) Ruiz-Gálvez Priego, M. (1979), El bronce antiguo en la fachada atlántica...; *V.* nota 125.

(248) Harbison, P. (1967), Mediterranean and atlantic elements...; Harrison, R. (1974), Ireland and Spain...

(249) *V.* nota 244, p. 89.

(250) *V.* nota 125, p. 226.

(251) A limitação da nossa análise a estas duas áreas (não integrando o SO da Meseta Norte) deve-se a uma escolha de ordem cultural: face a uma região excessivamente ampla, onde se desenvolveram processos culturais muito diversificados, optou-se por valorizar a *área mais ocidental* - Galiza e Beira Alta - na convicção de que a região em que escavámos 4 povoados (Telões-Chaves), como *grande parte do Norte de Portugal* (Minho, Douro Litoral e Trás-os-Montes Ocidental), se insere numa área cultural que exprime uma certa afinidade "atlântica" (no sentido puramente geográfico do termo).

(252) O fenómeno megalítico galego tem sido objecto de alguns trabalhos parcelares, mas nunca lhe foi dedicada uma verdadeira síntese. As ideias gerais que vamos referir não pretendem ser mais do que simples apontamentos ou reflexões, em ordem ao registo deste fenómeno, como realidade parcialmente contemporânea da que estamos a tratar neste trabalho.

(253) Rodríguez Casal, A. (1979), O Megalitismo na Galiza..., Lam. 1; Vários (1979), *Prehistoria e Arqueologia de Galicia*..., pp. 23-31; Rodríguez Casal, A. (1983/84), O Megalitismo Galego: a problemática suscitada...

(254) Patiño Gómez, R. (1984), Excavación de la mámoa nº 1 de As Rozas...

(255) idem (1984), Excavacion de la mámoa de Chan da Cruz...

(256) Recente datação da C 14 (inédita) para a mamoa de Chan de Cruz, em torno de 3200 a.C., vem confirmar a cronologia geral deste tipo de monumentos, quer na Galiza quer no Norte de Portugal. (Agradecemos a informação sobre a data de C 14 a R. Fabregas Valcarce).

(257) Jorge, S. O. (1985), Datas de Carbono 14 para a Pré-História Recente...

(258) *V.* nota 31.

(259) *V.* nota 253: Rodríguez Casal, A. (1983/84); Fabregas Valcarce, R. (1984), La industria de piedra pulida...

(260) *V.* nota 259: Fabregas Valcarce, R. (1984), p. 159.

(261) Vázquez Varela, J. M. (1979), El horizonte de Rechaba...

(262) Fabregas Valcarce, R. (1984), La industria de piedra pulimentada...

(263) Hodder, I. (1982), *Symbols in Action*...

(264) Criado Boado, F. e Vázquez Varela, J. M. (1982), *La Cerámica Campaniforme en Galicia*, p. 25.

(265) *V.* nota 264.

(266) García-Lastra Merino, M. (1984), Primeros resultados de la campaña de excavaciones...

(267) Peña Santos, A. de la (1984), Sondeo estratigráfico en el yacimiento de "O Regueiriño"...

(268) Agradecemos a informação a M. García-Lastra Merino.

(269) Museu Arqueológico de Orense.

(270) *V.* nota 264, p. 32.

(271) *V.* nota 125.

(272) *V.* nota 125, pp. 65-66.

(273) *V.* nota 125, pp. 99-100.

(274) *V.* nota 125, pp. 118-119.

(275) López Cuevillas, F. (1980), *Historia de Galiza*..., p. 126.

(276) *V.* nota 125, pp. 53-54.

(277) *V.* nota 125, pp. 63-64.

(278) *V.* nota 125, p. 65.

(279) *V.* nota 125, pp. 108-109.

(280) Patiño Gómez, R. (1985), Campañas arqueológicas...

(281) *V.* nota 125, pp. 130 e 57-59.

(282) *V.* nota 125, p. 58.

(283) *V.* nota 125, p. 64.

(284) *V.* nota 125, p. 229.

(285) *V.* nota 125, pp. 55-56.

(286) Bouza Brey, F. (1942), El tesouro prehistórico de Caldas de Reys...; Ruiz-Galvez Priego, M. L. (1979), El Bronce Antiguo...

(287) *V.* nota 125, p. 115.

(288) *V.* nota 125, pp. 60-61.

(289) *V.* nota 125, pp. 57-59.

(290) O tesouro de Caldas de Reys poderá mesmo conter peças integráveis numa fase mais recente, entre 1600 e 1500 a.C. (*V.* nota 286).

(291) *V.* nota 125, pp. 96-97.

(292) *V.* nota 264, p. 32.

(293) *V.* nota 125, pp. 85-86.

(294) *V.* nota 5.

(295) *V.* nota 125, pp. 96 e 428, fig. 21.

(296) *V.* nota 125, p. 87.

(297) *V.* nota 125, p. 65.

(298) Rodriguez Colmenero, A. (1976), Excavaciones arqueologicas en el poblado... Não referimos o muitas vezes citado vaso liso de Buriz (Lugo) (Gonzalez Reboredo, J. M., 1971, Vaso tumular de Buriz...), porque consideramos que a forma acampanulada não se integra nesta "família" cerâmica.

(299) Relevamos a *Beira Alta*, pela proximidade geográfica e cultural que existe entre esta região e o Norte de Portugal durante o período de tempo considerado neste trabalho.

(300) Trabalhos ainda preliminares conduzidos por investigadores dos Institutos de Arqueologia das Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Lisboa.

(301) Moita, I. (1966), Características predominantes do grupo dólmênico...; Leisner, V. e Ribeiro, R. (1965), A escavação do dólmen - Orca dos Castenairos...; idem (1968), Die dolmen von Carapito...; Nunes, C. (1974), *Introdução ao Estudo da Cultura Megalítica*...; Kalb, P. e Höck, M. (1979), Escavações na necrópole de mamoas...

(302) Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal*...

(303) Jorge, S. O. (1985), Datas de carbono 14 para a Pré-História Recente...

(304) *V.* nota 303.

(305) Moita, I. (1966), Características predominantes..., pp. 198-201; *V.* nota 55; Senna-Martinez, J. C. (1982), Materiais campaniformes do Concelho de Oliveira do Hospital...

(306) *V.* nota 55, figs. 8 e 10.

(307) Kalb, P. e Höck, M. (1979), Escavações na necrópole...

(308) *V.* nota 302, vol. I, p. 375.

(309) *V.* nota 305, Est. XIII e XIV.

(310) Vilaça, R. (1984), O vaso tronco-cônico da Sobreda..., figs. 6 e 7.

(311) *V.* nota 305, Est. XII.

(312) *V.* nota 305, Est. XVI, b.

(313) *V.* nota 305, Est. XII.

(314) *V.* nota 305, Est. XV, b.

(315) *V.* nota 305, pp. 78-79, figs. 23. 24.e 25; Senna-Martinez, J. C. (1982), Materiais campaniformes...

(316) Paço, A. e Ferreira, O. V. (1956), Espada de bronze de Pinhal dos Melos...; *V.* nota 125, p. 212.

(317) *V.* nota 125, p. 229.

(318) *V.* nota 203.

(319) *V.* nota 203, p. 52, tafel 14, nº 264.

(320) *V.* nota 203, p. 52, tafel 14, nº 265.

(321) *V.* nota 203, p. 73.

(322) *V.* nota 203, pp. 33-34, tafel 4, nº 92.

(323) *V.* nota 203, p. 36.

(324) Novamente esta designação não engloba toda a diversidade morfológica deste grupo cerâmico, mas apenas indica os tipos predominantes.

(325) *V.* notas 55, 305 e 310; Leisner, V. e Ribeiro, R. (1968), Die dolmen von Carapito...

(326) Bettencourt, A. M. (1982), A propósito de um vaso tronco-cônico...

(327) *V.* nota 55, figs. 18 a 25.

(328) *V.* nota 303.

(329) *V.* nota 303.

(330) Senna-Martinez, J. C. (1982), Materiais campaniformes..., p. 29.

(331) *V.* nota 55, fig. 8.

(332) Schubart, H. (1975), *Die Kultur der Bronzezeit*...

(333) *V.* nota 55.

D — A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO NO NORTE DE PORTUGAL DURANTE O IIIº MILÉNIO a.C., INÍCIOS DO IIº MILÉNIO a.C. — HIPÓTESES DE MODELOS EXPLICATIVOS

Cremos que a grande meta para que apontará a investigação futura da Pré-História Recente do Norte de Portugal será a de, na linha do que foi defendido, por exemplo, por C. Renfrew (1), atingir os *processos sociais* que configuraram a múltipla e complexa realidade cultural que pretendemos apreender exclusivamente com base em testemunhos arqueológicos. Esta perspectiva "processual" que, em parte, também se espelha na lógica das "analogias relacionadoras" de I. Hodder (2), orienta-se (para além da caracterização das particularidades de cada região, sociedade ou fenómeno cultural) no sentido do estudo das *regularidades* que as enformam e na sua comparação com as de outras realidades similares.

Contudo, é óbvio que, para *comparar processos*, ou para caracterizar *um processo cultural*, será necessário dissecar, no quadro regional e local, o que cada sociedade tem de específico e único. É pela interacção da análise do particular e do geral - do que se situa ao nível do excepcional e do repetitivo e estrutural - que deveremos construir o que também Renfrew designou uma "arqueologia social".

Não ignoramos que esta meta raramente tem sido atingida, mesmo quando ela faz parte dos objectivos da investigação realizada em meios científicos teórica e metodologicamente bem apetrechados, que dispõem de infra-estruturas técnicas e financeiras impensáveis à nossa escala.

O carácter necessariamente embrionário da nossa investigação e, duma maneira geral, de toda a pesquisa pré-histórica nesta região, não nos permite mesmo aceder ainda ao quadro particular dos fenómenos regionais que se desenvolveram durante esta fase da Pré-História Recente. Daqui decorre que estamos ainda longe de poder conhecer *os processos* que motivaram as diversas formas de exploração do território, as estratégias de povoamento e interacção social, a selecção de tipos de arquitecturas funerárias e rituais, etc., de estabelecer comparações estruturais entre a nossa área de estudo e outras regiões peninsulares ou europeias.

As reflexões que se vão seguir têm, portanto, um carácter extremamente provisório e a sua maior utilidade será, talvez, a de colocarem, pela primeira vez, *questões sobre a dinâmica cultural duma região, com base na visão simultânea de todas as manifestações arqueológicas* que nela se puderam observar.

1. O SUBSTRACTO LOCAL DO IVº MILÉNIO a.C.

Os primeiros povoados sedentários conhecidos no Norte de Portugal poderão datar, segundo a nossa hipótese de cronologia relativa, da 1ª metade do IIIº milénio a.C.. Em um povoado escavado - Vinha da Soutilha - sugerimos que a primeira ocupação se podia situar mesmo nos inícios daquele milénio. Cabe-nos assim, em primeiro lugar, perguntar qual o *substrato local* do IV milénio a.C. que, tendo ou não dado origem directa a tal contexto cultural, está na base duma *anterior ocupação do território*.

— Os únicos dados disponíveis - estruturas ou materiais arqueológicos e datas

de carbono 14 - apontam para a existência de um fenómeno sepulcral megalítico, durante esta fase, na área de transição entre o Douro Litoral e Trás-os-Montes Ocidental (3). Apesar do fenómeno megalítico ter, em termos globais, uma ampla distribuição no Norte de Portugal (particularmente no Minho, Douro-Litoral e Trás-os-Montes Ocidental) (4), não possuimos quaisquer elementos que nos ajudem a posicionar ou a medir, a nível regional, a densidade dos monumentos desta época mais antiga. Sabemos apenas que no "plateau" superior da Serra da Aboboreira (Baião), onde tem sido realizado um notável trabalho de estudo espacial duma necrópole megalítica (5), os *sepulcros mais antigos são pequenos dólmens simples com "tumulus", que datam da 2ª metade do IVº milénio a.C.* (entre cerca de 3300 e 3200 a.C.) (6). O material destes monumentos é raro e pouco diversificado: micrólitos, machados polidos, cerâmica lisa, contas de colar, são alguns dos objectos mais comuns. *Não são ainda conhecidos os povoados correspondentes.* No entanto, alguns "paleossolos", ou solos enterrados sob os monumentos, revelaram estruturas de combustão e fragmentos de vasos cerâmicos associados, o que, conjuntamente com a presença de moinhos manuais entre os materiais de construção, nos conduz a pensar que os "habitats" dos construtores dos megálitos pudessem localizar-se na proximidade dos monumentos (7). O carácter possivelmente frágil destes "habitats" neolíticos articular-se-ia com a prática duma "horticultura" itinerante (associada ao pastoreio, caça e recolecção), realizada de preferência em solos pouco espessos. Apesar das prováveis deslocações periódicas dessas populações num determinado território de exploração (que poderia integrar ecologias muito diversas), o monumento megalítico deveria assumir-se como um pólo fixo da organização territorial e social (8).

Por volta de 3000 a.C., e ainda na Serra da Aboboreira, verificamos a coexistência de arquitecturas tumulares diversas (9), como dólmens simples sob "tumulus", uma grande fossa sob "tumulus" e, hipoteticamente, um dólmen de corredor sob "tumulus" (10).

Embora não devamos generalizar ao Norte de Portugal a origem e sequência evolutiva destes monumentos da Serra da Aboboreira, será de colocar a hipótese, até pela correlação com outros dados de C 14 obtidos em sepulcros da Galiza (11), de que durante a 2ª metade do IV milénio a.C. terá tido lugar a primeira ocupação neolítica sistemática dos "plateaux" do Norte de Portugal. E que essa primeira ocupação está intimamente ligada ao fenómeno megalítico.

— Devemos, no entanto, levantar uma questão que se nos afigura importante: independentemente do contexto megalítico que acabamos de referir, ter-se-á acaso desenvolvido paralelamente um outro contexto ainda não detectado (de carácter preferencialmente habitacional, com cerâmicas decoradas de inspiração estilística meridional), o qual estará na origem, em parte, dos povoados calcolíticos do IIIº milénio a.C. que analisámos ao longo deste trabalho? Esta pergunta tem sentido, na medida em que não só a tipologia de muitos recipientes cerâmicos calcolíticos exprime uma nítida tradição neolítica meridional, como também, na Meseta Norte, numa vasta região contígua ao Norte de Portugal, está comprovada a presença dum contexto habitacional neolítico do IVº milénio a.C., que reflecte, segundo diversos autores (12), a inequívoca *expansão para norte de populações integráveis no âmbito da chamada "cultura das grutas andaluzas"*. Delibes chega mesmo a afirmar tratar-se, na Meseta, de "autêntica colonização humana" (13). Entre as es

tações deste âmbito sobressai a Cueva de La Vaquera (Segóvia) (14), onde, num nível inferior datado de cerca de 3900 a.C., foram descobertos vasos cerâmicos almagrados, de forma globular e colo alto, decorados com caneluras, pequenas incisões, puncionamentos simples ou puncionamentos arrastados ("Boquique"). Mais para ocidente interessa referir também, a título de exemplo, a Cueva del Aire de Patones (Madrid) ou o povoado de La Peña del Bardal de Diego Álvaro (Ávila), entre muitas outras estações. É provável que estes povoados - em gruta ou de ar livre, situados preferencialmente em zonas montanhosas - possam ter constituído o substrato local do Calcolítico do SO da Meseta Norte, explicando desta forma a afinidade deste fenómeno cultural com o Neolítico Final andaluz (15).

Segundo Fernández-Posse (16), a qual se inspira, certamente, nas cronologias recentes sugeridas por Navarrete Enciso (17) para o Neolítico de muitas estações andaluzas, esta fácies neolítica da Meseta Norte teria penetrado mais amplamente já nos finais do IVº, inícios do IIIº milénio a.C.. Dado que a sua expansão no norte da Península é vasta, atingindo Álava, Logroño, Burgos e Asturias, será lícito interrogarmo-nos se ela não terá atingido também Zamora e Salamanca e o Norte de Portugal, por essa mesma altura. Contudo, a não descobrirmos futuramente um fundo neolítico tardio de filiação mediterrânica, anterior à 1ª metade do IIIº milénio a.C., nesta última região, seremos forçados a admitir que não só o fenómeno megalítico terá constituído o único substrato neolítico local do IVº milénio a.C., como também a influência cultural da Meseta só terá surgido aqui numa fase relativamente tardia, na transição do Neolítico Final para o Calcolítico inicial.

2. A DIVERSIDADE CULTURAL DO IIIº MILÉNIO a.C.

— Como já anteriormente acentuámos, ainda não possuimos dados seguros que nos possibilitem caracterizar, em termos de evolução de arquitecturas, espólios e ocupação do espaço, *o fenómeno megalítico* do Norte de Portugal, durante este período. Algumas datas de C 14 isoladas, para monumentos da Serra da Aboboreira (um "cairn" sem estrutura interna e um dólmen simples sob "tumulus") (18), e a hipotética reutilização de alguns dólmens de corredor, a exemplo do que ocorre na Beira Alta e na Meseta Norte (19), poderão ajudar a considerar este fenómeno em termos duma *longa sobrevivência* ao longo de cerca de 1500 anos (20). Durante este período, que conhecemos muito mal, devem ter surgido *inúmeras variantes arquitectónicas* e, apesar duma certa homogeneidade global, espólios tipologicamente diversos, quiçá resultantes não só da própria evolução social, como da intersecção de diversas realidades culturais que deixaram impressa a sua marca, por vezes indelével. Não sabendo atribuir a fases determinadas os diversos espólios "megalíticos", podemos, no entanto, afirmar que, na generalidade, eles devem ser ainda muito semelhantes aos do IIIº milénio a.C.: continuam, ao que parece, a predominar as *cerâmicas lisas*, podendo surgir no final desta fase, um tipo cerâmico muito característico do Noroeste - *o vaso tronco-cónico ou sub-cilíndrico, com ou sem asa lateral, por vezes, decorado com mamilos sob o bordo*. Existem também alguns indícios de que a *cerâmica decorada* (com incisões, impressões e puncionamentos) possa ocorrer nestes monumentos, embora, em termos percentuais ela seja raríssima e, até à data, não seja perceptível a sua sistemática penetração neste tipo de túmulos. Provavelmente, na 2ª metade do IIIº milénio

a.C., começam a surgir pontas de seta (predominantemente de base triangular) e, nos finais do milénio, terá aparecido a cerâmica campaniforme de estilo marítimo.

É interessante notar, por um lado, o carácter relativamente homogéneo e pobre dos espólios megalíticos desta região (em comparação com os de outras áreas peninsulares). São raros os objectos votivos conhecidos (21) e, à excepção do sílex e da obsidiana (22), não foram atestadas outras matérias-primas raras que sugiram um intenso intercâmbio a distância. A variscite ou o azeviche poderiam, como se sabe, provir de regiões levativamente próximas.

Por outro lado, também *não se conhecem os povoados correspondentes*. Se é certo que o tipo tradicional de economia e de estratégia de exploração do território pode ter continuado a influenciar durante muito tempo a localização e o carácter frágil dos "habitats", a presença de alguns monumentos formalmente evolucionados (dólmens com corredor) em zonas de vale ou junto ao litoral, sobretudo na fachada atlântica, (23) sugere algumas reflexões que passamos a enunciar:

- cabe, em primeiro lugar, perguntar se esta ocorrência se poderá articular, em determinadas regiões, com a utilização de zonas mais baixas, onde se torna necessário a prática de uma *agricultura mais evoluída* e de correspondentes *povoados sedentários* que assegurem a fixação de populações próximo das terras que trabalham.. Esta hipótese parte do pressuposto - que não está de forma alguma provado - que estes monumentos poderão ser, nas zonas onde ocorrem, duma fase evolucionada correspondente a um padrão de exploração do território vocacionado para uma produção mais intensiva. Contudo, muitas outras hipóteses explicativas se podem articular com a localização topográfica destes sepulcros, sem que seja necessário recorrer a explicações lineares "evolucionistas", as quais podem escamotear uma muito possível variabilidade de comportamentos dificilmente apreendida no registo arqueológico. Segundo esta primeira hipótese, os povoados mais permanentes poderiam situar-se nas proximidades destes túmulos, na tradição da relação do espaço sepulcral / habitacional do IVº milénio a.C. (detectado na Aboboreira), agora transferido para outras altitudes e ecologias;

- contudo, não sendo obrigatório que esta proximidade se verificasse, os túmulos existentes em áreas litorais ou de vale poderiam marcar apenas a "propriedade" duma área num território de exploração mais vasto. Os correspondentes povoados poderiam situar-se numa outra parcela desse mesmo território e distar alguns quilómetros do monumento sepulcral. Estaríamos, assim, perante uma hipotética *dissociação entre espaço sepulcral e espaço habitacional*;

- aliás, a dissociação entre espaço sepulcral e espaço habitacional (que poderia ser apenas sazonal) parece começar a manifestar-se, na Serra da Aboboreira, pelo menos, desde os finais do IIIº milénio a.C., quando existem indícios de que, embora os povoados tendam a desenvolver-se para a sua periferia, para zonas de altitude mais baixa, alguns túmulos da mesma época e do mesmo âmbito cultural permanecem nos "plateaux" superiores da serra (24). Não sabemos se esta dissociação (que na Serra da Aboboreira, se dá possivelmente, a partir duma fase final do IIIº milénio a.C.) se terá verificado mais cedo noutras regiões, ou, mesmo, se terá chegado alguma vez a implantar-se fora da

única região que começamos a tentar conhecer. Neste último caso, seria o povoado e não o sepulcro a deslocar-se para zonas de vale, o que poderia ser explicado em função de diversos modelos de organização social e exploração do território;

- todas estas hipóteses sobre as diferentes localizações de sepulcros e povoados "megalíticos" reflectem a aceitação implícita de que as populações "megalíticas", mesmo quando associadas a uma agricultura itinerante, ao pastoreio, à caça, pesca e recolecção, *deambulavam necessariamente, adentro dum território diversificado* que integrava zonas com diferentes potencialidades e recursos. Se os povoados destas populações deveriam estar sujeitos a uma constante *mobilidade*, o que lhes impunha *características de precaridade material*, eles poderiam ser edificados, segundo as necessidades, em ambientes de planalto ou de vale, ocupando, assim, rotativamente (ainda que de forma esporádica) paisagens muito diversificadas e contribuíndo, desta maneira, para a *progressiva "colonização" de muitas zonas do Norte de Portugal*.

Aliás, a própria carta da repartição dos monumentos megalíticos desta região (25) é expressiva quanto à expansão revelada por este fenómeno não só nas áreas planálticas de grande altitude (onde predomina), como em pequenos vales situados em chãs planálticas, em vales (a baixa altitude) de rios importantes ou mesmo na planície litoral.

Esta ocupação do espaço que, pelo menos, terá continuado ao longo do IIIº milénio a.C., deve ser encarada com uma realidade de fundo, primordial para a compreensão da especificidade do fenómeno habitacional que aqui pretendemos focar, na medida em que ela, de algum modo, terá condicionado (segundo um dos modelos possíveis) as próprias características individualizadoras do contexto doméstico com cerâmicas decoradas.

Desde já é possível distinguir, em grandes traços, o fenómeno megalítico do Norte de Portugal (que se integra no megalitismo do *Noroeste*) das manifestações megalíticas do SO da Meseta Norte, nomeadamente da região de Zamora-Salamanca. Aqui, o fenómeno megalítico também remonta à 2ª metade do IVº milénio a.C. (c. 3300 a.C.), intensificando-se na 1ª metade do IIIº milénio a.C. e prolongando-se até aos inícios do IIº milénio a.C. (dólmens de El Guijo, Ciella, Arnillas, Galisancho, etc.) (26). Mas a arquitectura dos monumentos (onde predominam dólmens de corredor sob "tumulus") e o seu espólio rico, com estreitas afinidades com o do megalitismo ocidental das Beiras e do Alentejo (de realçar a presença, embora rara, de placas de xisto decoradas), determina que se observe este fenómeno, desde o início, como uma *realidade amadurecida, tributária de influências exteriores*, provenientes do SO, a qual vai, pela primeira vez, segundo Delibes (27), *ocupar de forma mais sistemática o solo da Meseta Norte*. Distribui-se assim, não só nas zonas montanhosas, mas também na bacia sedimentar do Douro. Embora predominem nestes monumentos as cerâmicas lisas, também ocorrem, com relativa abundância, cerâmicas decoradas do âmbito dos povoados calcolíticos do IIIº milénio a.C. desta região. Este facto permite sustentar a teoria de que, pelo menos, durante uma fase "calcolítica", existe uma conexão estreita entre o fenómeno sepulcral megalítico e o fenómeno habitacional com cerâmicas decoradas aparentadas às do Norte de Portugal. Isto pressupõe, naturalmente, *a correspondência entre a utilização calcolítica dos sepulcros desta região e a existência de povoados sedentários, com estruturas habitacionais bem implantadas na paisagem, associados a uma prática agrícola intensiva e a uma complexa exploração do território*. Realidade que,

como sublinharemos, se distancia profundamente da observada, até à data, no Norte de Portugal.

— É provável que, a par do fenómeno sepulcral megalítico, se tenham desenvolvido no Norte de Portugal paralelamente, outras fórmulas funerárias, mais simples, que contemplavam *tumulações colectivas em abrigos sob rocha ou concavidades entre rochedos*. Um possível exemplo deste tipo de enterramentos é-nos dado pela existência de uma sepultura entre rochedos nas *Coriscadas* (Soalhães, Marco de Canaveses) (28), na qual se detectaram vários esqueletos humanos, lâminas de sílex, pontas de seta de sílex, pequenos machados polidos e fragmentos de cerâmica grosseira lisa. No entanto, a tipologia dos objectos aproxima mais esta sepultura do âmbito cultural "megalítico" do que dos povoados com cerâmicas decoradas.

Embora não possamos formular, de momento, nenhuma hipótese de cronologia ou filiação cultural a partir de um dado isolado, será interessante ter presente que, na província de Zamora, povoados com cerâmicas lisas, como os de Villardondiego, Almeida de Sayago ou La Perrona de Gema (29) são atribuidos a populações da 1ª metade do IIIº milénio a.C., de tradição megalítica. Não sendo conhecidos os sepulcros correspondentes, o que será importante valorizar é a possibilidade da existência naquela região de um foco cultural materializado em *"habitats" com cerâmicas lisas, que poderá ser parcialmente contemporâneo de um outro com cerâmicas decoradas (de tradição neolítica)*. Parece-nos que um contexto cultural semelhante, a verificar-se no Norte de Portugal, poderia reflectir-se, eventualmente, em túmulos não exclusivamente megalíticos, de que seria exemplo a sepultura das Coriscadas. Uma simples hipótese a confirmar no futuro.

— O que todo o nosso trabalho realizado até ao momento pretendeu demonstrar foi a presença e a vitalidade, no Norte de Portugal, durante o IIIº milénio a.C., de um *contexto cultural materializado predominantemente em povoados sedentários, cuja cultura material, e em particular a cerâmica, apresentava características comuns*. Contudo, tal como não é possível entender o megalitismo como um fenómeno cultural unitário, também não desejamos conferir a este contexto cultural o estatuto de "cultura" ou fácies cultural, no sentido de uma realidade homogénea, submetida, em bloco, às mesmas "leis" de intervenção no território. Se no "megalitismo" existe de comum, em termos arqueológicos, o mesmo tipo de arquitectura funerária e, até certo ponto, o mesmo tipo de ritual funerário, no contexto habitacional que tratámos existe de comum a existência dum *povoado permanente* com estruturas habitacionais que conseguiram sobreviver até à actualidade. E, no interior desses "habitats", o elemento arqueológico que, de certa forma, os aglutina (apesar de tudo, eles apresentam características topográficas, dimensões e estruturas muito diferentes entre si) é a *cerâmica doméstica*. Assim, *o monumento megalítico e a cerâmica doméstica constituem os elementos individualizadores de duas realidades arqueológicas que, certamente, coexistem, mas que raramente se intersectam ou associam*.

Poderíamos ser tentados a fazer uma outra dicotomia, esta já de carácter mais estrutural: a do sepulcro/povoado e a da cerâmica lisa/cerâmica decorada. Nesta oposição estaríamos a valorizar não só diferentes estratégias de povoamento e de ritual funerário, mas também o valor simbólico de diferentes "items", quer os eminentemente "ter

ritoriais" (povoado, sepulcro), quer os conectados com *funções* da esfera do sepulcral e do habitacional (a cerâmica). Esta segunda dicotomia implicaria o reconhecimento duma *autêntica dualidade cultural* (megalitismo *versus* povoados com cerâmicas decoradas). Hipótese mais controversa, cuja abordagem procuraremos fazer posteriormente.

Para já, basta-nos admitir como muito provável a pluralidade de soluções culturais adoptadas por um fenómeno que, tendo como denominador comum *uma forma de povoamento estável e uma utensilagem doméstica rica e variada* (e simbolicamente muito distintiva) deve ser entendido na sua *diacronia, multiplicidade e variabilidade regional*.

Aliás, este contexto é, paradoxalmente, ainda mais difícil de avaliar do que o fenómeno megalítico. Na verdade, sendo aqui a unidade espacial básica o *povoado* (o qual, ao contrário do monumento sepulcral, é mais difícil de detectar na paisagem), não se conhecendo, na grande maioria dos casos, a sua verdadeira dimensão, nem sendo possível apreender, numa primeira análise, a lógica da sua implantação (que implicaria sempre a realização de escavações arqueológicas), o nosso conhecimento fica quase sempre reduzido (quando possível) a uma localização genérica e à análise dos materiais encontrados à superfície. A desigualdade da informação é, assim, bem notória, na medida em que todas as nossas formulações se constroem com base, não na distribuição espacial de *povoados* (como de *monumentos megalíticos*), mas na distribuição espacial de *objectos*, sujeitas assim às limitações impostas por este tipo de dados.

Admitimos assim a hipótese de que, provavelmente, *desde os inícios do IIIº milénio a.C.*, o Norte de Portugal tenha sido atravessado por um "movimento" de progressiva *ocupação sedentária do espaço*, reflectida no aparecimento de *povoados de vários tipos* (alguns com boas condições naturais de defesa), em diferentes situações topográficas, conectados com o acesso potencial a vales férteis e possíveis vias de penetração. Pelas razões já anteriormente invocadas, afigura-se-nos que, numa fase inicial, e ao longo do IIIº milénio a.C., particularmente na região transmontana, este "movimento" possa ter sofrido uma *marcada influência cultural do SO da Meseta Norte*, a partir de um fenómeno paralelo que, durante o IIIº milénio a.C., se foi paulatinamente afirmando, quer no rebordo montanhoso do Sistema Central, quer nas terras baixas da bacia sedimentar do Douro.

Esta primeira vaga (se aceitarmos a ausência de um substrato neolítico de cerâmicas decoradas no Norte de Portugal), traz a marca da sua longínqua filiação cultural ao nível da estilística cerâmica, na medida em que incorpora formas, técnicas e organizações decorativas facilmente integráveis na ambiência da chamada *"cultura das grutas"*.

Fiadas de linhas puncionadas, triângulos incisos preenchidos com puncionamentos, "grinaldas" obtidas por puncionamento arrastado ("Boquique" de tradição neolítica), faixas simples "penteadas" sob o bordo, são alguns dos temas criados nas paredes de vasos esféricos, em calote, ou ovóides, alguns deles de excelente confecção técnica.

Cremos, pelos materiais observados directamente, que este fenómeno, vinculável em termos da estilística cerâmica ao Neolítico Final/Calcolítico do SO da Meseta Norte, ter-se-á expandido até à fachada atlântica, ao longo do IIIº milénio a.C., e provavel

mente desenvolvido aí, em diferentes regiões, consoante a sua dinâmica própria, formas específicas de inserção territorial. Na área transmontana, em particular, poderá ter-se mantido relativamente inalterado (ao nível de formas e temáticas decorativas) até aos inícios do IIº milénio a.C..

Mas, numa tão vasta região, e ao longo de um período de tempo tão longo, este "movimento", que se caracteriza em termos globais por um incremento do povoamento sedentário e de práticas agrícolas mais sistemáticas (ainda que certamente complementadas pelo pastoreio, pela caça e pela recolecção), ter-se-á adaptado às condições impostas pelos diversos territórios onde se afirmou e terá criado, regionalmente, condições próprias de relação com o meio e de interacção social. Nas duas únicas áreas onde foi iniciado um projecto de estudo sistemático destes povoados - vale do Douro, concelho de Mogadouro e bacia do Tâmega, concelho de Chaves - constatam-se apreciáveis diferenças que, por ora, se espelham, sobretudo, ao nível dos materiais domésticos. No vale do Douro, junto à fronteira, em povoados provavelmente calcolíticos (30), *predominam os vasos lisos* e está ausente a decoração "penteada". De resto, a *temática decorativa é relativamente pobre*, muito semelhante à de alguns povoados genericamente coevos de Salamanca e Zamora. Também os artefactos líticos, cerâmicos e metálicos apresentam afinidades com os daquela zona. O conjunto é homogéneo e pouco diversificado. No vale do Tâmega, mesmo na fase mais antiga (Neolítico Final?) do povoado da Vinha da Soutilha (Mairos), *predominam os vasos decorados*, aliás de muito boa feitura e acabamento, com *uma profusa gama de técnicas e temáticas decorativas*, que se aproximam vincadamente das de alguns exemplares do Neolítico meridional. Mesmo durante as fases subsequentes da ocupação deste povoado, as temáticas de origem provavelmente neolítica vão subsistir, associadas a outras que presidem ao aparecimento do cobre arsenical e se conectam com uma expansão e complexificação do próprio "habitat". A utensilagem lítica apresenta particularidades que se vão desenvolver posteriormente, nesta região, sob a influência de um outro "movimento" que terá o seu início provável por meados do IIIº milénio a.C.. Assim, o núcleo de Chaves aparece como indiscutivelmente diferente do existente no vale do Douro, no concelho de Mogadouro. Numa região charneira entre Trás-os-Montes e a fachada atlântica, o povoado da *Vinha da Soutilha parece reflectir a confluência de diversas tradições estilísticas*.

- É provável que, por meados do IIIº milénio a.C., a "fachada" atlântica do Norte de Portugal e algumas zonas do ocidente de Trás-os-Montes, tenham evolucionado para um povoamento ainda mais marcadamente sedentário, conectado estilisticamente com um outro foco cultural - o da Estremadura portuguesa - e, duma maneira geral, com os do Sudoeste e Sudeste peninsulares. É óbvio que a hipótese de um povoamento progressivamente mais fixo, em relação com uma possível agricultura de vale, decorre exclusivamente das observações realizadas na bacia do Alto Tâmega. As extrapolações para as regiões do Minho e Douro Litoral são de ordem puramente tipológica, com base no estudo comparado dos materiais das várias regiões, e são aqui referidas a título meramente provisório. Com efeito, este segundo mundo estilístico - que abrange não apenas a cerâmica, mas grande número dos restantes artefactos domésticos - apresenta inúmeros paralelos com contextos habitacionais calcolíticos da parte meridional da Península, em particular da Estremadura. Predominam as cerâmicas incisas, sendo algumas "caneladas". Surgem os clássicos motivos

dos triângulos, dos losangos, das linhas quebradas verticais (aparentadas à chamada "folha de acácia") dos reticulados, etc.. Algumas organizações são mesmo muito semelhantes às da Estremadura, embora se verifique, no Norte de Portugal, um *profundo regionalismo, pela sobrevalorização da organização metopada*. Continuam, no entanto, a perdurar as formas esféricas, as formas em calote e as ovóides que, na Vinha da Soutilha, ocorrem desde a primeira ocupação. Quanto aos restantes artefactos, surgem com grande variedade tipológica, demonstrada nas pontas de seta de base côncava e recta ou pedunculada, nas lâminas retocadas, nas raspadeiras, nos machados e enxós polidos, nas contas de colar, nos possíveis pesos de tear (em pedra ou cerâmica) e em alguns instrumentos ou armas em cobre arsenical (punção, cinzel, punhal, faca curva). Ocorrem com diferentes graus de frequência matérias-primas como o sílex, a corneana, a variscite e o cobre arsenical. Nos povoados da Vinha da Soutilha e da Pastoria detectámos alguns vestígios do que se pode eventualmente interpretar como fragmentos de "algaravizes", o que, a confirmar-se, sugere a prática local de uma metalurgia incipiente (31).

Gostaríamos de afirmar, em primeiro lugar, que, tal como já acontecera a propósito das cerâmicas estilisticamente conectadas com a Meseta, não interpretamos este contexto (cujos materiais apresentam algumas afinidades tipológicas com a Estremadura) como decorrendo dum processo linear de difusão ou mesmo de aculturação entre duas áreas culturalmente distintas.

De facto, estamos aqui perante uma problemática que se pode sintetizar numa interrogação: entre áreas com uma tradição cultural diversa (embora haja alguns pontos em comum), geograficamente afastadas (descontinuidade cultural marcada pela região das Beiras) (32), como interpretar a ocorrência dos mesmos tipos de artefactos e da mesma estilística decorativa da cerâmica doméstica? Esta questão é premente ao nível peninsular, pois tal descontinuidade geográfica verifica-se entre outras áreas culturais, conectadas não só pela semelhança formal dos artefactos, mas por padrões de povoamento e de ritual funerário.

Na região de Chaves, observa-se duas situações distintas. A primeira, no povoado da Vinha da Soutilha, revela *uma continuidade de ocupação desde, provavelmente, o Neolítico Final*. Quando as novas decorações e os novos tipos de utensílios fazem a sua aparição, já em pleno Calcolítico, são associados, sem rupturas, ao "equipamento" tradicional do povoado. Contudo, passam a dominar a utensilagem doméstica, subalternizando a tradição anterior. No caso daquela estação, estamos perante um povoado neolítico que sofreu uma transformação significativa. A segunda situação, observada em S. Lourenço e na Pastoria, refere-se a uma ocupação que, desde o início, integra os novos elementos observados na Vinha da Soutilha, os quais predominam aqui sobre os que são vinculáveis à tradição neolítica. Parece tratar-se duma primeira ocupação, eventualmente associada a um processo de *expansão territorial*. Em qualquer dos casos parece existir (na região de Chaves) conexão entre o aparecimento da nova utensilagem, o desenvolvimento da agricultura e duma nova estratégia de povoamento, correlativa duma intensificação dos laços inter-comunais. A sedentarização encontra-se materializada não só nos vestígios das estruturas habitacionais, mas também no equipamento doméstico (incremento do número de vasos de provisões), como na presença da própria fauna doméstica de um dos povoados.

Naturalmente, este hipotético modelo só tem acuidade quando aplicado à bacia de Chaves. Na fachada atlântica não sabemos qual o padrão de ocupação do espaço que está relacionado com a existência, em diversas estações, dos materiais similares aos da região do Tâmega.

- Uma das questões para a qual devemos chamar a atenção é, sem dúvida, a presença do *cobre arsenical*. Ele está presente, sob a forma de utensílios ou simples resíduos de artefactos, desde, possivelmente, a 1ª metade do IIIº milénio a.C. (na Vinha da Soutilha) até aos finais do IIIº milénio a.C. (na Pastoria). Conhecemos também outros contextos com cerâmicas do âmbito estilístico meridional que integram objectos em cobre arsenical. Por outro lado, também numa estação do vale do Douro, associável à ambiência da tradição neolítica da Meseta, foi descoberto um punção de cobre. Finalmente, conhecem-se machados planos provenientes de todo o Norte de Portugal que, com certeza, devem ter sido fabricados ao longo deste milénio a.C., ainda que não os possamos associar directamente ao nosso contexto habitacional. Questão fulcral é saber, pois, donde vem este metal e quais as formas possíveis de intercâmbio que sustentaram a sua circulação entre os povoados calcolíticos do Norte de Portugal.

A "Carta Mineira de Portugal" (33) e o "Mapa Metalogenético de Espanha" (34) são parcos na informação que nos dão quanto à existência de cobre no Noroeste e Meseta Norte Ocidental. No Norte de Portugal apenas se encontram assinaladas restritas minas de cobre a oriente da *Régua* e de *Bragança*, embora vários autores, como Blance (35), Chapman (36) ou Coffyn (37) situem, em diversos locais do *Douro Litoral*, *Trás-os-Montes Ocidental e Oriental*, filões de minérios secundários de cobre. Na região de *Zamora*, conhecemos uma importante concentração cuprífera em *Muga de Alba*, e, nas Astúrias, as minas de *Aramo* e *Villamanin*.

Na Galiza é de assinalar uma ocorrência importante na região de *Santiago*. Contudo, relativamente a estes filões nomeadamente aos da *Régua*, *Bragança e Muga de Alba*, não possuímos indícios de que tenham sido explorados directamente na fase que nos interessa. É certo que, na Meseta, nos povoados de Las Pozas e La Alameda, se encontra atestada uma pequena metalurgia local de cobre, graças à descoberta de cadinhos de cerâmica com escória de fundição. Também na Vinha da Soutilha e na Pastoria, embora com mais reservas, pusemos a hipótese de que essa limitada metalurgia se tivesse praticado, sobretudo, a partir da 2ª metade do IIIº milénio a.C.. Contudo, esse facto não nos autoriza, por si só, a supor que os inúmeros artefactos de cobre do Norte de Portugal, atribuíveis ao IIIº milénio a.C., sejam todos de feitura local.

A sua existência pode justificar-se por uma ampla rede de trocas, cujo âmbito e extensão ainda desconhecemos. De qualquer forma, é de assinalar a presença de vestígios de cobre arsenical numa época muito antiga datada na Vinha da Soutilha, de cerca de 2700 a.C..

De assinalar que é sensivelmente nesta fase, e nesta estação, que são introduzidos também certos artefactos líticos e algumas decorações cerâmicas de filiação meridional, o que, para além de relacionar cronológica e culturalmente estes vários tipos

de materiais, coloca o problema mais global da *maior antiguidade* deste Calcolítico, relativamente ao próprio Calcolítico (datado) da Estremadura e SO peninsular. Dizemos, no entanto, Calcolítico datado, porque, na verdade, existem muitas poucas datas absolutas para o Calcolítico estremenho e a sua origem permanece ainda verdadeiramente obscura.

— Provavelmente, nos finais do IIIº milénio a.C., a cerâmica *campaniforme de tipo marítimo* surge no Norte de Portugal. Ocorre não só em monumentos megalíticos, como num povoado calcolítico (Pastoria). Independentemente da existência da cerâmica campaniforme clássica, *poderão surgir, ainda durante o final deste milénio, e no âmbito de povoados integráveis nas duas tradições estilísticas mencionadas, decorações que parecem imitar, com técnicas locais, organizações campaniformes*. Estas decorações estão associadas a *vasos de carácter comum* e poderão representar uma interessante assimilação do padrão campaniforme no seio de actividades domésticas. A problemática que esta assimilação levantará será abordada posteriormente.

— A *coexistência, no Norte de Portugal, de duas linhas estilísticas*, uma de origem neolítica, conectada com a Meseta Norte Ocidental, veiculada possivelmente através da bacia hidrográfica do Douro, e outra de origem calcolítica, de filiação meridional, parece permanecer até aos finais do IIIº (inícios do IIº milénio a.C.). A confirmá-lo estará a possível contemporaneidade parcial dos níveis de ocupação dos povoados calcolíticos da Pastoria e Castelo de Aguiar e, duma maneira geral, de alguns povoados da fachada atlântica do âmbito "Penha" e de povoados ou grutas (sepulcrais?) de Trás-os-Montes, como Lorga de Dine ou Ferreiros. Se em algumas regiões - charneira, estas duas linhas estilísticas se podem intersectar ou coexistir num espaço relativamente restrito, ao nível do Norte de Portugal, no seu conjunto, podemos afirmar que a meridional predomina a ocidente (Minho, Douro Litoral e Trás-os-Montes Ocidental) e a tributária da Meseta é mais expressiva a leste (Trás-os-Montes oriental e Alto Douro).

Contudo, existem ainda demasiadas lacunas de informação para que possamos delimitar as áreas de influência de cada uma destas "correntes" culturais.

— Um dos aspectos mais problemáticos deste contexto habitacional calcolítico com cerâmicas decoradas diz respeito ao nosso profundo desconhecimento quanto aos sepulcros que culturalmente lhes correspondem.

Começamos por lembrar que em alguns *monumentos megalíticos* do Entre-Douro-e-Minho de Trás-os-Montes, bem como em algumas *grutas naturais utilizadas provavelmente com fins sepulcrais* do leste transmontano, foram, de facto, encontrados materiais, em particular cerâmicos, que se articulam genericamente com esse contexto. Isso pode indicar que essas populações praticaram o ritual de enterramento colectivo (deposição sucessiva, intencional, de corpos num espaço comum, bem delimitado) e que talvez, em alguns casos, essa deposição tenha aproveitado estruturas "monumentais" de tipo megalítico. Mas os casos em que tal ocorre (mesmo descontando todas as nossas falhas de informação) é francamente diminuto, e assim, a ausência de materiais *vinculáveis à corrente habitacional* em sepulcros conhecidos tem de ser devidamente explicada.

Esta aparente dissociação entre povoados e sepulcros não é específica do Norte de Portugal. Em muitas regiões da Europa Ocidental, quer da área cultural "atlântica", quer "mediterrânica", se tem constatado uma perceptível distinção entre áreas ou períodos em que predominam sepulcros monumentais e áreas ou períodos onde são mais significativos povoados permanentes, topograficamente bem destacados, com complexas estruturas habitacionais ou de defesa. Em algumas das regiões melhor estudadas chegou-se mesmo à conclusão de que esse contraste ao nível arqueológico, terá pontualmente a sua correspondência cultural numa autêntica dualidade entre populações com diferentes organizações sociais e comportamentos simbólicos. Mas também em resultado de investigações recentes, realizadas em diversas regiões peninsulares, se tem vindo a descobrir inúmeras excepções a essa "regra". Ou seja, tem-se constatado uma conexão cronológica e cultural entre povoados e sepulcros, uns e outros de dimensão e complexidade apreciáveis.

Perante tal variabilidade de situações, que decerto deriva de uma enorme gama de *processos* que estarão na origem de tais estruturas materiais, podemos colocar algumas hipóteses de relação entre povoado e sepulcro, que têm por fim interpretar a aparente sobrevalorização do contexto habitacional que temos pretendido caracterizar no presente trabalho.

- Uma primeira hipótese será naturalmente a de que aos povoados calcolíticos com cerâmicas decoradas do N. de Portugal corresponderão alguns dos monumentos megalíticos coevos que, no entanto, contêm espólios intencionalmente diferentes dos existentes nos povoados. Esta *diferença* não equivaleria, neste caso, apenas a uma *selecção* do material, como acontece em quase todos os contextos sepulcrais da Península. Mas corresponderia a uma autêntica *especialização do espólio sepulcral*: a cerâmica lisa dos sepulcros opor-se-ia à decorada dos "habitats", alguns vasos tronco-cónicos (que podem ainda caber no IIIº milénio a.C.) constituiriam um tipo morfológico especificamente funerário, as pontas de seta dos monumentos funerários apresentariam morfologia própria; nos túmulos não ocorreriam, em regra, objectos votivos ou de prestígio (à excepção de alguns artefactos, como a cerâmica campaniforme); o metal estaria genericamente ausente (embora haja excepções).

Esta hipótese apresenta vários óbices. Por exemplo, na região de Chaves e, até certo ponto, na de Vila Pouca de Aguiar, os monumentos megalíticos conhecidos encontram-se geograficamente afastados dos povoados. Mesmo que tenham sido contemporâneos, a utilização desses túmulos implicaria uma deslocação de, pelo menos, mais de 1,30 h a partir do centro do "habitat". Mas mesmo que desprezássemos este argumento, aceitando que factores de ordem social poderiam impor uma tão marcante dissociação do espaço habitacional e sepulcral, teríamos de admitir que uma tão ostensiva diferenciação do espólio funerário não tem paralelo evidente em qualquer contexto cultural da Península Ibérica ou mesmo da Europa ocidental. Além de que contraria tudo o que se conhece sobre o âmbito megalítico peninsular, particularmente do Sul e da "fachada" atlântica, conectado fortemente com a presença das cerâmicas lisas do Neolítico Médio-Final, que tanto ocorrem em túmulos como nos poucos povoados conhecidos que lhes são associados.

- Uma segunda hipótese será de que por falta de investigação sistemática e

em função de circunstâncias aleatórias ainda estão por descobrir os sepulcros com "tumulus" articulados com estes povoados. Ou seja, monumentos que integram espólios do mesmo âmbito estilístico do observado nos "habitats", embora eventualmente seleccionados. Esta seria uma situação muito semelhante à identificada em múltiplas áreas do Sul da Península Ibérica, particularmente durante o Calcolítico. Quer na Estremadura e no SE, no âmbito de "V.N.S. Pedro/Los Millares", quer no SO e parte do SE, *povoados bem estruturados (alguns fortificados) relacionam-se com sepulcros colectivos monumentais* (megálitos, "tholoi", ou grutas artificiais) situados quer nas proximidades, quer em zonas ligeiramente afastadas dos "habitats". Recentemente, no SO da Meseta Norte, graças ao estudo de dólmens nas imediações de povoados de tipo "La Mariselva" (como El Torrión de Navalmorales, Galisancho ou La Veguilla), Delibes propôs uma "correspondência de ambas as manifestações no mesmo complexo cultural..." (38), embora relacionando aqueles "habitats" com a utilização "calcolítica" dos monumentos. Ainda que pensemos que há necessidade de confirmar mais amplamente esta teoria, através de um estudo sistemático regional, encaramo-la como plausível, dado que o contexto megalítico daquela zona é marcadamente diferente do do Norte de Portugal e apresenta grandes afinidades com o do SO, onde aquele modelo de relação povoado-sepulcro é frequente.

- Uma terceira hipótese, talvez mais arriscada, mas também mais *simples* (apoiada na *ausência de testemunhos arqueológicos*) proporá que a grande maioria dos túmulos relacionados com estes povoados não seja de tipo "monumental", que não sejam sepulcros sob "tumulus", mas simples sepulcros pouco estruturados, por exemplo, em fossa, entre rochedos ou em grutas, na proximidade (ou mesmo no interior) dos próprios povoados. Sepulcros cujo valor simbólico seria diminuto, contrastando com a "marcação" territorial desempenhada pelo povoado. Sepulcros cujo espólio (que, evidentemente, não conhecemos) não seria provavelmente nem rico, nem diversificado, embora pudesse ser muito seleccionado. A existência destes túmulos não impediria que os monumentos megalíticos tradicionais continuassem a ser utilizados por estas populações. Existem provas disto mesmo, tanto no Norte de Portugal, como na Galiza, e estamos certos de que outras irão surgir em breve. De resto, cremos que o contexto habitacional de cerâmicas decoradas não é nem homogéneo, nem se revela fechado a múltiplas formas de cooperação social. A intersecção lógica com o "mundo megalítico", parcialmente seu contemporâneo, poderia transmitir, em termos arqueológicos, a eventual interacção realizada a nível social entre populações de diferente filiação cultural, mas necessariamente integradas num mesmo sistema de aproveitamento do território.

É óbvio que esta terceira hipótese, como aliás a anterior, pressupõe uma certa *dualidade cultural entre comunidades megalíticas que dão ênfase aos seus túmulos e comunidades que valorizam o espaço habitacional e a sua utensilagem doméstica*. Mas enquanto a segunda não quebra o modelo calcolítico habitual de tantas regiões peninsulares (povoado permanente associado a sepulcro monumental ou, pelo menos, a sepulcro arquitectonicamente bem estruturado e destacável na paisagem), *a terceira hipótese sugere um padrão de relação "habitat"/sepulcro que não é muito conhecido na Península Ibérica*.

Entramos aqui num terreno delicado, porque tendo começado por *comparar conjuntos arqueológicos* (e não apenas "items" isolados), os quais só raras vezes estão se-

guramente detectados, a nível peninsular, para podermos contrastar as diversas hipóteses apresentadas, teremos, em breve, de passar a *comparar processos*, ou seja, formas orgânicas das comunidades se inserirem num determinado espaço físico, de interagirem com o meio e com outras comunidades, de desenvolverem uma estrutura social devidamente ajustada ao equilíbrio do todo cultural.

Ora, esta tarefa é complexa e exige uma rigorosa análise de cada contexto, de per si, sem a qual não passaremos do campo das generalidades ou da aplicação de teorias abstractas a realidades concretas que não estão suficientemente caracterizadas ao nível estritamente arqueológico. A dificuldade está em que raros são os contextos peninsulares exaustivamente estudados, em todas as suas facetas, para servirem de base de comparação ao nível a que nos pretendemos agora situar.

Apesar desta limitação, cremos que a interpretação da singularidade do nosso contexto habitacional deve fazer-se à luz da *analogia com outras sociedades, globalmente contemporâneas, que também desenvolveram um processo de intensificação da produção e uma progressiva sedentarização*. Na verdade, julgamos que estas duas características gerais podem ser consideradas, pelo menos no que diz respeito aos povoados escavados na área Telões-Chaves e, muito provavelmente, à grande maioria dos povoados desta época no Norte de Portugal. O que estará então, em jogo, será não só apreciarmos as razões estruturais que levaram, em cada região, as diversas comunidades a atingir esse estádio de desenvolvimento, mas, muito particularmente, *registarmos as eventuais regularidades na correlação evolução social - articulação "habitat"/sepulcro*, estando esta materializada arqueologicamente na dimensão, morfologia, elaboração e maior ou menor complexidade dos respectivos povoados e monumentos funerários.

— Na Península Ibérica, a região que tem sido objecto duma análise mais pormenorizada, nos últimos anos, é o *Sudeste*, sobretudo, determinadas áreas das províncias de Almeria e Granada. Nesta região, tão fértil em testemunhos arqueológicos, estudada desde os irmãos Siret, passando pelos Leisner, até Arribas ou Molina, e, ainda mais recentemente, por diversos investigadores das escolas inglesa e americana como Gilman, Chapman ou Mathers, entre outros, têm-se ensaiado, na última década, diversas teorias explicativas para o eclodir do fenómeno calcolítico, que assumiu, na área, contrastes significativos quanto à importância e complexidade das suas estruturas mais visíveis.

O que destas teorias explicativas nos interessa reter é, em primeiro lugar, algo que é comum a todas elas, e que é o reconhecimento duma intrínseca *relação entre as disponibilidades do meio e as opções culturais que cada comunidade elabora para dele retirar um determinado nível de rentabilidade*.

Assim, para o SE, Chapman (39) e Mathers (40), na linha da teoria da origem da hierarquização social e do Estado, defendida, entre outros, por L. Carneiro (41), estabeleceram que as regiões costeiras de baixa altitude de Almeria, sujeitas a um regime de grande secura e aridez, teriam sido procuradas, nos inícios do IIIº milénio a.C., por populações que aí desenvolveram uma agricultura intensiva de regadio. A limitação geográfica das áreas potencialmente cultiváveis segundo este regime, condicionada por uma

verdadeira pressão demográfica, terá conduzido a uma alta densidade humana, nesses locais, à *restrição da mobilidade destas populações* e *a uma maior dependência relativamente a um determinado tipo de recursos*. A vulnerabilidade que esta nova situação implicou terá sido responsável por uma rápida reconversão das comunidades: *a diferenciação social e a instituição da liderança pretenderam, desde logo, assegurar a estabilidade e a eficácia deste novo sistema* e, retroactivamente, terão criado condições para que o próprio sistema se desenvolvesse. Assim, a hierarquização social, tão expressiva, segundo Chapman (42), por exemplo, nos túmulos de Los Millares, dever-se-ia, na área, ao controlo e preservação da *água*, bem precioso na zona. Generalizando, aliás, Chapman haveria de tentar interpretar o contexto calcolítico da Estremadura portuguesa como o resultado de um processo semelhante, em que o acesso à *terra arável* e o controlo *do comércio do cobre* estariam na base do próprio desenvolvimento social. Em ambas as regiões a produção intensiva, a sedentarização, a cooperação inter-regional e a hierarquização social espelhar-se-iam em *povoados permanentes*, alguns com importantes *estruturas defensivas*, e em *monumentos funerários* de diversos tipos, predominando as *"tholoi" elaboradas* com espólios funeráricos diversificados e ricos, incluíndo matérias-primas raras ou exóticas como o marfim e o âmbar, além do cobre arsenical.

Gilman (43) apresentou desde sempre uma explicação ligeiramente diferente. Embora admitisse que nas terras costeiras do SE (como em outras áreas) a procura de zonas onde pudesse ser praticado um sistema agrícola de produção intensiva (agricultura de regadio) fosse básica para o processo social subsequente, *esta procura não implicava por si só o nascimento de uma liderança social, nem formas específicas de hierarquização social*. Aliás, Gilman e Thornes pretendem demonstrar que, nesta zona do SE, não se encontra provado que a pressão demográfica tivesse provocado a ocupação maciça de certas áreas de vale. Assim, não terá sido um excesso de população que conduziu grupos humanos ao abandono duma agricultura de sequeiro para se sujeitarem ao investimento penoso, em trabalho, duma agricultura de regadio. Se algumas populações se abalançaram aos riscos de produção numa zona árida, a sua permanência e desenvolvimento nessa zona deve-se, segundo Gilman, não à necessidade de se assenhorearem, de imediato, do controlo do acesso à água, mas à necessidade de defenderem *um processo cumulativo de investimento de trabalho a longo prazo*, durante o qual foram surgindo desigualdades e mesmo uma paulatina hierarquização social. Assim, a liderança não estará na base da hierarquização, mas decorrerá duma lenta caminhada que se realiza ao longo de todo o IIIº milénio a.C., durante o qual se esboçam desigualdades sociais que têm o seu reflexo material em *povoados e túmulos elaborados*.

Neste ponto, convém abrir um pequeno parêntesis, para dizer, que nos parece que os conceitos de "hierarquização social" e de "elite", nem sempre são claramente explicitados por estes autores, sobretudo, ao nível das formas arqueológicas que eles podem assumir. Ou, por outras palavras, cremos perceber que existe uma certa ambiguidade na interpretação dos dados arqueológicos como elementos chave para a detecção de nítidas diferenças sociais. Cabe-nos perguntar, neste sentido, qual o verdadeiro significado social dos vários tipos de sepulcros e de espólios detectados recentemente por Chapman em Los Millares. Poderão eles conectar-se de forma linear com a hierarquização social proposta pelo autor? Ou representarão diferenciações de outra ordem (relações de poder en-

tre personagens cujo estatuto se distingue pelo sexo, idade, especialização do trabalho, etc.) no seio de comunidades ainda predominantemente igualitárias?

O que na teoria de Gilman é mais atractivo é, por um lado, o acentuar do *carácter progressivo* das transformações sociais, nas quais se pode seguir de forma lógica o encadeamento de acções que vão desembocar na afirmação de inequívocas desigualdades sociais e complexas dependências inter-comunais. Por outro lado, a teoria de Gilman é extensiva a todos os processos de produção que impliquem um investimento de trabalho a longo prazo, como, além da agricultura de regadio, a agricultura com arado e a arboricultura (por exemplo, as culturas mediterrânicas da vinha e da oliveira). Neste sentido, o seu valor é mais facilmente extensível a outras regiões onde se possa confirmar este requisito fundamental. Parece-nos, por exemplo, que será mais fácil justificar o contexto calcolítico da Estremadura e até do SO pelo trabalho intensivo da terra arável (44), e da sua produtividade a longo prazo, do que pela teoria de Chapman, na qual a terra arável seria considerada em si mesma uma fonte de subsistência rara e, portanto, fomentadora de disputas e tensões sociais.

Um outro aspecto muito salientado por Gilman/Thornes e Mathers é a comparação entre o processo cultural das zonas áridas do SE (inovador, gerador de complexas interacções sociais) e o das zonas mais húmidas do interior da Andaluzia, onde a persistência de uma economia "de amplo espectro" (predominando a agricultura de sequeiro) determinou um maior "conservadorismo" social, baseado em estruturas igualitárias que se vão manter até ao IIº milénio a.C.. A ausência de uma produção intensiva criou, segundo Gilman, condições para a existência de grupos dispersos, menos estruturados, facilmente desmembráveis, na medida em que não estão dependentes duma "retribuição", a prazo, do trabalho investido, nem se encontram aglutinados nas "malhas" dum sistema mais integrador. Estes contextos materializam-se, em regra, em *povoados pouco estruturados e, sobretudo, em pequenos monumentos megalíticos, de morfologia simples, com espólios pobres.*

Relativamente a todas estas teorias há que salientar o seguinte:

. em primeiro lugar, elas tendem a ser *demasiado generalizadoras*, mesmo para o SE. Por exemplo, na região interior de Granada, foram recentemente escavados dois povoados bem estruturados, Los Castillejos de Montefrio e Los Castillones de Larbocillas (o último com estruturas defensivas), cuja ocupação calcolítica é contemporânea e está relacionada com a utilização de pequenos dólmens, revelando um padrão de associação povoado/sepulcro megalítico, totalmente diferente do geralmente observado nesta região;

. em segundo lugar, elas foram aplicadas a uma região específica da Península, que apresenta características ambientais e arqueológicas muito particulares. Apesar da tentação dos autores em aplicá-las a outras áreas, cuja evolução é menos bem conhecida, *elas só podem ser para já testadas na região para a qual foram concebidas* e da qual se conhecem suficientes dados. Assim, na província de Huelva, por exemplo, povoados como Papa Uvas ou Rincón (45), do Calcolítico inicial, não se encontram próximo de nenhumas necrópoles megalíticas conhecidas. Já no Alentejo, povoados de cumeada, provavelmente do Neolítico Final/Calcolítico, como Famão e Aboboreira (46) poderão ser contemporâ-

neos de importantes monumentos megalíticos da área com um espólio, a nível regional, rico e diversificado.

Enfim, múltiplas situações intermédias poderiam ser encontradas, mesmo só no Sul da Península, o que nos adverte para a complexidade e variabilidade de contextos culturais, e também, para a impossibilidade de inferir modelos de exploração do território a partir exclusivamente da observação da presença ou ausência de dados arqueológicos;

. de qualquer maneira, e apesar de todas as limitações mencionadas, será de reter *os padrões de relação entre povoados e sepulcros* dos contextos calcolíticos de duas áreas do SE onde foram realizados estudos mais aprofundados. Por um lado, nas terras baixas, áridas, os povoados e os sepulcros (monumentais) têm ambos uma expressiva representação em termos de dimensões e estruturas que comportam. A "cultura material" observada nos dois tipos de estações é rica, pode integrar matérias exóticas e inúmeros objectos considerados de prestígio. Por outro, nas terras do interior, os povoados são, em regra, menos importantes do ponto de vista espacial, sendo raros os que apresentam uma implantação predominante (embora haja excepções), enquanto os sepulcros, ainda que menos elaborados do que os da costa, constituem o sinal material mais expressivo destas comunidades. Contudo, a cultura material, nos dois casos (povoados/sepulcros), é pobre, pouco diversificada e revela grande imobilismo estilístico ao longo de quase dois milénios.

— Paradoxalmente, é fora da Península Ibérica, em França, que algumas recentes interpretações globais sobre a evolução da Pré-História Recente naquela área nos permitem formular um conjunto de reflexões sobre as diferentes hipóteses de ocupação do espaço no Norte de Portugal. Essas recentes interpretações, baseadas numa ampla bibliografia francesa da especialidade e na compilação de inúmeros dados arqueológicos para todas as regiões do território francês, são da autoria de um conjunto de investigadores ingleses, sob a orientação de C. Scarre (47). No final dessa obra, Scarre apresenta três grandes conclusões: - constata, durante o Neolítico e Calcolítico, um progressivo aumento de população, correlativo da gradual utilização da terra, da expansão do "comércio" e do aparecimento de formas complexas de organização social; - salienta ainda o contraste cultural existente entre as regiões francesas do Norte/Nordeste e do Sul/Sudoeste: esse contraste dever-se-á, segundo o autor, às diferentes potencialidades do território em termos da sua receptividade a elementos exteriores e aos diferentes recursos agrícolas das áreas temperada e mediterrânica; - observa ainda a *relação entre diferentes tipos de povoamento, túmulos e organização social*: "Monumental chambered tombs seem often to have been associated with patterns of small, dispersed settlements; in some cases these patterns represent a colonisation or settlement expansion phase; in contrast to these are patterns of larger sites, including enclosed or fortified settlements, unassociated with chambered tombs, and which may reflect a more hierarchical social ordering" (48).

Na verdade, *o Nordeste da França e a bacia de Paris* (Seine-Oise Marne) (49), *a Normandia e a Bretanha* (50), durante o IIIº milénio a.C., apresentam em comum um padrão de povoamento disperso, pouco materializado na paisagem, mas revelam, em contrapartida, um expressivo fenómeno sepulcral monumental muito diversificado que comporta, con-

soante as regiões, desde dólmens de corredor, a "áleas cobertas" e "hipogeus". Os materiais relacionados com estes contextos são pouco diversificados (quando comparados com os de outras regiões) e integram os principais *grupos de cerâmicas lisas* do Neolítico Final (51) da França. Este padrão de povoamento poderá resultar dum vasto *processo de "colonização" em área* que ocupou, sucessivamente, as regiões planas do Norte, utilizando métodos de agricultura extensiva (52).

Os monumentos funerários seriam os pólos de organização do território e reflectiriam ritos de solidariedade inter-comunal adaptados à específica inserção no meio. Esta inserção teria desenvolvido formas sociais de tipo igualitário, as quais se expressariam ao nível da pobreza e homogeneidade do material (doméstico e sepulcral). Seguindo as terorias de Plog (53) e Hodder (54), que já tivemos ocasião de comentar noutro capítulo, os diversos autores que abordaram estas regiões, em particular Scarre, pretendem que a ausência de decoração das cerâmicas possa traduzir uma inexistência de pressão demográfica ou de tensão social entre as comunidades.

Em contraste com estas áreas culturalmente "conservadoras", o Sul da França (em particular, o Languedoque e os Pirenéus) e parte da região central da costa atlântica francesa conheceriam uma outra forma de adaptação ao meio, durante o mesmo período.

No *Sul de França* essa adaptação far-se-ia pela "colonização" restrita de áreas adjacentes a terrenos férteis, geograficamente limitados e integrados numa topografia mais acidentada. O aumento populacional e a relativa raridade desses recursos, terão provocado uma paulatina sedentarização, ainda que se possa pressupor a complementaridade dum povoamento sazonal, com o fim de explorar áreas de planalto propícias para a caça e pastoreio.

Esta forma de inserção no meio terá determinado povoados permanentes, bem estruturados, alguns com estruturas defensivas (como Boussargues ou Lébous). Mas, ao contrário, os sepulcros correspondentes são incipientes e praticamente desconhecidos (55). Os dólmens simples da região situam-se em áreas onde não há povoados e podem ter funcionado como marcas de divisão territorial entre populações adaptadas a outras estratégias económicas. O material daqueles contextos habitacionais é rico, variado e integra matérias-primas raras, fruto de trocas a distância. *As cerâmicas são, em regra, decoradas*, no âmbito da grande *"família" de cerâmicas incisas e impressas de filiação mediterrânica*, de que fazem parte os grupos de Ferrières, Fontbouisse e Véraza, no Sul de França, de Peu-Richard na costa atlântica francesa e Los Millares ou Vila Nova de S. Pedro, na Península Ibérica.

A variabilidade do material e da estilística cerâmica estariam conectadas, segundo Hodder (56), Mills (57) e Scarre (58), com uma organização social mais complexa do que a observada no Norte da França, aquela, desenvolvida a partir duma competição generalizada pela utilização da terra arável.

A evolução cultural da *região central da costa atlântica francesa* (delimitada a norte pelo Loire, a sul pela Gironde e o Dordogne e a leste pelo Maciço Central) é,

aparentemente, mais complexa e, simultaneamente, mais informativa no que diz respeito às possíveis formas de *assimetria cultural* num espaço relativamente restrito.

Scarre (59) distingue nesta região *duas áreas culturais* durante o período de c.2800 a 2300/2100 a.C. No *litoral* desenvolvem-se comunidades que ocupam locais elevados, sobranceiros a *boas zonas de pasto*. Esses povoados são, não raras vezes, *fortificados, através de complexos sistemas de fossos e muralhas*. Estão associados a uma utensilagem doméstica diversificada, na qual se distingue *a cerâmica* (grupo Peu-Richard), *fina e decorada* segundo temáticas afins às das regiões mediterrânicas do Sul de França e Península Ibérica. Os achados sepulcrais são escassos: algumas reutilizações de monumentos megalíticos, tumulações em fossos no interior dos povoados, como em Champ-Durand. Assim, os grandes monumentos do Neolítico Médio parecem ter perdido a sua importância como marcas territoriais, em função, provavelmente, de uma mudança de estratégia económica e social. Essa mudança estará relacionada, segundo o autor, com a ocorrência dum fenómeno geográfico: o abaixamento do nível do mar nos inícios do IIIº milénio a.C., que se terá repercutido no aparecimento de terras férteis de vale, usados posteriormente como áreas de pasto. A riqueza deste novo tipo de recurso terá implicado a necessidade da sua defesa por parte de populações que passaram a controlar as rotas de acesso a estas terras e a guardar ciosamente o próprio gado nelas criado. Esta teoria justificaria a monumentalidade dos povoados e a própria estilística cerâmica, que, mais uma vez, estaria intimamente associada à complexificação social. Aliás, a existência de sub-grupos cerâmicos adentro do grupo de Peu-Richard (Saintonge, Poitou, Moulin-de-Vent e Roanne) demonstraria, ao nível regional, uma extensa proliferação de grupos unidos pela mesma tradição cultural, por diversas formas de cooperação e, também, provavelmente, por alguma competição adentro do mesmo sistema de exploração do território.

O *interior* desta região atlântica, durante o período de 2600 a 2100 a.C., é ocupado por comunidades vindas na tradição do Neolítico Médio local. Até c. de 2300 a.C. essas comunidades apresentam um grande conservadorismo cultural: perduram as mesmas formas de tumulação em monumentos megalíticos (dólmens simples são construídos neste período) e os poucos povoados conhecidos são de pequenas dimensões e contêm estruturas frágeis. Entre os materiais, ressalta a *cerâmica lisa* (por exemplo, tronco-cónicos com mamilos ou pegas mamilares) que define o grupo cerâmico desta região, o de Vienne-Charente. Não é conhecida cerâmica decorada, e quase todos os materiais provêm de contextos funerários. O padrão cultural de Vienne-Charente apresenta, assim, algumas semelhanças com o de Seine-Oise-Marne. A partir de 2300/2100 até 1800 a.C. são detectadas algumas mudanças estruturais entre estas populações. Estas revelam necessidades de defesa (existência de alguns povoados fortificados) e fabricam materiais mais elaborados (grupo de Artenac). Contudo, os monumentos megalíticos e as grutas continuam a ser utilizados. O novo modelo de povoamento e a correlativa estratégia de exploração do território expandem-se para ocidente, sucedendo-se sem cortes abruptos, no litoral, ao povoamento de tipo Peu-Richard.

De qualquer forma, "Vienne-Charente" e "Artenac" são consideradas duas fases evolutivas dum mesmo sistema cultural, opondo-se este, em termos de grandes opções, ao contexto de Peu-Richard, que se afirmou durante a mesma fase numa área contígua.

Após esta breve síntese, que nos obrigou a esquematizar, em grandes traços, uma problemática que é naturalmente extensa, complexa e controversa, gostaríamos de acentuar o que este recente trabalho sobre a Pré-História francesa trouxe de novo, em termos metodológicos e do próprio conhecimento.

Em primeiro lugar, ele coloca em causa o conceito de "cultura" baseado na simples avaliação de tipos cerâmicos. Na linha de Renfrew (60) e Hodder (61), acentua a dificuldade que existe em fazer corresponder linearmente entidades arqueológicas a unidades sociais. Assim, os grupos de Ferrières, Fontbouisse, Peu-Richard ou Vienne-Charente, por exemplo, são essencialmente definidos como "grupos cerâmicos" e não como "culturas" no sentido mais integrador do termo.

Na sequência deste primeiro ponto, toda a evolução cultural é estabelecida em termos de desenvolvimento dos padrões de povoamento, estratégias agrícolas, organização social e comércio.

Tal como Chapman e Mathers, também os autores deste livro estabelecem uma *relação directa entre a possibilidade de acesso a recursos de subsistência raros e a formulação de estruturas sociais complexas*. E tal como aqueles autores, constatam, relativamente à França, que nas regiões que oferecem condições geográficas propícias e maior potencialidade desses recursos, sempre que se verifica pressão demográfica, aparecem condições favoráveis à eclosão de povoados sedentários, alguns com estruturas defensivas, em detrimento de sepulcros monumentais. Ao contrário, o padrão de povoamento disperso, pouco materializado na paisagem, está associado, em regra, à construção de grandes monumentos funerários, e reflecte, em geral, um movimento "colonizador" em grande escala, normalmente em "plateaux" ou áreas planas, pressupondo formas de exploração do território menos "especializadas".

Contudo, no que esta síntese se revela mais interessante, quanto a nós, é no ênfase dado ao papel simbólico dos materiais (domésticos ou sepulcrais), como elementos definidores da própria organização social.

Enquanto partes activas da dinâmica social, os materiais e, em particular, a cerâmica, podem reflectir conflitos comunais, formas de organização igualitária ou hierárquica, maior ou menor interacção social. Assim, a existência ou não de decoração na cerâmica é entendida, nos casos estudados, como um dado referenciador da maior ou menor estruturação social. Na linha de Plog (62), Wobst (63), ou Hodder (64), a estilística decorativa da cerâmica veicula uma necessidade de coesão social, como reforço da identidade cultural dum grupo, face a conflitos latentes inter-comunitários. A identificação do mundo das *cerâmicas lisas em contextos predominantemente tumulares de organização igualitária, e o das cerâmicas decoradas em contextos predominantemente habitacionais de organização social hierarquizada, durante o III.º milénio a.C.*, é uma das conclusões mais controversas, mas também mais fascinantes desta obra.

É óbvio que também aqui existem questões polémicas. Em primeiro lugar, parece-nos que o ênfase dado à procura e defesa de recursos de subsistência raros como forma de explicar desigualdades sociais é, no mínimo, exagerado. Muitos outros factores po

dem contribuir, em conjunto, para que tal aconteça, e, de qualquer maneira, não se encontra devidamente explicitado o que conduz, em cada região, a que as populações abandonem uma interacção com o meio mais diversificada, embora menos "especializada", para arriscarem a sua segurança e estabilidade comunitária numa produção intensiva, sujeita a flutuações naturais e ao desenvolvimento de tensões sociais.

Em segundo lugar, cremos que pode haver a tentação de aplicar este modelo de forma mecanicista a todas as situações em que se verifiquem algumas das variáveis consideradas fundamentais. Assim, partindo-se inicialmente da análise comparada de diversas realidades arqueológicas para se atingir o sistema cultural total, uma vez este formulado tende-se a encontrá-lo em todas as estruturas arqueológicas parcelares correspondente a contextos em que se não conhece a sua específica articulação com outros níveis do todo cultural. Por exemplo, parece-nos excessivo que, perante comunidades em que se reconheceu a existência de povoados estruturados e cerâmica doméstica decorada, se possa inferir linearmente que elas indiquem um padrão de pressão social, de produção intensiva e de conflito social. É um processo de raciocínio obviamente simplista que precisa de ser acautelado por uma análise exaustiva de cada contexto cultural, sem limitações teóricas impostas por qualquer modelo apriorístico.

Face a todos os casos mencionados na Península Ibérica e em França, podemos retirar uma ilacção muito simples: existe uma apreciável diferença de padrão de povoamento e opção sepulcral entre a generalidade das comunidades do IIIº milénio a.C. existentes em França e as da parte meridional da Península Ibérica, durante o mesmo período.

No sul da Península, apesar da variabilidade de situações detectadas, verifica-se, uma situação muito particular: uma significativa associação de povoados sedentários (alguns fortificados) a sepulcros monumentais muito elaborados, de que o exemplo mais expressivo é o próprio complexo habitacional/sepulcral de Los Millares.

No entanto, em qualquer contexto peninsular ou extra-peninsular, existe de comum, ao nível arqueológico, a inequívoca articulação de materiais domésticos diversificados e simbolicamente muito informativos (revelando, por vezes, trocas a distância) com povoados sedentários, que ocupam uma posição territorial destacada.

Esta é também, até certo ponto, uma realidade observada no nosso contexto habitacional do Norte de Portugal. Um contexto habitacional que, embora seja de raiz essencialmente igualitária, integra, cerâmica predominantemente decorada e, até à data, não revelou conectar-se de forma sistemática com o fenómeno sepulcral megalítico.

Aparentemente, este padrão aproxima o Norte de Portugal de contextos do Sul de França (Ferrières, Fontbouisse, Véraza) *e da fachada atlântica francesa* (Peu-Richard), *aliás, todos integráveis no âmbito cultural do Neolítico Final/Calcolítico mediterrânico* (65). Deste modo, poder-se-ia aceitar como hipótese a provável dualidade cultural, no Norte de Portugal, entre populações "megalíticas" de tradição neolítica local (?), portadoras de uma cultura material pouco variada, vinculável ao mundo das cerâmicas predominantemente lisas e populações filiadas na tradição neolítica mediterrânica, que ocuparam povoados sedentários, fabricaram uma utensilagem doméstica muito diversificada e se vin

culam ao mundo das cerâmicas marcadamente decoradas, que abrange, no IIIº milénio, todo o Sul de França, grande parte da Península (SE, SO, Estremadura portuguesa, Noroeste e SO da Meseta Norte) e ainda parte da fachada atlântica francesa.

Mas esta dualidade arqueológica, mesmo que venha a ser confirmada, implicará no Norte de Portugal os mesmos pressupostos culturais que estão na base do desenvolvimento daqueles contextos? Será possível formular a hipótese da oposição entre populações "megalíticas", socialmente conservadoras, e populações com cerâmicas decoradas, socialmente evolucionadas, em articulação com a exploração progressiva de zonas de vale e detentoras do controlo mais eficaz de um sistema de trocas a distância? Este modelo poderá aplicar-se indescriminadamente a todas as regiões que foram afectadas por este "movimento" cultural? A ser genericamente aceite, de que forma se terá dado a *interacção inevitável* (qualquer que tenha sido a forma que assumiu) *entre os dois tipos de comunidades*? Na verdade, em muitas regiões, ambas terão, certamente, não só explorado territórios com os mesmos recursos potenciais (66), como poderão ter desenvolvido formas de cooperação e intercâmbio a diferentes níveis. Aliás, essas formas de interacção são perceptíveis, particularmente, nos finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C., quando alguns objectos típicos do "equipamento" funerário megalítico reflectem um mais forte acesso a matérias primas habitualmente manuseadas no âmbito dos povoados com cerâmicas decoradas.

Não podemos responder, de momento, a nenhuma das interrrogações colocadas. Face à pobreza dos nossos dados, sobretudo a nível do Norte de Portugal, poderíamos até ter optado por não colocar qualquer questão que ultrapassasse o estrito nível descritivo. Mas, tendo também presente que o nosso objectivo principal é compreender o sentido da acção humana na paisagem, sem o qual a nossa tarefa não passará dum mais ou menos aperfeiçoado "coleccionismo" (em última análise, decorrente de uma concepção positivista de prática científica), arriscámos tentar integrar a nossa área de estudo no âmbito mais geral dos grandes problemas teóricos e metodológicos que enformam actualmente a Pré-História da Europa Sul-Ocidental. Qualquer que seja a linha de rumo da investigação futura nesta região, cremos, aliás, que ela nunca poderá prescindir de estar atenta ao debate sobre os grandes modelos explicativos, pois só através duma explícita formulação teórica a prática arqueológica poderá resultar operativa e disciplinada. Talvez a partir das reflexões que entendemos dever aqui desenvolver, a nossa própria pesquisa se oriente futuramente por caminhos que até ao momento não ousámos explorar. O próximo desenvolvimento de projectos à escala regional que visem a reconstituição dos paleo-ambientes, a compreensão da espacialidade dos povoados, a recuperação das técnicas agrícolas de subsistência e os processos globais de exploração do território (entre muitos outros objectivos) torna-se, assim, mais do que indispensável: tem de se assumir como *inevitável*, se quisermos integrar a investigação da Pré-História recente desta região no quadro dos verdadeiros problemas que hoje são postos à escala planetária.

3. O FENÓMENO CAMPANIFORME E O SEU SIGNIFICADO NOS CONTEXTOS HABITACIONAL E SEPULCRAL DO NORTE DE PORTUGAL

Deve acentuar-se, em primeiro lugar, que se verifica, nesta região, uma dissociação arqueológica bem marcada entre a cerâmica campaniforme e os objectos líticos e metálicos de âmbito campaniforme. Só muito raramente os dois tipos de artefactos se encontram na mesma estação.

A ponderação de todos os conhecimento disponíveis leva-nos a sugerir uma *proposta de evolução* deste fenómeno que, no seu carácter hipotético e provisório, apenas pretende servir de base a uma sucinta reflexão sobre o seu significado nos contextos estudados.

. A cerâmica campaniforme de estilo marítimo poderá ter surgido nos finais do IIIº milénio a.C. na fachada atlântica, integrada em *monumentos com "tumulus"*. Contudo, é provável que, em breve (finais do IIIº, inícios do IIº milénio a.C.), se tenha expandido para o interior, associada a estilos híbridos, quer em *contextos tumulares* (de âmbito "megalítico"), quer em *contextos habitacionais* (com cerâmicas decoradas). Neste último caso, estará o povoado da *Pastoria* (Chaves), em cuja última ocupação a cerâmica campaniforme (de estilo marítimo-variante linear e pontilhado geométrico) aparece associada a cerâmicas decoradas locais (filiação estilística predominantemente meridional) e a artefactos de cobre arsenical de morfologia calcolítica. Para além dos raros recipientes campaniformes clássicos (que devem ter sido fabricados no local), foram ainda detectados alguns recipientes com excelente acabamento, decorados segundo técnicas locais com temáticas e organizações decorativas que parecem imitar a sequência aditiva do campaniforme marítimo. Uma forma campaniforme clássica da Península - "tipo Acebuchal" - está também decorada segundo uma técnica local (impressão "penteada"). Ou seja, verifica-se neste povoado a *aceitação da cerâmica campaniforme* em duas modalidades: a clássica e a regionalizada. A clássica integra vasos de feitura fina ou grosseira; a regionalizada insere vasos, que tendo ainda provavelmente funções de excepção no âmbito doméstico, revelam uma possível osmose entre os protótipos alógenos e as tradições estilísticas locais.

. Provavelmente por volta dos inícios do IIº milénio a.C. (numa fase parcialmente contemporânea da anterior), surgem (independentemente da perduração do estilo marítimo de bandas) estilos cerâmicos compósitos e incisos, denotando a influência da Meseta.

Ocorrem estes recipientes em sepulcros com "tumulus" e nos vestígios de um possível povoado - Tapado da Caldeira - juntamente com cerâmicas lisas ou com decoração plástica e artefactos líticos. Nesta última estação, aparentemente (apesar do revolvimento observado em muitas zonas) a cerâmica campaniforme encontra-se conectada com um outro contexto cultural, alheio ao das cerâmicas decoradas de tradição calcolítica que temos vindo a tratar.

No entanto, em estações que se integram no âmbito do nosso estudo, quer na região ocidental minhota (por exemplo, povoados da Penha, Faria ou Vila Chã, etc.), quer

em estações transmontanas (povoado de Castelo de Aguiar e possíveis grutas sepulcrais (?) de Dine e Ferreiros), a cerâmica campaniforme não deixa de fazer sentir a sua influência. Simplesmente, nestes casos, não conhecemos a existência de cerâmica campaniforme pura, mas prováveis *imitações dos estilos marítimo e Ciempozuelos/Palmela em recipientes domésticos ou também, provavelmente, funerários (em grutas)*. Quer dizer, a cerâmica campaniforme não ocorre aqui como um elemento excepcional no contexto local (nem sob a forma clássica, nem sob uma forma que podemos qualificar de regionalizada). Pelas observações feitas em Castelo de Aguiar e Lorga de Dine (e, em menor grau, nas outras estações), ela surge *transformada, como cerâmica doméstica ou, eventualmente, cerâmica sepulcral*, Mas, na hipótese de este último caso se confirmar, ela não parece representar o papel de *artefacto único, artefacto de excepção dos primeiros tempos*. Antes, parece estar incluída num *complexo cerâmico mais vasto* que integra outros estilos, os quais globalmente, definem o "equipamento" cerâmico funerário das estações em que ocorre (67).

A mutação qualitativa observada é imensa. *O padrão campaniforme é totalmente assimilado, com modificações locais, pelos recipientes de uso comum, pelo que já não podemos falar, de facto, de "cerâmica campaniforme", mas talvez de cerâmicas de tradição ou influência campaniforme. Lidamos com contextos locais, cuja estilística cerâmica acusa uma generalizada filiação campaniforme.*

É interessante notar que esta transformação parece afectar de forma diferenciada os dois tipos de contextos habitacionais observados (o de tradição neolítica mediterrânica, particularmente expressivo em Trás-os-Montes e Alto Douro e o de filiação calcolítica meridional, mais representado no Minho e Douro Litoral). Em Trás-os-Montes é muito significativa a influência do estilo marítimo, enquanto na zona "atlântica" se faz mais sentir, aparentemente, a influência dos estilos Palmela/Ciempozuelos (68). Contudo, estamos ainda longe de poder precisar bem estas noções gerais e de as generalizar a todo o Norte de Portugal.

. Durante a 1ª metade do IIº milénio a.C., e, portanto, durante uma fase largamente contemporânea dos fenómenos anteriormente referidos, aparecem na zona "atlântica" *sepulcros em cista* (com ou sem "tumulus") ligados à inumação individual, que integram *objectos campaniformes* (líticos e metálicos), eventualmente associados a outros artefactos de prestígio de inspiração atlântica ou de filiação local. A novidade do ritual, a ausência de cerâmica campaniforme (mesmo tardia) nestes contextos sepulcrais, o tipo de espólio funerário reflectem uma mutação cultural de fundo, que anuncia a existência duma nova "ordem social", materializada em *objectos de prestígio individualizado (armas e jóias)*.

Sobre a interessante coexistência durante a 1ª metade do IIº milénio a.C., de processos culturais com diferentes ritmos de desenvolvimento falaremos posteriormente.

De momento gostaríamos de abordar dois aspectos sugeridos pela proposta de evolução do fenómeno campaniforme. O primeiro é relativo ao duplo *significado social e simbólico* que a cerâmica campaniforme pode ter tido no seio, quer dos *contextos sepulcrais*

sob "tumulus", quer dos *contextos habitacionais com cerâmicas decoradas*, durante o mesmo período de tempo.

O segundo diz respeito ao *sentido ou sentidos que a mesma cerâmica e suas imitações podem ter desempenhado*, no âmago dos *diversos contextos habitacionais onde ocorreram*, durante o longo período em que foram utilizadas.

Para reflectir sobre estas duas questões será necessário relembrar como actualmente se coloca a problemática do fenómeno campaniforme. Não tanto para incidir sobre a origem do campaniforme (69), mas sobre os pressupostos teóricos que estão na base das diferentes teorias explicativas deste fenómeno.

Depois de D. Clarke (70), a concepção tradicional (71) de que o fenómeno campaniforme se identificava com um *movimento étnico expansionista à escala europeia*, foi profundamente alterada.

De certa forma, o novo modelo explicativo de Clarke não fez mais do que colocar o Campaniforme adentro da sua nova concepção de "cultura" em Arqueologia (72). *A "cultura"* era por ele entendida como uma *entidade exclusivamente arqueológica*, de natureza politética, e podendo ser estudada autonomamente, mas susceptível de fornecer informação sobre o próprio passado humano.

Clarke aprecia o campaniforme como uma *mercadoria de luxo intercambiada a distância, envolvida num comércio em grande escala de carácter social e religioso*. Apesar de reduzir o campaniforme à categoria de *artefacto*, que se insere em *contextos regionais muito diversos*, apesar de insistir em que a variabilidade do fenómeno campaniforme em diferentes zonas exige explicações adaptadas a cada área, ele não consegue ainda eliminar um velho pressuposto - de que o campaniforme teria fomentado verdadeiros "movimentos" de pessoas e bens entre muitas regiões europeias.

Em 1976, C. Burgess e S. Shennan (73) retomam, em parte, a teoria de Clarke, mas introduzem-lhe alterações e acrescentos fundamentais. Definem o conceito de *"conjunto" ("package") campaniforme*: associação recorrente de artefactos de dimensão "extra-cultural", conectados com alguma *actividade ritual ou culto* realizado através da Europa.

Defendem esta toeria baseados em dados etnográficos e arqueológicos. Acentuam também que o "conjunto campaniforme" se introduz em múltiplos contextos sem descontinuidade cultural com a tradição anterior. A sua aceitação só seria compreensível através do que eles entendem por uma *reorientação dos padrões de contacto em larga escala.*

Nesta reorientação não intervêm, obviamente, movimentos ou difusões de pessoas e bens, mas *trocas entre comunidades contíguas ou produções locais, realizadas por indivíduos de estatuto elevado.*

Estes objectos de prestígio, expressão duma "moda" bastante expandida, são, por exemplo, para Harrison (74), utilizados por *elites* para aumentar o seu poder. Como ainda refere este autor, a emanação do "poder" como realidade política tem sido encarada em Antropologia quer num sentido "positivo", administrativo - sentido que Clarke (75)

adoptou - quer numa perspectiva "negativa", como uma forma de exploração, a prazo, do trabalho investido pela generalidade da população, teoria que é defendida por Gilman (76). Neste sentido, é reafirmada a necessidade de proceder a uma análise exaustiva dos *contextos locais*, o que poderá ajudar a compreender o papel do campaniforme nessas comunidades e, duma forma geral, o seu papel no conjunto das "culturas" europeias que o integraram.

Em 1982, Gibson (77) dá um salto qualitativo importante nesta problemática, ao afirmar que *não existem estações domésticas campaniformes puras* em Inglaterra, não reconhecendo, assim, que a cerâmica campaniforme se autonomize como expressão de um grupo cultural com uma coerência interna própria.

Na verdade, quando a cerâmica campaniforme transpõe o lugar de simples cerâmica de prestígio (no seio de cerâmicas comuns), para predominar no âmbito das cerâmicas domésticas, *ela já passou a exercer uma função totalmente diferente, logo, não pode ser encarada como pertencente a um contexto verdadeiramente "campaniforme"* (no sentido tradicional do termo), *mas a uma realidade cultural local que adoptou entre as cerâmicas comuns a estilística campaniforme*. Trata-se, como diz Guilaine (78), duma "popularização" do fenómeno campaniforme, o que, em termos sociais e simbólicos, reflecte uma assinalável mudança de comportamentos. Ainda o mesmo autor escreve sobre os artefactos campaniformes: "Documents à valeur emblématique, ils ne sont que des eléments d'une culture et non la culture" (79).

É óbvio que estas tentativas de explicação do fenómeno campaniforme enfrentam um problema maior que ainda não conseguiram solucionar. Partindo do princípio de que os objectos campaniformes (em particular, a cerâmica mais antiga) são assimilados por diversas "culturas" como "items" sociotécnicos, cabe perguntar, em primeiro lugar, como justificar a "universalização" e expansão rápida de uma "ideia" de carácter simbólico numa área tão vasta, integrando contextos culturais tão diversos e com ritmos próprios de evolução.

Ainda que alguns autores (80) tentem sugerir que a cerâmica campaniforme surge de forma mais significativa em contextos que desenvolveram previamente sistemas complexos de trocas a distância e que se encontravam num processo de plena hierarquização social, como, por exemplo, o Sul da França, Almeria ou a Estremadura portuguesa, é necessário ter em conta que isto nem sempre corresponde aos dados arqueológicos observados. Existem zonas da Europa, como por exemplo, a Bretanha, e o próprio Noroeste peninsular, que veicularam a cerâmica campaniforme nos seus sepulcros com "tumulus" e cuja especificidade cultural parece apresentar padrões dum certo "conservadorismo" social.

Aliás, o próprio estudo de Harrison e Gilman (81) sobre o sistema de trocas entre o Norte de África e a Península, durante o IIIº e o IIº milénio a.C., indica-nos claramente a possibilidade duma *assimetria de evolução* entre as populações que intercambiaram diversos produtos de prestígio. Nesta linha de pensamento, o que está em causa é saber se a "ideia" campaniforme, que se expressa materialmente de forma padronizada, é assimilada também de forma padronizada nas várias "culturas" que integram os artefactos campaniformes. Na verdade, se chegarmos à conclusão de que isso nem sempre acontece, o

próprio conceito de "ideia" campaniforme (relacionada com um culto ou uma actividade ritual) perde o seu sentido. E o que será necessário explicar é como um ou vários "items" sociotécnicos, apesar dos diversos sentidos que podem assumir, conservam a sua unidade formal inalterada. O que será também necessário explicar são os mecanismos de difusão e recepção duma *"moda" estilística extremamente vasta*, suficientemente prestigiada para se inserir e se reproduzir no centro das mais diversas comunidades do Neolítico Final ou Calcolítico da Europa.

Cremos que todas estas reflexões serão úteis para a futura investigação do fenómeno campaniforme do Norte de Portugal.

A ocorrência de cerâmica campaniforme em sepulcros com "tumulus" e num povoado com cerâmicas decoradas (Pastoria), levanta a questão da sua *integração em realidades talvez culturalmente distintas*, caso aceitemos a hipótese da dualidade cultural anteriormente referida. Duas realidades que parece terem tido uma padrão de povoamento e de estratégia de exploração do território também provavelmente distinto, embora não totalmente antagónico. Questão fundamental será inquirir o real significado simbólico desta cerâmica nestes dois contextos. Contudo, mesmo concordando com a hipótese duma dicotomia, a existência deste elemento comum nos dois tipos de estações, deixa entrever uma provável rede de contactos entre as diferentes comunidades (pelo menos, a partir dos finais do IIIº milénio a.C.), mais profunda do que seria de supor, se atendessemos exclusivamente à disparidade tipológica dos restantes materiais encontrados em sepulcros e no citado povoado.

Por outro lado, a constatação de que a cerâmica campaniforme do povoado da Pastoria foi certamente fabricada no local (*v.* apêndice 1) leva-nos à problemática da *assimilação progressiva deste artefacto nos contextos domésticos*. Assimilação que se reflecte na *passagem destes recipientes para o domínio do uso quotidiano*. Poderemos eventualmente sugerir que se tenha dado um processo de "diluição", de cima para baixo, no qual o que começaria por ser um elemento distintivo duma elite nascente "desceria" na escala social, ao ser absorvido pela comunidade, enquanto aquela passaria a diferenciar-se por novos padrões distintivos, como armas e jóias mais individualizadas? A passagem referida coexiste, na Pastoria, ainda com a utilização de vasos "clássicos". Mas, em outras estações, (Penha, por exemplo) essa passagem poderia já reflectir um outro estádio de desenvolvimento, em que a estilística campaniforme estaria perfeitamente integrada numa fase da "cultura" local.

Apesar do aparente ascendente da "cerâmica campaniforme" (nas suas múltiplas variantes e concepções) em vários dos povoados já referidos, poderemos estar, de facto, perante comunidades socialmente bem diferenciadas entre si. A "unidade" do fenómeno campaniforme é, portanto, ilusória. Tal falsa unidade ainda se torna mais patente quando, durante a 1ª metade do IIº milénio a.C., surgem achados isolados ou sepulcrais de artefactos líticos e metálicos campaniformes, dissociados de contextos, provavelmente contemporâneos, onde apenas está presente a cerâmica.

É a complexa e polimorfa realidade deste período que iremos abordar em seguida.

4. A COMPLEXA REALIDADE CULTURAL DA 1ª METADE DO IIº MILÉNIO a.C.

. Tal como já anteriormente desenvolvemos, admitimos a hipótese de coexistência total ou parcial, durante este período, de dois grandes tipos de "realidades" arqueológicas. Por um lado, durante os inícios do IIº milénio a.C. (sendo difícil, de momento, marcar um limite seguro), poderão ter perdurado *povoados sedentários na tradição calcolítica anterior, nos quais se demarcaria por vezes, ao nível das cerâmicas domésticas, a influência estilística campaniforme*. Estariam neste caso o povoado de Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar), e alguns povoados da "fachada" atlântica como a Penha, Vila Chã, Gândara, etc.. Poderiam também integrar-se nesta fase as grutas transmontanas de Lorga de Dine e Ferreiros e um povoado do leste de Trás-os-Montes, o de Barrocal Alto (82). Esta hipótese baseia-se exclusivamente nos dados provenientes das escavações dos povoados de Castelo de Aguiar e Pastoria e no estudo comparado dos materiais das diferentes estações referidas. Deverá ser testada futuramente por uma ampla série de intervenções arqueológicas visando determinar a evolução cronológica e cultural dos povoados pré-históricos recentes das diversas regiões do Norte de Portugal.

Da máxima importância será compreender o tipo de utilização de grutas de Dine e Ferreiros, no sentido de confirmar ou não a função sepulcral das mesmas, associada aos materiais do âmbito descrito.

Por outro lado, os sepulcros, com ou sem "tumulus" continuam a assumir nesta fase uma função simbólica importante (83). Mas agora não tanto pelo seu volume, não tanto pela sua função de eventuais "marcadores" territoriais, mas pelo *tipo de espólio*. Independentemente de antigas sepulturas megalíticas reutilizadas, ou mesmo de monumentos megalíticos com "tumulus" construídos nesta fase (podendo alguns inserir cerâmica campaniforme do estilo Ciempozuelos/Palmela), surgem monumentos mais baixos, com câmaras cistóides ou cistas sob montículos feitos com terra e pedras, ou exclusivamente, com pedras ("cairns"). Podem ainda ocorrer cistas enterradas no solo, sem qualquer "tumulus" a cobri-las. No interior destes sepulcros aparecem, ora espólios pobres, constituídos por um ou mais vasos cerâmicos (da "família" dos tronco-cónicos), ora espólios mais ricos, integrando jóias simples em prata, ou jóias mais elaboradas em ouro e/ou armas de cobre arsenical numa interessante combinatória entre tipos de filiação local ou trans-regional (campaniforme e atlântica) (84). Estes espólios acompanhavam com toda a probabilidade, na grande maioria dos casos, inumações individuais.

Abundam também achados isolados ou "tesouros" constituídos por artefactos metálicos do mesmo âmbito cronológico e cultural do observado nos túmulos.

Duma forma geral, podemos dizer que esta "realidade" que envolve túmulos, "tesouros" ou achados dispersos tem uma expressividade mais vincada a ocidente, na "fachada" atlântica, embora se conheçam alguns exemplos na região transmontana.

Assim, este fenómeno poderia ter sido contemporâneo (particularmente na província do Minho) de alguns dos povoados ocupados nesta época, anteriormente referidos.

. Como é facilmente comprovável, o fenómeno social que está por detrás desta

"realidade" arqueológica também não parece unitário. A diversidade de arquitecturas tumulares, de tipos de materiais, de "filiação" cultural dos espólios, deixam entrever uma situação muito complexa, onde se manifestam *contactos a distância*, num âmbito peninsular e extra-peninsular marcadamente *atlântico*. Por outro lado, o carácter de muitas tumulações e respectivos espólios parece reflectir, em maior ou menor grau, o *aparecimento dum "poder" individualizado*. Contudo, algo de mais incisivo caracteriza este fenómeno: é que indícios desse eventual "poder" individualizado não foram ainda detectados em povoados correspondentes (85). Mais uma vez o registo arqueológico aponta para uma aparente dissociação entre a importância simbólica do sepulcro e do povoado, uma vez que não podemos, de momento, estabelecer qualquer conexão segura entre os possíveis povoados de tradição calcolítica desta época e os túmulos seus contemporâneos, mesmo os existentes adentro da área de influência dos primeiros (como, por exemplo, o caso do povoado de Castelo de Aguiar em relação com o monumento sepulcral das Carvalhas Alvas). Apenas num caso - povoado de S. Lourenço (Chaves) - se verifica a existência de artefactos metálicos de cobre arsenical de âmbito "campaniforme" (punhais de lingueta e ponta de tipo Palmela) que foram descobertos adentro da área do "habitat", mas em condições de jazida que não podemos precisar. No entanto, neste caso, poderíamos colocar a hipótese daquele povoado calcolítico com cerâmicas decoradas ter conhecido, durante os inícios do IIº milénio a.C. (ocupação que não identificámos estratigraficamente), nova estruturação social que privilegiaria a liderança individual materializada nos objectos metálicos referidos. Esta hipótese é interessante, porque poderia conduzir-nos a uma outra ideia: a da eventual evolução local por parte de populações de tradição calcolítica mais desenvolvida (86) para um outro estádio cultural expresso em tumulações individuais e espólios reveladores duma nova "ordem social". Aliás, a existência de cerâmica campaniforme na última fase da ocupação calcolítica do povoado da Pastoria adverte-nos para a possibilidade duma transformação da estrutura social destas comunidades, que integrando, de início, este artefacto de prestígio, poderiam vir a conhecer mudanças mais radicais no decurso da 1ª metade do IIº milénio a.C..

Este modelo interpretativo, aparentemente, não entraria em contradição com a distribuição geográfica de alguns povoados com cerâmicas, possivelmente tardias, de "tipo Penha", e de muitos dos sepulcros ou achados metálicos dos começos do IIº milénio a.C., ambos ocorrendo na fachada atlântica. Também no Sul da Península, em áreas culturalmente evolucionadas (Almeria), povoados do âmbito de Los Millares (Cerro de La Virgen, Orce) evoluiram directamente para ocupações da Idade do Bronze, reveladoras dum acentuado processo de diferenciação social (87). Todavia, no nosso caso, não há provas de que essa evolução se tenha dado. Apenas queremos salientar que é sobretudo numa região conhecida pela existência de vestígios de uma tradição calcolítica "evolucionada" (de filiação meridional), que se observa, durante a 1ª metade do IIº milénio a.C., um fenómeno arqueológico indicador de profundas inovações sociais. Mas se esta transformação se deu, e se aceitamos que os povoados correspondentes aos sepulcros desta fase não são conhecidos devido à sua reduzida materialidade na paisagem, então teremos de admitir que durante este período se deu uma mutação cultural profunda, a qual se reflectiria na inversão da relação povoado/túmulo, relativamente à fase anterior.

Alguns dos povoados calcolíticos teriam sido abandonados e substituídos por

outros menos destacáveis na paisagem ou localizados noutras áreas? Os mesmos povoados continuariam a ser ocupados, mas segundo moldes estruturalmente diferentes? O material doméstico dos novos povoados apresentaria características diversas do espólio funerário? Hipóteses que não podem, para já, ser confirmadas, mas que não deixam de ser verosímeis.

Esta transformação, a ter-se dado, não impediria, contudo, que nas mesmas áreas ou em regiões diferentes, persistissem formas de povoamento reveladoras de estruturas sociais "arcaizantes", menos hierarquizadas, vindas na tradição calcolítica do IIIº milénio a.C..

Todavia, esta proposta de evolução, não se encontra apoiada arqueologicamente, para além dos fracos indícios revelados em S. Lourenço. Como hipótese alternativa, poderemos também pressupor que o diversificado fenómeno das tumulações individuais, ao que tudo indica ligado, desde os inícios do IIº milénio a.C., à intensificação da circulação de artefactos metálicos de prestígio, tenha afectado globalmente, ainda que de forma diversa, grande parte das comunidades do Norte de Portugal (particularmente as da área ocidental): quer as que habitavam em povoados do tipo que abordámos neste trabalho, quer as que tumulavam predominantemente em monumentos com "tumulus" (admitamos ou não a hipótese de dualidade cultural anteriormente referida). Aliás, em termos das novas arquitecturas funerárias é indiscutível que, em muitos casos, não só os antigos sepulcros com "tumulus" terão sido reutilizados, como os que foram construídos nesta fase parecem apresentar, em regra, uma concepção global que vem na tradição dos monumentos "megalíticos". Algumas cistas sem "tumulus", com espólios ricos, junto ao litoral, constituem uma excepção. Neste sentido, o novo fenómeno sepulcral da 1ª metade do IIº milénio a.C. parece inserir-se naturalmente numa longa tradição tumular que remonta ao IVº milénio a.C..

De qualquer forma, seja qual for o contexto cultural que se tenha revelado mais receptivo às inovações sociais desta fase, não há dúvida de que as novas manifestações arqueológicas (tumulações, achados isolados ou "tesouros") encontram um apreciável paralelismo em fenómenos culturais contemporâneos da fachada atlântica europeia (Bretanha e Inglaterra). Para além da semelhança das tumulações individuais em cista e de muitos tipos de artefactos metálicos, o próprio grupo tumular dos vasos tronco-cónicos com ou sem mamilos encontra-se também representado, por exemplo, em diversos sepulcros bretões, como em Kerhuel (Saint-Évarzec, Finisterra), Ligollenec (Berrien, Finisterra) e Haut Grenit (Plumelin, Morbihan), ou na ilha normanda de Jersey, em Géonnais (Saint-Ouen) ou Hougue-Mauger (Saint-Mary) (88). É um grupo cerâmico que, em França, tem a sua origem no Neolítico de determinadas regiões do Norte, Noroeste e Centro-Oeste, e que se vai afirmar, posteriormente, durante o Bronze Inicial, como uma série tumular autónoma na Bretanha e em alguns pontos de Inglaterra (89).

Por outro lado, na Bretanha, os "habitats" correspondentes à 1ª e 2ª série de túmulos armoricanos são raros, e revelam normalmente ocupações sazonais de curta duração, por vezes distanciadas dos locais funerários (90). Nesses povoados destaca-se um material doméstico de tradição neo-calcolítica, muito diferente do encontrado nos túmulos: salientam-se raspadeiras e pontas de seta pedunculadas, em sílex, vasos de fundo plano, alguns carenados, por vezes decorados com cordões (simples ou com incisões ou impressões).

O modelo de relação povoado/túmulo permanece, assim, relativamente inalterado, na Bretanha, ao longo de vários milénios, desde o Neolítico à Idade do Bronze. Esta aparente continuidade de expressão do povoamento não se assemelha, no entanto, ao quadro das manifestações culturais calcolíticas e do Bronze inicial, do Norte de Portugal.

Aqui, admitindo ou não a hipótese de dualidade cultural durante o IIIº milénio a.C. (entre sociedades predominantemente "megalíticas" e sociedades calcolíticas habitando em povoados sedentários), confrontamo-nos sempre, ao chegarmos ao IIº milénio a.C., com uma sensível mudança, no registo arqueológico, de tipo de sepulcros e, indirectamente, do de "habitats".

Se aceitarmos a dualidade cultural referida, deveremos futuramente explicar, em primeiro lugar, se ambos ou apenas um dos contextos evoluíu no sentido dessa "nova ordem social" dos inícios do IIº milénio a.C.. E, naturalmente, em segundo lugar, deveremos caracterizar essa evolução, em toda a sua multiplicidade e variedade regional. Como já sugerimos, se essa evolução afectou directamente as sociedades que ocuparam povoados sedentários no IIIº milénio a.C., ela terá implicado (mais do que no caso das comunidades que tumulavam em monumentos "megalíticos") uma transformação de fundo, pois parece ter invertido o significado da relação territorial entre povoado/sepulcro. De qualquer forma, não nos podemos esquecer de que esta ilacção é, obviamente, provisória, face aos poucos conhecimentos que possuímos para todo o Norte de Portugal.

Mas mesmo que não aceitemos a hipótese da dualidade cultural (pelo menos, num sentido dicotómico profundo), seremos forçados a reconhecer que as novas tumulações, integrando espólios indicadores dum *poder individualizado*, sem correspondência arqueológica visível em povoados coevos, deixam antever, em algumas regiões (além duma óbvia mudança das estruturas sociais), *o fim dum processo sepulcral*. Este, tendo tido a sua origem provável no IVº milénio a.C., irá, contudo, perdurar, em certas áreas, provavelmente até meados do IIº milénio a.C..

. É interessante acentuar que, durante este período, se observa novamente uma provável *"sobreposição" de contextos arqueológicos* ao nível de toda a região: - quer em Trás-os-Montes, quer no Minho e Douro-Litoral, devem subsistir *povoados na tradição calcolítica anterior*, embora não saibamos qual a dinâmica social que os caracterizou; no leste transmontano poderão ocorrer tumulações (?) em gruta, conectadas com os povoados desta região; - na "fachada" atlântica e em alguns pontos isolados de Trás-os-Montes, surgem artefactos de prestígio e sepulcros de diversas tipologias (ligados, muitos deles, à inumação individual), com espólios mais ou menos ricos, vinculáveis a diversas tradições culturais, em relação com um vasto "movimento" de feição atlântica. Os sepulcros e "tesouros" mais ricos conhecidos situam-se próximo do litoral. Esta segunda realidade arqueológica restringe-se, assim, a uma área menor (com alguns prolongamentos pontuais para leste) podendo ter coexistido, "grosso modo", na região mais ocidental, com a dos povoados de cerâmicas decoradas já anteriormente referidos.

Duas questões essenciais devem ser futuramente esclarecidas, em relação com esta hipótese de ocupação do espaço durante a 1ª metade do IIº milénio a.C..

Em primeiro lugar, será indispensável investigar o complexo de causas que terá motivado o eventual aparecimento desta "nova ordem social" melhor representada na "fachada" atlântica do Norte de Portugal. Cremos que só o estudo dos antecedentes culturais do IIIº milénio a.C. nesta vasta área poderá ajudar a resolver tal questão.

E que esse estudo, na linha de Chapman (91), Gilman (92), Sherratt (93) ou Barker (94) deverá estar atento à possibilidade de se terem registado aqui, durante esse milénio, pelo menos, *algumas das grandes transformações tecnológicas e sociais* verificadas em quase toda a Europa, que deram origem à complexa estrutura social do IIº milénio a.C..

Entre essas transformações globais cabe referir um paulatino aumento demográfico, a progressiva expansão humana para terras mais férteis (solos espessos, não ocupados anteriormente de forma sistemática), o desenvolvimento de técnicas agrícolas intensivas, a hipotética introdução do *arado* e subsequente utilização de animais de tracção, a promoção (relacionada com este tipo de intensificação agrícola) do papel social do homem relativamente ao da mulher (tradicionalmente ligada a uma agricultura de enxada), a competição entre pequenas unidades sociais, face à necessidade de proteger o acesso a certas porções de terra vitais para as comunidades (e tornadas mais ricas, a prazo, pelo trabalho nelas investido no decurso do tempo).

Todas ou algumas destas transformações poderão ter produzido a constituição de *elites* que fortaleceram o seu poder graças à realização de alianças de carácter matrimonial, ao controlo da produção e distribuição de matérias-primas raras ou mesmo de artefactos de prestígio num determinado espaço geográfico, a formas de cooperação inter-comunal da mais diversa índole.

Embora o nosso conhecimento sobre as manifestações sepulcrais desta época, no Norte de Portugal, esteja limitado a uma informação de carácter aleatório, produto de descobertas casuais, não será inútil relembrar que alguns desses túmulos (ou achados avulsos) se situam, não só na "fachada" atlântica, como se localizam próximo de terras férteis do litoral, ou nas proximidades de cursos de água importantes (por exemplo, Quinta da Água Branca, S. Bento de Balugães, Anha/Chafé, Chã de Arefe, etc.). Contudo, a eventual relação existente entre esta localização e a hipotética ocupação, por parte de determinados grupos, das terras férteis de vale só poderá ser devidamente valorizada por um projecto global de investigação orientado para a reconstituição dos paleo-ambientes, detecção de povoados e sepulcros em regiões bem delimitadas, recuperação das antigas técnicas agrícolas e tentativa de definição de estruturas sociais que terão presidido ao desenvolvimento destas primeiras sociedades hierarquizadas da Idade do Bronze.

A segunda questão diz respeito, naturalmente, às formas de *interacção social* concebidas por estas populações mais evolucionadas relativamente a outras suas contemporâneas, eventualmente integradas em sistemas sociais mais igualitários. A existência de artefactos metálicos de âmbito atlântico/campaniforme no interior transmontano, em áreas aparentemente mais "conservadoras" (por exemplo, o conjunto de alabardas tipo "Carrapatas"), poderá apontar para um intercâmbio de elementos sociotécnicos entre comunidades pertencentes a diferentes tradições culturais e em diversos estádios de desenvolvimento.

Nessa eventualidade, caberá perguntar qual o papel que tais "items" desempenharam no interior das comunidades receptoras.

5. AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL - BREVES REFLEXÕES

O nosso trabalho nunca pretendeu abordar até aqui a complexa problemática da arte pré-histórica (95) do Norte de Portugal. Como os recentes investigadores que a este assunto se têm dedicado já sugeriram, será necessário promover a realização dum "corpus" de todas as manifestações artísticas desta região (segundo as mais modernas metodologias de levantamento de campo e de interpretação técnica e estilística), antes de se poder atingir uma fase de investigação suficientemente amadurecida para avançar propostas de existência de "grupos" caracterizados por uma inequívoca homogeneidade formal, vinculáveis a cronologias relativas bem precisas e, em última análise, articuláveis com contextos culturais relativamente bem caracterizados através de vestígios arqueológicos.

As reflexões que se vão seguir não têm pois o intuito, nem de voltar a sumariar a história das pesquisas neste domínio, nem de fazer o ponto da situação sobre o actual estado dos nossos conhecimentos, nem de fornecer elementos inéditos que ajudem a ultrapassar uma fase de reordenamentos de dados antigos.

Elas visam apenas *questionar* algumas das linhas de força que nos últimos anos têm vindo a ser debatidas entre os especialistas desta área, no sentido de estabelecer pistas para um futuro enquadramento cultural dos diversos fenómenos artísticos no âmbito das comunidades pré-históricas que, de forma mais ou menos desenvolvida, deixaram impressa a sua marca no território que é hoje o Norte de Portugal. Abordaremos, assim, algumas questões que envolvem a interpretação de diversas gravuras em rochas ao ar livre, de pinturas em abrigos sob-rocha, de estátuas-menires e, duma maneira geral, da arte megalítica, assumindo esta classificação, num primeiro momento, um carácter estritamente arqueológico.

. Se Sobino Lorenzo-Ruza (96) ajudou a delimitar, do ponto de vista temático e geográfico, o chamado grupo das gravuras "galego-atlânticas" (separando-o de outros motivos gravados, dispersos pelo Noroeste, cuja cronologia, por vezes, atribuíu a épocas históricas recentes), foi, sem dúvida, com A. M. Baptista (97) e V. O. Jorge (98), que, recentemente, e no que diz respeito ao nosso território, foi posta em causa a homogeneidade inerente ao conceito de "grupo galaico-português". Este último autor refere-se a esta questão de forma explícita: "... o sentido lato em que se tem usado o conceito de grupo "galaico-português" é impróprio, recobre manifestações artísticas heterogéneas, e deveria ser substituído por uma análise mais fina dos problemas, que a partir da constituição provisória de grupos bem definidos, fosse recompondo um quadro classificativo geral das gravuras portuguesas" (99).

Esta posição rompe, de forma clara, com a perspectiva, defendida por Anati (199), dum amplo *ciclo rupestre do NO peninsular* (sub-dividido em cinco fases, desde o

Epipaleolítico até à Idade do Ferro), assente em pressupostos evolucionistas unilineares, amplamente criticados por diversos investigadores (particularmente galegos), como Peña Santos e Vázquez Varela (101).

Em 1983-84, A. M. Baptista (102) parte para uma desmontagem do conceito tradicional de "grupo galaico-português", *distinguindo dois grandes grupos de gravações rupestres no Norte de Portugal*. Refere-se ainda a um terceiro (constituído por gravuras filiformes), cuja cronologia é, segundo o autor, mais recente do que as aduzidas para os dois primeiros.

O Grupo I de A. M. Baptista identifica-se, em sentido estrito, com o conjunto de gravuras "galego-atlânticas" de Lorenzo-Ruza. Materializa-se em rochas localizadas numa faixa litoral, entre as províncias de Pontevedra e do Alto Minho.

A sua situação topográfica é descrita como valorizando "... as rochas dos *plateaux* de média encosta ou dos cumes de baixa altitude, normalmente perto de pequenos ou médios cursos de água, com uma inclinação que procura muitas vezes o poente..." (103). As gravuras tendem a ocupar a totalidade dos espaços operativos das rochas, através de composições complexas que podem associar círculos simples e concêntricos (por vezes, com covinhas no interior), espirais, "figuras proto-labirínticas e labirínticas", meandros, linhas rectas e curvas e, secundariamente, armas (segundo modelos do Bronze inicial), "zoomorfos semi-esquemáticos e esquemáticos", antropomorfos e "motivos do tipo idoliforme". Os zoomorfos, predominam, no entanto, na província de Pontevedra.

A existência de amplos paralelos atlânticos para este grupo estilístico e a tipologia de algumas armas gravadas fornecem a Baptista, na esteira de investigadores anteriores, os argumentos para a sugestão duma cronologia adentro da Idade do Bronze, em particular, Bronze Médio-Final Atlântico (104).

Relativamente a este primeiro grupo cabe-nos perguntar se, para além de um "ar de família" evidente entre muitas composições referidas (pela semelhança da técnica, temática e organização de grande parte dos motivos no espaço operativo das rochas) não haverá que distinguir *variantes* que apontam para uma eventual variabilidade temática, estilística e cronológica.

Tomando apenas, como exemplo, no território do Norte de Portugal, quatro das mais significativas estações que se podem integrar neste conjunto "atlântico", como seja as do núcleo do Monte de Fortes (Taião), Tapada de Ozão e Monte da Laje (as três na freguesia de Gandra, concelho de Valença) (105) e a estação da Bouça do Colado (Lindoso, Ponte da Barca) (106), objectivemos algumas das características que aglutinam e separam as referidas rochas entre si. Aceitando a interpretação dos autores que realizaram o estudo técnico e estilístico daquelas, a qual atribui à *mesma fase cultural* a realização das principais composições observadas em cada um dos painéis (107), podemos distinguir *três variantes de estações, em função da ausência/presença de determinados motivos*: - em Monte Fortes e Tapada de Ozão, a superfície decorada apenas insere círculos concêntricos, por vezes raiados ou com apêndice (alguns de grandes dimensões), "fossettes" e linhas; além disso a superfície plana da Tapada de Ozão apresenta-se totalmente gravada (o

que a distingue da de Monte Fortes), numa organização imbricada, onde não se vislumbram espaços vazios; - no afloramento do Monte da Laje, além de círculos concêntricos, (alguns raiados), concentrações de pontos, linhas e uma figura reticulada, etc., existem ainda figuras rectangulares alongadas (reticuladas no interior), consideradas "figuras idoliformes", associadas a armas (possíveis punhais ou espadas curtas de lingueta, com "punho arredondado", aparentemente embainhadas); a composição parece estar estruturada, no sentido das armas se encontrarem ladeadas pelas "figuras idoliformes" situando-se esta associação (armas e "ídolos") no centro do espaço decorado; observam-se espaços vazios entre os motivos gravados, pelo que está ausente o carácter "obcessivo" assumido pela decoração invasora de Tapada de Ozão; - finalmente, na Bouça do Colado (rocha central), observam-se círculos (simples ou concêntricos com covinhas no interior), figuras "proto-labirínticas", linhas, meandros e, no "centro da rocha, exactamente no ponto de confluência dos eixos maior e menor do painel superior (...), foi gravado um grande idoliforme feminino" (108). Este "idoliforme" é constituído por um par de círculos (cada um com uma covinha ao centro), encimando uma figura sub-triangular com apêndice, preenchida no interior também com covinhas. Sobre o par de círculos desenvolve-se uma figura triangular que penetra em três círculos concêntricos donde saiem diversos apêndices e espirais. Embora esta composição integre bastantes motivos, eles não chegam a ocupar a totalidade do espaço utilizável da rocha.

Admitindo, como já afirmámos, a contemporaneidade global (temática e cultural) dos motivos descritos em cada uma das rochas mencionadas, o polimorfismo temático e organizativo observado sugere-nos alguns breves comentários. Em primeiro lugar, para além das figuras abstractas (constituídas por círculos concêntricos, linhas ou "proto-labirintos"), são as *"figuras idoliformes"* e as *armas* que apresentam características mais individualizadoras, permitindo estabelecer paralelos aproximados com outras estações do Noroeste ou mesmo de outras áreas peninsulares.

Começando pelas armas, e repetindo muitas das análises previamente estabelecidas para a representação de punhais de lingueta bem delineados, na Galiza (109) e Astúrias (110), aceitamos que eles poderão reportar-se à Idade do Bronze, particularmente ao Bronze inicial (1ª metade do IIº milénio a.C.).

A sua possível associação, na Pedra da Laje, a figuras alongadas reticuladas com aparência "idoliforme" e a outros motivos típicos do grupo "galaico - português" (em sentido estrito), é, que saibamos, única no contexto rupestre do Noroeste peninsular. Na verdade, este tipo de armas aparece na Galiza (111) acompanhando, predominantemente, o clássico motivo em espiral, os "proto-labirintos", os círculos concêntricos e os zoomorfos. Secundariamente pode ocorrer em rochas isoladas ou juntamente com representações de alabardas em composições cujo estilo esquemático se distancia profundamente do observado no grupo "atlântico". Num caso, na Pedra das Ferraduras (Cotobade) (112) encontra-se associado a zoomorfos, antropomorfos, um "proto-labirinto" e "figuras idoliformes" rectangulares, cuja extremidade superior se encontra seccionada com sulcos horizontais ou curvilíneos. Estes "ídolos" são normalmente assimilados aos "ídolos-cilindro" do Calcolítico da Estremadura, embora nos pareça extremamente forçada tal interpretação. A Pedra das Ferraduras, seria, de qualquer forma, a única estação do "grupo do Noroeste"

a integrar a associação ídolo/punhal num contexto de outros motivos próprios do "ciclo galaico-português". Contudo, os "ídolos" desta estação galega distanciam-se tipologicamente dos observados na Pedra da Laje.

Na estação portuguesa as figuras "idoliformes" poderão antes encontar algumas semelhanças formais com figuras similares descritas por Anati (113) da estação de Peña da Carballeira do Pombal, em Campo Lameiro, as quais, no entanto, não foram publicadas como estando associadas a quaisquer outros motivos.

Nas Astúrias, "figuras idoliformes" pintadas com a mesma tipologia genérica, provenientes da Cueva del Ganado, Abrigo del Ganado e Abrigo de Trechacueva (114), são, no entanto, integradas, naquela região, no grupo das pinturas rupestres esquemáticas. Também fora do Noroeste, não podemos deixar de lembrar a célebre associação de "ídolo"/punhal de Peña-Tu (Astúrias) (115), a qual, embora inserta num enquadramento de pinturas esquemáticas alheadas do contexto "atlântico", apresenta algumas afinidades com a composição da estação de Valença: um dos punhais da Pedra da Laje (com esboço de lingueta) é globalmente semelhante ao de Peña-Tu, tal como um dos "ídolos" da estação portuguesa (nº 25), embora mais simples e abstracto, insere uma bipartição do seu interior que lembra o daquela estação asturiana. No entanto, se nos lembrarmos de que a morfologia do "ídolo" de Peña-Tu se pode preferencialmente associar à estilística de algumas estátuas-menires de tradição calcolítica mediterrânica, estaremos perante um provável caso de *intersecção estilística* (e cultural?) nas duas estações: "figuras idoliformes" e punhais de lingueta com certas afinidades morfológicas, associam-se, respectivamente, no Noroeste e nas Astúrias, a figurações do grupo "galaico-português" e do grupo esquemático (de tradição meridional).

Não sendo nossa intenção tentar explorar qualquer das consequências que esta hipótese de trabalho implica, não queremos deixar de sugerir que ela pressupõe *a necessidade de repensar a cronologia de, pelo menos, alguns dos conjuntos gravados do Grupo I*. Na verdade, ao aceitarmos a semelhança formal entre as armas gravadas da Penha da Lage com outras idênticas da Galiza e com a de Peña-Tu, teremos, implicitamente, de atribuir à composição global desta estação uma cronologia genérica adentro da 1ª metade do IIº milénio a.C.. Em hipótese alternativa poderíamos admitir que a morfologia das armas mencionadas corresponderia a um "arcaismo" concebido numa fase mais recente, já do Bronze Final, período em que tradicionalmente são integrados, por diversos autores, os círculos concêntricos e, sobretudo, os "proto-labirintos" da arte do Noroeste (116).

Um tal recuo atribuído à cronologia do Grupo I foi também muito recentemente proposto por A. M. Baptista (117), no âmbito do estudo da estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca), com a qual o autor pretende comparar a "figura idoliforme" da Bouça do Colado. Escreve este autor: "Isto permite afirmar (...) que já no Calcolítico, pelo menos, o tema dos círculos concêntricos estava então suficientemente difundido e se tinha imposto no Noroeste. A partir daqui, urge igualmente revalorizar e estudar melhor o tema dos idoliformes no grupo do Noroeste, cuja antropomorfização pode atingir formas altamente convencionais, como no caso da Bouça do Colado (...), ou os mais conhecidos da Pedra das Ferraduras e da Pedra Grande de Montecelo" (118). Assim, neste recente trabalho as gra-

vuras da fase I da Bouça do Colado são situadas, por Baptista, entre os finais do IIIº e meados do IIº milénio a.C. (Calcolítico/Bronze Inicial).

. Esta cronologia, no entanto, não é deduzida da análise interna dos temas existentes nesta rocha, nem da sua comparação com outros similares em estações do Noroeste, mas através da analogia com uma estátua-menir, encontrada na mesma zona da Serra Amarela, a estátua da Ermida. Como havemos de comentar posteriormente, a análise crítica dos atributos desta estátua-menir não nos sugere relações formais directas com o "idoliforme" da Bouça do Colado. Este é constituído pela associação estruturada de diversos tipos de elementos temáticos que também ocorrem isolados no restante espaço operativo: círculos simples com covinha no centro, círculos concêntricos raiados, dos quais saiem apêndices, espirais, um motivo sub-triangular preenchido com covinhas. Aliás, por exemplo, na Pedra Grande de Montecelo (Poio) (119), também surgem associações de elementos similares embora conjugados de forma diferente. Ou seja, esta figuração integra-se plenamente no grupo "atlântico", como, aliás, a quase totalidade dos restantes motivos (à excepção duma figura reticulada, pertencente à fase II).

Neste sentido, a rocha da Bouça do Colado não parece apresentar figurações distintivas, que se sobreponham ou se associem aos motivos clássicos, mais habituais do Grupo I, o que nos induz a colocar uma questão de índole cronológica, extensiva a todas as estações com estas características: a sua datação deve confinar-se à 1ª metade do IIº milénio a.C. (cronologia atribuída a rochas com armas e "figuras idoliformes" provavelmente insertas nesta fase), ou a sua origem poderá eventualmente recuar até ao IIIº milénio a.C. e o seu "terminus" atingir os finais do IIº milénio a.C., ou seja, o Bronze Tardio/Final? Esta última hipótese coloca também o problema da viabilidade dum "ciclo artístico" apresentar uma tão longa duração, mantendo as suas características essenciais inalteradas.

. Cremos que a formulação do Grupo II de A. M. Baptista explicita de forma oportuna, o que, parcelarmente, já outros autores (120) haviam anteriormente sugerido: a existência duma arte esquemática de inspiração meridional no Norte de Portugal. Este grupo (no qual são particularmente valorizadas as gravuras em rochas) tem uma distribuição no Norte de Portugal mais "continental" do que a do grupo I (Trás-os-Montes e algumas zonas do Minho). A sua temática integra antropomorfos esquemáticos de diversos tipos (em *fi*, ancoriformes, cruciformes, etc.) e, raramente, antropomorfos naturalistas; figuras quadrangulares ou rectangulares segmentadas interiormente; círculos simples segmentados com uma ou duas linhas perpendiculares entre si; raros zoomorfos. Outros motivos, como linhas e pontos, podem também ocorrer. Os semi-círculos (ferraduras) e os chamados "ganchos" poderão já não pertencer, segundo o nosso ponto de vista, a este "ciclo artístico" (121).

Contudo, se a construção do Grupo II revelou uma correcta percepção da existência e expansão dum "estilo" de filiação meridional neste território, ela encontrou dificuldades não só ao nível da criação de uma cronologia minimamente aceitável, como na delimitação dos parâmetros temáticos que o definem.

Na verdade, englobar na arte esquemática cruciformes considerados medievais, sob o pretexto de que eles entroncam numa tradição indígena que começou no Bronze Final e teve o seu auge na Idade do Ferro, será, no mínimo, excessivo.

Contudo, parece-nos que a "arte esquemática" pré-histórica (no sentido amplo do termo, ou seja, gravura e pintura rupestre) se expressou de formas diversificadas, sendo necessário interpelar esse *polimorfismo* em termos não só duma eventual amplitude cronológica, como da existência de "correntes" culturais paralelas, que importa circunscrever, ainda que sumariamente.

Em primeiro lugar, há que distinguir a arte em rochas insculturadas e a arte em abrigos pintados.

No primeiro caso, a interpretação dos motivos e sua distribuição no espaço operativo, enfrenta a dificuldade maior de ter de saber distinguir o que são autênticas figurações pré-históricas do que são cruzes cristãs ou marcas de termo, de propriedade ou passagem, sinais apotropaicos, etc.. De qualquer forma, em presença de alguns *conjuntos* significativos e através duma minuciosa análise técnica e estilística cremos (como, aliás, A. M. Baptista) que se pode actualmente chegar à conclusão de que existem algumas estações no Norte de Portugal (e na Galiza) que apresentam composições esquemáticas pré-históricas que entroncam num "movimento" peninsular de filiação meridional, expresso no nosso território, por exemplo, na arte do Vale do Tejo, mas que tem uma ampla distribuição por toda a Meseta, e, também, por algumas áreas do Noroeste Peninsular.

Duas estações conhecidas no Norte de Portugal, o *Gião* (Arcos de Valdevez) (122) e o *Tripe* (Mairos, Chaves) (123), são bons exemplos desta "corrente" artística. Contudo, cada uma destas estações apresenta particularidades que importa realçar.

No Gião 1 observa-se uma apreciável gama de antropomorfos: antropomorfos com os membros arqueados, com os braços "em asa" (tipo *fi*) cruciformes, etc.. No entanto, parecem também existir possíveis cruciformes cristãos cuja presença, por vezes, dificulta a leitura de conjunto. Para além destes antropomorfos clássicos, ocorrem figuras sub-quadrangulares ou sub-rectangulares segmentadas interiormente, por vezes com apêndices, interpretadas por Baptista como eventuais "figuras antropomórficas idealizadas" (124). Estes últimos motivos e os antropomorfos do tipo *fi*, inserem-se, para o autor, numa Fase I de gravação, enquanto os cruciformes e seus derivados terão sido concebidos numa Fase II. A composição de uma das rochas (rocha 15), invade uma boa porção da área total disponível. No Gião 2 (Rocha 1) ocorrem figurações "esteliformes" (de 4 a 8 raios) e quadrangulares (algumas de bordos arredondados), segmentadas no interior com dois "diâmetros" perpendiculares. Estas últimas inserem, por vezes, covinhas no centro dos reticulados. Nesta rocha os motivos ocupam uma área reduzida e encontram-se *dispersos*, aparentemente, sem formar uma composição estruturada.

De qualquer forma, quer os motivos das rochas de Gião 1, quer os de Gião 2, encontram claros paralelos formais na própria pintura esquemática do Sul peninsular, sistematizada em 1968 por Pilar Acosta (125), o que, aliás, já F. Fontes, em 1932, intuira ao comparar antropomorfos em *fi* desta estação com outros idênticos da Serra Morena (126).

O Tripe é uma estação, para nós, particularmente importante, não só pelas figurações que revelou, mas pela localização na freguesia de Mairos, a apenas alguns quilómetros, em linha recta, do povoado da Vinha da Soutilha (do qual, aliás, se pode avistar o local da estação rupestre).

Diz-nos M. Baptista que "...o Tripe é um pequeno outeirinho onde afloram algumas lajes graníticas de grão fino a médio, encaixado no interior de um vasto "anfiteatro" natural, suavemente afunilado a Sul e Sudoeste" (127). Das vinte e oito rochas inventariadas, apenas quatro foram sumariamente publicadas (duas em desenho e outras duas em fotografia), restando as outras totalmente inéditas. Contudo, graças à compreensiva colaboração do autor, tivemos acesso a toda a informação gráfica disponível, podendo dela retirar as breves ilacções que a seguir apresentamos, que, aliás, não ultrapassam em muito, os comentários preliminares já publicados por M. Baptista.

Em quatro das maiores rochas preservadas podem-se ainda observar composições que preenchem uma grande área ou a totalidade do espaço operativo (rocha 3). No entanto, não são facilmente inteligíveis agrupamentos estruturas de figuras (este complexo está muito destruído, ocorrendo pequenas rochas soltas fragmentadas) nem, sobretudo, é fácil discernir qualquer hierarquia de motivos, quer em termos de dimensão, localização ou morfologia. Sem dúvida, teremos de esperar pelo estudo monográfico desta estação, para acedermos ao conhecimento de eventuais fases de gravação e de associação de motivos concebidos durante o mesmo momento cultural. Predominam os antropomorfos esquemáticos: entre estes é de realçar os tipos em *fi*, de morfologia muito variada, entre os quais existem três exemplares com um provável *toucado* (dois com três plumas em forma de "penacho" e um com cinco plumas em forma de "leque") (128). Outros antropomorfos podem ter "corpos lineares, de membros curvos ou rectos, até aos cruciformes simples. Alguns são envolvidos por uma linha sinuosa, que lhes contorna o corpo. Um dos de braços ao alto, tem duas grande mãos, com os dedos marcados" (129). De facto, quanto a nós, grande número destas figuras encontra, igualmente, paralelos específicos na pintura esquemática peninsular, em particular os antropomorfos, que, segundo Pilar Acosta, podem ostentar o que a autora designa por "adornos pessoais" ou, até, eventualmente, "armas" (130), Mais raramente surgem figuras antropomorfas naturalistas ou semi-esquemáticas e figuras sub-quadrangulares segmentadas, de cantos arredondados, algumas com apêndices ou incluíndo covinhas no interior dos reticulados. Um dos aspectos mais interessante desta estação é a ocorrência de dois *quadrúpedes* muito esquemáticos, interpretados, por Baptista, como "equídeos", um dos quais se encontra montado por uma figura antropomórfica semi-esquemática, com os braços em *fi*. Também neste caso, os zoomorfos obedecem aos cânones habituais da pintura esquemática (131). Finalmente, estas rochas comportam também "ferraduras", "ganchos", podomorfos, paletas, covinhas dispersas, além de outros cruciformes, cuja tipologia nos sugere, eventualmente, ou uma outra cronologia e/ou outra tradição estilística.

Na Galiza, existem também estações com bons paralelos, quer para o Gião, quer para o Tripe, como, por exemplo, a Eira dos Mouros, em Cotobade (132), ou, o complexo de Borna, em Moaña (133), cuja integração estilística, no entanto, deverá ser repensada, à luz das actuais posições sobre este tema. No vale do Douro, em Zamora, é de assinalar a presença de gravuras esquemáticas (ancoriformes, retículas, pontos, cruciformes, mãos,

etc.) no povoado calcolítico de El Pedroso (134). Delibes de Castro (135) integra-as no Calcolítico da região, em articulação com a arte esquemática dos abrigos pintados das províncias de Zamora e Salamanca.

As rochas gravadas com figurações esquemáticas no Norte de Portugal não se confinam, no entanto, aos modelos do Gião e do Tripe. Por exemplo, a estação recentemente descoberta nas Fragas da Lapa (Miranda do Douro) (138), apresenta uma interessante *associação entre figurações antropomórficas* (esquemáticas e semi-esquemáticas), *outras sub-quadrangulares ou ovalares* (segmentadas no interior) *e linhas onduladas e meandros de tipologia "megalítica"*, que deixa entrever uma interessante *simbiose estilística* numa rocha de ar livre, simbiose, aliás, já de há muito observada na arte de alguns monumentos megalíticos da "fachada" atlântica. Em, pelo menos, um dos conjuntos desta estação, é perceptível a estruturação da composição em torno duma figura sub-quadrangular segmentada no interior, associada a um apêndice e a uma covinha, situados, cada um, em extremidades opostas (figuração antropomórfica?).

Além das gravuras esquemáticas insertas no Grupo II, A. M. Baptista distingue ainda um terceiro conjunto estilístico constituído por "gravuras filiformes", exemplificado, por exemplo, no Norte de Portugal, no complexo do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa) (136), que o autor interpreta, no nosso entender, correctamente, como pertencendo à Idade do Ferro. Por se tratar de uma arte provavelmente proto-histórica, não a focaremos neste nosso apontamento (137).

Por outro lado, se entre as estações de ar livre com gravuras esquemáticas se observam todas as variantes referidas, também entre os abrigos pintados, a diversidade temática não é menor.

Em Penas Róias (Mirando do Douro) (139), temos antropomórficos de braços arqueados, em *fi*, com ou sem marcação das pernas. Alguns ostentam toucados (com três a cinco plumas em forma de "penacho" ou do tipo "turbante"), dois deles com semelhanças notórias com os do Tripe. Ocorre ainda uma figuração de tipo "barra" (140). Não é possível detectar actualmente qualquer eventual estruturação dos motivos do "painel". Como é bem conhecido, antropomórficos de Penas Róias integram-se num conjunto de figurações que ocorrem em diversos abrigos pintados das Serras de Salamanca e Zamora como Batuecas (Salamanca), ou Palla Rubia (Zamora) (141), ou ainda, por exemplo, o da Serra da Culebra (também na província de Zamora) (142), que revelam uma directa filiação estilística na pintura esquemática andaluza.

É, mais uma vez Delibes que, recentemente, nos fornece a sugestão da cronologia desta arte esquemática, pelo menos no que toca ao SO da Meseta Norte, ao considerar que o "... momento de plenitude debe efectivamente coincidir con esta etapa calcolítica, pero cujos inicios pueden ser anteriores (...), y, desde luego, su final mucho más tardio (...)" (143).

Em Pala Pinta (Alijó) (144) observamos diversos "esteliformes" (de diferentes tipologias), um antropomorfo em *fi*, linhas de pontos, linhas paralelas, "ramiformes" (?) (145), etc., que, embora apresentando uma temática diferente da de Penas Róias, se inserem perfeitamente no mesmo "mundo" dos abrigos pintados já referidos.

Já a estação do Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães) (146) revela motivos mais homogéneos e, simultaneamente, mais específicos: figurações quadrangulares, rectangulares ou ovaladas, reticulados no interior, algumas com pontos no centro das pequenas sub-divisões assim criadas (147). Poderão, eventualmente, ser interpretadas como figuras "tectiformes" ou "ramiformes", segundo a terminologia discutível de Pilar Acosta? A. M. Baptista coloca-as "... num momento inicial do grupo II..." (148).

A cronologia destas diferentes manifestações de arte esquemática (de que escolhemos, apenas, alguns exemplos mais expressivos) poderá ter, dada a variabilidade de tipos de estações em que ocorre, e as técnicas e temáticas que envolve, um amplo desenvolvimento ao longo de toda a Pré-História Recente. Neste sentido, e, aliás, na linha das actuais posições sobre o âmbito cronológico da arte esquemática peninsular (149), pensamos que as estações mencionadas do Norte de Portugal poderão eventualmente integrar-se, "grosso modo", entre os finais do IIIº e a 2ª metade do IIº milénio a.C., ou seja, entre o Calcolítico/Bronze inicial e o Bronze Final. Como é óbvio, a detecção de uma cronologia mais fina e da relação com as específicas comunidades humanas que produziram tais manifestações dependerá dum amplo projecto de investigação que procure articular num estudo orgânico, a análise de todos os testemunhos materiais observados ao nível regional, em estações habitacionais, sepulcrais e de arte rupestre.

. Ao abordarmos sinteticamente a complexa problemática das estátuas-menires (150) do Norte de Portugal gostaríamos de começar por distinguir três grupos morfologicamente diversos quanto à *concepção escultórica geral*.

- O primeiro diz respeito a um conjunto de estátuas-menires existentes na província de Trás-os-Montes, cuja morfologia se enquadra no grupo de *estátuas-menires* ou *estelas antropomórficas* (151) *de tradição calcolítica mediterrânica* (152): fazem dele parte os exemplares há muito referenciados de Moncorvo e Quinta do Conquinho e os do importante núcleo, recentemente descoberto e ainda inédito, do concelho de Vila Flor (153).

Integram-se globalmente no grupo 2 das "estelas decoradas" peninsulares de Jordá Cerdá (154), sendo genericamente aparentadas, às do Crato, Nª Senhora da Esperança (Alentejo), Asquerosa (Granada), Hernán Núñez (Cáceres) ou Ciudad Rodrigo (Salamanca) (155), entre outras. Caracteriza-se este grupo por apresentar, a nível peninsular, exemplares com dimensões normalmente reduzidas (raramente excedem 1 m de altura), em forma de paralelipípedo, com a parte superior recta ou encurvada. *O contorno não pretende esboçar o volume de qualquer parte do corpo da peça*. Como nos definem Varela Gomes e Pinho Monteiro (156), "... o corpo é formulado através de um modelo rectangular alongado, confundindo-se (...) com o próprio suporte, tornando-se assim numa expressão plástica tridimensional (...)". Trata-se dum monólito de pequeno porte, cujos atributos estão gravados em alto ou baixo-relevo, em uma ou mais faces. Existem muitas variantes. Em algumas ocorre uma face em forma de T em alto-relevo; em outras esta assume uma forma encurvada, em que os olhos e o nariz são dados em baixo-relevo por dois círculos concêntricos separados por um sulco vertical. Sob a face podem existir linhas curvas (interpretadas como colares) e, em alguns casos, estão também representados esquematicamente os braços e as mãos, ou mesmo uma espécie de "cinturão" em torno do corpo. Em algumas destas estelas ou

pequenas estátuas-menires encontra-se reproduzido, de forma muito estilizada, o cabelo ou um possível adorno de cabeça. Podem, eventualmente, também ostentar armas.

Esperamos, com muito interesse, que um futuro estudo exaustivo sobre a variabilidade morfológica desta manifestação artística do Norte de Portugal, venha realçar os pontos de convergência com outras produções escultóricas peninsulares (e extra-peninsulares) e, eventualmente, contribuir para caracterizar aspectos específicos que a distinguem da de outras peças com as quais apresenta afinidades de ordem estilística (e/ou cultural).

- Do segundo grupo fazem parte, no nosso entender, as estátuas-menires da Ermida (Ponte da Barca) (157), Chaves (158), Faiões (159) e Porto (160), ou seja, exemplares provenientes do Minho/Douro Litoral e de Trás-os-Montes Ocidental. Estas peças parecem constituir uma "família" escultórica bem particular, ainda que formalmente heterogénea, a qual, embora naturalmente filiada no grande mundo das estátuas-menires mediterrânicas, se desenvolve no Norte da Península e, em particular, no Noroeste.

São monólitos, em regra, de maiores dimensões do que os do primeiro grupo, oscilando entre 1,50 m e 1,73 m de altura máxima. Mas, o que os separa verdadeiramente das estelas anteriormente referidas, é o seu acentuado *carácter antropomórfico dado através dum contorno sinuoso que acentua o volume da cabeça, dos braços e/ou da cintura*. Digamos que estamos aqui perante uma inequívoca *proto-estatuária* que antecede, na região, a rica estatuária das épocas proto-histórica e romana.

Contudo, cada exemplar oferece particularidades e variações morfológicas relativamente aos outros, que interessará relembrar. Estamos perante três prováveis estátuas-menires masculinas armadas e uma feminina (Ermida). Três delas apresentam uma característica escultórica comum importante: os braços estão reduzidos a simples "marcações" simbólicas ou "cotos" (Ermida, Faiões, Porto). A figuração da face é muito semelhante nos exemplares da Ermida e do Porto, enquanto a representação dos prováveis "colares" ocorre na de Faiões. Esta última não insere cabeça. Por outro lado, entre as estátuas-menires de Faiões, Chaves e Porto existem estreitas afinidades: para além das três estarem armadas (armas embainhadas de difícil caracterização), todas apresentam no reverso um atributo similar, espécie de adorno de vestuário alongado, de forma rectangular, com ligeiro alargamento terminal nos exemplares de Faiões e Chaves. Como já foi devidamente comentado, aquando da publicação destas últimas peças, elas devem ser atribuídas, provavelmente, ao Bronze Final, ou mesmo, à Idade do Ferro. De salientar o "arcaismo" formal da estátua de Chaves, a qual, além de ter a forma de um menir fálico, apresenta gravadas, simultaneamente, figurações fálicas e armas, numa simbiose expressiva dos "valores simbólicos do falo e do poder militar" (161). Um paralelo para esta estátua é a de Valdefuentes de Sangusín (Salamanca) (163).

- Quanto ao terceiro grupo ele está representado, até à data, por um único exemplar, o da Bulhosa (Minho) (162). Apesar desta estátua-menir (feminina?) obedecer aos mesmos princípios gerais que definem o segundo grupo-contorno antropomórfico, marcação "simbólica" dos braços - ela integra, no entanto, uma cabeça cónica não separada do

corpo e, no geral, aparenta uma *feitura mais esquemática e tosca do que as anteriormente referidas*. Por outro lado, a dimensão e o tipo de "colares" sugerem nítidas semelhanças formais com as estelas antropomórficas ou pequenas estátuas-menires do nosso primeiro grupo. Talvez por isto mesmo, Jordá Cerdá (164) a integre no conjunto das estelas de tradição calcolítica mediterrânica (grupo 3), o mesmo acontecendo com a classificação de P. Bueno e M. Fernandez-Miranda (165).

Embora não rejeitemos a hipótese de que nela se possam discernir influências desta ou de outras "correntes" estilísticas (166), pensamos que pelos atributos essenciais descritos, e apesar do seu carácter único, ela poderá estar eventualmente na origem duma "família" de estátuas-menires do Noroeste, consubstanciada nas do segundo grupo, o qual, decerto, terá alcançado, pelo menos, o IIº milénio a.C. (como será exemplo disso, talvez, a estátua do Porto).

Resta-nos referir, mais em pormenor, a estátua-menir da Ermida. É óbvia a semelhança entre a concepção escultórica geral desta estátua e, em particular, a de Faiões e do Porto. Relativamente a esta última tem em comum a reduzida marcação dos ombros e a existência de cabeça com gravação dos olhos, nariz e boca, segundo cânones técnicos e morfológicos afins. No entanto, o exemplar da Ermida apresenta o delineamento do queixo em V e a do Porto revela-o arredondado. Por outro lado, a estátua do Porto é uma estátua possivelmente masculina, armada (incluindo capacete), gravada nas quatro faces, e a da Ermida é feminina e apenas gravada em uma das faces. Apesar de tudo, em ambas, a elaboração da cabeça e a concepção geral sugerem-nos semelhanças com as estátuas corsas dos meados do IIº milénio a.C. (167). Aliás, este mesmo aspecto não passou despercebido a A. M. Baptista, quando afirma que "... ressalta na estátua-menir da Ermida o naturalismo do seu rosto, cujo contorno marcado da face nos lembra, quer alguns tipos do Sul de França, quer particularmente as grandes estátuas corsas, nomeadamente as dos estádios IV a VI de Grosjean (todas masculinas), grupo que, no entanto, parece ter uma evolução puramente local" (168).

Contudo, na análise das possíveis influências culturais que esta estátua-menir teria revelado e, subsequentemente, na hipótese de cronologia que o autor propõe, existem aspectos polémicos que nos sugerem alguns comentários.

M. Baptista pretende detectar o cruzamento de duas grandes influências estilísticas na estátua da Ermida: uma influência de tradição calcolítica mediterrânica (nomeadamente provençal), manifestada na decoração peitoral em "dupla espinha de peixe ou zigue-zague", e uma tradição local decorrente da arte rupestre do Noroeste peninsular, na "idealização e técnica de gravação dos olhos (círculo e covinha) e, muito particularmente dos seios (dois círculos concêntricos e covinha central)..." (169).

Compara ainda este último aspecto do exemplar da Ermida com a morfologia do "idoliforme" feminino da rocha gravada da Bouça do Colado, considerada por este autor como "... da fase clássica do grupo galaico-português..." (170). Sobrevalorizando a primeira destas influências (calcolítica e mediterrânica), não só atribui uma cronologia antiga à estátua da Ermida, entre os finais do IIIº e meados do IIº milénio a.C., como, so

bretudo, generaliza tal baliza cronológica à estação da Bouça do Colado, o que determina, por extensão, a proposta de recuo da origem da arte rupestre de tipo "atlântico" ou "galaico-portuguesa".

Não sendo nosso intuito, nestas breves reflexões, abordar exaustivamente o problema do tipo de informação veiculado por este género de testemunho arqueológico, nem tentar aflorar questões teóricas e metodológicas que se prendem com a manipulação de analogias entre elementos isolados, fora de qualquer contexto arqueológico e cultural, permita-se-nos a colocação de algumas reservas de ordem geral.

Em primeiro lugar, cabe-nos perguntar se é lícito relacionar directamente a decoração peitoral da estátua-menir da Ermida com a influência calcolítica mediterrânica, sem que com isso estejamos a cair numa comparação demasiado geral que não sirva para situar cronologicamente ou caracterizar o "estilo" particular do próprio exemplar que estudamos. Na verdade, se o tema da "espinha de peixe", tal como ele é representado na Ermida, é muito conhecido no Neolítico e Calcolítico da Península, (e da bacia do Mediterrâneo Ocidental), também se encontra materializado (como, aliás, o próprio autor reconhece) quer na decoração da cerâmica doméstica e funerária, quer em "ídolos" de âmbito sepulcral ou habitacional (placas de xisto, ídolos oculados), quer na própria arte megalítica. É quase um "universal" temático que deve ter ocorrido em áreas muito diversas como o prova, por exemplo, a gravação similar nas lajes da cista galega de Coitemil (Agolada) (171). Este tema, mesmo que o associemos a uma influência meridional não poderá ter sobrevivido, em outras regiões e contextos até uma época mais tardia? Por outro lado, dado que até agora não possuimos outro elemento comparativo no Norte de Portugal (tendo como suporte estátuas-menires) (172), não estaremos em presença dum simples fenómeno de convergência?

A sua presença na Ermida não nos autoriza, no nosso ponto de vista, e com base nos poucos dados colocados à nossa disposição, a objectivar uma clara filiação estilística, nem muito menos a sugerir, a partir desse único dado, uma cronologia tão precisa para o monumento (Calcolítico final/Bronze inicial).

Quanto à suposta tradição "atlântica" aparentemente expressa nos seios e nos olhos da estátua, ela baseia-se na existência da gravação de dois pares de círculos concêntricos, sendo estes um motivo habitual da arte "galego-portuguesa". Simplesmente no caso da estátua-menir, os círculos concêntricos cumprem a função de expressar, de modo "naturalista", duas partes do corpo da personagem. Na arte "galego-portuguesa" os círculos concêntricos desempenham, no espaço operativo duma rocha, uma função simbólica extremamente abstracta associada a outros motivos mais ou menos complexos (espirais, "proto-labirintos", etc.), cujo conjunto não é linearmente interpretável em termos duma "narrativa", ou de uma composição de índole historiada.

O "idoliforme feminino" da Bouça do Colado, representará uma excepção, segundo M. Baptista, na medida em que a ordem de associação dos diversos motivos - círculos concêntricos donde saiem espirais e apêndices, triângulo, um par de círculos, cada um com uma covinha no centro, figura sub-triangular com covinhas no interior e apêndice - poderá sugerir uma figuração semi-naturalista feminina. No entanto, estes mesmos moti -

vos, associados segundo uma ordem diferente, podem ocorrer noutras composições, como na Pedra Grande, ou no núcleo XII de Montecelo (Poio) (173). Que saibamos, Anati (174) foi o único autor que, até à data, pretendeu interpretar algumas das figurações de Montecelo como "idoliformes", distinguindo na Pedra Grande dois géneros de motivos: os que defeniu como do tipo "estátua-menir" e os do tipo "face oculada" (175). Independentemente dos levantamentos realizados por Anati não condizerem com os de García Alén/Peña Santos (176), e daí resultar uma grande discrepância quanto à morfologia dos motivos interpretados como "idoliformes" pelo primeiro autor, parece-nos que esta caracterização se reveste, por vezes, duma certa ousadia. Na verdade, não se tratando no caso desta estação, de uma arte naturalista ou, mesmo, esquemática, mas de uma *arte abstracta*, que joga com a múltipla e variada combinatória de um determinado número de motivos-base (círculos, covinhas, espirais, "proto-labirintos, linhas, etc.), será lícito identificar "estátuas-menires" e "faces oculadas" em presença de algumas associações geometrizantes, que apenas segundo os cânones naturalistas (e com reservas) poderiam sugerir tais temáticas?

Não será necessário primeiro descobrir as regras do código que comandam a associação destes motivos e mesmo a sua configuração geral? Aliás, independentemente do *sentido* real e específico que algumas figuras terão assumido ao longo do tempo em que as rochas foram objecto de culto (provavelmente inatingível), não será mais importante detectar a *estrutura orgânica de conjunto* que preside às complexas composições deste grupo artístico? Significa isto que a identificação da figuração central da Bouça do Colado também não se nos afigura pacífica: se *parece*, "a priori", tratar-se de um "idoliforme feminino" (pelas razões apontadas), devemos questionar o próprio carácter "óbvio" de tal interpretação. Na verdade, a figura encontra-se, não só inserta numa *composição de forte cariz abstracto*, como, sobretudo, é composta por motivos geométricos que, isoladamente ou associados (segundo uma ordem diferente), ocorrem quer na própria rocha da Bouça do Colado, quer noutras rochas deste mesmo grupo artístico. Assim, a interpretação do significado de uma tal figuração não pode, "a priori", pautar-se linearmente pelos vulgares padrões da arte naturalista: os círculos concêntricos representando a cabeça, o par de círculos representando os seios, a figura sub-triangular com covinhas e apêndice materializando o sexo.

Se não é de colocar de lado, por princípio, a hipótese apresentada por M. Baptista, parece-nos que ela deve integrar-se num conjunto mais amplo de hipóteses que resulte, quer da comparação exaustiva (estatística) com outras composições do Noroeste onde ocorram temas similares (o que pressupõe a existência de um "corpus"), quer da manipulação de paralelos etnográficos, que possibilitem uma melhor compreensão da *natureza* deste "género" artístico, independentemente da diversidade de contextos culturais onde se tenha expressado.

Deste modo, a comparação entre a estátua-menir da Ermida e o "idoliforme" da Bouça do Colado só nos pode ocorrer como uma hipótese, entre outras, não sendo, no nosso entender, a mais verosímel.

Mas se somos levados a desvalorizar os atributos que, segundo a lógica de M.

Baptista, associam as duas figurações, só nos resta olhar para a estátua da Ermida naquilo que ela tem de específico e também de comum com outras estátuas-menires já referidas.

De específico, ela é uma *estátua feminina*, para ser observada exclusivamente de frente, com marcação do sexo através da figuração dos seios. Para além disto, apenas ostenta uma simples *decoração peitoral geométrica*, em "espinha de peixe". De comum tem, juntamente com as estátuas do Porto e de Faiões, ligeiras "marcações" dos ombros. Tal como a do Porto apresenta cabeça e uma face bem delineada, com olhos, nariz e boca. Na verdade, estas analogias entre as quatro estátuas sugerem-nos que estamos perante exemplares que, embora revelando óbvias diferenças, possuem um ou mais atributos em comum, suficientemente importantes, aliás, para determinarem a sua inclusão numa mesma "família" estilística. É supreendente, como já anteriormente afirmámos, a semelhança das estátuas da Ermida e do Porto com as grandes estátuas corsas, quer as do estádio 4 (não armadas), quer as do estádio 5 (armadas), como Filitosa II, III, IV ou IX (177). Não queremos, no entanto, cair na tentação ou ingenuidade de retirar deste semelhança formal qualquer ilacção cronológica ou de âmbito cultural.

As estátuas-menires deste segundo grupo do Noroeste poderão ter sido produzidas ao longo de mais de um milénio. De momento, não possuímos qualquer indicação segura sobre o posicionamento cronológico preciso de cada uma delas. Do nosso ponto de vista, a estátua da Ermida, não transportando elementos individualizadores, como armas, capacetes ou adornos, é, talvez, o exemplar menos informativo a este respeito.

. Finalmente, a arte megalítica (178), nas suas duas componentes - pintura e gravura - revela uma curiosa intersecção (por vezes, nos mesmos painéis), de temáticas sub-naturalistas ou esquemáticas e outras mais abstractas. Por exemplo, numa laje dolménica, de proveniência desconhecida, existente no Museu do Instituto de Antropologia do Porto (179), figurações serpentiformes parecem enquadrar em um dos esteios, dois antropomorfos e um "esteliforme". No dólmen do Padrão (Vandoma, Porto) (180), linhas em zigue-zague estão associadas a uma figura antropomórfica com as pernas arqueadas. No dólmen de Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães) (181), ocorre o que E. Shee Twohig considera uma possível representação da pele esticada do animal, enquanto no dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães) (182), elementos serpentiformes se associam a uma figuração ancoriforme. No dólmen de Chã de Parada (Baião) (183), além de vestígios de pintura, que já desapareceram, são ainda hoje visíveis motivos gravados como um "esteliforme", uma provável face oculada, além da representação de uma enigmática figura de base trapezoidal - que E. Shee designa por "objecto" - e que também surge em dólmens galegos. V. O. Jorge coloca a possibilidade da coexistência de pintura e gravura nos esteios de alguns monumentos megalíticos, formando uma "organização harmónica envolvente" (184).

Embora os vestígios de pintura, que chegaram até nós, se encontrem, em regra, num grande estado de degradação, podemos visualizar, em alguns casos, uma tendência (que também se observa em esteios gravados) para uma organização decorativa abrangente, expressa, sobretudo, à custa duma grande profusão de linhas meândricas ou "serpentiformes", que preenchem a quase totalidade dos espaços operativos dos esteios.

. Destas breves reflexões façamos um primeiro balanço:

- Algumas das manifestações artísticas referidas terão sido parcial ou totalmente contemporâneas, apresentando, aliás, óbvias relações estilísticas e culturais entre si: estão neste último caso, as gravuras e pinturas esquemáticas (em rochas e abrigos sob-rocha) e as estelas e estátuas-menires transmontanas (grupo 1) que acusam uma filiação meridional; a arte megalítica poderá ter sido, em parte, contemporânea, tendo recebido óbvios contributos da arte esquemática. O grupo 2 e 3 das estátuas-menires e a arte rupestre "galaico-portuguesa", embora podendo ter parcialmente coexistido, revelam caracteres de grande independência estilística relativamente às demais expressões (à excepção, talvez, da Bulhosa) e, sobretudo, demonstram forte vinculação geográfica e cultural ao Noroeste peninsular.

- Em função dos parâmetros cronológicos apontados para as diversas manifestações artísticas, podemos sugerir que a arte esquemática e a arte megalítica, por um lado, e as estelas antropomórficas transmontanas, por outro, terão sido, pelo menos, parcialmente contemporâneas de comunidades do Norte de Portugal que habitaram em povoados sedentários e utilizaram cerâmicas domésticas decoradas, do tipo das que abordámos neste trabalho. Dada a indefinição existente sobre a origem das restantes produções artísticas não podemos afirmar ou negar a hipótese de algumas delas terem eventualmente coexistido, durante uma curta faixa de tempo, com o contexto habitacional que tem sido objecto do nosso estudo.

- De qualquer forma, tendo em conta todas as apreciações que anteriormente realizámos sobre a filiação meridional da "cultura material" manipulada nos contextos habitacionais calcolíticos referidos (quer a que é, provavelmente, veiculada de leste, através da bacia do Douro, quer a que revela influências da Estremadura portuguesa e do Sudoeste, em geral), pensamos que é possível sugerir a hipótese duma eventual relação entre esse fenómeno de cariz habitacional e algumas das expressões artísticas que também participam dessa origem estilística comum: a arte esquemática (pintura e gravura) e as estelas antropomórficas transmontanas. Não sabemos, no entanto, nesta fase embrionária da investigação, caracterizar a *natureza da relação* existente entre as duas ordens de fenómenos (habitacional e artístico).

- A especificidade regional do grupo "galaico-português" e a articulação de algumas das rochas gravadas com um período globalmente integrável na 1ª metade do IIº milénio a.C. (a partir da análise de representação de armas e de figuras "idoliformes"), leva-nos a encarar a hipótese de uma eventual relação entre, pelo menos, uma determinada fase desta manifestação artística e o fenómeno social coevo, materializado em tumulações individuais, e espólios funerários ou "tesouros", constituídos por artefactos metálicos de prestígio.

6. ALGUMAS INTERROGAÇÕES

Tentemos enunciar algumas linhas de força a que conduziu a nossa investigação.

Em primeiro lugar, parece-nos óbvio a aceitação de que o Norte de Portugal foi afectado, durante o IIIº e princípios do IIº milénio a.C., por *um fenómeno cultural que se liga a uma progressiva implementação no espaço de pólos habitacionais e se integra numa "corrente" de inequívoca identidade mediterrânica.*

Esse fenómeno expressou-se, a nível arqueológico, pelo desenvolvimento de povoados sedentários, mas também, até certo ponto, pela presença de estações de arte rupestre e exemplares de proto-estatuária, e conviveu, em certas regiões, com outras manifestações articuláveis com a ambiência cultural atlântica.

Em todo o processo referido é importante realçar uma acentuada *tradição neolítica*. Essa tradição poderá traduzir-se arqueologicamente em dois aspectos principais: no carácter aparentemente frágil e pouco estruturado de muitos dos povoados conhecidos e na estilística da cerâmica doméstica.

Na verdade, mesmo quando os povoados se instalam em locais proeminentes, naturalmente protegidos, face a vales de rios importantes, não parecem, contudo, apresentar estruturas sólidas (habitacionais ou defensivas) visíveis. Ainda que tenhamos colocado a hipótese da existência de uma muralha num povoado da bacia de Chaves (S. Lourenço), esse facto singular (mesmo que venha a ser confirmado) não invalida a primeira constatação. Temos, no entanto, consciência de que estamos no início das investigações neste domínio, pelo que o avanço do conhecimento poderá introduzir modificações insuspeitadas às nossas actuais hipóteses interpretativas.

Por outro lado, as cerâmicas domésticas, apresentando formas simples de fundo arredondado (em algumas regiões, intensamente decoradas) revelam, em muitos casos, fortes afinidades com a tradição neolítica mediterrânica, ainda que matizadas pela intersecção de diversas influências e pela própria criatividade local, amplamente exercitada ao longo de cerca de um milénio.

De facto, ao contrário do que acontece com grande número de contextos do Neolítico Final/Calcolítico peninsular (em particular do Sudeste e Sudoeste), as cerâmicas domésticas do IIIº milénio a.C. no Norte de Portugal veiculam, com grande intensidade e, aparentemente sem descontinuidades formais, uma origem que não encontra facilmente paralelo em outras regiões.

Neste âmbito, determinar a especificidade do substracto neolítico do IVº milénio a.C., ou procurar atingir os mecanismos de transmissão cultural que presidiram ao eclodir deste fenómeno no território em estudo, tornar-se-á vital, não apenas para a caracterização duma realidade regional, bem localizada no espaço e no tempo, mas para a compreensão mais global da *multiplicidade* dos contextos neolíticos e calcolíticos peninsulares.

Se em certas regiões meridionais o processo de neolitização se orientou no sentido de um povoamento progressivamente mais sedentário, estruturado, eventualmente com fortificações (associado ao desenvolvimento dum amplo naipe de cerâmicas lisas), que desembocou numa expressiva e polimorfa realidade cultural calcolítica (sobretudo materializada simbolicamente na forte relação espacial habitat/sepulcro), no Norte de Portugal um processo paralelo parece ter sido menos marcado pelo ênfase dado à importância territorial dos povoados (e túmulos correspondentes), mas ter-se consubstanciado, pelo menos, em certas áreas, na valorização da simboligia da cultura material doméstica.

Na sequência destas observações será premente questionar quais as condições estruturais que estão na base da formação deste novo contexto agora identificado no Noroeste peninsular.

Como interpretar a aparente dissociação cultural entre povoados e monumentos sepulcrais com "tumulus", sugerindo um padrão de desenvolvimento estranho a outros contextos coevos, conhecidos na Península Ibérica?

Como justificar, apesar de tudo, as afinidades estilísticas (e culturais) apontadas, face à localização geográfica do Norte de Portugal relativamente às regiões "nucleares" meridionais e, sobretudo, face ao desconhecimento de antecedentes na área que apontem para uma apreciável rede de contactos a distância anterior ao IIIº milénio a.C.?

Por outro lado, o desenvolvimento precoce dum contexto habitacional que parece manipular cobre arsenical desde a primeira metade do IIIº milénio a.C. (numa região periférica aos grandes centros detentores daquele mineral), coloca a questão não só da provável interacção, desde uma fase bem antiga, entre diferentes áreas peninsulares, como levanta a problemática da caracterização de comunidades que acederam à utilização de alguns raros objectos metálicos de prestígio, sem que esse facto pareça ter transformado de forma importante (e visível) a sua estrutura social baseada em princípios fundamentalmente igualitários.

Estas, como outras questões poderiam ser amplamente discutidas em presença dos dados fornecidos. Aliás, ao longo deste estudo já tivemos oportunidade de levantar algumas.

Mas o que nos parece realmente interessante é salientar que o tema da nossa investigação poderá servir de pretexto a uma abordagem mais geral *do significado da ocorrência de determinados elementos arqueológicos* em áreas geograficamente afastadas umas das outras pertencentes à bacia do Mediterrâneo Ocidental e a parte da fachada atlântica (Península Ibérica e costa do Centro-Oeste francês). Na verdade, o estudo dum fenómeno habitacional conotado, em certos aspectos, com a ambiência cultural mediterrânica, mas inserto numa área geográfica e culturalmente articulável (em diferentes momentos da sua Pré-História) com o espaço atlântico, induz à reflexão sobre a *natureza e o grau das eventuais relações existentes entre comunidades neolíticas e calcolíticas disseminadas por uma tão vasta e diversificada região*, ligadas exclusivamente por elos de maior ou menor semelhança na sua produção material.

De facto, se a semelhança formal de determinados "items" em comunidades do Sul da Europa Ocidental parece expressar uma certa "unidade arqueológica" - que poderíamos designar "mediterrânica" - essa mesma "unidade" reflectirá no plano cultural um sistema coerente, homogéneo e estruturado? Para além do reconhecimento de particularismos bem visíveis em cada sub-região, é possível detectar um padrão geral de desenvolvimento similar, comum a áreas como, por exemplo, o Languedoque, Almeria, Noroeste peninsular ou Centro-oeste da França?

Por outro lado, mesmo aceitando total ou parcialmente a existência duma "unidade cultural mediterrânica" durante a Pré-História Recente, afigura-se-nos fundamental questionarmos a *natureza* da difusão formal de determinados "items" arqueológicos, como sejam elementos arquitectónicos ou tipos de espólios habitacionais e sepulcrais.

Se hoje já não aceitamos simples explicações de índole difusionista (quer as que apontam para contactos directos, quer as que preferem soluções mitigadas, ou seja, fenómenos de aculturação), teremos de procurar inserir a emergência de elementos comuns num âmbito de *inter-relações supra-regionais* cuja complexidade requer uma reavaliação do próprio *significado* do testemunho arqueológico.

Cremos, mais uma vez, que o fulcro da actual problemática em arqueologia pré-histórica se situa na *redefinição do estatuto do testemunho material*. Essa redefinição pressupõe começar por perguntar, à luz das recentes tendências teóricas e metodológicas, o que realmente veicula o único instrumento de trabalho colocado à disposição do pré-historiador, qual a natureza e o conteúdo dos nossos "documentos". Pensamos que a intensificação do trabalho arqueológico propriamente dito-prospecções sistemáticas, mas sobretudo escavações exaustivas e estudo completo dos materiais dela resultantes - conjugada com a utilização dos importantes apoios da Geo-arqueologia, da Arqueozoologia e da Paleobotânica, e com um pensamento interpretativo cada vez mais atento à *variabilidade* e à *complexidade* dos fenómenos, nos permitirão dar passos em frente. Para tal, novas estruturas de trabalho e um mais acentuado espírito de equipa são necessários. Formulamos, por isso, o voto de que as condições individuais em que esta obra foi produzida tendam a modificar-se no futuro. A complexidade dos problemas exige que o investigador se liberte de tarefas de rotina, precisamente para que o seu contributo individual específico se possa plenamente expressar.

Notas

(1) Renfrew, C. (1979), *Les Origines de l'Europe...*

(2) Hodder (1982), *Symbols in Action...*

(3) Jorge, S. O. (1985), Datas de carbono 14 para a Pré-História...

(4) Jorge, V. O. (1985), Les monuments mégalithiques du Nord..., fig. 1.

(5) Este trabalho, coordenado por Vítor Oliveira Jorge, faz parte dum projecto de arqueologia espacial que abrange a serra da Aboboreira e, mais genericamente, a bacia hidrográfica do Ovil.

(6) Jorge, V. O. (1985), Novas datações de radiocarbono para mamoas..., pp. 182 - 183; idem (198), *Megalitismo do Norte de Portugal...*, pp. 652-658.

(7) *V.* nota 4, p. 25.

(8) *V.* nota 7.

(9) *V.* nota 3, p. 159.

(10) A hipotética datação deste dólmen baseia-se em dados indirectos como as datações dos dólmens de corredor da Beira Alta (Orca dos Castenairos, Carapito I, Orca de Seixas) e de alguns dólmens de corredor da Meseta Norte (El Guijo, Ciella, Arnillas) (*V.* nota 3, pp. 172-173).

(11) Datações de C 14 em torno de 3.200 a.C. foram recentemente realizadas para dois sepulcros (dólmens simples) da província de Pontevedra: *As Rozas* e *Chan de Cruz* (*V.* nota 3, p. 172 e informação pessoal de R. Fabregas Valcarce).

(12) Fernández-Posse y de Arnaiz, M. D. (1980), Los materiales de la cueva del Aire de Patones...; idem (1982), Consideraciones sobre la tecnica de Boquique...; Sanchez Meseguer, J. *et alii* (1983), *El Neolítico y la Edad del Bronce...*; Delibes de Castro, G. (1985), El Neolítico...

(13) Delibes de Castro, G. (1985), El Neolítico..., p. 26.

(14) Zamora Canellada, A. (1976), *la Cueva de la Vaquera...*

(15) Seguimos a cronologia tradicional do Neolítico nesta região, aceite ainda recentemente, por exemplo, por B. Marti Oliver (1980, *Cova de l'Or...*) ou F. Molina (1983, *História de Granada...*), embora saibamos que actualmente novas e controversas datações de C 14 tenham feito recuar para o VIº milénio a.C. os níveis mais antigos de algumas das estações neolíticas dos núcleos levantino e andaluz (Muñoz Amilibia, A. M., 1984, La neolitizacion en España...).

(16) Fernández-Posse y de Arnaiz, M. D. (1980), Los materiales de la Cueva del Aire de Patones...; idem (1982), Consideraciones sobre la técnica de Boquique...

(17) Navarrete Enciso, M. S. (1976), *La Cultura de las Cuevas con Ceramica Decorada...*

(18) Jorge, V. O. (1985), Uma datação pelo radiocarbono para a Mamoa 5...; *V.* nota 3.

(19) *V.* nota 3.

(20) Durante a 2ª metade do IIIº milénio a.C. verifica-se um grande hiato de informação cronológica no que diz respeito a estes monumentos do Norte de Portugal. A sua utilização durante este período é inferida a partir da observação de alguns materiais atribuíveis a esta fase genérica que se encontram em alguns raros sepulcros.

(21) De salientar o objecto cerâmico em forma de "cogumelo" encontrado na Mamoa nº 2 de Outeiro de Ante (Baião) (Gonçalves, A. A. Huet de B., 1984, Escavação da Mamoa nº 2..., fig. 16), que parece apresentar paralelos com objectos funerários do Calcolítico da Estremadura ou do Sudoeste.

(22) Jorge, V. O. (1984), Escavação da mamoa da Mina do Simão...

(23) Por exemplo, os dólmens de corredor de Lamoso (Paços de Ferreira), Santa Marta (Penafiel), ou Barrosa (Caminha).

(24) Nas estações do Tapado da Caldeira e da Lavra (periferia da serra) foram descobertos fragmentos cerâmicos decorados com puncionamentos arrastados, que parecem integrar-se no mundo das cerâmicas de tradição neolítica. Embora não possamos estabelecer qualquer relação directa entre estes hipotéticos povoados e os monumentos megalíticos, dada a cronologia global destas cerâmicas ser provavelmente contemporânea de grande parte dos monumentos da serra, e dada a proximidade geográfica dos vários tipos de estações, será lícito pressupor que os povoados poderão ter sido ocupados enquanto os sepulcros dos "plateaux" continuavam a ser utilizados. Neste caso, e admitindo a correspondência cultural entre ambos, os povoados acusariam uma "descida" para áreas de altitude mais baixa, em conexão com zonas de vale, enquanto permaneceria a tradição de tumular nos sepulcros das zonas mais altas. Esta dissociação parece ser ainda mais nítida nos finais do IIIº/inícios do IIº milénio a.C., quando a cerâmica campaniforme (pontilhado geométrico) ocorre quer num monumento do "plateau" superior - Mamoa 2 de Outeiro de Ante - quer num povoado de uma zona mais baixa de vale - Tapado da Caldeira. Dissociação que parece ter perdurado, afinal, durante o Bronze Inicial, uma vez que no alto da serra ocorrem câmaras cistoides sob "cairns" com materiais metálicos, sendo previsível que os povoados com elas relacionados se localizassem em áreas mais férteis da periferia da Serra da Aboboreira.

(25) *V.* nota 4, fig. 1.

(26) *V.* nota 13, p. 30; Delibes de Castro, G. (1984), Fechas de radiocarbono para el megalitismo...; Santonja, M. (1983/84), El fenómeno megalítico...

(27) *V.* nota 13, p. 30.

(28) Sarmento, F. M. (1933), *Dispersos*, pp. 86-88.

(29) Martín Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1982), Hallazgos arqueológicos..., p. 68-70.

(30) Sanches, M. J. e Marcos, D. S. (1985), O povoado pré-histórico do Cunho - Mogadouro...

(31) Já tivemos ocasião de nos pronunciarmos anteriormente sobre as possibilidades desta metalurgia local (*V.* apêndice 2).

(32) É óbvio que essa descontinuidade pode ser fictícia, resultante duma falta de informação arqueológica.

(33) Thadeu, D. (1965), *Carte Minière du Portugal*...

(34) Adaro, E. N. (1972), *Mapa Metalogenético* (escala 1:1 500 000), Instituto Geológico y Minero de España (Mapa previsor de mineralizaciones de Cu).

(35) Blance, B. (1971), *Die Anfange*...

(36) Chapman, R. (1982), Autonomy, ranking and resources...

(37) Coffyn, A. (1982), *Le Bronze Final Atlantique*...

(38) Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico... p. 42.

(39) Chapman, R. (1978), The evidence for prehistoric...; idem (1982), Autonomy, ranking...; idem (1985), The Later Prehistory...

(40) Mathers, C. (1984), Beyond the grave...

(41) Carneiro, R. L. (1970), A theory of the origin...

(42) Chapman, R. (1981), Los Millares y la cronologia...

(43) Gilman, A. (1976), Bronze Age dynamics...; idem (1981), The development of social...; Gilman, A. e Thornes, J. B. (1985), *Land-use and Prehistory*...

(44) De focar a hipótese da utilização da tracção animal, a partir da interpretação das rochas gravadas do Santuário do Escoural (Montemor-o-Novo): Gomes, R. V. *et alii* (1983-84), Santuário exterior e povoado...; Soares, J. e Silva, C. T. (1983-84), Monte da Tumba (Torrão)...

(45) Martin de la Cruz, J. C. *et alii* (1985), Nueva interpretación sobre los poblados...

(46) Arnaud, J. Morais (1971), Os povoados "neo-eneolíticos"...

(47) Scarre, C. (ed.) (1984), *Ancient France*...

(48) *V.* nota 47, p. 343.

(49) Howell, J. (1984), The Late Neolithic...

(50) Hibbs, J. (1984), The Neolitic of Brittany...

(51) No Norte da França, o Neolítico Final ocupa todo o IIIº milénio a.C., estando ausente um verdadeiro Calcolítico na acepção cultural do termo.

(52) *V.* nota 49, p. 85.

(53) Plog, S. (1980), *Stylistic Variation*...

(54) Hodder, I. (1979), Economic and social stress...; idem (1982), *Symbols in Action*...

(55) Guilaine, J. (ed.) (1980), *Le Groupe de Véraza*...

(56) *V.* nota 54.

(57) Mills, N. (1984), The Neolithic of Southern...

(58) Scarre, C. (1984), A Survey of the French...

(59) Scarre, C. (1984), The Neolithic of West-Central...

(60) Renfrew, C. (1977), Space, time and polity...

(61) Hodder, I. (1982), *Symbols in Action*...

(62) *V.* nota 53.

(63) Wobst, H. (1977), Stylistic behaviour and information...

(64) *V.* nota 54; idem (1982), Sequences of structural change...

(65) É importante acentuar aqui a interessante aproximação estilística entre a cerâmica do grupo Ferrières ("chevrons" incisos, alguns associados a triângulos com punctionamentos, e impressões "penteadas") e a cerâmica dos nossos contextos.

(66) A intersecção territorial entre povoados com cerâmicas decoradas e monumentos megalíticos contemporâneos é difícil de determinar, dada a ausência de elementos cronológicos. Mas, na "fachada" atlântica, onde predominam povoados com cerâmicas vinculáveis à influência estilística meridional, estes ocupam áreas onde existe também uma grande densidade de sepulcros megalíticos. Seria, portanto, de supor que alguns destes sepulcros, a serem contemporâneos daqueles povoados, pertencessem a populações que poderiam explorar territórios, pelo menos, parcialmente coincidentes?

(67) A hipótese destas grutas terem sido utilizadas para fins sepulcrais é baseada na avaliação pessoal de informações provenientes de diferentes arqueólogos que nelas realizaram intervenções, como já anteriormente referimos.

(68) Na cerâmica do povoado da Penha surgem complexas organizações metopadas (com hierarquização de métopas) que associam temas "campaniformes" ("chevrons" lisos sobre fundo reticulado) a uma sequência de origem calcolítica local. Contudo, e apesar de não pretendermos tirar deste facto qualquer ilacção, devemos lembrar aqui a grande semelhança entre este tipo de organização e a de vasos campaniformes tardios holandeses e da Europa Central (*V.* Harrison, R. J., 1980, *The Beaker Folk*..., figs. 11, 26 e 42).

(69) No que respeita a investigação recente deste fenómeno na Península, após os modelos dualistas de Sangmeister ("teoria do refluxo"), de Harrison e de Delibes, nos quais o campaniforme marítimo, mais antigo, seria originário da Estremadura portuguesa e os complexos de Ciempozuelos - Palmela (e Carmona e Salomó), mais recentes, resultariam de influências centro-europeias, Harrison reviu muito recentemente a sua posição (Harrison, R. J., 1984, Beaker cultures of Iberia..., p. 200): atribui também ao complexo marítimo uma origem extra-peninsular, seguindo o modelo holandês proposto por J. D. van der Waals (1984, Bell Beaker in Continental...).

(70) Clarke, D. L. (1970), *Beaker Pottery*...; idem (1976), The Beaker network...

(71) Castillo, A. del (1928), *La cultura del Vaso*...; Childe, V. G. (1930), The origin of the Bell...; Sangmeister, E. (1963), La civilisation du vase...; idem (1966), Die Datierung des Ruckstroms...

(72) Aliás, já antecedida por certas formulações de V. H. Childe (1956, *Piecing together the Past*..., p. 19).

(73) Burgess, C. e Shennan, S. (1976), The Beaker phenomenon...

(74) Harrison, R. J. (1980), *The Beaker Folk*...

(75) Clarke, D. L. (1976), The Beaker network...

(76) Gilman, A. (1976), Bronze Age dynamics...

(77) Gibson, A. M. (1982), *Beaker Domestic Sites*...

(78) Guilaine, J. (1984) (dir. de), *L'Âge du Cuivre*..., p. 246.

(79) *V.* nota 78.

(80) *V.* nota 75, p. 468; *V.* nota 58, p. 341.

(81) Harrison, R. J. e Gilman, A. (1978), Trade in the second and third millennia...

(82) Agradecemos a Maria de Jesus Sanches todas as informações prestadas sobre esta estação ainda inédita.

(83) Na verdade, existe um acentuado hiato de informação no que toca ao desenvolvimento do fenómeno sepulcral "megalítico" durante o IIIº milénio a.C., em particular, na sua 2ª metade. Embora, possamos pressupor, através de indícios indirectos, de que os monumentos continuaram a ser reutilizados, ou mesmo construídos, neste período, só possuímos dados a partir dos finais do milénio e inícios do seguinte.

(84) Seria interessante futuramente explorar a hipótese duma certa dualidade (ainda que com eventuais excepções) entre sepulturas com espólios predominantemente metálicos (e eventualmente cerâmicos) e outras integrando apenas recipientes cerâmicos, a exemplo do que ocorre, na mesma época, na Bretanha (Briard, J., 1984, *Les Tumulus d'Armorique*...).

(85) Excepção feita para a problemática estação das Areias Altas (Porto) (Cortez, F. Russel, 1952, Contributo para o estudo do Neolítico...).

(86) A futura confirmação da existência duma estrutura defensiva calcolítica em S. Lourenço poderia ajudar a consolidar tal hipótese.

(87) Lull, V. (1983), *La "Cultura" de El Argar*...; *V.* nota 43.

(88) Briard, J. (1984), *Les Tumulus d'Armorique*..., pp. 119-120.

(89) *V.* nota 88; *V.* nota 47.

(90) *V.* nota 88, pp. 169-177; Morzadec-Kerfourn, M-T. (1984), Analyses polliniques de paléosols conservés..., *in* Briard, J., 1984 (*V.* nota 88), pp. 188-186.

(91) *V.* notas 36 e 39.

(92) *V.* nota 43.

(93) Sherratt, A. G. (1981), Plough and pastoralism...

(94) Barker, G. (1985), *Prehistoric Farming in Europe*...

(95) Neste conceito cabem todas as manifestações artísticas, desde a arte megalítica, a arte esquemática (pintura e escultura) em rochas de ar livre e abrigos sob-rocha e as estelas e estátuas-menires.

(96) Sobrino Lorenzo-Ruza, R. (1951), Nuevos puntos de vista para el estudio...; idem (1952), Origen de los petroglifos gallego-atlânticos...; idem (1955), Datos para el estudio de los petroglifos...; idem (1956), Bosquejo para un estudio de los petroglifos...

(97) Baptista, A. M. (1980), Introdução ao estudo da arte pré-histórica...; idem (1983-84), Arte rupestre do Norte de Portugal...

(98) Jorge. V. O. (1983), Gravuras portuguesas...

(99) *V.* nota 98, p. 60.

(100) Anati, E. (1968), *Arte Rupestre nelle Regioni*...

(101) Peña Santos, A. de la e Vázquez Varela, J. M. (1979), *Los Petroglifos Gallegos*...

(102) Baptista, A. M. (1983-84), Arte Rupestre do Norte de Portugal...

(103) *V.* nota 102, p. 73.

(104) *V.* nota 102, p. 74.

(105) Cunha, A. M. C. Leite da e Silva, E. J. Lopes da (1980), Gravuras rupestres do Concelho de Valença...; Silva, E. J. Lopes da e Cunha, A. M. C. Leite da (1986), As gravuras rupestres do Monte da Laje...

(106) Baptista, A. M. (1981), O Complexo de gravuras rupestres...; *V.* nota 102.

(107) Na Bouça do Colado existem, segundo Baptista, duas grandes fases de gravação. Aqui apenas nos referimos à fase I, que seria responsável pela principal composição temática.

(108) *V.* nota 102, p. 74.

(109) *V.* nota 101; García Alén, A. e Peña Santos, A. de la (1980), *Grabados Rupestres*...; Peña Santos, A. de la (1980), O tema da alabarda nos grabados...

(110) Bueno, P. e Fernández-Miranda, F. (1980), El Peñatu de Vidiago...

(11) *V.* nota 109.

(112) *V.* nota 109, fig. 61.

(113) *V.* nota 100, fig. 41.

(114) Mallo Viesca, M. e Perez Perez, M. (1970-71), Pinturas rupestres esquemáticas..., fig. 25.

(115) *V.* nota 110.

(116) *V.* notas 101 e 109; Vázquez Varela, J. M. (1983), Los petroglifos galegos...; Garcia Martinez, M. C. (1973), Arte rupestre en Campo Lameiro...

(117) Baptista, A. M. (1985), A estátua-menir da Ermida...

(118) *V.* nota 117, p. 38.

(119) Garcia Alén, A. e Peña Santos, A. de la (1980), *Grabados Rupestres*..., fig. 101.

(120) *V.* nota 98.

(121) Seja qual for a cronologia atribuída a estes motivos, parece-nos que a sua específica morfologia e inserção geográfica no Noroeste os separa da arte esquemática clássica.

(122) *V.* notas 97 e 102; Baptista, A. M. (1981), A arte do Gião...

(123) *V.* nota 102.

(124) Baptista, A. M. (1981), A arte do Gião..., p. 62.

(125) Acosta, P. (1968), *La Pintura Rupestre Esquemática*...

(126) Fontes, J. (1932), Sobre algumas figuras rupestres..., p. 80.

(127) *V.* nota 102, p. 77.

(128) Jordá Cerdá, F. (1970-71), Los tocados de plumas..., p. 51.

(129) *V.* nota 102, p. 77.

(130) *V.* nota 125, figs. 43-52.

(131) *V.* nota 125, figs. 11-13.

(132) *V.* nota 119, fig. 36.

(133) *V.* nota 119, fig. 86.

(134) Esparza Arroyo, A. (1977), El castro zamorano del Pedroso..., p. 39.

(135) Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico..., p. 44.

(136) Baptista, A. M. (1983), O Complexo de gravuras rupestres...; *V.* nota 102.

(137) Existem, no entanto, em algumas rochas deste complexo, gravações de motivos esquemáticos (por exemplo, figuras antropomórficas e "bucrâneos"), que devem pertencer, segundo Baptista, a uma fase artística anterior (*V.* nota 136).

(138) Sanches, M. J. (1986), O abrigo com gravuras esquemáticas...
Na estação de Eirô (Brandão, D. de Pinho, 1961, Insculturas do Monte de Eirô...) é também de assinalar a associação de espirais a meandros, numa conjugação que evoca as composições da estação da Fragas da Lapa.

(139) Almeida, C. A. Ferreira e Mourinho, A. M. (1981), Pinturas esquemáticas de Penas Rôias...

(140) *V.* nota 125, p. 32.

(141) Breuil, H. (1933-35), *Les Peintures Rupestres Schématiques*...; *V.* nota 125.

(142) Grande del Brío, R. (1982), Descubrimiento de pinturas rupestres...

(143) *V.* nota 135, p. 44.

(144) Santos Júnior, J. R. dos (1933), O abrigo pré-histórico da "Pala Pinta"...

(145) *V.* nota 125, fig. 28.

(146) Santos Júnior, J. R. dos (1933), As pinturas pré-históricas...

(147) Em antigas reproduções gráficas da autoria de Contador de Argote e de Leite de Vasconcelos (mencionadas por Santos Júnior), parece ocorrer também uma figura ancoriforme.

(148) *V.* nota 102, p. 76.

(149) *V.* notas 125 e 128; Ripoll Perelló, E. (1983), Cronología y periodización del esquematismo...; Beltrán Martínez, A. (1983), El arte esquemático en la Península...; Acosta, P. (1984), El arte rupestre esquematico ibérico...

(150) *V.* nota 117.

(151) Arnal, J. (1976), L'art Protohistorique...; d'Anna, A. (1977), *Les Statues-Menhirs et Stèles Anthropomorphes...*

(152) *V.* nota 151; Cura Morera, M. (1979-80), Consideraciones sobre les esteles-antropomorfes...; *V.* nota 117.

(153) Agradecemos a Francisco Sande Lemos e a Nelson Rebanda todas as informações prestadas sobre esta importante estação.

(154) Jordá Cerdá, J. (1978), El arte de los pueblos agricultores..., pp. 149-151.

(155) Almagro, M. (1966), *Las Estelas Decoradas del Suroeste...*

(156) Gomes, M. V. e Monteiro, J. Pinho (1976-77), As estelas decoradas da herdade de Pomar..., p. 317.

(157) Baptista, A. M. (1982), A estátua-menir feminina da Ermida...; *V.* nota 117.

(158) Jorge, V. O. e Almeida, C. A. F. de (1980), *A Estátua-Menir fálica...*

(159) Almeida, C.A.F., e Jorge, V. O. (1979), *A Estátua-Menir de Faiões...*

(160) Jorge, V. O. e Jorge, S. O. (1983), Nótula preliminar sobre uma nova estátua-menir...

(161) *V.* nota 159, p. 21.

(162) Vasconcelos, J. Leite de (1910), Esculpturas pré-históricas..., fig. 2. O carácter "estranho" e raro desta estátua já foi várias vezes acentuado, quer por C. Octobon (1931, *Statues-Menhirs...* p. 529), quer por J. Arnal (1976, *Les Statues-Menhirs...*, p. 189). O primeiro autor escreve: "... elle a un air hiératique et géométrique qui frappe et en fait un exemplaire hors série" (p. 529).

(163) Santonja Gómez, M. e Santonja Alonso, M. (1978), La estátua-menir de Val de Fuentes...

(164) *V.* nota 154, p. 151.

(165) *V.* nota 110, Lam. 9.

(166) Compare-se a forma da cabeça com a da estela mediterrânica, do Sul de França, da estação de Collorgues II (Gard), (d'Anna, A., 1977, *Les Statues-Menhirs et Stèles...*, fig. 26, nº 73). Contudo, J. Landau (1965, L'art en France dans la Préhistoire..., p. 50) considerou que a estátua da Bulhosa "evoca a arte figurativa megalítica francesa", e J. Arnal (1976, *Les Statues-Menhirs...*, p. 189) aproximou-a das estátuas bretãs, como a de Câtel (Guernesey).

(167) Grosjean, R. (1966), *La Corse Avant l'Histoire...*

(168) *V.* nota 117, p. 34.

(169) *V.* nota 117, p. 37.

(170) *V.* nota 117, p. 37.

(171) Vázquez Varela, J. M. (1980), Enterramientos en cista de la Edad el Bronce..., fig. 29; *V.* nota 119, fig. 5.

(172) A decoração da estela da Quinta de Conquinho reduz-se a linhas quebradas em sequência horizontal. Existe, contudo, um bom paralelo para a decoração da estátua da Ermida na decoração da cerâmica decorada calcolítica que estudámos ao longo deste trabalho. Poderemos, no entanto, utilizar essa analogia de forma estrita?

(173) *V.* nota 119, figs. 101 e 104.

(174) *V.* nota 100.

(175) *V.* nota 100, pp. 91-94, figs. 96 e 102-103.

(176) *V.* nota 119, fig. 101.

(177) *V.* nota 167, Pl. 22, 26, 37, 38.

(178) Twohig, Shee E. (1981), *The Megalithic Art...*

(179) *V.* nota 178, fig. 699.

(180) *V.* nota 178, fig. 29.

(181) *V.* nota 178, fig. 33.

(182) *V.* nota 178, fig. 32.

(183) *V.* nota 178, fig. 30.

(184) *V.* nota 98, p. 55.

E – APÊNDICES

APÊNDICE 1

NOTA INTRODUTÓRIA

As amostras cerâmicas sujeitas ao estudo mineralógico e microestrutural que se segue, foram recolhidas durante as nossas escavações nos povoados da Vinha da Soutilha, Pastoria, S. Lourenço e Castelo de Aguiar.

É a seguinte a relação entre a numeração interna das amostras e o nível habitacional e estação a que pertencem: 1 - CST AGR (Castelo de Aguiar), Nível II; 2 - CST AGR (Castelo de Aguiar), Nível II; 3 - PST (Pastoria), Nível I (Local 3); 4 - PST (Pastoria), Nível IIa (Local 3); 5 - PST (Pastoria), Nível IIb (Local 3); 6 - PST (Pastoria), Nível IIa (Local 3); 7 - MRS (Vinha da Soutilha, Mairos), Nível III; 8 - MRS (Vinha da Soutilha, Mairos), Nível III; 9 - S.LRN (S. Lourenço), Nível I; 10 - S.LRN (S. Lourenço), Nível II; 1A - PST (Pastoria), Nível IIa (Local 3); 2A - PST (Pastoria), Nível IIa (Local 3); 3A - PST (Pastoria), Nível IIa (Local 3), 4A - PST (Pastoria), Nível IIa (Local 3); 5A - PST (Pastoria), Nível IIa (Local 3); 6A - (Pastoria), Nível IIa (Local 3); 7A - - CST AGR (Castelo de Aguiar), Nível II; 8A - CST AGR (Castelo de Aguiar), Nível II.

De referir ainda que os parâmetros cronológicos indicados neste estudo são da nossa responsabilidade.

ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO MINERALÓGICA E MICROESTRUTURAL DE CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS DE ESTAÇÕES DA ÁREA TELÕES - CHAVES

M. Fátima Melo *
e Clara Gonçalves *

1 - INTRODUÇÃO

A tecnologia cerâmica pré-histórica apresenta normalmente uma apreciável diversidade tecnológica a qual nem sempre é possível comprovar através dos métodos analíticos mais vulgarmente utilizados na caracterização de cerâmicas.

Iniciaram-se os estudos deste tipo de cerâmicas sob o ponto de vista de caracterização das espécies mineralógicas presentes e estimativa da gama de cozedura no D.T.I.Q. do LNETI em colaboração com o I.I.C.T. (1).

Com o presente trabalho pretende-se realizar um estudo mais amplo de caracterização mineralógica das pastas utilizadas, bem como do processo de cozedura efectuado, procedendo-se também ao estabelecimento de possíveis correlações entre fragmentos cerâmicos provenientes das estações arqueológicas da área de Telões - Chaves.

Com este objectivo estudaram-se, sob o ponto de vista macro e microestrutural bem como utilizando as técnicas analíticas tradicionais (D.R.X., F.R.X., A.T.D., T.G. e D.T.G.), 18 amostras provenientes de quatro estações arqueológicas e efectou-se uma tentativa de formar grupos entre os quais fossem previsíveis ilacções independentemente da cronologia geral conhecida e proveniência.

Através do aspecto de corte ou das secções frescas das fracturas obtidas neste conjunto de fragmentos cerâmicos poder-se-á induzir alguns dados sobre processo de fabrico, temperatura de cozedura, atmosfera redutora ou oxidante.

Estes dados foram em algumas amostras posteriormente confrontados com os resultados obtidos pelos ensaios analíticos e microestruturais.

---

* Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial - Departamento de Tecnologia de Indústrias Químicas.

2 - MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 - *Preparação das Amostras*

As amostras, constituindo um conjunto de 18 fragmentos cerâmicos distribuídos por 4 estações arqueológicas (nomeadamente Mairos, S. Lourenço, Castelo de Aguiar e Pastoria), foram cuidadosamente limpas e delas se destacaram troços cerâmicos representativos das mesmas (atendendo ao aspecto macroestrutural) para serem objecto de observação detalhada por microscopia óptica de luz reflectida.

De vários pontos de cada amostra raspou-se material suficiente para as análises de difracção de raios X e termo-analíticas tendo o cuidado de o retirar das zonas escuras e claras duma forma sistemática.

Procedeu-se posteriormente à moagem fina ($d < 35$ μm) para boa resolução de riscas e sensibilidade nos registos termo-analíticos.

No Quadro I estabelece-se um panorama geral dos métodos analíticos utilizados para o conjunto de fragmentos cerâmicos incluíndo alguns mais recentes (do Bronze Final, Proto-História e Romanização) que apenas serviram como termo de comparação, não se incluindo esses resultados neste trabalho.

2.2 - *Descrição Sumária sob o Ponto de Vista Macroscópico dos Materiais Estudados*

Nos Quadros II agrupam-se os materiais estudados, tomando em atenção o seu número de referência, estação arqueológica, cronologia geral e as características macroestruturais observadas à vista desarmada e à lupa, tendo em atenção o aspecto distinto das superfícies de fractura frescas, desde a camada externa até ao interior do fragmento. O teor relativo de feldspatos calcosódicos e sódicos também foi objecto de observação à lupa mas dispondo de superfícies polidas.

2.3 - *Observação Microestrutural*

Sobre as mesmas amostras realizaram-se análises microestruturais utilizando um microscópio óptico de luz reflectida com possibilidade de registo fotográfico.

Para esse efeito as porções representativas das amostras previamente seleccionadas foram impregnadas em vácuo com resina fluída adequada para este tipo de materiais (mal compactados) de forma a garantir uma boa aglomeração entre os grãos, para evitar, assim, o seu arranque nas operações de polimento.

Posteriormente procedeu-se ao polimento das amostras recorrendo-se a um polimento final por forma a que se evidenciassem os cristais de reduzidas dimensões. As amostras não foram submetidas a nenhum tipo de ataque químico por se tornar desnecessário para as observações em causa.

2.4 - *Difracção de Raios X*

Para a identificação mineralógica das 18 amostras em estudo utilizou-se o mé todo de radiogramas de pó (câmara de Debye-Scherrer) obtidos com radiação K_α do cobre.

Executaram-se os radiogramas sobre a fibra de material cerâmico tal e qual e após calcinação ao ar a 500°C (1/2 h) e 950°C (3 h).

2.5 - *Ensaios Termo-Analíticos*

Nos tipos de amostras dominantes de cada estação arqueológica realizaram-se ensaios de Análise Térmica Diferencial, Termo-Gravimétrica e Termo-Gravimétrica Diferencial, utilizando, como material de referência, alumina calcinada com uma velocidade de aquecimento de 6°C/min.

2.6 - *Espectrometria de Fluorescência de Raios X*

Registaram-se ainda os espectros de emissão de fluorescência X dos diferentes elementos químicos presentes nas amostras. Para cada amostra obtiveram-se dois tipos de espectros complementares, um deles destinado aos elementos pesados utilizando, como cristal analizador, fluoreto de lítio e outro para elementos de nº atómico mais baixo utilizando EDDT como cristal analizador.

Nesta identificação por espectrometria de FRX foi utilizada uma ampola de anticátodo de crómio, pelo que é comum a presença de riscas do crómio, quer nos espectros de nº atómico mais alto, quer nos de nº atómico mais baixo nas posições 69.29(2θ) e 30.14 (2θ).

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 - *Descrição das Amostras*

No Quadro II encontram-se referenciados os aspectos macroestruturais mais relevantes das amostras em estudo (observação em lupa ampl. 6x e à vista desarmada).

Poder-se-á agrupar o conjunto de amostras em alguns tipos com características semelhantes. Assim, relativamente às estações arqueológicas de Mairos e S. Lourenço (amostras 7, 8, 9 e 10) poder-se-á destacar dos exames macroestruturais realizados, que se trata de uma cerâmica de pasta de cor escura quase negra com granulometria muito semelhante (cristais de dimensão média e finos), com grau de cozedura aparentemente baixo revelando fractura frágil. De realçar a amostra 8, proveniente de Mairos, que apresenta um maior grau de compactação.

No que diz respeito à porosidade, não existe analogia entre os fragmentos provenientes das duas estações, possuindo a cerâmica de Mairos (amostras 7 e 8) porosidade de pequena dimensão, homogeneamente distribuída, enquanto que a de S. Lourenço (amostras 9 e 10) manifesta um grau de porosidade mais elevado.

Reportando-nos agora a Castelo de Aguiar, os fragmentos cerâmicos 1, 2, 7A e 8A também se caracterizam por terem uma pasta predominantemente de cor escura (cinzenta ou negra):

- revelando porosidade elevada com cristais de tamanho médio e de reduzidas dimensões, homogeneamente distribuídos (1, 2, 7A).

De uma forma geral, trata-se de cerâmica com grau de compacidade baixo, pouco cozidas (1, 7A, 8A), salientando-se a amostra 2 com um grau de cozedura aparentemente superior, por evidenciar um maior grau de coesão entre as partículas.

Dentro da cerâmica pertencente à estação arqueológica de Pastoria (4, 5, 6, 1A, 2A, 3A, 4A, 5A e 6A) não é possível definir um carácter dominante de cor, variando esta entre a cor vermelho-tijolo e os tons claros (cinza e castanho) e a cor escura.

Relativamente às características de granulometria e porosidade poder-se-á distinguir dois sub-grupos:

- cerâmicas de porosidade baixa possuindo alguns cristais de grandes dimensões e de tamanho médio e reduzido em grande número (3, 4, 1A, 2A e 3A);
- cerâmicas com porosidade elevada possuindo uma granulometria de dois tipos, com cristais de tamanho médio e reduzido, uniformemente distribuídos (5A e 6A grupo minoritário).

Finalmente, referindo-nos ao grau de cozedura aparente, este grupo não se distingue das amostras anteriores, demonstrando um grau de cozedura baixo e pequena compacidade, destacando-se as de carácter mais plástico e mais cozidas (4, 1A, 4A e 5A).

Para as amostras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 3A não foi possível efectuar observações sobre a superfície, tipo de fractura e plasticidade uma vez que se dispunha de material manifestamente insuficiente e já se encontrar embutido em resina.

3.2 - *Observação Microestrutural*

De acordo com as observações efectuadas poder-se-á detectar analogias microestruturais de fragmentos cerâmicos provenientes das estações em estudo.

Assim, de uma forma geral, as amostras revelam a presença de constituintes mineralógicos comuns nas cerâmicas arqueológicas, nomeadamente quartzo (cristais de dimensões variadas compreendidas entre 120 μm e 960 μm) apresentando fissuras e "pitting" e

cristais micáceos que se encontram por vezes dobrados, com foliação evidente. Estes minerais micáceos são de dois tipos (moscovite e biotite) com uma enorme diversidade de dimensões desde 70 μm-100 μm, inseridos na matriz até 0,35 mm a 2,2 mm.

Evidenciam-se também cristais de reduzidas dimensões (30 a 80 μm) constituindo uma fase altamente reflectora, os quais foram identificados como feldspato potássico (microclina). Em muito maior quantidade destacam-se cristais que apresentam grandes dimensões, formando uma fase mais acinzentada, menos reflectora, que com o auxílio da lupa foram identificados como feldspatos calco-sódicos (albite/anortite) e potássicos (ortose), sendo esta última menos frequente.

De uma forma geral, o aspecto da matriz argilosa em quase todas as amostras observadas caracteriza-se por um grau de transformação pouco avançado, elevada porosidade, aparentando uma grande quantidade de matéria orgânica ocluída (Figs. 1 a 8).

Utilizando as técnicas analíticas referidas no parágrafo 2 e tendo em linha de conta os parâmetros grau de transformação da matriz, porosidade, matéria orgânica, presença de feldspatos calcosódicos (plagioclases) e potássicos, e elementos não plásticos (quartzo mica), estabelecemos no Quadro III uma correlação entre as estações pertencentes ao mesmo milénio comparando, em seguida, estações pertencentes a milénios diferentes.

Neste quadro é de salientar os fragmentos (1, 2, 7A e 8A) pertencentes à estação de Castelo de Aguiar (IIIº-IIº milénio a.C.) que se apresentam como um conjunto muito homogéneo, revelando em todas as amostras uma matriz argilosa muito pouco transformada, com elevada porosidade e matéria orgânica, presença de feldspatos calcosódicos e potássicos em pequena quantidade.

No referente a elementos não plásticos este grupo apresenta quartzo em grande quantidade de com cristais de média e grande dimensão e pequeno número de cristais de mica de dimensão reduzida.

Reportando-nos agora aos fragmentos cerâmicos (7, 8, 9, 10 e 3) do IIIº milénio a.C. (estações de Mairos, S. Lourenço e Pastoria) destaca-se a amostra 7 com matriz argilosa de grau mais elevado de transformação e consequentemente menor quantidade de matéria orgânica e poros em posição inversa à amostra 3. Em teor relativo de feldspato as amostras com menor número de grãos de feldspato calcosódicos são as referenciadas com os nºs 3 e 7, possuindo estas mesmo muito maior quantidade de elementos não plásticos (quartzo e mica) do que as restantes 8, 9 e 10. Estas últimas apresentam uma certa analogia microestrutural, isto é, matriz argilosa madianamente transformada, valor médio para a porosidade e matéria orgânica, bem como elementos não plásticos presentes em pequeno número.

Durante o período seguinte (IIIº-IIº milénio a.C.), na estação de Pastoria, que inclui também cerâmica campaniforme (4, 5, 6, 1A, 2A, 3A, 4A, 5A e 6A), destacam-se as amostras 4A e 3A com maior grau de transformação da matriz e as amostras 1A e 3A com menor porosidade e quantidade de matéria orgânica. As amostras 4A e 6 apresentam o maior

teor relativo de feldspatos possuíndo as amostras 6, 3A e 1A a maior quantidade relativa de elementos não plásticos (quartzo e mica). Inseridos dentro desta estação, os fragmentos cerâmicos campaniformes 4, 5 e 5A revelam uma certa analogia microestrutural conjuntamente com a amostra 6A, nos parâmetros de grau de transformação da matriz, porosidade e presença de matéria orgânica e elementos não plásticos, nos quais apresentam teores relativos médios. No respeitante à quantidade relativa de feldspatos as cerâmicos campaniformes formam um grupo homogéneo com as amostras 1A, 3A, 2A, apresentando um valor médio.

A comparação dos fragmentos campaniformes com outros da mesma estação permitiu concluir que estes, embora semelhantes, não constituem um grupo à parte, situando-se nos valores relativos médios dos parâmetros microestruturais observados.

Dentro do mesmo período (IIIº-IIº milénio a.C.), comparando todos os fragmentos da Pastoria (4, 5, 6, 1A, 2A, 3A, 4A, 5A e 6A) com os fragmentos cerâmicos provenientes de Castelo de Aguiar 1, 2, 7A e 8A, grupo de elevada homogeneidade, poder-se-á inferir que estes últimos, conjuntamente com a amostra 2A, constituem um grupo com matriz argilosa menos transformada e simultaneamente com maior quantidade relativa de matéria orgânica e poros semelhantes à amostra 6. Este Grupo de Castelo de Aguiar apresenta conjuntamente com as amostras 6, 3A e 1A, a maior quantidade relativa de elementos não plásticos (quartzo e mica). No respeitante ao teor relativo de feldspatos calcosódicos e sódicos, o maior valor é evidenciado pelas amostras 6 e 4A, constituíndo os fragmentos 1, 2, 7A e 8A de Castelo de Aguiar e a amostra 6A, um grupo com menor quantidade de feldspato. Neste milénio e dentro deste tipo de correlações as cerâmicas (4, 5, 5A) ditas campaniformes destacam-se em relação às provenientes de Castelo de Aguiar por aparentarem um grau mais elevado de transformação da matriz argilosa, menor porosidade e quantidade de matéria orgânica (possível grau mais elevado de cozedura), teor relativo mais elevado de feldspatos e quantidade ligeiramente superior de elementos não plásticos.

Com o objectivo de avaliar da diversidade de tecnologia cerâmica entre duas épocas distintas procedeu-se a uma tentativa de correlacionar as amostras pertencentes a milénios diferentes dentro da análise microestrutural dos parâmetros anteriores.

I) IIIº milénio - IIIº-II milénio a.C. (fragmentos campaniformes)

Dentro deste tipo de comparação salienta-se a amostra 3 que revela matriz argilosa menos transformada e consequentemente elevada porosidade e matéria orgânica. Da observação atenta do Quadro III destacam-se também os fragmentos cerâmicos 4, 5 e 5A que, conjuntamente com as amostras 8, 9, 10 do IIIº milénio a.C., constituem um grupo muito semelhante, relativamente ao estado de transformação da matriz e porosidade e quantidade de matéria orgânica.

A mesma analogia também se poderá inferir no que diz respeito ao teor relativo médio de feldspatos. Relativamente aos elementos não plásticos (quartzo, mica) o grupo 4, 5, 5A e 6A constitui um grupo à parte, com teor relativo intermédio entre as amostras 3 e 8, 9, 10 do IIIº milénio a.C..

II) IIIº milénio - IIIº-IIº milénio a.C. (Pastoria - incluíndo campaniforme)

Aqui poder-se-á referir o maior grau de transformação da matriz argilosa e menor valor de porosidade de matéria orgânica das amostras 7 e 3A, já evidenciado em comparações anteriores, e um grupo muito análogo constituído pelas cerâmicas campaniformes 4, 5, 5A conjuntamente com os fragmentos 4A e 6A, e ainda os do IIIº milénio, 8, 9, 10, que aparentam possuir valores médios para estes parâmetros.

Com maior teor relativo de feldspatos evidenciam-se as amostras 10, 6 e 4A e, quanto ao maior nº de cristais de quartzo e mica presentes (e.n.p.), salientam-se as amostras 6, 3A, 1A e 7, constituindo as campaniformes e a amostra 6A um grupo homogéneo intermédio e com teor relativo superior às do IIIº milénio a.C. (8, 9, 10).

III) IIIº milénio - IIIº-IIº milénio a.C. (Castelo de Aguiar)

Neste estudo comparativo poder-se-á referir o maior grau de transformação da matriz argilosa evidenciado pela amostra 7 e consequentemente menor valor relativo de porosidade e matéria orgânica. Embora as amostras do IIIº milénio a.C. (8, 9, 10) revelem uma matriz argilosa ligeiramente mais transformada, formam um conjunto de teor relativo médio juntamente com Castelo de Aguiar, no respeitante à porosidade e matéria orgânica. Relativamente a feldspatos calcosódicos, as amostras (8, 9, 10) do IIIº milénio a.C., exceptuando a 7, apresentam uma maior quantidade de feldspatos predominantemente calcosódicos em relação às de Castelo de Aguiar que revelam um teor relativo inferior.

Quanto à presença de elementos não plásticos na pasta (quartzo e mica) destaca-se a amostra 3 com um teor dos dois elementos superior às restantes. Com respeito ao número de grãos de quartzo, as amostras 1, 2, 7A, 8A, pertencentes à estação de Castelo de Aguiar, apresentam muito maior quantidade do que as 8, 9, 10, pertencentes a Mairos e S. Lourenço (IIIº milénio a.C.), invertendo-se a situação em relação aos elementos micáceos.

IV) Finalmente, estabelecendo uma comparação de todas as amostras pertencentes IIIº-IIº milénio a.C. e todas as amostras do IIIº milénio a.C. relativamente aos parâmetros observados, poder-se-á referir o seguinte:

No que diz respeito ao estado de transformação da matriz destacam-se as amostras 1, 7A, 8A e 3 de Castelo de Aguiar que aparentam possuir a matriz menos transformada; constitui-se um grupo homogéneo com um grau de transformação médio da matriz, formado pelas amostras 4, 5, 5A (campaniforme) 8, 9, 10 (Mairos e S. Lourenço-IIIº milénio a.C.) e as amostras 1A, 2A, 6A e 6 da estação da Pastoria. A amostra 4A revela um aspecto microestrutural diferente, formado quase na sua totalidade por matriz argilosa razoavelmente bem transformada com poucos grãos de quartzo. Embora pouco transformada, a amostra 8A evidencia uma matriz muito fina com alguns grãos de quartzo isolados. Por outro lado, com um teor relativo médio de matéria orgânica e poros, o mesmo grupo 4, 5, 5A, 8, 9, 10 associa-se com as amostras 4A e 6A (Pastoria) e com as amostras 1, 2, 7A e 8A pro

venientes de Castelo de Aguiar.

No que respeita à quantidade relativa de feldspatos calcosódicos e potássicos podemos agrupar em valor médio os de Castelo de Aguiar (1, 2, 7A e 8A) e alguns da Pastoria (1A, 3A, 4A, 2A, 3), destacando-se as estações de Mairos e S. Lourenço com maior presença deste tipo de cristais (plagioclases e ortose).

Quanto à presença de elementos não plásticos (quartzo e mica) poder-se-á destacar que o maior teor relativo é manifestado pelas amostras da estação da Pastoria (3, 6, 3A, 1A) e a 7, não havendo coincidência destes dois tipos de cristais para os fragmentos da estação de Castelo de Aguiar, que revela o mais baixo teor relativo de elementos micáceos, mas simultaneamente com os fragmentos cerâmicos da Pastoria já referidos, apresentam uma quantidade relativamente elevada de cristais de quartzo. Os fragmentos 4, 5, 5A (campaniforme) e 6A caracterizam-se por um teor relativo médio nos elementos não plásticos e os fragmentos 8, 9, 10, do IIIº milénio a.C. por os possuirem em menor quantidade.

Nesta discussão e avaliação de características deverá ter-se em atenção que a inclusão de fragmentos cerâmicos numa determinada classe ou grau não significa que eles sejam exactamente iguais mas que aparentam as semelhanças microestruturais já referidas.

3.3 - *Difracção de Raios X*

No Quadro IV apresentam-se as reflexões características evidenciadas pelo conjunto de amostras estudadas, as quais correspondem a espécies mineralógicas presentes neste tipo de cerâmicas.

Do ponto de vista mineralógico, as amostras são todas muito semelhantes, registando-se a presença de quartzo e feldspato calcosódico (plagioclase - 3,20 A°) em todas as amostras, e um mineral do tipo mica/illite (10 A°) comum a um grande conjunto de amostras (3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 1A, 3A, 4A, 5A, 6A, 7A). Isoladamente não aparece nenhum mineral de 7 A° do grupo Kandite (caulinite); apenas na amostra 1A aparece associado a illite.

A caulinite poderá estar presente noutras amostras na forma amorfa de meta-caulinite, o qual não é detectável com esta técnica por se encontrar abaixo do limite de resolução experimental. O mesmo pode ocorrer com os minerais do grupo illite ou com o feldspato.

O aparecimento de uma risca de 3.00 Aº num grande número de amostras deve-se muito provavelmente a uma recarbonatação do material.

Nas amostras 4A e 6A estará possivelmente presente um mineral do tipo esmectite, o qual necessita de ser confirmado por agregado orientado tratado com glicerol.

Atendendo à composição mineralógica seleccionaram-se duas amostras (1A e 5A) que se submeteram a um tratamento de calcinação a 550°C durante 1/2 hora em atmosfera de ar.

Com este tratamento térmico confirmou-se a existência de caulinite na amostra 1A, a qual, por colapso cristalino e consequente desaparecimento das reflexões de 7AO transformaram-se em meta-caulinite. A amostra 5A que apresenta feldspato a nível vestigial não sofre qualquer alteração com este tipo de tratamento. Estas amostras 1A e 5A foram também submetidas a calcinação a 950°C (atmosfera de ar durante 3 h). Com este tratamento térmico verificou-se o colapso estrutural das micas illites deixando de ser visíveis as suas reflexões características.

As espécies mineralógicas mais abundantes (illite, quartzo e feldspato) foram identificados de acordo om as fichas ASTM que se encontram em apêndice.

No Quadro V sumarizam-se os minerais de argilas evidenciados no conjunto de amostras que foi objecto deste estudo. Da observação atenta deste quadro V salienta-se um grupo de amostras (2A, 1, 2, 8A) que através dos seus radiogramas revelam a ausência de minerais de argila o que não significa a inexistência destes na respectiva pasta cerâmica. Poderá ter ocorrido que os minerais de argila tivessem sido amorfizados por uma cozedura próxima dos 600°C não sendo por isso detectável a sua presença durante as observações.

Com uma provável mistura de minerais de argila aparecem-nos as amostras 4A e 6A (illite + esmectite), as quais constituem argilas de boa qualidade para o fabrico de barros vermelhos, possuem maior plasticidade (característica já observada nestas duas amostras - Quadro II-Pst 83) e exigem maior temperatura de cozedura para remineralizar.

A amostra 1A apresenta igualmente mistura de dois tipos de argilas (illite e caulinite), sendo a caulinite de maior qualidade para barros brancos, mas conferindo às amostras uma menor plasticidade e menor grau de coesão entre as partículas (Quadro II - - Pst 83).

Para esta amostra poder-se-á sugerir um limite superior de ~ 600°C para a sua temperatura de cozedura uma vez que a caulinite é detectável, não tendo portanto atingido a sua temperatura de transformação.

3.4 - *Ensaios Termo-Analíticos*

Realizaram-se ensaios termo-analíticos em mais de metade das amostras, registando-se em todas elas um comportamento semelhante correspondente aos fragmentos cerâmicos 4 e 8A. Com o intuito de obtenção de uma maior sensibilidade nos registos procedeu-se, para estas duas amostras, a uma desagregação do material seguido de tamizagem (pelos peneiros 300 μm e 180 μm), extraindo-se assim a fracção grosseira constituída predominantemente por grãos de quartzo e feldspato (Figs. 9 e 10).

Nos registos efectuados denota-se um efeito endotérmico, entre 130-150°C, acompanhado de uma acentuada perda de peso correspondente a saída da humidade ou de água absorvida.

Seguidamente, verifica-se um efeito exotérmico próximo dos 400-450°C associado à queima de matéria orgânica, o qual parece sobrepôr-se a outro efeito também exotérmico mais intenso nas amostras 4, 7, 9, 10. Nesta zona a curva da perda de peso apresenta pequena variação, estabilizando a partir dos 550°C.

Através destas análises não há evidência para uma tentativa de determinação de um limite superior de temperatura de cozedura. Unicamente se poderá afirmar que não se ultrapassou a temperatura da reacção de decomposição das illites próxima dos 950°C.

3.5 - *Fluorescência de Raios X*

No Quadro VI encontram-se resumidos os elementos detectados assim como uma avaliação semi-quantitativa dos seus teores.

O teor de sílica parece ser igual ou superior a 70% (W/W) nas várias amostras. No entanto não foi efectuada uma análise quantitativa pelo que este valor é uma estimativa que vai de encontro às observações obtidas por difracção de Raios X e de microscopia óptica.

Com base em ensaios de fluorescência há dúvia relativamente à colocação do elemento Ti no grupo dos elementos em concentração forte ou em concentração fraca.

A altura dos picos nas várias amostras relativas aos elementos vestigiais detectada na resina epoxi - Cl, Ca, K, Br, Cu, Zr, Pb e Ti - é superior à altura das mesmas para a resina pelo que estes também se encontram presentes na constituição das pastas.

Nas amostras em que o teor estimado de cálcio é superior ao de potássio, muito provavelmente estará presente uma plagioclase, rica em cálcio. Contudo, não foi possível comprovar esta sugestão porque não foi detectado o teor em sódio em nenhuma das amostras.

4 - COMENTÁRIOS FINAIS

Após o estudo e observações efectuadas poder-se-á destacar alguns aspectos mais relevantes:

- Dentro da estação da Pastoria (Quadro V) verifica-se a existência de fragmentos cerâmicos com vários tipos de minerais argilosos, e em alguns casos mistura (amostras 1A, 4A, 6A). Esta escolha e mistura dos tipos de argilas não nos parece ser intencional para conferir às cerâmicas qualidades de plasticidade ou de grau de coesão, mas deverá tratar-se de uma mistura natural, própria do barreiro rico em illite, uma vez que estes minerais argilosos se encontram frequentemente associados em argilas de solos.

- Relativamente à adição intencional de elementos não plásticos é muito difícil diferenciar os elementos originais daqueles nos quais houve interferência humana. Segundo Williams (2), uma das possibilidades de distinção ocorre quando dois conjuntos de minerais provenientes de meios geológicos diferentes coexistem no mesmo fragmento cerâmico certificando-nos assim que houve mistura. No entanto, como a maior parte dos fragmentos cerâmicos estudados possuem uma pasta grosseira com grande quantidade de elementos desengordurantes, segundo Echallier (3), eles ocorrem naturalmente na argila de solo, utilizada para a manufactura dos vasos. Pelo contrário, as argilas de textura mais fina eram propositadamente lavadas e moídas podendo nestes casos a adição de desengordurante ser intencional.

  Nesta perspectiva, através da observação das superfícies de fractura de alguns fragmentos cerâmicos (a) e pela presença de partículas grosseiras (quartzo e feldspato), visíveis até à vista desarmada nas amostras 4A, 5A, 7A e 8A, poderá eventualmente ter ocorrido uma adição intencional de desengordurantes.

- O exame microscópico das amostras revelou a presença de grande quantidade de matéria orgânica na maioria das amostras exceptuando 7, 1A e 3A.

  Observada a superfície de fractura da amostra 4A junto ao cordão, aparece-nos com "o coração negro", o que não é de modo algum significativo de um estado primitivo de tecnologia cerâmica (4). Tal facto permite-nos apenas concluir que a temperatura e a duração de cozedura foram insignificantes para a eliminação dessa zona escura.

  A matéria orgânica encontra-se associada às argilas de solos proveniente da decomposição de plantas, obtendo-se cor escura, quase negra, nas etapas iniciais de cozedura, tornando-se cinzenta e cinzenta clara à medida que a matéria orgânica é removida por oxidação. Esta remoção depende também da porosidade, possuindo as argilas muito arenosas uma estrutura mais aberta e adequada à sua libertação.

  Para as argilas de textura mais fina e, inclusive, com elementos carbonosos naturais, adicionados para aumentar a plasticidade, é necessário uma elevada temperatura para a sua decomposição. Este não parece ser o caso de nenhum dos fragmentos cerâmicos estudados.

- De uma forma geral, as amostras possuem uma macroporosidade elevada (devido a bolhas de ar, vegetais, etc.), não se evidenciando a microporosidade característica das estruturas argilosas destruídas. Neste tipo de amostras verificou-se que, em alguns casos, os poros se encontravam obturados com compostos de carbono. Esta incorporação de carbono na pasta confere-lhe coloração negra ou cinzenta escura no decurso do processo de cozedura (3).

(a) - exceptuando as amostras (1, 2, 3, 4, 5, 6, 8 e 3A) dada a escassez do material e já se encontrar embutido em resina.

- Para avaliar do possível carácter oxidante ou redutor em que foram realizadas as cozeduras, baseamo-nos no facto de que o óxido de ferro confere cor vermelha à pasta na sua forma oxidada, mas também que esse mesmo óxido se reduz de cinzento a negro (na ausência de carbono residual) se não existe possibilidade de reoxidação durante o arrefecimento.

  De referir que a cor não é inequivocamente indicativa do estado de oxidação do ferro, o qual somente por Espectrometria MössBauer poderia ser directamente determinado.

  No entanto, nas amostras que foram analisadas por fluorescência de Raios X (Quadro VI), e nas quais foram detectadas concentrações fortes de ferro (1, 7A, 4, 1A, 4A, 7) é possível que as amostras 1, 7, e 4 tenham sido sujeitas a cozedura redutora, a 1A a cozedura com carácter neutro, e as amostras 4A e 7A a cozedura em atmosfera oxidante.

- No aspecto de tratamento de superfície é muito difícil distinguir à lupa binocular ou em luz reflectida um engobe de um polimento ou até se a amostra foi simplesmente alisada.

  Nos casos em que a superfície da amostra apresenta cor distinta (em particular a amostra 7) seria necessário um estudo mineralógico cuidadoso dessa superfície para identificação e comparação com a pasta, da argila utilizada nesse tipo de tratamento.

  Contudo, nas amostras passíveis de observação (não embutidas) e nas quais se registou diferença de coloração revelada à fractura, poder-se-á apontar possíveis hipóteses de tratamento final.

  Esta diferença de coloração, como por exemplo, se observa nas amostras 7A, 4A e 8A pode não significar que uma camada distinta tenha sido aplicada no fragmento cerâmico, mas que a sua origem se deva a fumos, impregnação de matéria orgânica no vaso cerâmico quente ou, até mesmo, um período de mudança nas condições de arejamento do forno (5).

  Ocorre frequentemente que as cerâmicas apresentem superfícies de cor amarelada, castanha ou vermelha, (ex: 7, 9, 10) podendo esta coloração ser originada pela humidade das mãos do oleiro que procedeu ao alisamento da peça. De facto, segundo Matson (4), o alisamento em húmido da superfície, concentra as partículas mais finas da argila numa película superficial (concentração de sais à superfície), a qual desenvolve uma cor mais intensa aquando da sua cozedura.

Para uma melhor caracterização das amostras seria útil completar este estudo com um exame mais detalhado de fracções das mesmas observadas por SEM (em particular, a alteração superficial dos cristais de quartzo e feldspato) e um estudo mineralógico mais aprofundado de fracções argilosas de diferentes granulometrias para comprovar a intencionalidade de adição dos elementos não plásticos.

REFERÊNCIAS

1 - Figueiredo, Mª Ondina, Melo, Mª Fátima, Estudo da Constituição Mineralógica e da Temperatura de Cozeduras de Cerâmicas Pré-Históricas, *Arqueologia*, nº 7, Julho de 1983.

2 - Williams, D.F., *Ceramic Petrology and Archaeologist. Pottery and the Archeologist*. Edit. by M. Millet, Institut of Archaeology, University of London, 1979, Occasional publication, nº 4, pp. 73-76.

3 - ECHALIER, Jean Claude, *Elements de Tecnologie Céramique et d'Analyse des Terres Cuites Archeologiques - Documents D'Archéologie Meridional* (Numero special), 1984.

4 - MATSON, Frederick R., Some Aspects of Ceramic Technology, *Science in Archeology* - Thames and Hudson, London, 1963.

5 - LAMING, A., *La Découverte du Passé*. Editions A. et J. Picard & Cia, Paris, 1952.

BIBLIOGRAFIA

- BROWN, G. (edv.) (1956) - *The X-Ray, Identification and Crystal Structures of Clay Minerals*, Mineralogical Society, London.

- GRIMM RALPH, E. (1953) - *Clay Mineralogy*, Mc Graw Hill Book Company inc.

- INSLEY. H., & FRECHETTE, O. (1956) - *Microscopy of Ceramics and Cements*. Academic Press, New York.

- MACKENZIE, R.C. (ed.) (1970) - *Diferential Thermal Analysis*. Academic Press, New York.

QUADRO I

Métodos utilizados / Amostras	Observação Óptica		Raios - X				Métodos Térmico-Anal.	
	Obs. Lupa	Observação Mic.Op.Ref.	Mét. Debye Scherrer			Fluorescência	ATD	DTG/TG
			F.tal qual	F.550°C 1/2h	F.950°C 3h			
1	x	x	x			x	x	x
2	x	x	x					
3	x	x	x					
4	x	x	x			x	x	x
5	x	x	x					
6	x	x	x					
7	x	x	x			x	x	x
8	x	x	x					
9	x	x	x					
10	x	x	x			x	x	x

QUADRO I

Métodos utilizados / Amostras	Observação Óptica		Raios - X				Métodos Térmico-Anal.	
	Obs. Lupa	Observação Mic.Op.Ref.	Mét. Debye Scherrer			Fluorescência	ATD	DTG/TG
			F.tal qual	F.550°C 1/2h	F.950°C 3h			
1A	x	x	x	x	x	x	x	x
2A	x	x	x					
3A	x	x	x					
4A	x	x	x			x	x	x
5A	x	x	x	x	x			
6A	x	x	x					
7A	x	x	x			x	x	x
8A	x	x	x					
9A	x	x	x			x		
10A	x	x	x					
11A	x	x	x					
12A	x	x	x					
13A	x	x	x	x	x		x	x
14A	x	x	x					

QUADRO II (MRS 83; SLRN 84)

Amostras / Observações efectuadas	7	8	9	10
Est. Arqueológica	IIIº milénio a.C.	IIIº milénio a.C.	IIIº milénio a.C.	IIIº milénio a.C.
Aspecto externo e cor	Troço de bordo; pasta de cor negra. Superfície polida e alisada de cor amarelenta.	Pasta de cor negra.	Fragmento cerâmico decorado com estriação representativo de uma parede lateral côncava e parte do bordo. Cores variadas com predominância de pasta de cor escura no interior. Zona de fractura de tom amarelento e acinzentado. Superfície possivelmente alisada de cor cinzenta amarelada descontínua.	Troço de bordo de cor castanha escura revelando na fractura uma camada mais escura do que no interior da pasta. Superfície possivelmente polida, castanho acinzentada.
Porosidade	Poros muito pequenos embora existam alguns de grandes dimensões dispersos.	Idêntica à amostra 7.	Elevada; distribuída heterogeneamente com poros de grandes dimensões.	Idêntica à da amostra 9.
Minerais observados	Idênticos às amostras anteriores.	Idênticos às amostras anteriores.	Idênticos às amostras anteriores com maior quantidade de fase branca (quartzo + feldspato).	Idênticas às amostras anteriores com menor número de minerais micáceos (mica preta).
Granulometria	Presença de cristais de grandes dimensões existentes em pequeno número. Elevado número de cristais de dimensão reduzida.	Granulometria superior. Ocorrência de cristais de grande tamanho e cristais de reduzidas dimensões em elevado número.	Cristais de 2 tipos: preferencialmente cristais de tamanho médio e de dimensões reduzidas, distribuídas homogeneamente.	Idêntica distribuição à da amostra 9 mas com menor ocorrência de cristais de tamanho médio.
Grau de cozedura aparente	Fractura frágil. Pouca compactação.	Aspecto mais compacto que a amostra anterior. Mediamente cozida.	Fractura frágil. Compacidade baixa. Material pouco cozido.	Material que revela fractura muito frágil embora com maior grau de transformação. Pouco cozido embora mais argiloso e mais plástico.

QUADRO II - Cst. AGR 84

Amostras / Observações efectuadas	1	2	7A	8A (a)
Cronologia a.C.	Finais do IIIº milénio a.C. Início do IIº milénio a.C.	Finais do IIIº milénio a.C. Início do IIº milénio a.C.	Finais do IIIº milénio a.C. Início do IIº milénio a.C.	Início do IIº milénio a.C.
Aspecto externo e cor	Castanho escuro.	Pasta negra.	Troço lateral de um vaso com decoração. Pasta de cor vermelha revelando na fractura uma camada cinzenta escura próxima da periferia do vaso. Superfície possivelmente alisada.	Troço de parede lateral e bordo de um vaso cerâmico decorado. Pasta negra cinzenta escura onde são visíveis poucos cristais de enorme dimensão e superfície muito rugosa não polida, cinzenta clara.
Porosidade	Elevada, homogeneamente distribuída com poros de pequenas dimensões.	Baixa, homogeneamente distribuída com poros de grandes dimensões.	Mais elevada que as amostras 1 e 2 da mesma estação.	Elevada, embora menos que a amostra anterior.
Minerais Observados	Quartzo, mica (branca e negra), feldspato.	Idênticas à amostra 1.	Idênticas às amostras anteriores.	Idênticas às anteriores. Na superfície de fractura detectam-se cristais de feldspato e mica de grandes dimensões.
Granulometria	Cristais de 2 tipos (ausência de cristais de tamanho médio), cristais de grandes dimensões (quartzo) e de dimensões reduzidas.	Cristais de 2 tipos, descritos em 1.	Cristais de 2 tipos: cristais de grandes dimensões localizados (quartzo feldspato e mica). Cristais de menor dimensão homogeneamente distribuídos.	Cristais predominantemente de dimensão média com inclusões de cristais de dimensão superior (quartzo e feldspato).
Grau de cozedura aparente	Pouca compacidade revelando arranque de polimento. Mediamente cozido.	Maior compacidade que a amostra 1. Grau de cozedura superior.	Compacidade muito baixa, amostra menos cozida do que as amostras 1 e 2 da mesma estação.	Amostra muito pouco cozida com grau de aglomeração dos cristais. (a) - Cst. AGR 83.

QUADRO II (PST 84)

s- ectos iicroestrutu- ais Observados \ Amostras	3	4*	5*	6
Período a.C.	Finais do IIIº milênio a.C.	Finais do IIIº milênio a.C. Inícios do IIº milênio a.C.	Finais do IIIº milênio a.C. Inícios do IIº milênio a.C.	Finais do IIIº milênio a.C. Inícios do IIº milênio a.C.
Aspecto externo e cor	Avermelhada.	Cinzento claro.	Castanho avermelhado.	Cinzento acastanhado.
Porosidade	Homogeneamente distribuída de tamanho médio revelando arranque de polimento na fase mais grosseira.	Amostra menos porosa com menor arranque de polimento.	Elevada.	Elevada, manifestando-se o arranque no polimento das fases mais grosseiras.
Minerais observados	Quartzo. Mica branca em grande quantidade, mica preta, feldspato.	Idênticas às amostras anteriores.	Idêntica à amostra 3.	Idêntica à amostra 3.
Granulometria	Cristais de 3 tipos: - cristais de grandes dimensões em pequeno número. - Elevado número de cristais de dimensões médias e reduzidas.	Idêntica distribuição da amostra 3.	Idêntica distribuição da amostra 3.	Cristais de 2 tipos: tamanho médio, homogeneamente distribuidos e de reduzidas dimensões.
Grau de cozedura aparente	Pouca compacidade. Pouco cozido.	Pasta com mais elevada compacidade, mais cozida.	Aspecto pouco compacto e arenoso evidenciando menor grau de cozedura.	Compacidade idêntica à da amostra 3. Amostra pouco cozida.

* Cerâmicas com decoração campaniforme.

Amostras / Aspectos Microestruturais Observados	1A	2A	3A	4A	5A	6A
Período a.C.	Finais IIIº milénio Início IIº milénio a.C.	Finais IIIº milénio Início IIº milénio a.C.	Finais IIIº milénio Início IIº milénio a.C.	Finais IIIº milénio Início IIº milénio a.C.	Finais IIIº milénio Início IIº milénio a.C.	Finais IIIº milénio Início IIº milénio a.C.
Aspecto externo e cor	Troço lateral da parede de um vaso (com cordão repuxado); pasta de cor castanha clara com alternância de zonas de cor cinzentada até amarela. Superfície rugosa.	Troço de parede lateral de um vaso com cordão; pasta de cor castanha clara amarelada com zonas de cor avermelhada. Superfície rugosa com alteração de cor.	Castanho rosado.	Troço junto a uma saliência (possível asa) de cor avermelhada com grandes áreas cinzentas escuras(coração negro). Superfície possivelmente alisada de cor acastanhada.	Castanha escura acinzentada. Superfície possivelmente alisada.	Cinzenta escura. Pasta mais fina. Superfície possivelmente polida de cor idêntica à pasta.
Porosidade	Baixa,homogénea distribuída com poros de pequenas dimensões.	Idêntica à da amostra anterior.	Baixa com poros de pequenas dimensões sem arranque de polimento.	Aspecto de pedra pomes (poros de pequenas dimensões.	Elevada, poros de grandes dimensões.	Idêntica à das amostras anteriores.
Minerais observados	Quartzo Feldspato e Micas	Idêntica à amostra 1A.	Idênticas às amostras anteriores.	Idênticas às da amostra 3A.	Idênticas aos da amostra 3A. Cristal de cor vermelha (Fe_2O_3 ?)	Idênticos aos das amostras anteriores.
Granulometria	Cristais de 3 tipos: - Grandes dimensões - Médios - Pequenos	Ausência de cristais de tamanho médio. Cristais de grandes dimensões (quartzo) e de dimensões reduzidas.	Presença de cristais de maior dimensão (quartzo e mica).	Idêntica à da amostra anterior com inclusões de cristais de grandes dimensões em zonas porosas.	Cristais de tamanho médio homogeneamente distribuídos.	Cristais de tamanho médio homogeneamente distribuídos de reduzidas dimensões.
Grau de cozedura aparente	Grau de compacidade muito baixo. Fractura esfarulenta. Amostra pouco cozida.	Material ligeiramente mais plástico de cor ligeiramente mais escura. Material mais cozido.	Grau baixo de transformação com os minerais bem cristalizados e micas dobradas o que denota as tensões a que foi submetida a pasta.	Um certo grau de plasticidade, compacidade e homogeneidade na fractura, exceptuando em zonas de inclusões de grandes massas de matéria orgânica que sofrem expansão, originando aspecto de pedra pomes.	Fractura frágil. Pasta possuindo maior plasticidade e compacidade. Sofreu arranque de polimento. Dificuldade nas observações de M.O.	Fractura esfarulenta, pequena compacidade,menos plástica. Material muito pouco cozido. Difícil de polimento por ter sofrido arranque. Ausência de observ.em M.O.



Fig. 1 Plano geral da amostra em que se evidenciam um cristal de quartzo e feldspato de grandes dimensões e pequenos cristais micáceos. Matriz argilosa com poros e matéria orgânica (Amostra 8).



Fig. 2 Plano em que se distingue matriz parcialmente transformada e envolvida por matéria orgânica e poros. Evidencia-se um cristal de mica, um de feldspato calcosódico e outro de quartzo (Amostra 9).



Fig. 3 Plano geral em que se evidência cristais micáceos com foliação e matéria orgânica ocluída. Cristais micáceos (mica preta) muito finos dispersos em toda a matriz. Cristais de quartzo fissurados. Matriz argilosa revelando pouco grau de transformação. Matéria orgânica e poros ocluídos na matriz (Amostra 3).



Fig. 4 Outro plano que demonstra a existência de cristais quartzo, feldspato calcosódico e cristais micáceos (Amostra 1).

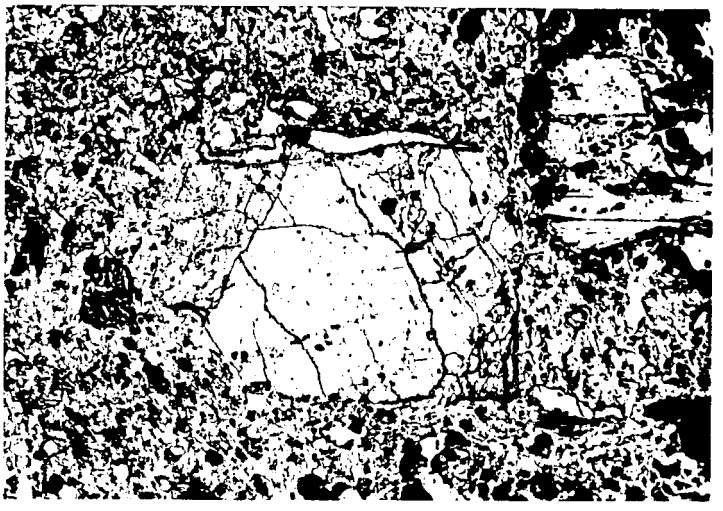


Fig. 5 Plano geral em que se denota um cristal de feldspato calcosódico fissurado e grãos pequenos de quartzo (Amostra 8A).



Fig. 6 Outro plano em que se evidenciam cristais micáceos de grande dimensão e mais finos inseridos no seio de uma matriz mal transformada com bastantes poros e matéria orgânica (Amostra 5).



Fig. 7 Plano geral da amostra em que se evidenciam grãos de quartzo e mica de dimensões médias uniformemente distribuídos no seio de uma matriz argilosa mal transformada com poros e matéria orgânica (Amostra 1A).

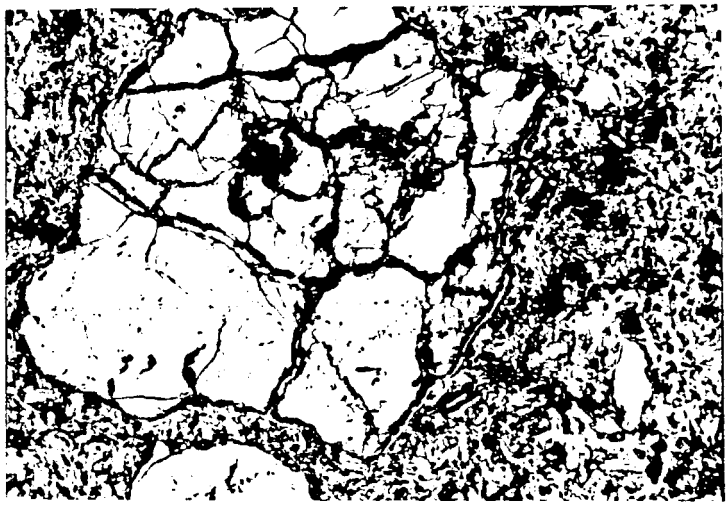


Fig. 8 Detalhe de cristais de quartzo fissurados e picados (Amostra 4A).

	Grau de Transf.da Matriz (Mic.Opt.;DRX)	Porosidade e Matéria Orgânica (Mic.Opt.;ATD)	Feldspatos calcosódicos (Fundentes nas cerâmicas actuais) (Lupa;DRX;FRX)	Elementos não plásticos Q - Quartzo M - Mica (Mic.Opt.;DRX)
IIIº a.C. S.Lourenço Mairos Pastoria	7>>8,9,10>3	3>>8,9,10>7	10>9>8>7,3	Q - 3>>7>>8,9,10 M - 3>>7>>8,9,10
IIIº-IIº a.C. Cast.Aguiar	2>1,7A,8A Pequeno grau de transformação	1,2,7A,8A Quantidade elevada de matéria orgânica	1,2,7A,8A	Q - 1,2>7A,8A M - 1,2,7A,8A Mica em pequena quantidade Quartzo em grande quantidade
IIIº-IIº a.C. Pastoria (Campanif. *)	4A,3A>1A,6A,6>2A 4*,5*,5A*	2A≥6> 4A,6A >1A>3A 4*,5*,5A*	6,4A>3A,4*,5*,2A>6A 1A,5A*	Q - 6,3A,1A>2A> 6A >4A 4*,5*,5A* M - 6,3A,1A> 6A >2A>4A 4*,5*,5A*
IIIº-IIº a.C. Pastoria Cast.Aguiar	4A,3A>1A,6A,6>2A,1, 4*,5*,5A* 2,7A, 8A	2A,8A,7A ≥6>4A,6A>1A≥3A 1,2, 4*,5*,5A*	6,4A>3A,1A>2A>1,2>6A 4*,5* 5A* 8A,7A	Q - 6,3A,1A≥ > 6A >4A 1,2,7A,8A 4*,5*,5A* M - 1,2,6,3A> 6A >2A>4A 7A,8A,1A 4*,5*,5A*
IIIº//IIIº-IIº a.C. Campaniforme	7>4*,8,9,10,5*,5A*>3	3>>5*,5A*,8,9,104*>7	10>4*,5*,9,8>5A*,7,3	Q - 3>>7>4*,5*,5A*>8,9,10 M - 3>>7>4*,5*,5A*>8,9,10
IIIº//IIIº-IIº a.C. Pastoria (Incluindo campaniforme)	7>3A > 4A > 4*,5*,5A*, 2A 6A 3 1A 8,9,10 6	2A≥6,3>4*,5*,5A* >7>1A,3A 4A,6A,8 9,10	10>6,4A> 3A,1A > 2A>6A 4*,5*,9,8 5A* 7 3	Q - 3>6,3A,1A,>2A>4*,5*,5A*>8,9, 7 6A 10,4A M - 3>6,3A,1A>4*,5*,5A* > 2A >4A 7 6A 8,9,10
IIIº//IIIº-IIº a.C. Cast.Aguiar	7>>8,9,10,2>1,7A,8A>3	3>>8,9,10,1,2,7A,8A>7	8,9,2,10>1,8A,7A,3>7	Q - 3>>1,2,7A,8A,7>8,9,10 M - 3>>7>8,9,10>1,2,7A,8A
IIIº//IIIº-IIº a.C. Pastoria Cast.Aguiar	7>3A>2A,1A,8,9,10,6> 4A 2,4*,5*,5A*,6A >1,7A,8A,3	2A,6,3>> 4*,5*,5A*>7,1A,3A 4A,6A,8 9,10,1,2 7A,8A	8,9,2,10,6>4*,5*,5A*>1,2,7A 1A,4A,3A 8A,3,2A>7,6A	Q - 3>6,3A,1A,7,2A>4*,5*,5A*>8,9 1,2,7A,8A 6A 10,4A M - 3>>6,3A,1A>4*,5*,5A*,> 2A > 7 6A 8,9,10 >1,2,7A,8A,4A

* Cerâmica campaniforme

QUADRO IV - Espécies mineralógicas identificadas através de distâncias

MINERAIS \ AMOSTRAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1A	2A	3A	4A	5A	6A	7A	8A
E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14.0?	-	14.0?	-	-
M/I	-	-	10.0	10.0	10.0	10.0	10.0	10.0	10.0	10.0	10.0		10.0	10.0	10.0	10.0	10.0	-
K	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7.4	-	-	-	-	-	-	-
n.i	-	-	-	6.5		6.5					6.6			6.8			6.5	
n.i	-	-	-	6.0		5.9								5.4			6.0	
n.i	-	-	-	5.0		5.0					5.0			4.8	5.0	5.0	5.0	
M/I	4.45	4.45	4.45	4.45	4.5	4.5	4.5	4.5	4.5	4.5	4.45			4.45	4.5	4.5	4.5	-
Q	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26	4.26
F	4.05	4.10	-	4.00	4.1	4.00	4.00	4.00	-	4.00	4.00	4.00	4.00	4.10	-	-	4.00	4.00
F	3.80	-	-	3.80	3.80	3.80	3.80	-	-	3.80	3.80	3.80	-	-	-	3.80	3.80	-
	3.70	3.70		3.70	3.70									3.60			3.70	3.60
F	3.50	3.50	3.50	3.50	3.50	3.5	3.45	3.50	-	3.50	3.45	3.45	-	3.45	3.45	3.50	3.50	3.45
QF	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34	3.34
F	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20	3.20
C	3.00	3.00	3.00	-	3.00	3.00	3.00	2.95	-	3.00	3.00	3.00	-	2.95	-	3.00	3.00	-
F				2.90		2.90	2.90			2.90	2.90	2.90	-	2.90		2.90	2.85	2.85
F				2.80		2.80	2.75				2.80					2.80	2.80	
F				2.70										2.70				2.70
F				2.60	2.60						2.60					2.60		
F/I	2.49	2.55	2.55	2.50	2.55	2.55	2.55	2.55	2.55	2.55	2.45	2.49		2.50	2.55	2.49	2.49 2.55	2.50
Q(α)	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.46	2.45	2.46	2.46	2.46
Q(α)	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	2.28	-	2.28	2.30	2.28	2.28	2.28
Q(α)	2.24	2.24	2.24	2.24	2.24	2.24	2.24	-	-	2.24	2.24	2.24	2.24	2.24	2.25	2.24	2.24	2.24
Q(α)	2.13	2.13	2.13	2.13	2.13	2.13	2.13	-	-	2.10 2.13	2.13	2.13	2.13	2.13	2.10	2.13	2.13 2.10	2.13
Q(α)	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82	1.82
Q(α)	1.67	1.67	1.67	1.67	1.67	1.67	1.67	-	-	1.67	1.67	1.67	-	1.67	1.67	1.67	1.67	1.67
Q(α)	1.54	1.54	1.54	1.54	1.54	1.54	1.54		1.54	1.54	1.54	1.54	-	1.54	1.54	1.54	1.54	1.54
Q(α)	1.45	1.45	1.45	1.45	1.45	1.45	1.45	-	-	1.45	1.45	1.45	-	1.45	1.46	1.45	1.45	1.45

E - Esmectite (segundo ASTM 13-259)

M/I - Mica/Illite

K - Caulinite

n.i - Não identificado

F - Feldspato

C - Carbonato (segundo ASTM 5-058)

Q(α) - Quartzo α

QUADRO V

ESPÉCIES MINERALÓGICAS (DIRX)	IIIº milénio (a.C.)			IIIº-IIº milénio (a.C.)	
	MAIROS	S. LOURENÇO	PASTORIA	PASTORIA	CASTELO D'AGUIAR
Minerais de argila não detectados	—	—	—	2A	1, 2, 8A
Mica/Illite	7,8	9,10	3	4*,5*,6,3A,5A*	7A
Mica/Illite + Esmectite	—	—	—	4A,6A	—
Mica/Illite + Caulinite	—	—	—	1A	—

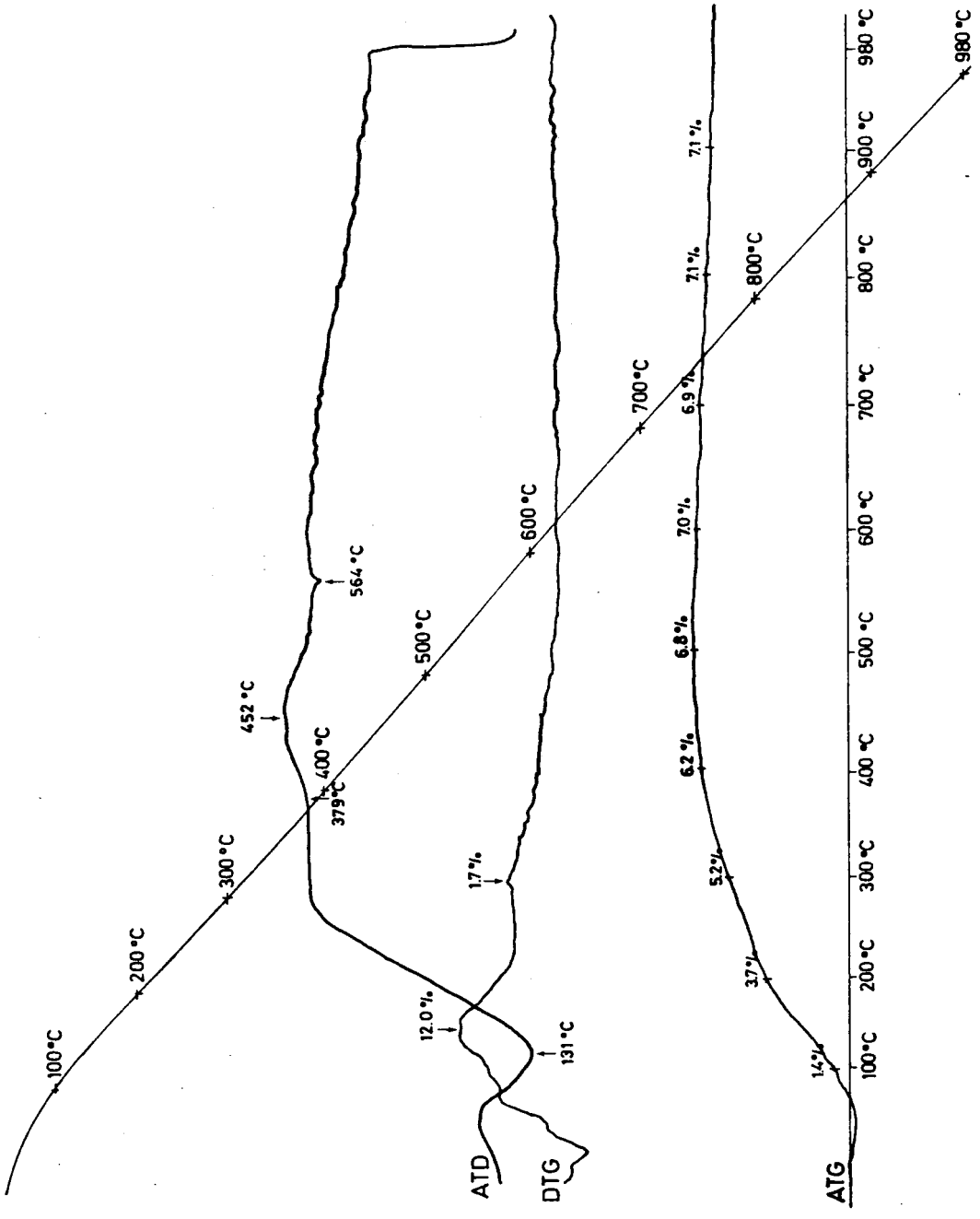


Fig. 9 Registo termo-analítico do fragmento cerâmico 4.

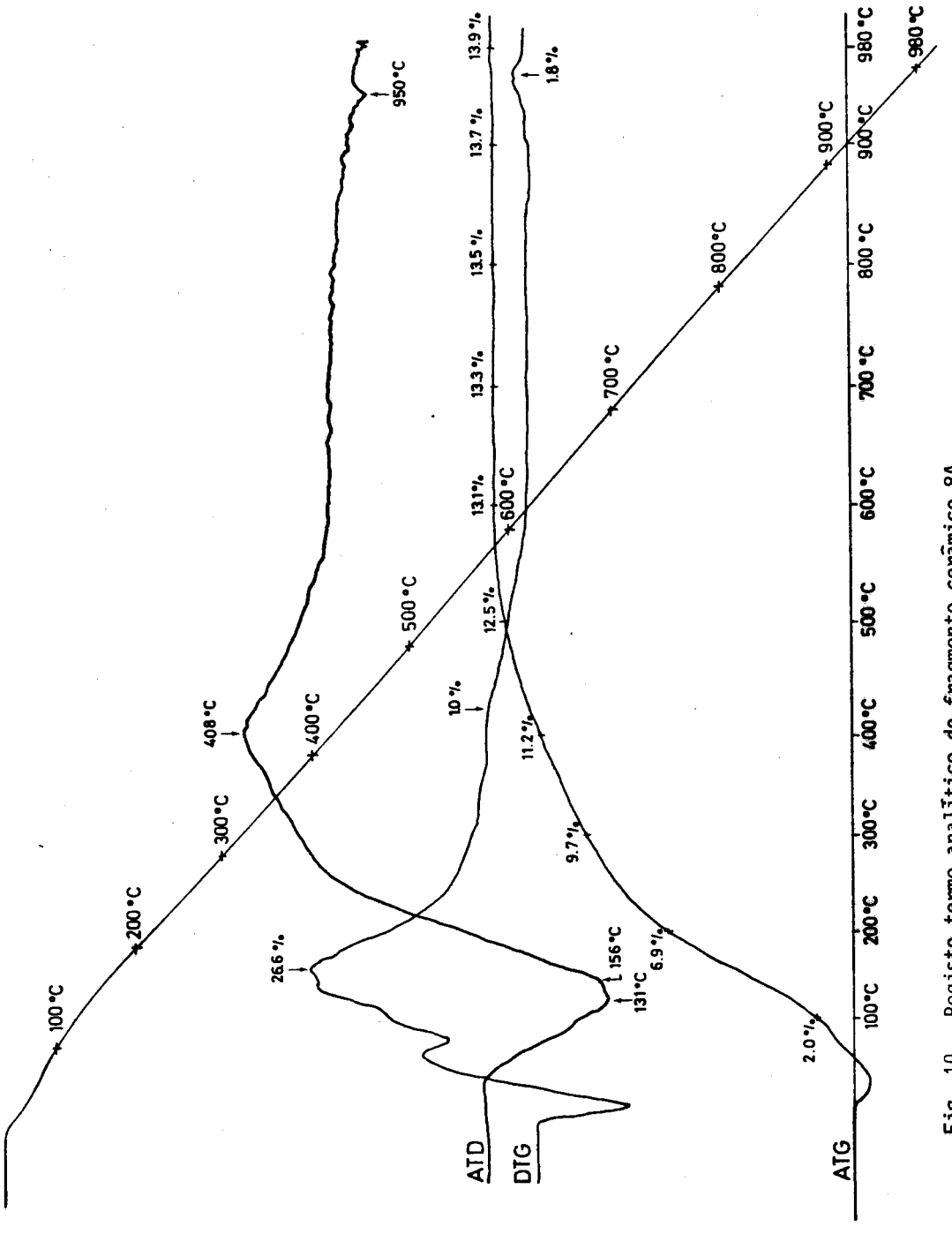


Fig. 10 Registo termo-analítico do fragmento cerâmico 8A.

QUADRO VI

ANÁLISE QUALITATIVA POR FLUORESCÊNCIA DE RAIOS-X

ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA	AMOSTRAS	CONSTITUINTE PRINCIPAL	CONCENTRAÇÕES FORTES	CONCENTRAÇÕES FRACAS	OBSERVAÇÕES
	RESINA EPÓXI			Cl, Ca, K, Br, Cu, Zr, Pb, Ti	Elementos mais leves não são detectáveis por este tipo de ensaio.
CASTELO DE AGUIAR	1	Si	Al, Fe, K, Ca, Ti	Zr, Rb, Cu, Zn, Pb, As, Cl, S, Sr	Teor K > Teor Ca
	7A	Si	Al, Fe, K, Ca, e Ti	Zr, Rb, Cu, Zn, Pb, As, Cl, S, Sr	Teor K > Teor Ca
PASTORIA	4	Si	Al, Fe, Ca, K e Ti	Zr, Rb, Pb, Cu, Zn, As, Sn, Cl, S e Br	Teor Ca > Teor K
	1A	Si	Al, Fe, K, Ca e Ti	Zr, Rb, Pb, Cu, Zn, As, Sr, Cl, S, Br	Teor K > Teor Ca
	4A	Si	Al, Fe, Ca, K e Ti	Cl, Zr, Rb, Cu, Zn, As, Pb, Sr, Br e S	Teor Ca > Teor K
MAIROS	7	Si	Al, Fe, K, Ca, e Ti	Sr, Zr, Rb, Cl, Pb, Cu, Zn, S, As e Br	Teor K > Teor Ca
S. LOURENÇO	10	Si	Al, K e Ti	Ca, Rb, Zr, Pb, Cu, Zn, As, Sn, Cl e Br	Teor K > Teor Ca

APENDICE 2

NOTA INTRODUTÓRIA

Os objectos metálicos e cerâmicos sujeitos à análise química não-destrutiva que se segue, ou foram recolhidos em escavações nossas, realizadas nos povoados da Vinha da soutilha, S. Lourenço e Pastoria, ou provêm do Museu Municipal de Chaves e do Museu do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia" (Porto), onde estavam depositados alguns artefactos metálicos dessas estações.

Relação entre as amostras analisadas, provenientes de escavações, e o nível habitacional e/ou estação a que pertencem:

Vinha da Soutilha

Objectos metálicos: - Sector B - A3 - c.2 - Nível III
- Sector B - A5 - c.2 - Nível III

Objectos cerâmicos: - Sector A - M3 - c.2 - Nível III
- Sector A - N4 - c.2 - Nível III

S. Lourenço

Objectos metálicos: - Sector II - A3 - c.2 (entre pedras) - Nível II
- Sector II - A3 - c.2 - Nível II
- Sector II - A'2 - c.3 - Nível II

Pastoria

Objectos metálicos: - Local 3 - L'8 - c.2 (est. 4) - Nível IIa
- Local 3 - J13' - c.2 (est. 4) - Nível IIa
- Local 3 - J13' - c.2 (est. 4) - Nível IIa

Objectos cerâmicos: - Local 3 - M11' - c.2 (est. 4) - Nível IIa
- Local 3 - M8' - c.2 (est. 6) - Nível I
- Local 3 - A'5 - c.3 - Nível I

A - ANÁLISE QUÍMICA NÃO-DESTRUTIVA DE ALGUNS ARTEFACTOS DO ESPÓLIO ENCONTRADO NA ESTAÇÃO DE VINHA DA SOUTILHA (MAIROS)

M. Fátima D. Araújo* e
João M. Peixoto Cabral*

Artefactos Analisados

Foram analisados artefactos de duas naturezas: metálicos e cerâmicos.

Os artefactos metálicos vinham com as seguintes referências: "Sector B; A3 camada 2 (amarela) e "S.B; A5; c.2", ambos sem forma definida e das escavações de 1983. O primeiro apresentava-se revestido de uma pátina azulada enquanto a do segundo era esverdeada.

Os artefactos cerâmicos, todos provenientes do Sector A, estavam divididos em três lotes - 98, 121A e 120B. O lote 98, recolhido nas escavações de 1982, era constituído por dois fragmentos de vasos diferentes com as referências "M3-c.2A" e "N4-c.2A". O fragmento "M3-c.2A" apresentava e.n.p. micáceos grosseiros abundantes e cor acinzentada com manchas castanhas alaranjadas no núcleo. No fragmento "N4-c.2A" observavam-se igualmente e.n.p. micáceos mas de grão fino, a cor era castanha escura e a superfície externa estava decorada com leves incisões. Nenhum deles apresentava macroscopicamente qualquer vestígio de vitrificação.

O lote 121A, recolhido nas escavações de 1983, era constituído por dois fragmentos colados de um vaso de paredes espessas de cor cinzenta, com a referência "N3-c.2". Apresentavam e.n.p. abundantes de grão grosseiro e também não mostravam indícios de vitrificação.

O lote 120B, igualmente recolhido nas escavações de 1983 era constituído por sete fragmentos com as referências "M2-c.2", "N3-c.2" e "N4-c.2". Em todos eles a pasta tinha cor cinzenta e aspecto vacuolar, pouco densa e com vestígios de terem experimentado um processo de vitrificação.

Método de Análise

Empregou-se um espectrómetro de raios X, dispersivo de energias, cujas características se descreveram já em trabalhos anteriores (1)(2). A excitação dos materiais

* Departamento de Química, Instituto de Energia, LNETI, 2686 Sacavém Codex.

foi feita recorrendo a fontes radiocativas anulares de 241 Am e 109 Cd. Nenhum dos artefactos foi submetido a qualquer tratamento de limpeza antes da análise.

Resultados e Conclusões

1. Artefactos metálicos:

A composição à superfície mostra-se semelhante para os dois artefactos. O material é constituído principalmente por cobre e por uma pequena percentagem de arsénio. Detectaram-se ainda vestígios de prata e de antimónio. Da comparação destes resultados com os obtidos na análise de materiais da mesma natureza, cuja percentagem de arsénio já havíamos determinado pelo método colorimétrico com dietilditiocarbamato de prata foi possível estimar a percentagem de arsénio nos referidos artefactos em cerca de 2-3%. Estes artefactos são, pois, de cobre arsenical.

2. Artefactos cerâmicos:

Os resultados não revelaram a presença nas superfícies destes artefactos de quantidades significativas de cobre, arsénio, estanho, prata ou chumbo, mas apenas a de elementos que fazem parte habitualmente da composição da pasta de cerâmicas.

Por isso, não existem indícios de que os objectos a que estes fragmentos pertenceram tivessem sido utilizados em operações metalúrgicas. No entanto, o terceiro lote constituído por fragmentos que possivelmente terão feito parte de um objecto de forma aproximadamente cilíndrica e se apresentam mais ou menos vitrificados, leva-nos a pôr a hipótese de se tratar de restos de um algaraviz. Contudo, esta hipótese só poderá ter alguma validade no caso de no povoado se encontrarem outros vestígios de práticas metalúrgicas (cadinhos, escórias, pingos de fundição).

Resumindo, a análise dos artefactos cerâmicos indica apenas que os do terceiro lote estiveram sujeitos a um calor intenso, o que poderá ter sido acidental.

Referências

1. CABRAL, J.M.P.; POSSOLO, A.; MARQUES, M.G., Non-destructive analysis of reais and fortes of Dom Fernando of Portugal by X-ray spectrometry, *Archaeometry*, 21, 1979, pp. 219-231.

2. CABRAL, J.M.P.; ARAÚJO, M.F.D.; ALARCÃO, A.M., Análise química não-destrutiva de dois cadinhos achados em Conímbriga, *Conímbriga*, 23, 1984, pp. 159-168.

Nota: Posteriormente à realização do trabalho descrito neste relatório, efectuou-se a análise de um objecto de cobre desta estação já analisado por Junghans *et al.* (3) (4) (nº de análise 1923). Esta análise, que teve por objectivo comprovar se o cobre conteria arsénio, foi feita igualmente por espectrometria de fluorescência de raios-X, em condições idênticas às descritas acima. Os resultados obtidos revelaram a presença de arsénio, cujo teor à superfície foi estimado em cerca de 1%. Estes resultados concordam satisfatoriamente com os resultados corrigidos (0,3%) obtidos a partir duma amostra retirada do interior do objecto, publicados por aqueles investigadores (4).

---

3. JUNGHANS, S., SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M., *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas. Katalog der Analysen Nr. 985-10040*, in Studien zu den Anfängen der Metallurgie, Band 2. Teil 3, Gebr. Mann Verlag, Berlin 1968.

4. JUNGHANS, S., SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M., *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas. Katalog der Analysen Nr. 10041-22000 (mit Nachuntersuchungen der Analysen Nr. 1-10040)*, in Studien zu den Anfängen der Metallurgie, Band 2. Teil 4, Gebr. Mann Verlag, Berlin 1974.

B - ANÁLISE QUÍMICA DE ALGUNS OBJECTOS METÁLICOS DA ESTAÇÃO DE S. LOURENÇO

M. Fátima D. Araújo* e
João M. Peixoto Cabral*

Material

Analisaram-se oito objectos provenientes da estação de S. Lourenço, quatro dos quais pertencem ao Museu de Chaves, um foi cedido por um proprietário duma vinha existente nessa estação e três foram achados durante as escavações de 1984.

Os objectos do Museu de Chaves eram os seguintes (as referências são dadas entre parênteses): uma ponta de lança (107), dois punhais (108 e 109), e um machado (s/ /ref.). O objecto cedido pelo citado proprietário era um punhal, com a referência "Vinha da Talifa". Os recolhidos nas escavações de 1984 eram fragmentos de objectos não identificáveis tipologicamente, trazendo as seguintes referências: "Sector II-A3; c.2 (entre pedras)", "Sector II-A3; c.2" e "Sector II-A'2; c.3 (amarela, entre pedras)".

Métodos

Empregaram-se três métodos de análise, mas só um - o método não-destrutivo de espectrometria de fluorescência de raios-X - foi aplicado a todos os objectos. Neste caso, recorreu-se a um espectrómetro dispersivo de energias e operou-se em condições idênticas às descritas em trabalhos anteriores (1) (2), utilizando fontes radioactivas de 241 Am e 109 Cd e fazendo a análise sem submeter os objectos a qualquer tratamento prévio de de limpeza. Nestas condições o método apenas permite, como se sabe, obter informações sobre a composição química das camadas superficiais.

Os outros dois foram o método colorimétrico com dietilditiocarbamato de prata (3), para determinar o teor de arsénio no interior dos objectos, e o método de espectrometria de absorção atómica (4), para determinar os teores de zinco e chumbo também no seu interior. Nestas determinações começou-se por colher pequenas amostras de diversas áreas de cada objecto (não excedendo na totalidade 20 mg), fazendo uso de uma pequena broca com o diâmetro de 1 mm e eliminando as primeiras aparas correspondentes às camadas superficiais. Essas amostras foram depois dissolvidas em água régia. É de notar que estes dois últimos métodos só foram aplicados na análise dos objectos do Museu de Chaves, com excepção do machado.

---

* Departamento de Química, Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares, LNETI, 2685 Sacavém.

Resultados e Discussão

A espectrometria de fluorescência de raios X revelou que todos os objectos analisados eram constituídos essencialmente por cobre, contendo um pouco de arsénio cujo teor não variava muito de objecto para objecto.

No que diz respeito aos objectos do Museu de Chaves, os resultados obtidos nas determinações de arsénio, zinco e chumbo, na parte interior desses objectos, foram os que se incluem no Quadro I.

QUADRO I - Percentagens de arsénio, zinco e chumbo nalguns objectos metálicos do Museu de Chaves

Elemento	As (%)	Zn (%)	Pb (%)
Ponta (107)	2.0	0.018	n.d.
Punhal (108)	3.2	0.024	n.d.
Punhal (109)	1.9	0.029	n.d.

n.d. - não detectado

É de notar que a exactidão quer do método colorimétrico com dietilditiocarbamato de prata, quer da espectrometria de absorção atómica, na determinação dos teores de arsénio, zinco e chumbo em ligas de cobre foi por nós testada analisando um padrão internacional, nomeadamente o padrão BCS 183/2, preparado e certificado pelo *Bureau of Analysed Samples, Ltd.*. Como se pode ver no Quadro II, estes métodos são bastante rigorosos na determinação dos teores daqueles elementos, sendo pois de concluir que os resultados apresentados no Quadro I merecem um elevado grau de confiança.

QUADRO II - Comparação entre os resultados obtidos nas análises de arsênio, zinco e chumbo, no padrão BCS 183/2, e os valores certificados

Elemento	As (%)	Zn (%)	Pb (%)
Valor certificado	0.14	5.2	3.35
Valor determinado	0.13	5.4	3.17

Como todos os objectos analisados provêm da mesma estação, é razoável admitir que tivessem estado sujeitos a condições ambientais semelhantes no decurso do tempo e que, por isso, exista uma razoável correlação entre as suas composições no interior e à superfície. Aliás, consoante já se referiu atrás, isto foi confirmado comparando os resultados relativos ao arsênio do Quadro I com os obtidos para o mesmo elemento por espectrometria de fluorescência de raios X. Assim, em virtude de a aplicação da espectrometria de fluorescência de raios X ser mais fácil e rápida do que a dos outros métodos, achou-se que não valia a pena aplicar esses métodos aos restantes objectos e fez-se a determinação dos teores de arsênio no interior desses objectos com base na referida correlação. Foi possível concluir, deste modo, que estes teores oscilavam entre 2 e 3%.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Laboratório de Análises do Instituto Superior Técnico o ter-nos permitido utilizar o seu equipamento e instalações na realização das análises por espectrometria de absorção atómica e colorimetria. Desejam ainda exprimir particularmente o seu reconhecimento ao Eng. Mário Moura por todo o apoio que prestou para tornar possível essa realização.

Referências:

1. CABRAL, J.M.P.; POSSOLO, A.; MARQUES, M.G., Non-destructive analysis of reais and fortes of Dom Fernando of Portugal by X-ray spectrometry, *Archaeometry*, 21, 1979, pp. 219-231.

2. CABRAL, J.M.P.; ARAÚJO, M.F.D.; ALARCÃO, A.M., Análise química não-destrutiva de dois cadinhos achados em Conímbriga, *Conímbriga*, 23, 1984, pp. 159-168.

3. Este método baseia-se na redução de compostos inorgânicos de arsênio a arsina (H_3As) pelo hidrogênio nascente em meio ácido. A arsina reage em seguida com o dietilditiocarbamato de prata formando-se um composto vermelho susceptível de ser doseado por colorimetria.

4. HUGHES, M.J., COWELL M.R. and CRADDOCK, P.T., Atomic absorption techniques in archaeology, *Archaeometry*, 18, 1976, pp. 19-27.

C - ANÁLISE QUÍMICA DE ALGUNS ARTEFACTOS DA ESTAÇÃO DA PASTORIA

M. Fátima D. Araújo* e
João M. Peixoto Cabral*

Material

Foram analisados oito artefactos provenientes da estação da Pastoria, dos quais quatro eram metálicos e os outros quatro fragmentos cerâmicos.

No que se refere aos artefactos metálicos, um era um pequeno punhal pertencente ao Museu de Chaves e não possuia qualquer referência. Os restantes foram achados nas escavações efectuadas na referida estação em 1984. Dois destes tinham a forma de pequenos utensílios e traziam as referências "PST 84-L'8; c.2 (est. 4)" e "PST 84-J13'; c.2 (est. 4)". O outro, cuja referência era "PST 84-J13'; c.2 (est. 4)" apresentava a forma de punção.

Quanto aos materiais cerâmicos, dois pertenciam provavelmente a um mesmo vaso [ref: "PST 83-L.3; M11'; c.2 (est. 4)"] e eram de pasta alaranjada, apresentando a superfície vitrificada na parte externa, com aspecto vacuolar, cor cinzenta e e.n.p. de grão grosseiro. Outro [ref: "PST 84-M8'; c.3 (est. 6)"] parecia ser um fragmento de um vaso de pasta cinzenta friável, podendo observar-se à superfície e.n.p. de grão grosseiro. O quarto, com a referência "PST 84; A'5; c.3", era provavelmente um fragmento de um vaso em forma de calote esférica de paredes espessas ($\tilde{=}$ 20 mm), pasta cinzenta friável, vendo-se e.n.p. raros de grão grosseiro. Apresenta aspecto vacuolar no bordo, sugerindo que tivesse estado sujeito a altas temperaturas.

Métodos

Na análise tanto dos objectos metálicos como dos cerâmicos empregou-se o método de espectrometria de fluorescência de raios-X, dispersiva de energias, operando em condições idênticas às já referidas noutros trabalhos (1) (2), e sem submeter esses objectos a qualquer tratamento prévio de limpeza.

No entanto, e apenas no caso do punhal do Museu de Chaves, foram também utilizados outros métodos de análise nomeadamente a colorimetria com dietilditiocarbamato

* Departamento de Química, Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares LNETI, 2685 Sacavém.

de prata, para determinar o teor de arsênio, e a espectrometria de absorção atômica, para determinar os teores de zinco e chumbo. Neste caso colheu-se uma amostra do interior do objecto e procedeu-se de modo análogo ao descrito na análise de alguns artefactos metálicos da estação de S. Lourenço (3).

Resultados e Discussão

1. Artefactos metálicos

A análise não-destrutiva destes artefactos, por espectrometria de fluorescência de raios-X, revelou que todos eles eram constituídos essencialmente por cobre contendo uma pequena percentagem de arsênio.

Por outro lado, as análises da amostra colhida do interior do punhal do Museu de Chaves conduziram aos seguintes resultados: arsênio 1,4%, zinco e chumbo não foram detectados.

Com base neste valor do teor de arsênio e no correspondente resultado obtido por espectrometria de fluorescência de raios-X estimaram-se então os teores de arsênio nos restantes artefactos a partir dos resultados obtidos por aquele método de espectrometria, admitindo que todos os artefactos teriam estado sujeitos a condições ambientais semelhantes ao longo do tempo. Deste modo, verificou-se que os teores de arsênio nos três artefactos achados nas escavações de 1984 eram muito semelhantes, mas inferiores ao do punhal do Museu de Chaves, não chegando a atingir o valor de 1%.

2. Artefactos cerâmicos

As análises efectuadas aos fragmentos cerâmicos não revelaram quaisquer vestígios de metais habitualmente usados em operações metalúrgicas, observando-se apenas a presença dalguns elementos que normalmente fazem parte da composição de materiais cerâmicos (2).

Quanto ao fragmento que parecia provir de um vaso de calote esférica, cujo bordo se apresentava vacuolar e que mostrava indícios de ter estado sujeito a temperaturas elevadas, a análise não indicou o menor vestígio de que isso fosse devido a quaisquer práticas metalúrgicas.

Referências:

1. CABRAL, J.M.P.; POSSOLO, A.; MARQUES, M.G., Non-destructive analysis of reais and fortes of Dom Fernando of Portugal by X-ray spectrometry, *Archaeometry*, 21, 1979, pp. 219-231.

2. CABRAL, J.M.P.; ARAÚJO, M.F.D.; ALARCÃO, A.M., Análise química não-destrutiva de dois cadinhos achados em Conímbriga, *Conímbriga*, 23, 1984, pp. 159-168.

3. ARAÚJO, M.F.D.; CABRAL, J.M.P., Análise química de alguns objectos metálicos da estação de S. Lourenço, 1985 (enviado para publicação).

APÊNDICE 3

ANÁLISE DO MATERIAL ÓSSEO DAS ESTAÇÕES DA VINHA DA SOUTILHA (MAIROS) E DA PASTORIA (CHAVES)

Teresa Cunha Lopes*

I. *INTRODUÇÃO E METODOLOGIA*

Quando se escava uma estação arqueológica deparam-se-nos, no final da mesma, alguns problemas de interpretação do material produzido, problemas estes que estão subordinados às diferenças de natureza dos componentes do espólio arqueológico.

Esquematicamente, estes problemas de interpretação situam-se a dois níveis de análise. No primeiro, deve o arqueólogo responder ao axioma da oposição entre os vestígios resultantes da "acção humana" e da "acção natural. Num segundo nível, ele terá que quantificar as sequências temporais observadas sobre o material arqueológico em função das acções referidas.

Apesar desta descrição simplista, o grau de complexidade e de resolução dos dois níveis de análise não é o mesmo consoante estivermos na presença de espólio lítico, ósseo, cerâmico, etc.

Por exemplo, se podemos ter a certeza de que a indústria lítica de uma determinada estação corresponde à quase totalidade do material trabalhado e abandonado pelo homem, no local, se o mesmo espólio, pela sua densidade numérica e pelo seu tipo, nos permite uma interpretação da duração da ocupação humana, o mesmo não acontece com o material ósseo.

Com efeito, as "leis" ou "regras" de identificação do material ósseo como produto da acção exclusiva do homem ou dos animais são ainda deficientes e muitas das vezes sujeitas a reformulação, à luz de novos dados e de novas experiências. Estamos longe da sistematização tipológica introduzida no estudo do material lítico pelos trabalhos de F. Bordes.

Acrescente-se a esta dificuldade, o facto de a preservação do material ósseo estar sujeita a processos físico-químicos que obedecem às chamadas leis de "fossilização do material ósseo" (1) e que impõem a este material um novo padrão de selecção, complementar ao da anterior selecção efectuada ou pelo homem ou pelo animal.

Para além, portanto, de só podermos contar, e isto mesmo em casos óptimos, com a preservação de uma fracção mínima da totalidade do espólio ósseo que corresponderia à realidade do momento de abandono do sítio escavado, também temos que calibrar todas as nossas conclusões com o factor "acasos de fossilização", factor este introduzido pelas características físico-químicas do solo no qual se processará a fossilização.

---

* Unidade de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Estabelecidas as contingências e limites que afectam o material ósseo, passamos, de imediato, a estabelecer as etapas que segue o estudo desse mesmo material.

Estas etapas, também estão, como é óbvio, sujeitas à especificidade do material em questão. Elas são determinadas por dois tipos de análise.

O primeiro tipo de análise possível sobre o material arqueozoológico recobre a questão de todos os vestígios deixados sobre o osso, sejam eles de origem humana ou animal. O segundo tipo de análise abrange a questão das influências de determinados fenómenos (como por ex: a domesticação) na construção do meio ambiente do homem fóssil.

Estas duas análises que são efectuadas após o término das operações de terreno, sobre a totalidade dos vestígios arqueozoológicos recolhidos, têm como último estádio a publicação dos resultados obtidos.

O trabalho de obtenção destes resultados, que é independente das escavações em si, mas que depende das condições em que a mesma foi efectuada, processa-se segundo um ritual, quase imutável, que nos permite obter resultados *uniformizados*, passíveis de serem comparados com resultados obtidos noutros estudos.

Completada que é esta introdução um pouco longa, mas genérica, passamos à apresentação da metodologia seguida no estudo arqueozoológico das estações da Vinha da Soutilha (Mairos) e da Pastoria (Chaves).

Começámos, para cada estação, por estabelecer as características e o valor das amostras em causa.

Estes resultados, em bruto, foram formalizados através da construção de um quadro sintético, elaborado segundo as indicações de F. Poplin (2).

Neste quadro encontram-se individualizados os seguintes "items":

1 - O número das peças ósseas e o seu respectivo peso.

2 - O número das peças identificadas.

3 - O número de esquírolas presentes na dita amostra.

4 - O número de espécies individualizadas (ou famílias) e que foram repertoriadas da seguinte maneira:

Ex: *Capra* - Nº de peças - Peso - N.M.I.
(quando possível e com significado)

Ovis - " " " - " - "

etc.

5 - O número de datações relativas e/ou absolutas. No caso presente, utilizámos os níveis de ocupação.

6 - O número de peças que "colam" entre si (o número final de peças representadas na amostra será de: Nº inicial - Nº peças reconstituídas).

7 - Número de armaduras, cornos ou outros apêndices ósseos.

8 - Número de peças ósseas trabalhadas (indústria óssea).

9 - O estado de conservação de cada peça, com indicação dos vestígios dos processos de fossilização sobre ela actuantes.

10 - O número e a qualidade de possíveis traços de acção humana/animal.

11 - Um último espaço que foi deixado para os diversos.

Após a elaboração deste quadro passámos à extracção da chamada "informação imediata" que é a consequência da análise:

1 - dos caracteres *intrínsecos* à própria peça;

2 - dos caracteres *extrínsecos*.

O primeiro tipo de caracteres dá-nos uma informação puramente paleontológica (identificação da espécie ou da família e do tipo de peça: por ex., omoplata, rebordo, etc.), enquanto que através do segundo tipo de caracteres alargamos o nosso terreno de análise a todos os vestígios de acção *exterior* exercida sobre o osso. Finalmente, passámos à última fase, que é a fase descritiva do material em estudo.

Nesta fase entramos com dados muito concretos: identificação, representatividade no conjunto da amostra, dimensões, etc., de cada peça óssea e, finalmente, cálculo do N.M.I. (número mínimo de indivíduos).

Quais os métodos seguidos na elaboração destes "items"? Sucintamente, os seguintes:

No que diz respeito às medições efectuadas sobre o material ósseo, estas só o foram dentro das possibilidades físicas oferecidas pelas próprias amostras. Assim, não efectuámos nenhuma medição osteométrica sobre o material da estação da Vinha da Soutilha, em consequência da extrema fragmentação do mesmo.

Quando obtivemos dados osteométricos, seguimos as indicações metodológicas contidas no trabalho da Drª A. V. den Driesch (3).

No entanto, existem certas excepções a esta base metodológica que convém assinalar.

Elas dizem respeito à dentição de *Capra-Ovis* e de *Bos*, onde foram tomadas em conta as proposições de J. Altuna (4).

Quanto ao cálculo do N.M.I. (número mínimo de indivíduos) seguimos, passo a passo, o artigo do Dr. F. Poplin (5), que, para além de ser extremamente claro e didáctico, abriu alguns caminhos epistemológicos.

Resumidamente, a maneira de calcular o N.M.I. é a seguinte:

1 - reunem-se, para cada nível, as peças ósseas mais frequentes para cada es-

pécie;

2 - separamos as do lado direito das do lado esquerdo;

3 - atendemos, finalmente, à idade das peças seleccionadas.

Por exemplo: temos, por hipótese, 2 peças idênticas, de lados diferentes: M_3^- (molar inferior três).

Se o seu grau de erosão (uso) foi diferente, podemos estabelecer uma escala de idades relativas que nos permite extrapolar o facto de as duas peças idênticas não pertencerem ao mesmo indivíduo, mas sim a dois indivíduos diferentes.

O resultado final para o cálculo do N.M.I. será extrapolado a partir de todos os dados complementares, que se excluem entre si.

Resta-nos fazer uma pequena alusão à forma como publicamos o nome das espécies zoológicas.

Dado que estamos em presença de níveis passíveis de terem testemunhos de domesticação, segui as indicações de Clason e de Verpmann (6) quanto à denominação das espécies arquezoológicas.

Estas indicações foram, aliás, retidas pelo Congresso de Gronningen (7). Assim, as espécies serão designadas somente pelo nome genérico (ex: *Bos*, *Capra*, etc.) e nunca é mencionada a sub-espécie (ex: *Capra Hircus*, *Bos Taurus*, etc.).

Embora, não tivessemos obtido resultados satisfatórios, utilizámos, os critérios propostos por H. Sadek-Kooros (8) para a determinação das fracturas intencionais do material ósseo.

II. *VINHA DA SOUTILHA (MAIROS)*

1. GENERALIDADES

O material ósseo proveniente das escavações da Vinha da Soutilha (Mairos) teve um tratamento que podemos dividir em duas partes.

Num primeiro tempo, tentámos delimitar as acções humanas de que o material em questão seria um possível testemunho.

Num segundo tempo, tentámos reconstruir dados ambientais, na medida e segundo a significação ecológica das espécies presentes na amostra da estação.

Sendo este material quantitativamente fraco, os resultados são longe de ser os ideais, principalmente se atendermos à extensão dos objectivos propostos.

No entanto, apesar da parcimónia de conclusões determinantes, este material reveste-se do interesse de poder ser considerado "original", visto que descreve um território onde abundam as pequenas e médias espécies de mamíferos selvagens que ainda hoje povoam os nossos montes transmontanos, e isto num sítio pré-histórico, em níveis onde há indícios da existência de comunidades produtoras estáveis e sedentárias.

Esta contradição entre o tipo da amostra e o facto de a mesma ter sido encontrada numa área de um habitat humano leva-nos a pôr algumas questões:

1 - Será que a amostra nos revela estarmos perante um caso nítido de insuficiência de informação devida aos acasos de fossilização?

2 - Será que ela nos revela um local marginal em relação às áreas funcionais de corte, abate, consumo e abandono dos animais, adentro do habitat escavado?

3 - Ou será que estamos perante um caso em que a implantação humana se fez sem que ela tenha tido como corolário uma intensificação da produção e da exploração do mundo animal?

É, extremamente difícil, senão impossível escolher uma destas hipóteses, embora, a primeira pudesse ser dispensada.

De facto, se os "acasos da fossilização" existiram como factor primordial de selecção da qualidade e do tipo da amostra da Vinha da Soutilha, poder-se-á perguntar, porque é que foram *favorecidas* espécies cujo pequeno porte e dimensão as predestinavam, precisamente, a serem as grandes vítimas de um solo desfavorável à fossilização do material ósseo.

Dentro da mesma óptica, parece-nos que a terceira hipótese vê as suas potencialidades aumentadas. Pois, se existiu produção doméstica, não seriam os vestígios ósseos da mesma, pela importância do seu porte e do seu peso, mais susceptíveis de resistirem aos processos destruidores da tafonomia, do que o deveriam ser os pequenos lagomorfos que nos aparecem, maioritariamente, na amostra?

A dúvida está instalada.

Assim, pensamos que: ou se escavou num local que não constituiu um lugar de acumulação de vestígios ósseos, ou a domesticação (ou outro qualquer tipo de exploração e de controlo pelo homem do mundo animal) não se desenvolveu na Vinha da Soutilha (Mairos). Mas, se a Vinha da Soutilha nos desaponta sob o ponto de vista do desejo do arqueólogo quanto a recriar um quadro lógico e seguro das primeiras comunidades rurais no nosso solo, por outro lado, ela é interessante pela descrição significativa que nos fornece de um pequeno nicho ecológico.

Este, será descrito, com mais precisão, nas conclusões finais.

2. QUADRO DE REFERÊNCIA:

1 - Nº Peças Ósseas 55

2 - Nº Peças Identificadas 31

3 - Nº Esquírolas 54

4 - Nº Espécies (Famílias) Identificadas:

Espécie	- Nº Peças	- Peso	- N.M.I.
? *Sus*	- 1 Peça	- ?	- 1 Ind.
Ovis-Capra	- 8 "	- ?	- ?
Lagomorpha	- 4 + 2?	- ?	- ?
Rodentia	- 2 Peças	- ?	- 1 ?
Ave	- 14 Peças	-	- ?

5 - Identificação arqueológica (Níveis de ocupação)

MRS 1 ..... Nível II
MRS 2 ..... Nível II
MRS 3 ..... Nível III
MRS 4 ..... Nível III
MRS 5 ..... Nível II
MRS 6 ..... Nível II
MRS 7 ..... Nível III
MRS 8 ..... Nível II
MRS 9 ..... Nível III
MRS 10 ..... Nível II

6 - Não há nenhuma colagem possível.

7 - Um apêndice ósseo - *Capra* ? (MRS 4).

8 - Não há vestígios de trabalho humano sobre os ossos.

9 - Todas as peças se encontram uniformemente fragmentadas e metamorfizadas.

10 - Não existem outros traços que os dos processos "naturais" de fossilização.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA DE MRS E SEU SIGNIFICADO

As peças ósseas provenientes da Vinha da Soutilha (MRS) apresentam uma coloração esbranquiçada que lhes é própria, o que as separa do conjunto fóssil da Pastoria (PST).

Paralelamente a esta coloração, o material osteológico da estação apresenta-se extremamente fragmentado, com diversas superfícies de estalamento e sem selecção visível de partes específicas do esqueleto do animal.

Se articularmos estas três características entre si, teremos, como resultado, uma imagem de metamorfização do dito material, em condições "naturais" de abandono e de fossilização do esqueleto, tal como ele nos apareceria num meio ecológico ainda não muito alterado pelo homem. Neste meio "natural" o animal que morre fica, por espaços de tempos a definir, à superfície do solo, sujeito às intempéries e à acção de predadores naturais. Visto que não há acção humana sobre este meio "natural", não haverá, portanto, uma dispersão das diversas partes do esqueleto, mas sim uma concentração do animal (completo) na mesma área.

Deste modo, não são de esperar fortes percentagens de uma determinada parte do esqueleto em detrimento de outras secções do mesmo.

É o que se verifica na estação da Vinha da Soutilha. Aqui, a existência de um conjunto fóssil reflectindo o nicho ecológico "natural" dos animais da amostra, é verificado através do tipo de conservação da dita amostra. Temos nela a presença das diversas partes do esqueleto, representadas numa proporção casual e uniformemente agredidas pelos agentes naturais de erosão. Daí o estalamento das diversas superfícies exteriores, o que é um sintoma de exposição às intempéries e às alternâncias de temperatura; daí a extrema fragmentação da amostra (48 peças = 48 esquírolas). Tanto o primeiro, como o segundo factor são bem características de um estádio de metamorfização, e este, por sua vez, define bem as condições "naturais" de abandono do animal após a sua morte.

Resta-nos referir dois pequenos pormenores, relativos a esta amostra:

1 - as peças têm ainda uma certa resistência, o que se coaduna com o que afirmámos na secção 1, quando exposemos os argumentos contra a hipótese nº 1;

2 - a acção das raízes sobre as camadas exteriores do tecido ósseo é quase inexistente.

Isto é, de certo modo, estranho, se atendermos a que o tapete vegetal típico do actual *saltus* transmontano, apontaria para a existência de um revestimento denso de plantas arbustivas rasteiras que possuem raízes finas e atacam o tecido ósseo com violência. Mas, disto não existe nenhuma prova física sobre o material fóssil da Vinha da Soutilha.

4. CARACTERES EXTRÍNSECOS

No grupo dos "caracteres extrínsecos" a amostra da Vinha da Soutilha é singularmente inconclusiva.

O estudo dos testemunhos das diversas actividades humanas de exploração e de utilização do animal não traz para a Vinha da Soutilha nenhuma luz, visto que estamos perante resultados quase nulos. Existe um único elemento que perturba o nosso quadro. É o achado de uma pequena peça óssea dentro de um recipiente cerâmico, integrado no ní

vel de ocupação mais recente do sector A.

A identificação da peça é controversa, embora, pessoalmente, nos inclinemos para a identificar com o nódulo de um apêndice ósseo de caprídeo. Esteja ou não correcta esta identificação, o facto é que o lugar e o contexto em que a peça foi encontrada (trata-se de MRS 4) aponta para a existência de um acto não fortuito, atribuível à acção do homem.

No entanto, a questão de domesticação ou não das espécies da Vinha da Soutilha chega mesmo a ser supérflua, por ser impossível a sua formulação a partir de dados estatísticos sólidos.

A presença na amostra de vestígios de *Ovis-Capra*, por si só, não determina nenhuma hipótese ou teoria sobre o exercício da pastorícia.

Deixemo-nos, no entanto, estar no terreno das evidências, ou seja, no terreno dos caracteres intrínsecos e da informação paleontológica.

5. CARACTERES INTRÍNSECOS DA AMOSTRA

REF: MRS

Nº Peças Ósseas	55
Nº Esquírolas	54
* Nº Peças Completas	1
Nº Diáfases	3
Nº Epífises	1
Nº Fragmentos Craniais	5
* Nº Apêndices Ósseos	1 ?
Nº Elementos Dentição	4 (3 + 1 ind.jovem)

Catálogo e identificação das peças ósseas

Referência: *MRS 1* - 10 fragmentos dos quais *8* esquírolas não identificáveis; *1* meta de duma falange de um indivíduo jovem. Ambas as epífises desapareceram por ainda não se encontrarem soldadas; *1* pequeno fragmento cranial.

Devido à fragmentação extrema do material e à ausência de articulação ou de partes significativas do esqueleto não foi possível realizar a identificação das espécies.

---

* Nota: Os números dos diversos "items" não são adicionáveis entre si.

MRS 2 - 6 fragmentos, ou seja, 6 esquírolas: *1* diáfase de osso longo, cujo corte transversal foi verificado com lupa, mas que não revelou traços de polimento, nem regularidade de corte. A peça apresenta diversos traços de estalamento, devido à alternância de temperaturas e é natural que os cortes tenham aí a sua origem.
Aparentemente, trata-se de uma esquírola de metápode de *Ovis*, isto por causa do aplanado geral da secção do osso; *2* fragmentos craniais dos quais um apresenta uma zona de sutura entre dois ossos, o que permite a sua identificação ao nível da família: *Rodentia*; e o segundo apresenta o início da secção da arcada do osso zigomático. Pode tratar-se do mesmo indivíduo identificado como *Rodentia*; *3* esquírolas não identificáveis.

MRS 3 - 2 fragmentos (esquírolas): *1* diáfase de osso longo de pássaro; *1* esquírola não identificada, mas pertencendo a um mamífero (*Mammalia*) de pequeno porte.

MRS 4 - 1 peça completa. Trata-se da peça encontrada dentro de um recipiente cerâmico, no nível mais recente do sector A. A identificação é controversa: nódulo de apêndice ósseo de um caprídeo?

MRS 5 - 5 fragmentos: *1* fragmento de crâneo de *Ovis*; *1* pequena esquírola de falange, provavelmente, parte de um dígito de lagomorfo; *2* pequenas esquírolas não identificadas; *1* pequeno fragmento de corpo de vértebra (axis) que não foi possível identificar a nível da espécie (lagomorfo?).

MRS 6 - 4 fragmentos dentários de *Ovis*, dos quais um é um pré-molar de leite, visto que a raiz, intacta, se encontra aberta.
A coroa desapareceu, pelo que uma determinação mais precisa é impossível.

MRS 7 - 7 fragmentos: *1* pequeno fragmento de omoplata; *1* esquírola, diáfase, aparentemente de osso longo de ave; *1* pequeno fragmento, diáfase, de osso longo (metápode) (lagomorfo?); *3* esquírolas não identificáveis; *1* pequeno fragmento cranial.

MRS 8 - 14 fragmentos: *12* esquírolas todas elas provenientes de aves, mas cuja identificação ao nível da espécie foi impossível; *1* pequeno fragmento de costela, parte mesial, de pequeno mamífero, de tipo lagomorfo; *1* rebordo de omoplata de lagomorfo. Pode tratar-se do mesmo indivíduo supra-descrito.

MRS 9 - 5 fragmentos (esquírolas) não identificáveis.

MRS 10 - 1 fragmento: trata-se de uma pequena esquírola de omoplata, sobre a qual é visível uma secção do rebordo exterior da mesma. Esta é extremamente regular, o que, juntamente com o factor-tamanho, elimina a hipótese *Sus* e nos leva a propor *Ovis-Capra*.

6. CONCLUSÕES

Os resultados são, de certo modo, marginais em relação à recriação do habitat e da economia destas populações sedentárias.

Como foi ficando claro, ao longo das diversas secções deste relatório, a interacção entre o homem e o meio ecológico descrito pela amostra da Vinha da Soutilha, é quase inexistente.

Embora haja algumas presenças de animais passíveis de terem sido domesticados, é completamente nula qualquer evidência de uma acção voluntária, e não fortuita, do homem sobre esses vestígios. Não há traços de corte e/ou abate do animal, não há traços de consumo (cozinha) e não há traços de aproveitamento da matéria-prima óssea para suporte de uma indústria.

A única excepção é a amostra MRS 4, e isto em consequência do contexto "sui generis" em que aparece e que já foi sumariamente descrito.

A ideia geral que fica do estudo da amostra da Vinha da Soutilha é a de que estamos em presença de um conjunto heterogéneo (o nº de espécies diversas é bastante grande se atendermos à pequenez da amostra, em termos quantitativos) comportando as características que definem um povoamento selvagem de uma zona ainda não muito densamente explorada sob o ponto de vista agrícola.

Apesar deste aspecto negativo a amostra da Vinha da Soutilha tem um certo interesse do ponto de vista puramente paleo-ecológico.

As espécies presentes abundam em lagomorfos, aves e *Rodentia*. Todas elas são de pequeno porte e, de certo modo, podem ser apelidadas de "sedentárias", isto, dentro de um determinado território que é sempre de dimensões geográficas restritas.

Dentro deste território restrito (Chaline (9) considera, no seu trabalho sobre os micrómamíferos, que o raio de movimentação dos *Rodentia* é de $\pm$ 5 Km) as espécies têm de assegurar a sua subsistência, ou seja, têm de ter alimento e água nas proximidades.

Por outro lado, estas não são espécies que aceitem alterações bruscas do ritmo anual das estações.

Assim, a partir destas limitações podemos interpretar que a jazida em questão se situa numa zona em que há um certo equilíbrio climático e, na qual, devem existir um ou mais pontos de água, que assegurem a manutenção das espécies durante os pe-

ríodos de estiagem.

Há um último pormenor, que convêm citar; no seu conjunto, e por razões já expostas, a parte escavada deve ser tida como marginal em relação à localização do solo explorado pelo homem agrícola.

Notas

(1) Berhensmeyer, 1976, *Thaphonomic*...

(2) Poplin, 1975, La faune....

(3) Driesch, 1972, Osteoarchäologische...

(4) Altuna (1978 e 1980)...

(5) Poplin, 1976, A propos...

(6) Clason, 1975, *Archaeozoological*...

(7) idem

(8) Sadek-Koords, 1974, Itentional..., p. 139.

(9) Chaline, 1973-1974, Les rongeurs...

III. *PASTORIA (CHAVES)*

1. CARACTERES INTRÍNSECOS

. Valor e natureza da amostra da pastoria

Nº total de peças - 195
Nº esquírolas - 153
Nº frag. craniais - 2
Nº epífeses distais - 17
Nº epífeses proximais - 10
Nº peças completas - 13
Nº peças identificadas - 89
Nº espécies identificadas - 5-6?

. Composição da amostra

Código utilizado na descrição da amostra

N. peças - nº total de vestígios ósseos
N. esq. - nº de esquírolas
N. E.P. - nº de epífeses proximais
N. E.D. - nº de epífeses distais
N. F.C. - nº de frag. craniais
N. P.C. - nº de peças completas
N. P.I. - nº de peças identificadas
N. E.I. - nº de espécies identificadas
I.A. - identificação arqueológica (níveis de ocupação)

Descrição da amostra da Pastoria Ref: (PST)

Ref: PST 1

Nº Peças - 1
Nº E.D. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Húmero direito, indivíduo jovem, cuja epífese não está soldada
Espécie - *Ovis-Capra*
Traços - Punctiformes, em coroa à volta do corpo do osso

Ref: PST 2

Nº Peças - 1
Nº F.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Condilo occipital esquerdo ± metade
Espécie - *Ovis*

Ref: PST 3

Nº Peças - 13
Nº Esq. - 13
Nº P.I. - Zero
Nº E.I. - Zero
I.A. - L.3 - Nível I

Ref: PST 4

Nº Peças - 1
Nº E.D. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Metacarpo
Espécie - *Ovis*
Traços - Corte horizontal

Ref: PST 5

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIb
Parte Esq. - Omoplata esquerda, parte mediana
Espécie - *Sus* (ind. jovem)

Ref: PST 6

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 5
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - *Sus* 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - IV metacarpo, e epífese distal ainda não está soldada (metade)
Espécie - *Sus*

Ref: PST 7

Nº Peças - 2
Nº P.C. - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - 2ª falange posterior
Espécie - *Ovis*

Ref: PST 8

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Costela
Espécie - *Ovis*?

Ref: PST 9

Nº Peças - 29

(PST 9 foi dividido em vários grupos: PST 9.1; PST 9.2; ... etc.)

PST 9.1

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 5
Nº P.I. - Zero
Nº E.I. - Zero
I.A. - L.3 - Nível I

PST 9.2

Nº Peças - 2
Nº Esq. - 2
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Omoplata (*Scapula*)
Espécie - *Sus*

PST 9.3

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Omoplata
Espécie - *Sus*

PST 9.4

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 5
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Articulação proximal-vértebra
- Vértebra (1/2 corpo)
Espécie - *Ovis*

PST 9.5

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Omoplata (rebordo inf.)
Espécie - *Sus*?

PST 9.6 *(o mesmo indivíduo que em PST 9)

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - *Scapula* (proximal) sem articulação
Espécie - *Sus*
Traços - Corte

PST 9.7 *(o mesmo indivíduo que em PST 9.3; PST 9.2)

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - *Scapula* direita
Espécie - *Sus*
Traços - Corte

PST 9.8

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Osso longo
Espécie - ?*Sus*?

PST 9.9 *(o mesmo indivíduo que em PST 9.6)

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - *Scapula*
Espécie - *Sus*

PST 9.10

Nº Peças - 1
Nº E.P. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - *Scapula* (proximal)
Espécie - *Sus*

PST 9.11

Nº Peças - 2
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Costela (mediana)
Espécie - *Ovis*
Traços - Puctiformes + raízes

PST 9.12

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - ?
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - *Scapula*
Espécie - ?
Traços - Raízes

PST 9.13

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº E.P. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Metacarpo, art.proximal *3º Met.*
Espécie - *Sus*

PST 9.14

Nº Peças - 2
Nº Esq. - 2
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Osso "malléolaire"
Espécie - *Ovis*

PST 9.15

Nº Peças - 1
N. P.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Unha
Espécie - *Ovis*

PST 9.16

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - *Scapula* direita
Espécie - *Sus* (ind. jovem)

PST 9.17

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1?
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Vértebra (1/2 corpo)
Espécie - *Sus*?

Ref: PST 10

Nº Peças - 3
Nº Esq. - 3
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Níveis I e IIa
Parte Esq. - Apêndice ósseo (corno)
Espécie - *Ovis*

Ref: PST 11

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 4
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 3
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Costela com articulação proximal
- parte mediana de costela
- fragmento de bacia
Espécie - *Ovis*

Ref. PST 12

Nº Peças - 2
Nº Esq. - 1
Nº E.P. - 1
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - *Scapula*, art. proximal
- parte mediana de costela
Espécie - *Sus*

Ref: PST 13

Nº Peças - 2
Nº Esq. - 2
Nº P.I. - Zero
Nº E.I. - Zero
I.A. - L.3 - Nível IIa

Nota: Uma das peças aparece com dois cortes paralelos (forma parte de um cordão?)

Ref: PST 14

Nº Peças - 9
Nº Esq. - 6
Nº P.C. - 1
Nº E.D. - 2
Nº P.I. - 4
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 2 epíf.distais de falanges
- 1 unha esq.
- 1 frag.*Scapula*
Espécie - *Sus*

Nota: *estamos em presença de um indivíduo ext.jovem.

Ref: PST 15

Nº Peças - 1
Nº E.P. - 1
N. P.I. - 1
N. E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - III Metatarso direito
Espécie - *Canis*

Ref: PST 16

Nº Peças - 4
Nº Esq. - 3
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 1ª falange posterior direita
Espécie - *Capra*

Ref: PST 17

PST 17.1

Nº Peças - 1
Nº E.P. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. -
Espécie -
Traços - Entalhe profundo n. 1/3 proximal (Corte para retirar a parte muscular)

PST 17.2

Nº Peças - 2
Nº Esq. - 2
Nº F.C. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Crâneo
Espécie - *Ovis?*
Traços - Punctiformes

PST 17.3

Nº Peças - 9
Nº Esq. - 9
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - Zero
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Axis (1/2)
- 1/2 falange

PST 17.4

Nº Peças - 7
Nº Esq. - 7
Nº E.D. - 2
Nº P.I. - 4
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 1/2 "poulie" metápode
- prox.distal *humerus* direito
- 2 frag.de vértebra
Espécie - *Ovis*
Indiv. muito jovem

Ref: PST 18

PST 18.2

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - *"Acetabulum"*
Espécie - *Sus?*
Traços - Punctiformes + "rognage"

PST 18.1

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - *Scapula* (bordo)
Espécie - *Sus?*

Ref: PST 19

Nº Peças - 1
Nº E.D. - 1
N. .I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Costela (med.)
- Falange Esq.
Espécie - *Ovis? - Sus*

Ref: PST 20

Nº Peças - 2
Nº E.P. - 1
Nº F.I. - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 2
Nº Esp. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Articulação proximal de Scapula
- frag.crâneo
Espécie - *Ovis*
*(indivíduo jovem)

Ref: PST 21

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Parte Esq. - Metápode?
I.A. - L.3 - Nível IIb
Espécie - *Sus*?
Traços - Superfície roída

Ref: PST 22

PST 22.1

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Cintura pélvica (illium)
Espécie - *Sus*

PST 22.2

Nº Peças - 9
Nº Esq. - 9
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - Zero
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Costelas e vért.
- Frag.*Scapula*
Espécie - ?

Ref. PST 23

Nº Peças - 2
Nº Esq. - 2
I.A. - L.3 - Nível IIa
Id. - Impossível

Ref: PST 24

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Id. - Zero

Ref: PST 25

Nº Peças - 1
Nº E.P. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Metapode
Espécie - *Canis*?

Ref: PST 26

Nº Peças - 1
Nº Esq. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Cintura pélvica
Espécie - *Ovis*?

Ref: PST 27

Nº Peças - 1
Nº E.P. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIb
Parte Esq. - Falange I. Esq.
Espécie - *Ovis*

Ref: PST 28

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 4
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Falange comp. direita
- 1 frag.art.distal falange
Espécie - *Sus*
Traços - Roído (superfície)

Ref: PST 29

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 4
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Tarso (grande-escafoide)
Espécie - *Ovis*
Traços - Corte vertical: dissociação do esqueleto

Ref: PST 30

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 5
Nº P.I. - Zero
I.A. - L.3 - Nível IIa

Ref: PST 31

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 4
Nº E.D. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 2ª falange esq.
Espécie - *Sus*

Ref: PST 32

Nº Peças - 1
Nº E D. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Metápode
Espécie - *Canis*
Mau estado de conservação

Ref: PST 33

Nº Peças - 2
Nº E.D. - 2
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 1/2 corpo de vértebra (base)
- 1/2 atlas (*Felis*?)
Espécie - *Felis Catus*?

Ref: PST 34

Nº Peças - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Condilo occipital
Espécie - *Sus*

Ref: PST 35

Nº Peças - 1
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Unha esquerda
Espécie - *Ovis*

Ref: PST 36

Nº Peças - 1
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Unha direita
Espécie - *Sus*

Ref: PST 37

Nº Peças - 1
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 2ª falange direita do quarto dedo (quartes)
Espécie - *Sus*
*ind.jovem epífise que soldou

Ref: PST 38

Nº Peças - 1
Nº ?
I.A. - L.3 - Nível I

Ref: PST 39

Nº Peças - 1
Nº E.D. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 1/2 falange
Espécie - ? *Sus*
ind. adulto

Ref: PST 40

Nº Peças - 4
Nº Esq. - 3
Nº E.D. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - Ep. distal 1/2 falange
Espécie - *Ovis*
*ind. adulto

Ref: PST 41

Nº Peças - 7
Nº Esq. - 6
Nº E.D. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - "poulie" direito metápode
Espécie - *Ovis*

Ref: PST 42

Nº Peças - 3
Nº Epífeses -
I.A. - L.3 - Nível I

Ref: PST 43

Nº Peças - 12
Nº Esq. - 10
Nº E.D. - 1
Nº E.P. - 1
Nº P.I. - 5
Nº E.I. - 2
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - (a) - Omoplata (3 ex.) 2ª falange (*Sus*) direita ind. muito jovem
Espécie - *Sus*
- *Ovis* - Lagomorfo
Traços - Cortantes sobre o início da asa de omoplata ident.com um (a)

Ref: PST 44

Nº Peças - 4
Nº Esq. - 2
Nº P.C. - 1
Nº A.O. - 1
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - 2
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Corno (de *Capra*?)
- 2ª falange post.3º dedo *Sus* cujas art.estão consolidadas
Traços - O fragmento de corno foi *intencionalmente* retirado do apêndice ósseo

*indiv. jovem

Ref: PST 45

Nº Peças - 5
Nº Esq. - 2
Nº E.P. - 1
Nº E.D. - 2
Nº P.I. - 5
Nº E.I. - 2
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 1 parte mediana de costela
- 1 ext.distal humerus (*Ovis*)
- 3 peças de 1ª falange do 3º dedo post.direito (*Sus*)
Espécie - *Ovis*
- *Sus*
Colagens - 3 peças = 1 ind.

Ref: PST 46

Nº Peças - 3
Nº Esq. - 1
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 2
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 2 seg.falanges posteriores direitas (*Sus*)

Ref: PST 47

Nº Peças - 6
Nº Esq. - 4
Nº A.P. - 1
Nº E.I. - 1
Nº P.I. - 4
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - 2 fag.medianos de costela

Espécie - *Sus*
Traços - Corte profundo peça completa

Ref: PST 48

Nº Peças - 1
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível IIa
Parte Esq. - 1ª falange 2º dedo post.direito
Espécie - *Sus*

- 1 metápode
Espécie - *Sus*
Traços - Punctiformes

Ref: PST 49

Nº Peças - 1
Nº P.C. - 1
Nº P.I. - 1
Nº E.I. - 1
I.A. - L.3 - Nível I
Parte Esq. - Apêndice ósseo
Espécie - *Capra*
Traços - Punctiformes

. Estado de Conservação

Neste capítulo interessa-nos descrever, não só o estado físico dos ossos que chegaram até nós, mas também, pôr um problema metodológico: o da conservação preferencial dos vestígios ósseos.

As respostas às perguntas:

- o que se conservou?
- e porque se conservou?

interessam-nos mais do que:

- como se conservou?

Isto porque as duas primeiras perguntas permitem a reconstituição das populações fósseis da reconstituição da paleo-ecologia e, finalmente resolver certos problemas zoológicos, como o cálculo do tamanho e porte médio de um animal. Como proceder para chegar a resultados concretos?

O processo a empregar passa pela utilização de uma aritmética "caseira" que nos permitirá obter uma repartição numérica dos vestígios ósseos. Numerosos autores se debroçaram sobre este problema, mas só dois entre eles, Bouchud (1973 - 75) e Guthrie (1967), colocaram o problema numa perspectiva paleontológica. Ou seja, estes dois autores procuraram, segundo as próprias palavras de Bouchud (1973-75, pág. 862): "... la détermination des rapports qui existent entre le squelette des animaux morts récemment et les débris qui l'on retrouve après un temps plus ou moins long".

Como resultado destes trabalhos foi obtido um padrão de comportamento que põe em evidência três factores:

1 - uma homogeneidade de repartição numérica nos diversos níveis estratigráficos;

2 - uma classificação progressiva dos diversos segmentos indo do membro anterior ao membro posterior;

3 - uma presença mais importante das extremidades distais, que são mais robustas e espessas do que as extremidades proximais.

O enunciado destes três factores diz respeito ao conjunto de jazidas estudadas por Bouchud, mas nós podemos utilizá-los como quadro de referência universal, aplicável a todo e qualquer modelo onde a intervenção humana é nula ou quase inexistente. Diversas razões verificam esta afirmação. A primeira e mais evidente é o facto de a homogenização da repartição numérica dos vestígios ósseos, nos diversos níveis estratigráficos, verificar a não-intervenção do homem nessa repartição. Ora, este é um dado verificavel pela lógica do processo tafonómico, daí que possa ser tido como universal.

A segunda razão também se apoia sobre uma constatação de "bom senso": há uma conservação progressiva e gradual dos ossos que possuem um maior peso e robustez. Ambas as razões, "a priori", empíricas têm a sua demonstração estatística, quando trabalhamos, tal como Bouchud, em conjuntos ditos "naturais".

Mas, será que o padrão se mantém quando a acção humana é determinante na pré-selecção dos vestígios fósseis?

A resposta parece-nos ser negativa. Mas, não basta que ela seja evidente temos de a demonstrar. Daí que tenhamos comparado o padrão de conservação preferencial definido pelo material da Pastoria com o padrão de Bouchud. Veremos que as "idiossincracias" introduzidas pelo material da Pastoria são, extremamente eloquentes.

Passemos, pois, a uma comparação dos resultados obtidos e que se encontram esquematizados nos quadros nº 1 (Bouchud, 1973) e nº 2 e 3 (Pastoria, 1985). Basta um rápido olhar sobre o quadro nº 2 (Pastoria, 1985) para eliminarmos dois dos enunciados do padrão Bouchud: o enunciado nº 2 e o nº 3.

Com efeito, não poderemos falar, para a Pastoria, numa "classificação progressiva dos diversos segmentos indo do membro anterior ao membro posterior".

Isto por duas razões:

(*) 1 - as peças ou segmentos identificados como posteriores limitam-se a 6, enquanto que para o membro anterior temos 23 segmentos;

2 - não podemos falar numa "presença mais importante das extremidades distais, que são mais robustas e espessas do que as extremidades proximais".

(*) Respectivamente: Mts (1) + Bacia (4) + Tarso (1) = 6 e omoplata (17) + húmero (3) + + MTc (3). De notar que não entramos nesta contagem com as peças cuja identificação nos levanta algumas dúvidas, tal como é o caso do "item": Metápodes não-individualizadas (5).

Com efeito, o quociente entre os dois "items" é de 10 extremidades proximais para 17 extremidades distais. É, portanto, um quociente mínimo, que, apesar de favorável às epífises distais, perde toda a sua força quando comparado com os totais parciais para os diversos segmentos presentes na amostra. Senão, vejamos. O total da soma dos "items" (omoplata) + (costela), respectivamente (17) + (11), é igual a 28 peças, montante superior ao total da soma dos dois tipos de epífises.

Ora, por defiçição e natureza das peças, a amoplata e a costela são das mais frágeis do esqueleto e tendem a nunca aparecerem em paleontologia estatística, quando se estuda um "meio" em que a acção humana não foi predominante. Ora, há um processo pelo qual estas duas peças podem implementar as suas possibilidades de fossilização. Se, por exemplo, os animais em questão foram cozinhados e em seguida consumidos pelo homem, as partes moles, estreitamente aderentes às duas peças ósseas supra-citadas, ter-se-ão separado das mesmas. Quer isto dizer, que quando abandonadas estas peças são-no num estado a que poderemos chamar de "limpo". Estão, portanto, através deste processo, protegidas contra a acção bacteriológica que teria sido forte se a fossialização tivesse actuado em presença das partes moles do animal.

Resta-nos uma última observação, ou melhor uma pergunta: porque é que há tão poucas extremidades, quando, efectivamente, elas são mais resistentes aos processos de fossialização do que as partes medianas do osso? A resposta é-nos dada pela presença na jazida, de pelo menos, três peças identificadas como pertencendo a *Canis* . Se não tivessemos esta prova directa da existência "do mais antigo amigo do homem" na Pastoria, a pequena percentagem de epífises ter-nos-ia dado uma prova indirecta da existência de canídios na Pastoria.

QUADRO nº 1

BOUCHUD, 1973 - Frequências Absolutas (Alasca e Europa)

SEGMENTOS ÓSSEOS	*BISON PRISCUS*	*EQUUS CABALLUS*	*RANGIFER GUETTARDI*
Húmero	4.5	9.0	
Rádio	24.8	21.0	
Matecarpo	53.2	47.0	
Falange I	7.3	13.0	
Falange II	3.6	4.0	
Unha	1.6	6.0	
Fémur	4.4	11.5	12.4
Tíbia	14.4	20.3	25.3
Metatarso	62.1	46.0	57.5
Falange I	10.8	12.6	2.9
Falange II	4.9	3.9	1.4
Unha	3.4	5.7	0.5

QUADRO nº 2

PASTORIA - Repartição numérica dos segmentos sem especificação da espécie (PST)

Nº de Fragmentos e/ou Peças Completas

Apêndices ósseos	- 3
Crâneo	- 3
Omoplata	- 17
Húmero	- 3
Vértebras	- 8
Costela	- 11
Metapodes não individualizadas	- 5
MTC	- 3
MTS	- 1
Bacia	- 4
Osso longo	- 1
Tarso	- 1
Unha	- 3
Osso "Malléolaire"	- 1

QUADRO nº 3

REPRESENTAÇÃO DAS PARTES DO ESQUELETO SEGUNDO AS ESPÉCIES

PARTE DO ESQUELETO / ESPÉCIES	CRÂNEO	MAX. SUP.	MAND.	COL. V.+C.	OMOPL.	H.	CUB.	RAD.	C.	MTC.	FALANGES I	FALANGES II	UNHA	METAPODES IND.	A. OSS.	FE.	TIB.	PER.	TARS.	MTS.	BACIA-OSSO	MAL.
OVIS	3			2+5		1				1		1 Posterior	2	1	1				1		2	1
OVIS-CAPRA						1					1 Posterior				2							
SUS				6+6	17	1				2				2							2	
CANIS														2?					1			
LAGOMORFO																						

2. CARACTERES EXTRÍNSECOS

A) Traços de Corte, Abate e/ou Consumo de Animal

As marcas ou qualquer outro tipo de sinais impressos sobre o osso e resultantes de uma acção externa, são raras.

Regra geral as marcas e/ou sinais dividem-se em seis grandes grupos:

1 - marcas de corte de pele e de esfolamento;

2 - marcas de evisceração;

3 - marcas de corte e de dissociação do esqueleto;

4 - marcas relativas aos processos culinários;

5 - marcas de dentes e/ou de garras;

6 - marcas causadas por agentes naturais.

Destes seis "items", os quatro primeiros são os que mais informações produzem sobre o quotidiano das sociedades humanas.

No entanto, os nºs (1) e (2) são muito difíceis de obter, porque só são visíveis sobre determinadas, poucas, regiões duras do esqueleto, sendo algumas, como por exemplo o esterno ou o hioidal (únicos ossos passíveis de produzirem informações sobre o nº 2), muito frágeis.

Na estação da PASTORIA não possuímos nenhum vestígio de uma ou de outra destas actividades. É claro, que este resultado negativo, não pode ser considerado como uma prova de que as actividades referidas, não eram efectuadas. É evidente que ambas são obrigatórias, antes do animal ser consumido. O que não é obrigatório, é que elas tenham sido efectuadas no mesmo local onde foi feito o consumo do animal ou mesmo o seu posterior abandono. É mais do que provável que existam numa jazida importante como a PASTORIA, locais especializados em diversas funções. Ora, o estado do material ósseo da PASTORIA aponta para um tipo de amostra em que é visível ter havido consumo dos animais que deixaram os seus vestígios no solo arqueológico. Isto aponta para o facto de a parte escavada não estar correlacionada com as zonas funcionais de preparação do animal.

Se, a inexistência de marcas demonstrativas dos grupos (1) e (2) é facilmente explicada, poderíamos, no entanto, ficar perplexos com a ausência de marcas ou sinais relativos ao (4).

Será difícil, apesar da ausência de tais marcas, fazer a afirmação de que os habitantes da PASTORIA preferiam a carne crua. Tal afirmação seria perfeitamente despropositada, pois diversas técnicas culinárias são, já, no momento cultural em que inserimos a PASTORIA, um dado adquirido. A questão põe-se a outro nível. Só por si, a ausência de tais marcas não é um indicativo seguro de uma preferência exclusiva dos habitantes da Pastoria pela carne cozida, em detrimento, de assados ou grilhados. Acontece que estas

duas últimas técnicas só, muito raramente, deixam alguns sinais da intensa exposição ao calor que lhes é própria, sobre as extremidades (unhas) e na região dos incisivos (dentição). Lembremo-nos que durante todo o processo culinário em questão, as partes duras do esqueleto estão protegidas pelas camadas musculares e adiposas do animal. Ora, os vestígios susceptíveis de possuírem informações sobre esses processos (unhas e dentes) são inexistentes na amostra estudada.

No entanto, temos na PASTORIA um elemento que pode ser significativo. Trata-se da extrema fragmentação do material. Ora, esta é propícia aos processos culinários que envolvem a utilização de recipientes próprios, em que as diversas partes do animal são cozidas num meio líquido. A própria estrutura e tamanho dos recipientes, assim como a diminuição dos tempos necessários à obtenção de um nível aceitável de moleza das partes musculares (recordo que esta é uma das funções mais importantes da culinária), obriga a que haja uma grande fragmentação dos indivíduos consumidos. Optamos, pois, por esta última hipótese: a existência de restos de cozinha na Pastoria.

Resta-nos, analisar os grupos (3), (5) e (6). No grupo (3), os vestígios de marcas correspondentes ao corte e à dissociação do esqueleto do animal são numerosos.

Encontra-mo-los em PST 4, PST 9.6, PST 9.7, PST 13, PST 17, PST 29, PST 43, PST 44, PST 46.

As marcas visíveis são de três tipos. Em PST 29 encontramos um corte vertical sobre um elemento do tarso (grande-escafoide) que apresenta todas as indicações de ter sido produzido durante o processo de dissociação do esqueleto.

Em PST 44, temos a obtenção de uma superfície óssea a partir de um apêndice, o que poderá indicar uma tentativa de fabricação de um utensílio ou de um adorno.

As restantes marcas, quase todas obtidas sobre fragmentos de omoplata, relacionam-se com o acto de "limpar" as partes musculares do osso que lhes está aderente.

No grupo (5) possuímos algumas marcas extensas (superfícies roídas) ou de carácter punctiforme que nos levam a pensar na existência de um carnívoro, talvez canídeo, na zona de habitat da Pastoria.

O grupo (6) apresenta alguns, poucos, sinais de corrosão feitos por raízes.

B) *Reconstituições

"Un remontage est une relation d'interdependance qui se traduit sur le terrain par un lien à travers l'espace" (Poplin, p. 189).

---

* Nota: Para título desta alínea utilizámos uma tradução livre da noção de "remontage" dos autores franceses.

Embora a definição supra-citada abranja um campo mais vasto do que o dos "caracteres extrínsecos" há uma razão de fundo que nos leva a incluir uma alínea específica, neste capítulo.

É que algumas das propriedades que regem as reconstituições do material ósseo são uma consequência de certos fenómenos, tais como as quebras, cortes ou dissociações que esse material sofreu ao longo de todo o processo tafonómico.

Ora, os processos invocados apelam para uma acção exterior, seja ela humana, animal ou de origem físico-química que actue sobre o osso. É, portanto, justificável a inclusão desta alínea B no capítulo relativo aos "caracteres extrínsecos".

Mas, voltemos ao problema, propriamente dito, das reconstituições.

Em princípio, um material ósseo, óptimo sob o ponto de vista dos resultados analíticos, pode produzir diversos tipos de reconstituição:

1 - reconstituição por colagem;

2 - reconstituição por rearticulação de duas peças com possibilidades de conexão anatómica;

3 - reconstituição por associação de elementos.

No caso da PASTORIA (PST) possuímos somente um exemplo do tipo 1, representado pelos fragmentos PST 9.2 , PST 9.3 e PST 9.7 e mais um exemplo do tipo 2, representado pelos fragmentos PST 9.6 e PST 9.9.

Ambas as reconstituições foram efectuadas sobre um elemento anatómico, a omoplata ou *Scapula*, que é normalmente isolado no momento de corte do animal e, posteriormente, consumido por inteiro. Apresenta, pois, todas as possibilidades de ser abandonado, completo, num determinado lugar. As fracturas passíveis de afectarem este elemento são, regra geral, originadas na região interna ou paleta, região esta que é bastante frágil debaixo de um ponto de vista mecânico. As regiões laterais e a inserção da asa são os pontos mais fortes.

Ora, nos exemplos reconstituídos são, precisamente, estas duas zonas que sobreviveram. Não temos, portanto, nada de original a assinalar sobre este ponto.

Infelizmente, também a localização dos diversos fragmentos reconstituídos não nos traz nenhuma informação quanto à repartição horizontal dos vestígios ósseos dentro da área escavada. Como é possível verificar-se, todos os códigos de identificação dos fragmentos em questão provam que estes obedeceram à regra de "quebra após o abandono por inteiro num mesmo local", regra esta já mencionada.

IV. *CONCLUSÃO*

Os grandes traços da análise e dos resultados obtidos através dela, sobre o material de Pastoria já foram enunciados ao longo das diversas secções deste trabalho.

É, portanto, desnecessário retomá-los nesta conclusão.

Ela existe, primeiro, por uma necessidade de uniformização do tratamento aplicado às duas estações estudadas; segundo, porque algumas comparações se impõem em relação à primeira jazida, ou seja, a Vinha da Soutilha.

Primeira constatação: o material da PASTORIA é, não só, mais importante sob o ponto de vista quantitativo, mas também apresenta um maior significado do que o da amostra da Vinha da Soutilha. Na Pastoria, estamos em presença de uma forte percentagem de *espécies domesticadas*, tanto no que diz respeito à totalidade das espécies identificadas, como no que diz respeito à totalidade das peças.

Nova diferença: o material da PASTORIA é, relativamente, rico em dados que permitem a reconstituição de *gestos operatórios*: - cortes e incisões sobre as extremidades dos ossos ou sobre as superfícies de omoplatas que provam a "limpeza" dos esqueletos; - fragmentação extrema que nos leva a admitir a *utilização de técnicas culinárias* necessitando o uso de recipientes. Este dado, aliás, confirma-se pela existência de vasos cerâmicos de provável função culinária.

Finalmente, resta-nos lamentar a quase impossibilidade de cálculo das quantidades médias de carne assumidas pelos habitantes da Pastoria.

Acontece que não nos sentimos de posse de elementos seguros, tais como "duração da ocupação" - "identificação de N.M.I. fóssil em relação à população real" para podermos efectuar um cálculo que seja, minimamente, prudente.

V. *BIBLIOGRAFIA*

Altuna, J. (1978) - Le dimorphisme sexuel du squelette post-encephalique chez *Capra pyrenaica*.
In *Munibe* nº 4, p. 203.
Santander.

Altuna, J. (1980) - *História de la Domesticacion en el Pais Vasco desde su Origen hasta la Romanizacion*.
In *Munibe* nº 32, Fasc. 1-2.
Santander.

Barone, R. (1966-1976) - *Anatomie Comparée des Animaux Domestiques*.
Tome I - Osteologie-Atlas.

Tome II - Osteologie-Texte.
Boubée. Paris.

Berhensmeyr, A. (1976) - *Thaphonomic Processes.*
Chicago University Press.

Bökönyi, S. (1962) - Zur Naturgeschichte des Ures in Ungarn und das Problem der Domestikation des Hausrinder.
In *Acta Arch. Acad. Sci. Hung.*

Bökönyi, S. (1969) - Archaeological problems and methods of recognizing animal domestication.
In UCKO, P. J. and G. W. Dimbleby (eds), *The Domestication and Exploitation of Plants and Animals*, pp. 219-228.
(Duckworth, London).

Chaline, J. (1973-1974) - Les rongeurs de la grotte d'Aldène. Une nouvelle séquence climatique du Pliocène moyen.
Bull. Musée d'Anthr. Préhistorique, fasc. nº 19, p. 5 à 20, 3 fig., 6 tab., 10 réf. bibl.

Chaplin, R. E. (1971) - *The Study of Animal Bones from Archaeological Sites.*
Seminar Press. New York.

Clason, (eds.) (1975) - *Archaezoological studies.*
New York.

Driesch, A. von den (1972) - Osteoarchäologische Untersunchungen auf der Iberischen Halbinsel.
Studien über frühe Tieko Chenfunde von der Iberischen Halbinsel, 3 (München), pp. 167-168-169.

Harcourt, R. A. (1971) - The Palaeopathology of Animal Skeletal Remains.
In *Veterinary Record*, 89, pp. 267-272.

Poplin, F. (1975) - La faune danubienne d'Armeau (Yonne, France): ses données sur l'activité humaine.
In *Archaeozoological Studies.*
A. T. Clason (ed.), pp. 179 a 192.

Poplin, F. (1976) - A propos du nombre de restes et du nombre d'individus dans les échantillons d'ossements.
In *Cah. Cent. Recherche* - Paris I - nº 5, 61-75.

Sadek-Kooros (1975) - Intentional fracturing of bone: description of criteria.

In *Archaeozoological studies*, pp. 139-150.
A. T. Clason (ēd.).

Uerpmann, H. P. (1977) - Élevage neolithique en Espagne.
In *Lēlevage en Mēditerranée Occidental*. Colloque International de l'Insti - tut de Recherches Mēditerraneēnnes.
C.N.R.S. Paris, pp. 87-94.

APÊNDICE 4

ANALYSES ANTHRACOLOGIQUES DES STATIONS PRÉHISTORIQUES DE VINHA DA SOUTILHA (MAIROS), PASTORIA (CHAVES) ET CASTELO DE AGUIAR (VILA POUCA DE AGUIAR)

J.-L. Vernet (*)

MAIROS

MRS 83 - S.A. - M1' - C.3 2

Pinus cf silvestris 4
(croissance lente)

MRS 83 - S.A. - M1' - C.3 1

Pinus sp. 1
(mauvais état, croissance lente)

Pinus sp. 100
(5 séries de trachéides seulement dans b1, 2 à 4 dans b2; autres fragments plus normaux)

MRS 83 - S.B. - B2 - C.2 6

Quercus suber 2

MRS 83 - S.B. - B2 (Sob Lareira) 5

Pinus sp. 1
(canaux à la limite de b2, 200 µm, ponctuations de champs?)

Pinus sylvestris 2

MRS 83 - S.A. - M2' 4

Quercus pyrenaica-cerris 5

Pinus pinaster 6

MRS 83 - S.A. - M1' - C.3 (Lareira) 3

Pinus pinea 7
(bois initial écrasé avant combustion, poutre?)

(*) Laboratoire de Paleobotanique - Université des Sciences et Techniques du Languedoc (Montpellier).

Pinus pinaster 8
(bois écrasé, surtout b1, avant la combustion)

Pinus sp. 1
(b1 très écrasé avant la combustion, poutre?)

Quercus pyrenaica-cerris 2

Pinus sp. 1
(écrasé, canaux dans b2 de 200 µm, *halepensis*??)

Les Pins dominent parmi les restes carbonisés. On note cependant quelques Chênes caducifoliés du type de *Quercus pyrenaica-cerris*, probablement le Chêne tauzin. Plusierus échantillons (1 et 2) témoignent d'une croissance lente. On remarquera du bois de Pin écrasé avant combustion (charpente?).

PASTORIA

PST 83 - L.3 - L10' - C.2 (est. 4) 1

Matériel très abimé, combustion avancée

PST 83 - L.4 - Z6 - C.2 4

Pinus sp. 100
(canaux 200 µm dans b2 et b1-b2, croissance normale, une à deux ponctuations de champs ovales, trachéides horizontales dentées, *pinaster*??)

PST 83 - L.3 - L10' - C.3 3

Pinus pinea 3
(un seul bois)

PST 83 - L.3 - M12' - (C.2 - est. 4) 2

Liège probable de *Quercus suber* ou de Pin, non carbonisé

CASTELO DE AGUIAR

CST AGR 84 - L.3 - V0 - Estrutura 1 *(Chalcolithique-Bronze initial)*

Erica scoparia 100
(voir analyse du bois)

CST AGR 83 - L.2 - N1-N2/O1 - P1-P2 - C.4 3 *(Chalcolithique-Bronze initial)*

Quercus pyrenaica-cerris 56

Quercus à feuillage caduc 36

Sarothamnus scoparius 4

Quercus pedunculata-sessiliflora 4

CST AGR 84 - L.2 - Q1 - C.4 4 *(base) (Chalcolithique-Bronze initial)*

Quercus pyrenaica-cerris 84

Quercus sp. 8

Quercus cf suber 8

CST AGR 84 - L.2 - P1 - C.6 5 *(Chalcolithique?)*

Quercus pedunculata-sessiliflora 29

CST AGR 83 - L.2 - N2/O2 - C.3 8 *(Bronze initial)*

Quercus pedunculata-sessiliflora 25

Taxus baccata 1

CST AGR 84 - L.3 - VO (Estrutura) 1 *(Chalco-Bronze initial)*

Quercus pedunculata-sessiliflora 15

Erica scoparia 183

CST AGR 84 - L.3 - B'2 - C.4 6 *(Chalco-Bronze initial)*

Quercus pyrenaica-cerris 7

Les Chênes sont les éléments caractéristiques de ce site depuis la charnière Chalcolithique-Bronze initial jusqu'au Bronze final. Les Chênes sont des espèces caducifoliées du groupe pyrenaica-cerris ainsi que des échantillons se rapportant au *Quercus pedunculata-sessiliflora*. Les autres raxons sont les genêts, *Sarothamnus scoparius*, l'if (*Taxus baccata*). *Sarothamnus scoparius* est présent à la charnière Chalcolithique--Bronze initial de même que *Taxus baccata*. Les Bruyères, enfin, appartiennent à *Erica scoparia* et sont présentes au Chalcolithique-Bronze initial. Un échantillon de *Quercus pedunculata-sessiliflora* a été coupé à l'automne. L'observation des accroissements annuels montre une alternance de cernes étroits et larges, signifiant peut-être une succession d'années respectivement sèches et humides.

ÉTUDE DU BOIS DE BRUYÈRE

Un des niveaux de Castelo de Aguiar - CST AGR 84 - L.3 - V0 (Estrutura) a livré de nombreux fragments de la bruyère *Erica scoparia*. Ces petites tiges présentent toutes dans leurs parties périphériques les restes des assises corticales. Is est ainsi possible d'essayer de metter en évidence un certain nombre de caractéristiques propres à l'utilisation de ce bois, était-il coupé à une saison privilégiée et quel était son usage?

Un examen portant sur plus de 200 échantillons montre tout d'abord que ce bois est très bien calibré, 160 échantillons ayant un diamètre compris entre 0,3 et 0,5 mm. Le diamètre varie de 0,2 à 1,0 cm (fig. 1). L'âge de ces tiges est compris entre 2 et 5 ans avec une forte dominance autour de 3 et 4 ans (fig. 2). Une autre figure (fig. 3) donne la répartition des âges et des diamètres, montrant sans que cela soit absolu une augmentation des diamètres avec l'âge.

Pour étudier les périodes de coupe, nous avons observé en détail la position de l'écorce par rapport au cerne selon le tableau:

BOIS INITIAL

1er rang de vaisseaux (A)	8	3,90%
2ème rang de vaisseaux (B)	6	2,91
3ème rang (C)	17	8,25
4ème rang (D)	10	4,85
5ème rang (E)	2	0,97
6ème rang (F)	2	0,97
bois initial, sans précision (G)	20	9,71
vers la moitié du cerne (J)	7	3,40
LIMITE BOIS INITIAL - BOIS FINAL (K) ...	27	13,10

BOIS FINAL

début du bois final (L)	12	5,82
bois final, sans précision (M)	46	22,34
fin du bois final (N)	49	23,78
Total	206	100,00%

Si l'on fait le total, on constate que 72 bois ont été coupés en bois initial, c'est à dire au début de la période de végétation, 107 plutôt en bois final alors que 27 l'ont été entre les deux périodes. Il serait intéressant de savoir plus exactement s'il y a une saison préférentielle de coupe. Appelons a = 72 (coupe en bois ini-

tial), b = 107 (coupe en bois final) et c = 27 (limite b1-b2). Les pourcentages se recouvrent-ils? On peut le savoir par le calcul des intervalles de confiance (au risque 5%):

$$po \pm 1{,}96 \sqrt{\frac{1090}{n}}$$

$$\text{pour a, } pa \pm 1{,}96 \sqrt{\frac{pa\ qa}{n}} = 0{,}34 \pm 1{,}96 \sqrt{\frac{0{,}34 \times 0{,}66}{207}} = 0{,}34 \pm 0{,}06$$

soit 0,40 à 0,28

$$\text{pour b, } pb \pm 1{,}96 \sqrt{\frac{pb\ qb}{n}} = 0{,}52 \pm 1{,}96 \sqrt{\frac{0{,}52 \times 0{,}48}{207}} = 0{,}52 \pm 0{,}07$$

soit 0,59 à 0,45

$$\text{pour c, } pc \pm 1{,}96 \sqrt{\frac{pc\ qc}{n}} = 0{,}27 \pm 1{,}96 \sqrt{\frac{0{,}27 \times 0{,}73}{207}} = 0{,}27 \pm 0{,}06$$

soit 0,33 à 0,21

On voit alors que les intervalles pour pa et pb sont proches ce qui suggère que les pourcentages pa et pb diffèrent significativement. Cependant, on peut montrer que ceci n'est pas mathématiquement exact. On a recours alors au calcul de l'écart réduit basé sur les valeurs absolues:

$$|\varepsilon| = \frac{a - b}{\sqrt{a + b}} = \frac{72 - 107}{\sqrt{72 + 107}} = 2{,}63$$

$|\varepsilon|$ est > à 1,96 et donc significatif

Conclusion: l'écart entre a et b est significatif à 1%, ce qui nous permet d'affirmer que cette bruyère a été coupée de préférence à l'automne (en bois final). Un calcul analogue montre bien que les grosses tiges (> 0,5 cm) aussi bien que les plus petites sont coupées préférentiellement en bois final.

Pourquoi cette préférence? Retenons que nous n'avons étudié qu'un premier échantillon, certes représentatif mais qu'il faudrait certainement prolonger cette étude. Cette préférence peut être liée à l'activité elle-même plus importante en fin de saison et il conviendrait de rechercer d'autres corrélations.

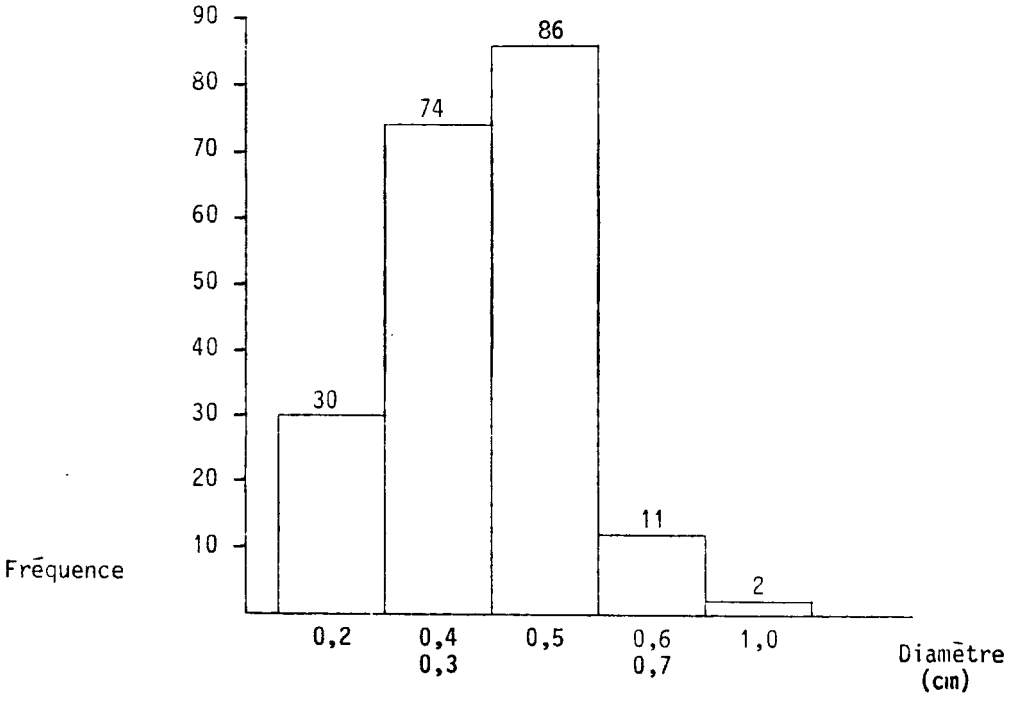

Fréquence
90
80
70
60
50
40
30
20
10
30
74
86
11
2
0,2
0,4
0,3
0,5
0,6
0,7
1,0
Diamètre
(cm)

Fig. 1

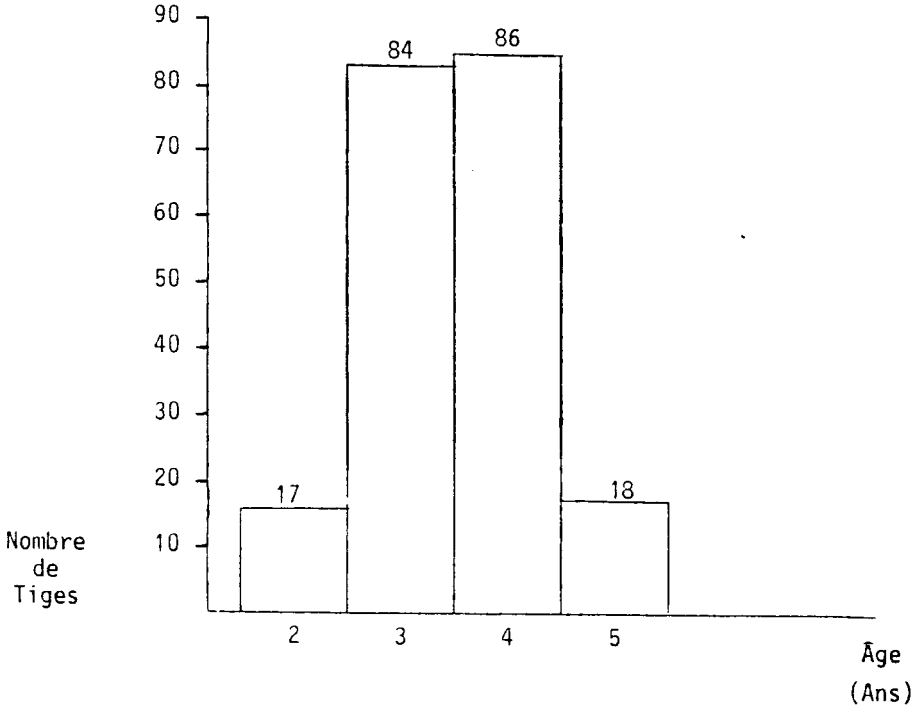

Nombre
de
Tiges
90
80
70
60
50
40
30
20
10
17
84
86
18
2
3
4
5
Âge
(Ans)

Fig. 2

	1 cm	0,7-0,6	0,5	0,4	0,3-0,2
5 ans	-	2	16	-	-
4 ans	2	11	45	15	15
3 ans	-	1	20	17	45
2 ans	-	-	4	-	13

Fig. 3

Diamètres N âges

F – BIBLIOGRAFIA

NOTA PRELIMINAR

A bibliografia que apresentamos a seguir não tem a pretensão de ser exaustiva. Corresponde, de facto, às obras ou artigos que mais utilizámos, embora, necessariamente, em graus diversos. Visa também fornecer aos leitores as bases de verificação de certas afirmações feitas ou de desenvolvimento das pesquisas aqui iniciadas.

Por razões de comodidade e de não repetição de certos títulos de revistas, obras colectivas, ou séries de publicações, abreviámo-las do seguinte modo:

B.A.R. - British Archaeological Reports

B.S.A.A. - Boletin del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia

B.S.P.F. - Bulletin de la Société Préhistorique Française

M.M. - Madrider Mitteilungen

N.A.H. - Noticiario Arqueologico Hispanico

Aalen, F. H. A. (1978), *Man and The Landscape in Ireland*, London, Academic Press.

Aberg, N. (1921), *La Civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Uppsala.

Acosta, P. (1965), Significado de la Pintura Rupestre Esquemática, *Zephyrus*, XV, pp. 107-117.

idem (1967), *Representaciones de Ídolos en la Pintura Rupestre Esquemática Española*, Madrid, Instituto Español de Prehistoria, Trabajos de Prehistoria, XXIV.

idem (1968), *La Pintura Rupestre Esquemática*, Salamanca, Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueologia

idem, (1984), El Arte Rupestre Esquemático Ibéricos: problemas de cronologia preliminares, *Scripta Praehistoria (Francisco Jorda-Oblata)*, Salamanca, pp. 31-62.

Acuña Castroviejo, F. *et alii* (1970), Cista y ajuar funerário de Atios (Porriño), *Cuad. Est. Gallegos*, XXV, 75, pp. 20-36.

Adaro, E. N. (1972), *Mapa Metalogenético* (1:1 500 000), Instituto Geológico y Minero de España (Mapa previsor de mineralizaciones de Cu).

Aguayo de Hoyos, P. (1977), Construcciones defensivas de la Edad del Cobre peninsular. El cerro de los Castellones (Laborcillas, Granada), *Cuad. Preh. Univ. Granada*, nº 2, pp. 87-102.

Aira Rodríguez, Mª J. e Guitián Ojea, F. (1985), Estudio polínico y edafológico de los yacimientos de Regueiriño y Fontenla, *Pontevedra Arqueologica*, I, pp. 99-112.

Albuquerque, M. (1970), A cerâmica da citânia de Briteiros, *Rev. de Guimarães*, LXXX, fasc. 1-2, pp. 105-122.

Alfageme, J. Manuel *et alii* (1976), Dos yacimientos de la Edad del Bronce en el término de Barruecopardo (Salamanca), *Zephyrus*, XXVI-XXVIII, pp. 299-320.

Alfageme, J. Manuel e Benedito del Rey, L. (1978), Un yacimiento del Bronce en el término de Villasbuenas (Salamanca), *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 215-228.

Allan, J. C. (1965), A mineração em Portugal na Antiguidade, *Boletim de Minas*, vol. 2, nº 3, pp. 137-173.

idem (1970), *Considerations on the Antiquity of Mining in the Iberian Peninsula*, Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, Occasional Paper, nº 27.

Almagro, M. (1939), La cerámica excisa de la Primera Edad del Hierro de la Península Ibérica, *Ampurias*, I, pp. 138-158

idem (1959), La primera fecha absoluta para la cultura de los Millares a base de Carbono 14, *Ampurias*, XXI, pp. 249-251.

idem (1959), Excavaciones en el sepulcro de corredor megalítico de Lácara, Mérida (Badajoz), *Revista de Estudios Extremeños*, XV, pp. 249-314.

idem (1959), Elementos para la cronologia absoluta del Bronce I en la Península Ibérica, *Actas e Memórias do 1º Congr. Nacion. Arqueol.*, vol. I, Lisboa, pp. 161-185.

idem (1961), Elementos para una cronologia absoluta del Bronce I Hispano, *Vº Internationalen Kongress Für Vor-und Frühgeschichte Hamburg (1958)*, U.I.S.P.P., p. 13.

idem (1961), La sequencia cultural de la Península Ibérica del Neolítico al Bronce Final, *B.S.A.A.*, t. XXVII, pp. 45-59.

idem (1966), *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*, Madrid, C.S.I.C., "Biblioteca Praehistorica Hispana".

idem (1969), El ídolo de Ciudad Rodrigo Y el ídolo de Rodicol, *T.P.*, 26, pp. 321-323.

idem (1979), El ídolo de Puig Pelegri (Lérida), *T.P.*, 27, pp. 169-176.

Almagro, M. e Arribas, A. (1963), *El Poblado y la Necrópolis Megalíticos de Los Millares*, Madrid, C.S.I.C., "Bibliotheca Praehistorica Hispana".

Almagro Gorbea, Mª J. (1965), *Las Tres Tumbas Megalíticas de Almizaraque*, Madrid, C.S.I.C., "Trabajos de Prehistoria", XVIII.

idem (1973), *Los Ídolos del Bronce I Hispano*, Madrid, C.S.I.C., "Bibliotheca Praehistorica Hispana".

idem (1973), *El Poblado y la Necrópolis de el Barranquete (Almeria)*, Madrid, C.S.I.C., "Acta Arqueologica Hispana".

Almagro Gorbea, M. (1970), Las fechas del C 14 para la Prehistoria y la Arqueologia Peninsular, *T.P.*, 27, pp. 9-43.

idem (1972), Nuevas fechas para la Prehistoria y Arqueologia Peninsular, *T.P.*, 29, pp. 232-236.

idem (1972), La espada de Guadalajara y sus paralelos peninsulares, *T.P.*, 29, pp. 55-82.

idem (1973), *El Bronce Final y el Inicio de la Edad del Hierro en la Meseta Sur* (Resumo de tese de doutoramento - Madrid).

idem (1973), La espada de Santiago, *Cuad. Est. Gallegos*, XXVIII, 84, pp. 69-79.

idem (1974), Orfebreria del Bronce Final en la Peninsula Ibérica. El Tesoro de Abía de la Obispalía, la orfebrería tipo Villena y los cuencos de Axtroki, *T.P.*, 31, pp. 39-100.

idem (1974), C 14, 1974. Cinquenta nuevas fechas para la Prehistoria y la Arqueologia Peninsular, *T.P.*, 31, pp. 279-292.

idem (1975), C 14, 1975. Nuevas fechas para la Prehistoria y la Arqueologia Peninsular, *T.P.*, 32, pp. 167-175.

idem (1976), Informe sobre las excavaciones en Ecce Homo, Alcalá de Henares (Madrid), *N.A.H.*, Prehª 5, pp. 293-300.

idem (1976), C 14, 1976. Nuevas fechas para la Prehistoria y la Arqueologia de la Peninsula Iberica, *T.P.*, 33, pp. 307-317.

idem (1976), La espada de Entrambasaguas. Aportación a la sequencia de las espadas del Bronce en el Norte de la Peninsula Iberica, *XI Aniversario del Centro de Estudios Montañeses*, Institucion Cultural de Cantabria, pp. 455-475.

idem (1977), *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Madrid, C.S.I.C., "Bibliotheca Paraehistorica Hispana".

idem (1980), Problems of the Origin of Metallurgy in the Iberian Peninsula (Pre-Beaker Metallurgy), *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium*, Dublin, pp. 1-6.

Almagro Gorbea, M. e Fernández-Galiano, D. (1980), Excavaciones en el cerro Ecce Homo (Alcalá de Henares, Madrid), *Arqueologia 80*, 2.

Almeida, C. A. Ferreira de (1974), Cerâmica Castreja, *Rev. de Guimarães*, LXXIV, pp. 171-197.

idem (1978), *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho* (Dissertação de Doutoramento), 2 vols, Porto.

Almeida, C. A. F. de e Jorge, V. O. (1979), *A Estátua-Menir de Faiões (Chaves)*, Porto, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", 2.

Almeida, C. A. F. de e Mourinho, A. M. (1981), Pinturas Esquemáticas de Penas Róias, Terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, 3, pp. 43-48.

Almeida, Fernando de e Ferreira, O. da Veiga (1958), Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas, *Actas do Iº Congr. Nacion. Arqueol. (Lisboa, 1958)*, vol. I, Lisboa, pp. 231-234.

Álvarez Blázquez, José M. *et alii* (1970), Cista y ajuar funerario de Atios (Porriño), *Cuad. Est. Gallegos*, XXV, 75, pp. 21-36.

Álvarez García, A. (1981), Notas sobre metalurgia del Bronce en el Valle del Ebro, *Bajo Aragon, Prehistoria*, III, pp. 41-51.

Alves, F. Manuel (1975), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, IX (2ª ed.), Bragança, Museu do Abade Baçal.

Alves, F. Manuel e Amado, A. Martins (1968), *Vimioso - Notas Monográficas*, Coimbra, Junta Distrital de Bragança.

Alves, R. V. e Ferreira, J. M. (1959), Algumas grutas portuguesas de interesse arqueológico, *Actas e Memórias do Iº Congr. Nacion. Arqueol.*, vol. I, Lisboa, pp. 129-136.

Ambrosi, Augusto C. (1972), *Corpus delle Statue - Stele Lunigianesi*, Bordighera, Instituto Internazionale di Studi Liguri.

Ammerman, A. J. e Cavalli-Sforza, L. L. (1973), A population model for the diffusion of early farming in Europe, *The Explanation of Culture Change: Models in Prehistory* (ed. C. Renfrew), London, Duckworth, pp. 243-257.

idem (1979), The Wave of Advance Model for the Spread of Agriculture in Europe, *Transformations* (eds. C. Renfrew e K. L. Cooke), London, pp. 275-293.

Anati, E. (1966-67), L'Arte Rupestre Galiego-Portuguese: Evoluzione e Cronologia, *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV, pp. 51-122.

idem (1968), El arte rupestre galaico-portugués, *Simposio Internacional de Arte Rupestre (Barcelona, 1966)*, Barcelona, pp. 195-254.

idem (1968), *Arte Rupestre nelle Regioni Occidentali della Peninsula Iberica*, Capo di Ponte, Centro Camuno Studi Preistorici.

idem (1982), *Valcamonica: 10 000 Anni di Storia*, Capo di Ponte, Centro Camuno di Studi Preistorici, "Studi Camuni", VIII.

Anderson, A. (1978) The role of a competition model in the archaeological explanation of economic change, *Social Organisation and Settlement: Contributions from Anthropology, Archaeology and Geography* (eds. D. Green, C. Haselgrove e M. Spriggs), Oxford, B.A.R., "International Series", 47, pp. 31-46.

Andrés Rupérez, Mª T. (1973), El túmulo de "La Atalayuela" en Agoncillo (Logroño). Las estructuras tumulares del valle del Ebro, *Miscelánea de Arqueología Riojana*, pp. 127-138.

idem (1977), El poblamiento del Neo y Eneolítico en la Cuenca Média del Ebro en relacion con los yacimientos funerários, *Estudios del Seminario de Prehistoria, Arqueologia y História Antigua de la Facultad de Filosofia y Letras de Zaragoza*, III, pp. 33-49.

idem (1977), Las estruturas funerárias del Neolítico y Eneolítico en la Cuenca Média del Ebro. Consideraciones críticas, *Príncipe de Viana*, año 38, nºs 146-147, pp. 65-127.

idem (1978), El utillaje de piedra tallada en los sepulcros de época dolménica del Ebro Medio, *Caesaraugusta*, 45-46, pp. 14-41.

idem (1978), *Estudo Tipológico-Arquitectónico de los Sepulcros del Neolítico y Calcolítico de la Cueva Media del Ebro*, Univ. Zaragoza.

idem (1980), El Calcolítico Oscense, *IIªs Jornadas sobre el Estado Actual de los Estudios sobre Aragón*, pp. 173-177.

Andrés Rupérez, Mª T. e Utrilla Miranda, P. (1980), Prospecciones en yacimientos neoeneolíticos de la provincia de Zaragoza, *Caesaraugusta*, 51-52, pp. 69-81.

D'Anna, A. (1977), *Les Statues-Menhirs et Stèles Anthropomorphes du Midi Méditerranéen*, Paris, C.N.R.S.

Aparício Pérez, J. (1973), Avance a un estudio economico de la edad del Bronce Valenciano, *XII Congr. Nacional. Arqueol.* (Jaen, 1971), Zaragoza, pp. 211-218.

Apellániz, J. M. (1968), La datacion por el C 14 de las Cuevas de Gobaederra y los Husos I en Alava (dentro del conjunto de dataciones por este método de yacimientos del País Vasco). *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 3, pp. 139-145.

idem (1974), El grupo de Los Husos durante la Prehistoria con ceramica en el País Vasco, *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 7, pp. 7-409.

idem (1974), Avance al estudio sobre el grupo de los Husos durante la Prehistoria con ceramica, *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 6, pp. 67-78.

idem (1975), *El grupo de Santimamiñe durante la Prehistoria con Cerámica*, *Munibe*, ano 27, fasc. 1-2.

Apellániz, J. M. e Altuna, J. (1975), Excavaciones en la cueva de Arenaza I (San Pedro de Galdames Vizcaya). Primera Campaña, 1972. Neolítico e Mesolítico Final, *N.A.H.*, Praehistoria 4, pp. 122-154.

idem (1975), Memoria de la IIIº campaña de excavaciones arqueologicas en la Cueva de Arenaza I (San Pedro de Galdames, Vizcaya), *N.A.H.*, Prehistoria 4, pp. 121-154; 155-181; 183-197.

Arnal, J. (1963), Impressions de voyage au Portugal, *Rev. de Guimarães*, LXXIII, nºs 3-4, pp. 290-314.

idem (1966/67), Influences et échanges commerciaux entre le Nord de l'Europe et le littoral méditerranéen français, *Palaeohistoria*, 12, pp. 1-10.

idem (1976), L'art protohistorique: les statues-menhirs en France, *La Préhistoire Française*, Paris, C.N.R.S., T. II, pp. 211-221.

idem, *Les Statues-Menhirs, Hommes et Dieux*, Toulouse, ed. les Hespérides.

idem (1979), Les Statues-Menhirs de France, *Bolletino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, XVII, pp. 47-76.

Arnaud, J. M. (1971), Os povoados "neo-eneolíticos" de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa). Notícia preliminar, *Actas do IIº Congr. Nacion. Arqueol.*, I, Coimbra, pp. 199-221.

idem (1974/77), Escavações no Penedo do Lexim (Mafra)/1975. Notícia preliminar, *O Arqueólogo Português*, série III, vols. VII a IX, pp. 398-406.

idem (1978), O Megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas, *Actas das IIIªs Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, vol. I, pp. 91-112.

idem (1982), O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da Bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular, *Arqueologia*, 6, pp. 48-64.

Arnaud, J. M., Oliveira, U. S. de e Jorge, V. O. (1971), O povoado fortificado neo e eneolítico do Penedo de Lexim (Mafra). Campanha preliminar de escavações - 1970, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V, pp. 97-131.

Arnaud, J. M. e Gamito, T. J. (1972), O povoado fortificado neo e eneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas), *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VI, pp. 119-162.

idem (1978), Povoado calcolítico de Alcalar. Notícia da sua identificação, *Anais do Município de Faro*, nº VIII, pp. 275-282.

Arnold, D. E. (1985), *Ceramic Theory and Cultural Process*, London, Cambridge Univ. Press, "New Studies in Archaeology".

Arribas, A. (1959), El urbanismo peninsular durante el Bronce primitivo, *Zephyrus*, X, pp. 81-128.

idem (1968), Las bases económicas del Neolítico al Bronce, *Estudios de Economia Antigua de la Peninsula Iberica* (dir. M. Tarradell), Barcelona, ed. Vicens-Vives, pp. 33-60.

idem (1976), Las bases actuales para el estudio del Eneolítico y la Edad el Bronce en el Sudeste de la Peninsula Iberica, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 1, pp. 139-155.

idem (1976), A new basis for the study of the Early Neolithic and Bronze Age in South-East Spain, *To Illustrate the Monuments* (ed. V. Megaw), London, Thames and Hudson, pp. 153-162.

Arribas, A. *et alii* (1971), Estudio mineralógico de la variscite de Palazuelo de las Cuevas, Zamora (España), *Stud. Geol. (Salamanca)*, 2, pp. 115-132.

Arribas, A. *et alii* (1978), El poblado de la Edad del Cobre de "El Malagón" (Cullar-Baza, Granada), Campaña de 1975, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 3, pp. 67-101.

Arribas, A. *et alii* (1979), *El poblado de "Los Castillejos" en Las Peñas de Los Gitanos (Montefrío, Granada). Campaña de Excavaciones de 1971. El Corte nº 1, Cuad. Preh. Univ. Granada*, Série Monográfica, 3.

Arribas, A. *et alii* (1979), Excavaciones en Los Millares (Santa Fé, Almeria). Campañas de 1978 e 1979, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 4, pp. 61-110.

Arribas, A. e Molina, F. (1980), Nuevas aportaciones al inicio de la metalurgia en la Península Ibérica. El poblado de Los Castillejos de Montefrío (Granada), *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium*, Dublin, pp. 18-22.

Arribas, A. *et alii* (1981), Excavaciones en Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almeria), Campaña de 1981. *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 6, 61-121.

Arribas, A. e Molina, F. (1984), Estado actual de la investigación del Megalitismo en la Península Ibérica, *Scripta Praehistorica (Francisco Jordá-Oblata)*, Salamanca, pp. 63-112.

Arruda, A. M. *et alii* (1980), A necrópole da Idade do Bronze do monte do Vale de Carvalho (Sítimos), *Clio*, 2, pp. 59-66.

Arteaga, O. e Schubart, H. (1980), Fuente Alamo. Excavaciones de 1977, *N.A.H.*, 9, pp. 245-292.

Asquerino Férnandez, M. D. (1979), "Fondos de Cabaña" del Cerro de la Cervera (Mejorada del Campo, Madrid), *T.P.*, 36, pp. 119-150.

idem (1980), Prospecciones en Mejorada del Campo (Madrid), *N.A.H.*, pp. 131-214.

Audouze, F. e Gaucher, G. (1981), *Typologie des Objets de l'Âge du Bronze en France, Fasc. VI: Epingles*, Paris, S.P.F.

Bahn, P. (1984), The Neolithic of the French Pyrenees, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6 000 - 2 000 b.c.* (ed. Christopher Scarre), Edimburgh University Press, pp. 184-222.

Balbin, R. Behrmann (1978), Problemática actual de la cronologia radioactiva en relación con la tradicional durante el megalitismo y el eneolítico, *C 14 y Prehistoria de la Península Ibérica* (Reunión 1978), Madrid, Série Universitaria Fundación Juan March - 77, pp. 71-81.

Baldellou, V. (1981), El Neo-Eneolítico Alto Aragonês, *I2 Reunion de Prehistoria Aragonesa*, Huesca, pp. 57-90.

Balfet, H., Fauvet-Berthelot, M.-F e Marzon, S. (1983), *Pour la Normalisation de la Description des Poteries*, Paris, C.N.R.S.

Baptista, A. M. (1980), Introdução ao estudo da arte pré-histórica do Noroeste Peninsular. Gravuras

rupestres do Gião, *Minia*, 2ª série, ano III, nº 4, pp. 80-100.

idem (1981), *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, G.E.A.P., "Monografias Arqueológicas", 1.

idem (1981), A arte do Gião, *Arqueologia*, 3, pp. 56-66.

idem (1981), O complexo de gravuras rupestres da Bouça do Colado (Parada - Lindoso), *Giesta*, ano I, nº 4, pp. 6-16.

idem (1982), A estátua-menir feminina da Ermida (Ponta da Barca), *Arqueologia*, 5, pp. 67-69.

idem (1983), O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia*, 8, pp. 57-69.

idem (1983-84), Arte Rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste), Porto, pp. 71-82.

idem (1985), A estátua-menir da Ermida, Ponte da Barca - Portugal, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. III, pp. 7-44.

Barandiarán, I. (1973), Nota preliminar sobre el entarramiento colectivo de "La Atalayuela" en Agoncillo (Logroño), *Miscelánea de Arqueologia Riojana*, 3, pp. 79-99.

idem (1975), Revisión estratigráfica de la Cueva de la Mora (Somaén, Soria), 1968, *N.A.H.*, Prehistoria, 3, pp. 11-71.

idem (1977), Cueva de Los Encantados (Belchite, Zaragoza), *N.A.H.*, 16, pp. 11-49.

Barandiarán, J. M. *et alii* (1964), Excavación del dólmen de El Sotillo (Rioja Alavesa), *Boletin de la Institución "Sancho el Sabio"*, año VIII, tomo VIII, nºs 1 e 2, pp. 29-66.

Barandiarán, J. M. e Fernández-Medrano, D. (1964), Excavación del dólmen de San Martin (Laguardia), *Boletin de la Institución "Sancho el Sabio"*, t. VIII, nºs 1 e 2, pp. 41-66.

Barandiarán, I. e Martin Bueno, M. (1971/72), Novedades sobre las edades de los metales en Aragón, *Caesaraugusta*, 35-36, pp. 53-69.

Barandiarán, I. e Basabe, J. M. (1978), El yacimiento eneolítico de La Atalayuela en Agoncillo (Logroño), *Príncipe de Viana*, pp. 381-422.

Barandiarán, I. e Vallespé, E. (1980), *Prehistoria de Navarra*, Trabajos de Arqueologia de Navarra, 12, Pamplona, Diputación Foral de Navarra, Museu de Navarra, Institución Príncipe de Viana.

Barandiarán, I. e Cava, A. (1981), Neolítico e Eneolítico en las provincias de Teruel y Zaragoza, *Iº Reunión de Prehistoria Aragonesa*, Huesca, pp. 91-112.

Barker, G. (1985), *Prehistoric Farming in Europe*, Cambridge University Press, "New Studies in Archaeology".

Barroso Ruiz, C. (1983), Tipologia de ídolos oculados en pintura rupestre esquemática en Andalucia, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 131-136.

Bãrtholo, M. L. (1959), Alabardas da época do Bronze no Museu Regional de Bragança, *Actas e Memórias do Iº Congr. Nacion. Arqueol.*, I, Lisboa, pp. 431-439.

Bêcares, J. (1974), Nuevas pinturas en las Batuecas: el Covacho del Pallón, *Zephyrus*, XXV, pp. 281 - -291.

Bêcares, J. *et alii* (1980), Pinturas rupestres esquemáticas del Bonete del Cura (Ciudad Rodrigo, Salamanca), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 131-146.

Becker, C. J. (1966-67), The inter-relationship of the TRB and Batte-axe cultures in Denmark, *Palaeohistoria*, 12, pp. 33-40.

Beirão, C. de M. e Silva, C. T. da (1978), O monumento megalítico II de Fernão Vaz (Ourique), *Setúbal Arqueologica*, IV, pp. 29-45.

Bello Diêguez *et alii* (1984), Medio físico y sociedades megalíticas. Aproximacion a los problemas constructivos de los megálitos en el NW Peninsular, *Gallaecia*, 7/8, pp. 31-58.

Bello Diêguez *et alii* (1984), Megalitismo e medio geológico en el Noroeste Peninsular, *Rev. de Guimarães*, XCIV, pp. 300-306.

Belo, R., Trindade, L. e Ferreira, O. (1961), Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras), *Comun. Serv. Geol. Port.*, XLV, pp. 391-418.

Beltrán, A. (1975-76), El problema de la cronologia del arte rupestre esquemático español, *Caesaraugusta*, 39-40, pp. 5-18.

idem (1983), El arte esquemático en la Península Ibérica: origens e interrelación. Bases para un debate, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 37-42.

Bender, B. (1977), *Farming in Prehistory - from Hunter-Gatherer to Food-Producer*, London, John Baker (2ª ed.).

Berdichewsky, B. (1964), *Los Enterramientos en Cuevas Artificials del Bronce I Hispánico*, Madrid, C.S.I.C., "Bibliotheca Praehistorica Hispana".

Bernabeu, J. (1984), *El Vaso Campaniforme en el Pais Valenciano*, Valencia, Servicio de Investigacion Prehistorica. Diputacion Provincial, "Série de Trabajos Varios", nº 80.

Bettencourt, A. (1982), A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro, *Arqueologia*, 5, pp. 40-43.

Binford, L. R. (1965), Archaeological systematics and the study of culture process, *American Antiquity*, 31, pp. 203-210.

idem (1971), Mortuary practices: their study and their potential, *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices* (ed. J. A. Brown), "Memoirs of the Society for American Archaeology", 25, pp. 6-29.

idem (1972), *An Archaeological Perspective*, New York, Seminar Press.

idem (1982), Meaning, inference and the material record, *Ranking, Resource and Exchange* (ed. C. Renfrew e S. Shennan), Cambridge, Univ. Press, pp. 160-163.

Binford, L. R. (1984), *In Pursuit of the Past. Decoding the Archaeological Record*, London, Thames and Hudson.

Bintliff, J. (1982), Settlement patterns land tenure and social structure: a diachronic model, *Ranking Resource and Exchange* (ed. C. Renfrew e S. Shennan), Cambridge, Univ. Press, pp. 106-111.

Birot, P. (1945), Sur la morphologie de Trás-os-Montes. Vallée supérieur du Tâmega, *Bul. Associat. Géographes Français*, 173/174, pp. 108-120.

idem (1949), Les surfaces du Portugal Central et Septentrional, *Rapport de la Commission pour la Cartographie des Surfaces d'Aplanissement* (Congrès Intern. Géographie, Lisbonne, 1949), pp. 5-116.

idem (1950), *Le Portugal*, Paris, Armand Colin.

idem (1952), Le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique, UGI - *Proceed. 17 th. Intern. Congress-Washington*, p. 212 ss.

Birot, P. e Sebaris, L. S. (1954), *Recherches Morphologiques dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique*, Paris, C.N.R.S., "Mémoirs et Documents", 4.

Blanchet, J.-C. (1984), *Les Premiers Metallurgistes en Picardie et dans le Nord de la France*, Paris, S.P.F. "Mémoirs de la Société Préhistorique Française", 17.

Blance, B. (1961), Early Bronze Age colonist in Iberia, *Antiquity*, 35, pp. 192-202.

idem (1964), The argaric Bronze Age in Iberia, *Rev. de Guimarães*, pp. 129-142.

idem (1971), *Die Änfange der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel*, Berlin, Gebr. Mann Verlag, Römisch-Germanisches Zentralmuseum.

Blanco Freijeiro, A. (1984), Mineros y metalúrgicos antiguos en Huelva, *Investigación y Ciencia*, 90, pp. 100-109.

Blas Cortina, M. A. (1978), La edad del Bronce. Las primeras sociedades metalúrgicas hasta los comienzos de la cultura castreña, *Historia General de Asturias. Prehistoria e Historia Antigua*, Cañada, Ed. Silverio, pp. 97-112.

idem (1983), *La Prehistoria Reciente en Asturias*, Oviedo, Fundación Pública de Cuevas y Yacimientos Prehistóricos de Asturias, "Estudios de Arqueologia Asturiana", 1.

idem (1983-84), El Megalitismo em Asturias: consideraciones sobre el estado actual de la investigación, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Porto 1983), Porto, pp. 63-70.

idem (1984), Sintesis de la Edad del Bronce en Asturias, *Arqueologia*, 9, pp. 68-80.

Blasco Bosqued, M. C. (1982), El Negralejo, un yacimiento de la Edad del Bronce en Madrid, *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas*, Madrid, pp. 101-135.

Bordes, F. (1950), Principes d'une méthode d'étude des techniques de débitage et de la typologie du Paléolithique ancien et moyen, *L'Anthropologie*, 54 (1-2), pp. 19-34.

idem (1961), *Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen* (2 vols.), Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux, nº 1.

Bosch-Gimpera, P. (1932), *Etnologia de la Península Iberica*, Barcelona, Alpha.

idem (1944), *El Poblamiento Antiguo y la Formation de los Pueblos de España*, México.

idem (1954), La Edad del Bronce de la Peninsula Iberica, *Archivo Español de Arqueologia*, XVII, 89-90, pp. 45-92.

idem (1961), Los problemas del neo-eneolítico peninsular y el Simposio de 1959, *Zephyrus*, XII, pp. 43-53.

idem (1969), La cultura de Almeria, *Pyrenae*, 5, pp. 47-93.

idem (1973), Galicia y las relaciones atlanticas en el eneolítico y en la Edad del Bronce, *Cuad. Est. Gallegos*, XXVIII, 84, pp. 32-40.

Botelho, H. (1902), Arqueologia de Trás-os-Montes, *O Arqueólogo Português*, s. I, vol. VII, 6, pp. 149-155.

Bouza Brey, F. (1941), El tesouro prehistórico de Caldas de Reys (Pontevedra), *Actas y Memorias. Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria*, XVI, pp. 370-385.

Bouza-Brey, F. *et alii* (1973), Excavación de túmulos dolménicos en San Andrés de Lousada (Lugo), *N.A.H. Prehistoria*, 2, pp. 41-55.

Bouza-Brey, F. *et alii* (1974), Novos exemplares de cerâmica campaniforme na Galiza, *Actas do IIIº Congr. Nacion. de Arqueol.*, vol. I, Porto, pp. 53-66.

Bradley, R. (1978), *The Prehistoric Settlement of Britain*, London, Routledge e Kegan Paul.

idem (1984), *The Social Foundations of Prehistoric Britain*, London, Longman.

Braithwaite, M. (1982), Decoration as ritual symbol: a theoretical proposal and an ethnographic study in Southern Sudan, *Symbolic and Structural Archaeology* (ed. I. Hodder), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 80-88.

idem (1984), Ritual and prestige in the Prehistory of Wessex c.2 200-1 400 B.C.: a new dimension to the archaeological evidence, *Ideology, Power and Prehistory* (ed. D. Miller e C. Tilley), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 93-110.

Brandão, D. de P. (1961), Insculturas do Monte de Eirô - Penha Longa (Marco de Canaveses), *Lucerna*, I, nº 2, pp. 45-58.

Braun-Blanquet *et alii* (1956), Resultats de deux excursions geobotaniques a travers le Portugal Septentrional et Moyen, *Agronomia Lusitana*, XVIII, tomo III, pp. 165-235.

Breuil, H. (1918-19), Les peintures rupestres de la Péninsule Ibérique, *L'Anthropologie*, 29, pp. 1-27.

idem (1933-35), *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique*, Lagry, vols. I-IV.

Brézillon, M. N. (1971), *La Dénomination des Objects de Pierre Taillée. Matériaux pour un Vocabulaire des Préhistoriens de Langue Française*, Paris, C.N.R.S., Suppl. *Gallia Préhistoire* (2ª ed.).

Briard, J. (1976), *L'Âge du Bronze en Europe Barbare - des Mégalithes aux Celtes*, Toulouse, Ed. des Hespérides.

idem (1980), Problèmes metallurgiques du Bronze Armoricain: étain, plomb et argent, *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium*, Dublin, pp. 81-96.

idem (1984), *Les Tumulus d'Armorique*, Paris, Picard, "L'Âge du Bronze en France", 3.

Briard, J. e Mohen, J.-P. (1983), *Typologie des Objects de l'Âge du Bronze en France, fasc. II: Poignards, Hallebardes, Pointes de Lance, Pointes de Fléche, Armement Défensif*, Paris, S.P.F.

Brun, P. e Gaucher, G. (1983), L'étude des habitats de l'Âge du Bronze dans la moitié nord de la France, *Enclos Funéraires et Structures d'Habitat en Europe du Nord-Ouest*, Rennes, "Travaux du Laboratoire Anthropologie - Prehistoire, Protohistoire - Quaternaire Armoricains", pp. 45-76.

Bubner, M.A.H.P. (1979), Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa, *Ethnos*, VIII, pp. 31-86.

Bubner, T. (1979), Ocupação campaniforme do Outeiro de S. Bernardo (Moura), *Ethnos*, VIII, pp. 139-152.

idem (1979), Die Äneolithische Siedlung auf dem Miradouro dos Capuchos, *M.M.*, 20, pp. 11-42.

Bueno, P. e Fernandez-Miranda, M. (1981), El Peñatu de Vidiago (Llanes, Asturias), *Altamira Symposium*, pp. 451-467.

Burgess, C. (1974), The Bronze Age, *British Prehistory - A New Outline* (ed. C. Renfrew), London, Duckworth, pp. 165-232.

idem (1980), The background of early metalworking in Ireland and Britain, *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium*, Dublin, pp. 207-214.

idem (1980), *The Age of Stonehenge*, London, J. M. Dent e Sons Ltd.

Burgess, C. e Shennan, S. (1976), The Beaker phenomenon: some suggestions, *Settlement and Economy in the Third and Second Millennia B.C.* (ed. C. Burgess e R. Miket), Oxford, B.A.R., "Series", 33, pp. 309-326.

Burnez, C. (1976), *Le Néolithique et le Chalcolithique dans le Centre-Ouest de la France*, Paris, Société Préhistorique Française, "Mémoires de la S.P.F.", nº 12.

Burkill, M. (1984), The Middle Neolithic of the Paris Basin, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 bc* (ed. C. Scarre), Edinburgh Univ. Press, pp. 34-61.

Butler, J. J. e vand der Waals, J. D. (1966/67), Bell Beakers and early metal-working in the Netherlands, *Palaeohistoria*, 12, pp. 41-139.

Butzer, K. W. (1965), *Environment and Archaeology - an Introdution to Pleistocene Geography*, London, Methuen e Cº Limited.

Cabo, A. e Vigil, M. (1975), *Condicionamentos Geográficos. Edad Antigua*, Madrid, Alianza ed. (2ª ed.),

"História de España Alfaguara", I.

Cabral, J. M. P. e Soares, A. M. (1984), Datação pelo Radiocarbono II - sobre a estimação do verdadeiro valor das datas de radiocarbono e a comparação de duas datas, *Arqueologia*, 10, pp. 89-99.

Cabré Aguiló, J. (1930), *Excavaciones en Las Cogotas, Cardeñosa (Avila). El Castro*, Memórias Junta Superior de Excavaciones y Antiguidades, 110.

idem (1943), El tesoro de orfebreria de Santiago de la Espada (Jaen), *Archivo Español de Arqueologia*, nº 53, pp. 343-360.

Cajal Santos, N. (1981), Materiales de la Cueva de la Mora de Somaen (Soria), en el Museo Arqueológico Nacional, *T.P.*, 38, pp. 193-218.

Cailleux, A. (s/d), *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*, Paris, Boubée.

Caldas, E. de C. e Loureiro, M. S. (1966), *Regiões Homogéneas no Continente Português. Primeiro Ensaio de Delimitação*, Lisboa, I.N.I.I.

Calo Lourido, F. e González Reboredo, X. M. (1980), Estación de arte rupestre de Leiro (Rianxo - A Coruña), *Gallaecia*, 6, pp. 207-216.

Calo Lourido, F. e Sierra Rodríguez, X. C. (1983), As orixenes do Castrexo no Bronce Final, *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia* , Univ. Santiago de Compostela, pp. 19-86.

Camps-Fabrer, H. (1968), *Industrie Osseuse Épipaléolithique et Néolithique du Maghreb et du Sahara*, Paris, Arts et Métiers Graphiques.

Camps, G. (1979), *Manuel de Recherche Préhistorique*, Paris, Doin Éditeurs.

idem (1984), Les relations entre l'Europe et l'Afrique du Nord pendant le Néolithique et le Chalcolithique, *Scripta Praehistorica (Francisco Jorda-Oblata)*, Salamanca, pp. 187-208

Canelhas, M. G. S. (1973), Estudo radiográfico de "calaítes" portuguesas, *Rev. de Guimarães*, LXXXIII, pp. 125-145.

Capel Martínez, J. *et alii* (1979), Métodos analíticos aplicados a ceramicas de la Edad del Bronce, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 4, pp. 345-360.

Capel, J. *et alii* (1981), Nuevas sepulturas prehistoricas en la Cuenca del Rio Cacin (Alhama de Granada), *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 6, pp. 123-165.

Cardoso, J. L. (1980), O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa-Portugal) - estudo da colecção do pintor Álvaro de Brée, *Rev. de Guimarães*, XC, pp. 211-304.

idem (1981), O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal) - estudo da colecção do pintor Álvaro de Brée, *Rev. de Guimarães*, XCI, pp. 190-234.

Cardoso, J. L. *et alii* (1983-84), O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras), 1ª e 2ª campanhas de escavação (1982, 1983), *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 41-68.

Cardoso, J. L. *et alii* (1985), O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras), (Resumo da comunicação foto

copiada, apresentada ao colóquio sobre "O Calcolítico do Centro e Sul de Portugal", UNIARCH e MAEDS, Abril 1985).

Cardozo, M. (1929-30), Jóias arcaicas encontradas em Portugal, *Nós*, XI-XII, nºs 72 e 75, pp. 208-218; 44-63.

idem (1943), Escavações na citânia de Briteiros, *Rev. de Guimarães*, LIII, pp. 249-250.

idem (1944), Novo achado de jóias pré-romanas, *Rev. de Guimarães*, LIV, nºs 1-2, pp. 19-28.

idem (1950), Mais uma achega para o estudo da joalharia pré-histórica portuguesa, *Bol. Grupo dos Alcaides de Faria*, pp. 17-23.

idem (1960), Breves observações a propósito das análises espectográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao Museu de "Martins Sarmento", *Rev. de Guimarães*, LXX, pp. 169-184.

idem (1967), Elementos bibliográficos para o estudo da joalharia arcaica luso-espanhola, *Rev. de Guimarães*, LXXVII, nºs 3-4, pp. 329-376.

idem (1968), Bibliografia das jóias arcaicas da Península Ibérica, *Rev. de Guimarães*, LXXVIII, nºs 1-2, pp. 85-88.

idem (1968), Citânica de Briteiros, *Rev. de Guimarães*, LXXVIII, nºs 3-4, pp. 291-296.

idem (1968), Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães), *Rev. de Guimarães*, LXXVIII, nºs 3-4, pp. 273-281.

idem (1970), Die vorgeschichtliche Höhensiedlung von Penha Bei Guimarães/Portugal, *M.M.*, 11, pp. 91-95.

idem (1971), A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do IIº Congr. Nacion. Arqueol.*, I, Coimbra, pp. 239-259.

Carneiro, R. L. (1970), A theory of the origin of the state, *Science*, 169, pp. 733-738.

idem (1981), The chiefdom: percursor of the State, *The Transition to the Statehood in the New World* (eds. G. D. Jones e R. R. Kantz), Cambridge University Press, pp. 37-79.

Caro Baroja, J. (1968), Sobre el estudio económico de la España Antigua, *Estudios de Economía Antigua de la Península Ibérica* (dir. M. Tarradell), Barcelona, ed. Vicens-Vives, pp. 11-17.

idem (1975), *Los Pueblos de España*, Madrid. Ed. Istmo.

Caro Bellido, A. (1982), Notas sobre el Calcolítico y el Bronce en el borde de las marismas de la margen izquierda del Guadalquivir, *Gades*, 9.

Carr, C. (1984), The nature of organization of intrasite archaeological records and spatial analytic approaches to their investigations, *Advances in Archaeological Method and Theory*, 7 (ed. M. B. Schiffer), London, Academic Press, pp. 103-222.

Carrasco Rus *et alii* (1980), *Vestigios Argáricos en el Alto Guadalquivir*, Publicaciones del Museo de Jaen, 6.

Cartailhac, E. (1886), *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, Ch. Reinwald Li - brairie.

Case, H. (1966-67), Were Beaker-people the first mettalurgist in Ireland?, *Palaeohistoria*, 12, pp. 141-178.

idem (1977), The Beaker culture in Britain and Ireland, *Beakers in Britain and Europe* (ed. P. Mercer), B.A.R., "Supplementary Series", 26, pp. 71-101.

idem (1977), An early accession to the Ashmolean Museum, *Ancient Europe and the Mediterranean*, Ed. Aris e Phillips Lda., pp. 19-34.

Castillo, A. del (1922), *La cerâmica Incisa de la Cultura de las Cuevas de la Península Ibérica y el Problema del Origen de la Espécie del Vaso Campaniforme*, Annuário de la Universidad de Barcelona.

idem (1928), *La Cultura del Vaso Campaniforme (su Origen y Extensión en Europa)*, Univ. Barcelona.

idem (1943), Cronologia de la cultura del vaso campaniforme en la Peninsula Iberica, *Archivo Español de Arqueologia*, 53, pp. 388-435.

idem (1947), El Neo-eneolítico, *História de España* (dir. Menéndez Pidal), vol. I, t. I, Madrid, pp. 489-597.

idem (1947), La gran cultura hispánica del pleno Eneolítico: el vaso campaniforme, *História de España* (dir. Menéndez Pidal), vol. I, t. I., Madrid, pp. 599-657.

Castro, L. de A. *et alii* (1957), O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades), *Comunicação dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXVIII, fasc. II, pp. 325-346.

Cerdeño, M. L. (1981), Sigüenza. Enterramientos tumulares de la Meseta Oriental, *N.A.H.*, 11, Nova Sé rie, pp. 189-208.

Cerdeño, M. L. *et alii* (1980), El yacimiento de la Edad del Bronce de la Torrecilla (Getafe, Madrid), *N.A.H.*, 9, pp. 215-244.

Champion, S. (1980), *A Dictionary of Terms and Techniques in Archaeology*, Oxford, Phaidon Press.

Champion, T. (1982), Fortification, ranking and subistence, *Ranking, Resource and Exchange: Aspects of the Archaeology of Early European Society* (ed. C. Renfrew e S. Shennan), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 61-66.

Champion, T. *et alii* (1984), *Prehistoric Europe*, London, Academic Press.

Chang, K. C. (1976), *Nuevas Perspectivas en Arqueologia*, Madrid, Alianza Ed..

Chapman, R. W. (1978), The evidence for prehistoric-water control in South-East Spain, *Jornal of Arid Environments*, 1. pp. 261-274.

idem (1979), Transhumance and megalithic tombs in Iberia, *Antiquity*, LII, pp. 150-152.

idem (1981), The emergence of formal disposal areas and the "problem" of megalithic tombs in prehistoric Europe, *The Archaeology of Death* (ed. R. Chapman, J. Kinnes e K. Randsborg), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 71-82.

idem (1981), Archaeological theory and communal burial in prehistoric Europe, *Patterns of the Past: Studies in Honour of David Clarke*, Cambridge University Press, pp. 387-411.

idem (1981), Los Millares y la cronología relativa de la Edad del Cobre en el sudeste de España, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 6, pp. 75-89.

idem (1981), The megalithic tombs of Iberia, *Antiquity and Man. Essays in Honour of Glyn Daniel* (eds. J. Evans, B. Cunliffe e C. Renfrew), London, Thames and Hudson, pp. 93-105.

idem (1982), Autonomy, ranking and resources in Iberian Prehistory, *Ranking, Resource and Exchange: Aspects of the Archaeology of Early European Society* (eds. C. Renfrew e S. Shennan), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 46-51.

idem (1983), The megalithic tombs of Iberia, *The Megalithic Monuments of Western Europe*, (ed. C. Renfrew), London, Thames and Hudson, pp. 29-41.

idem (1984), Early metallurgy in Iberia and the Western Mediterranean: innovation, adoption and production, *Early Settlement in the Western Mediterranean Islands and the Peripheral Areas* (ed. W. H. Waldren), B.A.R., "International Series", 299, pp. 1139-1161.

idem (1985), The Later Prehistory of Western Mediterranean Europe: recent advances, *Advances in World Archaeology*, 4, London, Academic Press, pp. 115-187.

Chapman, R. W. *et alii* (ed.) (1981), *The Archaeology of Death*, Cambridge University Press.

Childe, V. G. (1930), The origin of the Bell Beaker, *Man*, XXX, pp. 141-142.

idem (1947), *O Homem Faz-se a Si Próprio*, Lisboa, Cosmos.

idem (1951), *Social Evolution*, London, Watts e Co.

idem (1960), *A Pré-História da Sociedade Europeia*, Lisboa, Europa-América.

idem (1961), *Introdução à Arqueologia*, Lisboa, Europa-América.

idem (s/d), *Para uma Recuperação do Passado*, Lisboa, Bertrand.

Clark, G. (1952), *Prehistoric Europe, the Economic Basis*, London, Methuen e Cº Ltd.

idem (1966), *Arqueologia e Sociedade*, Coimbra, Livraria Almedina.

idem (1977), *World Prehistory in New Perspective*, Cambridge University Press (3ª ed.).

Clark, R. M. (1975), An objectively derivated calibration curve of radiocarbon dates, *Antiquity*, 49, pp. 251-266.

Clarke, D. L. (1966-67), A tentative reclassification of british Beaker pottery in the light of recent research, *Palaechistoria*, 12, pp. 179-198.

idem (1968), *Analytical Archaeology*, London, Methuen.

idem (1970), *Beaker Pottery of Great Britain and Ireland*, Cambridge University Press.

idem (1976), The Beaker network-social and economic models, *Glockenbecher Symposiom Oberried, 1974*, (eds. J. N. Lanting e J. D. van der Waals), pp. 460-475.

idem (1977), Spatial information in Archaeology, *Spatial Archaeology* (ed. D. L. Clarke), London, Academic Press, pp. 1-32.

Coelho, J. (1925), *Estudos Pré-históricos. A Necrópole de Paranho*, Viseu.

idem (1948), Notas Arqueológicas, *Ethnos*, III, pp. 281-298.

Coffyn, A. (1982), *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, de Boccard, Publications du Centre Pierre Paris, 11.

idem (1983), La fin de l'Âge du Bronze dans le Centre-Portugal, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. I, pp. 169-196.

Coghlan, H. H. (1975), *Notes on the Prehistoric Metallurgy of Copper and Bronze in the Old World*, Oxford, University Press.

Cohen, M. N. (1981), *La Crisis Alimentaria de la Prehistoria. La Superpoblación y los Orígenes de la Agricultura*, Madrid, Alianza Ed.

Coles, J. M. (1977), *Arqueologia Experimental*, Livr. Bertrand.

idem (1981), Metallurgy and Bronze Age Society, *Studien zur Bronzezeit. Festschrift für W. A. von Brunn* (ed. H. Lorenz), Mainz, pp. 95-105.

idem (1982), The Bronze Age in Northwestern Europe: problems and advances, *Advances in World Archaeology*, 1, (eds. F. Wendorf e A. E. Close), London, Academic Press, pp. 266-322.

Coles, J. M. e Harding, A. F. (1979), *The Bronze Age in Europe. An Introduction to the Prehistory of Europe c. 2000-700 B.C.*, London, Methuen e Coltd.

Comissão de Coordenação da Região Norte (1980), *Propostas de Linhas de Estratégia para o Desenvolvimento da Região do Norte*, I, Porto, Ministério da Administração Interna.

Connor, J. (1968), *Economic Independence and Social Interaction: Related Variables in Culture Change*, Chicago, Dept. Anthropology, Field Museum of Natural History.

Constantin, C. *et alii* (1982), Interrogations directes et interrogations indirectes sur les fouilles néolithiques de la Vallée de l'Aisne, *Interrogation Directe et Interrogation Indirecte des Données de Fouille*, Séminaire sur les Structures d'Habitat, Paris, Collège de France, pp. 21-36.

Conkey, M. W. (1982), Boundedness in art and society, *Symbolic and Structural Archaeology* (ed. I. Hodder), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 115-128.

Correia, A. M. (1924), *Os Povos Primitivos de Lusitânia*, Porto, Figueirinhas.

Correia, A. M. e Teixeira, C. (1949), *A Jazida Pré-Histórica de Eira-Pedrinha (Condeixa)*, Lisboa, Serv. Geológicos de Portugal.

Correia, V. (1922), Arte rupestre em Portugal. A Pala Pinta, *Terra Portuguesa*, IV, nº 3334, pp. 145--147.

Cortez, F. R. (1948), *Arqueologia da Região Produtora do Vinho do Porto*, Instituto do Vinho do Porto, Cad. nº 100.

idem (1949), Dos años de excavaciones en el Duero. Resultados, *IVº Congr. Arqueol. del Sudeste*, Almeria, pp. 89-95.

idem (1950), Nuevos materiales para el estudio de la Edad del Bronce de Trás-os-Montes y Alto Duero (Portugal), *Crónica del Iº Congr. Nacion. Arqueol. y del Vº Cong. Arqueol. del Sudeste. Almeria 1949*, Cartagena, pp. 149-188.

idem (1951), As Escavações Arqueológicas do "Castellum" da Fonte do Milho. Contributo para a Demogenia Duriense, *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, 1.2 (1), pp. 17-88.

idem (1952), Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal, *Trab. Antropol. e Etnol.*, XIII, fasc. 3-4, pp. 193-248.

Costa, M. da (1907-8), Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal: grutas sepulcrais da Quinta do Anjo, *O Arqueólogo Português*, s. I, vol. XII, pp. 320-338.

Courbin, P. (1982), *Qu'est-ce que l'Archéologie?*, Paris, Payot.

Courtin, J. (1967), Le problème de l'obsidienne dans le Néolithique du Midi de la France, *Rivista di Studi Liguri*, 33, pp. 93-109.

Courtin, J. e Evroux, K. (1974), Aperçu sur l'agriculture préhistorique dans le Sud-Est de la France, *B.S.P.F.*, t. 71, "Études et Travaux", fasc. 1, pp. 321-334.

Courtin, J. e Onoratini, G. (1976), L'habitat campaniforme du "Fortin-du-Saut", Châteauneuf-les-Martigues (Bouches-du-Rhône), *Congrès Préhistorique de France*, XXème Session, pp. 109-121.

Courtin, J. e d'Anna, A. (1985), La céramique campaniforme du site des Lauzières, Lourmarin, Vaucluse, *Bul. Arch. Prov.*, nº 15, pp. 5-9.

Criado Boado, F. (1980), Aportaciones al estudio de la economia megalitica: analisis de microdesgaste en instrumentos liticos, *Gallaecia*, 6, pp. 197-206.

Criado Boado, F. *et alii* (1981), Nuevos hallazgos de campaniforme en la provincia de Lugo, *Cuad. Est. Gallegos*, XXXII, 96-97, pp. 455-461.

Criado Boado, F. e Vázquez Varela, J. M. (1982), *La Cerámica Campaniforme en Galicia*, Coruña, "Cuad. Sem. Sargadelos", 42.

Criado Boado, F. *et alii* (1986), *La Construcción del Paisaje: Megalitismo y Ecología. Sierra de Barbanza*, Santiago, Xunta de Galicia, Consellería de Educación e Cultura, Dirección Xeral do Patrimó-

nio Artístico e Monumental, "Arqueoloxía/Investigacion".

Cruz, A. (1940), Novos vestígios da ocupação do termo do Porto pelos romanos (a necrópole do Rodrigo Velho, Bougado), *Bol. Cult. da Câmara Municipal do Porto*, III, fasc. 2, pp. 203-215.

Cruz, D. J. (1980), Contribuição para o levantamento cartográfico do conjunto megalítico da serra da Aboboreira (concelho de Amarante e Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Guimarães (1979), pp. 23-40.

idem (1983), Escavação da mamoa 1 da Chã de Carvalhal - Serra da Aboboreira (conc. de Marco de Canavezes), *Arqueologia*, 7, pp. 74-75.

Cunha, A. M. C. L. e Silva, E. J. da (1980), Gravuras rupestres do concelho de Valença (Monte de Fortes (Taião), Tapada de Ozão e Monte de Laje), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, II, Guimarães (1979), pp. 121-131.

idem (1982), *Escavação da Mamoa 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira - concelho de Amarante)*, G.I.A.N. "Trabalhos do Grupo de Investigação Arqueológica do Norte", 1.

Cura Morera, M. (1979-89), Consideracions sobre les esteles - antropomorfes del Llenguadoc, *Pyrenae*, nºs 15-16, pp. 143-165.

Cura Morera, M. e Castells, J. (1977), Évolution et typologie des mégalithes de Catalogne, *L'Architecture Mégalithique*, Vannes, "Societé Polymathique du Morbihan", pp. 71-97.

Daniel, G. (1958), *The Megalith Builders of Western Europe*, London, Hutchinson.

idem (1973), Spain and the problem of european megalithic origins, *Estudios Dedicados al Professor Dr. Luís Pericot*, Barcelona, pp. 209-214.

Daveau, S. (1980), Espaço e tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos, *Clio*, 2, pp. 13-37.

idem (1981), Arqueologia e geografia, *Arqueologia*, 4, pp. 46-49.

Davidson, I. (1980), Transhumance, Spain and ethnoarchaeology, *Antiquity*, LIV, pp. 144-147.

Davidson, I e Bailey, G. N. (1984), Los yacimientos, sus territorios y la topografia, *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, t. II, 1, pp. 25-46.

Debénath, A. *et alii* (1984), Le Camp Néolithique de Chez Reine à Semussac (Charente-Maritime), II, Le Milieu, *Gallia Préhistoire*, t. 27, 1, pp. 41-65.

Deetz, J. (1965), *The Dynamics of Stylistic Change in Arikara Ceramics*, Urbana, University of Illinois Press, "Illinois Studies in Anthropology", 4.

idem (1968), Cultural patterning of behaviour as reflected by archaeological materials, *Settlement Archaeology* (ed. K. C. Chang), Palo Alto, National Press, pp. 31-42.

Deetz, J. e Dethlefsen, E. (1965), The doppler effect and archaeology: a consideration of spatial aspects of seriation, *Southwestern Journal of Anthropology*, 21, pp. 196-206.

De Laet, S. (1967), *La Préhistoire de l'Europe*, Bruxelles, Ed. Meddens.

Delgado, N. (1892), *As Cavernas em Geral e Especialmente as de Santo Adrião em Trás-os-Montes*, Porto, Liv. Chardran.

idem (1882-1892), Reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos, *Comissão dos Trabalhos dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. II, pp. 45-55.

idem (1892), As cavernas em geral e especialmente as de Santo Adrião em Trás-os-Montes, *Comissão dos Trabalhos dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. II, pp. 3-16.

Delibes de Castro, G. (1973), El poblado del Bronce inicial de Cantazorras, en Donhierro (Segovia), *B.S.A.A.*, XXXIX, pp. 386-389.

idem (1973), Nuevos hallazgos de la Edad del Bronce en la Meseta Norte, *B.S.A.A.*, XXXIX, pp. 383-395.

idem (1976-77), Poblamiento eneolítico en la Meseta Norte, *Sautuola* II, XV, pp. 141-151.

idem (1977), *El Vaso Campaniforme en la Meseta Norte Española*, Univ. de Valladolid.

idem (1978), Carbono 14 y fenómeno campaniforme en la Península Ibérica, *C 14 y Prehistoria de la Península Ibérica* (Reunión 1978), Madrid, Série Universitária Fundación Juan March - 77, pp. 83-94.

idem (1978, Reinterpretación del ajuar campaniforme de Villar del Campo. Nuevos elementos de juicio para la valoración de la incidencia centro-europea en el mundo de Ciempozuelos, *Celtiberia*, 56, pp. 267-286.

idem (1979), Hallazgo campaniforme en Villaverde de Iscar, Segovia. Las variedades campaniformes contemporaneas de Ciempozuelos en la Meseta Norte, *B.S.A.A.*, XLV, pp. 5-16.

idem (1984), Fechas de radiocarbono para el megalitismo de la Meseta Española, *Arqueologia*, 10, pp. 99-102.

idem (1985), El Neolítico. Los comienzos de la agricultura e la ganaderia en la Meseta. El Calcolíti co. La aparición de la metalurgia, *Historia de Castilla y León, La Prehistoria del Valle del Duero*, 1, Valladolid, ed. Ambito, pp. 22-35; 36-52.

Delibes de Castro, G. e Fernández Manzano, J. (1981), El castro protohistorico de "La Plaza"en Cogeces del Monte (Valladolid). Reflexiones sobre el origen de la fase Cogotas I, *B.S.A.A.*, XLVII, pp. 51-70.

Delibes de Castro, G. e Fernandez-Miranda, M. (1981), La tumba de Celada de Roblecedo (Palencia) y los inicios del Bronce Antiguo en el valle medio y alto del Pisuerga, *T.P.*, 38, pp. 153-188.

Delibes de Castro, G. e Municio, L. (1981), Apuntes para el estudio de la secuencia campaniforme en el oriente de la Meseta Norte, *Numantia*, pp. 65-82.

Delibes de Castro, G. *et alii* (1982), Espadas del Bronce Antiguo e Medio halladas en la provincia de Leōn, *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, pp. 153-164.

Delibes de Castro, G. e Fernāndez Manzano, J. (1983), Calcolítico y Bronce en Tierras de Leōn, *Lancia*, 1, pp. 19-81.

Delibes de Castro, G. *et alii* (1983), Dolmens de Sedano. I. El sepulcro de corredor de Ciella, *N.A.H.* 14, pp. 149-196.

Delvosalle, L. e Duvigneaud, J. (1962), *Itinéraires Botaniques en Espagne e au Portugal*, Weteren, ed. Universa.

Dennell, R. W. (1980), The use, abuse and potential of site catchment analysis, *Essays on Prehistoric Resource Space* (eds. F. J. Findlow e J. E. Ericson), Anthropology, UCLA 10 (1-2), pp. 1-2.

idem (1983), *European Economic Prehistory - a New Approach*, London, Academic Press.

Dias, J. (1949), *Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro*, Lisboa, Union Gēographique Internationale.

Dias-Fierros Viqueira, F. *et alii* (1979), La evolucion de la flora gallega durante el Holoceno, *El Museo de Pontevedra*, XXXIII, pp. 55-60.

Dimbleby, G. (1968), *Plants and Archaeology. The Archeology of the Soil*, London, Granada Publ. (2ª ed.).

Doran, J. (1983), Modelisation de Systēmes Culturels (Comunic. apres. a Cour Intensif Europeēn), - *Informatiques et Mathématiques Appliquées à l'Archéologie* (27 Juin au 9 Juillet 1983 - Valbonne et Montpellier), Strasbourg, Conseil de l'Europe.

Drain, M. (s/d), *Geografia da Península Ibérica*, Lisboa, Livros Horizonte.

Earle, T. K. e Ericson, J. E. (1977), *Exchange Systems in Prehistory*, New York, Academic Press.

Echallier, J.-C. (1984), *Éléments de Technologie Céramique et d'Analyse des Terres Cuites Archéologiques*, Lambesc, Association pour la Diffusion de l'Archēologie Mēridionale, "Documents d'Archēologie Mēridionale" (nº spc.).

Eiroa, J. J. (1973), Notas para un estudio de los comienzos de la Edad del Bronce en el Noroeste de la Peninsula Hispanica, *Cuad. Estud. Gallegos*, XXVIII, 84, pp. 62-69.

idem (1973), Notícia de un yacimiento de la Edad del Bronce en Aldeagordillo (Āvila), *XIIº Congr. Nacion. Arqueol. Jaen 1971*, Zaragoza, pp. 233-240.

idem (1973/74), Sobre la Edad del Bronce en el Noroeste de la Peninsular Hispānica, *Caesaraugusta*, nºs 37-38, pp. 25-123.

idem (1975), Notas para un estudio de los comienzos de la Edad del Bronce en el Noroeste de la Peninsula Iberica, *XIIIº Congr. Nacion. Arqueol. Huelva 1973*, Zaragoza, pp. 483-490.

idem (1979), Dos fechas de C 14 para la Edad del Bronce en el Alto Duero, *Saguntum*, 14, pp. 39-54.

idem (1981), Correcion y calibracion de fechas de carbono 14 de los periodos prehistoricos del territorio de Aragón, *Caesaraugusta*, 53-54, pp. 163-182.

Eluère, C. (1977), Les premiers ors en France, *B.S.P.F.*, t. 74, "Études et Travaux", fasc. 1, pp. 390-419.

idem (1982), *Les Ors Préhistoriques*, Paris, Picard, "L'Âge du Bronze en France", 2.

Eogan, G. (1976), Beaker material from knowth Co. Meath: preliminary note, *Settlement and Economy in the Third and Second Millennia B.C.* (eds. C. Burguess e R. Miket), B.A.R., 33, pp. 251-266.

Ericson, J. E. *et alii* (1972), Research design: the relationship between primary functions and physical properties of ceramic vessels and their implications for ceramic distribution on an archaeological site, *Anthropology*, UCLA, 3, pp. 84-95.

Esparsa Arroyo, A. (1977), El castro Zamorano del Pedroso y sus insculturas, *B.S.A.A.*, p. 39.

Evans, J. E. (1958), Two phases of prehistoric settlement in the western Mediterranean, *Bul. of Institute of Archaeology*, Univ. London, pp. 49-70.

Fábregas Valcarce, R. (1981), Os machados pulimentados da coleccion La Iglesia, *Brigantium*, 2, pp. 27-38.

idem (1984), La industria de piedra pulida en las sepulturas megaliticas de Galicia, *T.P.*, 41, pp. 129-163.

Fábregas Valcarce, R. e Fuente Andrés, F. de la (1984), Materiales de un tumulo megalitico de Leiro (Rianxo), *Gallaecia*, 7/8, pp. 233-244.

Fábregas Valcarce, R. e Vázquez Varela, J. M. (1982), Hachas de piedra pulimentada con perforacion proximal en el Noroeste de la Península Ibérica, *El Museo de Pontevedra*, XXXVI, pp. 125-218.

Feio, M. (1951), Notas geomorfológicas. A depressão de Régua-Verin, *Comun. Serv. Geol. Portugal*, XXXII, pp. 181-222.

Feio, M. e Brito, R. S. de (1950), Les vallées de fracture dans le modelé granitique portugais, *Compte Rendu du XVIe. Congrès Int. Géographie*, pp. 254-262.

Fernández Gómez, F. e Ruiz Mata, D. (1978), El tholos del Cerro de la Cabeza, en Valencina de la Concepción (Sevilla), *T.P.*, 35, pp. 193-224.

Fernández Gómez, F. e Oliva Alonso, D. (1981), Los ídolos calcolíticos del Cerro de la Cabeza (Valencina de la Concepción, Sevilla), *M.M.*, pp. 20-44.

idem (1986), Valencina de la Concepcion (Sevilla). Excavaciones de urgencia, *Revista de Arqueologia*, VII, nº 58, pp. 19-33.

Fernãndez-Posse y de Arnaiz, M. D. (1979), Informe de la primera campaña (1977) en la Cueva de Arevalillo (Segovia), *N.A.H.*, 6, pp. 53-87.

idem (1980), *El Final de la Edad del Bronce en la Meseta Norte: la Cultura de Cogotas I*, Univ. de Granada.

idem (1980), Los materiales de la cueva del Aire (Patones, Madrid), *N.A.H.*, 10, pp. 39-64.

idem (1981), La cueva de Arevalillo de Cega (Segovia), *N.A.H.*, 12, pp. 45-84.

idem (1982), Consideraciones sobre la tecnica de Boquique, *T.P.*, 39, pp. 137-159.

Fernãndez Manzano, J. (1985), La Edad del Bronce. La consolidación de la metalurgia y sus implicaciones socioeconómicas, *Historia de Castilla y León, La Prehistoria del Valle del Duero*, 1, Valladolid, Ed. Ambito, pp. 54-81.

Fernãndez Martinez, V. M. (1984), La combinación estadística de las flechas de carbono 14, *T.P.*, 41, pp. 349-360.

Fernandez-Miranda, M. (1969-70), El poblado de la Loma de Chiclana (Madrid), *N.A.H.*, XIII-XIV, pp. 272-299.

Fernandez-Miranda, M. e Moure Romanillo, J. A. (1974), Verdelpino (Cuenca): nuevas fechas de C 14 para el Neolítico peninsular, *T.P.*, 31, pp. 311-316.

idem (1975), El abrigo de Verdelpino (Cuenca). Nuevo yacimiento neolítico en el interior de la Península Ibérica, *N.A.H.*, Prehist. 3, pp. 191-235.

Fernãndez Ochoa, C. e Rubio de Miguel, I.L. (1980), Materiales arqueológicos del Bajo Manzanares (termino de "La Aldehuela", Madrid), *Rev. Biblioteca, Archivo y Museo del Ayuntamiento de Madrid*, 6, pp. 49-86.

Fernãndez Vega, A. (1980), Canteras de Zarzalejo (Madrid), *N.A.H.*, 10, pp. 115-136.

Ferrer Palma, J. (1976), La necropolis megalitica de Fonelas (Granada). El sepulcro "Moreno 3" y su estela funeraria, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 1, pp. 75-109.

idem (1977), La necropolis megalitica de Fonelas (Granada). El sepulcro "Domingo 1" y sus niveles de enterramiento, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, nº 2, pp. 173-201.

Ferreira, A. de B. (1978), *Erosão Diferencial e Modelado das Regiões Graníticas do Norte de Portugal*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade.

idem (1979), Os mantos de alteração e o modelado das regiões graníticas: ideias recentes e orientação de pesquisa, *Finisterra*, XIV, nº 28, pp. 218-244.

Ferreira, D. de B. (1981), *Carte Géomorphologique du Portugal*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 6, Lisboa.

Ferreira, F. B. (1960), Reflexões a propósito de um fragmento de cerâmica cardial existente no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, *Rev. Faculdade de Letras*, IIIª série, nº 4, Lisboa, pp. 98 - -110.

Ferreira, J. P. (1976-77), A gruta natural da Salvē Rainha (Serra de Montejunto), *Setúbal Arqueologica*, II-III, pp. 49-98.

Ferreira, O. da V. (1954), Acerca da cultura do vaso campaniforme em Portugal, Porto, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, fasc. 1-2, pp. 5-16.

idem (1961), Acerca da presença de arsênio em instrumentos primitivos encontrados em Portugal, *Bol. de Minas*, nº 12, pp. 1-5.

idem (1966), *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*, Lisboa, Serv. Geol. Portugal.

Ferreira, O. da V. e Viana, A. (1956). L'importance du cuivre péninsulaire dans les âges du Bronze, *IVº Congresso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*, Zaragoza, pp. 521-529.

Ferreira, O. da V. e Silva, C. T. da (1970), A estratigrafia do povoado prē-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar, *Actas das IIas Jornadas Arqueológicas*, vol. II, Lisboa, pp. 203-217.

Ferreira, O. da V. *et alii* (1975), Le monument mēgalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides), *Comun. Serv. Geol. Portugal*, LIX, pp. 107-192.

Ferreira, O. da V. e Leitão, M. (s/d), *Portugal Pré-histórico: seu Enquadramento no Mediterrâneo*, Lisboa, Publ. Europa-América.

Fleming, A. (1971), Territorial patterns in Bronze Age Wessex, *Proceedings Prehistoric Society*, 37, p. 138-966.

idem (1973), Tombs for the living, *Man*, 8, pp. 177-193.

idem (1982), Social boundaries and land boundaries, *Ranking, Resource and Exchange: Aspects of the Archaeology of Early European Society* (ed. C. Renfrew e S. Shennan), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 52-56.

Flannery, K. V. (1968), Archaeological systems theory and early Mesoamerica, *Anthropological Archaeology in the Americas* (ed. B. J. Maggers), Washington, Anthropological Society of Washington, pp. 67-87.

idem (1972), Evolutionary trends in social exchange and interaction, *Social Exchanges and Interaction* (ed. E. N. Wilmsen), University of Michigan, Museum of Anthropology, "Anthropological Papers", 46.

idem (1976), Analysis of stylistic variation within and between communities, *The Early Mesoamerican Village* (ed. K. V. Flannery), New York, Academic Press, pp. 251-254.

idem (1976), The village and its catchment area, *The Early Mesoamerican Village*, (ed. K. V. Flannery), New York, Academic Press, pp. 91-95.

idem (1976), Empirical determination of site catchments in Oaxaca and Tehuacān, *The Early Mesoamerican Village* (ed. K. V. Flannery), New York, Academic Press, pp. 103-116.

Fletcher, R. (1977), Settlement studies (micro and semi-micro), *Spatial Archaeology*, London, Academic Press, pp. 47-162.

Fletcher Valls, D. e Pla Ballester, E. (1956), *El Poblado del Bronce de la Montanyeta de Cabrera (Vedad de Torrente - Valencia)*, Valencia, Instituto de Arqueologia Rodrigo Caro, "Sêrie de trabajos varios", 18.

Fletcher Valls, D. *et alii* (1964), *La Ereta del Pedregal (Navarrés - Valencia)*, Madrid, Ministêrio de Educacion y Ciencia, "E.A.E", 42.

Fontes, J. (1932), Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico do Gião, *Revista de Arqueologia*, 1, pp. 75-82.

Fortea Perez, J. (1973), *Los Complexos Microlaminares y Geometricos del Epipaleolítico Mediterraneo Español*, Salamanca, "Memorias del Seminario de Prehist. y Arqueologia".

Fortes, J. (1902), Instrumentos de bronze, *O Arqueólogo Português*, s. I, vol. VII, nºs 4-5, pp. 102-106.

idem (1906), A sepultura da Quinta da Água Branca, *Portugalia*, t. II, fasc. 2, pp. 3-14.

idem (1909), Gaya no passado, *Mea Villa de Gaya*, Porto, pp. 9-28.

Fowler, P. J. (1971), Early prehistoric agriculture in western Europe: some archaeological evidence, *Economy and Settlement in Neolithic and Early Bronze Age Britain and Europe* (ed. D. D. A. Simpson), Leiscerter University Press, pp. 153-182.

Fowler, P. J. (1972), *Archaeology and the Landscape*, London, John Baker Ltd.

Frazão, A. C. A. (s/d), *Novo Dicionário Corográfico de Portugal*, Porto, Ed. Domingos Barreira.

Frêdêric, L. (1967), *Manuel Pratique d'Archéologie*, Paris, ed. Robert Laffont.

Furtado, A. *et alii* (1969), Lapa do Suão, *O Arqueólogo Português*, sêrie III, vol. III, pp. 63-70.

Gallay, G. e Spindler, K. (1970), Archäeologische und Anthropologische Betrachtungen zu den Neolithisch-Kupperzeitlichen funden aus der Cova da Moura/Portugal, *M.M.*, 11, pp. 35-58.

Gallay, G. *et alii* (1973), *O Monumento Pré-Histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Galinié, H. (1980), De la stratigraphie à la chronologie, *L'Archéologie Aujourd'hui* (dir. d'A. Schnapp), Hachette.

Gamito, T. J. (1983), Breve apontamento sobre o povoamento do Algarve desde a Pré-História até à época Romana e o seu condicionalismo geográfico, *Anais do Município de Faro*, XII, pp. 331-358.

Garcia Alén, A. e Peña Santos, A. (1980), *Grabados Rupestres de la Provincia de Pontevedra*, Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa".

Garcia-Lastra y Meriño, M. (1984), Primeros resultados de las campañas de excavaciones arqueológicas 1982, en el yacimiento de "O Fixón" (Hio, Cangas de Morrazo), *Pontevedra Arqueológica*, I, pp. 113-144.

García Martínez, M. C. (1973), Representacions de armas no arte rupestre galego, *Cuad. Est. Gallegos*, XXVIII, 84, pp. 111-127.

idem (1974), *Arte Rupestre en Campo Lameiro*, Pontevedra.

idem (1975), Datos para una cronologia del arte rupestre gallego, *B.S.A.A.*, XL-XLI, pp. 477-500.

idem (s/d), Cultura del vaso campaniforme, *Grande Enciclopedia Gallega*, pp. 107-109.

Gardin, J.-C. (1963), Problèmes d'analyse descriptive en Archéologie, *Études Archéologiques*, Serv. Ed. Vente Public. Éducat. National, pp. 132-50.

idem (1969), *Archéologie et Calculateurs, Problèmes Sémiologiques et Mathématiques*, Marselha, C.N.R.S.

idem (1979), *Une Archéologie Théorique*, Hachette.

Gascó, J. (1976), *La Communauté Paysanne de Fontbouisse*, Archives d'Ecologie Préhistorique (dir. J. Guilaine), Toulouse, École des Hautes Études en Sciences Sociales.

idem, Les poignards en cuivre du Midi bas-languedocien, *B.S.P.F.*, t. 77-10/12, pp. 397-415.

Gascó, J. e Binder, D. (1983), Série de dates radiocarbone et représentation graphique, *Revue d'Archo_rométrie*, pp. 75-84.

Gaucher, G. e Mohen, J.-P. (1972), *Typologie des Objets de l'Âge du Bronze en France, Fasc. I: Épées*, Paris, S.P.F.

Gerloff, S. (1975), *The Early Bronze Age Daggers in Great Britain and a Reconsideration of the Wessex Culture*, München, "Präehistoriche Bronzefunde", VI, 2.

Gibson, A. M. (1982), *Beaker Domestic Sites. A Study of the Domestic Pottery of the Late Third and Ear_ly Second Millenia B.C. in the British Isles*, B.A.R., "British Series", 107 (i).

Gilman, A. (1976), Bronze age dynamics in Southeast Spain, *Dialectical Anthropology*, 1, pp. 307-319.

idem (1981), The development of social stratification in Bronze Age Europe, *Current Anthropology*, 22, pp. 1-8.

Gilman, A. e Thornes, J. B. (1985), *Land-use and Prehistory in South-East Spain*, London, George Allen e Unwin, "The London Research Series in Geography", 8.

Gimbutas, M. (1965), *Bronze Age Cultures in Central and Eastern Europe*, Paris, London, La Haye, Mou - ton.

idem (1974), *The Gods and Goddesses of Old Europe, 7000 to 3500 B.C. - Myths Legends and Cult Images*, London, Thames and Hudson.

Giot, P.-R. (1971), The impact of radiocarbon dating on the establishment of the prehistoric chronolo_gy of Brittany, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 37, pp. 208-217.

idem (1981), The megaliths of France, *Antiquity and Man. Essays in Honour of Glyn Daniel* (eds. J. D. Evans, B. Cunliffe e C. Renfrew), London, Thames and Hudson, pp. 82-92.

Giot, P.-R. *et alii* (1979), *Préhistoire de la Bretagne*, Rennes, Ouest-France.

Giot, P.-R. *et alii* (1979), *Protohistoire de la Bretagne*, Rennes, Ouest-France.

Giot, P.-R. e Langonet, L. (1984), *La Datation du Passé - La Mesure du Temps en Archéologie*, supl. de *Revue d'Archaeométrie*, Rennes, G.M.P.C.A.

Girão, A. de A. (1933), *Esboço duma Carta Regional de Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade (2ª ed.).

idem (1960), *Geografia de Portugal*, Porto (3ª ed.).

Glassow, M. A. (1978), The concept of carrying capacity in the study of culture process, *Advances in Archaeological Method and Theory, 1* (ed. M. B. Schiffer), New York, Academic Press, pp. 32-48.

Gomes, M. V. e Monteiro, J. P. (1974/77), A estela-menir decorada da Caparrosa - Beira Alta. Nota de descoberta, *O Arqueólogo Português*, série III, vols. VII-IX, pp. 89-93.

Gomes, M. V. e Monteiro, J. P. (1976/77), As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel-Beja). Estudo comparado, *Setúbal Arqueologica*, II-III, pp. 281-343.

Gomes, R. V. *et alii* (1983-84), Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural, *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 77-78.

Gomez, J. (1980), *Les Cultures de l'Âge du Bronze dans le Bassin de la Charente*, Ed. Pierre Paulac.

Gonçalves, A. A. H. de B. (1979), Elementos de adorno de cor verde provenientes de estações arqueológicas portuguesas. Importância do seu estudo mineralógico, *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", 3, pp. 209-221.

idem (1982), Nova contribuição para o estudo dos elementos de adorno de cor verde, *Arqueologia*, 6, pp. 132-136.

idem (1984), Escavação da mamoa nº 2 de Outeiro de Ante - Serra da Aboboreira - Baião, *Arqueologia*, 9, pp. 22-44.

idem (1986), Achegas para o estudo do megalitismo da bacia do Douro na área meridional do distrito de Vila Real, *Actas do Colóquio do Iº Congr. Internac. sobre o Rio Douro* (no prelo).

Gonçalves, A. A. H. de B. e Reis, M. L. (1982), *Estudo Mineralógico de Elementos de Adorno de Cor Verde Provenientes de Estações Arqueológicas Portuguesas*, Porto, Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia".

Gonçalves, J. L. M. (1979), Os povoados neo e calcolíticos da Península de Lisboa, *Bol. Cult. Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, IIIª Série, nº 85, pp. 137-162.

idem (1979), O monumento pré-histórico da Praia das Maçãs - Arquitectura e cerâmica pré-campaniforme, *Bol. Cult. Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, IIIª Série, nº 85, pp. 125-135.

Gonçalves, J. L. M. e Serrão, E. da C. (1978), O povoado calcolítico inicial do Alto do Dafundo - Linda-a-Velha, *Actas das IIIªs Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, pp. 75-96.

Gonçalves, V. dos S. (1971), *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.

idem (1978), Dois novos ídolos tipo Moncarrapacho, *Setúbal Arqueologica*, IV, pp. 47-60.

idem (1979), *Megalitismo e Inícios da Metalurgia no Alto Algarve Oriental (notas a uma exposição)*, Setúbal, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

idem (1981), Arqueologia do Algarve: sinopse retrospectiva e perspectivas de mudança, *Clio*, vol. 3, pp. 177-182.

idem (1981), Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), Campanha 2 (80), *Clio*, vol. 3, pp. 165-170.

idem (1981), Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), Campanha 3 (80), *Clio*, vol. 3, pp. 171-176.

idem (1982), Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), Campanha 4 (82): resumo de conclusões e excertos do caderno de campo, *Clio*, 4, pp. 155-163.

idem (1982), Cerro do Castelo de Santa Justa: um povoado calcolítico fortificado no Alto Algarve Oriental, *Arqueologia*, 6, pp. 42-48.

idem (1983-84), Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), Campanha 6 (84). Resumo de conclusões, *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 237-243.

idem (1983-84), Doze datas 14 C para o povoamento calcolítico do Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim): comentário e contextos específicos, *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 81-92.

González-Gomez, C. e Domingo-Garcia, M. (1978), El Laboratório de datacion por Carbono 14 de la Universidad de Granada, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 3, pp. 362-363.

González-Gomez, C. *et alii* (1982), University of Granada Radiocarbon Dates I, *Radiocarbon* 24 (2), pp. 217-221.

González Reboredo, J. M. (1971), Vaso tumular de Buriz, *Cuad. Est. Gallegos*, t. XXVI, fasc. 78, pp. 38-41.

Gould, R. A. (1980), *Living Archaeology*, Cambridge University Press, "New Studies in Archaeology".

Grade, J. e Moura, A. Casal (1982), Bacia de Chaves. Estudo prospectivo dos seus corpos argilosos, *Geonovas*, vol. 1, nº 3, pp. 79-84.

Grande del Brío, R. (1982), Descubrimiento de pinturas rupestres en la Sierra de la Culebra, *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, pp. 145-148.

Grinsell, L. V. (1972), *Archaeology and the Landscape* (ed. P. J. Fowler), London, John Baker.

Grosjean, R. (1966), *La Corse Avant l'Histoire - Monuments et Art de la Civilisation Megalithique Insulaire du Début du IIIe. à la fin du IIe. Millénaire Avant notre Ère*, Paris, Ed. Klincksieck.

idem (1967), Classification descriptive du megalithisme corse. Classification typologique et morphologique des menhirs et statues - menhirs de l'Île, *B.S.P.F.*, LXIV, pp. 707-742.

Grosjean, R. *et alii* (1976), Les civilisations de l'Âge du Bronze Corse, *La Préhistoire Française* (dir. J. Guilaine), Paris, C.N.R.S., t. II, pp. 644-653.

Groupe d'Études de l'Epipaléolithique-Mésolithique (1975), Epipaléolithique-Mésolithique. L'outilage du fonds commum - 1: grattoirs - éclats retouchés - burins - perçoirs, *B.S.P.F.*, t. 72, "Études et travaux", pp. 319-332.

Guerra, A. V. e Ferreira, O. da V. (1968-70), Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz, *Arquivo de Beja*, XXV-XXVII, pp. 57-64.

Guilaine, J. (1966), L'epée du Vernet près de Saverdum (Ariège) et la question des groupes epicampaniformes, *B.S.P.F.*, LXIII, C.R.S.M., nº 5, pp. CCIII-CCIX.

idem (1967), *La Civilisation du Vase Campaniforme dans les Pyrénées Françaises*, Carcassonne.

idem (1970), *Les Civilisations Néolithiques du Midi de la France*, Carcassonne.

idem (1972), *L'Âge du Bronze en Languedoque Occidental, Roussillon, Ariège*, Paris, S.P.F., "Mémoirs de la Societé Préhistorique Française", 9.

idem (1974), Les Campaniformes Pyreneo-Languedociens. Premiers résultas du C 14, *Zephyrus*, XXV, pp. 107-120.

idem (1976), La civilisation des vases campaniformes dans le Midi de la France, *Glockenbecher Symposiom Oberried, 1974* (ed. J. N. Lanting e J. D. van der Waals), pp. 351-370.

idem (1979), *Premiers Bergers et Paysans de l'Occident Méditerranéen*, Paris, Mouton.

idem (1980), *La France d'Avant la France. Du Néolithique à l'Âge du Fer*, Hachette.

idem (dir.) (1980), *Le Groupe de Véraza et la Fin des Temps Néolithiques dans le Sud de la France et la Catalogne*, Toulouse, C.N.R.S.

idem (1984), La civilisation des gobelets campaniformes dans la France Meridionale, *L'Âge du Cuivre Européen, Civilisations à Vases Campaniformes* (dir. J. Guilaine), Paris, C.N.R.S., pp. 175-186.

Guilaine, J. e Ferreira, O. da V. (1970), Le Néolithique ancien au Portugal, *B.S.P.F.*, t. 67, fasc. 1, pp. 304-322.

Guilaine, J. e Vaquer, J. (1979), Les débuts de la metallurgie et les groupes culturels de la fin du Néolithique dans le sud de la France, *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium* (ed. M. Ryan), Dublin, pp. 65-79.

Guimarães, J. S. (1970), O Picoto de Santo Amaro (Guimarães), *Rev. de Guimarães*, LXXX, nºs 1-2, pp. 141-150.

idem (1970), O Picoto de Santo Amaro (Guimaraes), *Rev. de Guimarães*, LXXX, nºs 3-4, pp. 381-386.

Guitián Rivera, R. e Vázquez Varela, J. M. (1975), Analisis radiográfico de cuentas de calaita gallegas, *Bol. de la Com. de Monum. de Lugo*, t. 9, pp. 187-188.

Guitiérrez Palacios, A. (1962), El poblado eneolítico de la Peña del Bardal (Ávila). Campaña de 1958, *VIIº Congr. Nacion. Arqueol. (Barcelona, 1960)*, Zaragoza, pp. 162-168.

idem (1966), *Miscelánea Arqueológica de Diego Alvaro (Avila)*, Avila.

Gutherz, X. (1975), *La Culture de Fontbouisse - Recherches sur le Chalcolithique en Languedoc Oriental*, Caveirac, Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental - Cahier N. 2.

idem (1980), Le groupe de Ferrières, *Le Groupe de Véraza et la Fin des Temps Néolithiques dans le Sud de la France et la Catalogne* (dir. J. Guilaine), Toulouse, C.N.R.S., pp. 217-221.

Haas, J. (1982), *The Evolution of the Prehistoric State*, New York, Columbia University Press.

Hallan, B. R. *et alii* (1976), Obsidian in the Western Mediterranean: Characterisation by neutron activation analysis and optical emission spectroscopy, *Proceedings of Prehistoric Society*, 42, pp. 85-110.

Harbison, P. (1967), Mediterranean and atlantic elements in the early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia, *M.M.*, 8, pp. 100-122.

idem (1968), Três tipos de machados de bronze do Norte de Portugal e suas prováveis origens, *Rev. de Guimarães*, LXXVIII, nºs 1-2, pp. 49-54.

idem (1969), *The daggers and the halberds of the Early Bronze Age in Ireland*, München, "Präehistōri - che Bronzefunde", VI, 1.

idem (1976), *The Archaeology of Ireland*, London, The Bodley Head.

idem (1980), Who were Ireland's first metallurgists?, *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium*, Dublin, pp. 97-105.

Hardin, M. A. (1979), The cognitive basis of productivity in a decorative art style: implications of an ethnographic study for archaeologist's taxonomies, *Ethnoarchaeology* (ed. C. Kramer), New York, Columbia University Press, pp. 75-101.

Harding, A. (1976), Bronze agricultural implements in Bronze Age Europe, *Problems in Economic and Social Archaeology* (eds. G. de G. Sieveking, I. H. Longworth e K. E. Wibon), London, Duckworth, pp. 513-522.

Harding, A. F. (1980), Radiocarbon calibration and the chronology of the European Bronze Age, *Archaeologické Rozhledy* - 32, 2, pp. 178-186.

idem (1982), Introduction: climatic change and archaeology, *Climatic Change in Later Prehistory* (ed. A. Harding), Edinburgh University Press, pp. 1-10.

Harpsøe, C. H. e Ramos, M. R. (1985), "Lorga de Dine" (Vinhais, Bragança), *Arqueologia*, 12, pp. 202-204.

Harris, D. R. (1978), Group territories or territorial groups? Comments on an inter-disciplinary problem in cultural ecology, *Social Organisation and Settlement: Contributions from Anthropology, Archaeology and Geography* (eds. D. Green, C. Haselgrove e M. Spriggs), B.A.R., "International Series", 47, pp. 187-196.

Harrison, R. J. (1974), A reconsideration of the Iberian background to Beaker metallurgy, *Palaeohistoria*, XVI, pp. 63-105.

idem (1974), Origins of the Bell Beaker Cultures, *Antiquity*, XLVIII, pp. 99-109.

idem (1974), Ireland and Spain in the Early Bronze Age - Fresh evidence for Irish and British contacts with the proto-atlantic Bronze Age in Spain in the second millennium B.C., *Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland*, vol. 104, pp. 52-73.

idem (1974), A closed find from Cañada Rosal, Prov. Sevilla and two Bell Beakers, *M.M.*, 15, pp. 77-94.

idem (1977), A late Bronze Age grave group from Merida (Prov. Badajoz), *M.M.*, 18, pp. 18-29.

idem (1977), *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, Cambridge, Massachusets, Harvard University.

idem (1977), The Bell Beaker cultures of Western and South Western Europe, *Beakers in Britain and Europe* (ed. R. Mercer), B.A.R., "Supplementary Series", 26, pp. 5-26.

idem (1980), *The Beaker Folk - Copper Age Archaeology in Western Europe*, London, Thames and Hudson.

idem (1984), Beaker Cultures of Iberia, France, and the West Mediterranean Islands, *L'Âge du Cuivre Européen, Civilisation à Vases Campaniformes* (dir. J. Guilaine), Paris, C.N.R.S., pp. 187-207.

idem (1984), Nuevas basis para el estudio de la paleoeconomia de la Edad del Bronce en el Norte de España, *Scripta Praehistorica (Francisco Jordá - Oblata)*, Salamanca, pp. 287-316.

Harrison, R. J. *et alii* (1975), Beaker metallurgy in Spain, *Antiquity*, XLIX, pp. 273-278.

Harrison, R. J. *et alii* (1976), The Beaker pottery from El Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla), *M.M.*, 17, pp. 79-141.

Harrison, R. J. e Gilman, A. (1978), Trade in the second and third millenia B. C. between the Maghreb and Iberia, *Ancient Europe and the Mediterranean Studies Presented in Honour of Hugh Hencken* (ed. Vladimir Markotic), Warminster, Aries & Phillips, pp. 90-104.

Harrison, R. J. *et alii* (1981), A study of the Bronze Age metalwork from the Iberian Peninsula in the British Museum, *Ampurias*, t. 43, pp. 113-179.

Hartman, A. (1971), Anâlises de alguns objectos prê-históricos de ouro procedentes do Norte de Portugal, *Rev. de Guimarães*, LXXXI, nºs 1-2, pp. 129-132.

idem (1980), Irish and British gold types and their west European Counterparts, *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium*, Dublin, pp. 215-228.

Hawkes, C. F. C. (1952), Las relaciones en el Bronce Final entre la Península Ibérica y las Islas Británicas con respecto a Francia y al Europa Central y Mediterránea, *Ampurias*, XIV, pp. 81-119.

Heleno, M. (1935), Jóias prê-romanas, *Ethnos*, I, pp. 229-257.

idem (1942), Gruta artifical da Ermegeira, *Ethnos*, II, pp. 449-459.

idem (1956), Um quarto de sêculo de investigação arqueológica, *O Arqueólogo Português*, s. II, t. III, pp. 221-237.

Hernándo Gonzalo, A. (1970), La orfebrería durante el Calcolítico y el Bronce Antiguo en la Peninsula Iberica, *T.P.*, 40, pp. 85-138.

Herity, M. e Eogan, G. (1977), *Ireland in Prehistory*, London, Routledge e Kegan Paul.

Hibbs, J. (1984), The Neolithic of Brittany, *Ancient France. Neolithic Societies and their landscapes: 6000-2000 B.C.* (ed. C. Scarre), Edinburgh University Press, pp. 271-323.

Higgs, E. S. (ed.) (1972), *Papers in Economic Prehistory*, Cambridge University Press.

idem (ed.) (1975), *Palaeoeconomy*, London, Cambridge University Press.

idem (1976), The history of European agriculture - the uplands, *Phil. Transv. Royal Soc. London*, 275, pp. 159-173.

Higgs, E. S. *et alii* (1967), The climate, environment and industries of Stone Age Greece (part. III), *Proceedings of the Prehistoric Society*, 33, pp. 1-29.

Higgs, E. S. e Jarman, M. R. (1969), The origins of agriculture: a reconsideration, *Antiquity*, XLIII, nº 169, pp. 31-41.

Higgs, E. S. e Jarman, M. R. (1972), The origins of animal and plant husbandry, *Papers in Economie Prehistory* (ed. E. S. Higgs), London, Cambridge University Press, pp. 3-14.

Higgs, E. S. e Vita-Finzi, C. (1972), Prehistoric economies: a territorial approach, *Papers in Economic Prehistory* (ed. E. S. Higgs), London, Cambridge University Press, pp. 27-36.

Higgs, E. S. e Jarman, M. R. (1975), Palaeoconomy, *Palaeoeconomy* (ed. E. S. Higgs), Cambridge University Press, pp. 1-8.

Hill, J. N. (1970), *Broken K. Pueblo: Prehistoric Social Organization in the American Southwest*, Tucson, University of Arizona Press, "Anthropological Papers of University of Arizona", nº 18.

idem (1977), Individual variability in ceramics and the study of prehistoric social organization, *The Individual in Prehistory: Studies of Variability in Style in Prehistoric Technologies* (eds. J. N. Hill e J. Gunn), New York, Academic Press, pp. 55-109.

idem (1978), Individuals and their artifacts: an experimental study in archaeology, *American Antiquity*, 43, pp. 245-257.

Hill, J. N. e Gunn, J. (eds.) (1977), *The Individual in Prehistory: Studies of Variability in Style in Prehistoric Technologies*, New York, Academic Press.

Höck, M. (1978), Grabung auf dem Cabeço de São Juzenda (Mirandela) ein beitrag zur chronologie der castros in Nord Portugal, *M.M.*, 19, pp. 139-151.

idem (1980), Corte estratigrāfico no Castro de S. Juzenda (Concelho de Mirandela), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, II, Guimarães, pp. 55-70.

Höck, M. e Coelho, L. (1972), Materiais metálicos da colecção arqueológica do Museu do Abade de Baçal em Bragança, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VI, pp. 219-250.

idem (1974/77), O Castro de S. Juzenda em Vale de Prados, Mirandela (Nota preliminar), *O Arqueólogo Português*, série III, vols. VII a IX, pp. 203-208.

Hodder, I. (1974), Regression analysis of some trade and marketing patterns, *World Archaeology*, 6, pp. 172-189.

idem (1977), The distribution of material culture items in the Baringo District, Western Kenya, *Man*, 12, pp. 239-269.

idem (1977), Some new directions in the spatial analysis of archaeological data at the regional scale (macro), *Spatial Archaeology* (ed. D. L. Clarke), London, Academic Press, pp. 223-352.

idem (1978), Simple correlations between material culture and society: a review, *The Spatial Organisation of Culture* (ed. I. Hodder), London, Duckworth, "New Approaches in Archaeology", pp. 3-24.

idem (1978), Social organisation and human interaction: the development of some tentative hypothesis in terms of material culture, *The Spatial Organisation of Culture* (ed. I. Hodder), London, Duckworth, "New Approaches in Archaeology", pp. 199-270.

idem (1978), Some effects of distance on patterns of human interaction, *The Spatial Organisation of Culture* (ed. I. Hodder), London, Duckworth, "New Approaches in Archaeology", pp. 155-178.

idem (ed.) (1978), *Simulation Studies in Archaeology*, Cambridge University Press.

idem (1978), The Maintenance of group identities in the Baringo District, Western Kenya, *Social Organisation and Settlement: Contributions from Anthropology, Archaeology and Geography* (eds. D. Green, C. Halselgrove e M. Spriggs), B.A.R., "International Series", 47, pp. 47-74.

idem (1979), Economic and social stress and material culture patterning, *American Antiquity*, 44, pp. 446-454.

idem (1979), Pottery distributions: service and tribal areas, *Pottery and the Archaeologist* (ed. M. Millett), London, Institute of Archaeology, University of London, Occasional Publication, nº 4, pp. 7--24.

idem (1979), Economic and social stress and material culture patterning, *American Antiquity*, 44, pp. 446-454.

idem (1981), (ed.), *Symbolic and Structural Archaeology*, Cambridge University Press.

idem (1982), *The Present Past. An Introduction to Anthropology for Archaeologists*, London, B.T. Batsford Ltd.

idem (1982), Theoretical archaeology: a reactionnary view, *Symbolic and Structural Archaeology* (ed. I. Hodder), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 1-16.

idem (1982), Sequences of structural change in the Dutch Neolithic, *Symbolic and Structural Archaeology*, (ed. I. Hodder), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 155-161.

idem (1982), *Simbols in Action. Ethnoarchaeological Studies of Material Cultures*, Cambridge University Press, "New Studies in Archaeology".

idem (1982), The identification and interpretation of ranking in Prehistory: a contextual perspective, *Ranking, Resource and Exchange. Aspects of the Archaeology of Early European Society* (eds. C. Renfrew e S. Shennan), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 150-154.

idem (1984), Burials, houses, women and men in the European Neolithic, *Ideology, Power and Prehistory* (eds. D. Miller e C. Tilley), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 51-68.

idem (1984), New generations of spatial analysis in Archaeology, *Arqueologia Espacial*, 1 (Colóquio sobre Distribución y Relaciones entre los Asentamientos), Teruel, pp. 7-24.

Hodder, I. e Orton, C. (eds.) (1976), *Spatial Analysis in Archaeology*, Cambridge University Press.

Hoffman, G. W. (ed.) (1977), *A Geography of Europe*, New York, Ronald Press Company (4ª ed.).

Hole, F. e Heizer, R. F. (1977), *Introducción à la Arqueologia Prehistorica*, Madrid, Fondo de Cultura Económica.

Hopf, H. (1966), Triticum monococcum y Triticum dicoccum en el Neolítico antiguo español, *Archivo de Prehistoria Levantina*, VI, pp. 53-73.

Hopf, M. e Schubart, M. (1965), Getreidefunde aus der Coveta de l'Or (Prov. Alicante), *M.M.*, 6, pp. 20-38.

Howell, J. M. (1983), *Settlement and Economy in Neolithic Northern France*, Oxford.

idem (1984), The Late Neolithic of the Paris Basin, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 b.C.* (ed. C. Scarre), Edinburgh University Press, pp. 62-90.

idem (1982), Settlement and economy in Neolithic Northern France, *Oxford Journal of Archaeology*, I, pp. 115-118.

Hurtado, V. (1978), Los Ídolos del Calcolítico en el Ocidente Peninsular, *Habis*, 9, pp. 357-364.

idem (1981), Los Ídolos calcolíticos de la "Pijotilla" (Badajoz), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 30-31.

idem (1981), Las figuras humanas del yacimiento de la Pijotilla (Badajoz), *M.M.*, 22, pp. 78-88.

Hurtado, V. e Amores, F. de (1982), Relaciones culturales entre el Sudeste Frances y la Pijotilla (Badajoz) en el Calcolítico: las pastillas repujadas y el campaniforme cordado, *Habis*, 13, pp. 189-209.

Hutchinson, J. *et alii* (1977) *The Early History of Agriculture*, Oxford University Press.

Ilett, M. (1984), The Early Neolithic of North-Eastern France, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 b.C.* (ed. C. Scarre), Edinbourgh University Press, pp. 6-33.

Jalhay, E. (1931), Nuevas manifestaciones de arte rupestre del Noroeste de la Peninsula, *Bol. de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, t. IX, nº 199, pp. 225-235.

idem (1934), A adaga da Quinta da Romeira. Subsídio para o estudo da época do Bronze em Portugal, *Brotéria*, XIX, fasc. 1, pp. 22-30.

Jalhay, E. e Paço, A. (1945), El Castro de Vilanova de San Pedro, *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, t. XX, pp. 5-91.

Jarman, H. N. (1976), Early crop agriculture in Europe, *Origine de l'Élevage et de la Domesticacion* (dir. E. Higgs), Nice, IXe. Congrès U.I.S.P.P., pp. 116-144.

Jarman, H. N. e Bay-Petersen, J. L. (1976), Agriculture in Prehistoric Europe - The lowlands, *The Early History of Agriculture. Philosophical Transactions of the Royal Society*, (eds. J. Hutchinson, J. G. D. Clark, E. M. Jope e R. Riley), London, Série B, 275, pp. 85-97.

Jarman, M. R. (1972), A territorial model for archaeology: a behavioural geographical approach, *Models in Archaeology* (ed. D. L. Clarke), London, Methuen, pp. 705-733.

idem (1976), Prehistoric economic development in sub-Alpine Italy, *Problems in Economic and Social Archaeology* (eds. G. de Sieveking, I. H. Longwork e K. E. Wilson), London, Duckwork, pp. 523-548.

Jarman, M. R. e Higgs, E. S. (1972), Site catchment analysis in archaeology Settlement and Urbanism (eds. P. J. Ucko, R. Tringham e G. W. Dimbleby), *Man*, London, Duckwork, pp. 61-66.

Jarman, M. R. *et alii* (1982), *Early European Agriculture*, Cambridge University Press.

Javier Carrasco *et alii* (1977), Enterramiento eneolítico colectivo en la "Covacha de la Presa" (Loja, Granada), *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 2, pp. 105-163.

Jansen, J. (1982), *The Prehistory of Denmark*, London, Methuen.

Jimeno Martínez, A. (1982), Las fechas C 14 del yacimiento de Los Tolmos de Caracena (Soria), *T.P.*, 39, pp. 335-341.

idem (1982), Un yacimiento del Bronce Medio Meseteño, Los Tolmos de Caracena, *Rev. de Arqueologia*, III, nº 23, pp. 44-54.

idem (1983), Nuevas bases para el estudio de la Edad del Bronce en la zona oriental de la Meseta Superior, *XVIº Cong. Nacion. Arqueol. Murcia-Cartagena*, Zaragoza, pp. 309-320.

Jordá Cerdá, I. (1970-71), Los tocados de plumas en el arte rupestre levantino, *Zephyrus*, XXI-XXII, pp. 35-72.

idem (1978), El arte de los pueblos agricultores, granaderos y metalurgicos, *Historia del Arte Hispa-*

nico I - La Antigüedad, Madrid, Ed. Alhambra, pp. 103-153.

idem (1983), Introducción a los problemas del arte esquemático de la Peninsula Iberica, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 7-12.

idem (1983-84), Algumas consideraciones sobre los problemas del arte rupestre del area centrocciden - tal luso-española, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueo logia do Noroeste), Porto, pp. 89-96.

Jordá Cerdá, F. *et alii* (1972-73), Notas sobre los túmulos de Campiello (Tineo), y su Edad postdolmé- nica, *Zephyrus*, XXIII-XXIV, pp. 131-152.

Jordá Cerdá e Blázquez, J. M. (1978), *História del Arte Hispánico. I. La Antiguedad*, Madrid, ed. Alham bra.

Jordan, T. G. (1973), *The European Culture Area*, New York, Harper and Row.

Jorge, S. O. (1978), O megalitismo no contexto neolítico peninsular, *Rev. de Guimarães*, LXXXVIII, pp. 369-387.

idem (1978), Pontas de seta provenientes dos túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal, *Minia*, 2ª sé rie, vol. 1, fasc. 2, pp. 99-175.

idem (1979), Escavações arqueológicas no povoado da Chã do Castro (Amares-Braga), *Rev. de Guimarães*, LXXXIX, pp. 281-292.

idem (1980), A necrópole do Tapado da Caldeira - Baião, *Arqueologia*, 2, pp. 36-44.

idem (1980), A estação arqueológica do Tapado da Caldeira - Baião, *Portugalia*, Nova Série, I, pp. 29- -50.

idem (1980), *A Sepultura II do Tapado da Caldeira (Concelho de Baião)*, Porto, Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", 41.

idem (1981), Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 3, pp. 67-76.

idem (1982), Uma data de C 14 para a Pré-História do Norte de Portugal: breve comentário, *Arqueologia*, 6, pp. 39-41.

idem (1983-84), Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal durante o IIIº e o IIº milé - nios a.C., *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste), Porto, pp. 97-110.

idem (1985), Datas de carbono 14 para a Pré-História Recente do Norte de Portugal: os dados e os pro- blemas, *Arqueologia*, 12, pp. 154-183.

idem (1985), Povoados da Pré-História Recente do Norte de Portugal (IIIº e começos do IIº milénio a.C.): resultados e problemas das escavações dos últimos anos, *Rev. da Fac. Letras-História* (Universidade do Porto), II, pp. 297-306.

idem (1986), Excavaciones en poblados calcolíticos del Norte de Portugal: resultados y problemas, *Rev. de Arqueologia*, ano VII, nº 59, pp. 21-26.

Jorge, S. O. e Sousa, J. J. Rigaud de (1980), Resultados preliminares de uma sondagem efectuada na estação arqueológica de Chã do Castro (Amares, Braga), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 121-131.

Jorge, S. O. e Soeiro, T. (1981-82), Escavações arqueológicas na Vinha da Soutilha (Mairos, 1981), *Portugalia*, Nova Série, vol. II/III, pp. 11-26.

Jorge, V. O. (1979), O megalitismo do Norte de Portugal, *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", 3, pp. 83-102.

idem (1979), Escavação das mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Rev. de Guimarães*, LXXXIX, pp. 251-264.

idem (1980), Escavação da mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 41-69.

idem (1980), A mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira - Baião), *Rev. de Guimarães*, XC, pp. 191-209.

idem (1980), Escavação da mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Portugalia*, Nova Série, I, pp. 9-28.

idem (1980), Sobre uma estrutura situada na periferia da mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Arqueologia*, 2, pp. 19-24.

idem (1980/81), Escavação da mamoa 1 de Outeiro de Ante, Serra da Aboboreira - Baião, *Setúbal Arqueologica*, VI-VII, pp. 85-116.

idem (1981), Importância do núcleo megalítico de Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, 3, pp. 29-35.

idem (1981), A propósito da Aboboreira - uma experiência de análise territorial em Arqueologia, *Arqueologia*, 3, pp. 1-2.

idem (1982), *O Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto - os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu* (2 vols.) (Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras, Porto).

idem (1982), O Neolítico - a emergência das sociedades agrícolo-pastoris na perspectiva da Pré-História, *Arqueologia*, 6, pp. 11-18.

idem (1982), A mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um "tumulus" não megalítico da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 6, pp. 32-38.

idem (1983), Gravuras portuguesas, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 53-62.

idem (1983), Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, 7, pp. 23-29.

idem (1983), Uma data de radiocarbono para a mamoa 4 de Meninas do Crasto (Baião), *Arqueologia*, 8, p. 23.

idem (1983), Em torno de alguns problemas do megalitismo europeu, *Arqueologia*, 8, pp. 12-22.

idem (1983), Escavação da mamoa 2 de Cabritos (Serra da Aboboreira - Amarante), *Arqueologia*, 8, pp. 24-35.

idem (1983-84), Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV / V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste), Porto, pp. 37-46.

idem (1984), Escavação da mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira - Amarante), *Arqueologia*, 9, pp. 3-21.

idem (1984), Datas de C 14 para o megalitismo do Norte de Portugal: breve nota, *Lucerna* (Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão), pp. 69-72.

idem (1984), Megalitismo do Norte de Portugal: novos elementos, *Rev. de Guimarães*, XCIV, pp. 263-299.

idem (1985), Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, pp. 96-128.

idem (1985), Les monuments megalithiques du Nord du Portugal, *Groupe Vendéen d'Études Prehistoriques*, 14, pp. 15-38.

idem (1985), Uma datação pelo radiocarbono para a mamoa 5 de Outeiro de Gregos (Baião), *Arqueologia*, 12, pp. 94-95.

idem (1985), Novas datações de radiocarbono para mamoas do concelho de Baião, *Arqueologia*, 11, pp. 182-183.

Jorge, V. O. *et alii* (1980), As fossas ovoides abertas no saibro do concelho de Baião (distrito do Porto) e o seu significado no contexto da Arqueologia do Norte da Península Ibérica, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 133-144.

Jorge, V. O. e Almeida, C. A. F. de (1980), *A Estátua-Menir Fálica de Chaves*, Porto, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", nº 6.

Jorge, V. O. e Vilaça, R. (1985), As mamoas de Cabritos (Serra da Aboboreira), *Arqueologia*, 11, pp. 51-66.

Jorge, V. O. e Jorge, S. O. (1983), Nótula preliminar sobre uma nova estátua-menir do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 7, pp. 44-47.

Joussaume, R. L. (1981), *Le Néolithique de l'Aunis et du Poitou Occidental, dans son Cadre Atlantique*, C.N.R.S., "Travaux du Laboratoire d'Anthropologie - Prehistoire - Protohistoire et Quaternaire Armoricains, nº 27.

idem (1979), Le site fortifié néolithique de Champ-Durand à Nieul-sur-l'Antize (Vendée). Note préliminaire, *Congrès Préhistorique de France - XXIe. Session, Montauban-Cahors, Septembre 1979*, vol. 2, Paris, S.P.F., pp. 148-169.

idem (1984), Analyse structurale de la triple enceinte de fosses interrompus à Champ-Durand, Nieul-sur l'Antize-Vendée, *Groupe Vendéen d'Études Préhistoriques*, 11, pp. 15-37.

Junghans, S. *et alii* (1960), *Metallanalysen Kupferzeitlichen und Frühbronzezeitlicher Bodenfunde aus Europa*, I. Berlin Gebr. Mann Verlag, Römisch-Germaniches Zentralmuseum.

Junghans, S. *et alii* (1968), *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas. Die Materialgruppen bein Stand von 12 000 Analysen. Katalog der Analysen Nr. 985-10040*, Band 2, Berlin, Gebr. Mann Verlag, Römisch-Germaniches Zentralmuseum.

Junghans, S. *et alii* (1974), *Kupfer und Bonze in der frühen Metallzeit Europas. Katalog der Analysen Nr. 10041-22000 (mit Nachuntersuchungen der Analyses Nr. 1-10040)*, Band 2, Berlin, Gebr. Mann Verlag, Römisch-Germanisches Zentralmuseum.

Kaelas, L. (1966/67), The megalithic tombs in South Scandinavia - migration or culture influence?, *Palaeohistoria*, XII, pp. 287-321.

idem (1981), Megaliths of the funnel Beaker Culture in Germany and Scandinavia, *Antiquity and Man*, London, Thames and Hudson, pp. 141-155.

Kalb, Ph. (1975), Arquitectura de las colonias del Bronce I, *XIII Congr. Nacion. Arqueol. Huelva*, Zaragoza, pp. 383-386.

idem (1974-77), Uma data C-14 para o Bronze Atlântico, *O Arqueólogo Português*, série III, vols. VII a IX, pp. 141-144.

idem (1978), Senhora da Guia, Baiões. Die ausgrabung 1977 auf einer höhensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *M.M.*, 19, pp. 112-138.

idem (1980), Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58, pp. 25-59.

idem (1980), Neure Ergebnisse zur Megalithkultur auf der Iberischen Halbinsel, *Nachrichten aus Niedersachsens Urgeschichte*, Band 49, pp. 73-93.

idem (1980), o "Bronze Atlântico" em Portugal, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 113-120.

idem (1981), Zur relativen chronologie Portugiesischer Megalithgräber, *M.M.*, 22, pp. 55-77.

Kalb, Ph.e Höck, M. (1979), Ausgrabungen in der Grabttügelnekropole Fonte da Malga (Viseu, Portugal), *M.M.*, 20, pp. 43-55.

idem (1979), Escavações na necrópole de mamoas "Fonte da Malga" - Viseu, Portugal, *Beira Alta*, XXXVIII, fasc. 3, pp. 595-604.

idem (1980), Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrikt Santarém). Vorbericht über Die Grabung im Januar und Februar 1979, *M.M.*, 21, pp. 91-108.

Klein, J. *et alii* (1983), Calibration des dates radiocarbone, *Revue D'Archaeométrie*, G.M.P.C.A., pp. 3-46.

Kramer, C. (ed.) (1979), *Ethno-Archaeology. Implications of Ethnography for Archaeology*, New York, Columbia Univ. Press.

Kraybill, N. (1977), Pre-agricultural tools for the preparation of foods in the old world, *Origins of Agriculture* (ed. C. A. Reed), The Hague, pp. 485-521.

Landau, J. (1965), L'art en France dans la Prehistoire, *Diagrammes*, 105, pp. 5-68.

idem (1977), *Les Représentations Anthropomorfes Megalithiques de la Région Méditerranéenne (3ème au 1er. millénaire)*, Paris, C.N.R.S.

Lanhas, F. e Brandão, D. P. (1965), Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico. (Parcela 124-6), *Revista de Etnografia*, 4 (2), pp. 275-324.

idem (1969), Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico. (Parcela 109-4), *Revista de Etnografia*, 12 (2), pp. 295-344.

Lanting, J. N. e van der Walls, J. D. (1976), Bell Beakers in Continental Northwestern Europe, *La Civilisation des Vases Campaniformes* (dir. J. Guilaine), Nice, IXe. Congrès U.I.S.P.P., pp. 8-32.

Laplace, G. (1964), *Essai de Typologie Systématique*, Universita degli Studi di Ferrara.

idem (1966), *Recherches sur l'Origine et l'Évolution des Complexes Leptolithiques*, Paris, Ed. de Boccard.

Lautensach, H. (1937), *Portugal. Auf Gund eigener Reisen und der Literatur*, II, Gotha, Peterm. Geogr. Mittergheft, nº 230.

idem (1967), *Geografia de España y Portugal*, Barcelona, Ed. Vicens-Vives.

Leal, P. e Ferreira, A. (1871), *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa (12 vols.).

Leinser, G. (1938), *Verbreitung und Typologie der Galizisch Nordportugiesischen Megalithgräber*, Marburg.

idem (1941), Puertas perforadas en sepulcros megalíticos de la Peninsula Hispanica, *Corona de Estudios que Soc. Esp. de Antropologia, Etnografia y Prehistoria dedica a sus Mártires* (ed. J. M. Santa-Olalla), Madrid, pp. 107-124.

idem (1942), Probleme der östlichen Ausbreitung der portugiesischen Megalithkultur, *Ethnos*, II, pp. 1-21.

idem (1944), O dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo, *Biblos*, XX, pp. 23-52.

idem (1944), A cultura eneolítica do Sul de Espanha e as suas relações com Portugal, *Arqueologia e História*, 8ª série, 1, pp. 11-28.

Leisner, G. e Leisner, V. (1943), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Suden* (2 vols.), Berlin, Verlag von Walter de Gruyter, "Römisch-Germanische Forschungen", Band 17.

idem (1951), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz-Materiais para o Estudo da Cultura Megalítica em Portugal*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.

idem (1969), El Gualdalperal, *M.M.*, 1, pp. 20-73.

idem (1956, 59, 65), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Western*, (4 vols.), Berlin, Verlag von Walter de Gruyter, "Madrider Forschungen".

Leisner, V. (1958), Nota sobre um vaso transmontano, *Arqueologia e História*, 8ª série, vol. III, pp. 145-153.

idem (1961), Vasos eneolíticos decorados no interior, *Rev. de Guimarães*, LXXI, nºs 3-4, pp. 409-428.

idem (1963), Primeras fechas de radiocarbono 14 para la cultura megalítica iberica, *VIII Congr. Nacion. Arqueol. Sevilla-Malaga*, Zaragoza, pp. 207-215.

idem (1966-67), Die Verschiedenen Phasen des Neolithikums in Portugal, *Palaeohistoria*, 12, pp. 364-372.

Leisner, V. e Ferreira, O. da V. (1959), Os monumentos megalíticos de Trigache A-da-Beja, *Actas e Memórias do Iº Congr. Nacion. Arqueol.*, I, Lisboa, pp. 187-195.

Leisner, V. *et alii* (1961), *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, "Memoria dos Serviços Geológicos de Portugal", 8 (Nova Série).

Leisner, V. e Ferreira, O. da V. (1963), Primeiras datas de radiocarbono 14 para a cultura megalítica portuguesa, *Rev. de Guimarães*, LXXIII, 3-4, pp. 358-366.

Leisner, V. e Schubart, H. (1964), Dolmenes de Ciudad Rodrigo, *Zephyrus*, XV, pp. 47-59.

Leisner, V. *et alii* (1964), *Grutas Artificiais de S. Pedro do Estoril*, Lisboa.

Leisner, V. e Ribeiro, L. (1965), A escavação do dólmen - Orca das Castenairas, Frāguas - Vila Nova de Paiva, *Lucerna*, V, pp. 376-382.

Leisner, V. *et alii* (1966), Die Kupperzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro/Portugal, *M.M.*, 7, pp. 9-60.

Leisner, V. e Ribeiro, L. (1968), Die dolmen von Carapito, *M.M.*, 9, pp. 11-62.

Leisner, V. *et alii* (1969), *Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, "Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal", 16 (Nova Série).

Leitão, M. *et alii* (1978), La Céramique de la Culture du Vase Campaniforme du Portugal. Essai de systématisation, *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, LXIII, pp. 449-520.

Leone, M. (1968), Neolithic autonomy and social distance, *Science*, 162, pp. 1150-1151.

Leroi-Gourhan, A. (1943-45), *Évolution et Techniques* (2 vols.), Paris, A. Michel.

idem (1964), *Notes de Morphologie Descriptive*, Paris, Centre de Recherches Prehistoriques et Protohistoriques.

idem (1964), *Les Réligions de La Préhistoire*, Paris, P.U.F.

idem (1964-65), *Le Geste et la Parole* (2 vols.), Paris, A. Michel.

Leroi-Gourban, A. *et alii* (dir.) (1966), *La Préhistoire*, Paris, P.U.F.

Le Roux, C.-T. (1970), Le préhistorien et la hache polie, *Soc. Lorientaise d'Archéologie*, pp. 3-5.

idem (1980), Les mégalithes de Saint-Just, *Ille-et-Vilaine Informations*, pp. 7-23.

idem (1984), O cairn de Gavrinis (Morbihan). Alguns problemas da arte e da arquitectura megalítica, *Arqueologia*, 10, pp. 102-113.

idem (1984), A propos des fouilles de Gavrinis (Morbihan): nouvelles données sur l'art mégalithique armoricain, *B.S.P.F.*, t. 81, nº 8, pp. 240-245.

Lewthwaite, J. (1982), Acorns for the ancestors: the prehistoric exploitation of woodland in the West Mediterranean, *Archaeological Aspects of Woodland Ecology* (eds. S. Limbrey e M. Bell), Oxford, pp. 217-230.

idem (1984), The Neolithic of Corsica, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 bc* (ed. C. Scarre), Edinburgh University Press, pp. 146-183.

idem (1985), From precocity to involution: the neolithic of Corsica in its West Mediterranean and French contexts, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 4, nº 1, pp. 47-68.

Levin, J. (1985), *Estatística Aplicada a Ciências Humanas*, São Paulo, Harbra (2ª ed.).

L'Helgouach, J. (1965), *Les Sépultures Mégalithiques en Armorique (Dolmens à Couloir et Allées Couvertes)*, Rennes, Thèse Doctorat Sciences.

idem (1971), *Mégalithes en Bretagne*, Châteaulin, Ed. Jos le Doaré.

idem (1971), Les débuts du Néolithique en Armorique au quatrième millénaire et son développement au commencement du troisième millénaire, *Die Anfänge des Neolithikums vom Orient bis Nordeuropa*, Köln, pp. 178-200.

idem (1974), Les relations entre le groupe des vases campaniformes et les groupes néolithiques dans l'ouest de la France, *Glockenbecher Symposion Oberried, 1974* (ed. J. N. Lanting e J. D. van der Waals), pp. 439-451.

idem (1976), Le groupe campaniforme dans le Nord, le Centre et l'Ouest de la France, *La Civilisation des Vases Campaniformes* (dir. J. Guilaine), Nice, IXe. Congrès U.I.S.P.P., pp. 169-196.

Lichardus, J. e Lichardus-Ihen, M. (1972), *La Protohistoire de l'Europe. Le Néolithique et le Chalcolithique*, Paris, Nouvelle Clio, P.U.F.

Limbrey, S. (1975), *Soil Science and Archaeology*, London, Academic Press.

Llanos, A. (1972), Cerámica excisa en Alava y provincias limítrofes, *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 5, pp. 81-98.

Llanos, A. *et alii* (1975), El castro del Castillo de Henayo (Alegria-Alava). Memoria de excavaciones. Campañas de 1969-70, *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 8, pp. 87-212.

Llobregat, E. A. (1973), Del fin del Neolitico de ceramicas impresas al comienzo de la Edad del Bronce en la Region Valenciana - Precisiones sobre cronologia absoluta, *Saguntum*, 9, "Papeles del Labora-

tório de Arqueologia de Valencia".

Longacre, W. A. (1964), Sociological implications of the ceramic analysis, *Chapters in the Prehistory of Eastern Arizona, II, Fieldiana: Anthropology*, vol. 55, Chicago Natural History Museum, pp. 155-167.

idem (1970), *Archaeology as Anthropology: a Case Study*, Tucson, University of Arizona Press, "Anthropological Papers of University of Arizona", 17.

López, P. (1978), La problemática cronológica del Neolítico Peninsular, *C 14 y Prehistoria de la Península Iberica* (Reunion 1978), Madrid, Série Universitária Fundación Juan March - 7, pp. 45-57.

López Cuevillas, F. (1925), Hallazgo prehistórico de Roufeiro, *Boletin de la Comisión de Monumentos de Orense*, IV, 32.

idem (1925), As mamoas do concelho de Lobeira. Contribución ô estudo do megalitismo galego, *Bol. Real da Academia Gallega*, ano XX, pp. 235-245.

idem (1925), Nota encol do mobiliario d'algunhas mámoas galegas depositado no Museu d'Orense, *Bol. Real da Academia Gallega*, ano XX, nº 176, pp. 177-186.

idem (1929), Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatría en Galicia, *Arquivos do Seminário de Estud. Galegos*, pp. 33-91.

idem (1928-30), Novas cerámicas de antas galegas, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, IV, pp. 263-282.

idem (1932), Nota encol das lúnulas atopadas na Galiza, *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, IV, pp. 133-138.

idem (1933), Prehistoria de Melide, *Terra de Melide*, Santiago, Seminário de Estudos Galegos, pp. 33--134.

idem (1942), El tesoro de Golada, *El Museo de Pontevedra*, 1, pp. 57-60.

idem (1943-44), Relaciones prehistoricas de los finisterres atlánticos, *Bol. Com. Monum. Orense*, t. XIV, pp. 207-232.

idem (1947), Los vasos semiovoides y la cronologia de los vasos de ancho borde horizontal, *Bol. Com. Prov. Monum. Hist. y Art. Orense*, t. XVI, fasc. 1, pp. 1-12.

idem (1948), La cultura megalítica del Noroeste Peninsular, *Bol. Museo Arqueol. Prov. Orense*, t. IV, pp. 41-57.

idem (1948), El nordeste de Portugal y el arte megalítico, *Arch. Español de Arqueologia*, 72, pp. 245--254.

idem (1949), Sobre el número de mámoas y su distribución en Galicia, *Bol. Museo Arqueol. Prov. Orense*, t. V, pp. 5-11.

idem (1955), El comienzo de la edad de los metals en el Noroeste Peninsular, *Cuad. Estud. Gallegos*, t. X, fasc. 30, pp. 5-39.

idem (1959), La época megalítica en el Noroeste de la Peninsula, *Caesaraugusta*, nºs 13-14, pp. 21-77.

idem (1980), *História de Galicia*, vol. III, (dir. R. Otero Pedrayo), Madrid, Akal ed.

López Cuevillas, F. e Lourenzo Florentino, X. (1930), *Vila de Calvos de Randin*, Santiago, Seminário de Estud. Galegos.

López Cuevillas, F. e Bouza Brey, F. (1931), La civilización neo-eneolítica gallega, *Arch. Español de Arqueologia*, 19, pp. 41-61.

López Cuevillas, F. e Chamoso Lamas, M. (1958), Una necropolis de sepulturas planas, *Cuad. Est. Gallegos*, t. XIII, fasc. 41, pp. 273-283.

López Garcia, P. (1978), Resultados polínicos del Holoceno en la Peninsula Iberica, *T.P.*, 35, pp. 9 - -44.

López Gomez, P. (1980), Estudio de semillas prehistoricas en algunos yacimientos españolas, *T.P.*, 37, pp. 419-442.

idem (1984), Estudio polínico de los sedimentos del yacimiento de Lavapés, *Pontevedra Arqueológica*, I, pp. 179-188.

idem (1984), Análisis palinológico de los sedimentos arqueológicos del yacimiento de "O Fixón" (Viñó, Hío, Cangas de Morrazo), *Pontevedra Arqueológica*, I, pp. 145-148.

López Monteagudo, G. (1979), Consideraciones sobre la ceramica de Boquique, *Arch. Español de Arqueologia*, 52, nºs 139-140, pp. 21-26.

López Plaza, E. M. S. (1972), *La Cultura Megalítica de Salamanca* (Dissert. Licenciatura, polic.), Universidade de Salamanca.

idem (1974), Materiales de la Edad del Bronce hallados en Muñogalindo (Avila), *Zephyrus*, t. XXV, pp. 121-143.

idem (1978), *Comienzos del Eneolítico Protourbanno en el SO de la Meseta Norte* (Dissert. Doutoramento, polic.), Universidade de Salamanca.

idem (1979), Aportación al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO de la Meseta N. Española: la ceramica, *Setúbal Arqueológica*, V, pp. 67-102.

idem (1980), Brazalete de arquero precampaniforme procedente de "La Peña del Aguila", Muñogalindo (Avila), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 257-258.

idem (1980), Hoces de piedra prehistoricas en la provincia de Zamora, *Studia Zamorensia*, I, pp. 23-34.

idem (1981), Trabajos de arqueologia zamorana, *Studia Zamorensia*, II, pp. 343-346.

idem (1982), *Aspectos Arquitectonicos de los Sepulcros Megalíticos de las Provincias de Salamanca y Zamora*, Univ. de Salamanca, "Temas de Historia Local y Provincial, Sêrie Varia", 16.

idem (1984), "Coto Alto", La Tala (Salamanca): nuevo yacimiento con cerámica campaniforme y de Boquique en la Meseta Norte Española, *Arqueologia*, 9, pp. 59-67.

López Plaza, E. M. S. e Piñel, C. (1978), El poblado eneolítico de Fontanillas de Castro (Zamora); primera aportación a su estudio, *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 191-205.

López Plaza, E. M. S. e Jiménez Fuentes, E. (1978), Anális faunístico del poblado eneolítico "Teso del Moral" Cuelgamures (Zamora), *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 207-213.

López Roa, C. (1977), La cerámica con decoracion bruñida en el Suroeste Peninsular, *T.P.*, 34, pp. 341--370.

Lorblanchet, M. (1965), Contribution à l'étude du peuplement des Grandes Causses, *B.S.P.F.*, 62, pp. 667-712.

Losada, H. (1976), El dolmen de Entreterminos (Madrid), *T.P.*, 33, pp. 209-226.

Louis, M. *et alii* (1947), Les fonds de cabanes énéolithiques de Fontbouisse, *Gallia*, 5, pp. 5-18.

Lucas Pellicer, M. R. *et alii* (1980), El habitat campaniforme de "El Perchel" en Arcos del Jalón (Soria), *N.A.H.*, 8, pp. 9-68.

Luengo, J. M. (1941), El período Eneolítico y la Edad del Bronce en la provincia de León, *Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria dedica a sus Mártires*, Madrid, C.S.I.C., pp. 125-140.

Lull, V. (1983), *La "Cultura" de El Argar (un Modelo para el Estudio de las Formaciones Economico-Sociales Prehistoricas)*, Madrid, Ed. Akal.

Lynch, F. (1975), The impact of landscape on prehistoric man, *The Effect of Man on the Landscape: the Highland Zone* (eds. J. G. Evans, S. Limbrey e H. Cleere), London, "C.B.A. Research Report", nº 11, pp. 124-126.

idem (1980), Bronze age monuments in Wales, *Culture and Environment in Prehistoric Wales* (ed. J. A. Taylor), B.A.R., "British Series", 76.

Machado, J. L. S. (1964), Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, vol. V, pp. 51-448.

Maciñeira P. de Lama, F. (1941), El vaso campaniforme y condiciones de sus intactos yacimientos tumulares en la estacion de Puentes, del Carbo Ortegal, *Atlantis*, XVI, Cuad. III e IV, pp. 356-369.

idem (1942), Túmulos prehistóricos, *Bol. Real Academia Gallega*, t. XXIII, nºs 269/270, pp. 15-34.

Macinness, I. J. (1971), Settlements in Later Neolithic Britain, *Economy and Settlement in Neolithic and Early Bronze Age Britain and Europe* (ed. D.D.A. Simpson), Leicester University Press, pp. 113-130.

Macwhite, E. (1951), *Estudios sobre las Relaciones Atlanticas de la Península Hispanica en la Edad del Bronce*, Madrid, Seminario de História Natural del Hombre.

Magny, M. (1982), Atlantic and sub-boreal: dampness and dryness?, *Climatic Change in Later Prehistory* (ed. A. Harding), Edinburgh University Press, pp. 33-43.

Maia, S. (1908), A necrópole de Canidelo (Terra de Maia), *Portugalia*, II, pp. 619-625.

Malinowski, B., *Trois Essais sur la Vie Sociale des Primitifs*, Paris, Payot.

Mallo Viesca, M. e Perez Perez, M. (1970-71), Pinturas rupestres esquemáticas en Fresnedo Teverga (Asturias). Avance a su estudio, *Zephyrus*, XXI-XXII, pp. 105-138.

Maluquer de Motes, J. (1950), Estado actual de nuestro conocimiento de la Prehistoria Salmantina (hasta la Edad del Hierro), *Zephyrus*, I, pp. 9-21.

idem (1956), La técnica de incrustación de Boquique y la dualidad de tradiciones cerámicas en la Meseta durante la Edad del Hierro, *Zephyrus*, VII, pp. 179-206.

idem (1958), *Excavaciones Arqueológicas en el Cerro del Berrueco*, Salamanca, "Acta Salmanticensia", t. XIX, nº 1.

idem (1958), *El Castro de Los Castillejos en Sanchorreja*, Avila, "Temas Abulenses", I.

idem (1959), La fecha final de la excisa en la Meseta Española (Homonaje al Prof. Mendes Correia), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVII, 1-4, pp. 167-173.

idem (1960), Nuevos hallazgos de la cultura del vaso campaniforme en la Meseta, *Zephyrus*, XI, nºs 1-2, pp. 119-130.

idem (1960), Bases para el estudio de las culturas metalúrgicas de la Meseta, *Primer Symposium de Prehistoria de la Península Ibérica*, Septiembre de 1959, Pamplona, pp. 125-149.

idem (1970), Desarollo de la orfebrería prerromana en la Península Iberica, *Pyrenae*, 6, pp. 79-109.

idem (1972), *Processo Histórico Económico de la Primitiva Población Peninsular*, Instituto de Arqueologia y Prehistoria - Universidade de Barcelona, "Publicaciones Eventuales", nº 20.

idem (1975), La Edad del Bronce en el Occidente Atlantico, *IIªs Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciencias Historicas, I - Prehistoria e Historia Antigua*, Santiago, pp. 129-145.

idem (1977), El poblamiento prerromano en la Meseta del Duero, *Symposium del Bimilenario de Segovia de Arqueologia Romana*, Instituto de Arqueologia y Prehistoria - Universidade de Barcelona, "Publicaciones Eventuales", nº 27.

Marco Pous, A. (1973), Trabajos del Seminario de Arqueología de la Universidad de Navarra en la provincia de Logroño durante los años 1965 e 1966, *Miscelánea de Arqueologia Riojana*, pp. 9-52.

Marques, G. (1972), Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto, Porto, Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correia", nº 13.

Marques, F. e Andrade, G. M. (1974), Aspectos da proto-história do território português. 1 - Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do IIIº Congr.Nacion. Arqueol.* I, Porto, pp. 125-148.

Marques, J. A. M. (1984), Elementos para o estudo da Idade do Bronze no Alto Minho (Ponta de lança do Castro da Senhora da Graça - Monção), *Humanidades*, pp. 37-44.

Marti Oliver, B. (1978), El Neolitico de la Peninsula Iberica. Estado actual de los problemas relativos al processo de neolitización y evolución de las culturas neolíticas, *Saguntum*, 13, Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia, pp. 59-98.

Marti Oliver, B. *et alii* (1980), *Cova de l'Or (Beniarrés - Alicante)*, Valencia, Servicio de Investigacion Prehistorica, "Serie de Trabajos Varios", nº 65.

Martin Colliga, A. (1980), Avance de los resultados obtenidos en las excavaciones de "Cova del Frare" (Matadepera, Barcelona), *Rev. Arrahona* (Sabadell), 10, pp. 37-54.

Martin de la Cruz, J. C. (1983-84), Precisiones en torno a la cronologia antigua de Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 93-104.

idem (1985), *Papa Uvas I. Aljaraque, Huelva. Campaña de 1976 a 1979*, Madrid, Ministerio de Cultura, "E.A.C.", 136.

Martin de la Cruz, J. C. *et alii* (1985), Nueva interpretacion sobre los poblados en el estuario del Tinto-Odiel. Huelva, *Huelva Arqueologica*, VII, pp. 161-206.

Martin Socas, D. (1978), Aproximacion a la economia de la mitad meridional de la Peninsula Iberica durante el Eneolitico, *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 163-190.

Martin Socas, D. e Camalich Massien, M. D. (1983), La arquitectura domestica del Eneolitico en la zona meridional de la Peninsula Iberica, *Homenaje al Prof. Martin Almagro Basch*, I, Madrid, pp. 437-455.

Martins, F. (1929), O Tesouro de Gondeiro, *Rev. de Guimarães*, XXXIX, p. 228 ss.

Martin Valls, R. (1971), Hallazgo de ceramica campaniforme en Pajares de Adaja (Avila), *B.S.A.A.*, XXXVII, pp. 397-403.

Martin Valls, R. e Delibes de Castro, G. (1972), Nuevos yacimientos de la primera Edad del Hierro en la Meseta Norte, *B.S.A.A.*, XXXVIII, p. 19.

idem (1973), Recientes hallazgos ceramicos de la fase Cogotas I en la provincia de Salamanca, *B.S.A.A.*, Varia, XXXIX, pp. 395-402.

idem (1974), La cultura del vaso campaniforme en las campiñas meridionales del Duero: el enterramiento de Fuente-Olmedo (Valladolid), *Museo Arqueologico de Valladolid*, 1, pp. 7-57.

idem (1975), Hallazgos arqueologicos en la provincia de Zamora (II), *B.S.A.A.*, XLI, pp. 449-460.

idem (1976), Hallazgos arqueologicos en la provincia de Zamora (III), *B.S.A.A.*, XLIII, pp. 422-426; pp. 431-434.

idem (1977-78-79-81-82), Hallazgos arqueologicos en la provincia de Zamora, *B.S.A.A.* (IV-V-VI-VIII-IX, pp. 295-298; 321-346; 125-147; 180-184; 45-70).

idem (1976), Sobre la ceramica de la fase Cogotas I, *B.S.A.A.*, XLII, pp. 5-15.

idem (1981), Crisoles de fundicion calcoliticos de la tierra del Vino (Hallazgos Arqueologicos en la Provincia de Zamora) (VIII), *B.S.A.A.*, XLVII, pp. 180-184.

Martinez Navarrete, N. I. (1979), El yacimiento de "La Esgaravita" (Alcalá de Henares, Madrid) y la cuestion de los llamados "fondos de cabaña" del valle del Manzanares, *T.P.*, 36, pp. 83-118.

idem (1984), El comienzo de la metalurgia en la provincia de Madrid: la cueva y cerro de Juan Barbero

(Tielmes), *T.P.*, 41, pp. 17-128.

Martinez Navarrete, M. I. e Valiente Cãnovas, S. (1983), El Cerro del Castillejo (La Parra de Las Vegas. Cuenca), *N.A.H.*, 16, pp. 57-193.

Martinez Santa-Olalla, J. (1930), Cerãmica incisa y cerãmica de la cultura del vaso campaniforme en Castilla la Vieja y Asturias, *Anuario de Prehistoria Madrileña*, I, pp. 99-129.

idem (1941), Esquema paletnológico de la Peninsula Hispãnica, *Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria dedica a sus Mártires*, I, Madrid, C.S.I.C., pp. 141--166.

Mathers, C. (1984), Beyond the grave: the context and wider implications of mortuary practice in South-Eastern Spain, *Papers in Iberian Archaeology* (eds. T. F. C. Blagg, R. F. J. Jones e S. J. Keay), B.A.R., "International Series", 193 (i), pp. 13-46.

Megaw, J. V. S. e Simpson, D. D. A. (1981), *Introduction to British Prehistory from the Arrival of Homo Sapiens to the Claudian Invasion* (eds. J. V. S. Megaw e D. D. A. Simpson), Leicester University Press.

Meillassoux, C. (s/d), *Mulheres, Celeiros e Capitais*, Porto, Afrontamento.

Merino, J. M. (1969), *Tipologia Lítica*, *Munibe*, año XXI, fasc. 1-3.

Messer, E. (1979), Cultivation and cognition: plants and archaeological research strategies, *Ethnoarchaeology* (ed. C. Kramer), New York, Columbia University Press, pp. 247-264.

Milisauskas, S. (1978), *European Prehistory*, London, Academic Press.

Miller, D. e Tilley, C. (1984), Ideology, power, material culture and long-term change, *Ideology, Power and Prehistory* (ed. D. Miller e C. Tilley), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 147-152.

Millett, M. (1979), An approach to the functional interpretation of pottery, *Pottery and the Archaeologist* (ed. M. Millett), London, Institute of Archaeology, "Occasional Publication", nº 4, pp. 35-48.

Millotte, J.-P. (1970), *Précis de Protohistoire Européenne*, Paris, Armand Colin.

Mills, N. T. W. (1984), The Neolithic of Southern France, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 bc* (ed. C. Scarre), Edinburgh University Press, pp. 91-145.

idem (1985), The dynamics of agriculture settlement in Southeast France: a long-term view, *Beyond Subsistence* (eds. G. Barker e C. Gramble), London.

Moberg, C.-A. (1976), *Introdução à Arqueologia*, Lisboa, Ed. 70.

idem (1981), *Similar Finds? Similar Interpretations? A Spectrum of Approaches* (ed. C.-A. Moberg), Department of Archaeology, University of Gothenburg.

Moberg, C.-A. *et alii* (1984), Archéologie du terroir. Ruptures et continuité dans l'occupation des sols, *Actes du Colloque de Châteauroux, 24-26 Juin 1982*, Centre de Recherches Archéologiques du C.N.R.S.

Mohen, J.-P (1982), Interrogation directe et indirecte de la nécropole néolithique de Bougon (Deux-Sèvres), *Interrogation Directe et Interrogation Indirecte des Données de Fouille* (Séminaire sur les Structures d'Habitat), Collège de France, "Ethnologie Prehistorique", pp. 55-58.

Mohen, J.-P. e Bergougnan, D. (1984), Le Camp Néolithique de Chez Reine, à Semussac (Charente-Maritime), I, Étude Archéologique, *Gallia Préhistoire*, t. 27, vol. 1, pp. 7-40.

Moita, I. N. (1966), Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, V, pp. 189-277.

Molina González, F. (1977), *La cultura del Bronce Final en el Sudeste de la Peninsula Iberica* (Resumo de tese doctoral), Univ. de Granada.

idem (1978), Definicion y sistematización del Bronce Tardio y Final en el Sudeste de la Peninsula Iberica, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 3, pp. 159-232.

idem (1983), Prehistoria, *Historia de Granada, I, De las Primeras Culturas Al Islam*, Granada, ed. Don Quijote, pp. 3-131.

Molina González, F. e Pareja López, E. (1975), *Excavaciones en la Cuesta del Negro (Purullena, Granada). Campaña de 1971*, Madrid, Ministério de Cultura, "E.A.E.", 86.

Molina González, F. e Arteaga, O. (1976), Problemática y diferenciación en grupos de la cerámica con decoración excisa en la Peninsula Ibérica, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 1, pp. 175-214.

Molina González, F. e Nájera, T. (1978), Die Motillas von Azuer und Los Palacios (Prov. Ciudad Real) ein Beitrag zur Bronzezeit der Mancha, *M.M.*, 19, pp. 52-74.

Molina González, F. *et alii* (1979), La Motilla del Azuer (Daimel, Ciudad Real). Campaña de 1979, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 4, pp. 265-280.

Molina González, F. *et alii* (1980), Cerro de Enmedio, Eine Bronzezeitliche höhensiedlung arm unteren Andarax (Prov. Almeria), *M.M.*, 21, pp. 62-73.

Molina Lemos, L. (1980), El poblado del Bronce I El Lobo (Badajoz), *N.A.H.*, 9, pp. 91-130.

Monteagudo, L. (1952), Revision del Bronce Atlántico del SW europeo, *Arch. Español de Arqueologia*, XXV, nº 86, pp. 348-353.

idem (1953), Orfebreria del Noroeste Hispanico en la Edad del Bronce, *Arch. Español de Arqueologia*, XXVI, nº 88, pp. 269-312.

idem (1965), Hachas prehistoricas da Europa Ocidental (notas de un viaje), *Conimbriga*, IV, pp. 13-35.

idem (1977), *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, München, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, "Prahistorische Bronzefunde", IX, Band 6.

Montjardin, R. (1970), Ferrières, Fontbouisse et Campaniforme, *B.S.P.F.*, 67, pp. 277-281.

Morán Bardon, C. (1924), *Excavaciones Arqueologicas en el Cerro del Berrueco*, Madrid, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, nº 113.

idem (1926), Prehistoria de Salamanca, *O Instituto*, 73, pp. 471-493.

idem (1933), Salamanca en la Prehistoria, *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães, Soc. Martins Sarmento, pp. 257-372.

idem (1935), *Excavaciones en dólmens de Salamanca y Zamora*, Madrid, Junta Superior de Excavaciones y Antiguedades, nº 135.

Moreno López, G. (1971/72), Cerámica Campaniforme en la Cuenca Alta y Media del Ebro y provincias adyacentes, *Caesaraugusta*, vol. 35-36, pp. 29-51.

Morzadec-Kerfourn, M. T. (1983), Analyses polliniques de paléosols conservés sous les sépultures du Néolithique à l'Âge du Bronze en Armorique, *Enclos Funéraires et Structures d'Habitat en Europe du Nord-Ouest*, Rennes, Travaux du Laboratoire "Anthropologie-Prehistoire Protohistoire-Quaternaire Armoricains", pp. 181-186.

Moure Romanillo, J. A. e Fernandez-Miranda, M. (1977), El abrigo de Verdelpino (Cuenca). Noticia de los trabajos de 1976, *T.P.*, 34, pp. 31-84.

Muckelroy, K. (1981), Middle Bronze Age trade between Britain and Europe: a maritime prespective, *Proceedings of Prehistoric Society*, 47, pp. 275-297.

Muñoz Amilibia, A. M. (1965), *La Cultura Neolítica Catalana de los "Sepulcros de Fossa"*, Barcelona, Instituto de Arqueologia e Prehistoria.

idem (1970), Estado actual de la investigación sobre el Neolítico Español, *Pyrenae*, 6, pp. 13-28.

idem (1971), La "calaita" en el País Vasco, *Munibe*, año XXIII, nºs 2/3, pp. 347-354.

idem (1974), El Neolítico de la Cueva de Los Murciélagos de Zuheros, *T.P.*, 31 (Nova Série), pp. 293-294.

idem (1982), La Edad del Bronce en el Sudeste de España, *XVIº Congr. Nacion. Arqueol. (Murcia - Cartagena)*, Zaragoza, pp. 11-27.

idem (1984), La neolitización en España: problemas e líneas de investigación, *Scripta Praehistorica (Jordá Cerdá - Oblata)*, Salamanca, pp. 349-370.

Murray, J. (1970), *The First European Agriculture. A Study of the Osteological and Botanical Evidence until Two Thousand B.C.*, Edinburgh University Press.

Nájera, T. (1984), *La Edad del Bronce en la Mancha Occidental* (Resumen de Tesis Doctoral), Tesis Doctorales de la Universidad de Granada, 458.

Nájera, T. *et alii* (1979), La Motilla del Azuer (Daimiel, Ciudad Real), Campaña de 1976, *N.A.H.*, 6, pp. 19-50.

Nájera, T. *et alii* (1981), La motilla del Azuer (Daimiel, Ciudad Real). Campaña de 1981, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 6, pp. 293-306.

Naranjo González, C. (1984), El Castillo de Cardeñosa. Un yacimiento de los inicios de la Edad del Bronce en la Sierra de Avila (Excavaciones realizadas por J. Cabré, en 1931), *N.A.H.*, 19, pp. 35-85.

Navarrete Enciso, S. (1976), *La Cultura de las Cuevas con Ceramica Decorada en Andaluzia Oriental* (2 vols.), DeptQ Prehistoria, Universidade de Granada.

Nieto Gallo, G. e Sánchez Meseguer, J. (1980), *El Cerro de la Encantada. Granátula de Calatrava (Ciudad Real)*, Madrid, Ministério de Cultura "E.A.E.", 113.

Nunes, J. de C. (1951), Escavações no dólmen da Barrosa (Âncora), *Rev. de Guimarães*, LXI, pp. 196-204.

idem (1974), *Introdução ao Estudo da Cultura Megalítica no Curso Inferior do Alva*, Sá da Bandeira, Universidade de Luanda - Cursos de Letras.

Obermaier, H. (1924), El dolmen de Soto (Trigueros, Huelva), *Boletin de la Sociedad Española de Excursiones*, año XXXII, pp. 1-31.

idem (1925), Die Bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien), *IPEK*, pp. 51-57.

Octobon, C. F. (1931), Statues-menhires, stèles gravées, dalles sculptées, *Revue Anthropologique*, XLI, pp. 299-579.

Olaria de Gusi, C. (1977), *Las Cuevas de Los Botijos y de la Zorrera en Benalmádena*, Benalmádena.

idem (1979), Dos nuevas tumbas megaliticas en Almeria; el ritual funerário en la cultural de Los Millares y su problemática de interpretación, *Estudios dedicados a C. Callejo Serrano*, Cáceres, pp. 511-532.

Orme, B. (1981), *Anthropology for Archaeologists*, London, Duckworth.

Orton, C. (1980), *Mathematics in Archaeology*, Cambridge University Press.

Otero Pedrayo, R. (dir. de), *Historia de Galicia*, Madrid, Akal ed. (vols. I, II e III).

Pachón Romero, J. *et alii* (1980), *El Processo Protohistorico en Andalucia Oriental: Jaen*, Publ. Museo de Jaen, nº 7.

Paço, A. do (1937 - 1941), A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro, *Brotéria*, XXVIII, fasc. 6; XXIX, fasc. 1, 4, 5; XXXIV, fasc. 6, *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço - 1929-1968* (1970), Associação dos Arqueólogos Portugueses, I, pp. 229-305.

idem (1943), Uma vasilha de barro de grandes dimensões do "castro" de Vila-Nova-de-São-Pedro, *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Porto, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 132-143.

idem (1954), Castro de Vila Nova de S. Pedro VI - Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950, *Arqueologia e História*, 8ª série, III, pp. 31-80.

idem (1954), Sementes pré-históricas do Castro de Vila Nova de S. Pedro, *Anais*, IIª série, 5, pp. 281-359.

idem (1955), Necrópole de Alapraia, *Anais*, IIª série, 6, pp. 27-140.

idem (1957), Sementes incarbonizadas do "Baleal" (Peniche), *Actas do XXIIIº Congresso Luso-Espanhol*, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 347-352.

idem (1957), Castro de Vila Nova de S. Pedro. IX - Forno de cozer cerâmica, *Actas do XXIIIº Congresso Luso-Espanhol*, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 335-345.

idem (1960-61), Castro de Vila Nova de S. Pedro XIII. Recipientes de osso e de calcário, *Conimbriga*, 2-3, pp. 167-179.

idem (1962), O Castelo do Giraldo (Évora) e os novos horizontes do Neolítico alentejano, *Boletin da Junta Distrital de Évora*, 2, pp. 219-223.

idem (1964), Castro de Vila Nova de S. Pedro. Vida económica. O problema campaniforme. Metalurgia e análises espectográficas, *Anais*, IIª série, 14, pp. 133-165.

idem (1966), Castelo da Pedra do Ouro, *Anais*, IIª série, 16, pp. 117-152.

Paço, A. do e Jalhay, E. (1935), As grutas de Alapraia, *Brotéria*, XXI, fasc. 2, pp. 108-129.

Paço, A. *et alii* (1947), Gruta da nascente do rio Almonda, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11, fasc. 1-2, pp. 171-187.

Paço, A. do e Arthur, M. L. C. (1952), Castro de Vila Nova de S. Pedro. I - 15ª Campanha de escavações (1951), *Brotéria*, LIV, fasc. 3, pp. 289-309.

Paço, A. do e Bârtholo, M. de L. (1957), Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de "Montes Claros" (Monsanto), *Actas do XXIIIº Congresso Luso-Espanhol*, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 365-370.

Paço, A. do e Ferreira, M. E. (1957), Espada de cobre do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres), *Actas do XXIIIº Congresso Luso-Espanhol*, Coimbra, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 357-364.

Paço, A. do e Franco, G. L. (1959), Ídolo cilíndrico de calcário oculado do Algarve, *Actas e Memórias do Iº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Lisboa, pp. 361-368.

Paço, A. do *et alii* (1959), Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais, *Actas e Memórias do Iº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Lisboa, pp. 147-160.

Paço, A, do e Pinto, E. (1961), Vasos campaniformes da mamoa de Guilhabreu, *Boletim da Câmara Municipal de Vila do Conde*, 2, pp. 9-24.

Paço, A. do e Ventura, J. F. (1961), Castelo do Giraldo (Évora), I - Trabalhos de 1960, *Rev. de Guimarães*, 71, fasc. 1-2, pp. 27-49.

Paço, A. do *et alii* (1964), Castro do Zambujal, *Bol. Junta Distrital de Lisboa*, LXI-LXII, IIª série, pp. 279-306.

Palol, P. de (1969), Nuevos hallazgos arqueológicos en la región de Valladolid (III). Nuevos hallazgos en los yacimientos del área de Curiel, Pesquera de Duero e Padilla de Duero, *B.S.A.A.*, XXXIV-XXXV,

pp. 298-307.

Pareja Lopez, E. (1976), Geografia argarica granadina, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 1, pp. 125-137.

Pautreau, J.-P. (1979), Les rapports entre Artenaciens et Campaniformes et les débuts de la métallurgie du cuivre dans le centre-ouest de la France, *B.S.P.F.*, t. 76, fasc. 4, pp. 110-118.

idem (1979), *Le Chalcolithique et l'Age du Bronze en Poitou (Vendée, Deux-Sèvres, Vienne)*, Poitiers, Musée Sainte-Croix (2 vols.).

idem (1984), Remarques sur le choix des sites d'habitat, les permanences et les ruptures dans leur occupation: l'exemple du Centre-Ouest Néolithique et Protohistorique, *Archéologie du Terroir*, Actes du Colloque de Châteauroux, Châteauroux, pp. 145-151.

Parreira, R. (1983), O Cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. I, pp. 149-168

Parreira, R. e Soares, A. M. (1981), Zu einigen Bronzezeitlichen höhensiedlungen in Südportugal, *M.M.*, 21, pp. 109-130.

Patiño Gomez, R. (1983), Excavaciones de un habitat campaniforme en "O Fixón" (Pontevedra), *Rev. de Arqueologia*, año IV, nº 30, pp. 22-24.

idem (1983), Excavación de un yacimiento tipo Penha: Lavapes 1982. Segunda campaña, *Rev. de Arqueologia*, año IV, nº 27, pp. 34-35.

idem (1984), Excavaciones de un yacimiento campaniforme en Chan de Armada (Vilaboa - Pontevedra), *Rev. de Arqueologia*, año V, nº 38, pp. 54-55.

idem (1984), Excavación de la mamoa 1 de As Rozas (Campo Lameiro), *Pontevedra Arqueológica I*, pp. 45--74.

idem (1984), Excavación de la mamoa 1 de Chan da Cruz, *Pontevedra Arqueológica I*, pp. 17-44.

idem (1985), Campañas arqueológicas en la provincia de Pontevedra en 1984, *Rev. de Arqueologia*, año VI, nº 52, pp. 58-61.

Peebles, C. S. e Kus, S. M. (1977), Some archaeological correlates of ranked societies, *American Antiquity*, 42, pp. 421-428.

Pellicer, M. (1963), *Estratigrafia Prehistorica de la Cueva de Nerja. 1ª Campaña*, Madrid, Ministério de Educacion y Ciência, "E.A.E.", 16.

idem (1964), *El Neolítico y el Bronce de la Cueva de la Carigüela de Piñar* (Granada), Madrid, "Trabajos de Prehistoria", XV.

Peña Santos, A. J. de la (1975), Excavacion de una mamoa en "Chan da Cruz", Villaboa, *El Museo de Pontevedra*, XXIX, pp. 105-120.

idem (1979), Notas para una revisión de los grabados rupestres de "O Castriño" en Conxo (Santiago de Compostela), *El Museo de Pontevedra*, XXXIII, pp. 71-100.

idem (1979), Frequencias de aparicipon y asociación en los grabados rupestres al aire libre de la provincia de Pontevedra (Galicia), *T.P.*, 36, pp. 407-428.

idem (1980), Nuevos pontos de vista para la cronologia de los grabados rupestres al aire libre del Noroeste de la Península Ibérica, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, II, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 133-153

idem (1980), Las representaciones de alabardas en los grabados rupestres gallegos, *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 115-129.

idem (1980), O tema da alabarda nos grabados rupestres galegos, *Brigantium*, 1, pp. 49-69.

idem (1982), Excavaciones arqueológicas de urgencia en la provincia de Pontevedra durante el año 1981, *El Museo de Pontevedra*, XXXVI, pp. 67-82.

idem (1982), La figura humana en el grabado rupestre, *Rev. de Arqueologia*, año 3, nº 15, pp. 7-13.

idem (1983-84), La investigación del arte rupestre en Galicia: estado actual y perspectivas de futuro, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Porto, 1983), pp. 83-88.

idem (1984), Sondeo estratigráfico en el yacimiento de "A Fontenla" (Moaña), *Pontevedra Arqueológica*, I, pp. 91-98.

idem (1984), Sondeo estratigráfico en el yacimiento de "O Regueiriño" (Moaña), *Pontevedra Arqueológica*, I, pp. 85-90.

idem (1984), El yacimiento de Lavapés (Cangas de Morrazo). Balance de las excavaciones 1981-1982, *Pontevedra Arqueológica*, I, pp. 149-178.

idem (1985), Las ceramicas incisas metopadas tipo "Penha" en Galicia: el asentamiento de Lavapés (Pontevedra), *Arqueologia*, 12, pp. 74-80.

Peña Santos, A. de e Rodríguez Casal, A. A. (1976), Estudio de los materiales conservados de tres sepulturas megalíticas (Península de Morrazo, Pontevedra), *Gallaecia*, 2, pp. 55-86.

Peña Santos, A. de e Vásquez Varela, J. M. (1979), *Los Petroglifos Gallegos. Grabados Rupestres Prehistoricos al Aire Libre en Galicia*, A Coruña, "Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos", 30, Ed. do Castro.

Pereira, J. P. (1976-77), A gruta natural da Salvé Rainha (Serra de Montejunto), *Setúbal Arqueológica*, II-III, pp. 49-98.

Pereira, M. A. H. (1970), *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, Mação, Câmara Municipal.

idem (1979), Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa, *Ethnos*, 8, pp. 31-85.

Pérez de Barradas (1932), Excavaciones en el poblado eneolítico de Cantarranas (Ciudad Universitária de Madrid), *Anuario de Prehistoria Madrileña*, vols. II-III, pp. 61-82.

idem (1933-34-35), Nuevos estudios sobre prehistoria madrileña; la colección Bento, *Annuario de Prehistoria Madrileña*, vols. IV-V-VI, pp. 1-90.

idem (1936), Fondos de cabaña de la Edad del Hierro del Puente Largo del Jarama. Aranjuez, *Annuario de Prehistoria Madrileña*, IV-VI, pp. 185-189.

Pericot García, L. (1927), Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia, *Bol. de la Real Academia Gallega* , t. XXII, pp. 283-319.

idem (1950), *Los Sepulcros Megalíticos Catalanes y la Cultura Pirenaica*, Barcelona, Instituto de Estudios Pirenaicos.

idem (1950), *La España Primitiva*, Barcelona, Ed. Barna.

Pétrequin, A.-M. e P. (1978), Le phénomène campaniforme-cordé en Franche-Comté. Chronologie et rapports avec les groupes régionaux, *B.S.P.F.*, t. 75, nº 10, pp. 361-393.

Phillips, P. (1975), *Early Farmers of West Mediterranean Europe*, London, Hutchinson & Co Ltd.

idem (1977), The evolutionary model of human society and its application to certain early farming populations of Western Europe, *The Explanation of Culture Change: Models in Prehistory* (ed. C. Renfrew), London, Duckworth, pp. 529-537.

idem (1980), *The Prehistory of Europe*, London, Allen Lane.

idem (1982), *The Middle Neolithic in Southern France, Chasséen Farming and Culture Process*, Oxford.

Piel-Desruisseaux, J.-L. (1984), *L'Outil de Pierre Préhistorique*, Paris, Masson.

Piggott, S. (s/d), *A Europa Antiga. Do Início da Agricultura à Antiguidade Clássica*, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian.

idem (1947), Relações entre Portugal e as Ilhas Britânicas nos começos da Idade do Bronze, *Rev. de Guimarães*, LVII, fasc. 3-4, pp. 139-152.

Pina, H. L. (1971), Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora, *IIº Congr. Nacional de Arqueologia*, I, Coimbra, pp. 151-162.

Pina, L. de (1928), A Penha eneolítica, *Rev. de Guimarães*, vol. XXXVIII, nºs 3-4, pp. 137-1.

idem (1928), Subsídios para a Arqueologia do Concelho de Guimarães - Os "Fornos" da Ribeira (S. João da Ponte), *Rev. de Guimarães*, XXXVIII, nºs 3-4, pp. 205-211.

idem (1933), Notas para a Pré-História Vimaranense, *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 287-291.

idem (1940), Tentame topográfico da arqueologia pré-romana e luso-romana do concelho de Guimarães, *Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, pp. 500-513.

Pinho, J. de (1931), Sur les graines trouvés dans la station énéolithique de Pepim-Amarante, *XVº Congresso de Estudos de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas*, Lisboa, pp. 356-358.

Pinto, C. V. e Parreira, R. (1979), Acerca do conceito de colónia no Calcolítico da Estremadura, *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", 3, pp. 135-145.

Pinto, R. de S. (1929), Petrõglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, pp. 3-10.

Pires-Ferreira, J. W. e Flannery, K. V. (1976), Ethnographic models for formative exchange, *The Early Mesoamerican Village* (ed. Kent V. Flannery), London, Academic Press, "Studies in Archaeology", pp. 286-291.

Pla Ballester, E. *et alii* (1983), La Ereta del Pedregal (Navarres, Valencia) y los inicios de la Edad del Bronce, *XVIº Congr. Nacion. Arqueologia (Murcia-Cartagena)*, Zaragoza, pp. 239-248.

Plog, S. (1976), Measurement of prehistoric interaction between communities, *The Early Mesoamerican Village* (ed. K. V. Flannery), London, Academic Press, "Studies in Archaeology", pp. 255-271.

idem (1976), The inference of prehistoric social organization from ceramic design variability, *Michigan Discussion in Anthropology*, 1, pp. 1-47.

idem (1978), Social interaction and stylistic similarity: a reanalysis, *Advances in Archaeological Method and Theory*, 1 (ed. M. B. Schiffer), New York, Academic Press, pp. 144-182.

idem (1980), *Stylistic Variation in Prehistoric Ceramics. Design Analysis in the American Southwest*, Cambridge University Press, "New Studies in Archaeology".

Pouillon, F. (dir.) (1976), *L'Anthropologie Économique-Courants et Problèmes*, Paris, François Maspero.

Poyato, C. e Galán, C. (1978-79), Hallazgo de materiales campaniformes en "Oretum", Granátula de Calatrava (Ciudad Real), *Cuad. Prehistoria y Arqueologia*, nºs 5 e 6, pp. 59-69.

Poyato Holgado, C. *et alii* (1980), El Neolitico y la Edad del Bronce en la Provincia de Madrid, *IIªs Jornadas de Estudios sobre la Provincia de Madrid*, Madrid, Diputacion Provincial de Madrid, pp. 35-47.

Priego, M. del C. e Quero, S. (1976/77), Materiales campaniformes del Instituto Arqueológico de Madrid, *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, pp. 151-162.

Quero, S. (1982), El poblado del Bronce Medio do Teja del Sastre (Madrid), *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas*, Madrid, Museo Municipal, pp. 185-243.

Quero, S. e Priego, M. C. (1976), Noticia sobre el poblado campaniforme de El Ventorro (Madrid), *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 321-329.

idem (1978), Campaniformes de la Meseta en el Instituto Arqueológico Municipal de Madrid, *Revista de la Biblioteca, Archivo e Museo del Ayuntamiento de Madrid*, 3-4, pp. 83-94.

idem (1979), Prospecciones y excavaciones recientes del Instituto Arqueologico Municipal, *Iªs Jornadas de Estudios sobre la Provincia de Madrid*, Madrid, Diputación Provincial de Madrid, pp. 102-103.

Raikes, R. (1967), *Water, Weather and Prehistory*, London, John Baker.

Ramil Soneira, J. *et alii* (1976), Trēs tumulos megalīticos con grabados en el termino municipal de Villalba (Lugo), *Gallaecia*, 2, pp. 87-97.

Ramil Soneira, J. e Vāsquez Varela, J. M. (1979), Enterramiento en cista de la Edad del Bronce de "O Cubillōn", Xermade (Lugo), *Museo de Pontevedra*, XXXIII, pp. 61-68.

Ramos Fernāndez, R. (1984), Memoria de las excavaciones realizadas en el promontori de Elche, durante las campañas 1980-81, *N.A.H.*, 19, pp. 9-34.

Ramos Millan, A. (1981), Interpretaciones secuenciales y culturales de la Edad del Cobre en la zona meridional de la Peninsula Iberica. La alternativa del materialismo cultural, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, 6, pp. 203-256.

Randsborg, K. (1974), Social stratification in Early Bronze Age Denmark: a study in the regulation of cultural systems, *Praehistorische Zeitschrift*, 49, Heft 1, pp. 38-61.

Rauret Dalman, A. M. (1976), *La Metalurgia del Bronce en la Peninsula Iberica durante la Edad del Hierro*, Instituto de Arqueologia y Prehistoria, Universidade de Barcelona, "Publicaciones Eventuales", nº 25.

Redman, C. L. (1978), Multivariate artifact analysis: a basis for multidimensional interpretations, *Social Archaeology: beyond subsistence and dating* (ed. C. L. Redman), New York, Academic Press, pp.159--192.

idem (1978), *The Rise of Civilisation. From Early Farmers to Urban Society in the Ancient Near East*, San Francisco, W. H. Freeman and Company.

Renfrew, C. (1967), Colonialism and megalithismus, *Antiquity*, XLI, nº 164, pp. 276-288.

idem (1968), Wessex without Mycenae, *Annual of The British School of Athens*, LXIII, pp. 227-285.

idem (1969), Trade and cultural process in European Prehistory, *Current Anthropology*, vol. 10, nº 2, pp. 1-11.

idem (1970), New configurations in old world Archaeology, *World Archaeology*, vol. 2, nº 2, pp. 199-211.

idem (1973), Monuments, mobilisation and social organisation in Neolithic Wessex, *The Explanation of Culture Change Models in Prehistory*, London, Duckworth, pp. 539-558.

idem (1974), Beyond a subsistence economy: the evolution of social organization in Prehistoric Europe, *Reconstructing Complex Societies. An Archaeological Colloquium* (ed. C. B. Moore), pp. 69-95.

idem (ed.) (1974), *British Prehistory - a New Outline*, London, Duckworth.

idem (1974), British Prehistory: changing configuration, *British Prehistory - a New Outline* (ed. C. Renfrew), London, Duckworth, pp. 1-40.

idem (1976), Megaliths, Territories and Populations, *Acculturation and Continuity in Atlantic Europe* (ed. S. J. de Laet), Bruges, pp. 198-220.

idem (1976), *Before Civilisation. The Radiocarbon Revolution and Prehistoric Europe*, Harmondsworth, Penguin Books (2ª ed.).

idem (1977), Space, time and polity, *The Evolution of Social Systems* (eds. J. Friedman e M. J. Rowlands), London, pp. 89-112.

idem (1979), *Problems in European Prehistory*, Edinburgh University Press.

idem (1981), Introduction: the megalith builders of Western Europe, *Antiquity and Man. Essays in Honour of Glyn Daniel* (eds. J. D. Evans, B. Cunliffe e C. Renfrew), London, Thames and Hudson, pp. 72-81.

idem (1982), Socio-economic change in ranked societies, *Ranking, Resource and Exchange: Aspects of the Archaeology of Early European Society* (eds. C. Renfrew e S. Shennan), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 1-8.

idem (1982), Explanation revisited, *Theory and Explanation in Archaeology* - The Southampton Conference (eds. C. Renfrew, M. J. Rowlands, B. A. Segraves), London, Academic Press, pp. 6-24.

idem (1984), *Approaches to Social Archaeology*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

Renfrew, J. M. (1969), The archaeological evidence for the domestication of plants: methods and problems, *The Domestication and Exploitation of Plants and Animals* (eds. P. Ucko e G. Dimbleby), London, Duckworth, pp. 149-172.

Ribeiro, A. (1974), *Contribution à l'Étude Tectonique de Trás-os-Montes Oriental*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal (2 vols.).

Ribeiro, A. *et alii* (1979), *Introduction à la Géologie du Portugal*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

Ribeiro, C. (1878), *Estudos Pré-históricos em Portugal. Notícia de Algumas Estações e Monumentos Pré-históricos. I. Notícia da estação humana de Licea*. Lisboa, Academia Real das Ciências.

Ribeiro, O. (1955), *Portugal*, *Geografía de España y Portugal* (dir. M. Téran), Barcelona, Montaner y Simón.

idem (1961), *Geografia e Civilização - Temas Portugueses*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade.

idem (1967), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa, (3ª ed.).

idem (1968), *Mediterrâneo - Ambiente e Tradição* - Lisboa, Fundação C. Gulbenkian.

idem (1970), *Ensaios de Geografia Humana e Regional*, Lisboa, Sá da Costa.

idem (1977), *Introduções Geográficas à História de Portugal. Estudo Crítico*, Lisboa, Imprensa Nacional.

Ribeiro, R. F. (1931), Uma estação eneolítica no Monte da Insua, *Rev. de Guimarães*, vol. XLI, nºs 1-2, pp. 81-84.

Rigaud, A. (1977), Analyse typologique et technologique des grattoirs magdaléniens de la Garenne à Saint-Marcel (Indre), *Gallia Préhistoire*, t. 20, fasc. 1.

Ripoll Perelló, E. (1983), Cronologia y periodización del esquematismo prehistorico en la Peninsula

Iberica, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 27-36.

Rivas-Martínez, S. (1982), Étages bioclimatiques, secteurs chorologiques et séries de végétation de l' Espagne méditerranéenne, *Ecologia Mediterranea*, t. VIII, pp. 275-288.

Rivero de la Higuera, M. C. (1972-73), Materiales inéditos de la cueva de Boquique. Datos para una nueva sistematización de la Edad del Bronce en Extremadura, *Zephyrus*, XXIII-XXIV, pp. 101-129.

Rocha, A. dos S. (189), As arcainhas do Seixo e da Sobreda, *Portugalia*, I, 1, pp. 13-22.

idem (1944), *Memórias e Explorações Arqueológicas, I - Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira da Foz*, Coimbra, Universidade.

Roche, J. (1973), Méthodes d'étude en Archéologie Préhistorique, *Didaskalia*, III, pp. 323-336.

Roche, J. e Ferreira, O. da V. (1975), La station de Penha Verde (Sintra), *Comunic. dos Serviços Geológicos de Portugal*, LIX, pp. 253-264.

Rodrigues, R. (1895), Dólmenes ou antas de Vila Pouca de Aguiar, *O Arqueólogo Português*, s. I, vol. I, pp. 36 e 37; 346-350.

idem (1895), Antas ou dólmens, tumulus e sepulturas romanas no concelho de Vila Pouca de Aguiar, em Trás-os-Montes, *A Vida Moderna*, nºs 23, 24, 25, 26, 28, 30, 35.

Rodríguez Casal, A. (1979), O megalitismo na Galiza. A sua problemática e o estado actual da investigación, *Actas da Iª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", 3.

idem (1982), A cerâmica campaniforme de "A Mina de Parxubeira" (Comarca de Xallas, Galiza), *El Museo de Pontevedra*, XXXVI, pp. 165-178.

idem (1983-84), O megalitismo galego: a problemática suscitada a partir das investigacións mais recentes, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste), pp. 47-52.

Rodriguez Colmenero, A. (1971), La cultura megalítica en Alto Bubal, *Boletin Auriense*, año I, t. I, pp. 31-60.

idem (1976), Excavaciones arqueologicas en el poblado romano de Santa Marta de Lucenza (Orense), *N.A.H.*, Arqueologia, 4, pp. 149-212.

Rodriguez Colmenero, A. e Delibes de Castro, G. (1973), Hallazgos prehistoricos en la provincia de Orense, *Cuad. Estud. Gallegos*, t. XXVIII, 84, pp. 50-61.

Rodríguez Marcos, J. A. e Val Recio, J M. del (1980), El yacimiento calcolítico de "El Coto" en Castrillo de la Goareña (Zamora), *Rev. de Guimarães*, XC, pp. 305-312.

Rossmann, D. L. (1976), A site catchment analysis of San Lorenzo, Vera Cruz, *The Early Mesoamerican Village* (ed. Kent V. Flannery), London, Academic Press, "Studies in Archaeology", pp. 95-102.

Rothenberg, B. *et alii* (1978), *Chalcolithic Copper Smelting Metallurgy*, nº 1 (ed. B. Rothenberg), London, Institute for Archaeo-Metallurgical Studies.

Rothenberg, B. e Blanco Freijeiro, A. (1981), *Ancient Mining and Metallurgy in South-West Spain*, London.

Roudil, J.-L. (1972), *L'Âge du Bronze en Languedoc Oriental*, Paris, Ed. Klincksieck, "M.S.P.F.", 10.

Roudil, J.-L. *et alii* (1974), L'habitat campaniforme de Saint-Come-et-Maruejols (Gard), *Gallia Préhistoire*, t. 17, 1, pp. 181-217.

Rowlands, M. J. (1976), *The Organisation of Middle Bronze Age Metalworking*, Oxford, B.A.R., "B.S.", 31.

idem (1980), Kinship, alliance and exchange in the European Bronze Age, *Settlement and Society in the British Later Bronze Age* (eds. J. C. Barret e R. J. Bradley), Oxford, B.A.R., "British Series", 83, pp. 15-55.

Rowley-Conwy, P. (1981), Slash and burn in the temperate European Neolithic, *Farming Practice in British Prehistory* (ed. R. Mercer), Edinburgh University Press, pp. 85-96.

Rubio de Miguel, I. L. (1974), Bases para el estudio de la economia agricola y ganadera en el Neolitico Hispano, *Cuad. de Prehistoria y Arqueologia*, 1, pp. 9-27.

idem (1986), Economia neolítica en la Peninsula Ibérica, *Rev. de Arqueologia*, ano VII, nº 60, pp. 32-43; año VII, nº 61, pp. 6-12.

Rubio, I. L. *et alii* (1983), Un nuevo yacimiento del Bronce madrileño: el Negralejo (Rivas-Vaciamadrid, Madrid), *N.A.H.*, 17, pp. 43-190.

Ruiz-Gálvez Priego, M. (1978), El tesoro de Caldas de Reyes, *T.P.*, 35, pp. 173-192.

idem (1979), El deposito de Hio (Pontevedra), y el final de la Edad del Bronce en la fachada atlántica peninsular, *El Museo de Pontevedra*, XXXIII, pp. 131-150.

idem (1979), El Bronce Antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización, *T.P.*, 36, pp. 151-152.

idem (1984), *La Peninsula Iberica y sus Relaciones con el Círculo Cultural Atlántico* (2 vols.), Madrid, Ed. Universidad Complutense.

idem (1984), Reflexiones terminológicos en torno a la Edad del Bronce Peninsular, *T.P.*, 41, pp. 323-342.

Ruiz Mata, D. (1975), Cerámicas del Bronce del poblado de Valencina de la Concepción (Sevilla), *M.M.*, 16, pp. 80-110.

idem (1975), Ceramicas del Bronce del poblado de Valencina de la Concepción (Sevilla): los platos, *Cuad. de Prehistória y Arqueologia*, 2, pp. 123-150.

idem (1978-79), Nuevos yacimientos campaniformes en la provincia de Sevilla, *Cuad. de Prehistoria y Arqueologia*, pp. 41-58.

idem (1983), El yacimiento de la Edad del Bronce de Valencina de la Concepción (Sevilla) en el marco cultural del Bajo Guadalquivir, *Actas do Iº Congresso de História de Andalucía (1976) - Prehistoria y Arqueologia* -, Córdova, pp. 183-208.

Ruiz Mata, D. e Martín de La Cruz, J. C. (1977), Noticias preliminares sobre los materiales del yacimiento de Papauvas (Aljaraque, Huelva), *Cuad. de Prehistoria y Arqueologia*, 4, pp. 35-48.

Ryan, M. (ed.) (1979), *The Origins of Metallurgy in Atlantic Europe*, Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium, Dublin.

Sahlins, M. (1974), *Sociedades Tribais*, Rio de Janeiro, Zahar Ed. (2ª ed.).

idem (1974), *Stone Age Economies*, London, Tavistöck Publications.

idem (1977), Economia de la Edad de la Piedra, Madrid, Akal Editora.

Sanches, M. J. (1980), Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto, *Arqueologia*, 1, pp. 12-19.

idem (1981), Recipientes cerâmicos da Pré-História Recente do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 3, pp. 88-98.

idem (1982), Vasos da estação arqueológica do Covilho - Santo Tirso, *Arqueologia*, 5, pp. 56-61.

Sanches, M. J. e Marcos, D. S. (1985), O povoado pré-histórico do Cunho-Mogadouro (resultados preliminares da escavação de 1983), *Arqueologia*, 12, pp. 141-154.

Sanchez Meseguer, J. *et alii* (1983), *El Neolitico y la Edad del Bronce en la Region de Madrid*, Madrid, Diputacion de Madrid, "Arqueologia e Paleoecologia", 3.

Sangmeister, E. (1960), Metalurgía y comercio del cobre en la Europa prehistórica, *Zephyrus*, XI, 1-2, pp. 131-139.

idem (1963), Exposé sur la civilisation du vase campaniforme, *Les Civilisations Atlantiques du Néolithique a l'Âge du Fer* (Actes du I^{er} Colloque Atlantique, Brest, 1961), pp. 25-55.

idem (1964), Die Schmalen "Armschutzplatten", *Studien Aus Alteuropa*, Teil 1, Köln, Böhan Verlag Köln Grez, pp. 93-122.

idem (1966), Los vasos campaniformes portugueses en el marco de las culturas de vaso campaniforme europeo, *Comemoração do 1º Centenário*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 203-216.

idem (1966/67), Die Datierung des Rückstroms der Glockenbecher und ihre Auswirkung auf die chronologie der Kupferzeit in Portugal, *Palaeohistoria*, 12, pp. 395-407.

Sangmeister, E. *et alii* (1969), Escavações no castro eneolítico do Zambujal. 1966, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. III, pp. 71-114.

Sangmeister, E. e Schubart, H. (1967), Grabungen in der kupferzeitlighen befestigung von Zambujal/Portugal, *M.M.*, 8, pp. 47-78.

Sangmeister, E. *et alii* (1970), Escavações na fortificação eneolítica do Zambujal 1968, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. IV, pp. 65-114.

Sangmeister, E. e Schubart, H. (1970), Zambujal. Uma fortificação da Idade do Cobre em Portugal, *Rev. de Guimarães*, LXXX, nºs 3-4, pp. 391-400.

Sangmeister, E. *et alii* (1971), Escavações na fortificação da Idade do Cobre do Zambujal/Portugal. 1970, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V, pp. 51-91.

Sangmeister, E. *et alii* (1972/73), Escavações na fortificação da Idade do Cobre do Zambujal-Portugal/ /1972-73, *O Arqueólogo Português*, série III, vols. VIII a IX, pp. 125-140.

Sangmeister, E. e Schubart, H. (1981), *Zambujal - Die Grabungen 1964 bis 1973*, Mainz am Reim, Verlag Philipp von Zabern, "Madrider Beiträge", Band 5, Teil 1 e 2.

Santarém, C. M. F. (1956), Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa - II, *O Concelho de Santo Tirso*, IV, 2, pp. 169-177.

Santonja Gómez, M. (1983-84), El fenómeno magalítico en el SO de la region del Duero, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste Peninsular), pp. 53-62.

Santonja Gómez, M. e Santonja Alonso, M. (1978), La estátua-menir de Val de Fuentes de Sangusin (Salamanca), *Bol. de la Associacion Española de Amigos de la Arqueologia*, nº 10, pp. 19-24.

Santos, M. F. dos (s/d), *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Ed. Verbo.

Santos, M. F., *et alii* (1972), Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão - Vale do Sado), *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. VI, pp. 163-142.

Santos Júnior, J. R. dos (1933), As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, fasc. 3, pp. 185-222.

idem (1933), A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes), *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 364-372.

idem (1933), O abrigo pré-histórico da "Pala-Pinta", *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, fasc. 1, pp. pp. 5-15.

idem (1940), Arte rupestre, *Publicações do Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, pp. 329-372.

idem (1944), Nova contribuição sobre a arte rupestre transmontana - os petróglifos de Ribalonga, *Las Ciencias*, año IX, nº 2.

idem (1968), Quatro lanças de bronze de Lama Chã (Montalegre), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. XX, fasc. 3-4, pp. 339-347.

idem (1978), As gravuras rupestres de Outeiro Machado (Val d'Anta - Chaves), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIII, fasc. 2 - 3, pp. 207-234.

Sarmento, M. (1901), Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães, *Rev. de Guimarães*, XVIII, pp. 128-135.

idem (1901), Cartas de Martins Sarmento a José Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, s. I, vol. VI, pp. 42-47.

idem (1902), Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães, *Rev. de Guimarães*, XIX, pp. 19-33.

idem (1933), *Dispersos*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

idem (1970), Antiqua, *Rev. de Guimarães*, LXXX, nºs 1-2, pp- 11-72.

Sauzade, G. (1978), *Les Sepultures du Vaucluse du Néolithique à l'Âge du Bronze*, Aix-en-Provence, Laboratoire d'Anthropologie et de Prehistoire des Pays de la Mediterranée Occidentale.

Savory, H. N. (1954), A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa, *Rev. de Guimarães*, LXI, fasc. 3-4, pp. 323-377.

idem (1969), *Espanha e Portugal*, Lisboa, Ed. Verbo, Col. "Historia Mundi".

idem (1970), A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro de Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1951), *Actas das IIºs Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1969), I, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-162.

idem (1972), The culture sequence at Vila Nova de S. Pedro, *M.M.*, 13, pp. 23-37.

idem (1973), Serpentiforms in megalithic art: a link between Wales and the Iberian North-West, *Cuad. Est. Gallegos*, t. XXVIII, fasc. 84, pp. 80-89.

idem (1973), Were the first Bell Beakers Corded?, *Estudios Dedicados al Prof. Dr. Luis Pericot*, Barcelona, pp. 222-232.

idem (1977), The role of Iberian Communal Tombs in Mediterranean and Atlantic Prehistory, *Ancient Europe and Mediterranean* (ed. Vladimir Markotic), Warminster, Aries et Phillips, pp. 161-180.

idem (1978), Some Iberian influences on the Copper Age pottery of the Irish Channel Area, *B.C.A.A.*, XLIV, pp. 5-13.

Scarre, C. (1982), Settlement patterns and landscape change: the late Neolithic and the Bronze Age of the Marais Poitevin Area of Western France, *Proceedings of Prehistoric Society*, 48, pp. 53-73.

idem (1983), Settlements and chambered tombs in Neolithic France, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 2, nº 3, pp. 265-278.

idem (ed.) (1984), *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 bc*, Edinburgh University Press.

idem (1982), The Neolithic of West-Central France, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 bc* (ed. C. Scarre), Edinburgh University Press, pp. 223-270.

idem (1984), A Survey of the French Neolithic, *Ancient France. Neolithic Societies and their Landscapes: 6000-2000 bc* (ed. C. Scarre), Edinburgh University Press, pp. 324-343.

Schiffer, M. (1976),*Behavioural Archaeology*, New York, Academic Press.

Schnapp, A. (dir.) (1980), *L'Archéologie Aujourd'hui*, Paris, Hachette.

Schubart, H. (1965), As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores

de Aljustrel, *Rev. de Guimarães*, LXXV, nºs 1-4, pp. 195-204.

idem (1969), Las fortificaciones eneolíticas de Zambujal y Pedra do Ouro en Portugal, *Xº Congr. Nacion. Arqueol. (Menorca 1967)*, Zaragoza, pp. 197-204.

idem (1970), Die Kupferzeitliche Befestigung von Columbeira/Portugal, *M.M.*, 11, pp. 59-74.

idem (1971), O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica, *Rev. de Guimarães*, LXXXI, nºs 3-4, pp. 189-215.

idem (1971), Acerca de la ceramica del Bronce Tardio en el Sur y Oeste Peninsular, *T.P.*, 28, pp. 3-32.

idem (1971), Zambujal. Uma fortificação da Idade do Cobre, *Actas do IIº Congresso Nacion. Arqueologia*, I, Coimbra, pp. 169-174.

idem (1973), Tumbas megalíticas con enterramientos secundarios de la Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza, *XIIº Congr. Nacion. Arqueologia, Jaen*, Zaragoza, pp. 175-190.

idem (1973), Las alabardas tipo Montejícar, *Estudios Dedicados al Professor Dr. Luis Pericot*, Barcelona, pp. 247-269.

idem (1975), Cronologia relativa de la ceramica sepulcral en la cultura de El Argar, *T.P.*, 32, pp. 79-92.

idem (1975), *Die Kultur der Bronzezeit in Südwestern der Iberischen Halbinsel*, Berlin, Walter de Gruyter e Co, "Madrider Forschungen", 9.

idem (1976), Relaciones mediterráneas de la cultura de El Argar, *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 331-342.

idem (1977), Datas de radio-carvão para o Castro do Zambujal, *XIVº Congr. Nacion. de Arqueologia (Victoria 1975)*, Zaragoza, pp. 259-266.

Schubart, H. e Ferreira, O. da V. e Monteiro, J. A. (1969), A fortificação eneolítica da Columbeira - - Bombarral, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. III, pp. 17-36.

Schubart, H. e Sangmeister, E. (1983-84), A cronologia absoluta (datações C 14) de Zambujal, *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 31-40.

idem (1984), Zambujal: un asentamiento fortificado de la Edad del Cobre en Portugal, *Rev. de Arqueologia*, año V, nº 37, pp. 20-33.

Schüle, W. e Pellicer, M. (1966), *El Cerro de la Virgen - Orce (Granada) I*, Madrid, Ministerio de Educacion y Ciencia, "E.A.E", 46.

Schutz, H. (1983), *The Prehistory of Germanic Europe*, New Havern e London, Yale University Press.

Senna-Martínez, J. C. (1981), *Contribuição para uma Tipologia da Olaria do Megalitismo das Beiras: Os Meteriais do Dólmen nº 1 dos Moinhos de Vento, Arganil*, Arganil, Trabalhos do Museu Regional de Arqueologia, 1.

idem (1982), Materiais campaniformes do concelho de Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra), *Clio*, 4, pp. 19-34.

idem (1983), Ideologia e práticas funerárias no megalitismo das Beiras: a sepultura periférica do quadrante NW da mamoa do dólmen nº 1 dos Moinhos de Vento, Arganil, *Rev. de Historia Económica e Social*, nº 11, pp. 1-27.

idem (1983-84), Contribuições arqueométricas para um modelo socio-cultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal, *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 169-188.

Senna-Martinez, J. C. e Luz, A. M. D. (1983), O megalitismo da bacia do Alva: primeira contribuição para um modelo socio-económico, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. I, pp. 103-118.

Senna-Martinez, J. C., Garcia, M. F. S. e Rosa, M. J. O. (1983-84), Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze, *Clio/Arqueologia*, 1, pp. 105-138.

Séronie-Vivien, M.-R. (1982), *Introduction à l'Étude des Poteries Préhistoriques*, Bordeaux, Societé Spéléologique et Préhistorique.

Serrão, E. da C. (1975), Contribuições arqueológicas do sudoeste da Península de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, I, pp. 199-226.

idem (1979), Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português, *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", 3, pp. 147-182.

idem (1983), A estação pré-histórica da Parede. Documentos inéditos sobre a estratigrafia e estruturas (campanha de 1956), *O Arqueólogo Português*, série IV, I, pp. 119-148.

Serrão, E. da C. e Vicente E. P. (1958), O Castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXXIX, pp. 87-125.

Serrão, E. da C. e Marques, G. (1971), Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra), *Actas do IIº Congr. Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 121-142.

Serrão, E. da C. *et alii* (1972), O complexo de arte rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa). Noícia preliminar, *Arqueologia e História*, 9ª série, vol. IV, pp. 349-397.

Serrão, E. da C. *et alii* (1973), Noticia de novas descobertas no complexo de arte rupestre do Vale do ejo, *Actas das IIªs Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, pp. 159-179.

Serrão, E. da C. e Vicente, E. P. (1980), *Lâminas de Sílex Ovóides e Sub-rectangulares. Interpretação uncional*, Porto, G.E.A.P., "Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto", 4.

ervice, E. R. (1970), *Organização Social Primitiva. Uma Perspectiva Evolucionista*, Porto, Ed. Desperar.

dem (1984), *Los Origens del Estado y de la Civilización*, Madrid, Alianza Ed.

evero, R. (1903), Comentário ao espólio dos dólmens do concelho de Vila Pouca de Aguiar, *Portugalia*, , pp. 703-750.

dem (1903), As necrópoles dolménicas de Trás-os-Montes, *Portugalia*, I, pp. 687-690.

dem (1905-8), Os braceletes de Arnozella, *Portugalia*, II, pp. 63-71.

idem (1905-8), Bracelete de ouro de Telões, *Portugalia*, II, pp. 109-110 e 283.

Shee Towig, E. (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.

Shennan, S. J. (1977), The appearance of the Bell Beaker Assemblage in Central Europe, *Beakers in Britain and Europe* (ed. R. Mercer), B.A.R. "Supllementary Series", 26, pp. 51-70.

idem (1978), Archaeological "cultures": an empirical investigation, *The Spatial Organisation of Cultures* (ed. I. Hodder), London, Duckworth, "New Approaches in Archaeology", pp. 113-140.

idem (1982), Ideology, change and the European Early Bronze Age, *Symbolic and Structural Archaeology* (ed. I. Hodder), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 155-161.

idem (1982), Exchange and ranking: the role of amber in earlier Bronze Age of Europe, *Ranking, Resource and Exchange: Aspects of the Archaeology of Early European Society* (eds. C. Renfrew e S. J. Shennan), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 33-45.

Shepherd, R. (1980), *Prehistoric Mining and Allied Industries*, London, Academic Press.

Sherratt, A. G. (1972), Socio-economic and demographic models for the Neolithic and Bronze Ages of Europe, *Models in Archaeology* (ed. D. L. Clarke), London, Methuen.

idem (1976), Resources, technology and trade in early European metallurgy, *Problems in Economic and Social Archaeology* (eds. G. de G. Sieveking, I. H. Longworth e K. E. Wilson), London, Duckworth, pp. 557-582.

idem (1979), Water, soil and seasonality in early cereal cultivation, *World Archaeology*, II, pp. 313-330.

idem (ed.) (1980), *The Cambridge Encyclopedia of Archaeology*, Cambridge University Press.

idem (1980), Water, soil and seasonality in early cereal cultivation, *World Archaeology*, vol. 11, nº 3, pp. 313-330.

idem (1981), Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution, *Pattern of the Past* (eds. I. Hodder, G. Isaac e N. Hammond), Cambridge, pp. 261-306.

Sierra Rodriguez, J. C. (s/d), Excavación arqueológica de la necrópolis megalítica de "O Marco do Camballón" (Oirós, Vila de Cruces, Pontevedra) - informe preliminar" (relat. inédito).

Sierra Rodriguez, J. C. e Martinez do Tamuxe (1975), El depósito de Mougás: nuevos datos sobre la Protohistoria del W. de Galicia, *El Museo de Pontevedra*, XXIX, pp. 123-161.

Sieveking, G. *et alii* (eds.) (1976), *Problems in Economic and Social Archaeology* , London, Duckworth.

Silva, A. C. F. da *et alii* (1983), A necrópole do bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos)-Primeira noticia, *Arquivo do Alto Minho*, XXVI (sep.).

Silva, A. R. Pinto da (1971), Aspectos da alimentação de origem vegetal na Pré e Proto-História. A flora agrícola de Portugal nos tempos primitivos, *Natura*, N. Série, vol. 1, pp. 33-43.

idem (1976), Carbonized grains and plant imprints in ceramics from Castrum of Baiões (Beira Alta, Por

tugal), *Folia Quaternaria*, 47, pp. 3-9.

idem (1979), The carbonized fruits of myrtle found at Castelo do Giraldo near Evora (S. Portugal), *Festschrift Maria Hopf*, Köln, Rheinland-Verlag, G.M.B.H., pp. 237-241.

idem (1982), Achados de origem vegetal nas explorações arqueológicas realizadas em Baião de 1978 a 1981, *Arqueologia*, 5, pp. 71-75.

Silva, C. T. (1968/70), O povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Vestígios de estratigrafia, *Arquivo de Beja*, XXV-XXVI-XXVII, pp. 31-44.

idem (1971), O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica, *Actas do IIº Congr. Nacion. Arqueologia*, I, Coimbra, pp. 175-192.

idem (1983), O megalitismo e os primeiros metalurgistas, *História de Portugal* (dir. J. H. Saraiva), I, Lisboa, Publicações Alfa, pp. 83-98.

Silva, C. T. da e Soares, J. (1976-77), Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, *Setúbal Arqueológica*, II-III, pp. 179-272.

idem (1979), O monumento I da necrópole do "Bronze do Sudoeste" do Pessegueiro (Sines), *Setúbal Arqueológica*, V, pp. 121-157.

idem (1981), *Pré-História da Área de Sines. Trabalhos Arqueológicos de 1972 a 1977*, Lisboa, Gabinete da Área de Sines.

Silva, C . T. da *et alii* (1982), Identificação de um povoado fortificado calcolítico no Torrão do Alentejo, *Arqueologia*, 5, pp. 44-51.

Silva, C. T. da e Soares, J. (1983), Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém), *O Arqueólogo Português*, série IV, I, pp. 63-88.

Silva, C. T. da (1978), Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta, *Actas das IIIªs Jornadas Arqueológicas 1977*, 1, pp. 165-184.

Silva, E. J. L. da (1984), O núcleo megalítico da Abogalheira (Serra da Aboboreira - Amarante) e uma datação pelo C 14, *Revista de História*, 1, pp. 9-50.

Silva, E. J. L. da e Marques, J. A. M. (1984), Escavação de uma cista em Lordelo (Anha - Viana do Castelo), *Revista de História*, 1, pp. 51-72.

Silva, E. J. L. da e Marques, J. A. T. M. (1986), Escavação da mamoa de Chafé - Viana do Castelo (notícia preliminar), *Arqueologia*, 13, pp. 207-208.

Silva, E. J. L. da e Cunha, A. M. L. da (1986), As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença), *Arqueologia*, 13, pp. 143-158.

Simpson, D. D. A. (1971), Beaker houses and settlements in Britain, *Economy and Settlement in Neolithic and Early Bronze Age Britain and Europe* (ed. D. D. A. Simpson), Leicester University Press, pp. 131-154.

Siret, E. e L. (1890), *Las Primeras Edades del Metal en el Sudeste de España*, Barcelona.

Smith, A. G. (1975), Neolithic and Bronze Age landscape changes in northern Ireland, *The Effect of Man on the Landscape: The Highland Zone*, London, C.B.A., pp. 64-74.

Smith, A. G. *et alii* (1981), The Neolithic, *The Environment in British Prehistory* (eds. I. G. Simmons e M. J. Tooley), London, Duckworth, pp. 125-209.

Smith, C. D. (1979), *Western Mediterranean Europe. A Historical Geography of Italy, Spain and Southern France since the Neolithic*, London, Academic Press.

Smith, I. F. (1974), *The Neolithic British Prehistory - A New Outline* (ed. C. Renfrew), London, Duckworth, pp. 100-136.

Soares, A. M. e Cabral, J. M. P. (1984), Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. II, pp. 167-214.

Soares, J. e Silva, C. T. da (1974/77), O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal, *O Arqueólogo Português*, série III - vols. VII a X, pp. 101-112.

idem (1975), A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da Região de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, I, pp. 53-154.

idem (1976-77), O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém), *Setúbal Arqueológica*, II - III, pp. 109-150.

idem (1976-77), Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo - Sines), *Setúbal Arqueológica*, II - -III, pp. 163-177.

Soeiro, T. (1982), Esconderijo de Sequeade (Barcelos), *Arqueologia*, 5, pp. 62-67.

Soler Garcia, J. M. (1965), *El Tesoro de Villena*, Madrid, Ministerio de Cultura, "E.A.E.", 36.

Sonneville-Bordes, D. e Perrot, J. (1956), Lexique typologique du Paléolithique supérieur, *B.S.P.F.*, t. 53, pp. 408-412; 547-559.

Sousa, Armindo de (1981/82), A cerâmica da Gandra - Esposende, *Portugalia*, Nova Série, vol. II/III, pp. 41-51.

Sousa, J. J. R. de (1968-70), A estação arqueológica de Falperra. Notas para a sua história, *Arquivo de Beja*, XXV-XXVII, pp. 57-64.

idem (1975), Vasos campaniformes no Norte de Portugal, *Actas de las IIas Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciencias Historicas - I - Prehistoria e Historia Antiga*, Santiago de Compostela, pp. 163-168.

Sousa, J. J. R. e e Santos, L. A. (1979), Joubreia, nova estação arqueológica do tipo Penha, *XVº Congr. Nacion. Arqueologia (Lugo)*, Zaragoza, pp. 347-354.

Sousa, O. (1986), Dois vasos pré-históricos de Vermoim, *Bol. Cultural de Vila Nova de Famalicão*, vol. 7 (no prelo).

Souto, A. (1931-32), Arte rupestre em Portugal (entre Douro e Vouga), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, V, pp. 285-300.

Spindler, K. (1971), Eine Kupferzeitliche Siedlung vom Pico Agudo/Portugal, *M.M.*, 12, pp. 51-71.

idem (1975), Bemerkungen zu einigen Portugiesischen Glockenbecherfunden, *M.M.*, 16, pp. 56-79.

idem (1976), Die Neolithische Parede - Gruppe in Mittel Portugal, *M.M.*, 17, pp. 21-75.

idem (1980), Glockenbecher und Bronzezeit als duales Kulturensystem auf der Iberischen Halbinsel, *Interaction and Acculturation in the Mediterranean* (eds. J. G. P. Bert e N. M. W. de Vries), Amsterdam, pp. 49-66.

idem (1981), *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*, Mainz am Rhein, Verlag Philipp von Zabern, "Madrider Beiträge", band 7.

Spindler, K. e Trindade, L. (1970), A póvoa eneolítica do Penedo - Torres Vedras, *Actas das IIas Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa, pp. 59-157.

Spindler, K. e Gallay, G. (1972), *Kupferzeitliche Siedlung und Begräbnisstätten von Matacães in Portugal*, Mainz, "Madrider Beitrage", 1.

Spindler, K. e Ferreira, O. da V. (1973), Der spätbronzezeitliche Kupperbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal, *M.M.*, 14, pp. 60-108.

Spriggs, M. (ed.) (1977), *Archaeology and Anthropology: Areas of Mutual Interest*, Oxford, B.A.R.

Taboada Chivite, J. (1971), Noticias arqueológicas de la region del Tamega (Verin), *Cuad. Est. Gallegos*, t. XXVI, fasc. 78, pp. 45-63.

Taborda, V. (1932), *Alto Trás-os-Montes, Estudo Geográfico*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

Tarradell, M. (1962-&3), El País Valenciano del Neolítico a la Iberización, *Anales de la Universidad de Valencia*, vol. XXXVI, cuad. II, pp. 85-180.

idem (1965), El problema de las diversas áreas culturales de la Peninsula Iberica en la Edad del Bronce, *Miscelánea en Homenaje al Abate H. Breuil*, t. II, Barcelona, pp. 425-430.

idem (dir. de) (1968), *Estudios de Economia Antigua de la Península Ibérica*, Barcelona, Ed. Vicens-Vives (1ª ed.).

Tarrús, J. *et alii* (1984), El fenomeno megalítico en el Pirineo Oriental de Cataluña, *Papers in Iberian Archaeology* (eds. T. F. C. Blagg, R. F. J. Jones e S. J. Keay), B.A.R., "International Series", 193 (i), pp. 79-186.

Tavares, A. A. (1966), Revisão de escavações incompletas (Orca de Seixinho e dólmen de Lamoso), *Lucerna*, vol. V, pp. 415-424.

Tavares, A. A. e Almeida, C. D. de (1966), Orca do Seixinho, *Arqueologia e Historia*, 8ª Série, vol. XII, pp. 125-136.

Tavares, A. A. e Silva, C. T. da (1971), Gravuras e inscrições rupestres da região de Viseu, *IIº Congr. Nacion. de Arqueologia*, I, Coimbra, pp. 261-270.

Taylor, J. A. (1975), The role of climatic factors in environmental and cultural change in prehistoric times, *The Effect of Man on the Landscape: The Highland Zone*, London, C.B.A., pp. 6-19.

Taylor, J. J. (1970), Lunulae reconsidered, *Proceedings of Prehistoric Society*, 36, pp. 259-265.

idem (1980), The relationship of British Early Bronze Age Goldwork to Atlantic Europe, *Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium*, Dublin, pp. 229-250.

idem (1983), Problems and parallels: an examination of wealthy graves in Early Bronze Age society in Wessex and Brittany, *Enclos Funéraires et Structures d'Habitat en Europe du Nord-Ouest*, Rennes, Travaux du Laboratoire "Anthropologie - Prehistoire-Protohistoire - Quaternaire Armoricains", pp. 223-242.

Teixeira, C. (1940), O Castro de Lanhoso e o seu espólio, *Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, pp. 517-529.

Téllez, R. e Ciferri, F. (1954), *Trigos Arqueológicos de España*, Madrid, Instituto Nacional de Investigaciones Agronómicas.

Teixeira, C. (1947-48), A depressão de Chaves (génese e evolução), *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico*, Faculd. Ciências, Universidade de Lisboa, 5ª série, nºs 15-16, pp. 35-53.

idem (1974), *Carta Geológica de Portugal. Noticia Explicativa da folha 6-B-Chaves*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

Teixeira, C. e Gonçalves, F. (1980), *Introdução à Geologia de Portugal*, Lisboa, I.N.I.C.

Teran, M, de e Sabaris, L. S. (dir.) (1978), *Geografia Regional de España*, Barcelona, Ed. Ariel (4ª ed.).

Thadeu, D. (1965), *Carte Minière du Portugal (échelle 1/500 000). Notice Explicative*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

Thoms, L. M. (ed.) (1979), *Early Man in the Scottish Landscape*, Edinburgh University Press.

Tinsley, H. M. e Grigson, C. (1981), The Bronze Age, *The Environment in British Prehistory* (eds. I. G. Simmons e M. J. Tooley), London, Duckworth, pp. 210-249.

Tixier, J. (1963), *Typologie de l'Épipaléolithique du Maghreb*, Paris, A.M.G.

Torres Troncoso, M. L. *et alii* (1980), Sobre el comienzo de la agricultura en Galicia, *Gallaecia*, 6, pp. 51-59.

Torre Peña, F. (1978), Estudio de las secuencias estratigraficas de la cultura del Argar en la provincia de Granada, *Cuad. Preh. Univ. Granada*, nº 3, pp. 143-158.

Treinen, F. (1970), Les poteries campaniformes en France, *Gallia Préhistoire*, 13, fasc. 1, pp. 53-332.

Trigger, B. (1974), The archaeology of government, *World Archaeology*, 6, pp. 95-106.

Tringham, R. (1971), *Hunters, Fishers and Farmers of Eastern Europe, 6000-3000 B.C.*, London, Hutchinson University Library.

Trump, D. H. (1980), *The Prehistory of the Mediterranean*, London, Allen Lane.

Turner, J. (1975), The evidence for land use by prehistoric farming communities: the use of three-dimensional pollen diagrams, *The Effect of Man on the Landscape: The Highland Zone*, C.B.A., pp. 86-95.

Tylecote, R. F. (1976), *A History of Metallurgy*, London, Col. "The Metals Society", pp. 19-20.

Ulreich, H. (1981), Unterscheidung und Statistische Untersuchung der Keramikklassen des Cerro de la Virgen, Orce (Granada), *M.M.*, 22, pp. 90-126.

Utrilla Miranda, P. (1980), Fechas de Carbono 14 para la Prehistoria del Valle del Ebro, *Caesaraugusta*, 51-52, pp. 5-9.

Valero Aparisi, S. (1942), Notas para el estudio de la ceramica cardial de la cueva de la Sarsa, *Actas y Memorias de la Sociedade Española de Antropologia, Etnologia y Prehistoria*, XVII, p. 87 ss.

idem, Restos del Castro de Faria, *Bol. do Grupo dos Alcaides de Faria*, 2, pp. 11-15.

Van der Waals, J. D. (1984), Bell Beakers in Continental Nothwestern Europe, *L'Âge du Cuivre Européen, Civilisations à Vase Campaniformes* (dir. J. Guilaine), Paris, C.N.R.S., pp. 1-35.

Vaquer, J. (1975), *La Céramique Chasséenne du Languedoc*, Carcassonne, Laboratoire de Prehistoire et de Paleothnologie.

Vários (1947), *História de España*, t. 1, vol. I. (dir. Menéndez Pidal), Madrid, Espasa-Calpe.

Idem (1960), *História de España*, t. 1, vol. II (dir. Menéndez Pidal), Madrid, Espasa-Calpe.

idem (1962), *Les Origines de la Civilisation Technique*, Paris, Puf.

idem (1970), *Les Civilisations Néolithiques du Midi de la France* (Actes du Colloque de Narbonne, 1970), Carcassonne, Laboratoire de Préhistoire et de Paletnologie, *Atacina*, 5.

idem (1972), *The World Archaeology: Foundations of Civilization*, San Francisco, W. H. Freeman and Com

pany.

idem (1973), *L'Homme, Hier et Aujourd'hui*, Paris, Ed. Cujas.

idem (1973), *Séminaire sur les Structures d'Habitat - Témoins de Cambustion*, Paris, Collège de France, Ethnologie Prehistorique, Labo associé au C.N.R.S., nº 52.

idem (1979), *Catálogo de Yacimientos Arqueológicos con Datacion Mediante Carbono 14 de la Península Ibérica y Islas Baleares y Canarias*, Madrid, Instituto Español de Prehistoria.

idem (1978), *Séminaire sur les Structures d'Habitat - Plan au Sol Parois-Couverture*, Paris, Collège de France, Ethnologie Préhistorique, Labo associé au C.N.R.S., nº 275.

idem (1979), *Introduction à la Géologie Générale du Portugal*, Portugal, Serviços Geológicos de Portugal,

idem (1979), *Prehistoria e Arqueologia de Galicia - Estado da Cuestión*, Santiago de Compostela, Instituto de Estudos Galegos "Pe Sarmiento".

idem (1980), *Séminaire sur les Structures d'Habitat - Organisation Collective*, Paris, Collège de France, Ethnologie Préhistorique, Labo associé au C.N.R.S., nº 275.

idem (1980), *IIas Jornadas de Estudios sobre la Provincia de Madrid (1979)*, Madrid, Diputacion Provincial de Madrid.

idem (1982), *Séminaire sur les Structures d'Habitat - Interrogation Directe et Interrogation Indirecte des Données de Fouille*, Paris, Collège de France, Ethnologie Préhistorique, Labo associé au C.N.R.S., nº 275.

idem (s/d), *Guia de Portugal - Trás-os-Montes e Alto Douro*, I, (5º vol.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos, J. L. de (1897), *Religiões da Lusitânia*, I, Lisboa, Imprensa Nacional.

idem (1901), Extractos da correspondência de F. Martins Sarmento (1881-1883), *O Arqueólogo Português*, s. I, vol. VI, pp. 30-48.

idem (1907), Peintures dans les dolmens de Portugal, *L'Homme Préhistorique*, Paris, 5e. année, nº 1.

idem (1910), Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português, *O Arqueólogo Português*, s. I, vol. XV, pp. 31-39.

idem (1912), Diadema celtibérico (?), *Arte. Archivo de Obras de Arte*, vol. VIII, nº 89, pp. 38-39.

idem (1915), *Histórias do Museu Etnológico Português*, (1893-1914), Lisboa, Imprensa Nacional.

Vaultier, M. (1940), Estação eneolítica de S. Lourenço, *Brotéria*, XXXI, fasc. 6 (sep.).

Vaultier, M. e Zbyszewski, G. (1951), Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos), *Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia "Dr. Mendes Correia"*, vol. XIII, fascs. 1-2, pp. 17-33.

Vásquez Varela, J. M. (1975), Cuentas de "calaita" en la Peninsula Iberica: datos para la revision del

problema, *Gallaecia*, 1, pp. 25-30.

idem (1979), El horizonte de Rechaba: una nueva fase de la cultura megalítica del Noroeste Peninsular, *Bol. Auriense*, año IX, t. IX, pp. 9-26.

idem (1980), Cistas decoradas en Galicia: una nueva manifestacion artistica de la Edad del Bronce, *Brigantium*, vol. 1, pp. 41-48.

idem (1980), Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en Galicia, *Publicacion Semestral de la Diputacion Provincial*, nº 0, pp. 23-40.

idem (1980), La estela de Troitosende: uso y abuso de los paralelismos en el arte prehistorico, *Bol. Museo Arqueolóxico e Histórico de A Coruña*, vol. 1, pp. 83-91.

Vásquez Varela, J. M. e Criado Boado, F. (1981), Nuevos hallazgos de campaniforme en la provincia de A Coruña, *Brigantium*, 2, pp. 39-48.

idem (1981), Nuevos hallazgos de campaniforme en la provincia de A Coruña, *Bol. Museo Arqueolóxico e Histórico de A Coruña*, 2, pp. 39-48.

Veiga, S. P. M. E. da (1891), *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa, Imprensa Nacional (4 vols.).

Vernet, J.-L. (1972), Nouvelle contribution à l'histoire de la végetation holocène des Grands Causses d'après les charbons de bois, *B.S.P.F.*, 119, pp. 169-184.

idem (1976), La flore et la végétation méditerranéenes: a propos de leur mise en place en Europe de l'Ouest. Chronologie et synchronisme dans la Préhistoire Circum-Méditerranéenne, *IXe Congrès U.I.S.P.P.* (dir. G. Camps), Nice, C.N.R.S., pp. 8-19.

Verron, G. (1980), Les pointes de flèche à base concave avec ailerons coupés obliquement. A propos de quelques examplaires trouvés en Normandie, *Études sur le Néolithique de la Région Centre*, Actes du Colloque Interrégional tenu à Saint-Amaud-Montrond (Cher), pp. 67-74.

Viana, A. *et alii* (1957), Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique, *Comunic. Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXXVIII, fasc. 2, pp. 409-419.

Viana, A. *et alii* (1959), Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo, *Actas e Memórias do Iº Congr. Nacion. de Arqueologia*, I, Lisboa, pp. 197-214.

Viana, A. *et alii* (1961), Um túmulo de "tipo alcalarense" nos arredores de Aljustrel, *Rev. de Guimarães*. LXXI, nºs 3-4, pp. 248-254.

Vicent Zaragoza, A. M. e Muñoz Amilibia, A. M. (1973), *Segunda Campaña de Excavaciones de la Cueva de los Murciélagos, Zuheros (Córdoba)*, Madrid, Ministério de Educacion y Ciencia, "E.A.E.", 77.

Vicente, E. P. e Serrão, E. da C. (1959), O castro eneolítico de Olelas. Os monumentos nº 1 e nº 2, *Actas e Memórias do Iº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Lisboa, pp. 299-316.

Vicente, E. P. e Andrade, G. M. (1971), A estação arqueológica do Cabeço de Moinhos. Breve notícias, *Ac*

tas do IIº Congr. Nacion. de Arqueologia, I, Lisboa, pp. 223-237.

Vilá Valentí, J. (1968), *La Péninsule Ibérique*, Paris, Puf.

Vilaça, R. (1984), O vaso tronco-cónico da Sobreda (Oliveira-do-Hospital), *Arqueologia*, 9, pp. 45-52.

Villas-Boas, P. de (1945), Primórdios de história flaviense. A estação pré-histórica de S. Lourenço (nótulas arqueológicas), *Portugália*, XLI, fascs. 2-3 (sep.).

Vita-Finzi, C. (1978), *Archaeological Sites in their Setting*, London, Thames and Hudson.

Vita-Finzi, C. e Higgs, E. S. (1970), Prehistoric economy in the Mount Carmel area of Palestine: site catchment analysis, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 36, pp. 1-37.

Vitorino, P. (1924), O dólmen de Zedes, *Rev. de Estudos Históricos*, año 1, nº 4, pp. 148-152.

Vogel, J. C. e Waterbolk, H. T. (1972), Gröning en Radiocarbon Dates X, *Radiocarbon*, 14, 1, pp. 74-75.

Voss, J. S. (1976), *Tribal Emergence in the Neolithic of Northwestern Europe*, Washington, Proposal to the National Science Foundation.

Walker, M. J. (1983), Laying a mega-myth: dolmens and drovers in Prehistoric Spain, *World Archaeology*, 15, nº 1, pp. 37-50.

idem (1984), The site of el Prado (Murcia) and the copper age of South-East Spain, *Papers in Iberian Archaeology* (eds. T. F. C. Blagg, R. F. J. Jones e S. J. Keay), B.A.R., "International Series", 193(i), pp. 47-78.

Watkins, T. (ed.) (1975), *Radiocarbon: Calibration and Prehistory*, Edinburgh University Press.

Watson, P. J. (1979), The idea of ethnoarchaeology: notes and comments, *Ethnoarchaeology* (ed. C. Kramer), New York, Columbia University Press, pp. 277-288.

Wattenberg, F. (1957), Hallazgos arqueológicos en Renedo de Esgueva (Valladolid), *B.S.A.A.*, XXIII, pp. 189-191.

Welbourn, A. (1984), Endo ceramics and power strategies, *Ideology, Power and Prehistory* (eds. D. Miller e C. Tilley), Cambridge University Press, "New Directions in Archaeology", pp. 17-24.

Webster, G., *Practical Archaeology*, New York, St. Martin's Press (2ª ed.).

Whallon, R. (1968), Investigations of late prehistoric social organization in New York State, *New Perspectives in Archaeology* (eds. C. S. R. Binford e L. R. Binford), Chicago, Aldine, pp. 223-244.

idem (1969), *Reflections on Social Interaction in Owasco Ceramic Decoration*, Andover, Eastern States Archaeological Federation, Bulletins 27 e 28: 15.

Wheeler, M. (1961), *Arqueologia de Campo*, México, Fondo de Cultura Económica.

Whittle, A. (1982), Climate, grazing and man, *Climatic Change in Later Prehistory* (ed. A. Harding), Edinburgh University Press, pp. 192-203.

idem (1985), *Neolithic Europe. A Survey*, Cambridge University Press, "Cambridge World Archaeology".

Whittle, E. H. e Arnaud, J. M. (1975), Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal, *Archaeometry*, 17, fasc. 1, pp. 5-24.

Wobst, H. M. (1977), Stylistic behaviour and information exchange, *Papers for the Director: Research Essays in Honor of James B. Griffin* (ed. C. E. Cleland), University of Michigan, "Anthropological Papers of the Museum of Anthropology", nº 61, pp. 317-342.

idem (1978), The archaeo-ethnology of hunter-gatherers or the tyranny of the ethnographic record in archaeology, *American Antiquity*, 43, pp. 303-309.

Zamora Canellada, A. (1976), *Excavaciones de la Cueva de la Vaquera, Torreiglesias (Segovia), Edad del Bronce*, Segóvia, Publ. Históricas de la Diputación Provincial de Segóvia.

Zbyszewski, G. (1938), Observations sur un cas d'hydrologie souterraine dans le Nord du Portugal: le bassin de Chaves, *Révue de Géographie Physique et de Géologie Dynamique*, vol. XI, fasc. 3, pp. 286-292.

idem (1971), *Carta Geológica do Quaternário de Portugal na esc. de 1/100 000 - Notícia explicativa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

Zbyszewski, G. *et alii* (1957), A gruta prē-histórica da Ponte da Laje (Oeiras), *Comunic. Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXXVIII, fasc. 2, pp. 389-400.

Zbyszewski, G. e Ferreira, O. da V. (1958), Estação prē-histórica da Penha Verde (Sintra), *Comunic. Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXXIX, pp. 37-60.

Zbyszewski, G. *et alii* (1959), Segunda Campanha de escavações na Penha Verde (Sintra), *Actas e Memórias do Iº Congr. Nacion. de Arqueologia*, I, Lisboa, pp. 401-406.

Zbyszewski, G. *et alii* (1976), Dēcouverte d'un silo prēhistorique prēs de Verdelha dos Ruivos (Vialonga), *M.M.*, 17, pp. 76-77.

Zbyszewski, G. *et alii* (1981), As jóias auríferas da gruta prē-histórica de Verdelha dos Ruivos (Vialonga - Portugal), *Zephyrus*, XXXII-XXXIII, pp. 113-119.

Zilhão, J. (1984), *A Gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de Salvamento de uma Necrópole Neolítica*, Lisboa, Departamento de Arqueologia/Serviços Regionais de Arqueologia, "Trabalhos de Arqueologia", 01.